

AINDA PODE CURAR-SE!!!

NÃO DESANIME! O MEDICAMENTO DE

Nervosismo	Falta de memória	Falta de energia
Falta de memória	Erros de cálculo	Mal de cabeça
Erros de cálculo	Mal de cabeça	

Pode estar certo que encontrou o remédio para a sua doença. Mas não se esqueça de

DINAMOGENOL

... O caráter dos tónicos e fortificantes, associados aos sais phospho-phosphoricos, e o mais perfeito.

O **DYNAMOGENOL**, encorpado de phosphatos nas mesmas proporções, estas são representados nas células.

Estes phosphatos das células são os constructores - os trabalhadores. D



Vide a embalagem
...
Dynamogenol.

Fabrica: Pharmacia Marinho

Rua Sete de Setembro, 186 - RIO DE JANEIRO

Exportadores para os Estados e Estrangeiro **DROGARIA PACHECO**

RELEVEMENTE ha doentes com indigestões, vejamos na primeira... prisão de ventre, náuseas, falta de appetite, vomito, dores nas entranças, hemorroidas, e outras molestias, para um doente basta usar duas vezes por dia, antes das refeições, 1 calix do



Ser dada a opinião! O GUARANA de Marinho é o quando que era esta molesta.

VINHO DE 'ARANA' COMPOSTO

MARINHO

RUA 7 DE SETEMBRO, 186

PHARMACIA MARINHO

RIO DE JANEIRO

Emprezza Graphica Medica

Companhia Cinematographica Brasileira

A COMPANHIA CINEMATOGRAPHICA BRASILEIRA, tem sempre em deposito grande quantidade de "CINEMATOGRAFIOS PATHE FRERES" e seus accessorios, considerados os melhores ate hoje conhecido.

Unicos depositos de legitimos motores "ASTER".

Alugam-se todos os filmes que são exhibidos diariamente nos CINEMAS:

BIJOU - IRIS E RADIUM

que são as produções mais importantes das melhores fabricas do mundo, a saber:

FRANCEZAS: Gaumont, Eclipse, Lux e Film d'Art.

ITALIANAS: Modulo Cines, Itala e Milano Films.

AMERICANAS: Biograph, Vitagraph, Edison, Lubin, Imperium Film, Reliance, American Kinema, Thanouser Co., Selig e Wild West.

ALLEMÃES: Pharos Film.

DINAMARQUEZAS: Nordisk Film.

300 NOVIDADES POR MEZ!!!

(Propriedade Exclusiva)

Quem quizer ver os programas escolhidos deve se recorrer á COMPANHIA CINEMATOGRAPHICA BRASILEIRA, porisso que é a unica que cuidadosamente se esmera e capricha para obter os melhores FILMES das mais acreditadas fabricas Cinematographicas.

Vejam diariamente os anuncios nos Jornaes na sessão Theatral, BIJOU IRIS E RADIUM

Escriptorio Central:

52 - RUA BRIGADEIRO TOBIAS - 52

Telephone, 61 S. PAULO

Pompeian Massage Cream



Crema Pompeiana

Preparado em Niterói, Rio de Janeiro
por a Farmácia Pompeiana S.A. de
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
Distribuidor: FARMACIA BORGES S.A.
Agente depositario: SALVADOR R. BRUNO - Rua S. João, 11-240 - PA. 20

1900
REMINISCENZA



Osservazione al giorno 1° campionato



Osservazione al giorno 1° campionato

Em Santos

Federação Paulista das Sociedades de Remo

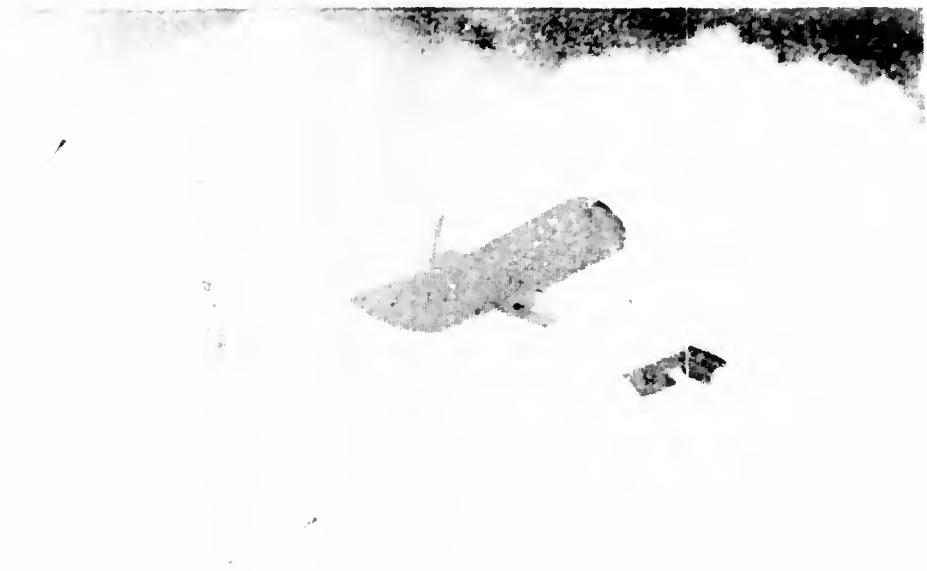
- Presidente: João Moura
- Vice-presidente: Agnello Costa
- 1. Secretário: Morvan Dias
- 2. Secretário: Agostinho Pereira
- 1. Tesoureiro: Luiz Alves de Almeida
- 2. Tesoureiro: Aurelio M...



Por entre as nuvens. (600 metros)

Club Velo Saulista

- Presidente: Assis Toledo
- Vice-presidente: Francisco de Sá
- 1. Secretário: Antonio Heredia
- 2. Secretário: Diamillo G...
- 1. Secretário: Raimundo P...
- Procurador: Vicente Me...
- Directores: Juan Puerto, José C. Maria
- Comitê: Fernando Patriciano, Gerardo M...
- Directores de ciclismo: João...
- Perin e Raphael Cattignoa



A 1.000 metros de altura. Garros enfrenta a portan...

Club de Regatas Vasco da Gama

- Presidente: Antonio Rebello
- Vice-presidente: Antonio Pereira da Silva
- 1. Secretário: Nestor Moura
- 2. Secretário: Celestino Moreira
- 1. Tesoureiro: José Blanco
- 2. Tesoureiro: Manoel Menezes
- Director de Regatas: João Oliveira
- Directores: Abelardo dos Santos, Tereza Moreira; Custodio Joaquim Gonçalves; Manoel Favares da Silva

Em São Paulo

Club de Regatas São Paulo

- Presidente: Dr. Alberto Menezes Borba
- Tesoureiro: Dr. Alvaro Carvalho
- Secretário: Dr. Raphael Gomide
- Director sportivo: Salvador Pastore
- Procurador: Raphael Bernardelli

Club Internacional de Regatas

- Presidente: Dr. J. Fernandes Pereira
- Vice-presidente: M. M. de Oliveira
- 1. Secretário: G. R. Gomes
- 2. Secretário: J. G. Martins
- 1. Tesoureiro: Araldo Machado
- 2. Tesoureiro: João S. Santo
- Director de Regatas: Adolpho H. Pereira
- D. Zeladores: Dario Frotas; Roberto F. de Nogueira; Polaud; F. Yahrman.



A 53.000 metros de altura

Club de Regatas Saldanha da Gama

- Presidente: José Menezes Fares
- Vice-presidente: Antonio Luiz de Almeida
- Secretário: Armando Aguiar
- Tesoureiro: Morvan D. Figueiredo
- Director de Regatas: Edgard Pereira
- Directores auxiliares: Perito Martins; F. Machado

Club Tiete

- Presidente: Antonino Sanjuro
- Vice-presidente: G. Frayre Junior
- 1. Secretário: Aurelio Machado
- 2. Secretário: Gurino Bispo
- 1. Tesoureiro: Carlos de Almeida
- 2. Tesoureiro: José Francisco de Souza
- Director de Regatas: Victor E. de M...
- Procurador: Mario Braga
- Comissão de syndicação: José G...
- de Freitas Pinto Junior; J. Fernandes de S...

Presidente: Amibal P.
 Presidente: R. Silva, A.
 Presidente: Regatas Club
 Secretário João Mesquita, M.
 Secretário Innocencio de Carmo Rod.
 Secretário Domingos Gonçalves

Club de Regatas Itaquala

Presidente: Raal Telles Ribeiro
 Vice-presidente: Carlos Michel
 Secretário: Nicolau Maier
 Secretário: Dr. Francisco
 Secretário: Dr. Luiz Lira
 Secretário: Angelo Faria
 Director de Regatas: Marinho A.
 Director de Regatas: Cl...

FOOT-BALL



Campeonato da Liga Escolar - a...
 (Anglo)

Club Natação e Regatas

Presidente: Arthur Justino F. Al.
 Vice-presidente: Luiz Silva Com.
 1. Tesoureiro: Alexandre Dinet
 2. Tesoureiro: Vezente Cabello
 1. Secretário: Ulysses Bellen
 2. Secretário: Nelson Brazil Com.
 Director de Regatas: H. Cavallin
 Procurador: Augusto Bertand Caze

Club Vasco da Gama

Presidente: Natalio Telles
 Vice-presidente: Beltr Junior
 1. Tesoureiro: A. Luiz da Silva
 2. Tesoureiro: Eduardo Soare
 1. Secretário: Manoel Daula Junior
 2. Secretário: Armando Daula
 1. Director de Regatas: Francisco
 2. Director de Regatas: Manoel A.

Club Icataly

Presidente: José Monteiro Queiroz
 Vice-presidente: Antonio Eguinede
 Tesoureiro: Antonio Monteiro Queiroz
 Secretário: Dr. Eupenio Naylor
 Director de Regatas: Alexandre Lou...

Club Botafogo

Presidente: Celso Cardozo
 Vice-presidente: Raul P...
 Tesoureiro: João Moreira
 1. Secretário: Paulo...
 2. Secretário: João He...
 Director de Regatas: Dr. A. G...
 Procurador: An... Ma...

AVIAÇÃO



Carros e seu tunido aces

Club Internacional de Regatas

Presidente: Luiz Vianna
 Vice-presidente: Pedro M. Nunes
 1. Tesoureiro: Francisco Laria Costa
 2. Tesoureiro: Manoel Pereira Ma...
 Secretário: Agost Pereira de Souza
 1. Director de Regatas: Benedicto Per...
 2. Director de Regatas: R. M... de C...

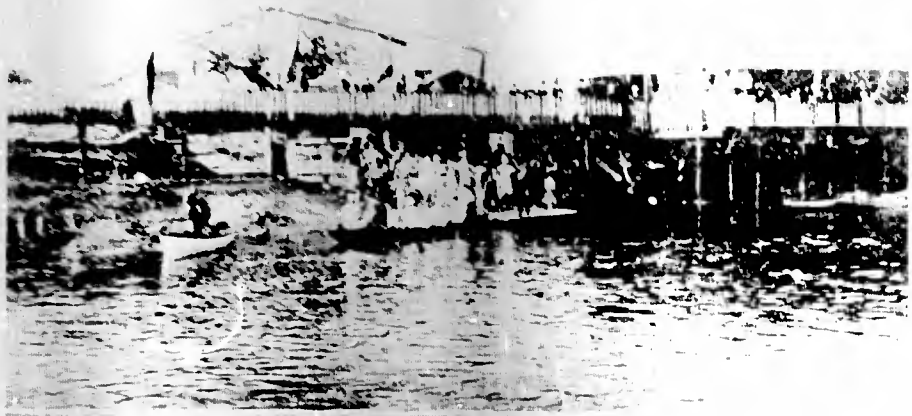


A 200 metros sobre o Paraj... 2000

Club Sao Christovam

Presidente: Manoel Carlos F...
 Vice-presidente: Amílcar J. A...
 1. Tesoureiro: José Ferreira L...
 2. Tesoureiro: Pedro da S...
 Secretário: Antonio Pinto de...
 Secretário: Americo P. G...
 Director de Regatas: J. Castro...
 Director de Regatas: Joaquin...

Demais a mais o nosso lutador...
 Ilceiro Rodrigues Alves e um dos...
 nentes para com o Rowing...
 Que nas Secretarias do V...
 nacional. Poqueiro e Natacao...
 premios offerecidos por S. Ex...
 da Reuniao.



Os 'smarts' em continer

A Camara Municipal: A Ligth...
 A Imprensa, tambem devem concorrer...
 como se faz no Rio de Janeiro, em...
 lidade. Ministerios, Jardim Botânico...
 mimoseam com bellissimas taças os...
 Cavroche - dara o exemplo of...
 modestas taças, para serem disputad...
 to Paulista do Remo e no Campeoat...
 do corrente anno.

As Directorias abaixo se dign...
 ajudado de suas assembleas, sem ter ap...
 velle. O que quer dizer, que nos eem...
 esperado ansiosamente.

No Rio de Janeiro

Federacao Brasileira das Sociedades do Remo

- Presidente Raul Oscar de Faria
- Vice presidente Dr. Antonio de Souza
- 1. Secretario Oswaldo Palhares
- 2. Secretario Antonio Pinho do
- Thesoureiro Amibal Peixoto.

Club Regatas Boqueirao

- Presidente Antonio G. Carneiro
- Vice presidente Urbano Fere
- 1. Thesoureiro Amando V. Lima
- 2. Thesoureiro Antonio Machado
- 1. Secretario Alberto Sivaris
- 2. Secretario Umberto Bitten
- Director de Regatas Antonio Cras

Club Regatas Guanabara

- Presidente Sr. Antonio A. de Souza
- Vice presidente Otavio da Silva
- 1. Secretario Dr. Deodedito P. F.



Cinco campeões e 520 medallas
 Grupo de 5 - Somma 325

- 2. Secretario Tenente Cezar Lopes
- 1. Thesoureiro Banto Rodrigues Leite
- 2. Thesoureiro Francisco de Paula e So
- Director de Regatas Tenente Hincü Ramos
- Procurador Samuel de Castro Pacheco
- Conselho fiscal Raymundo de Faria, Lauro F.
- Assos, David Moreira
- Supplentes Rubem de Oliveira Mello, Osmond
- M. Hinequim e Anizio R. Cavaleante

Club de Regatas Flamenqo

- Presidente Dr. Edmundo de A urem Furtado
- Vice presidente Pimenta de Mello Filho
- 1. Secretario Oswaldo Palhares
- 2. Secretario Max Naegeli
- Thesoureiro Hugh Edgar Pullen
- Director de Regatas Philippe Balbi
- Commissão fiscal Dr. Julio Gonçalves Furtado
- (colleto); Virgilio Leite de Oliveira e Silva; Dr. Jo
- quim Pimenta Magalhães, reeleito)



Creve para o...

Club de Regatas Jardimense

- 1. Secretario Honorio de Figueire
- 1. Secretario Cristiano So
- 2. Secretario Pedro Luiz Rod
- 2. Secretario Hampeo de C
- 2. Secretario Julio da Costa Cr
- 1. Presidente Flaminio A...

Lixo, Prefeitura, Poeta

A prefeitura está sethendo o que por causa dessas duas calandras do lixo e a poeira das ruas.

Quem multa o lixo, por que o lixo continua a ser o que sempre inconveniencias para a hygiene.

Quem prender a poetae sem avitas com a utigação das ruas, o peiron ao sul ordem de habeas corpus e em plena liberdade, visitando vertedades dos transcantes, empinando e estrangendo mercadorias.

Vendo a methecia dos mercaes seria preferivel que a municipal factica, lusse tentar um accordo com o.

Ou então, estabelecesse uma função da poetae procedesse a re-

Colagem, senhores da municipal não experimenta não acerta.

Galeria sportsman



SPORTS

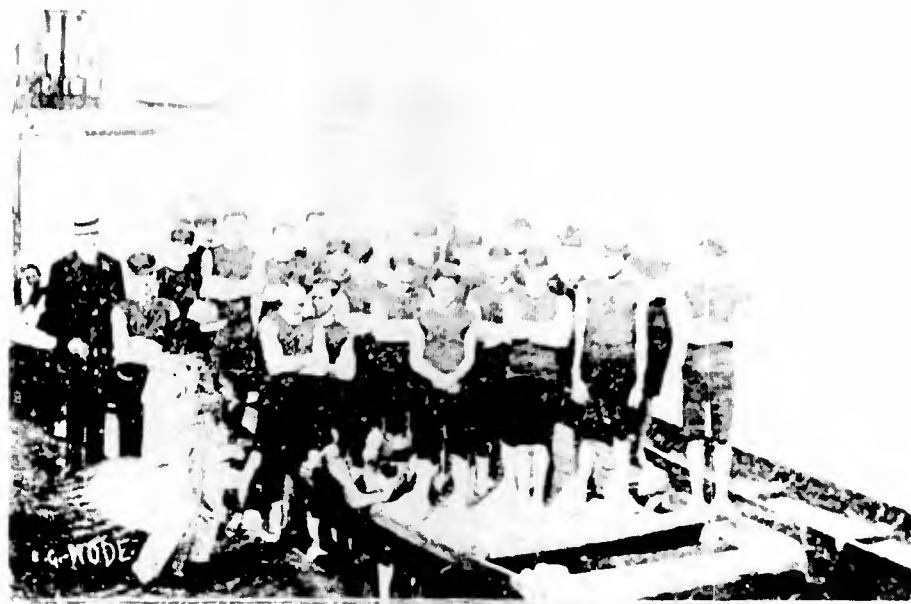
Cavroche é um sportsman terrão. O primeiro no foot-ball, mestre no rowing, joque de alto nível, aviador intemperato, corredor invencível de maratonas, cyclista de larga nomeada. Cavroche é o campeão de goroto, abandonando os «trainnings», os «sprints», as «raças», os «hangars», os «carrões», deixando a penna bem aparada, e o «en-custo» para ser o espectador e ver, cheio de poe e sentando no sofá de dironista e d'ir a nota decisiva sobre o campeão do Brazil.

A jul, toda a correpondencia de Cavroche vem do Rio, Para, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Sul, Minas, resolve a elle para dar pulso e para decorar o que merecem.

Para Cavroche o «rowing» é o bello sport de actualidade; aquelle que está crescendo e vigorando o individuo, d'alho a...

ROWING

REMINISCENCIA



Os actuaes campeões no tempo da estrea.

plastica que os romanos de outrora prezavam e a mais alta virtude.

Entre nós, um grupo muito diminuto em Rowing seriamente.

No Esperia e no Fieté, os dois valentes existim elementos bons e aproveitaveis.

No São Paulo já não acontece o mesmo.

Esso não nós admira muito porque o clube o Club é mais um ponto chie e elegante de primeiro de que um centro nautico em que se encontram os capazes de defender as cores de seu pavilhão.

Em Santos como é natural, o enthusiasmo o remo não tem limites. As regatas são de primeira e toda a população Santista assiste com de as magnificas festas.

No Rio de Janeiro, por estes tempos de Cavroche o rowing está muito esquecido pela torcida carioca. Contudo nos bairraes, ha um grupo muito abafado. Ora um commentario que o Porto rio apresentará surpresas; ora que o Natalense conquistara o Campeonato.

É necessario pois que a elite de São Paulo enthusiasme e applauda com calor a...

O «Foot-Ball» já conquistou a atenção do povo e portanto é justo que Cavroche faça um appello a população para cooperarem no crescimento do «Rowing».



Ao longo da carreira.

T. N.

VELON
SERVICO
RADIO
PARA INTERIO
DE
MENSAJERIA



O polvo electrico

A poderosa companhia Light está matando nos tentáculos de um plebiscito todas as tendencias paulistas para a industria em grande escala.

Na capital, já conseguiu torcer o braço da livre-concorrença e se firmou num ponto defendido por varios juriconsultos, como, finalmente, devido ao fabuloso preço que pagou nos pareceres, onde realisam a transmutação de libras esterlinas.

Outra companhia, offerecendo a luz por muito menos, prompta a assumir compromissos de grande vantagem para o publico, tendo em frente industriaes criteriosos, quasi brazileiros, a limitação aqui e pelos melhoramento que nos devemos, foi posta de lado, com toda a energia, e, logo mesmo, como si os seus offerecimentos não fossem ameaça para o publico paulistano.

Em terra conquistada, ou conquistada, Light exige o preço que melhor entende, cobra e pela luz que fornece; paga o preço que melhor entende, nas contas que realisa; e, finalmente, cobra o preço de um direito que só aos governos federaes, e não municipal, compete: o direito de monopolizar a utilidade... propria.

Si quizesse limitar a colheita de utilidade a carceria de mais este privilegio, por elle não lhe pertence.

Disse, porém, agora, o caso é muito doloroso para nós, paulistas, o rio Light está sobre as costas da Light. O tentaculo da polvorosa estendem, rio acima e rio abaixo, colhe a utilidade,

monopolizando as fontes de utilidade e a acuarinho como limite a industria paulista industrial, ou o aluguel para industria, ou a emigração para algum Estado estrangeiro.

E até agora só uma voz se levantou contra a venda do rio dos bandeirantes da capital a civilização paulista.

NO INTERNACIONAL

Um dialogo interessante

Monotonizadas as pas-catas espectaculosas da cidade, nos dias de carnaval, as chics galerias do Internacional, repletas e folgazans, retiravam-se a espera do baile que ia começar.

Era natural uma palestra. As meninas novas, quando se reúnem, falam, principalmente e ficando.

Falaram portanto a respeito da elegancia e da belleza de algum effeminado *dandy* que por ali passava, dando oisejo a uma conversa sobre um concurso de belleza já celebre ultimamente realizado.

Uma dellas: Ora não me fales em concurso de belleza... Principalmente neste. Eu sei que absolutamente os directores do dicto, precisavam de dinheiro... Nesse caso eu tive offerta para ganhar o concurso...

Gargalhadas sem fim.

Mademoiselle é um espirito fino, travesso e brincalhão, que sabe o picante de uma ironia através do seu sorriso de maliciosa.

Continuou porisso, consciente da superioridade sobre as suas espectadoras, discorrer largamente sobre os episodios da contagem dos coupons, coupons que nunca appareceram, ou coupons verdadeiros que devido ao numero eram escandalosamente queimados. Todos se riam, lamentando apenas que a falta de criterio de uns moços sem responsabilidade, de se publicidade a um facto, não só indecoroso, como era certo vinha prejudicar e susceptibilisar muitos melindres comprometidos.

PORQUE APPARECEMOS

Num momento de rebelião, nós formamos uma *putredé* e nos desaggregamos de um christoso, e, por isso desta capital. Resolvemos agir por nós mesmos, assumindo uma orientação que foi nossa e não imposta pelo publico; vamos procurar com os mesmos meios a reintegração de um direito, que nos usaram, mas já foi um direito por nós conquistado: por esforço, fiança e popularidade.

Oxalá que sejamos felizes - *Uma*, respectivamente seu padrinho.

No proximo numero, *Theo* escreverá um folhetim, tratando de actualidades.

Será uma corda-bamba onde muita gente se enredará, queira ou não queira.

GAVROCHE N. 2

Publicamos nítidas photographias do *International* - a *Germania* e a *Paulistana*.

ULTIMA HORA

"Mala da Europa" e cartas e mais numero proximo.

Club Internacional

A nota fidalgia do carnaval de 1925, com a serie de animadissimos bailes promovidos pelo Club Internacional.

As lendas das Mil e Uma Noites, transformadas a uma deliciosa realidade, realidade que sempre conservou todo o encanto e toda a vapores puros dos sonhos do Oriente longinquo.

Aquelles festejos deixaram em todos os presentes uma impressão profunda, uma saudade que forçosamente ha de perdurar bastante.

Vimos na distincta concorrência Mademoiselles:

Angelina de Freitas, Anna Vidigal, Angelina Aguiar, Mice Lebs, Annita Prates, Anousina Lucinda Vergueiro, Aracy Lacerda Godoy, Anna Fonseca, Aida de Castro, Aníria Gonçalves, Aida Morelli, Antonietta Amaral, Anna Barboza, Antonietta Morelli, Adelina Penna, Alcina Branco, Anna Sampaio, Abigail Horta, Annita Sadocco, Auta Speers, Alda Almeida Prado, Bijou Carvalho, Beatriz Fonseca, Béatri Godoy, Bertha Moraes, Conceição Paiva Azevedo, Constança Vidigal, Constança Tybiriçá, Carmen Cardoso de Mello, Celeste Salles, Cleonice Lacerda Ribeiro, Celia Salles, Carlota Vidigal, Carmen Tybiriçá, Clementina Caldas, Cita Correia Dias, Ciomara Penna, Cordelia Morelli, Cordelia Jordão, Cornelia Valim, Carlota Rolhe, Carlota Meira, Carmelina Prates, Clotilde Caiuby, Carmen Pinto, Carmelina Araujo, Consuelo Lobo, Candida Valle Creusa Vampré, Dida Sallés Gomes, Dina Vergueiro, Dora Bayma, Djanira de Castilhos, Esther Fonseca, Eudoxia de Castro, Edith Vallim, Eliza Godoy, Stephania Araujo, Euridice Meira, Eliza Fernandes, Euzenia Margarido, Francisca de Castro, Ferrnanda Costa, Fidálma Vieira de Mello, Gilberta Lefevre, Gery Camargo Penteado, Georgina Barros, Gery Neves, Gilda Lefevre, Guiomar Ribeiro, Herminia de Freitas, Herminia Costa, Helena Supply, Herclia Supply, Helda Fernandes, Hercilia C. Souza, Ida Correia Dias, Izaura Castro, Iracema Moraes, Joquima Amaral Pinto, Julia Fonseca, Joanna Penna, Julieta Roos, Judith Godoy, Judith Guedes, Leonor Aguiar, Luiza Strongoli, Lili Gordo, Lili Cerqueira, Lavinia Machado, Maria da Gloria Freitas, Marietta Pires da Silva, Maria Delourdes Doria, Maria Antonietta Ramos, Maria Vidigal, Marietta Guimarães, Margarida Tybiriçá, Maria Luiza Patureau, Maria Martins Taleao, Maria da Gloria Capote Valente, Marianitta Garcia, Maria do Carmo Assis Pacheco, Maria Nascimento, Maria Andrea Patureau, Mary Sampaio Vianna, Maria Delourdes Carvalho, Maria Correia Dias, Maria Lourdes Toledo, Maria Seabra, Marina Lefevre, Maria L. Borges, Maricotinha Azevedo, Morena Passos, Maria Tocumduva, Marina Rodrigues, Maria Augusta Mello Nogueira, Margarida Margarido, Maria Almeida Prado, Nene Amaral Pinto, Noemia Camargo Fonseca, Nene Andreini, Nercinda Castro, Noemia Sampaio Motera, Nicotinha Barros Monteiro, Noemia Valle, O Carlina Guimarães, Odila Maia, Olivia Salles, Odilo Rolhe, Olga Rolhe, Olga Vianna, Roza Salles, Pitimba Ribas, Rachel Dupre, Ruth Biendo, Ruth Penteado, Poana C. de Souza, Picardina Rodrigues, Stella Taleao, Silvia Vergueiro, Stella Bandeira de Mello, Sarah Biendo, Sophia Almeida Prado, Lita Horta, Ulda Leite, Violotta Godoy Oliveira, Valdemira Gonçalves, Verena Dupre, Zaira Maia, Zuleika Barros Martins, Zaira Grobe Oliveira, Zenaida Amaral Pacheco, Zizi Lucinda Falcão, Zenith Novais e Zuleika Meira.

Madames:

Amalia Barros Monteiro, Antonia Oliveira, Alice Alves, Anesia Bueno Dantas, Aurelio Gramido, Zita Camargo, Adelaide Pulheiro, Albertina Vaz, Zita Barros Vianna, Bebo Prego, Candida Silva, Carolina Ramo, Carolina Salles Oliveira, Dorinda Pires, Domniciana Taleao, Ephraim Pereira, Eliza J. Almeida, Emilia Jardim Azevedo, Emeraldina, Eugenia Torres Oliveira, Francisco Lucinda, Francisca Castro, Francisca Corpeia Dias, G. Fonseca, Guilhermina Franco, Izabel Supply, Luiza Nogueira, Luiza Meira, Laura Camargo, Maria Ribeiro, Maria Horta, Maria Arouche, Maria Maria Izabel Aguiar, Olinda Barros Monteiro, P. Noronha, Rachel Dupre, Rita Tucumduva, S. Correia, Sebastião Barrozo, Sebastião Lobo, S. Barros, Toledo Ribeiro, Vampré e Vitalina F. Costa.

Senhores:

Alberto Menezes Borba, Adolpho Correia, Arnaldo Camargo, Alberto Nobrega, Antonio Dias, Abelardo V. Cezar, Antonio Olavo de Castilhos, Antonio Silva Santos, Abel Teixeira, Antonio Gomide, Dr. Augusto de Souza, Augusto Brandt Carvalho, Antonio Barros Monteiro, Accacio Gomes, Aliredo Oliveira, Antonio Bayma, Antenor Penteado, Alvaro Grivas, Ary Martins, Alberto Cerquinho, Amibal Sadock, Antonio Santos, Boaventura Belleza, Bernardo Mello, Dr. Bandeira de Mello, Benjamin Monteiro, Candido Lobo, Climaco Oliveira, Clovis Mello Nogueira, Cludio Silva, Carlos Levy Magano, Cyro Freitas Valle, Cassio Vidigal, Clemente Sampaio Vianna, Dr. Carlos de Barros, Clovis Vaz Oliveira, Dr. Capote Valente, Carlos Watley, Durval Azevedo, Daphines Freita Valle, Duarte Silva, Elpidio Maia, Edgard Nobre de Campos, Edward Carmillo, Elyzeo Germano, Edgard Nascimento, Elyzeo Rego Freitas, Eurico Salles Vianna, Ernesto Teixeira de Carvalho, Edgard Lefevre, Francisco Carvalhinho, Francisco Conceição, Frank Spier, Frederico Souza Queiroz, Francisco Amaral, Fernando Pereira da Rocha, Felipe Vaz Oliveira, Godinho Cerqueira, Gastão Rachou, Henrique Bayma, Heitor Prates, Henrique Xavier, Irineu Muniz de Souza, Irineu Vaz, José Sucupira, José F. Pereira Costa, João Eloy de Souza, José C. Souza, Joaquim Eloy de Souza, João P. Germano, João Salerno, José Pinto Toledo, João Carvalho, José Almeida Pacheco, José Libero, João P. bouças, João Ayres de Camargo, João Brito de Vargas Cavalleiro, Luiz Sucupira, Lauro Cândido Almeida, Lereu Nielsen, Lourenço Camargo, Almeida Prado, Dr. Meira Andrade, Dr. Manoel Cludio Souza Aranha, Mario Maia, Mario Lefevre, Mucio Costa, Nicolau Jole, Nestor Caiuby, Dionisio de Souza, Olavo Barros Monteiro, Octavio Azevedo, Oswaldo Azevedo, Octavio Elydio, Pedro B. Paulo Toledo Silva, Pedro Moura Mantuan, Paulo Aguiar, Pipiu Nascimento, Paulo Andreini, Amaral Pinto, Roberto Gonçalves, Raul Grivas, Raimundo Lobo, Raul Martins, Rogério, Renato Lacayelle, Romoel Salles Azeu, S. Lopes dos Aujos, Sylvio Maia, Dr. Simezio P. André Aguiar, Sifredo Fagundes Junior, S. Tobias Cardozo, Theodureto Carvalho, Theodoro Let, Tito Martins, Dr. Torres Oliveira e J. Miranda.

Redacção provisoria:

RUA DE SÃO BENTO 45



Poeta electrico.

Atravez de ms oculos verdes

Tenho eu um amigo, um delicioso amigo, que tem a propriedade de deixar-me aborrecido e abatido nos raros dias que o encontro. E não é para menos, esse meu amigo, tem talento demais! As minhas opiniões são por elle reduzidas á expressão mais simples com uma superioridade que eu danno. Os meus versos, depois de lavados, ensaboados e escanhoados, corre-os a elle, pressuroso para os mostrar, ávido por um elogio. Lê-os, com um ar de infinda e desprezível piedade por mim, ri-se... e não diz nada. Eu me ralo.

Mas, neste mundo, é muito conselheiral e verdadeira a balança das compensações: Eu tenho inveja deste meu amigo e... elle tem inveja de mim. Extranha psychologia; somos amigos e entretanto odiamos-nos mutuamente. Como comprehender-se tão incompatíveis animosidades, adstrictas á tão intimas ligações?

Resolvi pedir-lhe explicações: «é simples», respondeu-me: «eu á cata de minha felicidade, invejo te porque és um bronco. Ser bronco é ser feliz, na minha theoria. Tu ao contrario, encontras em mim o ensejo da tua aspiração porque eu te sou superior. E eis como somos odientos, invejados e nos degladiamos ná eterna lucta de um círculo vicioso.

Lá fui eu desnordeado e perplexo, pensando em ti meu caro Wenceslau, meu rico admirador, pensando em ti porque eu tambem te invejo pela mesma razão que sou invejado pelo meu amigo! Como deves ser feliz meu poeta...

Ulysses Junior

RIO DE JANEIRO

As moças cariocas

N. P.

É *chic* e graciosa.

Passa pouco, preferem a tarde e não desce para a Avenida.

Passa ligeiro, porte alto, olhar incerto e a que passa airoza distribuindo com os que são bebidos pelos apaixonados.

Olhos rutilantes, labios purpúreos, ta e marmorea quem a resiste quando, nos seus labios, se um sorriso nasce para viver no coração e morrer numa desillusão?

Cabellos, talvez, mais negros que ca tuihos e escondendo-se em mimoso chapéu deixa ver o cabellos que em aspiraes procuram o pescoço e não alcançam.

Mãos pequenas, corpo escultural, pé mimoso por onde passa, como uma mão que átraz de si deixa uma longa esteira de escummas, ella fregeta e marmoreante, vai presa por uma corrente de ollares de embriagados que attonitos se conservam até que ella desapareça.

Sua pequenina bocca é bordada de marfim e no frescor dessa gruta é que nasce o hino de um sorriso e a musica suave da sua voz.

Volúvel bastante seu genio deve ser, pois seus negros ollhos brincam por demais no fundo de umas olheiras sombreadas que têm para limites cerradas sobranceilhas.

Reside em aprasível bairro onde com a chama de seus olhares *bota fogo* nos corações dos rapazes.

Na rua de um ministro cujo nome torna o imortal lá mesmo se encontra o céu onde habita.

Carlito.

R. G. C.

Grande Liquidação

20%

de abatimento em

todos os artigos



Fazendo concorrência ao mestre Cincinato

COLLABORAÇÃO DO RIO

Dous distinctos rapazes da fina flor carioca ficaram de nos enviar trabalhos e lousas lavras.

O dr. H. G., tratará da vida elegante Federal; o sr. Sylvio Goyano glorioso viara noticias detalhadas dos agrados e rões.

E. F. C. B.

E. F. C. B. tanto poderia significar "Estrada de Ferro Central do Brasil", como "Estrada de Ferro Carro de Bois", e viajar em carro de bois fosse muito perigoso.

A "Central", principalmente nos últimos tempos, reúne estas duas qualidades negativas, o amolante ao arriscado.

Quem compra uma passagem, na estação do Norte ou no Rio, tem a certeza de que, se não houver um desastre que lhe quebre uma costella ou esprema a alma, pelo menos chegara d'as horas depois do horario estabelecido.

Não para nisso a caipora: não sabemos por que cargas d'agua é difficilimo a gente arranjar troco para qualquer quantia, mesmo para uma nota de 10\$, nas bilheteiras; os carros nem sempre são sufficientes para o numero de passageiros, sendo que muitos viajam de pé.

Isto em relação ao que soffre o publico.

Em relação ao pagamento do pessoal, nem se falla.

E. F. C. B.

Estrada de ferro caveira de burro



Mamãe disse que era esse o trem

Correspondencia do Billezinho

Lastrivanni Ridattore du "Galocha"

Co'a resposta da cunvita che o cunvito m' ti pur causa da ingolaborá ingoppa do no no a giurná u "Galocha", mi tegno da dice che non po' come ano

scrive pur causa che sto molto ingupato con un negocio che io tegno ora mesimo p'ra vende ingoppa a inda a ladere do Abax'o Pignes. Esta p'ra me te cumprato per un cent cinquacento, ma in un u mio cumpadro Scipione mi quere acumpre per un cent cinquacento contos, ma inveiz só li vendero se li pagara duemila contos.

També non posso scrive pur causa che me dá un'altras ingupacó come quella che io só u migliore bierre do Abax'o Pignes e també u primiere cantante inda a banda musigale du Fieramosca.

Ma inveiz u mio figlio mais grandi, u Beppino, vá ora mesimo scrive ingoppa o suo giornale p'ra s'ignore. Li agaranto che o Beppino sabe da sc'ria portoghese molto migliore de io (con tutta a modestia pur causa che stive mesimo quattros anno ingoppa Scuola Normaliste e ora già é professore inda o Grupo Scolaro do Billesinho e é també academico ingoppa di quella tale Gademia Baolista das Letra, dove é direttore o Jota Jota che é molto mio amigo e fui també cumpagnero cumigo inda o Grupo Scolaro do Bó Retiro giunto co Annibale Scipione.

Ora mesimo li acununico un billete che ille li scrive acetandu u poste de ingolaboratore in una o o suo giurná.

Cabano, mi subriscritto con tutta a stima da cunsideraçó, il suo illustro griato

Capitô-tenente JULO BANARI

Signore Ridattore du "Galocha"

Cunformo mi té dito il mio papà, adra io tegno da si dexá scrive sopra o suo giornale che si vamo "Galocha".

Ma inveiz in primiere lugaro tegno di acununica che o signore s'incontró un nomino molto indigraziato p'ro suo giurná, pur causa che galocha é una parola indirivata du greghe e significa in portogues quella roba che si buta inzima as buttina quando ta chaveno pur causa di non si nullá us peses.

Fui o Spensero Guembé, quello nomino che te sempre a xaminé ingoppa a gabeza e també sabe piu di ventiquattro dialetto che mi t'é insignado sta roba.

O Spensero Guembé é també mio cumpagnero inda a Gademia B. das Letras giunto co Jota Jota e co Gilio Pignere, che té scritto un chique poema sopra da storia brasilere e co Gioachino Antunio che é també uno dus migliores ingolaboradore du "Gala di San Baolo".

Tudavia, putete acunuta con tutta a dedigacão e curaggio do suo amigo

BEPPINO BANARI

Da Galocha a Bahia

No proximo numero os leitores poderão ler algumas linhas de illustre parcaista, o qual brillante sabe todos os requintes da lingua fluente, leve, subtil, almetando a parca, e não do sem ferir, irritando sem offender.

A. A. ha muitos annos que se dedica a escrever e com mais fidalguia se apresenta na arena por seu talento, apesar de não ter sido premiado, e isto é solpamente reconhecido e admirado.



ASSISTENCIA A INFANCIA

A KERMESSE CONTINUARA' HOJE E AMANHÃ

A despeito do mau tempo que reinou durante os quatro dias da Kermesse, o Jardim da Luz, tinha o seu aspecto chic e elegante.

Quer a comissão medica, quer as distinctissimas senhoras e senhoritas, foram incansaveis no desempenho de sua nobillissima missão.

Por falta de espaço, deixamos para dar noticias mais detalhadas, no proximo numero, limitando-nos a registrar os nomes das nossas sinceras amiguinhas que esperamos, serão a nossa guarda de honra.

«Gavroche» não comprou nada, mas viu lá mademoiselles:

Amrita Tybiriçá, Aida Morelli, Anna Nogueira, Albertina F. de Oliveira, Antonietta Morelli, Adelaide Galvão, Afira Melchert Fonseca, Abigail de Lacerda Godoy, Baby Pereira de Souza, Beatriz Ferreira, Berta Aguiar, Branca Pereira de Souza, Celina Nogueira, Conceição Freire, Constança Rezende, Candida Pacheco Silva, Cordelia Morelli, Cliquinha Paula Souza, Clara Puech, Cleonice Lacerda Ribeiro, Dulce Conceição, Dina Gamba, Edith P. da Rosa, Edina Sampaio, Edmea Vieira de Mello, Elfrida Paula Souza, Elza de Padua Salles, Elza de Paula Souza, Fidalmia Vieira de Mello, Gilberta Lefevre, Gilda Conceição, Gabriella Franca, Gertrudes de Paula Souza, Helena Puech, Loba Churini, Judith Mesquita, Julia Melchert Fonseca, Joanna Conceição, Lydia Cardozo de Mello, Lila Luiza Bueno, Lia Mesquita, Lucia Nogueira Salles, Lili de Souza Querroz, Lucia de Barros, Luiza Churina, Luiza de Oliveira, Maria José Cardozo de Mello, Vera Rangel, Maria Paula Souza, Maria Franca, Maria C. V. Ferreira, Mercedes Carvalho, Maria Amélio, Elida,

Martha Puech, Marietta Ferreira, Maria L. de A. Magda Galvão, Nizia Nogueira Pupo, Vera Lucia Pinto, Nazareth Cardozo de Mello, Patrícia de Silva, Odila Valladao Horta, Odila Pardo, Olga Conceição, Olga Veiga, Olivia Vieira Bueno, Paula de Escobel, Paula Ferreira, Ruth Penteado, Ruth de Lima, Rosita Moraes de Lima, Renata Conceição Mesquita, Sylvia Valladao, Sylvia Aguiar, Zilda Padua Salles, Zilda Villabom, Zaira Maria Zaira Lion.

P. S. — «Gavroche» dará hoje e amanhã 200 exemplares.

UM VULTO DA POLYTECHNICA



Curso na Avenida Paulista

«Gavroche» no exclusivo intuito, de ser alegre, na firme intensão de rir, promoverá sempre e sempre uma o outra festa, um ou outro passeio ou divertimento, que possam attrahir para si o desejo de se lido, a vontade de cooperar com elle na alegria e na satisfação. — Partindo desse principio, vimos iniciar a serie das nossas *folganças*.

Pactuando com o carnaval do Rio, que foi transferido para Abril, seja-nos dado o alvitre de um grande Corso na Avenida, um curso á phantasia para domingo de ressurreição, quando depois da grande dôr que a todos imprime, possamos festejar com a subida de Deus aos céos, a ventura da nossa redempção.

Seja a tradicional Avenida Paulista, a mais mais convidativa e a mais bem architecturada de São Paulo, o circo escolhido para uma esplendida phantasia... de flôres, de confettis, de serpentinas, combinada com o surdo atoar do vozeria, para quem se diverte.

Por iniciativa pois do «Gavroche» será promovido o grande curso á phantasia, domingo de ressurreição, o qual já conta com o concurso de muitas familias.

Mania de concursos

No Largo do Rosario

Estão na moda os concursos.

Ultimamente, nesta capital, tivemos dois, um de talento, outro de belleza, que alcançaram grande successo pelo enthusiasmo, que despertaram na redacção da revista que os promoveu.

Não nos referimos aos realizados pelo *Pirralho*, semanario serio e incapaz de fazer eleições a bico de penna. Pelos brios do illustre e espiituoso collega estamos promptos a pôr as mãos no togo, como fez o sr. Mucio Scevola.

Geralmente, porém, os torneios desse genero apresentam resultados na verdade mespetados, já pelo merito das pessoas premiadas, já pela insignificancia dos brindes offerecidos.

E' que os concorrentes mais sympathicos a redacção obtêm os primeiros logares; e, além disso, os melhores objectos entregues pelo generoso commercio paulistano, destinados aos vencedores, torcem o destino.

Repetimos: nada disto se refere ao brilhante collega citado acima.

A moça que alcançou o primeiro logar no certamen de belleza, promovido pelo finissimo semanario, é mesmo de uma formosura que a todos deslumbra e encanta.

O dr. Murtinho Nobre medico distinctissimo, tinha todo o direito ao logar alcançado, pois suas maravilhosas curas lembram os extraordinarios successos de José Balsamo e vem firmar o justo renome de que gosa a homeopathia.

Estamos de pleno accordo com a opinião dos leitores daquella bellissima revista: o dr. Murtinho Nobre é mesmo o homem de mais talento desta capital. Vamos ainda além: em nossa fraca, mas sincera opinião, elle é o homem mais talentoso, que até agora tem sido banhado pelo raios do sol.

Mais ainda: julgamos difficilimo o apparecimento, neste e nos seculos futuros, de um genio da envergadura Murtinho Nobre.

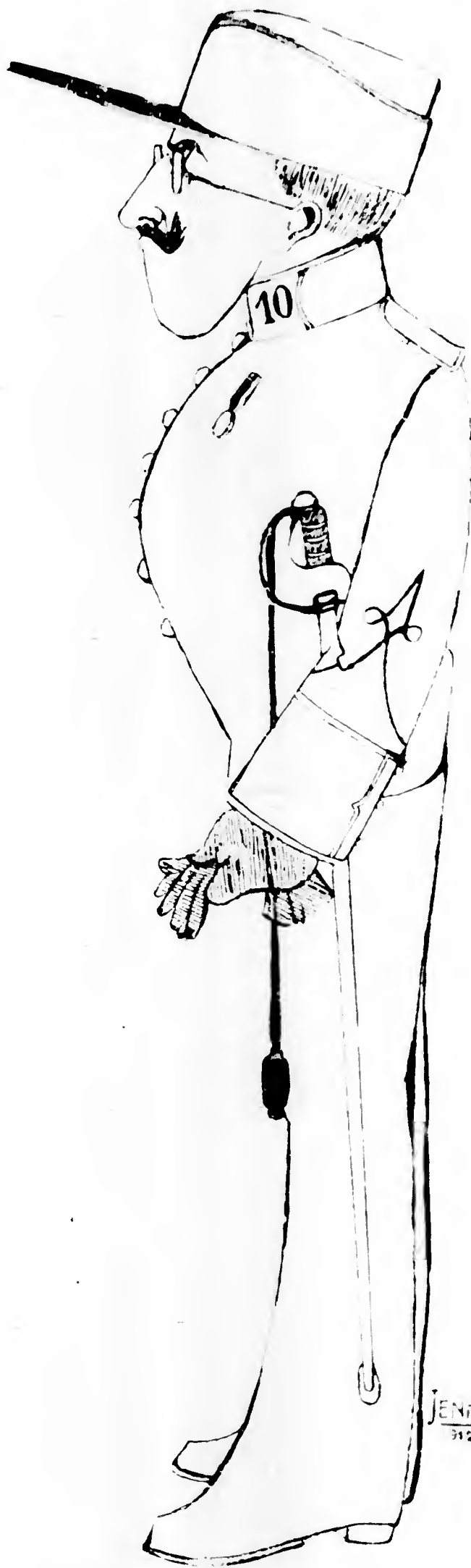
Mas nós queremos realizar concursos, de accordo com a moda e, além de tudo, criteriosos.

Para correspondermos completamente aos desejos das leitoras e dos leitores (porquanto presumimos que alguém nos leia) abrimos um **concurso de concursos**.

Para que, em nossos concursos haja sempre a maior seriedade, e as apurações sejam feitas com toda a correção, convidamos desde já, esperando que nosso convite seja acceito, uma commissão de redactores do *Pirralho*, para presidir e apurar os pleitos, que se ferirem por nossa iniciativa.

Eis a cedula para o concurso de concursos:

Na opinião de V. Excia, qual o concurso que maior successo poderá alcançar?



L'exercite c'est moi.

PAULO SETUBAL.

Do proximo numero em diante começaremos a publicar os bellissimaes trabalhos, em prosa e verso, de Paulo Setubal.

Dos novos, é o nome que melhores poetas assignado ultimamente em São Paulo, na opinião de muitos entendidos.

É uma bella promessa, que nos alegraremos em fazer aos leitores do *Gavrochie*.

Um furo ministerial

Procurci o meu *partido* e a Sr. Rodrigues Alves (com licença do Leopoldo de Freitas) e pedilhe uma *interview* com as credes de a jornalista e com esta pose que me caracteriza, fui admiravelmente recebido e deliciosamente atendido, sem preocupar-me com a observação dos movimentos do aponto, e sem descobrir a alegria do conselheiro ao me receber, e para não faer mais titas parafrazes, tão communs em nossos tempos e tão usadas nos cabeçalhos das entrevistas, a título de enchimento de lingua, entrei sem mais preambulos no assumpto, attendendo a cordialidade que me autoriza o meu conhecimento com o Conselheiro Doutor.

Então V. Excia. como paiza de saúde?

R. A. — Perfeitamente, a não ser uma pequena dor de barriga, que hontem obrigou-me a purgar-me.

CLAVR. — Lastimando a sua barriga, e lamentando a minha inoportunidade, venho como representante do povo do qual sou a viva voz, pedir-lhe contos do seu ministerio.

R. A. — Perfeitamente. Eu sou seravio do povo e a elle submetto-me. E' me muito grato até dizer quaes os meus auxiliares, para que com mesmo povo continue depositar-me confiança.

CLAVR. — Muito bem. Nesse caso começemos pelo secretario da Fazenda, pois o *Clavroche* tem grandes interesses com o thesouro do Estado. O Olavo Egredio continua?

R. A. — (Rindo-se). Não. O meu secretario é o Aureliano Gusmão. Escolhi-o de proposito. E' um pirralhinho e muito feio. Nestas questões de dinheiro, em geral os homens mais honestos são os mais feios, porisso que não estio muito em contacto com as mulheres, manancial inextinguivel de todas as explorações, *teterrima belli causa*, fonte terrivel de todas as guerras, na expresso de Horacio...

— Eu atrapalhando-o pois tremo de medo dos discursos: V. Excia é muito judicioso. Os outros ministros quaes são?

O dr. R. Alves que comprehendeu o meu pavor: Sem entrar em divagações e porque a minha barriga não me ajuda, dou ao *Clavroche* a seguinte noticia: O Washington, vae para uma senatoria está assentado, mesmo porque Secretario não é logar vitalicio — substituiu-o o Fontes Junior. O Altino quer ser juiz de direito, botar-lhe em uma toga. — Irá para o interior o Prudente Moraes Filho. O Padua, es e sim, é lá do Campos Salles, e porisso fica. Posso assegurar a você (por que elle me trata de você) que são moços muito bons e muito trabalhadores.

Levantei-me agradeci-lhe e a voltar com o Gusmão, porque o meu principal interesse é o thesouro. Não encontrando-o em casa aguarde o proximo numero para dar contas aos meus leitores do programma do secretario da Fazenda e a mim do demais secretario.

UMA POR SEMANA

Do proximo numero em diante o *Clavroche* da *Uma por semana* da concadora de *Uma por semana* de beleza ultimamente realizado.



O novo Barão.

NUTO SANT'ANNA

E' um mocinho cheio de modestia e conhecendo quasi a conta em que é pago por sua delicada bondade, como pelas virtuos de sua intelligencia.

Artista finissimo, tem a habilidade de traduzir em poesias plenas de vibrante tudo quanto impressiona o seu espirito evoluído.

Em palestra, mal se vislumbra a sua vida quasi forçada quando não se identifica com o silencio e a solidão.

Mas o que tem publicações, sempre de gosto de ler, demonstra soamente as habilidades do futuro poeta.

Nuto Sant'Anna é nosso amigo e algumas poesias.

Desde já damos mais esta gratidão, afim de mostrar que o trabalho nas apreciadissimas.



GAVROCHE



Director

BARB. DE ANDRADA

Redactor-Secretario :

DR. THEOPHILO DE ANDRADA

"GAVROCHE"

Senhores:

Sem comoção nenhuma a embarguei-me a voz, muito calma e modestamente, porém com o coração na mão, apresento-vos o *Gavroche*.

Gavroche não é filho sem pais, nem tampouco um João-ninguém, não!

Sua mãe foi a velha plebe franceza, aquella mesma plebe que em menos de um século derrubou uma monarchia, um imperio e duas republicas.

Seu pae foi Victor Hugo, o grande Victor Hugo.

Criança ainda, já *Gavroche* andava pelas ruas a divertir-se a custa da fidalguia ridicula e da burguezia enfiada.

Sempre com o riso nos labios, coberto de farapos, o estomago as mais das vezes vazio, muito gaiato, muito trocista, foi a alma das ruas parisienses e o riso das trincheiras ensanguentadas da Revolução.

Cantando, com o peito descoberto, enfrentou uma saraivada de balas, da mesma forma que nós, bem encapotados, enfrentamos a garça das nossas noites de inverno.

Assim tombou elle, cercado da fumaça escura da polvora, dos gemidos dos irmãos agonizantes e do zumbido agudo das balas revolucionarias.

Cahi ensanguentado entre duas trincheiras, ferido em pleno peito. Seus companheiros julgaram-no morto.

Um chamou-o heroe e outro mais illustrado recitou uma phrase em latim.

Uma cova, um pouco de terra e prompto. Estava tudo acabado.

Grande erro! *Gavroche* não morrera, não! fora simplesmente dar um passeio pelo mundo do Além.

Seguindo as indicações da "Divina Comedia", dirigiu-se primeiro ao Inferno.

Percorreu todos os seus circulos e encontrou lá muita gente conhecida, muitas devotas, muitos padres e todos os papas.

Deu dois dedos de prosa ao porteiro, fez um passeio de automovel, assistiu á Vinha Alegre, tomou um carapinhado e subiu ao Purgatorio.

Lá então nem se fale! Tinha gente conhecida como formiga.

Puze dos *purgantes*, puxou a barba ao governador e foi expulso.

Tomou então um arcoplano e subiu até ao céu. A porta estava fechada. Tocou a campainha. Cinco

anos depois apparecem São Pedro arrastando a barba e pediu-lhe muitas desculpas pela demora, pois estava pintando uma taboleta nova para pôr na porta.

Gavroche apresentou-se e furou.

Acompanhado pelo illustre porteiro, seguiu por uma longa rua, no fim da qual havia um lindo jardim.

Nesse jardim, um bando de meninas *chics* passava rindo e falando mal da humanidade.

Gavroche impertigou-se e pediu um terno de roupa emprestado a São Pedro.

São Pedro, que é um bom homem, deu-lhe.

De fatiota nova, todo cheio de attitudes, aproximou-se das pequenas. Travado o conhecimento e entabulada a conversação, falou elle do calor que actualmente faz em Santos, do inverno na Gröenlandia de Napoleão, da guerra italo-turca, das modas e do padre Paschoal.

No fim de 2 annos esgotou-se o assumpto, mas todas as pequenas estavam apaixonadas por *Gavroche*.

Christo, o sympathico judeu, á vista de tal calamidade, resolveu mandal-o embora.

Fazia já mais de um século que elle cahira varado por uma bala no meio das barricadas da revolução franceza.

Depois de ternas despedidas, com o seu sorriso brejeiro, a fronte altiva e o rosto limpo, desceu a terra, prompto para se divertir tanto na paz como na guerra, no salão ou no campo de batalha, ao som de uma valsa ou sob o estampido do canhão.

E aqui está como *Gavroche* apparece.

Cahi do céu!

Não por descuido, é verdade, mas cahi do céu

Lauro Müller

A responsabilidade enorme assumida agora pelo eminente brasileiro dr. Lauro Müller, é a prova mais vigorosa de abnegação que elle podia dar á Patria.

Substituir o nosso querido Rio Branco, trilhando a mesma senda difficilima, trabalhosa, solidaria e completar os innumerados projectos do grande chanceler — eis uma tarefa pesadissima, que a qualquer qualquer outro que não tivesse a tempera do illustre Catharinense.

Habituaados a acompanhar com gratidão e respeito o muito que s. s. tem feito em prol do progresso e engrandecimento do Brazil, confiando que a pasta das Relações Exteriores continuará, sob o novo ministro, a ser o mesmo symbolo do glorioso Rio Branco, em mãos do saudoso Rio Branco, significou a serenidade e a serena bondade dos fortes.

Dr. Martins Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho. Escriptorio rua Direita, residencia rua Vieira de Carvalho 2.

Dr. Mendonça Filho. Escriptorio Largo da Sé 2.

Dr. Mello Nogueira. rua 15 de Novembro 60 B.

Dr. Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz. Escriptorio rua São Bento 28.

Dr. Octavio Mendes. rua Direita 100, Tel. 216.

Dr. Pereira das Neves. Escriptorio rua 15 Novembro 24.

Dr. Pedro do Monte Ablas. Escript. Travessa da Sé 3, resid. Largo da Liberdade 9.

Dr. Platão de Andrade. Escript. rua do Quartel 2, resid. rua Angela Miquelina 63.

Dr. Raphael Correia Sampaio. residencia rua Manuel Nobrega 56. Avenida Paulista.

Dr. Reynaldo Porchat. Escriptorio Largo da Sé 2.

Dr. Renato Maia. Escriptorio Rua São Bento 41, residencia rua Abolição 41, Tel. 107.

Dr. Raphael Sampaio Vidal. Escriptorio rua São Bento 28.

Dr. Raul Ricardo Rudge. Escriptorio rua S. Bento 33.

Dr. Raphael Archanjo Gurgel. Escriptorio rua Direita 9, residencia rua Major Sertorio 66.

Dr. Souza Carvalho. Escriptorio Travessa da Sé 7.

Dr. Salles Junior. Escriptorio rua Direita 14.

Dr. Theophilo Dias de Andrada. rua de São Bento 45.

Dr. Tapajoz Gomes. rua Quinze de Novembro 50 B.

Dr. Veriano Pereira. Escriptorio rua São Bento 35.

Dr. Vicente Mamede de Freitas. Escriptorio rua 15 de Novembro 8.

Dr. Verginaudo de Oliveira Franco. Escriptorio rua São Bento 50.

ENGENHEIROS

Dr. Alexandre de Albuquerque. Esc. rua Alvares Penteado 9, Teleph. 2533.

Dr. Augusto de Toledo. Esc. rua 15 Novembro 3, res. rua Taguá 2, (Liberdade).

Dr. Carlos Ekmann. Esc. Travessa da Sé 3, resid. rua Verediana 46.

Dr. J. M. T. de Oliveira Penteado. Esc. rua S. Bento 33.

J. Travaglini & Cia. Esc. rua S. Bento 42.

Dr. Ramos de Azevedo. Escript. rua Boa Vista.

Dr. Ricardo Severo, Esc. rua Boa Vista.

Paschoal Plastino. Esc. rua da Quitanda 7.

V. Dubugras. Palacete Lara, rua Direita, Tel. 1767.

OCULISTAS

Dr. Adriano Vaz Porto. Consult. rua Bento, 45.

Dr. Alberto Benedetti. Consult. rua Dr. Lalcão 12, Telephone 2544.

Dr. H. Bertozzi. Consult. rua Alvares Penteado 34, Telephone 1252.

Dr. Bruno Miranda. Consult. rua Direita 3, resid. rua Fagundes 16.

Dr. C. Raja. Consult. rua Xavier de Toledo 68, (Paredão).

Dr. Edmundo de Carvalho. Consult. rua Direita 55 A.

Dr. Luizbio de Queiroz. Consultorio rua S. Bento 45, resid. Avenida Angelica 7, Teleph. 1690.

Dr. Francisco Pignatari. Cons. rua José Bonifacio 32.

Dr. Pedro Pontual. Consult. rua 15 Novembro 9, res. rua Victorino Camillo 107, Teleph. 232.

DENTISTAS

Alfredo Almeida. Gabinete, rua Direita 53 A, Quatro Cantos.

Dr. H. Senior. Gabinete rua S. Bento 51.

American Dental Parlor. Dr. Hason, Dr. Barnsley e Dr. Stauffer. Palacete Lara, rua 15 Bocayuva 4.

Dr. Edmur L. da Silva Braga. Gabinete e resid. rua Dr. Silva Pinto, 19 (Bom Retiro).

Dr. Fernando Worms. Gabinete Praça Antonio Prado 8, Telephone 2657, resid. rua General Jardim 18.

H. Aubertie. Gabinete rua 15 de Novembro, Telephone 1838.

J. Siqueira. Gabinete rua 15 de Novembro 6, Telephone 2901.

João Gomes Barreto. Gabin. rua Barão Itapetininga 41.

Luiz Gomes. Gabinete rua S. Bento 80, Tel. 1592.

Mathias Pannain. Gabinete rua Alvares Penteado 43.

Martius Guimarães. Gabinete rua 15 de Novembro 6, residencia rua Albuquerque Lins 1, Teleph. 2901.

Manoel Ribeiro de Araujo. Gabinete rua Carvalho 37, esq. do Largo Brigadeiro Galvão.

Dr. Nicolau Mattos. Gabinete r. Sebastião Pereira 27.

Pierre Guimarães. Gabinete rua Quintino Bocayuva 27.

S. Souza Ramos. Gabinete rua S. Bento 20 Tel. 2715.

Strauss e Dias. Gabin. Largo do Thezouro 5, Tel. 2023.

Dr. W. J. Crock. Gab. rua Direita 53, Tel. 2258.

CORRECTORES OFFICIAES

Adolpho F. Nielsen. Esc. Travessa do Commercio 20, Telephone 1236, resid. rua Baroneza de Ihu 20.

Eduardo Dreux. Esc. rua Alvares Penteado 27, Telephone 1566, resid. rua Visconde Rio Branco 75.

Eloy Cerqueira Filho. Esc. Travessa do Commercio 3, Tel. 323, res. rua Cardozo Ferrão 3, Teleph. 633.

Hereulano Pereira Simões. Esc. travessa Commercio 7, Telephone 1777.

João Pedro Ribeiro. Esc. rua Alvares Penteado 38 C, Telephone 1591, resid. rua Lopes de Oliveira 51, Telephone 1500.

Luiz Antonio de Souza. Esc. rua Alvares Penteado 43, Telephone 1022, resid. Alameda Barros 20, Telephone 1120.

TABELLEIÃES

2.º Tabellião — Nestor Rangel Pestana. Cartorio rua Commercio 10 A.

7.º Tabellião — Cartorio Largo da Sé 15 Telephone 1840, resid. rua Galvão Bueno 14.

LEILOEIROS

Albino de Moraes. Esc. rua José Bonifacio 8 A, Telephone 1508.

Guilherme Ciurlo. Esc. rua José Bonifacio 31.

J. F. Furtado de Mendonça. Esc. rua Alvares Penteado 4, Telephone 774.

J. Costa. Esc. rua Santa Thereza 10 A.

J. Marinho. Esc. rua São João 129.

Tavares Machado. Esc. rua Marechal Deodoro 25, Telephone 1089.

HOTEIS E PENSÕES

Hotel Bella Vista, rua da Boa Vista.

Grande Hotel, rua de São Bento esquina com a rua do Grande Hotel.

Rotisserie Sportsmann, rua de São Bento esquina com a rua Direita.

Hotel Majestic, rua S. Bento.

Hotel Machado, rue Direita n. 6.

Hotel do Oeste, Largo de S. Bento.

Hotel Sul America, Largo General Ozorio.

Grande Hotel Rebecchino, rua da Estação.

Grande Hotel Roma, rua da Estação.

- Dr. Robilotta, Consult. rua dos Lybnyas, 21, Tel. 206.
 Dr. R. Brito Pereira, Consult. e resid. Avenida Barão de Limeira 83, Telephone 2500.
 Dr. Rerende Puelh, Cons. rua S. Bento 41, Tel. 211.
 Dr. Ribeiro de Almeida, Cons. rua do Theodoro, rua Barão de Campinas 17, Teleph. 2000.
 Doutora Renette, Rua Santo Antonio 09, (Bonde da rua Augusta e Paraizo).
 Dr. Remigio Guimarães, Cons. rua José Bonifácio 6, resid. rua Vitalis 07, Telephone 1221.
 Dr. Saul de Aviler, Consult. e residência rua Fortunio Peixoto 8, Telephone 1347.
 Dr. Sylvio Maia, Consult. e resid. Avenida Imigrantes 27, Teleph. 285.
 Dr. Simões Correia, Cons. e resid. rua Victoria 12, Telephone 2585.
 Dr. Souza Castro, Consult. e resid. Largo da Sé 3.
 Dr. Synerio Rangel Pestana, Consult. rua José Bonifácio 8 A resid. rua Consolação 02, Tel. 989.
 Dr. Theodoro Bayma, Cons. rua S. Bento 27.
 Dr. Ulysses Paranhos, Instituto Paulista, rua Vitalis 3.
 Dr. Vieira de Mello, Consult. rua Rosario, 12.
 Dr. Victor Godinho, Consult. rua S. Bento 27, Teleph. 472, residência Teleph. 488.
 Dr. Walter Seng, Consult. e resid. rua Barão de Itapetininga 23, Teleph. 38.
 Dr. W. Gordon Speers, Consult. Rua São Bento 03, resid. Alameda Barão Rio Branco 1, Tel. 1023.

OPERADORES

- Dr. J. Alves de Lima, Cons. rua S. Bento 34, resid. rua S. Luiz 16, Teleph. 301.
 Dr. Carlos Botelho, Consult. rua Brigadeiro Tobias 49, Teleph. 2065.
 Dr. A. Luiz do Rego, Consult. rua Alvares Penteado 2, resid. rua Palmeiras 69, Teleph. 1019.
 Dr. Valeriano de Souza, Consult. rua José Bonifácio 14 A, resid. rua Martin Francisco 123.

PHARMACIAS E DROGARIAS

- Pharmacia Assis, rua 15 Novembro 9.
 Pharmacia Aurora, rua Aurora 57.
 Drogaria Baruel, rua Direita esquina do Largo da Sé.
 Drogaria Braulio, rua de São Bento.
 Pharmacia Central, rua de São Bento 53 a Tel. 1235.
 Pharmacia Caldas, rua General Jardim 55 (esq. Amarel Gurge), Telephone 733.
 Pharmacia da Fé, rua Victoria.
 Pharmacia Normal, rua 15 de Novembro 50, Tel. 105.
 Pharmacia Paulista, rua de São João 360 esq. do Largo Brigadeiro Galvão, Tel. 1010.
 Pharmacia Rosas, rua da Consolação 414, Tel. 1445.
 Pharmacia e Drogaria Santos, rua de São Bento 71 a, Tel. 874.
 Pharmacia Tarsara, rua das Palmeiras.
 Pharmacia Veado de Ouro, rua de São Bento.

ADVOGADOS

- Dr. Amazonas Pinto, Escriptorio rua Marechal Deodoro 6, residencia rua Visconde do Rio Branco 4.
 Dr. Alfredo Lopes B. dos Anjos, Escriptorio rua São Bento 50.
 Dr. Amaral Junior, Escript. rua Direita 10 C, Tel. 1153.
 Dr. Alfredo Pujol, Escript. rua 15 Novembro 3, Telephone 41.
 Dr. Adolpho H. da Silva Gordo, Escriptorio rua São Bento 45, Tel. 450.

- Dr. Antonio Mercado, Escript. rua S. Bento 45, Telephone 450.
 Dr. Manoel Guayanaz da Fonseca, Escript. Largo da Sé 2.
 Dr. Artide, Salles, Esquina rua Direita 10 A.
 Dr. Alencar Piedade, Escriptorio rua 15 Novembro 7, Tel. 952, rua Martin Francisco 133, Tel. 645.
 Dr. Abelardo Cerqueira Cezar, Escriptorio Largo da Thezouro 5.
 Dr. Bernardo de Campos, Escriptorio rua da Piedade 22.
 Dr. Constantino da Silva, Escriptorio rua 15 de Novembro 50 B, resid. Avenida Angelica 102.
 Dr. Cardozo de Mello Netto, Escriptorio rua 15 de Novembro 5, Tel. 142.
 Dr. Cardozo de Mello Junior, Escriptorio rua 15 de Novembro 5, Tel. 142.
 Dr. Dino Bueno, Escriptorio Travessa da Sé 22, Tel. 750, resid. rua Andradas 58.
 Dr. Dario Ribeiro, Escriptorio rua Direita 12 B.
 Dr. Ezequiel Ramos Junior, Escriptorio Largo Mercúria 2.
 Dr. Estevam de Almeida, Escriptorio rua José Bonifácio 3 A, Tel. 2128.
 Dr. Eugenio de Lima, Escriptorio Travessa da Sé 22, Tel. 252, res. rua Palmeiras 78, Tel. 1.002.
 Dr. Ernesto Pujol, Escriptorio, rua 15 de Novembro 3, Tel. 41.
 Dr. Fausto Ferráz, Escriptorio rua 15 de Novembro, 50 B, residencia Avenida Paulista 143.
 Dr. F. Vergueiro Steidel, Escriptorio rua S. Bento 13.
 Dr. Francisco Eugenio do Amaral, Escriptorio Largo da Sé 2.
 Dr. Francisco Morato, Escriptorio rua José Bonifácio 3 A, Tel. 2128.
 Dr. Francisco Mendes, Escriptorio rua Direita 10 C, Tel. 1153.
 Dr. Gabriel de Rezende, Escriptorio rua Direita 14.
 Dr. Guilherme Rubião, Escriptorio rua Direita 2.
 Dr. Henrique Coelho, Escriptorio rua Direita 10 A, residencia rua Formosa 23.
 Dr. Hilario Freire, rua de São Bento 80, Tel. 1599.
 Dr. Julio Prestes, Escriptorio rua Direita 2.
 Dr. Joaquim Pinheiro Paranaguá, Escriptorio rua Boa Vista, 4.
 Dr. Jovino de Faria, Escriptorio rua Boa Vista 1.
 Dr. J. Evangelista Galvão, Escriptorio rua Direita 2.
 Dr. José Piedade, Escriptorio rua 15 de Novembro 3, Telephone 952, rua Martin Francisco 23, Tel. 645.
 Dr. J. Aranha Netto, Escriptorio rua José Bonifácio 3 A, Telephone, 2128.
 Dr. J. Torres de Oliveira, Escriptorio rua São Bento 41, residencia rua São João 181, Tel. 1217.
 Dr. Julio Maia, Escriptorio rua São Bento 41, residencia rua Abolição 1, Tel. 107.
 Dr. José Ulpiano, Escriptorio, rua São Bento 13.
 Dr. João Arruda, Escriptorio rua Direita 2, Tel. 1153, rua Santa Cecília 10, Tel. 724.
 Dr. J. Rodrigues dos Santos, Escriptorio rua Direita 2.
 Dr. João Martins, Escriptorio Travessa da Sé 12.
 Dr. J. Pinto e Silva, Escriptorio Travessa da Sé 12.
 Dr. João Sampaio, rua Direita 10 C, Tel. 216.
 Dr. José Pereira de Queiroz, Escriptorio rua de P. 2, rio 28, Tel. 2437.
 Dr. Luiz de Vasconcellos e Vasconcellos Junior, Escriptorio rua 15 Novembro 5, Tel. 142.
 Dr. L. B. Gama Cerqueira, Escriptorio rua Boa Vista 2.
 Dr. Mario R. Felles, Escriptorio rua Boa Vista 2.
 Dr. Moraes Barros, Escript. rua Direita 10 C, Tel. 216.

INDICADOR DO "GAVROCHE"

MEDICOS

- Dr. Avres Netto, Consultorio rua Direita 51, residencia rua Barra Funda 21, Telephone 997.
- Dr. Araripe Sucupia, Consult. rua S. Bento 10, resid. rua Martin Francisco 48, Telephone 981.
- Dr. Arraunte Cruz, Consultorio rua Thezouro 9, res. rua Sete de Abril 68, Teleph. 709.
- Dr. Arthur Mendonça, Consult. Travessa 5 e 6, resid. rua General Jardim 65.
- Dr. Alexandre T. Wysard, Consult. rua São Bento 45, resid. rua Pirapitinguy 18, Teleph. 1208.
- Dr. Adriano de Barros, Consult. rua São Bento 23, resid. rua Ipiranga 26, Teleph. 922.
- Dr. Airuda Sampaio, Consult. rua Boa Vista 67.
- Dr. A. Vieira Marcondes, Consult. rua Libero Badaró 26, resid. rua Guayanazes 153, Teleph. 1253.
- Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, Cons. rua São Bento 13, resid. rua Ipiranga 6.
- Dr. A. Fajardo, Consult. rua Direita 31, resid. rua Ipiranga 72, Telephone 19.
- Dr. A. Xavier Gomes, Consult. e residencia travessa Conselheiro Furtado 10.
- Dr. A. Medeiros, Consultorio rua Thezouro 3, resid. rua Liberdade 9, Telephone 98.
- Dr. Amador Franco, Consult., na Pharmacia Cysne á rua João Theodoro 87.
- Dr. A. C. de Camargo, Consult. rua São Bento 25, resid. rua Rego Freitas 53, Telephone 1573.
- Dr. Arnaldo Pedrozo, Consult. rua José Bonifacio 40, resid. rua Liberdade 61, Teleph. 2352.
- Dr. A. Rodrigues Guião, Cons. rua Direita 14, resid. Largo do Arouche 58, Teleph. 2826.
- Dr. Antonio Netto, Consult. rua Boa Vista 41, resid. rua Domingos de Moraes 33, Teleph. 1402.
- Dr. A. Lindenberg, Cons. rua São Bento 33A, resid. Largo Santa Cecilia 12.
- Dr. Afonso Azevedo, Cons. rua José Bonifacio 12, resid. rua Conselheiro Nebias 117, Teleph. 970.
- Dr. Bernardo de Magalhães, Consult. rua Rosario 12, resid. rua Guayanazes 141, Teleph. 1329.
- Dr. Bueno de Miranda, Cons. rua Direita 3, resid. rua Fagundes 16.
- Dr. Bittencourt Rodrigues, Consult. e residencia rua Liberdade 99.
- Dr. Brandão Veras, Cons. e resid. rua Amiral Gurgel 31, Telephone 983.
- Dr. B. Montenegro, Cons. rua Quintino Bocayava 5, Palacete Lara, Telephone 1767.
- Dr. Corte Real, Consultorio e resid. rua Boa Vista 45, Telephone 1495.
- Dr. Caramuru Paes Leme, Cons. rua José Bonifacio 12.
- Dr. Carlos de Niemeyer, Cons. e resid. rua Arouche 2, Telephone 1000.
- Dr. Costa Valente, Consult. e resid. Avenida Rangel Pestana 286 A.
- Dr. Charles Speers, Cons. rua São Bento 63, Telephone 1023, resid. Alam Eduardo Prado 12, Tel. 2379.
- Dr. C. Duarte Nunes, Consult. rua São Bento 23, res. Avenida Angelica 37, Teleph. 2193.
- Dr. Carlos Botelho, Consult. e resid. rua Brás de Pina Tobias 49, Telephone 2065.
- Dr. C. Homen de Mello, Consult. e resid. Avenida Perdizes, Casa de Saude, Teleph. 560.
- Dr. Diogo de Laria, Consult. rua José Bonifacio 8 A, residencia rua Marquez Itú 67, Teleph. 201.
- Dr. F. Rodrigues Alves, Cons. rua São Bento 27, res. Alameda Barão de Limeira 29.
- Dr. Eduardo Guimarães, Cons. rua Quinze Novembro 54, res. rua Barão de Itapetininga 77, Tel. 1151.
- Dr. Erasmo do Amaral, Cons. rua Direita 2, residencia rua Verediana 57, Teleph. 260.
- Dr. Evaristo Bacellar, Cons. Largo da Misericordia 2, resid. rua Maria Thereza 20, Teleph. 113.
- Dr. Francisco Laraya, Consult. rua Marechal Deodoro 3B, Telephone 456.
- Dr. Godofredo Wilken, Consult. rua do Commercio 6, resid. rua Aureliano Coutinho 11, Tel. 2186.
- Dr. Gama Cerqueira, Consult. e res. rua Caixa Agua 3, Telephone 1029.
- Dr. Guilherme Ellis, Consul. rua São Bento 62, resid. rua Aurora 6, Telephone 1301.
- Dr. Herisson, Consul. e resid. rua Rodrigo Silva 301, antiga assemblea.
- Dr. João Oliveira, Consult. rua Boa Vista 4, residencia rua Tabatinguera 16.
- Dr. José Cioffi, Consult. e res. rua Conselheiro Christiniano 14.
- Dr. L. F. Jardim, Consult. rua Anhangabahu 193, res. rua Helvetia 26, Telephone 1513.
- Dr. Lycurgo Pereira, Consult. rua Quintino Bocayava 20, resid. Avenida Rangel Pestana 11, Tel. 1828.
- Dr. L. F. Baeta Neves, Consult. rua São Bento 43, res. rua Aurora 135.
- Dr. Lauriston Job Lane, Consul. rua São Bento 63, Teleph. 242, resid. rua Consolação 204, Tel. 913.
- Dr. Margarido e Margarido Filho, Cons. e residencia rua S. João 212.
- Dr. Mathias Valladão, Consult. rua S. Bento 45, res. rua Xavier de Toledo 72.
- Dr. Moraes Dantas, Consult. rua Libero Badaró 26, resid. rua Vinte Quatro de Maio 13.
- Dr. Monteiro Vianna, Consultorio rua S. Bento 23, Telephone 698, residencia rua Maria Thereza 23, Telephone 66.
- Dr. N. de Moraes Barros, Consult. rua S. Bento 45, resid. rua Aurora 164.
- Dr. Nicolau P. de C. Vergueiro, Consult. rua Direita 6, resid. Avenida Angelica 143.
- Dr. Nunes Cintra, Resid. rua Duque de Caxias 39B, Telephone 640, consultorio Palacete Bamburá, Ladeira João Alfredo 5.
- Dr. Oliveira Fausto, Consult. rua S. Bento 54, resid. rua Palmeiras 122, Teleph. 1266.
- Dr. Odilon Goulart, Cons. rua Direita 14, residencia rua Guayanazes 130, Telephone 2400.
- Dr. Olympio Portugal, Consult. rua S. Bento 23, resid. Avenida Luiz Antonio 201, Teleph. 1939.
- Dr. Olegario de Moura, Consult. rua Quintino Bocayava 20, Telephone 1808, resid. rua General Val 49, Telephone 1269.
- Dr. P. Correia Netto, Consult. e resid. rua Boa Vista 41, Telephone 1402.
- Dr. Paulo Ferreira, Consult. Largo do Ouvidor 7, resid. rua Vergueiro 159, Telephone 1769.
- Dr. Paula Lima, Consultorio rua Boa Vista 41.
- Dr. Rubião Meira, Consult. rua S. Bento 36, resid. rua Palmeiras 9, Telephone 1813.

GAVROUCHE



N.º Ident.

16

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

FUNDO DE MICROFILME

REVISTAS

Título da Revista Gavroche

Dia

9

Mês

Março

Ano

2011

Páginas

21 ilu.

Microfilme feito em:

12-10-948

N.º C.

43

N.º M.

133

Thema da Voz

Uma brisa fresca...
de manhã cedo, de um azul...
um azul pálido...
umas manchetinhas brancas. A
brisa era amena e fresca, eu
aproveitando aquelle fresco,
fui dar um passeio pela praia,
e para me distrahir levei um
romancesinho.

Ao longe, o ceu parecia en-
contrar com a terra. O mar
estava bravo... cobria o seu
dorso, um alvo lençol de es-
pumas!

Depois de tanto contem-
plar a insania maritima, des-
punha afastar-me quando um
rapaz de cor preta, boa esta-
tura e com um par de olhos
magnéticos, interrompeu-me;
e depois de me comprimen-
tar disse: ainda estudas, me-
nina? Sim. Respondi-lhe, des-
de a idade de sete annos.

— Que idade tens agora?

— Faço em Maio quinze
annos.

— Esta bem... mas... se
eu tivesse a honra de acom-
panhar-a neste gentil passeio...
se minha pessoa fosse digna
de tal...

— Mais que digno. Res-
pondi-lhe.

Então dirigimos lentamente
pela arenosa costa do oce-
ano!

A cada passo, de seus la-
bios despregava uma phrase
declaradora de amor.

O crepusculo cahia lento!

E quando este se fechára
despedimo-nos. Houve juras
apaixonadas.

Dalli a quinze dias senti-
me feliz a seu lado, conside-
rando-o meu noivo. Mas aquel-
la felicidade durou poucos
mezes.

A infame intriga, condenou-
a desligar o nosso futuro.

Que tormentos, que passei,
meu Deus! Mas me confor-
mei com a sorte descarregan-
do sobre elle um vivo odio,
que não findará tão cedo.

Leopoldina Dias.

Santos, Janeiro de 1913.

Vamos brincar de Adão e
Eva?...

Como?...

— Tentas-me com essa maçã
que tens na mão e eu deixo
tentar e como-a.

Meu Coração

N... Lrenal, um certo dia,
sympathia
Um sorriso rosto de uma flor!
E eu de longe espreitava de surpresa
a belleza
Dessa jovem de tu'alma... teu amor!

Falavas com doçura para ella
phrases bella
talvez!... Oh! rapaz apaixonado!
Mas é certo: tiravas tua linha
e eu hein?! tinha
que invejar esse bem teu, conquistado!

Mas tu sabes que ser pato, isto comigo,
sempre digo,
não costume. Pois desfiz minha paixão
minha meunha que passava na calçada
mal trajada.
Eis amigo, como é meu coração.

Paulo de Souza Lima.

Versos de pé quebrado

Não ha pau para tamanco
Como seja do tanueiro
Que põe sua raiz na estrada
Não deixa ninguem passar.

Atirei um limão verde
No menino do portão
Louca fiquei por elle,
Elle me chamou de louca.

Eu fui indo num caminho
Sant'Antonio me chamou
Mecê livre do peccado
Quando santo chama a gente.

E não chupo mais cachaça,
Que a cachaça é p'ra remedio,
A cachaça faz-me por
Da sala para a cosinha.

Tenho meu choro saudade
Trancando lá na despensa
Se hei de morrer de amores
Não hei de morrer de fome.

Minha laranjeira doce
Carregada de formiga,
Quem por amores se mata
Forte asneira.

Lyria do Amaral.

Amae os vossos inimigos

(Padre Antonio Vieira)

— Ama o teu inimigo,
porque ou elle é o executor
da divina justiça para castigar
a tua soberba, ou ministro
da tua providencia para exer-
citar a tua paciencia, provar
a tua constancia.

Ama o teu inimigo, porque
Deus perdôa a quem perdôa,
e mais perdôa elle na menor
offensa, do que nós ao odio,
se as recibes com outro odio,
se as recibes com outro odio,
são de ferro, e se lhes res-
pondes com amôr, são de ouro.

Aua o teu inimigo, porque
melhor é a paz que a guerra
e n'essa guerra a victoria é
fraqueza e o ficar vencido
triumpho.

Ama o teu inimigo, porque
elle em te querer mal parece-
se com o demonio, e tu em
lhe querer bem pareces te
com Deus.



Sonho de Calça Larga

Primeiramente, antes de a-
presentar ao leitor o sonho do
Snr. Calça Larga é necessa-
rio que o leitor conheça o
seu titulo que é importantis-
simo. Eil-o: Mr. Calça Larga
Duque da Bella Cintra, Peito
de Bronze e Coração de Fer-
ro fundido velho...

E' este o Snr. que n'outro
dia teve um sonho de arrepiar
os cabellos do calcanhar. Im-
ginem que o Calça Larga, so-
nhou que encontrou com um
Agua, solando com a peque-
na delle no Viaducto de San-
ta Ephigenia.

O Calça Larga ficou satis-
fado p'ra burro não conversou, deu
um pulo a recta. Guardou en-
vergou o corpo para traz pu-
xou do expecto e tentou en-
fial-o no buxo do Agua. Mas
o Agua que não era troço,
aplicou-lhe tremenda tastera
erquendo-o da altura do fo-
da Ligth.

O Calça Larga aproveitou
aquelle percurso aereo ap'ri-
rou-se no dito fio e morreu
tostado.

Que fita!...

Dr. Nada Escapa.

Typ. Mello & Irmãos - S. Paulo.

Balthazar; Segundo dito, Mario Alves Lima; Primeiro procurador, Izaltino Xavier; Segundo dito, Mario Alves Lima; Syndicantes, Messias Salles e Victor Souza; Orador, João Alfredo de Oliveira.

O Menelik deseja elevada felecidade ao Centro Recreativo Estrella do Oriente.

Com o titulo de «A Perola», existe um elegante jornalzinho, nesta capital, que é organ do Club Dançante 15 de Novembro

O sr. Carilvaldo Ribeiro dos Santos é o Redactor-chefe e o sr. Benedicto Prestes, é o Redactor-secretario.

«O Menelik» tem a honra de comprimentar «A Perola» e espera acolher da mesma, innumeradas lições.



Avisos Importantes

Toda a correspondencia destinadas ao «O Menelik», devem ser enviadas em nome do redactor-chefe a Rua da Graça n. 207 quando se tratar de trabalhos ou informações, e quando se tratar de negocios da Sociedade deve ser dirigida ao Snr. Presidente ou Rua Bresser n. 304 ou na sede deste acima citado.

Todo aquelle que nos quizer honrar com a sua collaboração accental-a-emos de muito gosto mas bem entendido; lavra propria publicaremos tambem impropria, contanto, que traga tambem o nome do auctor verdadeiro.

Communicamos que, «O Menelik» apparecerá novamente no dia 1 de Janeiro do anno vindouro, aonde circulará firmemente mensal, devendo apparecer no primeiro domingo de cada mez. Seus semestres encerrar-se-ão em Junho e Dezembro.

Porém quanto assignaturas pode ser tomada em qualquer época.

Este jornal será distribuido a todo aquelle que quizer ser seu admirador. Basta só nos enviar a direcção que o Menelik vae-lhe ter nas mãos. D'

ahi em diante, será considerado como assignante concorrendo para tal fim a insignificante quantia de 1\$500 réis por seis mezes!

Idéias parafuzadas

Cumprimenta as senhoritas Izaurinha e Brasília, distinctas e intelligentes normalistas; e aguarda ser correspondido com a collaboração de cada uma.

—Srtas Paulina da Rocha e Angelina Pinto—Estou de mal, de mal e de mal, com ambas porque esqueceram de mandar collaborações promettidas; porém essas pazes serão feitas quando eu receber as promessas.

—D. Emilia Cardozo—Leia, faça o obsequio, «O Menelik», na proxima tiragem, sim!

—Ah! seu Antonio! quantas vezes lhe pedi trabalho para estreir o nosso «O Menelik»! quantas as vezes ali pela rua São Caetano, o sr. prometteu algum de seus poemas, que «O Menelik» está vendo-os por um oculo, publicado em suas paginas. Desacante homem de Deus, porque «O Menelik» não cobrará nada em publicar os teus sentimentos. Espero.

—Illmo. Snr. Tatú Canastra. —«O Menelik» tem a honra de comprimental-o.

—Snrs. Juvenal de P. Mello, Aristides Alves da Costa, João Benedicto, Benedicto Ribas e Benedicto de Paula Souza. «O Menelik» vem humildemente apresentar-se aos srs., considerando todos como amigos.

DUQUE.



Essas creanças! Essas creanças!

— O que voce está chorando, Lolô?...

— Porque Lalá me machucou...

Machucou como?...

— Eu fui dar um cascudo nella, ella tirou a cabeça e eu bati com dedo na parede.

— Ora essa

O Menelik publica annuncios por preços modicos.

CAIXA-BALAI

Snr. Paulo de Souza Lima. Nos agradou muito os seus versos intitulado Meu Coração.

D. Leopoldina.

Agradecissimo pelas composições que nos enviou. Damos com este a descripção, quanto o soneto está em analyse.

D. Ignez do A.

Sim senhora! O Menelik, nomeia-a sua collaboradora efectiva, no ramo de versos da ordem de Pé Quebrado.

Snr. Roque R.

Envie-nos o mais breve possivel o resto de seu romance.

D'coelô.

Pelos Salões

São Paulo Recreativo Club

Qual é a creatura que não conhece este club dansante; pois elle é tão conhecido entre nós que amamos a vida social.

Este club deu no mez de Julho mais uma das suas ousadas festas conquistadora do triumpho, que todos seus assistentes admiram-na seriamente.

O papel Recreativo foi correctamente desempenhado pelos seus deciplinados amadores.

O baile começou a meia-noite terminando ás seis horas da manhã.

Abrillhantou aquella festa, uma orchestra sob a regencia do maestro Carlos Cruz.

Por tal motivo O Menelik apresenta seus sinceros parabens.

Federação Paulista dos Homens de Cor

«O Menelik» tem immensa honra de apresentar-se a esta Federação, esperando ser recebido pelos seus distinctos membros.

O MENELIK

Assignatura 1\$500
por semestre

VIDA SOCIAL

Fizeram annos:

No dia 9 de Agosto, o sr. Arnaldo Gama.

—No dia 19 de Agosto, o sr. Octaviano Ferraz, zeloso funcionario da Faculdade de Medicina, socio fundador e actual secretario da presidencia desta folha.

S. Exma foi muito felicitado por seus collegas e admiradores.

—No dia 7 de Setembro, o sr. Deoceciano Nascimento, ideador desta folha.

—No dia 16 de Setembro, o menino Orlando, filho de D. Marcia da Conceição.

—No dia 19 de Setembro, o menino Constantino, filho de D. Claudina de Lemos, nossa distincta leitora.

No dia 12 de Outubro, o sr. Geralcino de Souza, nosso redactor-secretario, e fará no dia 21 do corrente a sua extremosa filha -- a travessa Eizulina.

—No dia 13 de Outubro a sra. D. Euphrosina Ferraz, esposa do sr. Antonio Ferraz.

—No dia 14 do corrente o sr. Marciano Marques d'Oliveira, m.d. Thezoureiro d' O Menelik.

—No dia 16, o sr. Francisco de Oliveira.

«O Menelik» felicita a todos esses anniversariantes, desejando assistir-lhes centenas de anniversarios.

No dia 9 de Setembro, no lar do sr. Avelino Paiva e D. Marta Paiva, veio á luz uma galante «bébé». Seus paes entusiasmados, chamaram-na de Zelia.

Ambos accitem parabens d' «O Menelik»

Acha-se gravemente enfermo o menino Theophilo, filho do nosso prezado companheiro sr. Theophilo Gonçalves de Freitas.

Ao innocente enfermo, desejamos breves melhoras.

de cor para presta-lhes homenagens.

Ha pessoas a quem a natureza dita idéas magnificas sobre o cultivo das letras, mas essas idéas, em grande quantidade estão eneditas.

Se a humanidade as conhecesse talvez que fossem julgadas como primas.

Não incommodeis com as criticas de outrem; fazeis pensamentos poeticos, contos anedoctas e mandeis ao O Menelik que elle vol-os apresentarão a humanidade.

Estamos convencidos que não necessito occupar mais espasso deste jornal com elementos conselheiros.

Vamos então começar por cumprir a nossa promessa noticiando, criticando e literando.

NO CHORO

(A' M. Passos)

— Lembras-te

O choro já tinha começado; e eu cheguei no momento em que o rasta pé estava animado!

Naquella occasião um sanfonista executava uma polca remealhada.

Assim que a moçaraba me viram, bradaram: bravo! o flautista chegou.

Tomaram o meu chapéu e sumiram con elle no interior da casa!

Havia muitas moças! e do meio dessas, uns olhos me miravam e ums labios me sorriam!

Que olhos e que labios eram esses, e a quem pertenciam?

— Eram a ti.

— Tu não viste o meu sorriso apaixonado?

Meu coração batia; e talvez o teu.

Armei a flauta, levei-a aos labios e comeci a expedir para dentro della camadas de ar tiradas do arcano do coração.

Admiravas, vendo os dedos meus, ageis, trabalhando sobre aquelle canudo de ebano. E eu admirava a tua bellaza; minha alma estremeceu por ella.

Oh! que surpresa quando aberei-me de ti, pronuncias-te

IDYLLIO AO LUAR

(Ao caro amigo, Benedicto Prestes)

Eu vi-te passeando sorridente
Ao lado da mimosa—tua flor!
Pegavas-lhe na mão tão docemente!
Era lindo esse bello par de amor!

Surgia no momento no Oriente,
A lua envolvida n'um candor,
Espreado-se no ceu, com esplendor
Contemplava, esse edyllio, meigamente!...

E tu'alma tranquilla, alegremente,
Feliz vendo a noiva rir constante,
Sorria, afirmando a mão na della!...

Teu olliar bem unido ao da pucella
Subiam pela riba silenciosa,
Nessa noite gentil de amor em rosa!

DEOCLECIANO.

sorrindo, claramente, o meu nome.

Então audaciei em perguntar o teu; confiaste n'ô.
E eu ameio.

Deocleciano Nascimento.

Paulicéa, 24 de Junho de 1912.

O Menelik publica annuncios por preços módicos.

Lembrança

(A' memoria de Hortencia Ferreira)

A enxada do coveiro abriu um tumulo e alli puzeram o corpo de uma virgem!...

Um batalhão de anjos guiou sua alma até a Porta do Paraizo.

E' no céu o seu lar agora!...
E, o seu leito de rosas virginaes: Estas vicejam quando a lembrança da terra suspira, chamando o nome Hortencia! E a Dor então responde: Coitada! Morreu na flôr dos annos!

Deocleciano Nascimento.

Zeca, Zeca vassorinha
Vassorinha Zeca Zeca,

No meio de muitas...

B. M. C.

Ha uma senhorita de olhar vivo, que enthusiasma a si propria. E' baixinha, feição redonda, cabellos negros como o carvão. Quando falla, gesticula mimosamente. Tem um desembaraço na voz—tão mavioso; todos que a conhece inveja-a. Os dentes são alvo como alabastro e bem unidinhos. Os labios são roseados e bem formados

Todos a gostam e querem-a. Era apaixonada por algumas funcões as quaes não podia frequentar, porque sua mãezinha prendia-lhes as regalias.

Seus admiradores são innumeros.

Não sei, se vae certo

Este perfil

Para os leitores se destrair,
Olhem—os bem

Com attenção

Que logo dirá, seu coração.

Geraleino.

O Menelik publica annuncios por preços módicos.

NOTAS

Centro Independente Bom Retiro

Com a denominação acima, surgiu mais um club de dança edificado por homens de cor.

Ao Centro Independente Bom Retiro, O Menelik almeja um futuro brilhante.

Ha em São Paulo uma sociedade de foot-ball intitulada Sul Africano.

Este club é formado por homens de cor e tem alcançado numerosos successos.

Como este jornal herdou seu nome o rei da Africa, elle vem complimentar o Sul Africano Foot Ball Club e collocar-se na sua vanguarda para aplaudir-lhe as victorias futuras.

Anno

No dia 24 do corrente haverá sessão da Sociedade Journalistica 'O' Mene'ik.

Pede-se o comparecimento de todos, as 14 horas.

Alguem nos informou que o Club Dansante 15 de Novembro, dará a sua partida a 13 de Novembro proximo.

Oxalá que essa festa seja brilhante como sempre foi.

Leitores

O Menelik apresenta-se a vos, na convicção plena que será bem acolhido por todos.

Consta-nos que o São Paulo Recreativo Club deu um prolongado, no seu ensaio de segunda-feira passada, que terminou as seis horas da manhã, debaixo da sua habitual harmonia.

Bravo!

Centro Recreativo Estrella do Oriente

Mais um club dansante surgiu no districto do Bom Retiro.

A sua directoria ficou composta dos seguintes senhores: Presidente, Carlos de Aruda; Vice, Denezio de Araujo; Primeiro Secretario, Francisco Feliciano; Segundo dito, Gustavo A. de Araujo; Primeiro Mestre de sala, Ernesto

O Menelik

Organ mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor

ANNO I

Redactor-Chefe: Deocleciano Nascimento

Redactor-Secretario: Geralcino de Souza

NUM. 1

O MENELIK

Assignatura 1\$500
por semestre

O MENELIK

Aos 18 de Julho do corrente anno, a convite do Snr. Deocleciano Nascimento reuniram-se em sua residencia, sita a Rua da Graça nº. 207 os seguintes Snrs:

Geracino de Souza, Juvenal de Padua Mello, Paulo de Souza Lima, Octaviano Ferraz, Marceano Marques de Oliveira, João Benedicto, Marcellino Cruz, Reginaldo do Maximo Gonçalves, José Paulino, Aristides Alves da Costa, Avelino Paiva e José Luiz Sampaio.

O Snr. Deocleciano Nascimento aproveitando aquella oportunidade, convocou uma sessão, convidando o Snr. Juvenal de Paula Mello, para servir de secretario, e pedindo a palavra, expôz o motivo da mesma, a qual tratava-se da fundação deste jornal.

Nenhuma só voz manifestou contra a opinião desse ideador.

Fundou-se então este jornal, o qual buscou adquirir um nome, que não deveria, mas era esquecido dos Homens de cor, é esse nome, o de Menelik II, o grande rei da raça preta, fallecido em 1913.

Surgiu então a fundação deste jornal com a denominação de «O Menelik».

E' conveniente prever que apezar daquelle brilhante passo unanimemente approved por todos os presentes, os quaes considerou-se socios desde aquelle momento, não era ainda a hora do desabafo da alma de seu ideador.

— Porque?

— Porque a palavra é facilissima, mas a realização — producto da mesma é difficilissima.

Regosijo

A' Exma. Sra. D. Maria José de Almeida, distincta oradora e presidente do Club 13 de Maio de S. Paulo,

São dias tão felizes, repletos de venturas,
Esses que vos leva de glorias rodeada,
Porque sois vos a mais gentil e admirada
Do quadro juvenil das lindas creaturas.

Nas festas certo é: das tantas formosuras,
A voz do oradora, a ti é confiada;
E ouve-se ella, terna, suave e denodada
Que de tu'alma vem guiadas de recturas!

No meio da palavra que de tu'alma salta,
As vozes— muito bem—do auditorio, aparta
A tua que é sonora, meiga e primorosa!

Sempre no final da tua oração
Ouve-se profunda e longa ovação
De palmas que dá gloria a ti que és talentosa.

Deocleciano Nascimento.

X—VIII—MCMXV.

E' verdade que não se acreditasse que a «classe» despresasse a magnifica idéa de um seu semelhante, mas, é certo que o mundo não pode ser abrangido só pela conformidade.

Agora cremos que o nosso jornal, ha de ter um futuro brilhante, porque contamos com a approvação geral da «classe dedicada».

Para conquistar amizade geral que futuramente esperamos obter, expulsaremos apiedosamente das columnas d' «O Menelik» este vocabulo chamado—combate.

Nunca procuraremos combater, embora haja base. Seremos como o humilde servidor que não combate contra a força; usaremos para tal fim o proverbio velho:—o calado vence.

PROPRIEDADE

«O Menelik» não tem proprietario, é uma sociedade, composta de illimitados socios que todos fazem por um e um faz por todos.

Eis os seus fundadores e directores:

Presidente:—Reginaldo Maximo Gonçalves.

Secretario:—Octaviano Ferraz.

Thezoureiro:— Marceano Marques de Oliveira.

Procurador geral:—Paulo de Souza Lima.

Representantes:— Avelino Paiva, pelo districto de Villa Buarque, Consolação etc. Residencia, Rua Cunha Horta 15. Marcellino Cruz, por Bellemzinho, Braz etc. Residencia, Rua José Monteiro, 2. Cabo Manoel Domingos pelo districto do Canindé e Braz. Residencia Rua Henrique Dias, 59 e José Felice, pelo districto da Luz Residencia, Rua Imigrantes, 121.

Reporters:—Theophilo Gonçalves de Freitas, José Luiz Sampaio e José Paulino.

Redactor-chefe:— Deocleciano Nascimento.

Redactor-secretario:— Geralcino de Souza.

N. B.—Qualquer representante desta folha exerce a função de procurador, em nome do procurador geral.

DESTINO

Como resa no cabecalho deste jornalsinho: Organ mensal, noticioso, critico e literario dedicada aos Homens de Cor, é necessario agora que o leitor compreenda que é o destino que cada uma destas palavras toman, ou função que exercem.

a) E' mensal, porque destina a aparecer de mez a mez.

b) E' noticioso para travarmos conhecimentos de factos que se dão e passam sem previo conhecimento da classe nossa.

c) E' critico (só entre a classe) para colher os ditos philosophicos que navegam nos nos labios desse povo.

a) E' literario para mostrar ao mundo as sabedorias que occultamente vagueia no cerebro da classe.

e) E' dedicada aos homens



N.º Ident.

45

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Título do Jornal O Mendelík

Dia

17

Mês

Outubro

Ano

1915

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

39

N.º M.

116

CHARADAS
A. M. S.

O elemento estuda o appellido do palleço [1-1-1]
Em toda parte impéra a mulher 1-2
No sujeito a cama é embarcação 1-2

Arvore — e — p = homem - 2
Chaótico — f — t = ferido - 3
Bramido — r — s = animal - 2

PERULICO

LOGOGRIFHO
AO DR. ZANAGA

Grande posto encontrarás 1, 6, 3,
Linda pedra preciosa; 4, 3, 4, 7,
Do jardim tu és rainha 3, 6, 7, 8,
E medida caprichosa, 5, 2, 7, 7, 6

Conceito não precisava;
Em todo o caso é bom dar;
Insecto bem delicado
Encontrarás a voar.

LEONES

Agóra resta-me dizer-lhes, Surs. enigmatistas, que ao primeiro decifrador dos problemas supra darei como premio a grande obra de Alexandre Dumas: *As memorias d'um medico*, em doze volumes, ricamente encadernados.

O premio é convidativo; mãos á obra, pois, e disponham do vosso
DR. K. BULOSO

Correio

Dr. Zanaga—*Muchas gracias* não só pela imerecida dedicatória, como também por aquella substanciosa critica que, sinceramente o confesso, me foi portadora de muitos ensinamentos. Por outra vez não mande trabalho algum sem a competente decifração.

DR. K. B.

MEMORIAL

Soiree

Como de costume, corren com a maior animação, ordem e alegria a ultima *soiree*, realisada em os nossos saloes a 8 de Outubro proximo pasado.

Directoria

A Directoria do *Congresso Brasileiro*, que tem de servir de 1898-1899, eleita pela assembléa geral realisada a 6 do corrente, ficou assim composta:

Presidente, Dr. Antonio Militão de Souza Aymberé.

Vice-Presidente, Benedicto Dias de Oliveira.

1.º Secretario, Impercio Gil da Silveira.

2.º Secretario, José Carlos de Campos.

1.º Thesoureiro, Bento de Oliveira.

2.º Thesoureiro, Capitão João Augusto do Sacramento.

Director-Auxiliar, Gabriel Ortiz.

Sabemos que a presente directoria, já empossada, trabalhará com o maior afino para dar cabal desempenho ao mandato que os nossos consocios lhe confiaram.

Schottisch

Por iniciativa de diversos socios do "Congresso," acaba de ser impressa no Rio de Janeiro a schottisch *Congresso Brasileiro*, que, conforme já tivemos occasião de noticiar, o nosso illustre consocio e habil professor de piano, Sur. Antonio Justino de França compoz e teve a gentileza de dedicar á nossa sociedade.

Adjunto

A Directoria nomeou o nosso consocio Sur. Raphael de Arango Ribeiro para exercer o cargo de adjunto do director-auxiliar.

Balanço

Por falta de espaço, deixamos de dar publicidade ao balanço da nossa sociedade, fechado em 31 de Outubro ultimo.

Os Surs. Socios, que quizerem, poderão consultal-o na Secretaria, onde também se distribue o relatório apresentado e lido em assembléa geral pelo Sur. Presidente da extincta Commissão Directora.

Imprensa

Presentemente enriquecem a nossa estante quasi todos os jornaes da capital, e mais os seguintes:

L'Humanité Nouvelle, de Pariz; *O Pimpão*, de Lisboa; *A Vida*, de Jacarehy; *O Municipio*, de Igape; *O Luctador*, de Descalvado; *Jornal do Povo*, de Piracicaba; *Tribuna do Povo*, de Santos; *O Trabalho*, de Penedo; *Colombo*, de Miranda; *Matto-Grosso*; *Diario*, de Taubaté; *Leituras Religiosas*, da Bahia; *O Trocista*, de Maceió; *A União*, de S. Cruz da Conceição e o *Jornal do Brazil*, *A Imprensa* e *O Debate*, do Rio de Janeiro.

É possível que, pela irregularidade do correio, muitos jornaes que nos honram com sua visita e que deixamos de mencionar, não nos tenham chegado ás mãos.

A todos agradecemos com desvanecimento e retribuirmos com o maior prazer.

PROGRAMMA-CARNEY

I PARTE

1. Polka
2. Mazurka
3. Valsa
4. Schottischs
5. Quadrilha

II PARTE

1. Pas-de-Quatre
2. Polka
3. Mazurka
4. Valsa
5. Quadrilha
6. Schottischs

III PARTE

1. Mazurka
2. Polka Militar
3. Valsa
4. Schottischs
5. Lanceiros

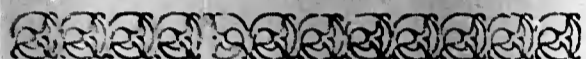
IV PARTE

1. Pas-de-Quatre
2. Polka
3. Mazurka
4. Valsa
5. Quadrilha
6. Schottischs

— Ouve, Chiquinha, vamos brincar de Adão e Eva.
 — Como se faz isso?
 — É muito simples: tu me tentas com a maçã... e eu como-a.

Morreria consolado
 Sem desgosto e sem receio.
 Ai! se eu fosse sepultado
 Na covinha de teu seio.
 DOIS PAUSINHOS

Definições de bonde
Riso — Pretexto para as moças mostrarem os dentes bons.
Sizudar — Cortina velando alguma... dentadura.
 ACACIO PAZ



No Baile

A TL...

Veste de branco. . . A loura cabelleira
 Esparsa ao vento, solta, em ondulações
 A fulgarar...

Quando ella passa rindo, prazenteira,
 Exhala olores suaves e fragancias,
 Perfumes no ar...

E ella sorri, alegre, delirante
 E passa ante os meus olhos, offegante
 Sempre a valsar...

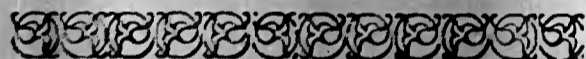
E en von sintindo n'alma o negro ciúme,
 Estilete de perfurante gume
 Vir penetrar...

E ella sempre sorrindo alegremente,
 Qual do oriente rainha poderosa
 A dominar...

O seu olhar me volve, simplesmente
 E continúa, offegante e radiosa,
 Sempre a valsar...

S. Paulo, 14-9-98.

S. SALLES

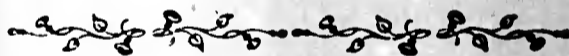


INTRIGUINHAS

Disseram-nos:
 . . . que no "Congresso" o socio
 que ouve melhor é o Velho;
 . . . que o Vicente não lhe fica
 atrás;
 . . . que o Lupercio, entre os dois,
 é rei;
 . . . que o socio mais bonito do
 "Congresso" é o Horacio Guimarães;
 . . . que o mais manso é o Ramiro;
 . . . que o mais jeremias é o Bento;
 . . . que, n'este ponto, o Lima é
 rival do Bento;
 . . . que o mais berrador (para
 não dizer barulhento) é o Carneiro;

. . . que o mais briguento é o
 Romem;
 . . . que o mais querido é o Que-
 ridinho;
 . . . que o de mais susceptibilida-
 des é o França;
 . . . que o mais ciumento é o Ju-
 lio Bueno;
 . . . que o mais *damnado* é o Morei-
 rinha, vulgo Nhônô;
 . . . que o mais esquivo é o Lellis
 Vieira;
 . . . que o Chiquinho Silva e o
 Adriano o acompanham;
 . . . que o Frederico Thompson,
 idem, idem, na mesma data;
 . . . que o Gualter está enmagre-
 cendo muito, devido a uma paixão
 recolhida;
 . . . que o mesmo vai tomar o Lu-
 percio para seu curandeiro assis-
 tente;
 . . . que no fim do mez o Bento
 vai *energizamente* ajustar contas
 (olha o 69!) com muita gente boa cá
 da casa;
 . . . que as doces illusões do Pon-
 tes, vulgo *Luz Pinotes*, já se des-
 fizeram;
 . . . que quem se regala com isto
 é o Julio Bueno;
 . . . que o Carlos Oetterer é na-
 morado da, cala-te bocca;
 . . . que quem reconhece que o so-
 bredito tem bom gosto é o

BIDÓQUINHA.



BEIJOS...

Ao Arthur Goulart
 Oh! la musique eternelle
 D'un long baiser de sa bouche!...
 DE VIOLET

Quizera ver-te assim, com esses olhos
 Ninho de amor, na luz que fulge inquieta
 Na transparencia fina dos refolhos
 Que envolvem tua carne predilecta.

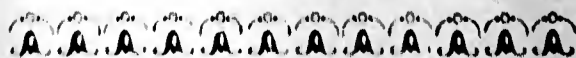
E esses que tú tens, labios rosados,
 Nascidos de uma petala da aurora,
 Fazem libar prazeres não gosados,
 Quando, na face, o teu sorriso enflora...

A tua imagem doce, delicada,
 Espargida de aromas, concentrada
 No culto deste amor, no meu desejo;

Vibra-me n'alma uma paixão fremente,
 Para esculpir-te, branca inteiramente,
 Na epopéa cantante do meu beijo!

S. Paulo, 22 XI-1898.

ELMANO MONTEZINO



REVIRAVOLTAS

As decifrações do logogrifho e das charadas do numero anterior são estas:

Alzira, Artimanha, Mandarin, Pobrelão, Harpa e Saudade, que foram decifradas por M. S., Alzira, Dr. Zanága, Bibi, Caracóles, Orelludo e Padre Bacalhau.

M. S. foi quem primeiro remetteu todas as decifrações, communicando que, se porventura lhe coubesse o premio, declinava d'este a favor do decifrador immediato.

A' Alzira, pois, será feita a entrega do premio offerecido um lindo botão de roza, colhido agorinha mesmo, por signal que ainda está rocioso.

* *

Hoje não estou disposto a cava-
 quear, não só porque a namorada
 brigou commigo, como tambem por-
 que tenho muito serviço, como se vai
 ver. Demos, portanto, um caloroso

Viva!

pelo 2º. anniversario do "Congresso
 Brasileiro, e entremos n'isto:

LOGOGRIPO

Ao DISTINCTO COLLEGA DR. K. BULOSO

Um dia em qu'estava „miquiado”
 Sem um *nicoláu* para o mastigo 3.4.12.16.7
 Resolvi... oh! Deus, que castigo!
 N'esta taberna comer fiado. 18.8.12.15.1.
 Mas imaginem meu espanto
 Quando a mulher do Zacharias, 11.3.14.9.
 [10.6.2.16
 Ao servir-me cousas frias,] 11.5.18.19.1.
 [13.1.17
 Pratinho qu'eu gosto tanto!
 (Não falando neste marisco) 20.17.3.19.
 [1.12.

Diz-me, toda azafamada:
 —Hoje aqui não se paga nada
 Por ser dia de São Francisco.

Como é de praxe dar conceito,
 Aqui o deixo e bem expresso:
 — É um bom socio do „Congresso”;
 Que eu muito estimo e respeito.

DR. ZANÁGA

ACROSTICO QUADRANTE

A V. BARBOZA

B = *Insignia*
 = *Planta*
 = *Vasilha*
 = *Mulher*
 = *Azar*
 = *Peixe*

E. LEPÊ

INSTANTANEAS

VII

O instantaneado de hoje não é da mesma procedencia que os anteriores, isto é, estes, com excepção do último, foram tirados do rol dos velhos e moços-casados, ao passo que o presente é solteirinhoda silva.

Os velhos e moços-casados — coitados! — só apparecem n'este salão para dançar uma quadrilhinha. O de hoje procede contrariamente: não perde uma contradança; rodopia vertiginosamente desde a primeira polka até ao galope, e ainda assim não fica saciado, porque no dia seguinte, dansa tambem na *cordabamba*, quero dizer, occupa o domingo todo em percorrer as ruas da Panlicéa, distribuindo barrêtas das ás moças com quem teve a ventura de dançar. Isto para elle é uma mania como outra qualquer.

Conhecem — não? Eil-o que atravessa o salão elegantemente enfarpelado e distribuindo sorrisos a todos, deixando verem — se-lhe os bellos dentes margeando os labios vermelhos e irritantes.

O seu porte é distincto. Tem sobrancellas, olhos e cabellos d'ebano; faces rosadas e nariz.... (a descripção do nariz deixo-a a cargo do Gabiroboertz, que a fará com acompanhamento ao piano). Os seus bigodes e barba são bastos que nem cabello de sapo.

Tem conversação correcta e agradável, e o seu brilhante talento tem perlustrado (com licença do snr. Anastacio Paz) as columnas d' "A Mariposa."

Apezar de ser um *enfant-gâté* das moças, uma gentil *demoiselle* já lhe pregou uma formidável *táboa*, que o tem trazido bastante *jurará*.

Os traços que ali ficam são destinados ás bondosas leitoras; agora temos os traços cá da casa.

Nos dias uteis, raramente apparece no *Congresso*, e quando o faz, é sempre ás carreiras, pois, si se demorar além das 9^{1/2} horas, passará pelo dissabor de encontrar o *plantão* do *Pé-Chato-Estrella* já dormindo.

Particularidade: *Vá se lambier*.

PERULICO

O ANNIVERSARIO DO CONGRESSO

S. Paulo, 26 de Novembro 1898.

Bem longe vão os tempos em que difficuldades tinham forças bastantes para obstar que uma agremiação qualquer attingisse bem alto o escopo de nobres aspirações.

A mocidade moderna não olha obstaculos, e, quando se propõe á realisacão de um sonho, de um idéal qualquer, avança sobranceira sobre o alvo que quer attingir, muitas vezes á custa de numerosos sacrificios, colhendo o fructo que a perseveranca lhes dá em premio.

O *Congresso Brasileiro* é composto, na maior parte, dessa mocidade emprehendedora e entusiasta.

Perseverantes são esses moços que, de mãos dadas á directoria do *Congresso*, conseguiram dar alicerces fertissimos a esta sociedade, que caminha a grandes avanços para um futuro soberbo de glorias.

Hoje que é dia de gala para a nóvel sociedade, pois que mais um anno volve sobre ella, e, longe de trazer o desanimo aos seus membros, deixa-os envoltos em festões, submersos em turbilhões de luzes deslumbrantes, mergulhados em dulcissimas harmonias de valsas febris e emocionantes; hoje que o *Congresso Brasileiro* enche os seus salões do que ha de mais bello numa festa ultra-imaginaria, eu venho render o meu fraco mas sincero tributo de admiracão a essa legião de moços, que têm sabido engrandecer e perlustrar o nome do *Congresso Brasileiro*.

Eu te saudó!

Avante, pois mocidade!

Salve, *Congresso Brasileiro!*

A. JUSTINO FRANÇA

CAVACO

Como é ruim a gente ter um chefe impertinente! Eu não bulia com ninguém; estava quietinho aqui no meu galhinho, quando inesperadamente surge pela minha frente a figurinha rachitica do Perulico que, com os sobrolhos cerrados e voz de trombone tocado, me interpella:

— Então, seu Colibri, vem ou não vem o seu *cavaco*? Olhe que A MARIPOSA está só á sua espera.

Ora, seu chefe, veja se me dá hoje uma folguinha, tanto mais que agora não tenho assumpto para envaquear....

Não quero saber de laudanças! Assumpto é que não falta; fale sobre moças, theatros, festas, modas....

— Sim! Poderia falar disso tudo, mas tenho motivos para não fazel-o. Não sou apreciador de moças (mentira, isto é só para embrulhal-o) e não frequento festas e theatros.

Quanto a modas, só sei como se fazem e se cortam coadores....

— Pois então, já que commetti a astucia de lhe reservar espaço n' A MARIPOSA e que vice, não tem outro assumpto, escreva algumas linhas sobre os coadores, o que, aliás, confesso não ser pouco.

Apezar d'eu ser dos mais fanaticos adorador da mulher, digo sem rebuço que ha por todo este mundo de Christo muita moça que sabe namorar, dançar, tocar piano, etc., mas que não sabe nem ao menos como se corta um coador, quanto mais cozel-o.

— Bom!... está direito. Escreverei sobre coadores, mas, se o seu chefe pudesse me dispensar....

— Qual dispensar nem meio dispensar! O que eu quero é que vice, encha o espaço, porque se não....

— Está bom, homem, não precisa *montar no porco*; encherei o espaço nem que seja com.... Dois Pausinhos.

COLIBRI

Pensamentos e Humorismos

A reticencia é a hypocrisia no livro, como a hypocrisia é a reticencia na sociedade.

JOSÉ DE ALENCAR

O coração da mulher parece feito de palha; incendia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza, que o mais leve sopro espalha e desvanece.

M. A. d'ALMEIDA

Chega-te aos bons, serás um delles.

MAMBRINDO

Honra e proveito não cabem no mesmo sacco.

JORGE HERBERT

Se tivermos maneiras distinctas, seremos distinctos.

SHAKSPEARE

Triste condição a daquelle que se não pôde erguer acima de si mesmo.

DANIEL

Uma nobre senhora acaba de perder o marido e chora tão funesta perda nos braços de uma criada:

— Ah! Ricarda, como elle era bom! Nunca mais terei seus beijos e abraços.

— Nem eu, minha senhora!

Entre primos:

Alfredo diz á sua prima, que acabava de entrar na sala com uma bellissima maçã na mão:

A Distincta Associação
Recrutante "Lyris Paulista"

N. 10

26 de Novembro de 1898

ANNO II

MARIPOSA

Revista Literaria do "Congresso Brasileiro"

EXPEDIENTE

A MARIPOSA será distribuída gratuitamente aos Srs. Socios e convidados do Congresso Brasileiro, nas noites de diversões.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida para o Congresso Brasileiro, Rua Benjamin Constant, N. 21, a redacção d'A MARIPOSA, S. Paulo.

"Congresso Brasileiro"

S. Paulo, 26 de Novembro de 1898

Esta Sociedade abre hoje gallardamente seus Salões, para solemnizar o seu segundo anniversario.

Para todos os congressistas o dia de hoje é sem duvida cheio de encantos, de flores e de glorias, porque sentem-se jubilosos assistindo á marcha progressiva em que avança dia a dia esta Sociedade.

Na verdade, é motivo para jubilo contemplarmos o segundo anno de existencia do "Congresso", num festival de flores, porquanto muitas outras Sociedades Congéneres, que se têm fundado mensalmente nesta Capital, salvo rarissimas excepções, não tido vida ephémere.

A MARIPOSA, congratulando-se com o "Congresso", do qual é filha, e traduzindo exuberantemente os sentimentos de todos os socios, felicita, venhorada, ás Exms. familias e Cavalheiros que têm sobremodo contribuido para o brillantismo desta Sociedade.

Salve, pois, "Congresso Brasileiro"!

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA

O eminente brasileiro cujo nome encima estas linhas, e que ha poucos dias desapareceu do numero dos vivos, era uma dessas entidades extraordinarias para as quaes todos os encomios são poucos, todos os elogios são pequenos.

Era o dr. João Mendes de Almeida não só um ardente patriota, um fervoroso catholico, um notavel juriscônsulto, um jornalista de primeira agua, um parlamentar vibrante, mas ainda um character sem jaças, um homem de bem.

Bem poucas vezes têm apparecido no mundo inteiro intellectualidades tão vigorosas e de uma erudição tão profunda e variada como a desse cidadão illustre, que a morte acaba de ceifar.

O seu trespassse foi um dos mais dolorosos golpes que, até hoje, tem soffrido a nossa nacionalidade. As homenagens que lhe foram prestadas, após esse luctuoso acontecimento, bem attestam a conta em que nós os seus patricios, o tinhamos.

E, com razão, o veneravamos, e com razão, o acatavamos, e com razão, o respeitavamos, porque o dr. João Mendes de Almeida não era um talento—era um Genio; não era um homem—era um Santo.

Ao Genio, as homenagens posthumas dos seus patricios glorificaram; ao Santo, o galardão de suas proprias virtudes o premiará com a bemaventurança eterna!

Artes AGNUS.

Ruínas

Por ti sonhei venturas fabulosas,
Sonhei riquezas, glorias triumphantes,
Pompas e galas, cousas mysteriosas,
Num Céu de amor, em gosos scintillantes.

Louco, vaguei em torno do Ideal;
Amado, fui ao cimo da Esperança,
Cego de crença, e em campo lirial,
Flores colhi pra tua loira trança...

E quantas vezes, ao clarão da Lúa,
Pallida e triste, no azulino Céu,
Eu decantei a formosura tua
Doce, atravez de immaculado véo!

Quantas, meu Deus! quantas profundas
[dores
Soffri chorando na quietude immensa
Da solidão de meus gentis amores,
Que eu devotava fervorosa crença!

E tu no entanto não sonbeste, oh virgem,
Dar-me esse prêmio que sonhei soffrendo,
Nem supuzeste que a infernal vertigem
Deita descrença já me vai pendendo!

Pois bem. Prosegue a tua curta estrada,
Deixa pender, arrependida e só,
A tua fronte já por mim cantada
Sobre o meu corpo transformado em pó.
S. Paulo, 98.

LELLIS VIEIRA

Meus bibelots

LAVINIA

Oh natureza, deixa-me boiar
Do mar dos sonhos nas subltis espumas!
MEDEIROS DE ALBUQUERQUE.

Foi a bordo do *Tanger* que conheci aquella encantadora senhorita: chamava-se Lavinia. De sua belleza, ainda conservava bem firmes os traços de uma correção plastica; bem se revelava em seus olhos negros, de um fulgor de diamantes pretos, desse negro profundo, promettedor de um longo idyllio de amor...

Seus labios, do puniceo de morangos bravos, pareciam supplicar, no hemystichio da bocca, uma cavatina sonora de beijos, de longes beijos demorados, á flor sedosa e quente da face, de um moreno claro, para, no dizer dos bellissimos versos de Rostand,

D'un peu se goûter, au bord des lèvres
[l'âme!

O que, porém, mais realçava o seu elegante porte de Madona era a correção olympica de sua formosura, de uma suave delicadeza artistica, de uma doce perfeição de traços.

Mas, todo aquelle delicado e elegante conjuncto feminino soffria, soffria muito.

Aquella encantadora rapariga amaria, sentiria no seu terno coração de moça o fluido de um primeiro amor, profundo, casto e santo?

Talvez que já amasse alguém, que ficára longe,

Na curva extrema, do horizonte extremo...

Quem sabe? Aquellas tristezas, aquelle vago scismar, ás tardes, reclinada na *chaise-longue* de bordo, os olhos negros, de um negro profundo, mergulhados, perdidos além

*Na curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...*

As horas silenciosas da noite, quando, a bordo, uns procuravam descanso, outros, passageiras distrações, um divertimento qualquer da *serata*, a bella senhorita, numa saudade nostalgica e quasi dolorosa, sentava-se junto ao piano da sala e cantava, cantava muito, num desabafo melancolico e dolente de sua alma candida de Julieta, e as notas daquelle canto dorido elevavam a alma n'uma vibração mystica, como que ouvindo-se uma symphonia invisivel, de meigos serafins, e ella cantava, cantava sempre!...

S. Paulo, 22-11-98.

M. VALLE



N.º Ident.

44

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal Mariposa

Dia

26

Mês

Novembro

Ano

1898

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

39

N.º M.

116

Pavilhão dos Dragões

E' com sincero jubilo que te saúdo, ó glorioso pavilhão.

Não é de hoje que tremúlas á nossa frente, como o guia querido do nosso futuro!

Os teus louros, o teu passado, bem valem uma epopéa.

Balouças ao vento, e desfraldado, as tuas côres, vivas, enchem-nos de entusiasmo; qual o baluarte de uma cruzada tu nos encaminhas para as pugnas do porvir, honrando sempre o passado.

A' tua frente estão os *Dragões Carnavalescos*, nobres no porte, altivos cavalheiros, que te saúdam e respeitam o teu passado honroso.

Venceste a inumeros inimigos e nessas porfias victoriosas, foste enlaurecido, sagrado pavilhão que todos nós defendemos, com estremecido amor e carinho.

Como fundador do *Club Dragões Carnavalescos*, eu proclamo a tua grandeza, ó pavilhão adorado, á cuja sombra, outr'ora, os *Arautos do Averno* tiveram dias de gloriosa existencia!

Salvé, pois, ó pavilhão bemdito, que nos estimulas para as conquistas, que nos apontas a trilha da gloria.

Salvé, decantado estandarte em que refulgem as côres dos *Dragões Carnavalescos*!

Salvé, sacrosanta flamma, que ha de levar os exercitos de Momo ao pantheon victorioso, com gaudio infinito dos destemidos *Dragões* que representam a sua invicta guarda de honra.

Salvé, tres vezes, salvé.

Lord Nababo.



Atenção

Tendo arribado no porto de Badaró a Falúa *Alicius* com os fundos arruinados e grande avaria na ré, abre-se concurrencia em carta fechada para o concerto da mesma, sendo a mudança da *Caldeira* e calafetar todas as pregas do *Costa...do*, não deixando nada em branco.

Para tratar á rua Formosa, 10—com o sr. Rangel Cussen Pestana.



Professora de Flautin

A professora abaixo assignada, com o diploma do Conservatorio de Paris, dispondo de algumas horas, acceita alguns alumnos de flautim em clave de Sol com Lua para tratar á rua Libero Badaró 24, com Mlle. Fernanda.



Alumno de Trombone

Quem precisar de uma boa professora de Trombone de boa embocadura, em clave de Lá maior, pôde procurar Mlle. Norma, á Travessa do Grande Hotel, 4.

Qualquer alumno ficará satisfeito porque lucrará muito com suas sabias lições. A professora fornecerá o instrumento. Pagamento adiantado. Preço 69\$ mensaes.



Mlle. Helena com grande pratica de tiro ao alvo, precisa *tomar* alguns alumnos. Garante o seu trabalho. Quem pretender pôde dirigir-se á rua S. José, 47. Aos alumnos que não possam assistir ás aulas durante o dia, será permitido irem á noite e para esse fim a professora tem o seu *Holophote*.



Mlle. Ema, ex-discipula de Mme. Regina, com o grande premio do Conservatorio de Milão, precisa de alguns alumnos que queiram aprender *canto e piston*, garante que em poucos dias qualquer alumno ficará *prompto*.

As notas mais agudas serão tiradas de qualquer piston, embora já tenha grande uso. Em voz não tem competidora não sendo preciso abrir muito a bocca para tirar as notas mais maviosas. Para tratar á rua S. João 69. Pagamento adiantado, 10\$ cada lição.



Telegrammas da ultima hora

Ribeirão Preto, 2.—Sigo baile hoje—espere com fo... guetes.

Abobrinha.

Campinas, 2, ás 2 1/2 horas.—Talvez de escreva Costa, mais eu tou lá, sem falta.

Gatinha.

Rio Claro, 2, ás 11 horas.—O turco não mandou vestido seda, passou carona e foi sahindo.

M. Rosa.

Rua Ypiranga, 8 horas da noite.—Esperem povos e póvas, iremos se mandarem tres carros, não embarco em boleia.

E. Leonor.

Ladeira S. Francisco, 8 1/2 h.—Devido a uma aranha, talvez não vá baile, mais arrisquem carroça que irei.

D. Margarida.

Becco do G. Hotel.—Encommodada com o *Holophote* que tanto fallam, ahi estarei.

Alice.

Rua Ypiranga 55, 9 horas.—Cá tenho marchante e bom, como está pegando no *Holophote*, espero acabar para cahir na troça.

D. Orica.

S. João 62, 11 hs. noute.—Tó fo... riosa, co as costorera, se sinhá companhera tãobem arrastá o pé p'ra lá, eu vô.

Mulata.

S. João, esquina Ypiranga, 6 1/2 h.—Agora estou com o amigo, quero nota, se elle marchar, então ahi chegarei com a tropa.

Cecil.



Implicamos

Com os vícios do Frei Rabecão que só procura abrigo nos grandes *holophotes*.



Com os sons maviosos da celebre flauta quassi lisa do nosso Monteiro.



Com a falta de decencia de um frege dos Maneis frequentado pelos camaradas cá da casa.



Com a perseguição do dragão Sá para um caloteiro.



Com os amores de boticario.



Com o rabicho de um Periquito.



Com as redes amorosas para a Bugrinha do celebre T. Zinho.



Industria nacional monopolisada

O conhecido industrial *Zé Gostoso* adquiriu todo o *stock* da conhecida manteiga nacional marca *Timbó*, que em poucos mezes já conta muitos apreciadores.

O seu deposito provisorio é no antigo Largo do Escuro.

Peixe

Na noite de terça-feira ultima foi encontrado, nas malhas de uma rede *Tymbó* (palavra tirada do Allemão), um grande *dourado*, peixe muito raro no Brasil.

Este peixe, cahiu na rede, porque andava á procura das espinhas, (sapatos) que deixou em casa da... Ali... ce, procura boas *postas*...



Alviçaras

Dão-se alviçaras a quem dêr noticias, de um rapaz, que todas as noites se perde, na Travessa do G. Hotel.

Consta-nos, que a Cavalheira o tem dentro de uma gaiola feito periquito. Será verdade?!...



Venda de Plantas

Na rua General Osorio, em casa da Julia, 50 (Taubaté), vende-se um vaso com uma planta chamada arruda, muito boa, para dores de cabeça, assim como, serve para defumadoiros...

Esta senhora, já conserva a *planta*, desde o Carnaval de 902.

Faz-se redução no preço, por já estar velha.



Receita

Para golpes em dedos e mais partes adjacentes, é aconselhada, pelos maiores sabios a teia de Aranha.

Vende-se na Ladeira do Ouvidor, 24.



e das espertezas, como dizia o Zé Povo.

Pobres... todos ficaram a lambem os dedos (os que tinham dedos).

Ali... chorava em um canto da Rua da Esperança ao depois de pôr a *mão-zinha*... de fóra, um homem, cujo olhar sizudo demonstrava arrependimento do conto...

Nós outros, riamos a bandeiras despregadas por não haver consentimento de *trambolhos* nas Ruas, pudera!...

Quantos homens louros de olhos verdes para encobrir a velhacada ou a malícia, encontravam-se nas ruas com um livro em baixo do braço?

Um delles eu encontrei, pedindo a uns, pedindo a outros, seu concurso de... *dinheiro*, para ajuda da grandiosa bandalheira, mas que azar!? nada arranjaram, e o pouquinho que havia em *caixa* não dava nem para vestirem-se, que é, como meus leitores e leitoras sabem, que isto é da praxe d'elles, *vestirem-se com dinheiro alheio*.

Ainda me recordeo que na vespera do *Carnaval* vi alguém na porta d'um Hotel, com um pequeno embrulho que parecia conter um *livro d'ouro*.

Puz-me a espreitar, e, qual não foi o meu espanto, quando vi que todos que tinham a infelicidade de sahir do Hotel, tomavam atracadellas de criar caruncho?

Por fim sahiu um homem, que foi acompanhado pelo menino dos olhos verdes (que hoje usa *cavaignac*) acompanhado até o *X. P. T. O.*, fazendo ver que o *Carnaval* delles ia ser uma beleza, que tal, etc. etc. e pinguinhos...

O referido hospede, que parecia de ferro ou bronze, não mexia-se nem a balla, nem a chumbo e nem a facada, ficando tão desesperado, que terminou passando-lhe uma tremenda descompostura, com o que sahiu o menino já referido, de barriga, até ir de encontro com um outro seu companheiro, *moreno, baixo, gordo, dentes postiços*, que lhe estava esperando encostado a um póste da Ligth.

Os taes desappareceram debaixo do meu provocante riso, indo dar com os costados em *sua espelunca*, aonde á noite

havia fuzo obrigado a *samphona, pinga, gomma*, etc. etc.

Desappareçam, pois, esses vagabundos, levando na testa o letreiro: *Pasadores do conto do vigario*.

Minha fraca opinião é que todos fossem desterrados para a rua da Esperança, porque castens, ébrios e larprios, só encontram logar na cadêa.

Nós outros, rapazes de gosto, do trabalho e de consciencia tranquilla, continuamos a nos esforçar para que esses imbecis não tenham entrada em nossa caverna, para evitarmos a desmoralisação e a sarna contagiosa.

Elles... Tem acontecido mais do que uma vez sacrificarem a mulheres para que não venham ás nossas modestas festas; emfim, essas boas companheiras são obrigadas a ficarem com elles, porque dahi é que parte o seu lucro, com o fructo do trabalho pernaes, das nossas veteranas companheiras, depois do que, vão saborear o excellente *prato de sopa*, que em compensação muitas das vezes são offerecidos expontaneamente por ellas, pelas mulheres fracas, que amedruntam-se com as cantigas desses aguias exploradores.

Todo nosso fim é extinguirmos para sempre tudo o que possa nos prejudicar, como por exemplo: elles...

Em tempo:—Ainda hontem vi de carro com uma mulher, um desses, portanto:

Eu mesmo.



O passado e o presente

Já lá se vão os tempos, que eu, forçado pela mocidade, contava cousas do arco da velha, que era mesmo um pagóde.

Hoje nada, nada mesmo posso dizer, perdi tudo até a força membral e, para o que dou provas.

Em minha mocidade, dava uma, duas, tres, quatro, cinco e até dez me...

didias de prosa, que fazia a muito bella leitora snar a bom suar, ou mesmo a uma bella crioula do gosto cá do seu Lord Nababo (*ai, seu Costa, deixa de Holophote... deixa nega, deixa, sou doente, sabes?*), rapaz que a respeito de crioulas, mulatas e morenas está sósiinho, assim me disse uma rapariguinha de... Ribeirão Preto, a quem por fim elle deixou viciada.

Mas, como ia dizendo, estou mesmo fraquinho que até faz pena, pois consultando com o Dr. Chinapolis, medico fanchonatico e duma tactica asthmatica, receitou-me que comesse o *Dourado*... pois era o peixe que não podia fazer-me mal, regado com antarctica.

Não quero deixar de dizer quem sou, quem era e quem posso ser, d'onde venho e p'ra onde vou.

Não me conhecem, não é? é a mesma cousa... Eu sou tambem (*coitadinho de mim*) apreciador d'O *Holophote*, do jornalzinho que hoje nasceu de uma sucia de loucos, que não olham esforços e nem dispendios.

Sou apreciador inimitavel do joguinho da zorra (*o bicho está muito conhecido*), e até carnavalesco do tempo que: *China* escrevinhava os seus jornaes em latinorum.

E sendo assim, me dando a conhecer, peço aos *Arrudorum, Monteororum e Antonium* da ladeira, apresentem-me a uma casa séria aonde encontre peixe e verduras, porque de hort'Alice, segundo disse-me o Dr. Chinapolis, sómente posso comer verdes *abobrinhas*.

Portanto, queridas leitoras holophoticas e bizorros da tempera do Costa, com certeza já me conheceram, por isso me retirando da conno...tação que entretenho com todos vós, ás mesmas relações offereço-vos no Cú...batão, para onde vou de mudança.

K. Mello.



III dos Gregorios Amineticos Anus

Tiragem
á vontadeAssignaturas
talvez...

Holophote

PROPRIEDADE DE CLARIMUNDO, GREGORIO & C.ª

JORNAL SEM EIRA NEM BEIRA

DO

Club Dragões Carnavalescos

Sententia — Quem fôr sabio não leia.

EXPEDIENTE

Para que se não diga que por falta de expediente, deixamos esta secção sem expediente; participamos aos nossos futuros annunciantes e assignantes, que podem mandar a importancia das mesmas em papel moeda de fabricação nacional ou mesmo em lettras *marca estrella*... social.

Eis um expediente..

A Redacção.



Queridos ledores.

Eis-me! ou por outra, eis-nos!

A' primeira vista, pelo titulo, julgarão que vimos para projectar sobre o resto da humanidade, centelhas e fochas luminosas, partidas de nossas cachólas!

Sem telha somos nós em mostrar tanta coragem; coragem e caradurismo!

Não se trata da humanidade em peso, mas sim d'esta particula que vive conosco, que conosco se diverte e goza!

Não somos portanto: um objecto electrico, illuminativo, antes *pela contraria*. O nosso *Holophote* (salvo seja) é modesto, é mais uma lanterna mágica, ou simples marmota onde pobremente exhibiremos a resenha de nossa vida so-

cial interna e alguma vida particular externa... de outros.

O que se poderá esperar e exigir de nós?

O que pôde produzir o *cerrebello* de uns gajos, que de lettras, só conhecem as com que marcam os volumes, as com que se correspondem com freguezes do interior e as que por informações de jornaes, sabem que existem, mas falsas, da municipalidade Santista?

O que podem dar uns desenxabidos sem espirito (droga esta que conhecem porque a vendem e mesmo dão algum gasto quando, de tantas ás tantas, fazem *as onze*), uns desageitados que de tanto pucharem pelo cabo... do martello todo santo dia e todo dia santo, acabam quasi sempre... na mão dos patrões?

Nada se pôde dar, nada se pôde produzir, a não ser... dividas.

Nada esperem de nós.

O nosso *Holophote* (isóla) não trará irradiações luminosas, mas sim uma luz frouxa, broxulea, morta mesmo, em materia litteraria.

Será um jornal particular, burguez, pacato, brincalhão tal como um bom chefe de familia que vive entre os seus, de chinellos de liga e calças de chita.

Si, dentre as suas mal alinhavadas linhas apparecer uma cortadella no vosso casaco, uma alfinetada na vossa pelle grosseira de empregado, não dae cavaco,

é troça, é pandega, porque, como bem dizia o abbade de minha freguezia: *rindo castigat mores*, que, em vernaculo, quer dizer: *os rendidos não causam os amores*.

Si, benevolo ledor, encontrardes no corpo do *Holophote*, faltas, taes como: pontuações, prosodia, orthographia e quejandas grammatiquices, não fazei caso, porque nós só conhecemos estas cousas por ouvir fallar, estamos ha muito de relações cortadas com estas cousas de litteratice, deixae-nos obrar á vontade; isto de linguistica, é linguado que não se aduba a nós.

Porisso, si depois de passeardes os curiosos olhos por cima de nosso mal amanhado jornal vos quizerdes desfazer d'elle, rasgae-o, para que outros não se aproveitem, para que outros não vão ferir o retina do olho nas projecções luminosas de alguma passagem baixaira.

Abandone-nos, menos no numero... presente.

Clarimundo Banana.



Nós e elles...

Já são decorridos dous mezes que o *Glorioso Carnaval* suspendeu acampamento rindo-se dos manos da lambança



N.º Ident.

43

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNALIS

Título do Jornal Holophote

Dia

Mês

Ano

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

39

N.º M.

116

Teria sido um capricho, um desses caprichos juvenis que arrastam a adolescência aos tetricos abysmos da desventura? Também não! Naquella alma candida e sincero, naquella coração inacessível, naquella honradez sem jaça, os caprichos não encontravam agasalho! Primogenita educada com todos os desvelos e carinhos de que era merecedora, por sua vez não contrariava as vontades paternas; antes, ao contrario, obedecia-lhes! Si bem que "neste ponto delicado, que é o amor e o ser amado", como bem dizia o poeta, a obediência sempre tem um limite, ella, entretanto, preferiu ser martyr das vaidades paternas, martyr da sua obediência!

Quem diria que horas tão amargas lhe estavam reservadas!...

GRAÇA E OLIVEIRA

VISÃO...

Detem-te, mulher... Quem és?

De onde e para onde arrastas este trophéo que certamente ganhaste nas luctas emprehendidas para a debellação das palmas?

—Sou a musa.

—Qual das musas?

—A que preside a poesia lyrica. Venho daquellas terras, então des cortinadas pelo deus Apollo, e me dirijo augusta pelos caminhos espinhosos da eternidade! Tenho atravessado campos matizados de ramas olorosas, tenho deixado em meu trajecto o perfume embriagante, como o perfume que as flores exhalam no mez de maio... O immensuravel sopro épico que beija estes cabellos louros e ondulados, passa por sobre as cabeças jovens deixando o per-

fume da inspiração... Sou, na realidade, a deusa Polymnia, aquella densa de outróra, a illustradora daquelles povos da antiga Grecia e de Roma... Demosthenes e Socrates — Cicero e Varrão alimentaram-se da força magistral desta mythologica divindade...

—Perdô-a, oh! Musa, perdô-a me, que sou um simples mortal. Sim... um simples mortal, porque soffro muito para obter "o pão nosso de cada dia".

—Não te afflijas, oh! nobre trabalhador, não te afflijas... Recebe este punhado de flores, em cujas pétalas encontrarás a felicidade e a paz!

HELENO SANTIAGO

Concurso litterario

Desejando desenvolver o gosto pela litteratura, abrimos, com este numero, um concurso, que julgamos agradará os leitores nossos collabores.

Consta do seguinte: compor um soneto sobre qualquer thema, porem que seja primoroso, pois ao que fôr considerado em primeiro logar offereremos um livro de sonetos de Antonio Corrêa d'Oliveira.

Os trabalhos serão julgados por uma commissão especial cujos nomes depois publicaremos nesta secção.

O presente concurso será encerrado com o nosso 4.º numero, e a seguir, abriremos um outro de contos.

Os trabalhos devem vir separados de qualquer escripto e com a declaração "Para o concurso litterario".

Ao trabalho pois, amantes da musa.

Sem Coração

A' Mathilde

Sonhei!

E contigo, ingrata!

Sonhei que ao teu lado, quasi abraçados, eu te lia os meus versos... os versos que irromperam do meu coração.

Com voz commovida, o olhar fascinado, eu procurava exprimir o que os versos não podiam... Haverá palavras que traduzam os mysterios da alma?...

Entretanto... que olhar extranho o teu! Pareciam de vidro os teus olhos! Não eram ternos e amorosos não!... Que olhar extranho!...

Sorrias? Podererei dizer que sorrias?... Merecerá esse nome o teu sorrir petrificado, inexpressivo, o teu sorrir de estatua?...

Ingrata!

E desejando ler os mysterios da tua alma tive uma idéa... porque a tive? Infeliz!...

Reclinára o Evangelista a cabeça ao peito de Jesus e revelaram-se-lhe todos os segredos do Coração Divino.

Porque não faria eu o mesmo contigo?

Talvez assim adivinhasse a razão do teu olhar inexpressivo, do teu sorrir petrificado...

E reclinando a minha soffredora cabeça no teu seio, escutei...

Ouvia o arlar monotono, regular indifferente do teu peito...

Ouvia mais... mais nada!

Horror!

Não tinha coração!...

JOVIANO SILVEIRA

PENELOPE

Por COSTA MAGEDO

Guilherme Arronches creara-se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda destruia calçotes fendidos atraz, e já papagueava vestidos, cousas de entontecerem os fedelhos apocados d'intelligencia, E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares n'essa balda: o sea delirio, inflado como ôdre cheio, é megalomania esbrazada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho d'um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessa mais rica do lugar — Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'oiro que topara nas ourivesarias! Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que se pae lhe daria... — isto era segredo, não o fôsem espalhar — um dote de alguns contos de réis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais

bella, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costa, cacheiravam a gargalhada estrondejante da caçada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em miseria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado, ao comboio de Braga para o Porto.

(Continúa)

O meu amigo Astolpho

Esse moço engenheiro fôra incumbido da construcção de uma represa de pedras, para utilização do curso d'agua que alimenta os moinhos de Edwards-Ville na fronteira do Canadá com os Estados Unidos.

Rapaz louro, um tanto delgado, elegante nos seus movimentos extremamente sympathico apesar de uma sombria timidez, que emoldurava esse conjuncto de belleza adonica e attrahente. Tinha 26 annos de idade.

O açude tinha trinta pés de altura e outro tanto de base.

Durante os trabalhos appareciam alli, visitantes das circvizinhanças, não tanto pelo interesse que essa nova obra de hydraulica pudesse inspirar, mas para apreciar o movimento regular, a ordem dominante nos trabalhos de execução em tão diminuto espaço occupavam mais de 50 operarios.

Dentre os vizitantes diariamente apparecia um Senhor Farmer idoso acompanhado por uma linda moça, morena, cabellos lisos e volumosos, olhos pretos, bocca pequena, d'uma belleza excepcional lembrando os perfis e as sublimes concepções do grande Murillo.

Essa moça interessava-se ante as obras, do seu director que não perdia de vista um só instante, impedindo-o nos seus movimentos, nas suas ordens.

Não quer isso dizer que o meu amigo Astolpho desapprovasse o insistente interesses d'aquella fiscalização diaria. Antes pelo contrario aquelle olhar attento e persistente acompanhava-o até nas horas de descanso extasiando-o completamente, aquella morena dos olhos negros tinha-se apoderado d'elle. Tinha invadido a alma do pobre rapaz.

Passaram-se os dias, o serviço estava para completar-se, e a visita diariamente continuava com a regularidade de um cronometro, sempre nas mesmas horas, a tarde, e sempre uma rosa cahia das mãos esculpturaes da moça nos interstícios das pedras do paredão em enconstrução.

Que capricho seria esse?

Mysterio!

Afinal n'um combate d'alma entre o desempenho do proprio dever e o desejo de nunca mais acabar, nunca mais perder tão agradaveis visitas, chegou o dia da inauguração da represa. Nesse dia, fechadas

as compórtas, o curso d'agua tomaria novo destino e o termo da sua missão o levaria, sem saber aonde no isolamento, no grande immenso deserto do mundo com a alma dilacerada sem mais esperanza no futuro, feito atôa inconsciente no meio das alegrias e dos soffrimentos alheios!

Pobre rapaz!

As aguas subiam, subiam e o pobre pensativo sentido á margem do ladrao, foi de repente attingido pelas aguas. Quiz esquivar-se, subir no coroamento do paredão e nesse movimento perde o equilibrio, desce levado pela correnteza no turbilhão do escapamento n'uma dança vertiginosa de Waltzer, n'uma dança infernal, precipitada, veloz, sem soffrer, extasiado, num murmurio de mil musicas que o embriagaram e o transtornaram sem sentidos no alto da parabola da vida, do vacuo.

Um instante e nada mais.

Horas depois, accorda sob a pressão delicada de mãos mimosas e brandas dentre os negros e finos cabellos; a mão salvadora, a mão das rozas. E a formosa morena, aquella que com assidua vigilancia, sem demonstracção de interesse soube salvar o mestre e o seu sonho juvenil, e assiste toda de amar e de esperanza.

R. LANZONI

LAGRIMAS

A' minha bôa Mãe como recordação ao seu filhinho José, per occasião do anniversario da sua morte.

Eras pequenino e bello!

Flôr tão graciosa, jasmim tão candido e gracioso, cujo perfume embriagante — as tuas caricias me traziam arrocibada!

Eras como um botão d'uma camelia branca, um astro refulgente, a reliquia de teus estremosos paes!

Os teus cabellos negros, tão negros, cujo brilho tão formoso me vinha deslumbrar, eram o sol da minha vida, out'ora cheia de encantos e harmonias e hoje deserto tão assombrado de cruzes e tão juncado d'espinhos!

A noute das minhas maguas, afugentada era pelo teu olhar e devino e luctuoso!

Assim como o orvalho da aurora nas frescas manhas de Abril suavi-

sa as petalas das flôres, tambem o teu sorriso era o balsamo consolador para as minhas dôres e soffrimentos!

O ruido suave da tua voz, hymno que parecia vindo do céu, fazia o meu coração palpitar de jubilo: enchia-o de alegria e felicidade, como se rosas desfeitas, cobrissem com suas petalas delicadas o meu peito!

O teu nome, a caução suavissima dos meus labios e que ainda hoje repito, cheio de amor e saudade, articulo o como si fôra uma oração. era o nome do Pai Divino, era o teu nome — José! Nome que vem do Céu, que exprimes, tanto amôr!

Quando tua cabecinha em meu peito se reclinava, os anjos do Céu pousaram sobre mim as suas azas, como um escudo de diamantes, que me tornavam cada vez mais forte e orgulhosa!

E quando tu enfermo, e quasi que exgottado das tuas forças, proprias desses teus labios já descolorados, precioso cofre dos meus beijos, o nome do bom l'apá, choviam petalas d'ouro ante os meus olhos e os anjos do Paraizo, sorriam para mim!

BEATRIZ N. MOREIRA

Desditosa...

Eil-a... A desventura em pessoa...

Conhecia outrôra arrastando sedas e fulgurando na alta roda, nos grandes saraus, "num voltear sem fim", como si fosse um astro de primeira grandeza!

Encarnava perfeitamente uma das "gratas" mythologicas de que a lenda nos dá noticia... No seu riso franco, espontaneo, sincero, encontravam-se "verdadeiras risadas de crystal"... A sua voz, Argentina, soava tão docemente aos nossos ouvidos, como si estivesse ao piano executando deliciosos trechos dos maestros de mais e nome... Si cantava, todos a ouviam, silenciosamente, inebriados, como si estivessem longe da realidade deste mundo de desenganos, num outro mundo phantastico onde tudo era encanto... musica... poesia...

Não é crível que, escrava de sua paixão, n'um desses momentos de odio, de amor ou de desespero, anniquilasse para sempre o rosno futuro que lhe sorria! Sim, não é crível, pois que eu bem a conheci... Poder-se-ia dizer que o seu coração era um bloco de granito, frio como é fria a gélida sepultura e inacessível como a rocha mais escarpada!

PADRE

Eu quizera ser padre, extranho visionario,
Ajoelhado viver ante um altar augusto,
As mãos birtas, o olhar clemente; solitario,
Eaviar mil orações, a Deus, o santo, o justo.

Ser da crença e da fé o invejavel hostiario
Abençoar e benzer o mundo arido adusto,
O fervor transbordando, ardente extraordinario
Tornal-o humilde enfim como fragil arbusto.

Ser padre, s.m. do amor, da paixão, do desejo
Beber todo o nectar duma sanguinea bocca,
E ajoelhar-me ao altar sacrosanto do beijo.

Lêr a b.blia do amor no fogo dos abraços,
E depois de pregar a paixão santa a louca,
Trucidado morrer na cruz duns alvos braços!

(S. Paulo) JOSÉ JORGE DAS NEVES

CONTO Á CATULLE MENDÉS

Noite de São João. Ao calor irradiante da fogueira evolue, salta, cabriola a creançada garrula e travessa, queimando fogos em honra ao padroeiro.

Mais distante, em grupo, o moçame prepara a sorte que, na madrugada seguinte, terá de dizer o futuro de cada um.

Voluntariamente relegados a um canto estão, elle e ella, muito aconchegados, como que procurando no mutuo calor, lenitivo ao frio da noite.

Elle, alheio ao que em redor se passa, cicia lhe doces palavras junto á conchinha do ouvido. Ella, embevecida na contemplação das chaminas avermelhadas, parece somente escutar as crepitações da fogueira.

— Não acreditas? pergunta elle.

— Não!

— E se recorreremos á sorte?

Ella volta-se: seus olhares encontram-se num sorriso.

— Pois bem, recorramos á sorte.

Separam-se: enquanto ia ella á busca do classico copo d'agua da sorte, preparava elle alguns papelinhos quadrilateros.

Collocam o copo, a transbordar, sobre a mesa.

Eis aqui seis papelinhos, diz elle, mergulhando no copo os papeis enrolados em canutilho. Num delles vasei minha alma na palavra — Amo-te! — Os outros nada contem. Si o papelinho que se abrir fôr o escripto, acreditarás na sinceridade do meu amor?

— Sim, acreditarei.

E ambos se curvaram sobre aquel-

le microscopico oceano onde o futuro de duas almas se ia decidir.

E um dos papelinhos, empregado de humidade, primeiro que os outros se foi abrindo, desenrolando, chapando-se na superficie do liquido, gritando numa letra redonda e graúda — Amo-te!

— E agora, acreditas?

— Sim, acredito, responde ella num abraço.

Mas (sempre a curiosidade feminina a prejudicar a humanidade) quiz ella revêr a palavra de felicidade: de novo lança o olhar ao copo, reparando então que outro papelinho se havia desenrolado e que outro e outro se iam desenrolando e que todos bradavam em côro, na mesma letra redonda e graúda: — Amo-te! Amo-te! Amo-te!

S. Paulo, Julho de 1916

AFFONSO DE FREITAS JUNIOR

BUCOLICO

A' mar-em de um caminho, ao levantar da aurora,
A passos lentos, rindo ou então cantarolando,
Cheis do carbo e luz uma esbelta astora
Conduz de manso gado um jubiloso bando.

O alegre passaredo evolue canto brando,
Harmonioso e pelo azuleo espaço a fóra
A brisa levemente e doce vae soprando...
Saadando essa manhã tão bella e promissora.

Borboletas gentis esvoaçam ligeiras
Pelo escuro ervaçal entre flores fagueiras
Num bando multicolor, o mel, lentas libando.

Sespensteia o rega o entre a verde campina...
E do lago na amena agua tão crystalina
O sol se espalha ardente, aureo lume espalhando...

(S. Paulo) ALFREDO TEIXEIRA GRAÇA

O PASSADO

Ao O. R.

Acceitando o amavel convite que me foi feito por um distincto amigo redactor da «A Florencia», alinhei estes desprezenciosos e humildes rabiscos para prehencherem os recantos falhos das columnas deste bem elaborado jornalzinho.

Um thema qualquer. Por exemplo, o passado:

O passado, como vêdes, indulgentes leitores tem sido o assumpto predilecto de inumeros e competentes escriptores que souberam com finas tintas e esplendidos sombreados pintal-o; ora com as magnificencias da purpura e dos céos a-

zues e limpidos da nossa patria; ora com o rôxo vivo das corôas que se alcandoram nos feretros, ou ainda com o preto sinistro e mortuario de que se vestem as casas de onde sahu a pouco nma parcella inescuecivel e adorada, um coração amigo e companheiro, deixando um outro viuvo e lacerado pela dor tamanha de inegualavel perda

E com tudo, é interessante, não nos fartamos do passado; queremos saber o de outrem e gozamos immenso quando revelamos o nosso á um coração amigo e complacente que nos ouve callado e cheio de ternura.

Muitas vezes não encerra grandes alegrias nem lagrimas abundantes, mas queixas dôridas, lamentos sentidos e saudades bem amargas.

Quasi todo o rapaz que não completou ainda 20 annos já olha para o passado, com os olhos baços e o coração opprimido.

E sempre se afflora nos labios um sorriso inexpressivo e angustioso e phrases explodem despercebidas: O' tu passado bembito!... Porque fostes?!... O' dias de minha infancia!... não voltam mais... e um suspiro é o remate desta conversa sem resposta.

Qual o rapaz que já não teve o seu passado? Que não ouviu ainda as phrases entrecortadas e tremulas de uma joven dedicada e ideal no momento da partida?... um adeus fremente e suspirante... um olhar de saudades já, de melancholia, de vacuo, de indefinido?...

O' meu passado, como és rico de sonhos e tão cheio de saudades!...

S. Paulo, Julho de 1916

NUBEO JUNIOR

Lendo ás escuras

Vem me aos olhos a lagrima tremente
Quando a tua gentil cartinha eu leio,
Sinto n'ella o sabor de um beijo quente,
E o aroma aspiro de um virgineo seio.

Em cada phrase eu ouço a voz, doiente,
Contemplo a imagem no papel em meio
Vejo-te inteira pallida, fulgente,
Rindo de amor e louca de receio.

E durmo esperançoso... Sonho tanto
Que ao scordar não sei si estou sonhando,
Lendo a cartinha humida de pranto...

E perco logo o somno... Que canção!
Emquanto eu a vou lendo, vae passando
Teu vulto luminoso pelo espaço...

(S. Paulo) FERREIRA ALVES JUNIOR

A FLORESCENCIA

Jornal Litterario

Redactor-Chefe: JOSÉ JORGE DAS NEVES

Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA



Redactores-Auxiliares | ANTONIO P. BRAGA
| ANTONIO G. S. GARCIA

ANNO I

S. Paulo, Agosto 1916

NUM. 2

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno	1\$500
Mez.	\$500
Numero atrasado	\$200
" avulso	\$100

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao sr. Redactor chefe José Jorge das Neves.

Caixa do Correio 2 (Braz)
S. PAULO

A FLORESCENCIA

Inda com passos incertos, trilha a espinhosa estrada do jornalismo, este desprezencioso jornalzinho.

Foi muito alem do que esperavamos, as atenções com que tem sido cercado, quer pelos queridos leitores, quer pelos collegas da imprensa.

A todos, pedimos mais uma vez, desculpar as imperfeições que appareceram no primeiro numero e que talvez neste appareçam, embora a nossa vontade seja contraria.

E' nos pois, summamente grato, registrar os votos de felicidade que nos enviaram, e de todo o coração agradecemos reconhecidos as atenções com que nos honraram.

A REDACÇÃO

NOTA — Por motivos particulares os srs. J. H. Coelho de Araujo, Franco Netto, Octavio S. Romeiro e Rodolpho Lanzoni, deixam de pertencer a esta Redacção, entrando en-

tretanto para a mesma os srs. Antonio Pinto Braga e Antonio G. S. Garcia como redactores auxiliares.

MORTE DE UM VATE

Inspiração, ó inspiração vinde .. vinde, trazei-me um facho de luz que illumine a minha intelligencia obscura, turva pelo sentimento, para decantar um ente de concepção sublime que, nas horas em que se via escarnecido por lingua infame, machinada por espirito nefando e baixo, atormentado pela inveja cruel, iavocava para fazer bem e se defender, o vosso auxilio, como vos peço agora...

O' musa deixa de tremer tua lyra de encantos mil, para prantear um dos teus maviosos cantores.

O' deidades uni-vos ao zephiro para que traga das regiões desconhecidas do mysterio até junto a galéra enlutada que o leva para um destino ignoto, o perfume enebriante de alóes, de myhirra, de incenso e do nardo de palmyra.

Anjos! acompanhae a alma que agora está aureolada de flores singelas, e que morreu nas vaszas de uma agonia lenta... muito lenta, intercalada de vez em quando pelo insulto do profano, pelo olhar desdenhoso que nada vale, de uma sociedade hypocrita e ferina nos seus odios, e pelas visões da miseria deste mundo ingrato... miseravel!

Senhor! se esse que está á vossa mercê vos offendeu, perdoae-lhe; se descrente foi da vida, crente fervoroso foi de vossa santa religião.

Sol bemdito que acalentaes o nosso trabalho ingente, ó natureza, porque é que te achas immersa entre as trevas n'um silencio austero?... Ah! não me lembrava, é morto René Barreto!

MANOEL MENDES

CARTA

A' ALGUEM

Recordas-te ainda, daquella tarde fresca, fagueira e risonha de Abrii?... Era tão cheia de perfumes e encantos, tão propicia para gosos e amores!...

Com os teus bellos e negros cabellos soltos e as tuas vestes finas, leves e brancas, que voavam agitados ao doce e brando bafejo da brisa, vinhas do lado do mar tão distraida, triste e absorta, brincando com umas conchas que suas vagas deitam á praia; e eu sentado sobre os agrestes taboleiros do areal sorvendo em delicias o vivo aroma das flores de um jardim que ficava alem, tambem melancolico, pensativo e alheio de mim, sonhava... e vagueava nas regiões phantasticas e sublimes da utopia, e só nos vimos quando de face a face.

Então com violencia os nossos corações se agitaram frementes, os olhos em chammas encandecentes e chispas ineffaveis se ocularam, os nossos labios virgens, tremulos de emoção, de enlevo, de felicidade se desfolharam em sorrisos deliciosos, e as nossas almas em deavario uniram-se delirantes, de jubilo e amor...

Lembras ainda?... Pois eu, no silencio sepulcral do meu pobre e triste quarto de estudo, na solidão e na tranquillidade da minha morada, na tristeza perenne e nostalgica da minha alma, nas phantasias illusorias do meu cerebro, nas minhas continuas e prolongadas vigílias e nas minhas horas de saudades, de afflicções e scismar, vejo-te sempre como te vi toda de branco e cabellos soltos, naquella tarde inesquecivel, encantadora e dulcissima de abril...

Saudades do teu

S. Paulo, Julho, 1916

José H. Coelho de Aranjó



N.º Ident.

42

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNALIS

Titulo do Jornal A Florescencia

Dia

Mês

Ano

Páginas

Agosto

1916

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

39

N.º M.

116

AVISO

José Diogo Bastos & Comp.

participam que mudaram o seu negocio da

Rua do Gazometro N. 92

para a Rua 25 de Março, N. 67

aonde continuam com o mesmo ramo de negocio.

S. Paulo, 3 de Novembro de 1900.

O mais barateiro do Braz

Loja de Fazendas e Armario

Tendo recebido um grande sortimento do Rio de Janeiro, liquida todo o Stock existente quasi de graça.

Rua Monsenhor Anacleto N. 1

S. PAULO

SAPATARIA POPULAR

EE

PEDRO ALLEGRETTI

Deposito de calçados, para homens, senhoras e crianças.

Precos baratissimos. Casa fundada em 1880

Rua General Carneiro N. 2-A

(Antiga João Alfredo)

S. PAULO

Caetano Nacarato

Communico aos meus amigos, freguezes e ao publico em geral, que mudei o meu estabelecimento de ALFAIATARIA da rua do *Rosario n. 4* para a rua *Direita n. 55 B*, aonde espero continuar a merecer a confiança com que ha longos annos tenho sido distinguido, pois continuarei a corresponder com o mesmo zelo, sinceridade e dedicação.

Aproveito a occasião para scientificar que acabo de receber do Rio de Janeiro algumas novidades em fazendas para este ramo de negocio.

S, Paulo, 22 de outubro de 1900.

Confeitaria Central

DE

Pinto & Filho

Grande sortimento de Bebidas Finas.—Tem sempre em deposito: Fructas e Queijos de todas as qualidades. — Especialidade em vinho Verde e Virgem.—Encarrogam-se de encomendas para Baptisados, Casamentos, Bailes e fabricam diariamente pães de todas as qualidades, etc.—Leite quente e frio.

Avenida Rangel Pestana, 213-11 Em frente à Estação do Norte São Paulo

Fabrica de Fumos S. João

Grande sortimento de Charutos Bahia, Hamburgo e Havana

Fumos nacionaes e estrangeiros

e todos os artigos pertencent-s a este ramo

Manoel Salgado Sequeira

Rua do Gazometro N. 64

S. PAULO

FABRICA DE FUMOS

RIO DE JANEIRO

Movida a Vapor

Arthur Pereira

→ Rua do Braz, 126 ←

Casa Filial na mesma Rua N. 154

TELEPHONE N. 360

S. PAULO

o viu emitir juizo seguro, opinião clara e nitida sobre qualquer assumpto; seus pareceres são dubios não concluido nunca categoricamente.

Entretanto, S. S. se julga o *non plus ultra* em negocios municipaes. Só o que elle pensa, falla e projecta é bom.

É por esse motivo que S. S. não se conforma com o facto de ter sido apeado da previdencia da Camara, e se tornou um eterno descontente, um verdadeiro estorvo ao bom andamento dos negocios Municipaes.

No primeiro periodo de vereança o Dr. Pedro só se occupou em pôr em evidencia os seus contrecimentos sobre assumptos, regimentaes; no segundo em descompor o aza negra que o peou da presidencia; agora, S. S. sem animo de romper contra seu antagonista natural, move-lhe campanha surda, mais que ainda produzirá o effeito desejado.

E tres são os beneficios que S. S. presta a este municipio ha quasi dez annos já.

O Dr. Pedro tem feito parte de Camaras que tem sido verdadeiras *drogarias*, pois não seria melhor que S. S. tambem desse em *droga*?

Só assim a sua eternidade e dilia acabar-se-ia de vez.

Mas, o publico que desânime: o homem é vereador de profissão ha de arranjar meios e modos de voltar aos tempos em que era presidente, e por cima ganhava um conto de réis.

José

P. dos Santos:—O Bernardino, com perdão da palavra,...

A superintendencia de Obras Publicas não faria mais do que a sua obrigação se providenciasse para que fossem collocados combustores de Gaz nas ruas Marechal Bittencourt, Palmeiras, Thabor, e outros ja muitos habitados e que carecem urgentemente desse melhoramento.

O Estado, cobrando o imposto predial, obrigou-se perante o municipio a tomar a si os serviços de abastecimento d'agua gaz e exgottos nesta capital.

Os impostos prediaes são verdadeiramente exorbitantes e exigidos com insolentes ameaças de executivo, penhora, multas custas e tudo o mais que vem a mente dos cobradores do fisco. Os melhoramentos, entanto, não apparecem.

O Estado cuida que é socio da fortuna dos particulares.

De uma carta de Xavier de Carvalho extralimos o seguinte pedacinho de ouro:

«Quantos desgraçados não tem sido enterrados vivos e que resurgem no fim de 9 ou dez dias encontrando sobre a cabeça a tampa dum caixão e, agonia terrível morrem depois definitivamente?»

Dr. L. de Freitas:—Eu e o Parada podemos bater dois mil philisteus.

Dr. Raphael Sampato:—Se quem tem bocca vai a Roma, onde irei eu?

o calão da capoeiragem

A titulo de engraçada curiosidade, inserimos em seguida uma amostra do pitoresco calão dos nossos capadocios capoeiras, que nos enviou um observador. É um dialogo, que nos garantem revestir-se do mais absoluto cunho de authenticidade. Eil-o:

—Então, que foi aquillo hontem?
—Não foi nada. Sabes que commigo não ha disso. Não vou nesse arrastão.
—Disseram-me que te tinham ido á veira...

Qual! Exercício de canellas. Sabes que quando me espalho nem seus me junta e quando eu me misturo ninguém me conhece.

—Ma: conta-me lá esse estrago:

—Foi o seguinte: Entrei na confeitaria para comer uns doces; comi quatro. Quando fui pagar, o homem disse-me que eram seis. Foram quatro. Foram seis. E, como filho do meu pai não mente, foi logo ganhar aragem. O homem trastejou e quiz fazer bonito. Não puxei barato, metti-lhe o andante na caixa da comida que o chefe sahio barra afora. Não perdeu a scisma e viu feito. Ahi levei a caveira de lado e fui buscar o machinismo mastigante do poeta. O veneno espirrou. Não dei confiança em o bruto acender a lemparina. Fiz uma figuração por cima para o cabra fugir com o carão e abaxei em baixo no baliaño, levei o pé na altura do vulto no geito da sciencia que o camarada sahio voando na roxura da Inana, indo amarrota a tampa do juizo na caixa das empadas. O negro ganhou tento de novo, coçou-se e eu vi o brilho da sardinha. Ahi tirei fora o corpo e levei a feramenta por baixo, não fiz questão do preço da banha e fui ver a gordurn de perto. Quando o cabra sentiu a friagem no talho, deu o deserpero p'ra mim sahio fóra da pelle e estraguei o bruto de novo. O homem estava verde, Casquei-lhe mais uma vez o quengo e o mano enguliu o lingua que não foi vida. Ah! na minha meia hora vou longe! Juntou gente como aisco. Como não queria sulancar no grande estado maior de grades, arrepiei carreira e fui sahindo de bar-piga... Oh! ferro! nunca vi tanto aço!!

(Da Noticia)

Typ. Solé Solor e Comp. Ladeira da Honoria n. 6

Casa de Emprestimo

SOBRE PENHORES

Prazo. . . 6 mezes

JUROS REDUZIDOS

ELIAS ELVAS

Rua José Bonifacio n. 24

S. PAULO

CASA VIANNA

Rua de São Bento, 4-A—S. PAULO

Livros novos e usados, Objectos d'Escriptorio, Charutaria
Objector para Fumantes, etc.

José Antonio Alves Vianna

Rua S. Bento, 4-A—S. Paulo

(Junto á Loja do Bugre)

Emprestimos sobre penhora

A casa de empréstimos sobre penhores de Emilio Israel & C., sita á rua da Caixa d'Agua n. 8, communica a sua freguezia, que resolveu conceder o prazo de 6 mezes, para os empréstimos que fizer de hoje em diante.

S. Paulo, 1-11-11

Bibliographia

Temos sobre a meza um volume dos *Discursos Parlamentares* do Dr. G. Nogueira, obra de folio, na qual estão enfeixadas as mais bellas, eloquentes e interessantes orações proferidas por aquelle insigne parlamentar na actual legislatura.

Em appendice o Dr. Nogueira colligiu tambem alguns discursos por S. S.^a proferidos em baptizados, casamentos e outras festas.

Muito gratos pelo exemplar que nos foi offerecido.

—Sabemos que o Dr. Faria tem no prelo mais uma obra que, pela sua relevancia, estamos certos, fará ruidoso success. no nosso meio litterario.

A importante obra juridica está dividida nas seguintes secções:

I Do processo summarissimo das acções decendiarias perante os juizes de paz;

II Da inamobilidade dos magistrados perante a sciencia e a economia politica;

III Repertorio succinto das leis de custas, instrucção publica e introduccão de immigrants.

Alem disto a obra será seguida de um prefacio da lavra do erudito Dr. D. Jardim, o qual, com proficiencia notavel, discutirá as figuras juridicas da legitima defeza e da tentativa

Daqui, antecipadamente, enviamos cordiaes parabens ao operoso jurisconsulto Dr. Faria, que tão justamente é ja cognominado o Cunha Salles paulista.

O Sr. Dr. Alberto Vieira e o illustre latinista João Barceillos nada tem de commum com a redacção desta folha.

Os escriptos de ambos, porém, serão acolhidos sempre com verdadeira cordialidade por esta folha.

Fillinto:—Ainda hei de entrar no velho palacio dos reis de França!..

VERSOS

Fermoso Tejo meu, quão differente
Te vejo e vi, me vés agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste;
Claro te vi eu ja tu a mim contente.

À ti foi-te trocando a grossa enchente,
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente.

Ja que somos no mal participantes,
Sejamol-o no bem: ahl quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera:
Tu tornarás a ser quem eras d'ante;
Eu não sei se serei quem d'antes era.

LUIZ DE CAMÕES

Aos poetas d'agua doce e aos zoilos recommendamos a leitura do bellissimo soneto que hoje publicamos:—aos primeiros, para que vejam *quantum distant ab illo* e se desanimem de vez; aos ultimos para que meditem sobre a propria incompetencia.

A epocha é de regeneração: uns e outros são lepra da sociedade.

As produções dos verdadeiros poetas, as de merito real, unicamente, terão entrada na secção *Versos*.

Oh! os do fogo sagrado?!...

Academia do Commercio

A exemplo da classe medica e da pharmaceutica, alguns commerciantes postos em disponibilidade pela *crise que atravessamos*, tratam de fundar nesta cidade uma eschola mercantil modelo, que se denominará Academia Livre do Commercio.

Ao que nos dizem, o plano de ensino já está delineado; e os alumnos, depois de iniciados nas tricas forenses e nas partidas dobradas, sahirão com o diploma de *matriculados*.

A cadeira de fallencia será regida por um dos mais distinctos advogados do nosso fóro, secundado por illustre magistrado.

Coisas Municipaes

Eu tenho observado que quasi todos os homens que entram para a Camara Municipal, ou dão em *droga*, abertamente, ou então ficam de tal modo obcecados pelas cousas do municipio que se inutilisam para qualquer outra funcção ou cargo.

O mal, porém, que os primeiros causam ao municipio, é sem duvida muito menor do que o causado pelos segundos. Os edis *drogas* duram pouco no governo do Municipio, ao passo que os da ultima classe são quasi mobilias das camaras municipaes, as quaes ficam viciadas pelas frioleiras e ideas rançosas delles

O Ar. Pedro é um exemplo das edis de segunda classe

Muito honesto, muito sovina quanto aos dinheiro publicos, S. S. de tal modo se identificou com o cargo de edil, com as questões municipaes, que já não poderá servir para outra cousa.

O Dr. Pedro que dantes parecia talhado para grandes cousas, inutilisou-se entrando para a camara municipal. Tornou-se espirito de contradicção, pyrrhónico, incomprehensivel mesino.

S. S. da-se ao trabalho de ler de cór as disposições regimentaes das sessões da Camara, e qualquer transgressão dellas dá azo ás agruras edilicas de S. S.

A divisão e independencia dos poderes é o cavallo de batalha de S. S. e sobre assumpto tão transcendente e complicado S. S. tem deixado boquiabertas mais de uma geração de Amaros, Guedinhos, Andrades e Abilio. Como se não fosse certo e corriqueiro que o governo do municipio é confiado a uma juncta de cidadãos que se reúnem em camara sob a presidencia de um delles...

O Dr. Pedro concebeu um *poder de mando e ordem com força obrigatoria* que até agora ainda não pode ser comprehendido, nem percebido por seus collegas, apesar das longas e diffusas dissertações suas a respeito.

E o Dr. Pedro, na verdade, é incomprehensivel, ninguém jamais

A FARPA

SEMANARIO HUMORISTICO

ANNO I

Numero Avulso 100 Reals

S. Paulo, 11 de Novembro de 1900

NUM. 1

A Farpa

Mais um jornal a aspirar um logar de honra na imprensa paulista; mais uma folha que deseja os favores do publico.

A vontade de contribuir para o levantamento das forças do organismo da nossa sociedade, ja quasi exgottado, atropelado, e a obrigação que corre a todos de, na medida de suas forças, combater esse virar que sob as diferentes denominações de oligarchia, prepotencia, filbotismo, falta de character, vai nos correndo e avassalando, — explicam o apparecimento desta folha, e autorizam-n'a a esperar sympathico acolhimento do publico.

Ja de antemão contamos com as iras e rabularias das nullidades empavesadas, com as carcanças dos regulos villões, republicanos de arremedo. Isso, porém, não nos demoverá de expor bem nitidamente ao publico as necessidades parvas de uns e as quichotescas fanfarronadas dos outros.

O povo nos baterá palmas: só angelica e inexgottavel a ciência fal-o aturar estes pedrastos da patria, governantes que oprimem, juizes que não garantem, parladores que nada dizem, sabios de mentira, ostras do Theouro.

B. Machado:—A crise é geral e assustadora: até os gatinhos, meus melhores freguezes, estão com seus trabalhos paralyzados!

O. Ribeiro:—Este Chiquinho me desmoralisa!. Pois não é que o homem agradeceu, penhorado, ao Duarte o haver-lhe chamado meu illustre, talentoso e levião collega!..

Magistratura

O Sr. Dr. Presidente do Estado, ao assumir as redesas do governo, impoz-se a obrigação de elevar o nivel moral da nossa magistratura. S. Exa. ja deu provas de que quer cumprir á risca o seu programma: removeu um parente seu para uma das varas da Capital, recebeu de braços abertos um dos mais populares filhos da Bohemia, e para as vagas de futuro so nomeará os filhotes da Commissão Central, que forem, a pedido, classificados em concurso.—Muito bem! Viva Baccho!

Ulpiano:—Vou á Barra Funda.

Luiz de Carvalho

Ha quasi 15 annos apparecia nesta cidade uma folha denominada *A Farpa* sob a direcção do malogrado poeta e intemerato republicano Luiz de Carvalho, tão cedo roubado ás letras, á patria, á familia e aos amigos, que os tinha sem conta.

A Farpa de outrora, causticando homens e costumes, pré-gava sem rebuços a Republica

Tal qual o fim a que se propõe *A Farpa* de hoje,

A Republica tão desejada pelo desventurado poeta e por seus poucos mas leaes camaradas de então, tem sido ignobilmente prostituida e infamada; a dissolução de costumes, a versatilidade de character, o depauperamento até do amor proprio é ainda o mal de quasi todos.

A propaganda republicana e a regeneração dos costumes, oh! saudoso amigo, se impõem talvez hoje ainda mais!..

LUDECAR.

Club dos em pé

Chegou a vossa vez, tesouras da humanidade! Chegou a vossa vez, eternos falladores!

Ides ser dis-ecados: vossas figuras, amarradas neste pelourinho, serão alvejadas pelas *farpas* d'aquelles a quem chasqueastes até agora.

Quem com ferro fere... é a pena de Talião, é a lei primitiva, mas por isso mesmo muito humana e de ordem natural!

Pois pensaveis que a lingua ferina, que a maledicencia, que a mordacidade jamais encontrariam reprimenda, retorção?

E' chegada a vossa a vez!

Vossas mazellas serão tambem descobertas aos olhos das vossas innumeradas victimas; tambem trilhareis a via da amargura que obrigastes tantos a percorrer, debaixo da chacota, do sarcasmo!

Todos, de certo, que conhecem esta negra instituição nos baterão palmas; todos nos applaudirão.

E' preciso que de uma vez se ponha um freio a estas almas pequeninas que se comprazem, não no espirito fino e subtil que é essencialmente inoffensivo e alegre, mas na maledicencia sorradeira que prejudica e offende.

Mãos á obra!

Que venham os chefes do Club!

J. Mesquita:—Tenho decidida vocação para a homeopathia.

Mathias:—O' Alberto, vamos matar o bicho?

Alberto:—Deus me livre!..

Galeno:—Que culpa eu tenho de ser tão bonito assim?...



N.º Ident.

41

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal A Farpá

Dia

11

Mês

Novembro

Ano

1900

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

39

N.º M.

116

Sonhos côr de rosa



Ave Maria. Céu azul. O arminho
Das pandas nuvens no alto se emovela...
E essencia de baunilha e rosmaninho
Perfuma a tarde deliciosa e bella.

Nesta hora, estendida sobre o linho,
Numa postura angelica está ella:
Souha entre flores, no ataviado ninho
Das illusões primeiras de douzella.

Dormita como um anjo. Nem a brisa
Que agita o seio casto e delicado,
Desatavia o sonho que a amenisa.

E' o meu beijo o bom despertador...
Ella reclama, corando: que peccado!
E eu supplico: perdôa... foi o amor!

FERREIRA ALVES JUNIOR.



Sobre o verso de Stecchetti

Ao jovem poeta:
MANUEL DUARTE

Quando depois da minha morte, um dia,
No Campo Santo, tu passares perto
Da minha campa despresada e fria
Co'o sacro lenho de alcetrão coberto:

Eu, creio, que, por uma idéa pia
Proximo della pararas por certo,
E, se encontrares, numa pobre, esguia
Haste, um botão de rosa quasi aberto.

Então será que, da minh'alma anciosa
Tornaram-se os tormentos numma rosa:
Será um sorriso que não tive em vida.

E todo o olor que verterá essa flôr,
Serão segredos que eu não quiz, amor,
Dizer p'ra não te ver abortecida...

BASILIO CASTRUCCI.

Contemplando...

A' QUEM AMO.

Quando a vejo... sorri e fica anciosa,
Me beija o seu olhar, tão seductor,
Deixa minh'alma toda duvidosa,
Ser ou não ser, seu terno riso, — amor.

Se me approximo á ti, ó casta flôr,
Minh'alma fica tremula, medrosa,
Teme fallar que te consagra, — amor,
Teme que a deixas triste e dolorosa.

Não temas coração; ao pé de mim,
Vem poisar, dá-me a conhecer o siso,
Que tens por mim ó probo cherubim.

Diz-me ó anjo do Empyreo azul, cahido,
Se o ten embriagador, roseo sorriso,
Desabrocha o sorriso de Cupido.

MANUEL DUARTE.

BRAZ E BELEMZINHO

Dois formosos balços "plauamente orgulizados", onde residem jovens de ricas formosuras. Entre ellas destacamos as seguintes, com uns ligeiros traços:

Escolástica do Amaral, a mais bôazinha. Amella Ferraresi, adoradora do si-leuço. Clotilde Barbosa, flôr querida. Esther Portella, desemburçada na fallu. Maria Augusta Ferreira, sôl n' espulmuralos o seu sorriso. Deollinda Cardoso, u mais bondosa. Ernestina Portella, flor dos aujos. Aurora Portella, a Titta Ruffo. Annuciata Parente, não gosta de ser bella, porque? Amalla Barbosa, meiga. Rosa Portella, a úmais sympathica. Paula Gaertener, a mais formozinho. Oscarlina Ferreira, a mais santinha. Luiza Ferraresi, a mais bondosa. Clotilde Capobianche, a mais perualta. Para hoje só, senhor redactor d'"O Colibri". Gratos.

Jacy e Bety.

Saudades

Era uma tarde de outomno.

A viração branda e suave, soprava no immenso jardim, e, além no seu doce murmúrio, acariciando as flores, a relva, as plantas, as arvores e tudo emfim que por acaso encontrasse em sua longa e continua passagem...

Passeiavamos, eu e minha irmã, nesta tarde calma e serena, no vastíssimo parque de nossa casa; fomos depois de o termos percorrido de extremo a extremo, e, visitando nossas flores e rosas, queridas e predilectas, abrigar-nos, no alegre e florido caramanchão, sentados sobre o banco de relva.

E lá, ouvindo o gorgelo estridente dos passarinhos e o sussuro doce da brisa, no seu continuo e terno ciclo, avistando ao longe a montanha, o rio e a exuberancia de flores e odores em nossos verdes campos, e offuscando-nos com a magnificencia e belleza daquelle panorama encantador, sentiamos nossas almas unirem-se no mesmo corpo, na mesma alma, no mesmo pensamento, e na mesma ideia... formando um só coração.

Absortos, ficamos longo e demorado tempo, abraçados de mãos unidas.

A tarde cahia; por detraz da serra altaneira onde nasci, leuta, vagorosamente deixando-nos em extasis... inconscientes do que se passava em torno.

Sonhávamos...

A sombra da noite, já cahia pesada, negra e triste; despertel; com os olhos orvalhados e vi minha irmã ajoelhada e contrleta e de mãos para o Emyreco erguendo preces á Deus.

Senti minhas pernas dobrarem-se, e prostel-me ao chão, de joelhos, de mãos postas, e comecel tambem u orar.

Nossas preces foram longas, ardentes e fervorosas; e depois com um doloroso suspiro, invocámos juntamente estas bemditas palavras:

— Minha mãe! Minha mãe!

J. H. Coelho de Araujo.

Sociedade de Letras "Alvares de Azevedo"

ESTATUTOS

Art. 1.º — A Sociedade de Letras "Alvares de Azevedo", com sôde na capital de S. Paulo, de duração illimitada, tem por fim a cultura da litteratura nacional. § 1 — A sociedade compõe-se de vinte e cinco membros effectivos, dez socios honorarios e de um numero illimitado de socios correspondentes. § 2 — Constituida a sociedade, proceder-se-á á nomeação dos membros effectivos, preenchendo-se as vagas, que, para o futuro, ocorrerem, por meio de eleição por escrutinio secreto. § 3 — Só poderão ser membros effectivos os que residirem na Capital.

Art. 2.º — Só podem ser membros effectivos os que tenham publicado trabalhos litterarios e que façam um trabalho para ser lido e julgado numa assembléa geral.

§ unico. Só podem ser socios honorarios e correspondentes pessoas de ambos os sexos que tambem tenham publicado trabalhos litterarios.

Art. 3.º — A Sociedade terá uma revista illustrada, e litteraria que se denominará "Atlante", que será publicada pelo menos uma vez por mez.

§ unico. A redacção e administração da revista terão o Regulamento que servirá para as dirigir convenientemente.

Art. 4.º — A direcção da sociedade compor-se-á de um presidente, de dois secretarios, de um thesoureiro e de um bibliothecario. § 1 — O presidente da sociedade será o director-chefe da redacção do "Atlante", e vice-presidente será o director-litterario, os secretarios e o thesoureiro exercerão as mesmas funcções na referida redacção. § 2 — O bibliothecario será eleito por escrutinio secreto. § 3 — Os deveres de todos os membros directores serão descreminados no Regimento interno da Sociedade.

Art. 5.º — A directoria uma vez eleita terá um caracter permanente. § 1 —

A directoria representará a Sociedade em juizo e fora delle, e, em geral, nas relações com terceiros. § 2 — Os membros da directoria não respondem subsidiariamente pelas obrigações contractuadas expressa ou intencionalmente em nome da sociedade.

Art. 6.º — Sem venia da sociedade nenhum membro tem o direito de declarar essa qualidade nos trabalhos criticos e politicos que publicar, ficando salvo o direito aos mesmos artigos que se afastem de taes assumptos.

Art. 7.º — Cada membro terá um cartão de identidade assignado pelo presidente e pelo primeiro secretario, para delle usar quando necessario.

Art. 8.º — As reunões litterarias deverão realizar-se duas vezes por mez, convenientemente designadas pela directoria. § 1 — Os membros effectivos, os socios honorarios e os socios correspondentes que queiram fazer conferencias deverão avisar antecipadamente a directoria, designando o thema da mesma. § 2 — Cada membro effectivo escolherá um patrono para a sua poltrona, o qual deve ser brasleiro e já fallecido. § 3 — Os membros effectivos serão obrigados a elogiar os seus respectivos patronos.

Art. 9.º — Para a reforma destes Estatutos e extincção da Sociedade é necessario o voto da maioria absoluta dos membros effectivos.

S. Paulo, Maio de 1916.

Presidente:

Armando Pinto

Vice-Presidente:

J. Jorge das Neves

Primeiro secretario: José Hosanna Coelho de Araujo; 2.º Alfredo T. da Graça. Bibliothecario, Daniel de Alvarenga Barrios.

Thesoureiro:

J. Julio Maricato.

A TI...

Quando de leve a aragem refrigera
O' meu amor as tuas mãos rosadas,
O piano dedilhando, na chiméra
Absorves-te de um Edem entre fadas.

E é nessa ora em que semi-cerradas
As petalas vão ficando, que lacéra
Meu pobre coração, as já passadas
E tristes illusões da Primavera.

Tambem meu coração ao fim do dia,
Morrendo no horizonte o sol, volita
Buscando o paraizo que inebria.

Minh'alma: — o doce nectar de teus labios!
Desperto-me, e soluço na infinita
Tristeza: não te ver, em meus resabios!

JOSE DE SOUZA CASTRO.

O' chama-o á vida; era o pranto de seu Paé, que o aquecia, que procurava reanimar um cadaver em o illusorio verdor de uma esperanza, de ver novamente abertos aquelles olhos cerrados e cerrados para sempre!

E' triste, é muito triste, o findar-se de uma existencia; no entanto existem mortes tão chelas de mysticismo que nos convidam a morrer tambem!...

Beatriz N. Moreira.

LIBERDADE

A Liberdade sempre foi o aprazivel e querido bairro de S. Paulo; possue encantadoras senhoritas que honram a fina elite paulistana.

Destacamos por hoje as seguintes: Angelica Rodrigo, assemelhando-se ás rosas lindas em manhãs primaveris; Julia Borba, ostentando no seu mimoso semblaute a belleza naudicta de Helena; Cecilia de Carvalho, sempre romantica envolta num grande véo de mysticismo; Nêvé Moreira, sorrindo á sorte; Julieta Teixeira, sempre inspirada poetisa; Edméa Vasconcellos, sempre sincera; Sarah Maudrelli, "pianisticamente" organizada; Alice Camargo, precisa sepultar o seu orgulho; Clotilde Camargo, sempre quietinha; Ilda Mors, a mais mimosa; Olga Mors, a mais graciosa; Jacyntha Rouque, a mais caridosa; Sibella Barroux, a mais sympathica; Esther Petrilli, a mais lourinha; Ignez Capelari, a mais risonha; Adelia Rishallah, a mais pernaltá; Helena Rishallah, a mais caridosa; Cecilia Leal, a mais morena; Cecilia Luchesi, a mais tranquilla; Ignez Luchesi, a mais gorduchinha; Ignez da Silva, a mais pernostica.

Bety.

Silhueta

R. D. P. (S. João B. Vista)

Senhorita R. D. P., geralmente conhecida por R. D., é o typo completo da mulher ideal residindo numa das principaes arterias da risonha "urbs" sanjoanense.

Com o pensamento sempre envolto na obscuridade da outopia esperancosa, senhorita para guardar no intimo da sua alma algo de triste. Tem o encanto da Grega, Andaluza coberta de esplendores, emfim toda dotada de encantos.

L.

O bello sexo sanjoanense

Amélia Sotano eternamente voluvel e versatil. Biellaha Oliveira, sempre engracadinha. Amalia Fontao, sempre lembrando os antigos amores. Bilu' Azevedo, sempre estudiosa. Billuca Rodrigues, sempre com a sua voz melodiosamente comovedora. Nina Dias, sempre pitoresca. Rita Osorio de Oliveira, a mais Joanna D'Arc. Dolores Fernandes, sempre honrando o magisterio publico. Ermantina Nogueira, sempre com seu ar tetrico.

M.

Retratos

A. F. — VIII

E' claro como a noite de procella,
Em que ruge o trovão no firmamento.
Dizem que é noivo, e a noiva muito bella...
(Não havia de sér, si elle é um portento!?)

E' poeta e escriptor. Seu pensamento,
D'uma força que a Dante sobrepassa,
E' rico e forja uma obra num momento.
E, glogas, poemas, não ha que mfaça

Melhores. Foi gerente d'um hotel;
Mas como esse trabalho tem de fél
Um tanto, o nosso amavel perfilado

Desistiu. Mas agora felizmente
Está bem. Nas carroças — mui contente —
Da Publica Limpeza anda sentado!

E. P.

Nem parece mulher, — parece santa

VII

(A. Fontoura)

Cabellos d'oiro, proba e primorosa,
Olhos da côr do vasto firmamento,
O seu olhar tem um poder portento,
O seu sorriso diz — sou carinhosa.

E' sympathica, bella e melindrosa,
Reina seu coração contentamento,
Seu passo move, compassivo e lento;
Ama a religião, é cuidadosa.

Nada quebranta, o peito seu, ardente,
Não tem um coração seu inimigo
Adora "todos" fervorosamente.

Quando a vejo, minh'alma logo encanta,
E, loucamente a fito, e breve digo:
Nem parece mulher, — parece santa.

PHOTO QUEBRADO.

O COLIBRI

ORGAN LITERARIO — REDACTORES DIVERSOS

ANNO I

São Paulo - 18 Maio de 1916

NUMERO 4

EXPEDIENTE

Administração: — Rua Santa Rosa, 60

Assignatura annual . . . 2\$000

Interior 2\$500

Numero avulso \$100

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração do COLIBRI:

Rua Santa Rosa n. 60

O COLIBRI MYSTERIOSO

A Emilio Lansac

Era no mez de Junho. Estávamos no terreiro quasi todo cercado de bambús, e rodeavamos uma fogueira que atirava suas linguas de fogo contra as trevas da noite. Estavamos silenciosos, mirando o fogo, e ouvindo os estalidos da lenha que queimava. Para distrahir os presentes, como de costume naquelles tempos repassados de saudades, alguém começou a fallar:

"Seguindo-se por essa alameda ornada de arvores de araquá que servem de apoio ás ramas de maracujá, encontra-se ainda, em ruínas, a cabana coberta de sapé, onde morou Noema, a filha das flôres.

Era apaixonada pelas orchideas. Quando a aurora nascia corôada de rosas purpurinas, a bella virgem vagava entre as arvores, como uma doida borboleta, visitava os ninhos de tico-tico nas noites de cambuhy, gostava de ver os nambús voarem das moitas de sapé...

Um dia, ella encontrou sobre um tronco de pitangueira partido pelo raio, uma parasita carregada de botes.

Quando ella voltou, n'outra aurora, as flores já estavam abertas, rociadas de gottas brillhantes... mas alguma coisa chamou-lhe a attenção... ouviu um sussuro, como um suspiro prolongado... Julgou ver o cocar de um guerreiro... suas pennas brillhavam, multicores, como pedras preciosas. A jovem pensou: — Porque teria fugido de mim?

Voltou pensativa para a palhóca, e já amava o guerreiro; seu corpo perfumado de virgem ardia nas chammas da paixão. Quando de novo o sol subia para o concavo azulino, e o bando de juritys esvoaçava, arrulando sobre o tapete de verdura, ella estava em caminho para o lugar de seu amor. Inesperadamente,

ao pé de um cajueiro, encontrou-se com Ary, que a amava.

— Onde vâes morena? disse o jovem.

— Vou onde o bom espirito me guia e onde meu coração tem o seu amor.

Cuidado, Moêma, Anhanguera anda pelo bosque... Queres que eu te acompanhe?

— Não; o elo do nosso amor, está por ti.

Jamais te pertencerei."

O bom Ary que amava ternamente a bella morena, sentiu seu sangue gelar-se nas veias, a luz fugir-lhe dos olhos, e desmaiar...

Chegando ao tronco de pitangueira, ella não encontrou mais as flores... seus olhos não viram o cocar de pennas lucidas, mas esperou... esperou... e adormeceu sobre a relva.

Ary despertou-se como de um sonho tenebroso, ergueu-se, e foi em busca da donzella, andou... andou... e por fim encontrou-a adormecida.

Moêma sonhava, sonhava, murmurando: "O guerreiro, tu és a luz de meus olhos; não te vi o rosto, mas sei que és bello... hei-de tecer uma rede de pennas alvas de garça, para te embalar..."

Uma idéa sinistra passou pela mente de Ary: a paixão o enlouquecera... ia matá-la, mas... rapidamente voltou a setta contra seu proprio peito, e calou sem ruido, sobre a relva espessa!

O sol agonizava, inflammando a linha do horizonte. Moêma dormia embalada em seu sonho de amor, e seus labios sorriam desabrochando como rosa encarnada, que o orvalho refrigerasse.

Pouco a pouco ella se despertou, sentindo um bater de azas á flôr de seus labios, abriu os olhos e... viu um colibri oscular-lhe a bocca, tomando-a por uma rosa, como ella tomara-o por um guerreiro!

Ah! pobre Moêma: quando ella despertou deparando o seu antigo amor, já sem vida, varado pela setta, chorou... chorou... e enlouqueceu...

Cahia a tarde: os oitibós com seus vôos silenciosos, giravam pelo espaço, e atravez da folhagem um raio do luar beljava a fronte argente de Ary.

Paulicéa.

BASILIO CASTRUCCI.

ESTASIS...

A memoria de Amancio.

Era cheia de encanto aquella manhã!... Havia muita luz a espalhar e nos tapizes de verdura scintillavam ainda as ultimas gottas crystallinas de orvalho, derradeiros resquícios de uma noite que findára a pouco e que banhada fóra de irradiação argenteas de luar!...

Foi numa manhã de Outubro, tão cheia de encantos e harmonias, tão radiante de esplendor, tão deslumbrante de luz, que ainda numa das rizonhas primaveras da vida, partiu deste mundo para o mais ignorado dos páramos do além, para o mais remoto solio das alturas, a alma mais cheia de candura, de um jovem que morren!...

Em aquella hora tão cheia de mysterios, quando a morte ingrata acaba de transportar-o da luz da vida, para as trevas perennes do sepulcro, em seus labios arrouxeados pairava ainda qual crysalida em flor, o derradeiro pallido sorriso: o sorriso de despedida ao mundo enganador!

Em aquelles olhos ora claros, onde apagados eram todos os lampejos que Deus accendera com tanto carinho, ainda uma lagrima morna scintillava, a lagrima da saudade extrema!

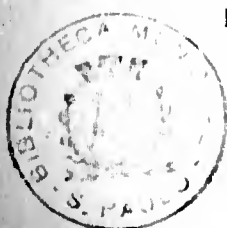
Em aquella fronte embaciada e livida, humedecida ainda pelo gelido suor da noite, vieram então morrer todas as flores da esperanza, enfaixadas pelos derradeiros beijos de ternura e meiguice de um Pai enquanto em aquellas faces decoradas, fanadas eram "todas as rosas da primavera do existir".

Que importa? assim é a vida!...

Qual rosa que esplendorosa e chela de vida brota no hastil, mas, que a primeira rajada da ventania a desfaz, e atira-a para além: assim tambem Amancio, que nascido havia debaixo de um docel de venturas, sumiu-se numa apothese de affectos, levando consigo sonhos e cantares, sorrisos e devaneios, deixando multos corações, amigos, precipitados em abyssos insoudaveis, onde só existe uma consonancia a prantear um estribilho só: o estribilho da saudade!

Elle despediu-se do mundo, como ao mundo dizem adeus as flores — acariciado num sorriso...

Como o orvalho da noite, rocia uma corolla semi-aberta, sobre sua fronte desceram lagrimas quentes.



49883

N.º Ident.

40

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNALIS

Titulo do Jornal O Colibri

Dia

18

Mês

Maio

Ano

1916

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

18-8-948

N.º C.

35

N.º M.

116

exercício em Sorocaba; o Telegraphista de São Paulo, sr. Christovam Freitas, a Agente de 6a. classe com exercício na estação de Pimenta; o Agente da estação de Cotia, sr. João de Oliveira, a Agente de 4a. classe, com exercício em Chavantes; o sr. Francisco Alvarenga, a Conferente de 1a. classe com exercício em Itapetininga; o Praticante em Rio das Pedras, sr. Irineo da Costa Machado, a Conferente de 3a. classe e removido para Capivary; o Telegraphista de Botucatu, sr. Antonio Filetti, a Agente de 6a. classe, com exercício na estação de Salgado.

Remoções

Foram removidos: o Conferente de Piracicaba, sr. José Leite, como Telegraphista de 2a. classe da estação de Barão de Rezende; o Telegraphista sr. José Benedicto Rosa, da estação de Santo Antonio para a de Anisio Moraes; o Telegraphista, sr. José Claro de Oliveira, da estação de Anisio Moraes para a de Santo Antonio; o Telegraphista, sr. Caio Lagos, da estação de Engenheiro Hermillo para a de Gorita; o Telegraphista sr. José Cesar de Moraes, da estação de Gorita para a de Engenheiro Hermillo; o Telegraphista de São Paulo, sr. Joaquim P. Machado, para a estação de Lobo, como Agente de 5a. classe; o Telegraphista, sr. Ramiro de Campos, da estação de Barueri para a de Botucatu.

Nomeações

Foram nomeados: Praticante gratuito em Itacy, sr. Miguel Ramos; Telegraphista de 3a. classe, sr. Pedro Paes Conceição, com exercício em Cerqueira Cesar; para Telegraphista de 3a. classe, o sr. Honorato Ventura; para Praticante em Itapetininga, o sr. Francisco Lobato; para Telegraphista

de 3a. classe em Agudos, o sr. José de Moraes Fischer; o sr. Eugenio de Camargo, para Praticante em Tieté; o sr. José Fiuza Junior, para Praticante em Cerqueira Cesar; o sr. Arthur Gonçalves, para Praticante na estação de São Paulo.

SECÇÃO CHARADISTICA

(Nos. 13 a 19)

Novissimas

— Um som enfadonho
- 2-2.

P. F.

— Este lodo que se vê no pato é proveniente do estomago—2-1.

— Alto! com este jogo que serve para registro de valores—1-2.

Alexandrina

— E' um idiota quem acredita em traição—2

J. Lacerda

Syncopadas

3—Como é feliz esta letra!—2.

3—Sae! Vae fazer trapassa na Asia—2.

3—E' fóra de tempo a tua oração—2.

P. F.

Decifrações do numero passado:

Parafuso—Café—Portatil
— Calote—Papa Capim—
Galocha—Lorena.

Julio Lacerda, 11 pontos;
Jandy 7 pontos; P. F. 4
pontos.

AVISO—As decifrações do presente numero devem ser enviadas até o dia 8 do corrente.

THESOURADAS

AGENCIA DE SÃO PAULO

Dizem que, o Adalberto, foi convidado para padrinho do casamento do J. Silva.

Olha o presente!...

-- Dizem que, o Aldrovando è doído n'um truque!

-- Dizem que, o Pery, frequenta o «Royal» por causa da L...

-- Dizem que, o J. Silva está damnado com o «portuguez» por não ceder a mão de sua filha sem o dote de 50 contos.

Que camarada!...

-- Dizem que, o Alvaro é o rapaz mais distincto da Agencia.

-- Dizem que, o Maciel vive *guspindo*...

Que fonte!!!

-- Dizem que, o Oliveira quer servir de *Pae* do *Madureira* no civil.

Que vontade de auxillar o noivo!...

-- Dizem que o Joaquim Ferrarias, tem um cartaz sobre sua meza com os seguintes dizeres: *E' prohibido combersar fiado.*

-- Dizem que, o Athayde está gostando do bairro da Moóca.

Estamos desconfiados!...

AZ DE OUROS

Receitas uteis

ROSQUINHAS DE PINGA

Dois kilos e meio de farinha de trigo, meia garrafa de leite, um copo de pinga, um prato fundo de gordura, duas colheres das de sopa com manteiga ou a mesma porção de gordura, meio kilo de assucar, oito ovos batidos, um pouco de sal, duas colheres de carbonato de amonea moido. A massa deve ser propria para

rosquinhas, depois passa-se a massa na machina de carne, 3 ou 4 vezes.

Forno quente.

BISCOUTOS DE

POLVILHO

Tres chcaras de polvilho azedo peneirado, uma chcara de gordura, uma com leite; ferve-se a gordura com o leite e escalda-se o polvilho; dois ovos, herva doce e sal a vontade.

Amassa-se com o leite até ficar no ponto de se espremer em um panno.

SEM NOME

Quatro ovos, 5 colheres de farinha de trigo, 8 colheres de assucar, uma de manteiga, leite de um côco, assa-se em fôrmas untadas com manteiga.

Dr. Fogão

EXPEDIENTE

Assignatura annual 5\$000

» semestral 3\$000

» mensal \$500

Pagamento adeantado

Aos Srs. Representantes locais roga-se a bondade de enviarem suas correspondencias e collaborações para rua José Paulino n. 22, nesta capital.

São nossos Representantes locais: na estação de S. Paulo, Manoel C. Ferrarias; em Jundiáhy, Deocleciano Nunes, D. N. Oliveira em Sorocaba e João Borioli em B. Campos.

São nossos Representantes ambulantes os Srs. Inspectores da Contadoria Sebastião Marciano e Joaquim Pereira Junior.

Serão nossos Representantes locais os dignos Srs. Agentes das Estações que se prestarem a coadjuvar-nos, angariando assignaturas e annuncios.

— Eu?! Só se estivesse doido; nem um real!
— Pois então, já que tem feito tantas economias, mande buscar o seu carro para darmos junto um passeio.

NOTICIARIO

PELA SOCIEDADE

Fazem annos:

— No dia 3 do corrente, o sr. Ernesto de Almeida, funcionario da Agencia da estação de São Paulo.

-- No dia 4, a exma. sra. d. Rosa Mariano, digna esposa do sr. João Mariano, funcionario da Sorocabana.

-- No dia 5, em Bello Horizonte, a exma. sra. d. Laura A. Pereira Caldas, digna esposa do sr. Raymundo Pereira Caldas e sobrinha do nosso companheiro de redacção sr. Ignacio B. Almeida.

-- No dia 7, a exma. sra. d. Rosa de Oliveira Campos, digna esposa do sr. Quintino Campos, correcto funcionario da estação de Sorocaba.

-- No mesmo dia 7, a gentil senhorita Regina, filha do nosso saudoso companheiro de Repartição sr. Nicolau T. P. de Siqueira.

-- No dia 8, o sr. Benedicto Lessa.

-- No mesmo dia 8, o sr. Athayde Teixeira, funcionario da Agencia da estação de São Paulo.

-- No dia 10, o joven Benedicto, filho do sr. Francisco Lustosa, correcto Agente da estação de Rio das Pedras.

-- No dia 12 o sr. Antonio B. Camargo, digno funcionario da Agencia da estação de São Paulo.

-- No mesmo dia 12, o sr. Heitor de Souza, zeloso Agente do Posto Kilometro 14.

-- No dia 15, no Rio, a exma. sra. d. Emma de Almeida Guimarães, digna es-

posa do sr. dr. Henrique Guimarães, e irmã do sr. Ignacio B. Almeida, nosso companheiro de redacção.

Os nossos parabens.

NASCIMENTOS

Acha-se em festa desde o dia 12 do mez p. findo, o lar do sr. Joaquim Piro de Almeida, residente no Rio, com o nascimento de uma galante menina que receberá na pia baptismal o nome de Nanci.

-- O lar do sr. Raymundo Pereira Caldas, residente em Bello Horizonte, foi augmentado com florir de um robusto Darcy, succedido no dia 3 do mez p. passado.

Aos seus dignos progenitores os nossos parabens e innumeradas felicidades aos galantes bebês.

PARTIDA

Afim de assumir o cargo de professora publica, seguiu para Bariry, no dia 15 do mez p. passado, a nossa distincta collaboradora senhorita Antonietta Silva Cunha, irmã do sr. Mario Silva Cunha, nosso companheiro de trabalho na Contadoria.

Os nossos votos de felicidade.

CONVALESCENÇA

Acha-se em franca convalescença o nosso particular amigo sr. Henrique G. Oliveira, digno Ajudante Contador da Sorocabana Railway Company.

As nossas sinceras felicitações.

FALLECIMENTO

Finou-se no dia 18 do mez p. passado em Tieté o sr. Francisco Corrêa Toledo,

primo do sr. Luiz Ferraz de Araujo, nosso collega de Repartição.

-- Falleceu no dia 20 do mez p. findo nesta capital, o sr. Raymundo Pereira, antigo e estimado servente da Contadoria. Pezames.

DR. RUDOLF O.

KESSELRING

Acha-se recolhido a um quarto do «Hospital Samaritano», onde já devia ser submettido a importante operação cirurgica, o Sr. Dr. Rudolf O. Kesselring, illustre Inspector Geral da Sorocabana Railway.

Fazemos ardentes votos para que seja coroada de exito a melindrosa operação.

AVISO

Em virtude da carestia do papel fomos obrigados a imprimir o presente numero e talvez alguns outros em papel inferior, do que pedimos desculpas aos nossos assignantes.

ENCOMMENDAS

E INFORMAÇÕES

Desejando corresponder a benevolencia dos nossos dignos assignantes creamos uma secção de Informaçoes destinada a prestar todos os informes referentes a assumptos commerciaes, etc.

Tambem nos encarregamos da compra e remessa de objectos, livros, etc., que nos encommendarem nossos assignantes.

Assim, por exemplo, desejando saber o preço de uma obra litteraria qualquer, de um objecto, instrumento, etc.; nada mais tem a fazer que perguntar a esta redacção e em seguida enviar a importancia para compra, despacho e sello.

SERVIÇOS

TYPOGRAPHICOS

Esta redacção encarregase de todo serviço concernente as artes graphicas e a preços modicos.

Avisa tambem que tem «chics» cartões de visita, participações, convites, boas festas, etc., a preços convidativos.

Sorocabana Railway Company

Movimento do pessoal

CONTADORIA

Nomeações

Foram nomeados os srs. Pelayo de Arruda, para Amanuense; Manoel Rodrigues da Silva, Praticante da 3a. Secção; Timotheo Laubenstein e René Hugemeyer, Praticantes da 4a. Secção, Eduardo Evans, Praticante da 5a. Secção.

Exoneração

Foi exonerado a pedido, o sr. Lourival Silva Cunha.

ESTATISTICA

Remoção

Foi removido para a Contabilidade o Amanuense de 2a. categoria, sr. Julio Serpa.

Nomeação

Foi nomeado Praticante o sr. Joaquim Silva.

Exoneração

Foi exonerado a pedido, o sr. Antonio Pereira Junior.

TRAFEGO

Promoções

Foram promovidos: a Conferente de 2a. classe, o sr. Antonio Texeira Junior, com

GLORIA A' FRANÇA!

Paris é um paraíso. O povo deslumbrado,
Entrega-se ao praser, cantarolando e rindo;
Alheio ao sofrimento, á vida do soldado,
Paz em tudo, na terra, no céu, céu infindo!

De subito rugindo como um leão sangrado,
Surge a sombra da guerra, o coração partindo;
Desafiando o mundo, o mundo embasbacado,
Devorando o progresso e a França destruindo!

O povo que sorria, fruindo a ventura,
A bonança da paz, n'um impeto iracundo,
Bateu seu inimigo com ingente bravura;

Em Verdun e no Marne a historia deste mundo,
Ha de commemorar com saudosa ternura,
A victoria da França, a heroína do mundo!

JOÃO AGUIAR



tivo que só não salvava um
doente quando este já esta-
va mesmo prompto para ir
para o buraco.

Mas... deixemos as cousas
tristes e vamos ao caso.

Uma ocasião, estava o
nosso já referido doutor, em
uma reunião na casa de uma
familia muito conhecida na
Capital da Republica, quan-
do por um descuido, o dr.
espirra com grande ruído.

Todos os presentes, (com
excepção de uma mocinha),
entrelharam-se; tal foi o
modo pelo qual o doutor
espirrara.

A mocinha que falo, aliás
muito sirigaita, vira-se para
o doutor e diz:

-- Doutor, dizem que,
bóde quando espirra é sig-
nal de chuva...

— Perdão senhorita, res-
pondeu o doutor com toda
a calma: *bóde* quando es-
pirra é porque sente o
cheiro da *cabra*...

A mocinha embatucou.

S. Paulo-8-918.

Dengo

OS NEGROS

E' muito original e muito
bem feita a lenda que corre
na America entre os negros,
relativamente á sua origem.

No tempo da criação do
mundo, Satanaz vendo o
Padre Eterno crear Adão,
d'um pedaço de barro, quiz
tambem fazer o mesmo.

Pegou d'um pedaço de
argilla, deu-lhe as mesmas
voltas que vira dar-lhe Deus
e depois insuflou-lhe a vida
n'um sopro.

Mas com grande espanto
e com grande raiva sua,
esse bocão de barro, como
tudo mais que elle tocava,
ficou negro: o seu homeni
era um preto.

Alli ao pé percorria lim-
pido e transparente o bran-
co rio Jordão; Satanaz teve
uma idéa, lavar o seu ho-
mem para lhe tirar a ne-
grura.

E pegou n'elle pela cin-
tura, como se pega n'um
cachorro, e mergulhou-o
no rio.

Mas as aguas do Jordão
affastaram-se immediatamen-
te, enojadas com aquella
negrura, e o homem de
Satanaz, o primeiro negro,
apenas mergulhou os pés
e as mãos no lodo.

E por isso só as palmas
dos pés e das mãos ficaram
brancas.

Furioso com o seu de-
sastre, Satanaz perdeu a ca-
beça, e pespegou um fa-
moso murro que lhe achatou
o nariz e lhe fez inchar os
labios.

O desgraçado preto pe-
diu misericordia, e Satanaz
passando o primeiro mo-
mento de furia, comprehen-
dendo que no fim de con-
tas o negro não tinha ne-
nhuma culpa de ser assim,
teve dó delle, arrependeu-se
de repente e acariciou-o,
passando-lhe a mão pela
cabeça.

Mas a mão do diabo
queima tudo o que toca:
crestou o cabelo do negro.

E foi dali que o pobre
ficou com carapinha.

FAGULHAS

— Dizem que um func-
ionario da estação de São
Roque, organisou um des-
pacho para *uma metade de
porco morto* como encom-
menda. Credo!

— Dizem que um es-
cripturario da Estatistica gas-
ta, pelo menos, *um pacote
de phosphoros*, quando es-
creve um dos seus artigos.
Livra!

— Dizem que um func-
ionario da Contadoria acha
bonito dizer-se *necretorio* em
lugar de *necretorio*. Hom'essa!

— Dizem que um outro
funcionario da estação de
S. Pedro despachou *carne
fresca... salgada*.

Ou uma ou outra cousa.

— Dizem que um porta-
dor da estação de São Pau-
lo, ficou muito embaraçado
para entregar um jacá com
perú, visto o despacho pe-
dir um *jacá aves*... E' bôa!...

— Dizem que um antigo
funcionario da Contadoria
vae tomar «Agua Inglesa»
por causa da... diéta.

— Dizem que, um func-
ionariozinho da 3.a gosta
muito de *fumar palitos*.

Alii moço, não faça eco-
nomia de palitos...

— Dizem que por hoje
é só.

Foguista

CAIXA DE OURO

Pagaram as suas assigna-
tura por um anno:

Os srs. Antonio Filetti e
Seraphim Costa, Salgado.

Por seis mezes: os srs.
Roque Barcoza e Lazaro
Gomes, Salgado.

Gratos.

AO PÉ DA LETTRA

Tratavam de negocios em
uma casa commercial um
livre pensador e um catho-
lico.

Este era dono da casa,
sincero e devotado até alli...

Entrou um leigo francis-
cano a pedir esmola e o
commerciante deu-lhe 2\$000.

Vendo isto disse o outro
em tom de mofa:—Homem,
diga-me cá: quanto gasta
v. por anno com esta sucia
de padres, frades, sacristães
e companhia?

— Conforme; de seis a
dez mil réis mensaes.

— Quantos annos v. tem
gastos tão inuteis?

— Uns trinta.

— Pois meu caro, se v.
tivesse todo esse dinheiro
em um banco ou tivesse
emprestado a juros, a estas
horas já estaria rico; pos-
suiria um bom carro para
passar.

— E o senhor, redarguiu
o commerciante, não gastou
ainda até agora nem siquer
um vintem com os padres,
frades, sacristães e compa-
nhia?

ASOROCABANA

Orgam litterario, critico, humoristico e noticioso dos empregados da Sorocabana Railway Company

Propriedade - Didymo Pereira

Redactor Secretario: Ignacio B. Almeida

ANNO I

S. Paulo, 1 de Setembro de 1918

NUM. 7

ASTUCIA FEMININA

Certo pescador entrou uma noite em casa, depois de haver pescado no lago todo o dia sem apanhar um unico peixe.

Lançára as rêdes por toda a parte, conseguindo unicamente recolher duas garrafas de madeira, chatas e redondas.

Uma curiosidade instinctiva fel-o desrolhar uma das garrafas da qual sahiu immediatamente muito fumo, que se condensou, desenhando contornos.

Na escuridão, o pescador não pôde distinguir fôrma alguma, mas uma voz gritou-lhe:—«Não abras a outra: toma cuidado, olha que tem o diabo dentro; eu sou a sua mulher, nós fomos encerrados nestes recipientes para expiarmos uma falta».

O pescador deplorou a sua curiosidade, mas consolou-se pensando que tinha na outra garrafa um meio de certificar da fidelidade de sua mulher.

Entrando em casa foi mal recebido pela sua companheira por não lhe levar peixe algum.

A mulher perguntou-lhe immediatamente o que tinha a garrafa, e ambos foram deitar-se, depois da consorte haver promettido que não a abriria.

De manhã, quando o marido sahiu, a primeira coisa que a mulher fez foi pegar na garrafa, racionando desta fôrma:

— Não faz mal nenhum examinal-a... Espera! tem uma rolha de madeira presa por uma correia de couro: não está fechada com solidez. Nada arrisco em tiral-a; meu marido quiz zombar de mim; não saberá que a abro.

Dito e feito.

Sahiu um grande fumo da garrafa, condensou-se e e desenhou contornos que mostraram o diabo aos olhos estupefactos da mulher.

O arrependimento seguiu á apparição.

— Obrigado, mulher: és tu ainda que me prestas mais este serviço.

A mulher, pouco satisfeita com o agradecimento, só pensou na sua infelicidade.

— Estavas na garrafa disfarçado em fumo?

Estava, sim, respondeu o diabo.

— Isso é que não, replicou a mulher.

— Como as mulheres são teimosas!

— Não sou teimosa mas não posso acreditar em cousas impossiveis.

— Não viste sahir o fumo da garrafa?

— Vi.

— Pois bem. Estava no fumo.

— Tu estavas mas era escondido por detraz do fumo e entraste pela chaminé.

— Não entrei, não.

— Teimosa! acredita-me.

— Não acredito.

— Pois bem! Vê.

A pouco e pouco a fôrma do diabo desapareceu, o fumo augmentou e entrou na garrafa, e a mulher, muito contente por ter enganado o diabo, pegou a rolha e fechou-a hermeticamente.

Esta lenda tem por conceito:

— A mulher é sempre a mais fina.

SONHOS...

Mocidade, mocidade minha, aonde poisam aquelles doirados sonhos que acalentei na vida?

Sonhos que passaram em bando pelo azul de minha existencia, sonhos que fugiram e me deixaram tão só neste lugubre viver!...

Talvez errem como aves fugidias pelo espaço, que só murmuram:

— Voar!

Voaes sonhos meus, voae para mais alem, para onde se descortina um horizonte purpurino, aonde é mais sereno o viver, para as aladas regiões da gloria.

Entre alléas de amarguras evocativas do passado, im-

merso nas illusões da vida, que farei sem vós?

Sonhar novamente?

— Não.

Os sonhos da mocidade são como a flor do lotus que em cem annos vive só uma vez.

Sesabrocha quando o sol, em plena languidez, morre no occaso; sente o roçar voluptuoso da brisa nocturna, os humidos beijos celestes e quando resurge a madrugada, cerra as pétalas, como que crestadas pelo "Simoun" em pleno deserto.

Assim é a mocidade com os seus sonhos; em cem annos vive apenas uma vez.

Negras e agoueiradas aves que poisas nas ruinas do meu viver, compadecei de mim, ide em busca dos meus sonhos de outr'ora.

Quero revivel-os ainda no lodo desta vida descrida, onde tudo são maguas.

Em um effusivo e ultimo alento, disendo adeus aos viventes, perguntarei:

Sonhos meus, onde habitaes?

D. ARNAGA

MATANDO... O TEMPO

III

Este caso que vou contar deu-se com um medico muito conhecido no Rio, aliás um excellente faculta-



N.º Ident.

50

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNALIS

Titulo do Jornal A Sorocabana

Dia

1

Mês

Setembro

Ano

1918

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

19-8-948

N.º C.

39

N.º M.

118

Gremio Dramatico Musical Luso-Brasileiro

Rua da Graça N. 144

Bom Retiro

PROGRAMMA

dos solemnes festejos commemorativos ao XVI anniversario da fundação do
"Gremio" a realisarem-se em 13 de Maio de 1916.

Às 5 horas da manhã

Grandiosa alvorada pela «BANDA MUSICAL ITALO-BRASILEIRA» que, gentilmente, se
offereceu para tomar parte nesta festa, saudando o despontar deste dia com as melhores e
mais variadas peças do seu vasto e escolhido repertorio.

Às 8 e meia da noite

Sessão commemorativa, presidida pelo socio Bemfeitor, Dr. LUIZ SERGIO THOMAZ, Pre-
sidente do «Gremio», e na qual será solememente inaugurado o retrato do socio benemerito
SEBASTIÃO PEREIRA SOBRINHO. O discurso allusivo ao acto será fe to pelo distincto
orador Snr. JOÃO DE AGUIAR, Vice-Presidente do «Gremio».

Em seguida, pelo correcto e disciplinado corpo se nico do «Gremio», sob a habil e
competente direcção do socio Benemerito Snr. AGOSTINHO TEIXEIRA, será, pela primeira
vez, levado á scena o commoventissimo drama em 3 actos, reduzido e adaptado do francez
pelo consocio SEBASTIÃO PEREIRA SOBRINHO (Potichon)

Calvario de uma mãe

DISTRIBUIÇÃO

CARMELLA	D. Elvira Lattari
GUSTAVO, (seu filho)	Snr. Francisco Alcacer
CONDE OLIVAREZ, (Embaixador da Hespanha)	» Athos Della Torre
CONDESSA ANNA, (sua mulher)	D. Elisa Campagnoli
MARQUEZ LOPEZ DE VEIRADA	Snr. João Bento
BARÃO RODRIGO PEREIRA.	» Agostinho Teixeira
FERNANDO, (mordomo da casa da Embaixada).	» José Rodrigues
LOURENÇO, (creado do Conde)	» João Migliari

FLORENÇA — ACTUALIDADE

Ponto: Ernesto Martinez - Machinista: Epiphanio Mazzini - Contra-regra: Remo Botto

Dançar-se-á após o Espectaculo

preito de homenagem. Outra não poderá ser a tua attitude; o soldado que expõe a sua propria vida em defesa da patria e que consegue sair illeso do campo de batalha, tambem fica commovido quando recebe das mãos do seu general, a medalha que o glorifica, que o eleva e que o immortalisa nas paginas da historia.

Acceptae, pois, muitos parabens por esse facto auspicioso e um sincero abraço do teu amigo

João Aguiar.

MUSEU

Entraram:

O fuminho caipira do Felipe;
o porrete do Moreno;
o chapéu de Tremembé do Potichon;
os charutinhos do Cerri;
os olhos do Aguiar;
o terninho côr de azeitona do Sergio;
o cachorrinho "Terra Nova" do Alberto de Oliveira;
os charutos do Alcebiades;
os cabellinhos crespos do Alfredo de Barros;
a gravatinha do Lafani;
a camisa "sportman" do Fontana;
a altura do Tabarelli;
o geitinho do Aramis;
a caréca do Velloza;
a gordura do Agostinho;
a fallinha do Horacio;
o andar do E. Martinez;
o bigode do Zé Alfalate;
o descanso do Athos;
o espirito do João Bento;
a voz "trovão" do Salvador Falsetta;
o sobretudo chronico do Cortez;
a costelleta do Angelo Benazatto;
a rizada do "Barrizinho";
a comedia escripta pelo Constantino;
os "Luccas" do Gremio.

CINEMA ENCRENQUÊ

Rua do Hospicio n.º 13

Hoje — 13 de Maio — Hoje

Grande funcção cinematographica, honrada com a presença de sua excia. o conselheiro Aldo Fontana, presidente da Republica Bebe Chumbo.

Programma:

1.ª Parte

Ouverture pela esfusiante, estupefaciente e mirabolante orchestra do notavel maestro de Taubaté, sr. Antonio Cortez.

2.ª Parte

"Desespero de um descrente", hilariante comedia em 1 acto, da casa Horacio Amantia.

"Festa de S. José", fita natural de grande effeito da importantissima casa José Coutinho.

"Passatela", film tragico em 3 actos da casa Remo. Na tēla deste frequentado cinema, sito á rua do Hospicio, esquina da alameda Eucencia, os assistentes terão oportunidade de apreciar os trabalhos dos notaveis actores Migliari, Rossini, Cortez, Alcebiades e Germano.

3.ª Parte

"Bombardeio de Asnopolis", film de grande metragem da antiga e importante casa Potichon, dividido em 5 actos.

1.º acto, chegada da esquadra;

2.º acto, bombardeio dos fortes;

3.º acto, o effeito dos obuzes asphixiantes;

4.º acto, naufragio de um submarino;

5.º acto, continencia á bandeira.

Depois do spectaculo haverá bondes para todas as linhas.

A Empresa previne ao publico que a entrada é franca.

Retratinho

C. B.

E' loira, alta, formosa,
Bôasiha e mui gentil;
Sua face é uma rosa,
Dotada de encantos mil!

Tem cabellos cor de ouro,
E os olhos cor do mar;
Seu sorriso é um thezouro,
Onde os sonhos vão morar...

Lord Iguraia

Dizem:

Que o Angelo Benazatto anda com saudades do passeio... nas proximidades dos armazens Prado Chaves;

Que o Constantino está escrevendo uma comedia para ser levada á scena no Theatro Lyrico do bairro do Limão;

Que alguém sente muitas saudades da bellissima festa realizada ultimamente na casa do bom amigo Benedicto Rodrigues;

Que o Salvador se apaixonou por

uma companheira tragica;

Que o Potichon anda damnado com o larapio, autor da escamoteação do seu rico chapéu borsalino;

Que o João Migliari vai fundar uma companhia dramatica, para dar representações em Ribeirão Pires;

Que o Aramis resolveu usar o cabelo a moda Mascagni, só para attrahir os olhares das meninas do gremio;

Que o dr. Sergio anda muito contente com os ultimos acontecimentos do... seu escriptorio;

Que o mimoso Cortez resolveu viver, dormir, comer, andar e morrer com o seu querido sobretudo.

Implicamos

Com os "Lucas do Gremio";

Com a poça d'agua, em occasiões de chuvas, no corredor da séde social;

Com a mania do Cerri, em só fallar de militarismo;

Com as calças brancas nas nossas festas;

Com o bigode rapado do Porthus Dalla Torre;

Com o geito comico -exquisito do Germano, quando joga bisca;

Com o monóculo do João Nunes;

Com a mania do Zanchi, em só beber cognac;

Com os cigarros caipiras de kilometro e meio do João Pousa;

Com a risada do Pereréca;

Com a barriguinha do actual 1.º Secretario do gremio;

Quereis ir para o Paraiso? Fazel uso do cachimbo do Remo.

Ultima hora

Soubemos á ultima hora que morreu, após prolongados soffrimentos, o cachorrinho Puchá pertencente ao Dr. Luiz Sergio Thomaz.

O seu enterro realizou-se hontem, com grande acompanhamento, fallando commovidamente á beira da sepultura o insuperavel jornalista Raphael Zemeghni.

Sentidos pezames.

Secção Livre

Por causa das eleições.

Ao Potichon.

Outro dia, lá no Luso, o João brigava,
C'o Alcacer thezoureiro, por eleições;
Logo em seguida, nesta dança entrava,
Como si elle estivesse nos vagões:

Da linha ingleza ou no trem que aptava
Para Campinas, Santos ou Feljões.
(E o presidente então lá escutava)
O calvo amigo V'loza dos trovões...

Nisto a couza ficou preta e de enleio,
Porque o Alcacer chamou o João de proza
E João ao Paco de Chiquinho feio!

E o presidente p'rá acalmar a grossa,
Do Aguiar recebeu no rosto em chelo:
— Vá puchar os cabellos do Velloza!

Villa Thomazina, Abril, 1916.

LUIZ DE VOLMAR

creolina, kerozene e marmelada para tirar o mau gosto.

Nos entre-actos serão servidos aos assistentes, doces em calda, sorvetes, bananas, melancias, pinga do O' e sopa de rabo de vacca.

Depois do espectáculo haverá ambulancias para o necroterio, Santa Casa, Samaritano, Juquery e Instituto Paulista.

A entrada só é permittida ás pessoas que estiverem aborrecidas da vida.

Quereis engordar? Usae o cachimbo do Remo.

Annuncios

Cachorrinho

Vende-se por 1\$500 um cachorrinho exótico, cor de café, com leite de cabra, trefego e irrequieto. Trata-se com o dr. Luiz Sergio Thomaz — Villa Thomazina.

Pedaco de serviço

Moço italiano, possuindo trinta contos de réis, jogando bem a bisca; amador dramatico — tragico, residente á rua da Graça, offerece-se para empreitar um pedaco de serviço. Trata-se com Miguel Tranquillo.

Objectos a venda

Vende-se um par de sapatinhos, a Luiz XV, com fivellas de ouro 180 quilates, n.º 44, bico chato. Trata-se com Luiz Cerri.

Cachimbo

Vende-se um cachimbo de ambar legitimo, vindo especialmente da Suissa, no tempo de Garibaldi.

Trata-se com Remo Botto.

Amador de Theatro

Precisa-se de um moço risonho, que seja amador de theatro, genero comico e que tenha ganho, pelo menos, um premio ficticio em algum concurso de espirito. Offertas á Constantino Nogueira.

Cartollinha Smart

Vende-se uma cartollinha smart, moda de Carlos IV, por preço da crise. O motivo da venda será explicado ao comprador. Para ver e tratar com Raphael Zimeghin.

Casamento

Uma senhorita, cor de azeviche, formosa, de cabellos crespos, olhos cor da

noite, labios delicados, educada, seria, com 18 annos de idade, deseja contrahir matrimonio com um moço italiano, baixinho, que jogue bem á bola e a bisca e que tenha o nome de Alcebiades. Cartas reservadas á rua "Arrisca o Phosphoro" n.º 68.

Barriga d'agua

Um homem de estatura elephantina, gordo, pesando 119 kilos, natural do Brazil, com feição de allemão, precisa de um medico operador para extrahir um quinto de agua choca que existe na sua barriga. Cartas á Potichon.

Desapparecido

Precisa-se saber noticias de um moço moreno, irmão da ópa, alto, magro, actor-dramatico, jornalista, poeta, orador, sportman, escripturario, dramaturgo, comediographo, dactilographo e que furou desta zona ha 8 mezes. Paga-se bem. Cartas á redacção d'"A Ribalta".

Professor de dansas

O dr. João Nunes, recentemente chegado da Conchinchina, onde cursou as principaes universidades de dansas, ensina o batuque; racha-pé, caninha verde, miudinho; tangos africano, turco, arabe, indú e japonéz, á rua "Batata doce" n.º 7. Mensalidade, 1\$400.

Dr. Luiz Sergio Thomaz

A redacção d'"A Ribalta" estampa hoje, em suas modestas columnas, o retrato do conspicio socio benfeitor e presidente deste Gremio, sr. dr. Luiz Sergio Thomaz, vulto proeminente da advocacia paulista, membro do Instituto Historico de S. Paulo, poeta, jornalista e intemerato defensor dos fracos e dos opprimidos.

Este modesto, porém sincero preito de homenagem, é levado a effeito unica e exclusivamente pelo facto do querido moço merecel-o.

Seguindo a diretriz do seu programma, a redacção d'"A Ribalta" só eleva o bom, o justo, associando-se á justiça e não regista toda e qualquer homenagem que tenha o escopo da bajulação.

A redacção d'"A Ribalta" sauda, pois, o distincto moço, na occasião em que o Gremio D. M. Luso Brasileiro festeja o seu 16.º anniversario.

Gremio Dramatico Musical Luso-Brasileiro

ELEIÇÕES

Realisa-se no dia 23 do corrente, ás 19 horas, na séde social desta associação, á rua da Graça n. 144, a assembléa geral ordinaria de que tratam os estatutos, para a eleição da nova directoria.

A chapa official, approvada em sessão da directoria actual, é a seguinte:

Presidente, José Mesa Campos, socio benemerito;

Vice-presidente, João Agular, socio contribuinte;

1.º Secretario, Sebastião P. Sobrinho, socio benemerito;

2.º Secretario, Alfredo de Barros, socio contribuinte;

1.º Thesoureiro, Luiz Cerri, socio benemerito;

2.º Thesoureiro, Athos Dalla Torre, socio contribuinte;

Fiscaes: Alcebiades Gregnaniul, Domingos Astrini e Horacio Amantia, socios contribulutes;

Conselho Fiscal: Dr. Luiz Sergio Thomaz, socio benefitor;

Ambrosio Fonseca, socio benemerito; Antonio Machado, socio benemerito.

Todos os candidatos têm prestado relevantissimos serviços á sociedade e estão em condições de fazer uma brilhante administração.

A redacção d'"A Ribalta" faz sinceros votos para que as urnas lhes sejam favoraveis.

Carta aberta

Caro amigo Potichon.

O teu retrato, prezado e bom amigo, será inaugurado hoje, na séde social do Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro, na occasião em que esta florecente aggreminação colhe mais uma rosa no sumptuoso jardim da sua existencia.

Este facto demonstra exuberantemente que, os teus esforços, a tua dedicacão e os teus trabalhos, são reconhecidos pelos nossos queridos consocios.

Modesto como és, ficarás, estou certo, commovido sinceramente com esse bello

O' coveiro. Vinde. Vinde desenterral-a e sepultae-a em meu peito. Aqui encerrada sim!... saberei então que ella é minha... sómente minha!...

ERNESTO MARTINEZ

Ser poeta

Ser poeta é ser feliz, risonho, emfim,
E' ser um templo pando só de amor;
E' ser mais delicado que uma flor,
E' ser mais odoroso que um jasmim!

Ser poeta é ser um pobre, mas, senhor,
Que canta a natureza e o seu festim...
E' ter na eburnea mão um bandolim
Que canta a mocidade e o seu calor!

Ser poeta é ter no peito amor e luz,
E' ser no Bem a imagem de Jezuz,
E' ser amigo até dos máus sandeus!

Ser poeta é ser canario no cantar,
E' ter um coração só para amar
A Vida, a Morte, a Luz e o eterno Deus!
S. Paulo, 9-4-916.

ELEUTERIO SOUZA

Pensamentos exóticos

Todo o homem que é casado
Deve ter o páu no canto,
Pr'á vencer sua mulher
Quando estiver com quebranto!

Hugo Kleiber

Um idílio pôde ser o factor da felicidade e da desgraça de um homem.
E' só na piririca...

Fortunato Purchio.

O amor é uma musica,
Correspondido, afinado...
Do contrario, ai! Thereza!...
Fica tudo encrocado!...

Sebastião Mendes

O amor é uma mistura de gengibirra,
rum, pinga do ó, pomada Curitybina",
petroleo, agua de sabão, creolina, oleo
de ricino e xarope das creanças.

Capitão Luiz Cerri.

Ai! Thereza! Bebe chumbo!
Pr'á nos deixa consolá...
Quem não bebe fica louco,
Nesta grande societé!

Aldo Fontaninha

Eu penso que não convem pensar muito, porque de muito pensar morreu o burro...

Constantino Caipira

Amorsinho, eu te quero,
Eu te beijo com effusão...
Ten corpinho é que me mata
E tortura o coração!

Aramis Dalla Torre (Bacharel)

O amor correspondido é uma rosa

sem e pinhos; um céu sem nuvens; um oceano sem tempestades e uma salada de fructas regada com aguardente de uvas.

Professor João Nunes

A vida é uma pinóia; a morte um mata-burro; a mocidade passarinho; a velhice um relógio sem ponteiros e o amor a descrença da humanidade — Quem sabe, sabe...

Horacio Amantia

A phase amorosa do homem é tão encrocada, que até parece a guerra sotomarina...

Domingos Astrini.

Realmente, eu penso que o namoro sem obstaculos, é a mesma cousa que o pucha-avante de uma locomotiva...

Paulo Gerardi

Tendo uma pinguinha com biscoito, io non penso nhiente...

Luigi Léo.

Olhe... tendo uma garrafinha de vinho barbera e uma bôa macarronada, eu não me incommodo...

Alcebiades Gregnanini

Quereis morrer tranquillo? Usae o cachimbo do Remo.

Notas e Informações

Sua exa. o sr. conselheiro Aldo Fontana, presidente da "Republica Bebe Chumbo", de accôrdo com o "Partido Republicano Chumbista", por decreto datado de hontem nomeou o seu ministerio, que ficou assim constuido:

Presidente do conselho, Victor Rossini; Ministro da Agricultura, João Bento; Ministro da Guerra, João Migliari; Ministro da Justiça, Antonio Cortez; Ministro da Fazenda, Remo Botto; Ministro do Interior, Luiz Léo; Ministro do Exterior, Avelino Teixeira.

Os srs. ministros tomarão posse, amanhã, ás 14 horas, á rua da Graça, 144, offerecendo chops ás pessoas presentes ao acto.

Reina regozijo na zona.

A sessão da camara dos deputados da "Republica Bebe Chumbo", realisa-da hontem, foi presidida pelo commendador Potichon e secretariada pelo dr. Ricol. Compareceram 47 deputados, sendo apresentados e approvados os seguintes projectos:

Do dr. Ricol sobre a collocação de torneiras de chops em toda as esquinas; do capitão Luiz Guerra prohibindo a venda de café, visto este producto nacional estar prejudicando a importação do vinho barbera; do sr. Felipe Lossacco estabelecendo o premio de 100\$000 ao cidadão que consumir 150 litros de chops durante 30 dias; do major Aguiar supprindo imposto do cognac; do dr. João Nunes sobre a fiscalização do arroz, que está sendo usado

como cevada na fabricação de cerveja. Pronunciou longo discurso sobre a utilidade dos alambiques, o conspicio deputado Remo Botto.

Depois da sessão dos srs. deputados reuniram-se na sallinha do café e o-maram um bruto piléque...

Querei ser feliz? Usae o cachimbo do Remo.

Palcos e Circos

Theatro Pansun

Neste esplendido theatro de variedades, sito á rua Barra do Tibagy, estreia-se hoje a monumental companhia dramatica, comica, tragica, acrobatica, acuatrica, exotica, magica, zoologica, insectecida e de variedades, da empresa Salvador Falseta e Companhia. O programma é o seguinte:

1.º — **Overture** pela banda de musica "Páu d'agua", composta de sanfonas, gaitas, bombo, pratos, clarinetos, flautas, rabeção, violinos, bandolins, cavaquinhos, piano, trombones, latas de Kerozene e matracas, sob a notavel batata do maestro Avelino Pereréca.

2.º — **Exibição** de elephantes, bôdes, jumentos, burros, vaccas, carneiros, cabras, cabritos, porcos, gatos, pernilongos, eguas, moscas, cabras macacos, vespas, leopardos e ratos brancos, que executarão magistraes trabalhos de gymnasticas.

3.º — Pelo grupo "Coruja" será representado o drama-tragico em 1 acto "Meu boi morreu" da lavra do distincto escriptor "Barriga d'agua" tomando parte na representação 77 actores, 57 actrizes, 27 corlistas e 777 comparsas, destacando-se os srs. Amendolm Torrado, Miguel Tranquillo, Constantino Caipira e Salvador Falseta.

4.º — O illusionista Alfredinho de Barros apresentará ao publico o seu estupendo e mirabolante trabalho de magicas pretas, entre as quaes "A Surpresa maravilhosa", "A Cavação de um rochedo e a "Bolla do futuro."

O grupo Pansun, sob a direcção do propecto e non plus-ultra actor João Já Nucci, levará á scena a extraordinaria revista de costumes focaes "Tremembé", tomando parte nessa representação os srs. Juca Rodrigues, Portus da Torre, Bastiãozinho Mendes, Zé Coitinho e outros.

Finalizará o espectáculo com a representação do numero extra, surpreendente, **esfusiente**, do homem vulcão (Piphanio Magazine). Este extraordinario artista come fogo, **engole** espadas, cacos de vidros, pregos, pedações de dormentes, parafusos; come **pólvora**, sabão, salitre, areia, e bebe pize.

Já a tarde hia cahindo. No horizonte viam-se os últimos raios do sól escondendo-se por detraz dos cumes das montanhas. O dia que tão bello fôra, com um cén azulado e um sól de ouro, hia pouco á pouco sendo substituído pelo manto negro da noite.

A floresta toda estava emergida em um silencio profundo e lugubre, notando-se, apenas, de vez em quando, ao longe, o canto poetico e melancholico do sabiá...

Dir-se-hia que a floresta trajava luto e que condoia-se pela sorte daquelles infelizes...

ALFREDO DE BARROS

Telegrammas

Serviço especial d' "A Ribalta" — Telegraphia sem fio.

BELLO HORIZONTE, 13 — Saudo a redacção d' "A Ribalta" e o "Gremio", festa 16.º anniversario e fico commovido não poder estar presente, fazer um sacco de discursos e tomar um piléque. — (Ricol).

S. CAETANO, 13 — Sigo "Gremio", festejar festa seu 16.º anniversario.

Abraço a rapaziada. — (José Mesa).

CAFUNDO, 13 — Perdi o meu cachimbo. Logo que o encontre estarei ahí festejar o 16.º anniversario do "Gremio". — (Remo Botto).

BARRA FUNDA, 13 — Farra noite passada deu-me pucha-pucha. Tomei purgante de creolina com sabão. Se ficar melhor irei ao "Gremio" abraçar o Potichon e outros amigos. — (Vicente Coruja).

RUA JOSE' PAULINO, 13 — Noite passada dei um passeio de automovel, desde ás 18 horas até ás 4 da madrugada; ceiei na "Rotisserie" duas vezes; no "Bolonha", tres e no "Hotel dos Estrageiros" tomei champagne. Estou com "meia" urucubaca. Assim mesmo vou ao Gremio tomar um piléque. — (Manoel Mendes).

VARZEA DO BOM RETIRO, 13 — Reciba mis felicitaciones y mis augurios entusiastas por el exito de su fiesta. Caramba! — (João Moreno).

RUA DA CONCEIÇÃO, 13 — Io faço votos por la prosperitá desta societá, dando nn viva al giorno 13 de Maio! Manaja la mizeria!... — (Felippe Lossaco).



A um coração maguado

Eu pensava que amar fosse tecer um ninho
E forral-o de pãina em macios enleios;
E, junto da mulher, como de um passarinho,
Sentir no coração deliciosos gorgeios...

Eu pensava que o amor fosse por um caminho,
Em que, num sonho azul, voassem os devaneios,
Levando um riso á bocca e uma aurora nos seios...
De prazer em prazer, de carinho em carinho.

Eu pensava que o amor fosse a eterna creança,
Que, mostrando no olhar uma alma impolluta,
Perseguisse, de balde, uma eterna esperança...

Mas hoje sei que o amor, escravo do desejo,
Nasce e vive na dor, na incerteza e na luta,
Desde o primeiro olhar ao derradeiro beijo!

BAPTISTA CEPellos.

RUA DA GRAÇA, 13 — Eu fais votas de felicidade para "Gremio"; pega numa copo de "chops dupla" e bebe saude de todos os socios.

Wulggmortgthürrobe!...
(Otto Wey).

REINO DA LUA, 13 — Preparem uma pinguinha com mel de pãu, ou "fernet-branca"; meia duzia de doces, meia de pasteis, um barril de chops, 3 charutos marca "Piróca". Do contrario não vou ao "Gremio". — (Sargento João Bento).

VILLA THOMAZINA, 13 — Aguardem a minha chegada e a do "Pachá". Avisem o Potichon não esqueça dos pasteis e o Aguiar da banda de musica. Dormi pouco; automovel deu uma "trombada" poste luz electrica e fez descarrillar trem Cantareira. E'h... E'h... E'h... E'h... E'h...
— (Luiz Sergio).

FORUM GREMINAL, 13 — Estou apertado com o "habeas-corpus" "Manheca". Caso encrencado: juiz da XIII vara cita artigo o do codigo Penal, negando "soltura" do cachorro. Já estou aborrecido com essa historia! Mais tarde estarei ahí. — (Dr. Germano).

Ciume dos ciumes

Da serie "Desvarios"

... ..
Sim!... E' aqui sob esta fria lapide que tranquillamente o seu corpo repousa o somno eterno dos anjos.

Sim!... E' aqui a sua mansão final, onde ninguem se atreve a dirigir-lhe um olhar siquer e, embora os olhares curiosos ousassem, perderiam-se na solidão e branca lousa.

E' aqui, onde o coveiro juntamente com seu corpo, sepultou o voraz ciume, que me devastava a alma.

E' aqui, inhóspita dos olhares que eu temia, que mais a adoro e, tranquillamente gozo a minha felicidade na solidão d'esta campa sombria, como os aváros na solidão nocturna, gozam revendo os seus avultados thezouros

Oh!... mas ainda eu soffro?
Não, não é aqui que eu gozo sózinho a minha desejada felicidade!

A terra...! A terra quem n'um amplexo envolve-a saciando-se nas delicias de seu delicado corpo, até que ella transformada em pó, se mescla em seu seio...! Oh!... não... não é aqui onde habita a minha felicidade...

ração. E nesta data gloriosa, nacional, que hoje se commemora com grande jubilo na Patria Brasileira, levantemos com todas as forças do nosso peito este grito patriótico.

VIVA 13 DE MAIO! VIVA O BRASIL!

ALFREDO DE BARROS

PEQUENO MORTO

Silêncio! O quadro é triste, tange o sino, O sól desmaia, cabe a tardé, o encanto Do céu desaparece; eu seismo, enquanto Passa o esquife de um ente pequenino...

E' mais um habitante ao campo santo, Mais um anjo ao céu esmeraldino, Mais um innocente e pobre peregrino, Que a morte envolveu com o seu manto!

Segue-o um cortejo de homens e creanças, Uma banda de musica, em surdina, Lamentando as ultimas esperanças...

A noite vem descendo, enquanto a terra, Reveste-se de mágua repentina, P'rá receber o que o caixão encerra!...

JOÃO AGUIAR

Carta caipira

Dores do Cafundó, 30 de Abrir de 1000 916.

Senhor arredatô da "Ribartaú, o jornalinho mais desgraçado que o sór incobre.

Agardeço a vance o amave convite, que mandô prá culaborá no seu jornal. Eu fiquei tão inxado cõ essa adistinção que inté promivi um raxa-pé, o quá teve muinto concorrido. Passo a contá a vance o assucedido. O festame teve lugá no terrero do sitioca de Nho Mané Currupira, meu parente em oitavo gráu. Nois tudo mandemo buscá na vila uma porção de papé de seda e espaieimo os enfeite no terrero. Xamemo o Remo prá tocá saunfona, o Pereréca prá Marimbáu, o Otto prá timbales, o João Bento prá frauta de taquara raxada, o João Miári prá folle, o Fontaninha prá raheção e formemo uma orquestra tão bão, que feis nos tudo xorá cõ cantinho do Zóio esquerdo. Dancemo, forguemo que foi uma gostosura. O dianho do Sergio não largava o ra'o do Parã, que auda meio mofino e esfregava sempre a mão dizendo E'h... E'h... E'h... E'h... E'h... E'h... E'h...; o Aguiá só dizia Quem sabe, sabe...; o Putichão, vurgo "Barriga d'Agua" preparava um xicolate iguá ao que feis na Corperativa; o Arcebiade Magnanini dansava que nem um cabrito que levô sapéca de porva secca; o Arberto de Olivera tava entrando no quentão de uma manera barbara...; o Arcace não tirava os zóio em riba das cabocrinhas

bunita; o Tiozinho tava ferrado numa Fisca de nove com o Zé Coitinho e berrava de veis em quando que nem bai-taca no mato feio; o Jvená ferrado na dansa só maginava na piquena; o Cortez marcava a quadria que era uma gostosura e um céu aberto; o Arfredinho de Barros não largava os zóio do espeio; Wey apesa de veio, sentado numa tripeça, manjava o tempo do pessôa; o Horacio só dizia que nunca viu um ripinique assim gostoso; o Paulo Gerardi só dizia "Realmente". Afiná, o pessôa tava tão entusiasmado, que inté esqueceram que amanhecia...

Só houve um sarceiro que deu muito que fazê, mas que afiná foi apazigoado; o do Chico Soquete cõ dono da quitanda. Ove bordoadá, facada, tiro, soccos, pinição, dentadas e o dianho, mais não sahiu nem um fiapinho de sangue de ninguem.

O festame terminô no meio da mais grande harmonia e os convidados furaram prá São Paulo cõas cabeça cumpretamente escangaiada.

Esta já vai longe e eu preciso fazê ponto finá, pois quando tivé mais vagá eu lhe escrevo contando o remanescente. Vance me espere no dia 13. Estarei ahi pregado que nem um carrapato.

Acceite saudade do cumpadre e amigo,

Xico Currupira.

Retratos á brocha

L. C.

E' italiano, já grisalho,
Dansa bem e tem dinheiro;
Tem feito sempre figura
Neste Luso Brasileiro...

E' um sócio benemerito,
Jovial, risonho, feliz;
Na thezonra é cotuba,
Como o irmão do Aramis...

E' sympathico, distincto
Capitão da "Nacional";
Fuma sempre charutinhos,
Marca Piróca especial...

LORD MOXINGA

"NA FLORESTA"

Bellissimo e vasto bosque formado de frondozas arvores de folhas verdejantes.

Pequenas flores do campo exhalavam no ambiente um aroma brando e suave.

Os passarinhos saltavam de galho em galho, fazendo ouvir ao longe da floresta o echo agudo ou sonoro, melancolico ou mavioso de seus cantos ou de seus queixumes.

Uns alegres, brincando com os seus companheiros; outros, voando daqui para allí, pressurosos, inquietos, á procura de suas amantes; outros, emfim,

mais sérios ou mais tristes, deixavam-se ficar empoleirados, indifferentes á tudo, soltando apenas o seu canto triste e suave.

Era, emfim, allí naquelle bosque, o paraíso das aves.

Bem mais adeante, sob a fronda protectora de um enorme carvalho, repousava na terra um ninho de garça, todo feito de lindas pennas, habitado por trez mimosos e galantes filhotes.

A garça tinha sahido á procura de algum alimento para os pobresitos, com o desvelo e a ternura de amor de mãe, arriscando a sua vida á todos os perigos; não se lembrava, nem se inquietava que poderia d'um instante para outro ser morta por algum malvaldo caçador, que procura as suas bellas plumagens para vendel-as no commercio.

A garça, coitada, com as suas pennas alvas como a neve, acabava de apanhar um insecto, e ao levantar o vôo — um vôo tão delicado e simples — um certo tiro mortal disparado por mãos de algum malfeitor, fel-a cahir de chofre por terra.

Assim, pagou ella a coragem ludoultá com que enfrentava os perigos, o amor que dedicava nos filhinhos e a extremosidade com que os tratava. O destino lhe fóra tão cruel e nunrugo, que não lh'a permittia vêr, pela ultima vez, aquelles que ella amava com verdadeira affectuosidade, aquelles por quem ella havia offerecido o seu corpo em holocausto.

No bosque, trez avesinhas brancas aguardam anciosamente a chegada da mãe... mas em vão, ella jamais chegará! Já decorreu muito tempo e ella não chegou. O que teria acontecido? Alguma desgraça, talvez? E os pobresinhos nestas lamentações, choram a sua miseria e a sua infelicidade. Quanta dôr para tão pequenos corações!

Assim, passou a noite toda e veio o dia.

Além da desgraça que ás ferira no dia anterior, éra, agora, a fome que ás affligia. Não tinham comido nada desde a manhã do dia fatal. Que fazer, pois, se ainda não tinham forças para dar sequer um passo? Estavam allí como escravas da morte, aguardando a hora suprema dos seus julgamentos.

Ao fim do segundo dia, as pobresinhas e innocentes avesinhas, roidas interiormente pela fome e minadas pela dôr e angustia com que os seus corações tinham supportado até então, soltavam o derradeiro suspiro da agonía dolorosa, desaparecendo para sempre deste mundo que lhes fóra tão cruel.

meus actos provoquem, pelo contrario, procurarei nella descobrir, na sua virtualidade efficaz, nas suas razoaveis observações, as formas beneficas de efficaz cooperação para o estudo dos grandes problemas associativos.

Será meu dever primordial pugnar pelo progresso social e fiel observancia dos estatutos, esforçando-me pelo melhor desenvolvimento das diversas secções já existentes, e pela criação de outras que a experiencia aconselhar.

Como tenho observado, são os ensaios dançantes a alma mater do Gremio, e, assim sendo, é meu desejo melhoral-os não só na sua parte musical, augmentando-lhe a orchestra, como na sua parte geral, de modo a contentar aos nossos innumerados e estimados consocios que, segundo o meu modo de vêr, são merecedores de todos os esforços por parte da Directoria, pois são elles o baluarte, o verdadeiro e unico esteio deste Gremio.

Outra questão, e pela qual prometto bater-me, é a da criação sportiva.

Pelo que tenho observado, e pelo que já foi, com feliz exito, experimentando em outras associações, esta secção bastante virá contribuir para o engrandecimento social. O foot-ball, o ping-pong, por exemplo, figuram hoje quasi que em todas as sociedades desta Capital, e, não sei porque razão, o Gremio que sempre se destacou dentre as melhores sociedades, ainda não tenha pensado neste valoroso auxilio, que, como já disse, indubitavelmente trará o augmento do nosso quadro social.

Uma outra questão, não menos importante, é a da reforma do predio social; já se passaram 9 annos da sua inauguração e elle até hoje, a não ser externamente e isso mesmo devido ao generoso auxilio do dignissimo consocio Bemfeitor Dr. Luiz Sergio Thomaz jámais recebeu os concertos de que tanto necessita.

Torna-se preciso uma reforma geral em todo o predio e principalmente no salão buffet e toillet.

Façamos agora o mesmo, lembrem-nos da, já não digo, reforma, mas sim da limpeza necessaria, façamos um pequeno esforço e estou certo que, em pouco tempo, com muito pouca despesa, teremos tudo melhorado. Tenho estudos feitos sobre este assumpto, e julgo tão facil a sua execução, que prometto, caso as urnas me sejam favoraveis, levar avante esse desideratum, realisando-o em minutissimo tempo e sem tornal-o oneroso aos ocfres sociaes.

Crete no lemma "A UNIÃO FAZ A FORÇA" prometto, solemnemente, esforçar-me para que, de uma vez para sempre, desapareçam as actuaes dissensões, eterna fonte de dissabores, e que só servem para desprestigio da causa social e que muito concorrerão para o seu inevitavel aniquilamento. Indistinctamente a todos os nossos caros consocios, prometto garantir-lhes os di-

reitos estatuidos, pois entendo, e comungo todos os meus companheiros de haça, que, amigos, ou não, todos devem ser respeitados.

Peço-me o ter agora que dizer-vos, caros consocios, que o nosso corpo scenico, depois de 15 annos de existencia, depois de tantas luctas e glorias se ache presentemente desfalcado de bons elementos que tanto contribuíram pelo seu engrandecimento, muito embora se reconheça que elle possui elementos novos em optimas condições de fazer progresso, desde que sejam guiados por uma boa escola Dramatica, que os aperfeiçoe, contribuindo dest'arte para que as nossas récitas sociaes se revistam de maior brilhantismo possivel.

Prometto-vos, caros consocios, contando com o vosso auxilio, fazer com que o nosso Gremio reconquiste a sua posição que lhe compete, e, um dos meus maiores esforços será a reorganização do corpo scenico, não só aproveitando o actual elemento como trazendo outros novos, e procurando chamar novamente ao convívio social, provecos amadores, nossos socios, que, sem razão hoje se mostram arredios. Se tal conseguir, do que tenho a mais absoluta certeza, pois bem sei que todos vós haveis de comprehender-me e auxiliar-me, posso garantir-vos que, em breve tempo, veremos o nosso tão bem amado Gremio novamente elevado á sua antiga e invejavel posição.

Si eleito prometto convocar uma assemblea geral extraordinaria, na primeira oportunidade que se offereça para submeter á vossa apreciação e deliberação, um projecto que tenho em estudos ha tempos, relativo a hypotheca do Gremio, o qual, eston certo, contribuirá para que seja sacudido o jugo que ha tanto tempo nos opprime.

Eis, caros consocios, em rapidos traços, o meu programma, os propositos com que me apresento. São elles todos de paz e trabalho, e não de perseguições e violencias, como detractores meus, inimigos gratuitos, no afande, por qualquer forma vencer, malevolamente andam a espalhar, attribuindo-me idéas que não tive e nem nunca pensei ter.

A vós, caros consocios, é que compete decidir, com o vosso voto livre e independente, si os meus propositos, aqui tão leaes e francamente expostos, são dignos ou não da vossa soberana approvação.

Como vêdes, elles não contem promessas seductoras, antes, pelo contrario, sómente fazem lembrar necessidades de um continuo esforço e sacrificio em prol do nosso Gremio e da sua prosperidade.

Si me fôr favoravel o voto, si me confirmarem a escolha da Directoria, podendo contar certos que, na firmeza do meu character e no meu acrisolado amor á causa social, hei de encontrar a força necessaria para levar a effecto o honroso encargo, que me fôr

confiado, honrando assim a minha Blusa de operario e isto affirmo-o em minha honra pois, a ella nunca faltarei e espero jámais faltar.

S. Paulo, 13 de Maio de 1916

José Mesa Campos

13 DE MAIO

Naquelle tempo o Brasil utilisava na sua lavoura o braço forte dos negros vindos da Africa, onde eram agarrados á força, comprados ou trocados por quinquilharias.

Esta immigração, ou digamos melhor, importação de gente negra, de costumes muito diverso dos nossos, começada nos tempos coloniaes, durou até o anno de 1831, em que uma sabia lei veio annular esse commercio, iniquo, de gente africana, devido á energia do distincto brasileiro Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.

A escravidão, porém, não estava terminada; era preciso uma forte campanha, habil e intelligente, para vencel-a pacificamente. E a luta, no entanto, era mais que justa e sagrada.

Na imprensa, José do Patrocinio, fazia prodigios de valor. A sua penna brilhante pregando a santa cruzada, discorrendo largamente sobre o captiverio, attrahia innumerados combatentes. A Illeira lia engrossando e cada vez mais forte e mais rigida.

Em 28 de Setembro de 1871, o grande brasileiro José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, obtem no Parlamento a votação da "Lei do Ventre Livre" pela qual os filhos dos escravos são declarados livres dessa data em deante.

Em igual dia e mez do anno de 1885, os abolicionistas conseguem mais uma victoria em favor dos infelizes captivos. Uma nova lei que teve como grande defensor João Mauricio Wanderley, Barão de Cotegipe, declara livre os escravos maiores de sessenta annos.

Mas, a escravidão ainda proseguia, não estava finda. E na tribuna, Joaquim Nabuco, com a sua palavra flamejante, convertia a plebe indifferente qual Messias pelas ruas de Jerusalmém pregando a religião christã.

E de victoria em victoria, quer pela imprensa quer pela tribuna, os abolicionistas, infatigaveis patriotas, depois de tanto labor, conseguiram no grande dia 13 de Maio de 1888, a liberdade completa dos escravos, ficando assim extinta a escravidão no nosso paiz.

E essa lei que se chamou "LEI ALFREIA" foi assignada pela Princesa Imperial D. Isabel, então regente do Brasil, na ausencia de D. Pedro 2º que se achava doente na Europa.

BRASILEIROS!

Honremos a memoria de todos os bravos que são dignos da nossa voga.

A RIBALTA

ORGAM HUMORISTICO, CRITICO E LITERARIO

REDACTOR - CHEFE: JOÃO AGUIAR — AUXILIARES: LUIZ DE VOLMAR, POTICHON E JOSÉ MESA

ANNO V

SÃO PAULO (BOM RETIRO) 13 DE MAIO DE 1916.

NUM. VI

2.ª PHASE

EXPEDIENTE

Publicado por uma comissão de socios do Gremio D. M. Luso-Brasileiro.

16 Annos!



Um anno mais! Um anno! Um mimo de fulgores
Que recebes de seda e renja entre os nastros!
Mais uma rosa aberta em um bouquet de flores!
Mais uma estrella a rir numa corôa de astros!

Do "Ementario"

O Gremio Dramatico Musical Luso Brasileiro festeja hoje o seu XVI anniversario.

E' mais uma corôa de louros, que elle conquistou com denodado valor no vasto scenario do mundo associativo, base intangivel da solidariedade humana, onde se travam as batalhas do esforço, da perseverança e do progresso.

São dezesseis annos de luctas incessantes, através de asperrimos caminhos cheios de espinhos e de inumeros obstaculos, que elle percorreu heróicamente, deixando na sua passagem rastros luminosos e inapagaveis, que attingirão os doirados pórticos do futuro e que constituem o seu maior padrão de glórias.

Os que se promptificaram a defender o seu pavilhão glorioso, desde os primordios da sua vida essencialmente modesta, mas rodeada de bellissimas fulgurações, até os fastos da posteridade, hão de sentir neste dia memoravel, o coração repleto de jubilo e de entusiasmo.

A alvorada festiva do dia em que se commemora este facto altamente significativo na historia dos simples, humildes, mas honrados operarios, a guarda avançada do progresso universal, se reveste de um extraordinario encanto; o sól auricrinito parece que surge com mais brilho; as montanhas azues assumem um aspecto grandioso na fimbria do horizonte; os passaros cantam alegremente nas copas frondosas do arvoredó; os cravos espalhando as petalas serenas, têm a cor triumphal das purpuras romanas; o jasmineiro abre os flóculos de neve, como um solto collar de beijos congelados; da bocca juvenil das nacaradas rosas, sobe incensavelmente um halito de odores, perfumando o ambiente da manhã que surge, cheia de alegrias ruidosas e de infinitas esperanças!

Diante da magnificencia desse quadro augusto, os que pugnaram sempre pela prosperidade desta aggremação, em todas as suas phases, devem estar plenamente satisfeitos e consciós de terem cumpridos com os seus deveres.

O soldado que dá a propria vida em holocausto á liberdade da sua patria e que tomba no campo de batalha, alheio á gratidão eterna da historia, não profere sequer uma palavra de maldição sobre o inimigo rancoroso, e, no estertor da agonia, ainda volve os olhos cheios

HOMENAGEM



DR. LUIZ SERGIO THOMAZ
SOCIO BEMFEITOR

de tristeza sobre o campo da refrega e de intenso orgulho sobre as auriflammas de guerra do seu paiz. Assim devem ser os directores de uma associação; muito embora a indiferença tente apagar o brilho do seu esforço comprovado, da sua dedicação e do seu desinteressado amor pelo meio social em que vivem, devem ter surtos de aguia, galgar a immensidade do espaço, com o pensamento, e lá do alto, serenos, tranquillos, contemplarem cheios de orgulho o esplendor extraordinario dos seus nobres feitos e com tristeza a indiferença e a ingratição humana!

Salve 13 de Maio de 1916!

JOÃO AGUIAR

PROGRAMMA

do nosso candidato official á presidencia do Gremio, nas proximas eleições.

E' grande o meu reconhecimento, em ter sido escolhido pela Directoria deste Gremio, para candidato á Presidencia nas proximas eleições.

Por maior que seja a minha satisfação, ella não me enleva ao ponto de desconhecer a grande responsabilidade que se me depara, na immerecida distincção de que fui alvo.

Simple associado, sempre prompto a prestar os meus serviços em pról do progresso social, o que sempre prestei com firmeza e lealdade, si não sollicitei cargos, tambem nunca me esquivel aos que me foram conferidos, confiando não na minha capacidade e nos meus prestimos, mas, sim no generoso auxillo dos meus companheiros.

E'-me altamente honrosa a escolha de que acabo de ser alvo, e, ó de meu dever lembrar que ella representa, e só por isso resolvi acceital-a, uma promessa formal de que, confirmada a escolha pelas urnas, contarei com o vosso intel-ro e efficaz apoio e com o vosso valioso e nunca desmentido auxillo, para o feliz desempenho do cargo que pensaes confiar-me.

Não é outro o meu appello, e de que lhe corresponde o vosso proposito, a prova a circumstancia altamente significativa, para o Gremio e para mim, de haverdes associado ao meu nome os dos distinctos consocios, Sr. João de Agular e outros, merecedores de estima pelos seus serviços que, de longa data, vêm prestando ao Gremio, e de cujas competencias espero valioso auxillo, em pról dos interesses desta Associação.

Coube-me a insigne honra de ter sido escolhido para vosso Presidente, e logo que assim é, prometto-vos que tudo farei para, dignamente, saber corresponder a vovssa confiança, para não desmentir as vossas esperanças, e, para, dignamente, tambem corresponder o vosso mandato, pois não me aterrorisa a perspectiva, a quasi certeza, de uma opposição, que mesmo deseja a na minha administração, uma vez que ella seja justa e imparcial no julgamento dos meus actos.

A' vista disto, jámais me sentirei magoado pela critica sensata que os



N.º Ident.

49

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Título do Jornal A. Ribalta

Dia

Mês

Ano

Páginas

13

Maio

1916

8 ilus.

Microfilme feito em:

19-8-948

N.º C.

39

N.º M.

118

Lascaleia & Comp.

Empreiteiros, Electricistas e Mechanicos

Installações de Campanhas, Tele-
phones. Para-raios, Luz e Força
de accordo com as regras obser-
vadas pela "Light and Power"

— ORÇAMENTOS GRATIS —

Especialidades em Installação de

MOTORES

Limpeza, de lustres de metaes etc.

SERVIÇO GARANTIDO E

PREÇOSSEM COMPTENCIA

RU A LIBERO BADARO' N. 122

(Proximo ao Largo de São Bento)

TELEPHONE N. 2084

S. PAULO

Typographia Modelo

Typographia-Encadernação-Douração-Pautação

Estereotypia-Zincographia

Especialidade em trabalhos commerciaes

PAGLIUCHI & PAULA

Rua Dr. Falcão, 32
São Paulo

Paula

FORMIGAS SAUVAS
 APPARELHO INGREDIENTE DESTRUIDOR
LOEFGREN

Privilegiado pelo Governo Federal sob patente n. 3.658. Premiado com medalha de ouro nas Exposições de S. Luiz e da Moóca em São Paulo. Existem muitos aparelhos à venda, porém, o unico que os srs. lavradores podem ter confiança é no

APPARELHO DESTRUIDOR "LOEFGREN"

o mais efficaz, o mais solido, o mais simples e o de mais facil applicação de todos os conhecidos até hoje.

Ingrediente "LOEFGREN"

é de tal poder mortifero que não ha formigueiro que resista a sua acção.

Unica depositaria deste affamado aparelho é a:

CASA NATHAN

Rua S. Bento 43—S. PAULO
 PEÇAM CATALOGO E PREÇO

PIRELLI
 STOCK PNEUMATICOS
 para automoveis
 CHEGOU GRANDE SORTIMENTO
 Preços de occasião
 — VENDA DE ACCESSORIOS —
 COMP. AUTOMOVEIS GARAGENS REUNIDAS
 Rua Florencio de Abreu N. 13
 Telephone. 1400 — SÃO PAULO

COMPANHIA
 INDUSTRIAL DE SÃO PAULO
 FABRICA DE FIAÇÃO
 E TECIDOS "S. PAULO"
RUA FLORENCIO DE ABREU
 Endereço Telegraphico GABRI
 Caixa postal, 52, Telephone, 207

ALIMENTOSA

FARINHA DE BANANAS PASTEURISÉE

ALIMENTO COMPLETO:—O mais assimilavel reconstituente dos nervos, dos musculos e dos ossos: o melhor para creanças, pessoas debilitadas e convalescentes. Recommenda-se especialmente a todos que soffrem do estomago. Uma dieta de um mez com refeições exclusivamente de ALIMENTOSA cura as doenças mais rebeldes dos estomagos enfraquecidos pelas digestões díficeis.

MODO DE PREPARAR

Dissolver a ALIMENTOSA em vasilha propria com agua fria, acrescentar o assucar necessario, por em leite fervendo e a fogo lento, mexer sem cessar até tomar consistencia; da-se assim ás creanças, começando aos poucos e augmentando conforme o seu desenvolvimento.

Para convalescentes e pessoas debilitadas, pode-se acrescentar ainda uma gemma de ovo e mateiga; tambem prepara-se a farinha com caldo de carne e gallinha.

Productos da Villa Alzira

Avenida Conselheiro Nebias. 320

Unicos depositarios para o estado São Paulo

VIRIATO CORRÊA & COMP.

LARGO DO ROSARIO, 12 — SANTOS

COMP. ARRENDATARIA PREDIAL

Toma predios pór arrendamento no perimetro urbano
 Paga todas as despesas de impostos e seguros dos predios
 Mantém os prepios arrendados em bom estado de conservação
 Garante renda certa e permanente aos proprietarios

Recebe alugueis de predios não arrendados
 Faz reparações e reconstrucções de predios em geral
 Edifica dando planta e orçamento mediante contracto
 Compra e vende predios e terrenos por conta de terceiros

Séde e administração-R. 15 de Novembro, 22-a 1.º ANDAR

"ITALA"**Fabrica de Automoveis**

MAIS UMA VICTORIA!!!

Vencedora em agosto em Biarritz; classificada
a primeira na «COUPE RENAULT»:

J. A. L. PEREIRA COUTINHO

Rua José Bonifácio, 11 e 13

— SÃO PAULO —

INDUSTRIA NACIONAL
COMPANHIA FABRIL PAULISTANA

Rua Dr. Silva Pinto N. 2

— SÃO PAULO —

TRILHOSTrilhos perfeitos novos e usados de 23 até 30
kilos por metro, para cons-
truções e para
postes de telegrapho e luz electrica**LYON & COMP.**Rua Alvares Penteado N. 3
SÃO PAULO**EMPRESA EDITORA
DE S. PAULO****F. MACHADO & COMP.**

Largo da Sé N. 2

== SÃO PAULO ==

Dicionario Lexicographico

PHARMACIA E DROGARIA SANTOS**J. SANTOS & C.**  Rua de São Bento N. 74-A
TELEPHONE, 874 — S. PAULO**ANTI-ASTHMA (Xarope anti-asthmatico)**

Vantajosamente experimentado com attestados espontaneos, contra a asthma e a bronchite asthmatica

SARDAS, RUGAS, ESPINHAS E MANCHAS DA PELLE desaparecem com o uso de

«CRÊME DO HAREM» preparado por J. Santos & C.

Encontra-se em todas as Drogarias, Perfumarias e Armariulios

A Cerveja Antartica**A MELHOR DO MUNDO**DEPOSITO E ESCRITORIO: RUA DA BOA VISTA, 14
TELEPHONE, 111 — CAIXA POSTAL, 185

== SÃO PAULO ==

FABRICAS:

AGUA BRANCA — TELEPHONE N. 112
MOÓCA " " " 621

Endereço Telegraphico: "ANTARCTICA"

**DINHEIRO SOBRE HYPOTHECA
O CREDIT FONCIER DU BRÉSIL**

faz toda e qualquer operação de credito real a juros modicos, curtos e longos prazos. Alianta dinheiro para compra e construcções de predios, facilitando os pagamentos em amortizações semestraes.

Toda e qualquer informação será dada na Gerencia da BANCA FRANÇEZE E ITAL NA PER L'AMERICA DEL SUD em sua sede a Rua 15 de novembro, a das 10 horas da manhã, ao meio-dia, ou em sua sucursal do Brazil, Avenida Rangel Pestana, 117, a qualquer hora.

Para negocios inter-ores a 20 contos de reis roga se dirigirem os interessados a Sue ursal já mencionada.

**PARQUE BALNEARIO
SANTOS
BANHOS DE MAR**

O mais sumptuoso estabelecimento de banhos de mar, construido sob rigorosos preceitos de hygiene, com aposentos novos, vastos e arejados. Situado bem ao centro da majestosa praia do José Melino, em ponto mais seguro possivel, onde nunca se deu desastre algum entre os inumeros banhistas

constituindo isso a maior garantia para as exmas. familias que necessitem dos banhos de mar.

15 minutos da estação da Estrada de Ferro ao ponto balneario, extremo da Avenida Anna Costa, com bondes electricos de 10 em 10 minutos.

Endereço telegraphico: «PARQUE» — Telephone n. 5

AUTOMOVEIS

MAXWELL

Automoveis de grande resistencia e de rodas altas. Appropriados para estradas de rodagens. Invencivel nas subidas. Varios carros em stock.

Catalogos e mais informações na Companhia Paulista de Fabricação de Parafusos

RUA LIBERO BADARÓ, N. 39

CAIXA N. 69 — SÃO PAULO

O BORICAL

É este um dos mais modernos preparados-pharmaceuticos que maior acceitação tem encontrado nos que soffrem. Serve no banho das creanças para preserval-as das borteojas. Cura frieiras, darthros eczemas, suores fetidos, caspas e contusões.

A venda em todas as pharmacias e Drogarias.

Deposito: DROGARIA PAULISTA a RUA S. BENTO, 13 — S. Paulo

SEMENTES

— CAFÉ —

Grande e unico deposito de acreditados sementes de capim "Catingueiro roxo e Jaraguá".

Compras e vendas de cafés finos mediante amostras com preços.

Ed. Silva, Franco & Comp.

RUA EPISDOPAL N. 8 — SÃO PAULO

Endereço telegraphico "Silvania". — Caixa Postal, 887

MANTEIGA TRAITUBA

LATAS DE 1/2 KILO

É tão pura que não precisa analyses

É pastorizada e de excellente paladar

A VENDA EM TODOS OS ARMAZENS DA CAPITAL E DO INTERIOR

Depositarios:

Garcia Nogueira & C.

— SÃO PAULO —

AUTOMOVEIS "FORD"

O unico superior por preço modico Leves e de extre solidez. — Construidos inteiramente de aço vanadium

Double phatéon 4 cylindros 20 H P

Peçam catalogos aos agentes Geraes no Brazil

"SOCIEDADE INDUSTRIAL E DE AUTOMOVEIS BOM RETIRO"

RUA JOSÉ BONIFACIO N. 20

— SÃO PAULO —

**FABRICAÇÃO NORTE AMERICANA
ARAME DE FERRO
GALVANISADO**

Qualidade superior a qualquer outra presentemente encontrado em São Paulo

BYNGTON & C. ai

— SÃO PAULO —

«Mas n'isto o melro, foi directo ao toudo. A vida é um sonho, o mundo é uma hóla e toda a phantazia é metaphysica. E n'isto a morte foi directa ao Ninho, co'a aliada foice sesquipedal, fendendo-a no coração, n'uma lezão cardiaca de varios choques traumaticos. E la se foi a bella»

«Passé por su tumba, y vi medio marehuta una flór, que regué pensando en ella con llanto del corazon, y dije con amargura:
—Para nada sirvo ya, flór que riego, se marehuta, alma que quiero... ¡ se va!»

E dest'arte vac devançando o A. e adiante á pg. 7849, se nos depara mais esta pepita:

«... porque me olhas assim d'esta maneira, com esse olhar, tão agudo, tão negro, que me dá arrepios violentos e escangalhamentos luscos?»

Ai de mim! Meu pobre e franzino thorax arqueja em convulsões vulcanicas; sinto na região umbilical, fremitos de agonias, vascas de revoluções; meu pequenino coccyx, coitado do meu pequenino coccyx, tem lampejos subteis de inflorescencias mortas. Ai de mim!

Ai de mim! que de ti não recebe, branco *petit-pois* dos meus seismares, pallido hombon d'est'alma pallida, nem sequer... uma... mézinha... aos meus incommodos.

E no outro dia a pobre Rosa tão vaidosa no hastil se debruçou...

**

Por estas ligeiras amostras, que acabamos de dar ao leitor, póde-se avaliar o quanto de sublime são estas elocubrações, ás quaes não ha elogios que fartem.

De ha muito que a nossa litteratura não produz joias de prosa e *seguidilhas* pe guitarra, assim, de tão fino lavôr.

Ao pujante, prolixo, e nunca assaz convenientemente celebrado homem de letras, as nossas curvaturas e sincéras felicitações.

ALFREDO CUNHA FORTE

A MODA



REPORTAGEM

A chegada do Alexandre Braga em S. Paulo, pôz os estudantes em polvorosa. Ainda hontem, na porta do Guarany, estava o Carvalho Martins com o Bierrembach, de mangas arregaçadas e furiosissimo com o Fernando Gomes por ter levantado um partido contra a ida do illustre orador portuguez á Academia. Não houve pau, porque os animos foram apaziguados pela opportuna intervenção do Mucio, cujo terrivel vozeirão, trouxe pelos ares até á nossa Redacção o reporter do «Zé Povo».

OS NOSSOS ANUNCIOS

Para conveniencia de paginação dividiremos os nossos anuncios da seguinte forma e seguintes preços:

1 pagina	para uma publicação	30\$	para um mez:	90\$000
1/2 pagina	»	15\$	»	45\$000
1/4	»	10\$	»	30\$000
1/8	»	5\$	»	15\$000

Casa Negra  **FABRICA DE Fogões Economicos**

== Premida em diversas Exposições ==

RUA LIBERIO BADARO' N. 95

São Paulo

A geléa neste caso está prompta a ser servida, geralmente este delicado doce, é feito mais por curiosidade e é aconselhado ás donas de casa que tem frequentemente algum filante de jantar.

* * *

Contra rugas.—Quando se vae transpondo os limitares dos 40, e vamos caminhando para o occaso da vida a passos largos, como se tivéssemos em cada pé as botas do Pequeno Pollegar, vae surgindo a primeira ruga amarrotada, e mais uma, e mais outra, enfim dezenas de rugas vão surgindo, como guardas avançadas da velhice, postadas pela frente, pelos cantos dos olhos, e da bocca!

Pés de gallinha! Quanto desespero já não tens causado, quanta lagryma já não tens feito verter, e sempre persistentes comoervas danuinhas, proliferando sempre, sempre enraizadas.

Contra essa terrivel praga já se tem inventado desde remotas epochas, mil artificios, mil remedios, methodos e preparados, sem que até agora se alcançasse resultado algum para o seu exterminio: de modo que não é demais que aqui registremos mais esta receita, cuja efficacia, dizem ser surpreendente e maravilhosa.

Lixa-se de vespera e fortemente a physionomia enrugada, untando-se depois com um preparado composto de graxa de trilho—50 grammas: pós de Dower—25 gr.: pós de sapato—30 gr., e com o qual se permanecerá pelo espaço de 18 a 20 horas.

Depois compra-se um aparelho, desses que usam as confeitarias para conservarem quentes as empadas, e convenientemente preparado com brazas, deve-se trazer de tal maneira adaptado á gente, que o calor das brazas attinja sempre ao rosto.

Deste modo e por um principio de physica, o calor, dilatandô a epiderme, ipso-facto fará desaparecer as malfadadas rugas.

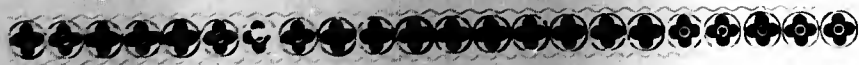
Verdade é que o remedio é custoso, já pelo grande dispendio que acarreta, como pelo trabalho que se tem em precisar atijar as brazas e os carvões: porem que o seu resultado é bom, está scientificamente provado.

* * *

Contra sogras—Tira-se a respectiva licença na Camara Municipal e dá-se-lhes a tomar *bolinhas*.

Esta receita tem sido com grande exito empregada nos hospitaes e sociedades da Europa e Estados Unidos.

DR. FINES-HERVES



Sobre a meza

Temos:

—*O Batálgua*.—Tango milanéz pelo m.^o Cautú, orquestração do m.^o Carrapatini.
—*A infancia de Wagner e a adolescencia de Beetho-*

ren.—Opusculo do Sur. G. Pimenta, dedicado ao M.^o Dtero.

—*Perfis da nova Geração*.—Por Leopoldo de Freitas. S. Paulo, 1911. Typ. do Diário Popular.—8933 paginas. O prolixo litterato, firmou com este novo trabalho, mais do que nunca, a sua fama e justissimo renome de pensador e de artista. Original, surpreendente, tempo surtos a cada pouso mais elevado, imprime uma feição característica e interessante, ao assumpto tão ingrato quão chaleiroso.

E' Consul e usa *del castellano*.

Ora é o traço firme na distensão da mão livre a precisar nitidamente um contorno, ora é a curva gracil que se faz apenas advinhar, ou o esboço esfumilhado pondo meias cores sobre o fundo indefinido das apreciações collectivas.

E logo após, obviando aos inconvenientes da monofonia, porem com uma naturalidade incomparavel, apruma-se, toma o escapello, resvala para a critica e golpea rudemente, firmemente, para de novo burilar os rendilhados lavôres da conclusão.

O trabalho typographico é magnifico: o papel esplendido: as gravuras muito nitidas e perfectas.

Depois de 133 paginas, de offerecimentos, dedicatorias e consagrações aos Amigos e admirados do A., começa-se a empolgante leitura da alta observação e fino estudo, com que, acepilhada, fulgida, impeccavel é animada os *«Perfis da nova Geração»*.

D'entre as suas paginas, não se póde fazer uma escolha, que todas ellas são arrebatadôras, que todas ellas têm a mesma fórma rebuscada e artistica, e a mesma vibração de imaginação e de espirito; porem, destacamos algumas d'ellas, que mais nos impressionaram pelo arrojo sem recúos, que escala a rocha abrupta, e pelo contraste da serenidade que deslisa pelas rechans do sonho...

E' assim que temos a pg. 45: —«Retorço, glabro, a transudar labaredas hystericas de rubra lubricidade, despertava o bardo entre coxins e Deusas. E si aquelles, disfarçam e amaciam arestas, em mil deleites, estas dão-lhe o mel olympico do Amôr, mais puro que o do Hymêto e sorvem-lhe tambem o éstro, a carne, os nervos em pasmoso torcêr das curvas perfumadas».

«Mocidade! mocidade! Não é a mão simiesca que vos fala, que vos irá encobrir os perigosos vortices da degenerescencia e do crime!!!»

E' simplesmente delicioso este pedacinho de ouro. Adeante á pag. 2347, Tit. 98. Cap. XII.—

«Después de vender su alma, tan solo piensa en rezar...»

Esta mujer está loca:
hasta á Dios quiere enganar
con las mieles de su bocca!

«E agora pelo fluente mel perfumado da Arabia, a cigana dulcissima, em phantasias brandas, languidas, muito leves, ia de mauso pela trilha da vida ao «Deus dará». Borboleteava, colhendo do amôr o doce fructo, naquelle engano d'alma ledo e cégo, que a fortuna não deixa durar muito. E quando a tarde descia já sem scintillações, a mulher fatal, dilatava os olhos comscentes, entre as fulvas vertigens tropicaes».



PARNASO SATYRICO

O bardo Quincas *corria*,
 Por noites de lua cheia,
 Faz versos de legua e meia,
 Que enchem meia tijela.
 Quando sae a ver a bella,
 Vae lampeiro e tagarella
 Mas volta logo fumado...
 A' Musa conta o mau fado,
 Que o traz de canto chorado
 E faz toda gente rir...
 Para um casto amor fruir
 Maguas tem sempre a curtir
 E as faz curtir aos mas...

 Seu Corrêa, a vida é um GAÍSL.

ZÉ-RISONHO



REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Dos Snrs. J. E. Motta e B. Constant, pedindo auxilio de 200:000\$000 para fundação de uma Escola de Commercio na Freguezia do O'--*Indeferido, visto que só com esse auxilio é impossível a manutenção da Escola.*

Do Revmo. P. Gazzineo, pedindo auctorisação para fazer sermões: *Pago a respectiva taxa, ao Exmo. Bispo para informar.*

Do Dr. Isaac Mesquita, sollicitando licença para deixar crescer mais dois dedos o bigode: *Indeferido, visto difficultar o transito publico.*

De diversos chefes de familia, pedindo providencias sobre o ajuntamento de rapazes, que se estacionam entre as 3 e as 5 da tarde, em frente ao Palacete Martinico para apreciarem as moças subirem nos bonds:—*Dissolvido o ajuntamento façam suas filhas ir a pé para casa.*

Do pintor Bassi, pedindo licença, para expor os seus quadros:—*Sim; em logar bem seguro de furdadas.*

De Melles Picadigne, pedindo dispensa do ponto, por não virem um dia á Cidade:—*Sim, requeram licença.*

Do Dr. P. e Prado, pedindo licença para se incorporar á Companhia Lyrica Infantil. *Sim; apresentando attestado em que prove que é maior de 15 annos.*

Do Dr. Benjamim Motta, sollicitando auctorisação para entrar para um convento: *Sim, com tanto que não leve armas consigo.*

Dos Snrs. Lavito Egydio e Antonio Cajado, propondo-se a substituirem Max Linder e Boireau nas fitas cinematographicas — *Falando o Serrador, voltem.*

Dr. SECRETARIO.

Receitas e conselhos

Secção dedicada ás donas de casa.

Contra dôres de dentes.—Colloca-se uma batata ingleza na cavidade buccal, adaptando-se depois a arcada dentaria superior sobre a inferior.

D'este modo, põe-se a cabeça dentro de um forno em alta temperatura, e quando a batata estiver bem molle, em estado de deglutição, já terão cessado as dôres de dentes.

Na maioria dos casos, tem sido muito vantajosa esta receita.

* * *

Gelêa de laranja.—Toma-se n'um recipiente, convenientemente assejado, um kilo de farinha de trigo, a qual se amassa com 3 litros de gemmas, ajuntando-se depois, 8 ovos de leite.

Depois colloca-se a massa resultante pelo processo acima referido em uma retorta, na qual previamente se introduzio meio kilo de jalapa e 20 grammas de azul de methyleno, para a colocação microbiana.

Terminada a operação, põe-se a retorta em contacto com uma Pilha de Bunsen, o que dará em resultado immediato a preparação da massa, á qual se catará depois enidadosamente os fragmentos da retorta, porque são de difficil digestão.

Paula

Palcos e telas

Está aberta a Secção.

Não pensem porém os pacientes leitores que se trata de abertura da Sessão do Jury, ou coisa que valha.

Attentando um pouco sobre a orthographia da palavra, comprehende-se logo. Trata-se aqui neste cantinho do «Zé Povo», de um assumpto bem melhor, ao menos mais toleravel, que uma sessão do jury ou da Camara dos Deputados.

Basta dizer que esta secção que acabo de abrir num rasgo de... vontade de escrever, irá dar contas aos prezadissimos leitores, do que se passa pelos theatros e cinemas da nossa S. Paulo.

Como todos os candidatos á presidencia de qualquer cousa, apresentam antecipadamente, ao zê-povo, as suas plataformas, politicas ou impoliticas, eu, que por enquanto me julgo candidato a *chronista theatro-cinemat.*, acompanhando a mesma rotina, lanço aqui a minha, (não se assustem, a minha plataforma é menor que a do Ruy) procurando deste modo impôr-me á *sympathia* de todos os que cáem com os seus dois tostõezinhos e, ao mesmo tempo, demonstrando aos snrs. empresarios que, absolutamente, nada perderão em remmetter para cá as respectivas ENTRADAS PERMANENTES.

Eil-a pois:

—O que eu farei:

—Obtidas que sejam as entradas de todos os theatros e cinemas e até circo de cavallinhos, tomarei um auto-taxi (não confundir com o auto de 200 reis) e, uma fita no Bijou, uma no Radium outra no Iris, outra no Hig-Life e assim successivamente. A's 8 1/2 a reportagem dos cinemas está promptinha: depois um 1º acto no Polytheama, 2º no S. José, e 3º e 4º onde os houver, estão tomadas as notas theatraes.

Isto, conto muito certo fazer todos os dias (a noite) para, na quarta feira, depois de feita a chronica semanal, dar entrada no prélo.

Recommendo muito essa secçãozinha ao respeitavel publico, porque eu pretendo dizer o que vi, o que não vi e o que podia ver. E assim, tem o leitor que porventura não goste de tomar sereno, ou não queira estragar a vista nos cinemas, por 200 reis apenas, noticias e coisas do arco da velha.

—O que não farei—:

(Isto é de praxe). Não pagarei entrada em theatros nem em cinematographos, em hypothese alguma.

Está aberta a secção.

BOIREAU.

Graphologia

Os nossos amaveis leitores, que queiram ter uma noticia exacta do seu temperamento e caracter, pelo estudo da sua calligraphia, podem nos mandar, em postaes dirigidos á nossa Redacção, um escripto, qualquer com letra natural, que no numero seguinte lhes satisfaremos a curiosidade.

Correio do "Zé"

Dr. Pavagná.

Algibeirite não quer dizer quebradeira; muito pelo contrario: *algibeirite*, não obstante ser *molestia de algibeira*, termina em *ite*, e, como sabemos que esta terminação em medicina significa *inflamação*, é muito claro que *algibeirite*, quer dizer — *inflamação de algibeira* — *ipso-facto*, sentido opposto o que ao snr. pensa.

Dr. Daque Estrada — Rio. — «Pena de Tallião» não se encontra mais em S. Paulo, exgottou-se. É melhor pedir directamente ao auctor, P. Motta, em S. Ferraz, Minas.

Sr. Adr. Correios.

Obrigados pelo cuidado. Por enquanto não se extraviou numero algum do «Zé-Povo».

Sr. J. Antunes.

Publicações na «Secção Livre», não excedendo de 30 tiras, o preço é de 200 reis por linha.

Sr. João O. Lima Pereira.

Para o seu pedido de naturalisação, é preciso juntar certidão de idade e requerer directamente ao Dr. Manoel Arriaga.

DR. MAR TELLO.



GLYCERIO: Que diabo! Esta casaca está no avesso!

LEMBRAS-TE?

Foi em Junho, no tempo da mocenda,
 No tempo da fartura e da alegria,
 Quando juntos passamos na fazenda,
 Uma quinzena de libertal poesia.

Que fizemos da vida uma legenda
 Inspirada num sonho que floria,
 Onde planejamos uma simple tenda,
 Em que jurámos habitar um ora.

Cuide imitámos pelos camavaes,
 Entre ioçás que o rosto nos magoava,
 O trino delicado dos cascaes;

Onde jurámos nosso amor ardente,
 No engenho velho que nos abrigava,
 Bebendo um copo de garapa quente.

908

LAERTE SETUBAL

Canaan

A tarde desce e morre e o sol se esconde em pranto...
 Ha pelo infindo azul, ha no infinto espaço
 Nuvens velando o céu—enormes blócos d'aço—
 E a tarde desce e morre envolvida em seu manto...

Ha tristezas de occaso e em tudo vibra um canto.
 A natureza ufana, em seu nivio regaço
 Sente a seiva passar a correr em seu braço,
 E a vida em tudo estúa em seu auge de encanto!

E eu vivo eternamente a concentrar saudade,
 Não podendo conter este viver maldito!
 Liguem minh'alma á tua os laços da amizade

E vem:—Vamos viver no Canaan da esperança,
 Vamos juntos fruir esse gozo infinto
 Que o nosso ideal concebe e o nosso amor alcança!

ERNESTO NOGUEIRA



AMORES IDOS

Num fino mimo de ourivesaria,
 A minha miniatura ella trazia,
 Escandida entre as rendas de seu seio
 E quando de manhã se despertava,
 Meu retrato, córando, ella beijava,
 Palpitante de anhelos e de anseio.

Na pluma de seu leque aurilavrado,
 E da mais fina essencia perfumado,
 Meu nome ella trazia em lettras d'ouro;
 E quando de manhã se despertava,
 O meu nome, radiante, ella beijava,
 Como um avaro beija o seu thesouro.

Num relicario artistico e custoso,
 Todo embutido d'um lavor gracioso,
 Ella trazia um fio de meus cabellos,
 E quando de manhã se despertava,
 Meu cabelo, sorrindo, ella beijava,
 Com mil caricias e com mil desvellos.

E, certa vez, em prantos debulhada,
 Fui encontral-a, triste e desgrenhada,
 Em seu quartinho de gentil recato,
 E com sua vóz adocicada e mansa,
 Disse, chorando como uma creança:
 «Que desgraça!... Eu perdi o teu retrato...

Depois passou-se o tempo.. E eu na janella,
 Disse uma noite me chegando a ella:
 «Que é de teu leque?... Ninguém mais o viu...»
 E ella, com sua voz adocicada,
 Nem triste e nem chorando desgrenhada:
 «Hontem no theatro, acaso, eu esqueci-o...»

E o tempo se passou de novo, quando
 Na sala casualmente conversando,
 Eu disse: «que fizeste tu, daquelle
 Teu relicario antigo de creança?»
 E ella, sorrindo, e com sua voz tão mansa:
 «Nem sei onde anda... aborreci-me delle...»

Junho, 911

PAULO SETUBAL



O mez de outubro começou com chuva e muita chuva. Ninguém saiu de casa a afrontar o tremedal e a humidade ficando paralyzada a circulação do nosso mundo elegante. E por estas tardes chorosas o *trouloir* da Casa Martinico só foi pisado por homens de negócios, com seus guarda-chuvas lacrimejantes, verberando a inclemencia do tempo.

Os cinemas do centro, o Chantecler e o High Life, acompanharam na tristeza masculina de poucos espectadores, o arrastar da semana. Mas noutros dias teremos muita coisa a apanhar em flagrante para as nossas narrativas de vida social.

—*Pela Avenida Angelica*—O gentil e restricto gremiosinho de Melles Puech projecta mais uma *souée* em casa de uma das galantes associadas. Pena é ser sempre tão fechado a novas adhesões, mas tem de ser só daquella avenida...

Está levantada a ideia de se formar dois outros *bouquets*—de *Chrysanthèmes* e *Roses*.

Fazemos votos para que se não redusam as reuniões ao formalismo de mutuas recepções. Fóra da Av. Angelica ha muito mortal que vive, sente e dança...

—*Pelos Campos Elyseos*—Ha duas «ententes» denunciadas, e um *pedido* em vias de evidencia. E o Pic-nic?

—*Pela Higgenopolis*—Projecta-se outro «bouquet» para brindar os da Av. Angelica. O Lyon acha excelente. Outros tambem acham. Será para logo, ou ficam as interessantes Melles á espera da inauguração do novo palacete?

O Carlos Coelho, assíduo bailarino, tem lido varias anedoctas em allemão, e em antigas illustrações portuguezas, para, muito a proposito e de improviso, recontal-as, embora estafadas. Riam delle.

Já que o Nardy espera nossas felicitações pela criação genial de lineamentos ineditos em chronicas de Sociedade, ahi vão. Quanta innovação fecunda! (Não ha de que).

TÓTÓ PASSE-PARTOUT



O Joanike

Caixa de penhores

Devem ser vendidos em publico leilão por falta de resgate das respectivas cautelas, os seguintes objectos que estão no prego:

O rojão de lagrimas do Arthur Brito,
a fome canina do Vasques Junior,
a elephantiasis do dente do Tónico Brito,
a mania do Mario de Castro tomar gemmadas,
a feitura do Bento Camargo,
o vidão do Lincoln de Campos,
a dentadura postica do Isaac de Mesquita,
as cavações do C. Vasques,
o cinematographo do Armando Azevedo,
o nenê do Vicente Mata-Prosa,
a pulseira que o Kramer traz no tornozelo,
a viagem do Vasques Junior á Argentina,
a cara do Vianna (do Centro Sportivo) quando deu o elephante,
os pagamentos em passe de bond que se fazem na casa Husson,
o systema Roskoff do Chico Vuono vender sapatos,
o geitinho do Horacio cavar para... o Gustavo,
a mania do Filgueiras *verter* para o francez,
o prejuizo do Sanches com a separação da firma Lincoln & Mendes,
a alegria do Minervino quando ganha em cima do bicho,
o espirito do Cajado,
o systema voltaico da lingua do Forjaz,
a *Cubitileza* do Adão Nardy.

MILLE. DE ZIG-ZAG.

O nosso prezado amigo e distincto confrade, Eug. Hollender, collaborando para o desenvolvimento e maior impulso do Theatro Nacional, está pondo para o portuguez os *librettos* das mais conhecidas operas modernas.

E' assim, e o trabalho já vae sobremodo adiantado, que com o maximo prazer damos agora aos nossos leitores a traducção de alguns trechos mais populares:

A romanza da Tosca «*Vissi d'arte, vissi d'amore*: «Bicho de arte, bicho de amor etc...»

—*Voi lo sapete ó mamma* da Cavalleria: «Vós o sabeis mamãe, antes de assentar praça, Turiddu... etc.»

—*O bello côro A casa! A casa!* da mesma opera. «Pra casa! Pra casa! Onde estão nos esperando as Ex.mas Senhoras... etc.»

—*Che gelida manina* da Bohème: — «Que gelida mãosinha, se me deixas en a esquento... Graças a Dens, que esta noite temos lua, e a lua nós a temos, aqui a dois passos... Escute gentilissima Senhorita, te direi com duas palavras, quem sou... etc.»

La donna é mobile do Rigoletto:—

«A mulher é movei

Que se impluma ao vento.

Muda de assento

E de dispenseiro... etc.»

—As palavras da linda cançoneta *L'amore é comme il zucchero*: «Quem disse que o amôr, é um novelinho amargo, nasceu mesmo sem couro... etc.»

Não nos furtaremos ao agradável prazer de publicar sempre, outros trechos traduzidos, e incitamos com os nossos melhores parabens ao Hollender, para o proseguimento de tão util e interessante trabalho.

—Muito interessante o «Pirralho»: sabes que é o Carlos Coelho quem faz esta secção em allemão?

—Logo vi. Pois se elle é o companheiro do Lehfeld...

Mens senhores, tenho o grande prazer de vos apresentar aqui a silhueta de Mlle Z. M.

E' toda ella um fio de delicadeza... subtil e, pequenina e branca, toda um capricho de graça, traz na suavidade da linha do cabello e do olhar uma aureola de morgues.

Mlle causa sempre a impressão d'um esboço ou d'um aroma fino.

A fragilidade harmonica de sua voz e o complemento de sua attracção.

Mlle pertence a uma das mais sympathicas familias da nossa *Mt* e frequenta os bailes elegantes onde é desejada, admirada e requestada.

E' *chic*.

Além dos muitos predicados que possui, denota certo gosto pela musica que cultiva graciosamente.

Atraz da vultosinho de Mlle ha sempre um cortejo de corações o que ella percebe com certo prazer muito feminino...

Ultimamente anda ella um pouco retrahida, afastada da sociedade, porque... porque... não sei! *palavra* que não sei! E' aposto que os Senhores tambem não sabem...

WALLY

Voillages

Esteve sobarbo o *five o'clock*... *quelque chose* que nos deu, em fins do mez passado, a Directoria do Paulistano, no Velodromo. Ajudados por uma tarde em que o sol illuminava e estimulava os animos, deram-nos aquelles esfreados cavalheiros algumas horas de doce prazer.

Pelo campo, em grupos, hordejando o cimentado, ou nos jogos ao ar livre, lá estava uma boa parte do refinamento de nossa sociedade. Alegres, a desmentir o retrahimento que lhes attribuem, as gentis senhoritas fizeram o enlevo da reunião. Por toda parte, com distincção e garbo, formavam parlulas, combinavam folguedões, dispunham balizas, e o sol cada vez mais baixo projectava no campo suas sombras cada vez mais esguias. E quando a musica se fez ouvir, as gentis desportoras do *sport* vieram por um realce de bellos rostos ridentes e toilettes leves, pela beira do cimentado. Iam dançar.

E o numero das sillmetas, a diversidade dos typos, os cabellos, todos aquelles olhos, em formosos conjunctos, evitaram a discreção do extase. Não fossem tantos, e haveria extaticos.

A esta pallidez de santa, succedia o rosado de deusa para ver-se depois a doçura infinita daquelle olhar de onyx, e logo após uns bellos olhos garços: E sob a phantasia parisiense de um chapéo impeccavel, fulgiam louros cabellos em relevos artisticos. A vista ia descobrindo a *mignonette* de proporções minuscenas a attrahir admiradores pelos seus enraios. Depois um typo grego. A robustez de um corpo alto de linhas ha moniosamente bellas, cejava-se a *souple-se caprice* de debil silhueta.

Em attitudes diversas, com a pureza classica dos marmores pagãos, como quem, n'uma indifferença divina, nem repara os corações que pisa, muitas tardavam pelo campo.

E eram agora os pares a chamar a cada n'uma a attenção que estuda e aprecia...

Aos noços corbe tambem destaque pelo encanto discreto de boa disposição, hombros quibros, talles bem lançados, em domato os pares, per x em o corte o pele melle da graça feminina, dando com a impressão de refinamento no convívio, o alho e o jado em noço meio.

O observador imparcial é forçado a attenção, não ha falta do habito de sociedade, e teo o mesmo á altura das reuniões já ha o *mondo*. E' a parca que sao poncas. Ha cordialidade e ha ha noço o gosto. Mas forza é confessar que não e' a *bonheur* clerisada essa necessidade social, e muito que e' por riam supprir, auxiliando organizações e as em, e dando, deixam-se ficar n'uma *nonchalante* semana, a viver e a recordar com saudades as delicias da ultima partida.

E, talvez, o espaço as dê lugar a *uma coisa* que todos nós jogamos, a procura de *apertu* ludo, lutando com a alluencia, o concurso, a emulação e, cessiva, em que muitos se delicias, em que quas todos se dissolvem, sem allingir o escopo desejavel, e se apreciar detidamente o que requer a attenção que se desvele em amabilidades, e a argucia que percebe as intenções sublis. A attenção desviada, a vista fasmata, a extensão de uma espera, a curiosidade quasi inconfundida, distraem a gentileza e o espirito, e embotam a sagacidade.

Mas... na sombra propicia do cimentado passavam pares...

—O Forjaz, no rebuscar cicioso e prolixo de ditos arrebicados, quer fazer crer que o amor é... é... qualquer concepção *à priori* e a gracil senhorita que onve esboça um sorriso...

—O Dr. Everardo de Souza deslison elegantemente.

—Oliverio, como si nuvens esmeraldinas viessem dar nova apparencia aos tons roseos de uma felicidade ineffavel, sorria immerso em beatitude. Era ouvido attentamente e lhe chegavam olhares indecisos... *Regna, fortunate jacinthe!*

—Jóca, esquecendo a attitude de occasiao e as conveniências, larga a talar da Austria, de Inspruck, Zara, Trieste, Praga, Spalatro.—E queira caer, mademoiselle, moças pequenas ha tantas, tantas, que dão para encher este campo todo! E esboçando um gesto fuzo, ameaçou inesperadamente a integridade physica de um circunstante.

—Rubens Salles, o consagrado foot-haller, era feliz.

—O Accacio dansou, não viram? E o Pecanha, viram bem que não dançou?

—O Hymalaia não quer ser falado, e o Memelles tem santo de devoção.

—Ao lado, olhando o que lhe podesse interessar, vimos o sorriso ironico do Franklin, que caustica mas faz rir.

—E mais alli, num trio, empoleirado em degraus, o Vieirinha dava-se ares de Colosso de Rhodes. E assim arredio, deita muito á socapa olhares de admiracão mcontida á linha do Franklin...

A's cinco enquanto a Banda tomava um tologo (e era esse o *five o'clock*) o Nestor Macedo, tendo se ranjado com rapidez espantosa oito rapazes de desigual capacidade sportiva, fel-os correr com excellente resultado. Foi um successo! Seria de ida e volta, mas ambos foram e ficaram...

Wally

M'AS-TU-VU ?

O conhecido clinico F. P. visita um cliente, que lhe mandára chamar urgentemente:

—O snr. me escreve, pedindo que lhe viesse visitar, por motivo de uma angina, e eu lhe encontro com um ataque de rheumatismo na mão direita?!!

—E'... Doutor... não havia ninguem aqui em casa, que soubesse escrever RHEUMATISMO...

..

O E. C. anda apaixonado e seriamente.

Uma noite d'estas n'uma reunião, elle declarou-se francamente á dona dos seus pensamentos:

—Si V. Exc.^a fosse Eva e eu tivesse a felicidade de ser Adão, não precisava uma maçã p'ra me tentar: uma ameixa das miudas já bastava...

**

N'um dos nossos ultimos *five o'clock*, elegante cavalheiro, aproxima-se de uma gentil senhora que não perde uma contradança:

—Concede-me Excma., o prazer de uma valsa?

—D'inteiro gosto... a... vigessima.

—E' sobremodo amavel e fico-lhe muitissimo obrigado: a essa hora porem... eu... ja me fui embora.

—Eu... tambem.

O Barão que estava a alguma distancia emmagreceu.

**

Camara dos Deputados. No dia da Convenção. Começa a falar o Dr. H. F.

Diz primeiramente sentir-se muito desgostoso por não ser n'aquelle momento um Apelles, um Lamartine, um Flammarton, para que, com phrases mais vibrantes, sabias e eloquentes podesse interpretar á nobre Assembléa os seus acendrados sentimentos patrioticos.

—Os circumstantes exprimem tambem os seus sentimentos pelo mesmo facto. O orador continúa:

— Quem poderá ser, senhores, q'no d'este momento politico, de tão magna importancia, se não pôr um ponto final á situação, e que com a unanimidade dos nossos votos seja eleito o presidente do Estado de S. Paulo?! Quem?

Ha um silencio concentrado pela sala.

O orador continúa, com a voz cava e profunda... e o echo d'esta sala responde: «Quem?»

N'isto levanta-se o Dr. O. A. e dirige-se ao orador:

O nobre collega acaba de perguntar quem poderá ser o nosso presidente, não é a...?

—O Dr. H. F.—Perteitamente.

—Disse mais que o echo d'esta sala lhe responde «Quem?»

—Foram essas as minhas debeis palavras.

—Pois bem! e dirigindo-se aos circumstantes:

—E' muito curiosa a acustica d'esta sala.

Foi chamada a sereia para soccorrer os desmaiados.



ECCE HOMO

Os nossos proximos numeros, trarão uma desenvolvida reportagem photographica, profusas charges e caricaturas da actualidade, e escollida larga e espirituosa collaboração sobre politica, critica, arte e notas sociais.

Valla commum

SOMBRA QUE PASSAM...

Morreu Edvar Car Milo

Poeta triste e fecundo

Mas digo mal—não morreu.

—Pois nunca foi deste mundo...

MOR D'AZ

ELEMENTOS DE HISTORIA UNIVERSAL

PARTE I M. PROFESSOR

Quando eu tovam Colombo
Partiu do porto de Palo.
Philippe mandou lhe um bombo
Para entregar ao reballos
Nesse tempo o Cochinchina
Declara guerra ao Japao
Enquanto que Catilina
Passa a nado o Rubicao.

Colbert o grande ministro
Sabendo de te incidente
Num gesto largo e sinistro
Ordena a missao do Oriente.
Napoleão toma lhe o passo:
Penetra logo no Egypto
E Colbert neste embaraço
Deu o dito por nao dito.

Por esse tempo lucilatus
Morren de febre apitosa,
Enquanto que os Maragatos
Põem lú em polvorosa
Porem não ficam impunes:
Surge um artigo damnado
Assignado: *J. Antunes*,
Na secção-livre do "Estado".

Colombo aporta ás Antilhas
Num domingo ao pôr do sol.
E plantou logo nas ilhas
O pavilhão hespanhol.
Vendo uma india bravia
(Que numa pinta á face tinha)
Exclama: "Santa Maria!
Que linda *pinta my niña*."

D. João VI calmo e nedio
Perdeu de todo a paciencia.
D. Pedro encontra o remedio
Proclamando a Independencia.
Tibiriçá entra na dança.
Acha as cousas neste pé.
E foi logo sem tardança
Valorizando o café...

(Continúa)

Cartas e Bilhetes

Igregio Amico Colonello Giacó de Carvaglio.

Munto estimare che estas mar traçada ligna
li encuentre, ... edicetra, edicetra.

Io stó comme u Amico pode si careulá
muntó danado çí liguri che a migna mãe a Idalia,
declararo guerra p'ra a Turchia!

P'ra Turchia, colonello, adovo si mangia a
carne dos animal racional!!!

Quando me lembro che os meu Imbon, as
Idalianos, von sê cumidos p'ros turchos, eu macho-
rone, cu'a insalata co sbruffe e senza sbruffe, com
me carne a lessso, porco cane, mi peço, ma teva,
chi até s'ispino comme o cavallo!

Io també já diçe, pros paezanos meo, che
ston no Brazil e che ston tremeno de parrades,
chamado p'ra a guerra, porque non liguro a guerra
sordado, che eu non vó pr' Idalia, briga na guerra,
pruché non gosto mesmo dos turchos.

Du contrario io já isse, e as estas guerra
estasse in goppa du battimento.

**

Atro dia io stasse dando uma cartinha na
Sidade, cuando m'incontrei co Sarvatore Pietro.

—Chebe, me diçe, ché fú indicado pra sê
Syndaco de S. Paolo?

—No...

—Puis foi o Arves...

—Qual Arves perguntei. U Pedro?

—No! U Rodrigo!

Io cabisse das naves e se machuquei interi-
gno e fui depreça falá c'o Governatore, che iço non
podia sê, che o povo gia escolheo o Dottor Ro-
dolfo, che non pôde sê otro, e tantas coisas, quan-
do na porta do Palacio, um sordado negrigno non
mi déchô entrá:

—Che é che ocê qué?

—Chero falá co' Governatore...

—Chi é você?

—Uhi! Enton ocê non conhece u Gennaro?
U Gennaro Fagnotta?

—Cual Gennaro, ni mezzo Genaro! Ocê
aqui nun pode entrá! e me apontou aquelle can-
veton que tem na ponta da scopetta, bem p'ra
minha barriga.

Io non tive medo, però non quiz fazê barúio
p'ra incommodá o Governatore e só disse p' elle:

—Vô contá tudo p'ro Gioachino Antumi, e
elle se dexa fazê um artigon nos jorná... Isperé!
E fui s'imbora.

Despois pensei: io non m'importo; chi vac
sê presidente é mesmo o Dr. Rodolfo... pronto.

**

Giá mandei, indireitá a casaca p'ra i no
bailo che von dá no fuêro do Tiatro municipal.

Gia paguei també cento milla reis, p'ro in-
çistente convitto che me mandaro, e che io chero
vedê si disforro nas bibidas, nus doce, e si posso
trazê qualche impadigna e charuti pru borso.

Fimisco questa, vi mandando Igregio Colo-
nello os meo parabé, per il suo onosmatico...
miei saluti a tutti di casa.

Criado muito obrigado nun tem d...

GENARO P...

Zé Povo

Preço: 200 reis

ANNO I

São Paulo, 12 de Outubro de 1911

NUM. I

EXPEDIENTE

Assignatura Annual 10\$000
 Por Semestre 5\$000
 Até o fim deste anno 2\$000

TODA a correspondência deve ser dirigida á Administração e Redacção;
 Rua Dr. Falcão N. 32.

SEMANARIO illustrado, de critica, arte, politica, moda e actualidades; impresso
 em officinas proprias; sahirá ás quintas feiras; propriedade de uma Empresa.

ZÉ POVO



No foot-ball



À Vieira & Pinto

... é uma fita.
 Durante a semana, estão os
 nossos habéis operadores, n'uma do-
 tadoura, aqui e acolá, a apanhar os
 pedacinhos mais in-
 teressantes, de maior
 attracção e mais di-
 gnos de nota e, todas
 as quintas-feiras vo-
 lo apresentamos, lei-
 tor amigo, commo-
 damente, pelo redu-
 zido preço d'um ní-
 colau de 200.

Zé povo é com-
 plete: nada lhe
 escapa, sabe de
 tudo, tudo vê, a
 tudo observa, de
 tudo informa; é
 mais que o *Pathé*
Journal.



Nos theatros



No Castellões

bisbilhoteia e de tudo faz... fita.
 Leitor amigo, attentae bem, quem
 sabe se não vos apanhamos o carão?



Julietta

e

Romeu



No
 Triangulo

Gyra sècca e méca: vae
 ao foot-ball, aos theatros, aos
 cinemas, ás ragatas, aos *five*,
 aos bailes; frequenta as rodas
 politicas e litterarias; está pelo
 triangulo, pelo Guarany, pelo
 Castellões.

A sua objectiva
 nada perdôa; a
 senhorita que a-
 tira ternos olha-
 res a alguém que
 se derrete; o ele-
 gante que se ves-
 te a Vieira &
 Pinto; as entra-
 vées; os sans-des-
 sous; dá-se com
 todo o mundo,

Escreve-nos o Sur. Antunes, protestando énergi-
 camente contra a idéa de se erigir na Praça da Repu-
 blica uma herma á Companhia Telephonica, e que sobre
 o assunto, virá mais largamente pelos jornaes.

AVISO

A titulo de propaganda enviamos gratuitamente a todos os nossos assignantes o primeiro numero do ZÉ POVO; para melhor regularidade, as assignaturas até o fim deste anno custarão apenas 2\$000.

A Empreza

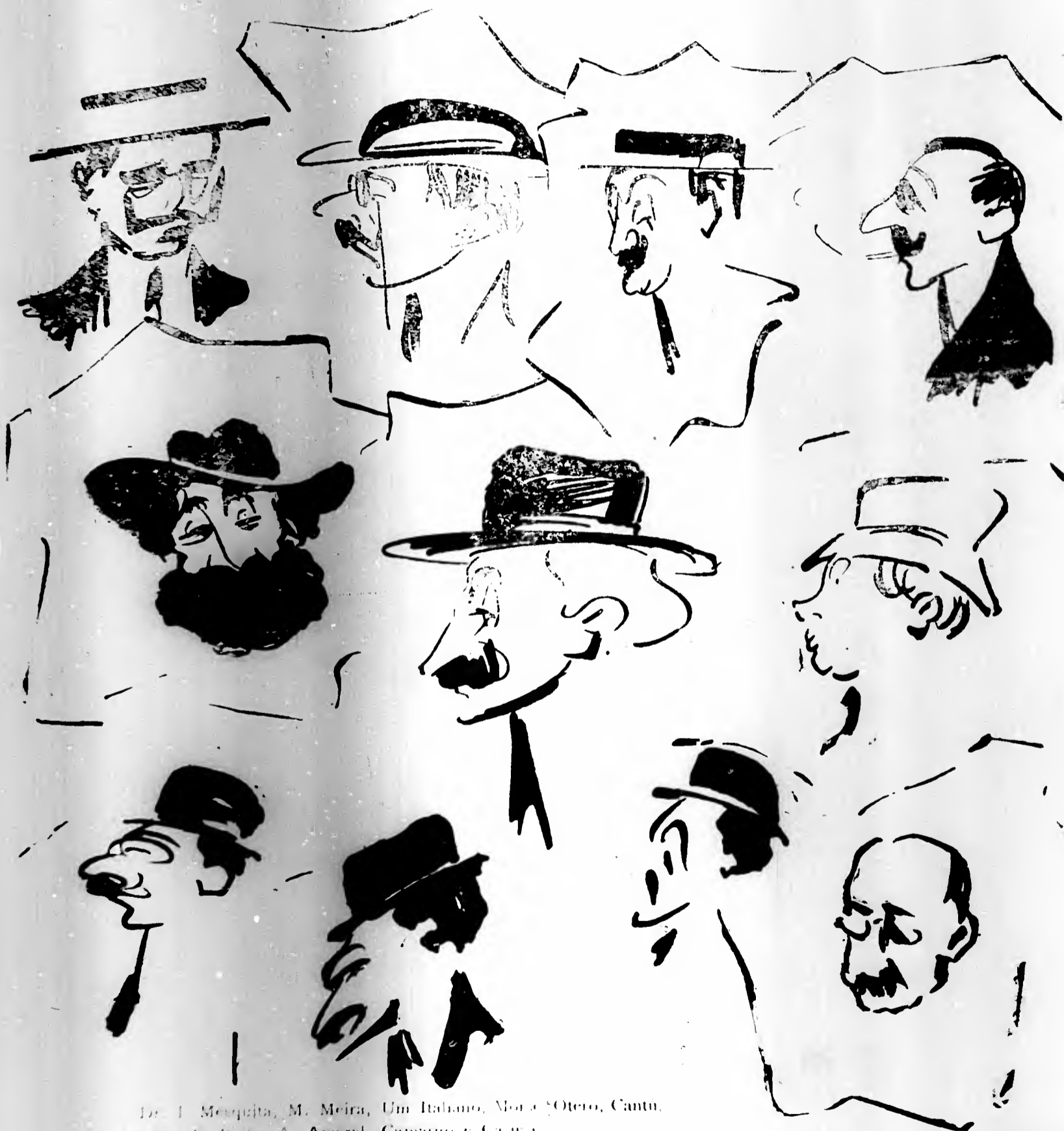
Preço: 200 reis

Zé Povão

ANNO I

São Paulo, 12 de Outubro de 1911

NUM. I



Dr. J. Mesquita, M. Meira, Um Italiano, Morá Otero, Cantu,
Botelho, S. Pinto, A. Amaral, Camargo e Castro

N.º Ident.

48

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal Zé Povo

Dia

12

Mês

Outubro

Ano

1911

Páginas

16 ilus.

Microfilme feito em:

19-8-948

N.º C.

39

N.º M.

118

Pague e não bufe...

Camisaria Especial Camisas até para o Diabo!

55, RUA 15 DE NOVEMBRO, 55

Bazar Paulistano

Pompeo Scuvero

Compra, vende e aluga Moveis
novos e usados,
Crystaes, Porcellanas, Livros,
Quadros e mais artigos
de uso domestico.

Deposito de Colchões

10, Rua do Imperador, 10



Casa Aremberg

LOJA DE FAZENDAS
Armarinho, Modas e Confeções
PERFUMARIAS
22, Rua Direita, 22

200 marcas de charutos

Casa do Gonzalez

Perfumarias e Guarda-chuvas o
que ha de mais rico, para
homens e senhoras.



A la Belle Jardinière

Pechinchas para o Verão!

Ver para crer a verdade!

Poletots de seda de cores a 10\$000.

Poletots de palha de seda a 8\$000.

Paletots de alpaca lona a 6\$000.

Paletots de brim lona a 3\$500.

EUREKA!

Um costume de brim de linho, fazenda superior e chic,
feito á Luiz XV e á grande Duc, para meninos de 3 a 10
annos por 5\$000!!

A. Lino & Comp.

RUA de S. BENTO, 30, Em frente ao Grande Hotel

A' MASCOTTINHA

Fazendas, Modas, Armarinho e Novidades

Theophilo Costa & Comp.

6, Rua Direita, 6

Telephone, 466.

S. PAULO

Pharmacia do Povo

Elixir Estomacal


DO

PHARMACEUTICO

Alves Camara

II, RUA DO THESOURO, II

Tribunal da pacotilha

ACTA DA 59.^a SESSÃO DO CLUB DOS CONQUISTADORES


Presidia a mesa o bacharel Mesquita, tendo á sua direita o corrector Alcino e á sua esquerda o corrector feio e bobo Chico Carneiro. Estão presentes o Gible e o Marques, amarrados de pés e mãos.

O Martins Guimarães bota o verbo. O Marinho de Andrade produz a defesa.

Houve setecentas replicas e outras tantas treplicas.

O corrector Alcino com ar de tedio olhava distrahidamente para o tecto e comia umas bolinhas que tirava do nariz.

Afinal a palavra eloquente do Mesquita soou como uma gaita de folle:

—Considerando que as scenas de vias de facto do calibre da havida entre os reus presentes muito contrariam os fins desta nossa associação;

—Considerando que si o barulho tomasse proporções incommensuraveis a moças podiam fazer grève e não por o nariz de fóra o dia inteiro;

—Considerando afinal que a esphera do direito de cada um estende-se somente até encontrar os direitos de outrem;

—Resolvemos condemnar o Gible a beber cinco vidros de oleo de ricino e o Marques a pagar as custas.

Descommunal vozeria ergueu-se aos ares, conseguindo até arrancar o Alcino do seu extasis.

O dr. Joaquim Pedro ficou encarregado de inflingir o purgante ao Gible, e o Kinú de fiscalisar durante tres dias.

—O Kinú (furioso): Oh! Oh! não! Encarreguem a outro! Diabo! eu não tenho geito nenhum para isso!

Todos sahiram sem dar-lhe ouvidos. Sómente ficou o corrector Alcino, em extasis, mettendo os dedos no nariz.


E assim terminou esta, como têm terminado as outras.

~

Não podemos publicar hoje a critica dos *Noros*.

O chronista, não sei porque... tem muito medo de chuva...

CORREIO DO «PREGO»



Recebemos a sua carta na qual v. s. após grande arrasoado nos pede para declarar que a sua pacata figura não figura no corpo de redacção.

Ora, Pessanha! isso é muito feio. Pois você sendo o redactor chefe quer arrancar de nós uma tal mentira? e ainda mais em publico?

Ora, vá...

—

Pelo que acima fica dito, já sabem que o responsavel pelo «Prego» é o dito Pessanha.

ARTES E PARTES...



Como foi annunciado, estreou no S. José, na noite de quinta-feira a companhia lyrica do maestro Gama.

A peça escolhida para estréa, foi a opera de Verdi—ERNANI, muito conhecida da nossa platéa.

A companhia não excedeu á nossa expectativa.

O primeiro acto, como acontece sempre, correu um tanto frio, o que não succedeu nos 2.^o e 3.^o, onde sobressahiram os srs. Fortunato Checchini e Bianca Montesini, sendo bisado o final do terceiro acto.

O sr. Angelo Bersani, 1.^o tenor absoluto, apesar de sua voz pouco avolumada, não andou mal, cantando com arte e muita expressão.

O baritono Luigi Ferraioli, apesar de não ter-se restabelecido completamente, deu-nos um Don Ruy bem regular.

Signorina Bianca, possui uma voz bem agradável e revelou bastante talento.

Os côros estiveram bons. Orchestra magnifica. Theatro repleto. Ovações á granêl. Applausos em profusão.

Um bravo á modesta companhia e parabens aos srs. Gonçalves Leal & Comp.

—Hontem repetiu-se o ERNANI.

Houve mais firmeza e desembaraço. Coube as honras da noite ao sr. Fortunato Checchini que possui uma voz mesmo de encantar.

—Para hoje, ERNANI. (Extraord.)
Au theatre!

Pular corda...



Si fosse bastante conhecida a physiologia da mulher, com certeza teriam abolido na Escola Normal o tal exercicio de gymnastica! Isto, pelo principio physiologico; pelo principio economico... horror!

Essas deidades que por ali andam de livrinhos em baixo do braço, outr'ora, nas horas vagas, entretinham-se na machina de costura, tirando dalli algum resultado pecuniario.

Hoje, não; substituiram a machina pela corda! E dizem que é exercicio de gymnastica!

Ah!... si quizessem *pular corda* na rua... que bom! que chiquismo!

Quantos cambitos de truz!

~

O «Estado» accusou o recebimento do nosso 3.^o numero.

Disse que temos *alguma graça!*... Ainda bem!

Trombeta da fama



Fallou-se no Café Americano que o Nonô Velocipede andava a procura do redactor do «Prego» para cortar-lhe a cabeça.

—que tudo isto por causa da *loira* que é tão bom metal como qualquer outro.

—que o Maneco da Ponte já lhe explicou a historia, dizendo que *loira* é moeda esterlina.

—que em vista disso o Nonô mandou á fava o redactor e riu-se muito da pilheria.

—que o Alcino gostou muito de figurar no *Tribunal da Pacotilha* e que comprou 50 numeros do «Prego» para dar aos amigos.

—que isso não aconteceu com o Mesquita apesar de ficar satisfeito.

—que o Anselmo de Carvalho depois que abandonou a ideia dos FF e RR, virou ave nocturna.

—que já houve quem o chamasse de morcego sem bonet.

—que o Gaspar está furioso por figurar na secção de annos.

—que são collaboradores effectivos do «Prego» os srs. Pitaguary e Hippolyto da Silva.

—que o Bento de Barros desta vez vai dar cabo do redactor do «Prego», que elle mesmo não sabe quem, mas que suppõe ser um moço inglez.

—que o Pessanha está com um cagasso doido...

—que o Guerra tambem dá sorte no lyrico.

—que o Rivadavia Corrêa tambem collabora no «Prego».

Importunos

SR. J. B.—Por caridade, não nos incommode mais.

O nosso «Prego» não é palmatoria.

A OUTROS.—Não sejam beocios. Façam melhor jornal, si forem capazes.

O «Prego»
Conta um mez!



Pague
E não bufe!

Por especial obsequio, o encarregado da impressão do «Prego» está autorizado a receber annuncios, assignaturas, e outras correspondencias.

Rua das Flores, 7.

O chujo do redactor do « Paiz » Sal A. Monde, foi condemnado a pagar uns cobres ao proprietario de um hotel Santista, de comes e bebes.

Pagou além dos 244\$940 os juros da móra!

Banquete onça para uma lua de mel.

Moralidade: — Para ser jornalista... basta ser immoral!

Por nos ter chegado ás mãos um pouco tarde, deixamos de publicar, hoje, a DEFEZA DOS NOVOS.

Os moradores de Santa Cecilia appellam para os narizes dos srs. fiscaes a revogação de certo *perfume* que exhala da cocheira de bonds.

Vão srs. fiscaes, vão lá áquella habitação tristonha de burros... e multa nos taes, digo, na companhia.

Recebemos seu artigo, sr. Anselmo. Não publicamos porque o sr. está despeitado. O Azevedo Marques não nos disse nada, póde crer.

Verum est id quod est.

A inclemencia do sr. Clementino, deu para ser inclemente com as muchachitas dos cafés!

Ellas foram para o olho... da rua, porque o olho da providencia está fechado para os actos profanos!

Consumatum est!

Sr. Medeiros.—Recebemos seu protesto. Está bonito devéras, mas não podemos publicar. Nem v. deve se zangar com o Viriato. Si elle fez aquillo, foi induzido pelo Olegario.

Intenda-se com o sr. Alambary Palhares que está ao par de tudo isto.

Nada temos que ver com isso, sr. Dolivaes; se o Paranhos comprou o terreno por 22 e quiz impingir por 60 contos, é questão de achar tolos.

O que nos vale é que só possuímos acções do BU... Olhe, sr. Dolivaes, diga ao Para...anhos que passe a perna no Bairão ou no Ramalho...

Recebemos as amaveis visitas dos artistas lyricos da companhia lyrica.

Tantas honras para o nosso «Prego»... Gracie, cavalheiros.

Em vista da procura que tem tido o nosso «Prego», augmentamos a tiragem e domingo, si o tempo permittir, sairá do tamanho do «Estado».

Vejam só a nossa importancia! Os amaveis proprietarios do APOLLO, mandaram-nos... qual torrinhas, cadeiras de palhinha e numeradas.

Êta nóis! turunas!

Sezione Italiana

Bisogno parlare de uno assunto novo.

S. Paulo vai cair n'altra pasmaceira!

Vai si non quando, o tutú del sig. Clementino abolito las muchachitas

dos cafés.

Oge non vale a pena se prendere una chicchera di café!

Si non é servido por una mano setinosa e gentile comedante, bisogna pagarse due soldo solamente...

O che tiene valore non é il café, assi como: uno regalito non bisogna essere de alto coturno—vale a intenzione.

Questo é mio pensiero.

Il sig. Clementino foi infelice in questa derrubada.

Una feita, andava prendere uno becchiere de vino nel Terraço, com mio amico Teixeira, avvocato de la colonia mia.

Vai si non quando, a ragarsa apincha uno assucareiro nas ventas de uno guapo, occasionando uno faniquito em mio compagno.

Má, tutto isto non vale niente.

Non bisognava per questo incidente, abolire as sinhoritas che moltos bagarotes filaram del Santos Taco!

Em nome de tutti citadini residente in S. Paulo de la colonia mia, domando a il sig. capo de polizia la revogazione di questa abolizione atrazatta.

Vostro sempre adorato,

APRIGIO DE GODOY.

Turybulo da casa



Devido a protecção que nos têm dispensado os srs. Louzada & Irmão, temos podido caminhar sempre com prosperidades.

Faltaríamos com um dever sagrado, se neste momento solemne, não estampassemos nas columnas do «Prego» os nossos sinceros agradecimentos.



Os endiabrados PLUTÔES pretendem nos dar um carnaval onça. Para isso já estão ensaiando os caniços... das venus hectontes.

NOVAS NOITES



Com este titulo, organisou-se nesta capital uma sociedade dançante. Os seus directores estão se preparando para dar uma soirée de pellar pecegueiro.

A partida de inauguração será na noite de 13 do corrente.

Será distribuido nessa occasião um jornalsinho pchut.



Chispas

I

Houve um sarilho medonho
Gritaria, espalhafato...
Não desvendo inteiro o facto,
Porque em contar me envergonho.

Vermelho, a tremer de raiva,
Dizia o heróe, a intervallos,
Que havia de esborrachal-os,
De injurias numa saraiva...

E a vomitar baixos termos
Faria, em furias de leôa,
Cousas que o senso perdôa
Só aos cerebros enfermos...

—E' que á sua incompetencia,
Aliás reconhecida,
Deram, justos, merecida
Sanção os homens da sciencia.

Devendo calar-se á justa
Punição e conformar-se...
Não! Resolveu revoltar-se
Contra a decisão augusta.

Matar queria os juizes,
Com o rancor do hespanhol,
Pér-lhes as tripas ao sol,
Achatar-lhes os narizes...

Naquellas soturnas salas
Passou o vento da desgraça!
Vi u erguer-se em ameaça
Meia duzia de bengalas!

E' que se erguia a justiça,
Tendo sempre a força ao lado,
Punindo cada attentado,
Que contra o justo se eriça.

Assim foi e o turbuiento
Colheu da sua conducta
Amaldiçoada e vil fruzta
—Protesto geral, violento...

E hoje que a paz vai-lhe n'alma
Reconheça o erro e conquiste,
Não assim, de lança em riste,
Mas pelo saber a palma!...

RADIUM.

ASSIGNATURAS

uma e quatro

O PREGO

NUMERO AVULSO

Tres vintens

Orgam hypocondriaco

Associação de uma propriedade

Castigat mores ridendo...

Jornal de maior circulação actualmente

ANNIVERSARIOS

Faz annos o redactor do «Estado» por dizer que temos «alguma graça».

—Faz annos com chuva e com calor um chujo de Santos que assigna-se—Porcaria.

—Faz annos o redactor do «Il Pensiero Italiano» por querer tirar a «mascara» á uma fabrica de moveis.

Fundo do artigo

7 de Tres Rios de 90

Decididamente que S. Paulo caminha adiante do progresso!

De dia para dia augmentam-se companhias e formam-se empresas!

Dahi vai que o invicto jornalista Bairão acaba de incorporar uma companhia para a criação de carrapatos e bichos do pau podre.

Para esse fim, comprou uma parte do largo da Republica, para ali edificarem um grande predio com viveiros e outro accessorios.



Esta planta feita com esmero, pelo rei das Tanajuras J. Martin, acha-se á exposição na vitrine do Levy, para quem quizer ver e apreciar.

Um bravo ao Bairão do «Diario de Noticias» que tanto desejava sair em letra redonda, pelas columnas do nosso «Prego».

Outra empresa gigantesca, não menos onça, foi a que formou o benemerito callista Ramalho.

Nada mais, nada menos que comprar o Becco dos Mosquitos, para fazer alli uma grande barba, com a denominação poetica.—AVENIDA DOS QUEIXOS—onde se farão barbas a 100 réis e fricções a tres vintens...



Esta planta feita graciosamente pelo distincto crayonista Lino Muniz, acha-se exposta n'uma das salas do Corôa de Italia.

A entrada é franca para os amantes... da arte.

Parabens ao illustre incorporador Ra...malho por isso e por estar no «Prego».

Indicador triste

REGISTRO HYPOCONDRIACO DE
DIVERSAS SUMMIDADES.

IV

Padre Colibri

PROFISSÃO—O sexto mandamento.
PARTICULARIDADE—Errou a profissão
ENDEREÇO—Becco dos insectos.
DIVISA—Não é padre, não é nada...

V

Brasilia Machado

PROFISSÃO—Membro catholico.
PARTICULARIDADE—Embirra com os mansos...

ENDEREÇO—Penha do Rio do Peixe.
DIVISA—In hoc signo vinces.

VI

Teixeirão

PROFISSÃO—Avocato della Colonia Italiana.

PARTICULARIDADE—Quer pertencer ao hig-life.

ENDEREÇO—Palacio da nobreza.
DIVISA—«Cunhado do conselheiro».

K. LENDO.

Esta publicação começou a ser feita no «Prego» a 7 de Março, de Vicente do corrente anno.

PUGILATO

O distincto litterato Bento de Barros, desconfiando que um moço bem parecido fosse o redactor do «Prego», ao encontrarem-se no largo do Rosario, decidiram a questão á ingleza! saindo aquelle bem tosquiado, e este, com a lâ da victoria!

Profundamente magoados por taes enganões, damos abaixo os nomes de seus redactores:

Felinto de Oliveira
Martins Guimarães
Victor Nothmann
Aprigio de Godoy
Ramos Nogueira
Padre Benjamin
Araujo da Mascotte
Fernandes Coelho
Eugenio Leonel Ferreira
Marat Pennaforte

Mentiras convencionaes

Por não achar-se inspirado ao autor das INSPIRAÇÕES, deixa de sair esta commovedora secção.

Ficamos scientes da proposta que nos fez a companhia Impressora.

Por 5:000\$, não; se quizer dar os 10:000\$... aprompte o martello que lá vai o nosso «Prego».

Temos recebido pontualmente as visitas dos collegas diarios (menos do «Estado»). Agradecemos as visitas daquelles e a ausencia do macambuzo macambuzado que, quem melhor macambuzar, bom macambuzador será.

O sympathico e piedoso padre Karvalhinho, tenta cobrar judicialmente os alugueis de casa de uma pobre senhora, penhorando desde a cama até o cabo de vassoura! Felizmente ainda não conseguiu o seu *louwavel intento!*

Por tão pequena quantia!

Viva a religião do unha no proximo quanto mais melhor! Vivaaaa!

Segue para a Capital Federal o cidadão Cabral, que vai tomar parte na redacção do «Paiz».

Mundo, Diabo e Bacalhau!



N.º Ident.

47

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal O Prego

Dia

Mês

Ano

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

19-8-948

N.º C.

39

N.º M.

117

53892

tomem por fazendas os pascigos das de café e assucar, ondo se mantem o gado empregado no serviço destas.

Tem-se feito por vezes nas principaes fazendas da Provincia o cruzamento desta raça, introduzindo a especie tourina ou ingleza; do que nada de vantajoso ha resultado pela pouca duração ou prompto desfinamento dos individuos que vem de fóra, e pela degeneração das rezes que procedem do encrusamento.

Abstenho-me de fazer aqui menção da raça lanigera, porque d'ella tratei especialmente e com bastante minuciosidade n'uma Memoria que apresentei á Presidencia da Provincia em 26 de Fevereiro de 1854, pela qual se me declarou que ia ser endereçada ao Governo Imperial pelo Ministerio do Imperio.

Nos Municipios da Provincia, onde abunda mais a cultura do milho ha n'elles a creação em ponto grande da raça suina, por que esta depende essencialmente do producto d'aquelle cultivo; fazendo-se grande exportação d'ella, ou em pé ou cortada.

Entre esta raça tem-se introduzido duas especies—a grande —e a pequena:—aquella, que é conhecida com o nome de mineira, bem preenche essa qualificação, por ser de maior porte do que a primitiva; mas apresenta pouca nutrição por melhor que seja o seu tratamento: e a pequena, á que vulgarmente se chama—de macão—é menor do que as duas primeiras, differindo tambem da primitiva por engordar excessivamente, e em menos tempo do que aquella.—Deos Guarde a V. Exc. S. Paulo 22 de Fevereiro de 1856.—Ilm. e Exm. Sur. Dr. Antonio Roberto de Almeida, Vice-Presidente da Provincia.—*José Joaquim Machado d'Oliveira.*

(*) Esta Memoria foi publicada no n. 4.º deste Jornal.



dado em maior ponto, ajuntando-lhe o fabrico de velhas de cera para o que se proveu do respectivo apparelho, já em 1851 deu-lhe ella 40 arrobas de cera, com a qual abasteceu de velhas aquelle Municipio. No anno passado veio elle solicitar da Assembléa Legislativa Provincial um emprestimo pecuniario, afim de dar maior amplitão á sua empreza; parecendo-me quo não fóra attendido, porque na respectiva legislação nada se vé a respeito.

Uma fabrica de vidros, que foi estabelecida na Cidade de Ubatuba em grande escala, acha-se em decadencia; sendo o principal motivo não poder o seu producto competir no mercado com generos similares provindos da importação, ou com os da fabrica do Rio de Janeiro.

Ha na Cidade de Bananal uma fabrica de polassa extrahida da palha do café, que no segundo anno de sua existencia produziu mais de cem quintaes desta substancia; e pela sua excellente qualidade, rivalisando com a melhor dos Estados-Unidos é vendida no Rio de Janeiro a preço de 5\$500 a 6\$ a arroba.

Logo que na Capital contractou-se a sua illuminação a gaz hydrogenio, foi levantada uma fabrica para fornecimento desta substancia, e que se achla melhorada sob a administração do actual arrematante.

Cabe-me em ultimo logar dizer alguma cousa mais sobre a industria pastoril, além do que fica expellido quando tratei da industria agricola, e com ella se achava em relação: e com isso porei termo a estas informações, prescindindo de tratar de salinas por não havê-las na Provincia.

A industria pastoril em todos os ramos em que se distingue vai melhorando e augmentando-se progressivamente, maxime naquelles lados da Provincia que lhe ficam a NO e O, e á maneira que se ampliam ou descobrem-se descampados para a pastagem do gado vaccum. A raça deste é da maior que ha nesta especie, e provinda do Sul tem aqui melhorado, não que as pastagens sejam de boa qualidade, e das que ha nas paragens de sua origem, sinão porque emprega-se maior attenção em seu apascentamento, talvez porque a sua criação não seja em grande como a do Sul. Segundo o cadastro de 1854 ha na Provincia 532 fazendas desta industria, de onde se venderam 23,679 cabeças, dando o producto em reis de 455,289\$.

Acho muito exageradas estas estimativas, a não ser que se

serviu de objecção para que na Cidade de Sorocaba um digno cidadão deixasse de montar um artefacto para fiar e tecer o algodão em grande alcance, dando-lhe por motriz o vapor. Não sei si esta empreza terá dado resultados vantajosos; mas o certo é que não podia ser ella assentada em melhor local pelo quanto tem elle de azado para a cultura do algodão, e trafico dos seus tecidos.

A creação do bicho da seda, ensaiada por mim por mais de cinco annos, e sempre com prosperos resultados, foi tentada nessa mesma Cidade por um prestimoso cidadão, que me a um genio inventor, aproveitado naquella mesma empreza, patrioticas aspirações de ver plantada em sua terra a industria manufactureira: erigindo ali um estabelecimento seropedico, de que o Governo Imperial já tem noticia; pequeno sim, mas adstricto ás regras da arte, e sujeito ao seu proprio mecio. Pelo incremento que a elle foi dando, o que importava dispendios muito além dos seus escaços meios, reconhecer o emprehendedor que a sós não podia mantel-o; o que o levou a associar-se a alguns cidadãos, que se deram a isso mais por apreciação da sua assiduidade e perseverança do que por expectativa de vantagens materiaes.

Não obstante: e sempre na intenção de dar maior desenvolvimento a essa industria, para cuja prosperidade tudo concorre nesta Provincia, como já por vezes o hei demonstrado, recorren elle em 1851 ao Governo Imperial, solicitando-lhe para isso o auxilio que fosse adequado; e sendo esta solicitação submettida á deliberação da Assembléa Geral Legislativa, nenhuma, que me conste, tem havido a semelhante respeito. A instancia, porem, desse cidadão, que reiterava a pedida subvenção, mandou-se dar para o serviço do estabelecimento tres Africanos. que por boças, velhos e viciosos não os aceitou, fazendo-os reverter.

Têm sido comprehendida em varias partes da Provincia a criação de abelhas exoticas logo que se reconheceu que propagavam admiravelmente apresentando alguma vantagem. De seis colméas trazidas da Côte para aqui em 1840 houve no fim de um anno a producção de mais de 300, e hoje sobe a milhares, achando-se essa industria bem disseminada. Na Cidade de Campinas tem ella tomado grandes dimensões, logo que se conheceu. que de duas colméas levadas para ali, no fim de tres annos contaram-se 1,100; e o emprezario que a ella tem-se

L. F.
32
19

tado da industria agricola da Provincia. Em seguida tratarei da sua industria fabril, que por certo, e por molha desta boa terra, não tomará aqui grande espaço, nem será de mister grande trabalho para descrevê-la.

Parece uma fatalidade que a industria fabril, que em nenhuma outra parte teria melhor cabimento, e seria mais bem provida dos nuios e variados elementos que para bem de sustental-a possui a Provincia, seja aqui nenhuma, ou quasi nulla, visto não se poder qualificar como tal essas pequenas fabricas de chapéos, charutos, licores etc., que se vêm em algumas das nossas povoações, algumas das quaes duram pouco, ou sam como appendices de casas commerciaes que system e alimentam sui existencia: e sabido e que mui poucas mantem-se por si mesmas e sem coadjuvação estranha. A isto, pois, não se podendo chamar estabelecimentos industriaes, cabe mais bem o nome de casas de especulação mercantil em pequena escala. Todavia, ha nesta Cidade uma fabrica de chapéos, que se distingue das outras por achar-se bem montada em edificio adequado empregando-se n'ella o vapor, que suggeriu não pequeno capital para seu estabelecimento, e que surte o interior da Provincia em grande ponto. (*)

O máo logro que outrora tivera uma empreza com applicação a fiar e manufacturar o algodão, ou por que não fosse convinhavel promover esses e outros estabelecimentos em épocas em que a propriedade particular achava-se á mercê do Governo, ou porque houvesse alguma indiscrção em dar-lhe no seu eomeço proporções maiores do que comportava a Provincia, não

(*) O Snr. Jacob Michels é o proprietario desta fabrica, que a tem sempre bem abastecida de chapéos de pelto de seda, de castor e de lebre para a grande procura que de toda a parte se faz deste artigo, quer pela perfeição da sua mão d'obra, quer pela barateza dos preços, e que ha pouco tempo foi melhorada, acrescentando ao antigo machinismo novos apparatus de moderna invengão, e admitindo operarios habilitados para o seu momeio, contractados na Europa expressamente para isso. O mesmo proprietario acaba de estabelecer no edificio dessa fabrica outra de fazer cereja, que tem apresentado optimos resultados já pela excellent qualidade desta substancia, que em nada differe da melhor que se fabrica na Europa, já pelo baixo preço com que faz a sua extracção.

vozes as mais das vezes não hajam encontrado êclo, tem-se mantido em sua posição, preenchendo a custo e com quanto em si cabe os deveres que contrahiu para com os seus consocios, já por meio de algumas publicações no sentido da sua instituição, já promovendo a introdução aqui de sementes de plantas exóticas, como ha pouco praticou depois de obter da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional no Rio de Janeiro algumas de plantas forrageiras e de tinturaria, que foram distribuidas convenientemente.

Ou fosse aproveitada a idéa, expressa pela Sociedade em seus estatutos, de promover na Capital o estabelecimento de um gabinete de machinas,apparelhos e mais instrumentos applicados á agricultura e industria, para que fossem expostos ao publico como modelos, ou por propria inspiração a Assembléa Legislativa Provincial decretou no art. 23 da lei do orçamento que vigorou no anno financeiro de 1852—53, a creação de um gabinete, que preenchesse esses fins, dispondo fondos para a aquisição de machinas e apparelhos; e esses fundos foram subseqüentemente augmentados pela mesma Assembléa. Em consequencia disso, e pela demora que houve em dar-se cumprimento ao que a Assembléa tinha disposto a semelhante respeito, o Directorio da Sociedade representou á Presidencia da Provincia a necessidade de se montar aquelle estabelecimento em beneficio da agricultura, tomando a si a exposição das machinas ao publico, como estava decretado pela Assembléa. Mas, embora se fizesse essa aquisição, havendo-se as machinas que foram designadas pelo Directorio, e quando este esperava que lhe fossem entregues conforme havia proposto, dispoz a Assembléa pelo art. 20 da lei do orçamento em vigor, e por insinuações da Presidencia da Provincia, que ficava esta autorizada a vender-as a preços razoaveis; o que não se ha realisado porque ninguém as tem procurado, continuando a jazerem em uma das salas da casa de correção.

Do que fica escripto se poderá dizer, que tenho consignado até aqui, mais ou menos desenvolvidamente, e não sem hesitação por minha insufficiencia nestas materias, e por temor de absurdos, a topographia agricola da Provincia, ou a descripção de seu sólo em relação á agricultura nas especialidades em que ella tem-se mais desenvolvido, e retribuido melhor os dispendios e fadigas do lavrador; entendendo que não por outro modo desempenharia mais bem a informação exigida sobre o es-

Por ali se vê que, em relação á exportação destes dons generos no anno financeiro de 1851—52, a do café nos dons proximamente subseqentes a este decresem na razão quasi de um decimo, e a do assucar na razão de um quinto. Semelhante diminuição só se póde attribuir, em meu entender, á difficuldade de pessoal escravo empregado no cultivo e preparação destes generos, e que todos os dias vai-se tornando mais sensivel, sem que possa ella ser substituida n aquellas condições que exigem esses trabalhos; pois que as estações dos dons annos ultimos correram mais benignas do que as do anterior, que ainda se resentia dos perniciosos effeitos das grandes chuyvas que houveram em quasi todo anno de 1850: e a fructificação dos cafézaes, que por novos até ali nada ou muito pouco produziam, augmentou a safra d'esses mesmos dons annos. Poder-se-hia remover ou modificar esse grande inconveniente logo que se generalisasse ou promovesse mais a colonisação estrangeira, associando-se a isso a construcção methodica e systematica de boas vias de communicação adaptadas á rodagem: quando não as linhas ferreas de tranzito: ou então engajando jornalheiros nacionaes, que preencham os braços que vão fallando a esses trabalhos: mas, nem todos os fazendeiros podem lançar mão do valioso recurso da colonisação nas condições de prestar immediatas vantagens sem grandes e previos dispêndios; e dos poucos jornalheiros os affeitos ou que se possam atázer a essa lavoura, levam a tão alto o preço do trabalho, que sugere de prompto a escusa dos que se propoem a occupal-os.

Foi previsto e logo reconhecido por alguns cidadãos da Capital o atrazo e diminuição porque ia passar a lavoura da Provincia, fomentada pelos lucros que os seus productos apresentavam nos mercados, e mantida quasi exclusivamente pelos braços africanos. Isto suscitou o pensamento de substituir-se aqui uma associação, que devia ramificar-se pela Provincia, no intuito de auxiliar a agricultura, o commercio e artes por meio de publicações analogas, e por outro qualquer modo que fosse consentaneo com os fins que se tinha em vistas. Esse pensamento vigorou e realison-se sob a influencia desses cidadãos, installando-se na Capital essa associação sob os mais favoraveis auspicios. Mas, passadas que fossem as impressões do momento, tudo arrefeceu; e as promessas de colaboração para os fins constitutivos da Sociedade foram perdidas no espaço...

A despeito/disso, o Directorio da Sociedade, posto que suas

licas condições, só azado para a cultura á cuja vegetação não se fazem intensas as exhalações oceanicas.

O café e outros productos agricolas, que sam exportados dos Municipios encravados no litoral, ou procedem das povoações de Serra-ácima, ou dos cultivados das encostas da serra e suas ramificações do lado do mar. Muito pouco e sem retribuição do trabalho é o que se colhe do litoral d'aquillo que ali se cultiva: da cana de assucar que, como se sabe, reside a essa influencia maritima, tendo pouco crescimento, por certo devido a isso, sómente se extrahе aguardente, posto que seja o seu alcohol mais abundante do que o extrahido da de Serra-ácima. Todavia, como por compensação, fazem-se n'el le grandes plantações de arroz e mandioca, principalmente n'aquellas partes em que o litoral se abre em maiores planicies, e que a estas vem dar alguns rios ou torrentes, de cujos transbordamentos resulta a fertilidade exigida para a cultura desses vegetaes. Do seu producto, especialmente do arroz, fazem-se exportações mais ou menos avultadas, e conforme o correr das estações; e desse primeiro genero sahiram do porto de Iguape em 1854 35'000 saccos.

Descrevendo, como supponho ter feito, a topographia agrila desta Provincia fui intercallando nas diversas áreas em que a dividi algumas demonstrações com referencia a certos Municipios dos productos, que na actualidade se dirivam da industria agricola n'elles admitida, e com algumas observações que me suggeriu a comparação estabelecida entre esses productos, conforme as habilitações por meio das incompletas informações estatisticas obtidas officialmente, e os que eram conhecidos de periodos mais remotos, e que a custo pude saber: e tudo isso vai sem que lhe deposite inteira confiança, como ácima disse, porque em estatistica os serviços prestados gratuitamente raros sam os que deixam de ser inexactos; e para que se empregue n'elles a precisa attenção, exchisiva de outras occupações, cumpre fazer-se completa abnegação d'estas. Emitirei, pois, e em conformidade do que exige-se, as demonstrações da exportação do café e assucar de producção desta Provincia, verificada nos ultimos tres annos proxime passados; fazendo sobre ella algumas e succintas observações geraes.

Anno financeiro de 1851—52	1852—53	1853—54
Café (arrobas)..... 1.850,685 7/32.	1.652,255 14/32.	1.671,987 16/32
Assucar (arrobas)..... 433,901.....	357,773 1/32.	339,386 2/32

S.F.
32
19

Porto-feliz, Capivary e Pirapora, e onde predomina aha e densa arborisação quer do lado da serra de S. Francisco, quer do Tietê, o que é indício certo da uberdade do sólo, sem usufruidas por lavradores seus proprietarios; prevalecendo n'ellas a cultura do café, que toma a primazia sobre a da cana do assucar, cujo producto fizera n'outro tempo a sua riqueza e opulencia.

Ainda ha na área que vai descripta uma nesga de territorio, situada a O do Municipio de Sorocaba, de que não tenho feito menção nem ao descrever o precedente territorio, nem quando tratei do que medeia entre o Tietê e o Piracicaba seu affluente, e que pela importancia que vai tendo cumpre não esquecê-la. Estende-se ella para o occidente até aos logares que sam povoados e ficam na ourela do sertão que ainda ha por ahi; e tem por limites lateraes o Tietê, a N, e o Paranapanema a S, em cujo centro está assentado o novo Municipio de Botucatu.

A parte desta nesga, que do ponto de partida tomado vai para o nascente, é subdivida em tantas porções quantos sam os Municipios que a ella vam dar, e em cada uma dellas trabalha-se no genero de cultura, que está mais em voga no Municipio que lhe corresponde.

Destas porções de terreno a que pertence ao Municipio de Itapetininga, ao norte do rio Paranapanema, e que se conhece com o nome de Campos do Guary, é formada de vastos descampados a que se ha adaptado a industria pastoril, e que possuem a grande vantagem de se não depender de sal para dar ao gado que ahi se apascenta, por que sam as suas pastagens *saliradas*, ou abundantes de substancias alcalinas, que se fazem indispensaveis para a boa nutrição da raça ruminante.

Na especialidade á que me circumsero a parte maritima da Provincia ou o seu litoral é o que menos se presta para que se possa sustentar o predicamento que compete á mesma Provincia—de ser ella essencialmente agricola; é o que com menos contingente entra para esse grande fundo de productos industriaes do seu sólo, que se dissemina por varios portos da America, e por alguns da Europa.

Esse cinto de terras, parallelo ao mar, que se estende de Ubatuba á Cananéa, guardando quasi a mesma largura, orlado de um lado pela Deccano-atlantico-meridional, e pelo outro affrontado pela serra do Mar com as suas diversas denominações locais, é, como todos os que se acham sob o peso de iden-

gares adequados prestam-se ellas a todos os ramos da industria agricola, compensando com profusão as tarefas jornaleras dos lavradores que as possuem: a cultura que ali mais vigora é a dos grãos alimentícios, por serem estes os de maior consumo na Capital, e nas povoações que ficam dentro do seu circuito, ou d'elle se aproximam. Não obstante, não é desprezado o cultivo do café e do chá, que produz abundantemente nos ferreiros districtos de S. Roque, Una e Aragariguama, situados nas dependencias da serra de S. Francisco.

Do lado do occidente póem termo as essas matas a Cidade de Sorocaba. D'ahi e a rumo de S.O começam os páramos ou grandes descampados naturaes desta parte da Provincia, que vam além das suas raiaes, formando na do Paraná os denominados Campos-geraes, e abrangendo grande extensão em sentido longitudinal: em sua largura occupam elles toda essa grande lomba ou espinhaço intermediario aos rios Sorocaba e Alto-Parapanema, de um lado, e do outro á serra do Mar. Os campos desta lomba, que n'uma ou n'outra localidade se ornam de bosques e capões, que se desprendem do systema das matas dessa região, mais ou menos extensos, e devassados pelos animaes que ali pastam, apresentam reconhecida aridez, prestando-se apenas (e para isso sam reservados) á má-gra pastagem, que nessas paragens dá-se temporariamente ás tropas de muares provindas do Sul, que, depois de estacionadas nos Campos-geraes durante o inverno, sam encaminhadas para a feira annua de Sorocaba. Entre esses campos distinguem-se os campestres das Pedrneiras no districto de Itapeatinga, que derivam o seu nome do quartz silicioso (pedra de fogo), de que outr'ora se fazia arigo de commercio. Nas torrentes que tem sua origem nestes campestres encontram-se petreficções.

Pelo contrario sam os campos dessa lomba, que se desdobram sobre os affluentes meridionaes do Alto-Parapanema: n'elles depara-se com abundante e substancial pastagem, o que tem atrahido para ali a industria pastoril em ampla escala. Entre as suas diversas fazendas occupadas com essa industria sam notaveis as de Parapanianga, Pirituba e S. Pedro.

As secções da área de que me occupo, que tem de frente a serra do Mar, ou estam em mais immediata dependencia dessa serra; e as situadas entre os rios Tieté e Sorocaba até á sua confluencia; que servem de assento aos Municipios de Itú,

grãos alimentícios, de que se faz grande consumo e exportação, e já do chá com especialidade, que se prepara em não pequena quantidade, e é destinado para diversos mercados.

Neste abençoado territorio sobressahe a colonisação estrangeira, provida no geral de paizes da Alemanha; e que prospera grandemente, empenhando-se em tirar d'ali as vantagens que com tanta largueza elle lhe depara. Tem-se nas colonias adoptado o systema de parceria. e com um regimen adequado á primeira educação agricola do sen pessoal, com applicação aos trabalhos ruraes da sua nova patria.

Entre as Colonias ali admitidas avulta e prepondera mais a intitulada—Senador Vergueiro—, estabelecida em Ybicaba, que deu origem a aquella colonisação, e que tem servido de modelo a outras colonias.

Em seguida a estes Municipios está o de Araraquára, o ultimo que fica ao rumo descripto, que mais se avizinha ao sertão daquelle lado, e cuja população emprega-se communmente na industria pastoril, para a qual favorecem grandemente os pingues e espaçozos campos que ali ha. O gado deste Municipio tem alguma preferencia no mercado a outro qualquer da Provincia pelo sen grande porte e boa raça. No anno de 1854 foram vendidas das 50 fazendas que ali ha 4.000 rezes.

Nem todo o povo deste Municipio occupa-se dos trabalhos que sam inherentes ao apascentamento do gado. A parte del-le que habita terrenos de matas, que sam azados para a agricultura, atarefa-se de exercer esta com boa compensação das suas fadigas; e por isso contam-se entre os seus estabelecimentos ruraes 4 fazendas de café e 12 de assucar.

De Serra-ácima resta-me tratar da área que fica a O da Capital e confina a oesnoroste com a que acabo de descrever, estendendo-se entre o Tietê d'esse lado, e a serra do Mar, do lado do S.

Ao exterior da área circumferente á Capital, que fica descripta no logar competente, e depois de se vencer o districto da Gutia, comegam as matas da serra de S. Francisco, uma das ramificações da serra do Mar, que se estende para N, e vai abicar no Tietê entre Itú e Araraquana. Estas matas, aqui mais densas, ali menos, ora interrompidas por campestres, ás vezes por montanhas pedregosas e de muita vegetação entesada vam engrossar e confundir-se com as que guarnecem as margens do rio Sorocaba e seus afluentes meridionaes. Em lo-

A fora isso, a agricultura não está em desuso nesse território; e nos terrenos que lhe são mais adequados, como os das adjacências da cortilleira de Mogy-Guassú e seus braços occidentaes, e da serra das Pedrneiras; no das margens dos rios e torrentes que por ali correm; e nos de alta arborisação, quer nos logares elevados quer nos vales que são visinhos das povoações, cultivam-se com proveito o café, o tabaco e os grãos alimentícios, exportando-se para outros logares o excedente do consumo; e bem assim o algodão que é todo empregado na industria manufactureira, exercida vantajosamente em Villa-franca.

Occupar-me-hei agora da área que se estende do Municipio de Jundiaby a oesnorocste; ladeada a N pelo rio Mogy-Guassú, a S pelo Tieté, atravessada pelo Piracicaba, indo abicar ao certo que fica do Municipio de Araraquã a esse mesmo rumo, e que não foi comprehendida na área que acabo de descrever.

O espaço que vai de Jundiaby até ás aproximações de Araraquã é coberto de matas, e por isso de uma fertilidade maravilhosa: tambem é elle amplamente aproveitado em toda a sua superficie, adaptando-o á cultura que ao grande pensamento economico-rural sugere a experiencia, e o espirito que dicta os interesses agricomicos.

Como já disse acima, nos Municipios de Jundiaby e Campinas preponderava outr ora sobre outras a cultura da cana para a extracção dos productos sacarinos, que d'ahi eram exportados em grande copia: a esses Municipios juntarei agora os da Constituição, e Limeira, e do de Itú aquella parte que fica a N do Tieté, para que em complexo possa dizer, que, anteriormente á admissão ali do cultivo do café, formaram elles o emporio assucareiro da Provincia. Hoje para que não houvesse só tra-dicções d'essa passada primazia neste genero, existem, é certo, os engenhos ou fabricas em que se preparava o assucar, a mór parte dos quaes de—fogo morto—(*), mas todos ou por detraz dos grandes apparatus destinados para a promptificação do café, ou assombrados e confundidos com estes.

A minima liberdade deste sólo dá para outras mais culturas além das do café e cana; e é por isso que as terras que deixam de ser assim empregadas, prestam-se primorosamente á dos

(*) Nas Provincias assucareiras do Norte do Brasil chama-se engenho de fogo morto aquelle que não trabalha.

sura do Mogy-guassú á do Rio-grande, que serve de confins entre esta Provincia e a de Goyaz. E' a região dos campos, desenvolvida em todo esse espaço longitudinal, e o lateral que se estende desde os declivios austraes da cordilheira de Mogy-guassú, e entesta com as primeiras assomadas do sertão entreposto ao Rio-grande e Mogy-guassú; salindo apenas d'essa generalidade por cintas de verdura, que orlam as torrentes que vam ter a esses rios, ou por oasis ou grupos isolados de arvoredo, que se elevam aqui e ali nas mais altas ondulações do terreno, e a que vulgarmente se dá o nome de capões.

Entre estes faz-se notavel o que se vê nas immedições da serra do Cubatão, uma das grandes ramificações daquella cordilheira, e que por sua extensão cabe-lhe melhor o nome de bosque. Da estrada que atravessa este territorio até a os limites da Provincia, e que na direcção ácima tomada oscilla entre o quadrante de N E—N O, a vista alcança do lado direito e logo que se chega ao ponto coincidente, a serra da Boa-vista, destacada da cordilheira, e do esquerdo, a serra das Pederneras, da procedencia desse systema de montanhas de nome desconhecido, que interpoem-se ao Rio-grande e Mogy-guassú alimentando-os abundantemente.

Sobre todos os trabalhos ruraes empregados neste territorio domina como é natural e a qualidade do sólo o exige, a industria pastoril em grande escala e em todas as especies do gado, sendo a do vaccum a que ali mais prepondera. Cumpre notar que a do suino é só naquellas localidades em que se pôde cultivar o milho, a cujo alimento se ajunta o fructo dos grandes palmeiras de que se cobrem as suas mattas.

Ha n'elle, si merece fé o cadastro de 1854, 900 fazendas da industria pastoril, entre as quaes fazem-se mais notaveis por sua antiguidade e bom rendimento as da Paciencia, Lages, Bataaes, Macacubas, Pinheiro, Machado e Rio das Pedras. Sua exportação, que é feita do gado em pé, chegou naquelle anno a seis mil e novecentas cabeças; e progressivamente irá augmentando-se á medida que for-se devassando o sertão intermediario ao Rio-grande e Mogy-guassú, onde ultimamente tem-se descoberto descampados naturaes, que podem entrar no dominio desta industria. O gado vaccum que ali se cria é da melhor das raças conhecidas e de grande porte, e por isso é frequente a sua procrea, e de todas as partes que o tranzio favorece.

Município 57 fazendas de café e 19 de assucar, e 5,606 habitantes.

O assucar que outr'ora fizera do Município de Campinas o primeiro nesta lavoura, collocando-o em posição vantajosa no sentido commercial, tem decabido de sua preponderancia, por ver-se obrigado a ceder o passo ao café, que o vai aos poucos absorvendo, e que em breve o aniquilará de todo por força das circumstancias, que enanam do espirito mercantil, sempre disposto a dar preferencia ao que se lhe antolha nas melhores condições do lucro, E' verdade que o café de Campinas, quando a sua exhibição nos mercados é em concorrência com o de outras localidades, tem sempre a precedencia por ser ha muito qualificado como o de primeira sorte. Todavia ainda existem ali 44 engenhos ou fabricas de assucar, que apenas produzi-ram em 1854 64,000 arrobas, quando a sua exportação em 1823. epocha da sua prosperidade foi, pouco mais ou menos, de 200,000 arrobas; servindo esses estabelecimentos mais como de simulacros da sua antiga grandeza assucareira, do que para a preparação do pouco deste genero que ali se fabrica, e sem que possam elles affrontar a 177 fazendas de café, que avulam como de improviso, e cujo algarismo decerto duplicari em breve pela proficuidade de suas terras, pelos grandes capiães que para ali affluem, pelos lucros que resultam do emprego destes nessa cultura, e por estar sendo admitida naquelle Município e em grande escala a colonisação estrangeira sob o systema de parceria, que vai prosperando na Provincia, e onde quer que é elle adoptado.

O territorio que na direcção ácima mencionada vai do rio Jaçuary ao Mogy-Guassu, e em que entra uma parte do Município de Mogy-mirim, é formado de bosques e campestres, como sam todos os que collocados entre as regiões das matas e campos participam de ambas, servindo como de zona de transição de uma a outra: por isso ahi se exercem nos periodos proprios os trabalhos da agricultura, e o apascentamento do gado em todo o anno como se lhe faz de mister: Resulta dahi que tanto de uma como de outra industria não podem provir vantajosos resultados; mas o Município recupera em ambas e n'outras partes do seu territorio aquillo que se lhe amesquinha na que fica descripta.

Diverso vem a ser do aspecto do territorio, de que se fez menção anteriormente ao precedente, o que decorre da espes-

da Atibaia, que compartilha a uberdade da serra e matas de Juquery, consiste na cultivação de grãos alimentícios, e do tabaco que manda ao mercado em grande quantidade; e o de Nazareth occupa-se mais do que em alguma outra na plantação da mandioca de que se fabrica a farinha deste nome, que abastece as povoações circumvisinhas, e a Capital em concorrência com a de outros logares. Nestes dous Municipios não se prescinde da criação do gado suino, posto que em menores proporções que no de Bragança; dando-se-lhe identico destino.

Da Capital, que tenho já designado como ponto de partida das áreas ou socções territoriaes. em que dividi a superficie da Provincia, estende-se a rumo de S E—N O até ao porto do Rio-grande, que limita esta Provincia com a de Goyaz, um extenso territorio de 90 legoas de comprimento, abrangendo varios Municipios e outros povoados, todo habitado e aproveitado integralmente em prol da industria agricola, e pastoril.

A parte desta área que fica entre os rios Juquery e Mogygnassu e onde a população se acha mais condensada, é no geral coberta de arvoredo, que se torna mais elevado à maneira que fica mais distante das povoações e estradas. As terras que lhe pertencem, e são banhadas pelos rios Juquery e Capivary que desembocam na margem direita do Tietê, e pelo Atibaia e Jaguary, afluentes orientaes do Piracicaba, regurgitam de uma exuberante vegetação, que é indício infallivel de fertilidade e prestança especial para os trabalhos agromomicos; e também sam ellas reputadas como as mais pingues da Provincia. A oeste do Municipio de Campinas ainda existem grandes espaços, entre o Tietê e Piracicaba, que estam para o primeiro amanho; o que tem atrahido para este importante Municipio uma população agricola e commercial, que o engrandece; fundando-se nelle esperanças colonias estrangeiras.

Os terrenos que procedem da serra de Juquery, e ficam a NO do rio do mesmo nome, sam de grande fertilidade, e até ao presente só amanhados para a pequena lavoura, cujo producto é todo consumido na Capital, sendo aliás adaptados para plantações em grande escala. Os que lhe ficam a esse mesmo rumo, e fazem parte do Municipio de Jundiaby não se acham porem desaproveitados; ahi se vé uma ampla cultivação seja de café, seja de cana de assucar, e ainda de grãos alimentícios com agglomeração de população, o que lhes dá bastante opulencia e recursos commerciaes. O cadastro de 1854 dá a esse

vios daquellas duas serras e suas ramificações. Esta cultura, que ali tem tomado proporções descommuns, não exclue todavia a de grãos alimentícios n'uma ou n'outra paragem, e na quantidade que se preste ao provimento das fazendas cafezeiras e ao consumo das povoações que visinham com estas; e o excedente deste consumo, quando ha, é exportado para mais longe.

Out'ora, em quanto as vantagens lucrativas resultantes do café, não convidavam ao lavrador desse territorio a dedicar-se exclusivamente á sua plantação, viam-se nesse valle, e noutras localidades apropriadas muitos e grandes cultivados da cana-de-assucar, a cujo producto dava-se o mesmo destino que hoje se dá ao café; e com quanto haja este quasi supplantado aquella, subsistem ainda algumas fabricas (engenhos), que em 1854, e segundo o cadastro desse anno, deram o producto de 5,500 arrobas de assucar, embora o fabrico deste genero seja mais trabalhoso e complicado, do que o processo que exige a promptificação do café para ser levado ao mercado.

Da generalidade que dou ao cultivo do café nesta parte da Provincia faz excepção o Municipio de Cunha, cujo territorio montanhoso, por estar encravado entre a serra do Mar e a da Bocaina com suas ramificações, é composto em quasi sua totalidade de *terras frias*, ou que não recebem de face os raios do sol, e por isso impróprias para a plantação do café, é mais adaptado para a cultura de grãos alimentícios e do tabaco, do que para a de outra qualquer planta, que dê productos de mais valor.

A área estendida do ponto do Tieté, que fica ácima indicado, para N, e que vai entestar na serra de Mogy-guassú, nas paragens em que esta declina para N O, é composta misturadamente de campestres, bosques e varzados de maior ou menor extensão, conforme sua posição relativa ás serras e rios que ahi ha. No Municipio de Bragança, que faz parte deste territorio e que fica mais proximo da serra, prepondera sobre outros trabalhos ruracs a criação do gado suino, por isso que é elle muito azado para a cultura do milho, e das cucurbitáceas, que entram na alimentação deste gado; e em seus campos se depositam numerosas récovas de mares, quando estafadas do serviço dos transportes; deparando ahi com abundante pastagem. Este gado ou em pé, ou cortado faz a maior e mais valiosa exportação desse Municipio. O melhor recurso do Municipio

dos povoados, o mais delle é infestado por uma qualidade de Gramminea, á que o vulgo chama «barba de bóde,» que a nada se prestando, mata o diverso vegetal que ali se introduza. Nestes campos pasta algum gado vaccum e cavallar, só nos períodos em que se precisam de seus serviços; afóra disso, é posto em outros que melhor o mantenhão. No mais alto de algumas de suas collinas vêm-se pequenos bosques ou grupos de arvoredo a que chamam *capões*, cada um dos quaes tem seu nome local; e servem elles para abrigo do gado, que pasta em suas adjacencias.

A esterilidade destes campos é ha muito sentida, e por isso desta área, ou propriamente do recinto que occupa a Capital, e aquellas das suas Freguezias a quem do Tieté só se ha aproveitado para olarias os terrenos que para isso sam adequados.

Dentro deste recinto fica o Municipio de Santo Amaro, encravado nos declivios septentrionaes da serra de Paranapiacaba, de cujas matas, abundantes de madeiras de construcção, se extrahê a maior parte das que se empregam na edificação predial da Capital, e que ali se vendem em feiras hebdomadarias. Atrahidos pela uberdade do territorio deste Municipio que se avisinha á serra acham-se nelle estabelecidos alguns lavradores, que se occupam dos trabalhos ruraes, cultivando especialmente grãos alimentucios, mandiôca e algodão, cuja venda é feita na Capital e na Cidade de Santos.

Não ha muito que foram ali estabelecer-se algumas familias allemãs, formando uma pequena colonia em terrenos de Itapeperica e sob regimen paulado pelo Governo. A denominação de colonia ficou extincta com a dispersão de parte daquella gente mal administrada, e peor provida; e as familias que ali permaneceram, contando-se nellas em 1855 132 individuos, tem cultivado as terras que lhe foram dadas, e de um modo util a si e ao aperfeiçoamento da industria agricola.

Descampados, ou terrenos abertos natural ou artificialmente tambem ha da margem direita do Tieté para N e E, partindo do ponto deste rio que coincide com a Capital; a mór parte dos quaes sam conservados inculcos com o intuito de servirem de pascigos ás numerosas curruanas de muares, que tranziam as estradas praticadas nessas direções.

Nesta área, que se desdobra entre a serra da Mantiqueira a N e a do Mar a S, tem-se feito do café a cultura dominante, com especialidade no extenso valle do Parahyba, e nos decli-

nigno, e clima que comparte os beneficios das regiões interiores, e das que o não sam: mais montuoso ou ondulado que plano, principalmente naquellas partes que aproximadamente se dirivam das extensas cordilheiras, que se estendem e o retellam em diversos sentidos; cortado por innumeros rios e torrentes perennes, que o irregam constantemente, mantendo-o em permanente frescura, e por isso em prodigiosa vegetação; variando de facc, ora em extensas matas, que se prestam com exuberancia á riqueza agricola, ora em pingues descampados servindo para o apascentamento do gado de qualquer especie que seja: este sólo, digo, foi talhado pela natureza para a agricultura em toda a sua generalidade, e especialmente para o cultivo do café, cana de assucar, chá, tabaco, algodão, grãos alimenticios e plantas tuberosas, assim como para a criação do gado comprehendendo todas as suas especies.

Regularmente sam as matas nas cordilheiras e em suas ramificações e adjacencias, nos grupos de montanhas isolados; nas paragens montuosas e de maior ondulação, nos valles e nas bacias de onde vertem as agutas que alimentam os rios e torrentes; e as partes, em que ellas apparecem mais densas e elevadas, pertencem ás grandes serranias, e aos valles que dam curso aos grandes rios: e é nessas localidades que mais bem prosperam os grandes trabalhos ruraes, em que a Provincia fundam a sua maior riqueza. Todo o mais territorio que não está comprehendido nos que ácima ficam designados, contem campinas mais ou menos extensas, planicies desarborizadas naturalmente, ou descampados artificiaes, que se prestam á manutenção de estabelecimentos ruraes exclusivamente dedicados á criação do gado vaccum.

Passarei agora a tratar detalhadamente das áreas em que dividi a superficie da Provincia, para mais facilidade do estudo, que por ventura se faça sobre os grandes recursos agricolas que lhe sam peculiares.

Em circumferencia á Capital da Provincia estam os campos de Piratininga, memoraveis em sua historia; limitados a N pelo rio Tieté, a E e S pelos bosques que se distendem da serra de Paranapiacaba e suas ramificações, e a O pelas matas da serra de S. Francisco, que se erguem a meia distancia da Cutia a S. Hoque. Excepto a arborisação que apresenta a margem esquerda do Tieté, e a dos seus afluentes neste recinto, mais ou menos elevada conforme a sua maior ou menor proximidade

se desde logo as regras mais comestinhas da arte; e isto feito á custa de enormes dispendios, e com comprometimentos de algumas fortunas privadas. Reconhecido o que, deu-se nova direcção a essa empreza, entregando-a a operarios proffissionaes, que reconstruiram o estabelecimento, pondo-o, quanto possível foi, adaptado a seus fins. Alguma vantagem houve desse melhoramento, mas não tanta quanta convinha para commoção do que fôra anteriormente dispendido com tanta inflexão, e para occorrer aos gastos annuos ou occasionaes: e a historia daquella fabrica prova bastante, que se visava mais sustentar um monumento para alimento de fatuidade, visto como a aquelle sitio ligava-se um renome européo, do que manter regular e economicamente um estabelecimento que promettia grandes vantagens, e especialmente recursos mais á mão e por ventura menos dispendiosos para a agricultura e industria.

Em 1844 o Governo Imperial, pelo Ministerio da Guerra, cometteu-me o exame sobre o estado material desse estabelecimento, e do que dependia a fabrica para que deixasse de haver constantemente um deficit de sua receita á despeza; e uma exposição fôra feita neste sentido, mostrando-se por meio d'ella a instante necessidade de reparar-se a fabrica da ruina que existia nella, e da que lhe estava eminente; e bem assim de augmentar-se o seu pessoal professional: mas (força é dizello) occorreu-se á primeira recalhindo a administração do estabelecimento em pessoa inhabil, que o poz em maior decadencia; e quanto á segunda, fez-se retirar da fabrica para os Arsenaes da Côrte alguns dos escravos dos mais peritos operarios das suas officinas, e que se faziam nellas indispensaveis, sem que houvesse substituição alguma, a não ser a de alguns Africanos bocees, que mais aggravaram o máo estado do estabelecimento. Depois disto, consta-me que a fabrica tem melhorado quanto á sua administração, posto que continue cada vez mais deteriorada, sem que todavia dispense uma subvenção annual, que para seu meueio lhe fiz o Thesouro.

Antes de proseguir nestas informações parece-me a proposito dar uma rapida noticia sobre a topographia agricola da Provincia, para que de suas localidades se possa conhecer as que sam mais azadas para a agricultura em todos os diversos ramos em que se divide.

Geralmente fallando, o solo desta Provincia sob um céo be-

ta austral da serra da Mantiqueira; nas vertentes do Pirahygué na serra de Paranaipacaba; nas adjacencias do Juquiá, Muncípio de Iguape; nos morros de Sabó e Voturuna, e em diversas outras localidades que ainda dependem de exames especiaes,

A unica mineração que subsiste na Provincia é a do ferro, praticada nas grandes formações de Araçoiaba, e preparado o ferro na fabrica de Ypanema; e por isso só me occuparei della com o possivel desenvolvimento.

Descubertos por Afonso Sardinha esses immensos depositos de ferro, quando fazia ali escavações em procura de outros metaes preciosos, que os encontrára, mas em pequena quantidade, em principio do seculo 17.º o Governo Portuguez tomou a si o mandar explorar essas montanhas, porque lhe constava que havia nellas unicamente grande abundancia de prata. Praticaram-se neste sentido os primeiros trabalhos, aos quaes deuse de mão, porque seu resultado não correspondeu ás esperanças que a elles induziram; e a possança metalica, que alli predominava, não podia satisfazer á tamanha ambição, que pesou sobre este territorio em seus primitivos tempos.

Por mais de dous seculos estiveram esquecidas as montanhas do Araçoiaba, posto que sua elevação (de 5,660 palmos sobre o nivel do mar) a tornasse bem saliente; e só sob a posse de varios agricultores, que por conhecerem sua fertilidade as aproveitaram em todo o genero de cultura, circundando-as de pequenos estabelecimentos ruraes; e apenas visitadas por um ou outro viajante nacional, habilitado para avaliar as riquezas que em si continham, ou por quantos estrangeiros vinham á Provincia com o fito de se darem a indagações scientificas dos objectos da historia natural, que tão copiosamente se derivam do seu sólo. Até que em 1810 o Governo do Brasil, acrimemente censurado por esses mesmos estrangeiros visitadores, a quem prestava o melhor acolhimento, pelo desprezo em que tinha aquelle rico manançal de formações mineralogicas, dispoz suas lavras unicamente no que ali se contém de ferro magnetico, o qual competentemente analysado deu em seu peso especifico o resultado de 93 por cento: mas, da primeira tentativa feita nesse sentido nada mais resultou senão a amarga experiencia da ignorancia e precipitação com que se houvera procedido no iniciamento de um estabelecimento em cuja fundação faltou a precisa solidez para a sua duração, despresando-

S. r.
3 d
19

Brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira, Presidente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes.

Resposta ao officio acima.

Illm. e Exm. Snr.—Exigindo V. Exe. por officio de 5 de Dezembro ultimo que, em cumprimento das ordens do Governo Imperial, e na qualidade de Presidente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes desta Provincia lhe informe com urgencia qual o estado da industria da mineraçõ, da agricola e da fabril, referindo os principaes estabelecimentos, e a importancia aproximada de seus productos nos ultimos tres annos, as cauzas de seu abraço e progresso, os melhoramentos de que sam susceptiveis, e contemplando nas informações ácerca dos dous primeiros ramos as que forem convenientes ao estado das salinas e da creaçõ do gado em suas diversas especies, procurarei satisfazer estas exigencias do melhor modo que me for possível; declarando desde já a V. Exe., que não posso ligar inteira confiança ás informações que der relativamente a alguns topicos comprehendidos na industria agricola, em referencia ás que obtivy como encarregado da estatistica da Provincia, visto que, em meu entender, laboram ellas no vago e incerto, e sem hesiaçõ pôde condemnal-as á improbabilidade o que tiver conhecimento desse ramo industrial, ou sobre elle haja feito algum estudo.

A mineraçõ, do ouro que começou nesta Provincia com o seu povoamento, sendo a principio exploradas a serra do Jaraguay, distante duas legoas da Capital, e suas adjacencias, e a do Apiahy, e ao depois o territorio de Paranapanema que faz parte do Municipio de Itapetininga, desde muito que se acha extinta ou porque se tornassem as minas exhaustas, ou porque approfundando-se muito as veias metallas, ficasse a sua exploraçõ dependente de grandes trabalhos, e despendios, faltando por certo os braços dos Indigenas, que na primitiva e sob a condiçõ de escravos eram exclusivamente empregados no duro serviço da extracçõ do ouro.

A maior riqueza mineral da Provincia está nas grandes jazidas de ferro magnetico que nella ha, notadamente no grupo de montanhas de Araçoiaba, onde existe hoje a fabrica nacional de S. João do Yamembá; nos Serros-brancos, appendices da serra de Inguery no districto de Paranhypar em toda a encos-

Santos, Thesoureiro interino Floriano de Toledo, Santos Carmago, e Oliveira, abrim-se a sessão. Feita a leitura da acta da sessão antecedente, e posta em discussão foi approvada. O Snr. 1.º Secretario fez leitura do officio do Exm. Vice-Presidente da Provincia, datado a 5 do corrente, exigindo informação com urgencia de qual o estado da industria da mineração, da agricola e da fabril, referindo os principaes estabelecimentos, e a importancia aproximada de seus productos nos ultimos tres annos, as cauzas de seu atrazo e progresso, os melhoramentos de que sam susceptiveis, e contemplando nas informações acerca dos dous primeiros ramos as que forem convenientes ao estado das salinas e da criação do gado em suas diversas especies: e por indicação do mesmo Snr. 1.º Secretario, que foi approvada, ficou o Snr. Presidente encarregado de satisfazer as informações exigidas pelo Governo; devendo ser o relatorio que ellas contiver publicado no Jornal da Sociedade. Foram apresentados pelo Snr. 1.º Secretario os numeros da —Revista Commercial—de Santos, que decorrem de 12 de Março a 10 de Dezembro deste anno, e bem assim desesete numeros do Auxiliador da Industria Nacional, decorridos de Junho de 1854 a Novembro do corrente anno;—mandou-se archivar. E nada mais havendo a tratar-se, levantou-se a sessão.

PEÇAS QUE TEM RELAÇÃO COM A ACTA QUE PRECEDE

Officio do Governo da Provincia exigindo informações sobre o estado da industria da mineração, da agricola e da fabril da mesma Provincia.

Illm. Snr.—A fim de dar cumprimento ás ordens do Governo Imperial, sirva-se V. S. informar-me com urgencia qual o estado da industria da mineração, da agricola e da fabril, referindo os principaes estabelecimentos e a importancia aproximada de seus productos nos ultimos tres annos, as cauzas de seu atrazo e progresso, os melhoramentos de que sam susceptiveis, e contemplando nas informações acerca dos dous primeiros ramos as que forem convenientes ao estado das salinas, e da criação do gado em suas diversas especies.

Deos guarde a V. S. Palacio do Governo de S. Paulo 5 de Dezembro de 1855.—Antonio Roberto de Almeida.—Snr.

S. R.
32
19

o modelo, onde tambem se achta desenhada uma seta indicando para que lado deve gyrar a almanjara.

N.º 1. E' o cano formado de tijolos, por onde tem de sair a fumaça do forno, que aquece a chapa de cobre, no qual se torra a farinha: as paredes do forno onde se lança o combustivel tambem são formadas de tijolos, e com a largura indicada na madeira com relação ao peitipé.

N.º 2. Porinhola por onde se lança a massa para torrar.

N.º 3. Porinhola por onde sabe a farinha torrada para se lançar no caixão, que lhe fica contiguo: esta porinhola será aberta logo que a farinha estiver torrada para que as pás do cylindro lancem esta no dito caixão.

N.º 4. Boca do forno em que se introduz o combustivel.

Quando cessar o gyro do cylindro convem suspendel-o para que as pás não sofram o calor do forno. Para este fim se levantará a tampa do caixão, que cobre o forno, e dentro do qual gyram as pás do cylindro, devendo este ser levantado por meio de uma corda presa no tecto da casa. Convem observar que entre o cylindro e a peça de páo, que o liga ao carretel, ha um gonzo ou joelleira de ferro, que se presta á suspensão do cylindro, uma vez que, cessando o seu gyro, fique a joelleira de modo conveniente a ter o cylindro levantado mesmo até ao ponto de ficar, se for preciso, em linha vertical.

As tranelinhas nas duas faces do caixão, que cobre o cylindro e forno, indicam que estas peças devem ser deslocadas todas as vezes que fôr preciso varrer ou raspar a crosta, que se vai formando nas paredes do caixão dentro do qual gyram as pás.

A experiencia tem mostrado que antes de se lançar no forno a massa para torrar convem pôr dentro deste uma quarta de farinha já torrada para neutralisar a humidade da massa e facilitar a sua torrefacção.

Conforme, — *Antonio José Affonso Guimarães*, Secretario do Governo.

11.ª SESSÃO ORDINARIA.

PRESIDENCIA DO SR. MACHADO D'OLIVEIRA.

Aos 15 de Dezembro de 1855, sendo presentes os Srs.
Presidente Machado d'Oliveira, 1.º Secretario Rodrigues dos

Resposta á carta decima.

Ilm. e Exm. Snr. —Tendo o directorio da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes dessa Provincia pedido, por intermedio de V. Exc., ao Exm. ex-Presidente desta Provincia, o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, em officio de 14 de Março do corrente anno. o desenho e descripção a mais circumstanciada possível dos *foros rodantes* adoptados nesta Provincia para a torrefacção da farinha de mandioca, bem como informacção sobre o modo de os applicar á especialidade á que são destinados, e sobre o seu custo; e tendo-se já retirado para a Córte aquelle Exm. ex-Presidente; quando chegou a esta Capital o mencionado officio do Directorio, ca-be-me o prazer de responder-lhe e de satisfazer aquelle pedido.

Julgando que um desenho, por mais perfeito que fosse, offereceria difficuldades para vulgarisar os nossos foros de torrar a farinha de mandioca nessa Provincia, mandei construir um modelo, não dos foros rodantes, que condemnados pela experiencia, já em nenhuma fabrica sam aqui empregados, mas de uma nova machina ultimamente adoptada em substituição daquelles; e com este o envio á V. Exc., que em a nota junta encontrará a descripção circumstanciada, e informacções que V. Exc. deseja, ás quaes devo acrescentar, que o emprego dessa nova machina, já muito vulgarisada nesta Provincia, tem produzido os mais vantajosos resultados.

Prevalço-me da occasião para offerecer á Sociedade Auxiliadora os meus fracos serviços, e á V. Exc. a segurança da mais distincta consideração e estima.

Deos guarde a V. Exc. Palacio da Presidencia em Porto Alegre, 6 de Setembro de 1855.—Ilm. e Exm. Snr. José Joaquim Machado de Oliveira.—*Luiz Alves Leite d' Oliveira Bello.*

Nota explicativa da machina para torrar a massa ralada da mandioca.

Explicação para a construcção e uso da machina de torrar farinha, cujo modelo se envia á Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da Provincia de S Paulo.

O custo da machina nesta Provincia de S. Pedro não excede de 535\$000, sendo ella construida com as dimensões reguladas pelo petipé, que se acha no fundo do caixão, que encerra

naquelle Provincia uma administração proficua e valiosa, assim como não menos officioso em acceder benevolamente á solicitação que fôra feita ao seu antecessor, tomou a si esse empenho, mandando construir um modelo não dos fornos rodantes, que, condemnados pela experiencia, já em nenhuma fabrica sam ali empregados, mas de uma nova machina ultimamente adoptada em substituição daquelles fornos; e fez dirigi-lo para esta Provincia, chegando ha poucos dias a esta Capital.

Abaixo transcreve-se a correspondencia que houve a este respeito, assim como a nota que contém as explicações para a construcção e uso da referida machina, que se acha á mostra em casa do Sr. Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

Carta dirigida a S. Exc. o Smr. Presidente da Provincia de S. Pedro.

Ilm. e Exm. Smr.—Vendo o Directorio da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes desta Provincia no importante Relatório apresentado por V. Exc. o anno passado á Assembléa Legislativa da Provincia, á que V. Exc. tão dignamente preside, que tem sido ahí melhorado apresentando vantajosos resultados o fabrico da farinha de mandioca, depois que para a sua torrefacção fôrão adoptados os *fornos rodantes*; e pois que é um dos mais essenciaes deveres desta associação o promover com quanto estiver ao seu alcance os meios que tendam a melhorar e augmentar os productos agricolas do nosso paiz; empenha se o Directorio com V. Exc. para que haja de subministrar-lhe a descripção, a mais circumstanciada que fôr possível, desses fornos, do modo de applical-os á especificidade a que são destinados, e do seu custo; e em maior obrigação a V. Exc. ficará o Directorio si por ventura a essa descripção puder-se ajuntar o desenho desse artefacto.

E como a idéa fixa de V. Exc. é tornar-se util e proficuo ao paiz, por certo que não lhe será pesado este pedido, e que saberá relevar ao Directorio qualquer inopportunidade que haja nisto.

Deos guarde a V. Exc. S. Paulo, 14 de Março de 1855.—
Ilm. e Exm. Smr. Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbuá,
Presidente da Provincia de S. Pedro.—*José Joaquim Machado d'Oliveira.*

Pelo Sr. Presidente foi apresentada a seguinte indicação, que depois de discutida foi approvada:

Constando do Relatório do Sr. Presidente da Provincia de S. Pedro, apresentado no anno passado á Assembléa Legislativa Provincial, que tem sido ali melhorado apresentando vantajosos resultados o fabrico da farinha de mandioca, depois que para a sua torrefacção foram adoptados os *hornos rodantes*, indico que o Directorio da Sociedade pelo orgão competente peça ao mesmo Sr. Presidente, que haja de subministrar á Sociedade a descripção a mais circumstanciada que for possível desses fornos, do modo de applical-os á especialidade a que sam destinados, e do seu custo; ajuntando a isso, sendo possível, um desenho explicativo desse artefacto. Sala das sessões em 10 de Março de 1855.—*Machado d'Oliveira*.

E nada mais havendo a tratar-se, levantou-se sessão. Sala das sessões do Directorio 10 Março de 1855.—José Joaquim Machado d'Oliveira, Presidente.—Gabriel José Rodrigues dos Santos, 1.º Secretario.

Transcrevem-se aqui as peças que tem relação com a acta precedente, e que por ordem do Directorio já foram publicadas no n.º 594 do *Xpiranga* de 12 de Janeiro de 1856.

Novo modo de terrar a massa realhada da mandioca.

Constando ao Directorio da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes desta Provincia, que na de S. Pedro se havia melhorado apresentando vantajosos resultados o fabrico da farinha de mandioca, depois que para a sua torrefacção haviam se adoptado os *hornos rodantes*, dirigiu-se ao digno Presidente o Exm. Sr. Cansansão de Simimbu, rogando que lhe subministrasse a descripção de um desses fornos, e mesmo, se possível fosse, o seu desenho, para que este artefacto fosse mais bem comprehendido. Quando a Porto Alegre chegou o pedido do Directorio, o Sr. Cansansão se havia retirado da Presidencia, e partido para a Corte; mas o seu digno successor, o Sr. Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, não meos deixando se prestimoso que aquelle em promover

servar boa por dons a tres annos com tanto que se guarde com casca, dá-se aos cavallos, a querel-os possantes, e bem assim ás aves domesticas, de que sam appetitosas.

Emprega-se na semeadura maior porção de semente do que aquella que póde comportar o terreno que para isso se prepara, pela razão de que um quarto, e mesmo um terço da semente não germina, seja porque não fosse bem semeada, faltando-lhe a humidade da terra, seja porque as flores da summidade da es-piga ordinariamente sam abortivas.

Terminaremos este artigo com uma succinta descripção desta planta: Suas raizes vivaces umas penetram o solo a prumo, e outras, que nascem em proximidade do seu collo, ou ponto intercepto da raiz e da hastea, estendem-se lateralmente, e se apropriam dos succos da superficie do terreno. Suas hastecas um pouco deitadas sam direitas e flexiveis, elevam-se a 2 ou a 3 palmos, mais ou menos, e sam guarnecidas de folhas alternas, pinnulladas, ou como as do jasmineiro, compostas de 9 a 13 foliolos (pequenas folhas), lisas, mais compridas do que largas, e que se vam estreitando para a sua baze como a da beldroega. As flores, avermelhadas e com riscas mais vivas desta cor, que se abrem pelo estio em forma de espigas alongadas, e axillares por nascerem do ponto de inserção de uma folha com a hastea. A flor succedem casulos onrigados de pontinhas, do tamanho e cor da pimenta da India, contendo cada um delles uma semente de cor parda.

10.^a SESSÃO ORDINARIA.

PRESIDENCIA' DO SNR. MACHADO D'OLIVEIRA.

Aos 10 de Março de 1855, sendo presentes os Snrs. Presidente Machado d'Oliveira, 1.^o e 2.^o Secretarios Rodrigues dos Santos, e Souza Freire, Thesoureiro interino Floriano de Foleto, e Santos Camargo, abriu-se a sessão. Feita a leitura da acta da sessão antecedente, e posta em discussão, foi approvada; e não havendo expediente foram apresentados pelo Sr. 1.^o Secretario os numeros da—Revista Commercial—de Santos, que decorrem de 28 de Agosto de 1854 a 5 de Março do corrente;—mandou-se arquivar.

vantagens da cultura desta planta, e por isso uns e outros, ha annos a esta parte, tem multiplicado muito os prados della. E' digno de se notar, e de servir de exemplo o que tem acontecido na parte da *Champagne poillense*; esta porção daquella Provincia era, ha menos de 40 annos, o districto mais miseravel de França; os seus gados poucos e enfezados, as suas arvores raras e mesquinhas, e as colheitas dos cereaes nunca suprimam ao sustento annual dos seus então infelizes habitantes, os quaes com a introdução dos prados do onobrychis, tem feito desaparecer o aspecto indigente daquelle paiz, aonde com este meio, nelle actualmente mui generalisado, as terras produzem abundantes colheitas de cereaes, criam arvores perfeitias, e sustentam gados vigorosos. »

Semeia-se o esparteio na primavera em meados de setembro, para evitar-lhe as geadas, de que muito se resente ao tempo de surgir da terra. A sementeura póde ser feita em regos como se pratica com o arroz (v. acina), ou espalhando a semente sobre a terra, que deve ser profundamente lavrada e destorroada, e para o que se escolhe tempo humido. N'algumas partes semeia-se esta planta conjunctamente com a sevada e aveia, que tão bem se prestam ao forrageamento, do que lhe resulta proveito por lhe servir de apoio em quanto ella não vigorar. Em cada uma geira de terra quadrada (324 braças quadradas) póde-se semear vinte alqueires de sementes desta planta; que dará para tres a quatro cortes annualmente, e 200 a 300 arrobas de feno, sugerindo unicamente o trabalho da capina todas as vezes que precise della.

As sementes podem ser collidas na segunda ou terceira florecencia da planta, pois que para ser colhida na primeira cansa-se muito a sua raiz.

A' primeira vez que a planta abre em flor fica em ponto de prestar forragem verde; e para convertel-a em feno, depois de ceitada deixa-se dous dias sobre a terra sem mexel-a, no terceiro, sendo revolvida com um forcado si o tempo for quente, ajunta-se em feixes que possam ser carregados por uma pessoa, apertando-os bem para que o orvalho não lhe cale e embranqueça a folhagem; feito o que, deixam-se secar bem os feixes, e são guardados em telheiros abertos, ou formando meadas com diversos respiradouros para a circulação do ar, atin de que o feno não fermente. A semente, que se póde con-

ESPANCETO, SANFENO, OU ONOBRYCHIS (*hedysarum onobrychis*)

Sobre esta planta transcreveremos aqui o que lhe é referida em uma das notas das *Georgicas Portuguezas* do Sir. Mo-zinho de Albuquerque.

« O onobrychis (*sainfoin commun* dos Francezes; *hedysarum onobrychis* dos botanicos) é entre as plantas da familia leguminosa adoptadas para prados artificiaes, a que parece mais util, e de mais extensa applicação para este fim nas diferentes Provincias de Portugal:

« 1.º Porque, sendo indigena na Europa meridional, e nella originaria das montanhas calcarias, facilmente pôde prosperar com a cultura no clima d'este reino.

« 2.º Porque, exigindo as plantas de prado artificial, taes como a luzerna, o trevo, &c., terreno plano, profundo, pouco compacto e fresco, o onobrychis prospera nas terras mais secas, elevadas, pedregosas, e até nas arentas, principalmente si na composição dellas entra substancia calcarea, a qual se encontra quasi geralmente nos terrenos de Portugal.

« 3.º Porque, o onobrychis, tanto na sementeira, como nos amanhos para as suas colheitas annuaes, exige menos trabalho e menos adubo do que as ditas plantas; é contudo mui util semeal-o em terra profundamente lavrada, e ainda melhor si nella tem precedido culturas taes como a do milho, da batata, &c., cujos amanhos dividem a terra, e extinguem nella as hervas nocivas: uma e outra cousa é conveniente para que, no primeiro e segundo anno, ganhem vigor as raizes desta planta, as quaes, em tal caso, profundam perpendicularmente até 10 palmos e mais, de que provem o vingar o onobrychis nos terrenos ingratos e aridos, pois que pôde, pelas suas raizes, procurar em grãde dprofundidade os succos necessarios á vegetação.

« 4.º Porque, ainda que a luzerna ou o trevo produzem maior quantidade de herva, a do onobrychis, que fornece nos paizes mericionaes tres ou quatro abundantes cortes em cada anno, ou seja dada em verde, ou em feno, é mais substancial, e conserva os gados mais vigorosos e menos expostos a molestias.

« 5.º Porque, o onobrychis, que dura em prados de 10 até 15 annos, pela decomposição das suas abundantes raizes melhora consideravelmente o terreno, para nelle se praticar a cultura dos cereaes.

« Tanto os Inglezes, como os Francezes tem conhecido as

A ultima operação que se faz no arroz é extrahir-lhe a casca ou branqueal-o, para ser levado ao mercado, ou para o gasto caseiro; pratica-se ella por dous modos: ou em moinhos feitos expressamente para semelhante mister, no caso de ser a colheita em grande, e destinada para a venda por atacado; ou socado a braços em pilões baixos, si é que a ceifa for pequena, e apenas dê para a economia domestica.

O primeiro residuo que se subtrahê da *soca* e a que dasse o nome de farelo, não constando sinão da casca do arroz, serve unicamente para se dar aos porcos; mas, o que são da segunda *peneirada* e a que nas Provincias do norte chama-se *moinha* contendo em si bastante porção de particulas farinaceas, e sendo por isso mais substancial que o primeiro, dá-se ao gado vaccum e cavalhar, que bem o saboreia.

Proseguiremos tratando das sementes de plantas exoticas, que estam sendo distribuidas pela Sociedade, por isso que convem saber especialmente qual a classificação, definição e prestimo que se lhes attribue; o cultivo que se lhes dá nos paizes de onde procedem, e a que melhor se lhes adaptará nesta Provincia.

Essas sementes, como já cima se disse, estam classificadas em sementes de *plantas forrageiras* e de *plantas de tinturaria*. *Plantas forrageiras* sam as que por seu talo e folhas constituem as diversas qualidades de forragem ou pasto necessario para a alimentação das diferentes especies de animaes (vacuns, cavallares e ovelhuns) que empregamos em nosso serviço, ou se prestam para a nossa manutenção. Estas plantas ou crescem espontaneamente, formando pascigos (*prados*) ou prados naturaes, unicamente dependendo de extrirpar-lhes as que não forem proprias para aquelle uso; ou, não sendo indigenas do logar, cumpre apropriar-as ali cultivando-as, e com ellas formarem-se prados artificiaes, ou melhorar-se os prados naturaes: assim, servem ellas como de um prestante auxiliar para a manutenção daquelles animaes, que de verão as comem em verde, e de inverno em feno.

Pertencem a esta classe o

O arrozal, principalmente o que é feito em terreno humido, exige pelo menos duas capinas, desde que nasce até que a planta chegue á altura de tres palmos: dahi em diante as hervas estranhas que lhe sobrevierem não podem causar damno á sua vegetação, que a esse tempo já terá tomado maior crescimento e consistencia.

Antes do arroz florescer, isto é, dous mezes, mais ou menos, depois da sua sementeira, despontam-se as plantas com uma foice afiada. Esta operação facilita dá o seguinte bom resultado;—tomar a planta mais firmeza, florescer, espigar e amadurecer o grão com igualdade. O arrozal assim despontado floresce dahi a 15 dias, e depois de outros tantos dias sobrevem-lhe abundante granulação.

E' signal de maturação do arroz, quando suas folhas e espigas se fazem amarellas; o que ordinariamente ocorre no quinto mez depois da sua plantação.

Logo que se conheça que o arroz chegou ao estado de maduro, cortam-se-lhe as espigas rente ás hastecas, e transportam-se para o paiol, de onde no seguinte dia, ou nquelle de bom sol sam levadas para terreiro limpo, espalhando-as ali para secarem por igual; depois do que ajuntam-se em diversos montinhos para que sejam estes malhados a varas finas, revolvendo-os muitas vezes de cima para baixo, afim de que fique completamente separado o grão da espiga. Fimdo este trabalho é o arroz jocrado e aventado para extrahir-lhe toda a palha e terra que se lhe reuniu, posto ao sol, uma ou mais vezes até que fiquem bem secco, o que se conhece trincando-o nos dentes, e recolhido em tulhas, ou recintos de taboas, para o livrar dos ratos e da humidade.

Si a plantação do arrozal for em grande o processo de separar-o da espiga será do modo que se pratica com o trigo; isto é: cortadas que sejam as espigas sam depositas espalhando-as n'uma eira, ou recinto circular cercado de varas, onde se introduzem animaes, que sendo fustigados constantemente pizam o lastro de arroz, e assim o debulham; e si algumas espigas restarem com grão, ajuntam-se todas, e malham-se á vara.

Si a colheita deste cereal for tão pequena que possa mesmo dispensar-se a batadura de varas para separar o grão da espiga, então ceifando-se as espigas com dous palmos de hastecas, ajuntam-se em manojos, e batem-se estes contra uma porta, ou taboa a prumo que se firma no chão.

quilar o seu crescimento, fazendo rara a sua granulação. Não acontece assim com o trigo, porque, não só por ser semeado baslamente, como pela absorção que faz de toda a seiva, só elle germina e vegeta no logar em que é deposto, sobrepondo-se logo a outra qualquer planta que alli procure introducir-se, o que a faz destruir promptamente.

Si a semeadura for feita em regos, abrem-se estes longitudinalmente, ou ao comprido, com arado no caso que a plantação seja em grande, deixando-se entre um e outro sulco a distancia de um meio a dous palmos; e sendo pequena, o rego é aberto á enxada com o mesmo intervallo, e dando-se-lhe a profundidade de meio palmo. Em seguida, seméa-se o arroz nos regos, cobrindo-o com parte da terra que sahin destes, para que o grão não seja tomado pelos passaros, de que sam muito havidos. O processo da semeadura é feito de modo que os grãos não fiquem sobrepostos uns aos outros, nem que entre elles haja a distancia de mais de meia pollegada.

No caso, porém, de ser o arroz semeado em covas, o que tem quasi sempre logar em terrenos seccos, abrem-se estas com o canto da enxada em forma de *quincone* ou de xadrez, dando-se entre uma e outra a distancia de dous palmos, mais ou menos; lança-se em cada uma a porção de grãos (de 12 a 15) que se puder tomar em tres dedos, espalhando-os, e cobrindo-os com parte da terra tirada da cova. Com este methodo de semear poupa-se o terreno, mas tem o inconveniente de só se poder fazer á mão a limpa do arrozal, não podendo ser com a enxada por causa de serem entravadas as linhas das touceiras.

Seméa-se o arroz todos os annos nos fins de Agosto até Novembro; mas, a melhor plantação é em Agosto ou Setembro, quando houverem as primeiras aguas fluvias da quadra.

O arroz para semear deve ser *em casca* ou conservado dentro do casulo, escolhendo os grãos cheios, inteiros e bons. Antes de pôl-o na terra, e no caso de ser o terreno humido, importa que seja posto de molho, afim de grelar, apressando-se assim a sua vegetação depois que for plantado. Esta operação practica-se recolhendo o arroz em um sacco, que se faz mergulhar em agua corrente por tempo de um dia; e no seguinte despeja-se em uma gamella ou vazilha de madeira, e se abana bem para lhe promover queentura, apóz a qual vem a germinação, e é então que se seméa.

lheita mais diminuta. Cumpre, pois, neutralisar a maior força desse solo si se quer aproveitá-lo com a semeadura do arroz, empregando o seu principio fertilisador n'outros cultivos que lhe absorvam a exuberancia de seve. Para isto dá-se preferencia ao milho, com o qual e promiscuamente pôde-se plantar o arroz, do que nenhum inconveniente lhe resulta.

O agricultor experimentado sabe muito bem quando as terras se aclam *cangadas* para que as ponha de alqueive ou em poucio: as que se empregam na cultura do arroz raras vezes chegam a esse ponto, porque as inundações a que estão sujeitas dam-lhes fertilidade com os residuos que ahí depositam.

« Quem quer ter boa colheita prepara a terra, escolhe a semente e a deposita em tempo proprio »—é axioma que todo o agricultor deve ter bem em lembrança para dar-lhe a applicação conveniente. No que fica ácima expellido mostrou-se com a autoridade dos que trataram da materia, qual o terreno mais azado para a plantação do arroz: diremos em seguida o modo porque se deve dispor e preparar esse terreno para receber a semeadura do arroz, e remataremos este artigo com algumas indicações para este processo.

O terreno em que se deve cultivar este cereal cumpre que seja precedentemente desbastado de mato, e arbustos, arrancando-se-lhes as raizes, ao que se prestará facilmente a pouca solidez do terreno, e muito mais si se lhe applicar o *arrancador de raizes*, instrumento moderno que ja está em uso, e tem apresentado bons resultados. Findo o que, e quando se for aproximando o tempo da semeadura, se limpará de herva o lugar em que ella se houver de fazer; será este lavrado ou surriado, a arado si a plantação se fizer em ponto grande, ou a enxada si for pequena; destorrado e aplanado o melhor que for possível.

Ha tres diversos modos de semear o arroz, com excepção feita do praticado na Azia, onde é este cereal semeado em viveiros, transferindo-se dahi as plantas para outros logares: E' o primeiro fazer-se a semeadura em regos; o segundo, em covas; e o terceiro, espalhar os grãos pela terra da maneira por que se procede com o trigo. Os dous primeiros sam preferiveis ao terceiro, porque favorecem ás mondas (*cepinas*), que sam indispensaveis ao arrozal, ao passo que o terceiro, embarcando este processo, inutilisa a plantação, ingando-a de ervas estranhas, que a podem matar, ou quando menos ani-

para a medra da vegetação, e obter-se rica colheita. Faça-se pois, nas duas regiões (litoral e Cima da Serra) a semeadura deste cereal nas varzeas, margens dos rios, valles ou terras baixas, que não estejam perennemente alagadas, mas que se conservem humedecidas principalmente durante a plaze da primeira vegetação da planta, que dali se obterá profucuos resultados.

E' indubitavel que o arroz nutre-se mais da humidade, do que de outro qualquer agente da vegetação, e é por isso que só se deve attender a esta circumstancia na escolha que se fizer de terreno para o seu plantio. As terras que ordinariamente se diz *cangadas*, ou exaustas do principio nutritivo; as em que precedentemente se cultivou o trigo, milho, centeio, legumes, &c., e que por isso dependam do afohamento (a); as de alluvião nos valles e terrenos baixos, onde necessariamente dormina o *humus* (terra vegetal), que tão adequado é para a pecuena cultura, sam as que se devem destinar para a plantação do arroz, com tanto que nellas haja a indispensavel humidade, ou que, em sua falta, possam ser regadas.

Commummente se diz que sam mais productivos, e de melhor qualidade de grão os arrozaes feitos em *terras salgadas*, ou á beira-mar. Ha, todavia, contra isso o que se sabe da Provincia do Maranhão, onde o arroz é de superior qualidade, tem grande procura e é um dos generos da sua maior exportação; sendo que a sua maior plantação é feita nas comarcas de Itapicuri e do Alto Mearim, que ficam a muita distancia do litoral.

Já ácima se disse a differença que vai do arroz de Santos para o de Cima quanto á sua qualidade culinaria.

Si se plantar o arroz em terras de grande força productiva, ou como vulgarmente se diz—*de primeira planta*, ter-se-ha um arrozal de uma vegetação luxuriante e de grande crescimento, posto que de minguada granulação; por que provem-lhe isto do seu proprio vigor, como é geralmente sabido em agricultura: devendo-se dali tão bem esperar que, acamando-se o arrozal quando começar a granar, por causa do seu grande crescimento, caia o grão e inutilise-se tornando-se assim a co-

(a) Afolhar terras lavradas é alternar-lhes a cultura de plantas mais fortes para plantas mais fracas, para que não fiquem totalmente decriadas por muito tempo.

dos trabalhos agricolas, e só providos de origem rotinaria, com os preceitos prescriptos e já applicados á lavoura moderna. palpavelmente se reconhece que ha erros a extirpar, detritos a corrigir e prejuizos a destruir, que, a não affronta-los, seria em quebra das attribuições e dos encargos que se impoz a associação que tomou a si a publicação deste jornal.

A fora o que acima se disse sobre as variedades do arroz conhecem-se-lhe mais duas, que em verdade só se derivam da forma do seu cultivo; e a estas se dá a denominação de—*arroz de regadio e—arroz de sequeiro*, que parece correspondem ao nosso arroz de Santos, e de cima. Quanto ao primeiro, si não for semeado em terreno sugeito a inundações, será de mister applicar-lhe a irrigação, o que em grandes plantações é dispendioso e difficil; e a respeito do segundo, não exige elle mais do que uma rega, ou um terreno que fosse anteriormente inundado, ainda quando sua humidade cesse depois disso.

Vem a proposito dizer-se neste logar, que ha n'algumas partes dos extensos pântes e lagoas baixas do Alto Amazonas, e nas do grande alagadiço de Xaraes do Paraguay, arrozacs perpetuos de uma qualidade vivaz, que independente de renovar-se a seneadura se reproduz todos os annos, lançando hastes, igualmente tão productivas como as de primeira plantação. Nesses arrozacs nativos ha só o trabalho de os cortar quando maduros, andando os ceifadores em canoas, que navegam por entre elles.

A cultura por irrigação, quando a seneadura do arroz é em ponto pequeno, e não houver probabilidade de alguma inundação em quanto a planta necessitar della, pratica-se encaminhando a agua do proximo rio para dentro do arrozal no crepusculo da tarde, em quantidade, porem, que possa banhar o terreno plantado; e que ao nascer do sol esteja elle enxuto.

Está evidentemente provado que a cultura do arroz só prospera e fructifica satisfatoriamente em terras que naturalmente se inundam, ou em regiões sugeitas a chuvvas periodicas e abundantes. Dahi se infere, que é esta Provincia mui azada para o seu plantio, quer no litoral, onde os transbordamentos dos rios sam infalveis na quadra das chuvas, e de pouca duração por isso que as vertentes orientaes da Serra ficam proximas do mar, quer em cima da Serra, onde concorrem aquellas duas circumstancias (inundações periodicas, e chuvas abundantes)

Arroz (Oryza Sativa).

Não ha differença consideravel entre o arroz da Georgia, e o indigena que se cultiva em Iguape. Cananéa, e n'outras partes do littoral d'esta Provincia em ponto de ser exportado; a planta daquelle tem as hastas mais altas e mais firmes, e o grão pouco maior é do que o deste. No fim do seculo 15.º foi o arroz trazido da Azia para a Europa, e dali para a America; admitido logo na Georgia e nas duas Carolinas dos Estados-Unidos ali medrou prodigiosamente, e com este arigo sustenta aquelle paiz um grande commercio, que se estende a todas as partes onde não é elle cultivado.

No conceito do Abbade Rozier, o arroz alimenta as duas terras partes dos habitantes do globo. Todavia, si o arroz da Georgia não é em tudo semelhante ao do littoral desta Provincia, como fica dito, é mais notavel a sua differença em comparação do que vulgarmente se chama—*arroz de cima*, que vem a ser o que se cultiva em terras que não estam ábeira-mar, o qual tão bem se denomina—*arroz vermelho* para distinguil-o do *arroz-branco ou de Santos*. A hastea do arroz vermelho é quasi por metade da daquelle, mais delgada e por isso mais flexivel; seu grão é visivelmente menor, e a sua massa farinacea é de um vermelho desmaiado, còr que lhe communica a pellicula de um escarlata vivo, que a envolve com bastante adherença para que não possa ser destruida totalmente quando se extráe o cazu do grão. Ha igualmente a notar-se que, sendo o arroz vermelho mais saboroso do que o branco desta Provincia, que mais se assemelha ao da Georgia, talvez por conter em si maior porção do principio oleginoso ou gorduroso do que aquelles, tão bem existe entre ambos essa differença.

Embora o cultivo do arroz, e bem como o amanho das terras, que o deve preceder, sejam cousas mui comestinhas, e sabidas praticamente pelos nossos agricultores que se dam a este mister; contudo, paraque seja elle elevado a maior perfeição, e tenha maior incremento, não scrá por demais que se indiquem aqui, e de um modo mui abreviado, algumas regras e noções das que se acham mais conceituadas, e razaveis nos diversos tratados de agricultura, que consultamos, e que podem dar semelhante resultado. A mais disso; da comparação que se faz dos usos tradicionais, seguidos neste e em todos os ramos

bro de 1854.—Ilm. e Exm. Sr. Dr. José Antonio Saraiva,
Presidente desta Provincia. José Joaquim Machado d'Oliveira.

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, estabelecida no Rio de Janeiro, não satisfeita de que sua animadora e per-severante solicitude pelo augmento e prosperidade agricola e industrial do Brasil, se limitasse ás unicas localidades onde se firmou, e onde tem feito importantissimos serviços em todos os ramos da especialidade á que se dedicou, ha ella não só diffundido pelas Provincias, mediante o Auxiliador da Industria Nacional, seu Jornal, noções e conhecimentos theoreticos, e practicos, que se prestem ao desenvolvimento e applicação de todos os elementos da agricultura e industria de que tão copiosamente abunda o paiz, como distribuido mudas de plantas e sementes ou indigenas, ou exoticas. que adquiere, ou que a seu pedido sam pelo Governo-Imperial mandadas vir da Europa, e dos Estados-Unidos da America. A Provincia de S. Paulo não tem sido esquecida nesta patriotica parilha; e modernamente foi ella mimoseada, por interposição da sua Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes, com uma colleção de sementes de algumas plantas exoticas (forrageiras e de tinturaria), que por deliberação do Directorio da mesma Sociedade estam sendo distribuidas na Capital, e mandadas para diversos logares do interior, no intuito de, por meio do seu cultivo propagal-as, e assim conhecerem-se as localidades que lhes sam mais adaptadas e propicias, e onde mais facilmente se possam aclimatar.

E pois que o Directorio tem assim procedido, toma elle igualmente o dever de que se faça uma breve descripção da classificação e prestimo de cada uma das plantas que devem produzir aquellas sementes, e da cultura que se lhes ha apropriado nos logares de onde se derivam.

Entrou nessa colleção de sementes a do arroz da Georgia, de que se tem feito idenica distribuição, e do qual já algum ha nascido; convem que se trate delle como uma das especies deste cereal, a que se dá, um uso universal, e serve para diversos misteres na economia domestica, e o que nos tem sugerido o artigo seguinte.

mercio e Artes desta Provincia, que pelos seus estatutos é obrigada a ter um semelhante gabinete, e por deficiencia de meios não o ha podido estabelecer, sollicitou da Assembléa Legislativa Provincial, em 12 de Abril de 1853, que fosse posta á sua disposição a quantia designada para montar o gabinete; e ou fosse por isso, ou porque entrasse a autorisação dessa despezas nas disposições permanentes daquella lei, é certo que na do Orçamento subsequente, em seu § 28, reiterou a Assembléa essa autorisação, affim de proceder-se a esse dispendio, a que addicionou-lhe igual quantia para a compra e experimentação do apparelho usado na Bahia e outros lugares para a cristallisação do assucar. Esperou a Sociedade que por virtude desta repetida determinação, e pela sua representação de 10 de Outubro de 1853 (4), dirigido ao Governo Provincial ácerca do mencionado apparelho, se realisasse semelhante acquisição, mas, ainda por essa vez não foi ella levada a effeito.

A lei do Orçamento vigente, sibem que não mencionasse expressamente essa disposição, é fóra de duvida que reproduziu o seu pensamento, determinando no art. 15.º a criação nella Capital de um Conservatorio Industrial, que deverá conter machinas e instrumentos a bem dos trabalhos agricolas, e para cujo estabelecimento consignou-se no art. 21 da lei a quantia de 5.000\$ rs.

Porquanto fica expellido o Directorio da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes desta Provincia, que persevera n'esse pensamento a despeito de contrariedades com que tem deparado, e tendo já conhecimento de bastantes factos, que abonam o bom animo e tendencias em que V. Exc. está, de pôr em andamento todas as medidas decretadas pela Assembléa Legislativa, que sam applicaveis aos melhoramentos materiaes da Provincia; o Directorio, pois, vem hoje, e em consequencia do que foi deliberado em sua ultima sessão, pedir a V. Exc., que baje de providenciar a acquisição seja de machinas e instrumentos que podem ser applicados á agricultura e industria, seja do apparelho para a cristallisação do assucar; porque, logo que o Directorio tenha sciencia da sua realisação, proverá o meio conveniente de serem esses objectos expostos ao publico como moleados dos que houverem de ser por elle empregados. Deus guarde a V. Exc. S. Paulo 16 de Outu-

(4) V. a pag. 22 a representação citada.

S. P.
32
19

municar-lhe que annuo se convite com que me honra a referida Sociedade. Deus guarde a V. S. Palacio do Governo de S. Paulo 20 de Julho de 1854.—José Antonio Saraiva.—Sr. Brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira.

Officio do Exm. Sr. Presidente da Provincia nomeando o Directorio da Sociedade para tomar a si a promoção, inspecção e direcção da colonização que for destinada para a referida Provincia. (2)

Ilm. Sr.—O artigo 31 da lei do Orçamento vigente autorisa á Presidencia para nomear uma commissão que tome a si a promoção, inspecção e direcção da colonização para esta Provincia, e das Colonias existentes. Estou persuadido de que para execução do pensamento do Corpo Legislativo Provincial não poderia encontrar auxiliar mais poderoso do que o patriotismo daquelles que tão espontaneamente se associaram para promover os interesses da agricultura, entre os quaes occupam eminentemente logar a colonização. Assim resolvi nomear para formar aquella commissão o Directorio da Sociedade de Agricultura, Commercio e Artes, e confio em que não sollicitarei de balde sua coadjvação. Digne-se V. S. communicar ao Directorio, de que é mui digno Presidente, essa minha deliberação. Deus guarde a V. S. Palacio do Governo de S. Paulo 14 de Agosto de 1854.—José Antonio Saraiva.—Sr. Brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira.

Officio para o Exm. Presidente da Provincia pedindo-lhe a acquisição de machinas e instrumentos applicados á agricultura e industria. (3)

Ilm. e Exm. Sr.—A lei do Orçamento Provincial, que vigorou no anno findo de 1852 a 1853, decretou no art. 23 o estabelecimento no Capital de um gabinete de machinas e instrumentos applicaveis á agricultura, para cuja acquisição autorizou ao Governo a despendar annualmente a quantia de 2,000\$ rs.; e como a essa disposição se não desse execução naquelle anno, a Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Com-

(2) Acta citada.

(3) Acta citada.

blico desta Capital se cultive uma porção das sementes de plantas exóticas que foram mandadas á Sociedade; prestando-se o Inspector do Jardim a dar as informações que lhe forem exigidas a respeito, entregando ao Directorio as sementes produzidas, para que se possa proseguir em sua distribuição. Posto em discussão, foi approvedo. O Snr. Thesoureiro interino informou que dos diplomas dos Socios que lhe tem sido remittidos em diferentes épocas só foram procurados sete, cujo producto se acha em caixa e á disposição da Sociedade; e proseguindo, fez ver a necessidade de haver um livro para a escripturação das entradas e saídas. O Directorio, ficando inteirado da primeira parte, quanto á segunda deliberou que o mesmo Snr. Thesoureiro comprasse o livro. Propoz o Snr. Rodrigues dos Santos que se repia a representação que a Sociedade tem feito ao Governo da Provincia, pedindo-lhe a aquisição de maquinas e instrumentos ruraes applicados á agricultura e industria, especialmente e com a possível brevidade o aparelho usado na Bahia para a parte do processo do assucar, a que chamam purgação, até onde dér a quantia assignada para isso no § 28 do art. 1 da lei do Orçamento que vigorou no anno financeiro de 1853 a 1854; e isto para que seja exposto no gabinete da Sociedade; affim de prestar-se ao exame dos interessados. A proposta, sendo posta em discussão foi approveda. E nada mais havendo a tratar-se, levantou-se a sessão.—Sala das sessões do Directorio em 26 de Agosto de 1854.—Gabriel José Rodrigues dos Santos.—João Nepomoceno de Souza Freire.

PECAS QUE TEM RELIÇÃO COM AS ACTAS QUE PRECEDEM

Resposta, dada pelo Excm. Presidente da Provincia, ao convite que se lhe fez para Membro Honorario da Sociedade. (1)

Illem. Snr.—Em resposta ao offeio que V. S. me dirigiu com data de 14 do corrente, convidando-me por parte da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes desta Provincia para Socio Honorario da mesma, cumpre-me com-

(1) V. a acta de 26 de Agosto de 1854.

ção.—3.º Si a Commissão pode nomear empregados locais para que cooperem com ella no desempenho dos seus deveres, e com accção directa nas colonias.—4.º Si esta Commissão permanecerá inherente ao Directorio da Sociedade, que, na forma dos seus estatutos, deve de ser eleito annualmente, ou deve-se entender que é referida ao pessoal que actualmente forma o mesmo Directorio.—Que, finalmente, se peça ao Governo uma relação das Colonias existentes na Provincia e sua situação, o numero de colonos que pertence a cada uma, e a qualidade dos contractos havidos com estes. Fez-se igualmente leitura dos seguintes officios:—1.º da Associação Commercial de Pernambuco transmitindo um exemplar de novos resultados e desenhos relativos ao fabrico de assucar de betarrava, que á Sociedade fôrão remetidos pelo seu Socio Correspondente o Sr. João Diogo Sturz, Consul Geral do Brasil na Prussia; inteirado, resolvendo-se, que se accuse o recebimento, e se agradeça tanto ao Socio Correspondente, como ao Secretario da Associação Commercial.—2.º do Dr. Manoel de Oliveira Fausto, Secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional no Rio de Janeiro, acompanhando uma barriça com sementes de plantas exoticas, forrageiras e de tinturaria, que a mesma Sociedade remette á d'esta Provincia para o fim de as mandar distribuir como julgar conveniente, inteirado, e que se accuse o recebimento e se agradeça; e informando o Sr. Presidente do Directorio, que se estava procedendo á distribuição das sementes pelos Socios; propoz em seguida, que não só se avisasse a estes que em tempo competente deviam informar á Sociedade do resultado que houvesse da plantação quer d'estas sementes, quer das que para o futuro lhe forem dadas, entregando ao Secretario do Directorio uma porção das sementes produzidas para se fazer nova distribuição, como que d'estas se reservaria algumas no gabinete da Sociedade. O que sendo posto em discussão, foi approvedo.—3.º dos Srs. Ignacio José da Silveira Bueno e Antonio Joaquim de Freitas Leitão, de Mogy-mirim, declarando que acceptavam o titulo de Socios Correspondentes; inteirado.—Fôrão apresentados os numeros da—Revista Commercial— de Santos, que decorrem de 10 de Julho a 21 de Agosto d'este anno; e bem assim o numero do Agricultor Brasileiro, referido ao mez de Julho; mandou-se archivar. Propoz o Sr. Santos Camargo, que se soltice do Governo da Provincia permissão para que no Jardim Pa-

raiva, Presidente d'esta Provincia, e que no caso de aceitar se lhe envie logo o competente diploma. Foi a proposta submetida ao Directorio na fórma do Regimento; e como se achassem presentes 4 Membros do Directorio, e dessem-lhe seu assentimento, foi a mesma proposta approvada.—E nada mais havendo a tratar-se levantou-se a sessão. Sala das sessões do Directorio em 11 de Julho de 1854.—José Joaquim Machado de Oliveira, Presidente.—Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, 1.º Secretario.—João Nepomoceno de Souza Freire, 2.º Secretario.

9.ª SESSÃO ORDINARIA.

PRESIDENCIA DO SNR. MACHADO D'OLIVEIRA.

Aos 26 de Agosto de 1854, sendo presentes o Sur. 1.º Secretario Rodrigues dos Santos, 2.º Secretario Souza Freire, Theoureiro Florianano de Toledo, Brotero, e Santos Camargo, e tomando a Presidencia o Sur. 1.º Secretario, abriu-se a sessão. Feita a leitura da acta da sessão antecedente, e posta em discussão foi approvada.

EXPEDIENTE—O Sur. 2.º Secretario fez leitura dos officios seguintes: 1.º do Exm. Sur. Presidente da Provincia annuindo ao convite que lhe fôra feito por parte da Sociedade, de ser membro Honorario da mesma: inteirado.—2.º do mesmo, nomeando o Directorio da Sociedade para formar a Commissão que, em virtude do art. 31 da lei do Orgamento vigente, tem de tomar a si a promoção, inspecção e direcção da colonisação para esta Provincia, e das Colonias existentes n'ella; inteirado o Directorio, deliberou este que se agradeça ao Governo Provincial a confiança que deposita na Sociedade, e que em officio separado se solicite do mesmo Governo os esclarecimentos seguintes: 1.º Si já leve execução aqui o art. 18 da lei geral n.º 601 de 18 de Setembro de 1850, na parte em que dispõe a formação de Colonias nos logares em que estas mais convierem para o emprego de colonos, que forem mandados vir á custa do Thesouro; e no caso negativo, si a Commissão deve propor ou indicar os logares em que se possam formar esses estabelecimentos.—2.º Quaes as attribuições que competem á Commissão comprehendidas nas palavras—inspecção e direc-

O INDUSTRIAL PAULISTANO.*

JORNAL

DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA AGRICULTURA, COMMERCIO E ARTES DA PROVINCIA DE S. PAULO.

NUMEROS 7, 8, 9, 10, 11, E 12—JULHO A DEZEMBRO.

8.ª SESSÃO ORDINARIA.

PRESIDENCIA DO SNR. MACHADO D'OLIVEIRA.

Aos 11 de julho de 1854, sendo presentes os Snrs. Presidente Machado de Oliveira, 1.º Secretario Rodrigues dos Santos, 2.º Secretario Souza Freire, Thesoureiro interino Floriano de Toledo e Thesoureiro dos Santos Camargo, abriu-se a sessão. Feita a leitura da acta da sessão antecedente e posta em discussão foi approvada.

EXPEDIENTE.—O Snr. 1.º Secretario fez a leitura: 1.º do officio do Excm. Presidente da Provincia transmittindo á sociedade 2 exemplares do 1.º Relatorio apresentado á Presidencia da Provincia sobre os melhoramentos da cultura da cana e do fabrico do assucar, por João Monteiro Carson; foram recebidos com agrado: e 2.º da do Snr. Francisco Galvão de Barros França, de Itú, aceitando o titulo de Socio correspondente; inteirado.—Foram apresentados os numeros da—Revista Commercial—de Santos, que decorrem do 1.º de Maio a 3 de Julho d'este anno, e bem assim os numeros do Agricultor Brasileiro de Abril a Junho de 1854; mandou-se archivar.—Pelo Snr. Santos Camargo foi apresentada a seguinte proposta:—Propoño que seja convidado para Membro Honorario d'esta sociedade o Exm. Snr. Dr. José Antonio Sa-

(*) Os artigos que entram nos primeiros numeros desta segunda publicação do Jornal foram postos na Typographia que imprimiu os primeiros da precedente, pouco depois de se darem estes ao prelo; e como houvesse n'essa Typographia impossibilidade de os publicar, que se agora foi reconhecida, passou-se para outra conjunctamente com outros de data posterior.

AL PAULISTA

REVISTA

DA

Industria da
Artes e Officinas

EXERCIDA

PROVINCIA DE S. PAULO

Vol. 1.º

de

O fortunado
norint



PAULO

DIAS DE DEZEMBRO

de Antunes

1850

N.º Ident.

46

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal O Industrial Paulistano

Dia

Mês

Ano

Páginas

1856

43 pgs.

Microfilme feito em:

19-8-948

N.º C.

39

N.º M.

117

para vidros da marmota, e ainda isto foi bom, porque V.ª S.ª ha de torná-los a vê-los, quando estiver lá dentro.

Os bichos de meo moleque.

— Lembra-te d'aquellas poesias que te ensinei?

— Lembra-me, sim sinhô.

Pois entao recita aqui a vista d'estes senhores, bate palmas e grita:

LÁ VAE VERSO.

— Eu por ser muito bixento,
Sempre estou tirando bixo,
E don todos de presente
Só por não pôl-os no lixo.

Quando meo pé coça muito
E' porque tenho *pipócas*;
Hontem peguei n'uma agulha
E os fui tirando das tócas.

Tirei trez no calcanhar
E dois na sóla dos pés;
Tirei mais cinco entre os dedos
A' todo fizeram des.

E os trez do calcanhar,
Tão gordinhos, tão lustrosos,
Eu fui pôl-os na quitanda
P'ra os Redactores gulosos!

E os outros cinco da sóla,
Tão alvinhos, tao redondos,
Eu levei p'ra o *Catucá*,
Flumincenses, *Maribendos*.

E p'ra o *Sino* e p'ra *Sincta*
(Não foi nem-uma tolice)
Pois ficarão dando pulos
Pela bella gulodice.

E os dois de entre os dedos,
Rechonchudos sem igual,
Eu levei p'ra os Redactores
Do *Grito Nacional*.

E ficarão bem contentes
As duas mestras abelhas,
E sem demora os comerão
Ensopados com Orelhas.

ACHADO.

Isto não é d'eile, é impossivel que um moleque saiba fazer d'essas coisas.
Não tem dúvida, roubou do Sr. Porto-Alegre, quando lá esteve.

O' Sr. Porto Alegre veja s'isto é seo, si fôr mande buscar á rua dos Ourives n.º 21, já se sabe dando a competente gratificação de 40 rs.

EPIGRAMMA.

— O' meo Deos! de quem será
Tão hedionda carêta?
— Pois você nao sabe não?
E' a cara do Pernêta.

TYPOGRAPHIA DE TEIXEIRA E C.ª RUA DOS OURIVES N.º 21.



Isto de moleque não quer se não pagode. Aconteceu que estava *improvisando* o famoso libellista da quitanda, em sustentação de seo *sublime* requerimento.

O ladrão do moleque, apenas dá com aquella posta de carne, ricamente ornada de dois olhinhos de vibora, e que por grandes favores d'arte não passa de um rotundo barrilote, teve logo a tentação de pregar-lhe uma cabeçada, mas reflectio o tratante, por pequenino que é, que por mais que enterrasse a cabeça no enorme bojo d'aquella barriga problematica, nada arranjava, nem mesmo que lhe fosse pela região dos queixos, porque a cabeça mais rija se esmigalha sempre que quizer dar uma testa na queixada de algum burro.

Eis senão quando o tratante, que faz quanta diabrura ha no mundo, que tem alliviado a muitos quadrupedes do peso de suas cangalhas, lembrou-se de pregar a mesma peça ao pobre *malandro*; e assim pois, quando elle estava todo influido recitando de cór o seo papel *Catucá*, dá-lhe o moleque um salto no lombo, arranca-lhe os oculos e deita a correr por ahí afóra, embarca e safá-se para a côrte.

O pobre Homem quasi que se desmorona pelo choque que recebeu!

O Mané Quinquim apesar de seo immenso papo deitou a correr atraz do moleque gritando:

— Pega ladrão! pega ladrão!

Reinou um grande sussurro, e o Zé d'Assis dominando o rumor, bradou com voz catonica:

— E' até onde, senhores, pôde chegar o atrevimento da Policia! Que! pagar-se á um moleque para vir arrancar de cima das ventas do meo illustre amigo esses magicos vidros, por onde se reflectem em sua ardente imaginação de man-cébo os mais bellos pedacinhos das alheias eloquencias... Oh! quando havemos de ter um discurso pomposo? pois como sabeis, senhores, o meo digno amigo sem oculos nada lê, não lendo nada decóra, não decorando nada recita.... Peço pois licença para mandar á mesa um requerimento, responsabilizando a Presidencia pelo roubo escandaloso e insultativo que ella mandou praticar, atacando d'esta arte os sagrados direitos de propriedade!... e aqui foi o orador interrompido pelo Dr. Timandro, que puchando-o pelo braço, perguntou:

— O Assis, viste quem roubou meos oculos?.....

— Não me interrompa o nobre collega; deixe-me proseguir nos meios de descobrir o auctor de tao negro attentado....

Aqui entra o Mané Quinquim, com a cara toda coberta de bagas de suor e tão cansado, que apenas pôde dizer ao Thomaz Gomes:

— Dr. guarde-me estes oculos antes que me aconteça o mesmo.....

Meo senhor, foi meo moleque quem roubou-lhe os oculos e os foi vender

Então quer bravo! bravo! logo vi que o patricio não é tão máz como se pensa . . . diabo eu não sei por que até os caboclos gostao tambem de um molequinho.

Faz favor, sinhô Caboclo !

O' Patricio vamos nós formar uma companhia de batalhão? eu, o senhor, o tal Pato Macho, e o senhor soldado Homem, e mesmo, que fim levou o soldado? ha tanto-tempo não o vejo . . . Valeo? Pois bem. O Patricio é o Comandante, o Pato Macho vai adiante fazendo que toca corneta gritando: quá, quá, quá, quá, quá, quá ra quá; o senhor vai no meio e eu vou atraz de todos, e o senhor soldado vai de lado.

Ha-de se apresentar a malta ou exercito inimigo, composto de maribondos, catucás, sinos, &c., &c., &c.

O Maribondo e' o primeiro da malta que ha-de voar sobre nos, O Pato Macho poe-se de boca aberta assim a modo de quem quer devorar, e quando o bichinho chegar perto vae o comendo como quem não quer a coisa, e depois virando-se para nós ha-de bater no papo e dizer:

— Já cá está... quá quá quá.

De mais!!! eis está o larrancho todo sobre nos! quanto maribondo ha no cortiço ahí está tudo em cima de nós Camaradas? nada de esmorecer Pato, ataca a bicada bodoque, só caboclo . . bodoque; só Pato . . . só Caboclo, arrume na malta, com a frecha; Caboclo, com a frecha! meo senhor, senhor soldado, meta a bayonêta na boca da espingarda, e dê um tiro de metralha bravo! bravo Caboclo bravo Pato Viva o soldado, bravo pagode bravissimo tambem quero -arreda arreda lá vae cabeça . . . Oh Diabo . . . Pois eu deveras não pensei que ja estava combatendo?

Ora adeos, são influencias da rapaziada!

É havia de dizer que fiz o Joaquim Feliciano ver as estrellas e comer fogo.

Está bom se não for agora será logo.

E quando elles levarem bem bodec'as, e cabeçadas, rasteiras e bicadas, havemos de pegar n'elles e metter na *Marmota*.

UM ROUBO DO MOLEQUE.

Este moleque tem lendas!!

Querem saber o que elle fez? pois vou contar:

Vê o *Maribondo* passar voando e larga-se atraz do bicho e ia tao entusiasmado que quando de si deo fé estava dentro do regincho da Assembléa Provincial.

O MOLEQUE.

JORNAL POLITICO E JOCOSO.

A gente honesta e sizuda
De mim não tenha reccio,
Mas para quem for moleque
Eu serei moleque e meio.

(A favorita do moleque.)

O MOLEQUE apparecerá indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Teixeira e C.,
rua dos Ourives n. 21, onde se publica; e na Praça da Constituição n. 51. Preço 40 rs.

O MOLEQUE.

Eá vou eu tambem, rapaziada!

Tudo hoje está politico, até um Pato Macho! ora, ora ja virão?.. o Pato lá por ser macho não é melhor do que eu; por que tambem sou macho, e apesar de ser moleque sou sempre melhor que um Pato, por que o tal bicho não sabe se não dizer quã, quã, e eu ca sou moleque crioulo e sei fallar. porque não sou mudo. O Pato dá bicadas com quanto as vezes sejão de arrancar pelle e cabello, mas eu faço meo inimigo não ver boia, espicho-o no meio da rua, sem elle saber como cahio.

E depois é preciso fazer companhia ao Sr. Caboclo, e o patricio é hom como oiro, é um matuto dos diabos, arruma cada bodocada que faz o sugueitinho andar como barata tonta!... E eu gosto do ladrão!

Ah! só caboclo, Vosminecé dá licença que eu ande com o Senhor, olhe não teaha vergonha, não senhor, hei de lhe servir de muito ahi pelo largo do Paço, Campo de Sanct'Anna, quando o senhor andar atraz dos sugueitinhos de arco e bodoque, porque dou uma rasteira em quanto o diabo coça um olho. dou uma testa como ninguem e não deixo ficar mal o meu amigo, e se lhe fallarem

As bodocadas
Darei rasteiras
E cabeçadas.



48115

N.º Ident.

33

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal **O Moleque. (1849)**

Dia

20

Mês

Março

Ano

1849

Páginas

4 pgs.

Microfilme feito em:

30-7-948

N.º C.

34

N.º M.

104

Mais que a flor
Cheia de amor,
Tu vais os peitos
Avassallando !

Si tem poesia
Ao nascer do dia,
O lindo arroyo
Triste gemendo,
Mais poesia
Ao nascer do dia
Vejo em teus olhos
Resplandecendo !

Si é doce ver
Ao alvorecer,
A rosa abrindo
O seu botão ;
Mais doce é ver
Em chamma arder,
De puro amor
Teu coração !..

S. Paulo. — 1859.

ANTONIO MANOEL DOS REIS.

Variedade.

O homem frugal.

A semana passada, um presidente da policia correccional, perguntava, conforme o estylo, a um réo, qual era o seu estado.

— Não o tenho, respondem este.

— Mas então de que viveis ?

— Ah ! senhor presidente, replicou elle, vivo de privações.

Millionario.

— Ah ! bons dias, meu caro millionario. Dais licença que vos aperte a mão.

— Pois não ! as duas, se o quizerdes ; ellas estão vazias.

Vista penetrante e ouvido fino.

Um Gascão que se gabava de ter a vista extraordinariamente fina, cami-

nhava em Paris pela rua Notre-Dame ao lado de um excellente burguez.

— Bravo ! disse o Gascão, admirai a finura da minha vista : vejo uma mosca andar no alto da torre da igreja Notre-Dame.

— Eu não tenho, respondeu o burguez, a vista tão fina como vós ; mas em compensação, possuo um ouvido muito mais subtil, é o que vos asseguro : pois, se não distinguo a mosca de que fallais, ouço-a caminhar.

Reflexão profunda.

Lê-se n'um jornal :

« Foi encontrado no rio o corpo de um soldado cortado em pedaços e cozido dentro de um sacco... o que exclue toda a ideia de suicidio. »

Sol muito madrugador.

— Como ! preguiçoso, dizia um pai a um de seus filhos, tu ainda dormes, e o sol levantou-se ha duas horas.

— Eh ! tenho eu culpa, respondeu o rapaz esfregando os olhos, que o sol se levante antes do romper do dia.

Estoicismo inglez.

Um accidente acabava de ter lugar n'um caminho de ferro e algumas pessoas havião succumbido. Um Inglez que a sorte poupára procurava pelo seu criado e receiava que elle se achasse no numero das victimas ; com effeito vierão-lhe logo dizer :

— Milord, encontrou-se o vosso criado, porém cortado em duas metades.

— Ah ! procurai-me em qual d'ellas está a chave do meu sacco de viagem.

A decifração das charadas logogrifadas publicadas no n. 7 é : a da 1.^a *pacato*, a da 2.^a *abraço*, a da 3.^a *galhofa*.

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

POESIAS.

Perdida!

Un amour purement physique
est indigne de l'homme, donc
d'intelligence, capable de sen-
timents plus elevés.

(AMARIS.)

Eras flor perfumosa abrindo as pétalas
Adornada com as per'las lí dos céos.
A vida te corria na puresa
Dos sonhos tão fagueiros — como os teus! —

Linda eras criança, o sol da vida
Em tu'alma d'innocencia despoutando,
Em nuvens multi-côr de céos azues
Tuã fronte de Arcanjo illuminando.

Eu vi-te muitas vezes nos folguedos,
Da vida de criança descuidosa
P'los campos a correr, soltos aos ventos
Teus cabellos pela fronte côr-de-rosa.

Oh! eras criança... Teus sonhos,
Neste mundo de miserias não cabião;
Erão brisas folgando entre os rosaes,
De perfumes de amor se embevecião.

Amei-te, anjo do céo, mas tuas faces,
Da innocencia vi luzir a pura luz:
De teus labios cahindo — flor mimosa
Brandas musicas a flux.

Amei com tanto amor, com tantos sonhos
Como se ama na nossa mocidade.
Perlustrei o futuro, eu vi-lhe as côres:
Para mim tudo foi realidade.

No peito o coração bateo-me forte
Uma crença, uma fé só tive — Dees —
As flores, que plantei dentro em minh'alma,
Co'as lagrimas reguei dos olhos meus.

.....

Vi-a um dia pensativa e triste,
A fronte reclinando sobre a mão;
Vi-a chorosa lamentando a sorte,
De lucto se cobrio meu coração.
Senti que n'um olhar tão puro e bello
Os traços se pintassem d'uma dôr;
Eu vi puras as lagrimas correrem
Nas faces d'ella: — emmurchecida flor!

O que sentes, donzella, porque assim,
P'las faces te corre acerbo pranto?
Fulgida estrella que nos céos brilhou,
Acaso se cobrio de negro manto?

Flores, que tua vida perfumáram
Murcháram-se, cahirão definhadas?
Ou sentiste o piar d'ave tristonha
Nas tuas alvoretas?!

Oh sentes no peito a dor convulsa
De amores mentirosas. — illusões? —
Que em horas do sonhar corrêram puras
E que a sorte mudou em vis baldões?!

Não me respondem. Calou chorando
As magoas que sentia no seu peito;
Depois fallou entre soluços,
Com os olhos, em pranto inda desfeito:

A! pequei, pequei; que a vida insana,
Só levo de tristeza, e de amargura!
Aqui dentro em meu peito já não móra;
Um amor, uma dor que seja pura!.

Diz-me, mulher, qual foi a mão tyranua
Que as rosas te esfolhou da mocidade;
E no lodo te atirou manchando as vestes
Da tua virgindade?!

Eu vi-te muitas vezes nos folguedos,
Da vida de criança descuidosa,
P'los campos a correr, soltos aos ventos
Teus cabellos, pela fronte cor-de-rosa!

S. Paulo 29 de Agosto de 1859.

Juvenal de Mello Carramanhos.

Elle!...

Elle! elle que je sens, je vois, j'entends!

(LAMARTINE.)

Si é doce ver
Ao alvorecer,
A rosa abrindo
O seu botão.
Mais doce é ver
Em chamma arder,
De puro amor
Teu coração!

Si é terno ouvir
A ave carpir,
Sua desdita
Com ais sentidos,
Mas terno é ouvir
De ti partir,
Do imo peito
Ternos gemidos!

Si a bella flor
Respira amor,
Quando a aurora
Vem rajando,

Depois de ouvir uma voz doce de mulher que vos pede noticias da patria ausente e vos manda ir por vos entretendes a brincar com duas encantadas criancinhas que papagueiam em torno de vós... Então, deveis a outros urso que não este tao boa fortuna?

Quantos! e com abrangeo tanto os ingratos que me apresso em vos dizer o nome do Urso do estabelecimento — Duvert, Lauzanne e Arnal o burilárão nos *Gabinets particuliers*, de desopilante memoria. Esse nome é Cassemajou, e desato vos agora de passardes por diante do *Ursu* da rua do Ouvidor sem fazer de contas e sem dardes um bom dia amigavel a M. Cassemajou.

A aristocracia do bom tom vale mais do que a aristocracia do pergaminho.

As grandes telas vivem tambem de detalhes, façamos como os mestres e pilhenos aqui e alli, já que o acaso, desde o primeiro encontro, nos foi propicio. Eu guio e interrogo a um tempo o meu cicerone; conto-lhe o passado, elle me diz o presente e não tropeçamos no caminho.

— Senhor, eis aqui modas francezas.

— Passemos adiante.

— Aqui está um sapateiro francez.

— Adiante.

— Um alfaiate francez, um chapeleiro francez...

— Adiante, adiante: não é para estudar a França que eu sulco os mares: não é para passear na rua Vivienne que atravesso a rua do Ouvidor no Brasil.

Eis aqui uma taboleta perfeitamente intelligivel: *Desmarais, parfumeur, coiffeur de l'Empereur...* Suaves emanações annunciar-vos-hão esse estabelecimento, se vossos olhos não vo-lo indicarem.

Silvain Jugand remora quasi ao lado de Desmarais .. Porque duas casas boas não hão de viver em perfeita intelligencia?

Ainda uma terceira! ainda uma quarta! Dar-se-ha caso que a rua do Ouvidor tenha a pretensão de rivalisar com os jardins os mais floridos de todas as capitães do mundo? Ella, a vaidosa, é bem capaz d'isso.

Ah! aqui estão duas palavras portuguezas: *Jornal do Commercio*. Bravo! um escriptorio de jornal ou le fallar-me-hão portuguez, onde obterei noticias frescas de meu paiz. Dubreuil, subamos.

Leve o diabo os atravessadores, os invasores, os usurpadores! A minha physionomia não é entretanto parisiense, o meu olhar não annuncia a minha patria... Galgo um primeiro andar, abrem-me a porta de um gabinete de redacção e de novo encontro tudo de que acabo de fugir na rua — nomes francezes, maneiras francezas, accento, linguagem e sentimentos francezes.

Pois bem! sujeitemo-nos ás circumstancias. Mas eis que me deleito na decepção, eis que o coração já toma parte n'uma conversação quasi fraternal em que se debatem graves questões politicas e sociaes sem azedume, sem paixão, sem mesmo esperança de convencer.

Os Srs. Manoel Moreira de Castro, Picot e algumas outras pennas independentes assentão o seu throno n'essa casa e diffundem nos dous mundos os raios de suas intelligencias... Deos os guarde. Deixamo-nos firmes no proposito de nos tornarmos a ver.

O *Correio Mercantil*, sabiamente redigido pelo Sr. Joaquim Francisco Alves Branco Viana Barreto, é tambem representante de uma opinião: consciencia e rectidão são dous auxiliares poderosos, que proporeionão numerosos leitores ao publico. (1853) o recente data do Supremo Tribunal de Justiça.

(Continua)

So nos restao as saudade, a lembrança e a oração. — M. de Saint-Georges é o encarregado de negócios da França no Brasil. Habiil diplomata, administrador integro, conciliador de todos os interesses, M. de Saint-Georges pode ser encarregado das mais altas missões; elle deposita fé em si, porque acredita na rectidão; presta-se aos outros, porque pregar pelo exemplo é de todas as religiões a mais santa. — A estima e o respeito se impõem.

O escaler avança sempre; pergunto se o desembarcadouro é facil, respondem-me que não ha desembarcadouro.

Minha frente está despegada, houve tempo, parece-me, de se pensar na segurança dos viajantes que nunca visitárão uma escola de natação.

Egoista! de que te queixas? Valentes marujos te carregão sobre os hombros, e eis-te pela mão do teu joven guia, tão commovido como tu, pisando o solo escabroso do Largo do Paço.

— Este edificio que aqui está, Dubreuil, é o palacio do Imperador?

— Perdão, senhor Arago, eu não vejo edificio em parte alguma.

— Dubreuil, nada de epigramma; não ha alli, fronteira a essa fonte que ouço, uma grande casa?

— Sim, senhor, com uma pequena sacada na frente.

— Pois bem! é isso: nada mudaráo n'ella: respeito ás ruinas que recordão bellas lembranças historicas!

O largo é transposto.

— Faze alto aqui, Dubreuil, e visita esta capellinha, onde o ouro scintilla de to los os lados.

— Estão-n'a caíando, senhor, e o golpe de vista se acha prejudicado.

— Continuemos pois o nosso caminhar por esta rua chama-la Direita, torta como é, e voltando á esquerda, penetremos na rua do Ouvidor, que, asseguraão, se tornou inteiramente europea.

— Com effeito, senhor, eis aqui passeios, trens e lojas resplandescentes...

— Então, Dubreuil, que quer dizer este salto para trás, foi terror?

— E' que julguei-me por um instante n'um pateo de bichos, em frente de um urso escuro da mais bella especie.

— O que faz ahí esse urso?

— Está immovel, senhor, e parece convida-vos a descaçarades em sua casa.

— Correspondamos á sua polidez, attentões de urso não são communs. Está á porta de um *restaurant*, de um café?

— Não, senhor, está á porta de um cabelleireiro.

— Ao urso do cabelleireiro a quem o dono da casa devia fazer a barba; não quero parecer muito velho e alquebrado aos olhos curiosos das Brasileiras. Entremos.

— Eis-nos, senhor.

— Senhor, digo em não portuguez, quereis ter a bondade de me fazer a barba?

— Fallai-me em francez, me respondeu graciosamente o dono da casa, somos compatriotas; eu já não faço a barba, sou cabelleireiro; mas, se quizerdes, volto ao meu primeiro officio.

— Desejo-o muito, dai-me uma cadeira.

— Aqui tendes uma poltrona, senhor.

Torno a encontrar Paris e o Rio de Janeiro. Moveis de uma elegancia notavel; maneiras politas e respeitadas; um vasto salão; canapés magnos e todo o confortavel da primeira classe.

não-m'ó dito, mas ella recebeu uma carta d'ella antes de hontem e hontem vi-a. Era com effeito ella, era a mesma, humilhada, abatida, e desejosa de conservar-se descoberta. Oh! mas de que nos importa isto neste momento? Não sentes, não sentes a casa tremer? não ouvés as paredes que se fendem? ó meu Deus, meu Deus, soccorrei-nos!

—Oh! perdo-me, perdo-me! exclamou Lia cahiudo de joelhos. Oh! perdo-me antes que eu morra!

—E o que queres ta que eu te perdoe? o que tenho a perdoar-te?

—Odoardo! Odoardo! sou eu quem te mata! Vi tudo; tomei essa mulher por uma rival, e não podendo mais viver contigo, quiz ao menos que morressemos juntos. Meu Deus! meu Deus! não haverá meio de fugirmos? Vem, Odoardo! vem! sou forte; não tenho medo. Corramos!

E ella tomou seu marido pela mão, e ambos puzerão-se a correr como insensatos pelos aposentos da villa vacillante, arremessando-se a todas as portas, tentando todas as saídas, e encontrando por toda a parte a inexoravel lava que subia sem cessar, impassivel, voraz, e attingiudo já as hases das paredes que ella agitava com os seus mortaes abraços.

Lia cahira de joelhos não podendo mais caminhar. Odoardo tomara-a em seus braços e a levava de janella em janella gritando, pedindo soccorro. Todo o soccorro porém era impossivel e a lava continuava a subir. Odoardo por um movimento instinctivo foi buscar um refugio sobre o terraço que punha remate á casa: ali porém, conheceu que realmente tudo estava terminado, e cahiudo de joelhos levantou Lia acima de sua cabeça como se esperasse que um anjo a viesse salvar, e exclamou:

—Oh! meu Deus! tende piedade de nós!

Apenas Odoardo pronunciara estas ultimas palavras, ouviu os tectos abysmarem-se successivamente e cahirem na lava. Logo depois o terraço vacillou e precipitou-se por seu turno, arrastando-os ambos em sua queda. Finalmente as quatro muralhas inclinárao-se como a lapida de um tumulo. A lava continuou a subir, passou sobre as ruinas, e tudo se acabou.

F I M .

O BRASIL.

(Continuação.)

No escaler que me conduz á terra, tenho o prazer de apertar uma mão fraternal, a do nosso consul, Mr. Taunay, de quem ja tive occasião de fallar nas *Recordações de um cego*, e a quem torno a encontrar ainda mais querido e abençoado do que no passado.

Taunay, cujo coração conserva-se estreme de corrupção e deslealdade, Taunay, a quem se deseja, no momento da partida, não ter conhecido, pois é uma dôr o deixal-o. Tres Taunay ainda vivem d'esta brilhante familia de litteratos e artistas, cuja lembrança será sempre preciosa á França: o estatuário e o pintor di serao aleos ao meu lo, e com elles o mais moço da familia que nos prometta um Flaxmann, e quiçá mesmo um Ticiano.

Pobre Adriano! perlustraste os mares a meu lado, arrostaste bastantes tempestades, e Deus te disse: *Pára!* nos primeiros passos de tua carreira...

te, assustada com a expressão de horror que lhe semelhante. Neste momento, porém, quebraram-se os laços que prendia a lava. Odoardo pronunciára o nome de Thereza. Era pois Thereza quem elle via em torbo? Era pois por Thereza que elle estremeceia! Lia sorriu-se de um modo terrivel e voltou a postar-se na janella.

Entretanto a lava não havia cessado de caminhar e ganhava terreno; já havia estendido seus dous braços chammas-pedes em redor da collina sobre a qual estava situada a villa. Se n'esse instante lactivesse despetado Odoardo, ainda era tempo de fugir, porque a lava, batendo de encontro ao monticulo e bullicando-se, não o havia ainda circulado completamente.

Lia porém, guardou silencio, tendo ao contrario o recio de que o grito supremo de toda a natureza em agonia chegasse aos ouvidos do conde e o arrancasse de seu sonho.

Não aconteceu assim. Lia viu a lava estender-se, semelhante a uma immensa meia-lua e reunir-se por detraz da collina.

Ella deu então um grito de azeria, pois que agora era impossivel fugir. A villa e os seus jardins não erão mais do que uma ilha agitada por todos os lados por um mar de chammas.

Desde então este mar terrivel começou a crescer sobre os lados da collina com immenso e progressivo fluxo. A cada ressaca, viao-se as vagas inflammadas ganharem terreno e devorarem a ilha, cuja circumferencia ia-se restringindo. Bem depressa a lava, tendo chegado aos muros do quique, foi-os cobrir sobre suas ondas, cortados pela base. Ao approximar-se a terra, as arvores seccavão, e a chamma elevando-se das raizes subia até os cumes. Cada arvoredo, incendiando-se, conservava suas formas até o momento em que se abismava em cinzas na inundação ardente que caminhava sem cessar. As pimentas e outras de lava começaram emfim a apparecer nas aleas do jardim; vendo-o, Lia comprehendeu que apenas lhe restava o tempo necessario de acordar Odoardo, de expor-lhe seu crime e de fazer-lhe sentir que ambos não morrer um pelo outro. Deixou, pois, o terraço e approximando-se da cama: —Odoardo! Odoardo! exclamou, sacudindo-o pelo braço; Odoardo! levanta-te para morrer!

Estas terriveis palavras, ditas com o accentto supremo da vingança, forão buscar o espirito do conde nas profundezas de seu somno. Elle se ergueo sobre a cama, abriu os olhos espantados; depois, pelo reflexo das chammas, pelo estridor das vidracas que se quebravão, pelo tremor da casa, que as vagas de lava começavão a alcançar e sacudir, elle comprehendeu tudo, e arremessando-se para fóra do leito:

—O volcão! o volcão! exclamou. Ah! Lia, eu bem t'o havia dito!

E precipitando-se para a janella, Odoardo abraçou com um unico olhar todo esse horizonte incendiado, deu um grito de terror, correo á extremidade opposta do quarto, abriu uma janella que dava sobre Napoles e vendo toda a retirada cortada, voltou para o lado da condessa, exclamando em desespero:

—Oh! Lia, Lia, meu amor, minha alma, minha vida, estamos perdidos!

—Eu o sei, respondeu Lia.

—Como, tu o sabes?

—Ha uma hora que olho para o volcão! ainda não dormi!

—Mas se não dormias, porque não deixaste fazer?

—Sonhavas com Thereza, e eu não quiz acordar-te.

—Sim, sonhava que querião roubar-me minha irmã ainda uma vez. Sonhava que eu havia sido enganado, que ella estava realmente morta, que eu a via estendida sobre um leito no pequeno aposento da rua San-Giacomo, que trazião um ataúde e que querião-n'a encerrar dentro. Era um sonho terrivel, mas menos terrivel ainda do que a realidade.

—Que dizes? que dizes? exclamou a condessa tomando as mãos de Odoardo e olhando-o em face. Essa Thereza é tua irmã?

—Sim.

—Essa mulher que morre na rua San-Giacomo, no terceiro andar n. 11, é tua irmã?

—Sim.

—Mas tua irmã morreu! Tu mentas!

—Minha irmã vive; minha irmã vive e somos nós que imos morrer. Minha irmã seguiu um coronel francez que foi morto. Eu tambem julguei-a morta, ti-

rados, os olhos fixos e a fronte enrugada, encaminhou-se para o quarto de Odoardo, semelhante á Galmata durante o seio do aposento de Seide.

A porta de communicação estava aberta, e a luz deixada por Lia no seu quarto projectava seus raios no do conde. Guiada por esta luz, ella se encaminhou para a cama. Odoardo permanencia deitado na mesma posição e immobillidade.

Chegando á cabeceira, ella estendeu a mão para procurar o lugar onde devia ferir. O conde, oppressa pelo calor, tinha, antes de se deitar, tirado a gravata e entre-aberto o colete e a camiza.

A mão de Lia encontrou sobre o seu peito nú, mesmo sobre o coração, um pequeno medalhão contendo um retrato e cabellos que ella lhe havia dado na occasião em que elle partira para a Sicilia, e que elle jamais deixára desde então.

A suprema exaltação chega a tocar á suprema fraqueza. Apenas Lia sentiu e reconheceu esse medalhão, parecen-lhe que um véo se levantava e que ella via perpassarem uma por uma, como aprazíveis e graciosas sembras, as primeiras horas de seu amor.

Recordou-se então, com essa rapidez maravilhosa do pensamento que abrange annos no espaço de um segundo, do dia em que ella vira Odoardo pela primeira vez, em que confessára-lhe que o amava, do dia em que elle partira para a Sicilia, do dia, enfim, em que elle regressára para esposar-a; toda essa felicidade que ella gozara sem fadiga, disseminada como fôra por toda a sua vida, quebrou-lhe as forças, condensando-se, por assim dizer, em seu pensamento. Lia curvou-se sob o peso dos dias felizes, e deixando escapar-se-lhe o cangar d'entre suas mãos tremulas, cahio de joelhos junto da cama, mordendo a roupa para suffocar os gritos que querião sahir-lhe do peito, e pedindo a Deus que lhes mandasse a ambos essa morte que ella receiava não ter mais forças para dar nem para receber.

No momento em que acabava esta supplica um ruido surdo e prolongado fez-se ouvir, um abalo violento agitou o solo e um clarão sanguineo illuminou o aposento. Lia levantou a cabeça: todos os objectos que a cercavão havião tomado uma côr phantastica. Correo á janella, julgando-se dominada por uma allucinação; mas ali tudo lhe foi explicado.

A montanha acabava de abrir-se na extensão de um quarto de legua. Uma chamma ardente surgia d'essa fenda infernal, e junto a essa chamma, fervia em direcção da villa, um rio de lava que ameaçava, antes de um quarto de hora, engolir-a e devoral-a.

Lia, em lugar de aproveitar o tempo que lhe restava para salvar Odoardo e salvar-se com elle, acreditou que Deus tinha ouvido e attendido á sua supplica, e os seus labios pallidos murmurarão estas palavras impias: «Senhor, senhor, tu és grande, tu és misericordioso, eu te agradeço!...»

E com os braços cruzados, o sorriso nos labios, os olhos scintillantes de uma voluptuosidade mortal, illuminada pelo reflexo sanguineo, silenciosa e immovel, ella seguia com os olhos os progressos devoradores da lava.

A torrente, como o dissemos, tomava a direcção da villa Giordani, que, como se fôra uma das cidades malditas, parecia condemnada pela colera de Deus, e destinada a ser engolida e devorada por este fogo da terra, rival do fogo do céu. Entretanto a corrente ignea caminhava assaz lentamente para que os homens e os animaes podessem fugir diante d'ella ou desviar-se de sua passagem. Á medida que avançava, o ar, de pesado e humido que era, tornava-se secco e ardente. Em presença da lava, os objectos presos á terra e aparentemente insensíveis, parecião, á approximação do perigo, receber a vida para morrer. As nascentes se exaurião sibilando, as hervas seccavão agitando seus ramos amarellados, as arveres estorcião-se curvando-se como para fugirem do lado opposto áquelle d'onde vinha a chamma. Os cães de vigia que á noite erão soltos no parque tinhão vindo procurar um refugio sobre a escadaria exterior e conchegando-se á parede uivavão lamentosamente. Cada objecto creado, movido pelo instincto da conservação, reagia contra o medonho flagello. Lia unicamente parecia apressar sua carreira, e murmurava em voz baixa: Vem! vem! vem!

N'esse momento, julgando que Odoardo se acordava, Lia se encaminhou para a cama. Enganou-se; Odoardo, sobre quem pesava, em quanto dormia, esse ar suffocante debatia-se em luta com algum sonho terrivel. Dir-se-hia que elle queria arremessar para longe um objecto que o ameaçava. Lia encarou-o por um instan-

trada de seu tempo, foi condemnado ao tom mais trágico, mesmo ao ultimo degrão do cadafalso pelos seus peridos da musca de Rizzio!

Factos desses estão tão presentes a todos, que os commentarios seriam ociosos. A nós porém toca deplorar o fim sinistro de tanta gloria, de tanta magia: como, contudo, e perante a breve rehabilitação da Lyra de David, deixamos estas tristes palavras aqui impressas, não como uma censura á arte de Orpheo e de Apollo, mas sim como um lamento pelo desmando dos homens, que fizeram de uma arte divina um instrumento de sangue e de morte, quando so deveria ser empregada na adoração do nome do Alpha, ou na consolação e refrigerio do triste abandonado, que caminha pelas syrtis da vida sem uma só mão amiga, que sustenha seus passos vacillantes nas orlas do precipicio.

(Continua.)

A VILLA S. OROBANDO

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação.)

O céu, em vez de recamar-se de estrellas como ordinariamente, parecia um zimbório de estanho avermelhado opprimindo o mundo com todo o seu peso. Um calor insupportavel perpassava por horas vindas da montanha e descendo sobre a «villa»: e este calor enervante, sempre que se fazia sentir, levava consigo uma porção das forças humanas.

Odoardo queria velar. Estes symptomas bem conhecidos inquietavão-o por amor de Lia, mas Lia tranquillisava-o rindo-se de seus receios. Ella parecia insensivel a todos estes phenomenos. Quando o conde se deitava sem forças sobre uma poltrona, com os olhos meio-cerrados, Lia conservava-se em pé, firme, direita e immovel, sustida pela dôr que velava no fundo de sua alma. O conde acabou por acreditar que a fraqueza que experiançava provinha de alguma indisposição de sua parte. Pedio sorrindo-se o braço de Lia, apoiou-se nelle para alcançar a cama, deitou-se mesmo vestido, litou ainda alguns instantes contra o somno, e cahindo finalmente em uma especie de torpor lethargico, adormeceu com as mãos de Lia entre as suas.

Lia ficou de pé, perto da cama, silenciosa e sem fazer um movimento sequer, enquanto julgou que o somno não o deminava de todo. Depois, assim que se convenceu que o conde se tornava tão insensivel ao ruido como ao tacto, retirou mansamente a mão, adiantou-se para a antecâmara, ordenou aos criados que partissem immediatamente para Napoles, e hum dia depois o palacio para recebê-los no dia seguinte de manhã, e tornou a entrar em seu quarto.

Os criados, satisfeitos por poderem ir-se a salvo cumprindo seu dever, partirão sem demora. A condessa, apodada de Sanelia, ouviu-os sair, fechou a porta da «villa», e depois a grade do jardim. De manhã, visitou as antecâmaras, os corredores, todos os aposentos. O conde não a deserta: como o desejava, a condessa tinha ficado só com Odoardo.

Ella voltou para o seu quarto, agitou mou-se da cama com passo firme, meteu a mão debaixo do travesseiro, tirou o cangiar, desembainhou-o, examinou-lhe de novo a lamina curva e matizada de verde e de dourados: e depois com os labios cer-

O. Realmente, até ao século a occupar da composição musical no tempo de Augusto, e até ao tempo, elles não tinham combinado senão da trompa—*tuba*—, da trombeta—*buccina*—cornu—*tuba*—*cornu*; e de percussão—*tympanium*—*cymbalum*—*triduum*—*bulum*—etc. O Helio, ao contrario, cultivário muito cedo a musica em canto: os cantos de Moysés, as trombetas de Jerichó, a harpa de David, tudo demonstra. A musica está intimamente ligada á suas ceremonias religiosas. Os primeiros christãos imitaram n'essa parte os judeus; dahi a origem do cantochão, especie de continuação da musica dos antigos, creado no século decimo sexto por Santo Martinho. Até o século undecimo não existia outra qualidade de musica senão a dos canticos da Igreja, mas nessa época a invenção da *gamma*—e da *clava*—devida ao beneditino Gui d'Arezzo, e a do contraponto, derão nascimento á musica moderna.

A França e a Belgica forão as que se tornárão logo notaveis na regeneração da sciencia musical pelos trabalhos de G. Dufay em 1432, J. Okenheim, 1460; Josquin Dupre, 1500; Costanzo Festa, 1530 etc. A Italia não tardou á excellir neste genero á todas as outras nações: ella produziu entre outros grandes compositores, J. Zarlino, Tartini, Durante, A. Scarlatti: em 1590, Claude de Monteverde descobrio a dissonancia, e fixou de modo immutavel a tonalidade.

O século decimo septimo augmentou grandemente o numero dos musicos celebres. Os grandes em França, Lulli, Rameau, Gluck, Piccini, com os quaes começa a arte da musica franceza e italiana: na Italia, Porpora, Pergolèse. Em toda a Alemanha, Reynhard, Keiser, Hayden, Mozart, na Inglaterra, Handel.

O decimo octavo século não tem sido menos fecundo em grandes mestres: e Italia produziu Corelli, Spontini, Bellini, Mercadante, Rossini, Donizetti, Verdi; a Alemanha, Bachoven, Weber, Meyerbeer; a França, Lesueur, Mékul, Boissier, Halévy, Adam, Halévy, etc. Nossa época se distingue principalmente pelo progresso do acompanhamento e do instrumentalismo.

Tendo acompanhado as diversas idades da musica, desde a sua infancia até ao século que vivemos, tendo recordado os nomes venerandos de seus principaes e mais famosos cultivadores: nós, prestando culto decidido ao poder meigo, mas ás vezes de sua melodia, confessando, mesmo, que quem não ama a musica não póde venerar a Deus, diremos todavia, bem á nosso pesar, ter-se elle perdido da virgela de doçura e de amor, que lhe fôra por Deus indicada. Deu a musica a sede nos templos ao Poder Incommensuravel, e a substituiu á sua séde as preces e as ovações dos filhos da terra, assim, também ella assiste e impera nas orgias do deboche, da ruina, e da depravação, da dignidade magestatica do homem: assim também ella com seus cantos de guerra excita á carnagem e ao combate fraticida os infelizes descendentes do primeiro desobedeceu á lei de seu Creator.

A musica allegre contrasta sua doce voz com a do canhão homicida: elle dá a ordem da batalha, e a ordena o choque terrifico dos exercitos: e o retin-tim das armas dá alegremente á seus ouvidos.

Se a harpa de David abrandou a colera de Saul, a de Timotheo provocou o furor de Alexandre, e por meio de seus enlevos o rei Eric de Dinamarca assassinou o seu irmão Frederico. A rainha mais bella, mais amavel, mais ille-

nossa era ainda o adoptou apenas com a mudança de collocação nas orbitas de Mercúrio e Venus.

Agora descreveremos os tres systemas uns a par dos outros, tornando assim comprehensivas ao primeiro golpe de vista as modificações respectivas : devendo esclarecer, que como o Egypcio, primeiro dos 3, veio a ser restaurado no 3.º seculo da era vulgar por Marciano Capella, collocar-o-hemos em 3.º lugar.

(Continua.)

A MUSICA.

(Continuação do artigo intitulado — O HOMEM.)

I ever held this sentence of the poet as
a canon of my creed: that whom God loveth
not, they love not musick.

T. MORLEY, 1589.

Esta sublime arte de Euterpe e o abrigo do mundo no furacão da desdita.

Da palavra latina — *musica* — arte de combinar os sons de uma maneira agradável, seu fim é commover pelo concurso da melodia, da harmonia e do rhythm.

Da doçura e da força dos sons habilmente combinados resulta a expressão da musica. A musica, seja vocal, seja instrumental, se divide, segundo suas applicações diversas, em tres grandes generos : 1.º a sagrada, ou a que se celebra nos templos : 2.º a dramatica, que admitte todos os tons : 3.º a de concerto, á qual pertencem as symphonias, as arias variadas, fantasias, etc. A militar cinge-se ás composições das precedentes, e as adapta á seu uso.

A invenção da musica tem sido attribuida na antiguidade á uma multidão de individuos : entre os Egypcios á Hermes ou á Osiris ; na India á Brahma, na China á Fo-hi ; entre os Hebreus á Jubal ; entre os Gregos á Apollo, á Cadmo, á Amphion ; conta-se além disso, as fabulas mais maravilhosas dos musicos antigos, de Orpheo, de Linus, de Amphion, etc.

A musica vocal precedeu, sem duvida, á instrumental : dos instrumentos, os primeiros conhecidos foram os de sopro, como a frauta de Pan. Thales e Tamyris passaram entre os Gregos por terem sido os inventores da musica instrumental ; Phemires inventou os tons ; Terpandre, contemporaneo de Lycurgo, deu as primeiras regras á musica ; enfim Lasus, que vivia no templo de Dario o Meda, foi o primeiro que escreveu sobre esta arte.

Os Gregos, Pythagoras, Platão, etc., davão á palavra musica uma accepção mais ampla do que a que lhe concedemos em nossos dias. Elles distinguão a musica theorica ou contemplativa, e a activa ou pratica : á primeira attribuião a astronomia ou harmonia do mundo, a arithmetica ou harmonia dos numeros ; a harmonica que tratava dos sons, dos intervallos, dos systemas, etc., a rhythmica que tratava dos movimentos, e a metrica. A segunda comprehendia a melopœa, arte de crear as melodias ; a rhythmopœa, arte da medida e da poesia.

Archeuete no primeiro anno 212 da mesma antiga era, geometra como Euclides, seguiu os passos d'este, fazendo seus calculos esphericos sempre n'aquelles dados, sem com tudo poder achar-se uma razão convincente physica das anomalias, que se succedião nos movimentos, deslocando-se os circulos, produzindo as estações na terra.

Chegando o seculo immediato, isto é o anno 200 antes da era vulgar, estabeleceu Appolonio (de Pergo) uma metho lo por meio de epicyclos, (cujo desenvolvimento por enfalinho omittimos d'industria n'este lugar), com o qual procurava resolver as difficuldades suscitadas.

Assim continuou: e posto que fossem apparecendo opiniões diversas, subsistia ainda do mesmo modo nas epochas de Cicero, Geminio e Vitruvio, no seculo que precedeu ao nascimento de Christo, e mesmo depois até o 2.º de nossa era.

Cicero declarou-se sectario da solidez dos céos. Em sua opinião o ether não tinha sufficiente densidade para poder imprimir o movimento ás estrellas: sendo por isso necessario que tivessem sido collocadas em esphera competente sem dependencia do mesmo ether.

Geminio seguia as mesmas idéas, mas, duvidoso se os orbes decorridos pelos Astros érao ou não circulares, desejava s'empregasse uma especie de dioptra (o que hoje melhor se comprehende pela denominação de machina paralactica, se bem que as modernas tenham outra amplificação) a qual, sendo movel em volta de uma linha parallela ao eixo do mundo, por ella se verificasse si com effeito as estrellas descrevião circulos em virtude do movimento diurno.

Vitruvio não só adoptava a existencia de eixos solidos desde a terra até os céos, como descrevia-os mais minuciosamente; e pelo que respeita ás irregularidades nas retrogradações e apparencias estacionarias dos planetas, emittia a opinião mais singular de que ha noticia. Eis aqui suas proprias phrases:—

« E' o céu que se volve incessantemente em roda da terra e do mar sobre » um eixo, cujas extremidades são como dous munhões ou quicios que o » sustém, por quanto nestes dous pontos a Potencia que governa a Natureza construiu estes dous quicios collocando-os como dous centros, » um dos quaes dirige-se desde a terra e mar até o alto do Universo no » ponto proximo ás estrellas do septentrião; e o outro persiste na parte opposta » e inferior da terra, (1), na direcção do meio dia (*sul*); e em volta d'estes munhões collocou o mesmo Poder pequenos cubos, como os das rodas (*dos » coches*) ou dos tornos, sobre os quaes gyra o céu de continuo.»— «Quando » os planetas, (diz em outro lugar), que gyrão mais altos que o sol fazem com » elle os aspectos trinos, (á 120º), parão, e mesmo retrocedem. Ha quem » acredite que assim succede porque, achando-se o sol então mui distante » destes planetas, communicallhes somente mui pouca luz, de que resulta » elles pararem por não ser aquella sufficiente, por assim dizer, para poderem continuar seu caminho, então escuro de mais.» Estes periodos dispensão os nossos commentarios; são uma prova das aberracções a que podem chegar os espiritos, pelos preconceitos recebidos!

Assim o systema estabelecido por Platão, e organizado por Aristoteles, não soffrendo alteração, chegou até Ptolemeu, que no segundo seculo da

(1) Note-se que Vitruvio Polião escrevia em Roma no tempo de Augusto.

O YTORORO.

MODAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS—QUINTA-FEIRA 15 DE DEZEMBRO DE 1859. N. 8.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1.ª SERIE.

ESTRELLAS

III

Fundando Platão o seu systema nas apparencias physicas, d'accordo com as crencas religiosas da epocha, transmittidas com os mythos de seculo em seculo, Aristoteles, seu discipulo, acabou de desenvolvê-lo, e com o seu prestigio o fez consolidar. Simplicio, commentador d'este philosopho, declara que, admitindo elle os céos solidos, adheria ás opiniões que o haviam precedido, por ser repugnante que pudesse um Astro subsistir, sem apoio, suspenso no espaço.

« No interior do mundo, (diz este philosopho), ha um centro permanente »
» immovel, que a sorte der a terra, e no exterior uma superficie, que ter- »
» mina o mesmo mundo por todas as partes, e em todos os sentidos. Cha- »
» ma-se Ceo a região mais elevada do mundo, a qual é cheia de corpos divi- »
» nos, que os homens denominao Astros: e move-se desde a eternidade »
» conduzindo em sua revolução estes corpos immortaes, que todos seguem »
» em cadencia a mesma marcha, sem interrupção e sem fim.»

A esphera celeste ficou por tanto definitivamente composta por Aristoteles de 8 céos solidos, sendo o 8.º o mais elevado — *de movimento uniforme, sem que jamais fosse perturbado por oscillação alguma.* — Os sete restantes erão adaptados, como Platão havia ja disposto para os 5 planetas, e igualmente o sol, e a lua, sendo estas nos ultimos inferiores.

Aristoteles viveu até o anno 322 antes da era christã, e as opiniões que deixava continuárão.

Euclides, sustentando 50 annos depois os mesmos principios, tomava as estrellas como engastes embutidos na esphera solida, tendo no centro o olho do observador, e fazendo sua revolução em uma só peça inteiramente, sem que alterasse em momento algum do dia a forma nem a dimensão das constellações.

Mas não se atreva a machucar
Da lyra meigo canto,
Quando seus cantos são porros,
E Deus os tu inspirar!

E quando o vate a innocencia
Vem seus cantos consagrar,
Esses cantos... sobem, vôão...
Como os perfumes no altar!

O Deus que rege os imperios,
E soube o mundo crear,
Que fez o sol, as estrellas,
A lua, os campos, e o mar,

Que deu vida á natureza,
Que tudo faz remocar,
Que o mundo do cahos tirando,
Ao cahos o pólo tornar,

E esse o Deus, oh! menina,
Que hoje me vem inspirar,
Para na lyra, contente
Teu natalicio louvar!

Menina, crê nesse Deus.
Sabe-o sempre e sempre amar!
Sabe fugir ao peccado,
Sabe a teus pais respeitar.

Não creias nas vis lisonjas,
Nessas mentiras sem par.
Nessas astucias do mundo
Creadas para enganar!

Procura sempre, menina,
Por boa estrada trilhar:
A estrada da sã virtude
Que promove o *bem estar*.

Mais vale ser flôr no prado
Qu'em aureas salas brilhar,
Se mãos lascivas e impuras
Hão de o seu viço murchar.

Como a flôr, es tenca e para,
Deixa-te pois só guiar
Pelos conselhos paternos,
Que te não hão de enganar.

São estes os meus desejos,
Que ha de o céo realizar:
E este — o presente d'alma
Que eu hoje te posso dar.

S. AZEVEDO.

Charadas logographadas.

1.^a

Optima caça, — 1.^a e 2.^a
N'esta escondida; — 3.^a e 2.^a
Aqui a ira
Não tem guarida.

2.^a

Natural remanso
Que os baixéis abriga: — 1.^a e 2.^a
Si é forte, si é rijo
O gladio que o diga. — 2.^a e 3.^a
Até entre os anjos
E' prova de liga.

3.^a

Nasce do tronco; — 1.^a e 2.^a
Molestia horrivel; — 1.^a e 3.^a
Função jocosa,
Dito risivel.

S. G.

A decifração do logographo publicado no n.º 6 é — *azote*.

ERRATA.

No numero 6, pag. 2, l. 15,
em vez de — Anaxageras — lêa-se —
Anaxagoras.

No mesmo numero, mesma pag., l.
23, em vez de — Phitarcho — lêa-se
— Plutarecho.

Idem, pag. 6, l. 29, em vez de —
370 annos da passagem do Regenera-
dor — lêa-se — 370 annos antes da
passagem do Regenerador.

Santos.—Typ. de Marques & Irmão.

lho de Daguerre um ar de delicadeza e de sympathica altivez que attrahiao fortemente a attenção do observador. Qualquer, ainda mesmo sem ser Lavater, nem pertencer ao numero dos mais verçados nos mysterios da sciencia physionomica, advinharia de prompto na decantação arradavel d'esses traços, na firmeza disfarçada das linhas, na expressao geral, em fim, de franqueza e energia, rectidão e generosidade que respiravão taes feições, um caracter superior e raro, nua alma não vulgar e ricamente dotada pela natureza. Sencilhamente vestido, o mancebo que se fizera retratar guardava uma attitude serena, ma elegante. Vestia calça e collete branco; uma estreita e ligeira gravata preta ornava-lhe o pescoço, e nua sobrecasaca, da mesma cor, perfeitamente tallhada, fazia sobresahir as suas formas notaveis pela sua robustez graciosa. Sentado, tinha os braços cruzados sobre o peito, a perna direita cruzada sobre a esquerda, e o olhar fido e calmo. Longe de se lhe notar no todo, na postura adoptada, na expressao da physionomia, a affectação ou apparencia contrafeita, mais de uma vez ridicula, que se observa na maxima parte dos retratos, tudo n'essa estampa era espontaneo, desaffectedado, natural, mas bello, elegante, attractivo.

Restitui a caixinha a pobre mulher. Conhecia o original do retrato como se o tivesse visto e com elle tratado. As primeiras impressões e o exame consciencioso e paciente de um retrato fiel nunca enganão.

—Continue, disse-lhe, voltando ao meu tosco assento. A sua historia cada vez me interessa mais.

A minha hospede fecho a caixinha com cuidado, tornou a envolvê-la no papel, e depositando-a ao seu lado sobre o estrado, proseguio na narração com a sua voz pausada e grave.

(Continua)

POESIAS.

Que te hei de dar?

Ao 7.º anniversario natalicio da joven Rita M. de Souza.

« Dans l'aurore de la vie
« Les jeux font tous nos plaisirs,
« A' cette heureuse folie
« Succèdent d'autres desirs.»

Neste dia de teus annos,
Menina, que te hei de dar,
Que possa atravez dos tempos
Teu natalicio lembrar?

Se não tenho aureos thesouros
Para um presente ofertar,
Se rosas, nem lyrios tenho
Para essa fronte te ornar?

Se nada tenho que possa
Os teus sorrisos brindar,
Neste dia de teus annos
Menina, que te hei de dar?

Que te hei de dar? — já me lembro;
Vou-te em fim galardoar;
Porque tenho com que possa
Meu prazer manifestar!...

Tenho, sim, bella menina,
Eu tenho assás que te dar;
Tenho uma lyra, e o desejo,
Para teus annos cantar.

De que nos servem thesouros
Se os póde o tempo tragar?
De que nos servem as flores
Se podem tambem murchar?

Morava, então, em outro lugar da cidade, e outras e bem diversas eram a nossa situação e a nossa sorte. O senhor sabe onde é a rua da Boa Vista, não? rua que não é, como esta, triste e a vivenda da miséria, mas o bairro onde se asylo e habitação indistincta, com a mediana honesta e a modesta pobreza, onde se não respira, como aqui, o ar insalubre da mendicidade e da prostituição, mas onde a atmosphera se purifica e refresca de continuo pelas frescas brizas da varzea, que se desenrola, com a sua pittoresco e encantador panorama, em face dos fundos e aos pes das casas de amada almas d'essa rua. O senhor sem duvida conhece esse bairro, um dos mais attractivos da cidade pelo feliz predicamento de, demorando quasi no centro da cidade, ser um quarteirão por excellencia quieto e sosegado e como que isolado a um canto. Allí a vida corre placida e tranquillia, como as aguas serenas e transparentes de um lago, e os grandes ruidos e movimentos da Paulicéa, quando os há ou se os ha, chegam allí amortecidos e tarde, quaes echos perdidos e adelgados pela distancia. Não sei se é por isso que os estudantes, essa mocidade artista pela fantasia e pelo coraçao, o preferem a muitos outros, ou se é por causa do Tamanduatehy, que corre em baixo e onde elles costumão banhar-se aos bandos e passeiar, em ligeiras canoas, ou pela proximidade da bella e verde planicie, onde vão espaiar e divagar todas as tardes, tão poeticas e lindas no nosso torrão abençoado e ainda mais lindas e poeticas contempladas e fruidas n'esse sitio.

«N'esse bairro pois, na quadra ou porção de rua comprehendida entre a ladeira do Porto Geral e o largo de S. Bento, morava eu ha dois annos com minha filha n'uma casinha de duas janellas de rotulas e uma porta.

«Ambas cheias de saude e fortes, viviamos ali contentes e felizes, já do fructo do nosso trabalho manual que consistia em engommados para estudantes e costuras finas que nos fornecia a freguezia de algumas alfaiatarias, já dos lucros, que com-nosco repartia o meu filho Antonio, negociante de bestas, resultantes de suas especulações. Sim, senhor, eu tinha n'esse tempo um filho... que nos fazia companhia algumas vezes e sempre nos ajudava... um filho extremoso e irmão amante, trabalhador, activo, intelligente, honrado... como um verdadeiro Paulista que era... um filho... homem de bem na extensão da palavra... que prezava a honra de sua familia mais do que a propria vida.

«Liberal como um principe, genio expansivo e franco, tempera de aço e caracter decidido, o meu Antonio tinha um coração de rei, e não desmentia nas suas cavalheirescas accões a nobreza do sangue que lhe gyrava nas veias e a elevação de sentimentos que distinguira os seus antepassados. Descendentes em linha recta de Amador Bueno da Ribeira, esse Paulista, como o senhor sabe, typo da magnanimidade e firmeza d'alma, os meus avós maternos guardarão sempre de pais a filhos intacto, d'elle zelando com um culto intimo e sacrosanto mais do que da fidalgnia herdada, o legado inestimavel e tradicional de um nome puro e sem mancha, e era divisa da minha familia, divisa gravada no escudo invulneravel do proprio peito de cada um dos seus membros antes do que nos mentirosos brazões da sua nobiliarchia, a seguinte valente phrase — A honra dos Buenos resiste até á morte, mas não se rende.»

—Quer o senhor conhecer meu filho? perguntou-me a narradora interrompendo-se.

Açenei affirmativamente. A minha hospede precipitou-se no corredor e desapareceu durante alguns instantes. Depois, voltou; trazia na mão um objecto envolto n'um pedaço de papel amarellecido pelo tempo. Desdobrou-o, e vi apparecer a meus olhos uma caixinha quadrada fechada em duas ametades.

—Ei-lo, disse-me a pobre mulher, abrindo a caixinha e apresentando-m'a aberta; é o seu retrato, tirado ha tres annos.

Peguei na caixinha que me offerecia a pobre mulher, e, approximando-me da meza onde ardia o fumacento rolo, contemplei o pequeno retrato tirado a dagner-reotypo que ella continha dentro.

Era a imagem a corpo inteiro de um mocetão que parecia roçar pelos seus 25 annos; moreno, cabellos negros e naturalmente amclados, penteados a descuido, olhos tambem negros, vivos e penetrantes, onde se reflectião a intelligencia e a resolução, nariz um tanto grande e levemente aquilino, boca discreta e cheia de delicada expressão, mento saliente e ornado de uma bella barba que enquadrava nobremente um rosto comedido, mas regular nas suas proporções. Lia-se, ao primeiro lance-olhos, n'esse retrato, a seguinte descripção reproduzida pelo precioso appar-

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

IV. — GOMEÇO DE UMA HISTORIA. — UMA FAMILIA HONESTA.

(Continuação).

As mudas observações, que eu acabava de fazer sobre a louca, despertarão no meu espirito uma serie de questões curiosas a que debalde eu mesmo procurava responder.

Quem erão essas duas mulheres, ou antes o que havião ellas sido outr'ora, ellas que parecião deslocadas na miseravel e degradante situação em que se achavão?.. Essa loucura da joven, que mostrava haver sido tão bella, como tinha ella sobrevivido?.. Uma seducção... dissera a pobre mulher. Mas quem fôra o seductor?.. onde estava?.. que fim tivera?.. Uma seducção produzir a loucura... em S. Paulo... a cidade das prostituições?!.. Não era então essa gente... da classe infima do povo?.. Quem era pois?.. o que havia sido?.. o que lhe succedêra no passado?..

Estas e outras perguntas, que eu me dirigia mentalmente e a que me sentia impossibilitado de satisfazer de um modo plausivel no meio de mil conjecturas, aguçavão fortemente a minha curiosidade. Eu ardia de impaciencia por ver a pobre mulher narrar-me a sua historia.

A boa mãe estava ao lado da sua malfadada filha. Esta, que acabava de devorar segundo pão, cahira n'um estado de estúpida apathia. Encollida e acorada sobre si junto à parede, lançára os braços sobre os joelhos, e descansava o queixo sobre um dos antebraços. Seu olhar parado e despido de intelligencia, a immobillidade livida de seu rosto descarnado, a sua attitude extravagante, e o seu profundo silencio, contrastando com os movimentos agitados e a expressão selvatica de ha pouco da sua physionomia, formavão, á luz embaçada e vacillante do rolo, um espectáculo ainda mais assustador e digno de lastima.

—A sua filha socegou, mulher, disse eu á minha hospede, sendo outra vez o primeiro a romper o silencio que me causava calafrios. Pôde agora contar-me como é que chegou a este estado?... o que tornou a sua filha... douda?

—Sim, senhor, vou satisfazer o seu desejo, já que o senhor teve a misericordia de socorrer-me com tamanha generosidade, e animou-se a vir até este miseravel casebre.

E dizendo isto, a pobre mulher sentou-se no estrado por debaixo da janella e preparou-se para relatar-me a historia que se segue.

Neste momento pareceu-me ouvir reboar ao longe o tangido lento e enfraquecido das nove horas!

«^(*) São passados dous annos, começou a pobre mulher com o accento descansado e particular dos filhos do interior da provincia de S. Paulo e no tom commovido e solemne que costuma assumir todo o narrador que conta a propria ou alheia historia e aventuras, quando assignaladas por um obstinado infortunio; que eu e minha filha eramos bem felizes.

(*) Cumpre-me aqui advertir o leitor, prevenindo uma objecção contra a inverosimillhança d'esta minha muito humilde historia, de que a narração, com que me entreteve a pobre mulher na noite do que trata, não foi feita por ella, no seu contexto, tal qual a vou dar neste momento. Isto é, na mesma linguagem e minuciosos detalhes.

O fim da historia em geral e todos os episodios, são d'ella: o estylo em que ora é escripta, certas descrições, reflexões, etc. pertencem á penna do romancista.

Odoardo amava-a e tinha voltado. Ah! as dores de Lia recrudesceam. Ella percorreu como uma insecta os aposentos e o jardim: cada quarto, cada arvoredor, cada alameda encerrava para ella uma lembrança, deliciosa tres dias antes, hoje mortal! Por toda a parte Odoardo havia-lhe dito que a amava. Cada objecto recordava-lhe uma palavra de amor.

Lia sentio que tudo estava acabado para ella, e que ser-lhe-hia impossivel viver assim: ao mesmo tempo, porém, acreditou que, nao poderia morrer deixando Odoardo no mundo, que outra mulher habitava. Neste momento occorreo-lhe uma idéa terrivel: matar Odoardo e matar-se depois. Quando esta idéa apresentou-se-lhe á imaginação, ella quasi que soltou um grito de horror; mas pouco a pouco obrigou seu espirito a voltar a este pensamento, como um cavalleiro possante obriga seu cavallo rebelde a transpor o obstaculo que antes havia-o embravecido.

Dentro em pouco este pensamento, longe de inspirar-lhe terror, causou-lhe sombria alegria; atigurava-se-lhe ver-se a si mesma com o punhal na mão, despertando Odoardo, bradando-lhe ao ouvido o nome de sua rival entre duas feridas mortaes, ferindo-se por sua vez, morrendo ao seu lado e condemnando-o aos seus abraços eternos. E Lia se espantava de que uma dôr tão pungente pudesse produzir tamanha alegria.

Dirijio-se ao gabinete de Odoardo. Alli existião trophéos d'armas de todos os paizes, de todas as espécies, desde o criz hervado do Malaio até a acha gothica do cavalleiro franco. Lia desprendeu um bello cangiar turco, de bainha de veludo, e cabo esmaltado de topazios, perolas e diamantes. Levou-o para o seu quarto, experimentou-lhe a ponta no dedo, d'onde brotou uma gotta de sangue limpido e brilhante como um rubi, e depois foi occultal-o debaixo do travesseiro.

Nesse momento chegou-lhe aos ouvidos o relinchar do cavallo de Odoardo. A condessa que se achava defronte de um espelho vio que se tornava pallida como um cadaver. Poz-se então a rir da sua fraqueza, mas o estridor do seu proprio riso assustou-a, e ella calou-se estremecendo.

Ouviudo os passos do marido que subia a escada, a condessa correo ás cortinas das janellas, e deixou-as cahir afim de augmentar a escuridão e dest'arte occultar ao conde a alteração de suas feições.

O conde abriu a porta e ainda offuscado pela claridade do dia, chamou Lia com a mais doce e terna voz. Lia sorriu-se desdenhosamente e, levantando-se da cadeira em que se achava sentada, deu alguns passos para elle.

Odoardo abraçou-a com a effusão do homem venturoso que sente a necessidade de derramar a felicidade sobre tudo que o rodêa. Lia acreditou que seu marido se aviltava a ponto de fingir para com ella um amor que ja se havia extinguido. Momentos antes ella pensava aborrecel-o; agora pareceo-lhe que o desprezava.

O dia passou-se assim; veio a noite. Repetidas vezes Odoardo fitando sua mulher, que se esforçava por sorrir sob seu olhar, abriu a boca para revelar-lhe um segredo, mas de cada vez as palavras morrião-lhe nos labios e o segredo voltava ao coração.

Durante a tarde, os ameaços do Vesuvio tornarão-se mais assustadores do que nunca. Odoardo por varias vezes propoz á sua mulher de deixarem a «villa» e partirem para o seu palacio de Napoles; Lia porém julgava que Odoardo fazia-lhe esta proposição para approximar-se de sua rival, visto como o palacio do conde estava situado na rua de Toledo a cem passos apenas da rua San-Giacomo. Assim, á cada uma das proposições do conde, ella lhe observava que o lado do Vesuvio onde se erguia a «villa» fóra sempre respeitada pelo volcão. Odoardo conveio n'isso; mas não obstante decidiu que, se no dia seguinte continuassem os symptomas que apresentava a montanha, deixarião a «villa» para irem esperar em Napoles o fim do successo.

Lia consentio. Restava-lhe a noite para a vingança, era quanto lhe bastava.

Por um estranho phenomeno atmospherico, ao passo que a escuridão descia do céu, o calor augmentava. Debalde as janellas da «villa» estavam abertas, segundo o costume, para deixar penetrar a aragem da noite; a brisa quotidiana falhára, e em seu lugar, o mar em ebullição expellia um vapor pesado e tepido, quasi sensível á vista e que se espalhava como um nevoeiro, pela superficie da terra.

(Continua.)

ten estandarte e a civilisação. Tuas palavras são cantos de amor e de reconhecimento que nutrem o nobre e vigoroso do homem ao poder incomensuravel do Poeta das estrelas. Tu que tanto te adoro, e que balucio estas palavras, deliro com a prodigiosa luz de teu prestigio, o fulgor de teus triumphos me offusca as vistas, e me perturba o pensamento! A transcendencia de tua sublimidade é só igualada pelo teu nobre e heroico desinteresse; teus filhos mais mimosos e predilectos, os Homeros, os Tasso, os Dantes, os Camões, forão os bons Genios da terra, no entanto a miseria foi sua partilha neste mundo que vio sem lagrimas o Crucificado de Jeru alem! mas seus nomes, dizem os materialistas, são adorados pela posteridade attenta; pobre gloria, se não houvesse a eternidade! Recebe, pois, graciosa divindade, o culto que pronuncio, e quando soar o momento de meu tormento, não me abandones, porque contigo serei feliz.

(Continua.)

A VILHA SORDANI

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação.)

Quando ella recobrou os sentidos, achou-se em outro quarto. As duas velhas horrifavão-lhe a agria no rosto e fazião-lhe cheirar vinagre.

Lia levantou-se com um movimento rapido como o pensamento e quiz arremessar-se para a porta do aposento que encerrava Odoardo e a mulher desconhecida, mas as duas velhas recordarão-lhe o juramento. Lia curvou a cabeça diante de uma promessa sagrada, tirou da algibeira uma bolsa contendo cincoenta luizes e deo-a á cigana; era o preço da prophesia feita por ella, e que tão pontual e cruelmente se havia cumprido.

A condessa desceu a escada, voltou á carruagem, ordenou machinalmente que a conduzissem ao convento de Santa Maria das Graças e tornou a entrar em casa de sua tia.

Lia estava tão pallida que a boa abbadessa percebeo logo que acabava de acontecer-lhe alguma cousa; mas a todas as perguntas de sua tia, Lia respondeu que ella se sentira incommodada e que essa resto de pallidez provinha de um desmaio que soffrera.

A extremosa abbadessa inquietou-se tanto mais quanto sua sobrinha, contando-lhe o accidente que lhe a'ntecera, occultára-lhe a causa. Fez pois toda a diligencia para que a condessa ficasse no convento até que se restabelecesse de todo; a enoção, porém, que Lia experimentára não era daquellas que passão em poucas horas. A ferida era profunda, dolorosa e envenenada. Lia sorrio-se amargamente ao ouvir os receios de sua tia, e, sem ao menos occupar-se em combatel-os, declarou que queria voltar á sua casa.

A abbadessa mostrou-lhe o cume da montanha coberto de fumo e observou-lhe que estando proxima e sendo inevitavel uma erupção, seria mais razoavel que ella mandasse chamar seu marido e que ambos, em um lugar seguro, esperassem os resultados d'essa erupção. Lia porém, respondeu-lhe apontando para a encosta verdejante da montanha, sobre a qual, de longe que o Vesuvio existia, nunca o mais pequeno regato de lava se havia transviado.

A abbadessa vendo então que a sua resolução era inabalavel, despedio-se d'ella recommendando-a á Deus.

A condessa subio á carruagem. Dez minutos depois achava-se na villa Sordani.

circunstancias, e a tradição, o canto as uniu. Os primeiros poetas cantavam os versos que compunham, e assim praticava David, Salomão, Homero.

Os Gregos, sempre orgulhosos da gloria de sua nação quanto á cultura das sciencias e artes, attribuem o nascimento da poesia á Orpheo, Linus e Muso. É certo talvez que fossem effectivamente estes os primeiros bardos celebres da Grecia, mas não ha a menor duvida que a poesia existia muito tempo antes que seus nomes fossem conhecidos, e mesmo entre povos que interiramente os ignoravão. Seria um grande erro supponmos que a poesia e a musica, consideradas como artes, forão somente cultivadas pelas nações civilisadas; ellas tem seu principio na natureza do homem, são portanto de todos os tempos e de todos os paizes; são factos que nos attestam a historia de todas as nações.

Nas primeiras cidades da Grecia, os padres, os philosophos e os legisladores se applicavão a ornar suas instrucções com a linguagem da poesia. Appollo, Orpheo, Amphion, seus bardos mais antigos, são representados como os fundadores da civilisação e das leis, e passao por terem sido os primeiros que arrancarão o homem de seu estado barbaro. Moyses e Thader cantavão sobre a lyra as leis que compunhão, e parece que até ao século que precedeu o de Herodoto, a historia não tinha outra forma senão a de fabulas poeticas. Quasi todos os reis dos Scythas e dos Godos erão poetas, e as poesias rúnicas erao os materiaes de que se servião os historiadores mais antigos.

Nós sabemos que admiração os Celtas, os Gaulezes, os Bretões e os Irlandezes consagravão a seus bardos, e que influencia elles exercião sobre o povo. Erão igualmente poetas e musicos, como o forão os primeiros poetas em todos os paizes; suas pessoas erao sagradas, acompanhavão o chefe ou soberano; celebravão suas grandes acções; e, como embaixadores, conciliavão as tribus prestes á pegarem em armas.

Embora a origem da poesia seja a mesma em todos os paizes, todavia a differença do clima e dos costumes diversifica o character dos primeiros ensaios poeticos das nações. Esse character e conforme á sua indole; se são ferozes ou humanas, se fazem mais ou menos progressos nas artes, se marchão mais ou menos rapidas na via da civilisação, a sua poesia o revela; assim o que nos resta das poesias dos antigos Godos, traz um cunho notavel de ferocidade, e não respira senão a carnagem e o sangue, enquanto que as primeiras canções dos Chinezes e Peruvianos tratão de assumptos agradaveis.

A poesia celtica do tempo de Ossian, ainda que eminentemente guerreira, tem contudo sua mistura de graça e de doçura, por isso que os bardos celtas aperfeiçoavão a poesia de idade em idade.

A poesia dos gregos tem o principio philosophico, visto como Orpheo, Linus e Muso cantavão o chaos e a criação, a formação dos mundos, a origem das cousas.

Os Persas e os Arabes forão os maiores poetas do Oriente; entre elles como nas outras nações, a poesia foi o principal vehiculo da instrucção e da sciencia. Os Arabes comparavão os seus diversos generos de suas poesias a perolas soltas ou enfiadas. Os dogmas dos Persas sobre a moral erao quasi todos em proverbios ou apophthegmas, semelhantes aos de Salomão, que em sua maior parte erao compostos de phrases poeticas e similes como as perolas dos arabes. Vemos o mesmo genero de composição no Livro de Job.

A poesia que vem da palavra grega —poiesis— quer dizer criação; divide-se em oito partes ou generos — poesia lyrica, dramatica, epica, didactica, elegiaca, pastoril e satyrica, e consta quanto á composição da rhythmica, na qual se observa a medida quanto á cadencia e numero das syllabas, como a poesia dos Orientaes e da maior parte dos povos modernos da Europa; e da metrica ou da poesia da quantidade das syllabas, na qual o numero destas depende da duração que exige a pronunciação dellas, tal é a poesia dos Gregos, dos Latinos e dos Allemães.

Depois de ter fletido a rapida esboço da tua brilhante historia, outorga-me permissão, sublime arte do Gênio, de te prestar o culto intimo de uma alma apaixonada e fervorosa, que transborda de amor por teus encantos. Os beneficios que derramaste por toda a terra, te erigirão altares em todos os angulos do orbe; foste a Gama de todos os primeiros passos infantis dos senhores do mundo; o

quando ouvir e ver voar e dançar-se na minha borboleta matizada, e as aves do paraiso, mais raras e ainda mais deslumbrantes, que mal podem seguir com os olhos nas suas doulegantes evoluções.

E' este realmente o meu bello Brasil, robusto como ha trinta annos, trajando galas como ha dous seculos, joven e possante, como no dia da sua creação.

As aguas se calão, a praia e lá muda, a cidade guarda silencio; pois bem! tudo isto e harmonia, tudo isto e uma musica doce e alegre a um tempo, que vos embala e adormece. Tudo isto é o meu Brasil do peito, o meu Brasil estromecido, sem embargo dos dous implacaveis visitantes que acabão de cobri-lo de luto, como para puni-lo da sua nimia opulencia.

O dia aponta; reconheço-o com enthusiasmo d'aquelles entre os nossos, que não tinham ainda vista da sua esplendida barra. O canhão saúda o Imperador em rapidas bandas, os vasos da bahia retribuem-lhe as suas ruidosas cortezias; e, livres de toda a quarentena, permittem-nos que desembarquemos... a camião!

(Continua)

A POESIA.

(Continuação do artigo intitulado — O HOMEEM.)

La poésie n'est que l'éloquence dans toute sa force et avec tous ses charmes. Voyez dans l'Iliade, la harangue de Priam aux pieds d'Achille; dans l'Énéide, celle de Sinon; dans Ovide, celle d'Ajax et d'Ulysse; dans Milton, celle de Satan; dans Corneille, les scènes d'Auguste et de Cinna; dans Racine, les discours de Burrhus et de Narcisse au jeune Néron; dans la Henriade, la harangue de Potier aux Lints, etc. C'est tour à tour le langage de Démosthène, de Cicéron, de Massillon, de Bossuet, à quelques hardiesses près, que la poésie autorise, et que l'éloquence elle-même se permet quelquefois.

MARONTEL, ÉLÉMENTS DE LITTÉRATURE, T. II.

Conhecida antigamente como a linguagem dos Deoses, a poesia é a inspiração, a hyperbole, a prosopopeia das grandes expressões d'alma.

A poesia tem uma existencia anterior á da prosa; dir-se-ha ser isso um paradoxo, mas no entanto é uma asserção fundada. A descoberta da America nos ensinou a conhecer o homem no estado selvagem. Os viajantes affirmão que em suas reuniões, os povos deste vasto continente levavão ao enthusiasmo seu amor pela musica e pela dança; que era por meio de canções que elles celebravão seus ritos religiosos, que deploravão suas calamidades publicas, seus infortunios particulares, a perda de seus guerreiros, que contavão suas victorias; exaltavão as façanhas da nação e dos heróes; jexentavão a liberdade, e sustentavão sua constancia no meio das torturas e da morte.

Achamos, pois, os primeiros rudimentos da poesia nas grosseiras effusões da imaginação enthusiasista dos povos barbaros, visto como a natureza fez o homem poeta e musico; assim a poesia e a musica tem uma origem commum; as mesmas

forão os annos, nem as enfermidades do corpo; forão, sim, as desiluzões, as villezas, as hypoeristas, as baivezas, por demais vivas e raladoras, que não nos poupão, por são as dominadoras do mundo.

A ausência, parece-me já o haver dito, semelha á morte, e entretanto, inconstantes quaes somos, corremos incessantemente após emoções novas, como se a família, o lar, a patria não tivessem prestígios bastantes para alegrarem uma vida sedentaria.

O que chamamos, não sei porque, natureza morta, tem em verdade outros privilegios. Vede: saudastes com avido olhar um céu diaphano, florestas magestosas, uma vegetação rica, opulenta, provocadora das iras dos elementos; muitos annos tem decorrido sobre vossas lembranças, vossa fronte se tem despovoado ao perpassar dos invernos, e quando voltais ao paiz querido, quando tudo mudou em torno de vós, elle só ha permanecido joven e forte, elle só conserva a sua seiva e a sua virilidade.

Os coqueiros balonçao sempre nos ares os seus pennachos ondulantes, as bananaeiras se arreião sempre de seus cachos saborosos, o morango exhala sempre os seus perfumes, a laranja ostenta sempre o seu avelludado, o ananaz eleva sempre a sua corôa, as borboletas multicôres não puzerão termo ás suas caprichosas evoluções, as aguas nada perderão da sua limpidez, os bosques do seu melodioso silencio, as cascatas do seu poetico fragor, e os seculos se escoarão ainda sobre tantos beneficios, sem que esses beneficios se enfraqueção, sem que tragão ás saudades da mocidade perdida a velhice que caminha a passo precipitado.

Em balde magoareis o proprio peito e irritar-vos-heis contra o que foi; o que foi é e será, Deos o quiz, e Deos não modifica o seu pensamento.

Não acrediteis na felicidade e nos dissabores, se desejais viver sem commoções e sem cui lados. Oh! madreporas, quanto vos invejo a sorte!

Pela terceira vez —salve, Brasil!. A vigia grita: *Terra!* e eis que todas as minhas antigas lembranças revivem, eis que esta unica palavra me remoeça trinta annos.

Se a memoria é quasi sempre um dom fatal, é por vezes tambem uma consolação, e n'este momento ao menos eu me regozijava que a minha reflectisse o passado com todas as suas maravilhas.

Em pé, com a cabeça acima da pavezada, o pescoço estendido, como se o céu me houvesse restituído os seus raios, eu via surgir das aguas, como um habil mergulhador, esse gigante deitado, tão pittoresco, tão propiciamente talha lo para a segurança dos navegantes,

Sim, sim, eis aqui a sua cabeça *bourbonnica*, as suas espadoas, as suas curvas, e o seu pé que vos indicão a entrada da barra.

Passemos depressa, a briza é galerna e embora nos tenham annunciado em viagem um flagello devorador, deixemos atrás de nós as fortalezas da *Lage* e de *Villegagnon*, perto da qual larguemos a ancora.

Respiro a gosto, tendo á direita e á esquerda *Nossa Senhora da Boa Viagem* e a *Gloria*, as duas padroeiras dos marujos, e mais longe a illha das *Cobras*, a dos *Ratos*, *Botafago*, *S. Domingos*, o *Corcovado*, e a *Praia Grande*. Nada falta, nem o aqueducto com a sua dupla galeria de arcadas, nem a illha do *Governador*, nem a serra dos *Orgãos*, que corôa este magnifico panorama. Deparo com tudo de que tanto gostára, com as brizas fagueiras, a cantiga dos pretos, o soido desigual de seus remos, o

linha d'este com os factos notavros, e necessarios do —Povo escolhido— ao qual veio a capitanear e a ser em legislador, devia para ser comprehendido na parte cosmologica, que lhe fora indispensavel introduzir em seu tratado historico, cingir-se as ideas da epocha, que figurava a terra no centro do Universo: alias viria a ser conceituado contradictorio com a maxima capital de — ter Deos creado o homem, concedendo-lhe tudo no mundo para seu uso.

Veio o christianismo, e do mesmo modo sempre na convicção de que o homem, unica creatura que possui o dom de discorrer, progredir e conhecer-se poder independente e livre, vem a ser o typo da soberania para com os mais entes, que tem podido descobrir, necessariamente segue o mesmo principio — Tudo para uso do homem. —

Assim pois é palpavel, que nos tempos deficientes do progresso a que tem ultimamente chegado as mathematicas, a optica e a mechanica, subsidios por meio dos quaes as observações e calculos se tem elevado a tão ousado alcance, que tem tornado assombrosas as combinações physicas da natureza em sua maravilhosa organisação, o systema então do Universo só podia ser o conjectural, o apparente, como simples resultado da inspecção ocular despida dos insignes instrumentos amplificativos modernos. E tal era o de Platão, como ja notámos, e que consistia em existir no centro a terra fixa circundada nas respectivas distancias de todos os mais corpos dos espaços celestes, que deste modo prestavam ao homem seu natural cortejo.

(Continua.)

O BRASIL, (1)

Tornar a ver um amigo após uma ausencia de trinta annos é ao mesmo tempo um gosto e uma dor. Se é verdade que todas as primaveras trazem seus sorrisos, tambem é certo que todos os invernos infligem as suas rugas, e um dia, ides encontrar pallido e debil o que deixastes ha tempos cheio de força e rosado.

Aos doces amplexos e apertos de mão, seguem-se as confidencias, pois todas as affeições são curiosas. Perguntais pela voz da mãe que vos embalava á noite, pela do irmão que vos acariciava ao acordardes, pela da irmã que ainda acreditaveis ouvir em sonhos, e a todas estas perguntas arrancadas d'alma respondem-vos com lagrimas ou com o silencio!...

O tumulto de tudo se aposa, o tumulto inflexivel, inexoravel, o tumulto mudo, que guarda para todo o sempre o que se lhe confia. Ide por diante, e perguntai o que matou o vosso amigo, a vossa irmã, a vossa mãe; não

(1) Os artigos que se seguem ao capitulos vertidos e transcriptos da obra em francez intitulada —«Os dom Océanos, por Jacques Arago, irmão do celebre astronomo Francisco Arago e autor da «Corgalhada. Recordações de um cego, De um a outro pólo, etc.» obra etc. etc. feita pelo autor a S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

quer coisa melancolica ou desagradavel, e sim tao somente a essencia do bem, do puro, do sublime. De conjectura em conjectura firmáráo-se em que esse — SIR — que denominarão — *Zervane-Akéréne* — (*Tempo eterno*) havia creado o Universo com as duas naturezas ainda no cháos, creando igualmente os primeiros Genios para presidil-as, sendo no hemispherio da luz — *Ormuzd* — (*Principio do bem*) e no das trevas — *Ahriman* — (*Principio do mal*), aos quaes delegara o poder de crearem diversos mundos em seus respectivos elementos, hostilizando-se mutuamente como emulos por certo espaço ate que, vencido a final Ahriman por Ormuzd, se purifiquem as almas pela dor, no dia do cataclismo, desapareçção as trevas, e aquelles dous primeiros Genios voltem em harmonia ao seio de — Akéréne. —

Ormuzd pois veio a crear o mundo da luz o — *Gorotman* — (*Elisios*), as espheras celestes, a Terra, a Lua, o Sol e os outros 5 planetas. Depois os 7 — *Amschaspands* — (*Genios patronos*), Symbolos dos astros, e dias da semana; os 28 *Yzeds* (*Genios delegados*), incumbidos de presidirem aos elementos da terra, estações, fecundidade, propagação, etc. O divino touro — *Aboudad* — (*Emblema da vida*) encerrando os germens de todos os animaes e vegetaes, do qual extrahin lo a espadua direita, d'ella formou o — *Kaiomorts* — (*Homem primitivo*) com o que terminou a creação. No entretanto creava Ahriman nas trevas inumeras cathogorias de entes malignos e informes, horrendos genios que presidem á todos os infortunios e maldades, vicios, crimes, etc.

D'estas creações e abstracções concluia a metaphysica de Zoroastro, que terião a gloria de Ormuzd os fieis crentes da metempsichose; e serião punidos vagando errantes nos recintos das trevas d'Ahriman, os que fossem vencidos pelos genios do mal. Eis ali o — *Dualismo*. — (1)

Bem se vê que todas estas concepções constituem um mytho; e que despindo-as da superstição extravagante que encerrão, contém o dogma dual catholico da — gloria, ou pena, eternas — dogma deduzido do outro — immortalidade da alma — e emanado da justiça indefectivel de — Deos — para com suas creaturas á quem dotou de intelligencia e volição livre para poderem discernir a virtude pelo vicio, e vice-versa, com o arbitrio de seguir uma ou outro segundo os impulsos (figurados em genios) de sua razão ou paixões.

Não levarem os mais longe a digressão, por desnecessaria á materia a que nos propuzemos; e se temos esboçado a analyse d'essas creanças é somente para demonstrar, que, ministrando a luz proveniente dos astros as premissas da metaphysica que desenvolvemos, não podia o pensamento de coordenar seus movimentos e mais relações physicas, deixar de ser subordinado áquella orthodoxia d'essas epochas remotas. Moysés, verten lo por diversa forma as theorias mythologicas Egypciacas, abstrahindo o supersticioso, e marchando pela senda que elle proprio declara ser-lhe indigitada pela DIVINDADE, foi, como os Prophetas, que se lhe seguirão, precursor do Christianismo. Não tendo porém a missão de construir um systema cosmologico, e sim a de historiar a cosmogonia desde Adão até o primeiro Patriarcha, e seguir a

(1) Aos leitores que desejarem mais minuciosidades, para enfronharem-se nos mythos ou symbolos de Thoth ou Hermès, e nos mysterios de Mithra, Osiris, Isis, e Elensinos, indicamos os autores que podem consultar, e acharão os esclarecimentos necessarios. — Burnouf, Manethon, Sanchoniaton, Clemente Alexandrino, e outros.

O YTORORÓ.

JOURNAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS—QUINTA FEIRA 1.º DE DEZEMBRO DE 1859. N. 7.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

I.ª SERIE.

ARTICULO.

II.

(Continuação.)

A imaginação do homem, sempre propensa ao maravilhoso, pela tendência a atingir o desconhecido mysterioso e incommensuravel, de que procede essa particula immaterial que elle sente possuir sem poder defini-la, devia naturalmente, nos primeiros tempos deficientes de theorias, vagar em conjecturas, no ajuizar as idéas que se lhe suggerissem, ou de que fosse impressionado pelos objectos e alternativas das funcções da natureza; e como em tudo que o circulava as impressões, que recebia mais continuas e mais extensivas, erão adquiridas pelo sentido visual, era natural o notar que a claridade, isto é a luz, lhe proporcionava o gozo do bem, visto que sentia semelhante apraziveis as observações da natureza: e como era privado d'esse gozo nas occasiões de trevas, vinhão a ser estas contrarias ao mesmo gozo. D'aqui tirou por conjectura que os dous principios oppostos na natureza, erão origens —do bem a luz, do mal as trevas.— As abstracções metaphysicas forão então depois desenvolvendo e ampliando aquelles dous principios; e d'est'arte um phenomeno physico em sua essencia veio a tornar-se base da extravagante Theocracia d'aquellas primeiras eras.

Sendo reconhecidos bens todos os objectos proveitosos, interessantes, apraziveis, e males os soffrimentos physicos, os transtornos apparentes da natureza, como mortes, desolações provenientes dos rigores das borrascas, vicios repugnantes, e todas as mais miserias inherentes á humanidade, os metaphysicos, que consideravão o universo composto de uma só peça espherica, imaginárão esta dividida em dous hemispherios; um —o da luz— superior, inclusive a superficie da terra, e outro, —o das trevas— inferior, e invisivel; devendo ser um e outro sujeitos a potencias sobrehumanas. A idéa que tinham do —SER SI PRIMO— sendo a da perfeição absoluta, tornáva-lhes revoltante a possibilidade d'emanaar immediatamente d'elle qual-

Por entre se enrola,
O rio serpenteando,
No seio da mata,
A nuvem torveoada
De tão rosca cor,
O lago retrata.

Com meigos suspiros
A briza se acorda,
E vda nas flores,
Que n'haste sorrindo,
Graciosas untao
Do Iris as cores.

Na relva scintilla
O aljofar celeste
D'aurora louca,
E ainda brilhando
Se vê nas folhinhas
Da flor de rouna.

No prado florido,
As flores distillao,
A doce ambrosia,
O quadro é sublime!
E toda a natura
Respira alegria.

Da linda roseira
Desdobráo-se as rosas;
Tambem o alicerim
De flores se adorna;
N'um leite de folhas
Descansa o jasmim.

Pallida camelia
De orvalho pejada,
Sorri para o céu;
E a roxa violeta
Modesta s'envolve
De folhas n'um véo.

No monte visinho,
Lá trisca o cordero
Alegre a balara;
O insecto volteja,
E o lindo cabrito
Começa a saltar.

Silencio! escutemos...
Do alto rochedo,
Descahe a torrente,
A aurora desponta,
Os montes se dourão
De luz refulgente!..

S. Paulo — 1859.
ANTONIO MANOEL DOS REIS.

LOGOCRIFTO.

Serve a primeira
Ao orador;
Mostra em affectos

Prazer ou dor,
Com a segunda
Demonstrarão
Motivo, causa,
Occasião.
E co'a terceira
Deosa do mal,
Qu'enlouquecia
Qualquer mortal.
Segunda e prima
Resultas dão
Do ar movido
No furacão.
Ultimas duas
Mostrão — coitado!
Que foi por outrem
Mystificado.
Terceira e prima
Estofa indica:
Ha um insecto
Que uma fabrica.
Terceira e segunda
Tensão aponta.
Só cinco letras
O todo conta;
Quer o leitor
Bem conhecel-o?
Está no que sente
Sem poder vel-o.

S. G.

A decifração da charada publicada no
n.º 4 é — «sinopera»

ERRATA.

No numero 4, pag 2, l. 7, em vez de
— ora tentando deprimir — lêa-se — ora
tentado deprimir.

No mesmo numero, pag. 10, l. 45, em
vez de — do genio das «Palavras de um
Crente» — lêa-se — do genero das «Pala-
vras de um Crente.»

No mesmo numero, pag. 11, l. 33, em
vez de — comprimento — lêa-se — cum-
primento.

No presente numero, pag. 5, l. 31, em
vez de — Jolauista — lêa-se — Islamista.

Idem, idem, l. 32, em vez de — Sa-
besta — lêa-se Sabeista.

Santos.—Typ. de Marques & Irmão.

O que poderia eu de crer na loucura, amigo leitor, depois do que acabas de lêr?

—Ha quantos dias não come a tua filha, mulher? perguntei á minha hospede, quebrando o silencio de alguns minutos, que se estabelecera desde o principio do frugal banquete da louca.

—Vai para cinco dias, senhor.

—Cinco dias?! Meu Deus!... E vassè?

—Eu ha oito dias que não tomei alimento... estive doente... durante o meu incommodo esgotáram-se-me as minhas diuturnas economias... foi a razão porque a minha desgraçada filha soffreu fome... por cinco dias... Hoje foi o primeiro dia em que pude sair, não para trabalhar, que não posso ainda, mas para pedir... para esmolar...

—Qual o genero de trabalho a que se dá, mulher?

—Lavo de dia, respondeu-me a pobre mulher designando-me o balaio sobrecarregado de roupa, e á noite trabalho em costuras grossas.

—Mais pão!.. mais pão!.. quero mais pão!.. gritou a louca, que acabava de engolir o ultimo bocado do pão que lhe haviam dado, fazendo gestos extravagantes e arregalando horrorosamente os olhos.

A mãe correu a servi-la de mais alimento, e eu comecei a examiná-la com profunda attenção.

Era uma moça que poderia contar pelos seus 20 annos, côr clara, cabellos e olhos pretos. Seu rosto, de uma perfeita oval, embora desfigurado pela medonha pallidez e expressão sinistra da loucura, ainda demonstrava a regularidade de feições que outr'ora sem duvida o distinguira e conservava uns restos fugitivos de delicada belleza. Os olhos, agora espantados e vagos e circudados de fundas oitveiras, erão rasgados e franjados de compridas pestanas; a testa bem contorneada; as sobrancelhas levemente arqueadas, desenhadas com esmero pela natureza; o nariz afilado; a boca pequena e mimosa, occultando, sob labios desmaiados e resequidos, mas ainda assim graciosos, duas renques de dentes miúdos, outr'ora brilhantes de alvura, quaes brancas perolas, agora amarellas por incultos, semelhantes ao marfim. O corpo, envolto em grosseiras roupas, a despeito da sua extrema magreza, deixava vêr seu porte esbelto, e conjecturar quaes elegantes não serião as suas fórmãs, quando no vício de uma robustez sadia e fresca.

(Continua.)

POESIAS.

Ao insigne vate brasileiro MAGALHÃES.

(Ao ler parte do seu poema — A confederação dos Tamoyos.)

SONETO.

Candido cysne da brasileira terra,
Illustre Magalhães, cantor famoso,
Em canto ameno, em verso harmonioso
A patria-gloria tua lyra encerra;
Se a critica mordaz, ouvidos cerra
Ouvindo-te gemer, tão suspiroso 1)
Em meigos sons, de affecto impetuoso,
Que entre amor e razão promove a guerra.
Branda se curva a vil mediocridade,
Ouvindo o grave som, que a gloria inspira,
Dos «Tamoyos» cantando a heróicidade!

1) Suspiros pœticos — de Magalhães.

Meu genio em sacro ardor, te inveja a lyra!
Prostra-se o fado!... brilha a Eternidade!
Curva-se o tempo! e o mundo te admira.
S. AZEVEDO.

A AURORA.

Ei-la trajando verdôres,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

(JOÃO DE LEMOS.)

Silencio! escutemos....
Lá canta no bosque
O alado cantor.—
E os echos ao longe
O canto repetem
Com doce estrider!

pretensa sala. Do lado e querdo, defronte a porta da rua, abria-se um corredor que parecia conduzir do primeiro aposento á cozinha e quarto de dormir da pobre mulher. A direita, uma porta, que permanecia fechada, dava communicação para um cubiculo que se adivinhava logo ser a espelunca ou jaula da louca, ao sentirem-se, partindo do interior, sons articulados e a bulha de que fallei.

—O senhor se abanque... Queira perdoar a qualidade ordinaria do assento, me disse a pobre mulher, offerecendo-me um dos mochos.

—Obrigado, tornei lhe sentando-me. Apresse-se á dar comida a sua filha, que está desesperada de fome, acrescentei.

A estas minhas palavras, a minha hospede correu á meza, abriu uma gaveta, d'onde tiroa uma chave, e dirigio-se para a porta do quarto da louca. Esta, presentindo-a dentro, redobrou os gritos e as pancadas. Parecia querer, atravez das taboas mal unidas da porta, precipitar-se ao encontro do parco alimento que lhe levava a sua infeliz mãe.

—Theresa... minha filha, aquieta-te... eu aqui estou e te trago pão, disse a pobre mulher, dirigindo-se com docura do lado de fóra á sua misera filha.

E abriu a porta. Um espectro de mulher, extremamente magro e livido, com os cabellos, desmedidamente crescidos e emmaranhados, esparsos em desalinho sobre o rosto e hombros, as roupas rasgadas e descompostas, assomou instantaneamente na entrada do quarto e atirou-se, rapida como o raio, para o pão que lhe offerecia a pobre mulher. Agarrando-o com furiosa avidéz ás mãos ambas, qual feroz panthera, que, havendo conseguido, após renhida luta, empolgar a cobiçada preza, receia ainda que lhe escape das potentes garras, a louca levou arrebatadamente á boca a massa de trigo secca e endurecida, e começou a devorá-la grunhiudo, convulsa, com frenesi horrivel, no meio de movimentos bruscos e desordenados!

Não era um ente humano, sem embargo da sua figura de mulher, essa triste creatura que eu tinha então diante dos meus olhos — era o bruto em toda a cega irrationalidade e irresistivel energia de seus instinctos animaes; **menos do que o bruto** — era um cerebro enfermo ou vazio, dominado pela necessidade material da fome, dando pasto ao seu insaciavel appetite. Não é por certo verdade que é mais feliz a condição do bruto do que a do demente? — n'um o instincto natural, mais ou menos intelligente, suppre de alguma maneira a razão, o mundo moral é allumiado por uma meia-claridade, a sensibilidade é essencialmente viva — **no outro os instinctos são, por assim dizer, impotentes e meras tendencias automaticas, as trévas reinão profundas na região intellectual, o coração jaz morto entre as paredes do peito.** A irrationalidade, se bem que menos dotada de nobres faculdades do que a humanidade pelo Soberano Architecto, é sempre um estado normal, uma condição da natureza, uma criação, posto que incompleta, ao menos sahida, tal qual se revela, das mãos de Deos — a loucura é uma situação anormal do homem, a subversão da obra prima do Creador, a queda do rei do universo, ser cheio de orgulho e grandeza, do throno da razão e da moralidade, nos limbos de um viver desnordeado, sombrio, agitado, sem imputabilidade nas accões, mais pueril do que a infancia, mais caduco do que a decrepitude.

Vêde o que escreve algures, no seu estylo inimitavel, fallando da loucura, Theophilus Gautier, para quem «nada ha mais sinistro e mysterioso.» «Tambem é com uma curiosidade ansiosa misturada de secreto terror que vemos esses cadaveres, em quem o que lhes resta d'alma serve apenas para impedir a putrefacção, passearem ao longo das paredes, com o olhar carregado, as faces abatidas, o labio pendente, arrastando os pés a que a vontade já não presta o seu fluido, fazendo gestos sem causa, como animaes ou machinas desmontadas, insensiveis ao sol ardente, á chuva gelada havendo perdido a noção de si e criando-se outros, não percebendo os objectos de baixo das suas apparencias reaes, e cercados de um mundo de estranhas allucinações.»

É antes d'estas palavras, o primoroso escriptor tinha traçado, com desesperante philosophia, as seguintes linhas:

«A alma obscurecida do louco readquire a sua lucidez após a morte, ou ha almas loucas durante toda a eternidade? A alma não será nem immaterial nem immortal, pois que póde adoeccer e morrer? Davidas terriveis, abysmos profundos sobre que nos inclinamos tremendo, mas que nos attrahem como todos os abysmos.»

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADÉMICA.

UM DRAMA VULGAR.

III A LOUCA

Continuação.

—O senhor queira ter a bondade de esperar aqui um momento, me disse a pobre mulher. Vou atear o lume e accender este rolo.

Proferidas estas palavras, a minha companheira penetrou dentro do casebre e sumiu-se nas trevas. Senti, pelo fundo de suas pisadas que se alongavão, que ella se dirigia para a cozinha ou quadra da casa, onde dormia, occulto talvez sob um punhado de brancas e ligeiras cinzas, o poderoso agente de calor e luz.

D'aqui a pouco ouvi, com o favor do profundo silencio que me cercava, o soído proximo e vindo do interior do casebre, de uma respiração que soprava com força —era a minha hospede que tentava levantar a chamma de um braseiro quasi extinto, que á á mingoa do indispensavel alimento da lenha que custa dinheiro!...

Passarão-se alguns instantes... O mesmo silencio reinava, perturbado apenas, do lado de dentro, pelo sopro cansado da pobre mulher, que debalde se esforçava por fazer reviver o fogo que parecia de todo apagado; da parte de fóra, pela orchestra invariavel e discordante dos numerosos e indefiniveis sons nocturnos, que se fazem ouvir em qualquer parte da magrosta e região do Cruzeiro. Era aqui o chillo estridido e incessante do grillo, escondido n'uma fenda do solo, alli o susurro produzido pelo vôo rapido do morego, esse animal deo monstruoso e repulsivo, metade quadrupede, metade volatil, como diz Buffon, cortando o ar com suas azas membranosas, acolá o grasnido metallico e lambido da agoureira sundára, mais longe, na mouta distante, o assobio, melancolico na sua monotona cadencia, do sacy, esse habitante sombrio das selvas, o Byron de pressuras, o Mephistopheles alado das lendas e superstições populares.

Os phosphorescentes perillaxos, lambucando a espaços na escuridão que envolvia o bairro em que me achava, me illuminado em estreito circulo pela debil claridade do embaçado lampião suspenso proximo á casa da pobre mulher, acabavão por tornar mais triste o espectáculo da noite a taes deshoras e em semelhante sitio.

Subito a mesma voz estranha e vibrante de poucos momentos antes soltou um segundo grito medonho, que me gelou o sangue nas veias e me fez estremecer dos pés á cabeça, e prounciou estas palavras entrecortadas, cujo echo se perdeu na soidão da noite.

—Pão!.. quero pão!.. quero pão!..

Um bater infrene de mãos n'uma porta e de pés sapateando com força no chão acompanhou estas cruéis palavras. Era ainda a louca, a louca que se debatia ralada pelas torturas da fome, esse abutre inferno que espicaca as entranhas da miseria.

N'este momento a pobre mulher que após inauditos esforços, conseguira atear o lume e accender o seu rolo, voltei-a do fundo do casebre. Então eu, que a aguardava no limiar da porta, entrei.

Vou tentar descrever, tal qual se me antolhou, á luz avermelhada e fantastica do rolo, o interior da miseravel habitação, cujos umbraes eu acabava de transpôr.

Sem corredor, a casa da pobre mulher compunha-se de um primeiro aposento, sobre que se abria a porta da rua, de paredes de atapão não rebocadas e telhavã, e a que servia de pavimento natural um chão negro e escorregadio. A um canto nma mezinha coxa, em cima da qual estavão amontoados alguns utensilios domesticos, parte quebrados, parte encardidos, e gastos por longo uso, um estreito e velho estrado debaixo da janella, dous ou tres nozes tremulas em diversos lugares, um formidavel balão, contendo uma grande e trouxa pyramidal de roupa, junto á meza, um pequeno oratorio de pão suspenso na parede sobre dous pregos, em torno dos quaes se enrolavão algumas folhas de palmeira secca, eis em que consistia a mobilia d'essa

O Vesúvio tornava-se cada vez mais ameaçador; ambos, porém, tinham tantas coisas no espirito e no coração, que não lhes restava tempo para pensar no Vesúvio.

A condessa subiu a carruagem e fez-se conduzir ao convento de Santa Maria das Graças. Chegando ali, disse a sua tia que, para praticar incoguitamente uma obra de beneficência, havia mister de um traje de religiosa. A abbadessa mandou-lhe trazer um que lhe servisse. Era vestido o. Quando terminava o seu «toilette» monástico, a velha veio procurá-la; ella a esperava á porta com uma carruagem fechada. Cinco minutos depois esta carruagem parava no angulo da rua San-Giacomo e da praça Santa-Medina.

Lia e sua conductora descerão e derão alguns passos a pé: entráão depois por uma pequena porta a esquerda, acháão numa escada soubria e estreita, e subirão para o terceiro andar.

Ahi chegando, a velha empurrou uma porta e penetrou em uma especie de ante-camara, onde uma outra velha a aguardava. As duas ciganas fizeram então Lia renovar o juramento de jamais dizer coisa alguma sobre a maneira pela qual ella havia descoberto a traição de seu marido; feito esse juramento nos mesmos termos que da primeira vez, introduzirão-a em um pequeno aposento em cuja parede divisoria tinha sido aberta uma fenda quasi imperceptivel. Lia encostou os olhos á essa fenda.

A primeira coisa que a impressionou n'esse aposento e a unica que a principio attrahio a sua attenção, foi a presença de uma eucautadora moça de sua idade mais ou menos, que repousava ainda vestida sobre um leito com cortinado de setim azul prateado; ella parecia ter cedido á fadiga e dormia profundamente.

Lia voltou-se para interrogar uma das duas velhas; ambas porém haviam desaparecido: tornou pois a encostar os seus olhos avidos á fenda.

A moça acordára; acabava de erguer a cabeça, apoiando-a, ainda adormecida, em uma das mãos. Seus longos cabellos negros cahião-lhe em aneis da frente até o travesseiro, occultando-lhe metade das feições. Sacudiu a cabeça para afastar esse véo, abriu languidamente os olhos, olhou em redor como para reconhecer onde estava; tranquillizada sem duvida pelo exame que acabava de fazer, um ligeiro e triste sorriso veio roçar-lhe os labios; fez uma curta oração mental, beijou um pequeno crucifixo que trazia ao pescoco e, descendo do leito, foi levantar a cortina da janella, olhou por muito tempo para a rua parecendo esperar alguém, e, como esse alguém ainda não apparecia foi sentar-se.

Durante este tempo, Lia havia-a seguido com os olhos, e este longo exame esmagara-lhe o coração. Esta mulher era perfeitamente bella.

Os olhares de Lia desviáão-se então da mulher para os objectos que a cercavão. O quarto que ella habitava era semelhante ao em que Lia fora introduzida; mas em quanto naquelle uma mão previdente reunira todos os mil detalhes do luxo, dos quaes é mister cercar sempre, como um painel de seu quadro, a mulher bella, elegante e aristocratica, no outro, onde se achava Lia, as paredes erão nuas, as cadeiras de palha, as mezas quebradas e havia-se-lhe deixado uma physionomia de miseria e vetustez.

Era pois evidente que aquelle aposento fóra preparado para receber a bella hospede.

Entretanto esta continuava sempre, na mesma attitudo, pensativa e melancolica, com a cabeça reclinada sobre o peito, a esperar aquelle que seguramente havia velado no arranjo do encantador «boudoir» que occupava. De subito ella ergueu a fronte, prestou ouvidos com ansiedade e ficou meio levantada e com os olhos fitos sobre a porta. Sem duvida o ruido que a tirára de sua meditação tornára-se mais distincto, por que ella ergueu-se repentinamente, levando uma mão ao coração e procurando com a outra um apoio, pois que impallidecia visivelmente e parecia prestes a desmaiar. Houve então um momento de silencio, durante o qual o ruido dos passos de um homem que subia a escada chegára aos ouvidos de Lia; a porta do quarto visinho abriu-se e a desconhecida deu um grito, estendeu os braços e cerrou os olhos como se não pudesse resistir á emoção que experimentava. Um homem precipitou-se no aposento e tapou-a sobre o seu coração no momento em que ella ia cair. Este homem era o conde.

A moça e elle não puderão senão trocar duas palavras:

—Odoardo! Thereza!

A condessa não pôde levar além o sofrimento; soltou um gemido doloroso e cahiu desmaiada sobre o pé do conde.

(CONTINUA.)

ALEXANDRE DU MAS

Continuação

- É uma mulher que é o objecto d'esse segredo, continuou a cigana.
—Moça? perguntou Lia.
—Moça?... sim, moça, respondeu a cigana após um momento de hesitação.
—Linda? continuou a condessa.
—Linda? não posso responder-vos porque vejo-a através de um véo.
—E onde está essa mulher?
—Não sei.
—Como, não o sabes?
—Não, não sei onde ella está hoje. Parece-me que está em uma igreja, mas eu não vejo d'esse lado; posso, porém, dizer-vos aonde ella estará amanhã.
—Aonde ella estará amanhã?
—Amanhã ella ha de estar em um pequeno aposento da rua de S. Giacomo, n. 11, terceiro andar, onde deve aguardar vosso marido.
—Quero ver essa mulher! exclamou a condessa. Cincoenta sequins, se eu a vir.
—Far-vos-hei vel-a, disse a velha; com uma condição porém?
—Falla. Qual?
—E' que, seja o que for que virdes ou ouvirdes, não apparecereis.
—Eu t'ó prometto.
—Não basta prometter, é mister jurar.
—Eu t'ó juro.
—Pelo que?
—Pelas chagas de Christo.
—Bem. Agora é necessario procurar um vestuario de religiosa, afim de que, se fordes encontrada, não sejas reconhecida.
—Mandarei pedir um ao convento de Santa Maria das Graças, cuja abbadessa é minha tia; ou antes... espera... Eu mesma irei amanhã de manhã sob o pretexto de visital-a; vae buscar-me ás dez horas em uma carruagem fechada e espera-me junto á pequena porta que dá para a rua da Arenaccia.
—Muito bem, disse a cigana; lá estarei.
Lia tornou a entrar em casa e a velha afastou-se meneando a cabeça e contando o ouro.
A's duas horas Odoardo voltou. Lia ouviu-o perguntar ao criado se não lhe haviam trazido alguma carta. Foi-lhe respondido que não.
Lia fingio não ter ouvido senão os passos do conde, passos que ella conhecia de longe, e abriu a porta sorrindo.
—Oh! que agradável surpresa! lhe disse. Voltaste mais cedo do que o esperava.
—Sim, disse Odoardo lançando os olhos para o lado do Vesuvio; sim, estava inquieto. Não sentes um calor suffocante? não vês que o fumo exhalado pelo Vesuvio está hoje mais espesso do que de ordinario? A montanha parece ameaçar-nos com alguma cousa!
—Não o sinto, nada vejo, disse Lia. Demais, não estamos nós em um lugar privilegiado?
—Sim, e agora mais privilegiado do que nunca, disse Odoardo: pois que um anjo o guarda.
Essa noite passou-se como a outra, sem que o conde concebesse a menor suspeita, tão bem soube Lia dissimular á sua dor. No dia seguinte, ás nove horas da manhã, ella pediu permissão ao conde para ir ver sua tia, superiora do convento de Santa Maria. Esta permissão foi-lhe de bom grado concedida.

e obra nossa. Fallaremos della como todo o homem, conscio de si e de seu dever, deve fazel o. A religião é sem contestação a mãe de todas as virtudes, do verdadeiro genio, da liberdade do pensamento caminhando para o seu justo desideratium; é o unico fôco de luzes que encontramos no templo da intelligencia. Ella eleva o homem acima de si mesmo, torna-o um gigante— o homem religioso não teme perigos, em fim é o unico ser verdadeiramente grande. Perguntai-o á historia; os exemplos que ella recorda de heroismo, abnegação e patriotismo, nos vem da religião.

Seu fim sublime conduz á fraternidade dos homens, e á emancipação dos males que sobre elles pesão. Sem ella não haveria sociedade possivel e o homem seria o animal mais feroz e inlomavel, a vida um crime continuado; os homens se evitarião porque cada um delles veria no outro um inimigo; o repouso, a calma, a tranquillidade voarião, e nos deixarião entregues á um combate interminavel com as más paixões; não haveria refugio no mundo! Esta verdade é tão intuitiva, que aquelles mesmos que por originalidade, ou para se tornarem excetricos ou famosos, negárão seus preceitos, e mesmo sua existencia, sempre a reconhecirão todas as vezes que seu genio libertando-se da oppressão de sua vaidade, estudava a si mesmo, e as grandes cousas que via! Enquanto alguns espiritos debilitados ou transviados deliravão nas cavernas tenebrosas do scepticismo e do atheismo, e legavão, como uma horrivel blasphemia, a vertigem de sua descrença á posteridade, se a si mesmos se não retractavão quando á beira da eternidade, as intelligencias fortes e robustas em saber, os investigadores dos prodigios da natureza, os Newton, os Pascal, os Bacon, os Chateaubriand, como um culto á fonte de felicidade geral, destruíão com a facilidade da fé as produções desregradas daquelles cerebros enfermos.

Quão bello é poder-se responder como Bias aos fugitivos de Priène, na occasião de sua tomada por Cyro.—*Omnia mea mecum porto*-- Bias na verdade era um philosopho, comprehendia a religião de Christo, 570 annos da passagem do Regenerador pelas procellas do Jordão. Seja qual for a influencia que esta palavra miraculosa tenha sobre o animo do homem, eu me alisto no numero daquelles que prestão um culto puro á sua omnipotencia; quer na ventura, quer no infortunio, oh! mãe da humanidade, tu sempre me acharás de frente curva ante ti, e quando levado pela furacão da desdita, eu me considerar sem forças para mais lutar, retirar-me-hei da arêna sem a menor saudade, e á ti me entregarei jubiloso.

Nos teus braços, e gozando de teus carinhos, eu contemplarei o mundo de longe, contigo chorarei os seus desvios lendo os livros de Job e Jeremias, e caminharei impavido com a minha cruz para o Golgotha, e depois para o valle de Josaphat, onde aguardarei cheio de confiança a minha sentença final!

(Continua.)



Continuação da antologia O HOMEM.

Comante Zoroastro, et Mios, et Solon,
Et le sage Socrate, et le grand Cicéron ;
Ils ont adoré tous un maître, un juge, un père :
Ce système sublime à l'homme est nécessaire ;
C'est le sacre-bien de la société,
Le premier fondement de la sainte équité
Le frein du scelerat, l'espérance du juste.

(VOLTAIRE.)

Este santeluo da humanidade, o baluarte mais forte da sociedade, amiga, protectora, consoladora dos afflictos, resume em si a historia de todos os seculos: nós a encontramos sempre nas tormentas da vida; ella nos offerece sua dextra poderosa no momento da depressão, e quando pres-tes a largar o fardo oneroso da existencia, ella nos acena para o umbral da eternidade.

Mãe gloriosa e fagueira das nações, eu que te dedico estas linhas, tenho por mais de uma vez sido animado e enrobustecido por tuas exhortações; quando afadigado cahia nos duros lagedos dos caminhos tortuosos de minha peregrinação subterranea, e o suor sanguineo do soffrimento me inundava as faces, e turbava a vista, tu, bondosa, me sustinhas e me designavas o homem da dor como o unico palmito do mar tempestuoso da mortalidade.

Hoje pois que navego com maior bouança, e em aguas mais calmas, te rendo infinitas graças, e te apresento aos que me ouvirem como a unica força capaz de lutar com o desespero de nosso exilio. Esta filha dos milagres do Sinai e do Thabor, esta guia do povo amado por entre as provanças do Egypto e as aguas embravecidas do Mar Vermelho, tem sido em todos os tempos a causa innocente de milhares criminosos. Na realidade, esta tem sido a partilha de todas as religioes da terra, tanto da Catholica, como da Judaica, da Jolamista e da Brahmânica, da Bouddhista e da Magista, da Sentista e da Sabesta, da Fetichista e da Chamanista, etc.; em nome de todas ellas, e por excitação de seus ministros, apelles justamente que mais devião zelar o bem estar da humanidade, se tem commettido os honores mais incriveis.

Na verdade, a religião que nos devia, com mais segurança e rapidez, levar ao complemento de nossa paz terrestre, tem operado um resultado inteiramente opposto; mas tempo ha, a culpa desse desvio lhe cabe; porém sim a hallucinação, ou presençade dos que imperavão nas diversas idades deste vasto theatro, que se chama mundo. Se as santas maxims desta divindade não houvessem sido abalocadas, nós hoje, indubitavelmente, seriamos felizes, ou antes na gloria angelica, seriamos hoje —homens.—

Se fossemos a comparsa e numero de victimas que os homens teem sacrificado aos seus preconceitos, e ao das emalocadas a religião, que é a paz e a virtude, portanto infensivel e immutavel de sangue, por certo o d'estas contaria maior algarismo. Mas se tratamos da religião debaixo desse ponto de vista; sera um drama de horror, e elle o que só e unicamente

Fazer uma justa apreciação de cada um dos systemas de imposto, seria, sobre ser superior ás nossas forças, ultrapassar o proposito cuja meta visamos, nós que, tao somente, consideramos esta questão quanto aos principios do direito politico.

Em tempos não muito remotos, classes privilegiadas existirão, sobre as quaes não pesava o onus do imposto; esta flagrante injustiça não podia durar por muito tempo, ella desapareceu do mundo civilizado, principalmente depois que, como refere um bem conhecido autor, — a nobreza não foi mais do que um titulo. —

As contribuições directas e as indirectas são as que, mórmente, combinadas, tem sido postas em pratica nos paizes cultos; releva, porém, notar que ambas não estão escoimadas de defeitos.

No que concerne ás primeiras, antolhão-se-nos as difficuldades de poder-se fazer um exacto e bem averiguado cadastro, por onde se possam avaliar os bens dos particulares, para a imparcial repartição da contribuição directa; porquanto os bens dos particulares estão alternativamente, a passar por constantes vicissitudes, o que enerva de algum modo a *desinteressada* acção desse imposto.

Por outro lado, as segundas muito mais sensiveis inconvenientes acarretão; são ellas feitas segundo o consumo, o que concorre a ferir o commercio, tornando-se, em consequencia vexatória.

O imposto progressivo finalmente, na apreciação do erudito Lamartine — é uma injustiça soberana, uma soberana demencia, e a ruina geral.

Decidimo-nos, pois, pelas contribuições directas, a nosso humilde ver, levando vantagem a toda e qualquer sorte de imposto; e isto porque se o imposto é o garantidor, o sustentaculo dos direitos dos particulares, é manifesto, que aquelle que mais direitos houverem de sujeitar á acção protectora das leis, com tanto maior somma deverá concorrer para exercer livre e exclusivamente taes direitos.

Que a repartição da contribuição directa deva ser da attribuição do poder legislativo, é uma verdade tão intuitiva, que bem podiamos appellidá-la de — axiomática; não obstante somos impellidos a fundamentar este nosso modo de pensar, mesmo porque certas verdades ha que, como muito bem diz o cidadão Perreau, demandão discussão para seu simples esclarecimento.

Verdade é que o orçamento das despesas publicas é feito pelo poder executivo; mas o poder legislativo, onde licitamente suppõe-se estar o conhecimento das necessidades mais urgentes d'aquelles cuja vontades elle representa, é por isso mesmo julgado o mais idoneo para decretar a lei geral do orçamento, e mais especialmente um dos seus ramos, — a camara temporaria, em favor da qual, pelas renovações periodicas dos seus membros, milita a ficção legal de que as necessidades, que tem de ser remediadas, devem estar mais ao alcance desta secção do poder legislativo, do que da outra — o Senado.

Terminamos as nossas mais do que perfunctorias ementas por louvarmos os legisladores, que sabiamente consagrarão na nossa digna Constituição tao justo preceito.

Cumpra-se fielmente o nosso pacto fundamental, e de sobejo teremos titulos para erermos na nossa felicidade. S Paulo, Setembro de 1859.

José da Silva Costa.

epochas, em que ja existia o dogma do Dualismo — (desde Zoroastro), então estabelecido como consequencia de abstracções metaphysicas, que decorrião das assimilações feitas dos dous objectos physicos oppostos — luz e trevas — aos effeitos moraes, que se julgavão correspondentes; isto é, a luz á virtude, ao bem moral e material, e as trevas ao mal, ao vicio em todas as variedades.

Para se comprehender isto melhor, faremos algumas prelecções sobre a theoria mythologica indiana, origem da egypcia, e esta da grega.

(Continua.)

DIREITO PUBLICO CONSTITUCIONAL.

Artigo 36. É privativa da Camara dos deputados a iniciativa:
1—Sobre impostos.

L'impôt est le signe de la civilisation.

LAMARTINE.

(Continuação.)

O imposto tem sido regulado por varios modos, em diversos paizes; e bons publicistas tem igualmente dissentido das opiniões uns dos outros. É assim que nós vemos, estes pugnando pelo systema das contribuições directas, aquelles pelo das indirectas; outros, por ultimo, adoptando de preferencia o imposto progressivo.

Em fim, o imposto, na expressão do autor ha pouco citado, diversifica ao infinito: e Montesquieu no seu imperecível tractado do —*Espirito das Leis*— estabelece como regra geral, que —pode-se levantar tributos mais fortes, á proporção da liberdade dos subditos; e é-se forçado a moderar-os, á medida que augmenta a escravidão.—

Como quer que seja, o certo é que sem elle o Estado ver-se-ha tolhido na prodigalisação do amparo devido aos direitos dos cidadãos; estes, portanto, não se devem subtrahir ao pagamento do imposto; com tanto que seja justo e proporcional.

Com quanto, á primeira vista, pareça o imposto invadir direitos dos particulares, qual o da propriedade; todavia, diremos com Hello —não ha direito sem limites, o mesmo direito de propriedade não está isento desta necessidade social.

Entre nós, a nossa Constituição no § 10, art. 15 recommenda o systema das contribuições directas, collocando na alçada do poder legislativo o fixar annualmente as despezas e repartir a contribuição directa. Observa, entretanto, o Sr. conselheiro Pimenta Bueno que, pelo que toca á contribuição directa, ella ainda não está estabelecida entre nós, e difficil será por muito tempo o estabelecê-la.

W. F. Rockwell, *op. cit.*, p. 100, também trata, sob o título astronômico, mas por hábito, da astronomia, e não o faz pelo modo de descripção de *Cypria*.

Hesíodo (c. 650-490 a. C.), não faz menção, como se vê em *Herodote*, da existência de *Platão* — *De caelo*, assim como das estrelas — *Syston e Tetrastona*, e não menciona *Trabalhos dos dias* — Nada, contudo, de systema. Portanto, não mencionarei alguma opinião dos philosophos, seguindo o modo que se segue, na obra em chronologico, que tenho adoptado, devida ao *Systema* de Xenophanes. Lê-se em Aquilles Tacio, que aquelle julgava que havia mundos extensivos ao infinito, nos quaes se sustentava.

Sendo Xenophanes do 6.º século antes de Christo, precedeu a Pythagoras, Anaximandro e outros, aos quaes seguirão-se Anaximenes, discípulo d'este, assim como *Platão*, que o tora d'aquelle, havendo-o sido antes de Socrates, Anaxagoras, Eudoxio, etc.

Pythagoras havia enunciado o systema diverso do que veio a ser organizado por Platão, seu discípulo, porque, conforme o descreveu depois Philolão, abrangia 10 espheras celestes, fazendo sua revolução em torno de um foco central igneo, que determinava a *estrela*, sendo a primeira a das *Estrelas fixas*, e immediatamente inferiores as de 5 planetas, que em ordem descensional vinhão a ser — *Saturno, Júpiter, Marte, Venus e Mercurio*. Seguião-se o *Sol*, a *Lua*, a *Terra*, e finalmente, diz elle, o *Antipoda da terra*.

E' attribuída por Plutarcho a Anaximenes a hypothese, que provavelmente Anaximandro, seu mestre, devia seguir, e ter-lhe ensinado, de ser o céo exterior solido e crystallino, tendo as estrelas adherentes como cravadas em sua superfície esphérica.

Anaxagoras, segundo Diogenes Laerce, opinava que na primitiva os astros se moviam em volta do zenith, sendo este o eixo vertical. Devia em consequencia ter-se produzido em virtude de algum cataclismo esse zenith, que não pode ser o centro da terra, e não ser em relação á terra conceituada centro.

Arato de Licurgo, systema que Eudoxio admittia tambem os ceos solidos.

Pelo que respecta a *Platão* vê-se em Diodoro Siculo, que este philosopho zo seu — *Timéo* — diz expressamente — Em torno da terra que repousa no centro do mundo movem-se a *Lua*, o *Sol*, e outros 5 astros denominados Planetas, formando em torno do todo sete movimentos circulares. — E' desde *Platão*, pois, segundo Delandrea, que data na Grecia o primeiro systema estabelecido de astronomia planetaria, que tenha chegado ao conhecimento dos cregetas e comenteiros modernos.

A analyse do *Systema* do egypcio é sufficiente para fazer sobresalir a concordancia de *Platão* e sabios, até a epocha de *Platão*, na creença de ser a terra o ponto central do Universo, creença muito naturalmente baseada na outra fundamental de se ter concedido ao homem o uso de toda a criação da natureza abundantemente. E' d'aqui se deduz a dependencia que a todo o firmamento se attribua e para com a terra, nesses tempos da infancia em calculos astronômicos.

Era tambem natural que se tomasse em diffundindo as primeiras noções de *geologia* e *geographia*, a creença da philosophia religiosa d'aquella

O YTORORO.

REVISTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS. — TERÇA FEIRA 17 DE NOVEMBRO DE 1859. N. 6.

APONTAMENTOS HISTORICO COSMICOS.

—

—

I

—

Os conhecimentos cosmologicos, tendo passado para a Grecia que os adquirira do Egypto, philosophos os mais famosos, sabios os mais illustrados, forão-os desenvolvendo e vulgarizando.

Não consta, porém, que, antes de Platão tivessem concordado em um systema, e o estabelecessem. Visto que nenhum se encontra nos exegetas e commentadores. Historicão-se alguns factos e opiniões conjecturaes ou tradicionaes, assim como algumas descripções de diversos philosophos, historiadores e poetas, onde se achão de envolta com outras materias estranhas ao objecto, diversas noções cosmologicas, esparsas em especies differentes de litteratura.

Acha-se (por exemplo) uma referencia de Newton a Clemente de Alexandria de ter este attribuido a Chiron, como constava n'um antigo poema grego intitulado — *Guerra dos argonautas* — a coordenação de constellações, que, como preceptor de Jason, trouxa em uma esphera para uso dos Argonautas. Para comprehender-se a epocha d'este facto, deve notar-se que Chiron, segundo Freret, nasceu no anno de 1120, antes de Jesus Christo. Na hypothese que contasse já por ventura 70 annos, o mais que deve julgar-se), quando construiu a esphera de que se trata, deixa ainda a esta uma existencia pelo menos de 1350 annos anteriores a era vulgar. Deduz-se, pois, que talvez fosse Chiron o primeiro entre os gregos, que ja tivesse conhecimentos astronomicos: attendendo-se, porém, a ser elle posterior a Moysés, nada implica, a que os houvesse adquirido do Egypto, como ja dissemos. Nem d'ahi se collige que os vulgares gregos estabelecesse d'elles um systema qualquer.

Na — *Ilhada* de Homero — que floreo ceo 4 seculos depois de Chiron, nota-se elle na descriptão do funeral de Achilles, as constellações d'*Orion*, *Pleiades* e *Hyades*, e a *Ursa* boreal, e igualmente as mesmas *Pleiades*

Mas trabalhar como um escravo,
Como um escravo em um vilão,
Lamentando a vida que se passa,
E além da vida que se passa,
Me chamarem de velho...

Lá isso não.

Andar com travesseiro de algodão,
Boa calça e bom sapato,
Vivendo sempre contente,
Passando por entre os amigos,
Sem medo de aliar-me a ninguém...

Lá isso sim.

Mas sem ter vontade de andar,
Andar feito um pântano,
Equem «capar» me e «aprender»
Pôr-me afinal a «deitar»
De «vellhaco» ou de «straco»...

Lá isso não!

Gostar de ler chatos livros,
Ou passear n'um jardim,
E ao lado da ruína, e lá,
Chamar-lhe de manduca «estrelta»
De meu canjão «de capitulo»...

Lá isso não.

Mas ir jogar, e perder
Dinheiro, tempo, e saúde,
Ou n'um cavallo «carrão»
Achando talvez prazer
Em levar um trambolão...

Lá isso não.

Ir casar d'uma donzella,
Tão pura como uma pimenta,
Embora pobre, não bella,
Que eu chame de «rosa» e «cilla»,
E ella de «arvore» e «nina»...

Lá isso não.

Mas ir casar d'uma velha,
Ou feia como uma pedra,
Sem fazer boas «paradas»
Gritando sempre «paradas»
Que o «dote» me «pare»...

Lá isso não.

Ler umas lidas «novelas»
D'um Lemos, ou d'um Palmarin,
«D'um «Pallão» ou d'um «Grandes Dias»,
Ou noticias «falso» e «ver»,
D'um solerbo «falso» e «ver»...

Lá isso sim.

Mas ouvir semideos,
D'um «discurso» com «falso» e «ver»,
Insossas «enciclopedia»,
Ou «prosas» banas e «ver»,
D'in-also politicos e «ver»...

Lá isso não.

Ver um amigo «carrão»
Que se interessa por mim,
Que me «cerva» no «carrão»
Com «carrão» e «carrão»...

sem lo a «amizade» o «fim».

Lá isso sim.

Ma ver um cynico vil,
Um monstro de ingratitude,
Que não perde um só «cutil»,
Que por «cutil» me leva «cutil»,
Com menos pejo que um capão...

Lá isso não.

Namorar moça formosa
Com seus dentes de «marfim»,
Embora nescia e vaidosa,
Cuja face imita a rosa,
Ou velludo carnesim,

Lá isso sim...

Mas «amal-a» mui deveras
Com amor e com paixão,
Dizer-lhe phrases sinceras,
F'ao altar ir com veras
D'esposo lhe dar a mão...

Lá isso não.

Sempre o meu proximo amar
(Como o padre ama o latim),
Esmolas aos pobres dar
Sem no bolso me faltar
Quanto me chegue p'ra mim,

Lá isso sim :

Mas eu ser um perdulario
Em toda e qualquer função,
Deixando-me ir ao succario
D'um «chupista» fino e vario
Que me chame paspalhão...

Lá isso não.

Fer prudencia, e ser ousado,
Em coisas que tem bom fim,
Da razão me pondo ao lado,
Tornando-me respeitado
Sem tornar-me espadachim,

Lá isso sim :

Mas andar mettido em brigas,
E ser forte campeão
Das «tolos», das «raparigas»,
Das «casneiras», das «intrigas»,
Que nenhum lucro me dão...

Lá isso não.

Ler a bolsa recheiada,
Sentar-me em brando coxim,
Cama fôfa e acciada,
Mesa lanta e variada,
Vinho fino e bom podum...

Lá isso sim.

Mas bolsa sem enchimento,
Sentar-me no duro chão,
Sem ter canja de espavento,
E os «falsos» fazer um cento,
E não emfim «camaleão»...

Lá não não!

Santos. — S. AREVELLO.

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

no âmbito da Massé,
 (ainda patibularmente
 explorado, do poder
 Uraguá, um dos
 locais no ano de 1824)

Havíamos caminhado
 sobre a mata, vendi por
 um grande, parando de

— É esta, a mulher
 Era uma arachnida
 porta caracolosa —
 podia observar a frons

— Pois abra a porta
 E lá metea a mão
 Na introdução a na fons
 com a pobre mulher, e lá
 to rangendo em seus que

Profunda escuridão
 grilo de terra esfumada
 toda. Era o acollimento

...pele acollimento, de um dia
 ...tanto, entre outros, meo
 ...poli neo colonial, e a
 ...de santo, que teo

...algum, in
 ...da En-

...de computado,
 ...que tudo

...vestido, e tirando uma chi
 ...os esforços que empre
 ...abriu-se finalmen

...um nivo selvagem e guttural,
 ...a nossa che
 (CONTINUA.)

POESIA.

Lá isso sim.

Lá isso não.

Ao meu amigo A. Miz. P. do S. M.

Ser amigo do *leão*
 Que conserva o *leão*
 Não continuo *São*
 Sendo do *Porto*,
 Que alegre acs *out*
 Lá isso sim.

Mas se beber, *pro*
 Do *teverneiro*, *all*
 Tremendissimo *am*
 Que, sem *heença* do *P*
 Que a *força* ser *cl*
 Lá isso não.

Trabalho, *ou* *o*
 Fecho *incerto* um *al*
 Sendo *uma* *de*
 Muito *do* *diver*
 Com *tanto* *cap*
 Lá isso sim.

Mas a *bele* sem *graga*,
 Meu tempo perder em vão,
 Por vinho beber *cachaga*,
 E dançar e uma *carcaça*
 Mais velha que o pai Adão...
 Lá isso não.

Uma *pro* do meu dinheiro
 Com *garanti* seu fim,
 E *arrancando* o *mealheiro*
 Como Rio de Janeiro
 Bilho no *Santa* por fim,
 Lá isso sim.

Mas *po* com fraco juro
 No *milha* d'um *pobretão*
 Sem o *ter* muito seguro,
 Sem mesmo *lhe* encontrar *furo*,
 Do *capital* vir á mão...
 Lá isso não.

Com *o* dinheiro, sem custo
 Fazendo *vos* os assim,
 Dos *zolos* não tendo susto,
 E *arrancando* até muito justo
 Que todos *gostem* de mim,
 Lá isso sim.

4. — Ainda se vê a casa de S. Paulo e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Segundo de S. Paulo, a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Pelourinho, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

D'entre as coisas que se podião observar no anno da graça de 1853 na cidade de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Formado de pedras e de barro, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Na epoca de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Hoje não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

Uma cousa que se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

2. Atesta S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

3. Segundo me narra S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo, e porque d'elle não se vê a casa de S. Paulo.

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

EM DICHA VULGAR.

II. O FABRIL DA FORÇA.

A noite estava fria e humida, uma neblina, propria da estação e muito commum nas noites de inverno, em S. Paulo, pairava na atmosphera, estendendo o seu manto alvadio sobre a cidade. A torre do Quartel, de todo erma e mergulhada no mais profundo silencio era apenas allumada de longe em longe pela luz mortifica dos raros lampeões que n'ella então existião. De tempos a tempos ouvia-se unicamente o piar lugubre e monotonico de uma coruja sobre o telhado do quartel.

Conheceis por ventura o fabril do Amador Bueno? Lembrais-vos dos seus mil estreitos beccos, eurtos viellas e ruas innumeradas e desencontradas, beccos, viellas e ruas em grande parte habitadas por familias obscuras, pobres mulheres, proletarios, gente que não se sabe como, nem de que vive? S. Paulo! cidade por excellencia triste, mas poetica. De uma poesia sombria e languida, cidade em cujas ruas se encontra a cada passo um soldado, um padre, um estudante, uma mulher, cidade de tantos mysterios, dramas intimos e desgraças ignotas, cidade onde a prostituição é uma praga que flagella a parte mais numerosa e fraca da classe baixa, a miseria o effeito de uma epidemia sem nome, não fostes vós o theatro onde se inspirou principalmente a drama de Alvaro de Azevedo, esse genio criança, amamentado por Byron e Missolonghi, a amargura do «spleen» e da descrença, não fostes vós a fonte onde bebem a sua poesia lamartiniana o merencorio Bernardeste Guimarães? Oh! sim, e pesada no inverno a atmosphera de vossas ruas, é triste-nho sempre o aspecto de vossas tapas, sempre cheias de devassidões as vossas noites! Quanta vergonha não se esconde ali nas trevas da indigencia! Quanta filha do povo não chora a honra perdida e não respira, arrastando-se no negro tremedal do vicio, o ar corrupto da embriaguez e do deboche!... Quanto filho sem pai!... Quanta mãe deshumana que mata no ventre o feto mal desenvolvido!... Quanto pai que cõra do fructo dos seus amores occultos, e o desconhece... por vaidade e sem consciencia!

S. Paulo é uma cidade, cuja ressonancia e estudo vos deixa uma longa e profunda impressão n'alma. Não é de todo que, como os cygnos da poesia brasileira, de que fallei, tantos outros poetas, almas cantando os seus primeiros cantos, elevando-se nos azules das suas musas variadas, ou ouvindo o murmuro suspiroso do «Anhangabahú» ou ao contemplarem a natureza serena do placido Tamandua-tchy (1). Na primavera da vida, que vão passar na Pólis, onde a Faculdade de Direito semelha um grande foco de luzes que allumina e atrahê as longinquas raias do paiz, esses poetas tem alli repartido as suas horas entre os estudos escolasticos e os devaneios da fantasia, e não são ratos desgraçados, nem o desgraçado catalogo dos nossos vates, aquelles que, havendo balbuciado os seus primeiros versos inspirados pelo bello clima da rianha dos campos de Piratininga, applicam para sempre a lyra ao perderem de vista as suas casinhas de rotulas e torres pontagudas.

1. «Anhangabahú» e «Tamandua-tchy», corruptelas dos vocabulios indigenas «Anhangabá-hy» (Agua da diadema) e «Tamandua-ete-hy» (Agua do Tamandua-bandeira), conforme se pôde ver na *Historia Geral do Brasil* de F. A. Varnhagen, Tomo I, Secção XVII, pag. 318. «Anhangabá» é o nome de um ribeiro que serpêa entre a cidade de S. Paulo e a freguesia de São João, a ella annexa, e de um pequeno rio que para o taboão corre ao longo da cidade, correndo ao longo de uma valmão baixa.

levarem a deidade a outras potencias estranhas! Seria para esse fim reprovado que Deo, com tanta sollicitude formou o homem? E' triste e tenebroso, não cumprir dize-lo: a lei é uma burla, a lei não existe; a lei tal qual é, quer dizer a força, e a força não é nem o direito, nem a justiça.

E', pois, do dever de to-lo o homem conscio de sua dignidade oppôr uma resistencia declarada e tenaz ao despota que agrilhoa o homem, e agrilhoando o homem, insulta a Deo, que é a perfeição. Quem negará que os assassinos de Leonidas e de seus trezentos bravos obravão em nome da lei?... e n'este caso o que era a lei? Se os que pugnávão pela lei de Xerxes crão homens justos, o que seriam os defensores denodados da liberdade grega nos desfiladeiros das Thermopylas?... o logico mais consumado que responda! Nos tempos turbulentos da monarchia romana, quem sustentava a lei, aquelles que crão chamadas facciosos ou os que imperavão? Quando Carlos 1.^o de Inglaterra e o parlamento se combatião, de que lado estava a lei? Nos dias da Constituinte Franceza, quem pugnava pelos direitos da lei, Luiz 16 ou os representantes do povo sublevado? Muitos exemplos iguaes a estes poderião ser com facilidade produzidos; o trabalho, porém, é excusado porque elles superabundão. Responda a razão calma e fria: lancemos por um momento as vistas para o quadro medonho e tenebroso da Europa de nossos dias: de um lado vemos os reis do alto de seus thronos, fulminando o que elles chamão leis contra os direitos mais sagrados e reconhecidos de seus povos, que, na abjecção mais deploravel, de tudo necessitão; do outro, os chefes do povo de mão armada protestando contra o poder regio! Seria para chegarmos a esse ponto atribulado que o homem tem com paciencia soffrido durante sessenta seculos? Seria para isso que a victima do Golgotha, soltou estas palavras repassadas de angustia: —Eloi, Eloi, Lamia Sabacthani! E' porque, o Homem Deos previa o que deveria acontecer. A lei, pois, da justiça não existe ainda entre os homens; o que existe é a prepotencia que plantou a desigualdade entre os homens, a desigualdade attenta contra a liberdade; attenta portanto, contra o pensamento, contra a intelligencia e finalmente contra Deos! Será isso um absurdo ou um paradoxo? não é um absurdo, nem um paradoxo, é a verdade! Appellamos para os profundos pensadores. Somos brasileiros, estamos pois acostumados á considerar o nosso pensamento tão livre como o condor dos Andes ou as aguas dos montes que para o mar correm. Somos falliveis, nossas opiniões poderão ser erroneas, mas temos a virtude de enuncial-as livremente. Pois que somos do imperio de Santa Cruz, portanto livres, prestamos culto á verdade e á justiça, registrando as palavras que se seguem: se ha um lugar no mundo onde a lei quasi se iguala com a justiça, esse lugar é indubitavelmente o Brazil; e de certo assim devia ser, o imperio que occupa a mais bella porção do globo, que contempla maravillhado os cimos do Chimborazo, do Cotopaxi e do Sorota, os gigantes Amazonas, Prata e Orinoco, devir ser justo quanto pó le sel-o a humanidade. O povo entre todos o mais amado de Deos, entre o qual elle de certo plantará o seu tabernaculo, quando os preconceitos prejudiciaes e funestos findarem; este povo que já na sua infancia tem consummado prodigios; este povo indicado para levar a effeito a fraternidade entre os homens; este povo, de certo reconhecerá a justiça das palavras que enunciamos. Fallamos para o publico; portanto para a vida do futuro, que é a posteridade; dizemos, pois, pura e simplesmente a verdade.

(Continua)

Conto de Jerrold. — *THE BIRD OF PARADISE*

Quel est-ce que c'est en l'autorité suprême
 Contre un problème si vaste et beau — problème
 De donner au homme, c. d. libre et de l'air chargé?
 (C'est la question d'un poète-cultivateur).

Le monde est un petit bird, un très charming
 world — l'world le quite a bird of paradise — if
 you get a terrible bill.

(@Jerrold.)

E da barra de Santos, ouvindo o estridor das ondas que, vindo de longe, expirão amorosamente no púncio as orlas do berço dos Andradas: em face da natureza pomposa e magnífica da terra dos patriarchas, capaz por sua magnitude esplendida de respirar a intelligencia mais glacial e enfraquecida, de inspirar o heroísmo e o sublimo dos herões athletas dos tempos infantis da Grecia, e pensamentos mais arrojados, mais aulazes, o mesmo poeta magestoso e avinal da — Jerusalem Libertada; — é pois, desta terra de promissão, que se acha em cada folha impresso o dedo gigante do Architecto, que escreve sobre a Lei. — Minhas palavras pallidas, meus conhecimentos amesquicados por tantas lutas, não darão ideia desta palavra granhiloquante que domina o mundo!

Havendo Deos proclamao a soberania rei do Universo, não o sujeitou em principio á cega pressão que não o da mais pura moralidade: tendo, poren, a natureza se declarado contra a calma e tranquillã posse do retumbar, cãhido pela omnipotencia, cahio elle do absolutismo ha pouco as mãos e vergou a fronte alliva á lei escripta! Desde esse momento comegou a lita continuada e renhida entre a intelligencia que tentava libertar as terras da lei e a força della que, empregando a energia de sua força, resistisava o pensamento que heroicamente reagia! Essa lita que tem por arena a face do orbe, ainda se sustenta com a persistencia do desespero: quando cessar, a humanidade estará regenerada, e o pensamento, com a robustez primitiva, de novo tomará seu voo para junto da Immensidade, a direita da qual orgulhoso se sentará. Até que chegue esse momento, o throno, despojo de sua magestade, soffrerá as consequencias inexoraveis do anathema do Eden, que o privou do destino grandioso para o qual havia sido creado. Na verdade, a lei quer dizer o castigo, e o castigo, quer os direitos sagrados da liberdade; em quanto existir a lei, o homem não vive, embora o utopismo dos ideologos vise á perfeição. A autoridade significa a sujeição, e a sujeição aniquila a inviolabilidade do homem. Qual é a significação das leis de Lycurgo, de Draco, de Solon? por tentarem estabelecer ellas o direito imprescriptivel do filho bem amado do Deo de Israel? A lei impera em tolos os angulos da terra, entre a tripa do deserto da Arabia, nas florestas copadas da America, nos desertos e montes da Africa, nos saloes dourados da Europa, por toda a parte, e em todas as insignias! Se a lei sustentasse a justiça, seu dominio seria universal, e a liberdade para todos a lei protegeria e poderosa, estagnaria o mundo, e a lita do campo da humanidade. — Temos visto muitas vezes a lei, e a justiça, e a liberdade, e a

— Não, eu não quero saber de nada, nem da fortuna da condessa, nem de si, nem de nada que me cubra a resolução.

— Toda a pessoa que me apresenta o mal que a ameaça do que o tempo lhe pôde acontecer, não se dá ao trabalho de me consultar.

— Sim, tens razão, mas eu não posso acreditar na tua ciência, não hesitaria em consultá-la.

— O que arruina-me contempou a velha. As primeiras palavras que eu vou dizer vereis se minto.

— Tu não podes saber o que eu quero saber, disse Lia. Assim, não minto...

— Talvez, disse a velha. Experimenta.

Lia sentio-se esmagada pelo continuo que desde o dia antecedente a dominava. D'esta vez a mão da agulha vinha e aproximando-se da velha, perguntou:

— Pois bem, o que eu quero que eu faça?

— Dae-me vossa mão, respondeu a velha.

A condessa desce a mão da agulha e estendeu a sua mão alva, que a velha tomou entre as suas frígidas e rugosas. Era um quadro bem combinado esse em que se via uma jovem, bella, e elegante e se destacava a personagem, de pé, pallida e immovel, diante de uma velha, gorda, e vestida grosseira e de tez roqueimada pelo sol.

— O que queres saber? disse a condessa, de pé de haver examinado as linhas da mão da condessa. A tua mão não como se lhe fosse possível ler sobre ellas tão facilmente como em teu caso.

— Dizei-me o que desaeser me dá o presente, o passado ou o futuro?

A velha prometteu os seus poderes com tal confiança que Lia estremeceu; ella era Italiana, e pôde-se supôr que, criada por uma ama calabreza, ella fóra embalada no berço com historias de vampiros e feiticeiros.

— O que eu quero saber? disse a velha esforçando-se por dar á sua voz o acento da ironia; desejo saber o que posso fazer para indicar-te a fe que posso ter no futuro.

— Nascestes em S. Angelo, a velha, sã, rica, sois nobre, fizestes vinte annos pela ultima festa de S. Angelo, Arco, e esposastes de pouco um homem, de quem estivestes separada por muito tempo, e a quem amaes profundamente.

— E' isso mesmo, disse a condessa, e lembrou-se o meu passado.

— Quereis saber o que me dá o futuro? disse a velha tirando sobre a condessa os seus olhinhos de vibora.

— Sim, respondi-lhe a condessa, em momento de silencio e hesitação; sim, eu o quero.

— Sentis-vos forte e segura em portá-lo?

— Sou forte.

— Mas se eu acceitar, o que me dáreis? perguntou a velha.

— Esta bolsa, respondeu a velha tirando da algibeira uma bolsinha entremeada de perolas e naquelle momento atravessou a seda, uma porção de sequins.

A velha lançou a bolsa e os sequins sobre o ouro e estendeu instinctivamente a mão para tomal-os.

— Detende-vos, disse a condessa, ainda não o ganhastes.

— E' justo, signora, respondeu a velha. Dae-me vossa mão.

Lia deu a mão á velha.

— Sim... sim... e depois, murmurou a velha, o presente e bem fizeste cousa para vós, signora; porque apanhei uma linha que vaé do polegar ao annular e que me diz que sois zelosa.

— E não tenho razão para isso? perguntou Lia.

— Ah! isto não volo saber, respondeu a cigana, por que aqui a linha se confunde com duas outras, e não sei o que me dá o futuro, e que vosso marido tem um segredo que vos occulta.

— Sim, é isso mesmo, disse a condessa, e continuou.

(CONTINUA.)

nomos precisos e uma... como complemento das suas... não terá por sua vez... d'elles, em compen... d'ellos, em compen... d'ellos, em compen...

Temos, consequentemente, como o illustre Thier, que — a

Continúa.

VII. A NECESSIDADE DE SE AJUDAR

Depois do almoço, o... a sua mulher o exercicio d'esse

Lia subiu ao pavilhão... direção de Avellino. D'esta

Ella resarrou. — De... instante em que se achava

Dentro em pouco... que os pobres a esperavão.

Lia desceu, tomou... e encaminhou-se para a grade do

Ao passo que se op... aquelles que haviam recebido se reti-

Lia chamou-a, ella... alguns passos para ella, a velha

— Attendei, boa... apresentando-lhe uma pequena mo-

— Eu não peço... a velha, o meu officio é dizer a buena d'icha.

Lia olhou então para... reconheceu seu

De feito seu traje... Solatro e de Avellino, não

Lia reconheceu... alguns

— Tanto? não...? disse a velha.

na evidente utilidade da instituição da magistratura, á qual compete não só observar e punir os crimes, os peccatos emanados do poder competente, senão tambem applical-os aos casos emergentes. Além disso, assiste ao Estado o paço dever de inculcar no coração do seu povo esses sentimentos religiosos, que são por a sua vez a consolidação e o verdadeiro cimento de suas instituições politicas e civis. É a Religião, que todo e qualquer povo deve ter como o Astro tutelar, que illumina as ríspidas avenidas da vida, a fim de que não caia em oblição as ordenas de premio e castigo distribuidos na exterior mansão. É a Religião que, vinculando as relações dos cidadãos, a estes leonduz a mão que pela mão a entranharem-se seguros pela ampliação do progresso.

Para levar ao Effecto ta condição, convem que o Estado, para o exercicio de um negocio de tão grandioso, como de tão palpitante interesse, escolha órgãos taes, que a par da instrucção e virtudes que devem caracterisal-os, pratiquem de modo que, por sua vida exemplar, na subministração de alimento espiritual, se tornem credores da gloriosa estima e honra devidas á excellencia do sacerdotio.

E como entreter-se o exercito e a marinha, elementos de força sim, mas verdadeiro auxiliares dos direitos magestáticos de um Estado? Como cultivarem-se as relações diplomaticas, por meio de emissarios enviados para o seio de outras Nações? Como assegurarem-se os meios de subsistencia aos que assumem os importantissimos encargos da administração da justiça? Como realisarem os sacerdotes a sua sacra missão, a não dispor o Estado de recursos pecuniaros, para todas as classes elemento vital? De mais, como aquarem-se os cofres do thesouro publico, donde extrahem-se as sommas para a satisfação de certos compromissos, pelos quaes tão violentamente clama o bem commum?

Removem-se todos os obstaculos, a ordem restabelece-se, desde que lembrarmos que ta heetta lo expediente de que se lance mão saua tudo: eis o imposto.

O imposto, como define o illustrado Lamartine) é o aluguel pago por cada cidadão facultado da comunidade, pelo lugar que occupa sobre o terreno, no edificio ou sob a protecção das leis da sociedade.

O imposto, como sensatamente exprime-se este mesmo escriptor, não é improductivo, não é uma perda esteril, não é ainda um empobrecimento, como o pretendem os ignorantes.

O imposto estimula o trabalho, expelle a indolencia e promove a riqueza por quanto a lembrança do imposto o contribuinte tem de pôr em actividade as suas forças, a fim de facilmente suppril-o, o que inquestionavelmente coopera para o augmento do seu patrimonio. Accresce que o imposto, procedendo de cada um dos contribuintes, reverte, frequentes vezes, em prol d'aquelles mesmos que, contribuindo proporcionalmente, são investidos de diversos empregos publicos.

A paz, que faz prosperar a riqueza, facultando aos particulares os meios tranquilllos para que elle possam dar-lhe impulso conveniente, tem em grande parte a sua garantia no exercito e outros accessorios, que trazem á idea immediatamente o soldo, as vituvas e tantos outros gastos de que não pôde o Estado abater-se.

Se os cidadãos exercito um direito exigindo do governo constituido os

melogo. A respeito do primeiro, ou seja, o Rei dos Assyrios, não há quem expresse se!

Postremo, o nome de *Zoroaster*, ou *Zoroastro*, o go *Bactrianorum*, fuit, qui primus dicta sidera, et mundi principia, siderumque motus diligenter observavit. *Probatente fore guerra com Zoroastro, rei dos Bactrianos, que descobriu a primeira que descobriu as artes mágicas, e a arte de adivinhar os principios do mundo e movimentos.*

Outros, porém, como os Chineses, e Chusibus, querem que fosse Atlas.

Lê-se no *Uranion*, que *Atanem* humens eorum sustinuisse dicitur, quia primus cursum Solis, et Lunae, et unquam omnium deprehendit, idest Astrologiam inventit, et ab eis construxit. *Diz-se que Atlas sustentava o céu nos hombros, e que descobriu a primeira que conheceu o curso do Sol, da Lua e de todos os Astros, e inventou a Astrologia e construiu a esphera.*

Não se pôde, por tanto, entre opiniões tão diversas colligir qual fosse realmente o lugar em que tiveram começo as primeiras noções de Còsmologia anteriores as que se attribuem aos Egypcios, e depois aos Gregos.

Pelo que pertence ao Egypto, sabe-se que essas noções existão já no tempo de Moysés: porquanto achão-se na Biblia, no livro de Job, declaradas as constellações *Pleiades*, *Hyades*, e *Orion*: e sendo esse livro escripto pelo mesmo Moysés, como se supõe, mais geral, fallecendo este no anno 1451 antes da era christã, e tendo o seu nascimento 120 annos antes no Egypto, bem como a acquisição de sciencias, é claro que já alli existião conhecimentos cosmologicos pelo menos 1500 annos antes da nossa era. E sem duvida alli se estabeleceu um systema completo, como é sabido; o que queremos pôr demonstrar e que, emquanto tal systema não fosse logo vulgarizado, todavia por estes trechos se reconhece sua antiguidade. E aqui é forçoso dissipar uma duvida, que naturalmente tem de suscitar-se. As denominações de *Pleiades*, *Hyades*, e *Orion* são gregas, o que parece estar em contradicção com o texto, visto que esses nomes não são do tempo de Moysés. Deve porém notar-se que, para se usar de letteres do texto hebraico, era necessario que os *Septuaginta* usassem as denominações egypcias pelas gregas correspondentes, uma vez que então se achavão em uso.

Deve tambem notar-se, que se por ventura existio, antes do egypcio, systema cosmologico methemico, deveria ter sido em mui diminuto desenvolvimento, attenta a natureza mesquinhez de todas as produções do espirito humano em suas primeiras. E além disso ignora-se que tivesse permanencia, a qual aliás subsistiu no Egypto ao menos na parte respectiva ás constellações do *Zodiaco*. A natureza dos 12 asterismos d'este são ainda actualmte as mesmas dos Egypcios, que a coordenarão, significando symbolos, tanto assim que presidem a cada mez do anno, sendo o *Aries* consagrado a Jupiter Hammon, o *Taurus* representando Apis, o *Gemini* correspondendo ao *Horus* e *Harpocrate* divindades inseparaveis, o *Cancer* sendo consagrado a *Amubis*, o *Leo* pertencendo a *Osiris*, o *Sol*, a *Virgo* á *Isis* (Lua) e *Libra* com o *Scorpius* a *Isis*, o *Sagittarius* a *Hercules*, o *Capricornius* a *Mendes*, os *Pisces* e *Nephtis*, e finalmente o *Aquario* significando o preceito de ir encher-se no rio, e a divindade em Jenero, mez denominado -- *Tybi*.

O YTIORORO.

REVISTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SEXTOS. — RIO DE JANEIRO DE 1839. N. 5.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

ESTRADA

DE JANEIRO

1

Para diffundirem
lhos, archeologos nos
quanto tem appareci
e outras monumentos
baridade e do van
minas após outras res
nesses tempos, já de
nal, e quasi toda a l

O esmero, com q
desvelada de abaliss
hermenutica a uma
logia e a Historia re
tre as quaes se reco
ideias cosmologicas

Alguns escriptores

Aqui tendes com
Chaldéa, cujo gran
forão o fundamento
assim como a Geo
enchentes do Nilo q
que quizesse end
campo do deserto
teriamos para ell

El historico for d

Essa emulação da historia, profundos sa-
com cessado de pesquisar e examinar
pitos, inscripções, hieroglyphos, estatuas
primivos escapados aos estragos da bar-
civisões das invasões successivas que
da primeira civilisação, quaes forão
Asia occidental, a Africa septentrio-

quanto resta, e a interpretação
a critica a mais sã, assim como
a Physica, como a Philo-
de variedades instructivas, en-
de 10 seculos, já os homens possuão

a Astronomia é oriunda da Chaldéa:

Podemos assim se exprime:
a esses antigos Pastores da
as primeiras observações, que
esta na Chaldéa,
origem no Egypto, onde as
campos derão causa a
para distinguir o seu
filha da ociesi-
Poesia, boas razões

do primeiro Cos-

profundos sa-
de pesquisar e examinar
hieroglyphos, estatuas
da bar-
successivas que
Asia occidental, a Africa septentrio-

quanto resta, e a interpretação
a critica a mais sã, assim como
a Physica, como a Philo-
de variedades instructivas, en-
de 10 seculos, já os homens possuão

a Astronomia é oriunda da Chaldéa:

Podemos assim se exprime:
a esses antigos Pastores da
as primeiras observações, que
esta na Chaldéa,
origem no Egypto, onde as
campos derão causa a
para distinguir o seu
filha da ociesi-
Poesia, boas razões

do primeiro Cos-

Elle-même — *Elle-même*

O colôro do céu não é nem azul nem amarelo nem avermelhado. Nem o verde nem o branco nem o cinza nem o negro nem o alba.
— Espera, espera, até que se occorra me um meio de se pintar o céu.
qual é o culôro do céu?
— 1728. — *Elle-même* — *Elle-même* moribundo.
E expira.

Ensemble — *Ensemble*

— Ah! que prazer em encontrar-te, meu amigo.
— Porque não te vejo mais?
— Tenho de ir a Paris para comprar cinco francos; emprestado.
— Fã-lo-lua e não te esqueças de trazer quinze...
— Não te me esqueças de trazer o dever-me-hás de trazer.

Tablette — *Tablette*

Semelhança por 20 francos.
Meia semelhança por 10 francos.
Um ar de família por 19 francos.

Epitaphio — *Epitaphio*

Aqui jaz a Sr.ª Maria da Conceição,
10 de Agosto, 1768.

Opus — *Opus*

Um joven desappareceu e não se viu ultimamente com Mr. P. que convenceu no officio do Sr. P. a procura de um ponto de partida para a vida.
— A fê, minha filha, respondeu o velho caudilho, não se possa dar uma solução certa; pois se não se sabe, no occu- so da minha filha, não se advogará uma vez pró e outra contra, e talvez ambas.

O homem que vive até ao tempo mata o homem que vive até ao tempo.

A mulher que vive até ao tempo mata a mulher da nossa vida.

A modesta não se vê; a pertuosa da violeta; e a modesta não se vê, vezes sem ser vista.

O scollum e o scollum e o scollum que videntes os grães e o scollum e o scollum zolo entre o scollum e o scollum.

O de ego e uma pendula bem dada e regular.

A razão humano se compoz de uma gotta luminosa no meio de um lago de nevo.

A mulheres desconfia muito do ho- mem, em geral, e não quanto ha de o pa- ticular.

Viver, e lembrar-se.

O coração de uma mulher semelha um alio; acabasse por se entrar a'elle e burca de se esperar na antecâmara.

Deos dizia a Moysés: «Eu sou aquelle que e»; o capitalista de hoje diz: «Eu sou aquelle que tem».

A vivacidade passa ás vezes por espirito, e assim como a colera por coragem.

CHARADA.

Aqui o mar
Cavado cake;
Daqui o baixel
Ligeiro sahe. — 2
Fructa que veio,
Mui saborosa,
As nossas plagas
Viver mimosa. — 2

Conceito.

Serve nas artes,
Nas armas tambem.
No resto da bella
Eucantos tem.

J. J. A. A.

ERRATA.

No numero 2.º pag. 4 l. 2 em vez de elle os actua — lêa-se — elle os atua.

No mesmo numero pag. 6 l. 17 em vez de: «potencia superiora e occulia — lêa-se — potencia superior e occulta».

No mesmo numero pag. 8 l. 2 em vez de: «ulta-romantico — lêa-se — ultra-romantico».

No numero 3.º pag. 7 l. 7 em vez de: «o simple contracto da ideia da morte» — lêa-se — «o simple contacto da ideia da morte».

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

POESIAS.

SONETO INEDITO. (1)

Seja to leve a terra, e seja to
Carajoso escriptor, da penna
Oat' ora ella te vio, senão
Bogar da liberdade o teu nome.

Frigos vendeste, subjugando
Ao despótismo audaz, luctando
Viste de bençãos mil, de honras
Triumphar a razão, inextinguível.

Ah! se podem soar nas montanhas
Os tristes echos do mar, e das
Que em nos desperta a terra...

Attende lá do empyreo...
A dôr pungente, e luzida...
No Brasil que em perdas...

SAUDADES DO PIRAHY.

Lá, nessas serras, onde as pedrinhas
Enchem de aroma o ar, e as montanhas
Lá, nos regatos, onde a lyra
Conversa c'as pedrinhas...

Abrçada c'as arvores de...
Os perfumes no ar hebe...
Beijando pelo chão, e ouvindo...
Conversar c'as pedrinhas...

Jaz minha alma sandosa...
As montanhas se cobrem...
As brisas beijão suspirando...
E as florestas acordão...

O bacharel José João...
Verza, vulgo — o boi...
curso Juridico de S. Paulo...
publicação do «Correio Verzeiro»...
p. p., transcripta de um...
estado como natural da...
nas Gerzes, foi oriundo...
o mhi baptizado na freguesia...
a 19 de Julho de 1812. Faz...
miquis foram publicadas...
na occasião do assassinato...
Deputado Badurá, redactor...
Psalitana, e circulou em...
crem as contemporaneas...
kama Inzito, que ditta...
surto na metropole.

La, pelo modo, o acalado eou
n' d'ella de m' trellas, e os pallores
De tremor indutos do luar se esparzem
Intundido, pra' o no' no' ou dere.

La, pela terra, pelo ar e lymphas,
Lá, das alvoradas nos rubores,
La, pelos raios do luar e estrellas
Viva minha alma a se banhar de amores.

S. Paulo, 5 de Agosto de 1859.

ZORASTRO AUGUSTO PAMPLONA.

VARIEDADES.

Inglês por demais curioso.

Em a Escola Imperial dos -Surdos Mudos.
O Director — Senhores e Senhoras, estes
vamos responder a todas as perguntas
que quizerdes lhes dirigir.

Um Inglês — A todas?
O Director — Sim, senhor, a todas.
O Inglês — Oh! estimo bastante! Per-
guntar:

— Há habitantes na lua... e porque?

Asinus asinum fricat.

Em 1849 o Sr. visconde de Arlincourt
conversava com um de seus collegas, o
visconde A. de Walsh, litterate não menos
quanto do que elle.

— Senhor visconde, lhe disse este últi-
mo, sabeis que somos, vós e eu, os maiores
pensadores da epocha.

— Senhor visconde, replicou o autor do
solitario, ha por certo meia verdade no
que d'ous.

Comprimeto.

Uma pessoa, querendo tornar-se agrada-
vel a Alexandre Dumas, lhe disse com toda
a franqueza:

— Hontem á noite adormeci tendo uma
de vossas obras.

Correspondencia.

— Não piores vós? Filina me es-
creveu recomendando-me que lhe res-
pondesse, como me diz onde está.

— Não creve-lhe que t'o mande dizer.

— Aonde está o criado? — Guieppe? — perguntou a condessa.
 — Levou para o criado do Sr. Conde, esta carta ao correio, respondeu o criado.

E dizendo estas palavras, elle mostrou a carta á condessa; Lia lançou um olhar rapido sobre o escripto e leu:

« A' Sr.ª A.ª, no convento, em Napoles.»

— Esta bem, disse ella. — Ah!

O criado partiu logo depois.

É esta vez, não havia mais duvida, era positivamente a uma mulher que elle escrevia, a uma mulher que occultava seu nome sob um signal convencional, a uma mulher que por conseguinte desejava conservar-se incognita. Porque por que mysterio, se elle não encerrava alguma criminosa traição? Desle então a condessa formou seu designio. Ella resolveu dissimular a fim de não elle se preitar seu marido, e, com uma fortaleza de animo de que ella mesma se julgava incapaz, voltou para o seu quarto, e abrindo a porta que dava para o côa conde, dirigio-se a Odoardo, com o sorriso nos labios.

No dia seguinte, Odoardo havia esquecido completamente a preocupação que na vesperta notára na physionomia de Lia, e que tanto o inquietára. Lia parecia-lhe mais serena e contente no futuro do que nunca.

(Continua.)

NOTICIA LITTERARIA.

Vierão-nos tranquillamente nas mãos, remetidos de S. Paulo, essa Athenas brasileira, o n. 4.º das «Memorias da Associação «Culto á Sciencia,» os ns. 1.º e 2.º dos «Exercícios Litterarios» do Club Scientifico, e dous opusculos intitulados, um — «Harmonias brasileiras», e outro — a «Voz do Povo e a Voz da Razão».

A primeira das publicações mencionadas é o jornal do mez de Agosto do corrente anno da associação de cultura — Culto á Sciencia, jornal onde esperançosos talentos se ensaia a penna, distinguim no manejo variado da penna. A segunda se compõe igualmente dos primeiros jornaes da recém-nascida associação academica — Club Scientifico, e quaes, encerrando as verdes rias preciosas primicias de jovens escriptores, nos permitem conhecer os primeiros mas arrojados passos dos seus redactores na senda esbelta da imprensa, promettem-nos no futuro mais uma pleiade brilhante de novos e denodados apóstolos das sciencias e das letras.

A 3.ª é uma colleção de cantos nacionaes selectos, publicados pelo Sr. Antonio Joaquim de Moraes, Sr. secretario do Curso Juridico, de quem já tivemos occasião de mencionar no primeiro numero desta nossa revista. Grinaldo fragrante de manna e fava, e pipientes de côr e perfume patrios, essa bella colleção de poesias, e de cantos de nossos recentes e mal conhecidos poetas, foi feita com acurado gosto, e com muito debruto aos amadores, de mais exquisito paladar, da lingua nacional e da poesia. Chamamos para ella a attenção dos attendedores, cuja applicação profissional e autorizados encômios muito devem agradecer, na carreira de nossos talentos cantores da terra de Cabral.

A ultima publicação que nos chegou é uma obra, devida á penna do Sr. Pedro Antonio Ferraz, Sr. professor e candidato do 2.º anno da Faculdade de Direito, escripta em estylo claro e agradável, e intitulo «Fadigas de um Crente» de Lamennais e da «Voz do Povo» de Victor Hugo. Este o-nos de emitir detalhadamente a nossa incompartilhavel opinião sobre o seu valor litterario, á mingoa de uma littera paciente e diligente, e de uma calma e reflexão e estudo parecem-nos, entretanto, haver que ser de grande utilidade. — Santos, 10 de Outubro de 1859.

A. P. S.

mulher que se achava sentada á mesa. As duas velhas trocárao entre si um sorriso que ou elle ou ella não poderiam prestar attenção. Depois, sem determinar-se, nem a uma nem a outra crever, tanto elle se achava inquieto por amor de Lia, como ella se achava inquieta por amor de Odoardo, a condessa da villa Gordani, tencionando mandar a carta por um criado.

Lia ficara no panto, não podendo de vista seu marido. Deceu então para seu quarto, e ali ficou sentada ao pé do leito, olhando o olhar inquieto e penetrante do conde. Sentia o coração oppresso a não mais bater; ella não podia respirar. O conde parecia um supplicio atroz, que lhe parecia não poder supplicar mais, e de prova lhe a morte. Lia permaneceu duas horas sentada em uma cadeira, com a cabeça inclinada sobre o espaldar, torcendo os cabellos com os dedos de ambas as mãos.

Ao cabo de duas horas ouviu o galopar de um cavallo; era Odoardo que voltava; no momento em que elle não poderia vel-o, pareceu-lhe que agora o conde se levantava e saia do quarto; correu para a porta, fechou-a com o ferro, e pôz-se a escrever em seu leito. Logo depois ouviu os passos do conde que se aproximava da porta; elle tentou abri-la, mas ella resistio. Fallou então em voz baixa, e Lia percebeu estas palavras: — Sou eu, menina, estas são as palavras de Odoardo.

Lia não respondeu, e com a cabeça lançou para o lado d'onde partia a voz olhares ardentes e inquietos.

— Responde-me, menina, é Odoardo.

Lia calou-se.

Ella ouviu então a voz do conde que se afastava. Após alguns instantes a sua voz tornou a ouvir-se; elle perguntava á criada grave se sabia o que tinha sido o resultado da porta, que nada percebera, respondeu que sua ama havia ido ao quarto e que, sem duvida fatigada pelo calor, se tinha metido a escrever.

— Está bem, disse a criada, vou escrever. Quando a condessa acordar, avisa-me.

E Lia presente, ouvindo a voz do conde no seu aposento e sentar-se junto de uma mesa. Os dous quartos são contiguos; Lia levantou-se mansamente, tirou a chave da porta e abriu-a com a chave. De feito, Odoardo estava escrevendo; a carta que elle escrevia parecia seguramente dictada pelo coração, pois que uma indefinida e vaga felicidade via-se derramada sobre seu semblante.

— Elle lhe escreve, menina, disse Lia.

E ella continuou a escrever, entre o ciúme que a impellia a abrir essa porta, correu para a porta e arrancar-lhe a carta das mãos, e um resquicio de razão que elle não tinha, não era talvez a uma mulher que elle escrevia e que portava a chave da porta.

O conde acabou de escrever, poz-lhe o sobrescripto, chamou um criado, ordenou-lhe que montasse a cavallo e levasse immediatamente a carta que acabava de escrever.

Era a que Theresa havia de mandar no correio.

O criado tomou a carta e levou-a ao conde e sahio.

A condessa saíu do quarto pela porta particular que do seu quarto de vestir dava para o jardim, e elle saiu para o jardim. No momento em que o criado ia tirar a carta do correio, ella lhe se encontrou a condessa.

Da noite para o dia, meu

Não posso mais ir para a cidade

— É impossível

— Vosso estado

Lia pronunciou estas palavras com tal estorço que o conde voltou-se e, estendendo o braço para beijal-a na fronte, disse:

— Sofres, não é?

— Não, senhor conde, respondeu Lia.

— Mas então, o que é? continuou elle insistentemente.

— Eu? não sei, senhor conde, nada. O que quereis que eu tenha?

Lia pronunciou estas palavras com um sorriso tão amargo, que desta vez Odoardo percebeu que nella se passava alguma cousa de estranho.

— Escuta, senhor conde, disse elle, ignoro se tens algum motivo de pesar, mas o que me dizem tem comegado me diz que tu soffres.

— Vosso estado, senhor conde, disse Lia: parti tranquillo e não vos inquieteis por causa de mim.

— Posso ir para a villa, deixaste, ainda que por um instante, quando me fazes partir deste modo?

— Pois bem! visto que assim o queres, disse Lia fazendo novo esforço sobre si mesma, vai, meu Odoardo, e volta bem depressa. Adeus.

Em quanto ella estava se passando haviaão sellado o cavallo favorito do conde. Odoardo saltou sobre elle e partio despedindo-se de Lia por um aceno. Logo que elle desapareceu por detraz do primeiro grupo de arvores, ella saltou para um pequeno pavilhão que dominava o terraco e d'onde se avistava toda a estrada de Napoles. D'ahi ella vio Odoardo dirigir-se para a villa e a toda a brida. Seu coração apertava-se com mais força, porquanto elle se lembrava de pensar que o conde se apressava para mais depressa estar na villa e ella acreditou que elle o fazia para afastar-se mais rapidamente.

Odoardo não se esqueceu o fim de arranjar um aposento para sua irmã.

A principio elle tinha a ideia de preparar-lhe um palacio, mas depois assentou que desta maneira não seguia as instrucções que havia recebido, e que mais valia dar-lhe um quarto bem isolado em algum bairro pouco frequentado.

Achou o que procurava na rua S. Giacomo, numero 11, terceiro andar, em casa de uma pobre mulher que alugava quartos mobiliados. Assim que escolheu o aposento que destinava á Thereza mandou vir um armador a quem fez prometter que no dia seguinte de manhã as paredes estarião forradas de seda e o pavimento alcatifado. O armador empenhou-se em fazer do pequeno quarto um elegante *boudoir* digno de uma duquesa. O armador foi pago adiantado e com um terço mais de preço que pedira.

O conde, quando se encontrou a senhoria: ella estava com sua irmã, velha Megéria, e com elle. O conde recommendou-lhe todos os cuidados possiveis para que ella se tornava pensionista. A senhoria perguntou-lhe como se chamava.

O conde respondeu-lhe que era inutil saber-o, que uma mulher joven e linda se apressava para se casar com o conde Giortani, e que era a esse

idos de Marco, a
 da, Bruto — A
 seus filhos; e viu
 à mourir si oli —
 para a Pyra, cur
 tianam, contas
 mo terças; com
 idas em fronte,
 es detados de esp
 hõmens robustos
 o lego do genero
 combate spal. Nes
 invadido, retumban
 o Rheno, o Volga, o
 do mundo, ou aut
 rão problemias insolu
 terminarão; es vul
 As nacionalidades, es
 limites a palmos d
 haverá, sim, a grand
 tenda; não apparece
 as folizes povos dess
 lido. Não existindo
 es campos de batalla
 se ouvirá!.. A nova J
 enjas muralhas sero
 ternidade. Então ap
 fim, à frente de tou
 lari — o estandarte
 alto!.. é que es grand

...os, os p... do... de Pompeu — 17
 ... de 89, que davorava
 ... fronte, a dizer: aqui he o
 ... do povo de variado
 ... chamavão Guilhotina!.. Ma
 ... que os maiores de atri
 ... marchão juspa
 ... oblatoplo. Enquanto
 ... prazeres da vida, ex
 ... em gabinete, trabalhã
 ... para o dia momentoso do
 ... de pido indelivavel, strador,
 ... sobre o Mississipi, o Sena,
 ... a metter nos ultimos limites
 ... philosophos não mais procura
 ... — as grandes convulsões
 ... — tudo está consumado!
 ... cessarão de existir, de pôr
 ... França, Inglaterra, China;
 ... o mundo como o Arabe a sua
 ... até mesmo
 ... mediante homens haverem exist
 ... dos mãos principios,
 ... do orbe, a voz do canhão não mais
 ... nas planicies do Josaphat, nessa Sion
 ... sem alternativas, o amor, a fra
 ... e trabalhado para tão grande
 ... não collocar no pincaro do Tehuma
 ... os homens não haviam chegado tão
 ... operão prodigios, fazem mi
 (Continúa.)

... ..

ALEXANDRE DUMAS.

Havia no tom das suas palavras uma pronuncia das um accento
 tão estranho que O... para sua mulher com espanto.
 — Aonde vou?
 — Sim, aonde me... em tom mais brando e esforçando-se
 por sorrir.
 — Vou a Napoles? para admirar que eu vá a Napoles? con
 tinou Oboardo rindo.
 — Oh! nada he de admirar se não me havieis dito que me dei
 xaria esta noite.
 — Uma das minhas... muita obriga-me a esta pequena
 excursão, disse o con... logo; sè tranquilla.
 — Então é um... que vos chama a Napoles?

V. LIBERDADE.

Liberté et Égalité — O HOMÉM

Liberté, c'est au sein des bords heureux
Et dans l'homme la Deesse éternelle,
C'est au sein des grands travaux, l'objet des nobles efforts,
C'est au sein du mortel empires, ou désir, ou rapport,
C'est au sein de tous les combats, et dont le nom est
C'est au sein des cours des tyrans est tout bas adoré.
La Liberté!

VOLTAIRE.

There is a good time coming
Men of thought and men of action clear the way!

WORDS BY CHARLES MACKAY.

Depois da liberdade, o mais precioso da humanidade é a Liberdade! — como quemol-a, possua-a, e a piedade, donde possa ser contemplada e adorada pela grande família humana, e uma homenagem que prestamos a Deos, e aos Heróis que a ergueram, e a sustentam no presente. Ha sessenta seculos que esta palavra, e a ella se fêra proferida nas margens virentes do Euphrates e do Tigre; innumeras vezes se tem sido, nesse longo espaço de tempo, sacrificadas á sua nome, e ao uso do sangue humano tem funegado em seus altares!... infelizmente, até hoje ainda não é ella bem comprehendida!.. é que para fruirem-se os seus bens, preciso é muito soffrer-se!.. Enquanto os homens não calcarem, não deslucarem o dragão de seu máo Genio, cujo nascimento data da primeira letra da historia do mundo, a liberdade não reinará sobranceira sobre a terra. Vae, pois, a liberdade, deixará de encontrar por toda a parte do orbe fervores e aflicções, desde os confins longiuquos do Kamtschatka até ás costas inhospitas da Hircania, tua arvore frondosa cobrirá com sua sombra a superficie da terra, e os apollo rayadas de espadas retinnirão, e a victoria final te pertencerá, e a victoria final te pertencerá por todas classes desde o mais possante dominador até ao mais humilde proletario; o desposta mais inconsciencioso clamo por teu nome, e teus legiões — eis teu poder!.. Formidaveis batallas te serão dadas ao teu mando; em umas te coube o triumpho; em outras a derrota; os homens ainda não estavão assaz purificados para no meio delles plantares o teu pendão; o sol que dispersará os densos nevoceros que nos envolvem, quando tu vieres! Quo bello será esse momento de arroubo, porque és, apesar das fêdas, o mais generoso de teus inimigos, a máo inspiradora da intelligencia, da eloquencia, da poesia; sem ti as bellas artes, os grandes feitos, as produções do genio não tem existencia. Os mais famigerados lutadores do bem getal, e os mais generosos de teus amigos. E desgraçadamente verdade que alguns dos teus inimigos, nos proximos do desespero, ao verem seus projectos aniquilados, e a derrota de ti, blasfemarão de teu nome, te renegarão!..

Bruto soltoz, e a liberdade, palavras em Philippi — virtude, não és mais do que um phantasma!.. Holland exclamou na praça de Grève, quando a fatal carreta que devia quebrar a Saturno da Revolução, passava por defronte de teu busto — Liberdade, quanto te amamos praticado, em teu nome! — Besulpa-os; a mão do infortuno que te abraça, e abraça elle; o vento da de ventura soprava rijo, e os arrebatava!.. sempre teus, e a verdade, fincao elles, durante a pavorosa borrasca daquelles dias, e teus de preferem as palavras que ficão citas. Um via o grande edificio da liberdade romana prestes a derrocar-se e cahir por terra, depois de dao o ultimo e ultimo em puto nos campos de Philippi!.. a bandeira dos Cesares, e a do Capitolio!.. inutilizando de arte o attentado de

— Não... senhora... me espere... obrigada... minha filha me espera... eu não posso demorar-me muito... não quero demorar.

— Sua filha? vosse filha? quem é?

— Sim, senhora... minha filha... doente... bem doente.

— Doente?... e de quê?

— Oh! senhora... uma doença... muito grave...

A pobre mulher pronunciou as palavras de um modo tão profundamente angustiado, com uma expressão de dor tão desesperada, que estremeci interiormente.

A ideia de uma enfermidade terrível e incurável que na provincia de S. Paulo, em certos lugares principalmente, se sente e tem tnuado numerosas existencias, me assaltara o coração.

— Mas qual é a doença que sofre a sua filha?

— Uma doença, senhora, que é mil vezes peor do que a morte... porque é o martyrio d'ella... e o meu a não menos.

— É como é que ella cahio n'este estado?

— Como ella cahio?... oh!... uma historia muito comprida... um malvado...

— Um malvado?!

— Foi a causa da minha desgraça...

— Como?

— Roubou a honra da minha filha... e com ella a sua razão.

— Ah!...

Eu me havia enganado... e n'os sentimentos. Não era a morphéa a enfermidade que soffria a filha da pobre mulher, era a loucura.

— Uma esmola por aqui... P... senhora... e para ella... a quem deixei só em casa... gritando que não tinha... que queria comer pão!...

— Tome, pobre mulher... deo-lhe uma nota de cinco mil reis que fôra buscar, correndo, á casa da minha mesa. Vá já comprar pão para a sua filha.

— Obrigada, meu senhor... Que Nossa Senhora da Penha o ajude!... Deos lhe ha de dar a recompensa merecida.

E ia a retirar-se. Uma ideia excellente me occorreu; tomei de subito uma resolução.

— Espere, mulher... não vá sem mim.

— Comigo?!

— Sim... vou á sua casa... quero ver a sua filha.

— A minha casa, senhora... está muito longe d'aquí... n'uma casinha muito ruim no fim da rua da Penha.

— Não faz mal... Espere aqui um momento.

Entrei para dentro da sala... dei um assobio; o meu moleque appareceu; pedi-lhe o meu sobretudo, e havendo-o empilhado, ordenei-lhe que fechasse a porta da sala e me guardasse o chá; e quando depois para o corredor, onde a pobre mulher me aguardava ansiosa.

— Vamos, lhe disse.

E sahimos.

(Continua)



nos fora nem tão longe, e, apesar do seu ganfalo de algumas braças de linho e do seu manto de lã de deita, onde se alojava um dos meus dons companheiros, poeta na profissão e no facto.

Entrando em casa, eu tinha pedido luz ao meu acolegue, e, sentado á banca na sala, dera começo ao estudo da lição scolastica do dia seguinte.

Uma hora havia que eu meditava sobre as questoes de direito natural suscitadas pelo compendio da aula, soccorrendo-me para resolve-las aos poderosos subsidios das opinões de Alarcos e Belme, autores abalisados sobre a materia, isto é, acabavao, como de costuma principio, de soar oito horas da noite no sino da Sé, quando fui surpreendido por leves pancadas dadas por mão tímida na porta do corredor.

— Quem é? perguntei, depois de haver escutado em silencio por alguns instantes.

— Sou eu, meu pobre mulher, me responder uma voz fraca e tremula.

— Uma pobre mulher?... á esta hora?!... disse eu admirado e á meia voz, fallando com o nariz. O que quer? perguntei ainda em voz alta.

— Uma... uma esmola, por amor de Deos, retorquiu-me a mesma falla a custo.

— Ah! e uma pobre...

Levantei-me, tomei de sobre a mesa algumas moedas de cobre que alli estavam por acaso, e afirmei-me com o castical na mão para a porta. Abri-a.

Achei-me diante de uma mulher envolta em um paño escuro e que me pareceu um pedaço de lã preta já ruço e esburacado aqui e alli por um excessivo uso. O vestido que ella trazia era tambem escuro ou preto e já bastante estragado. Levantei a mão dos olhos o castical que tinha na mão, afim de allumiar-lhe o rosto e ver de perto o resto. Era uma mulher pallida, emmagrecida pelos soffrimentos ou pela idade, rosto sulcado de rugas precoces, olhos amortecidos e orlados de circulos negros, cabellos raros e quasi de todo encanecidos.

A expressao da sua physionomia n'esse momento era a um tempo e de mistura a do punzar da necessidade palpitante e a do sentimento da propria vergonha — era um lutar mádo, mas visível entre a natureza imperiosa nos seus appetites e a vontade hiosa de furtar-se ao triste exercicio da mendicidade; mas n'esse lutar intimo o triumpho da natureza e da necessidade era certo.

Estas observações, eu as fiz silenciosamente durante alguns instantes. A pobre mulher, sentando-se, vexada por se ver objecto de uma curiosa analyse, abaixou com acanhamto os olhos e de novo balbuciou:

— Uma esmola por amor de Deos!

D'esta vez a sua voz pareceo-me repassada de intima amargura, as suas palavras semelharao-nos a uma supplica do que a um gemido.

— Mulher! quem é vossê? porque está tão commovida? parece que é a primeira vez que sabe a pedir!...

Consa notavel! Não era essa por certo a primeira mulher que, envolta na classica mantilha e ocultando a vergonha nas trévas, tinha vindo bater a horas taes á minha porta e implorar a minha caridade, mas em quanto as outras havião provocado de minha parte um simples olhar de piedade e a modesta mas infallivel esmola do estudante, e to-me interessava profundamente pelo seu aspecto triste e soffredor e a sua attitudem miseravel, mas digna, me apertava o coração.

A's minhas palavras a pobre mulher, longe de me responder, inclinou a cabeça sobre o peito e entre as duas lagrimas bailarem-lhe nos olhos. A minha curiosidade subia de ponto. Esta scena nuda da parte da mendiga não era uma pantomima, uma taro ignobil, representada com estudada hypocrisia e já mais de uma vez reproduzida talvez com successo; era a linguagem propria da pobreza activa que a necessidade pecca de ser até a degradação, mas que o fazendo, se envergonha e cõta da propria conducta.

A miseria, quando assim procede, é eradora do respeito. Pensando d'estarte, tomei outra vez o castical e disse á pobre mulher do modo o mais humano e que proceutei sempre o mais affavel possível:

— Mulher, e to-me interessando deveras por vossê... Desejo saber quem vossê é... Quero saber a sua historia... Entre e venha sentar-se, continnei offerrecendo-lhe a cadeira para se sentar, e, entre sem receio, estou só em casa, e poderemos conversar a vontade.

com o pouco que aqui se escreve, e a elle. Afirmo deo legimus, e c'est arte a opinião do immortal, e c'est que uma obra salindo a luz em livro, diversifica em seus delectos, e c'est em periodico. « A natureza dos periodicos » diz elle, « e c'est que a publicidade prompta e incoercivel e para toda a parte, faz que a obra, destinada ao povo, apparece a todos os olhos; eabe em todos os ouvidos; e c'est que entra por todos os ouvidos; actúa e mais ou menos em todas as partes. »

Ao encetar um trabalho superior á nossa mesquinha intelligencia, alenta-nos a esperanza de que, por um lado, fazendo germinar alguns conhecimentos mais veridicos, e por outro, se menos illustrado, concebem a desarraigarse os preconceitos pueris e proprio-extravagantes, que as tradições lhe tom imbudo; e por outro, se por elle se alguma penna mais competente, mais habil, que a si mesma, se occupar amplamente melhor tarefa do que a que nos imponha, e c'est envolvendo-a com o brillantismo que exige objecto tão sublime. E c'est o que nos dátemos com a satisfação de ver cumpridos todos os nossos votos.

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

DE W. MENDIGA.

Corria o mez de Junho de 1863. Achava-me eu n'essa epoca na cidade de S. Paulo, onde estava a estudar no anno do Curso Juridico.

Erão oito horas da noite quando me se desliza o tristonho como sóe ser na Paulicea a maior parte dos dias, e c'est quando o relógio da Sé acabava de as tanger, e o som lento e monotono do tango se ouvia ainda no espaço.

Havendo sahado a passear, e c'est quando me recolhera-me ao cáhir da noite á minha modesta habitação, situada na travessa do Quartel. Terrea e composta de 2 janellas de rotulas e uma porta, e c'est que se achava com um dos lados do quartel, por cujas janellas altas e gradeadas eu muitas vezes olhava curiosos para estudar o interior do edificio. Essa vizinhança de parte de habitação bastantes inconvenientes a mim e a meus companheiros de curso. De noite, á hora do recolher, erão insupportaveis e importunavão nos a perturbar, interrompendo-nos por vezes o estudo, os toques agudos e vibrantes dos tambores. Ora, tambem de noite, chegava-nos frequentemente aos ouvidos o gorgoleio cadenciado e triste, semelhante a um concerto de vozes funebres, e c'est quando os soldados. Ora, durante o dia, as gargalhadas cynicas, as chufas, a poltragem e c'est que em voz alta, cujo ruido chegava até nós atravez das janellas, por se que os que descansavão do serviço, fazia-nos mal-dizer a má situação da habitação. Eu principalmente, que tomára para meus aposentos a sala da frente e c'est que do contiguo, mais do que ninguem era incommodado pelos factos que se seguiam.

A nossa casa pegava por um lado a « tapas », e c'est morando assim isolada, de frente ao quartel, na ala da arteficial, e c'est onde era sita, a não ser as duas casas das respectivas esquinas. Ainda não haviam entao sido levantadas essas tres ou quatro casinhas rmas e elegantes, e c'est que foram pelo proprietario adrede, (talvez), para estudantes, que hoje se vem ali a venda de casa de que fallamos.

Habitavamos pois em lugar ruim da cidade, não sendo a nossa habitação me-

rismos do Velho de Cão, formando um novo apostolado pelos dictames de Hahnemann, de envolvendo-se uns e outros nos certames da sciencia, formando-se o den. campo pelas div. as oppostas — *contraria contrariis, similia similibus*. — Observa-se tambem o funcionalismo, já em relevo, já nos diversos matizes de seu. attributos, ora em consequencia de seus actos, ora pelo maior ou menor fundo de erudição em seus discursos ou decisões, ora tentando deprimir, e a. vezes pelo sarcasmo desabrido, ou pelo doesto insultuoso do descontente, do emulo, e quiçã do calumniador. Apresentão-se igualmente novas côres, abundantes variedades. — Ora os vãos dos vates, ora os panegyricos dos admiradores, ora os gratos votos dos reconhecidos, ora os desatagos do orgulho, do desforço nobre, e até da vaidade mesquinha; ora os assomos e galhardias do mancebo fogoso e entusiasta, que pretende a acquisição de proselytismo pelo pasmo que resulte de seus arroj os em torrentes. — Em uma palavra, todo o amalgame litterario, industrial, economico e administrativo por onde é geralmente avaliado o gráo de progresso em nossa civilisação.

Todavia não é em nosso pensar sufficiente a diminuta parte que apparece a longinquo. espaços sobre um ou outro phenomeno cosmologico. É mui limitado o que se offerece ás massas populares, pelo que respeita ao estudo do Universo em sua organisação, sendo aliás este o mais profundo, o mais maravilhoso, e que nunca será em demasia perscrutado e comprehendido, embora o homem, por essa supremacia que em si reconhece sobre os mais entes, se torne orgulhoso e emprehendedor, elevando a ousadia de seus pensamentos a progredir incessante em analyses e raciocinios no anhêlo de descobrir, em tudo que se lhe offerece á observação e exame, regras e normas para osystemar desde a origem, em analogia a si, em harmonia com a propria existencia, como elle a comprehende. Se no decurso de seculos apenas um ou outro acerto lhe resulta, consequencia, já do complexo de idéas suggeridas e coordenadas pelo senso intimo individual, ou pelas impressões externas recebidas mais ou menos compostas, já dos methodos applicados nas reflexões, calculos e combinações descriminadas, esse acerto, esse atomo da verdade nunca satisfaz inteiramente, porque nada avulta nos complicadissimos problemas a resolver, sendo de nossa indole o procurarmos a evidencia, por mais difficil que a conceituemos, por mais distante que a reconheçamos em sua superioridade para com as imperfeições de nosso espirite limitado: e se ha sciencia a que com razão se possa adoptar a maxima de que *a parte d'ella que se ignora constitue a do leão* é sem duvida a Astronomia, apesar dos subsidios que lhe ministra a optica, a meclanica, e grande parte das mathematicas.

Deliberamos pois tomar a nós o offerecer patentes ao alcance do leitor menos versado alguns apontamentos historico-cosmicos. — Dizemos ao leitor menos versado porque reconhecemos a nenhuma vantagem para os profissionais de quanto poderemos colligir sobre tão transcendente objecto com nossa toska e inhabil penna. Tomamos a ousadia de rabiscar algumas linhas a tal respeito, pelo desejo de vulgarisar uma ou outra das respectivas noções, diffundindo-as, se bem que superficialmente, nas massas populares, por meio d'este periodico. Sabemos que muito mais do que possamos esclarecer existe escripto em hyros; estes porem se não achão ordinariamente ao alcance das mesmas mãos, as quaes em consequencia sempre aproveitarão

O YTORORO.

SEMANAL.

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS, SABBADO 15 DE OUTUBRO DE 1859. N. 4.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1859 - 1.

PRELIMINARES.

Se a natureza do processo da intelligencia é infallivel, havendo a certeza de que não se pode errar ao fallar, escrever, e publicar o que se pensa.

(MAXIMA DO MARQUEZ DE MARICÁ.)

Avultado incremento tomou em entre nós a publicação das idéas, para vulgarisal-as, em todas as espécies de publicações do genio na arte ou na sciencia. É uma das feições da civilização, e certamente mui satisfactoria, a variedade que já offerece a imprensa os typos — quer jornalisticos, quer periodicos, semeando em todo o mundo a comprehensão intellectual, entretenimentos sempre instructivos e interessantes, realisando a maxima que tomamos por epigrapho: «Espere-se assim francamente á justa critica dos doutos, como á curiosidade dos ignorantes, e á avidez dos interessados, todas as concepções, successivas e simultaneas». Desde a simples anecdota, até o mais extensivo complexo de idéas, e os raciocínios moraes, ou philosophicos; desde o facto noticioso, o annuncio domestico, fiscal, commercial, ou administrativo, até as discussões cerradas, continuas sobre innumerables actos ordinarios, matérias de applicação, physicos, doutrinaes, ou religiosos; desde o declínio da decadencia de um ramo artistico até as mais engenhosas de todos os generos. Aqui, preceitos de economia politica, corollarios didacticos, e de applicação, engrandecimento material, maior alcance, maior utilidade. Ahi a vellos dialectica, com a magestade hierarchica, e a nobreza de idéas, pelas grunablas adequadas do eloquentissimo, e auctoritario, interpretando, por mantimentos de syllogismos, e de analogias, que por ventura teulico juridico alto encremado, e de applicação das disposições legislativas. Mais além, os filosoficos, e de applicação, apontando-se no bem, e no mal da doutrina, e da applicação, e de applicação de se nos aphe-

Mas o dell' amor, que me teo,
E esse tao novo, de que a alma,
Que nos deiva, e que me, que me tran por tu,
A quella regiao de onde vem,
Aonde o nosso olli teo, e aonde e pa mi,
Sobre teu seio ca deita a tal ommio,
Vem, meu enuolto, e a quanto tarda,
Vem, a lua de fôr, e de fôr,
Sobre a terra de que a valle,
Agota os jarangal, e a quanto tarda.

Vem; vem omni, e a quanto tarda,
Da minha lyra, e a quanto tarda,
Desta lyra saub, e a quanto tarda,
Aos echos das cançoes, e a quanto tarda,
Pela quadra ditosa, e a quanto tarda,
Deces cantos de viço, e a quanto tarda,
Vem; ella jaz agra, e a quanto tarda,
Aos raios do luar, e a quanto tarda,
De resonante, e a quanto tarda,
Desleixada, indolente, e a quanto tarda,
Ella descanga, e a quanto tarda,
Nem canta mais a vida da innocencia,
Mas inda encerra nas divinas cordas,
Nunca ouvdes, e a quanto tarda,
Pra cantar os segredos dos amores.

Da inspiração a mim não se esgota,
A quem ao lado teu a vida passa,
Tu és pra mim o Génio da harmonia,
Que illuminas minh'alma; vem, acorda,
Dentro em meu coração todos os sonhos,
Que, qual aroma do encantado clima,
Ou, qual briza de um jardim, cereo
Um amor peregrino sobre a terra,
Inspirado por tuos olhos d'ouro,
Da morte temeraria os olhos d'ouro,
Como chuva, que cahe sobre os rochedos,
Sobre mim cahe a tua mão d'ouro,
Então minhas canções, e a quanto tarda,
A região do céu, e a quanto tarda,
E a minha mão d'ouro,
Como um rio, que n'ranhoso na terra,
Suspirando e gemendo,
Prolongar-se-hia nos seculos vindouros,
Os homens cercaria a minha campã,
De saudade, de larmas e louros;
E o teu nome dos echos repetido,
Em meus versos de sempre cantado,
Ha de acordar a paz das sepulturas,
Do teu amigo os muros cobrindo,
Vem, meu encanto, e a quanto tarda!!
Vem! a lua das flores, e a quanto tarda,
Sobre a terra cheira, e a quanto tarda,
Os frescos jarangal, e a quanto tarda.

S. Paulo, Março de 1839.

E. R. P. de C. G. C. G. C. G.

A ELLEA.

Tu que outrora em meus braços bruceavas,
Tu que outrora dizes amar-me,
Quando sinto hoje a vida sorrir-me,
É que queres de todo deixar-me.

Esse amor que tao puro senti,
Que comigo em silencio guardei,
O teu labio quebrará de todo,
— For-se a doce illusao qu'en amei.

Vem matar as sandades cruéis,
Que me rasgao as fibras do peito;
Vem, oh! anjo de amor, perfumar
De prazeres infindos—meu leito.—

S. Paulo, Setembro de 1839.

LUIZ JOAQUIM DE MAGALHÃES CASTRO JUNIOR.

Honras fúnebres á sciencia.

O funeral de Humboldt, escreve M. Caffé no *Jornal dos conhecimentos medicos*, foi celebrado com uma pompa mais do que real. As ruas de Berlim estavam todas ornadas de preto. As numerosas condecorações do sabio guarneção duas almofadas de velludo negro, carregadas por dous principes de sangue que marchavão a pé. O carro mortuario era puxado por seis cavallos das cavallaricas de Sua Magestade; o feretro esculpido estava coberto de flôres e louros: vinte estudantes rodeavão o carro empanhando ramos de palmeira. O corpo foi sepultado perto de Berlim em uma propriedade do finado onde se achava o jazigo de sua familia. Todos os dignitários de todas as ordens honrãrão-se de fazer parte do sahimento. Eram no dia em que se celebrava em Berlim esta fúnebre cerimonia, um decreto imperial ordenava em Paris que a estatua de Humboldt fosse levantada no museu de Versalhes.

A decifração da 1.^a charada do numero antecedente é—AZAFAMA; a da 2.^a—ALTAMALA; a da 3.^a—POEMA; a da 4.^a—SYMBOLO; a da 5.^a—ARÇA.

Typographia de Marques e Irmao.

POESIAS.

DEVANEIO

Ni miseri miserere: motum est cor meum
Veni.

Vem, nymphe, vem, meu anjo, vem!
Quem só por ti suspira,
Da tarde as auras para ti suspira,
Cheirosas flores na mação
E para te embalar em doce exaltação,
Murmura a solidão meigos suspiros,
De vagas hauridas águas.

(BERNARDO GUIMARÃES)

Et sol crescentes decedens dies et noctes
Me tamen urit amor, quis enim in meo est
amor?

Já nos roixos abyssos do oceano,
O rutilante sol puro se esvança,
E já da noite o murmúrio primoroso,
O suspirar suave se apresenta.
E entretanto não vens: é noite, é noite,
Ah vem, anjo do ceu, a noite para
Me acompanha na dor e na saudade,
Vem por ella, e por mim, vem, vem!
Vem! a lua das flores brilha agora
Sobre a terra cheirosa, agora esvanço
Os frescos laranjaes de amor palpitação,
Os passaros agora se espreguiçam
Pelos ramos das arvores, ou do ar,
Com seus amores candidos sonhantes,
Agora das montanhas, das florestas
Os segredos da noite se levantam,
Em um hymno macio ao ceu se elevam,
Vem, meu encanto, vem, minha esperança,
Aos segredos mais doces da Natureza,
Unamos nós também os dos amores,
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre as terras de flores matisada!

Essas brisas da noite, que caminha
Este halito dos bosques, este ar meigo
Dos valles, das montanhas e das vizes,
Para junto de mim te estão chamando,
Saudosos de te ver estão meus olhos,
E saudosos de ouvir-te os meus ouvidos,
Quando tudo te quer nestes lugares,
Oh meu anjo de amor, que tanto tanto
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra de flores matisada!

Não sabes, rosa minha, que peço
Aquelle a quem o ar faltou de tobo?
Tu és o ar da vida, que respiras,
Não demores em vir que já demoras,
Se eu sou só o lado teu sonoro luto,
Seu distante de ti qual triste tobo!

que tanto tanto o delirio em mim
E tanque não num noutra, não revolve
Vem, brisa da vida, frescas agoras,
O vapor, que ardendo em sede, passa,
Do lugar conhecido se avizinha...
Mas, bobada e petança! encontra apenas
Vanda tristeza no lugar da fonte,
Murmúros, que encantárao seus ouvidos
Florida relva, que elle vira outr'ora,
Eresma, que acolhera-o n'ouros dias,
E o tudo acabou; alli só pedras,
Alli só folhas seccas e amarellas
Espalhadas no chão mostrão ainda
De antiga animação starem saudosas.
Oh vem, o mez das flores corre agora
Das bellas de amor mandando a terra,
Lanta verdura vai por esses campos,
Lanta flor de sabrocha, e tanto aroma
E ar manda em magicas torrentes!
Alma candida e pura, flor mimosa
Vem augmentar o numero das flores.
Vem, os cimos do ceu languidos ardem
Esperando-te só; ao brilho delles
Vem reunir aqui, onde te choro,
O tranquillo fulgor de teus olhares.

Oh não te illudas, não! o branco lírio,
Que o beijo da aurora abrisse um dia
Sobre escaldado serro, só cuberto
De rudes espinheiros morreria
Do sol meridiano requemado,
Oh enredado em asperas raizes,
A planta também quer mão carinhosa,
Que na falta do ceu lhe orvalhe o calix.
Tu és um lírio encantador e tenro,
E meu affecto puro a mão, que póde
De amador orvalho refrescar-te.
Vem, meu encanto, vem; que tanto tardas?!
Vem, a lua das flores brilha agora
Sobre a terra de flores matisada.
Vem; agora suspirão as montanhas,
Vem os laranjaes de amor palpitação.

Neste valle sombrio de tristezas,
Onde a dor e a morte não nos deixão,
E chamamos ao menos nossas penas,
A vida dos amores esgotando,
Sim, seja amor a nossa vida inteira,
Ao ceo delle os Poetas tem vivido,
Como as aves do ceu no amado ninho,
As dores, que elle traz, nos purificação
Sim, amemos, meu bem, que amor é tudo.

Vem, oh meu anjo, vem; sobre teu peito
Linda cheio de vice e mocidade,
Sobre esse peito onde a virtude mora
Eu quero dislargar da vida o tedio,
Quero viver! a vida não são dores;

algibeira de seu vestido caía, da parte da frente, de sorte que, ou por acaso ou de propósito, a carta foi repouar sobre seu coração.

Esta carta era de Theresia. Vendo a letra d'aquella que julgava morta, Odoardo tinha estremeção de surpresa e acreditado ser victima de uma illusão. Foi por isso que abriu a carta com tamanha emoção e receio. Tudo lhe foi então revelado. O jovem coronel havia sido morto na batalha de Genola, e Theresia tinha-se achado so e isolada em um paiz estranho. Como mulher só e sem recursos, ella teve voltado a França, orgulhosa pelo nome que trazia; mas o casamento não se realisára, restava-lhe unicamente o direito de prantejar a sua sorte. Nestas circumstancias, lembrou-se de seu irmão que a amava muito, só a elle é que ella podia confiar sua triste situação: supplicava-lhe, pois, que conservasse o segredo, desejando continuar a passar por morta. Além disto, ella dizia que pretendia chegar quasi ao mesmo tempo que sua carta, e pedia a seu irmão que mandasse lançar no correio uma única palavra que lhe indicasse o lugar onde devia recolher-se. Ah! ella o aguardaria com a impaciencia de quem até então recebera jámais tornal-o a ver.

Para maior segurança, a resposta que ella esperava de seu irmão não devia levar nome algum, e ser dirigida simplesmente á Sur^a. * * * Concluiu a carta recommendando de novo segredo, mesmo em relação á sua mulher, cuja austeridade ella temia e de quem não poderia supportar o desprezo.

Odoardo cahiu sobre uma cadeira, vencido pelo excesso de surpresa e alegria.

Não tentarem os de crever as angustias que a condessa experimentára durante a meia hora que acabava de passar-se. Vinte vezes ella quiz entrar; apparecer subitamente ao conde, e perguntar-lhe em face se era assim que elle cumpria os juramentos de fidelidade que prestára; mas detendo-se outras tantas vezes por esse sentimento que nos obriga a profundar a desgraça, ainda que com isso muito sofframos, ella permaneceu immovel e muda, pedia a terra ao seu lugar, como se estivesse dominada por um sonho.

Entretanto pôde comprehender que se o conde a encontrasse alli, adivinharia que ella havia ouvido tudo e que por conseguinte se acautelaria. Precipitou-se pois para o jardim e por uma reacção desesperada sobre si mesma, dentro de alguns minutos conseguiu dar certa calma ás suas feições, enquanto seu coração parecia devorado por uma serpente.

O conde logo depois desceu tambem para o jardim; ambos se encontrão, e ambos encontrando-se e forçãõ-se um para dissimular a sua alegria, a outra para occultar a sua dor.

Odoardo correu para sua mulher. Lia esperou-o. Elle apertou-a entre seus braços com um movimento quasi convulsivo.

— O que tens, meu amigo? perguntou a condessa.

— Oh! sou bem feliz! exclamou o conde.

Lia esteve a ponto de desfallecer.

Entrãõ para jantar. Depois do jantar, durante o qual Odoardo pareceu de tal modo deprimido que nem prestou attenção á preocupação de sua mulher, elle se levantou e tomou seu chapéo.

— Aonde ides? perguntou Lia, estremeecendo.

(*Continua*)

Lia oscutara toda a vida a alma com o sorriso nos labios e a morte n'alma; e a obsequiosa e indolente, tratada pela dor que havia causado, regressou a Napoles, deixando no coração da joven esposa todas as angustias do crime.

Apenas se retratara a ventura, Lia deitez-se em pranto. Quasi ao mesmo tempo uma porta lateral do abito, e o conde entrou.

Lia esforçou-se por occultar-lhe as lagrimas sob um sorriso; mas quando ella quiz fallar, a dôr afflicta e em vez das ternas palavras que desejava pronunciar, desatou em soluços.

Esta afflicção era tão perturbada e impunada que o conde não podia deixar de querer saber-lhe a causa. Lia, pelo seu lado, tinha o coração tão cheio que era impossivel por mais tempo conservar encerrado o seu segredo: seu pezar transbordou sem exprobrações, sem queixumes, mas tal qual ella o havia sentido, traya-lo de angustia e de amargor.

O conde sorriu-se. A razão e causa havia de verdadeiro n'aquillo que á Lia tinha contado sua própria historia.

De feito, a bella Emma Leonina mostrara predilecção pelo conde; mas contra a expectativa daquelle, esta sympathia fôra acollida simplesmente com a fria polidez de um homem bem educado. Tinha-se-lhe enfim apresentado a occasião de deixar a Sicilia com o cardeal Ruffo; e elle aproveitou-a. Odoardo relatou tudo a sua mulher com o accento da verdade. Lia, tranquillizada por um sorriso de seu marido, chegou a esquecer esta aventura como se pôde esquecer o crime. Isto é, ella não pensava mais n'isso, senão quando se achava a sos.

Uma manhã, em que Odoardo havia sahido para caçar na montanha, Lia, atravessando seu quarto, percebeu sobre uma mesa quatro ou cinco cartas que o criado achava de trazer da cidade: machinalmente lançou os olhos para ellas; a letra de uma d'essas cartas era de mulher. Lia estremeceu. Ella conhecia bem profundamente o seu dever para que pensasse em abrir esta carta; mas não pôde resistir ao desejo de observar a sensação que, ao abri-la, poderia experimentar seu marido. Assim pois, logo que ella sentio-o entrar, occultou-se em um gabinete proximo d'onde podia ver tudo, e esperou ahi tremendo como se alguma cousa de suprema importancia fosse succeder.

O conde atravessou seu apartamento sem parar e entrou no de sua mulher onde lhe disserão que ella achava. Responder seria trahir-se; Lia calou-se. Odoardo entrou no seu quarto, depoz a espingarda em um canto, atirou a bolsa de caça sobre o sofá; e depois, encaminhando-se descuidosamente para a mesa onde estavam as cartas, lançou sobre ellas um olhar indifferente: apenas percebeu a de letra delicada que tanto havia inquietado a condessa, soltou um grito de espanto e sem importar-se com as outras, tomou-a entre a mão. A simples vista d'essa letra tinha causado ao conde tal emoção, que lhe fôlha ni ter apoiar-se á mesa para não cahir: ficou por algum momento com os olhos fitos sobre o sobrescripto, como se não pu lesse acreditar o que via. Finalmente quebrou, a obreia tremendo, procurou a assignatura, leu-a avidamente, devorou o que continha a carta, cobrio-a de beijos, e ficou aliencio por alguns minutos, como se meditasse. Tendo outra vez lido e a mi-siva, cuja importancia não era duvidosa, dobrou-a cuidadosamente, olhou em redor de si para assegurar-se de que não havia adolecido a carta de algum, e suppondo-se só, occultou-a na

APOPHTEGMAS.

PRAGMATA.

1. Quo praecidio moral condere a sciencia?
2. Quae prova erit o hominem sabio?
3. Entre os sabios qual o maior?
4. Em que differere o sabio do ignorante?

Resposta a 1.ª a. — *Inter prospera ornamentum, inter adversa refugium.* Na prosperidade ornato, na adversidade asylo.)

Resposta a 2.ª b. — *Non plurima, sed utilia legere.* Não a muita leitura, mas a útil e colluda.

Resposta a 3.ª c. — *Sciencia scientiarum scire, se nihil scire, est.* A sciencia das sciencias é a convicção de nada saber.)

Resposta a 4.ª d. — *Quod differt vivens à mortuo.* No que differere o vivo do morto.

— *Quae inter medicum et aegrotum e.* No que dista do medico ao enfermo.

— *Quo distat sapiens à indoctus.* 1. Na differença entre os ginees amansados aos informos.

Lia-se escripto nas portas da academia de Pythagoras :

— *Qui nescit quae se debet, irrationalis inter homines; si nescit plusquam scire debet, inter irracionales homo; si omne scit, quod scire potest, inter homines Deus est.* É irracional entre os homem o que ignora quanto deve saber; se sabe so quanto deve saber, é homem entre irracionaes; é porém Deus entre os homemas se sabe tudo quanto póde saber.

Extrahi los por S. G.

A BELLA SORDANA.

POE

ALEXANDRE DUMAS.

Continuação.

A officiosa atozga, com o intuito á joven condessa que na corte de Palermo não se tratava senão de parvo que o conde havia inspirado á bella Emma Lyonna, favorita de Carolina, e que este boato fizera receiar ás amigas da futura condessa que o seu casamento não fosse muito afortunado: não succedêra porém a sua dizia-o a officiosa visita; o novo Renaud, desvairado por um momento, quebrou as cadeas que o prendião á sua Armida, e abandonando a ilha encantada, onde por alguns instantes perdêra o coração, voltára mais apaixonado do que nunca aos seus primeiros amores.

- (a) E' de Aristoteles.
- (b) E' de Aristippus.
- (c) E' de Gerónimo e Venerio.
- (d) Aristoteles.
- (e) Platon.
- (f) Aristippus.

sa, em a vista, ainda em
silêncio profundo, na
nuas e das suas lomas
dos finados... que trô
intimo e doloroso de
um presentimento in
sobre a vida ao simpl
o sempre... para todo

A morte é o mais he
de livrar realidade, a
é emfim de todos os
dado, o mais importa
vendar o que lá vai ap
ignorância profunda é
gelido interramento...
abrem para revoltar-se
impotente nos domín
a tal respeito n'um om
veis... Philosophia! ant
o mais credulo espirito
asserções são meras del
na profunda noite do
na senda espinhosa da
tos e mal seguros...

Jouffroy, o mergulha
os observadores mais p
esclarecer o espirito hu
lhou, exaustio as suas t
indagador e perseverante
E como confiar na sci
tão miseravel diante do

É a religião... e a p
Oh! a fé!... balsam
da vida d'alem-tumida
filho do peccado? Sem
na sua morada medonha
guez no seu poema bibl

Como não são desgra
lor dos teus raios?...
deve ser o sua viagem
onde para aquelles mes
vida é ja tão pesado?

O atheismo, já o dis
zarda criação, morto mo
bezas terrenhas para as
curião e enchem o espa
que sente as cousas, sem
vies o fundo, rasteja pe
se ao ether celeste, nas
do homem ao throno do

Deus!
É o unico porto de
boda a esperança e amor
lento que na existencia
sacos mesquinhas!

Santos, Julho de 1870

... e a vida, ainda em
silêncio profundo, na
nuas e das suas lomas
dos finados... que trô
intimo e doloroso de
um presentimento in
sobre a vida ao simpl
o sempre... para todo

A morte é o mais he
de livrar realidade, a
é emfim de todos os
dado, o mais importa
vendar o que lá vai ap
ignorância profunda é
gelido interramento...
abrem para revoltar-se
impotente nos domín
a tal respeito n'um om
veis... Philosophia! ant
o mais credulo espirito
asserções são meras del
na profunda noite do
na senda espinhosa da
tos e mal seguros...

Jouffroy, o mergulha
os observadores mais p
esclarecer o espirito hu
lhou, exaustio as suas t
indagador e perseverante
E como confiar na sci
tão miseravel diante do

É a religião... e a p
Oh! a fé!... balsam
da vida d'alem-tumida
filho do peccado? Sem
na sua morada medonha
guez no seu poema bibl

Como não são desgra
lor dos teus raios?...
deve ser o sua viagem
onde para aquelles mes
vida é ja tão pesado?

O atheismo, já o dis
zarda criação, morto mo
bezas terrenhas para as
curião e enchem o espa
que sente as cousas, sem
vies o fundo, rasteja pe
se ao ether celeste, nas
do homem ao throno do

Deus!
É o unico porto de
boda a esperança e amor
lento que na existencia
sacos mesquinhas!

Santos, Julho de 1870

... e a vida, ainda em
silêncio profundo, na
nuas e das suas lomas
dos finados... que trô
intimo e doloroso de
um presentimento in
sobre a vida ao simpl
o sempre... para todo

A morte é o mais he
de livrar realidade, a
é emfim de todos os
dado, o mais importa
vendar o que lá vai ap
ignorância profunda é
gelido interramento...
abrem para revoltar-se
impotente nos domín
a tal respeito n'um om
veis... Philosophia! ant
o mais credulo espirito
asserções são meras del
na profunda noite do
na senda espinhosa da
tos e mal seguros...

Jouffroy, o mergulha
os observadores mais p
esclarecer o espirito hu
lhou, exaustio as suas t
indagador e perseverante
E como confiar na sci
tão miseravel diante do

É a religião... e a p
Oh! a fé!... balsam
da vida d'alem-tumida
filho do peccado? Sem
na sua morada medonha
guez no seu poema bibl

Como não são desgra
lor dos teus raios?...
deve ser o sua viagem
onde para aquelles mes
vida é ja tão pesado?

O atheismo, já o dis
zarda criação, morto mo
bezas terrenhas para as
curião e enchem o espa
que sente as cousas, sem
vies o fundo, rasteja pe
se ao ether celeste, nas
do homem ao throno do

Deus!
É o unico porto de
boda a esperança e amor
lento que na existencia
sacos mesquinhas!

Santos, Julho de 1870

A. P. S.

seculo de Augusto, e sobre o trabalho de Cicero, mais erudito, sobre a antiguidade. Lê Hugo inteiro, lê Dumas, mas não somente as «Meditações» e as «Harmonias». Depois, faz tu mesmo um trabalho sobre as cousas que achares bellas, e sobre as que achares mais interessantes, e se tebalho a minha volta. Enfim, occupa-te sempre e descansa um pouco de todas as tuas occupações. Cuida da tua saúde e «tem juizo.»

Adeos, meu querido filho. Dize a Dama que te dê vinte francos por estrêas.

ALEXANDRE DUMAS.

P. S. — Dize a cada um que te o que a minha peza fôr recebida, escreverei a Bulloz para tratar da sua entrada no Theatro Francez.

— Vai á casa de Leconte de Lins no Palais Royal; toma ali, por minha conta, as poesias de Hugo e o seu theatro, e o Moliere do Pantheon; quanto a Lamartine, dar-t'o-lhe á minha volta.

Lê Moliere com frequencia, muito, sempre; como Saint-Simon e Mme. de Sévigné, é um grande modelo da lingua do tempo de Luiz XIV. Decora certos pedaços do «Tartufo, das Mulheres sabias, do Misantropo»; tem-se escripto e escrever-se-ha ainda muita cousa, mas nunca escrever-se-ha nada mais bello, em materia de estylo, do que isto. Decora o monologo de Carlos Quarta de «Hernani; Marion (Delorme) inteiro, o monologo de Saint Vallier e o de Trilonlet no «Rei se diverte», a falla de Angelo sobre Venezia; finalmente, comquanto eu tenha pouca cousa comparavel ás obras que acabo de indicar, decora de mim a narração de Stella, em Caligula, a caçada do leão de Yagoub, bem como toda a scena entre o conde, o rei e Agnès Sorel, no terceiro acto do Carlos VII. Lê o «Othello e o Roméo» de de Vigny; lê de Musset, com tanto que te não deixes arrastar pela sua grande facilidade, pela sua incorrecção, que n'elle é quasi uma qualidade, e que fôra em outro um grande defeito.

Eis, entre os antigos e modernos, o que te aconselho que estudes. Mais tarde, passarás dos detalhes a todo.

Adeos, estás vendo que te trato como a um moço, e te fallo com circumspecção. E' verdade que vais fazer quinze annos, e é muito natural que te falle assim.— Tua saúde, tua saúde antes de tudo, a saúde e no futuro a fonte de tudo, mesmo a do talento.

A. D.

MOMENTOS DE TRESVARIO.

..... Mas debalde
interrogo o sepulcro,—e debruçado
sobre a voragem tetrica e profunda,
Onde as extinctas gerações baqueirão,
Inclino o ouvido, a ver se um echo ao menos
Das margens do infinito me responde!
Mas o silencio que nas campas reina,
É como o nada,—funereo e profundo....

(B. GRAYRÈS — O devanear do sceptico).

A campa... um choro... nada... eis as sombras sinistras que nas trévas do porvir se antolhem á imaginação do homem, quando allucinada pelos delirios pavorosos do scepticismo... eis as tres palavras fatidicas que se achão escriptas pelo dedo da morte no portão da vida de alean mundo — para o athen e para o descrente!

.....
Que terrivel ideia náo é a do passamento! Que negro cortejo de visões a segue!
Que pensamentos funereos me traz ao espirito o aspecto triste de uma caveira esse-

como explicar este phenomeno? Na Inglaterra, e nos Estados-Unidos, a mulher é considerada o riso do Deo; o principal e mais importante ente do mundo — para o qual Deo fez todos os seus entes. Individualisemos: o trovo da guerra, o heroe de Narva, desconhecem o nome da mulher... foi castigado!... foi vencido em Plutava, preso em Bender, morto em Frederickshall!... Hamribal vio o dia de Zama, fugio, e sorveu o veneno de Prusias! Napoleao contemplou o sol pela ultima vez em Waterloo, emlou, e morreu em Belleophon, e expiou em Santa-Helena!!! Todas as grandes reformas do mundo tem sido feitas com o auxilio da mulher, sem ella tudo é impossivel. Maloma embebeu o Kadischah, a Fatima, a Virgem; fallou a seus discipulos nas horas, plantou oestandarte de sua religião na face do orbe! O christianismo se ajoellou perante Maria, a restauradora dos direitos do homem. Minos, Zoroastro reconhecerão sua omnipotencia!

A mulher é o radiantisimo, e a mais alta concepção, é o Ilosauna da criação!... é a alegria, a consolação, o apoio do homem; sem ella o homem seria um ser embruteado, ou antes não existira; ella é o coração, como o homem é a intelligencia do mundo!... ella é a prova viva da existencia e omnipotencia de Deos! O atheo, vendo a mulher, dirá contracto—In Deos!—In Deos!! Nem mais uma palavra; quando se falla da mulher a intelligencia mais robusta e penetrante se anniquia; farei o que todos fazem, ajoellarei perante ella, e direi:—Sois a rainha do mundo, creadora de todos os portentos, que a todos os momentos da vida contemplamos; bem fizerão os antigos da mythologia, quando vos chamáramo Juno, a esposa de Deos!...

(CONTINUA.)

Carta curiosa de Alexandre Dumas a seu filho, extra- hida do volume 22 das suas «Memorias».

Meu prezado filho.

A tua ultima carta, com as tuas aquellas em que te vejo bem disposto, causou-me summo prazer. Os versos latinos, que te mandão fazer, e sobre cuja utilidade pedes a minha opinião, não tem grande importancia; entretanto aprende a medil-os, para que possas medir essa lingua, em que a mais harmonia existe nos versos de Virgilio, e desaffecção nos de Horacio. Depois, o habito de medir essa lingua ser-te-ha ainda util se fores algum dia obrigado a fallar e latim na Hungria, onde não ha camponez que o não falle.

Estuda o grego bastante e profundamente, para que possas lèr, no original, Homero, Eschylo, Sophocles, Euripides e Aristophanes, e aprender o grego moderno em tres mezes. Exerita-te em pronunciar o allemão; mais tarde, aprenderás o inglez e o italiano. Então, se quizeres estudar tudo isto, decidiremos juntos a carreira que deves seguir.

A proposito, não te dezes do estudo de eschinho.

Dize a Charlien que te dê o livro de Shakespeare, mas ainda Dante e Schiller.

Cuidado com os versos que te fizerem ler no collegio; os versos dos professores não prestão para nada! Estuda a Biblia, a um tempo como livro religioso, historico e poetico; a tradução de Sacy, e bem que má, é contudo a melhor; procura, atravez d'esse envoltorio, de eschicho, d'esse nevoeiro, a magnifica poesia que n'ella se encerra; em Job, em Job, e sobretudo em Job, esse poema que é um brado ingente de Deo e de toda a humanidade inteira. Lê Corneille; decóra d'elle alguns pedaços. Corneille não é sempre poetico, e por vezes versejador; mas elle falla sempre uma lingua clara, elevada e concisa. Dize de minha parte a Charpentier que te dê André Chénier, o poeta da solidão e da noite, da raça dos rouxinollos. —Charpentier mostra-me a casa de Sene; Balez te indicará o numero da sua casa. Dize a Collin que te mostre a casa de La Fayette quatro volumes intitolados: «Roma no

(Continuação do artigo O HOMEM — começado no numero antecedente.)

« Soyez reine, dit-il, et, des ce moment même,
« De sa main sur mon front posa son diadème.
(Racine, Esther, act. 1.^{re} sc. 1.^{re}.)

But a woman's whole life is a history of the affections.
The heart is her world: it is there her ambition strives
for empire; she embarks her whole soul in the
traffic of affection, and if shipwrecked her case is
hopeless— for it is a bankruptcy of the heart. »

(WASHINGTON IRVING.)

Para complemento do fim a que nos propuzemos, necessario se torna dizermos daas palavras acerca da epigraphe que orna este artigo. Agora que chegámos a este ponto, é que de sobejo conhecemos quão superior as nossas forças é a prodigiosa tarefa com que lutamos; e na verdade, o que poderiam os gigantes da intellectualidade humana dizer a respeito da mulher, que correspondesse ao seu reclamo?! — a poesia mais fervorosa e divina, a musica mais mysteriosa e cheia de melodia, ficariam muito aquém do desideratum acerca deste sublime assumpto!... Homero e Milton, Rossini e Verdi trepidariam! Ougamos por um momento a historia momentosa e bella deste mais formoso ser da natureza. Formou Deos com a solitudine de sua omnipotencia o Eden para residencia do ente privilegiado que havia pouco creára; tudo alli era perfeito, tudo completo; as arvores mais fructíferas e frondosas, as flores mais viçosas e odoríferas, os regatos mais crystallinos e sussurrantes, os passaros de mais linda plumagem, e de gorgéio mais harmonioso, entoavão hymnos e hosannas, e saudavão o homem em seus passeios matutinos. — Tal era o Eden! — O homem, porém, parecia triste e abandonado; seu olhar turbido e desfallecido passava em revista as concepções miraculosas que o rodeavão no maior indifferentismo!... um objecto qualquer, pois, faltava á obra da omnisciencia!... Deos, para satisfação de seu filho bem amado, resolveu fazer mais um esforço, o mais milagroso, o mais inconcebível; determinou crear a mulher!!!... a sua obra mais mimosa, portanto a mais preciosa e estimada. Mas a mulher não poderia ser formada com uma palavra, com o « fiat lux! » porque a mulher concentrava em si a grandeza de Deos, os mais profundos planos do futuro, enfim a regeneração da humanidade, projecto favorito da Omnipotencia!... Deos, pois, descansou e meditou!... o homem e a natureza adormecerão!... o milagre mais portentoso estava imminente!... Raiou a aurora da poesia de Deos!... a mulher appareceu, ataviada de toda a sua divindade!... a natureza pasmon, e saudou a mulher cheia de jubilo!... o primeiro homem fascinado rendeu graças ao Creator. — Deos era Deos! — sua obra estava consummada! A mulher foi acclamada esposa de Adão, portanto Deosa do universo!!!... Assim é, assim devia ser; é incontestavel que tudo que ha de grandioso, sublime, e transcendente, e possuido pela mulher em subido grão; quer a encaremos como filha, como esposa, como mãe, ella é tudo!... sua intelligencia abrange todos os conhecimentos humanos; ella tem aptidão inmeçavel para todos os misteres da vida; é forte, é fraca, é indulgente, é compassiva! Os paizes onde a mulher tem maior influencia são os mais felizes. Vejamos a Ástrolabida, sem forças, sem moralidade, victima palpitante das primeiras espadas do mundo! Gengiskhan, Tamerlan, Kouli-Khan e Napoleão a tornarão um grande e horrível centro; ella não acompanhava nem de longe, a marcha progressiva da terra na via da civilisação; e tudo porque?!... porque na Asia a mulher não é respeitada, nem amada!!!... Vejamos a Inglaterra, o paiz mais forte e possante do globo, cujo navio percorrem a immensidade dos mares, cujo pavilhão soberbo fluctua em todo o ponto da terra, em cujas possessões o sol jamais adormece!... ella que entoa o hymno Britannia rule the waves!... Os Estados-Unidos com suas instituições, e a sua vertiginosa carreira nas grandezas da terra!...

Constantino foi o primeiro que mandou considerar como homicida — aquelle que matasse um escravo voluntariamente: (2) era mais um triumpho da verdade! um reconhecimento expresso da igualdade natural!

As manumissões nas cartas que trouxeram a liberdade a milhões de escravos, e as que se fazião por testamento, são outros actos, em que transparece a influencia christã — e as manumissões, n'essa epocha forão em tal numero, que lançavão na sociedade uma multidão de homens que, corrompidos, conservando o sentimento da vingança, e ineptos a aproveitarem á si e ao Estado o beneficio que tinham recebido, erao completamente perigosos á ordem: e leis, para isso necessarias, procuravão reprimir a liberdade de manumettir, tal como a Fúria Camilla. Todavia a igreja continuou em sua tarefa e em muitos dos seus concilios vem-la cuidadosa em, melhorando a sorte dos escravos, abrir novos caminhos á liberdade; declarou livres os escravos que, tendo-se refugiado nos conventos, ali tinham recebido ordens; e zelando sempre em que seus bens não fossem delapidados, ella soube ser prodiga, quando tratava-se do resgate dos captivos, autorizando os clerigos a venderem mesmo os vasos sagrados para esse fim: sempre protegendo aos christãos escravos de judeus, outorgava a liberdade aos que procuravão um asylo na igreja, mediante uma quantia razoavel paga ao senhor; e defendendo a fé destes de todos os ataques, impunha como pena ao judeu, que seduzisse um escravo — a liberdade de todos os que elle possuísse. (3)

A vista de provas tão irrefragaveis, é innegavel que a escravidão começou a desaparecer desde que se forão propagando as ideias christãs.

Quirot, reconhecendo esta verdade, acrescenta que não se deve attribuir tão sómente ao Christianismo a abolição da escravidão, porque esta continuou a existir por muito tempo mesmo no seio da sociedade christã (4). Estas palavras do illustre historialor philosopho mostram os inconvenientes do systema que seguiu em sua obra: por quanto elevando-se ás generalidades, observou os factos de uma altura tal que estes por muitas vezes haviam de desaparecer ás suas vistas. Para estabelecer-se este principio era necessario — como diz Balmès, que se examinasse se a abolição repentina da escravidão era possivel e se era congruente com o espirito de paz e ordem que anima a igreja, e que por certo não lhe permitteria lançar-se em uma empreza, que sem conseguir o fim proposto, trazia graves perturbações á ordem social. (5)

A economia social estando baseada sobre a escravidão, constituindo os escravos uma parte integrante da propriedade, profundamente enraizada nos costumes, a escravidão não podia ser extincta repentinamente: o tempo é que, desenvolvendo os principios christãos, deve realisal-os.

Diga-se, pois, com o immortal Chateaubriand, que um beneficio trouxe o Christianismo para coroar todos os outros, e que deve ser escripto em caracteres de ouro nos annaes da philosophia — a abolição da escravatura. (6)

— S. Paulo, Agosto de 1859

J. J. Vieira de Carvalho.

(2) Troplong — obra citada.

(3) Balmès — *Le protestantisme compare au catholicisme.*

(4) Quirot. — *Histoire generale de la civilisation en Europe.*

(5) Balmès — obra citada.

(6) Chateaubriand — *Genie du Christianisme.*

um costume de tructo aos captivos, temendo que estes, conhecendo o seu numero, tivessem consciencia de seu poder.

Aviltado, curvado ao mais horrivel despotismo domestico, o escravo era uma machina que obedecia ao mais extravagante capricho de seu senhor: victima da barbaridade das leis e depravação dos costumes, era despido de todas as suas prerogativas: o escravo nao podia casar-se; apenas as leis consideravão a sua relação sexual e sua descendencia como a dos animaes, e sujeitas ás mesmas regras; e quando o luxo e a immoralidade lavrãõ rapidamente nos costumes, a condição do captivo peiorou: outr'ora era a pureza dos costumes que abrandava o rigor das leis, então, desapparecido este obstaculo, sobre o escravo recalhava uma barbaridade e crueldade requintada pelo desenfreamento das paixões: era Quintinus Flaminus mandando matar um seu escravo para obsequiar um seu amigo, que nunca havia visto morrer um homem; era Pollion que lançava escravos como alimento ás suas moreias. As desgraças dos escravos achãõ interprete em Seneca, que, intermediario entre o Stoicismo e o Christianismo, levantou sua voz advogando a causa da humanidade ultrajada: mas sua voz era fraca, apenas ouvida de poucos.

Lá na Palestina é que devia nascer uma doutrina, que, prégando a regeneração do homem, levasse de vencida os vicios e os velhos preconceitos com que se arriava essa civilisação que morria. As prophcias ião realizar-se; e o Deus encarnado no homem já tinha apparecido na terra. A prédica do Evangelho, que consagrava a liberdade e a igualdade, foi pouco a pouco inoculando nos costumes elementos novos, que minavão as antigas e viciosas instituições na sua base.

Apostolo da doutrina do Crucificado, S. Paulo levanta sua voz em Roma, e revela ás multidões verdades desconhecidas. As palavras magestosas dos apóstolos attrahem a attenção de milhões de escravos, que, vendo seus direitos defendidos, aprendem tambem que são —homens.— Sim, a escravidão tinha chegado ao seu auge, e por isso devia acabar: havia soado a sua hora.

A influencia da nova doutrina se foi traduzindo em muitos factos, e mais tarde na legislação. Nero, cousa admiravel! foi o imperador que primeiro instituiu um magistrado para receber as queixas dos escravos contra os excessos dos senhores; e no meio das saturnaes do Palacio Imperial, observa Troplong, nas orgias onde a devassidão nivelava as condições, os escravos havião encontrado um protector no tyranno dos cidadãos. (1)

Depois que o sangue dos martyres fecundou o solo para a germinação de novas ideias, depois que a sociedade dos gozos materiaes, o scepticismo e as desgraças da epocha tinhão disposto o espirito a comprehender uma religião que os chamava ao mundo interno e invisivel, que ensinava os homens a renunciarem as cousas terrestres; depois que, finalmente, Constantino tomou a cruz por seu estandarte, a condição do escravo foi melhorando: e a igreja, sempre olicita na propoganda das ideias christãs, apresenta provas irrecusaveis do seu interesse pela humanidade captiva. Prudente, ella devia contudo attender ás circumstancias em que se achava a sociedade, e proceder pouco a pouco á abolição da escravidão; assim S. Paulo exhortando os senhores a tratar com humanidade os escravos, impunha a estes a obediencia como rigoroso dever.

(1) De l'influence du christianisme sur le droit civil des Romains.

O YTORORO.

REVISTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I SANTOS SABBADO 12 DE OUTUBRO DE 1859 N. 3

O CHRISTIANISMO E A ESCRAVIDÃO.

Serui sunt imo homines.

SENECA.

Já os louros colhidos nos felizes dias da republica se emurchecião; já as tradições e glórias passadas se sepultavão nas orgias do Imperio, quando Roma vio cumprir-se a revolução regeneradora da humanidade — o Christianismo. Lutando com uma sociedade já corrupta, mirrando os prejuizos inveterados, o Christianismo vinha tambem dar fim a esse legado da civilisação antiga — a escravidão.

Occultando sua origem na noite dos tempos, a escravidão, sanctificada pelas crencas religiosas, vio levantar-se em seu favor os maiores homens do mundo antigo: na Grecia Homero cantou-a, Platão e Aristoteles, os astros brilhantes da philosophia, a souberão legitimar como originaria da propria natureza humana. E quando pensou-se que as leis erão o seu fundamento, elles oppuzerão — e a esta opinião como erronea, e por demais favoravel aos escravos.

O grande numero de captivos, que excedia o de homens livres, era objecto de grandes inquietações e com solicitude se indagárão os meios de remover estes males: a Lacedemonia foi muitas vezes ameaçada pelos seus Ilotes: e as instituições dos diferentes estados gregos perigavão pelas continuas rebellhões dos escravos.

Roma, com o progresso de seus triumphos, vio crescer o numero de seus escravos; e no fim da republica, uma só familia os possuia em tal quantidade, que o seu cortejo, no dizer de Plínio, assemelhava-se a um verdadeiro exercito.

Homens, embrutecidos pelas misérias, e completamente immoraes, os escravos erão perigoso, e ameaçavão sempre a ordem social; e nos tempos em que Sylla espalhava o terror em Roma, elles forão a causa da maior parte dessas perturbaciones. Tambem as leis não forão remissas em evital-as: lançou-se mão de todos os meios, quando, assassinado o Prefeito de Roma — Pedanius Secundus — quatrocentos escravos forão suppliciados na fórma das leis rigorosas d'elles, e a medida oppoz-se quando se pretendeu dar

Busco em vão, busco em vão, busco
Pra lhe dar a minha mão, meu amor,
Busco em vão por quem se solitaria
Sou olhar que não se muda de.

Hoje, tudo pra mim, tudo pra mim
A desventura encontrei no meu viver,
No meu peito encontrei a morte,
A mocidade sou eu, sou eu.

S. Paulo, Maio de 1899.

JOÃO ANTONIO DE CARLOS JUNIOR.

Porto-Velho.

« Hia-se a estatua das cidades
« brancas, e a sorte ajudando a
« natividade, de repente della um
« patada. Que tempo, vez a vez
« não pôde ter a vida, senão com
« saudade.

Cidade formosa, que se vê de longe,
Nas margens salgadas do mar paterno,
Princesa orgulhosa, e soberba,
Que guerras de amor se dá ao frívolo.

Bahia coberta de canoas e de cascos,
Que os mastros e velas se vão p'la o'ração,
Canoas, que a noite, vezes sem se ergo,
A luz macilenta do luar se vão.

Campinas floridas, e jardins de flores,
Saudade inspirando nos olhos do céu,
Florestas cheios de tardes tristonhas,
Poeticas tardes, que não se vão.

Suspiros, que entrão no peito no meu leito
Pelo anjo mais puro, que vi neste mundo,
Sorrisos e phantasmas, que não se vão,
Amor, que inspira, e não se vai no fundo.

Bahia, canoas, canoas e de cascos,
Sorrisos, suspiros, e phantasmas,
Poeticas tardes, que não se vão,
A tudo eu envio pra sempre saudade!

S. Paulo, Junho de 1897.

J. E. P. G. CINTRA.

Charadas.

1.^a

Parte de um volátil. — 2
Corre á toda a burra. — 2
Quanta ansiedade!
Qu'incessante lida!

2.^a

Volta ao serviço,
Dá-se ao soldado. — 2
Papel ou fato
Nella embrulhado. — 2
Não dá escolha,
Não a consente,
Quer bom e máo
Conjunctamente.

3.^a

Da terra e d'agua — 1
Agigantada. — 2
Confere gloria
Perpetuada.

4.^a

Es concorde, convens, logo que odizes:—1
Ou appetite off'rece, ou dor aguda;— 2
Allegorico emblema figurado.

5.^a

(LOGOGRIPIADA).

Seu branco é preto por essencia—1.^a e 3.^a
A Malaia, a Slava, ou a Clavonia;—2.^a e 3.^a
Soem-me agudo, terão acido fructo.
S. G.

A decifração da 1.^a charada do numero antecedente é — VICARIO : a da 2.^a — REVERSO : a do logogripho — OPALA.

No penultimo verso da ultima quadra da poesia intitulada — *O Silencio e a Noite!* — publicada no numero antecedente, em vez de se ler — Durma agora tambem do bardo a alma — lêa-se — Durma agora tambem a alma do poeta. (Nota do autor).

Typographia de Marques e Irmão.

POESIAS.

Ode de Ossian.

É noite, e eu sou só na montanha,
Acbo na montanha, e as nuvens
sobre ellas os ventos sopram, e o
baixo do rochedo a chuva ruge.
— Nenhuma cabana, e não se ouve
a chuva. Ah! que estorvo a minha
na montanha das nuvens!

Levanta-te, ó Lua! dá luz ás
nuvens!
— Estrellas da noite, que brilham,
Ah! qual luz me dádes, e qual
que repousa o meu coração, e qual
da caça, com o arco estendido,
a elle descansando seus pés cansados?

Mas eu estou sozinho, e a chuva
musgosa, que borra as brancas da
torrente. — Ah! que estorvo a minha
dos ventos e das nuvens, e a voz
a voz do meu amante.

Porque não vens, porque não vens,
porque o filho da caça não vem
em cumprir a sua promessa, e não
vove, o rochedo e a chuva ruge,
te!.. tu me havias prometido, e estas
res aqui antes da chuva.

O vento, para por aqui, e a chuva
rato, suspende o coração, e a
ca-se a minha voz, e a chuva ruge,
chegue aos ouvidos.
Sim, sou eu quem te amo, e a
a arvore, e o rochedo, e a chuva
Aqui estou, porque a chuva
me responde.

Já a lua mostra a sua face,
brilhão lá no valle, e a chuva
talmente ao longe, e a chuva
o vejo pelo cume da montanha,
seus cães que costumam trazer-me
nto me avisão que a chuva
hearei só e desamparado!

Soneto inédito. (1)

Eu sou pobre, sou humilde,
De eu tão feliz estava!

(1 Feito por A. L. D. em 15 de Junho
de 15 anno.

Por não me espantando em que modo
De peço, de belleza e de talento.

Por não embora o riso cento a cento,
Dado em em the outro appetecido,
De embora o formoso e chavancado,
Que pulselos por todos um portento.

Que o pouco que me deu a natureza,
Não troco por dinheiro ou formosura,
Por vale mais o genio que a riqueza.

Quero pôrte seguir virtude pura,
Longe d'adulção, da vil baixeza;
O ser livre a minha alma só procura.

Ao meu amigo e collega o Ilm. Sr. J. J. Vieira de Carvalho.

Saudade.

Où, sans doute, tout meurt: ce monde est
(un grand rêve),
Et le per de bonheur qui nous vient en che-
(min),
Nous n'avons pas plutôt ce roseau dans la
(main),
Que le vent nous l'enlève.

(ALFRED DE MUSSET).

Oh! meus sonhos formosos do passado,
que de santas illusões embellecei,
A qual modo a vida abandonastes
E meus dias de amor todos perdi.

Pera quando era bom, tudo erão flores,
A vida a existência era d'encanto,
munda de luz e de perfume,
E o peito não molhado pelo pranto.

A noite, quando a mente embevecida
Noportunado céu, ella pairava;
Entre nuvens que anjinhos similhão,
Uma estrella de luz ali brilhava.

Eo bella, myst'riosa como a lua
Bequendo a sepultura humedecida,
E a estrella de amores me surria,
E com ella eu sentia amar a vida.

Mas tarde, contida! negra nuvem
A meu olhos a estrella me occultava,
E o campo, que a vida me surria,
Que um futuro de glorias me mostrava.

dia seguinte a marquezã de Livello achou uma carta que lhe annunciava a fugida de sua sobrinha. Esta noticia causou-lhe grande pezar. Todavia este pezar não era totalmente produzido pelo desaparecimento de Thereza. Já fallámos nas apprehensões politicaes da marquezã. Essas apprehensões haviam-a obrigado a receber como amigos os francezes que ella odiava. Ora ella que, prevendo uma reacção realista, já temia ter de responder aos bourbonistas pela fidelidade com que fraternisára com os patriotas, como não recearia que se divulgasse que a sobrinha que lhe havia sido confiada, a irmã do conde Odoardo, isto é um dos mais ardentes «Santa fede» da cõrte do rei Fernando, tinha partido de Napoles com um coronel republicano! A marquezã de Livello considerou-se logo perdida, guilhotinada, presa ou pelo menos proscripta. Tomou pois uma resolução decisiva: annunciou que de ha algum tempo a sobrinha sentia-se doente, e que, suppondo que os ares de Napoles lhe eram nocivos, ia retirar-se com ella para as suas terras de Livello. Na mesma tarde partiu em uma carruagem fechada, onde todos acreditavão que tambem se achava Thereza, e no dia seguinte chegou ao seu castello, situado nas terras de Barri, perto do rio Ofanto.

Era um castello sombrio, isolado e ermo, e que convinha perfeitamente á resolução tomada. Ao cabo de um mez circulava em Napoles o boato de que Thereza morrera. Uma certidão de nascimento velho padre, aggregado á casa da marquezã não deixou dividir alguma sobre este acontecimento. Demais quem poderia suspellar da veracidade da noticia? Sabia-se que a marquezã adorava sua sobrinha e que muitas vezes declarára que ella seria sua herdeira. A marquezã fizera espalhar a noticia com tanto mais confiança quanto Thereza lhe havia annunciado em sua carta que jámais tornal-a-hia a ver.

O conde Odoardo desesperou. Lia e sua irmã são os entes que elle mais amava no mundo; felizmente restava-lhe Lia.

Dissemos como, voltando a Napoles com o cardeal Ruffo, Odoardo encontrára Lia ainda mais extremosa do que nunca: dissemos como elles se unirão e como fugirão de Napoles para entregarem-se exclusivamente ao seu amor. Habitavão, pois, esta encantadora «villa» que descrevemos, situada sobre a encosta do Vesúvio, e de cujas janelas se avistavão ao mesmo tempo o vulcão, o mar, Napoles e todo o delicioso valle da antiga Campania que se estende para o lado de Acerra.

Os dois jovens esposos poucas visitas recebião; a felicidade sóe amar a tranquillidade e procurar a solidão. Poucos dias depois do casamento, uma das amigas da condessa, vindo dar-lhe os parabens e encontrando-a só, apresára-se em felicitá-la não somente por sua união com o conde Odoardo, como tambem pelo triumpho que ella havia alcançado sobre a sua rival, triumpho de que esta união era a prova. Sem saber o que significavão semelhantes palavras, Lia empallideceu e perguntou de que rival lhe fallavão, a que triumpho se referia.

(Continua.)

vira, compellido a sair do oratório e do repouso do claustro, existia também a felicidade.

Os dois moços, que se tinham com a namorada de um Francez, a outra com o cotão de outro, todavia, desde que poderão reflectir, comprehenderão que esse amor era desgraçado. Como poderia a irmã de um emigrado reverter-se para um coronel republicano?

Não obstante, a paixão não se arrefecera, ao contrario talvez se tornára mais vehemente. Os dias e as noites haviam passado como se fossem um dia, quando essa ordem de marcha devia se tornar o signal de tamanhas desgraças de marchar em fila tinham chegado ao exercito francez e veio despertar os amantes no meio de seu sonho dourado. Não pensarão em separar-se: o amor dos dois jovens era tão altamente grande para que recuasse ante a idéa de uma separação. Separarem-se era morrer, e ambos julgavão-se tão felizes que ambicionavão a morte.

Na Italia, paiz dos antigos pastantaneos, tudo está prevenido para que, á qualquer hora do dia, se celebre um amor do genero d'aquelle que prendia o joven coronel a Thereza, para receber a devida sanctificação. Dois amantes se apresentam diante de um sacerdote, declarão que desejão receber-se por esposos, confessão-se, recebem a absolvição, vão ajoelhar-se perante o altar, ouvem missa, e casão-se.

O coronel propoz a Thereza um casamento d'esta especie. Thereza aceitou-o. Convencionou-se que durante a noite que precederia ao dia da partida dos francezes, Thereza deixaria o palacio de sua tia, e que os dois jovens irião receber a benção nupcial na igreja «del Carmine», sita na praça do «Mercato nuovo».

Tudo se fez como se devia. Os dois jovens apresentárão-se perante um sacerdote, que lhes deu o estylo do sacramento a um-os logo que os tivesse ouvido em confissão. Não havia que retorquir, era o estylo: o coronel conformou-se com elle, ajoelhou-se de um lado do confessionario, enquanto a moça se ajoelhava do outro, e posto a sua narração não fosse isenta de certos peccadinhos, o sacerdote, sabendo que alguma cousa é mister relevar a um coronel, e principalmente a um coronel de 24 annos de idade, absolveu-o com uma facilidade paterarchal.

Entretanto, contra a expectativa, não aconteceu o mesmo á pobre Thereza! O padre perdoou-lhe seu amor: perdoou-lhe a fugida de casa de sua tia, pois que esta fugida tinha por fim seguir seu marido; quando porém a moça communicou-lhe que ella era fóra religiosa e que sahira do convento em virtude do decreto que liberta as otellas religiosas, o sacerdote levantou-se declarando que, havendo o lhos dos homens, Thereza não o estava perante Deos. E em consequencia não pôde positivamente abençoar sua união. Thereza supplicou, o coronel ameaçou, mas o sacerdote permaneceu tão insensivel ás ameaças como á supplica. O coronel sentio impetos de lhe varar o corpo com a espada, mas reflectindo que nem assim elle ficaria mais bem casado, conduzio Thereza ao altar, jurando lhe que esta demora era sem importancia, e que apouco chegados á Franca, encontrarião um padre menos escrupuloso que se occuparia em reparar o tempo perdido, unindo-os sem tardança e sem custo de dinheiro.

Thereza amava o coronel, e consentio em segui-lo. No

O genio é o genio americano em Porto Alegre, suave e brasileiro em Genoa; o genio é o genio europeu e ultra-romantico em Alvares de Azevedo.

Imre Nagy.

Cosmo-polita, genio de todos os climas, universal nas aspirações e no talento, nasce ora poeta, ora filósofo, ora fidalgo, propheta sem charlatanismo, inventor sem plágio, ora orador em braços, liberal pelo coração, rei sem throno, grande entre os eternos, sabio quando ignorante, o mais intelligente d'entre os contemporaneos, inda mais amante e esollida, creatura sublime de poder e fecundidade, poeta ou philosopho, artista ou jurisconsulto, philologo ou mathematico, physico ou literato, orador ou orador, medico ou astronomico, politico ou historiador, o genio é sempre um ente providencial, o genio é o guia constante da humanidade na sua marcha ascendente e triumphal pelo estadios da perfectibilidade, o genio é o porta-estandarte do progresso da civilisação no tempo e no espaço! — Santos, Setembro de 59.

A. P. S.

ROMANÇO DE ODOARDO

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação.)

O mancebo, que já começava a amar, e que sabia a mudança que o amor opéra na vida, retirou-se pedindo a Deos que sua irmã jamais se arrependesse da resolução que tomára.

Alguns mezes se passarão; vierão depois os successos que relatámos; o conde Odoardo recolheu-se para a Sicilia, como dissemos, deixando a joven carmelita sob a guarda do Senhor.

Os francezes entrárão em Napoles, e a republica Parthenopenica foi proclamada: um dos primeiros actos do novo governo foi, assim como tinha sido o de sua irmã mais velha, a republica franceza, abrir as portas de todos os conventos e declarar que os votos pronunciados por constrangimento erão nullos.

Entretanto, como esta decisão fosse insufficiente para determinar as mulheres a deixarem o asylo onde contavão morrer, um decreto foi logo depois promulgado declarando as ordens religiosas completamente abolidas.

Forçoso foi então ás pobres pombas sahirem de seu ninho. Thereza retirou-se para a casa de sua tia, que acolheu-a como se ella fôra sua filha; a habitação, porém, da marquezia de Livello (assim se chamava a tia de Thereza) mal offerecia á joven religiosa a tranquillidade de que tinha saudades. A marquezia, que possuía posição aristocratica, fortuna e nascimento, era cordialmente affeiçãoada á casa de Bourbon; receiando comprometter-se por esta bem conhecida affeição, apressou-se a receber em sua casa o general Championnet e os principaes chefes do exercito francez.

Entre estes officiaes havia um joven coronel de 24 annos. Nessa época chegava-se bem depressa a coronel. Este, de quem fallamos, sem fortuna, sem movimento, attingio o posto ajudado unicamente pela sua coragem. Apenas viu Thereza, apaixonára-se por ella: apenas Thereza e

tem abarcado a mais vasta e numerosa classe de conhecimentos. Arpenteleg, Leibnitz e Voltaire torão vãos os seus esforços.

Consagrando-se a essa arte, o genio, como ha feito descobertas maravilhosas e transformado o mundo, como Guttemberg, Franklin e Fulton são nomes immerredouros nos annos da civilização humana.

Na politica, essa arte de governar o povo, exercida quasi sempre sem escrúpulos e com dolo, e não de uma vez, e a sciencia pratica da mentira official e dos protocollas, dous vultos se collocarão, rivalizando entre si; dous grandes, porém raios genios se celebrarão, dous homems, eminentes pela sua intelligencia e vontade superiores, mas servidos de raques corruptos e almas satanicas, se tornarão historicos. Forão Richelieu e L'Escurial.

A religião tambem tem tido seus genios—reformadores e prophetas—gigantes do mundo moral, que elles tem reconhecido com o facho ardente de suas ideias heterodoxas e onde tem levantado o estandarte de novas seitas sobre as falsas bases de suas doutrinas reprovadas. Zoroastro, Mahoma e Luthero pertencem a esse numero.

Nas armas e na estratagemas, o genio tem alcançado ao zenith da mais estrondosa gloria: Alexandro, Cesezar, o herdeiro de Marengo e Wagram são considerados os deuses da guerra.

Não é só na sciencia, na industria, e outra sciencia applicada, que se propõe ao desenvolvimento da ideia e vista a producção da riqueza, na politica, na religião e na arte de Marte e Bellona, que o genio tem ostentado a sua força prodigiosa; na litteratura e nas artes liberais o seu dominio é ainda mais absoluto, as suas obras mais grandiosas, a sua missao mais bella.

O que ha com effeito de mais immortal do que os quadros evangelicos de Raphael, esse, justamente conhecido, Honoro da pintura, do que as estatuas gregas de Phidias, do que as operas de Verdi, a quem onsaremos a nosso turno chrismar com o nome de Shakspeare da musica, o que ha de mais immortal, enfim, do que os poemas de Dante, Milton e Klopstock?

E' fado, que fado cruel, de quasi todos os genios esgotarem até ás fezes o calix do infortunio. A sua vida se é ser uma longa batalla travada contra a miseria, as grandes dôres, as perseguições injustas dos homems—martyres da propria imaginação, joguetes de um fatal destino, raras da sociedade coeva que não os comprehendê, o termo da sua peregrinação é o tumbão, o suicidio, o hospital, a loucura. Tasso, Camões, Gilberte e Chatterton sacrificam-se tristes da desgraça sublime, typos impereciveis da grandeza desvalida.

Deixámos dito que o genio, algumas vezes barbaro e inculto, quando mais grandioso e gigantesco. Comparando a historia da litteratura e das bellas artes, e encontrarem a prova d'este, nesse a saber em Eschylo, esse pai da tragedia, como o baptisou Barthélemy, e em Miguel Angelo, esse Dante do marmore, da pedra e do bronze, conforme o comparou a penna d'ouro do autor do «Conde de Monte Christo» e dos «Mohicanos».

O genio, avancámos ainda, e o genio natureza arrojado a espaços nos seus vôos, e anarchico nos seus momentos de delirio. Victor Hugo, o «principe dos poetas», no dizer do diffamador M. de Court, e Proudhon, esse iconoclasta dos tempos modernos, vos convencerão da pratica d'esta nossa proposição.

O genio, dissemos mais, e activo nos seus mais assombrosos feitos. Lembraivos de Homero, o Titandriopago de Shakspeare, o Atlas do drama, de Alexandre Dumas, o Sansão do romance, e recordateis comigo.

O genio é por outro lado creder e vasto em Walter Scott e Balzac, gracioso e natural em Virgilio, correcto e enternecido em Horacio, classico e observador em Moliere, elegante e harmonioso em Racine.

Sombrio com Goethe, e ameno como Young, melancolico com Lamartine, o genio é satyrico com Boileau, e grave em Beranger, patrotico com Rouget de Lisle.

O genio é fantastico e imaginativo em Hoffmann, verdadeiro e moralista com La Bruyere.

O genio é flexivel a tudo, como Dante, cheio de louçainhas e atticismo, rico de uma neve sempre fresca e brilhante em Gajott, magestoso, varonil, profundo, castigado e sobrio no poeta de Portugal, Probyteros, no escriptor da «Historia de Portugal».

realiza de esp. — a natureza superiormente adiantada, assim como a verdade e a justiça, a única e verdadeira realidade, a realidade da alta moralidade.

O genio é um poderoso e impetuoso reflexo de Deos incarnado nas naturezas superiores, porque é o seu creador por excellencia, porque o genio arremeda o Omnipotente tirando-lhe o melhor e o primario do nada, fazendo do chaos e de elementos embryonarios e confusos, mundos admiraveis de ordem e resplandescentes de luz.

Como a natureza do genio, filio predilecto e ricamente favorecido, o genio é espontaneo em seus impetos, livre e independente na sua marcha, livre nas suas gigantescas proclamações arrejado nos seus voos. Bem como a natureza se mostra caprichosa as vezes nos seus phenomenes, inculca sempre nas suas obras, selvagem quanto mais fecundidade e vida nos seus pantos monstruosos, o genio se revela tambem per vezes exultante em seus fructos, incorrecto frequentemente nas suas creações, barbaro nos seus pantos assembrosos feitos, anarchico nos seus momentos de delirio.

Semelhante a s hydrae, como a pythouissa de Delphos, que se debate possessa ao profeta seus oráculos, o genio tripudia e se agita, debaixo do influxo de uma potencia superior e se arrastando da largas a lava ardente da inspiração que o abrasa.

Qual o espirito das nevas, o genio sacode violentamente os membros do animal que ri e chora, na phrasa euzegia de Alexandre Herculano, no instante em que d'elle se apossa, os olhos da sua victima vibram então raios de vivissima luz, as feições se lhe transfiguram exprimindo o mais fremente enthusiasmo, os cabellos se lhe emmaranham e hauri na cabeça, sede do fogo devorador que lhe corre pelas veias. Então o homem não é mais a razão fria e calma, capaz de sopitar os impetos cegos e tumultuosos da paixão, não é mais o sabio entregue no seu gabinete a estudos pacificos, o sacerdote no altar exercendo o officio divino, o magistrado pronunciando a sentença na câmara curul, o general passando revista ás suas tropas, o estadista descansando das suas fadigas governamentais — é, sim, Archimedes descobrindo a chave do seu problema, correndo nu e gritando pelas ruas de Syracusa como um doido, Bossuet trovando no pulpito e abatendo sob o poder da sua palavra a cabeça orgulhosa de Luiz XIV e de sua corte, Cicero esmagando no senado a hydra da sedição que se agita no collo ameaçando a rainha do universo, Napoleão dirigindo aos seus soldados no campo de Austerlitz a mais monumental das suas proclamações, O'Connell advogando com vehemencia a santa causa da opprimida Irlanda, sua patria querida, no seio do parlamento inglez!

O genio, como o torrente, se precipita dos mais altos cumes do saber humano aos baratiros mais profanos da humana vida descrença.

Pairando nas montanhas e no conlor dos Andes, fitando, como a aguia, o sol sem pestanejar, e se enforca a tumbar com os astros, e sustenta, mesmo ante o aspecto aterrador do infinito, com firmeza-lhe os invariaveis movimentos; obreiro do porvir, arremette de fronte a todos os preconceitos do seu seculo, sobre quem descarrega os mais tremendos golpes, e assenta os alicerces de uma futura e diversa ordem de cousas; impetuoso e paucis a terra, presente a existencia de ignotas e longinquas regiões, e, entregando-se a mil rêdidos oulhas, busca-as, com a convicção arreigada no espirito e a coragem indomita do coração, em desconhecido hemispherio; mineiro incansavel, penetra no interior da terra e aq rende d'ella ou lhe adivinha os mysterios; especie de chamão do espirito, como alguém já appellidou o (psychologista), recolhe-se no interior da propria consciência, e desceca com o perspicaz escalpello da razão esse organismo, mil vezes mais pequeno e sorprendente na sua immaterialidade, denominado alma; o genio, em sua palavra, cultor e aperfeigador da grande arvore da sciencia em todos os seus ramificados ramos, personifica-se em Galiléo, Rousseau, Colombo, Humboldt, e em tantos outros atletas formidamos de todos es tempos e lugares, profundo na mente e generalidades como o oceano, vastos como o universo, cuja frente é illuminação pelo esplendor multicolor da mais descommunal intelligencia!

Dizemos que o genio se precipita as vezes dos mais elevados tôpos do saber humano ao abismo negro e profundo da infancia e da descrença. É uma triste verdade. Aristophanes, Voltaire, e o fogaço de um lado — Diderot, Byron e Sue do outro são exemplos de quem caiu d'ella.

Dotado de uma natureza e de uma mente e de uma enorme capacidade, o genio já

tumbantes vão morrer... e a terra habitada, povoada de multitudes de habitantes, que, circumdando-a, a felicitão por sua utilidade, e a grande família dos homens, conduzindo em permuta todas as produções da natureza, ás vezes imperturbavelmente calmas, outras rebolladas, talmente de trunfo tudo quanto sobre seu seio navega, elevando suas embraças até ás alturas immensas, descendo-as a abyssos que se somem das vistas, e a montanhas sobre cujos cumes não é dado ao homem pisar, nem ás nuvens parrar, nem a veados alepar; os rios amasonicos, que, cortando a superficie da terra, sem prado, sem desertos, suas cidades, vão unir suas aguas com as do oceano, repellido a centenares de leguas de suas ribas; ao examinar todas essas grandes cousas, e muitas outras que por brevidade omittimos, o espectador estupefacto, balbuciendo de peullo a palavra mais mysteriosa dos labios humanos, perguntará a si mesmo — para quem e para quem foram todos estes prodigios creados ???

Quanto á primeira questão, o philosopho mais sapiente, mais cheio de annos, não responderia!... á segunda, uma criança diria — para o homem!... quem é, pois, esse ser grandioso, impetante das maravilhas do Deos de Israel ??? Já que não nos é permittido estudar nem o autor, nem a causa de feitos tão inexplicaveis, tão incomprehensíveis que deão lugar a plrase profunda do celebre philosopho á Dionysio de Syracusa, quando, por este perguntado quem era Deos, pedira um, depois dous e finalmente tres dias para responder, e levára ao rei esta explicação negativa do problema insolvel: «quanto mais estudo e penso menos atino»!... á de Socrates, philosopho que o oraculo de Delphos santificava como o mais sabio dos homens — «a unica cousa que aprendêra foi que nada sabia» — Não havendo, no rodar compassado dos seculos, os herdeiros e continuadores da sciencia, achado uma decifração mais satisfactoria do que seja Jehovah! damos até havendo-se elles perdido no estudo do mesmo homem, baseado até hoje em conjecturas, sustentadas por uns, combatidas por outras; não tendo os Descartes, os Malebranche, os Leibnitz, as tres maiores columnas do espirito humano, correspondido ao solemne e momentoso legado de Thales, feito e dirigido á posteridade nita do futuro; nós, humilde e rude observador, encetando carreira obscura e atribulada por entre densos nevoeiros, do ponto mais afastado do templo da sciencia, nada podemos, nada diremos, tão sómente nos limitaremos a fallar sobre o homem, para o qual obra tão miraculosa fôra creada, d'onde se deprehende ser elle o ser mais extraordinario, e mais prodigioso da criação, por isso que seria absurdo o suppormos que havia Deos fabricado o mundo para o homem sendo este inferior a qualquer das cousas por elle creadas. Nós, pois, pedindo excusas aos nossos leitores por nos atrevermos em nossa nullidade a occupar-nos de assumpto tão transcendente, tão visivelmente superior ás nossas forças ante o qual as mais altas capacidades naufragão, fallaremos nos numeros que se seguirem do homem e de seus feitos, ate onde nos conduzirem os nossos apoucados conhecimentos; se, entretanto, não correspondermos ao nosso plano, nem á expectativa dos que em nós depositão confiança, offereceremos nosso trabalho, como humilde mas expressiva homenagem aquelle que representa e é a Immensidade! Antes, porém, de darmos comeco á tarefa que nos impuzemos, com a nossa fronte curva e apoiada sobre o peito, pela transcendencia do objecto em mira, pararemos perante o homem, como o viandante perante as pyramides do Egypto !!!

(CONTINUA.)



L'esprit de l'homme a trois clefs qui ouvrent tout :
Le chiffre, la lettre, la note.
Savoir, penser, rêver. Tout est là.

(Victor Hugo.)

O genio é uma centella da divindade, roubada ao Ente Sempiterno por algumas creaturas privilegiadas; e a extrema torça e o apogeo da intelligencia humana na terra; é um lampejo da perfeição absoluta, irradiando na fronte dos soberanos da grande e indefinida nação humana! — humanidade, com; corôa da unica e verdadeira

elevar-se acima dos outros, de se abaxo do que lhe permite a propria dignidade. Familiar com seus superiores, elle os actua, cheio de importancia com seus iguaes, os protege, insolente com seus inferiores, os despreza. Vós o saudais, elle não vos vê; fallais-lhe, não vos ouve; fallais a outrem, interrompe-vos. Não menciona a sociedade a mais respeitavel e da conversação a mais seria, elle se repudia com a luneta collada ao olho e cinacotéa. Convida o homem virtuoso para não vê-lo á sua casa, e lhe marca a hora em que sóem visita-lo o seu fornecedor de enfeites e joalheiro. Não possui conhecimentos alguns e emite opiniões ante os sabios e artistas. Fôra capaz de discutir sobre fortificações com Vauban, com Le Brun sobre pintura, sobre poesia com Racine.

Conta mundos e fundos dos seus redditos e tem apenas sessenta mil libras de renda, mal pode viver. Consulta a moda nos seus habitos como nos seus trajes, no seu medico como no seu alfaiate. Verdadeiro personagem de theatro, ao vê-lo, direis que representa um papel: suas palavras são ocas, suas acções mentirosas, o seu mesmo silencio indigno de fé. Falta aos seus juramentos; presta-os sem accessidade. Não vai onde é esperado; chega tarde onde não o é. Peja-se de confessar que tem um parente pobre ou pouco conhecido. Blasona da amizade de um Grande a quem nunca fallou, ou que nunca se dignou responder-lhe. Arroga-se o desembaraço e os ditos satyricos das pessoas espirituosas; tem os tacões vermelhos, o lacaio e os credores dos homens do tom.

Quando mesmo não fosse velhaco, ainda assim seria o contraste do homem de bem: em uma palavra, é um homem de espirito para os tolos que o admirão; um tolo para a gente sensata que o evita. Mas se conhecerdes bem um semelhante homem, vereis que não é um homem de espirito, nem um tolo, mas pura e simplesmente um fatuo, o modelo de uma infinidade de jovens nescios e maleritados.

Desmahis

LE FRONT

Le Roi pour qui sont faits tant de biens précieux,
L'homme élève un front noble et régarde les cieux;
Ce front, vaste théâtre où l'âme se déploie,
Est tantôt éclairé des rayons de la joie,
Tantôt enveloppé du chagrin ténébreux.

(RACINE LE FILS).

Por toda a parte para onde volvamos os olhos contemplamos uma natureza magnifica!... o espectador, cheio de assombro ao observar attentamente o zimborio celestial, scintillante de myriadas de estrellas de primeira magnitude, cada uma centro de constellações, contando em si populações talvez milhares de vezes maiores que a da terra, visto como é impossivel suppormos, sem offendermos a magestade creadora de tantas e tao grandes maravilhas, ter ella tudo feito para o festejo do organismo visual do homem; todas essas innumeradas constellações em sua viagem eterna em volta de um centro commum, perante o qual ellas comparativamente desaparecem; ao contemplar, repetimos, sob o céu da America em noite serena e bella, revestida de todas as suas gallas, essas causas prodigiosas que, no silencio dos bosques, os zephyros, cunhando por entre densa folhagem, nos pronuncião o nome de Deos, nome que faz barbar a fronte altiva do homem mais intrepido, mais ousado; os trovões, os cometas, que nas revoluções dos elementos rasgão os ares, e re-

da missão, pela sabedoria do novo Governo, confiada á sua probidade e illustração: justo e lícito que seja.

Magistrados que, em virtude politica, dotados de apreciavel intelligencia e de caracter probo e severo, se tem á defender uma causa que é a da justiça, felizmente o Brasil, empro, tem tido, e varios destes conhecemos nós que escrevemos estas poucas linhas.

Essa probidade, e essa independencia emobrecem tanto mais a muitos dos nossos magistrados, quanto é de lamentar se o estado pouco lisongeiro da nossa magistratura, para quem esperamos e desejamos melhor sorte!

No entanto, essas virtudes que se encontram na maioria desses importantes «funcionarios», não excluem o provento de uma lei de «incompatibilidades», como temos demonstrado.

E sem duvida em vista de certos «inconvenientes», que se poderiam offerecer, e da independencia que deve haver nos representantes da Nação, que Macarel (2) diz: «que um povo illustrado nunca escolherá os seus representantes com preferencia, dentre os funcionarios publicos, mas não os exclairá absolutamente, si estes lhe parecerem dignos de sua confiança.» Esse mesmo publicista segue a opiniao, que nossa lei fundamental abraçou no artigo 29, relativamente ao deputado nomeado para o cargo de ministro de Estado.

Agora, notaremos que uma provincia dividida em circulos, (cada um dos quaes dará o seu deputado que muy bem conhecerá as necessidades do circulo, que o elegeu, não deixará de ser com vantagem representada, e assim a nação inteira, de que solidamente são representantes os membros do nosso parlamento

E com razão que a lei, de que tratamos, véla que o presidente de uma provincia seja por ella eleito deputado ou senador, durante o tempo de sua administração: o mesmo determine sobre o chefe de policia, etc.

As assembléas legislativas emos tratados de Direito Constitucional, diz Balmès, (4) nos são apresentadas como focos em que se podem encontrar todas as luzes proprias a esclarecer os negocios publicos: como um orgão das opiniões rasoaveis, um canal das justas reclamações, um canal de communição entre os governantes e os governados, e finalmente, como uma garantia de que o governo, não tomando a si mesmo por fim, tem suas vistas fixadas na utilidade e convenienciam publicas. Realmente essa é a sublime missão dos representantes da Nação: cumpram-na elles e seremos todos felizes.

Nos parece, pois, incontestavel a constitucionalidade e convenienciam da lei dos circulos. — S. Paulo, Agosto de 1859.

J. R. Coelho de Macedo.

O FATIO.

É um homem cujo caracter é formado unicamente pela vaidade; que nada faz por gosto, que nada faz senão por ostentação, e que, querendo

(3) Elem. de Dir. Polit. trad. do Dr. Moraes Sarmento, p. 111.

(4) Le Protestant. comp. par G. Thiers, tom. 3.^o, p. 231 (5.^a Edic.)

Ficou direitos a algum cidadão? Alterou alguma das condições exigidas pela mesma Constituição para ser deputado? não: logo, onde está a sua *inconstitucionalidade*?

O numero de deputados, que dava cada provincia, ficou sendo o mesmo, com a differença de que, em vez de serem eleitos pelos votos de todos os electores da provincia, ficaram sendo o por circulos, convenientemente divididos. Onde é que a Constituição prohibe semelhante systema eleitoral?

O modo pratico das eleições não pôde ser determinado senão por uma lei regulamentar. A Carta Franceza, no artigo 30, citado por Hello, (1), dispõe que «a camara dos deputados será composta de deputados eleitos pelos collegios electoraes, cuja organisação será determinada por leis».

Agora passaremos a tratar da utilidade, que á Nação trouxe a *lei dos Circulos*.

A sabida constituição, que possuímos, o que teve em vista foi a conveniente representação dos interesses do Estado.

Sabia essa constituição não desconheceu nenhum desses interesses; avêssa a toda sorte de *imposições* garantiu os nossos inalienaveis direitos; a independencia, a consciencia do voto, esse nobre direito do cidadão, ella proclamou.

A uma lei regulamentar cumpria tirar a limpo tão importantes principios: a de que nos occupamos foi o que fez.

As *incompatibilidades* foram uma coherencia com o systema eleitoral que ella adoptou.

«Não é só a aptidão, mas tambem a independencia, diz o escriptor que já citámos, que se deve exigir nos representantes do interesse geral; e sobretudo a independencia, porque a independencia com pouca aptidão não é absolutamente incapaz do bem, ao passo que a aptidão sem independencia só é capaz da mentira e da baixeza.» (2)

Fazendo-se, mesmo como se deve, tola justiça ao caracter e honradez dos nossos leitores e dos nossos candidatos á deputação, devemos todavia approvar uma lei, que previne todo e qualquer abuso, que por ventura poderia apparecer; esses electores e esses candidatos são homens; como taes sujeitos a paixões, e em ultima analyse ao erro.

O presidente, o chefe de policia de uma provincia, o juiz de direito de uma comarca, etc. etc. estão relativamente a essa provincia e a essa comarca, em posição *critica*, se por ali nutrem, como soia acontecer, pretensões politicas.

Os interesses do Estado, a causa da justiça serião sacrificados, desde que qualquer d'aquelles funcionarios, menos *patriota* e mais *egoista*, quizesse para sua eleição, lançar mão dos *meios* de que por sua posição pudesse dispor.

Uma *influencia* desse lugar, e que naturalmente dependeria da autoridade, seria bastante para apresentar e *impôr* a sua candidatura: a *bayoneta* faria tambem o seu papel!

Tudo isto não será possível? Ou, por outra, as hypotheses que acabamos de figurar, serão vixens? A historia das nossas eleições responderão. Verdade é que antes da lei dos circulos, da lei de incompatibilidades — honrados presidentes de provincias e magistratos houverão, que nunca abusarão

(1) Du Régime Constitutionnel — Sec. 3.^a § 2.^o p. 411 (3.^a Edic)

(2) Id. p. 409.

O YTORORÓ.

JORNAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I SANTOS QUINTA FEIRA 15 DE SETEMBRO DE 1859 N. 2

A lei que marca a eleição de deputados geraes e dos membros das Assembleas provinciaes por circulos e baseada no artigo 97 de nossa Constituição politica.

No pequeno desenvolvimento, que daremos a este escripto, procuraremos justificar a *lei dos circulos*, e mostrar suas vantajosas consequencias.

Na nossa Constituição, que tão sabiamente reconheceu e garantio os nossos direitos, não se encontra marcado o *modo pratico* por que se deve proceder ás eleições, ficando essa attribuição pertencendo á uma *lei regulamentar*, como se vê do artigo 97 que diz «uma lei regulamentar marcará o modo pratico das eleições e o numero dos deputados relativamente á população do imperio».

Quanto aos membros das assembleas legislativas provinciaes, temos que a sua eleição far-se-ha da mesma maneira que se fizer a dos deputados á assemblea geral legislativa, e pelos mesmos eleitores, como determina o artigo 4.º do Acto Addicional.

Essa lei regulamentar, de que falla o supracitado artigo 97, deve estar em perfeito accordo com as circumstancias e necessidades, que a experiencia fez conhecer, manifestadas as quaes, e da la a lei pelo poder competente, como aconteceu, não houve mais do que o exercicio de um direito outhorgado pela lei fundamental.

A população, as necessidaes locais, com o cortejo de mil outras circumstancias, tem no caso em questão grande peso, ao passo que são cousas que acotampanhão o tempo em politica, e que á lei das leis não podião e nem devião ser indifferentes. Como censurar-se, pois, essa lei regulamentar, de que ora nos occupamos, que a ninguém tirou direitos, sendo aliás recommendada e autorizada expressamente por um artigo do nosso código politico?

Entretanto, foi o seu projecto combatido no nosso parlamento, e fóra d'elle, por altas e reconhecidas capacidades.

Chegou-se a negar a sua *constitucionalidade!*

Mas, perguntaremos, a lei de que fallamos não limitou-se (e nem a mais podia estender-se) a marcar o *modo pratico* das eleições?

Não é isso fundamental e essencia da Constituição politica do Brazil?

Os videntes, pombo, e os ruidosos,
Silenciao tambem em suas câmaras.

Sob a copa das arvores, cheira a
Se repousão as aves, em o ninho,
E gorgoia talvez, cantando a noiva,
Na encantadora par do arvoreto.

Somnolentas lagôas, e os rios,
Arfão sômente, e o lobo do cecim,
E as floriuhas do campo e cavallo puro,
Behem dormindo em tal do carumim.

O silencio e a noite! — E o céu, e o
Brilhão tremendo p' os cov. telhas,
Pedrinhas do mosaico em tal do Eterno,
O seu throno assentado no firmamento.

Astros risonhos que viveis no azul,
Os rubis, as saphyras, e os brilhantes,
Invejão-vos a luz, e a pureza,
E vossos lindos grupos cambantes.

Estrellas de fulgores e sorriso,
Mysteriosas filhas das alturas,
Irmãs que vos beijas o os raios doces,
Como dormis, ó anjos de canduras!

O silencio e a noite! — E o céu, e o
Só a alma do Universo este velando,
Durma agora tambem do bardo a alma
Em mystica harmonia se melando.

S. Paulo, 12 de Julho de 1859.
ZOROASTRO AUGUSTO PAMPONA.

CHARADAS.

E' nas florestas
O seu viver;
Mas para sê-lo
Convem morrer. — 2

Se prazer s'ente,
Lêdo o pratico,
Algun ha pobre
Algun bem rico. — 2

E' o de Christo
Conde corallo;
De muitos reis
Sempre acallado,
Da moral typo,
Deve mostrar-se
Um plebeo!
A milhar.

(LOGOGRIPIADA.)

D'ambos os lados
Examina 1.^o e 2.^o
Bem construido
Apraz cantar 2.^o e 3.^o

A face opposta
Tende a mostrar.

LOGOGRIPO.

Eis a primeira
Convocativa,
Segunda ao nauta
Mui prestativa;
Terceira vê-se
Mais longe estar,
Ao sol vizinha
Se ha d'encontrar.
Si á primeira
Se unir segunda,
Algun confrade
Ela circumda,
E si é terceira,
A'quella unida
Mão é por muitos
Ir ser mexida.
Duas primeiras
Sendo transpostas,
Ninguem o queira
Nas proprias costas;
E si á segunda
Se unir terceira
Vai do altar
Ser costumeira;
Ou do broquel
D'alta Bellona,
Desce ao sapato,
A' pantalona.
Estas transpostas
Covil se gera.
O todo é pedra
Oh! quem a déra!

S. G.

Santos.—Typ. de Marques & Irmão.

POESIAS. (1)

A LUA.

A lua... a lua... eu amo a virgem pura,
Que eu amo de minha alma no delírio,
Gosto de vê-la na campina triste,
Meu coração encheu-se de martyrio.

A lua... a virgem branca e maviosa,
Tão romantica e bella como a lua,
E' ella o anjo, com quem eu sempre,
A flor de meus amores perpetua.

De que, senão de amor, eu me entristego,
Quando no céu a vejo p'ra lá?
O que, senão amor, quando se esconde,
As minhas tristes lagrimas lava?

A lua... a lua... e ella, p'ra mim a bello
De ideias melancolicas p'ra lá,
Quanta vez te sei mimar e beijar,
Minha alma ardente a p'ra lá te dá!

E' bem velho este amor, e já não sinto,
Criança ainda, e já não sinto mais,
Achava seductor seu rosto e sorriso,
Sempre gostei de a contemplar e beijar!

Quantas vezes, olhando-a no firmamento,
Não fui beijar a sua doce face,
Quantas vezes protestei contra o tempo,
De amor eterno eu me lembro e me dá!

E nunca me esqueci de te beijar,
Tenho guardado a feição de te beijar,
E' por ella sómente que me lembro,
No silencio do peito a tua face dá!

Ponta nas paixões sempre me encontro,
Com ella tenho tudo a lembrar,
Nunca a esqueci no velho e novo mundo,
Quando a não vejo não me lembro e me dá!

A lua... a lua... eu amo a virgem pura,
Ha muito estou de te beijar e beijar,
Vou casar-me com ella e com a lua,
Eu te convidei para o meu casamento!

Seja o consorcio meu de sempre,
Eu que meu corpo foi sempre teu!

Exire minha alma do mortal envolvero,
E não se pode a minha virgem pura.

S. Paulo, Julho de 1858.

L. R. P. U. Cintra.

TU ÉS BELLA.

Tu es bella como o lirio solitario,
Como de minha mãe um doce affago;
Como a flauta gemida no silencio,
Como a lua ao sereno azul do lago.

Tu es bella como é bello o rouxinol,
De noite docemente retirado,
No ramo de cheiroso laranjal,
Cuja sombra elle canta enamorado.

Tão bella como a onda palpitante,
Em seu leito de espumas ao luar,
Como a tarde em seus ultimos adeoses,
Como os ventos da noite a suspirar.

Como as pedras que o zephyro ligeiro
Da florinha mimosa solevanta
Da hastea que chorosa as vê murchar
Tristemente das flores lá na campã.

Tão linda como a bella Italiana
Em seu divã macio, de mil flôres,
Respirando perfumes do Oriente,
Em languido seismar pensando amores.

Tão bella como um canto de saudade
Ouvido em alta noite de luar,
Pelo terno violão acompanhado
Na praia solitaria lá do mar.

S. Paulo, 1858.

João Antonio de Barros Junior.

O SILENCIO E A NOITE!

O silencio e a noite!—As auras dormem
Abraçadas subtis por entre as flôres,

(1) As poesias que hoje se publicam nesta pagina são produções de 3 estudantes do 2.º anno da Faculdade de Direito de S. Paulo. Em anos por ora da nussa juvenil dos seus autores, ellas tem direito a toda a benevolencia dos leitores. Hoje, mais do que nunca, o ser bom poeta é difficilissimo, principalmente quando a nossa alma mal desabrocha á vida e a lalucia lumbra a luz da vida. P. Maria e Lamartine. A. P. S.

olocndros e rotundas. De cima do angulo d'esta caquilha habitação elevava-se um bosque mto de palmeiras, cujos altos eucos inclinando se como um pennacho davão ao todo da vivenda uma physionomia oriental, que causava pra eto contemplal a. Durante o dia, como é costume em Napoles, a *ritta* que se via era abencioza e fechada e parecia erma; ao cair da tarde, porém, quando a brisa do mar começava a bafejar, as gelosias se abrião devagar, e então aquelles que passassem junto d'essa casa encantada, podião ver, a travez das janelas, aposentos ricamente mobiliados, pelos quaes passavam apoados nos braços um do outro e litando-se com olhares apaixonados, um bello mancebo e uma moça tambem bella. Erão os senhores d'este pequeno palacio de fada, o conde Odoardo Giordani e sua joven mulher, a condessa Lia.

Posto que os dois jovens se ama sem desde longo tempo, havia apenas seis mezes que se tihaõ unido. Deverião ter-se casa le no momento em que a a revolução napolitana rebentara: então, porém, o conde Odoardo, cujo nascimento e princípios ligavaõ a a causa da realza, seguira o rei Fernando á Sicilia e ficára em Palermo, como cavalleiro honorario da rainha, durante oito mezes: depois no momento em que a cardeal Ruffo fizera a expedição da Calabria, o conde Odoardo pediu a sua soberana permissão para partir com elle, e, havendo a obtido, acompanhara este singular chefe de partido na sua marcha triumphal para Napoles. Entrára com elle na capital, onde foi encontrar a sua Lia sempre fiel, e, como nada mais se oppuzesse á sua união, esposera. Fazindo ás mutanças que desolavão a cidade, elle conduzio sua joven esposa para o paraíso, que descrevemos e que habitavão de ha seis mezes, onde o conde teria sido sem contestação o o homem mais venturoso da terra, a não ser o acontecimento que lhe sobreveio e perturbo profundamente a sua felicidade.

Nem todos os membros da familia de Odoardo partilhavão o odio que elle tributava aos francezes, por causa do qual abandonára Napoles, ao vel-os approximarem-se. O conde tinha uma irmã mais moça, chamada Thereza, bella e casta menina, que como um lirio desabrochava á sombra do claustro. Segundo o costume das familias napolitanas, o futuro de amor e de felicidade da danzella, este amor que Deos permittio que toda a creatura humana ouzasse esperar, havia sido sacrificado ao futuro de ambição de seu irmão mais velho. Antes que a pobre Thereza pudesse saber o que era a vida, as grades de um convento se tinhão fechado entre ella e o mundo; e ao tempo em que seu irmão, que a adorava, tornára-se senhor de sua liberdade, tres annos já havia que ella tinha pronunziado os votos.

Logo após a morte de seu pai, o conde Odoardo, dirigindo-se á sua irmã, offerceu-se-lhe por parte do Santo Padre o rompimento dos votos que ella contrahira antes que pudesse saber o valor do juramento pronunziado e apreciar a extensão do sacrificio que ia fazer: entretanto, para a pobre menina, que não vira o mundo senão atravez do falso espelho dos seus primeiros annos, cujo coração não conhecia outro amor senão aquelle que consagrara ao Senhor, o claustro offercia seducções, a solidão tinha seus encantos: ella agradeceu pois a seu querido irmão o offercimento que lhe fazia, assegurando-lhe que se julgava feliz e receiava que qualquer mudança viesse dar a sua existencia um porvir differente d'aquelle a que já se havia habitado.

(Continúa).



promulgado, e a legislação, com privelégio, onde nenhuma anticipação, nenhuns projectos, e nenhuns decretos, e nenhuma das ideias novas — o Código Brasileiro poderia ser o resultado do trabalho de um século, o «ultimatum» das esperanças da Humanidade. Mas, infelizmente, faltou-lhe um dado, faltou essa experiencia sem a qual não basta.

E como leger a legislação, e saber, com os costumes, suas ideias e sentimentos? Com que experiencia, e qual relação nova, em um compromisso com o passado? Sim, Senhores, eu não sei, e não tenho, era a media idade no seculo XIX: o presente constata, e eu não sei, que se não sobretudo para um povo que ainda tem tantos habitos de liberdade, e de todo fatal de seus antepassados. A experiencia porrem vem vindo, e as reformas se elaborao no seio da Representação Nacional. Oxala possa ser o resultado de um grande fim de nossos trabalhos — conciliar o amor ao homem com a liberdade e a impunidad!

Até aqui a Historia, e a Praxis. Mas eu vos disse que ha tambem uma theoria. Poderei eu porrem, neste momento fazer a Theoria o mesmo que fiz á Historia? Não, o estudo da theoria é sumamente curto. A theoria é vasta porque ella é a razão de tudo, e o objecto desse vai ser o objecto de nossos estudos em todo este anno. De modo que vos guarei no estudo profundo da natureza do crime e de seus antecedentes, e vos mostrarei quaes as circumstancias que absolvem o delinquent, quaes as que annullam a perversidade, quaes enfim as que elevão ou abatem o theminato dos crimes. Então exporei a bella theoria das satisfações, e vos conduzirei ao maravilhoso e mysterioso labyrintho das penas: depois indicarei suas diversas applicações, e por fim entraremos no oceano do Processo Criminal, tão vasto, e tão agitado, cujas vagas e agitos talvez não possamos dividir.

Basta: eu vos tenho dado os dados precisos para julgardes da importancia da sciencia. Cumpre agora a palavra de mim e de vós: mas que vos direi eu de mim? Não todos me conhecem, e eu não me posso acompanhar, elevado hoje ao magisterio, não tive ainda tempo para muitas ideias; urge confessal-o, e com toda a singeleza d'aluno, que eu não posso acompanhar no meio de vós, no meio de jovens tão esperançosos, e tão capazes, e que tenho de mi ha debilidade intellectual, a desconfiança que nutro, e a falta de convicção em que estou de que nunca poderei satisfazer á summa de vossos desejos, e aos ardentes votos que faço pelos progressos de vossa sciencia.

Que direi de vós? Gostaria de vosos principios de honra, fiado em vosso antecedente procedimento, só vos recomendaria uma coisa, porque essa nunca se recommenda demasiado: — o estudo, e o estudo de vós de que só pelo aturado estudo, é que se chega á perfeição, porque esse é o Sanctuario da Sciencia; e lembrai-vos enfim das palavras de um velho professor — «só pelo exercicio varouil do pensamento é que a mocidade pôde salvar-se dos destinos do seculo XIX».

A VIOLÊNCIA DO VESUVIO

POE

ALEXANDRE DUMAS.

Uma violenta erupção do Vesuvio, acalmada por um milagre de S. Januario, deu lugar ao seguinte episodio que imos narrar.

Sobre a encosta do Vesuvio, junto á nascente de uma das ramificações do Sebeto, ergue-se uma edificação tão encantadora como as que se vêm brilhar nos delicias da ilha de Leopoldo Roberto. Era um elegante edificio quadrangular, que parecia uma casa, menos imponente do que um palacio, com o seu portico sustentado por columnas, com um terraço servindo de telhado, e com a entrada de uma escadaria exterior, guarnecida de flores e esculpida com o trabalho de um jardim plantado de laranjeiras,

queasse ante o altar e indomtano, para que tamanhos resultados se conseguissem, para que a Sociedade nova se declarasse emancipada. Ideias, Philosophia, Religião, tudo soffreu, como devia, uma cefalga total, e a Europa dentro em pequeno prazo não se reconheceu a si mesma. Todavia o systema penal de quasi todos os paizes, lá ainda conservando os habitos de sua antiga ferocidade; lêde o Livro 5.º desse Código que Philippe III deu á Nação Portugueza, e vêde como ainda no seculo XVII a Jurisprudencia penal vacillava incerta e sem bases fixas. Só a Inglaterra, apesar da barbaridade de seus Estatutos penaes, repousava sua segurança no bom senso de seu povo, e nas garantias que até hoje lhe offerece essa instituição preciosa que resguarda a liberdade dos Inglezes—o Jury, planta que talvez mirre em outros climas, mas que ao menos é a mais frondosa e abrigadora dos campos de Albion.

Mas enfim a Philosophia moderna devia também regenerar a sciencia da legislação: Montesquieu propoz a discussão, e as questões sociaes forão dallas para a ordem do dia da Europa. Todavia no «Espírito das Leis» a synthese suffocou a analyse; o genio vasto de Montesquieu tinha apenas pairado sobre as summidades da sciencia, não tinha desido aos pormenores da especulação penal. Cumpria observar as monstruosidades do processo antigo e extirpal-as; cumpria dissecar a acção do homem para relaciona-la com os interesses sociaes, e ainda mais, cumpria ir arrancar ao coração humano o segredo do delicto, pezal-o, combinal-o, e formar a escala completa dos graus da penalidade.

Realisar esse pensamento, o unico regenerador da Sciencia, estava reservado ao genio brilhante da Italia. Beccaria foi seu primeiro interprete. O pequeno tratado dos delictos e das penas, Senhores, é um monumento: alli se escrevêrão os programmas da legislação futura, alli se apontârão as necessidades que tinha creado o seculo da Philosophia. Vêde o espantoso effeito que produzio esse livro; Voltaire faz-lhe o commentario, Diderot, Alembert, Hume, Frederico, os Encyclopedistas todos o elevavão ás nuvens: Beccaria absorven por um momento a attenção da Europa.

Mas, Senhores, o livro de Beccaria, como vos disse, é apenas um programma. As questões alli mencionadas, e outras ainda não apontadas devião ter largo desenvolvimento. Filangieri, Pastoret, Brissot, Pagano, são os grandes homens da Sciencia; elles preparáráo essa opiniao publica que devia ir dominar na Assembléa Constituinte da França revolucionada, essa opiniao formidavel diante da qual forão á terra as columnas gothicas do edificio antigo, essa opiniao enfim que já tinha sido esentada pelo Rei da Sardenha, pelo grao Duque da Toscana, e por Catharina—a Grande!

E com effeito, Senhores, essa opiniao dominao na França: o Código de 1791 é na verdade um fructo d'essa epocha, feito com todo o enthusiasmo do bem, com toda a inexperiencia do mal: os Legisladores erão os ardentes conquistadores da Bastilha! —Além d'isso elles desconhecêrão a gradação completa das penas: foi o maior de seus erros.

Mas no entretanto lá se elevava na Gran-Bretanha um homem que por si vale Filangieri, Brissot, Pastoret, e a Assembléa Constituinte. Esse homem, Senhores, é Jeremias Bentham. Theorias novas e as mais completas que temos, nomenclatura riquissima, unidade scientifica, intimo relacionamento com as outras partes da Jurisprudencia, — tudo devemos a este celebre Jurisconsulto. Restanrador do grande principio da — «Utilidade» — o Philosopho inglez nem por isso compromette a certeza de suas doutrinas. E' bello na verdade vê-lo com a perspicacia immensa de seu genio, com a valentia de sua dialectica examinar os elementos de um delicto, ou a natureza de uma pena; é entao que elle alardêa os recursos infinitos de sua intelligencia. Foi elle quem nos deu noções claras d'essa, ha tanto apregoada, mas nunca cumprida proporção dos delictos com as penas; foi elle enfim quem completou a theoria da prevençao dos crimes. Estudai-o pois, Senhores, que pela maior parte suas obras servirão de base ás preleções d'esta cadeira.

Depois de Bentham as Nações estão habilitadas para legislarem: as ideias de Bentham são até hoje, Senhores, as balizas da sciencia. Os redactores do Código Penal de Napoleão, Fodera, Rossi, Lucas, Bayoux, esclarecem certos pontos, e quanta luz não derramão sobre os progressos da penalidade! mas não formárão systema novo, nem theoria especial. Foi n'essas mesmas ideias que se baseou o nosso Código, que podemos sem máfama chamar em alguns respeito—a última expressão da penalidade moderna.

Vindo por ultimo, poderão aproveitar todos os esforços dos sabios Europeus,

crimes, mostrando que a natureza humana, e decretou sem o querer a impunidade dos delictos. Como Lycurgo, na Leda, sua Republica formou uma anomalia historica, que não teve modello, que ainda não teve copia, que não a terá sem duvida, nem podesse o governo monarchal de Lacedemonia nem uma semelhança tem com as sociedades modernas. As leis de Solon são as mais celebres da Grecia, o philosopho de Atenas, que viu milhoes de homens, procurou proporcionar as penas aos delictos, e nas leis de Lycurgo, e Solon, e na legislação de Solon, nem nos escriptos dos sábios Gregos se encontra uma doutrina penal. A legislação n'esses tempos, e mesmo ate muito depois, foi a partilha da erudição, um ramo de litteratura e de bellas letras, e não uma sciencia. Moral, Religião, Justica, tudo estava confundido, e não determinado limite, nem uma determinação fixa, nem uma forma regular de processo, nem uma theoria scientifica; tudo caprichoso, tudo a mercê do legislador, ou das facções do momento!

Apezar do impulso que a jurisprudencia teve no mundo Romano a sciencia governativa, apezar dos precedentes que foram legados em seus codigos á legislação civil dos povos vindouros, apezar da necessidade urgente que sentio o Povo Rei de bem governar tantas nações diversas, e de fazer respeitar no Orbe a dignidade do cidadão Romano, ainda assim a jurisprudencia pouco teve que apurar n'esse ultimo cadinho da Humanidade antiga. A jurisprudencia pouco se adiantou; a Jurisprudencia penal não teve um codigo seu que a independentizasse dos outros ramos da Sciencia social, alem d'isso penas atrozes ou desproporcionadas applicavão; accões socialmente innocentes forão punidas; falsas relações moraes forão arbitrariamente estabelecidas pelo poder; todavia o processo melhorou, um proceder franco e nobre, e a humanidade Romana, presidindo ás investigações da justica, e a humanidade atropellada no firor das batalhas, não gemeu sob a suave protecção das leis do Imperio.

Ella guardou-se para a época posterior de calamidades, em que a heresia foi o primeiro delicto, a tortura o mais segura das provas, e a roda o mais suave dos castigos. A jurisprudencia perturbava-se ao contemplar tantos horrores accumulados n'essas eras de anathema invadido os tribunaes, em que milhares de «processos-monstrosos» se julgavão, em que milhares de victimas compravão nas labaredas a liberdade das consciências. Eu fallo, Senhores, d'essa época singular em que por um lado a liberdade e a justiça estavam com crimes e desgraças envolvidos todos os elementos da vida civil moderna, d'essa época de fermentação unica na historia em que as tradições do Imperio, os sentimentos do Barbaro, e as esperanças de uma Religião nos mundos se amalgamados produziram alguma coisa nova, alguma coisa, Senhores, que se sentisse das tradições do Imperio, dos sentimentos do Barbaro, e das esperanças brilhantes do Christianismo!

D'esta arte, Senhores, a natureza plene nada mais foi do que um vasto laboratorio, onde Religião, Paganismo, Direito, tudo devia deputar-se para reaparecer com feições diversas, e animadas com toda a força esperancosa da mocidade; ella não foi senão o campo immenso em que o Genio da Humanidade fez as experiencias do futuro.

Assim, por isso que a liberdade estava confundida e em elaboração, o Christianismo se elevou entre os Povos do mundo como uma potencia vaga, indefinida por abranger a sociedade inteira, poderosa e formidavel por unir os poderes do seculo aos recursos inexhaustos da eternidade, por calcar a cruz da Tiara sobre a usurpada corôa dos Reis; d'outra parte a Scholastica barallhou todas as ideias philosophicas, constituiu-se a sciencia do poder da Igreja, o phantasma amedrontador do espirito humano; a Legislação do Imperio deu todos os furores do fanatismo e da ignorancia, e o apoio do Sacerdotio foi o braço secular do Vaticano.

Mas, Senhores, a elaboração foi vasta, seus resultados forão extraordinarios; e assim como o Christianismo devia reaparecer mais brilhante, menos usurpador, tendo só por abrigo a religião e o tribunal da consciencia; assim como a Scholastica devia converter-se em Phylosophia, e deixar ao espirito toda a elevação e hardimento de suas concepções, e a natureza tambem mais illustrada, mais humana, menos caprichosa, devia surgir e desenvolver-se no meio da Sociedade moderna, sem penas atrozes, delictos imaginarios, delictos de processo barbaros, tortura nas provas e fogo nos supplicios.

Era preciso que a natureza se desentredasse esse nove seculos, que Bysaucio ha-

DISCURSO com que o Sr. Dr. Francisco Bernardino Ribeiro abriu a 2.^a
Aula do 5.^o Anno do Curso Juridico de S. Paulo em 1856.

Chamado para combater vós no estudo do Direito Penal Brasileiro, cumpre-me, Senhores, atrahir vossa attenção para a materia que vai ser o assumpto de minhas prolecções e de vossa meditação, e d'estarte interessar vos no desenvolvimento das altas questões da Jurisprudencia Criminal.

Vastas, importantissimas, ao sem duvida essas questões; ellas abrangem a Sociedade inteira, e a Sociedade vive, Senhores, e prospera porque em todos os séculos e em todos os paizes, uma leição qualquer lhes tem sido dada. Correi os olhos pelo espectáculo immenso que vos offerece o mundo do homem, reflecti em todas as portentosas produções do animo altivo da humanidade, perscrutai os segredos dos seculos, revolvei os depositos preciosos que umas ás outras as gerações transmittem, e dizei-me depois, que scena ha ali mais augusta, solenne e magestosa, que espectáculo ha ali mais grandioso do que esse que apresenta o exercicio da Justiça humana! — Não, não é o homem a subjugar a natureza, não é a intelligencia dominando a força, não é a liberdade que submette automatos; é o homem que subjuga outro homem, é a intelligencia dominando vontades, é a liberdade a submeter paixões — emfim, é a Justiça governando a terra, a Justiça, a mais gloriosa das ideias do homem, a mais soberba de suas concepções, o mais alto de seus pensamentos, porque seu typo é a Divindade!

Filha primogenita da raça humana, inseparavel companheira da Religião, a Justiça, Senhores, virgem e noute nas florestas, ajudou a levantar a choupana do Barbaro, e a tenda portatil do Nomade; menos perturbada depois, sentou-se á porta do pastor e do agricultor, e guio, fendeu o robanho e a seira. Ell-a que abandona os desertos, reúne os homens, edifica as cidades, constitue os estados—e em premio lá lhe atirão a toga dos Consules, a purpura de um dos Cesares, allí o sceptro dos Reis, acolá a marraque de um Sultão, e dicta leis no Areopago, senta-se na cadeira curul, preside o Senado, e no Senado, suas palavras são escriptas, e suas palavras são o oraculo dos Reis! — Ella é a Lei!

Mas que, Senhores! a terra, a justiça governado por si só a terra? Não: a Justiça tem inimigos assim como tal a natureza grande e maravilhosa no homem: as paixões armão-se contra ella com todos os recursos do genio da maldade; os crimes tambem aspirão ao sceptro.— Pois bem, não se o conflicto atroz em que a Humanidade periga, arme-se tambem a Justiça, tome-se de força, levante o cutelo vingador do crime, constitua a PENALIDADE.

E o que é a penalidade senão a uma Justiça fadada de todo o cortejo das forças sociaes? — Senhores! o homem tem um inimigo infinito do homem; cumpre desarmal-o para viver com elle; a pena é o pacto singular que liga o homem social ao barbaro, a condição essencial da sociedade humana, a garantia sagrada de sua existencia. Aboli em uma sociedade qualquer o systema penal, desarmai a Autoridade, e tereis d'estarte, quebrao de tal-mão mysterioso que converte o egoismo interesseiro em virtudes sociaes, e totalmente aniquilado a salutar influencia das Leis.

Mas eu vos disse que a Lei é uma concepção da intelligencia humana, que a penalidade é um systema. De tal concepção tem uma historia, todo o systema tem uma theoria; não ha na natureza um só facto na natureza que o homem não possa sujeitar ao dominio da intelligencia, e a justiça penal não póde ser exceptuada, ha de forçosamente ter uma theoria e uma theoria.

Sua historia, Senhores, é a historia, e como todas as outras, é a narração do progresso das facultades humanas, e é continuo e acelerado, d'abi a pouca incerto, expirando quasi, depois de tanto, qual a Phenix do deserto, cheio de brilho e de esperanças.

Deixemos de partir a terra em Occidente: o mundo Oriental e o Grego tem mais existencia para nós na recordação da memoria e nas illusões magicas da phantasia do que em beneficio real, e em legado. Traçou com a inflexibilidade de suas leis de ferro que não se desviava, que punio igualmente toda sorte de

rica e litteraria que ja contem a vida e a meditacao profunda dos mestres que estudara, do que hoje possui no folhetim da «Correio Paulistano». Parecera este nosso juizo por demais licencioso e temerario, mas e a expressao franca do nesso conceito individual.

E não e só na critica litteraria, que o Sr. Macedo Soares se distingue; como artista, como musico, o joven escriptor disserta e analisa. Conhecedor da arte de Mozart e Rossini, essa litteratura do sentido e do coração, como a define Lamartine, foi elle o primeiro a explorar este ramo esthetico nas paginas da «Revista do Ensaio». Felicitando-o pelo successo da estreia, levamos-lhe o pensamento iniciador. Neste genero de escriptos são ainda dignos de apreço litterario alguns dos seus folhetins do «Correio Paulistano» d'este anno.

Porque, porém, com tão ricas disposicoes o Sr. Macedo Soares se tem circumscripção até hoje ao estreito circulo dos folhetins e artigos de curto fôlego? Porque não ensaia o joven litterato o seu engenho na creação de alguma obra d'arte? O romance e o drama moderno que, na opinão de Garritt, são proprios do seculo, não offerecerão attractivos á musa do critico tão cheio de gosto e de seiva?

«O genio, diz algures o chefe da escola eclectica na França, é antes de tudo inventor e creador». E não devem todos os que se sentem abrasar pela chamma interna do talento buscar approximar-se ou imitar o genio?

Procure pois o Sr. Macedo Soares estudar a sociedade em que vive, observe os nossos costumes, disseque caracteres e typos, que não fallão entre nós, aprofunde a sciencia do coração humano, e dê-nos no romance, como o escreveu Eugenio Sue, quando escrevia sem vistas systematicas, ou no drama, como o compõe Alexandre Dumas Filho, o fructo de seus estudos sociais. Com os dotes intellectuaes que ornão o joven escriptor e seguindo a senda indicada, é quasi impossivel que o Sr. Macedo Soares não triumphes.

Demos por terminado este rapido esboço critico, se tal nome podem merecer as linhas que ahi deixámos caladas da nossa penna. O mancebo de quem n'ellas nos occupamos, haja de desculpar a nossa liberdade de nosarmos emittir uma opiniao incompetente e por ventura falsa sobre a sua individualidade litteraria. Não nos conhecemos, nós pelo menos não conhecemos aquelle de quem fallámos, mas prezamo-nos de saber apreciá-lo pelos seus escriptos, e ainda uma vez o elogiamos pelo proveitoso e feliz emprego que dá aos seus dias academicos. — Santos, 1 de Agosto de 1859.

A. P. S.

Lendo os «Traços biographicos sobre os poetas academicos» do Sr. J. V. Couto de Magalhães publicados recentemente nos ultimos numeros da «Revista da Academia» notámos que, na breve noticia que da sobre Francisco Bernardino Ribeiro, o talentoso e instruido quintanista, seu autor, menciona, entre os escriptos deixados por este nome tão celebre nos annos da Faculdade de Direito de S. Paulo, um discurso pronunciado pelo joven professor na abertura da aula de direito criminal a seu cargo. Esse discurso, porém, o distincto redactor da «Revista da Academia», a despeito da sua evidente paciencia na laboriosa investigação dos dados para a organisação dos esboços biographicos sobre os poetas academicos que comprehendêra, não o pôde obter, e, referindo-se a elle, avança um juizo sobre o seu merito, fundado na opiniao de autoridades estranhas.

Achando-nos casualmente de posse de um exemplar d'essa peça de eloquencia scientifica, julgamos render um pequeno serviço ás lettras, fazendo-a reimprimir. Sendo hoje rarissima esta obra, a sua nova publicação não poderá deixar de ser acolhida benignamente pelos apreciadores, principalmente por aquelles que, como o Sr. Couto de Magalhães, sem empenho de seus esforços em contrario, não experimentarão ainda o prazer de n'ella reverem os talentos de uma das mais precoces capacidades da Academia Paulistana, certada pela morte na primavera des seus mais bellos annos. — Santos, 9 de Agosto de 1859.

A. P. S.

envolvimento de seu programma, nem vacille sempre que for preciso ser forte — o hesitar nessa occasião, e perder-se sem remedio; dizei-lhe que o viver é trabalhar, e que as palavras de Guatmozin representam a verdade. Em quanto a mim, vos desejo o futuro mais propicio e tambem vos saúdo — O YTORORO! — Santos 10 de Agosto de 1859. G. N. P.

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.

O SR. ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES.

Entre os talentos mais esperancosos da intelligente mocidade academica de S. Paulo, ha um, que, pelo seu vigor precoce evocação decidida pela litteratura, nos attrahe principalmente a attenção e convida a nossa penna mal aparada a escrever algumas phrases descosidas em seu favor — é o Sr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Participando da sua sincera dedicação á causa das lettras no nosso paiz, no nosso paiz onde infelizmente essa causa conta tão raros advogados e é tão friamente acolhida no tribunal da opinião, nós, por esse ponto de afinidade talvez, sympathisamos irresistivelmente com o joven tereirannista, cujos escriptos visão exclusivamente, (pelo menos aquelles de que temos noticia), a fins litterarios ou artisticos. O escriptor da «Revista artistica» do «Correio Paulistano», o noticiador dos academicos mais notaveis da Faculdade de Direito de S. Paulo da «Revista Popular», o autor do artigo intitulado «Musica» — da «Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano», aquelle a quem o mesmo «Correio Paulistano» deveu o anno passado alguns folhetins, elaborados com gosto e talento, o maneebo enfim que, desde os primeiros dias da sua vida academica em S. Paulo, começou a manejar a penna com habilidade em artigos litterarios, não terá sobejo direito ao incompetente, mas lhano tributo da nossa estima de irmãos de lettras? Amante da litteratura até o devotamento, como não saudarmos com enthusiasmo, estendendo-lhes fraternalmente os braços, áquelles que se applicão ao seu estudo, parecem estremecê-la como nós?

O menos creador dos seus cultores, somos entretanto um dos seus mais fervorosos idolatras. A litteratura é, por assim dizer, a affeição mais querida do nosso espirito; aquelles que, como nós, a amam, são mais do que nossos irmãos, litterariamente fallando, são nossos amigos.

O Sr. Macedo Soares, como litterato, apresenta já uma physiouomia caracteristica, cujos traços ressaltão pronunciados e desenvolvidos. Espirito observador e analytico, dado á leitura e meditação dos criticos, dotado de fino gosto, faculdade toda de apreciação, segundo Cousin, e que é na litteratura, na phrase elegante de Mme. de Stael, como o bom tem na sociedade, o joven escriptor promette no futuro ao seu paiz por ventura um Gustavo Planche ou Sainte-Benve, conforme alguém já o disse. A firmeza dos juizes do Sr. Macedo Soares, o acerto da maxima parte d'elles, o seu estylo a um tempo conciso e imaginoso, na nossa opinião, destituída de autoridade, qualidades primarias de todo o bello estylo, a agudeza do seu espirito, e o seu esclarecido criterio, são attributos preciosos e que admirão na tenra idade do joven academico. Lopes de Mendonça, quando na idade de vinte e um annos escreveu os seus — «Elementos de critica e litteratura», não teria por certo mais aptidão para meneiar o escalpello, e não lhe valesse então a vasta erudição histo-

das revoluções, foi teu empecilho! — o calmo do pedestal que tu para elle havias erigido, porque desconheceu o teu preceito, porque attentou contra a tua inviolabilidade!... todos esses meteoros, se com animação para tua vantagem, para tua grandesa!... os seus labores, os seus esforços, os seus effeitos te pertencião!... Hoje esses heroes dormem o sono da morte, envolvidos em suas vestes marciaes, descação das proprias façanhas, que, em sua carreira tormentosa, cobrirão a terra de horror e desolação; tu, porém, ainda existes, existirás sempre, porque és eterna!... porque és o thauraturgo, és o prodigio, és o luzeiro da criação; és mais ainda, és a filha bem amada do Alpha e do Omega!... quasi semelhante á teu pai!! Permite, miraculosa Soberana do Universo, que depois de me haver prostrado ante ti, saúde a grande sombra de teu primeiro apostolo, daquelle que empregou os melhores e mais bellos dias de sua vida na adoração de teu nome, que com pasmosa paciencia, admiravel perseverança preparou o orgão sublimado de tuas conquistas eternas como a immortalidade! Guttemberg! Guttemberg! a posteridade hoje encara o vosso busto reverente, queima seus mais preciosos incensos sobre vosso tumulo; esparge por sobre elle as suas flores mais odoríferas; enxerga em vosso berço o pharol da humanidade; balbucia vosso nome com voz entrecortada por doidos soluços, chama-vos seu protector, seu benefeitor, seu regenerador, seu grande homem! O vosso mausoleo é entre todos o mais duradouro, foi construido na intelligencia, na memoria dos homens. Guttemberg, muito soffrestes; fostes perseguido por aquelles mesmos á quem beneficiastes, cuja grandeza preparaveis com tanta fadiga, tantas dores! nunca conhecestes uma só das doçuras, das caricias da vida! descestes ao tumulo vergado pelo abandono, pela ingratição dos homens!! Consolai-vos, tal é a sorte dos grandes homens!... é a expiação que o destino impoz sobre os seres privilegiados! para ser grande, cumpre sacrificar a felicidade no altar da Gloria. Miltiades, Aristides, Themistocles, e muitos outros, vossos companheiros de agora na celestial mansão, como o forão de lides e de infelicidades na terra, vos contarão talvez ainda com pezar as perseguições daquelles que elles conduzirão á Marathou e á Salamina!... Hoje, porém, vos achaes bem compensado de vossas vigílias; vossos filhos vos são gratos, e reconhecidos; collocarão-vos no Pantheon da immortalidade, á par das maiores celebridades de todos os seculos; grande numero de cidades disputarão entre si a honra de vos ter dado o nasimento; todos curvão sua fronte ao proferir —Guttemberg! Permitti, pai venerando da imprensa, que vos invoque na occasião solemne em que um outro lutador enceta sua espinhosa carreira; sêde auspicioso á brilhante aurora d'este Phaetonte, que circumdado das recordações mais transcendentes, e de tudo quanto este vasto imperio tem de grandioso, dardeja seus fulgores da patria dos Andradas, da terra do Amazonas, bem á vista do Ypiranga, e dos tumulos de seus famigerados patriarchas. Elle estrêa sua tarefa cheio de vida, de seiva, e de esperanza. Guiai-o pela mão por entre as procellas, que por ventura terá de atravessar em sua marcha; indicai-lhe o melhor meio de triumphar das inumeras difficuldades que se lhe antepuzerem; moderai sua voz, mesmo na verdade, afim de que seja ella ouvida pela patria com attenção e affecto, pois é á ella que se dedica devotado; sustentai-o com vossa palavra vigorosa no momento de seu abatimento; dai-lhe de conselho que caminhe com valor, sem desviar-se uma só linha do complemento de sua missão; que não desanime no des-

das ambições da terra, e os seus trabalhos, os artigos de littera propria, que se lerem em qualquer jornal, e o nome da penna dos autores respectivos, não serão senão verdadeiras, e não se podem considerar, na tarefa do jornalismo no Brasil, de homens e não de mulheres, que amadurecem a patria e as letras sobre todas as cousas, se adestram no futuro tempo para as campanhas do futuro. Este, quem sabe? contém nas suas paginas tanta ideia grande, muito progresso, muita illustração, muito patriotismo, e tanto bem plantado, vingarem e dominarem na terra de Santa-Cruz, e em todas as partes de toda a qualidade de soldados e operarios, valentes e peritos, e de todos os braços!

Salve, Hippocrene, e salve a tua Lymphe historica e fecunda, salve!

ANCIENS ET MODERNES

O prodige! Le temps, vainqueur des autres arts,
Roule son char poudreux sur leurs débris épars;
Mais l'âme, inaccessible aux lois de la matière,
Contédante du Ciel, se survit toute entière;
Ses chefs-d'œuvre, gardés par un soin merveilleux,
Rapprochent la distance et des temps et des lieux,
Embrassent l'univers, et, sans peur de naufrages,
Vergent independants sur l'océan des âges.

(A. Bignan. Epitre sur la découverte de
l'imprimerie — 1829.)

Grande Genio da civilisação, Mãe veneranda de tudo quanto os seculos contemplão de grandioso e sublime, voz illustre das mais robustas intelligencias, eu te saúdo, respeitosa, e cheio de assombro!... O teu dominio é o Universo! tens teu throno rutilante plantado no pincaro do Sinai, e, semelhança á voz de Deus, moves á vontade os povos e os mais valentes exercitos!... O teu estandarte cobre a superficie da terra; as espadas dos mais denodadas guerreiros sustentão o teu imperio. O teu altar tem sido regado com o melhor e mais generoso sangue da humanidade!... os poetas de maior força tem decantado o teu glorioso nome, e magnanima levaste os seus á posteridade mais remota — sem ti a sua passagem na terra teria sido silenciosa... hoje todos ignorarião a existencia desses athletas da civilisação e da sciencia!... o mesmo tumulto teria envolvido seus cadaveres, seus trabalhos, suas miligas! Os Voltaire, os Rousseau, os Chateaubriand ante ti se prostrarão humildes, com religiosidade te adorarão. Esses levitas de teu templo, niene, não victoriosos o terror irresistivel de tuas armas; combatentes da vanguarda de tuas phalanges, por toda a parte proclamarão a tua soberania! tribunos de teu conselho, ensinarão tua lei ás gerações, que religiosamente a recolherão e registrarão no seu Talmud!... Os monarchias mais poderosas, a oligarchia mais orgulhosa, a ochlocracia mais turbulenta temem tua mão! tudo, tudo enfim se curva ao teu poder incommensuravel! o vulto mais eminentes, mais afamados desaparecem á tua vista! Os Cyro, o Humudal e os Alexandre forão teus precursores e prepararão a vastidão de teu imperio!... O filho predilecto, mas ingrato

O YTORÓRO.

SEMANAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I SANTOS QUINTA FEIRA 1 DE SETEMBRO DE 1859 N. 1

—————

Salve, Hippocrene, a fonte da lymphá historica e fecunda, salve!

Soldados noveis nas campanhas do pernalismo, surgimos da obscuridade e monotonia da provincia para que tomamos uma vida de afadigosas lutas e sacrificios heroicos, no exercito dos veteranos da immensa, acobertando-nos sob a egide do vosso nome tradicional, prestidigitando e glorificando.

E de que mais rico hauso poderamos exornar o frontispicio d'esta nossa modesta revista ou pequeno jornal? Fonte primitiva da terra dos Voadores, Audrados, Viscondes de S. Paulo, de S. Gaspar, a imagem do Ytoróro e o seu esplendor passado devem preservar e proteger como musa inspiradora e anjo tutelar a todo o esforço de espirito emmittido nos andurriaes das sciencias e das lettras, a que se abaiancem os descendentes de Braz Cubas, e habitantes do seu antigo solo.

Nesta provincia, patria de Amador Bueno, de Feijó, de Alvares Machado, de Paula e Souza, de Rodrigues de Santos, e de tantos outros vultos grandiosos que, no pantheon da historia, se mantem ao purzo frio, mas verdadeiro e imparcial da posteridade, e na actualidade, se mantem em varios, illustres pelos seus talentos e caracteres, onde encontrarmos um oceano de poeticas reminiscencias e gloriosas recordações do que, o da Castalia, em suas enrujas aguas se abeberou o Americo Elysio e haurio a sua eloquencia e o nome Mirabeau brasileiro?

Tão grande talvez como Ytoróro, verbo que symbolisa na historia patria o nosso libertamento politico, o Ytoróro merece nos fastos da nação brasileira uma tação honrosa, encerra uma grande e nobre patria—o Ytoróro servio no baptismo e alimentou com a sua lympá miraculosa o Patriarcha da Independencia e os seus dous dignos irmaos, e impregnou de molados da liberdade da nossa terra.

Oxalá pois, ó Ytoróro, que a tação que vos dirigimos não desmintá as esperanças fervorosas que depositamos na efficacia do vosso patrocínio, e possuão as dryadas que em torno de vós se agitam, sempre o enthusiasmo das lettras e a imaginação, conservar quem em nosso coracao o amor do bello e do verdadeiro!

Não são só as melodias e harmonias da poesia e da litteratura que entreterão os ocios dos leitores d'esta pequena decorada e pobres de novidades, como pobres de ideias e descoradas por falta de luz, são os que as enchem— a sciencia e a politica visitarão por vezes, ainda que em rapidos vôos, os dominios do Ytoróro, e virão emprestar-lhe a apparencia grave do sabio, que em preleções publicas patentea aos olhos da multidão, os thesours da sua erudição, e o tom imponente da polemica, que discute os problemas sociais da governança e da administração.

O programma, pois, que se propoz a esta revista, e sobremaneira vasto na modestia das suas vistas, e por certo em superior ás forças dos seus escriptores— mas que importa? Pretensões e ambições das maternas «ex professor», estão muito longe



53865

N.º Ident.

30

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal O Itoróró.

Dia

Mês

Ano

Páginas

1859

96 pgs.

Microfilme feito em:

19-7-948

N.º C.

32

N.º M.

99

CHACADAS

Emblema de ... 1
 Compara e ... 1

Achava-se no ...
 Hoje em qualquer delegado

Dever do ...
 Já pratiquei ...
 E d'este modo ...
 Alguem chama ... 2

A quem me ...
 Utiliser

Da diva Themis ...
 E cujo pai também ...
 Affecta de ...

Sem energia ...
 Não tem paixão ...
 Extrahе-se de ...
 Bem provisoriamente ...

Sem sabedoria ...
 D'um ...

N'um alho ...
 N'um alho ...
 N'um alho ...

Ultrapou a ...
 A Solom ...
 Toda a ...
 Só de ...

POESIA

T U E T E .

La nature a deux chants, de bonheur, de
 (triste ...)
 L'un sort du matin et chante avec l'aurore,
 L'autre gemit le soir un triste et long adieu,
 Au premier, au second, le ciel répond.
 (Adore!)
 Et de l'hymne éternel le mot unique est
 L'AMARINE. (Dieu)

Como e bello passar da tarde as horas
 Do «Fête» nas margens pittorescas,
 Vendo a relva agitar-se ao som do vento,
 Ouvindo o murmurar das agoas frescas!

Junto á «Ponte», no «Sítio» delectoso,
 Ao sul de Itu, do rio á fresca beira,
 Ver o sol dardejar seus frouxos raios
 Na branca espuma, que sorri ligeira!

Como e bello na próxima campina
 1 Ver o galo pastar tão mansamente,
 3 E das aves o canto harmonioso
 Saudarem no seu hymno o Omnipotente!

Aqui mente do cynico, ou do bardo,
 Do justo, ou do perverso, se extasia:
 Aqui se escuta o magico susurro
 Da palavra de Deus, que os seres guia!

Das cidades a turba corrompida
 No cospe aqui seu halito sanguento,
 Aqui se purifica o ser humano;
 Aqui se vota a Deus o pensamento!

Vemta embora a turba festejante
 Do prazer desfructar a saciedade,
 Ao ver quanto isto e bello, os cantos fogem
 Reconhecendo do Eterno a immensidade!

Melancolico o sol já se despede
 Adensando— dizendo a toda a redondeza:
 Murmura o rio, o vento além susurra,
 O homem pensa, medita a natureza.

Murmura, o fresco rio, os hymnos teus,
 Que a natureza te applaude com vontade;
 E aos teus hymnos de amor, que um Deus
 (revelão,

Recebe o canto meu, que diz — saudade.
 Margens do Fête, junto ao Sítio da Pon-
 te — Itu, 21 de Março de 1860.

Silva Azevedo.

Imp. de Marques & Irmao

II
PENSAMENTOS DIVERSOS
DE MONTESQUIEU.

Ha duas espécies de prazer: o que pertence ao que divertem

A maior parte dos prazeres dos grandes, da que de
boas acções.

O mérito é um prazer de grande duração.

Repara sempre o que falta na parte das cousas que nos dão prazer são
desarrazoadas.

A expectativa é um prazer que agita todos os nossos prazeres.

Que quatro grandes nomes são Platão, Malebranche, Shaftesbury e
Montaigne!

As obras que nos são úteis não provocam a memoria ou a pa-
ciencia do autor.

As observações são a base da physica, e os systemas a fabula.

Todo o homem deve ser livre, mas tambem deve ser livre

Um adúlter é um crime que não presta para senhor algum.

Ha tres tribunaes que se unem em acção de accordo: o das leis, o
da honra e o da religião.

E preciso ter estado em oitenta e saber pouco.

Não gosto dos diem que se ostentam as obras de ostentação.

O pudor assenta bem a tudo, mas convem saber vencê-lo, e nunca
perdê-lo.

Sempre vi que, para ser bem no mundo, é necessario parecer
leuco, e ter juizo.

Sucesso! — «Então natal? Anda um alto! — Preparamo nos para uma nova partida, para ir a este o Chile, a este também o Perú, as Marquezas, as ilhas religiosas do Yati, Pomare e Braal, onde tornarei a encontrar um Imperador vencedor do bandido Roas, um conselheiro de bem, mais tagueras, e João Getúlio dos Santos, a quem parece-me ouvir ainda de longe outra banda do Atlântico.

VARIÉDADES.

Origem de alguns homens celebres.

Luzbel de Babilónia, de um vendedor de frutas.
 Demócrito de Mileto, de um terrateiro.
 Virgílio de Mantua, de um
 Horácio de Velletri, de um
 Terêncio de Tereos, de um
 Anaxágoras de Clazomenas, de um
 Lamoignon de Paris, de um botânico.
 Fléchet de Paris, de um
 Sixto V. de S. Marino, de um
 Tamerlán de Samarcanda, de um
 Romão de Babilónia, de um
 Quinaut de Coimbra, de um pedreiro.
 Rollin de Paris, de um
 Molière de Vézelay, de um
 Massillon de Paris, de um
 J. J. Rois de Paris, de um relojoeiro.
 J. B. Rousseau de Ginebra, de um cordoeiro.
 Gallatol de Paris, de um
 Beaumont de Paris, de um relojoeiro.
 Ben-Johnson de Paris, de um pedreiro.
 Shakspeare de Stratford, de um
 Rembrandt de Amsterdão, de um
 J. Anaxágoras de Clazomenas, de um pintor.
 Kant de Königsberg, de um
 Terrence Rugeley de Paris, de um armador.
 Fernand de Almagro de um barqueiro.



quecido, lêrão ver e ouvir em papel e tina, os quaes abster-me-hei de citar.

Trouxerão-me uma coteia de ouro, arranquet d'ella uma folha, e colloquei o rico mimo sobre a cabeça de João Caetano dos Santos. Este João Caetano é o actor mais completo que eu tenho ouvido, é uma voz sympathica como as mais sympathicas, e a lór com todas as suas lagrimas, é a colera com todos os seus abrasamentos. João Caetano não teve outro mestre senão a si proprio, o seu coração, a sua alma. Tão tragico como Talma, tão dramatico como Frederico Lemaitre, não ha ninguem que exprima a ternura melhor do que elle; e quando elle vos communica as suas esperanças e angustias, julgais que falla a vossa lingua, comprehendes-lo. João Caetano dos Santos é, repito-o, o mais admiravel actor das duas Americas, e encontrei n'elle Frederico Lemaitre e Talma de gloriosa memoria.

Durante a representação, o Imperador mandou-me subir ao seu camarote onde recebi provas da sua munificencia; a Imperatriz, de quem não se falla no Brasil senão com veneração, dignou-se endereçar-me algumas palavras generosas; e, por volta de meia noite, escoltado por umas trinta canôas, com a musica na frente, voltei para bordo da *Bayonnaise*, que ia levantar a ancora.

João Caetano e a sua companhia me saudarão com vivas os mais estrepitosos, apertámo-nos fraternalmente as mãos e disserão-nos adeus.

Até á vista, meu amigo João Caetano.

Fallei-vos atrás, e nas paginas de alguns livros, da luxuriante vegetação do Brasil, quasi semelhante a das illhas as mais ricas da Sonda e das Molucas... Devo repetil-o? Não, por certo; mas aqui a natureza me parece ainda mais variada na sua forma e gradações. A verdura tem menos monotonia, porque as horas que passam sobre ella não a abrasão com tanto vigor, como no Timor, em Bornéu ou em Malacca, e não seria talvez uma ficção escrever que a folha que vòs calte com um sorriso.

Ha já bastantes annos que eu vi o Rio de Janeiro pela primeira vez: a cidade se engrandeceu, fez-se menos triste e mais faceira, insinuou-se a-travez dos mais magniferos colossos das florestas, e entre os mais humildes arbustos... O Rio de Janeiro é uma cidade que se espairose no campo.

Vêde como a Praia-Grande galhardêa no seu esplendor, a despeito das arêas da praia! Vêde como S. Domingos se enthronisa sobre ella, e a esmaga com a sua magnificencia! Vêde como Botafogo, vaidoso parvenu, se revê com tanto encanto nos lençóis d'agua os mais limpidos do mundo!...

Tudo isto era assaz novo em 1818... Pois bem! tudo é ainda novo, mas d'essa mocidade insolente que comprehende a sua força e não procura disfarçá-la debaixo de uma fingida hypocrisia.

Eu saúdo estes esplendores com a mão e com o pensamento: depois, abrigado nas minhas recordações de gratidão, transpenho a barra e balouço-me no alto mar.

luto. Elle se apresenta candidato á Assembléa Provincial na proxima eleição. Saclimo, com jubilo a volta do nosso distincto patricio ao paiz. —
— Situa comendencia! disse eu comigo.
— E afficte jornal sobre a mesa junto da qual me achava sentado.

■ ■ ■

Santos, Abril de 1860.

A. P. S.

RIO DE JANEIRO.

II

(Conclusão.)

— Este que me apparece, comprehendendo-se-ha o motivo: não é cousa facil fallar de mim. — Eu disse que o Imperador recebeu-me em S. Christovão com a maior distincção tocante: elle fallou-me de meu paiz que conhecia como se me tivesse conhecido, estudando-o, a sua vida, e disse-me os nomes das mais importantes sciencias como homem que havia meditado seriamente os seus trabalhos.

Des-já me apparece o Brasil com um Observatorio digno de uma cidade imperial. — E elle que nome sahiu de seus labios. Depois, por uma transição que eu não comprehendí desde logo, D. Pedro me perguntou se eu não iria no dia seguinte ao theatro, onde se representava uma peça minha, perfeitamente traduzida em portuguez.

O edital da minha obra *Gargalhada*, pelo Sr. Jacques Arago, e lia-se escripto em grandes letras: *O espectáculo terá lugar, faça o tempo que fizer. E o Paiz de D. Pedro o paiz.*

For ao theatro, onde um camarote ricamente ornado fôra preparado para mim. — Eu dei-me grinalhas: e logo, em frente da porta, não tardou a se reunir uma multidão compacta que os archeiros da côrte podião a custo conter.

— O Imperador deve vir, me disse o director da sala, pois ahi está a sua guarda: e eu não ainda davilo, o favor é tamanho que não cuso contar com elle.

Entre o theatro e o camarote de D. Pedro se abriu, a orchestra tocou o hymno nacional e os mais energicos applausos resoárão de todos os lados.

Disseram-me que o Imperador me laudava: levantei-me, agradei com voz commovente e saí do theatro como homem lamento vivamente ter esque-

Durante todo este tempo, por um lamentavel esquecimento, de que até hoje ainda curto sinceros temores, eu havia deixado de ver a pobre mulher. Uma tarde, não sei porque, a sua lembrança me veio ao espirito, e dirigi meus passos para a rua da Forca.

Approximando-me do velho casebre onde ouvira a historia tão simples quão triste, que acabo de contar, vio-o fechado e como que abandonado.

Passava n'esse momento uma mulher carregando um pote d'agua sobre a cabeça. Cheguei-me a ella e lhe disse, apontando para o pardiheiro:

— Que é feito de uma moça louca que morava n'aquelle casebre?

— A louca? me respondeu a mulher; coitada! morreu... vai para tres annos.

— E sua mãe?

— Tambem morreu.

— Morreu?! De que?

— De desgostos e de miseria... ha 8 mezes, mais ou menos.

— Ah!

A mulher continuou seu caminho. Eu, sentiudo o coração comprimido á noticia do fim tão desgraçado da pobre mulher e sua filha, retirei-me logo para a casa.

Passado algum tempo, lendo casualmente certo dia a *gazetilha* de um *Jornal do Commercio*, chegado de fresco da Corte, deparei com as duas seguintes novidades:

Morte inexplicavel. — Hontem, a bordo da fragata a vapor nacional "... surta n'este porto, deu-se um facto extraordinario. Erão 10 horas da noite e tudo jazia em silencio a bordo. De repente, o official de quarto ouviu o baque de um corpo pesado na agua. Parecia o ruido de uma pessoa que se tivesse atirado do navio ao mar. Não podendo averiguar o facto n'aquelle momento, no dia seguinte, o dito official, communicou-o, como é de estylo, ao commandante da fragata. Tratou-se de indagar o que poderia ser, e, sabidas as contas, sentio-se a falta de um homem a bordo. Era o imperial marinheiro Antonio Leal Bueno, que duas ou tres vezes já havia tentado desertar do serviço da marinha, pelo que fôra severamente punido. Dous dias depois d'este acontecimento, o mar arrojou á praia, no lugar denominado "... um cadaver de alogado, que se conheceu ser, pelas roupas, que trazia despedaçadas, e feiços, a despeito de medonhamente dêsfeguradas, o do imperial marinheiro que desaparecêra de bordo da fragata a vapor "..., na noite de 13 do corrente.

«Seria esta morte o resultado de uma nova tentativa de defeção, mallograda por algum fatal accidente, ou pura e simplesmente um suicidio? Não se sabe.»

Mais abaixo:

Chegada — Veio no ultimo paquete de Southampton o Sr. Dr. Julio Teixeira de Magalhães, secretario da legação brasileira em Vienna d'Austria. Este moço, que se acha temporariamente retirado da carreira diplomatica, onde tanto se tem distinguido durante os poucos annos que n'ella serve, é um nobre character e um dos nossos jovens talentos de mais esperançoso

posto a seu lado sobre o estrado, e tirou de dentro uma carta fechada, que me entregou.

Desdebrei a carta e li:

«Minha querida mãe.

«Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1851.

«Ha cinco mezes que faço parte da armada brasileira. Tendo aqui chegado oito dias depois da minha partida d'essa cidade, puz-me em continente á procura do estudante. Após um mez de infructiferas diligencias, uma noite, enfim, passeando na rua do Ouvidor, achei-me em face d'aquelle que fez a desgraça da nossa familia. Estupefacto á minha vista, o miseravel pretendeu esquivar-se ao meu encontro. Obstrui-lhe, porém, a passagem, postando-me diante d'elle. O infame, receando talvez alguma violencia da minha parte, gritou por soccorro, e, aproveitando-se de um momento de descuido meu, partiu a correr e desapareceu ás minhas vistas. Oito dias se passarão depois d'este acontecimento, e uma tarde em que eu transitava tranquillo e desassombrado por uma das ruas mais publicas d'esta cidade, fui de chofre assaltado por um escolta da policia e conduzido á casa de detenção, a pretexto de ser um homem perigoso e de costumes suspeitos. No dia seguinte, embarcavi-me a bordo da fragata a vapor nacional * * *, onde hoje sirvo de imperial marinhaeiro.

«Tal é, minha estima mãe, a minha posição actual.

«Entretanto, Deus é grande, e soará, tarde ou cedo, a hora da vingança, de que ainda não desesperarei, e cujo projecto alimento cada vez com mais fervor. Não se esqueça a minha mãe de seu filho nas suas orações de todas as noites e deite sobre elle a sua santa benção.

«Antonio Leal Bueno.»

Fechei outra vez a carta e restitui-a á pobre mulher. Depois lhe disse:

— Nunca mais teve noticias d'elle?

— Nunca mais! respondeu ella suspirando tristemente. E calou-se.

Levantei-me. Olhei para a louca. Jazia immovel a um canto e na mesma attitude que assumira havia quiza tres horas. Despedi-me da minha hospeda e sahi.

Em caminho, ouvi mais de uma vez o canto agudo e perdido de alguns gallos, trocando entre si as suas saudações nocturnas. Quando cheguei á minha casa, olhei para o meu relógio. Era mais de meia noite.

No dia seguinte, havendo-me quitado com diversos amigos, pude ajuntar uma somma solivel, que enviei por meu moleque á pobre mulher.

Este me disse, na volta, que ella a recebera chorando de prazer.

Epilogo.

Decorrerão cerca de quatro annos. Achava-me eu então no meu quinto anno, anno esse o meu atarefado, hoje, das Faculdades de Direito brasileiras, mas sempre o melhor para o estudante, que já se considera n'elle meio-doutor.

golpe tremendo, pondo em violenta agitação o physico, opprimindo-o sob o peso dos seus agudos soffrimentos; era uma alma, delicadamente conformada, sensivel, impressionavel, communicando ou antes transbordando o seu profundo martyrio sobre um corpo mimoso, franzino, debil vaso para supportar tão forte dose de soffrimento; era uma luta, essa, decisiva entre a natureza, sempre vigorosa, sempre cheia de alentos, e tendendo sempre a conservar a vida em todo a sua força e vigor, e a dôr, esse cilicio moral imposto pelo infortunio ás creaturas, acabrunhadora, pungente, devoradora, consumindo pouco e pouco, intima e physicamente, um pobre anjo.

«Não faltarão cuidados á minha filha. Um medico habil, uma enfermeira assidua e desvelada, qual era eu, remedios dados a tempo, tudo foi inutil. Theresa escapou, e verdade, após longas semanas de uma enfermidade cerebral de character assustador, a uma morte que parecia infallivel, e pôde recuperar um resto de forças... Mas fôra melhor ter-se finado de uma vez... Quando ella se levantou da cama, havia perdido a razão para toda a vida, e começou entao essa existencia vegetativa em que o senhor a vê. Hoje até a propria lambança da sua desgraça esvaeceu-se-lhe... Cada dia definha a olhos vistos... Há occasiões, em que atravessa uma infinidade de dias, entregues á estúpida apathia em que o senhor a observa n'este momento... Há outras, porém, em que a loucura se lhe torna furiosa... e então é que os fimes e os seus padecimentos se tornão atrozes.»

Assim fallando, a pobre mulher vertia copiosas lagrimas, e a mais lugubre consternação se debuxava na sua physionomia.

—Mas seu filho, perguntei-lhe ainda, após uma calada de alguns instantes, que fim levou?

—«Meu filho, voltou de Santos dous dias depois de sua partida. O seductor não tomara esse caminho, dirigindo-se para o Rio de Janeiro.

—«Foi sem duvida por terra, disse-me Antonio. Mas não me escapará.

—«O que vais fazer no seu encalço? lhe perguntei. O que ha mais a esperar d'elle? Fica antes connosco; tu vês o estado de tua irmã; precisamos de ti hoje mais do que nunca.

—«Não, minha mãe, hei de me vingar do malvado... do infame!.. Depois, voltarei para a sua companhia... Mas deixe-me primeiro fruir esse prazer, já que nos não foi licito obter reparação á nossa deshonra.

«Debalde ainda insisti com meu filho para que desistisse de semelhante perseguição contra o miseravel seductor de Theresa. Partio para o Rio de Janeiro pela estrada que ao norte da cidade de S. Paulo conduz d'esta provincia á capital do Imperio.

«Passarão-se alguns mezes. Toda preocupada com a doença de minha filha, não me sobrou tempo para trabalhar; faltou-me dinheiro. A minha pobreza não tardou a se converter n'uma verdadeira miseria. Logo foi-me até impossivel satisfazer o aluguel da nossa casinha. Uma noite, de improviso, obrigáram-me a despejá-la. A' mingoa de outra habitação melhor, que eu não poderia pagar, tive de me vir albergar n'este immundo casebre, onde vivo ha 18 mezes.

«Quanto a meu filho, um dia, seis mezes depois da sua partida para o norte, recebi d'elle esta carta pelo correio:»

E dizendo isto, a pobre mulher abriu a caixinha do retrato, que tinha

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

V A FIGURA LOUCERA.

(Continuação.)

«Que dizia então essa carta? perguntei eu á narradora.

«As seguintes palavras, respondeu-me a boa mulher; li-as uma só vez, e ellas me ficaram impressas na memoria para sempre: «Ilha. Sr. Antonio Leal Bueno. O meu casamento com a Sra. D. Theresa é impossível. Julio Teixeira de Magalhães nunca seria capaz de descer a alliar-se com a irmã de um simples negociante de bestas e a filha de uma obscura e pobre viuva, sob pena de estar louco ou ser um tolo. Parto hoje mesmo para a Côrte, onde me encontrarão d'ora em diante, prestes a dar cumprimento ás suas ordens. Assigne-o Julio Teixeira de Magalhães.

«Como vê, senhor, o indigno moço havia praticado uma segunda infamia para com os seus pais, e esta ainda mais dolorosa, mais ultrajante, porque aggravava as consequências da primeira, porque a tornava irreparavel, porque revelava da parte de seu agent, a par do mais profundo cynismo, a mais sobranceira insensibilidade.

«Meu filho, havendo contado Theresa a minha solicitude materna, dispoz-se no mesmo instante a partir no encalço do estudante. Eu, toda absorvida em prestar-lhe os mais ternos e necessarios desvelos á minha filha, mal tive tempo de trocar algumas palavras entrecortadas com Antonio, sobre esta viagem, sem poder saber ao certo quaes seus intentos, quaes suas esperanças.

«No dia seguinte, ao despontar da aurora, meu filho, montado sobre um valente e selvagem cavallo, dirigio os seus passos para a cidade de Santos, caminho que elle julgava tomara o seductor.

«Theresa, caindo no mais miserando estado. Tendo voltado a si do seu subito desalinhamento, a dôr a mergulhára n'uma prostração sombria, acompanhada de uma estranha immobildade e obstinado silencio. Não chorava — mas seus olhos permanecião cravados constantemente n'um só ponto, em que se haviam os mórtes; seus labios, sempre cerrados, estavam lividos, suas mãos, outrora rosadas e frescas, se cobrião da mais extraordinaria pallidez. Logo uma febre abrasadora acommetteu-a com força. Um delirio incoherente, medonho, seguiu-se. N'esses momentos, em que cor-tava o coração ver a malfadada menina debater-se n'um mundo de depressão de amor, fazia-se ouvir frequentemente na sua boca. Mas d'ahi a pouco n'um delirio ultraje, irrogado á sua honra, atravessava, como um relampago, as nuvens que lhe obscurecião o espirito, e exclamações dilacerantes escapavam-se-lhe do peito, gestos de desespero pintavão o horror que lhe n'um pitava semelhante ideia.

«Era um espectáculo sobrenheira constrictador esse. Era o moral, terrivelmente affectado, sobre quem a mão da fatalidade descarregára um

Já se vê que a *Ypiranga dos Progressistas* está no seu septimo dia. Tem licença de ficar de incubação uma eternidade inteira.

Mas n'estas associações ha alguma cousa nova que não é o trivial das sociedades.

Querem uma amostra?

O regulamento interno do *Instituto* tem um *capitulo unico*, e consta este de um preambulo e seis artigos. Dispõe um d'estes que o secretario porá todo o cuidado em redigir as actas com o *mais rigoroso laconismo*.

E alguma originalidade.

O Dr. Ferrão é muito trabalhador. Deita-se cedo e levanta-se com o sol. Vai á Academia, dá suas aulas de linguas, e ouve os professores de Direito Administrativo e Economia Politica. Na volta e de caminho, visita e conversa com os amigos, torna ao collegio, inspeciona a economia domestica, cousa com que mais embirra e para a qual sente-se com menos prestimo: recebe os professores, que lhes dão dous dedos de *prosa*, escreve historias para os meninos: estuda medicina, direito e economia politica, e a final janta.

A' proposito.

Accusão-n'ó de quaker, por não comer cousa que padeça morte. Grande Dens! pois não de me chamar de Judeu, por que eu abomino o toucinho?

A' tarde, elle monta a cavallo, bebe dous tragos de ar livre, volta alegre alli pelo anoitecer, toma chimarrão de Coritiba, recebe os amigos, pela maior parte estudantes, e ali está no seu elemento.

Depois que perdeu sua virtuosa esposa, o Dr. Ferrão tornou-se caseiro. Não faz visitas de cerimonia, não frequenta bailes, nem theatros, nem reuniões de apparato.

Reune em sua casa os seus intimos: ali conversa-se; quem toca piano, senta-se ao piano: quem canta, canta; os outros conversão e fumão. Vem o chá, que é o signal de que o Dr. não vai muito longe com a prosa.

Elle conversa bem: não tem o espirito scintillante, mas tem-n'ó reflectido. Quem sahe de sua casa, se não leva um bom dicto, leva boas disposições para com os homens, porque, já o dicemos, a indulgencia é o fundo do seu character.

Já é um germen de virtude mais. Sua critica é franca, illustrada e suda. Capricha em contribuir com seu obolo para a boa aceitação das produções litterarias nacionaes.

Muitos dos seus discipulos sabem de cór cantos inteiros de Gonçalves Dias. Quando aqui apparecerão as *Harmonias Brasileiras*, elle teve o cuidado de distribuir grande numero de exemplares pelos seus meninos. Nunca fica indifferente diante de uma idéa grande, de uma acção meritoria.

O Dr. Ferrão é um homem de honra, excellente pai de familia, professor illustrado e amigo dos seus amigos.

S. Paulo, Março de 1860.



não teve o talento preciso para comprehender que *sum es fui* tem dois dativos.

Liberal ate a raiz dos cabellos, o Dr. Ferrão sabe ensinar sem gritos nem ameaças. O seu methodo é tão claro, conduz tão directamente a capacidade do alumno, que este fica persuadido de que já sabia o que acaba de aprender.

É um grande merito isto.

O amor proprio do menino nunca sente-se rebaixado; ao contrario, elle cria um nobre orgulho de suas forças, vai desde logo aprendendo á confiar em si e contar consigo antes de esperar pelos outros.

É uma das preciosas qualidades que o Dr. Ferrão trouxe dos Estados-Unidos.

Ainda mais.

Elle faz de menino para tratar com os meninos nas classes; compõe junctamente com elles, tendo a habilidade de escrever pouco melhor do que elles, para que não pensem que não podem competir com seu mestre. Escreve historietas, contos moraes e interessantes, em estylo muito familiar, e depois lê tudo isto em communidade. Os meninos applaudem, riem-se, entristecem-se, segundo a côr dos quadros que o contador lhes põe por diante dos olhos.

No meio dos seus educandos, o Dr. Ferrão é um patriarcha da Biblia. Ninguem falla de cabeça baixa, braços cruzados e olhos pregados no chão. Têm todos um ar de desembaraço que encanta.

E isto no Brasil, n'esta terra classica da brutalidade dos mestres e do servilismo dos discipulos!

Isto já dava direito a uma pensão do Estado.

O Dr. Ferrão tem a difficil pratica da vida, dissemol-o. Não foi dos mais gratos o seu tirocinio no mundo.

Conhece os homens e sabe desculpar as faltas que os homens commettem.

É raro ouvir-lhe uma expressão azeda contra a sociedade. Si não está em melhor posição, a culpa não fal-a recahir sobre ninguem, antes queixa-se de si proprio.

Por isso não é facil de desanimar.

A tosse secca que tanto lhe acabrunha os pulmões, não consegue prostrar-lhe o espirito. Seus esforços para animar os outros tanto como a si proprio, são meritos. N'isto, n'esta lueta continua e fragosa, vai-se-lhe muita força que poderia despende com menos incommodo e mais proveito.

Ouvimos-lhe uma vez uma palavra que elle podia tomar para sua devisa:

«Quando presencio uma acção pequena, ou me esbarro com um caracter mesquinho, olho, mas não vejo e sigo o meu caminho.»

Isto é de quem tem nobres aspirações.

É nimamente sociavel o Dr. Ferrão.

Fundou a *Ypiranga dos Progressistas*, a mais commoda das sociedades academicas, que tem annos de dormir a somno: olto.

Do seio d'ella nasceu o *Instituto academico*, que pôde vir a ser uma associação de utilidade real, mas que por ora não passa de um ensaio, posto que tem curado.

O YTORORÓ.

JOURNAL

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS DOMINGO 1.º DE MAIO DE 1860. N. 17.

PHYSIONOMIAS CONTEMPORANEAS.

Dr. Tell Ferrão.

Uma das mais graves occupaões em todos os tempos tem sido a do educador da mocidade.

Quando se pensa por momentos nos encargos que pesão sobre seus hombros, que ao professor incumbe formar a intelligencia e o coração, re-frear os máus instinctos e fomentar as boas inclinações d'essa juventude cheia de febra e seiva de quem o paiz tanto espera, pôde-se afirmar com afoitesa que não é só das mais arduas, como ainda das mais nobres, a carreira do professor.

Então si elle é intelligente e honesto, si tem instrucção variada e solida, pratica da vida e dedicação ao estado, é um benemerito da patria, e á custa d'ella deve ser alimentado no Prytanéo.

A este numero raro, rarissimo no Brasil, pertence o Dr. Ferrão.

Nascido no Maranhão, viajou Portugal e os Estados-Unidos, não como méro passeador, antes estudando, instruindo-se, até que voltou á patria formado em Medicina e em Sciencias Naturaes.

Não forão, porém, os pergaminhos a cousa mais preciosa que elle nos trouxe de suas viagens. Nos Estados da União respirou o ar da liberdade que havia bebido no berço natal, aprendeu a respeitar a lei, como o primeiro dever do cidadão, criou amor ao trabalho, como primeiro dever do homem, tomou os habitos da boa sociedade anglo-saxonia, aprendeu, emfim, a grande arte de saber viver com todos sem ser pesado a ninguem.

Ha no Dr. Ferrão duas especies de homem: o professor e o particular, si esta palavra exprime o mesmo que o homem em sua casa. Não são naturezas nem habitos que se repillão, são partes homogeneas de um mesmo todo, são duas faces polidas de um mesmo diamante.

O professor não tem o mais leve ar do *pedregogo*, d'essa entida le en-farruscada e vesga que se costuma pintar com a palmatoria alçada á direita e na esquerda a unha do primeiro rapaz que fez alguma travessura ou que

Um burguez, frequentava um círculo, que deu um grande banquete sem o convidar. Estomagado d'este pouco caso — Eu me vingarei, disse, pois vou dar um baile, a que eu só assistirei.

Um nescio, complimentando a uma moça, cuja mãe acabava de se casar em segundas nupcias com um antigo amigo da casa, disse: — Senhora, dou vos os parabens pelo ca-

samento do seuhor vosso pai com a senhora vossa mãe.

Um monge, para obter audiencia de Sixto V, fazia muita bulha á porta, não obstante as observações da guarda; chegou o papa, e em vez de lhe perguntar: — A que ordem pertenceis? lhe disse: — A que ordem pertenceis?



NOTICIA LITTERARIA.

VAI ENTRAR NO PRELO:

OS GRANDES DA ÉPOCA

DE

A. P. PEREIRA DOS SANTOS,

COMEDIA ORIGINAL EM TRES ACTOS

PELO

Redactor d'esta revista, o Sr. Dr. Antonio Pereira dos Santos.

N'esta comedia, escripta no gosto moderno, o autor se propõe a satyrisar os abusos e scenas ridiculas a que dá lugar o systema, legalmente estabelecido no paiz, das eleições por círculos, e mostrar a fragilidade da apparente e illusoria grandeza de certas posições sociaes. Os typos d'esta composição são muito communs na sociedade brasileira. A época é a da actualidade. A scena se passa na cidade de S. Paulo.

Assigna-se cada brochura pelo modico preço de 1\$000 réis.

As pessoas, que quizerem subscrever para a publicação d'esta obra, terão a honra de se dirigir ao autor, pessoalmente ou por carta fechada.

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

Rocco del Pizzo acompanhou Constanza a Nápoles.

No dia porém, em que ella pronunciou os seus votos, elle entendeu que já não era necessario e que o Senhor o havia substituido junto de sua irmã; desapareceu, ninguem o tornou mais a ver, nem se soube positivamente o que foi feito d'elle.

Dizem que se ligara aos lestunos de Cesar Borgia e que fôra morto ao seu lado e ao mesmo tempo que elle.

F I M .

VARIEDADE.

Havendo um prégador dito no pulpito que tudo quanto Deus creára era bem feito, um carcuuda que o ouvira, esperou-o que descesse do pulpito, e lhe disse:— Que vos parece, meu padre, achais-me bem feito? —Muito bem feito para um carcuuda, respondeu o prégador.

Perguntarão um dia a Crebillon por que tinha adoptado o genero terrivel nas suas tragedias:— Eu não tinha a escolher, respondeu elle. Corneille tomára para si o céu; Racine, a terra; não me restava mais do que o inferno; lancei-me a elle com as mãos ambas.

Um coronel do exercito de Henrique IV foi ter um dia com este príncipe:— Senhor, lhe disse, tres palavras, dinheiro ou baixa? Henrique lhe respondeu:— Coronel, quatro: nem uma nem outra.

Dizia gracejando uma pessoa de espirito:— Os philosophos zombao

das loucuras dos homens, os negociantes se aproveitam d'ellas, e os comicos fazem uma e outra cousa.

Voltaire escreveu a um homem que o perseguia com suas cartas: «Morri, senhor, assim d'ora em diante não poderei ter a honra de vos responder.» Este homem escreveu-lhe:— «Ao Snr. Voltaire, no outro mundo.»

Dizão diante de Socrates que os bons espiritos não precisavão de instrucção:— Pelo contrario, respondeu o philosopho, são as melhores terras que demandão cultura.

M.^{me} de Sevigné decidia a questão dos antigos e modernos dizendo:— Os antigos são mais bellos, e nós somos mais lindos.

Um dos amigos de Diogenes lhe perguntou a que horas se devia jantar e cear, (tomar as refeições). —E' conforme, respondeu o cynico; o rico, quando quizer; o pobre, quando pudér.

Antoniello viu então que tudo estava concluído para elle e comprehendeu que a sua condemnação era irrevogavel; não pensou pois senão em beta morrer. Ergueu a fronte, pronunciou em alta voz uma prece, e voltando-se para Constanza meio desfallecido:

—Até o céu, exclamou, e depoz o pescoço sobre o cepo.

No mesmo instante a espada do executor luzio como um relampago, e a multidão, dando um grito terrivel, recuou um passo; a cabeça de Caracciolo, separada do corpo por um só golpe, saltou do cepo sobre a calçada e foi relar entre os pés d'aquelles que estavam mais proximos do patíbulo.

Duas confrarias religiosas aproximáto-se então: uma composta de homens, e a outra de mulheres. A primeira levou o conde de Caracciolo decapitado, a segunda conduziu o corpo de Constanza desmaiada.

A multidão foi-se dispersando e ao cabo de um momento a praça estava vazia; só se via, solitaria, sanguinolenta e em pé a terrivel machina, como se tivesse ficado alli para attestar á população de Napoles que tudo quanto acabára de ver era a realidade e não um sonho.

Depois de completamente deserta a praça, o homem que havia assistido á execução entre os dous guardas desceu com elles e tornou a tomar o caminho do caes. Mas, em lugar de o levarem á prisão, os soldados conduzirão-o ao palacio real.

Ahi elle foi introduzido no mesmo aposento que da primeira vez, e conduzido ao mesmo oratorio; lá encontrou a regente no mesmo lugar, em pé, junto do genuflexorio e com a mão estendida sobre o Evangelho. Os soldados entráto com elle e ficarão aos lados da porta.

—Então? disse Izabel de Aragão, cumpri o meu juramento?

—Religiosamente, senhora, respondeu o desconhecido.

—Agora, toca-vos cumprir o vosso.

—Estou prompto.

—Onde está o homem cuja cabeça foi posta a premio?

—Em presença de Vossa Alteza.

—Assim, Rocco del Pizzo?

—Sou eu, senhora.

—Eu o sabia, disse Izabel.

—Então, replicou o bandido, o que ordena de mim Vossa Alteza?

—Que sirvais de pai á orphã e de protector á viuva.

—Como, senhora? exclamou Rocco del Pizzo.

—Não sei fazer justiça senão completa, retorquiu a regente.

Depois voltando-se para os soldados:

—Este homem pode ir para on le lhe aprouver, disse ella; deixai-o sair.

E voltou aos seus aposentos com andar calmo e seguro, como rainha que era.

Constanza voltou com seu irmão para a Calabria, pois que sua pobre mãe ainda existia em Rosarno.

Rocco del Pizzo seguiu-a.

Morrendo sua mãe, o que aconteceu na noite seguinte, ella voltou para Napoles, entrou no mesmo convento que antes tinha-a recebido, pagou o seu dote e legou os restos da immensa fortuna que seu marido lhe deixára á pobre commuidade que d'est'arte enriqueceu em um momento.

O mancebo era Antonello Carracciolo.

A moça era Constanza.

Ambos apparecerão na praça simultaneamente, ambos se approximarão do cadafalso com o mesmo passo e subirão juntos; Constanza postou-se ao lado do padre, e Antonello do lado do carrasco.

Chegados sobre a plataforma, Antonello fez um movimento para lançar-se nos braços de Constanza; o carrasco, porém, o deteve. Constanza deu um passo para Antonello, o padre, porém, não a deixou.

Então o notario desenrolou um pergaminho e leu-o em voz alta.

Era o contracto de casamento do conde Antonello Carracciolo com Constanza Maselli, contracto pelo qual o nobre desposado dava á sua futura consorte não só todos os seus titulos, como ainda todos os seus bens.

Embora a praça estivesse cheia de povo, embora a multidão refluisse para as ruas adjacentes, embora cada janella estivesse apinhada de cabeças, embora os telhados das casas parecessem vergar ao peso dos curiosos, no momento em que o notario desenrolou o pergaminho, reinava tão profundo silencio, que toda essa immensa multidão não perdeu uma só palavra do contracto de casamento.

Finda a leitura, o povo prorompeu em applausos. Começarão a comprehender que, a despeito da differença das condições, a regente ordenára que o conde restituísse á aldeã a honra que lhe havia roubado.

Quanto aos noivos, que até então provavelmente não sabião de que se tratava, parecerão cobrar coragem, e quando o padre, subindo ao altar, fez-lhes signal para que se approximassem, elles forão com passo firme ajoelhar-se diante d'elle.

Immediatamente começou a missa, acompanhada de todas as ceremonias do casamento. O padre perguntou a cada um dos noivos se recebia ao outro por esposo e cada um d'elles, com voz intelligivel, pronunciou o sim solemne. Depois o sacerdote entregou a Antonello o anel nupcial e Antonello passou-o ao dedo de Constanza.

Finalmente ambos se ajoelharão de novo, e o ministro de Deos lançou-lhes a benção.

Todos os assistentes choravão de prazer e de emoção em presença de tão estranho espectaculo e a seu turno abençoarão tambem os dous jovens esposos, quando subitamente o mesmo ministro, que pronunciára as palavras sagradas do casamento, eutoou com voz surda as preces dos agonisantes. A esta mudança, toda a multidão estremeceu e deixou escapar um murmurio de terror, pois que percebia então que a cerimonia ainda estava em meio e que uma catastrophe terrivel ia ter o seu desfecho.

De feito, quando Antonello, ignorando ainda como os outros, o destino que o aguardava, lançava em redor um olhar espavorido, os dous ajudantes do executor agarrarão-o e antes que elle tivesse tempo de fazer um movimento para defender-se, ligarão-lhe as mãos. Enquanto o carrasco desembainhava a espada, conduzirão o condemnado para defronte do cepo que, como o dissemos, estava levantado na outra extremidade do cadafalso em face do altar, e o obrigarão a ajoelhar-se ali.

Constanza quiz precipitar-se nos braços de Antonello, mas o padre deteve-a, estendendo um crucifixo entre ella e seu esposo.

«A exclamação de Antonio fez-se ouvir dentro da sala, onde o aguardávamos, eu e minha filha. Theresa precipitou-se para a porta, abriu-a e achou-se n'uma relance junto de seu irmão, no momento em que este amarrava a carta entre as mãos.

—«O que é? ... o que é, Antonio? disse ella pallida de terror e com os olhos arrasados de pranto.

—«Avalia... lê... respondeu-lhe Antonio, offerecendo-lhe a carta toda amarrada.

«Theresa pegou com febril avidez na carta, desenrolou-a e poz-se a devorar antes do que a ler as poucas linhas que uma mão accelerada traçára sobre o papel.

«Logo sua physionomia transtornou-se, suas mãos tremerão, seus olhos tornárão-se desviados, seus labios empallidecêrão, seu corpo vacillou, e, soltando um grito agudo e doloroso, teria tombado redondamente no pavimento do corredor, se não fosse amparada pelos meus braços que a tempo a segurárão.

«A carta, despegando-se-lhe dos dedos, vóou em torno d'ella e cahio a seu lado.

(Continua).

O CASAMENTO SOBRE O CADAFALSO.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação).

Em uma das extremidades d'esse cadafalso havia um altar, e na outra um cepo; entre o cepo e o altar estavam de um lado um padre e do outro o carrasco.

Ninguém sabia para que erão esse cadafalso, esse carrasco, esse padre, esse cepo e esse altar.

Logo após, vio-se chegar, pelo caes que do Molle conduz ao Mercato-Nuovo, um homem acompanhado por dous guardas. Pensárão primeiro que esse homem era o heroe do drama que ia ser representado; elle entrou porém, sempre seguido dos dous guardas, em uma das casas da praça. Um instante depois, tornou a apparecer, ainda entre os dous guardas, na janella d'essa casa cuja frente dava para o cadafalso. Havião-se enganado sobre a importancia d'esse homem, que, segundo toda a probabilidade, devia ser simples espectador do successo.

Immediatamente ouvirão-se gritos que partião ao mesmo tempo do caes que conduz da ponte da Magdalena ao Mercato-Nuovo, e da rua do Suspiro. Dous cortejos vinhão caminhando, o da rua do Suspiro conduzindo um bello mancebo e o do caes acompanhando uma formosa moça.

«Decorreu mais uma hora. Era a hora da cerimonia. O padre e os padrinhos já estavam em nossa casa, só se esperava pelo noivo... e o noivo não chegava.

«Minha filha se achava no ultimo grão da inquietação. Antonio sentia o sangue ferver-lhe nas veias. Trazia uma mystificação da parte d'aquelle que não hesitara em deshonrar uma pobre joven, abusando da sua innocencia e da bondade de sua velha mãe.

«Deu cinco horas. Nada.

—«Vou procurá-lo, disse Antonio.

«E sahio. Correu ao becco do Sapo. Bateu á porta da casa do mancebo. O moleque do primeiro da veia ver quem era. Meu filho perguntou-lhe por Julio.

—«O Sr. Julio já não mora aqui, respondeu-lhe o moleque.

—«Já não mora aqui?», exclamou Antonio... Pois para onde foi?

—«Mudou-se daqui ha tres dias... Não sei para onde foi.

—«Vai chamar a um dos teus senhores moços. Desejo fallar com algum d'elles.

«O moleque voltou para dentro. D'ahi a pouco a porta da sala se abria, e meu filho se achava em face de um dos tres estudantes, companheiros de Julio.

—«Senhor, disse Antonio depois de complimentá-lo, desejava saber de sua pessoa se e ver-la he que o senhor Julio já não mora aqui?

—«E' verdade.

—«Para onde foi? não me pôde dizer?

—«Ignoro-o, tanto como o senhor... Julio é um máo rapaz... Todos os dias lhe lançavamos em rosto as suas loucuras... e o aconselhavamos para que se corrigisse... Minha por causa do occorrido entre elle e a senhora sua irmã, tivemos uma grande questão, em que procuravamos convencel-o de que elle havia praticado uma acção indigna e que cumpria-lhe offerecer uma reparação... Elle desgostou-se da nossa companhia e conselhos dictados pela mais sincera amizade... e um dia d'estes mandou carregar d'aqui os seus trastes sem nos dizer para onde se mudava.

—«E elle não lhes disse que se ia casar com miuha irmã?

—«Não, senhor, pelo contrario; disse-nos no mesmo dia em que nos abandonou que era mais facil deixar-se matar do que casar-se com a senhora sua irmã.

—«Miseravel!», exclamou Antonio fóra de si.

«E sem dizer mais palavra, apertou a mão ao mancebo e sahio.

«Antonio, sabendo da habitação dos estudantes, sem saber o que fazia, dirigio os seus passos para a casa. Ia entrar, quando um pardo, de seus 30 annos mais ou menos, que vinha do lado opposto, chegando-se para elle,

—«O Sr. é que é o senhor Antonio Leal Bueno? lhe perguntou.

—«Sim, respondeu-lhe tranquilamente Antonio.

—«Aqui está esta carta do Sr. Julio, tornou o pardo.

—«Be Julio!», exclamou Antonio, arrancando-lhe o papel das mãos.

«Abrindo convulsivamente a carta, percorreu-a rapido com a vista.

—«Oh! infame! infame!», exclamou Antonio.

«E procurou com o olho o pardo em roda de si.

«Este, mal havia entre os contra meu filho, desaparecera.

Recuou um passo ante a potente figura de Antonio e um tremor convulsivo, de medo talvez, agitou-lhe os membros.

«Os três outros estudantes contemplavão esta scena mudos e immoveis.

— «Vou tratar eu mesmo dos papeis do casamento, accrescentou Antonio, e obter todas as dispensas necessarias. No proximo domingo o matrimonio terá apagado o ultraje feito á minha irmã, ou eu terei feito justiça pelas minhas proprias mãos. Adeos, senhor Julio, pese bem as minhas palavras, e se convença de que a minha resolução é inabalavel. Mens senhores, ás suas ordens.

«E depois de haver cortejado os companheiros de Julio, meu filho tomou o chapéo e retirou-se.

«Decorrerão seis dias. Durante este curto periodo, Antonio, incançavel nos seus passos, obteve as dispensas necessarias para o casamento effectuar-se em nossa casa e no dia por elle assignalado ao mancebo. Este, afinal, ou por medo de que Antonio realisasse a sua ameaça, ou cedendo aos conselhos de seus amigos, se resolveu a receber minha filha por esposa. Animou-se mesmo a voltar á nossa casa, e renovar as suas frequentes visitas de outr'ora. Parecia resignado á sua sorte, e até contente d'ella. Esta mudança, entretanto, não deixava de me surprehender, e fugitivos e inexplicaveis receios me perturbavão o coração.

«Theresa revivera ao regresso de seus bellos dias. Alegre, risonha, feliz, ella se deixava embalar no sonho da sua proxima união com o idolo dos seus extremos affectos e viva ternura. Coitada! ingenua e cega no seio do seu immenso amor, ella se figurava um futuro povoado de docuras ineffaveis e perennes. Dotada de uma alma bem formada, thesouro inexaurivel de carinhosos sentimentos, possuindo uma indole, boa como a de um anjo, capaz, pela sua abnegação natural, dos mais dedicados sacrificios, e, mais do que tudo, inexperiente das vaidades do mundo, minha filha se julgava com forças de vencer todos os obstaculos que se antepuzessem á felicidade do seu casamento com Julio. A flôr da esperanza crescia viçosa no seu peito nutrida pelo almo calor de uma paixão casta, mas profunda, como sóem ser as paixões dos corações que vivem, por assim dizer, solitarios e isolados no meio do tumulto das cidades.

«O casamento devia ter lugar na tarde do domingo, isto é, a 17 de Junho de 1851.

«Pela manhã, Julio estivera connosco e se mostrara extremamente satisfeito, mais do que nunca, com a approximação da hora da sua união com Theresa.

«Ajudára-nos até nos nossos preparativos domesticos, destinados a solemnisar a cerimonia.

«A uma hora depois do meio dia, Julio se retirou, a pretexto de que ia aprestar-se para o casamento.

— «Volte logo, lhe disse Theresa, ao elle sahir.

— «Sim, dentro de duas horas, respondeu o mancebo.

«O casamento tinha lugar ás quatro horas.

«Passarão-se as duas horas. Julio não voltou.

«Não sei o que me adivinhava o coração — mas era como que o presentimento de uma nova desgraça.

noite antecedente pura e cingida da aureola da virgindade... acordou des-honrada e sellada com o estigma indelevel da infamia na fronte... Este mancebo, senhores, a quem minha mãe offerecêra um leito em sua casa n'uma noite de tempestade... pagou a hospitalidade com o mais indigno dos ultrajes... e fugio de madrugada, como um criminoso, da casa... onde deixava, abysmada na vergonha e na dôr, a victima dos seus instinctos brutaes.

«Antonio interrompou-se suffocado pela indignação. Os estudantes estavam estupefactos, e olhavam agora para Julio, não como que exigindo uma justificação de sua parte, pois parecião acreditar nas palavras de meu filho, mas com uma expressão assaz visivel da mais viva exprobração.

«Julio, que até então ostentára o mais revoltante e desfaçado sangue-frio, emmudeceu o desmaiou ante os olhares accusadores de seus collegas.

— «E agora, senhores, ja que estão presentes e sabem tudo, digão-me— não terá minha irmã incontestavel direito a uma reparação ?

— «Sem duvida, disse um dos estudantes.

— «E' justo, disse outro.

— «Isso é indisputavel, disse o terceiro.

— «E essa reparação não deve ser outra senão o casamento, não achão ? perguntou ainda meu filho.

— «O casamento ? ! exclamarão os tres moços.

«Mas logo, reflectindo durante rapidos instantes, disserão quasi a um tempo.

— «E' a unica reparação satisfactoria.

— «A unica que sana o mal.

— «Qualquer outra seria insufficiente e não lavaria a deshonra.

— «Veja, senhor, disse Antonio voltando-se para Julio, o juizo dos seus collegas. Elles mesmos o condemnão. Já não é o irmão da ultrajada... quem lhe impõe o casamento como a unica sahida honrosa d'este negocio, já não é a lei quem lhe designa este passo como o unico refugio reservado ao seductor que pretende furtar-se á penalidade de seu crime, são os seus proprios amigos... quem lh'o aconselha... é a sociedade inteira quem o reclama... é a dignidade e a consciencia individual quem o prescreve... Em nome, pois, da ultrajada, em nome da sociedade, em nome da honra, em nome da lei, em nome dos seus amigos... eu exijo o seu casamento com minha irmã.

— «Nunca ! gritou Julio com energia, sobrepujando a sua perturbação.

— «Nunca ? ! exclamarão os tres estudantes espantados.

— «Nunca ! repito... o filho do Senador... o filho do Conselheiro de Estado... o filho do grande Estadista Teixeira de Magalhães nunca... ha de fazer uma alliança d'esta ordem.

«Antonio sentio novamente um accesso de colera sublevar-lhe o sangue. Mas d'esta vez, por um esforço supremo, conseguiu conter-se.

— «Senhor Julio, disse com voz sombria e concentrada, approximando-se do moço e ameaçando-o com um gesto terrivel, dentro de oito dias o senhor ha de ser o marido de minha irmã, ou ao contrario, juro-o pela minha honra, far-lhe-hei voar os miolos, em qualquer parte que o encontre.

«A palavra solemne e fulminante de meu filho pareceu abalar profundamente o mancebo.

rão a theoria de Newton combinada por toda a parte com as leis Keple-
rianas.

Achárão, como Newton, que a attracção da Terra sobre a Lua actuava 6
decimos de linha por segundo de tempo, percorrendo esta em 29 dias e meio
nada menos de 24 milhões de legoas, o que equivale a mais de 10 e 1/2
por segundo, em sua translação permanente em torno á Terra, acompa-
nhando-a. Achárão que a Terra nos 365 dias e 1/4^o que gasta em per-
correr sua orbita e caminhar mais de 226 milhões de legoas (mais de 7 por
segundo) é attrahida pelo Sol mais de uma pollegada por segundo o que a
faz gyrar na ellipse apartada, termo medio, 36 milhões de legoas do centro
do Sol.

Achárão que para que o Sol em tal distancia pudesse actuar a tal ponto
sobre a Terra, sua massa deveria ser 354,936 vezes maior que a da mesma
Terra.

Todavia ainda a theoria de Newton não resolvia certas anomalias que se
encontravão nos movimentos planetarios, e forão necessarias maravilhas de
analyse mathematica para seu desenvolvimento.

(CONTINUA.)

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

IX. — O CASAMENTO MALLOGRADO.

(Continuação.)

— «O que é isto? perguntou um dos tres estudantes.

— «E' este senhor, exclamou Julio, que, animado pela presença dos
seus companheiros, recobrava o seu cynico desenbaraço, que veio á minha
casa insultar-me... e ameaçar-me.

— «Como assim?!... porque?!... perguntarão os estudantes.

— «Porque allega que lhe deshonrei a irmã... a quem nunca vi nem
conheço... nem tão pouco o senhor •

«Os estudantes guardarão silencio, e interrogarão com os olhos a Anto-
nio, esperando que elle se justificasse.

— «Senhores, disse Antonio no tom da mais completa tranquillidade,
mas notavel pela sua firmeza, este moço acaba de mentir como um negro.
E' um infame seductor da minha irmã, de cuja candura abusou, roubando-
lhe a honra. Teve a premeditada maldade de se introduzir, na qualidade
de emissario de uma sociedade de beneficencia, em casa de minha mãe, po-
bre mulher que vive do fructo de um trabalho assiduo e honesto, e captando-
lhe a sua cega amizade, começou a visitá-la com frequencia até que se lhe
deparasse um ensejo á realisação de seus damnados intentos. Essa occasião
não tardou a se apresentar... e uma manhã, minha irmã, que se deitára na

N° 2700	"	"	1200	"	"	1	"	7	"	"	"	"	"
N° 2800	"	"	1300	"	"	1	"	3	"	"	"	"	"
N° 2900	"	"	1400	"	"	1	"	0	algs. ls.	"	"	"	"
N° 3000	"	"	1500	"	"	3	"	9	"	"	"	"	"

Ultimaremos o quadro com mais duas differenças de 1000 em 1000 legoas :

N° 4000	"	"	2500	"	"	2	"	1	"	"	"	"	"
N° 5000	"	"	3500	"	"	1	"	4	"	"	"	"	"

Antes de proseguirmos declaramos ingenuamente que os numeros de que nos servimos, e resultados calculados são apenas approximativos. Servimo-nos de numeros redondos sómente, e por isso sem a exactidão mathematica, consciõs de que sendo esta indispensavel nas ephemerides respectivas, era aqui certamente dispensavel, visto como só tratamos d'enfornhar superficialmente nossos leitores nestas deducções.

Newton, pois, veio a estabelecer que é a gravitação quem faz descrever aos corpos sollicitados, em lugar de movimentos em linhas rectas, para as quaes os tenha impellido sua força centrífuga, ellipses, ou em geral secções conicas, tendo n'um dos focos o ponto d'onde emana a força gravitica. Si, por tanto, os movimentos planetarios assim se verificão, tanto na velocidade da attracção reciproca, como na fórma das orbitas, torna-se verificada a razão physica d'esses movimentos : de maneira que Kepler, indicando-os de facto, Newton veio a motival-os, fundando-os em regras de notavel simplicidade.

Além de que Newton verificou sua theoria começando por calcular quanto cahia v. g. a Lua para a Terra em cada segundo de tempo. E' verdade que, tendo-se dado como exacto o calculo de achar-se a Lua a uma distancia media de 90,000 legoas (numeros redondos) ao centro da Terra, não se havia verificado com exactidão o raio da mesma Terra ; sendo julgado aproximadamente de meos de 1,500 legoas. Fazendo a proporção na razão inversa dos quadrados das distancias ao centro, com a gravitação á superficie da Terra, a consequencia foi achar Newton em 1666 um resultado que augmentava quasi 16% do que devia ser, para combinar com a curva, que as observações mostravão percorrer nosso satellite em sua orbita.

Mas alguns annos depois media Picard em França um gráo do meridianno terrestre, e por sua acurada sollicitude, pericia, e emprego de meios geodesicos mais apropriados dos que os usados antes, obteve achar 57,000 toezas com pouca differença. D'ahi a alguns annos quando os trabalhos d'este geometra forão apreciados em Londres, resolveu Newton renovar sua verificação, fundando-a no dado que colligio mais exacto dos trabalhos de Picard, dos quaes resultava vir a ter o raio medio da Terra um pouco mais das 1,500 legoas (numeros de que nos servimos acima). Foi em 1680 que Newton, renovando seu calculo, achou tão exacta a verificação que vinha sancionar suas idéas, que lhe sobreveio com a satisfação que experimentava, uma sobr'excitação nervosa tal, que o impedio de ultimar seu calculo, o que pediu a um de seus amigos ali presente.

Foi assim que a Astronomia achou no profundo genio de Newton a maravilhosa descoberta physica, que immortalisando-o, abriu o desvendado campo infinito ás indagações cosmologicas. Apressorados volverão os astrólogos as vistas ja a um, para outro Planeta ; observarão, calcularão e achá-

objectos de materia grave e esphericos, mais proprios para as experiencias, e resistentes a taes perturbacoes que são de outra natureza. Assim, como sabemos por experiencia o alcance que um arcabuz, por exemplo, produz em uma bala, e que esta em um segundo é impellida v. g. a 500 varas, si nesta distancia exacta collocarmos um muro ou outro objecto firme no qual tracemos um alvo na perfeita direcção visual do arcabuz, achamos, desfechando o tiro, que a bala baixou do alvo tanto quanto a gravitação sollicita para o centro á superficie da terra.

Estabeleceu mais Newton que nos corpos regulares esphericos, espheroidaes ou ellipsoidaes existentes no espaço, como a Terra, necessariamente a gravitação activa em direcção de qualquer ponto de sua superficie ao centro com todo o poder de sua massa, como se esta se achasse toda no seu ponto central. Com tudo, esta força, que na proximidade da superficie da terra, sollicita a queda dos objectos na razão de cerca de 15 pés em um segundo, diminue de intensidade á medida que crescer a distancia ao centro e tanto que na altura das grandes montanhas faz-se sensivel a differença. Foi ainda Newton quem estabeleceu que a diminuição de intensidade na força centripeta devia ser na razão dos quadrados das distancias ao centro. D'estes preceitos de Newton aqui damos a nossos leitores os theoremas em resumo.

« 1.º A attracção é proporcional á massa.

« 2.º A attracção diminue proporcionalmente aos quadrados das distancias ao centro.

« 3.º As moleculas materiaes, uniformemente distribuidas no volume de um corpo regular espherico, actuão sobre qualquer ponto exterior juntas, como si se achassem todas no ponto central da mesma esphera

« 4.º A acção attractiva produz effeito igual no corpo em repouso como em movimento, uma vez que se meça esse effeito na direcção em que a attracção é exercida.»

Agora, segundo estes theoremas faremos tambem esclarecer a nossos leitores qual vem a ser o poder attractivo da terra. Sendo o semediametro (ou raio) d'esta de 1,500 legoas proximamente, e sabendo-se por experiencias directas que 15 pés sobre a superficie do solo a gravitação activa os 15 pés em um segundo, fica facil a operação de que damos o seguinte quadro :

A' 1550	legoas do centro,	50	alem da superficie	14	pés,	e	0	pol.	algumas l.	por seg.
A' 1600	" " "	100	" " "	13	" " 2	"	"	"	"	"
A' 1650	" " "	150	" " "	12	" " 5	"	"	"	"	"
A' 1700	" " "	200	" " "	11	" " 8	"	"	"	"	"
A' 1750	" " "	250	" " "	11	" " 1	"	"	"	"	"
A' 1800	" " "	300	" " "	10	" " 5	"	"	"	"	"
A' 1850	" " "	350	" " "	9	" " 10	"	"	"	"	"
A' 1900	" " "	400	" " "	9	" " 4	"	"	"	"	"
A' 1950	" " "	450	" " "	8	" " 10	"	"	"	"	"
A' 2000	" " "	500	" " "	8	" " 5	"	"	"	"	"

Continuando este quadro com as differenças não de 50 em 50, e sim de 100 em 100 legoas, temos :

A' 2100	" " "	600	" " "	7	" e 7	"	"	"	"	"
A' 2200	" " "	700	" " "	6	" " 10	"	"	"	"	"
A' 2300	" " "	800	" " "	6	" " 3	"	"	"	"	"
A' 2400	" " "	900	" " "	5	" " 9	"	"	"	"	"
A' 2500	" " "	1000	" " "	5	" " 4	"	"	"	"	"
A' 2600	" " "	1100	" " "	4	" " 11	"	"	"	"	"

O YTORORÓ.

MODERNA

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS — DOMINGO 15 DE ABRIL DE 1860. N. 16.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

I.ª SERIE.

ASTROLOGIA.

VI.

(Continuação.)

Newton veio a estabelecer que a força á qual denominou — Gravitação, subsiste no conjuncto de moleculas de que se compõe um corpo existente no espaço. Que, si uma d'essas moleculas, uma fracção d'esse corpo fór apartada de sua superficie, e tornada a abandonar a si mesma, aquella força sollicita essa fracção em direcção ao centro do todo, uma vez que este todo seja espherico ou quasi espherico regular. Que quanto mais volumoso fór o corpo, (o conjuncto de moleculas), maior será sua força attrahente; e em consequencia, si por ventura a terra pudesse tornar-se mais compacta um decimo (por exemplo) do que é realmente, sua força centripeta, ou gravitica augmentaria na mesma razão; pelo que, si, levantando-se v. g. uma bala a uma altura de 15 pés (com pouca differença) da superficie da terra, caher sobre o solo em um segundo de tempo, segue-se na hypothese figurada, que se poderia elevar a bala a 16,5 pés (mais um decimo) e cahiria no mesmo segundo, isto é teria mais um decimo de velocidade. Logo um decimo mais de velocidade indica que a força attractiva é maior um decimo.

Que não é somente na molecula considerada em repouso, e abandonada a si mesma depois de deslocada, que a gravitação activa, e sim tambem em quaesquer corpos em movimento dentro do espaço onde pode estender-se seu poder. Para o mostrar, nota-se que arremessando-se um pequeno corpo espherico em qualquer direcção superior ao solo, sempre tenderá a cahir, como si deslocado estando em repouso se abandona a si mesmo sem impulso; e a velocidade da queda será exactamente a mesma. Note-se de passagem, que não tomamos em linha de conta a maior ou menor impressão que a atmosphera produza, e que causará sensiveis differenças segundo a materia de que se compuzer o objecto arremessado; por isso alludimos a

PENSAMENTOS DIVERSOS

Sobre o amor, as mulheres e o casamento.

A castidade das noivas é uma castidade laboriosa, porque é forçoso que ellas combatão incessantemente a lembrança dos prazeres que saborearão.

S. Jeronymo.

De todas as ruínas do mundo, a ruína do homem é seguramente a mais triste a se contemplar.

Théophile Gautier.

A côr do marmore só assenta nas bellas estatuas vivas como nas estatuas mortas. Cumpre sentir a alma, a paixão ou a dôr através da cutis. A alma, a paixão, a piedade, o entusiasmo e a dôr são pallidas.

Imartine.

Um casamento sem filhos é o mundo sem sol. *Conjugium sine prole est mundus sine sole.*

St. Agostinho.

A dôr não aformosêa senão o que é bello.

George Sand.

Uma mulher que escreve faz dons males: augmenta o numero dos livros e diminue o das mulheres.

Alphonse Karr.

Quem ama a sua mãe nunca é máo.

Alfred de Musset.

JUNTO AO CEMITERIO.

POESIA.

(*Posta em musica pelo insigne professor o Ilm. Sr. Elias Alvares Lobo.*)

De que valem grandezas da terra,
Seus orgulhos despidos de amor,
Se as grandezas tão fôfas que encerra
Se sepultão da campa no horror?...

De que valem sorrisos fagueiros
Despendidos sem alma ou ardor,
Se os sorrisos voando ligeiros
Vão sumir-se da campa no horror?...

De que valem bellezas na vida
Sem o brilho do meigo pudor,
Se a belleza, qual flôr já pendida,
Perde o viço, da campa no horror?...

De que valem na vida os prazeres,
Ternas phrases, do ouro o fulgor,
Se taes brilhos, encantos, poderes,
Lá se escondem da campa no horror?...

Esta vida é votada á tristeza,
A's miserias, aos prantos, e á dôr!
Nella a gloria, o poder, a belleza,
Tudo foge da campa no horror!...

Venha embora uma falsa doçura
D'esta vida occultar o amargor,
Tudo acaba!—Sómente a alma pura
Não succumbe da campa no horror.

Itú—9 de Março de 1860.

J. V. Silva Azevedo.

ERRATA.

No n. 14, pag. 12, l. 1. em vez de APOETA! lêa-se tão sómente — POETA!

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

—É muito simples: enviai-me á prisão; peço-vos somente que me mandeis conduzir por dous guardas á alguma janella d'onde eu possa assistir ao supplicio de Carracciolo. Depois de Carracciolo morto, entregai-vos-hei Rocco del Pizzo.

—E se m'o não entregardes?

—Minha cabeça responderá pela sua; já vol-o disse, e repito.

—É verdade, disse a regente, tinha-o esquecido.

Ella bateu palmas e o capitão das guardas entrou.

—Mettei este homem em prisão.

O capitão fez conduzir o desconhecido por dous guardas e voltou.

—Agora, continuou a regente, mandai tambem prender o conde Antonello Carracciolo e conduzi-o ao Castello.

O capitão se apresentou no palacio de Carracciolo; este, porém, suspeitando sem duvida algum perigo, havia desaparecido.

A regente, sabendo essa noticia que lhe confirmava a culpabilidade do seu favorito, ordenou immediatamente aos nobres que lhe entregassem o culpado, dando-lhes unicamente tres dias para cumprirem esta ordem.

Os tres dias se passarão, e como até o fim do terceiro, o conde não tivesse apparecido, os habitantes de Napoles, ao acordarem no dia seguinte, virão cincoenta operarios occupados em demolir o palacio de Antonello Carracciolo, situado defronte da cathedral.

Depois de completamente arrasado o palacio, trouxerão um arado, com que sulcárão o lugar que fora occupado por elle, e nos sulcos abertos semeárão sal.

Em seguida começarão a demolir o palacio sito á direita: era o do principe Caracciolo pai.

Ainda depois demolirão o palacio dá esquerda; era o do duque Carracciolo, irmão mais velho.

Demolido o palacio, em seu lugar fizerão o mesmo que haviam feito no lugar occupado pelos outros dous.

A regente ordenou que outro tanto se fizesse nos palacios de todos os Caracciolos, até que estes tivessem entregado o culpado.

Na noite que se seguiu á essa ordem, Antonello Caracciolo entregou-se á prisão.

No dia seguinte, seu pai e seus dous irmãos se apresentarão em palacio, mas a regente mandou-lhes dizer que não era visivel.

No outro dia ainda o preso escreveu á duqueza sollicitando-lhe o favor de uma entrevista; a duqueza, porém, mandou responder-lhe que não podia recebê-lo.

Uns e outros renovarão as tentativas durante oito dias; nenhum, porém, obteve o resultado que pretendia.

Na manhã do mesmo dia os habitantes do Mercato-Nuevo, virão, com espanto misturado de terror, erguido no meio da praça um cadafalso que alli não existia na vespera.

A funebre machina tinha surgido na sombra, sem que ninguem a visse crescer, sem que ninguem a ouvisse levantar-se.

(CONTINUA.)

O CASAMENTO SOBRE O CADAVALSO.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação).

E antes que ella tivesse tempo de oppor-se á minha sahida, transpuz o limiar e desapareci na escuridão.

Vim directo a Napoles.

Tinhão-me dito que creis não só bella entre as mulheres, como tambem justa entre as rainhas.

Vim a Napoles com a intenção de pedir-vos justiça...

—Como não a fizestes por vossas mãos? perguntou Izabel.

—Uma punhalada não era bastante para um semelhante crime, senhora: era o cadafalso que eu queria. Antoniello Carracciolo deshonrou minha familia, quero a deshonra de Antoniello Carracciolo.

—E' justo, murmurou a regente.

—Mas, como em caminho soubesse que a cabeça de Rocco del Pizzo estava a premio, e chegando a Napoles lesse na esquina do Mercato Nuevo o edital que offerencia quatro mil ducados a quem o entregasse morto ou vivo, por maior segurança, apresentei-me em casa do ministro da justiça propondo-me a entregar vivo o homem que procurais por toda a parte e que em nenhuma parte podeis encontrar. O ministro, porém, não quiz conceder-me o que lhe pedi, isto é, uma audiência de Vossa Alteza. Resolvi então chegar ao meu alvo por outro meio; comecei a roubar na estrada de Resina a Torre del Greco.

—Então creis vós e não Rocco del Pizzo?...

—Roubei na estrada de Aversa.

—Creis vós ainda e não aquelle que se suppunha?

—Assassinei na estrada de Amalfi. A morte de Raymundo era o principio de minha vingança, pois que estava resolvido a recorrer á vingança, uma vez que me recusavão justiça.

—Está bem, disse a regente. Aprove a Deos que eu vos visse, e assim foi melhor.

—Parece-me que sim, disse o desconhecido.

—E vós comprometteis-vos ainda a entregar Rocco del Pizzo?

—Sempre.

—Sabeis onde elle está?

—Sei-o.

—Respondeis pela sua captura?

—Respondo.

—E entregar-m'o heis vivo?

—Em troca de Carracciolo morto; bem o sabeis, é a minha condição, senhora.

—Está dito, sede tranquillo. Mas quem me responderá por vós d'aquí até lá.

fundo historico, accuradamente sacado nos velhos chronistas e fastidiosas memorias sobre a provincia de S. Paulo, se mistura uma invenção feliz que soube tirar bom partido d'aquelle e o bordar com o variegado matiz da ficção.

Estylo geralmente limpo e attractivo, scenas notavelmente descriptas e frisantes pelas suas vivas cores e primoroso effeito, um entreccho simples, mas natural e bem conduzido, são qualidades que n'esse breve romance surprehendem logo a attenção do leitor. Seus typos, posto apenas esboçados, em vista da rapidez da narração e sobriedade dos toques, estão retratados com verosimilhança, o que é uma felicidade inaudita n'estes tempos em que o ultra-romantismo, transplantado da França, introduzio, como uma praga incuravel, nas litteraturas nascentes, o máo gosto das creações exageradas e informes. Respira-se, ao percorrer essas paginas, a atmosphera pura e carregada de perfumes acres, mas dilatadores das nossas selvas, e um tom bastante pronúnciado, particular á legenda das épocas primitivas da terra brasilica, derramado por toda a obra, é o traço mais caracteristico e saliente na physionomia poetica do conto historico do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

Sentimos profundamente o autor não haver dado mais amplo desenvolvimento ao seu assumpto, desvelando ante os olhos do leitor avido as riquezas e encantos da natureza americana e espraçando-se na pintura curiosa dos costumes, originaes na sua barbaridade, dos autocthonos do paiz.

Contamos porém não ser illudidos esperando que outras obras do mesmo genero, historico-indigena, se assim nos é licito denominá-lo, o genero de Chateaubriand e Cooper e cujas agrestes bellezas havião brilhantemente realçado até aqui a maior parte dos poemas dos nossos cantores homericos, genero emfim modernamente iniciado sem contradicção no romance nacional pelo *Guarany*, obra prima de imaginação e de estylo, do Sr. Dr. José de Alencar, veráo breve a luz da publicidade e virão prender perolas mais raras á singela, mas já preciosa e fulgurante coróa litteraria que cinge a fronte do joven escriptor mineiro.

Os Guayanazes, que folgámos de ler no folhetim do *Correio Paulistano*, á medida que se publicava, está hoje no prélo, segundo vemos annunciado no mesmo jornal, e breve se achará á venda, revisto e correcto, no estabelecimento typographico do Sr. J. R. de Azevedo Marques, em S. Paulo.

Chamamos para elle a attenção do publico amante das letras patrias, e principalmente a dos filhos d'esta heroica provincia, berço fecundo de tantos illustres varões.

Santos, 23 de Março de 1860

A. P. S.



neamente o espirito. Rápido como o pensamento, deu um salto do lugar em que estava sobre o mancebo, e, lançando-lhe ambas as mãos á roda do pescoço, apertou-o convulsivamente e com força a ponto de o asphyxiar. Nas ancias de uma morte proxima, Julio começou a debater-se debaixo das manoplas de aço de meu filho).

« Não podendo mais soster-se em pé, vacillou, cahio sobre si, a principio de joelhos, depois a fio comprido no chão. Antonio, cujos musculos, avigorados pela colera, quasi havião suffocado o mancebo, apertando-lhe a garganta, como duas tenazes de ferro, mal o vio em terra e a seus pés, sentio serenar-se-lhe o animo, e libertou-o do terrivel amplexo.

« Julio respirou largamente e levantou-se ainda meio-desacordado.

« Neste momento assomárão no limiar da porta da sala, que dava para o interior da casa, tres caras espantadas, e um busto de negro na penumbra.

« Erão os companheiros de casa do nosso heróe e o moleque, animal por excellencia curioso, que, attrahidos pela altercação e bulha que tivera lugar, aculião a ver o que se passava.

(Continua).

BIBLIOGRAPHIA.

OS GUAYANAZES.

**Conto historico sobre a fundação de S. Paulo,
pelo Sr. Dr. J. V. Couto de Magalhães.**

A mais grata de todas as noticias para o litterato é o annuncio da recente producção de um novo livro em qualquer dos ramos da poesia, e verdadeiro prazer se torna uma tal noticia quando a obra, dada á estampa, traz inscripto na frente o nome de um escriptor brasileiro.

Convencidos da verdade d'esta asserção, e ainda desejando endereçar uma saudação cordial ao pittoresco romancista, autor do conto historico, intitulado — *Os Guayanazes*, ultimamente sahido a lume no *Correio Paulistano*, agradecendo-lhe, em nome das lettras nacionaes, mais este fructo mimoso do seu engenho e gosto litterario, animamo-nos a dizer algumas palavras sobre esta composição.

Não acabámos de lê-la n'este momento, mas já o fizemos ha bastantes dias, não a tomámos tambem por objecto especial de um estudo aturado e minucioso para nos sentirmos habilitados em ordem a fazer d'ella uma verdadeira apreciação artistica, uma critica fundamentada, sensata e imparcial. Entretanto vivas estão ainda as nossas reminiscencias, frescas se nos revelão as impressões recebidas, para recommendar-las aos nossos leitores e ao publico como uma pequena, mas graciosa producção da fantasia, onde a um

prezo e o abandono, o que, senhor Julio, o senhor faria a um semelhante homem?

«—Conforme, respondeu o mancebo com o mais cynico desembaraço.

«—Conforme?!..

«—Sim; se não tivesse havido violencia... so a moça... quero dizer... a minha irmã, por hypothese, houvesse sido forçada... o caso era serio... eu me desaffrontaria... de alguma maneira... Mas... se... differentemente d'isso... ella se tivesse entregado... não oppondo resistencia... eu nada faria ao seductor... quero dizer... ao homem a quem ella de boa mente se entregára... Lastimaria o facto, absolvendo o autor da deshonra e maldizendo a fraqueza de minha irmã.

«—E se o senhor fosse o seductor que assim obrasse... fallo da segunda hypothese... achar-se-hia em seu direito, e com a consciencia desassombrada, depois de consummado o facto.

«—Sem duvida.

«—Pois bem! senhor Julio, fique sabendo que o senhor é um infame, duplamente infame..! disse Antonio carregando fortemente sobre estas palavras.

«—Senhor! exclamou o mancebo, levantando-se livido como um defunto e alteando a voz.

«—Repto... duplamente infame! tornou Antonio, tambem levantando-se e elevando a voz; porque não comprehende nem os deveres de um irmão honrado nem os de um homem de bem... porque é um cobarde seductor... um pirata da honra das familias...

«—E quem é o senhor para m'o vir dizer em face? Com que direito..?

«—Sou o irmão de uma de suas victimas... da mais recente talvez... d'aquella em cuja casa o senhor se insinuou, enganando-a, com um nome emprestado e falsas apparencias, e a quem seduzio n'uma noite de tempestade...

«—Mentira!

«—Mentira?!.. Que aborto de miserias que é o senhor!.. Nem a coragem tem de sustentar a paternidade de suas infamias!.. Mas, senhor, accrescentou Antonio, mudando de tom, prescindamos d'esta inutil e vergonhosa altercação, que eu já previa e quero evitar. Vim aqui para outro fim.

«—Diga.

«—Exijo, apoiado na dignidade do nome de seu pai, nos restos do seu cavalheirismo, nos direitos sagrados do offendido, uma plena e inteira reparação ao ultraje pelo senhor perpetrado sobre a pessoa de minha irmã.

«—E que especie de reparação exige o senhor?

«—Que outra senão a unica —o casamento?

«—Casamento de quem?

«—Do seductor com a seduzida, do senhor com minha irmã...

«—Casar-me eu com a sua irmã?!.. Ah! ah! ah! E o insolente mancebo disparou a rir como um perdido.

« Antonio sentio-se tremer da ponta dos pés á raiz dos cabellos. A colera, subindo-lhe em ondas de sangue ao cerebro, cegou-lhe instanta-

- «Então quem é? perguntou uma das vozes.
 —«É um moço que procura pelo senhor Julio.
 —«Olé, o caso é comigo, exclamou outra voz em tom de mofa. E o que quer esse sujeito?
 —«Não me disse, respondeu o moleque.
 —«Ora deve ser bem pouco agradável o sujeito que me procura á hora do chylo.
 —«Quem sabe o que será?... disse outra voz. Talvez alguma facada (*)!..

—«Subscrição, ou cousa que o valha.
 —«Ou... pôde ser... um inesperado ajuste de contas antigas... algum marido cioso... ou irmão ultrajado... que vem pedir satisfação... Tu gostas tanto das cousas prohibidas... De alguma ainda te has de sair mal.

—«Por esse lado, nada receio... disse a voz do que respondia ao nome de Julio; tomo perfeitamente bem as minhas precauções... Desafio o mais pintado que me apanhe... com o rabo na ratoeira.

«E dizendo isto, a voz parecia approximar-se. Logo Antonio sentio passos na sala, e d'ahi a pouco a porta d'esta, que deitava para o corredor, estava aberta.

«Antonio se achou diante do mancebo, que já de passagem lhe descrevi, de aspecto inoffensivo e mesmo sympathico. Envolvia-se n'esse momento nas amplas dobras de um comprido chambre de chita achamalotada, pendião-lhe do pescoço as pontas de um lenço de seda da India encarnado com ramagens amarellas, descuidosamente atado, cobria-lhe a cabeça um rico gorro, (prenda provavel de familia), de veludo preto bordado a retroz e fio d'ouro, e seus pés calçavam elegantes chinellas de lã de côr.

—«O senhor procura-me? perguntou elle a meu filho, depois de cortejá-lo ligeiramente.

—«Sim, senhor, desejo urgentemente fallar com o senhor.

—«Pôde entrar e sentar-se, disse o mancebo, franqueando o accesso a Antonio e designando-lhe uma cadeira.

«Meu filho com effeito penetrou na sala, e abancou-se defronte do estudante.

«Houve um curto instante de silencio. Antonio parecia fazer um supremo esforço sobre si para sopitar a profunda indignação que, qual rugido surdo de um volcão prestes a rebentar, a vista do seductor lhe sublevava internamente. O mancebo, com a vista cravada na physionomia de meu filho, como que presentira e lhe lera nos olhos os signaes precursores de uma desconhecida, mas violenta tempestade, cujos raios convergião sobre a sua cabeça. Entretanto disfarçou e affectou negligente destemor e perfeita indifferença.

«—Senhor Julio, lhe disse Antonio após haver recobrado todo o seu sangue-frio e com um accento calmo, pausado e firme, se o senhor tivesse uma irmã, cuja honra prezasse mais do que a vida, que fosse traiçoeiramente seduzida por um homem, que se houvesse introduzido na sua casa e que, abusando, como um miseravel, da candura e boa fé d'ella e de sua mãe, pagasse a hospitalidade com a infamia, a amizade com o des-

(*) Pedido importuno de dinheiro, na gíria academica.

«Tavendo penetrado no tortuoso becco, baptisado pelo vulgo com o nome do immundo reptil que abunda nas suas vizinhanças, meu filho não procurou por muito tempo a casa do estudante. Era a melhor que havia n'esse recôndito sítio da cidade, melhor apezar da sua modesta apparencia e acanhadas dimensões. Compunha-se apenas na frente, baixa e de fresco caiada da paulistana *tabatinga*, de duas janellas e uma porta, pintadas recentemente de verde-escuro. Atravez das vidraças francamente erguidas, via-se na sala arrumada ou antes desarrumada com a costumada desordem a estranha mobilia escolastica. Os infalliveis livros, espalhados sobre a banca das suppostas lucubrações e prateleiras da empoeirada estante, um cabide sobre que pendião differentes peças de vestuarios de diversas idades e fazendas, a mais que simples cama feita sobre uma marquezia de madeira, algumas raras cadeiras usadas, um par de canastras, contendo roupa branca, uma aberta e outra fechada, um violão dependurado á parede, aqui um pé de sapato acalcanhado, alli outro de uma hota notavel por um sem numero de soluções de continuidade, acolá umas chinellas, outr'ora *fashionable*, reduzidas ao ultimo estado de degradação. organica, pontas de cigarros e charutos *in magna copia* e por toda a parte, eis em duas palavras os hospedes mudos e inertes que povoavão a sala do estudante, no momento em que Antonio se approximou da sua casa e se poz a observá-la.

«Ouvindo vozes frescas e alegres dentro, entremeiadas de saborosas risadas, Antonio pensou que quem elle procurava não podia deixar de estar em casa. Entrou pois no corredor e bateu.

«Ninguem respondeu: e as fallas e gargalhadas continuárão. Tratava-se sem duvida de algum assumpto de inesgotavel jocosidadê, pois que a attenção dos habitantes da casa era toda absorvida pela expansão da sua alegria.

— «Antonio repetio as palmas.

— «Estão batendo, disse uma das vozes juvenis.

— «Vai ver quem é, moleque, disse outra.

— «Talvez seja o senhorio.

— «Ou a lavadeira.

— «Qualquer d'elles vem á má hora.

— «A' hora do *chylo*...

— «Do trabalho silencioso e difficil da senhora barriga, essa matrona soberana do mundo.

— «Casada pelo diabo á meia noite com o mais antigo, opulento e poderoso fidalgo dos seculos—o bezerro de ouro.

— «Atrás d'esse vem certamente a nayade do Tamanduatchy ou o lobis-homem do nosso proprietario.

— «Pois diremos a qualquer d'elles que, quando a barriga funciona, a bolsa é muda.

— «Ou tísica.

— «E' o seu estado normal n'esta republica habitante da região dos sapos.

«Durante este tempo, e enquanto, no interior da casa, os mancebos, moradores d'ella, trocavão entre si estas palavras, o moleque tinha corrido á porta, onde fallára com Antonio, e voltára para dentro.

» tinha solidamente estabelecido, que a intensidade da luz, decresce na razão
» das superficies sobre que se distribue, isto é, na razão do quadrado da
» distancia.»

Deixou assim Kepler a Newton a gloria de descobrir a causa physica, que faz percorrer os Planetas curvas cerradas, e que em si contem, por meio de forças, o principio da conservação do mundo. Para esta conservação torna-se pois evidente, que nada no Universo deixa de ser movel. A i léa da existencia de materia em estado d'inercia, isto é, em repouso absoluto, ou sem impulso, não pôde mais ser admittida na generalidade de sua significação. Posto que, considerando-se a materia em si sómente, sem outra relação, deva ser julgada inerte, ha uma verdade physica, que em todo o Universo não pôde existir uma particula material, que deva considerar-se isolada, ou sem sujeição ao poder, á força de gravitação, que a senhorêa, solicita, e faz mover incessantemente com o corpo total á que ella pertence. D'aqui se segue que os raciocinios philosophicos, que tanto tem illustrado á Mr. Flourens, pelo que respeita ao espirito agitando a materia, na sua applicação á vida dos seres, tornão-se extensivos a todo o Universo, e comprovados pela —Gravitação.—

Este profundo philosopho diz no seu tratado —*De la vie et de l'intelligence*— « Não é a materia quem vive: uma força vive na materia,
» que a move, agita, e renova sem cessar. Toda a materia, todo o orgão
» material, todo o ser apparece e desapparece, faz-se e desfaz-se, ficando
» uma só cousa, aquella que faz e desfaz, que produz e destróe; isto é a
» força, que vive no meio da materia, e a governa. »

Pois bem. Denomine-se esta força —espirito— pelo que toca á vida dos entes, e tome o nome de —força de gravitação, ou attracção universal— por meio da qual se expliquem os phenomenos do Universo, encerra sempre em si o raciocinio philosophico do mais subido alcance —A acção incessante do Creador.—

Prosigamos agora.

(Continua).

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

VIII. — UM PERVERSO EM FLOR.

(Continuação.)

« Antonio, sahindo da casa do delegado, dirigio-se no mesmo instante para a habitação do seductor. Era de tarde, das 3 para as 4 horas. O estudante devia achar-se necessariamente em casa a semelhante hora, hora do *chaylo*, especie de sêsta após o jantar e desacompanhada de somno, em que o academico, sybarita por natureza e tradição, se entrega, repotreado n'uma vetusta cadeira ou desconjuntado môcho, e recostado indolentemente á meza das refeições, ao doce e saboreado prazer do fumo e da palestra com os seus collegas e companheiros de casa.

Por bem estranha fatalidade o seu arcabuz estava descarregado, e ainda por uma fatal coincidência, que só Kaymundo poderia bem explicar se não estivesse morto, a bala que se extrahiu do peito do cadaver era de calibre igual ao das que trazia meu pai.

O processo foi rapido: os dous creados deprezados de modo que os juizes não tiveram que hesitar. Meu pai foi condemnado a morte.

Minha mãe e minha irmã souberão ao mesmo tempo da catastrophe, do processo e do julgamento; ellas deixarão Monteleone e chegarão a Rosarno no mesmo dia em que o conde Antonello, prevenido pelas cartas de seu irmão, chegava de Napoles.

O conde Carracciolo, como senhor de Rosarno, tinha direito de alta e baixa justa. Podia, pois, com um aceno dar a meu pai a vida ou a morte.

Minha mãe ignorava que o conde houvesse chegado; encontrando-a, Kaymundo - o bastardo annunciou-lhe esta feliz nova e aconselhou-a de ir com sua filha solicitar o perdão de nosso pai e seu marido; não havia tempo a perder, estando a execução marcada para o dia seguinte.

Ella seguiu com avidez o caminho que lhe era indicado por esse conselho que julgára de amigo; reuniu-se á sua filha e arrastando-a consigo sem ao menos dizer-lhe aonde a conduzia, foram bater á porta do castello do nobre fidalgo no mesmo dia de sua chegada.

A pobre mãe ignorava os amores do conde com Constanza.

A porta abriu-se, como era de prever, pois que todas as cousas estavam de antemão preparadas pelo infame Kaymundo para que nada se oppuzesse á realisção de seu projecto; introduzidas a mãe e a filha, encontráramos a criação de duas pedras que lhes impedirão a passagem e lhes disserão que unicamente uma das duas podia entrar.

ALEXANDRE DUMAS.

FOR

O CASAMENTO SOBRE O CADAFALSO.

(Continua).

— Senhor, respondeo vivamente Antonio, o caso é serio. A honra não me aconselha contra sorte de reparação, o casamento, porém, e para conseguir o casamento empregarei, como o faria V. S. em meu lugar, toda a casa de meus.

« O delegado não respondeu, mas o seu silencio significava bem visivelmente approvação.

— « Adeos, senhor, de novo agradeço a V. S. o serviço que me prestou descobrindo o mancho. Delle lembrar-me-hei toda a vida.

« A estas palavras, Antonio apertou a mão que cordalmente lhe estendia o delegado e saiu.

Minha mãe entrou, Constanza ficou esperando.

O conde Antonello recebeu-a com phylionomia severa; ella lançou-se-lhe aos pés, pediu, supplicou; Antonello foi inflexivel; um crime havia sido commetido, dizia elle, seu marido era o culpado, e cum-pria que esse assassino fosse vingado; era de mister que a justiça seguir-se seu curso; o sangue reclamava sangue.

Minha pobre mãe sahio do aposento do conde, despedaçada pela dor, aminguada pelo desespero e pedindo a Deus compaixão.

—Mas onde estaveis vós então? perguntou a regente ao desconhecido.

—Na outra extremidade da Calabria, senhora, em Tarento, em Brindisi, nem eu mesmo sei.

—Estava assaz longe para que nada soubesse do que se passava. Eis ahí tudo.

Minha mãe sahio pois desesperada e quiz levar consigo sua filha, mas Constanza deteve-a:

—Toca-me agora, minha mãe, disse ella, toca-me a minha vez de tentar abrandar nosso amo. Talvez eu seja mais feliz do que vós.

Minha mãe sacudiu a cabeça e cahio sobre uma cadeira: já não esperava mais nada.

Minha irmã entrou por seu turno.

—Ella sabia que este homem a amava, exclamou a regente, e entrava em casa d'esse homem!...

—Meu pai ia morrer, senhora, comprehendeis?

—Continuai, continuai...

Dez minutos se passaram em mortal ansiedade, até que um creado appareceu trazendo um papel.

—O senhor conde concede pleno e inteiro perdão ao culpado, disse elle, eis aqui o pergaminho revestido de seu selo.

Minha mãe soltou um grito de alegria tão profundo, que parecia antes um grito de desespero.

—Oh! obrigada, obrigada, disse ella, e beijando a assignatura do conde precipitou-se para a porta. Mas parando repentinamente:

—E minha filha? disse.

—Torrei a prisão, respondeu o creado, quando voltardes á casa lá achareis vossa filha.

Minha mãe delirante de prazer e de felicidade parecia voar através-sendo as ruas de Kosarno e exclamando: «Sen perdão! seu perdão! tenho seu perdão!...» Chegando á porta da prisão, onde já se havia apresentado ella mostrou o papel e a porta se abriu.

Conduzirá-a ao calabouço onde estava meu pai.

Meu pai não aguardava senão o carrasco; era a vida que enturava em lugar da morte.

Houve então no fundo d'esse asylo da dor um instante de indizivel alegria.

Meu pai quiz saber dos pormenores: como minha mãe e minha irmã haviam sabido da accusação que pesava sobre elle, como se tinham approximado do conde, como finalmente se haviam passado todas as cousas.

Por um movimento instinctivo minha mãe estendeu o braço entre meu pai e sua filha.

— Elle porém a deveu mais amavelmente.
— Perdão? disse, estendendo a mão a Constanza, perdão? e porque perdão, minha filha? não és tu um anjo? não és uma santa? não és ainda mais do que tudo isso, não és uma martyr?

E abraçou-a.
Depois, como minha mãe arrastasse sua filha para o fundo da cabana, deixando-o a sós, meu pai desprendeu o arcabuz, deitou-o ao hombro e encaimhou-se para o castello.

— Fosse que queria agradecer ao conde.
O conde havia uma hora que tinha partido para Naples.

— Fosse que desejava agradecer a Raymundo.
Raymundo tinha partido com seu irmão.

— Voltou então para a cabana, dependurou o arcabuz á chaminé. Logo depois Constanza e sua mãe ouvirão um ruido como de um corpo pesado que cahia; sabião ambas e achirão o pobre velho estendido sem sentidos no meio do quarto.

— Puzerão-o sobre a cama; minha irmã ficou junto delle, em quanto minha mãe corria em busca de um medico.
O medico meneou a cabeça; entre tanto sangrou meu pai. A tarde o velho abriu os olhos.

— Nesse momento eu punha o pé sobre a soleira da porta.
Elle não vio então nem minha mãe, nem minha irmã; não vio senão a mim.

— Meu filho! meu filho! exclamou, oh! é a vingança divina que te conduz.
Lancei-me em seus braços.

— Ide-vos, disse elle á minha mãe e minha irmã, ide-vos e deixai-nos a sós.
Minha mãe obedeceu, mas minha irmã quiz ficar.

— Então o velho, erguendo-se sobre a cama e mostrando á Constanza minha mãe que se afastava:

— Segui vossa mãe, disse com um desses gestos supremos que fazem propriamente obedecer, segui vossa mãe, se quereis que a minha benção vos acompanhe.

— Constanza beijou a mão do moribundo, lançou-se em meus braços chorando, e seguiu minha mãe.

Depuz sobre uma meza o arcabuz, as pistolas e o punhal que trazia, e fui ajoelhar-me perto do leito do velho.

— É a vingança divina que te conduz, repetto elle. Escuta-me, meu filho e não me interrompas; porque, eu o sinto, não me restão senão alguns instantes de vida, escuta-me.

— Fize-te signal de que elle podia fallar.
Então contou-me tudo.

— A medida que fallava, sua voz se animava, o sangue affluia-lhe ás faces, a colera subia-lhe aos olhos, dir-se-hia que estava cheio de vida, de força e de saúde. Nas ultimas palavras, porém, de sua narração, quando contava que, voltando á casa, dependurara o arcabuz, parecendo-lhe dever renunciar

—Felicito-me, me disse o Monarcha, de receber em minha casa o irmão de uma das glorias scientificas de que a Europa mais se honra. —E eu, senhor, penhorado de vossas generosas palavras, repeti-las-hei a meu irmão, que d'ellas se hisongeara.

—Dizei-lhe tambem que desejo mandar construir um Observatorio no Rio, e que muito desejara que elle me enviasse um plano e um organimento para orientar os meus architectos.

—Poderia eu mesmo, senhor, dar-vos a descripção exacta do Observatorio de Paris.

—Pretiro tê-la de vosso irmão, ella será ainda mais preciosa... Mas, continuou o Imperador sorrindo-se, como é que vós, que sois desgraçadamente cego, andais percorrendo o mundo, que já conheceis?

—Oh! isto é um negocio de dedicção: e depois, senhor, quiz tentar se os climas equatoriaes me restituirão a luz que me roubarão.

—Os ladroes são pouco generosos, e cumpre saber acertar com ressignação as dores que o cego nos manda... Mulemos de conversa e fallemos de um passado menos triste. Lembrai-vos, Sr. Arago, de to los os pormenores do duello que teve lugar diante do meu palacio em 1821, e que contaes na relação de vossas viagens?

(Continuação)

I.

RIO DE JANEIRO.

a vingança, meu pai soltou um grito abafado e a sua cabeça inclinou-se sobre o travessão.

—Estava morto.

—Não pude acreditar-o: por muito tempo sacudi-lhe o brago; chamei-o muitas vezes: senti finalmente as suas mãos entrelaçarem-se entre as minhas; vi seus olhos perderem o brilho.

—Treci-lhos, cruzei-lhe as mãos sobre o peito, abracei-o pela ultima vez e estendi-lhe sobre a cabeça o lençol como se fora uma mortalha.

—Fui então abrir a porta do fundo e fazendo signal á minha mãe e minha irmã para que se approximassem, lhes disse:

—Vinde, vinde orar junto de vosso pai e de vosso pai morto.

As duas mulheres arremegaram-se sobre o leito arrancando os cabellos e prorrompendo em soluços, em quanto eu, ponho ás minhas pistollas e o meu punhal á cinta, e o meu arcabuz ao hombro, me dirigia para a porta.

—Aonde vás, meu irmão? exclamou Contanza.

—Aonde Deus quizer, respondi.

(Continua)

Escolhei vossa mulher antes com os
 olhos do que com os olhos.
Proverbio.

A prostituição não é um crime, é
 um suplicio.
Abade Constant.

A mulher mais virtuosa é aquella
 de quem se falla menos.
Thucydes.

Escolhei vossa mulher antes com os
 olhos do que com os olhos.
Proverbio.

Sobre o amor, as mulheres e o casamento.

PENSAMENTOS DIVERSOS

— Ah! pedia, senhor, algumas palavras para me habo de justificação.
 Se eu tivesse dito para o simples motivo que os panthas eram para deus do
 que os lambeos potacos, o facto era o mesmo, e foi por isso que o dramata e a sua viagem
 gravel e melhor na memoria, e foi por isso que o dramata e a sua viagem
 não deve ser um registro de posta.

Assim pens, senhor, dramatisarais tambem a nossa conversa ago d'esta
 manha?

— Xae, senhor, hmitar-me-hei a noticiata; ella se dramatisa por si.
 Em Principe com 27 annos de idade apenas, que ganhava no poder com
 passo seguro, um imperador que comprehendia que as ciencias e as artes
 são as principaes riquezas dos Estados, e que se collocar, por seus estudos e
 meditações, ao nivel das altas intelligencias do velho mundo. Estas cousas
 basta escrevel-as, para não se apagarem da memoria dos homens.

— Sois honrrento, Sr. Arago.

— Fago-me echo de todos os vossos subditos, senhor.

— A quem dedicareis o vosso livro?

— A Vossa Magestade, se o permitir.

— Aceito.

— E eu, senhor, eu sei quanto este favor me enche de orgulho.

— A proposito, continha o imperador, sabeis que amanha se representa
 um drama vosso em um dos nossos theatros; haveis de ir?

— Sim, senhor, João Caetano dignou-se offerecer-me um camarote.

— E um actor de grande merito. Ale mais ver, senhor, levemos o vosso
 livro com prazer.

A minha volta, as bestas parecerão contentes da minha alegria; escar-
 xavão o chão, saltavão, caracolavão, como se acabassem de descobrir a qua-
 dratura do circulo; e o cocheiro, que não podia explicar esta virtude,
 concluiu que nós, M. Mongie e eu, eramos personagens distintas e pode-
 rosas. Assim pareceu offenhi-lo, largando-nos em casa, de não receber,
 por paga da sua carreira, senão o dobro da quantia ajustada entre nós.

A Julia resento-se d'esse não humor; e M. Kavor, que sabia quanto o
 sol e a poeira aguçã o appetite, fez-nos servir um jantar delicado, depois
 do qual adormecemos, sonhando com o imperador, a primavera e o ananaz.

(continua).

(Ao meu amigo Antonio Manoel dos Reis, por occasião de dedicar-me o primeiro volume de suas poesias.)

APORTA I

I
Misero aquelle, que no berço a sorte
Fadon para cantar glorias e amores!
Ai d'elle! que o effluvio das dores
A sorte lhe destina por sentença!
A negra inveja, o odio amarelado,
Em vez de flores, lhe ornado a vida,
E das turbas sua alma esparmada
Será em recompensa!

II
Se amar na terra, si uma vida a sua
Quizer prender em laços de ternura,
Si um momento sairemo de ventura
Se lhe antolhar um cen azul de amor,
Verá nos braços do rival que odia,
Arrastada as cadeias de ambigão,
Aquella que adoren seu coração
E que hoje lhe é dor!

III
Quando accões que a Patria abrihantão,
Ao futuro levando o heroe que o nome,
Aos destinos da Patria com renome
Ligou com laços de eternal memoria;
Fera por premio do divino esforço,
E desdem e o rir da plebe ingrata,
Que a forte inspiração na fronte mata
E que rouba-lhe a gloria!

IV
Homero, a Patria canta, e no exilio
Mendiga o pão que a Patria a elle nega;
Ovidio, a Patria só de longe enxerga
Com os olhos da memoria divinal;
Fasso, a masmorra a Patria lhe destina,
Banhe, o desterro tem em recompensa,
Tambem, a Patria pode humilde renga,
Que dá lhe um hospital!

V
Do mundo as perlas, os dorados lectos
A sorte nega a quem do genio o suzuma
No fronte impresso, qual cruel enguma,
Por capotello dá-lhe o mundo o exilio,
Em recompensa das virtudes d'alma,
Saídos lhe vai por coroa e palma
E do hospital a cama!

VI
Nem a voz da divina inspiração,
Cada deus lhe dá o coraço,
Futura voz do alto soffrimento;
Faz a terra entre he notha o rosto,
E do mundo não no fazedo
Porque doitar o alto segredo,
Bo eterno esquecimento!

VII
Inabalde, que ha mesmo o eterno somno
Vai a inveja turbar-lho, revolvendo
As cinzas tras que ali jazendo
Só pothão a terraesquecimento;
Do sepulchro as aranhas, em passo a dor
Que lhe sente as cutanhas lacerar
No sono da calumnia as vai deltar
Por cruel moimento!

VIII
Poeta! creatura desterrada
No mundo, aonde o pranto que goleja
Recebes n'alma, onde jamais floresja
Com esse orvalho, senão tristes flores!
Cantar, sofrer na terra, eis teu destino
Xega-te a sorte ditas e riqueza.
Vota-te o fado a misera pobreza
E a cruentas dores.

IX
A comparação que n'alma tens impressa
Duplamente te vota ao soffrimento;
O alheio mal e o proprio teu tormento
Erguem-te o lumino no raiz da vida;
Se chora o povo da desgraça oppresso,
Com elle choras, tambem tu padeces,
E aos gens civias, lacrimosas preces
D'harpa dolorida!

X
Mas, vai! cumpre o destino, aceita a sorte;
Deus o quer, e o fado assim o ordena!
A dor é grande, dolorosa a pena,
Mas é força curvar-se a divindade!
Os males durão quanto dura a vida;
Ao genio tece croas o futuro,
E rasga da calumnia o manto impuro
A sa posteridade!

XI
Se acaso de fraqueza um só momento
Quizer tombar-te a santa inspiração;
Se do mundo a calumnia, a vil tração
Tentar do genio conspurcar-te o manto,
Fita os olhos no cen, lá busca alento,
Que tua grande missao lá foi salhada,
Modula novo canto!...

Dr. BALTHAZAR DA SILVA CAIXEIRO,
Lap. de Marques & Lima.

O TORORO.

JOURNAL

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SEXTOS—QUINTA-FEIRA 15 DE MARÇO DE 1860. N. 14

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1.ª SERIE.

(Continuação.)

E com effeito comprova nossa asserção o incremento, a datação das leis de Kepler, e applicação dos instrumentos opticos, em tudo quanto era re-

lativo as sciencias physico-cosmicas

Para o demonstrar esboçamos um pouco o respectivo progresso, somente até terminar o seculo 17.º por ora.

O observatorio astronomico de Copenhague foi começado em 1632, por solicitações de Longomontanus.

Hevelius fez construir o seu em 1641 na sua casa de Danzig.

O de Paris começou-se definitivamente em 1668.

O de Greenwich foi acabado em 1676; o de Leyde, em 1690; e o de Noremberg em 1692.

Até este seculo subsistia o catalogo de estrelas e constellações orga-

misado por Hyparco, e publicado por Ptolemeu. Além d'este somente os Arabes haviam construido outros.

Uugh-Beygh, neto de Tamerlan, organi-

soo para 1437 aquelle que, escripto em lingua Persa, se tornou mais famoso entre elles com 1019 posições de estrelas. Um addeicionamento de mais 300 estrelas, cujas posições foram determinadas para 1553, achou-se em um

commentario por Abou-Bekri Alizini. Estes dos Arabes, como outros dos

Chins, só foram conhecidos na Europa depois do seculo 17.º

São, pois, d'esse seculo (e depois de 15 passados na Europa sem pro-

gresso, pelo que respecta a atlas celestes, ou catalogos) as cartas celestes de Bayer, e os quatro catalogos d'estrellas que passamos a designar por sua or-

dem, 1.º o de Tycho-Brahe, melhorado e publicado por Kepler; 2.º o do Landgrave d'Heesse, conduzido por Byrgius e Rothmann; 3.º o de Heve-

ins e Royer: e finalmente o de Halley. Foram estes catalogos que, com razao apreatos pelo acurado de suas organisações, illustrão seus autores, merecendo geral applauso.

São mais d'esse seculo as observações, com mais exactidão, de nada menos de 18 cometas, cuja marcha deixou ainda para verificar-se sua periodicidade do futuro, além daquelles cujos periodos nas revoluções de suas alongadas ellipses, se tem ja comprovado por apparatus novas (o que faremos publicar opportunamente), observações que se devem, no seculo de que trata-mos, a Longomontanus, Kepler, Cassendi, Hevelius, Huyghens, Bonilland, Cassini, Auzout, Petit, Picard, Flamsteed, Halley e outros.

São de comego d'esse seculo as descobertas que tão celebre tornarão o illustre Galileo, das manchas, e por ellas do movimento rotativo no Sol, dos satelites de Jupiter, das phases de Venus, das montanhas e cavidades na Lua, da visibilidade das estrellas a toda a hora do dia, (bem que ja antes d'elle Morin havia sido surprehendido com o estar algumas, e mesmo Picard depois d'este), das causas da libração natural, e no que foi coadjuvado por Hevelius, etc.

Huyghens neste seculo descobrio o 4.º satellite de Saturno, e explicou depois os phenomenos de anel d'este Planeta.

Cassini conheceu que os nodos na orbita da Lua coincidem com o equador d'ella; descobriu com Richer, Roemer e Sedileau, a paralaxe solar; descobriu igualmente as rotações de Jupiter, Marte e Venus, depois dos satelites de Saturno, começando pelo 5.º, seguindo-se o 3.º, e ultimamente os dous primeiros; e finalmente explicou a forma aplanada de Jupiter.

Muitas outras descobertas occorrerão n'este seculo, e não só directamente astronomicas, como em sciencias physico-mathematicas, subsidia-rias d'aquellas, algumas das quaes vamos indicar sucintamente.

O Padre Zuechi em sua — *Optica philosophica* — publicou o methodo pelo qual fez construir um telescopio de sua invenção. Galileo aperfeicou o seu oculo de appproximação. Merseña, em uma carta dirigida a Descartes, descreveu tambem um telescopio. Os melhores, porém, nesse seculo, apparecerão somente em 1663 e 1672, sendo o primeiro o de Gregory, e o segundo de Newton. Logo que Huyghens inventou o — *Micrometro* — de lamina, começaram tambem os aperfeicoamentos n'este instrumento, seguindo-se a invenção do de hos por Auzout. Mas não é somente em optica que se desenvolveu o progresso; abrangeu pelo contrario a mechanica e diversos ramos da physica, as mathematicas, etc., como acima dissemos.

Em 1612 applicou Santorius pela primeira vez um machinismo de rodas ao pendulo, cujas propriedades apreciou Galileo. Em 1631 Pedro Vernier descreveu a construcção, uso e propriedades do — *Xonio*. — Em 1635 Gascoigne e Morin ensinaram a utilidade de reunir ou adaptar oculos de approximação aos antigos instrumentos de marcar e medir. Em 1643 Torricelli, discipulo de Galileo, inventou o barometro, pesou o ar, e estabeleceu bases especulativas sobre o movimento dos corpos fluidos. Segundo as noções do mesmo Torricelli fez Perrier a observação da elevação barometrica. Em 1664 Huyghens deduziu, das distancias focaes de duas lentes d'um oculo astronomico, o valor de sua amplificação, ou de outros termos — o aumento nas imagens. Tambem estabeleceu que para que os pendulos de diversas dimensões, nos seus perpendiculos, girassem em movimentos isochronos,



(Continua)

1. — Theoria dos Turbilhões. — Descartes partiu d'esta hypothese: — Besde o Sol, centro do nosso systema planetario, até ás estrellas fixas, existe um oceano de particulas cosmicas subtilissimas, distintas umas das outras, mas agglomeradas, e em tal uniao, que não deixo vacuo. Um impulso *ab initio* as tem em continua agitação, e com uma rapidez prodigiosa. Este fluido, pois (si assim se pode denominar) constitue, com o seu movimento permanente, o que Descartes denominou — Turbilhões. — A porção immediata a cada planeta, e desde este até certa distancia d'elle, forma em sua gyre o plano de uma ellipse da qual o planeta fica sendo o — foco — mas que pela força d'aquelle fluido, é coagido a mover-se com elle em torno de seu eixo. — Ao mesmo tempo todos estes turbilhões dos planetas, que denominaremos menores, caminham em um mesmo sentido, construindo o grande plano elliptico de todo o systema planetario em volta do Sol, existente no grande foco: d'aqui resultão os movimentos de translação, todos attraentes ao mesmo foco. Assim os orbes ellipticos necessariamente tem de completar-se em periodos, tanto mais longos, quanto maior for a distancia em que cada planeta se ache do centro do Sol; e n'esta agitação coordenada deve sempre achar-se a verificação das leis de Kepler. O Sol, tambem como necessaria consequencia, deve ser obrigado a um movimento rotativo. E com effeito as experiencias mostrão, e mostão, que este systema, em todas as suas partes, se combinava maravilhosamente. Eis-aqui, pois, em resumo a theoria dos Turbilhões.

em uma palaxia milhares de invenções a descobertas, que nos levarão, para detalhas, volumes espessos; e sendo nossa intuição apenas limitada a pontos a pontos apontamentos, nada mais acrescentaremos, senão que no começo d'este seculo era somente conhecido o diurno; que Horroques observou uma passagem de Venus pelo disco solar no nodo ascendente; que Kooke descobriu a paralaxe na orbita terrestre; que Hevelius gravou a primeira carta da Lua — o que depois foi repetido por Cassini em maior escala; que o systema dos — Turbilhões — foi estabelecido por Descartes; e finalmente por Newton as leis da — Atração-universal.

Não entraremos em maiores desenvolvimentos; daremos com tudo á nossos leitores as noções mais gerais d'estas duas ultimas theorias pela ordem de suas publicações.

Oratório recitada na matriz desta cidade pelo seu vi-
gario o humado conego José Norberto de Oliveira
a 2 de Setembro de 1848.

Cantemus Hymnos, gloria cum magnificans est.
Cantemos hymnos de louvor ao Senhor, que com
tanta gloria foi magnificado no meio de nós.

CANT. DE MOYSÉS EXOD. 15.

Esse Deos Omnipotente, que tem feito os povos, que lhes tem repartido
a terra, dando a cada um sua patria, sua liberdade, suas leis, seus costumes;
esse Deos a quem Moyses rende graças em seu maior jubilo vendo libertada
a Nação Santa da cruel escravidão do Egypto; esse Deos emfim em cujas
maos estão os destinos dos povos e das nações, e o mesmo Deos que creou
este vasto império do Brazil, esta terra ditosa, que destinada a ser bem de-
pressa a patria d'uma nação livre e independente, desde o seu descobrimento
foi honrada com o titulo augusto de Santa Cruz, d'essa Cruz triumphante
de Jesus Christo, seu Filho Divino que, descendido do Céo para fundar a Igreja,
veio igualmente chamar os povos e as nações a occupar sobre a terra um lu-
gar digno de seus altos destinos. E' assim que o amor da igreja de Jesus
Christo, seu filho, e o amor da patria parecem não ter mais do que um mes-
mo objecto; o primeiro eleva e santifica o segundo, e destes dois amores se
forma uma especie de patriotismo sobrenatural, que eleva nossos sentimentos
tos, enobrece nossas affeições, e nos ensina a tirar do fundo de nossos cora-
ções esses canthicos sublimes com que celebramos a gloria e a magnificencia do
Todo Poderoso, que, confundindo nossos inimigos e oppressores, nos deu
Independencia, Patria e Liberdade! *Cantemus Hymnos...*
Oh! e neste dia, Srs., dia para sempre memoravel, dia em que o
Senhor visitou seu povo, e veio dar-lhe a liberdade, dia em que o Brazil,
inspirado do Céo, sacou o jugo colonial, e poz em pedagos os ferros ver-
gonhosos que o mantelavão aos pés da soberba Metropole, dia emfim em
que se proclamou a independencia do Imperio, haverá Brazilero que não
sinta palpitar seu coração possuido do mais ardente patriotismo, e não ve-
nha na maior effusão de reconhecimento render graças ao Todo Poderoso
por tão assignalato beneficio, que, coroando os generosos esforços do povo
Brazilero, o elevou a alta categoria de nação livre e independente? ...
Não, Conceda-dos!... eu não venho agora avivar em vossos nobres corações
esses sentimentos patrióticos e religiosos de que tantas vezes tendes dado
as mais exuberantes provas, de que tanto me ilano de ser testemunha: ve-
nho, sim, em nome da religião e em vosso nome, Srs., entoar o hymno sa-
grado do mais terno reconhecimento junto ao humo excoiso do Arbitrio
Supremo do Universo, que em sua misericordia nos deu ao mesmo tempo
Independencia, Patria, e Liberdade. Reconheço, Srs., que eu não era dig-
no de ser o interprete do que se passa no fundo de vossos corações, e de
todos os Brazileros que sabem amar a Patria, neste solemne anniversario
que celebrais pela vigesima septima vez, vindo prostrar-vos ante os altares,
para render graças ao Divino Autor de vossa Independencia. Oh! mas

quem, Sr.ª, quem pôde conter no peito o fogo que o devora, o fogo que o
consome? Desculpai pois minha sinceridade, eu sou brasileiro, e pôde
um brasileiro, um Ministro da Religião d'Amor, deixar neste dia de ma-
rtesar diante do Senhor os doces transportes de que se sente possuído
assim de amor de sua patria como de sua Divina Religião? Não, certa-
mente. E se o Poderoso nos tem libertado do infamante jugo que nos
oprimia, elevando-nos por sua honrada e gloriosa de nação livre e
independente, claro está, Sr.ª, qual deve ser agora e qual sempre o
nosso reconhecimento. Escutai-me pois com vossa costumada benevo-
lencia, que não abusarei de vossas atenções.

Em principio:

Ha longo tempo, Sr.ª, que Deos em sua eterna sabedoria tinha disposto
os povos e as nações. Ao dia mesmo, esse dia eterno, em que dizia ao
seu Unigenito: *Tu es meu filio, eu hoje te dei o ser*: ajuntava immedia-
tamente: *Pede-me, ó filio amado, pede-me, e eu te darei por herança as*
nações da terra: *Postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam*: As-
sim o Verbo incarnado recebia ao mesmo tempo de seu pai a substancia
divina e o dominio eterno das nações da terra. E quando na plenitude dos
tempo marcados nos decretos eternos, o filio de Deos feito homem no seio
da Virgem, veio ao mundo para visitar as nações, que de toda a eternida-
de erão seu patrimonio sobre a terra, querendo fazer uma doce modifica-
ção na natureza mesma do poder humano, ou antes reduzir este poder á
sua primitiva constituição, um dia que se vio rodeado de todos os seus
discipulos, este Homem Deos, este Mestre Divino lhes dirige estas bellas e
amaveis palavras — «Vós sabeis, meus queridos discipulos, que os princí-
pes das nações dominão sobre ellas com um poder absoluto... Não será
portem assim entre vós, Gente Santa, nação escolhida. Que aquelle dentre
vós que quer ser o maior, seja vosso ministro; e aquelle que quer ser o
primeiro, seja vosso servo, a exemplo e semelhança do Filio do Homem,
que como vedes, não veio para ser servido, mas para servir» — *Scitis quia*
principes gentium dominantur eorum, et qui majores sunt potestatem
exercent in eos. Non ita erit inter vos. Sed quicumque voluerit inter
vos major fieri, sit vester minister, et qui voluerit inter vos primus esse
erit vester servus. Sicut filius hominis non venit ministrari sed minis-
trare...

A datar d'este momento, Sr.ª, o poder humano perdeu o caracter odi-
oso de dominação com que reinava sobre os povos para elevar-se unica-
mente ao estado honroso de serviço publico; e logo o mundo, cheio de
pasmo e admiração vio o de-postario da mais alta realteza, que jámais
houve no mundo, a realteza espirital, intular-se voluntariamente *Servo*
dos servos de Deos. Mas Jesus Christo que tinha ja regulado e adogado
a soberania, de que tanto tinham abusado os dominadores do mundo, quiz
tambem regular e adogar, como convinha, as relações dos cidadãos entre si,
e das nações com as nações, fazendo-as mutuamente respeitar o Direito
das Gentes, declarou entim que os homens todos erão irmãos, assim como
as nações também erão irmãs, todas livres, e todas independentes. Eis-
aqui, Sr.ª, a Carta, a grande Carta, a Carta eterna, que o filio de Deos,
tomando posse de sua herança sobre a terra, deu ás nações, todas, outor-
gado lhes Independencia, Patria, e Liberdade!

Oh! Mas como, Srs. L... Porque a Mão do Eterno se tem feito pezar com tanto vigor sobre a terra de Santa Cruz? Mas de tres seculos se tem passado, e o Brasil, a misera colonia de Portugal, gemo sempre opprimido de baixo d'um jugo tão pesado como ignominioso? ... Mas do alto de seu throno, esse Deos, que, glorificando-se na paciencia de seu povo, nos reservava um triumpho tanto mais glorioso, quanto mais longo foi o captiverio, e mais pesados os ferros, compadecen-se um dia dos gemidos dos miseros brasileiros, que vivião sem patria, sem nação, e sem liberdade; e seus heroicos esforços tantas vezes baldados por seus inimigos, vão emfim ser coroados com tanta gloria; e foi a nós, ó Patriotas, a quem o Eterno quiz dar maior porção de gloria na emancipação politica do Imperio do Brasil, por-que forão os Santos sobrepujados, esses dignos Patriotas, que denodadamente oppuzerão essa barreira invencivel aos esforços do despotismo, com que a Metropole nos queria esmagar em sua raiva impotente. Sim! tinha soado a hora; o Brasil devia apparecer entre as nações, para occupar no meio d'ellas o lugar sublime que a Providencia lhe tem destinado, para que o Nome do Senhor seja sempre magnificado e exaltado na Terra de Santa Cruz! Oh! exulta, ó Patria amada! Raiou emfim o dia de teu livramento, de tua Independencia, ditoso Brasil! Dia 7 de Setembro de 1822! Dia para sempre memoravel, legitimamente sempiterno, cuja gloria será sempre celebrada na maior effusão de todos os corações brasileiros, que saberão transmitir essa memoria de geração em geração, até a ultima posteridade, que abençoará sempre o dia glorioso da Independencia do Imperio, proclamada na patria de haver dado a Nação os Patriarchas da Independencia, que intrepidos tudo onstrão, arriscarão tudo para libertar a patria!

Ah! vós todos o sabeis, Srs.; mas eu quero mesmo inebriar-vos de vossa propria gloria. Sim, foi nas margens do Ypiranga, n'esse sólo abençoado, onde nossos pais haviam -já apresentado tantos rasgos de patriotismo, que da bocca do adoravel Principe, do immortal Pedro I soou a voz divina de -Independencia! Oh! que bello, que magnifico espectáculo, que apresentou então o vasto Imperio a admiração do Universo! Ao echo d'essa voz magica, que no mesmo instante reumbou desde o Prata até o Amazonas, o Brasil todo levantou-se como um homem, e possuido de mais patriotico enthusiasmo repello com voz ativa e magestosa - Independencia em Morte!

Em vão brantão seus inimigos; em vão quizerão destruir sua magnifica obra; o facto está consummado, e Deos o tem já abençoado; e se Deos por nós quem contra nós? - *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* diz o Apostolo. Assim o Brasil, dirigido pela Mão invisivel d'Aquelle que pôde tudo, e sem quem nada podemos, proclamou e fez conhecer sua Independencia, sem derramar uma só gotta de sangue! - As nações todas, e a propria Metropole, apenas virão tremular magestoso o anti-verde pavilhão, em-blema de sua rigueza natural, e da primaverza eterna de seu paz, congratulando-se com a nova Nação que surgia magestosa, apresentando-se ja coberta de gloria a face do mundo, a receboção, e saudação como sua trina querida, nobre e digna da Liberdade e da Patria, que com tanto heroismo soube conquistar para si e para seus filhos.

Foi desde esse dia, Srs., o dia nacional por excellencia, dia de tão gloriosas recordações, que começarão a florescer n'este bello Paiz digno das benções

do Ego, as Artes, as Sciencias, a Industria, a Agricultura e o Commercio, que tanto tem engrandecido a Nação, elevando a alma de poder honbrar com as nações mais cultas, mais civilizadas, e mais opulentas do mundo. Mas oh! Srs, se falta o patriotismo, então se acaba a Independencia, se acaba a liberdade! Sim, vos não ignorais, Srs., que só o patriotismo pôde fazer a independencia de uma nação, não é tambem senão o patriotismo que pôde conservar essa Independencia, elevando a Nação ao grau de prosperidade e grandeza, a que a Providencia a tem destinado. Mas vós, Srs., que sois esclarecidos pelas luzes da Fé, vós, que, desde o berço vos tendes embevecido nas maximas sublimes do Evangelho, sabereis sem duvida cumprir os deveres de bom cidadão, consagrando o amor mais ardente e mais dedicado a patria adoravel, que vos vio nascer, e tanto se ufana de ver ao redor de si seus filhos queridos no gozo de sua liberdade e Independencia.

Sim: o Evangelho eterno que por certo não desceu do Ego senão para fazer a felicidade da terra, não diz, é verdade, em proprios termos — tu amas a tua patria, como diz — tu amaras teu proximo — mas preservou os mais nobres sentimentos de benevolencia, de desinteresse, de dedicação, e uma palavra todos os sacrificios mais heroicos de que se compõem o amor da patria: não esse amor feroz e exclusivo, especie de egoismo nacional, que se nutre do odio das garras nações; não; porque o Filho do Evangelho, o Discipulo de Deos que morreu por nós d'uma morte d'amor, ama igualmente a todos os homens sobre a terra: para elle não ha estrangeiro, sua doutrina é a charidade universal, mas no fundo de seu coração acha-se um nobre sentimento de predicação por seus concidadãos, seus patrios, sua terra natal, e eis aqui, Srs., o que eu chamo verdadeiro patriotismo, fundado mesmo no exemplo de Jesus Christo, que efferecendo sobre a cruz o ingente sacrificio que devia fazer a expiação do Universo inteiro, orou em particular por seus concidadãos, derramou a ultima gota do seu sangue divino, com olhar de ternura particular para sua nação, posto que ingrata e detida, e quiz mesmo, segundo o bello pensamento de Bossuet, que o amor de patria brillasse ainda nessa hora suprema á face da Ego e da terra, para ensinar-nos, a nós discipulos d'esse Deos Crucificado, que de todas as virtudes civicas e sociaes, a maior, a mais nobre, mais util e mais necessaria a tranquillidade, a paz e uniao de todos os cidadãos, assim como a sua prosperidade, sua grandeza e sua gloria, é o amor da patria, virtude sublimissima, que eleva as outras virtudes até o heroismo, chama a divina, que não pode arder senão em corações livres, em peitos fortes, em grandes almas que sabem nutrir-se d'esses sentimentos sublimes e sobrehumanos, que só a Religião do amor é que nos pode inspirar.

Mas, certamente, Srs., é hoje mais do que nunca, que devemos ostentarmos patriotismo á face dos altares do Deos vivo: cantemos, pois, Chris-tãos, cantemos hymnos de louvor, entremos canticos de jubilo ao Senhor, que, em sua grande misericordia, derramou sobre nós tantos benéficos e este gran e dia da feliz Independencia, cujo Anniversario celebramos na maior effusão de sentimentos igualmente religiosos e patrioticos, para que o mun-do inteiro saiba e confesse, como nós, que o Todo Poderoso faz sentir a força de seu braço á favor d'aquelles que o temem e sabem invocar seu Nome Santo, e nós, cobertos de gloria tenhamos ainda a ventura de ver, que essa terra é conhecida por uma terra divina, uma nação santa de que ja-

mas se apartarão a abegão e a consolação; a harmonia e a verdade se encontrarão sempre entre nós; a justiça e a paz, estas filhas do céu, abraçando-se com ternura se darão mutuamente um doce osculo, para reinar eternamente entre nós. *Justitia et pax oscula sunt.*

Sim, ó Grande Deus! Deus do Céu e da Terra, que sois o Deus dos Brasileiros! Nós assim o esperamos de vossa clemência e meffavel bondade! Vós continuareis a proteger o Império de Sta. Cruz; esta terra ditosa que é vossa por tantos títulos, vós a abençoastes, Senhor, do Throno de vossa Misericórdia! Vós quebrastes nossos ferros, e nós destes a suspirada Independência! Fazei pois, Senhor, que vejamos todos nossa terra tornar-se a habitação pacifica da virtude; que a corrupção geral desapareça para sempre, e só impere a justiça, marchando magestosa no meio dos homens, que então nós todos confessaremos em nossa profunda humildade, que só vós, ó Deus! sois Grande! só vós sois Poderoso! e não cessaremos de abençoar-vos sempre, de louvar-vos e engrandecer-vos entoando ante vossos Altares o hymno eterno d'acção de graças: — *Te Deum laudamus; te Dominum confitemur.* — Disse.

O CASAMENTO SOBRE O CADAVALSO.

POR

ALEXANDRE DE MAS.

(Continuação)

Encontrou seu marido sentado no mesmo lugar: posto, elle tivesse reconhecido os passos de minha mãe, não levantou sequer a cabeça. Ella deixou-se cair a seus pés e, sem nada dizer, pousou a fronte sobre os joelhos de meu pai.

—Compreheñdeis, senhora, quão infernal foi essa noite para estes dous condemnados!

No dia seguinte, ao amanhecer, vierão abrir a prisão e annunciar ao cido, rindo-se de um modo horrivel, — o conde Carracido é um nobre fi-dalgo, e sabe cumprir religiosamente a sua palavra!

Os dous velhos sahíro apoiando-se um sobre o outro. Uma só noite foi bastante para approximar-os do tunulo dez annos.

Em uma das voltas do caminho donde se avista a casa, elles virão Constanza, que os esperava ajoelhada sobre o limiar.

Não apressarão o passo parairem ao encontro de sua filha, e ella não se levantou tambem para ir recebê-los.

Quando chegaram perto d'ella, Constanza murmurou alguns e não proferio senão uma palavra.

— Perdão!

O TORORO.

JOURNAL

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS—DOMINGO 1.º DE ABRIL DE 1860. N. 15.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1.ª SEMANA

VI

(Continuação.)

Passemos á segunda — Attractão Universal. —
Aqui reconhecemos nossa tarefa mais ardua, e a necessidade de sermos
menos concisos. A analyse, em que vamos entrar, encerra, desde que
Newton a desenvolveu, baseada no methodo experimental, não só a theoria
physica mais maravilhosa, torna-a a base, por assim dizer, fundamental
primaria do movimento prodigioso dos corpos no Universo, mas tambem
a idea philosophica de mais sublimo alcance.

Sem duvida o homem presenciava desde as primeiras idades, a exis-
tencia de objectos moveis e immoveis. Naturalmente seu espirito, limita-
do ás impressões practicas, não passava a perscrutar as causas d'essas dif-
ferenças. Entendem que uns erão privados de accção propria de mobili-
dade, e chamou-os inertes ou mortos; que outros erão dotados de movi-
mento, como propriedade natural, e a estes denominou vivos, com activi-
dade. Ao Transfere o homem qualquer objecto immovel d'um para outro
lozar, e desde que, largando-o ali, o tornou a ver em repouso, suscitou-
se-lhe a idea de que a materia ligere immovel era fixa, e permanencia no
mesmo solo, desde que fora creada. Quando tambem o homem, elevan-
do do solo qualquer objecto inerte, o soltava, este abandonado a si, vol-
tava para o solo; e procurava, se não tinha impulso diverso, a linha ver-
tical, ou perpendicular, com pequena differença, segundo sua estrutura,
e com exactidão, sendo corpo espherico.

Por muitos tempos, com tudo, se não deu attenção scientifica a esta ten-
dencia, que só se applicava pelo vocabulo — cair —, e apenas se notava
o que se denominava peso relativamente maior ou menor, que continha
o objecto, segundo a especie da materia de que era composto.

Depois foi-se attingido a que essa tendencia de os corpos elevados do solo se precipitarem outra vez para elle, perpendicularmente, devia ser o resultado d'alguma accão physica. A idea mesmo d'atração dada pelo menos do Platon; porem que essa accão fosse o effeito da força de — gra-
vitação — para os centros dos grandes corpos, que gyrão no espaço, força em consequencia da qual todos nutem e reciprocamente se atraem e são atraídos, em uma palavra força ou poder, que produz a atração uni-
versal, só Newton o demonstrou. Só este tornou indubitavel, que o peso ou gravidade de qualquer objecto vem a ser para com o corpo total, de que faz parte, uma particula sollicitada sempre pela gravitação da massa do mesmo todo. A terra, em que habitamos, sollicita em consequencia para o seu centro, com uma força proporcional á sua massa, não só todas as particulas que compoem seu volume, como tambem a atmosfera que a envolve, e ainda outros quaesquer corpos distantes d'ella, até onde pôde chegar sua força de gravitação, ou attractiva; e porem, a seu turno, tam-
bem atrahida, visto como possuem o mesmo poder todos os mais corpos celestes.

Dizemos que a idea da attração já não era nova, datando pela menos de Platon. Antes, pois, de proseguirmos, devemos historiar o que colli-
gimos, com que fundamos nossa asserção.

Mr. Th. H. Martin, em seus commentarios sobre o — Timéo — de Pla-
tao, enuncia que este — « Conheceu que o globo terrestre era um centro
» d'atração, por todos os lados, dos corpos graves que se intentasse apar-
» tar d'elle. Proveu, contra a opinão de Anaxagoras, que um hemis-
» pherio não é mais alto, ou mais baixo do que o hemispherio opposto.
» Vendo porem que a chama se dirigia para o ar, não pôde crer que po-
» desse ser atrahida para o mesmo centro, que sollicitava as pedras, e
» ás agoas. Admittia como consequencia que os objectos da mesma es-
» pecie mutuamente se atrahião. » Platon coordenava os corpos na
natureza em quatro especies elementares, e outras tantas regiões, em cada
uma das quaes existia a porção principal de cada especie, e para essa ten-
diao a reunir-se as particulas da mesma especie espalhadas no Uni-
verso.

Aristoteles seguiu as mesmas ideas, como se deprehende de seus es-
criptos sobre physica; porem, como nota o illustre Humboldt — « A im-
» portação das sciencias, a ignorancia, nesses tempos, do methodo expe-
» rimental, que consiste em suggerirem-se os phenomenos em condições
» determinadas, não permitia comprehender a ligação da causallidade, que
» reúne estes phenomenos, ainda mesmo dividindo-os em grupos menos
» numerosos. Tudo se limitava ás opposições, que necessariamente se suc-
» cedião do frio e do calor, da secca e da humidade, da rarefacção, e da
» densidade primitiva; assim como ás alterações produzidas no mundo ma-
» terial, por uma especie de antagonismo interior, o que faz recordar as
» hypothses modernas das polaridades oppostas e o contraste do mais e
» do menos. — »
Entre outros philosophos gregos a opinão da symetria, pela maior
parte, destrua a idea d'atração. Historicos, epicuristas, e peripateticos
concordavam no pensamento de que os corpos tendião para o centro do

mando: admitindo, porém, que os mais leves eram obrigados a ceder o lugar aos mais graves.

A descoberta de Archimedes, de que todo o corpo mergulhado n'água perdiz seu peso a menos tanto, quanto vem a ser o de um volume da mesma água igual ao seu, veio trazer nova confusão ás opiniões dos philosophos. Facero persistio na duvida si a chamma eleva-se, assim como o ar, por serem repellidos pelos corpos mais pesados, ou por serem naturalmente atrahidos para as regiões superiores.

« Ptolemaeu, (diz Mr. Th. II. Martin), renovando o systema de Platon, sustentava em seu — *Tratado da queda dos corpos* — (citado por Simplicio) que existião quatro regiões, em cada uma das quaes tendia a remir-se a massa de cada um dos quatro elementos da natureza. Que o peso era o esforço produzido por esta tendencia: e assim cada especie de corpo em sua região propria, como a terra, a agua, o mar, era desprovido da tendencia a desmir-se, isto é, de gravidade. Para o demonstrar, invocava a experiencia dos mergulhadores, que não sentem o peso d'água. »

Plutarcho introduzio no systema, que temos referido, uma modificação. Concluiu do principio da attracção dos semelhantes, que o todo atrahia a parte. Em consequencia a terra atrahia as substancias terrestres, a lua as lunares, o sol as solares, e do mesmo modo todos os corpos celestes. Não chegou, contudo, a admitir que os corpos no espaço se attrahem uns aos outros, se bem que sentisse a necessidade de perscrutar-se qual a razão de não cahir a lua para a terra. « E com tudo, dizia elle, é o movimento da lua, que, pela violencia de sua revolução, a impede de cahir; da mesma forma que resulta ás pedras, seixos, e o mais que se introduz em uma fenda, a qual, voltendo-se violentamente em roda, os esforços de cada corpo move-se segundo o dotado naturalmente, si não ha cahir. Cada corpo impuzo que o desvie. A lua, pois, não se move segundo o movimento natural a seu peso; porque sua tendencia se achia neutralizada, e impedida pela violencia de sua revolução circular. » Simplicio, no 6.º seculo, exprime a idea d'attracção no pensamento geralizadissimo de que o equilibrio dos corpos celestes provem de ser predominante a força centrifuga sobre a outra, que atrahia os corpos para as regiões interiores.

Pelo mesmo tempo João Philopon, discipulo d'Ammonio Hermeas, attribua o movimento dos Planetas a um impulso primitivo, e a um esforço constante para cahir.

Copernico, emfim, pelo meio do 16.º seculo, julgava já, que a gravidade era uma attracção natural, que de cada corpo celeste forma um centro actuando sobre o resto do Universo. Eis aqui o mesmo objecto encarado por maneira nova, a qual Kepler não tardou a submeter ao calculo pela primeira vez. Com tudo este illustre autor das famosas leis da mechanica planetaria, apresentou somente uma appreciação pouco exacta da — gravitação reciproca — da terra, e da sua segunda a proporção de seus volumes. « E notavel que Kepler (diz Delambre) por uma distração do seu espirito, apresentou a gravitação reciproca — da terra, e da sua segunda a proporção de seus volumes. » E notavel que Kepler (diz Delambre) por uma distração do seu espirito, apresentou a gravitação reciproca — da terra, e da sua segunda a proporção de seus volumes. « E notavel que Kepler (diz Delambre) por uma distração do seu espirito, apresentou a gravitação reciproca — da terra, e da sua segunda a proporção de seus volumes. »

«... e, para não se dar ao caso de ser descoberto, foi ter secretamente com o delegado de polícia da cidade. Querendo lhe fazer e pedir-lhe seu auxílio para descobrir o assassino e o ladrão da canalha, homem de uma actividade maravilhosa, vivo e acedido, perseguidor incangavel e ás vezes até excessivamente, em qualquer parte que se acoutasse, tallado pela natureza para exercer a policia sobre o vasto theatro de uma grande cidade, pediu-lhe formalmente ajudal-o nas suas pesquisas, pondo em campo os seus agentes secretos.

«Antonio, então se reanimou. O que semelhante homem não descobrisse na cidade de S. Paulo e povoações adjacentes que compunhao o termo da sua delegacia, ninguem seria capaz de desencavar.

«Tres dias depois da sua conferencia com o delegado, Antonio voltou á sua casa. Bateu um official de justiça veio recebê-lo, e introduzio-o na sala das audiencias do delegado, onde este, acompanhado de seu escrivão, procedia nesse momento a uma inquirição. Como sempre, o nosso homem exercia infatigavel a actual tarefa do seu officio publico ou antes dava largas á sua vocação dominante, pondo-se no encalço do crime e seguindo-lhe as pisadas, quasi sempre envolvidos nas trevas do mysterio.

«— Seria se, disse o homem da policia a meu fillo.

«E, interrompido por alguns instantes a occupação habitual em que se achava entretido, travou a meia voz com Antonio o seguinte dialogo:

— «Pô cobrir os peitos.

— «Sim?»

— «E verdade?

— «Onde é? Como se chama?»

— «Onde é? Bem perto de nós... Mora no Largo do Sapo... Sabe onde é? A direita, a parte do Accumulo da cidade para a freguezia de Sta. Iphigenia... É um beirão, o estreito e sujo, que vai dar no Anhangabahú... He de uma casa modesta, mas acedada... Seu nome?... Chama-se Jato... He filho de um figurão da Corte... Senador e conselheiro de Estado... He homem de excellentes relações... O seductor da sua irmã... Cursa o garcheantico academico... é um vadio, extravagante e máo rapaz... mas, antes de mais, sabendo-se malignamente o delegado, dizem que tem talento... o melhor do que tudo isto, dispõe de muito dinheiro e é escandalosamente protegido.

«Meu fillo ouviu em silencio todas estas informações. Tendo o delegado acabado de falar, elle levantou-se e preparou-se para sair.

— «Mas o padre, disse-lhe o delegado; o que pretende fazer agora?

— «O que devo fazer pelo o homem de bem na minha posição, obrigar o seductor a casar com a minha irmã deshonrada.

— «Deu-se a que se diga... Vai então instruir a sua queixa?

— «Não, senhor, o negocio hade se passar entre nós dois... A justiça não tem que ver com estas cousas... Pedi a V. S. o seu auxilio para descobrir e punir o criminoso... He isto porém, se limita o que eu pretendia da autoridade publica... entretanto a V. S. a boa vontade com que me servio.

— «Pô, he m' d' d' o delegado, como quizer... Conte porém com certeza que, se o crime se aucto-recorrer a mim, saberei fazer-lhe justiça... Provi no-o ainda, não se faça nada de violencia.

derramar espontanea — e pranto tremor. Mas — eu pranto era mudo. A hora das refeições, onde se me chamava chamado, três e quatro vezes repetido, sentava-se machudamente à mesa, onde apenas tocava os pratos ou as bebidas. Seus sonhos não eram visões sobrealtadas.

«Esta situação da minha pobre Theresa, cujos labios nunca mais se abrirão para pronunciar o nome querido do Sr. Carlos, seu ar taciturno, sua magreza progressiva, suas faces macilentas, affligião-me sobremarcheira. A vinda de Antonio mais e mais se tornava necessaria.

«Uma noite, era já bastante tarde, talvez onze horas, eu estava deitada ao lado de minha filha, quando fomos surpreendidas pelo galope de um cavallo, que, vindo de longe e approxumando se gradualmente da nossa casa, parou á nossa porta. Dei um salto da cama e corri para a porta da rua. Meu coração dizia-me que era meu filho, o nosso salvador ou antes o vingador de nossa honra.

«Abri a porta com anseio e recebi Antonio em meus braços. O nosso encontro, longe de ser saudado pelas violentas pulsações do jubilo e palavras entrecortadas da commoção, foi regado com lagrimas, lagrimas quentes de pesar e de dôr.

«Mudos, sombrios e profundamente contristados, dirigimo-nos para dentro.

«Theresa nos esperava no meio da sala, immovel, pallida, com os olhos baixos e duas lagrimas silenciosas deslizando-se-lhe pelas faces. Era a estatua da vergonha e da resignação.

«Foi para todos nós tres pungente e doloroso o resto d'essa noite em que tive de contar de viva voz a Antonio, em pé diante de mim, com a physionomia carregada e o olhar terroso, levando-me em silencio o opprobrio estigmatizado sobre o seu nome, detalhe por detalhe, a cilada que nos havia armado o malvado que nos roubara a honra.

«Theresa, a nosso lado assistiu, mergulhada no mais deploravel abatimento, a conversação acalorada que eu entretinha com meu filho, e de que ella era o principal e natural assumpto.

«Havendo eu dito a Antonio, que debalde procurára saber que fim levára o seductor, cujo nome e rosto que se nos apresentára, me parecia fantastico:

— «Hei de encontrar o seductor, não me respondem elle, esteja onde estiver: o retrato que d'elles me deixas de fazer é quanto basta para eu o reconhecer em qualquer parte que vá».

«No dia seguinte me lancei á procura do mancebo. Informou-se aqui, inquirio alli, foi á Academia para ver se o encontraria entre os seus numerosos collegas, percorri, chegando de casa em casa e dando os signaes do supposto Carlos, a maior parte dos barros que costumão habitar os estudantes. Debalde — não lhe foi possível dar com elle.

— «Dar-se-ha caso, disse-me o filho, que elle tenha fugido da cidade, depois da infamia que acaba de perpetrar? Amanhã me informarei d'isso em casa de todos os alugadores de casas».

«Assim o fez, mas não conseguiu responder ás suas perguntas, que ha muito dias se fazia, não apenas para estudantes, outros que elle tinha alugado, mas para os empregados de algumas horas.

«O mancebo, porém, não se encontra. Onde se encontra então?

Descobriu de certo o primeiro passo
para a sabedoria.

Lucario

O amor, como a chama chimera,
não existe na natureza.

Alfredos

A maior parte dos mulheres passam
a sua vida a agradecer a Deus, e a se
confessar de não ter entendido.

Constante III

Nos países onde os homens são
tyrannos, as mulheres são falsas — em
toda a parte a virtude produz a as-
túcia.

Bernardus — Saint-Pierre

O amor, como a chimera, purifica
tudo.

W. C. — Robert

A mulher é a única flor que não ex-
hala perfume sem ser conhecida.

Francis

Na guerra a mulher traz a única
victoria.

Patricia

A graça e a inteligência da belleza.

J. Aubert

O casamento deve combater sem
repouso nem tregua esse monstro que
devora tudo, o habito.

Balzac

Quando alguma vez houver, sede
vós mesmo vos o primeiro juiz. *Cum
te aliquis laudat, partem tuis esse
memento.*

Catão

Ha tanta fraqueza em fazer da mo-
da, como em affectar a

Le Beauvère

As mulheres são sempre constantes
em odio de quem as ama.

Voltaire

A mar é n'este mundo o unico
Deo, sem allieo

Ernest Legouvé

Os costumes severos conservão as
affeições sensiveis.

M. de Staël

Os homens fazem as leis, as mu-
heres os costumes.

Séguier

O mais maligno de todos os diabos,
o que tenta todas as mulheres é o
diabo chamado Occasião.

Wieland

POESIA.

Adeus!

Levo de vós a saudade,
Em vós deixo o coração.

(MENDES LEAL.)

Meus encantos, meus amores
Minha vida de venturas,
Eu vos deixo, eu vou partir.
Fazendo resoar nos labios meus
Uma phrase saudosa, um triste—Adeus!

Campos verdes, arvoredos,
Flores, fructos do vergel,
Lindas aves que gorgearão,
Tudo eu deixo a desfrutar dos gozos seus
Endereçando em pranto o meu—Adeus!

Brando zephiro que soprais
Nos ramos do palmeiral,
Crystallina agua da fonte
Soltrendo eu vos dirijo olhando aos ceus
Suspiros de amargor no afflieto—Adeus!

Mãe singela e carinhoza,
Companheiros de meu lar,
Família de meus affectos,
Fristonho eu levo n'alma os votos teus
Deixando o meu prazer só n'este—Adeus!

Sonhos tidos n'um Eden,
Meiga virgem tão gentil,
Eufreios da fantasia,
Eu parto sim, mas sem lançar-te os véos
Do injusto esquecimento — Adeus! Adeus!

Lorêna — 1859.

Pedro Vicente de Azevedo.

Santos. — Typ. de Marques & Irmao.

ao sopro do pampo, e a voz do vento, e o seu ulular, arpiro sobre a nu-
pente típica de voz de mulher, e a doeta. Eu deveria portanto me jul-
gar em segurança no meu carro puxado por ellas, de baixo das ordens de
um habil. automedonte. Mas não sou o homem dos privilegios, ia dizer da
excepções: e se me ataca, ha de ver que ha de ser dentro de uma cella.
A metade do caminho e' de novo posta, um carril bastante fundo acabava
de imprimir um forte abalo, o carragem, o cocheiro a sobria, os ginecos
saltão, alicão um com o outro, veem as vidragas em estilhaços, o ruido os
espanta, enchião, partem a galopar, em uma oceano de poeira. O eixo ran-
ge e se quebra, e o carril se desloca. Sabeis o resto. E, com quanto os
espinhos não arranham os rostos, os respagos ensanguentados, é certo sem-
pre que, dez vezes preferiamos a opção de deixar o caminho traçado e
chegamos ao castello, com os pés polvos e os pés que não tivessem com
que pagar um vehiculo.

A accusação não e' injuriosa, mas humilhante.

Eu esperava de ha deo namorado, quando chegou o Imperador, acompa-
nhado de um dos seus ministros.

(Continua).

PENSAMENTOS DIVERSOS

Sobre o amor, as mulheres e o casamento.

O coração tem suas leis, e não se pode amar a virtude, mas já não lhe e' li-
razão não comprehendê-la. *Amor e' um fogo que não se pode conter.*

B. Spinoza.

M.^{me} de Staël.

Eu poria toda a Europa de amor. Um amante crê facilmente o que teme,
mais depressa do que duas mulheres. *Amor e' sempre quod timet esse putat.*

L. de V. B.

Ovidio.

Um bello corpo promete um bello
alma.

S. Francisco Xavier.

Ha mais perigos a temer junto das
mulheres do que fructos a esperar.
*Mulieres majori aduertur periculo
quam fructu.*

S. Francisco Xavier.

A virtude parece mais bella em
um bello corpo.

L.

A desconfiança autorisa a infedeli-
dade, frequentes vezes se ensina a
enganar temendo-se sê-lo.

Seneca.

A mulher é o que faz o homem
mais corruptor e de mais corruptor.

L.

A desconfiança é a mãe da segu-
rança.

M.^{me} de Staël.

Uma mulher culpada.

RIO DE JANEIRO. (1)

E.

Continuação.

Acabou-se, portanto, para o Brasil um horrivel flagello, e a morte espalhou os seus effeitos sobre as familias cobertas de luto. O cholera, este hospede inexoravel e de vicio fatal, honrada, para quem os rios, os montes, os mares não são mais do que parentes, o cholera precipitou-se sobre a capital, e numerosas e miseraveis defunções sobre as victimas amontoadas.

As lagrimas, o dor, o desespero, eis o inevitavel cortejo do cholera; assim nós aguardavamos scenas lugubres, no meio das imperiosas preoccupações do commetero suspenso na sua marcha. Mas, desde que, após uma borrasca, o ceo se pôe a sorrir, não esquecemos logo os perigos a que acabamos de passar?

E agora deixemos a cidade onde a briza e o sol estão envenenados, e dirijamos os nossos passos para esse campo sempre verde, sempre radiante, de que cada emanação nos inspira um pensamento suave.

Tambem o dia mal desponta, o vôo dos passaros é ainda vagaroso, as borboletas azues, rubras, violetas, matizadas, repousão, a curtos intervallos, sobre as estolhas sabrochadas aos beijos do grande astrô, e adivinha-se que d'aqui a pouco a terra, as aguas, vão ressuscitar á vida activa que lhes roubára uma noite por demais embalsamada.

No Brasil, cada hora tem sua riqueza, eu ia dizer seus extases: e se fosseis tallado pelo meu modelo, talvez achasseis alguma monotonia na felicidade que vos cubale: os elementos não devem ter paixões como os homens?

O meu governo descreve a paisagem que nos circunda; elle nomêa São Christovão, e eis que eu me acuso de ingratição. Pedi uma audiencia ao Imperador. Ella me foi concedida com uma cortezia de que sinto todo o preço; volto ao caminho da capital, subo á carruagem, e as duas bestas partem a galop.

Senhor, eu vos denuncio a vós mesmo: o homem deve velar sobre o Soberano que vela sobre o seu povo, e não é uma estrada imperial, essa que conduz do Rio a São Christovão. Bem sei que está escripto que o caminho do ceo é limpo e escabroso: sei tambem que só os eleitos entrão a qualquer hora em vosso concilio, mas ainda assim é preciso que haja segurança para o eleito que se ajôto.

Fallo na presença do Soberano, Senhor: as bestas que me conduzirão, pela primeira vez a São Christovão, me haviam sido atiançadas como boas creaturas, ninguem se podia ver, com as narinas ao vento, a erina ao ar, a escuma na boca, e a embalar aos seus habitos quotidianos, e se inflammarem

(1) O artigo de que se extrahem os fragmentos extrahidos igualmente da obra de Jacques Arago, intitulada *Le Brésil*, e a continuação do artigo — «Brasil», já publicado.

No começo da narração não foi interrompida minha mãe a cada instante com suas exclamações; e depois em pouco porém elle não pronunciou senão algumas palavras e com voz tremula. De repente calou-se, deixou calhar a cabeça entre as mãos, o suor da angustia subiu-lhe ás faces, o rubor da vergonha veio queimar-lhe a fronte; quando, finalmente, minha mãe lhe disse que, repellida pelo conde, consentira que minha irmã tomasse o seu lugar, meu pai deu um salto, soltou um rugido como o de um leão ferido, precipitou-se para a porta e encontrou-a fechada.

Então, tomando a chave, que lhe servia de travesseiro, arremessou-a com toda a força de enforcado na barra de ferro que elle se julgava com direito de abrir.

O carcereiro correu a perguntar-lhe o que queria.

—Quero sahir! exclamou meu pai, quero sahir immediatamente!

—É impossivel, respondeu o carcereiro.

—Tenho o meu peyrol, exclamou meu pai. Tenho-o aqui, eil-o!

—Sim, mas elle diz que não sahirá da prisão senão amanhã de manhã.

—Amanhã de manhã! disse o preso com uma exclamação terrivel.

—Fede, se duvidais, respondeu o carcereiro.

Meu pai approximou-se da tapada, leu e roleu o pergaminho. O carcereiro tinha razão; fosse por mais o erro ou calculo, o dia de sua soltura estava fixado para a manhã seguinte.

O preso não deu um grito, nem gemido, ou um soluço sequer. Voltou a sentar-se mudo e pensativo sobre seu leito.

Minha mãe foi ajoelhar-se diante d'elle.

—O que tens? perguntou ella.

—Nada, respondeu.

—Mas o que receas?

—Oh! pouca cousa.

—Meu Deos! meu Deos! o que receas, em que pensas?

—Penso que Constanza me odia de seu pai.

Minha mãe levantou-se em seu turno, pallida e tremula.

—Mas isso é impossivel!

—Impossivel! e porque?

—Disserão-me que ella salta atrás de mim e que iria esperar-nos em casa.

—Pois bem! vai ver se ella está em casa, e se lá estiver traze-a contigo.

E ella bateu e pediu para sahir. O carcereiro abriu.

Correu á casa; estava de certo, Constanza não tinha reapparecido.

Correu ao palacio e perguntou por sua filha. Responderão-lhe que não sabião o que ella queria fazer.

Voltou á casa. Constanza não se havia regressado.

Penhou então em sair da prisão e abandonou-se para a prisão; d'esta vez, porém, com passo lento e trêmulo, e não se fôra acompanhando ao cemitério o cadaver de seu pai.

Como da primeira vez, não se lembrou de ir diante d'elle.

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

QUEM HEBERAVIA VULGAR.

VII — UM IRMAO HONRADO

(Continuação.)

— «Como ve, senhor, proseguio com esforço a boa mulher, apos alguns instantes de silenciosa pausa, de que parecêra precisar para dominar a sua commoção e recalcar no fundo do peito a dôr que as reminiscencias evocadas do principio da sua desgraça despertavão viva e profunda, nós haviamos sido miseravelmente enganadas pelo mancebo a quem franqueáramos o nosso pobre albergue. Abusando da nossa boa fé, fingindo um sentimentalismo que nunca possuirá, elle havia conseguido obter entrada na nossa casa e n'essa noite fatal, aproveitando-se indignamente da hospitalidade, que, cediã da mais n'bre confiança, lhe haviamos offerecido, elle nos roubava o nosso mais precioso thesouro — a honra de minha filha, o unico mas incomparavel cabedal de nossa pobreza — um nome puro e sem mancha. Eu ji lhe disse, senhor, a honestidade na nossa familia não era um habito imposto pelas conveniencias sociaes, não era, como acontece communmente, uma virtude aconselhada antes pelo medo das funestas consequencia de sua não existencia no mundo do que pelo sentimento do dever e da dignidade propria, não era um acto praticado externamente com hypocrisia e apertado intimamente como um prejuizo; era, sim, a um tempo um dictame da consciencia e uma tradição hereditaria, uma homenagem prestada á virtude e uma honra tributada á memoria dos nossos antepassados, um culto santo do coração e uma reliquia transmittida de pais a filhos.

«Imagine pois o golpe terrivel que descarregaria sobre minha cabeça e sobre meu coração a infamia praticada pelo nosso hospede — imagine o estado de dôr, de vergonha, de remorso e de arrependimento em que cahiria minha filha, logo que começassem a reagir sobre ella as accusações da sua consciencia e as lembranças do passado cheio da mais proverbial honestidade de seus maiores — imagine qual seria a surpresa, a indignação, a se le de reparação ou de vingança que se apoderarião de Antonio, desde o momento em que fosse instruido do ultrage que acabava de soffrer a honra de sua familia.

«Escrevi-me immediatamente, narrando-lhe em todas as suas circunstancias o facto vergonhoso que acabava de ter lugar. Dirigi a carta para Sorocaba, onde devia se achar meu filho.

«Passára - e alguns dias. Durante este tempo, nunca mais tive noticia do estudante. Não até de me informar a seu respeito, sahindo de casa á noite e indo voltar, entre outras minhas amigas, a uma que morava no Piques. Ninguém conhecia o moço pelo nome que elle me dera nem pela morada que descrevi. Convencei-me de que o miseravel havia tomado um pseudonymo e me habitar o bairro da Consolação, como falsamente m'o dissera.

«Minha filha, desde a noite fatal, cahira n'um estado de sombria e desesperante hecatombe. Seu unico allivio de momentos a momentos era

Foi durante este período que Tycho Brahe publicou o seu systema planetario mixto. Fabricius, Gemma, Landgrave d'Helse, Cornellio Gemma, Moestlin, Ticho, Rothmann, Regiomontanus, e outros observaram já menos detentuosamente, por meio de instrumentos, os cometas de que em verdade foi abundante este ultimo periodo. Foi em 1561 que o mesmo Landgrave d'Helse fez erigir o seu observatorio no castello de Cassel. Ticho-Brahe deu principio ao seu em 1580 no Uranibourg. Em 1600 calculava Kepler pelos crepusculos a altura da atmosphera terrestre. Ticho havia já notado em 1572, como Johannes em 1600 o apparecimento de estrellas novas do mesmo modo que Kepler e Galileo em 1604. A este ultimo respeito, porém, daremos em outro desenvolvimento opportunamente quanto tratarinos das descobertas e opiniões sobre estrellas variaveis observadas tambem por Holwarda, Fellejus, Jungius, Montanari, Bouilland, Kirk e outros com as analyses de Fabricius, Dee, Camerarius, Cardan, Theodoro de Beze, Vallesius, e depois Riccioli &c. &c.

Ja por aqui se demonstra mais que sufficientemente o impulso que comecou a desenvolver-se em Astronomia desde o apparecimento do systema de Copernico: mas o que o tornou realmente pasmoso desde o comeco do seculo 17.º foi 1.º a progressiva descoberta dos oculos astronomicos, ampliando poderosamente a vista das observações, com a nitidez das imagens, e 2.º as leis do mechanismo planetario que desde 1619 tornãrão immortal o seu confeccionador.

Como necessaria consequencia destas 2 ultimas descobertas, não podião os Astronomos deixar de procurar conhecer si com effeito se verificãvã as novas theorias: e como o espirito humano jamais faz —allo— em suas investigações, tanto mais se fosse descobrindo e verificando, mais seus esforços tenderião naturalmente a penetrar quaes fossem as causas, qual o poder ou forza que impelle os astros em seus gyros, fazendo-os guardar ao mesmo passo entre si uma ordem maravilhosa debaixo de apparencias de uma assombrosa complexidade. Almejarião geralmente conhecer quaes os elementos physicos constitutivos desses corpos celestes em analogia com os da terra, quaes suas contingentes verdadeiras, volumes, densidades, pesos &c. &c.

E desde então enriquecida a physica com as invengões opticas, e desenvolvimentos de mecnica, multiplicãrão-se e construirão-se instrumentos, e por meio das mathematicas novos calculos, que vierão como outros tantos contingentes apoiar o desideratum com que profundos talentos se dedicãrão tenazes e incansaveis ao fim de resolverem-se aquelles problemas da mais transcendente magnitude: e cujas soluções se antolhavão cada vez mais delicadas, magestosas e sublimes.

(Continua).



muitos, e que a ignorancia e inexperienca de almas credulas e tolas, não tradas. Deixamos, por tanto, deixar historiar-nos mais detalladamente, e que consista o *Art. 2.º*, para não sermos aqui por demais diffusos, visto que n'este ponto a obra e preciosa por a demonstração do começo de verdadeiro progresso da Astronomia a que alludimos acima.

Em quanto pertinha, pois, o systema de Ptolemeu, não só nos seculos das invasões dos Barbaros, como mesmo quasi 300 annos depois da restauração das letras na Europa, a Astronomia jazem em lethargo, donde foi despertando entorpecida e vacillante até o seculo 17.º

D'essas eras de trevas e vandalismo pouco se encontra a respeito, que mereça a pena colligir-se.

Acha-se v. g. tentado o veneravel Beda, e depois alguns outros, quer Theologos, quer Astronomos, a mudança dos contornos e nomenclatura das Constellações do Zodiaco. As denominações latinas das figuras nella desenhadas, todas de origem mythologica, pretendeu-se substituir as do apostolado: de maneira que o —Aries— figurado um carneiro, passava a ser —S. Pedro; Taurus—um touro— mudar-se-hia para S. André—; e assim os 12 apostolos nos 12 asterismos, pela ordem em que os numera o Catholicismo. Chegão a designar-se desse modo em calendarios. Outros os forão substituindo e addicionando outras constellações estabelecendo-lhes outras designações Biblicas, com —David— Salomão— os reis magnos, etc. Estas pretensões, porém, que forão iniciadas no 8.º seculo, não obtiverão successo, como igualmente o não obteve no 17.º outra concepção de Weigel a respeito. Queria este que as constellações fossem representadas por meio d'escudos herallicos, sendo as 12 Zodiacaes partilhadas pelas 12 cazas mais illustres da Europa etc.

Acha-se tambem ter Albategnius descoberto no 10.º seculo o Perigão Solas: e nas sciencias subsidiarias, como v. g. em optica, apenas o que houve mais importante limitou-se á existencia desde o fim do seculo 13.º dos oculos simplicis, isto é, somente d'um vidro. Só em 1474 começão a estabelecer-se ephemerides, sendo as primeiras de Regiomontanus, e depois tambem de Perbach e de Magini. Em 1528 Fernel media em França o arco de um grão do meridiano terrestre, achando pouco mais de 57,000 toezas. Continuou depois a mesma tarefa do mesmo modo que praticavão —Suellius— em Alemanha, e —Norwood— em Inglaterra.

Pouco mais se achã em Astronomia, se abstrahirmos algumas observações de cometas feitas com mais applicação por Regiomontanus, Apiano, e outros; mas nesta parte devemos notar que de 29 que puderão ser calculados entre os que se mostrão no decurso de mais de 17 seculos, alem d'aquelles que muito depois se verificão ser periodicos, a maior parte dos calculos são posteriores ao 16.º seculo, e fundados em observações mui defeituosas, e bem que para os mesmos calculos os astronomos posteriores colligiram os dados com o maior cuidado e pericia.

Pouco mais poderãmos acrescentar a respeito, ainda que tomassemos mui minucioso trabalho, uma vez que o circunscrevessemos ás epochas anteriores a 1543, data da publicação do tractado —*De Revolutionibus*— por Copernico.

Accrescentando, porém, mais uns 60 annos, começa a conhecer-se o incremento de de aquella epocha.

O YTORORO.

REVISTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS QUINZA AVILA 1 DE MARÇO DE 1860. N. 13.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

—

1.º SECT.

—

—

—

O começo do seculo 17.º constitue na historia da Cosmologia uma epocha mui remarcavel, por que propozemos, sem offerecer aos nossos leitores mais alguns pormenores, a fim de tornar palpavel, que é desde então que data o progresso prodigioso do genio humano em conhecimentos astronomicos.

Temos ja motivado as causas do quasi —statu quo— por assim dizer, em que persistiu por mais de uma dezena de seculos o systema de Ptolemeu; porque tudo o que respeitava á Astronomia, nada mais avancava, a não ser as allucinações d'espíritos enfermos, e supersticiosos, que, attingido o exaltamento d'idea extravagante, votavão-se, nos seus almejos do maravilhoso, do sobrenatural, e tendencias abstractas, tornando o estudo, que todo devia fundar-se na physica experimental, em absurdas theorias d'um charlatanismo chimico, estabelecendo insensatas influencias dos Astros já nos nascimentos, já no corpo humana, já em sua organisação, já em um ou outro membro material, já na indole, etc., etc., e designando estas concepções insensatas com o titulo de —Astrologia— embahirão por

(1) Aos encomios que até presentemente acaba de liberalisar-nos o illustre collega a pag. 6, do n.º anterior, não podemos para com o publico ficar silenciosos. Votamos profundo respeito á honra e á bondade do illustre companheiro, da qual, e só d'ella, podáo depender os resultados, ha de consentir-nos, porém, que a nosso turno, e com mui pouco mais de desenvolvimentos duplicados, sem que nos fique o pensamento sequer de a attender de a minima parte. Somos conscios de nossa carencia de merito e de talento, porém, nos utamará o que só é grato á verdade; e como esta em si mesma é mui palpavel, aqui reiteramos o que de todo o coração expozemos no n.º 1.º da pag. 1.ª dos Apontamentos.

Um, porém, que abro-primeiro e abre-adem na republica das letras — pela
 leição, e pela d'obra-talento — e de — nas obras — que s'ymboliza o genio da fanteza
 e da poesia, e da sua per-ombicao na razao e na sciencia; um, representa a
 vastidao de — o plano — o arrojado de sua — concepcoes — e magestade e rudeza de — em
 accentos, e Jupiter Olympico do mundo intellectual; o outro, semella, pela — graa
 de sua — cre — e do — da lingua — natural — em — que se exprime, o Apollo da
 litteratura portuguez, e — um, enfim, e bello e admiravel, mas imponente e grave
 como a architectura, o outro e torrio e — surprehendente, mas encantador e de-
 licado — como o panteo de Luciano ou de Corregio.

Salve, abro-primeiro de tao illustre varao! tres vezes salve!
 Santos, 1.º de Janeiro de 1860.

A. P. S.

PENSAMENTOS SOBRE A RELIGIÃO.

Não ha no mundo descrentes: e se os ha, não se comprehendem, ou
 fingem-se descrentes por mola, e sem conhecer a verdadeira significação da
 palavra: os que dizem não crer nisto ou naquillo, tem a crenga de que taes
 coisas não existem: a estes, condemna-os o seu proprio pyrrhonismo —
creio que n'isso, e quanto basta.

Qual é o homem mais sceptico do mundo, e que a lorando o peripatetis-
 mo, não tem sets instantes de viva crenga?...

A tolerancia na religião, bem como na politica, é o mais seguro indicio
 da civilisação de um povo: não combataes porém o fanatismo e os erros de
 uma religião de forma que os homens faltos de luzes abjurem inopinada-
 mente a sua crenga: egal-os a tal ponto, é mais que uma impiedade: é um
 crime de lesa-natureza! a philosophia torua-se material, e a existencia hu-
 mana uma nullidade.

Tirae ao homem pouco instruido as suas crengas da infancia, e vê-o-heis
 prostituido, como a mulher seduzida se entrega sem pudor ás devassidões do
 lupanar, por se lhe terem murchado as illisões da castidade e do amor.

O renegado ou o sceptico, não pode ter nem amor, nem generosidade,
 nem boa fe: é um navio no oceano das incertezas, navegando ao acaso, e
 tendo por bussola a duvida, que o não pôde encaminhar ao porto da Espe-
 rança.

O scepticismo é um veio sombrio que occulta para sempre o intimo
 prazer; deriva de um pensamento engolphado em lugabres meditações, que
 nos tirão a fe: que é sempre uma das nossas mais santas affeições
 na vida.

A destruição da crenga-moraes intentada até os alicerces, tem por mais
 de uma vez arrastado a ruina dos povos, e a queda dos imperios.

Não se combata o erro, e os abusos, perjurando, ou fazendo nos
 duvidar de nada.

Silva Azevedo

O que diremos de um poeta que não só é autor de um drama e poeta dramático, como também de peças de prosa e de oratória? Que mais? Foi ainda orador de uma assembléa de honra, de uma sociedade de igualdade, espirito de uma época, memoria de um século, e um dos mais bellos modelos bem acabitados da individualidade superior? De uma inspiração a reflexão, de uma veia era a veia do verdadeiro poeta a mesma que auspiciava os grandes tempos d'ouros, a Homero, Dante, Shakespeare, Victor Hugo e os outros partidos essencialmente creadores.

Fundador do theatro nacional no Reino de Gallegos, Garrett escreveu um drama como nunca o portuguez, a *Luiz de Souza*, peça onde com a simplicidade da antiga serena a vida e a paixão do drama moderno, compozição harmoniosa e um busto imcorredouro ou a incarnação de um elemento da vida humana e historica, o todo uma galeria de retratos magistraes e um monumento singular de gloria litteraria. Lyrico cheio de singularidade e mimo, de um velho e velho catinão nas velhas tradições do povo, o poeta de *«O Rei de Marinhão»* empreendeu a um ousado committimento—cantar Camões, o grande poeta portuguez, o vasilho portuguez, o soldado laureado dos palmos de Espanha.

E cantou-o, sem nunca abandonar o seu nobre assumpto, e cantou-o como valente poeta que era.

O escriptor das *«Variedades»* e *«Terra»*, colleção de bellas paginas onde a penna do imaginoso poeta se moveu e se apoiou sobre o papel semelha riquissima palheta com que brinca o artista, em grandes artisticas de alegre descido. Immemoristico pintor, o autor de *«Variedades»* e *«Terra»*, romances-chronica, ainda ou mais primorosamente escriptor de peças de theatro, Almeida Garrett, ensaiou o seu talento litterario na mais alta e mais honrada opinião de seus criticos, elle não foi tão feliz como no drama, e não conseguiu crear o molde da comedia nacional, a sua veia espirographica tornou-se mais fina e insinuante, a sua graça cheia de saber e de conhecimento de mundo e de estilo, a sua phrase de umbo agradávelmente pithico e de um bom gosto expandindo-se a gosto, alem de outros merecimentos de um poeta que tanto as suas composições d'este genero.

Discipulo de Meppan, Garrett, a sua obra dramática foi digna da outra nas suas obras dramaticas.

Classico nas suas primeiras obras poeticas, nos ensaios já vigorosos da sua obra juvenil, o autor de *«O Rei de Marinhão»* foi ao depois um dos apostolos mais valentes do romantismo em Portugal. Mas do nos poetas da antiguidade grega e latina, desde Eschylo até ao mais moderno, he de se admirar todas as obras primas do engenho humano nos tempos modernos. A sua obra é um monumento crescente e espantoso de acultamento de espirito e de conhecimentos, e de um profundo conhecimento da natureza e do estado atual da sociedade humana, e de um profundo conhecimento das lendas e segredos da historia humana. Garrett foi um abalizado escriptor e um grande poeta, e a sua obra é um monumento de riqueza e flexibilidade de espirito, e de um conhecimento profundamente fundamentado nos vastos repositórios da historia humana.

Esperito francez, no mais alto grau de cultura, o autor de *«O Rei de Marinhão»* he um quasi total representante da litteratura da intelligencia humana, e he o mais perfeito representante da litteratura da intelligencia humana. He sem fructos forma um perfeito representante da litteratura da intelligencia humana. Alexandre Herculanouso he o mais perfeito representante da litteratura dos estudos profundos e da cultura dos fillos da sabia.

Começa a obra de Garrett com o drama *«O Rei de Marinhão»*, e acaba com o drama *«O Rei de Marinhão»*, e he a obra mais perfeita da litteratura portuguesa dos dias d'ouro da poesia.

As doutrinas de Christo derão profundo golpe nos falsos prejuizos, no despotismo antigo, na arbitrariedade illimitada, deram a consolação e a esperança em todos os corações.

Constantino mudou a capital do imperio romano para Constantinopla em 330 D. C.; o colosso preparava sua queda! A religião de Christo foi declarada a do imperio. Desda epoca em diante começáram as convulsões do imperio. Roma, a cidade eterna nunca sido polluida pela presença dos barbaros: Alarico, rei dos Visigodos a tomou em 410; Genserico em 455. O imperio do Occidente acabou em 476, quando Odoacro, rei dos Herulos se apossou de Roma.

Do Imperio do Occidente se formarão outros muitos. A França, a Inglaterra, depois a Austria, Prussia e Russia, forão os mais poderosos. Muitas guerras tem havido entre estas para uma ou outra tomar a supremacia. Hoje existe o consellio das nações, e o equilibrio europeu: nesse concilio de povos a Inglaterra pronuncia *o voto!*

No novo mundo, descoberto por Colombo, em 8 de Outubro de 1492, duas enormes nações existem, que se preparão para os mais altos destinos; pouco a pouco uma da outra se approxima, o seu campo de batalha será a America central, as probabilidades estão todas a favor do esforçado gigante do sul.

O Imperio do Oriente terminou sua carreira com a queda de Constantinopla, tomada de assalto por Mahomet II em 1453. Hoje o imperio dos Osmanlis vacilla em suas bases; o desmoronamento da Sublime Porta causará um tremor terrifico no mundo!

Os sabios distinguirão quatro epocas, as quaes elles denominarão — seculos felizes. O primeiro e o seculo dos Gregos, desde a guerra do Peloponneso até o reinado de Alexandre, e produzio Herodoto, Thucydides, Xenophonte, Socrates, Platão, Aristoteles, Demosthenes, Esckeno, Lysias, Isoerates, Pindaro, Eschylo, Euripides, Sophocles, Aristophanes, Menandro, Anacreonte, Theocrito, Lysippes, Apelles, Phidias, Praxiteles. O segundo seculo, o dos Romanos, nos dias de Cesar e de Augusto, apresenta-nos Catullo, Lucrecio, Terencio, Virgilio, Horacio, Tibullo, Propercio, Ovidio, Phedro, Cesar, Cicero, Tito Livio, Sallustio, Varrão, Vitruvio. O terceiro seculo, o da restauração das lettras, das sciencias e das artes, sob os pontificados de Julio II, e de Leão X, vio florescer Ariosto, Tasso, Pannazar, Vida, Machiavel, Guicciardini, Davila, Erasmo, Paulo Jove, Miguel Angelo, Raphael, Ticiano. O quarto seculo, comprehende os reinados de Luiz XIV e da rainha Anna; vio Corneille, Racine, de Retz, Molière, Boileau, La Fontaine, João Baptista Rousseau, Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, Pascal, Malebranche, Massillon, La Bruyère, Bayle, Fontenelle, Vertot, Dryden, Pope, Addison, Prior, Swift, Parnell, Congreve, Otway, Young, Rowve, Atterbury, Shaftsbury, Bolingbroke, Tillotson, Temple, Boyle, Locke, Newton e Clarke.

Mas qual desses seculos será comparavel ao seculo decimo nono, o seculo do vapor terrestre e maritimo, da electricidade, da telegraphia, do magnetismo, das fabricas, das descobertas, das invenções, do commercio, da navegação, da industria, então, o seculo da civilisação e da sciencia?!!

O homem do decimo nono seculo é o rei dos portentos! seus difficeis e aturados triumphos sempre não cessam! domou a natureza! Embora a disputa sobre o merito do antigo e dos modernos tenha sido renhida, a

cultura que se temia com grandemente, aos fabricos que começaram pelo da purpura, de edificações pelos Phoenícios, em tempos immemoriaes; á navegação e á construcção dos navios, que abastecem todos os mercados, todos os povos, levando a superabundancia dos generos que um paiz produz, para outros que d'elles carece, assim conduzindo as commoedidades para todos os pontos do globo. Não se olvidou de seu passatempo nas horas de recreio, inventou a arte dramatica, a tragedia, que trazida primeiramente perante o publico por Phryniem, Choriilus, Pratinas, foi melhorada por Eschylo, Sophocles, e Euripides, e hoje attingio á sua perfeição.

O theatro é o quadro das peripecias do lidar humano, das suas catastrophes, das suas paixões, de seus erros, é hoje concorrido por todos os povos do mundo, allouvidando e presenciando os grandes exemplos do passado, o homem mede seus passos no presente, e evita as syrtes da vida. Emlta o homem de nada se esqueceu, nada negligenciou, procurou todos os meios, usou de todos os seus recursos para se felicitar, e para ornamentar o seu exilio.

A historia politica do homem tem sido sujeita á grandes vicissitudes. A primeira forma de governo que se estabeleceu na terra foi a patriarchal; os homens erao submettidos a um chefe que era o pai geral, cuja lei era a da razão, do direito e da justiça, o seu estudo e desvelo o da felicidade e bem commum. Os homens então podião ser daquella fórma governados. As populações foram augmentando extraordinariamente, novos estados se foram formando, novas necessidades apparecendo. O governo patriarchal não dispunha de força sufficiente para fazer face ás exigencias das circumstancias exceperentes de sua situação. O primeiro rei foi aclamado; este, ambicioso e guetrenco, não respeitou o direito e a propriedade dos estados vizinhos; fez-lhes a guerra, e foi incorporando a seu reino os paizes conquistados.

Assim se tornou a primeira nação poderosa do mundo no anno de 1993 A. C., a da Assyria, que foi destruida por Cyro, 539 A. C., tendo tido de duração 1454 annos. Dos destroços do imperio dos Assyrios, nascem um dos mais vastos e poderosos imperios do mundo, o da Persia, fundado por Cyro em 530 A. C. e destruido por Alexandre Magno em 330 A. C. O imperio de Alexandre, forte como era, foi desmembrado pouco depois de sua morte. O insensavel conquistador infundio em seus generaes o mesmo espirito que o deoava. Estes dividirão seu vasto imperio entre si, depois de assassinarem a mãe, irmão e filhos de Alexandre: tal foi o resultado das conquistas do grande filho de Philippe; seu immenso imperio durou pouco mais de sete annos.

Depois da batalla de Ipsus, 301 A. C. entre Seleuco, Cassandro, Lysimacho de um lado, e Antigonos do outro, a derrota destes deu o imperio áquelle. Lysimacho coube a Thracia, a Seleucco a Syria, a Cassandro, a Macedonia, a Ptolomeo o Egypto. Essas nações tiveram mais ou menos longa duração, e foram todas absorvidas pelo imperio Romano.

Tudo assim, até ao seu resolução pela Omnipotencia; a vinda de Christo ao mundo, que se tornou a convinhã, pois, que todas as nações do globo estivessem apparecendo, e que uma linguagem fosse a mais vulgarizada; que a plura-linguagem se calasse, e terminasse suas disputas; preparava a vinda do Christo ao mundo.

tismo, Watt aperfeccionou a machina a vapor, Fahrenheit, Reaumur, Hales &c. lançarão as primeiras bases da theoria do calor, Hawkesbee, Euler publicarão excellentes methodos sobre a optica, Taylor, Sauveur &c. prestáram grandes serviços a acustica. Outros grandes physicos, cujos nomes não mencionaremos, continuão a trabalhar no vasto laboratorio da sciencia physica e a fazer nella brilhantes progressos.

A philosophia do grego *philo*— amigo, *sophia*— sabedoria, abraça todos os ramos da sciencia humana em geral, Cicero assim a define segundo Platão: *a sciencia das causas divinas e humanas bem como de suas causas*; os escolasticos, segundo Aristoteles, a declarão ora *a sciencia dos principios*, ora *a sciencia das causas por seus effectos e dos effectos pelas causas*. No fim do ultimo seculo o dominio da philosophia foi estreitado, se a restringio á sciencia que trata dos seres immateriaes.

A philosophia classica se divide em Psychologia, Logica, Moral, Theodicea e Esthetica, Metaphysica geral ou Ontologia, estudo do ser e de seus attributos, e Metaphysica special ou Pneumatologia, que comprehende a Psychologia e a Theodicea.

A philosophia é tão antiga como o espirito humano. Se a encontra no Oriente, principalmente na India desde os tempos mais remotos. Os philosophos de genio mais eminentemente foram nos tempos antigos Thales, Pythagoras, Xenophante, Socrates, Platão, Epicuro, Zenon, Plotin, Proclus, Cicero, Seneca, Marco Aurelio &c. os quaes fundarão uma multidão de escolas e seitas: a italiana, a elatica, a atomistica, a sophistica, a cyrenaica, a cynica, a aristoteliana ou peripatetica, a platonica ou academica, a estoica ou portica, a epicurista, a sceptica, a christã &c.

Na meia idade a philosophia tomou o nome de escolastica, e se consagra inteiramente a Theologia: os mais celebres philosophos desse tempo forão Abelard Averroes, Alberto o Grande, São Thomaz, Occam, no decimo quarto seculo: nos dons seguintes Bessarion, Plethon, Marsile, Campanella &c.: no decimo septimo e nos seguintes Bacon, Descartes, Hebbes, Cassendi, Loeke, Voltaire, Rousseau, Condillac, Cabanis, Tracy, Laromiguière, Malebranche, Fénelon, Bossuet, Leibnitz, Kant, Royer-Collard, Cousin, Jouffroy, Damiron &c.

Apezar do grande numero das diversidades apparentes das seitas philosophicas, ellas se limitão a quatro: o idealismo, o empirismo, o scepticismo, o mysticismo, e o eclectico.

A philosophia moderna applica-se principalmente nas questões de observações psychologicas, na applicação methodica das sciencias, nas linguagens, na grammatica geral, e na moral social. Esses progressos são devidos aos trabalhos da escola de Condillac, mas muito mais ás investigações de Thomaz Reid, Dugald Stewart, Jouffroy, e ao sabio eclectismo de Cousin, que, esclarecido pela historia da sciencia, sabe colher e conciliar as verdades contidas nos systemas mais oppositos.

Deveríamos dizer algumas palavras sobre a chimica, a botanica, a pintura e mais bellas artes, como a escultura, a gravura e a architectura; sobre as artes liberaes, a geometria, a rhetorica, arithmetica, &c.: porem isso nos levaria muito longe.

O homem se não contenta de estudar os variados ramos da sciencia, com suas occupações e negócios da vida communs: entregou-se á agri-

mas antes de se escrever. Porém, como um dos illustres collaboradores do *Veneta*, trata especialmente desta materia, e trata mais sobre ella e crescentando a elle se tem no tratado robusto nos seus exames, e tem estudado e tratado, para a sublimidade do assumpto, o que se não dá com nescio e cede, portanto, compete fallar della com mais minuciosidade e sciencia.

A physica ou naturalis (physicæ) natureza, se divide em muitos ramos, que são quasi todas tantas sciencias differentes: trata da mecnica, statica e dynamica, e do equilibrio e movimento dos solidos; peso e queda dos corpos, pendula, hydrostatica e hydrodynamica, ou equilibrio e movimento dos liquidos e gases; do calor, dilatação do ar, irradiação; calorimetro, calor especifico e latente; da optica, catoptrica ou reflexão da luz; da chromatica, visão, interferencia, difracção, luz polarizada; da acustica, produção e transmissão do som, vibração dos corpos, instrumentos de musica; da electricidade por fricção, galvanismo, ou electricidade desenvolvida pelo contacto, correnteza, pilha; do magnetismo, iman, bussola, electro-magnetismo, diamagnetismo; das accoes moleculares, capillaridade, estrutura dos corpos e elasticidade.

Aristoteles, Hero de Buzasto que conhecia as propriedades do iman, do ambar; Heron que inventou o apparelho hydraulico que tem seu nome, Ctesibius que inventou as bombas; Archimedes, que se occupou da mecnica e da hydrostatica, a quem se deve o parafuso que traz seu nome, as roldanas, as rodas adentadas, o espelho ustorio; Rogerio Bacon, o inventor da bussola; Sebastião Cabot, que primeiro observou a variação da agulha em uma viagem para a America; Fracassor que descobriu o principio da decomposição do movimento; Porta e Maurolico que fizeram progressos na optica; Gilbert de Colchester que publicou um tratado importante no fim do seculo passado sobre o magnetismo e a electricidade, tornarão-se celebres nesta sciencia.

A introdução do methodo experimental de Francisco Bacon, tão felizmente empregado por Galileo, teve sobre o aliantamento da physica a mais decidida influencia; Descartes descobriu a força centrifuga, e explicou a refração da luz; Galileo reconheceu as propriedades da pendula, imaginou a balança hydrostatica, e aperfeicou o telescopio, inventado anteriormente por J. Metzler, oculista d'Alkmaer, ou por Z. Jansen, oculista de Middlebourg; Torricelli demonstrou o peso do ar, inventou o barometro, e estabeleceu as bases da theoria do movimento dos fluidos; Huyghens applicou a pendula aos relógios, calculou a lei da força centrifuga, inventou o micrometro, e apresentou a engenhosa theoria das vibrações da luz; Salomão de Caus emeneo as primeiras ideias do emprego do vapor como força motriz; Papin inventou a primeira machina á vapor funcionando com um embolo; Otto de Querique descobriu a machina pneumatica, e fez numerosas experiencias sobre a hydrostatica, a electricidade e o magnetismo; Mariotte determinou a lei da dilatação e da condensação do ar; enfim Newton operou uma revolução na sciencia com suas admiraveis descobertas sobre a natureza da luz.

No decurso do seculo DeLava, o abba de Nollet, Epinus, Franklin, Galvani, Volta, e outros fizeram as descobertas na sciencia da electricidade. Haller, Lavoisier, Berzelius, G. Lomonosoff, e outros aprofundarão o estudo do magne-

signal de sua reconciliação com a natureza, tornou consuetudinario agricultor, plantou a videira, e do suco da uva fez o vinho; morreu de 950 annos, legando a maldição a seu filho Chanaan, filho de Cham, porque este o havia insultado quando maldizido com os vapores do sumo das uvas, cujos effeitos ignorava. Seus tres filhos Sem, Cham e Japhet, se separarão depois de sua morte, e povoarão as tres partes do mundo, então conhecidas. Sem a Asia, Cham a Palestina e a Africa, Japhet, o mais moço, a Europa e a parte occidental da Asia.

Os filhos de Japhet foram os mais felizes, tiveram por sua partilha a illustração, a coragem e a força; são os dominadores do mundo, e portanto de seus irmãos, os descendentes de Sem e de Cham.

Tendo herdado de seus pais o peccado original, o fratricidio, a maldição, a indigencia, o trabalho e a morte, a futura sorte do homem devia ser na realidade ominosa!

O clangor da guerra e do tumulto por toda a parte! Nemrod, neto de Cham, o primeiro rei e conquistador, appellidado —o forte caçador perante o Senhor, fundou a Babilonia, a cidade enorme das 100 portas de bronze, dos jardins suspensos, uma das maravilhas do mundo, no anno 2640, A. C.; foi o primeiro que estabeleceu o combate das conquistas.

Apezar dessas poderosas calamidades, o homem, tendo a lutar com todos os desastres, se não olvidou de cultivar a sciencia.

A geometria, das palavras gregas —ge—terra, —metron—medi-la, é considerada a mais antiga; trata da linha, superficie e do corpo; em outras palavras, das proporções e da grandza dos corpos; divide-se em elementar e analytica. Thales, Pythagoras a quem se deve o quadrado da hypotenusa, Anaximandro, Anaxagoras, Hippocrates de Chio, Archimedes, Platão, forão grandes geometras.

Nos tempos modernos Viete, que empregou a algebra para achar as partes desconhecidas de uma trian-gulo, e para expressar as relações entre ellas por meio de equações; Descartes que apertecçou seus trabalhos, e inventou methodos geraes para conduzir a theoria das curvas ao calculo geometrico; Cavalieri por seu methodo das indivisibilidades; Fermat e Barrow pelo das tangentes; Desargues e Pascal por suas considerações sobre as propriedades das projecções e das transversaes, primeiros germens da geometria descriptiva; Monge que deu á esta seu inteiro desenvolvimento; Huyghens por sua these das evolutas; Leibnitz, o inventor do calculo differencial e integral; Newton, Bernouilli, l'Hôpital, F. Nicole, G. Maufredi, Maclaurin, Clairaut, d'Alembert, Euler, Lagrange, Laplace, se tornárão famigerados nos annaes da geometria, e a apertecçõo no mais alto grão.

Seguiu-se a Astronomia, do grego —aster— astro, e —nomos— lei, é a sciencia do movimento dos corpos celestes. Thales, Pythagoras, Anaximandro, etc., forão os primeiros sábios Astronomos. Attribuem-se aos Chaldeos as primeiras noções da Astronomia, que em sua origem estava ligada á Astrologia.

Suas observações se dirigiram principalmente para as constellações, para o movimento do sol, para a pleiade da lua. Os Egypcios tinham alguns conhecimentos da astronomia, e a disposição exacta de suas pyramides para os quatro pontos cardinaes do zodiaco; estes tambem se dedicavam á astrologia judicial. O Chino se julgava de possuir as observações

mos, e os meteoros, que se não contêm no novo a imprensa, de humeando meteoros, e os ventos, a vida e excentrica, no nunca deveriamos ter tran posto a vida do homem humano, e ha tres mezes, como hoje no co ulicessente.

Sendo o homem o principal ente do universo, escrever sua historia e escrever a historia do mundo, todos os seres, todos os objectos que vem no reino mineral, vegetal ou animal, tem relacao com o homem, bem e les foras e o homem, e em ratamento e magestade, sao, para para delle. Se a natureza do homem e o universo, assim como o universo e o homem. O homem e a natureza, a ciencia e o espirito do homem, marca a natureza, e a vida, seu progresso e sua mathe. Estando, portanto, o homem, nós nos não desviamos de nossa senda, occi pando-nos o homem, e que lhe dizem respeito.

Sendo isto evidencia, estamos convictos que não erramos no plano que tragamos, e que o concluzimos mal, somos os primeiros a confessal-o, e ora o declaramos. Nossa palavra fria e glacial, não descreve nosso pensamento como o desejamos, e por consequente, inadequada para a voz da im prensa que não tem, que e a eternidade do passado bem como a eterni dade do futuro, e o bem, que tanto almejavamos, só a bem poucos per tenceu e pertence, mas para possuil-o morrerão trabalhando! Esses ho mens privilegiados são de todos distinctos, e têm o nome de Genios. A immortalidade de que gozam, e o respeito em que são tidos, nos revelão a transcendencia de seus meritos!

Agora, em pra, nos completar nossa obra tão rude quanto imperfeita.

Vimos a cultura do homem na terra: nasceu o predilecto de Deos, que reuniu todos os encantos e encantos da natureza mais bella da mais bella porção do mundo para festejar a sua vinha. O primeiro erro despio-o de toda a sua opulencia e felicidade: sujeitou-o á inexorabilidade da sorte, entregou-o de novo ao mundo! O homem levantou-se e caminhando sahiu do Eden, como nós sahimos das illusões da infancia, e entramos nas realidades afflictivas da idade madura, em companhia daquella que Deos lhe dera por consorte, unico bem, de tantos, que lhe restára!

Agora necessariamente era trabalhar para subsistir: fêl-o com vigor, até a idade de 930 annos, pando morreu, deixando por herança aos seus dous fi lhos Cain e Seth, o peccado original e a pobreza! Abel, seu segundo filho, já não existia, tinha-se assassinado por seu irmão mais velho. Cain e Seth, povoarão o mundo ante-diluviano. A vida do primogenito de Adão foi afa digosa e atribulada, com a flor de luz burilada em sua fronte pela mão de Deos, por muitos annos vagou sobre a vasta superficie da terra, afinal se estabeleceu na terra de Noe, onde fundou a cidade de Enoch.

Os dias de Seth foram tranquillos e gloriosos, porque era virtuoso: seus filhos foram chamados os filhos de Deos, e elle o segundo patriarcha, desceu ao túmulo, e fêl-o de 912 annos.

Os desatinoes de seus netos filhos de Adão provocarão o diluvio, em que todos perecerão, exceto Noe, que era agraavel aos olhos do Senhor. Esse horrivel e monstruoso cataclysmo teve lugar no anno do mundo 1656 e a C. 2344.

Noe, o velho, e o mundo, embarcou na arca as fortunas do novo mundo. O 6to filho de Lamech, a quem Deos enviou o arca, e o

Kepler, pois, no Württemberg, e a em torno Galileu em Florença, onde os primeiros annunciados da tal descoberta, passaram a manufacturar pessoalmente um certo numero de vidros, que por experiencia foram reconhecendo proprios a obter a amplificação com a nitidez dos objectos, nos seus respectivos focos visuaes reflexivos, e ambos em breve se armaram com instrumentos, que os auxiliaram com admiravelmente na pequiza a que se tinham dedicado.

Em quanto Kepler, por um lado se entregava á revisão e aperfeiçoamento dos calculos de Tycho Brahe, e publicava suas 3 leis da mechanica celeste, Galileu, baseado n'estas leis, não descansava em observações, descobria satellites em Jupiter, e inabalavel defendia na universidade de Padua denodadamente contra os Peripateticos o systema de Copernico, illustrando-o com argumentos e deducções irrefragaveis, da mesma maneira que Kepler o fazia no Württemberg. Mas Galileu achava-se mais em contacto com a sede do fanatismo religioso, e ja dissemos qual foi o resultado de suas interessantissimas lucubrações, apesar de conjuvado pelo carmelita — Foscarini, — que tambem vio conlemnar sua memoria, com a censura e prohibição. Triste tempo em que prevalecia a duvida absoluta de Bacon, o qual depois de rebater no seu — *Naturalis Historia* — a theoria das espheras de crystal, e a dos epicyclos, descançou-se com esta tirada — «Nada mais falso do que » todas essas imaginarias conjecturas, se não são ainda mais falsos os movi- » mentos da terra! » Triste tempo, em que o celebre Galla produzia contra Galileu, por defender os movimentos da terra, este raciocinio singular: — «Estando Deos no céo, e não na terra, pode mover o céo, e não a » terra. » !!—

Ja dissemos tambem que um seculo depois se fez justiça a Galileu, restituindo-se-lhe a gloria que a sua genio se lhe tornou immortal.

(Continua)

O HOMEM.

ESTADO DE OBRAS DE

Quando demos começo a esta collecção de artigos, cuja epigraphie tão grandiosa nos aterrava, julgamos, com grandes esforços poder leva-la a seu termo; porém a falta de tempo, esse grande senhor da vida, de outra maneira dispuz das coisas, impellido pelas exigencias dos deveres afadigosos da carreira publicae, que ha dous annos nos traz em marcha continuada, de novo cerramos a porta, e tomamos o caminho do Sul do Imperio, para onde um vento de superior nos leva: nestas circumstancias não nos é dado terminar o que ha começado, e temeraria e irreflectidamente intentado; devemos, portanto, pedir aos leitores do — *Atoróro* — algumas palavras de esclarecimento, e de desculpa, e despedida lida que enceta

vimentos dos corpos celestes, e cada vez mais longe de poder adaptar-se ao calculo ou reduzir a uma provavel physica. Merita, contudo, muita apreciação favoravel, por ser concebido antes de serem conhecidas as leis dos movimentos em uma razão qualquer, que conciliasse as irregularidades notadas, e as combinasse por uma organização derivada de relações mutuas harmonisadas entre a. Sendo ainda isto problematico, mostra este systema muito esforço, grande genio em seu autor.

Foi a Kepler, pouco depois de estabelecido por Ticho-Brahe o seu systema, que coube a gloria de descobrir aquellas leis. Este espirito vasto, astronomo transcendente, impressionado pelas bem elaboradas demonstrações, com que Copernico havia tornado não só possivel, como mui provavel o seu systema, lançou mão dos calculos de Ticho-Brahe, continuou assiduamente as observações, e infatigavel, perseverando principalmente sobre todas as apparentes anomalias do Planeta Marte, que até então haviam desacorçoado todos os astronomicos, conseguiu allim a solução definitiva d'esse inextricavel problema, derramando a verdadeira luz em tudo o que até ali havia de escuridade. Sanccionou o systema de Copernico, cortando o nó gordão por meio de 3 theses simplicis, unicas, com as quaes ficou resolvida a base da mechanica celeste, e que por isso forão, e são denominadas — Leis de Kepler — Ell-as:

1.^a — As orbitas percorridas pelos planetas, não são circumferencias de circulos em torno de um ponto central, são, sim, ellipses, tendo o ponto de sua subjeição no foco.

2.^a — Todos os planetas, cada um em sua respectiva orbita elliptica, vão percorrendo áreas, ou superficies iguaes, em tempos iguaes.

3.^a — O quadrado do tempo, que leva qualquer dos planetas em percorrer sua respectiva ellipse, está em proporção para com o quadrado do tempo, que leva outro planeta em percorrer a sua; assim como o cubo da distancia media do 1.^o ao foco, está para o cubo da distancia media de 2.^o ao mesmo foco.

A astronomia, desde que forão achiadas estas leis de movimento, tomou um novo aspecto. Esta ligação em harmonia com a physica, este machinismo tão simples quanto maravilhoso reconciliou todos os defeitos, que podião primeiramente notar-se no systema de Copernico, e explicou todos os apparentes phenomenos da abóbada celeste, sendo todavia indispensavel, que fosse o centro do Sol existente no foco das ellipses planetarias, e tornando-se forçosamente a terra (como affirma Copernico) um planeta movel como os demais.

Deve-se aqui fazer notar uma occurrencia, que nessa epocha sobrevio em apoio de Kepler, e ao mesmo tempo servio a desenvolver o genio do grande Galileo em Florença.

Desde 1606, quando Mr. Moll, existia na Hollanda o primeiro telescópio d'alcatraz, o qual, que havia sido ja antes planejado, e conseguintemente de coberto, e a seguir, já então, conta ter-se apresentado aos Estados-Geraes como um instrumento novo.

Deve-se aqui lembrar, antes, porque não só na *Homocentrica* de Fracastoro publicada em 1538 se achava a indicação respectiva, como na — *Magica* do cosmopolitano Porta, publicadada em 1590, e na *De Revolutionibus* de Copernico, 1543.



SCIENTIFICO, LITTERARIO, HISTORICO E ARTISTICO.

ANNO I SAVIS 1809 - FEVEREIRO DE 1809 - N. 12

APRESENTAÇÃO

Era natural que se procurasse estabelecer um Systema de Astronomia, que puzesse conciliar o que os Antigos e os Modernos haviam observado e que se opposse a aquellas doutrinas que se tinham estabelecido, e que se verificava ser em parte erradas, e em parte obscuras, principalmente do planeto, e de seus movimentos, tendo a establicido um systema, que se puzesse mais claro e mais exacto.

Deixando a terra no centro do Systema planetario, fizgelo regular em torno d'elle, e os outros planetas, em torno do Sol, a qual vinha a gyrair em torno da terra, e a terra em volta da mesma terra, trazendo com si os outros planetas, e as suas axes, e tendo aquelles alem da terra, e do Sol, a gyrair em torno da terra, e os outros para percorrêrem suas respectivas orbits circulares, nos espacos mais ou menos longos, que lhes estivessem assignados, em conformidade das doutrinas anteriormente estabelecidas. Tambem indispensaveis os epicyclos, contendo o orbe de Saturno, e de Júpiter, que se concentricos ao Sol, tendo o planeta de mover-se no centro do epicyclo designado, etc. Tomar-nos-hiamos por demais extenso, e entrar-semos nos innumeráveis debalhes de todo este systema, que se puzesse prevalecer, e por isso os omitimos. Mas não deixaremos de advertir, que os axes, pelo mesmo Ticho, e muito proximas da ortha do Sol, e de Júpiter, e de Saturno, e de Ser, em sua opinião, absurda a creença de que os axes se concentricos das Estrellas, ou de Planetas.

Este systema, por mais que se puzesse de engenho, não puzesse ser persistente, e de longa duração, e que, em lugar de

Um homem que se trava em um museu para não perder o traço de differença sexual?

A quem pertence o crânio maior? He preferível um espectador?

Avicenna, Ruzsky, respondeu o Hungaró.

— É o proprio.

— Ignara a filha Ruzsky — mas quando o crânio maior?

Para ser amado e dar completo, dizia um sargento a um jovem recruta, são precisas tres cousas:

1.º Marido.

2.º F.

3.º Obediencia.

Paul de Kock.

— Rapaz, porque não puzeste palitos na meza?

— Senhor, o pão o puzeu, que sempre carregava com elles.

Paul de Kock.

Em uma audiencia de policia correccional, uma presidente interrogava uma parte civil.

— Então, dizta civil, queixars-vos de terdes sido batido pelo réo que está presente?

— Sim, senhor presidente: elle deu-me pontapes no.

— Sentai vos sobre a palvra — O tribunal vos comprehende.

Pensamentos diversos sobre o amor, as mulheres e o casamento.

A amizade e o amor querem-se como dois irmãos que tem uma herança a partilha.

Quintiliano.

O que faz com que o amor nunca se aborrecão quando o objeto é que fallia sempre de si.

O amante que deixa de ser tal é logo esquecido.

Quintiliano.

A ausencia diminhe as payões e diiores — e augmenta as grandes, como o vento apaga as velas e acende o fogo.

La Rochefoucauld.

A amizade de duas mulheres nunca é senão uma conspiração contra uma terceira.

Alphonse Karr.

O amor agrada mais do que o casamento pela razão de que os romances são mais divertidos do que a historia.

Chamfort.

Aos dezoito annos adora-se instantaneamente, aos vinte ama-se, aos trinta e seis deseja-se, aos quarenta reflecte-se.

Paul de Kock.

Nos bailes toda a mão é um tabellião disfarçado.

Léon Gozlan.

Só é verdadeiro amor aquelle que se occupa da felicidade do objecto amado.

Heloisa.

Tres cousas movem poderosamente as mulheres: o interesse, o prazer e a vaidade.

Diderot.

ERRATA.

No numero 10, pag. 2, l. 45, em vez de — purissimas lucubrações — lêa-se — penosissimas lucubrações.

Idem, pag. 3, l. 1, em vez de — Joao Bruno — lêa-se — Jordão Bruno.

— Typ. de Marques & Irmão.

VARIETÉ

Differença subter

Shakespeare, em uma das suas peccas, faz Falstaff descrever a aparência do tão frisante que o encontrou já ri do bebado Bardulph.

—Esta mulher me agrada muito, diz um amante do bello sexo — ella é encantadora — e pena que tenha um olho mais pequeno do que o outro.

—Seu rosto, diz ella, me lembra o accesso que o allunho teve ao partir de taverna em taverna, e de não ter nomisar muitas velas.

—Estás enganado, lhe obervou um amigo.
—Como a am?
—Ella tem um maior.
—Homem, é veridade!

Distração.

Melancolia.

Amostra de estylo
—Detras d'esta porta, no interior da casa: no extremo do tecto, ha um nicho subterraneo: no fim do corredor, ha um calabouço: no fim de cada cômodo, ha um fogão, palha: sobre essa palha, ha uma bilha: detras d'essa bilha, ha um porta-panes: En vi a porta!— En vi o nicho!!!— En vi o subterraneo!!!!— En vi o calabouço!!!!— En vi o fogão!!!!— En vi a palha!!!!— En vi a bilha!!!!

Um homem muito distrahido assistia a um casamento. Quando viu que a ceremonia terminava, inclinou-se para seu visinho e lhe disse:
—Fles até o cemiterio?

Água de papelão.

No drama intitolado *a Naufragio* de *Manassa*, na scena do baptismo, um que se despejao sobre a cabeça do menino cinco ou seis grandes baldes de agua, dizem uma dama a cada nova aspersion:
—Polvo, rapaz?— Mas querem a agua?

Sacramento.
Ha algum tempo, um curato estava ensinando o catechismo a um pequeno rapazinho esta pergunta:
—Quantos sacramentos ha?
—Não ha mais que dois.
—Como seis?
—Sim, senhor cura, e o terceiro, que eu sabia ainda hontem que era um sacramento, e que no casamento não fazia falta.

—Seis criança, respondeu-lhe um diligente o marido. Sabei que no theatro nada ha veria leito, que essa agua, é agua de papelão, como tudo o mais.

Crianças terríveis.

Um livro latino.
Sabeis que as linguas de leão se tornarem da direita para a esquerda quando as nossas se tornarem da esquerda para a direita? O theologo ignorante, e auctor de um tratado sobre o theologo, e não sendo capaz de um titulo desigual, escreveu um tratado sobre o theologo.

—Papai, que differença ha entre o Stoito e o boi?
—A seguinte, meu filho — o touro é pai do bozetro, em quanto que o bozetro não é pai do touro.

—Estão os cavalos a calar por respeito?—
—Sim, e a calar por respeito a uma entalpa de uma entalpa.
—Mas, meu filho, se o cavalo cala por respeito a uma entalpa, e a entalpa cala por respeito a uma entalpa, então o cavalo cala por respeito a uma entalpa.
—Sim, meu filho, e a entalpa cala por respeito a uma entalpa.

—Se o homem me tem mal o her.

Constanza cobriu de pedhos aos pés de seu pai, prometendo jamais vel-o depois, com as mãos púntas e os olhos rasos de lagrimas, pediu-lhe perdão. Constanza partiu com sua mãe, e quando despontou o dia ambos já estavam fóra das terras do conde Antonello.

A regente re parou.

No dia seguinte seu pai foi procurar o conde. Iguoro o que se passou entre elles, o que sei somente é que o conde jurou por sua honra que nada havia a temer sobre a virtude de Constanza.

No dia que se seguio ao desta entrevista o conde por seu turno partiu para Napoles.

—Sim, sim, recotlo-me de sua volta, murmurou a regente. E depois? depois?

—Depois, senhora, depois?... Elle continuou a lembrar-se d'aquella que devere esquecer. Os praezes da corte, os favores das damas de alta linhagem, as esperanças ambiciosas, não puderão afugentar-lhe da memoria a imagem da pobre calabreza: esta uma em estava sem cessar presente aos seus olhos, dia e noite; atormentava-lhe as vigílias, incendiava-lhe o somno. As cartas que escrevia a seu irmão tornavão-se tristes, amargas, desesperadas. Seu irmão, inquieto, partiu e chegou á corte. Julgava-o apaixonado por alguma rainha, a cuja mão não ousava aspirar. Houve-o porem em gargalhadas, ao saber que o objecto do seu amor era uma miseravel calabreza.

—Estás louco, Antonello, lhe disse elle. Esta rapariga é tua vassalla, tua escrava, esta rapariga pertence te.

—Mas, respondeu Antonello, eu jurei a seu pai...

—Como? o que juraste, imbecil?

—Jurei de nunca mais procurar ver sua filha.

—Muito bem! É mister então cumprir a promessa. Um fidalgo não tem senão uma palavra.

—Bem vêz pois que perdi-a para sempre.

—Juraste não procurar tornar a vê-la?

—Sim.

—Mas se tivesse a quem viesse procurar-te?

—Ella?

—Sim.

—Aonde?

—Aonde quizeres. Vou, por exemplo.

—Oh! não te queiras.

—Então não te vou ao Rio de Rosarno.

—Mas se esteu lá não posso sair de Napoles...

—Nem por que não?

—Oh! por que não? sim, é possível. acharei algum pretexto para afastar-me della durante a tua ausência. Não sei senhora, de quem elle fallava, nem o que o detinha: mas não se queira elle dissa.

—Sei-o eu dissa, a regente tornando-se horriavelmente pallida. Continua, senhor, continua.

—Pois bem, retome o Raimundo, quando receberes uma carta minha, pacturás.

—No mesmo momento.

—Está convenhemos.

Os dous irmãos separar-se as mãos, separando-se; o conde Antonello ficou em Napoles, e Raimundo se partiu para a Calabria.

Um mez depois Antonello recebeu uma carta de seu irmão, e cumpre fazer-lhe a entrega, e é um homem fiel á sua promessa, pois que n'esse mesmo dia partiu para a Calabria.

—E se o conde não vier? Noves imperentéis, senhora, esteu chegando a desfecho.

—Noves imperentéis, senhora, esteu chegando a desfecho.

—Um fidalgo não tem senão uma palavra. Meu pai n'esse momento estava de... quando o conde... prenderão meu pai como assassino.

Isabel empallideceu e ficou sem movimento como se elle traquesse em as-
pernas; bem depressa pôz-se a rir.

—Continua, senhor, e diga-me.

—É o nome do culpado que eu quero saber, e não o do puz? pergun-
tou o desconhecido.

—Não, respondeu a regente, de memoria alguma, eu vol-o puz.

—Sempre sobre este Evangelho, sobre esta imagem de Christo?

—Sempre; continua, eu vol-o puz.

E ella reassumiu a narração da mesma physionomia com que estava an-
tes de lhe ser feita a terrivel revelação. O desconhecido, por seu turno, reatou,
com a mesma voz com que havia começado, o fio da narração interrompida.

—Diria-vos, pois, senhora, que o conde Antoniello Caracciolo era um bello,
nobre, rico e generoso fidalgo, mas que possuia um irmão que era para elle o
mesmo que a serpente fura para os nossos primeiros pais, o genio do mal.

Um dia, ha cerca de seis mezes, aconteceu, senhora, que o conde Antoniello
tosse caçar na parte da floresta virgem a nossa casa.

Elle se tinha perdido perseguindo um gamo; sentindo calor, teve sede, e avis-
tando uma moça que vinha da fonte com uma bulha d'agua ao hombro, apeou-se,
segurou a redea do animal no braço e foi pedir, de beber á moça. Essa moça era
Constanza, era minha irmã.

Um calafrio correu pelo corpo da regente, mas o desconhecido continuou, pa-
recendo não haver percebido o effeito produzido pelas suas ultimas palavras:

—Disse-vos, senhora, quem era o conde Antoniello, permiti-me que vos diga
tambem quem era minha irmã.

Era uma moça de dezaseis annos, bella como um anjo, casta como a Virgem.
Via-se atravez de seus olhos até o fundo de sua alma, como atravez de uma agua
limpida vê-se até o fundo de um lago; e seus pais que a observavão todos os dias
nunca lhe havião surpreendido a sombra de um máo pensamento.

Constanza não amava a ninguém, dizia sempre que jamais amaria senão a Deos;
e com effeito a sua natureza superior e elevada era demasiadamente superior á mate-
ria que a cercava para que a natureza pudesse manchar-lhe o candido vestido de
virgem.

Mas, já vol-o disse, senhora, e já vos mesma o saibais, o conde Antoniello
é um bello, nobre, rico e generoso fidalgo. Constanza via pela primeira vez um ho-
mem d'essa classe; o conde Antoniello via tambem sem duvida pela primeira vez
uma mulher d'essa especie. Estas duas naturezas superiores, uma pelo corpo, a outra
pela alma sentirão-se atraheidas mutuamente, e quando se separarão após uma larga con-
versação, Constanza começou a pensar no bello mancebo, e o conde Antoniello não
fazia senão sonhar com a bella mulher.

Os labios da regente se enroscaram, sem contudo pronunciarem uma unica
syllaba.

—É mister dizer-vos mais alguma coisa, Constanza ignorava que esse bello mancebo
fosse o conde Caracciolo; ella perguntou-lhe alguma pagem ou escondeiro de seu se-
quito, a quem ella casta e rica (pois era minha irmã e rica para uma abelã) podia
olhar de frente e amar.

Elles se virão, pois, tres ou quatro dias successivos, sempre no caminho da fonte
e no mesmo lugar onde se tinham visto pela primeira vez; uma tarde, porém,
se descuidarão tanto que não se virão, não vendo minha irmã voltar, inquietou-se, e
pondo sua espingarda ao hombro, foi ao seu encontro.

Em uma das voltas do caminho encontrou a sentada junto de um mancebo.

Vendo nosso pai, Constanza correu como um gamo espavorido, e o mancebo desappa-
receu na floresta. O primeiro movimento de meu pai foi abaixar o areabuz, e apontal-o,
mas Constanza lançou-se entre o pai e o Caracciolo. Meu pai ergueu o areabuz,
tendo já reconhecido o peccador.

—É era realmente Antoniello Caracciolo? perguntou a regente.

—Era elle mesmo, disse o desconhecido.

Nessa mesma tarde, meu pai chamou a si um muller e á sua filha que se pre-
parassem para partir á noite, e não se deviam deixar o nosso lar e ir buscar um
cavalo em casa de uma fidalga, e não se deviam abalar. No momento de partir
meu pai chamou Constanza e disse-lhe o seguinte.

De repente, porém, o velho tomou a palavra. Bento, esse moço tempo bom, cessado não é, e não se dá a mão da morte.

— «Agora, porém, venha cá com a chuva, disse, e não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje.

— «Agora, porém, venha cá com a chuva, disse, e não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje.

— «Agora, porém, venha cá com a chuva, disse, e não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje.

— «Agora, porém, venha cá com a chuva, disse, e não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje.

— «Agora, porém, venha cá com a chuva, disse, e não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje.

«O estudo de direito não lhe parecia, e allegando ter aula no dia seguinte. Mas cedeu a vontade do velho, e com entendo em ficar. Desgraçada de mim que não adivinho o que me quer, um dia o retirou do moço, e dava com as próprias mãos a sua filha!

«Não tinha de que me recolhermos. O Sr. Carlos dormia no quarto de Antonio, e eu e a minha filha e Theresa no seu pegado á sala.

«Cheia de vergonha e humilhação do moço e na virtude de minha filha, dei-me tranquiço e fui ao trabalho.

«Entretanto, durante esse sonho ou realidade, pareceu-me ouvir ruído de passos no corredor e portas comprimidas no quarto de Theresa. Subjugada porém, pelo sono, não pude mover-me, e só despertei ao romper do dia.

«A ideia de que alguma coisa havia ouvido durante a noite e meia-dormindo, agudou-me em contrariar a sorte. Corri ao quarto de Theresa. A porta estava apenas cerrada! Entendi o que me queria, mas um sono pesado, filho da prostração. Seu rosto estava estendido para o lado, seus olhos pisados e fundos.

— «Oh! exultei ao ver que não atravessara-me o cerebro, como um ferro em brasa. Uma ideia terrivel, porém, não me deixou esquecer-me de levar a minha filha e Theresa.

«Neste momento, porém, as minhas mãos saíram levemente e deixaram escapar estas palavras entre dentes.

— «Deixei a minha filha e Theresa. E agitou-se na cama.

— «Desgracia de mim que não sei o que me aconteceu.

«A minha filha, porém, não se acordou sobresaltada, abriu os olhos e reconheceu-me.

— «Ah! zangou-se comigo, e cobriu o rosto com as mãos e escondendo-o no travesseiro. Perdi a minha filha, perdi! disse chorando.

— «Estas coisas me passaram pela cabeça...

— «Oh! mudo de medo, abri a porta... pensei que era V. Me. ... abri... elle entrou... disse que se esqueceu de trazer o dinheiro para a casa de hoje...

— «Que é de ti, meu filho, disse, dizendo-me para a porta.

— «Foi-se embora...

— «Ah!

«E caí em terra, e fiquei ali por uma cadeira.

— «Antonio, porém, não viu nada da nossa deshonra!

CONTINUA

MANIFESTO SOBRE O CADAFALSO

PARA

ALEXANDRE DE BRAS.

— «Senhor, não se esqueça de trazer o dinheiro para a casa de hoje, mas seu irmão é Antonio!

— «Ella me disse que se esqueceu de trazer o dinheiro para a casa de hoje...

— «Ah!

«Ah! surprehendo o meu bom Anjo a receber...»

«Pois, vai frade, tuas orelhas e já se ter com...»

«Minha filha dur...»

«Que lhe contava a...»

«Sempre em ajuda...»

«Mas, em dia...»

«As veres, entre...»

«era extraordinario que...»

«do tem e instruida...»

«facultas, pebras e...»

«at m dia até ou...»

«Responleo-me...»

«conhecia classes...»

«satisfazendo as...»

«e sentimentos...»

«idade sincera e...»

«vira e desfavore...»

«desconhecido, s...»

«população eu a...»

«Se as visitas...»

«quadrando a re...»

«que sobre minha...»

«faz senão nas h...»

«silenciosa e im...»

«mudava-lhe o r...»

«mudação desde...»

«quartas-feiras...»

«para a nossa c...»

«As cousas se...»

«tar a apprehens...»

«tinhas visitas...»

«um incidente n...»

«banitoso result...»

«Era um doming...»

«sem embargo...»

«de modo...»

«Foi a primeira...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

«de modo...»

por este não o que sobe palavra de fogo, é a presença dos factos, e o be-
ninho de se sentir oculo, e o templo o grande edificio erigido pelo bra-
lhos e braços viris do homem atlético!

A palavra ecripta é uma prova gloriosa e transcendente do que dis-
mos. Inventada nos tempos infantis do mundo, ella caminha para o fu-
turo, se encheu accendo em todas as cidades; historia liel e sagrada da vida
immortal e sublimidade sciencia, ella é o pantheon famoso de suas legen-
das!... embora se enchea, ainda faz progressos, e brada —avante!

Não é o tempo que houver ainda attingido a seu zenith, que serviços não
tem prestado a palavra ecripta — que prazeros, que delcites derivamos
della! Quando, cansados pelas batallas do mundo, nos retiramos de seus
abalos terríveis, e nos entregando ao cultivo d'ella, rodeados de tumulos, fal-
lamos como os heremitas, abrindo as paginas dos segredos maravilhosos
de seus espartos, nellos encontramos o balsamo purificador de todas as
chagas, e, de novo refermos por suas lições, nos atiramos denodados nos tu-
multos afanosos da peleja humana, e, tendo aprendido a morrer pela pa-
lavra do sepulchro, não tememos a setta perigosa da mortalidade.

Continua.

MEMOIRAS DA VIDA ACADEMICA.

DE MARIANA VIEIRA.

VI — A SEDECAO

Continuação.

«Passadas as horas, após a visita do estudante. A nossa vida continuou a
mesma — serena, calma, sem nuvens, e toda entregue ao trabalho, essa occupa-
ção virtuosa e sempre necessitada. Notei entretanto que Theresa, desde
o dia em que a conheci, soffrera uma alteração no seu humor, ordinaria-
mente alegre e expansiva, mostrava outra. Ora, pensativa e silenciosa, parecia
preoccupada com algum pensamento intimo e dominante, ora, não se fartando de fallar
no Sr. Carlos, proferia os mais entusiasticos elogios á amabilidade de suas
maneiras e personalidade. Pensei então que a sincera admiração que votava Ther-
resa a esse homem, e a admiração de si, explicava naturalmente pelo pouco conheci-
mento que elle possuia da natureza e de seus apparentes encantos e circumstancia de
ser o neto de um nobre e de seu nome talvez de boa sociedade e fina educação
que ella tinha ouvido falar sempre. Oh! como eu me illudira! Longe estava
de poder avaliar a natureza e o principio de uma tão d'acção que a arrastava
num dia de admiração e de respeito á natureza. Comi-se o jantar
quando se deu o primeiro passo.

«Uma tarde, quando me occupava em adunado o meu parasita que crescia em
meu miolo, e me fazia de novo Theresa na saleta a cozer, quando avistei
dirigido a porta, um homem que se cozer, brilhando-lhe nos olhos e a face
made de...

— Meu nome é...

— Fui...

— Não...

Apesar do systema de Hieroglyphos propoito por Champollion, o engenhoso, devese crer que a decifração do Hieroglyphico não tem correspondido ás esperanças que se sepeçãõ, e que a decifração dos hieroglyphos ainda labuta com a mesma difficuldade.

Os Mexicanos e Peruanos usãõ scripturas de signaes symbolicos, os primeiros por meio de desenhos e pintura, e os segundos por *quipos* — em nos de lã.

Quasi todas as linguas do Oriente usam seus caracteres particulares. Na Europa usa-se a escriptura da Latina, a allemã e russa, e escreve-se da esquerda para a direita. No Oriente escreve-se da direita para a esquerda, e os gregos antigos se servião de uma escripta que corria da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Alguns povos como os Mexicanos, etc. empregavãõ a escripta perpendicular, outros, como os Chins e Japonezes, a obliqua.

Suppõe-se que aos Egyptos se deve a invenção dos caracteres do alphabeto, donde se introduzio na Phenicia, e dali na Grecia. Porém grande numero de nações antigas lhes disputão essa honra, os Chaldeos e Phenicios a reclamãõ. Apesar da grande diversidade das linguas e das escriptas, o alphabeto parece ter uma origem commum, nota-se grandes analogias entre os alphabetos dos Phenicios, dos Hebraeos, dos Chaldeos, dos Syriacos, dos Arabes, dos Persas e dos Gregos. Conta-se que Cadmus, que era Phenicio o introduzio na Grecia, e dali para a Italia, e dali se espalhou por toda a Europa.

O alphabeto se compoem ordinariamente de 16 letras, depois, diz-se, que Palamede, o qual existio na guerra de Troia, acrescentou mais quatro, e Sinonide mais cinco.

Alguns philosophos, notando a grande imperfeição do alphabeto, causa das difficuldades que offerece na orthographia, fizerão sentir a necessidade de um mais exacto e applicavel a todas as linguas: Wilkins, Dalgarno, Lodevick, Leibnitz, Buffons e Volney se esforçãõ por preencher esta lacuna: mas por estes se não obteve resultado algum para esse fim dos trabalhos philosophicos.

Pela historia incompleta da escripta, que acabãmos de esboçar, de sobejo se conhece que o homem ainda não está satisfeito com seus trabalhos, apézar de immensos, avança sempre! Elle analisa, compoe, decompoe, descobre, inventa, chega a synthese, desce aos principios, sobe aos fins, acompanha a causa até o effeito, e deste remonta á causa.

Investiga tu lo, consideras tu as causas dignas de seu estudo, não despriza nada: ora, nas trevas da ignorancia, palpita as veredas tortuosas da sciencia, sempre encontra a verdade, e quando a conduz para a sahida do labyrintho enorme da sabedoria, a fadiga, a fadiga, não desanima, seu espirito, invicto, vence a fadiga e a debilidade physica, e brada — caminha! — o homem, que se lança a aventuras de novo a avançar a sciencia e a verdade, quando se vê no ingresso de seu templo; ora, na presença de tantos monumentos, que se deixãõ por seus daizejos, a cuncta ousado, approximando-se do templo, e se considera superior á suas forças, á sua pequenez, e a sua debilidade, não exulta em seus triumphos, considera a obra que ainda resta por fazer, alguma difficuldade que se apresenta, e não se encerra em enthusiasmo, e que

Trata-se de um sistema de representação, com o qual não se pode comparar, essencialmente, o nosso alfabeto, que se pode delectar, não por ser mais exacto, mais claro, mais completo, mais fácil de aprender, mas por ser mais conveniente para a expressão do pensamento, a que se chama alfabeto, e para a expressão do pensamento — e não para a expressão do pensamento.

A escripta pictographica, ou ideographica, dos Chineses, e dos Indios da América, são os sistemas mais antigos que se conhecem. Cada uma das palavras é representada por um caracter, e cada caracter representa uma palavra. A escripta pictographica dos Chineses, e dos Indios da América, são os sistemas mais antigos que se conhecem. Cada uma das palavras é representada por um caracter, e cada caracter representa uma palavra. A escripta pictographica dos Chineses, e dos Indios da América, são os sistemas mais antigos que se conhecem. Cada uma das palavras é representada por um caracter, e cada caracter representa uma palavra.

A escripta pictographica é geralmente conhecida pelo nome de — alphabetica. — Cada caracter representa pela combinação de um pequeno numero de letras, e cada letra representa uma sílaba. A origem do alphabeto se perdeu no tempo.

Não é mais possível determinar a antiguidade do alphabeto: não possuímos para esse fim os meios necessários para chegarmos a uma solução segura.

Existe um alphabeto, que se chama alphabeto egypcio, cujo valor não nos é conhecido, e a — hieroglyphica — dos Egypcios: era empregada especialmente nos monumentos publicos, e nos monumentos privados: servia para a representação de textos sobre qualquer materia. Além do alphabeto egypcio, os Egypcios tinham um alphabeto vulgar, conhecido pelo nome de — alphabeto vulgar —.

Alguns sábios, como os Srs. Young e Champollien o moço, depois de laboriosas pesquisas, chegaram a representar um esboço do alphabeto grego-egypcio. Os egypcios empregavam para representar as palavras, e não meramente, como se supõe, caracteres, e não apenas figuras ou emblemas de objectos. Sabem-se que os Egypcios tinham duas especies de hieroglyphica — a hieroglyphica das letras, que representavam os sons, como as de nós, e a hieroglyphica dos emblemas e symbolos. Distinguem-se, pois, os hieroglyphos-lemmas, e os hieroglyphos-emblemas.

Assim o hieroglypho representava o Deus Sol, ou por letras formando era Egypciaco o nome do Deus, ou pelo emblema do disco solar. As letras — hieroglyphicas — representavam objectos, algumas vezes phantasticos, quasi sempre reais, e significavam em egypciaco pela letra que se quer escrever: por exemplo, o hieroglypho de um leão significa a letra L, porque o nome do leão em egypciaco se escreve com a letra L. Uma mesma letra podria-se escrever hieroglyphicamente de diferentes maneiras, isto é, podria-se representar a mesma letra por diferentes hieroglyphos. A participação em L, e a letra L.

Ver-se-á no final do volume a escripta hieroglyphica dos Egypcios.

havia concordância entre os mais Astrónomos em seguirem a pretendida solidiez e a talma de arbes, embora cresem o principio da fixidez da Terra no centro do Universo, isto é, embora seguissem no mais as doutrinas d'Aristoteles. Hipparcho de Rhodes, por exemplo, cujas lucubrações prestarão ao autor do *Almagesto* todos os subsidios para organo-alo-o, não consta ter seguido por mais tal opinião; nem o proprio Ptolemeu allude a ella em parte alguma do mesmo *Almagesto*, onde parece aliás considerar as orbitas dos corpos celestes, e bem assim os epicyclos, apenas como simplicies linha, eivas e bava, figuradas no espaço.

Substituido o systema de Ptolemeu até muito depois da restauração das Lettras, e que primeiro intentou altera-lo foi o de Copernico, coordenado e publicad-o no seu *Tractado das Revoluções celestes*— impresso em 1543. Sendo logo fulminado com o —anathema— não deixou contudo este systema de impressionar vivamente espiritos illustrados: por que, si por ventura não era em verdade novas as idéas, quanto ao methodo, sem duvida o erao as demonstrações e raciocínios physicos, em que se baseava, que davão uma nova luz a sciencia; importando assim um como convite formal aos Astrónomos, para estudos e pesquisas mais profundas e acerradas.

Erão passados apenas 34 annos. Observava Ticho-Brahè (na Ilha d'Hween, no Sund o brillante cometa de 1577, (tão magnífico que se divisava bem, ainda antes do occaso do sol, com a simples vista, ou com tubos sem vidros, por que ainda não existião oculos de approximação, ou telescopios e por mais enfadonho e difficil que se lhe tornasse um tal exame, tão defeituoso nessa epocha, desde logo seu espirito subtil começou a conhecer a insubsistencia da pretendida solidiez dos ceos crystallinos planetarios; por quanto estava-os pelo contrario observando invadidos, e ultrapassados sem o menor embaraço pelo rapido curso d'esses visitantes comados e caudatos, tanto em sua approximação ao Sol, como em seu regresso. Abalado desde as primeiras observações, em breve se lhe tornou patente e cada vez mais, a puerildade de uma tal concepção, desde que continuou as observações dos cometas posteriores, de que realmente foi rico o resto d'esse seculo. Os de 1580, 1582, 1585, 1590 e 1596, por elle forão todos apreciados.

O reconhecido não de que existia espaço por assim dizer immenso, que se tornava vagavel a mais de uma especie de corpos celestes, alterava essencialmente uma das bases dos systemas anteriores, sendo por isso sufficiente a impellir Ticho-Brahè para que acuradamente se enfrontasse de quanto havia de fundado no de Copernico.

Di-gamos aqui o que erao este systema. Collocava Copernico o Sol no centro do Mundo Plannico, sendo em consequencia o mesmo Sol fixo. Em torno do Sol movem-se: 1.º Mercurio, 2.º Venus, 3.º a Terra, e com esta a Lua seu satélite, 4.º Marte, 5.º Jupiter, e 6.º Saturno. Os tempos em que estes planetas percorrem as suas vias, isto é, percorrião as circumferencias de seus circuitos, são: Para Mercurio um pouco menos de 3 mezes — Para Venus 7 1/2 mezes — Para a Terra um anno — Para Marte 2 annos e 2 mezes — Para Jupiter cerca de doze annos — E para Saturno 29 1/2 annos, aproximadamente.

Deixando a parte de mais que se ou, retan caremos opportunamente quando fizermos a historia da astronomia, voltemos a impressão que produziu em Ticho-Brahè a descoberta do movimento dos cometas, que destruiu os

— Era um homem de bem, certo não se pôde chamar bello, nobre, rico, grande, mas aperece-se assim, quando se temado, por que, vendo o appareto, não ha de um marido que se tremesse por uma mulher, um pai que não tremesse por uma filha, um amigo que não tremesse por um inimigo. Gumpre, porém, dizer que tocou mal que elle não se provou de um meio p'mo que o aspirava. Esse não p'no era o seu irmão natural, a quem chamavao Raymundo - o Bastardo.

— Raymundo - o Bastardo! exclamou a regente, esse que foi assas mado no dia doite?

— Esse não é.

— Conheço esse nome?

— Sou eu.

— Não é esse Raymundo del Pizzo? exclamou a duqueza

— Sou eu, e quando o desconhecido com a maior calma.

— Então, p' que não me fazes, vejo que já começastes a fazer justiça por vós mesmo.

— Vim pedir a vós que não se recusarao-me'a.

— E o que vós se reclamai hoje?

— A melhor parte da minha vingança, senhora; Raymundo - o Bastardo não era senão o instructor de minha sen, seu irmão e o criminoso.

(Continua.)

POESIA.

A rosa da vida, e a vida, e o bello del
 Nem quanto a vida e o bello del
 A vida.

Como o bello da vida
 Como o bello da vida
 Que bello e meigo semblante
 Uma boquinha mimosa
 Tão corada como a rosa
 Sua graça — tão natural...
 Tanta belleza — meu Deus!
 São assim os anjos teus?
 Têm assim belleza igual?!

Tem deo
 Da vida
 E' um
 Na vida
 Tem deo
 E' um
 Que deo
 Senti q
 A vida
 Tanta

E' um
 Como
 Tem
 No pa

Nos seus labios um sorriso
 E' graça do paraizo—
 Que arrebatá o coração!
 E' uma pombinha innocente
 Uma estrella refulgente
 De divina inspiração!—

Como e bella minha amada,
 Como o seu rir e galante,
 Que face tão engraçada,
 Que bello e meigo semblante!
 Uma boquinha mimosa
 Tão corada como a rosa.
 Sua graça — tão natural...
 Tanta belleza — meu Deus!
 São assim os anjos teus?
 Têm assim belleza igual?!

São Paulo — 1859.

Antonio Manoel dos Reis

ERRATA.

No numero 9, pag. 2, l. 46, em vez de
 Philolas — lê-se — Philolla.
 No presente numero, pag. 6, l. 25, o
 Divino-se — lê-se — Diviniss.
 No numero, pag. 8, l. 44, em vez de — a
 aplo — lê-se — a exende.

São Paulo — Typ. d'Albuquerque & Filho

—O senhor é um... — interrompeu o regente.

—Pedi para fallar a Vossa Alteza sobre a minha desconhecida e a minha pertinaz condicão.

—Deixar-nos, D. Luiz, não quero a Vossa

O ministro inclinou a cabeça.

O desconhecido adhiu-se ao regente, apoiado d'ella unicamente por um genuflexorio, sobre o qual via-se collocado um Evangelho e um crucifixo.

A regente lançou um olhar rápido sobre o seu interlocutor. Era um homem de trinta a trinta e cinco annos, de estatura mais que mediana, tez queimada, cabellos negros calhudo de hum aneis sobre os hombros, e olhos ardentes que exprimião ao mesmo tempo a resolução e a temeridade; como todos os montanhizes, era bem feito, e via-se que cada um de seus membros bem proporcionados devia ser rico de destreza e d'istinctão.

—Quem sois e d'onde v'indes? perguntou a regente.

—Que vos importa quem eu sou, senhor? disse o desconhecido; que vos importa o paiz aonde nasci? Sou o primeiro que quer dizer, escravo da minha palavra... Eis o que vos interessa saber, não é verdade?

—E vós prometteis-me a entrega de Rocco del Pizzo?

—Prometto.

—É em troca o que v'as dá, senhor?

—Justiça.

—Fazer justiça é um dever, não é uma recompensa que devo dar.

—Sim, bem sei que esta é uma das vossas pretensões, de vós outros soberanos: presumi-vos tão integros quanto Salomão; infelizmente a vossa justiça tem dous pesos e duas medidas.

—Como assim?

—Sim, sim: pesada para os pequenos e leve para os grandes, continuou o desconhecido. Eis o que é a vossa justiça.

—Não tendes razão, senhor, redarguiu a regente, a minha justiça é igual para todos, e dar-vos-hei uma prova d'isso. Fallar em favor de quem pedis justiça?

—Em favor de minha irmã, inadvertidamente enganada.

—Por quem?

—Por um dos vossos vassallos.

—Qual?

—Oh! um dos mais ricos, dos mais bellos, mas dos mais nobres!— Ah! esperai... parece-me que Vossa Alteza principia a hesitar!

—Não; desejo somente saber primeiro o que elle fez...

—E se o que elle fez me parecer a morte, terei eu sua cabeça, em troca da cabeça de Rocco del Pizzo?

—Mas, perguntou a duquesa, quem heide ser o juiz da gravidade do crime?

O desconhecido hesitou um momento; depois, encarando fixamente a regente, disse:

—A consciencia de Vossa Alteza.

—Então confiais n'ella?

—Inteiramente.

—Tendes razão.

—Assim pois, se Vossa Alteza julgar o crime capital, terei sua cabeça em troca da de Rocco del Pizzo?

—Eu vol-o juro.

—Sobre o que?

—Sobre este Evangelho e sobre esta imagem de Christo.

—Está bem. Escutai-me, senhor, pois que é uma historia que eu vou contar-vos.

—Eu vos escuto.

—Nossa familia habita em uma casinha isolada, á meia legua da aldeia de Rosarno, situada entre Cosenza e Santa Lúcia; ella se compõe de dous velhos, meu pai e minha mãe; de dous netos, minha irmã e eu. Minha irmã chama-se Constanza. Em torno de nós habita e habitem se os dominios de um poderoso fidalgo, em cujas terras o seago faz me no sego, e de quem por consequente somos vassallos.

—Como se chama esse fidalgo? interrompeu a regente.

—Di-vos-hei primeiro o que me aconteceu, depois seu nome.

— O que me dá a impressão de tanta opulência entre os setes de um Deus de pólvora, e de tanta lágrima e suspiro de compunção, e em um balde torção para fazer-lhe comprehender que os pedintes são quasi sempre mais ricos do que o que dão. Elle não queria se conformar com isso, proferia exclamações a cada uma das muitas revelações e não respondia senão com pensamentos de além-túmulo, de que muito se haviam ao os rubicundos Benedictinos.

Transportamo-nos d'ahi ao convento da Ajuda e ao de Santa Thereza. Conto-lhe que d'ahi, n'uma vida regular como um relógio de Bréguet, grande numero de mulheres, encerradas para sempre, entretêm a sua existencia confeccionando excellentes doces, encantadores artefactos de escamas de peixes, de palha ou de penas graciosamente trançadas, apollhando-se, cantando e orando por penitentes que jamais haão de ver a sua cara pela absolvição de peccados que ellas talvez adivinhão.

Não se póde ir a Santa Theresa, sem galgar esse rapido declive ao longo do qual corre o aqueducto que abastece a cidade de uma agua fresca e limpida; e quando tendes chegado a sua nascente, não podeis resistir ao desejo de escalar o magifico Corcovado, d'onde se desenha o mais admiravel panorama do mundo. Descreve-me algures, — e de passadinho que e que hoje radia em torno de mim?

Dubruid na vida em extasis diante de tantos esplendores; mas o sol se nos aitolhava vertiginosamente, descemos pela costa. Saudei com a mão a antiga vivenda do bravo general Hogendorp, e voltámos ao hotel «La Bourse, onde parecia haverem adivinhado que este delicioso passeio nos havia dado grande appetite.

Na nossa marcha não ouvimos nem vimos mais do que meia duzia de cobras; dar-se-ha caso que o Brasil empobreça? Esta ameaçadora penuria, assignalo-a a seria attenção do legislador e dos proprietarios que vivem sem vizinhos, sem companheiros de correrias ou de descanso.

P. S. Ser-ha de 15 de Março de 1834, que Mr. Blanchard, de quem já vos fallei, foi nomeado consul para o Rio de Janeiro... Devem pôr luto em Valparaiso, e no Brasil completo será o regozijo.

(Continua.)

O CASAMENTO SOBRE O CADAFALSO.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

O ministro e o desconhecido entrãõ; posto, porém, fosse esta provavelmente a primeira vez que este homem se achasse em face de uma tão poderosa princeza, não pareceu de modo algum embaraçado, e após a haver saudado com certa rudeza, que entretanto não era de humilhação de conveniencia, conservou-se de pé, immovel e mudo, esperando que o interrogassem.

— Sois vós então, disse a duqueza, quem se compromette a entregar Rocco del Pizzo?

— Sim, senhora, respondem o desconhecido.

— É estao seguro de cumprir vossa promessa?

— Offereço-me como penhor.

— Assim vós o calceis...

— Pagarei pela vida, se eu faltar á minha palavra.

— Entretanto, se não vem a ser absolutamente a mesma cousa, disse a regente.

— Não posso offerecer mais, respondem o desconhecido.

— Então dize-me que de q'as.

— Eu pedo para fallar a sós com Vossa Alteza.

appetitencia a realda me
parquetier a M.^{me} Lora
Brasil toda fabricante de
o cargo de todas as vi
para esquecer-vos.

Falorge, — meu nome
sempre em apertar a
— Ah! senhor, exclamou
o povo se precipita

— Entremós com o p
um rosto alegre e fres
passaros, e soberana al
nhas, alegres e zombete
sem abaixar a cabeça.

Mas sempre Fran
vagens.

De resto, desafiavo
a M.^{me} Dubois, que e da
certo tornarei a vêr.

Mudemos de rumo
nome não e nem franco
faz boas escolhas... Dem

Mr. Mongie me cont
tudo, e eu não sou d'aque
Mas o calor era esma
me condui-me d'elle.

— Vamos, lhe disse
— Rua d'Alfandega, n.
— Pois bem, estamos

— Hotel da Boa Vi
— A nos-a está leve
temos todavia o hotel
faz em todo o caso, ap

Sabimos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

— Ainda Francezes?
— Senhor Arago, me
ous de encontrar compit

— Não, de certo, sen
parar ao menos com o
— Oh! desencana, sen
potezda vossa ultima

Qual o meio de lara
Altoleg, em casa de M
cto parte alguma, em n
quase, uma collectid
dado de casa que sabe
arax de vos tornar g
serdes saudades d'elle, m

Quantos annos se v
a rua d'Alfandega, n.
e restaurantis da que
Foi a parte d'ella que
pente queda reman
o das opinas de p
Follege e tal, e m
e a rua d'Alfandega

— Sabemos ao primeiro
quartos e um almoço in
Das ser servidos nem
no nosso encontro com

mo modelo — o Archetipo — e o modelo da arte e do ser humano — o mais sublime e o mais grandioso poeta.

A sciencia, creação e a realidade, a luz e a vida, a vida da humanidade na sua longa travessia pelo universo e a vida da vida.

A poesia, soulo gigante e o homem, e o homem, Eden da raça de Adão decaída, Eden onde o pensamento se abala e se abala em uma atmosfera de suavidade e de curvas.

A sciencia, profunda e a realidade do Inferno, vasto como o espaço, luminosa como o sol, é o alcazar da vida e da vida, o caminho dos dominios intellectuaes, passa as suas vistas d'agua pelo mundo e pelo mundo dos seres.

A poesia, creadora e a realidade, bella como a lua, consoladora como a religião, e o palacio encantado de magica chamada fantasia, onde, armada da sua varinha de condão, esta sultana da vida e da vida, desentola ante vossos olhos um mundo de maravilhas e prodigios.

A sciencia, paciente, fraca e a realidade, curiosa, perscrutadora, audaz, incangavel, revolve folha á folha e grande e a realidade, procura penetrar o mysterio vivo que denominão homem e tenta em vão montar as alturas inacessiveis onde paira o excelso throno do rei dos reis.

A poesia, sensível, calorosa, apaixonada, cheia de fe e de esperança, expansiva, fecunda, grandiloqua, sempre e a realidade, sua missao é levantar hosannas ao creador, extasiando-se ante os prodigios da creação.

A sciencia é o culto da verdade, a deusa cuja fronte augusta cinge uma aureola de pureza virginal e cuja vida e a realidade, consiste n'uma santa nudez.

A poesia é a religião do bello e o typo ideal da esthetica.

A sciencia mergulha nas entranhas da terra, se abysma nas profundezas do oceano, esparze seus raios pelo immenso do ar.

A poesia descreve as bellas e a realidade, aponta os horrores do inferno, povoa de jerarchias o céu.

A sciencia prolonga o tempo da vida, ou lhe estanca as fontes; não triumpho da morte, reatando o fio da existencia e por ella cortado, mas embaiga o passo á sua obra de destruição, conservando durante seculos as suas mais preciosas victimas.

A poesia encanta e a realidade, a realidade, a morte e mitiga a dor dos seus funestos golpes.

A sciencia faz a autopsia do mundo da creação, compõe a biographia da humanidade, mença o escalpello e a santa e a realidade, inunda de luz o antro escuro do espirito.

A poesia divinisa o amor, a realidade, a liberdade, forma da patria um idolo, faz a apotheose da gloria.

A sciencia conta, no mundo e a realidade, os apóstolos, numerosos martyres, heróes que se sacrificarão por amor da realidade, entre tantos outros, Socrates, Platão, Galileu, Bacon, Condorcet, Rousseau, Henry.

A poesia tem sido um mundo e a realidade, para muitos dos seus mais illustres sacerdotes. Figurão no numero e a realidade, as victimas das Musas, entre outros nomes igualmente celebres, Camões, Corneille, Jasso, Dante, Milton, André Chénier e Lamartine.

A sciencia é a Minerva e a realidade, a realidade.

A poesia é o Apolló e a realidade, a realidade.

A sciencia é o resultado do trabalho, do esforço, da applicação, é uma verdadeira creação da realidade.

A poesia é a inspiração e a realidade, a realidade.

A sciencia, positiva e a realidade, seria nas suas applicações, escrebria a realidade, no seu progresso, requer nos seus adeptos espirito solidario e a realidade, robusta, intelligencia profunda.

A poesia, attrahida e a realidade, anemena nas suas applicações, respira e a realidade, demanda nos seus cultores e a realidade, e a realidade.

A sciencia contém e a realidade, e a realidade, e planta que deve ser cultivada no cetro da realidade.

innumerosa população que ainda acorremto a sciencia, ainda que mago do
da humana, e de se oceano — em tanto quanto mais explorado mais se
somete a pluviosos atropados que nelle se atiram, tanto se debatem em
suas orlas, que, aturdidos de fadigas e lides, nelle perecem! Na
viagem eterea da sciencia para esse horizonte fugaz dos prodigiosos segredos da
natureza, os philosophos mar. profundos e de moral religiosa mais decidida,
observando seus golpes mar. certos resvalarem de encontro as muralhas da
cidadella que guarda os segredos da Omnipotencia, sentão-se á beira das con-
cavidades que não podem aprofundar, e sobre suas lyras entoão hymnos de
adoração Aquelle unico possuidor dos mysterios que se furtão a todas as vistas!

O conjunto de palavras forma as linguagens das diversas nações. As lin-
guas podem ser o objecto de dous estudos distinctos: o linguistico, que as
considera em suas relações e materiaes, e as acompanha nas suas assemelha-
ções e variações: a grammatica que as estuda em suas correlações com o
pensamento.

Contão-se no mundo mais de duas mil linguas. Os sabios tentarão classifi-
car as linguagens: Adelung divide-as em menosyllabicas e polysyllabicas: elle
subdivide as primeiras em duas familias, a chinesa e a tibetense, seguindo
seus signaes graphicos, se se compõe de uma palavra ou syllaba; as segundas
em quatro grandes classes: a indoa, a europca, a asiatica, a africana, a
americana.

Balbi em seu *Atlas Ethnographico* as distribue em cinco classes, corres-
pondentes ás cinco partes do mundo d'onde são oriundas. Adopta-se o sys-
tema deste.

Divide-se as linguagens em primitivas, derivadas, analyticas ou di-
rectas.

Os philosophos attribuem as differenças das linguas ao clima, á organiza-
ção, ás emigrações e a diversas outras circumstancias. As santas Escripturas
nol-o explicão pelo evento miraculoso da confusão das linguas na occasião da
construção da torre de Babel.

Alguns philosophos: J. Wilkins, Leibnitz, Sotos, Oehando, etc. apresen-
tárão o projecto de uma lingua universal. Outros considerão este projecto
uma chimera.

Nesse lilar afanoso da philosophia em busca da verdade, considerando
as varias peripecias que marçãõ sua carreira, as epochas de seu maior brillan-
tismo, seguidas logo de outras de espessas e impenetraveis trevas, suas
oscillações, suas duvidas, suas que-las, ficamos convictos que nada podem
os homens por si fazer, que o espirito mais robusto e investigador se perde
quando não allia seus esforços com a religião e com a fé mais inabalavel
em Deus.

Continua.

A SCIENCIA E A POESIA.

Filhas que nascem do parto humano, nascidas sob a inspiração do ceo, a sciencia
e a poesia, e que marcham lado a lado do machismo da civilização, marchando por
vias divertidas, mas sempre em um mesmo fim— a perfeição, e mirão uma mes-

do estado de civilização, e da rectidão em que os homens vivem, embora na sociedade não haja linguaagem articulada, não haverem feito no decurso de mil annos de existência, como podemos crer que os homens que não conheciam a linguaagem, por si mesmos inventassem uma arte tão difficil e a arte da palavra? A arte da palavra presuppõe a reflexão, combinações e idéas muito complicadas, principalmente no que diz respeito ás idéas abstractas, e ás idéas de relação, etc. Toda a lingua ainda que pobre, deve conter os termos fundamentaes; de necessidade deve ser perfeita logo que se falla, por isso torna-se-lhe preciso conter as partes essenciaes do discurso, como as reflexões, essas combinações seriam possíveis sem a linguaagem, pois que se não pôde pensar senão por meio da palavra, quando se não pensa por intermedio das imagens sensíveis?

O autor junta a essa prova a reflexão seguinte tirada dos attributos de Deos: Como poderão apuelle, que admittem a criação do homem por um — Ser — bom e sabio, fingir que Deos o tivesse creado para a sociedade sem o meio preciso para a sua sociedade, e que o genero humano tivesse vegetado miseravelmente durante uma longa serie de seculos, aguardando a invenção e a formação da lingua?

Das considerações que precedem o autor conclue que era impossivel que o homem inventasse a lingua, e que foi portanto, Deos quem lhe communicou uma linguaagem primitiva e perfeita.

Essa theoria da origem da lingua implica as consequencias seguintes sobre a origem das idéas — a lingua primitiva foi concedida ao homem por seu creador, essa lingua devia dar-lhe igualmente um certo numero de verdades primitivas — e logo, em primeiro lugar na communicação ou revelação divina, e depois na transmissão da palavra, que se deve procurar a fonte e origem das primeiras idéas, que servem de base á ordem moral e social.

Os factos se harmonizam perfeitamente com esta theoria, 1.º porque todos os povos da antiguidade admittem as communicações de Deos com os homens: o Genesis faz d'isso um 2.º facto — 2.º é um facto averiguado que os pais transmitem a seus filhos as verdades de que aqui se trata, e nunca que ellas fossem descobertas por descobertas.

Damiron em seu *Leçon de l'histoire de la philosophie en France au dix-neuvieme siècle* cita a theoria de De Bonald, e não a considera nem bastantemente clara nem bem estabelecida para que se a admitta. Elle propõe uma outra e propõe as seguintes: — o orgão vocal é com particularidade muito propria para esta extrema inflexibilidade para receber e exprimir as impressões da natureza, pois, que o pensamento se põe em harmonia com os sons, e os sons são organicos e principalmente com os sons: por este modo o pensamento e a natureza não perceção vaga, se pronuncia por meio da expressão organica, e se incorpora —

Esta explicação, diz Bonald, é muito vaga e de difficil comprehensão, coincide muito pouco com o systema que é reconhecido que o homem somente falla que se conhece a natureza.

Todas essas ditterenças de opinião, e opiniões servem paraamente para demonstrar á natureza da lingua, e quando quer tomar um voz demasiado alto para a natureza da lingua, e quando quer tomá-la demasiado

da palavra, e a natureza, e a voz, e o trovão, e em toda a extensão da natureza, e do tempo, e do homem, e nas mãos do potentado, e formam a vasta comitiva da palavra, e a palavra. A distância, o tempo, o espaço, tudo foi subjunctivo.

A palavra, tornando-se electricidade, um de seus vehiculos, transporta a rapidez que a luz a todos os angulos do orbe; ella atravessa desertos, e aprofunda peccadellas, e em ondaver do oceano, vóa pela immensidade do ethereo, e via de terra, e povoa de outros continentes, por toda parte e parte, e caude as trovões, e a terra, e o oppo, e a seu aspecto todos os obstaculos, e a vergão.

Da palavra falam as parábolas — expressão do pensamento por meio da voz, a palavra faz o homem a Deos!

De tempos immemoriaes a palavra — tem sido uma das principais causas de divergencia entre os philosophos. Uns querem que ella fivesse sido recebida por Deus, como o seu mais importante legado ao homem; outros que ella fivesse sido inventada ou recebida por tradição.

Para resolver esta questão, é necessario remontar á origem tanto do pensamento, como da palavra; porque a correlação entre uma e outra coisa, não se funda somente em que a palavra é a linguagem ou expressão, mas tambem que ella é um dos elementos da formação do pensamento.

A duvida, porém, travada entre os philosophos, não é determinar se de facto os homens a inventarão ou se elles a tiveram de Deos; mas se era possivel ao homem inventar uma primeira linguagem; não é uma questão de facto, mas de simples arazoado hypothetico.

Condillac, suppondo uma primeira linguagem inventada pelos homens, descreven o methodo que elles deverião ter seguido:—1.º começirão pela linguagem de acções e gestos; depois designarão por sons imitativos certos phenomenos da natureza, taes como o retumbar do trovão, o sibilar do vento, etc; 2.º os sons sensiveis passando ás insensiveis, exprimirão, por sons articulados, os objectos segundo sua analogia com as sensiveis; 3.º comparando suas sensações com suas idéas investigarão suas relações; sentirão novas necessidades, e fingirão termos novos para as significar.

João Jacques Rousseau, discutindo essa opinião de Condillac, espantado com as difficuldades que nella se encontrão, declara-se — «convencido da impossibilidade quasi-demonstrada de ter a linguagem nascido e se estabelecido por meros puramente humanos.»

De Bonald sustenta que a invenção da linguagem era impossivel ao homem, suas racoes se fundão na observação e na historia: 1.º a palavra é de alguma maneira o corpo do pensamento. O pensamento se revela ao homem com a expressão e pela expressão, por conseguinte — é necessario que o homem pense a palavra, antes de pronunciar seu pensamento.

Muitos lhe confirmão essa opinião; os surdos-mudos de nascença quando não recebem instrucção alguma, ficão estranhos ao mundo intellectual e moral. 2.º tem-se visto em diferentes epochas alguns individuos completamente isolados da sociedade, que se conservavão em um estado visinho ao do animal, por exemplo, a mulher selvagem, acerca da qual Racine filho nos dá alguns detalhes; o homem achado no seculo passado nas florestas da Lithuania; o selvagem d'Aveyron que vivia no corteco deste seculo, etc. 3.º observando a natureza de alguns selvagens, te achamos communs os

Elle, que na decrepitude, com o polvoso e impavidez de João Banno, que pouco antes havia sido chamado em apelle applicto, porque ousára declarar princípios como os de Demócrito! Elle já não podia como este dirigir a palavra a seus juizes, e não podia de ser executado, exclamando como este exclamou — «talvez esteja vos muito mais do que eu aterrorizados com a sentença que acabou de ler-me, pronunciada em nome de um *Deus de misericordia!*»

Este quadro é por de mais melancolico. Emlemol o como findou essa luta cosmologica em 1737. Um Papa justo e illustrado annullou a impia sentença que um seculo antes havia condemnado a Galileo.

Venceu afinal a intelligencia. O progresso é sempre intrepido e inmorredouro. O Promethen personificado no symbolo mythologico, que o tragico Eschylo tão bem desenhara, é sem duvida o espirito humano contendo em si a intelligencia, esse ser do da foga eterna; e embora perseguido continuamente, soffrendo combates sem treguas, aos embates com a violencia, fulminado em suas ousadas inspirações, bradará sempre — Avante! Mas antes que as innovações se firmem como uma verdade social, o embrutecimento retarda-lhe por mil formas os passos, que em verdade nunca de todo cessão, mas que se tornão por vezes tão lentos como as punições do Destino. Chega, com tudo, um dia, em que a idéa acaba finalmente de subir o ultimo degrão do alcaçar rutilante da violencia. Na Cosmologia, (como em tudo o que é radical), só depois de milhares de sacrificios e holocaustos de athleticos denodados paladinos, pôde enfim o progresso superar os orgalhosos bastiões do estúpido pe lantismo, conspellido pelo espirito das trevas personificado nos pseudo-defensores das prerogativas do Abissimo, prerogativas que, por desconhecidas, erão aliás totalmente desprezadas.

Descrevamos agora os sistemas de Ticho-Brabe e de Copernico.

(Continua.)

A PALAVRA

(Continuação do artigo intitulado a —HOMEM.)

A expressão articulada do pensamento, um dos dotes mais miraculosos com que a Divinda le ornamentou o homem, merece um lugar distincto nesta colleção de artigos.

A palavra, que corta toda a superficie da terra, dá ao homem superioridade tal sobre todos os outros seres, que elles em mudo silencio prostrão-se perante o dominador.

A palavra é o interprete da intelligencia, portanto do genio; todos os melhoramentos, todos os progrez os, todos os conhecimentos humanos, todos os feitos grandiosos que se têm dado no mundo são devidos á palavra!

Ella edifica cidades, lançando por terra as florestas mais cerradas, doma o oceano, tornando-o um laz o de em passeios, uma passagem quotidiana de suas viagens. As reges do mundo, não se poderão subtrahir ao juço

Receberam, porém, a vantagem que os antigos systemas contavam com mais de 22 seculos para a formação do habito de os conceituar fundados, tornava repugnantes as reputadas heresias innovações.

É um facto comprovado com numeroz exemplos, que mesmo alterações de pequeno alcance já mudam e consolidam incolumos de um só facto: e se isso acontece com qualquer persuasão a que o homem se tenha habituado, quantos mais objectos devessem encontrar uma mudança radical, e em tão transcendente objecto como é a composição do Universo. Ainda hoje, si collocar-se se ha a olhos de pessoa menos instruida, e pela primeira vez, a theoria cosmologica, e não a actualmente definida, o leitor que desde o berço só tem ouvido explicações tao diversas e tao mesquinhas, reconhecendo aliás que fica remanescendo a intuitivamente menor, por assim dizer, do que uma molecula d'um átomo, um ponto imperceptivel, infinitesimal fracção d'um átomo na extensa e complexa estrutura da mole incalculavel dos mundos, sua primeira impressão não se ha de ser o torpor do assombro: á qual talvez se não siga logo a convicção de — quanto o novo systema justifica a *immensidade do Creator* — pulverizando a vaidade do atheismo: antes, como é proprio da limitada comprehensão humana, e quando se acha eivada pelos preconceitos que as tradições lhe haõ metido, ao torpor seguir-se-ha a incredulidade, por não poder desprendem-se sem grande esforço do ideal que alimentára, de juizo illuso, que a ignorancia presume possuir em tudo o que o Omnipotente creara no Universo, esteja ou não ao sea alcance. Revolta-se sempre o amor proprio com o rebaixamento de sua natureza, coagido a despir-se dos absurdos com que se enbalava só lisongeiros do egoismo. É por isso que tanto custou a consolidação d'este systema.

Cortija o seculo 16.º quando um novo campeão se apresenta denodado. Nicoláo Copernico anima-se a desenvolver os principios cosmicos de Aristarcho e Cleantho, de Heraclides e Philoláo, etc. Escreve e vulgarisa o seu tratado das — *Revolutões celestes* — com argumentos a sea ver irrespondiveis. Pois bem. Este novo genio nem chegou a tragar o calix que se lhe preparava como aos predecessores sectarios da mesma doutrina. Findou seus dias antes da celebre condemnação por heretica, irrogada á sua obra pela Congregação do Index!

Logo depois estabelece Ticho-Brahe o seu systema mixto, mais filho do terror religioso do que talvez de suas proprias convicções, visto que ja podião exhibir-se melhores provas do de Copernico; mas o novo systema de Ticho-Brahe não prevalece muito tempo.

Apparece bem cedo o novo propugnador pelo de Copernico. Galiléo, astrónomo profundo, já encadado nas leis do movimento, que tornárão immortal esse outro genio do Wirttemberg, e armado de instrumentos opticos aperfeiçoados já então em si, com os calculos provenientes de observações acuradas, sustenta o systema condemnado. Ainda porém não soára a hora da persuasão. O prelado que obtém é o ser arrastado, embora ja decrepito, ao carcere inquisitorial, e ali forçado a supportar não só a dôr pungente de ver condemnar todo o fructo de suas puríssimas luctuações, que lhe havião occasionado a peribacia virtu, mas ainda mais o ludrillo, a abjecção de assignar uma abjuração solenne de sua doutrina, lançando-lhe o estigma d'erronea. Abjuração, que se lhe fez ouvir indispensavel e concedida que irrisão! por merecê, visto que se ella podia subtrahir-se á inquisitorial fogueira!

O YTORORO.

QUINTA

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SEXTOS. QUINZE DE JANEIRO DE 1860. N. 10

APONTAMENTO AOS SEUS LEITORES

—

—

—

—

Voiverão-se sempre os que se empenharem e de envolvem-se a restauração das letras, e então já com o tempo, e o mesmo, começão também a despertar novos apóstolos das idéas modernas. Mostrão ter havido erros de physica nas apreciações da natureza, e da illusão optica; e fazem sentir por meio de reflexões philosophicas, e segundo calculos mathematicos, tudo se regularisava na natureza, e a terra, uma vez que se reconhecesse ser a terra um planeta movel.

Mas não lhes foi possível, por grande espaço, conseguir a persuasão da nova theoria. Alguns Theologos contra a doutrina, julgando-a uma innovação contra a doutrina, o texto da Escriptura — *Terra in aeternum stat* —, e a solidão, e a grandeza garantido a terra nos primeiros systems, e o jus do gozo da liberdade concedido ao homem. Assim, posto que alguns dos mesmos Theologos mais tivessem profundado os raciocinios cosmologicos, julgavam-se pela opinião de sua classe, sempre habilita los a fulminar os estigmas de *heresia* e *impiedade*.

E pasmoso, que durante tantos seculos tenha parecido difficuldade insuperavel o comprehender-se que o homem não deixava de ser a creatura privilegiada, que a fé nunca se abate, e antes no contrario ficavão persistentes os dogmas em toda a Europa, e considerando-se a existencia do ser humano em uma terra, que se julgava immovel, ou movel: ou deixe de ser planeta, ou o seja, e por que razão, e nos diversos casos não encontra a harmonia, que exige a verdade? — *Terra in aeternum stat* —. Certamente o homem não mudaria de opinião, se se supozesse uma so terra no Universo, um sol, 5, 12, 100, 1000, 10000 ou 100000 estrellas, que na 2.^a se vendia a terra, e a terra se vendia a si mesma, e a terra se vendia a si mesma, e a terra se vendia a si mesma, e a terra se vendia a si mesma.

E' raro, e' a' a' termo no... do que
conferme no...

Extempore.

Nas grandes com... os homens
se mostram como elles convem mo-
strar-se: nas pequenas, elles se mos-
trão taes quaes são.

Extempore.

POEMAS.

Desalento.

Deslaga-vos suspiros de minh'alma.
(GARRA II.)

Quando a palmeira cecem
No prado desabrochando,
Com tristeza vai deixando
Su' haste amurchecer:
O que resta á co'rdalilha?
Morrer!

Quando vige a palmeira
Suas palmas de-spregando,
Vae tristinha contemplando
A sua existencia andar:
O que resta á co'rdalilha?
Tombar!

Quando em t'nos suspiros
Vae a brisa murmurando,
Seus amores lamentando
Sem alguem a entender:
O que resta á co'rdalilha?
Gem'er!

Quando em tr'pa melodiosa
O poeta de-billatido,
Nem assim vai abrandando
Be sua bella e ingratalião:
O que resta á co'rdalilha?
Parecer!

O que resta á co'rdalilha?
Que a vida em t'no de co'rdalilha?

Minha amada — oh! nest' amor
Vivendo triste, sem tr...
Só tenho um norte na vida
A dor!...

Sao Paulo — 1959.

Antonio Manoel da Rocha

Sensações.

*Poesia para musica, offerecida ao
Ilm. Sr. R. H. da Rocha Lima.*

Quem póde em manhã de estio
Ver o sol no céo brilhar,
E ouvir os cantos das aves
A meiga aurora saudar,
Sem sentir dentro do peito
Ternas saudades sem par?

Quem póde em tarde risonha
Ver o dia se escoar,
E a brisa em torno das flores
Seus perfumes espalhar,
Sem sentir dentro do peito
Ternas saudades sem par?

Quem pode ouvir alta noite
A luz d'um meigo luar,
Entre o silencio das trevas
Meiga flauta a suspirar,
Sem sentir dentro do peito
Ternas saudades sem par?

E' nessas horas tão bellas
De magia singular,
Que a saudade vem ligeira
Meus suspiros dilatar:
Que a minh'alma em doce arroube
Sabe crer e sabe amar.

Santos — 1859.

Silva Accido

Santos.—Typ. de Marques & Brinco

É o desconhecido que se move, e que, de dez em dez passos, se voltava para ver se o seu mysterio não se descobria acompanhada.

Chegaram ao palacio.

Diante do ministro abriu-se a porta, e abria-se, e dentro de um instante acharam-se na antecâmara da real. Atirou-se o ministro que foi introduzido immediatamente, em quanto o desconhecido entregava ao official das guardas o punhal e as pistolas que traia no cinto.

Cinco minutos depois, o ministro tornou a apparecer: vinha buscar o desconhecido para conduzi-lo a presença de Sua Alteza.

Atravessarão juntos dous ou tres aposentos, encontrarão depois um comprido corredor e no fim d'esse corredor uma porta entre-aberta. O ministro empurrou essa porta: era a do oratorio da regente. A duquesa Isabel aguardava-os n'esse lugar.

(Continua.)

PENSAMENTOS DE DIVERSOS AUTORES

O homem que não ama senão a si, nada aborrece tanto como estar só consigo.

Pouca cousa nos consola, porque pouca cousa nos afflige.

Pascal.

O espirito serve-nos por vezes para fazermos confiadamente asneiras.

A hypocrisia é uma homenagem que o vicio tributa á virtude.

Não a impede tanto de sermos naturaes como o desejo de parecermo-lo.

O verdadeiro meio de sermos enganados, é crermos-nos mais finos do que os outros.

La Rochefoucauld.

A zombaria é muitas vezes indigencia de espirito.

Duas cousas contrarias nos predispõe igualmente, o habito e a novidade.

Em um homem não, não ha de que fazer um grande homem.

Não ha para o homem senão tres successos, nascer, viver e morrer: elle não se sente nascer, soffre em morrer e se esquece de viver.

La Bruyère.

Os que zombão das inclinações sensuais, amão seriamente as bagatellas.

A solidão é para o espirito o que a dieta é para o corpo.

O bom sense é uma qualidade do character ainda mais do que do espirito.

Fauvenargues.

As almas sensiveis tem mais existencias que as outras.

O orgulho induz-nos a praticar tantas baixezas como o interesse.

O povo deve ser o favorito de um rei.

Duclos.

Uma bella acção é aquella que encerra honrade e demanda força para ser praticada.

Montesquieu.

O CASAMENTO SOBRE O CADAFALSO

191

ALEXANDRE DUMAS.

Em um dia do anno de 1491, acesar e nas espumas da cidade de Napoles o seguinte edital:

« Gratificar-se-ha com o valor de quatro mil ducados a quem entregar, morto ou vivo, o justiga de Napoles, chamado Rocco del Pizzo. — Isabel de Aragão, regente. »

Tres dias depois, um homem apresentou em casa do ministro da policia declarando conhecer um nascentello capaz de apoderar-se do individuo que procuravão, mas que em lugar de entrega-lhe a pedir uma graça que só a regente podia conceder-lhe; era pois unicamente a regente que elle queria tratar o negocio.

O ministro respondeu ao nascentello que não incommodaria Sua Alteza por semelhante bagatella, que se tinha promettido quatro mil ducados e não outra coisa; e que se os quatro mil ducados lhe convinhao não lhe restava mais do que entregar Rocco del Pizzo, e os quatro mil ducados ser-lhe-hião contados.

O desconhecido sacudiu desbruscamente a cabeça e retirou-se.

Nessa mesma noite foy commettido um roubo de tamanha audacia, entre Resina e Torre del Greco, que todos affirmarão que só Rocco del Pizzo podia tel-o praticado.

No dia seguinte, ao tomar o conselho, Isabel pediu ao ministro da policia explicações sobre este novo successo. O ministro não teve explicações a dar; d'esta vez como sempre o antigo nascentello havia desaparecido, e era provavel que já estivesse exercendo em alguma parte do reino a sua profissão criminosa.

O ministro lembrou-se então do homem que na vespera se apresentara em sua casa e se lhe offeroella para entregar Rocco del Pizzo; contou á regente todos os pormenores da sua entrevista com esse homem, acrescentando, porém, que como a primeira condicao para que elle fosse de tratar o negocio com Sua Alteza, a quem, em lugar do que se promettido, tinha, dizia elle, uma graça particular a pedir, julgára de sua devida repella semelhante pretensão, principalmente por partir de um desconhecido.

— Fizestes mal, disse a regente, mandando immediatamente procurar esse homem, e se o encontrardes, trazer-me-o.

O ministro inclinou-se e mandou por nessa mesmo dia todos os seus agentes em campo.

Effectivamente, voltando a dar os signaes do desconhecido, recommendando que procurassem desapparecer em qualquer parte onde estivesse, mas que, uma vez descoberto, tivessem para com elle as maiores attenções e que lho trouxessem sem lhe fazerem mal algum.

Passou-se o dia em pesquisas infructuosas.

A' noite um segundo roubo foy commettido no lugar perto de Averso. Este foi acompanhado de circumstancias ainda mais audaciosas do que o da vespera, e entao não restou mais duvida de que Rocco del Pizzo, por motivos de conveniencia particular, se havia approximado da capital.

O ministro da policia commoveo-se ao tomar sinceramente haver repellido o desconhecido tão bruscamente e o nascentello augmentou-se quando por duas vezes no dia seguinte a regente lhe mandou perguntar se elle descobrira alguma coisa relativamente ao individuo que se lhe tinha offerido para entregar Rocco del Pizzo. Infelizmente esse nascentello não pôde passar-se sem que nenhuma informação apparecesse sobre o nascentello revelador.

A' noite, porém, tornou a dar os signaes do desconhecido. Ao amanhecer foi encontrado na estrada de Amalfi um nascentello morto de fome. Estava completamente nu e tinha um punhal cravado no peito.

Justa ou injustamente, o nascentello foy entao attenção toda a esta nova vítima de Rocco del Pizzo.

— « Não me desdiga, depois de me haver visitado... a três horas... quando eu estiver aqui... e perdoem-me... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

— « Não se desdiga, não se desdiga... Parece reflectir... Parece reflectir... »

Continua.



admiração geral. Uma oração deve oppor-se contra todos os generos de progresso, mas principalmente contra o poderio e a glória na arte oratoria. O verdadeiro orador deve ser modesto, em vez de ser um admirador de tudo quanto é grandioso, do que se diz, e de tudo o que merece o applauso universal. A tobia e a vanidade, a dourada e a torção, deve addicionar um sentimento vivo e profano da realidade dos males e dos pezares da humanidade: ter um dia de coração aberto, sempre prompto a abraçar o interesse de outrem contra o seu proprio fôr. É preciso que sua modestia se ligue á justa alliveza e á verdadeira e compunctiva fidel da verdadeiro merito. O orador deve dar o exemplo de continencia em si mesmo, e dar o caminho da verdade e da justiça, a despeito de seu sentimento não é por certo o que contribue menos para produzir o mesmo.

Depois dessas qualificações, o que é mais necessario ao orador é um grande fundo de conhecimentos. Cicero e Quintiliano nol o repetem muitas vezes — *omnibus disciplinis liberalium artium instructus orator*. — Deve elle, portanto, possuir uma educação liberal, e aos conhecimentos philosophicos unir os litterarios. O Advogado deve ser proficiente na legislação. O orador evangelico se deve applicar ao estudo da theologia, da religião pratica, da moral e do coraço humano. O que se assenta no conselho supremo de uma nação, o que se pertence de uma assemblea politica, deve estar versado nos negocios que se costumam tratar nessas corporações. Deve dar-se ao estudo da poezia, e formar seu estylo de bellas imagens e de agradaveis allusões: a historia e a geographia mais util ainda porque offerece-lhe as acções mais gigantes para servir de base á argumentação: o habito do trabalho e da applicação á pratica dos negocios. A inercia d'alma, que nasce da indulencia e da dissipação, deve ser sempre combatida, ao desenvolvimento dos conhecimentos e á applicação dos mesmos.

Os oradores mais celebres de todos os tempos são: Demosthenes, Ischines, Eschine, Elsero, Hortensius, S. Demosthenes, S. Basilio, S. Agostinho, Pedro o Eremita, S. Bernardo, Placido, Placido, Mis Blau, Fléchia, Pitt. Burk, Fox, Canning, Mirabeau, e outros.

Na verdade nada ha de mais interessante do que a eloquencia! — Vejã-se Demosthenes oppoendo-se á tyrannica e lascivante a Philippe, que ameaçava a liberdade da Grécia; o pueril das glórias de Maratho e Salamina; voz, que por sua vez, e com as plangentes intrepidas que forão fulminadas em Cheronéa pela tyrannica Macedonia, que realisava os vaticínios dos prophetas do povo americano, e preparava os milagres do Granico, Issus e Arbella! Cicero, salvando a tyrannica e potente republica do mundo, esmagando a facção de Catilina, e lutando em Pistoria, heroicamente lutando contra a eloquencia! O Orator romano, por meio da palavra absorvendo o globo e levando a com o seu poderio o progresso, a salvagão, aos ultimos confins da terra! O Orator christão, plantando sua religião fanaticca nos desertos da Arabia; e marchando com suas legiões para a conquista dos mais vastos imperios: hordas, que depois de se estabelecerem na tranquillidade de hoje, forão dispersadas em Poitiers, e destruidas pelo exército de Carlos Martel! Pedro o Eremita e S. Bernardo, que se lançaram á frente para os caupes da Palestina, que branquejaram com seu sangue as pedras do Gethsemani e do Calvario, e finalmente puzeram a luz do mundo a respeito da tyrannica e Sepulchral de

Vou agora dar-vos a conhecer a origem do primeto que a eu não se dá ao Tisias e Corax, que se criou no quinto século antes de nossa era, e a cuja escola pertenciam os nomes Gorgias, Aristoteles, a subrepten á rima. Os rhetoricos mais celebres são: Isocrates, Demetrio de Phaltes, Dionysio, e Plutarcho, e os modernos Romanos Cicerro, Seneca, pai e Quintiliano.

O ser um orador verdadeiramente eloquente, é talento mui raro. Não póe que seja mui difficil compor um discurso elegante sobre qualquer assumpto dado, e promettal-o de maneira á agrarlar o auditorio. A eloquencia é o fructo dos moute, e do espirito humano: é a arte de persuadir o homem, de fazel-o obedecer. seu objecto não é somente agradar á imaginação, mas fallar á intelligencia e ao coração: apoderar-se das pessoas á quem se dirige, e deixal-lhes uma impressão viva e profunda. Que talentos naturaes e adparado é necessario reunir para chegar a esse ponto de perfeição! uma imaginação forte, viva, ardente: um coração extremamente sensivel: um juizo sólido: senso atlado: espirito sempre penetrante: todas essas qualidades juntas á sciencia do estylo e da composição, auxiliadas por um exterior agradável, maneiras graciosas, voz sonora e flexivel — eis o orador!

É inutil indagar se a natureza ou arte contribue mais para formar o orador perfeito. Em todos os generos de talentos, a natureza lança os primeiros germens: o estudo e o trabalho os desenvolve. Homero não teve senão á si mesmo por mestre: o trabalho e as lições de seus predecessores fizeram Demosthenes e Cicerro.

Para ser-se agradável, eloquente e persuasivo é necessariamente preciso primeiro que tudo ser-se virtuoso. Era maxima dos antigos — non posse oratorem esse, nisi virum bonum. — É com prazer que se observa a ligação da mais nobre das artes liberaes com a virtude: é facil demonstrar-se não ser esta as origens do declamagão, mas ser fundada na razão e na verdade. Com effeito nada contribue mais para persradir do que a boa opiuião que temos da probidade, da sinceridade, franqueza e das outras qualidades moraes da pessoa que nos falla. Essas virtudes dão ao que ella diz peso e força: ainda mais accrescental-lhe uma verdadeira belleza: nos predispõe á ouvil-a com attenção e ardente, e fazem nascer uma especie de parcialidade secreta á favor de seu enunciado. Se pelo contrario, suspeitamos que quem nos falla usa de artificio, de baixeza, de corrupção, sua eloquencia perde todo o seu effeito. Assim os oradores mais celebres, como Cicerro e Demosthenes, não erão menos estimados por suas virtudes e seu amor á patria, do que por sua eloquencia. Sem duvida foi á suas virtudes que sua eloquencia deveu seus maiores resultados, e seus discursos em que translizem os sentimentos mais virtuosos e generosos tem causado a admiração dos seculos.

Essas virtudes e seus sentimentos, pois, que é preciso cultivar, são: o amor da justiça, da verdade, da franqueza e da probidade, reunidos á uma forte indignação contra a inolenia, a oppressão, a má fé, a baixeza e a corrupção; coragem e grandeza d'anima, o amor da liberdade, da patria e do bem publico; um zel ardente pelas emprezas nobres e uteis: emfim um profundo respeito á tudo o que tem o character do heroismo e da virtude. Na la é menos favoravel á eloquencia do que um espirito frio e sceptico, ou e-se humor amargo que se procura ou que se compraz em tornar ridiculo o que faz a

« a roda de si uma outra vez, e os pontos espigados do firmamento triumphavão sempre »

Embora Cleomedes, nestes dias do combate de aspharado, Epicuristas sobre o nascimento e occaso do sol e das estrellas, exclamando que « essas tremendas lanchas do firmamento ha e um conto de velhas, segundo o qual os Hesperiões de novo virtofas as noites combilio produzido nas agoas do Oceano pelo qual em le cento ao extinguir se »

Embora Séneca, o precepção de Nero, e creve se que « convinha examinar se a terra era situada no centro do mundo, ou se sendo o o eio, ella rodava sobre si propria. Que alguns autores havia dito que a terra nos conduzia consigo, seria que o senti mos, sendo o nosso movimento que occasionava os nascimentos e occasos apparentes dos Astros. Seria, continuava o philosopho, objecto muito digno de nossas contemplações, saber si temos um solo preguoso, ou pelo contrario si elle é dotado de uma excessiva rapidez: si Deos fizer em dar tudo em roda de nós, ou nos faz rodar nós mesmos »

Apezar de tudo, subsistia o principio contrarios, e exigião-se provas, por então impossiveis, para a reforma

Continua.

A ELOQUENCIA.

Continuação da obra de Voltaire — O HOMEM.

Du talent dont sa voix enorgueillit la cendre,
Les hommes rommes se levant pour l'entendre.

DE FONTENES.

Esta miinosa filha de Polymnia, e uma das tres Graças, habitava no Parnasso, no Pindo e Helicon, e se reprega nas agnas argentinas de Castalia e de Hippocrène.

A Eloquencia é a poesia do pensamento, hein como a musica da intelligencia.

Da palavra latina — *eloqui* — falar, e *eloqui*, e *eloqui*, ella é a facultade de dominar o homem pela palavra.

Considerada em suas varias applicações, a eloquencia se divide em judiciaria, politica, religiosa e academica. Segundo os antigos Rhetoricos, ella comprehende tres generos de oratoria: o deliberativo, que aconselha ou dissuade; o judiciario, que defende ou accusa; e o demonstrativo, que louva ou culpa.

Cumpre não confundir a eloquencia com a rhetorica: esta vem da palavra grega — *rhetor* — rhetorica, ou *rhetor*, derivada de — *rheo* — fallar, dizer, é a arte de convencer e de persuadir, e estabelece as regras. A rhetorica não pôde produzir a eloquencia, que é um dom natural; ella apenas ensina a arte e o emprego de tal dom natural.

Não por la centena de annos o sistema de Platon e depois de Ptolemeu deixaram permanceer por muitos seculos. O primeiro porque as tentativas de reforma a que tanto se chegou, como na epocha d'Alexandria, e outra, se haviam proposto alguns systemas transcendentes em diversas epochas até o começo da era vulgar, mas se haviam sido aberturas pelos preconceitos como também cada vez erão meno adtendidos visto que os campeões propugnadores não sendo mais detentores de poder que o poder romano estendeu o cubra de suas legiões por todos os paizes em que florescia então a litteratura propria da epocha, a ponto de attannar o apogeo em sua magnitude.

E o segundo porque alem d'aquelle motivo, não era possivel que desde o estabelecimento d'elle, a cosmologia avancasse mais passo algum: por quanto o progresso tinha entao de desviar-se dessa senda, para marchar por outra de alcance muito mais transcendente. Começava o christianismo a elevar-se gigantesco, cobria tecendo-se com o sangue de seus martyres. Enquanto, pois, sobre as hercumbes de suas victimas, tinha elle de caminhar superando os habitos da idolatria, arraigados pelo decurso d'alguns milhares de seculos, não se podia desviar-se d'essa direcção, para seguir aquell'outra, cujo exito não podia conformar em parallello a aquelle, senão um beneficio muy secundario.

E mais depois de tantos desventuradas!... A historia offerece-nos as ennegrecidas paginas de desolagão em toda a hediondez do quadro! Seculos de horror e tãças, aquelles em que o desmoronamento do colosso Romano legou em parallello a toda a Europa scenas de devastagão taes, que nossa penna se revolta contra o desejo de reprodizil-as, fazendo-nos occorrer que por demais se tem escripto, por demais são conhecidas.

Não devemos, portanto, proseguir ainda, sem mencionar alguns d'esses campeões, genios raros, que já então tinham divergido dos systemas, por haverem conjecturado uma organisação do Universo mais consentanea ás idéas da Physica.

Democrito foi o primeiro, já em tempo de Soerates, que entrevio a possibilidade de ser o centro d'um sol, centro de um mundo planetario. Era um primeiro pensamento, e como tal ainda passou desaperecebido.

Deixou com tudo o gregos, e segundo refere Platarcho, como também o havia feito Archimedes, conjecturou Aristarcho de Samos, no anno 280 antes da era vulgar, a rotação da terra, ensinando ser um planeta movel circulando em volta do sol. Esta opinião custou-lhe nada menos que uma accusação d'impiedade!... Viute annos depois Cleantho d'Assos propoz-se (diz o mesmo Plutarcho) « para explicar os phenomenos dos corpos celestes » pela apparencia que resultava de um movimento que a terra tinha de « translação em torno do sol combinado com outro de rotação d'ella sobre « seu eixo ».

Esta explicação, continua o historiador, era tão nova, de tal modo contrariava as idéas geralmente recebidas e adoptadas, que diversos philosophos propuzeram e dirigiu-se contra Cleantho uma accusação d'impiedade do mesmo modo que se havia praticado contra Aristarcho.

Assim embora também Ephanto o Pythagorico, Philolas de Crotona, Nicetas de Syracena, e outros, sustentassem a opinião de rotação na terra, embora com estes e Heraclytes a eschola d'Alexandria seguisse o principio de ser — « cada um dos mundos existente na immensidade dos céos, tendo

O YTORORÓ.

SEMANAL

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS. DOMINGO 4 DE JANEIRO DE 1860. N. 9

APONTAMENTOS HISTORICO COSMICOS.

I. SÉRIE

III.

Continuação

O systema de Platão consistia em dividir o Universo em duas regiões, inferior e superior, aquella elemental, esta etherea. Na primeira contendo a terra composta de dous elementos — terra e agua — e o espaço até a Lua exclusive, com os outros dous elementos — ar e fogo, — sendo este superior. Seguindo-se a região etherea, era esta dividida em 11 céos, os 8 primeiros comprehendendo os orbes correspondentes, 1.º á Lua, 2.º ao Sol, 3.º a Mercurio, 4.º a Venus, 5.º a Marte, 6.º a Jupiter, 7.º a Saturno e 8.º ás estrellas fixas ou firmamento. O 9.º céu era denominado 1.º mobil, — o 10.º céu crystallino, e finalmente o 11.º o Empyreo. —

Ptolemeu fez a mesma divisão em regiões. Deixou subsistente a elemental, e na etherea apenas transpoz o orbe do sol do 2.º para o 4.º, de maneira que ficou sendo: 1.º o da Lua, 2.º o de Mercurio, 3.º o de Venus, 4.º o do Sol, 5.º o de Marte etc. Tudo o mais como no systema de Platão.

O Egypcio, que Mattiuz Capella pretendeu restaurar, differia igualmente na região etherea somente, conservando a elemental — ou antes havia sido o primeiro que a estabeleceu com os elementos. Os orbes ethereos erão somente 8 — o 1.º da Lua, — o 2.º denominado separação o do Sol, centro dos movimentos de Mercurio e Venus, que como seus satellites o acompanhavão em roda da terra ao mesmo passo que elle, gyrando em volta d'elle. O 3.º orbe vinha a ser o de Marte, o 4.º de Jupiter, o 5.º o de Saturno, o 6.º o Firmamento das estrellas fixas, o 7.º o 1.º mobil, e o 8.º o Empyreo.

D'estes systemas foi o de Ptolemeu o mais generalisado e duradouro, visto que permaneceu 16 seculos, e somente, d'agora em diante, no 18.º — em 1737 foi definitivamente adoptado o systema Copernicano, que radicalmente o reformou.

N.º Ident.

31

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SECAO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal O Itoróró.

Dia

Mês

Ano

Páginas

1860

204 pgs.

Microfilme feito em:

19-7-948

N.º C.

33

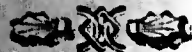
N.º M.

100

Sou a primeira.—1
 Ainda a primeira.—1
 Agora a terceira.—1
 E agora? a primeira.—1

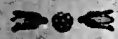
O conceito?
 Eu já o explico:
 Sou bis mulher,
 E n'isto fico.

POR A. DE M.



Stou no reiuo vegetal—1
 Entre seis tambem estou—1
 Com tal nome a humanidade
 Certo tempo appellioa—2

Sou nome de homem,
 Porem nas Folbinhas
 Não has de encontral-o;
 Vê lá se adivinhas.



Perto—1
 Depressa—1
 Sentimento.—1

Em certo santo
 Vai procurar;
 Eu te affianço
 Que has de encontrar.

F. A. COSTA.

— Mas, meu pae, aventurou Magdalena, que julgava até então que M. d'Avrigny gracejava, e que acabava de perceber que elle nunca estivera tão serio; mas, meu pae, ainda hontem....

— Hontem não é hoje, Magdalena, tornou seccamente M. d'Avrigny: obedecer assim ao passado é renunciar ao futuro; na verdade, não sei porque razão renunciaste aos brinquedos e ás bonecas; se não querem reconhecer que com a idade os deveres e as conveniencias mudam eu me encarregarei de fazel-o lembrado.

— Porém, meu bom tutor, tornou Amaury, parece-me que sois bem severo para nós; tratai-nos como muito crianças. Ah! meu Deus, tantas vezes me dissestes que uma das bondades de nosso

Pendo garbosa d'animal valente
 Augmentando-lhe a graça e formosura.—2
 Milão sem mim a vida amargurada
 Passára inda mais triste, inda .. ais dura.—2

Dizei, homem valente e corajoso,
 O que em Roma vos fez republicano?
 Se foi affronta vil que recebestes
 Se horror a monarchia ou ao sob'rano!
 X.

No Vademecum das damas
 Esta letra é a primeira. — 2
 Caminha por uma estrada
 Que não consente poeira— 3

Lida c'o o pobre, c'o rico,
 Com o rei, com o villão,
 E para agradar a todos
 Precisa ter perfeição.

A explicação da charada do n.º antecedente é — **Amorim**.

seculo era os meninos julgarem-se homens.

— Talvez lhe dissesse isto, Sr., mas a respeito d'essa rapaziada de collegio que se occupa da politica, para esses Richelieu de vinte annos, que se fazem homens de estado, para esses poetas que fazem do desencanto uma decima musa. Se nada d'isso é na realidade, conserve-lhe ao menos as apparencias; demais venho para fallar-lhe de cousas graves. Retira-te, Magdalena.

Magdalena sahiu lançando para seu pae um d'esses bellos olhares supplicantes, que outr'ora abrandava sua colera, mas sem dúvida elle lembrou-se por quem esses bellos olhos supplicavam, e conservou-se indifferente e irritado.

Ficando só com Amaury, M. d'Avrigny

Na escolha vacillo, todas
São bellas por excellencia:
Não sei qual rainha d'ellas
Terá minha preferencia!

Todas são encantadoras,
Quasi em perfeições iguaes;
Como hei de escolher a uma,
Si temo offender as mais?...

Si gosto da côr morena,
Si preço negros cabellos,
E captivam-me olhos pardos,
E sempre suspiro vê-los:

A côr rosiclea-jasminea?
Louros fios annelados?
A pallidez, olhos garços
Não rendem peitos gelados?

Mas se tu, ó natureza,
Teus thesouros exaurisses.,
E de todas a belleza
A' uma só conferisses...

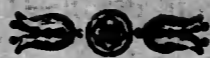
tonieta quem parecia ter-se tornado a favorita de M. d'Avrigny, e que havia herdado de Magdalena o privilegio de tudo dizer-lhe. Demais, M. d'Avrigny elogiava sem cessar Antonieta na presença de Amaury, e mais de uma vez tinha dado a entender que Amaury concordaria com elle abandonando os projectos que elle mesmo outr'ora havia formado sobre seu pupilo e Magdalena, para voltar suas vistas para aquella sobrinha que trouxera para casa, e sobre a qual parecia ter encontrado todo o lado visivel de suas affeições.

Entretanto Amaury e Magdalena, cegos pelo costume não tinham visto n'essas singularidades de M. d'Avrigny mais do que contrariedades momentaneas, e não uma dôr real. Elles tinham pois ficado com sua

Por fim, ó bellas, ó anjos,
Me eximindo do conflito,
A causa de tanto empenho
Em vossas mãos deposito:

Cada uma dê-me um beijo...
A' porfia... os que quizer,
E depois... a preferencia
Tem aquella que *mais der*...

LUIZ DA CUNHA E CRUZ.



CHARADAS.

Por atravez, por meio.—2
Bens moveis ou de raiz.—2
Mulher resabida p'ra o mal:
Em geral toda a actriz.



Atraz sendo eu pôsta,
Adiante indico estar.—1
Adiante a mandatos vou,
Atraz cumpre-me ficar.—2

Em girau me não encontras,
Mergulhada m'has de achar.

convicção, e um dia brincavam como crianças que eram, correndo em redor do bilhar Magdalena para defender uma flôr que Amaury queria tirar-lhe, quando de repente a porta se abriu, e M. d'Avrigny appareceu:

—Muito bem, disse elle, com certa amargura que começava a notar-se em suas palavras, o que significa esta criança? ainda estás nos teus dez annos, Magdalena? E tu, Amaury, ainda estás no tempo dos quinze? Acaso julgam este o tempo em que corriam sobre a relva do castello de Leoville? porque queres tomar essa flôr que Magdalena tem razão em recusar-te? Eu suppunha que só os pastores e pastoras da opera faziam d'esses passos choregraphicos, parece que me enganei.

Que pomposo espectáculo? Que magia,
Que maravilha esta visão promove!
Era o lago um vasto espelho
Cada do céu se miravam
As estrelas que restavam
As vagas nuvens que estavam
Com a cor do arrebol
Agoniando ante o sol,
Que lentamente subia

Por ocultos degraus da serra
Estava o lago quieto; as mansas ondas
Frequentes dormiam nas aréas,
E mal leve marulho resomando,
Des aves as canções ouvir deixavam
Fazendo-lhes compasso primoroso!
Do meu peito era a antithese completa!
No seu leito dormi sem receio
Do genio das tormentas; doces cantos,
Almo sal, tudo tudo o emballava
E mais do que o som de prazer doirava!

Eu, agitado
Desfallecido,
E pelo espirito
E protegido,
O contemplava absorto a Deus rogando
O pouso ao furor de noto infando!
Mas a alta dia, e os convidados,
Que já tinham nos braços do repouso
Laurido as forças que perdido haviam,
Começavam d'erguer-se de seus leitos.
Volvo os olhos do lago em que os fitava
Cada vez mais sedente em admirar-o,

Avrigny. Tudo havia finalmente concorrido para embalar-os na esperança do mesmo porvir, e era o objecto eterno de seus estreitamentos desde que ambos haviam conhecido seus corações; as continuas ausências de M. d'Avrigny, que se via obrigado a votar quasi todo o seu tempo á sua clínica no hospital de que era director, e ao trabalho de que era membro, deixavam-lhe estranhamente pouco o tempo de levantar esses agradáveis castellos no ar, aos quaes a lembrança do passado e a esperança do futuro, davam a apparente solidez de edificios colossaes. Chegou, pois n'esse ponto de sua vida, Magdalena tendo feito seus 17 annos e Amoury 22, quando o humor ordinariamente heando e affavel de M. de Avrigny se alterou. Acreditou-se a princi-

Vejo aquella por quem velára a noite
No meio de outras bellas a aguardar-me,
Vôo a cumprimental-a, e a esquecer-me
Da vigilia, e tormentos que passára.

(CONTINUAR-SE-HA.)



O MEU GOSTO.

Um semblante que escurece
A candidez do jasmim,
Uns olhos pretos, bem pretos,
Que encantos não tem p'ra mim!?

A côr morena me enleva,
E' sympathica, engraçada;
Uns olhos pardos, bem pardos
Tem não sei que, que me agrada!

Gosto de negras madeixas
Que vencem do ebano a côr;
Os olhos garços estimo,
Quando desmaiam de amor....

Louros cabellos ondados
Tem p'ra mim muita magia;
A pallidez n'um semblante
— E' doce melancolia....—

pio que esta mudança de caracter era motivada pela morte de uma irmã que elle muito amava, e que deixára uma filha da idade de Magdalena, sua amiga constante e companheira de seus estudos e divertimentos. Porém os dias e os mezes decorreram, e o tempo longe de desanuiar o semblante de M. d'Avrigny, o entristecia pelo contrario cada vez mais; e por uma singularidade, era quasi sempre sobre Amoury que descarregava esse máu humor, que de tempos a tempos recahia sem que se soubesse como nem porque sobre Magdalena, essa filha adorada por cuja mocidade elle havia espalhado esse thesouro de amor que encerra só o coração de uma mãe; depois por uma singularidade tão estranha como a que havemos dito, era a estouvada e alegre An-

POESIA.

**A SYLPHO
OU
MEU PRIMEIRO AMOR.**

POEMA DE V. B.
(CONTINUAÇÃO DO N.º 8.)

XIII.

O REPOSO DE TODOS, E A VIGILIA DE UM.

Descoberta correu toda a partida,
E deshoras já eram bem subidas
Quando os convivas de folgar cansados
Demandaram repouso em doce leito.

Só o sono não se curva
Quem ama com muito ardor,
E está na sua presença,
O objecto do seu amor.

Todos dormiam, eu velando estava,
O compassado respirar sentindo
Dos felizes dormentes, Minha Sylpho
Também buscou repouso, mas reclusa
Entre quatro tyrannicas paredes
Nem me o calor do ouvido basejava
Com seu touro arquejar, que de fadiga
Sem dúvida arquejava onde dormia!

Amoury, como o dissemos, era um d'esses homens que o capricho da sorte enriqueceu de todos os dotes. A natureza criando-o fel-o bello, elegante e distincto, e seu pai morreu deixando-lhe um antigo nome, que tinha fructo seu lustre monarchico nas guerras do imperio, e uma fortuna de mais de milhão e meio confiada aos cuidados de M. d'Avrigny, um dos medicos mais distinctos da época, e a quem uma antiga amizade ligava a seu pai. Demais tinha visto sua fortuna, habilmente dirigida por seu tutor, augmentar-se quasi de um terço em suas mãos. Mas não obstante ter-se M. de Avrigny occupado cuidadosamente dos interesses pecuniarios de seu pupilo, quiz ainda velar em sua educação como si fôra seu proprio filho. Resultou pois, que Amau-

E eu solerte
Eu não velava
Juncto do leito
Em que ella estava!
Com seu descanso
Não descançei,
E do romance
De seu socêgo
Eu não gozei

Genia, e meus ais solicitando
Uma mensage ao bem que me roubava
Quicá porta bem fragil, mas feixada
Pelas aldravas de pudo, da honra
Que a gazua do anhele abrir não tenta!
Pobre de mim, da minha Sylpho perto
Era mais insoffivel meu supplicio
Do que se eu a chorasse em longe estada!
Meus ais porém perdiam-se no âmbito
Da vasta sala a meu descanso dada....
Irrisão! Descançar quem não se cança?
O amor não fatiga, mata o amante
Sem não lhe as forças abatter com que ama!

XIV.

O LAGO.

De seus purpureos botoens
Desabrocha a madrugada,
E faceira, e namorada
Como a mais donosa fada,
A cor com o céu tingia
Dá do lago a perefria.

ry educado junto de Magdalena, mais velho do que ella 3 ou 4 annos, sentia uma profunda ternura por aquella que o considerava como irmão, e um amor mais que fraternal crescia diurnamente em seu coração por aquella a quem por muito tempo chamára sua irmã.

As duas creanças, desde sua infancia, haviam formado na innocencia de suas almas, e na pureza de seus corações, o bello projecto de nunca se deixarem. O immenso amor que M. d'Avrigny tivera a sua mulher, morta aos vinte e dous annos, concentrou todo em sua unica filha; este amor, pois, e o sentimento quasi paternal que Amoury conhecia ter-lhe inspirado fazia com que os jovens não duvidassem um unico momento do consentimento de M. de

O Amor-Perfeito

Em casa alguma ali já tinha entrada,
Era mesmo dos *sambes* enchotado;
Não comia: vivia n'um cortado
Padecendo de *rafa* desesp'rada.

Vim p'ro Rio; passo como um *nababo*;
E se as minhas fortissimas mazellas
D'este *poêre canastro* derem cabo;

Bem sôbre a minha campa, em honra d'ellas,
De cera dos ouvidos do diabo
« É justo que se acendam duas vellas. »

X***



CHAMOS tão *sublime* o seguinte soneto, que foi distribuído no theatro de S. Pedro d'Alcantara na noite de 2 de dezembro, anniversario natalicio de S. M. I., e por seu autor offerecido ao mesino Augusto Senhor, que não nos podemos furtar á tentação de o reproduzir nas columnas do AMOR PERFEITO. Chamamos a attenção dos vates, para que modelem as suas produções por

libras de renda! Bofé! confesso-te que é preciso ouvil-o de tua bocca para o acreditar.

— E entretanto assim é, meu caro, sim... sim... infeliz... bem infeliz! e parece-me que quando nossos amigos têm desgostos deve-se deixal-os sós com suas dôres. Philippe, tu nunca foste infeliz, pois que não comprehendes isto.

— Quer comprehenda ou não, Amaury, quando me pedes alguma cousa bem sabes que é meu costume satisfazer-te. Queres ficar só, desditoso amigo, adeus, adeus!

— Adeus, disse Amaury, deixando-se cahir em uma cadeira. E como Philippe sabia disse-lhe:

— Philippe, dize a meu criado grave que não estou em casa para ninguem, e que lhe

este chefe d'obra. (A orthographia é do autor.)

C.

SONETO.

Com prazer vejo brilhar hoje o dia
De Dezembro dois no aureo Janeiro,
No Brasil entre todos o primeiro,
Pelos Brasileiros olhado com usania.

A Côte se enche de gloria,
Os canhões annunciam o globo inteiro,
Teu anniversario lisongeiro
De PEDRO O NOME traz a memoria. *

Se Roma na historia um Trajano
Conta factos que abysma o mundo,
O Brasil acha em seu Soberano

Um outro em virtudes tão fecundo;
Entoando sonoras vozes o arcano
Ouve-se bradar — *Viva Pedro Segundo!*

Por J. H. S. P. DA NOBREGA.

* Este verso é allusivo ao saudoso nome do Immortal Senhor D. Pedro 1.^o

(N. DO AUTOR.)

prohibo de aqui entrar sem minha ordem. Não quero ver ninguem.

Philippe fez signal a seu amigo que desempenharia a commissão, e depois afastou-se procurando em vão descobrir que estranha circumstancia poderia ter feito Amaury cahir em tão profundo accesso de misantropia.

Quanto a Amaury desde que ficou só, deixou cahir a cabeça sobre as mãos procurando lembrar-se em que poderia ter merecido a ira de seu tutor; mas nada pôde encontrar em sua memoria, que tão escriptulosamente interrogava, que lhe pudesse dar a explicação d'essa ira inesperada que sobre elle havia descarregado; e entretanto toda a sua vida passada esteve diante d'elle, dia por dia.

...ações perdidas de qual-
quer natureza parcial.

Porém o contemporaneo quiz des-
cobrir a sua influencia atirando-nos uma
rajada que nos abalou: a nossa bi-
biota, a nossa vida — imparcialidade —
logo, a adulação e o servilismo não podem
ver por ella medidos!

Sr. Chronista, sympathisamos tanto com
a sua pessoa que ainda mesmo que nos pe-
disse que escrevêssemos nas columnas
do *Alto Palheiro* não o faziamos, por-
que — não se dá sem um chronista tão
notório, e sem um historiador tão
profundo, e sem actros sem um apreciador
de tão grande arte, os actores sem um pa-
negama, e sem o publico sem annun-
cios com a sua de atrazo. Demais a pen-
sa do *Chronista* nos é tão inoffensiva que
seria cobardice atirarmo-nos com furor á sua
chronica, mesmo porque nenhuma gloria
nos resta em combater um adversario
que se dá a afan mostrar-nos os cal-
culos.

Y.

...o jogo terminado, ha mais de uma hora
que te espero, já começava a impacientar-
me e a irritar-me, o que de certo teria
feito ha muito tempo se não tivesse um
assunto de tanta alta importancia a pe-
dir-te.

— Não vejo Philippe, disse Amaury,
como te estimo, não te enfades pois
peço que te vas dizer: perdeste ao jogo ou
mas que perdeste as duas unicas cousas
que não se podem adiar; precisas pagar
hoje? ou de amanhã? N'estes
dias a tua bolsa e pessoa estão á tua
disposicao.

— Não vejo Philippe, é para uma cousa
tão importante, porém de muito
pouca importancia.

— Não vejo, meu amigo, disse Amaury,

AO VATE DAS DUAS VELLAS.

QUANDO o incomparevel e delicado
Marmoteiro passar da vida presente,
terá quem houver de lhe fazer o fu-
neral, mais de um epitaphio a esco-
lher, porque lhe offerecemos este, e o *Cos-
morama* já lhe fez offerta de outro. Pôde
mesmo o *faceto da Marmota* fazer em vida
a opção; e, como é provavel que ainda ap-
pareçam outros, terá muito onde escolher;
com isto não lhe desejamos a morte, pois
somos christão, e temos força bastante para
aturar mais um *monturo*, no meio de tantos
que ha por aqui por este nosso mundo.

Eis aqui o epitaphio, sem mais aquellas...

SONETO.

« É justo que se acendam duas vellas »

GLOSA.

Na Bahia levei muita pancada,
Por eu não respeitar nem um estado;
Insultava o solteiro, e o casado,
Ultrajava a donzella, e a casada.

...acaba de acontecer-me uma d'estas cousas
que transtornam um homem completamen-
te. Apenas sei onde tenho a cabeça. As-
sim, tudo quanto me disseres serão palavras
perdidas, e apesar da extrema amizade que
te consagro não te poderei prestar attenção
n'este momento.

— Pobre amigo, disse Philippe; mas
posso de minha parte servi-te para algu-
ma cousa?

— Não te peço senão que transfiras para
d'aquí a dois ou tres dias a correspondencia que
vinhas fazer-me; deixa-me só com a minha
dôr!

— Tu infeliz!... Amaury, infeliz quando
tens um dos nomes mais illustres e a mais
bella fortuna de França? Infeliz quando és
conde de Leoville e quando tens cem mil

o Amor-Perfeito.

Montani não podia desempenhar a parte, nessa noite, foi o drama transferido.

Na segunda feira foi dado o papel á Sra. Gabriella, talvez na persuasão de que a parte da Sra. Montani fosse longa; esta para não prolongar por mais tempo a representação de uma peça que já estava encerrada, e em que ella fazia o principal papel, deu parte de prompta na terça feira, e de immediato áquelle em que o papel foi dado á Sra. Gabriella!! E note o col- lega, deu parte de prompta apesar de não estar boa!...

Contado esta circumstancia não valeu para o director do theatro de S. J. S. S. deu o papel a quem muito lhe pareceu: — não lhe contestamos o direito; — o que censuramos foi que assignasse o drama sem ao menos annunciar (ainda que fosse em typo miudo) que o papel ia ser feito por outra actriz!

Para que a obra não ficasse imperfeita Sra. Montani foi n'essa mesma noite, no drama, fazer parte de um quarteto

— Porque não entras tambem, Amaury, Antonieta.

— Porque elle me repelliu, Antonieta!

— Quem?

— M. d'Avrigny, o pae de Magdalena!

— E tomando o chapéu e as luvas, sahiu ao luar louco.

CAPITULO II.

AMAURY entrando em casa, encontrou um dos seus amigos que esperava: era um joven advogado que fora seu collega em Santa Barbara, e depois na escola de direi-

com as Sras. Vellutti, Ricciolini e o Sr. De Vecchy!

O publico comprou bilhete para ir ver a Sra. Jesuina Montani alcançar mais um triumpho, ganhar mais um diamante para engastar na sua já tão brilhante corôa artistica, e não havia de ficar muito satisfeito (como nos aconteceu) de lhe *impingirem* gato por lebre!

O Chronista se reflectisse quando escreveu o seu artigo não dizia o barbarismo — de que o papel não estava nas forças da Sra. Montani. — Diga-nos: O papel de Maria na *Graça de Deus*, de Luiza na *Filha do Cégo*, e o de Maria no *Frey Luiz de Souza*, são por ventura menos fortes do que o de *Suzana*? O collega se não tem a consciencia muito elastica ha de concordar conosco, ue a Sra. Montani não deixou nada a desejar no desempenho d'esses papéis, por conseguinte o de *Suzana* não seria peor desempenhado.

O collega póde dizer o que quizer; a reputação artistica que esta Sra. tem alcançado está muito superior ás intrigas

to, e como elle bacharel. Tinha pouco mais ou menos a mesma idade que Amaury; apesar, porém, de possuir uma fortuna independente, isto é, que rendia vinte mil libras pouco mais ou menos, descendia de uma familia plebéa e sem illustração alguma. Chamava-se Philippe Auvray.

Amaury foi prevenido por seu criado grave d'esta intempestiva visita; a sua primeira idéa foi subir directamente para o seu quarto e deixal-o esperar até aborrecer-se. Porém Philippe, era tão bom moço que Amaury julgou não dever destratal-o assim. Entrou pois, no pequeno gabinete de trabalho onde seu amigo o esperava. Assim que o avistou, Philippe levantou-se e foi ao seu encontro.

— Por Deus, meu caro amigo, disse-lhe

AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AO CHRONISTA DA ROSA BRASILEIRA.

Chronista da Rosa desempenha o mister de escriptor publico maravilhoso! Diz que o papel de *Suzana* não estava nas forças da Sra. *Jessica Montani*, e por isso é que o director lho tirou no dia da sua representação!... O *Chronista* não se lembra que essa maneira de escrever póde muitas vezes ser prejudicial a um actor, e é sempre uma baixa, por qualquer insinuação perfida descreditar um artista seja elle quem fôr?

uma criança, e levou-a para o quarto immediato.

Amaury quiz segui-lo.

— Fica, senhor, disse-lhe retendo-o na porta, fica em tal-o ordeno.

— Mas não! exclamou Amaury com as mãos postas, não vedes que tem necessidade de soccorros!

— Por ventura não sou eu medico, disse M. d'Avrigny.

— Perdão, senhor, balbuciou Amaury, eu supponho, não desejava ausentar-me sem saber....

— Obrigadissimo, meu caro.... obrigadissimo pelo vosso interesse. Porém, ficai tranquillo, Magdalena está comigo e os cuidados de um peo nunca faltam. Por tanto, passai bem, e adeus!

Para não faltarmos á verdade n'aquillo que escrevemos, foi-nos preciso indagar como as cousas se passaram, para darmos ao collega o exemplo do reflectir antes de escrever.

Para domingo 28 de outubro foi annunciado o drama *Dote de Suzana*, desempenhando o papel de protagonista a Sra. *Montani*. No dia antecedente (sabbado de manhã) esta Sra. deu parte de doente, por que na realidade ha muito tempo o estava; entretanto no domingo os jornaes de manhã, e cartazes de tarde, annunciaram ao publico a representação do drama. Como a

— Até outra occasião, disse o mancebo.

— Adeus! repetiu M. d'Avrigny com olhar gelado; e com o pé empurrou a porta que se fechou sobre elle e Magdalena.

— Amaury ficou no mesmo lugar immovel e aniquilado.

Ouviu-se no mesmo instante soar a campainha, e immediatamente entrou Antonietta com mistress Brown.

— Meu Deus! exclamou Antonietta, o que tens, Amaury? como estás tão pallido e desfigurado! Onde está Magdalena?

— Moribunda, moribunda, exclamou Amaury. Ide depressa, mistress Brown, ide vê-la; os vossos soccorros são-lhe muito precisos.

Mistress Brown precipitou-se para o quarto que Amaury lhe indicava.

XII.

O SARAU.

Pelos ares se insinda
Celestia harmonia,
Em cujas azas se libra
Universal alegria;
O aspecto mercencorio
Despe o senho da tristura,
Ninguem parece infeliz,
Todos exhibem ventura.

Quatro lados de pares se completam,
E o genio da dança esvoaçando
Por sobre os dançarinos os ungia
Do athletico balsamo que imprime
Nos meneios genial flexibilidade.
Era com elles, e a meu lado estava
Com todo o alardo de seu porte esvelto
A mais gentil mulher, a gentil Sylpho!
Junto d'ella de mim nem eu curava,
Todos dançavam, a ninguem eu via,
A ella via só... via? que digo?
Absorto a contemplava como um ente
ethereo, vaporoso em movimento
De graça tão subida, que eu cuidava
Estar no Olympo da poesia antiga
Ao lado de Hebe, ou da venusta dea!
Attentos olhos lhe seguiam passos
Que ella fazia com donoso esmero,
E do extase o silencio a victoriava
Como rainha do sarau ruidoso!

sua vida, em quanto que sua vida será uma distração.

Magdalena dirigiu para o moço um longo e doce olhar que queria dizer: vós bem sabeis porque me distraio, não é, Amaury? Antonieta viu esse olhar, e ficou um instante de pé e hesitante, depois em vez de tornar para seu bastidor, foi se assentar ao piano deixando correr os dedos sobre as teclas, tocando de cór uma phantasia de Thalberg.

Magdalena tornou a seu trabalho, e Amaury se assentou junto d'ella.

— Que supplicio, cara Magdalena, disse baixo Amaury, estar agora tão raramente com as mãos livres! E' pois o acaso que dispõe das cousas, ou uma ordem dada por vosso pae?

Acaba-se a final das apresentações,
E da walsa começa-se a ouvir-se
A musica sonora, melodiosa.

Quem pensa de vossa victoria
Na regular contradança,
Nem sempre na bella walsa
Uma igual victoria alcança.
Só a walsa, ó prazer! a minha Sylpho
Volteando extasia, curanta, arrouba;
Seu tão breve pesinho riza apenas
O chão a superficie, e do seu corpo
O garbo requintando, firma a cr'oa
De rainha do baile que lhe deram
Sem competencia de outra que a emulasse.

(CONTINUAR-SE-HA.)

A explicação do logogrypho do n.º antecedente é:— **F**avorito — e a das charadas — 1.º **C**amillo — 2.º **G**uilhote — 3.º **A**rchia-tro — 4.º **C**onvento — 5.º **C**arolina.

No logogrypho sahio a 3.ª quadra inexacta, devendo ler-se:— Ainda a prima, e segunda— A 1.ª charada tambem sahio em alguns exemplares, com falta das ultimas sillab. s, em consequencia de ter-se quebrado a fórma. Pedimos desculpa aos nossos assignantes e leitores.

— Ai de mim! nada sei, meu amigo, respondeu a moça; mas crede que soffro tanto como vós. Quando nós podiamos ver todos os dias e á toda hora, não conheceriamos nossa felicidade; precisamos das trevas para desejarmos a luz.

— Mas não poderieis vós dizer a Antonieta, ou ao menos dar-lhe a entender que ella nos faria um grande serviço afastando de vez em quando esta boa mistress Brown, que fica aqui mais por habito do que por prudencia, que aliás, eu o creio, não recebeu ordem expressa de nos vigiar?

— Tenho tido muitas vezes desejos de fazel-o, Amaury, mas não sei verdadeiramente a que attribuir o sentimento que me retém. No momento em que abro a bocca para fallar de vós a minha prima, a voz

Quando a praia.
Lava os passos,
Lava as plagas
Da basca, e de outra bella
Reina,
Vozes
Torna
Por ella
Perdida,
Tão perdida
Recuperar-a!
Nova carga,
Louco singra
Vasta.
Soprava,
Levemente
Se agitavam
Brando somno
Que adormece
Que deitou-se!
Perturbava
Que namoram
A magestade;
Pão de Assucar
Não se divisava,
Col de neblina
O agasalhava.
Os panoramas
Fugiam
De saudades suas.
Grito seu tentame!

Amoury, respondeu
Ainda que quizesseis
Modo não o poderieis,
Perde em seis semanas
Mas, dai bom dia a

Amoury, sorrindo-se, a mão

Anto-
pedir perdão de mi-
a quem irreflectidamente
Ovi o grito de Magdale-

para a governante.
Brown, disse, recebei meus

com tristeza, aper-
pois pensou com-

Juntos das bellas
Esses vãos
A louças
Seus olhos dando
Para n' a tudo é bello
Vae correndo e

que já deiza
Villegaignon,
Para a gloria
Aprôa o Gravata,
Do escalvado
Da Virgem
El-o arfando
Do apostolo
Por bardo
Em versos de harmonia

encantadora!
As sumidades das serras
Dos vapores
Verde escuras,
Ainda da
Já enchugam
N'um sol de
E do primevo
Apenas alguns
De varias
Chamelotam
Das pedregotas
Do lago, espelho

das drias.
Entrados do
Abicamos no
Em doce
Em salão
Que, para as

contemplar, se abalroava.
sigo mesmo, que
um grito igual
Amoury o não
Brown, nada
havia visto, mas
superficie das

cousas.
— Não vos desculpeis, Sr. conde, disse
ella, pelo contrario, seria bom que
fizessem muitas vezes o que acabais
de fazer, ainda que não fosse senão
para curar esta bella menina de
seus loucos terrores, e continuos
sobresaltos. Sabeis do que provém
isso? de suas distrações. Ella
imaginou um mundo, no qual se
recolhe logo que cessam de a
entreter no mundo real. Que se
passa n'este mundo? Não o sei,
porém o que sei é que se isto
continua, ella acabará por abandonar
um pelo outro, e então serão as

mente por materias volcanicas, ter-
ras queimadas, que são conduzidas,
pelo dos ventos, a mul grande dis-
tancia, sem-se visto cahir as cinzas do ve-
to nas costas d'Africa. A quantidade
das materias, a maneira por que se es-
pallam pelos campos, quasi sempre mui
diferente de sua origem, e os desastres que,
muitas vezes, tem occasionado, dão causa
a collocadas na orden das chu-
vas mais terriveis.

Entre todas as chuvas maravi-
lhosas, a de sangue a mais assustadora; e
quanto a sua existencia é chimerica.
Nunca houve, em tempo algum, verdadeira
chuva de sangue; e todas aquellas que têm
sido chamadas rubras, ou approximando-se á
cor do sangue, não são tintas por terras, poeiras
ou cinzas, ou materias similhantes, con-
duzidas pelos ventos á athmosphera, onde
se misturam com a agua que cahe das nu-
vens.

Muitas vezes ainda, este phenomeno,
em apparencia tão extraordinario, tem sido
occasionado por myriadas de pequenos in-
sectos alados, que derramam gotas de um

liquor vermelho sobre os logares por onde
passam.

Nossos antepassados, que, pela maior
parte, eram muito instruidos, viam n'estes
phenomenos, como em todos os mais que
não comprehendiam, os signaes precursor-
es da colera Divina; como se Deus, tão
grande como é, quizesse enfurecer-se con-
tra o homem, mesquinho este, tão fraco,
e sempre acurvado sob o peso de mil ne-
cessidade, e afflicções!

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTERIOR.)

XI.

A VIAGEM.

Duvidoso clarão mal assomava
De matinal crepuse'lo, quando presto

as cintas, e a outra animava com vivas cores
as tulipas e os cravos.

Depois de um ou dois minutos de muda
contemplação, Amaury empurrou a porta.
Ao ruido que elle fez as duas moças se vol-
taram, e soltaram um pequeno grito, como
fariam duas gazellas surprehendidas; só-
mente um vivo mas fugitivo rubor corou
a loura, em quanto que sua companheira
empallideceu imperceptivelmente.

— Bem vejo que fiz mal em não me an-
nunciar, disse o moço adiantando-se viva-
mente para a moça loura, sem se occupar
de sua amiga; pois vos assustei, Magdale-
na. Perdoai-me, creio-me sempre o filho
adoptivo de M. d'Avrigny, e pórtome
n'esta casa como se ainda tivesse o direito
de ser um de seus commensaes.

reunio na cidade de Palmeira para
contar as alegres fabulas de Decameron.
Quando era vida e saude; o espirito que
saía da sabir por sua bocca, brilhava em
sua face; sua tristeza, pois não ha physio-
nomia alegre que de tempos a tempos
annuvie, sua tristeza não podia
fugazmente encobrir a expressão ha-
bitualmente risonha do semblante. Atra-
vés da sua melancolia se divisava seu
coração como em nuvem de estio se sente

eram as duas moças que como o
dito, assentadas uma defronte da
outra e inclinadas sobre o mesmo bastidor,
parecer com suas agulhas um ra-
io de sol sobre flores, no qual sempre fieis a seu
trabalho, uma bordára o lis e pallidas ja-

sen papel... do que todos os outros. O... se deprehe de do seu artigo... quanto á Sra. Vellutti, por isso... mais que póde: quanto a nós... o merecimento a quem o mere... em que a Sra. Vellutti nos... na Suzana e no Trapeiro gustamos...

O... Sr. Pedro Joaquim em... ficamos admirados! De duas... collega nunca o viu representar... sua tolerancia passa os limites... — lembre-se que os... vez de fazerem com que... dos immensos defeitos que... farão mais que augmentar...

não ha muito tempo que eram... attribuidas aos horriveis maleficios dos feiticeiros. Não é entretanto difficil de comprehender qual a sua verdadeira causa; e por isso aqui damos um pequeno e fraco esboço, consciõs de que havemos de agradar aos nossos leitores.

E' sabido que as rãs, e os sapos depositam seus germen, em grande abundancia nos logares paludozos, e, com especialidade nas aguas estagnadas. Se, por acaso, estes germen são arrebatados pelos vapores, que constantemente a terra exhala, ficam expostos por muito tempo aos raios do sol, que os desenvolve, e faz nascer os reptis, que vemos cahir com a chuva, principalmente depois de uma grande sêca.

As chuvas de fogo não são outra cousa mais do que a successão mui rapida dos relampagos, e dos trovões, no meio de uma desabrida tempestade.

Sábios houveram, que não trepidaram em avançar que as chuvas de pedra provinham da lua; e esta leviana opiniaõ veiu ainda engrossar a massa enorme dos erros populares! Estas chuvas são causadas or-

nos vapores, que o vento do norte enrola por cima das montanhas aridas da Escocia, ou nubladas planicies da Grã-Bretanha; era uma d'essas visões semi-humanas, e encantadas, como só teve Shakspeare, e que a força de genio e trabalho chegou a passar de phantastico, á realidade; deliciosas creações que ninguem havia advinhado antes de seu nascimento, nem alcançado depois de sua morte, e que elle baptizou com doces nomes de Cerdetis, d'Ophelia, ou de Miranda.

A outra, pelo contrario, de cabellos negros e entrançados, cuja dupla madeira moldurava o rosto corado, de olhos brilhantes de purpureos labios, de movimentos vivos e decididos parecia uma d'essas moças de tez dourada pelo sol da Italia, que

VERIEDADE.

CHUVAS MARAVILHOSAS.

O... colloca as chuvas de sapos, e... em o numero dos phenomenos... mais espantosos; e ainda

... no mesmo bastidor, em quanto no vão de uma janella, uma velha governante... em vez de ler, observava suas... Nunca a pintura, essa rainha... produziu grupo mais encantador... que formava as duas cabeças... tocando-se, tão perfeitamente... de aspecto e de caracter... d'ella d'eria dizer que o mesmo Raphael... proximava uma da outra, para... estudo de dous typos igualmente graciosos, ainda que contrastando um com outro.

Com effeito, uma d'ellas era loura e pallida... cabellos annellados á ingleza... azues, de pescoço um tanto comprido, parecia uma debil e transparente virgem oceanica, feita para deslizar-se

4 O Amor-Perfeito.

papel, e a Sra. Gabriella menos que nenhum. Não sabemos se é habito que esta senhora adoptou; pois o mesmo succedeu na ultima representação da *Moreninha*, em que ella era a protagonista. O *Chronista* da *Rosa* sem duvida é apaixonado do sentimentalismo; a Sra. Gabriella com as suas contínuas choradeiras internece o seu coração e eis o motivo por que elle achou que esta Sra. comprehendeu o pensamento dos autores do drama!

Se a nossa oppinião não fosse outra, havia de ser a do amavel *Chronista*.

O collega ficou admirado, diz, de ver o papel de *Suzana* desempenhado pela Sra. Gabriella, tendo sido annunciado nos jornaes e cartazes que ia ser feito pela Sra. Jesuina Montani!; e com tudo o collega nem uma palavra escreve sobre este insulto feito ao publico e a actriz! á actriz, por lhe tirarem a parte no mesmo dia em que o drama foi annunciado que devia ir á scena; e ao publico, por lhe terem annunciado a Sra. Montani, e apresentarem a Sra. Gabriella!

O collega se fosse imparcial devia stigma-

a hora o nosso heroe não pôde por mais tempo conter-se e despedindo-se de seus dous amigos pôz seu cavallo a galope, e sem parar nem mudar de andadura até á extremidade da rua Angoulême, que dá nos Campos-Elyseos. Aqui parou, consultou seu relógio, e vendo que marcava uma hora apeouse, atirou as redeas a seu pagem e encaminhou-se para a casa, diante da qual havia elle parado de manhã, e bateu.

Se Amaury tivesse experimentado algum receio, deveria este parecer bizarro, porque aos sorrisos successivos que á sua vista appareciam nos labios dos criados, desde o guarda portão, que lhe abriu a porta da grade, até o criado grave que occupava o vestibulo, podia ver-se que o moço era familiar da casa. Assim que o visitador per-

tizar esta injustiça do director: entretanto desculpamol-o por não fazer. Nós podemos fallar francamente, porque compramos o passaporte de entrada ao bilheteiro; e o collega talvez tenha entrada franca: por consequencia tem obrigação de baratear elogios, embora a sua consciencia lhe repugne representar semelhante papel.

O *Chronista* responder-nos-ha que o papel era forte de mais para as forças da Sra. Montani. Oh! pois só depois d'essa Sra. o ter estudado, ensaiado, e já estar annunciada a sua representação, é que viram que ella o não podia desempenhar? Pois a leitura que do drama haviam de fazer, antes da distribuição das partes, não era sufficiente para verem se ella podia ou não fazer o papel? Para que lh'o deram então, e para que lh'o tiraram depois?!...

São mysterios de bastidores que talvez o collega nos possa revelar.

O amavel *Chronista* embirrou com a Sra. Vellutti, ou antes com as suas desafinações de voz e esquisito vestuario; com tudo ousamos affirmar que esta Sra. vinha perfeitamente caracterizada, e desempenhou o

guntou se M. d'Avrigny estava em casa, o criado respondeu-lhe como a quem pôde ir além de certas conveniencias sociaes:

— Não, Sr. conde; mas as senhoras estão no pequeno salão.

Depois como ia elle adiantar-se para annunciá-lo, este fez-lhe signal de que esta formalidade era inutil. Amaury, como quem conhecia o lugar, encaminhou-se por um pequeno corredor, sobre o qual se abriam todas as portas particulares, e em um instante chegou á porta do pequeno salão, que não obstante estar entre-aberta, consentiu que seu olhar penetrasse livremente até o interior.

Elle parou um momento na soleira.

Duas moças de 18 a 19 annos estavam assentadas quasi defronte uma da outra,

mosina do *Artista*, e de seus correspondentes o continuo pregão de que—*não se vendem, e nem se escreve por dinheiro!*— As illações de suas palavras, tirem-nas quem quizer....

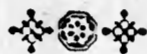
Desgraça das desgraças, como são recompensados os serviços d'um mal-aventurado! Em vão se esforça o eloquente gamenho por agradar á *castissima vestal*; depõe a corneta com que apregoa o seu *merito artistico*, pulsa a bandurra e gagueja canção *dulcissima* exaltando-lhe as graças e.... vai.... senão quando.... é raptada a infiel Helena pelo feliz Paris, e o babão de Meneláo fica olhando ao signal!... ah!... ab!... ah!... entende Sr. C. J.? Veiu-nos á ideia uma reflexão quando estavamos a ler o artigo do Sr. C. J.— Fil-a: Se o diabo inspirasse ao autor da *Pedreira* a ideia de escrever em prosa não poderia achar melhor modello do que o Sr. C. J.; a differença no estillo não havia de ser grande: o do primeiro causar-nos-hia somno, o do segundo *chloroformisa-nos!*

Finalizamos dizendo que no apontado de rodilhas, e aranzel de sandices que o

verdura a que tão impropriamente chamam casas; chegado a esse lugar o cavallo parou como obedecendo a um antigo costume; porém o moço depois de ter lançado um extenso olhar para as duas janellas, cujas cortinas hermeticamente serradas impediam qualquer indiscreta investigação, continuou seu caminho não sem voltar para traz muitas vezes a cabeça, não sem certificar-se em seu relógio se ainda não era a hora em que sem duvida deviam-lhe ser abertas as portas desse hotel.

Desde então tratava-se visivelmente para nosso joven de matar o tempo; apeou-se logo em casa de Lepage, aonde entreteve-se em destruir algumas bonecas, passou a ovos e de ovos ás moscas. Todo o exercicio de destreza desperta o amor proprio.

nosso caturra vasou no *Artista*, envolveu o AMOR-PERFEITO, parece-nosque o comunicante deu mais uma patada: os nossos artigos são communicados e nada temos com a redacção d'esta folha; d'est'arte consideramos o *Artista* com relação ao Sr. C. J.— São campos neutros convém respeitar— isto é simples e accessivel aos mais rombudos cascos; deveria pois tel-o comprehendido o contemporaneo, salvo se elle é fatalista e vê no AMOR-PERFEITO o fantasma de Bruto! Y.



AO CHRONISTA

DA

ROSA BRAZILEIRA.

O *Chronista da Rosa* engana-se, quando nos suppõe injustos para com os actores que representaram no *Dote de Suzana*. Vimos a primeira representação d'este drama, e se o collega a viu tambem ha de concordar connosco, que nenhum dos actores (note bem) nenhum sabia o seu

Ora, ainda que o nosso heróe não tivesse por espectadores mais que rapazes, como era destro e elles nada tivessem que fazer, ficaram ali grupados para vel-o, n'este exercicio elle empregou quasi tres quartos de hora, depois do que tornou a montar a cavallo tomou a trote o caminho do bosque e alguns minutos depois achou-se na alameda de Madrid. Aqui encontrou um de seus amigos com quem conversou a respeito das proximas corridas de Chaatilly, tomou-lhe mais meia hora. Por fim um terceiro passeador que encontrou á porta de S. James, que tinha chegado do Oriente havia tres dias, fallou com tanto interesse da vida interior que passava em Caire e em Constantinopla que uma hora passou ainda sem muita impaciencia. Mas decorrida

que nos quer reduzir a *cinzas cadavericas*? Será algum capitão mata moiros descendente da *padeira* d'Aljubarrota por liuha recta? Será algum poeta d'agua doce que meça os seus versos com uma tira de borrachia? Será.... será.... e que nos importa quem seja,

« Se Gallego, Judeu, Algarve, ou Moiro? »

Que temos nós com o enigma animal se deciframos o pedante, o charlatão semsaborico, miseravel artista d'absurdos que moldou uma agulha, e fundiu uma bola?

Dizei-nos *cavalleiro andante* das princezas do palco, conheceis por ventura os primeiros rudimentos da Arte Dramatica para decidir ácerca d'ella com emphase dogmatica? pois—

Quem da cachola vã t'inflamma o gaz?

Miserias das miserias! E ousaes dizer que copiamos as vossas ideias! As vossas ideias?! A' fé! que se as columnas do AMOR-PERFEITO fossem de mais larga dimensão copiavamos o vosso artigo para dar aos seus leitores um narcotico que lhe cerrace as palpebras, nas suas horas de insomnia!

dava um caracter de particular distincção. Tambem este moço, ultima vergonhea de uma das mais antigas familias da monarchia sustentava um d'estes velhos nomes que se vão extinguindo de dia em dia, e que cedo só se encontrarão na historia: chamava-se Amaury de Leoville.

Agora se das investigações exteriores passamos a interior, e do aspecto physico ao sentimento moral, das apparencias á realidade veremos que a serenidade d'esse semblante está em harmonia com a situação do coração de que é o espelho. O sorriso que de vez em quando pairava em seus labios respondendo ao pensamento de sua alma, é o do homem feliz. Sigamos pois este homem tão largamente dotado, que recebeu a uma nascimento e fortuna, mo-

Em que parte do nosso artigo vistes que achassemos na Sra. Adelaide Christina merito artistico? Enganae-vos, Sr. C. J., nós não cahiriamos em dizer semelhante cousa,— seria uma barbaridade!

Póde ser que essa Sra. ainda venha a ter esse merito que vós, Sr. C. J., lhe quereis dar; que estude primeiro e então lá para 1870 fallaremos (se lá chegarmos.)

A final o Sr. C. J. não defende a Sra. Adelaide dos defeitos que lhe notamos no nosso artigo inserto no n. 6 d'este periodico; limita-se sómente a chamar-nos seis vezes *saborosissimo* em grifo! ao menos valhamos isso! Quanto a nós continuaremos a chamar-lhe SEMSABOR; mas desta vez será em versaletes.

Em todo o aranzel do Sr. C. J. só ha uma cousa em que acertou;— foi em dizer que julgamos ter achado a quadratura do circulo:— é um facto! custou-nos mas descobrimos um *quadrado*!...

Acreditamos piamente que o Sr. C. J. não escreve por dinheiro, por que felizmente já lá vae o tempo em que se vendiam parvoices!!— Entretanto, parece ser

cidade e distincção, belleza e felicidade, por que é o heroe da nossa historia.

Depois de ter sahido de sua casa, posto seu cavallo a trote curto, depois de ter, caminhando sempre ao mesmo passo, alcançado o boulevard, ganhado a Magdalena, seguido pelo arrabalde S. Honorato chegou á rua de Angouleme. Alí um encurtar de redeas deu a seu cavallo andar mais vagaroso, e seus olhos que até então vagaram indifferentes começaram a fixar-se sobre um ponto da rua em que entrou. Esse ponto era um encantador hotel situado entre um pateo guarnecido de flôres, fechado por uma grade, e por um d'esses vastos jardins que nosso industrioso Paris vê de dia em dia desaparecer para dar logar a essas massas de pedras sem ar, sem espaço e sem

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR PERFEITO.

COM este n.º finalisa o praso das assignaturas d'este periodico, e por isso rogamos aos Srs. assignantes que hajam de mandar renovar-as, n'esta typographia, para, d'este modo, não haver demora na entrega da folha. Aquelles Srs., porém, que não quizerem continuar, terão a bondade de o prevenir aos entregadores, ou n'este estabelecimento.

Augusto assentou-se, uns tossiram, outros moveram as cadeiras, encostaram-se nos divans, e logo que houve silencio o moço leu o que se segue :

CAPITULO I.

EM principio de maio de 1838, quando acabavam de soar 10 horas da manhã, o portão de um pequeno hotel da rua dos Malhurinos se abriu e deu passagem a um moço, montado em um soberbo cavallo alazão, enjas pernas finas e pescoco um tanto alongado desmentiam a origem ingleza; atraz d'elle e pelo mesmo portão sahio em devida distancia um criado vestido de preto, montado como elle em um cavallo de raça, mas

AO SR. C. J. DO "ARTISTA."

UMA cousas que parecem lousas! Pisaram no rabo do communicante do *Artista* C. J. e este senhor deu um salto, mostrou as orelhas, arreganhou os dentes, e enterrou as unhas com raiva felina!

Mal pensamos nós quando rabiscamos o nosso artigo que por tal arrojo seriamos condemnados a barão e pregão!! Santo breve da Marca! Tão furibunda sauha tirou-nos o somno, e dêmos tratos á imaginação, querendo encarnar as iniicias que nos fulminam!

Quem será pois o lobis-homem litterario

que á vista de um experiente devia reconhecer o menos fogo do que o primeiro.

Este cavalleiro, que não tinha necessidade de se mostrar, para ser logo collocado n'essa classe de individuos, aos quaes a imitação dos nossos visinhos de além mar, a lingua do mundo deu o titulo de leões, era um moço de 23 a 24 annos, de presença tão distincta e ao mesmo tempo tão affectada, que denunciava n'elle esses costumes aristocraticos, e que nenhuma educação pôde crear onde não existe naturalmente. E' justo dizer tambem que sua phisionomia correspondia admiravelmente a esse porte, que teria sido difficil o imaginar, cousa mais elegante e mais delicada do que esse rosto moldurado por cabellos e negras suissas, ao qual uma pallidez juvenil

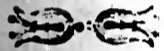
De pedra ou de ferro,
Em moinho regular,
Debaixo do eixo
Se ha de encontrar.—2
A ti me dirijo,
Vou contigo falar.—1

Desfruta da terra
Que não semeiou,
Que p'ra seu beneficio
Nada empregou.

E' um meia cara
Qu'em casas alheias,
Desfruta jantares,
Almoços e ceias.

E' folgazão,
Enganador,
Aventureiro,
Defraudador.

Por A. DE M.



Principio, primasia,
Origem, preeminencia,—2
Infausto, aziago dia.—2
Medico por excellencia,
Antes da homoeopathia.

Por A. DE M.

aconteceu a M.; não me recorde mais de seu nome; vós sabeis que veio elle a ser conselheiro de estado. Puz-me então a classificar os dois jornaes e a numeral-os, conforme o logar que deviam occupar, para que a narração tivesse um sentido; depois risquei os nomes proprios para substituil-os por outros; em fim fallei na terceira pessoa, em logar de os deixar fallar na primeira, e n'uma bella manhã, sem que o presentisse, me achei á frente de dois volumes...

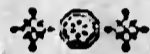
— Que não mandaste imprimir, talvez por que algumas das personagens ainda vive?

— Por Deus que não, não é esta a razão: das duas principaes personagens, uma é morta ha 18 mezes, e a outra deixou Paris

A primeira com a terceira
E' dinheiro, e avultado;
A segunda com a terceira
E' o ar quando agitado.

Todas tres são asylo mui profundo
De quem não quer viver cá n'este mundo.

Por UMA JOVEN.



Sou da morte percursor—2
Bello nome de mulher,—2
Toda paixão, toda amor
A quem ella o peito der
Póde crêr-se tão ditoso
Como o maior fortunoso.

A explicação das charadas do n.º antecedente é : — 1.ª **Solio** — 2.ª **Lealdade** — 3.ª **Habilidade** — e 4.ª **Sabatina**.

ha 15 dias. Ora, vós sois muitissimo occupados e esquecidos, para reconhecerdes um morto e um ausente, por mais semelhantes que sejam seus retratos. E' pois outro motivo quem me reteve.

— E qual é?

— Caluda! não digais isto nem a Lammennais, nem a Beranger, nem a Alfred de Vigny, nem a Soulié, nem a Belzac, nem a Deschamp, nem a S^{te} Beuve, nem a Dumas; mas eu tenho promessa d'uma das primeiras cadeiras vagas da academia se continuo a nada dizer. E pois só quando o houver recebido fallarei livremente. Augusto, meu amigo, continuou o conde de M***, dirigindo-se ao moço, que acabava de entrar com o manuscrito: assentai-vos e lêde, nós vos escutamos.

A minha terceira só
Se a vejo em Nize adorada,
E' prova de que sua alma
Não existe amargurada.

A terceira co'a primeira
E' jogo particular;
Mas a policia *atrevida*
Não o deixa prosperar.

A quarta com a terceira
Acharás em Alb'oi:
Fórma rixas, gasta *libras*,
Porque o *petisco* é bom.

A terceira com a quarta
Verás na religião;
Tambem na Maçoneria
Bem certo me encontrarão.

Tens aqui as partes minhas,
Decifra agora o meu todo;
Que por certo está bem facil
Penso eu, cá a meu modo.

elle escrevia, não sobre a vida de outros, devo dizer-vos, mas sobre a sua propria. Era um medico. Tambem vos peço perdão por que essas memorias não são mais que uma autopsia moral. Oh! não vos assusteis, Senhoras, autopsia moral, autopsia, não feita com excalpelo, mas com a penna; uma d'estas autopsias de coração, ás quaes gostais tanto de assistir. Outro escripto, que não é de seu punho, estava junto ás suas lembranças, como a biographia de Kressler, as meditações de Murr. Eu reconheci essa letra, era de um moço que muitas vezes encontrei em sua casa, e de quem era tutor. Estes dois manuscritos, que separados não faziam mais que uma historia inintelligivel, completavam-se um ao outro; eu os li e achei a historia muito.... como o

Ao rei, ao principe, ao grande,
Hei meu serviço votado:
Se d'elles sou tão querido,
Por outros sou mal olhado.

F. A. COSTA.



CHARADAS.

Brilham as letras lá na culta Europa
Das artes a ascendencia é portentosa!
Mas onde a natureza é mais brilhante,
Mais ingente, mais bella, mais formosa?—1

Um toiro sobre os hombros sustentando,
C'uma punhada a vida lhe arrancava!
E logo com feroz voracidade
Ali mesmo no circo o devorava!

Villeza! a paz comprada a pezo d'ouro!
Com a espada de Brenno na balança!
Embora a ingrata patria me banisse
Da infamia a liberta a minha lança.

X.

direi? muito humana. Tomei por ella um grande interesse; e como, em minha qualidade de sceptico (vós sabeis que é a reputação que tenho, felizes aquelles que têm uma reputação qualquer), eu não tomo grande interesse em tudo, pensei que se esta narração, que me tocou o coração, (perdão, doutor, se me sirvo d'esta expressão, eu sei que n'este sentido o coração não existe, porém é necessario servir-me das locuções usadas, sem isso tornamo-nos inintelligiveis) eu pensei pois, que se esta narração me tocava o coração a mim sceptico, poderia facilmente produzir o mesmo effeito em meus contemporaneos, pois é preciso dizer-vos, uma pequena vaidade me lisonjeou, era de render, escrevendo, minha reputação de homem de espirito, como

mediações de Terracina encontraram uma tarde alguns bispos, que apalparam cuidadosamente com o chapéu na mão, e a quem tomaram tudo quanto acharam; mas depois de lhe terem roubado até as franjas dos cintos, pediram-lhe de joelhos a absolvição, e a benção episcopal; os bispos comoveram-se com esta pia súplica, e os ladrões os deixaram passar, depois de lhes beijarem as mãos. Parece-nos que este facto caracteriza bem o salteador italiano.



A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

VI.

A SYLPHO.

Era assim minha vida, eram meus dias
 Todos iguaes monotonos vividos.
 A' hora do repouso ia lançar-me
 Entre os braços do somno que dormia
 Mal por elle chamava pressuroso;
 A' hora de accordar, eu despertava
 Alheio de prazeres, e alegrias.
 Indifferente a tudo, tudo via
 Pelos olhos de espirito tranquillo!
 Mas quando menos
 Eu esperava,
 Quando de amor
 Eu nem curava,
 Vejo uma bella,
 Um ideal
 De formosura
 Original.
 Morena de um moreno avelludado,
 Com olhos de fulgor ameno, e puro,
 E mais doce, e mais brando que a fulgencia
 De dous astros em céu de estiva noite;
 Rindo-se como um anjo se sorrira,
 Desprendendo dos labios um perfume
 Subtil como o perfume que diffunde

A rosa que commeça a desdobrar-se!
 Garbosa como a nuvem rarefeita
 Por suspiros de aragem matutina
 Gemendo ao retirar da argentea phebe,
 Comada por cabellos negros, bellos
 Como seus olhos só, e tão franzinos
 Como os fios de orvalho de uma noite
 Escura mas de horror não affeiada!

Eu a vi, e pelos poros
 Um fogo se me coou,
 Occulto incendio em meu peito
 Estragos rumorejou:

Perplexo, fascinado, louco, mudo
 A contemplei; absorto era o mendigo
 Que exausto de esmolar sem ter esmolas
 Depara c'um thesouro immensuravel!

VII.

MEU CAPTIVEIRO.

Eu não amava.... amor!... não o sentis,
 Senti-o, de roldão outro senti-me!
 Esse immenso diamante que, incrustado
 No alto de montanha inaccessible
 Dardejava torrente de fulgores,
 Baldando hardido esforço em conquistal-o,
 Affeito o conquistei, fui arrancal-o
 Subindo em aereostate d'esp'ranças.
 Amo, amo, oh meu Deus! e quanto, e quanto
 Mais vejo a causa d'este amor immenso
 Mais amo, mais padêço, mais espero.
 Fui livre, e a liberdade me pesava
 Como um fardo de insolito gravame
 Da indiff'rença em transumpto me tornando;
 Stou prêso pelos olhos de uma bella,
 Por seus risos geniaes, por seus agrados;
 E, beijando os grilhões que ella lançou-me,
 Ella faz-me reinar no captiveiro;
 Permuta meus suspiros por suspiros,
 Meus ais sentidos por seus ais de amante,
 Dá-me olhares de languidez de morte
 Que um balsamo de vida em mim derramam,
 E de sem par ternura m'ennebriam.

VIII.

O FUTURO.

Como era fallivel, insensata
 Minha crença de nunca ser ferido
 Por amante paixão profundamente!
 Via olhos moverem-se profusos
 Em lanços de ternura ameigadora,
 Via rostos aonde mil primores
 De graças se esbatiam, e por nunca
 De amor ficar sujeito, presumia
 Refractario lhe ser, e sobranceiro!

cotico, e vendo o somno que se apodera dos espectadores, quer por força obrigar-os a estarem áleria para ouvirem, a seu bezar, o seu parvo methodo de declamação.

A mobilidade do rosto é-lhe desconhecida; ou na dôr, ou na alegria, o rosto da Sra. Adelaide Christina está sempre impassivel, como deveria ser o da estatua do *Convidado de Pedra*.

Nem toda a presumpção d'esta Sra. fará com que o público a applauda; e se *alguem* lhe diz que ella é excellente actriz fique certa de que isso não passa de um cumprimento banal, um galanteio de bastidores.

Com tudo a Sra. Adelaide teve n'esta noite tres pares (!) de mãos que lhe deram palmas! ..

Não ha de ser por este caminho que a mesma Sra. hade levar o seu nome á posteridade! — Não; a sua fama hade *morrer forçada antes de nascer*

O Sr. C. J. (o communicante do *Artista*) deve ir á typographia pedir que lhe emendem o artigo; não póde deixar de ser erro d'imprensa o dizer que a Sra. Adelaide, representou — bem como nunca — ! Supponmos que o que o C. J. diz é que a dita Sra. — *nunca representou bem* —; e se com effeito quer dizer a primeira phrase permitta que lhe digamos que se não é por ironia é por ignorancia.

Gostamos do Sr. José Candido; desempenhou o seu papel magnificamente, inda que algumas vezes lhe fosse preciso estar á espera do ponto. — A maneira por que no primeiro acto (20 annos depois do *prologo*) vinha caracterizado, era magnifica, e nada tinha de exaggerada.

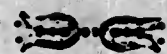
O Sr. Monteiro ridicularisou demais o seu papel. Nem tanto!

Não vale a pena fallar na Sra. Grata e Paula Dias, porque são papeis de pouca importancia. Com tudo fizeram o que poderam.

Finalizamos dizendo que o drama é bello

de semsaboria; com tudo o actor do communicado achou-lhe bellezas! — Talvez! elle que o diz, é por que tem seus motivos para assim o fazer. São gostos!... O Sr. C. J. gosta de semsaborias, e apresenta como prova viva d'este seu gosto, o seu proprio artigo.

Y.



THEATRO

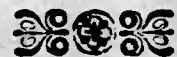
DE 8. JANUARIO.

O DOTE DE SUSANA.

A falta de tempo não nos permite fallar da primeira representação d'este drama, que teve logar na noite de 5 do corrente. Diremos sómente que o público foi illudido, porque julgando ir ver o papel de protagonista desempenhado por uma actriz, não teve noticia da mudança senão depois de ver em scena outra *Susana*. Peza-nos de não podermos elogiar nenhum dos actores; porque nenhum d'elles sabia o seu papel!

A Sra. Gabriella, além de não saber a sua parte não comprehendeu o pensamento dos autores do drama.

Y.



VARIEDADE.

Os salteadores hespanhoes muitas vezes roubavam com a maior polidez, e até com o chapéu na mão. Em França degollavam os viandantes quando havia a pena de forca para o ladrão, e hoje contentam-se em esvasiar as bolsas, porque d'este modo não se expõem senão ás galés d'onde podem ser soltos. Na Italia matam ás vezes os pobres caminheiros, sendo raro que deixem de respeitar os ecclesiasticos. Em 1818 os salteadores que infestavam as im-

rencia, dava-lhe *uma quarta de farinha, uma garrafa de cachaça*, e não sabemos quanto de *bacalhau* (peixe, ou azorrague, como melhor lhe agrada). Não tem tanta graça?... O que quereria dizer com isto o *Marmoteiro*?... Se não é um insulto, como costuma, então não passa de um d'esses partos da sua tresloucada bola; porque a julgarmos facecia, seria ella de fazer arrebrantar as ilhargas de riso, mas sómente ao *Marmoteiro*. Em qualquer dos casos, o Sr. Paula Brito que lhe dê os agradecimentos por tão estupenda recomendação a seu magnifico estabelecimento.

Consta, e nós o cremos, que o *engraçado*, em uma das barcas da carreira de Nictheroy, vendo uma senhora interessante, e bella, como são as nossas patricias, pediu ao marido que o deixasse applicar as *beizolas* na avelludada mão de sua respeitavel esposa!

Então não está tão bonito?!... O que merece aquelle que tem tão insolita ousadia?!...!

Julgamos que a *gaiatada* do Rio de Janeiro deve tomar conta do *Prospero*, até arranjar-lhe na *Praia Vermelha* melhor commodo do que o que elle desfructa, á *tripa forra*, no mosteiro de S. Bento.



THEATRO

DE S. PEDRO DE ALCANTARA.

COMPANHIA DRAMATICA.

No dia 30 de outubro foi o beneficio do Sr. Gusmão com o drama *Jacques Verdier*. Não diremos se a peça é boa ou má, porque não é esse o nosso fim. Quem a foi ver n'essa noite, chorou ou não chorou o seu dinheiro (conforme o gosto de cada um), e quem a não viu pouco se lhe dá com isso: demais, um communicante do *Artista* já nos pôz em pratos limpos e n'uma linguagem *poetica* a

biographia do protagonista, e os apaixonados d'este genero de descripções poderão no n.º 8 d'aquelle periodico saciar o appetite.

E' tão sómente da representação que vamos tratar.

O Sr. Reis (*Jacques Verdier*) comprehendeu o papel soffriavelmente; porém o seu methodo de declamar é pessimo, e até incommoda!...

Com tudo fazamos-lhe justiça, foi quem melhor entendeu o que fazia. Exceptuamos o Sr. Gusmão e a Sra. Ludovina, porque eram papeis de pouca importancia, e não é em papeis taes que estes dois actores podem mostrar os grandes recursos artisticos de que podem dispor.

Se para ser bom actor, é preciso gritar desesperadamente, declaramos que o melhor actor que ha no Rio de Janeiro é o Sr. Pedro Joaquim. Na verdade, este Sr. firma toda a sua sciencia artistica nos gritos, em mexer com os braços aereamente, e tudo isto acompanhado de não saber *quasi* nunca aquillo que representa, tornando-se por sobre maneira insupportavel. No que o Sr. Pedro Joaquim mostra ser grande, é em mimica! é pena que não haja no Rio de Janeiro uma escola d'esta arte; porque não podiam achar um professor mais sublime do que este Sr. — Perderia a companhia dramatica um dos seus melhores sustentaculos; mas o tempo apagar-lhe-ia as saudades.

A Sra. Adelaide Christina tem uma particularidade consigo, e é essa a unica pela qual gostamos d'ella: quando está fallando em scena (só em scena é que temos o gosto de ouvir a sua voz) faz-nos lembrar o estio na nossa terra; porque é no estio que cantam as cigarras.

Os seus *ah! ah!* têm mais similitude com os gritos agudos de uma arara do que os *ais* soltados d'um peito martyrisado pela angustia. E' que esta Sra. conscia de que o seu declamar tem a virtude do nar-

bonitos vasos, outro dez libras, etc., seus vizinhos recebiam, uns, dez ovos, outros dez libras de chumbo, e assim por diante, de modo que, como nossas loterias, era um verdadeiro jogo de acaso; e, segundo nota *Lampridius*, este divertimento tanto agradava aos romanos que só por isso elles se regozijavam de ter *Heliogaballo* por imperador, sendo, como se sabe, um desprezível louco, um tyranno, um monstro sedento de sangue e de carnagem.

Póde-se dizer que entre os antigos *Francos* a divisão dos despojos era uma especie de loteria, pois que se distribuia á sorte; porém este jogo propriamente dito só se estabeleceu em França no XVII seculo, e isto devido aos Italianos.

O cardeal *Mazarini*, que era apaixonado do jogo, e maiormente do ganho, foi, segundo se diz, quem primeiro deu á França o divertimento das loterias; permittiu pois o estabelecimento d'ellas, que teve logar, como já dissemos, em 1644, e logo que elle conheceu que este divertimento agradava, quiz tomar parte n'elle: comprou uma enorme quantidade de joias, e de fazendas que tinham mais apparencia do que valor real; fez lotes; o rei, a rainha, todos os empregados compraram bilhetes ao ministro, e esta loteria deu-lhe trezentos por cento, a crêr-se nos contemporaneos.

Em fim, uns por divertimento, outros por interesse todos os ricos fizeram loterias, a exemplo do cardeal; o joven Luiz XIV, a rainha mãe, e os principes tambem as estabeleceram em seus palacios. Mas ao passo que a maior parte da gente da moda se occupava com estes divertimentos frivolos, formavam-se algumas do mesmo genero com um fim mais respeitavel, como a loteria de *M.^{me} de Lamoignon*, cujo producto era destinado para o resgate dos Francezes, captivos em *Argel*.

(Continuar-se-ha.)



RASGO DE GENEROSIDADE MARMOTAL.



UANDO esboçamos um artigo para o AMOR-PERFEITO, compendiando algumas das gentilezas do engraçado poeta, e faceto escriptor da *Marmota*, nem pela idéa nos passava que esse *hystrião* da imprensa fluminense se vingaria de nós, fazendo chover as settas de suas iras contra a extracção do AMOR-PERFEITO. Pois eramos demasiado generoso; de um mercenario gratujador tudo de máu devêramos esperar para ao depois não nos arrependermos de ainda suppol-o capaz de alguma cousa que esteja á cima de cuspir a baba de estolida truanice em quem quer que bem lhe apraz, com tanto que d'ahi resulte tornar-se mais vendavel o tal *papeluxo marmotal*.

Vamos ao caso. Vendia-se o AMOR-PERFEITO na rua dos Ourives n.º 21, e no largo do Rocío n.º 54. A *prole pharmaceutica*, que tem cara do maior drastico, e o cheiro nauseabundo de *oleo de croton*, fez uma romaria por todas estas casas pedindo que continuassem a receber o AMOR-PERFEITO, mas que o não expozessem á venda!!! Na primeira o homem baldeado da Bahia para o Rio de Janeiro conseguiu seu fim, mas na outra (honra seja feita aos senhores d'essa casa) o requerimento inqualificavel do *jogral* foi indeferido!

Não faremos mais commentos a este rasgo de CAVALHEIRISMO do *Corregedor das duzias*; elle falla por si, e em demasia mostra, sem ser por oculo de *Marmota*, o que é o tal redactor *Marmoteiro*!

Já que estamos com a mão na massa, façamos mais uns *bollos* para o *jocoso escriptor*.

Em um dos números da *Marmota* deu o redactor como razão de a imprimir no estabelecimento do Sr. Paula Brito o ser a sua casa uma COCHEIRA cheia de folhetos, e que este nosso intelligente impressor, e importante cidadão, em recompensa da prefe-

e outros cordas, &c. Houve tambem casamentos por loteria; e, a julgar pelas chronicas, alguns foram bem felizes.

Conta *Sauval* que uma porção de rapazes folgasões de seu conhecimento, em numero de onze, dando uma pequena ceia a dez bellas moças, terminaram a festa por uma loteria, cujos premios eram elles mesmos: cada uma d'essas damas teve o seu patusco que lhe designou a sorte, e a que tirou a sorte grande teve dois um dos quaes ficou logrado, sujeitando-se tambem á sorte. Este jogo foi considerado como um casamento em que as partes contractantes fizeram valer seus direitos; e o caso é que os conjugos viveram em optima harmonia. Chamou-se estas loterias—*loterias de amor*.

A galanteria do seculo XVII engendrou as *loterias galantes*. — As damas que ganhavam recebiam madrigaes, suspiros, votos, sonetos sentimentaes, declarações amorosas e mil outras ninharias deste genero, que pouco as enriqueciam, mas que lhes prognosticavam, ou preparavam certos prazeres.

Em fim crearam-se *loterias gastronomicas*, em que se ganhava pasteis, salsichas,

com tanto que ella lhes agrade, desprezando-a logo que tem perdido toda a belleza, para tomar outra idéa, que cresce e se desenvolve, a seu turno, por entre as zombarias de uns, os paradoxos de outros, e agrado de todos, pois que levada ao apogeu de seu brilhantismo, ao zenith de seu desenvolvimento, desaparece, evapora-se, volatilisa-se como uma bolha de sabão, tocada pela dona da casa, que com uma chieira de chá na mão se aproxima alegre e viva, levando de um a outro grupo o prateado fio da conversação geral, recolhendo os pareceres, indagando opiniões, apresentando problemas e obrigando, de espaço a espaço, cada grupo a lançar suas palavras no tonel dos Danaides, que se chama conversação?!

pão azimo, empadas, e garrafas de Champagne. Houve tambem, apezar da admiravel morigeração de nossos bons avós, uma multidão de loterias licenciosas, em que se renovava de alguma fórma o rapto das *Sabinas*, com a differença de que as bellas raptadas tinham conhecimento do jogo. Em ultima analyse, as loterias de todas as especies estavam tão em moda, que *Mlle. Scudéri* tratou de quatro no grande romance de *Clelia*, tirado, segundo se diz, da Historia Romana.

Mas, posto que já então tivessem suprimido o effeito do commercio das loterias publicas, ellas não tinham ainda chegado á sua perfeição, por isso que nada, ou quasi nada produziam para o governo. Em 1720 um *genovez* reformou-a em Genova, e esta reforma pareceu tão acertada que foi adoptada em França em 1758. Melhoraram ainda ao depois, e são estes jogos hoje com tanto acerto regulados, que o estado ganha com elles sommas immensas emquanto que os particulares perdem a fortuna. Os preços não devem passar de cinquenta centimos, mas como podem exce-

Ha em Paris 5 ou 6 salões iguaes a este que acabo de descrever, onde não se dança, não se canta, não se joga, e do qual não se sahe entretanto antes das 3 ou 4 horas da manhã. Um d'estes salões é o de um de meus bons amigos, o Sr. conde de M***, quando digo um dos meus bons amigos, deveria dizer um dos bons amigos de meu pae, porque o Sr. conde de M***, que guarda-se bem de dizer a sua idade, e a quem ninguem pensa em perguntal-o, deve ter de 65 a 68 annos, ainda que, graças ao extremo cuidado, que elle tem de sua pessoa, não parece ter mais de 50; é elle um dos ultimos, e dos mais amaveis representantes d'este pobre seculo tão calumniado; o que elle não julga grande cousa, sem que por isso a maior parte dos incredulos, te-



O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR PERFEITO.

No empenho em que nos achamos de cada vez mais agradecer ao respeitavel publico, que tão benignamente nos tem acolhido, começamos hoje a publicar o interessante romance de Alexandre Dumas intitulado — AMAURY, — traduzido pela joven Fluminense a Illm.^a Sra. D. JOAQUINA BOOM, a quem damos os nossos cordiaes agradecimentos pela offerta que se dignou fazer-nos do seu importante trabalho.

AMAURY

DE

Alexandre Dumas.

TRADUCÇÃO

DA

JOVEN FLUMINENSE

A ILLM.^a SR.^a

D. Joaquina Boom.

PREFACIO.

Nem França uma cousa que lhe é particular e quasi desconhecida a todo o resto da Europa, é a conversação. Em todos os paizes discute-se, falla-se, perora-se; e em França sómente se conversa.

HISTORIA DAS LOTERIAS.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 6.)

Não sei se se deve admirar igualmente a loteria que instituíram, pouco tempo depois algumas devotas para seu confessor. Este feliz sacerdote, (era um religioso agostinho), acabava de ser elevado a bispo; ganhou na loteria de seus penitentes um bom carro, seis cavallos, um cajado, uma mitra, uma cruz, um anel, e tudo mais que era mister á equipagem d'um prelado.

Houve tambem uma loteria que se chamou a *Loteria da Paixão*. Aquelles que tiraram os lotes grandes receberam, um uma cruz, outro uma escada, outro disciplinas,

Quando eu estava na Italia, na Allemanha, ou na Inglaterra, e annunciava de repente que partiria no dia seguinte para Paris, alguns admiravam-se d'essa precipitada partida e me perguntavam: — Que ides vós fazer a Paris? — Vou conversar, respondia eu. Então todos pasmavam-se de que cansado de fallar, ou de ouvir fallar, fizesse 500 leguas, para conversar. Só os Francezes comprehendiam, e diziam: — Vós sois bem feliz! E algumas vezes um ou dois, dos menos occupados, se dispunham a acompanhar-me. Com effeito, conheceis alguma cousa mais encantadora do que essas pequenas reuniões, no canto de um elegante salão, entre 5 ou 6 pessoas, que deixam caprichosamente sahir as palavras conforme lhes apraz, seguindo e affagando uma idéa,

CHARADAS.

Publicamos tambem hoje uma *charadinha* sublime, com licença do *polido*, e mui desfructavel *Marmota*; mas daremos a decifração d'ella, porque não costumamos a enganar ao público.

Bem que me occulte,
Sempre appareço;
Nem o estoico
Mé nega apreço.

Fogem de mim,
Tambem me chamam:
Como sou util
Todos me amam.— 1

Um Nume antigo
Me transmudou,
Porque outro Nume
O avassallou.

Fiquei tal cousa,
Que enfurecida,
D'ella se afasta
Quem préza a vida.— 2

Vês no meu todo
Um elemento,
Que a qualquer parte
Dá incremento.

Outr'ora o Grego
Me abandonou,
Porque na honra
Quebra encontrou.

Os vates dizem
Que me hão de achar
No céu, no inferno,
Na terra e mar,

Ah! quantas vezes
Dou fama aos reis,
Prostro os tyrannos,
Desprézo as leis!

Qualquer pessoa
Por mim almeja:
Buscai-me dentro
Da Santa Igreja.

A. A.

A' ILLM.^a SRA.

D. A. T. D. A. B.

Eterno amor se concebe
Quando é tal um coração;— 2
Um — i — antepondo, sou
Vida, tempo, ou duração.— 2

Formosa Analia,
A natureza
Dotou meu peito
Com tal firmeza.

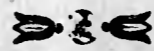
E a ti consagrando, oh! nympha adorada,
A prova te dou do mais puro amor;
A elle sensivel, farás, bella Analia,
Felices os dias de teu amador.

C. G. DE MATTOS.



Se o general assim é
Rara vez é derrotado — 2
Se é de ferro, ou de bronze é mui ruim,
Se é do aureo metal é bom bocado.— 3

É bom havel-a na guerra,
Havel-a na poesia;
E o que em alta escalla a tem
Possue de certo valia.



Que bello perfume eu dou — 2
Sou vasilha mui commum — 2
Nos lyceus, e nas schoias
Eu atérro a mais de um.

A explicação do logogripho do n.º antecedente é: — **Interrogatorio** — e a das charadas: — 1.º **Azafamado**. — 2.º **Relampago**. — 3.º **Satyro**.

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

Loucura! Eu era ignaro navegante
Dos mares de paixões tempestuosas!
Meu baixel só surcava mansas agoas,
E nunca dos tufões soffreu o encontro,
E nunca vellejou pelo oceano
Sôbre a cerviz das ondas a bramirem
Rugidos de procellas, e naufragios!
Via mulheres, mas mulher nem-uma,
Via mil anjos, mas não via um anjo,
Via bellezas que as feições dariam
Para a estatua de Zeuxis, mas não via
Um molde que podesse todas dar-lhe!

Essa mulher, esse anjo,
Essa sylpho, esse modelo
Que sonhava nos meus sonhos
Sem jámais conseguir vel-o,

Eu achei, e é tão subido o gozo
D'este achado feliz que, se não morro,
Tambem vida não tenho que me baste
Para tanto gozar, tanto aditar-me!
De um por-vir de venturas só cogito,
Um futuro me brilha esperançoso
Em horisonte claro, em céu sereno
De luzentes estrellas recamado
Que as nuvens do pezar não embaciam,
E o vapor da desgraça não marêa!

(CONTINUAR-SE-HA.)

A UNS OLHOS.

Os olhos de MARCIA bella
Não são uns olhos vulgares:
Dão vida, paz e fortuna,
Mas tambem causam pezares.

São olhos tão bellos
De tanto brilhar,
Que, só n'um lampejo,
Fazem captivar!

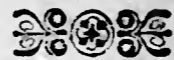
São dois olhos tão brilhantes,
Que outros iguaes nunca vi;
Nem posso agora contar
A vel-os o que senti...

Têm certa magia,
Que matam de amor:
Causam mil delicias,
Dão novo vigor!...

São olhos tão feiticeiros,
Que se acaso fossem meus,
(Dados pela dona d'elles,
Me julgava um semidens!!

Mas ainda espero
Que hei de os conquistar,
Para então fruir
Delicias sem par!...

F.



EPIGRAMMA.

Affirmam que ao *mui polido*
Rabiscador da *Marmota*,
Do mosteiro de S. Bento
Forçam a batter a bota.

Uns presumem ser devida
Esta súbita mudança
A ir-se estancando a fonte
Da conventual papança.

E, como prova segura
D'esta célebre asserção,
Dizem que o hospede come
Por dia um quintal de pão.

Outros dizem que, se os monges
A' margem o querem pôr,
E' por já andarem tontos
Do fartum do redactor.

Outros em fim asseguram
Ser tudo isto devido
A, sendo o cujo hediondo,
Considerar-se um Cupido.

Porém eu penso melhor
Do que estes amigos meus:
— Os frades não querem ter
O demo em casa de Deus. —

X. P. T. O.

Como o primeiro albor da madrugada,
E volver-se como a ave mais esvelta,
Se me enlévo também sinto enlevarem-se
Outros muitos. Então se me comprime
O coração; arquej, gemo, anseio
Como debaixo de gravame immenso!
Si ella olha, os olhares lhe acompa h),
Se falla, esse olhar me vibra extranhos
Sons no ouvido, e se risonha, e meiga
Mais se apresenta, um frio se me cõa
Por todo o ser, e o cerebro enca aco
Desatina, delira, e me amar, ura!
Quero-a só minha como eu sou só c'ella,
D'ella, d'ella sómente porque am ndo-a
Entreguei-me ao poder de seus encantos!
Mas ella diz-me amar-me, e são contestes
Seus beijos, seus agrados em provar-m'o.
Que importa? Esses carinhos, esses beijos
Que eu permuta por outros de minha alma,
Esses beijos tão meuz, eila perjura
Não pôde a outro dar, e assim traidora
Poder-lhe a vida
De alma ventura,
E me cavar
A sepultura?

Quem sabe?... mas paixão contradictoria,
Ou deixa de rallar-me, ou já de prompto,
Extinguindo meu mal m'extingue os dias.

(CONTINUAR-SE-HA.)

— Dizendo-vos o amor de que se morre e aquelle de que se não morre.

— Ha então muitas sortes de amor? perguntou uma senhora, que talvez tivesse menos direito do que as outras, a fazer esta pergunta.

— Sim, Sra., respondeu o conde; e mesmo agora seria um tanto longo enumeral-as. Voltemos pois á proposição que vos fiz: é quasi meia noite, temos ainda duas, ou tres horas por nossas. Estais assentados em boas cadeiras; o fogo arde alegremente na lareira. Fóra a noite é fria e eãe a neve. Vós estais pois nas circumstancias, em que eu desejava achar um auditorio. Não vos fatigo mais: Augusto mandai fechar as portas e voltai com o manuscripto, que bem sabeis.

LOGOGRIPO.

Se a minha primeira só
Tu me quizeres tomar,
A deves ter no teu fato,
Ou entre os sons m'encontrar.

Porém, unindo esta á quarta
Certo tens no corpo teu;
Pois ainda o ruído pobre
Sempre tem isto de seu.

Ainda a primeira e quarta,
Se um R se acrescentar,
E' cousa que todos pedem,
Quer grande, quer popular.

Reúne primeira e segunda;
E' trabalho de animal:
O seu conteúdo é doce,
Prestimoso, e não faz mal.

A segunda com a quarta
Faz o frade e faz a freira:
Os povos também o dão
Em tempo — d'outra maneira.

Um moço levantou-se, era o secretario do conde, rapaz encantador e cheio de distincção, que dizia em particular, estar na casa sob um titulo mais chegado do que o que acabamos de indicar, o que faria crer a afeição paternal que lhe consagrava o conde.

A palavra manuscripto romperam exclamações e infuidade de instancias.

— Perdoai, disse o conde; não ha romance sem prefacio, e ainda não acabei o meu. Vós podereis suppôr que fosse eu o inventor d'esta historia, e occupo-me em affirmar antes de tudo, que nada inventei. Eis como a sobredita historia veio a minhas mãos: sendo eu executor testamenteiro d'um meu amigo, morto ha 18 mezes, achei entre seus papeis, as memorias, que

E apesar de seguro ter os cofres
Um intimo receio o punge, e ancia.

Assim minha alma
Vella, volteia
Junto da Sylpho
Que a abraza, e enleia;
Assim minha alma
Sente o terror
De que outrem possa
Leve favor
Feliz obter
De quem a faz
De amor morrer.

Mulher! Ah quanto encerra de sublime
Da creação este prodigio immenso!
Companheira do homem nos prazeres,
Companheira do homem na desgraça:
Ella, amando-a, lhe traz pendente o nome
Dos labios como pende o som d'um hymno
Da corda mais harmonica da harpa
De um bardo todo amor, todo ternura;
E, amando-a com vero estremecimento,
Embevecido nos encantos d'ella,
Receia a todo o instante que outros vendo-a
A belleza lhe inquiram com as vistas,
E o coração lhe movam de piedade,
Tão nobre sentimento, mas supplicio
Para quem ama como eu amo a Sylpho!

X.

CIUME.

Oh! paixão das paixões a mais nefasta,

— E que diz elle d'isso?

— Diz que é uma congestão cerebral
benigna, que se póde curar com diéta, bi-
chas e sangrias.

— Pensais isto, doutor?

— Sim; depois da exaltação a cura é
mais rapida e ao mesmo tempo mais se-
gura.

— Mas, doutor, supponde que se não
possue, supponde mesmo que não se diri-
gem a vós, que descobriste a panacéa uni-
versal, porém a algum de vossos collegas,
menos versado do que vós na clinica: mor-
re-se de amor?

— Por Deus, Sr. conde, é uma questão
esta que não se deve propôr aos medicos,
replicou o doutor, mas sim aos doentes.
Respondei, Srs., dizei, Sras.

Tormento perduravel, dôr indomita,
Sentimento cruel, que desnaturas
O homem que te soffre, crú ciume,
Longe, longe de mim, não me laceres
O coração que tenho tão sensivel!
Abrigado no peito, és qual incendio
Que o proprio esforço d'extinguil-o augmenta,
Ou és qual o aspid enregelado
Que mata quem pretende acaloral-o!
Tu desairas, rebaixas quem te soffre,
Importuno sentir, tu és o poste
Em que amantes phreneticos se matam
Tendo da vida toda a força ingente!

Não me conturbes

A paz que gózo

Sentir ferino

Tão tormentoso,

E os sócios teus

Odio, vingança

Não atormentem

Os dias meus...

Mas de balde te exconjuro,

Eu frustraneo te exorciso;

Imprecações, exorcismos

Acolhes com negro riso

E lava de atro volcão,

Me abrazas o coração!

Eu confesso, sou fraco; eu sacrifico
Meu orgulho ante a Sylpho, que idolatro:
Vendo-a tão bella, em juventude ardendo
Como arde o aloes, e a myrrha no aposento
De valida sultana, vendo-a rir-se

Imagina-se bem, que sobre uma tão gra-
ve questão, as opiniões se dividiram. Os
moços, que tinham tempo bastante para
morrer de desespero, responderam que
sim; os velhos, que não podiam succum-
bir senão aos defluxos, ou gottas, respon-
deram que não, as senhoras sacudiram as
cabeças em ar de dúvida, sem se pronun-
ciarem, pois eram muito altivas para dizer
não, e muito sinceras para dizer *sim*. Todas
occuparam-se de tal sorte a se explicarem,
que acabaram por não se poderem en-
tender.

— Pois bem, disse o conde, eu quero
vos tirar d'este embaraço.

— Vós?

— Sim, eu

— E como?

« É justo que se acendam duas vellas. »

— Fóra! fóra! fiú! fiú! hobo! descara-do!... e d'esta vez animou-se tanto a assua-da, que a policia quiz intervir; não poden-do todavia impedir que uma meia duzia de bollos de *acassá*, e *abere* fossem comprimentar, descrevendo parabolás, as ventas do vate das duas vellas. Conjurada a tormenta, batte palmas o Sr. MUNIZ BARRETO, o querido das nove irmãs; e, no meio do maior silencio, recita o seguinte

SONETO.

« É justo que se acendam duas vellas »
Um poeta bradava ao povo um dia;
Mas o povo que vellas não queria
Do poeta zombou, deu fóra a ellas.

O poeta insistiu, e ir-lhe ás guellas
O povo quasi, quasi já queria:
A *Marmota* mudada em poesia
Quasi leva tambem esmurradellas!

Co' as vellas apagadas, e corrido
Qual nunca succedeu nem ao BARRETO,
Foi-se o poeta a entreméz vestido.

O povo que o tratou peor que a um preto,
Veio em fim a saber, arrependido,
Que das vellas a teima era soneto!

3 ou 4 horas da manhã. E' verdade que nos seus bilhetes de convite elle escrevia: Conversar-se-ha, como outros fazem imprimir: Dansar-se-ha....

A formula affasta geralmente os banqueiros e os corretores, e attahé as pessoas de espirito que gostam de fallar, os artistas que gostam de ouvir, e os misantropos de todas as classes, que apezar dos rogos das donas de casa, não tem querido arriscar-se a um solo de cavalleiro, e sustentam que a contradansa é assim chamada, por ser o contrario da dansa. Quanto ao mais, tem elle um talento admiravel para sustentar com a palavra as theorias que podem offender as opiniões, ou discussões que ameaçam tornar-se fastidiosas. Um dia, um moço de compridos cabellos e longa bar-

Agora, Sr. Redactor, convém que diga ao *Marmoteiro*, que tendo-o enxotado a terra onde viu a luz, por julgal-o uma *alimaria venenosa*, — cumpre que elle n'esta cidade, ou trate de corrigir-se, ou prepare-se então para, depois de ver-se repellido de toda a casa honesta, ficar á mercê da rapaziada solta, e dar nas praças públicas um espectáculo que muito agradará ao povo, substituindo, por este modo ao *Lucas*, e ao *Praia Grande*.
UM TAMOYO.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

IX.

RECEIOS.

O avaro é solerte, é precavido,
E mais que muito véla no thesouro
Que elle avulta, avultando na avareza,

ba, fallava diante d'elle de Robespierre, do qual exaltava o systema, e deplorava a prematura morte, predizendo sua rehabilitação. E' um homem que não foi julgado, dizia elle. Felizmente foi elle executado, respondeu o Sr. conde de M***; e a conversação ficou n'isto. Ha um mez, pouco mais ou menos, que me achei n'um d'estes soirées, no qual, depois de ter-se quasi esgotado todos os assumptos, chegou-se sem dúvida por não haver mais que dizer, a fallar-se de amor. Era justamente em um d'estes momentos em que a conversação se torna geral e em que as palavras se dirigem de uma a outra extremidade do salão.

— Quem falla de amor? perguntou o conde de M***.

— E' o doutor P***, disse uma voz.

der, muitos millionarios se teia arruinado; e com as melhores intenções do mundo, prohibindo até que não se arrisque além de dez soldos o governo não poderá impedir que os iascasatos tentem fortuna até que um fermal desengano descoroçoee, ou arruine de uma vez.

(Continuar-se-ha.)



VATAPA' QUENTINHO.

Sr. Redactor do Amor-Perfeito.

NESTA época em que V. e seu collega COSMORAMA, com a mais justa indignação, tratam de revindicar a honra da imprensa fluminense, torpemente menoscabada pelo *accidissimo* e *polido Marmoteiro*, tem muito cabi la contar ao público um facto acontecido na Bahia, em presença de muitas pessoas que hoje se acham n'esta côrte, porque então estava ali o batalhão d'artilharia que d'aquí fóra destacado.

Era uma noite de espectáculo no thea-

tra a mania de querer impedir os outros de o julgar.

Ha n'elle dois principios: um que lle vem do coração, outro do espirito, os quaes se combattem continuamente. Egoista por systema, generoso por temperamento. Nascido na época dos gentis-homens e philosophos, o aristocrata corrige n'elle o philosopho; elle ainda pôde ver o que havia de grande e de espirital no ultimo seculo.

Rosseau o baptizou com o titulo de cidadão: Voltaire lhe predisse que seria poeta; Franklin lhe recommendou ser homem de bem. Elle fallá d'esse implacavel 93, como o conde S. Germano fallava das proscripções de Sylla e da carnificina de Nero. Elle viu passar por sua vez com o mesmo scepticismo os matadors, os setembristas,

tro; a platéa regorgitava de gente, e os camarotes estavam cada um como um quadro das onze mil virgens, menos o do *Marmoteiro*, que era occupado por elle só, pois que sendo em demasia ataralhão, insinuando-se no camarote, como piolho por costura, os donos retiraram-se, e deixarar o sordido ganderio como—villão em casa do sogro. Acabava de se representar um acto da peça, estirou-se o grande *Marmoteiro* pelo camarote fóra, com todo o *horresco referens* de seu individuo, puchou d'um papel, e abrindo a bocca rival dos antigos vehiculos de *salubridade pública*, principiou uma cousa chamada *versos*, que começou assim:

« É justo que se acendam duas vellas. »

— Fóra tolo! fóra basbaque! interrompeu a platéa.

Reina a maior hilaridade; mas o *Prospero*, com a habitual — *sem cerimonia*, — depois de um pouco acalmada a celeuma, diz:

— Ora, Senhores!... Oçam; e se não estiver bom, depois pateiem.

— Vá feito! torna o povo; diga lá, vamos a essa corja de asneiras....

os guiloteineiros primeiramente em seus carros, depois em suas carretas. Conheceu Florian e André Chénier, Demoustier e M.^{me} de Stael, o cavalleiro de Bertin e Chateaubriand; beijou a mão de M.^{me} Tallien, de M.^{me} Recamier, da princeza Borghese, de Josephina, e da duqueza de Berry. Elle viu elevar-se Bonaparte e cabir Napoleão. O abade Maury o chamava seu escolar, e o Sr. Tallegrand seu discipulo: é um dicionario de datas, um repertorio de factos, um manual de anedotas, uma mina de palavras. Para conservação de sua superioridade, nunca quiz escrever; conte, eis tudo. Tambem como o dizia ainda agora, seu salão é um dos 5 ou 6 de Paris, nos quaes ainda que não haja nem jogo, nem musica, nem dança fica-se até ás

e terror. A leão, vendo-os, separou-se da arvore como para deixar-lhes a liberdade de desatar a sua bemfeitora, mas quando elles a quizeram levar consigo, o animal veio a passos lentos confirmar por caricias, e doces gemidos os prodigios do reconhecimento, que esta mulher contava a seus libertadores. A leão seguiu por algum tempo, acompanhada dos leões, as pegadas da hespanhola, dando todas as demonstrações de respeito, e da verdadeira dôr que uma familia faz sentir quando acompanha até o navio um pae, ou um filho querido que se embarca d'um porto da Europa para o novo mundo, de onde talvez não possa voltar. O governador, instruido de toda a aventura pelos soldados, e trazido por um habitante das florestas aos sentimentos de humanidade, que seu coração feroz tinha calcado passando os mares, deixou viver uma mulher que o céu tinha tão visivelmente protegido.



HISTORIA DAS LOTERIAS.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 4.)

NOS lances felizes podia ganhar-se dezoito mil francos por um escudo. Os criados, os aventos e as beatas, ainda não se atiravam a este jogo por impulso de sonhos, porém os supersticiosos tinham todo o cuidado de comprar seu bilhete em dia de algum santo milagroso. Haviam nada menos de novecentos e noventa e nove mil sobre mil que perdiam seu dinheiro como hoje, e como hoje, as pessoas que queriam conservar a reputação de sensatez não jogavam na loteria, ou se tomavam algum bilhete, era com nome supposto. Foi assim que dois magistrados M. Parisot, e M. Gilbert tiraram duas sortes grandes, o primeiro com o nome de *Petit Jean*, e o segundo com o de *Mascarillo*.

Pouco depois diferentes particulares ricos estabeleceram em suas casas pequenas loterias, pelo plano das grandes, e tanto gosto deu este jogo, que se espalhou por toda a França.

Então, como os *Italianos* alardeavam de ser os inventores d'este jogo, um antiquario, não satisfeito de lhes oppôr o *Egypto*, que d'elle usava como um recurso de seu commercio, desde tempo immemorial, confundiu o orgullo d'esses pedantes, publicando investigações em que fez ver que os *Centauros*, e os *Lapitas* tinham-se battido por causa da primeira loteria com que se depara na historia, e que tal partilha pela sorte era da mais remota antiguidade, pois que se pôde considerar como loterias a divisão da Terra Santa entre os *Israelitas*, a divisão que *Lycurgo* fez da *Laconia* em trinta e nove mil partes, o rapto das *Sabinas*, que foram distribuidas á sorte, etc.

Vê-se ainda nos historiadores da antiga *Roma* que os imperadores dispensaram grandes liberalidades ao povo, por meios identicos ás nossas loterias. Escreviam-se sobre pequenas taboas os dons que tinham de ser distribuidos, eram lançadas ao povo depois dos espectaculos, e os que podiam apanhar este genero de bilhetes recebiam o objecto de que elles traziam o nome.

Nero, e *Tito* fizeram muitas vezes d'estas prodigalidades, que consistiam em bestas de carga, escravos, sommas de dinheiro, vasos preciosos, vestidos de luxo, etc.

O imperador *Heliogaballo*, de odiosa memoria, intreteve-se tambem com estas sortes de loterias tanto com seus commensaes, como com o povo romano: mandava escrever em conchas o nome dos objectos que queria distribuir, e os officiaes as arrojavam á multidão; porém para melhor se divertir, eram esses objectos em parte de valor real, e em parte ridiculos, de sorte que em quanto um portador de uma concha recebia cem peças de ouro, outro cem

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

MALDONATA, OU A LEOA RECONHECIDA. ROMANCE HISTORICO.

EM 1535, fundando os hespanhoes Buenos-Ayres, sentiu logo a nova colonia o effeito da fome; e todos aquelles que iam procurar mantimentos eram trucidados pelos selvagens, o que deu logar á prohibição, sob pena de morte, de sahirem das devesas do novo estabelecimento. Uma mulher, a quem a fome, sem dúvida, déra animo para afrontar a morte, illudiu a vigilancia dos guardas collocados derredor da colonia para preserval-a dos perigos que corria. Maldonata (era o nome da transfuga), depois de ter vagado por algum tempo por caminhos desconhecidos, e ermos, entrou em uma caverna a fim de repousar-se do cansaço. Qual foi seu terror encontrando ahí nma leôa, e quanto não ficou maravilhada vendo esta temivel fera approximar-se-lhe com passo tardo, affagal-a, e lamber-lhe as mãos com rugidos de dôr mais proprios a enternecel-a do que atterral-a! Brevemente a hespanhola reconheceu que a leôa estava prenhe, e que seus gemidos eram a linguagem de uma mãe que pede soccorro para depôr a carga que a opprime. Maldonata ajudou a natureza no momento doloroso em que ella concede pezarosa a todos os seres que nascem o dia, e a vida, cuja duração lhes deixa por tão pouco tempo. A leôa, felizmente soccorrida, foi em busca de abundante sustento, e

o depositou aos pés de sua bemfeitora, que o repartia diariamente pelos recém-nascidos que pareciam reconhecer estes desvellos por dentadas innocentes, e saltos alegres. Mas quando a idade lhes apurou o instincto de por si mesmo obterem a alimentação, esta familia dispersou-se pelas matas, e a leôa, cuja ternura maternal já mais uada tinha a fazer na caverna, desapareceu tambem, e foi habitar n'um deserto. Maldonata só, e sem subsistencia, viu-se obrigada a deixar a furna, temivel a tantos seres vivos, mas da qual a piedade lhe tinha feito um asylo. Esta mulher, privada com dôr da sociedade que lhe era tão cara, não conseguin errar por muito tempo sem cahir entre as mãos dos indigenas. Uma leôa a tinha sustentado, e os homens a fizeram escrava! D'alí ha pouco ella foi tomada pelos hespanhoes, que a levaram a Buenos-Ayres. O governador, mais feroz do que os leões, e os selvagens, não a julgando bastante punida pelos perigos, e males que tinha soffrido, ordenou que ella fosse amarrada a uma arvore no meio dos matos para morrer de fome, ou ser pasto das feras. Dois dias depois, alguns soldados foram saber o destino da desgraçada victima; acharam-a cheia de vida no meio de tigres esfaimados, que de bocca aberta, não se atreviam a accommettel-a vendo-a protegida por um leôa que com pequenos leões que lhe estavam aos pés. Este spectaculo impressionou de tal modo os soldados, que ficaram immoveis de enternecimento,

A sexta, e a derradeira
Tambem ao Lethes pertence,
E por elle caminhando
Muitas distancias se vence.

A primeira com a quarta
E' rua bem conhecida
N'um cidade em que muitos
Vivem bem folgada vida.

A quinta junta á terceira
Pertence á phitologia,
Sendo uma cousa a que os noivos
Não deixam de dar valia.

A quinta ligada á quarta
Ao porte dá gravidade,
E nem sempre quem a traz,
A traz por idoneidade.

A sexta unida á quinta
Pertence á religião,
E pelos heresiarchas
Ha d'elles inda um bandão.

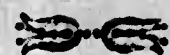
A setima e a terceira
Diz que eu me dirijo a Deus;
Oxalá, por este meio,
Ouça Elle os votos meus.

A setima com a quinta
Um nome de homem dá,
E quem folhear a historia
Mais d'um n'ella encontrará.

Toda esta moxinifada
Dá palavra bein commum
Que qualquer decifrará
Sem custo, e trabalho algum.

Passa por elle o innocente,
E por elle o crimisoso;
Ambos acham que o petisco
Não é lá mui saboroso.

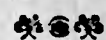
Este logogripho é offerecido ao redactor da *Marmota*, que, por gostar do bello sexo, se achar a palavra, terá por premio uma duzia de *pécegos* fechados hermeticamente n'um frasco de *xarope do bosque*, que lhe destina uma das velhas do jantar da Ponta d'Aréa.



CHARADAS.

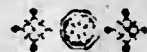
Quem a tem quer ser valente — 2
Tem-a o crime, e a virtude; — 2
E eu que sou inda rapaz
O tenho da senectude. — 1

Anda d'aqui para ali,
E d'ahi para acolá;
Tamanha sollicitude,
Oh! meu Deus p'ra que será?



Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou então sobre a carneira; — 1
Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou de Goa sou primeira. — 1

Duas nuvens separei
Que raivosas pelejavam,
Produziu-me sua raiva
Quando ellas se chocavam.



Nome de homem — 1
E de cidade — 2
Lascivo e feio
Foi diviudade.

A significação das charadas do n.º antecedente é: — a 1.ª **Coriolano** — e a da 2.ª **Ferocidade**.

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

Livres qual ave
De altanaria,
Tudo gosavam
Nada os prendia:
Eram as ondas
Do alto mar
Que nem penedos
Tem de encontrar.

IV.

EU NÃO AMAVA.

Eu não amava.... amor!... ah! nem podia
Pensando qual pensava deparal-o
Para atavio de meus tristes dias.
Amor, doce sentir indifinivel,
Ora incendio, volcão, ora delicias,
Umaz vez vertente de tormentos,
Outras vezes caudal fonte de gôzos,
Esse amor que, para firmar a dita
Carece de outro amor de igual fervencia,
Por não poder achal-o o não buscava.
Para mim esse amor era um diamante
De valia sem par, mas engastado
No vertice do mais alto cabêço
De uma alta montanha inaccessible!
Nos meus sonhos elle me braxuleava
Como o vesper clarões de f'licidade;
Mas tentar conquistal-o era loucura,
Conquistal-o impossivel decidido!

V.

E' PRECISO AMAR.

Sem amor os meus dias iam indo
Caminho do sepulchro, e se esgotavam
Uniformes a arêa assimilhando
No bojo da ampulheta, que se exhaure
No fim do tempo, que lhe foi marcado.

Ia a minha romaria
Pouco a pouco rematando
No bordão de caminheiro
A fadiga attenuando;
Caminhava para o termo
Do viver — a sepultura,
Ia morrer sem amor,
Sem d'este bem a ventura,
Ia morrer, e a lisongeira esp'rança
De que um ai, um suspiro de saudade
Me basejasse a campa, e uma lagrima
Sobre ella cahida lhe esculpisse
De amor um epitaphio em triste nenia,
Este último ançar d'homem sensivel
Não me roçava o coração sem vida.

(CONTINUAR-SE-HA.)

SONETO.

Mais força tem amor, que os juramentos.

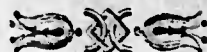
Eis-me de novo no poder d'aquella
Ingrata, desleal, cruel, perjura,
Que sem cansar me cava a sepultura,
E vai-me collocar no fundo d'ella.

Agora mais que nunca se disvella,
Meu decidido amor, minha ternura,
Pela sua divina formosura,
Que sempre me parece inda mais bella.

No furor de meus barbaros ciumes
No meio dos mais duros soffrimentos
Jurei abandonal-a em meus queixumes.

Mas, esp'ranças vãs, loucos intentos,
As promessas quebrei, faltei aos numes,
Mais força tem amor, que os juramentos.

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



LOGOGRIPHO.

A primeira, entre os do Lacio,
E' uma preposição;
A primeira, e a segunda
Tambem tem igual missão.

Ambas, e mais a terceira
E' acto religioso,
Feito às vezes com pobreza,
Outras com luxo fastoso.

A terceira com a quarta
Indica necessidade,
E a quarta com a quinta
Um typo de liberdade.

ser uma victima da inconstância, assombrada pela linguagem que lhe dirigem, linguagem que ella não comprehende, mas que desperta sua curiosidade, atira-se ao *pensamentar*, forja mil planos de tranquillidade, procura refrear esse desespero que a tortura, aniquilando sua felicidade, e por fim prostra-se ante os caprichos da paixão que muitas vezes a tornam presa de loucuras que o mundo reprovava e estigmatiza com suas viperinas expressões, mas que não soube apontal-as antes de serem postas em pratica.

« O homem, similhante a um animal bravo e feroz, não reconhece dique que se opponha á sua vontade, quando sente-se contaminado. Soberbo e avaro, inclemente e enraivecido corre á medida que se atea a chamma interna, atira-se a todos os perigos, sacrifica posição, dignidade e honra, e mais de uma vez esbarra-se com o crime para sem demora vêr-se á braços com elle.....

« Este quadro que ahí vês debuxado, minha Julia, nada tem de inverosimil: o amor, bem como todas as paixões que têm sua sede no coração, ou antes que abrangem o physico e o moral do ser a quem dominam, apresenta-se sempre debaixo de uma fôrma enriquecida pelos mais bellos attractivos; porém, apenas consegue apossar-se do espirito do individuo que, fraco, prestou-se ás suas exigencias, torna-se arrogante e audaz, e não cede senão depois de acabrunhado por uma serie de desgostos que embotam a razão e a fazem irreconciliavel com as proprias leis da natureza.

« Attende-me: a experiencia permite-me que te illumine com a luz da verdade, e as minhas cans a attestam. Si algum dia te fôr dado a escolha entre o *amor* e a *amizade*, não desdenhes o sentimento pela paixão: a amizade garante um futuro esperançoso; o amor contenta-se em t'o apon-

tar, sem que nunca o possas attingir. Quando te fallarem uma linguagem impura e dirigida pelo cynismo do homem profuso na *arte de conquistar*, despreza-a; porque a amizade detesta a lisonja, e ama o verdadeiro.....» S. E. O.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

III.

INDIFFERENÇA.

Vivia n'este mundo; era frequente
 Nos bailes, nas partidas, via as bellas
 Em motu de prazer, mais se alindarem,
 Um perfume de gozo me affectava,
 — Era homem, mas livre me sentia —
 Si uma bella, mais bella que outras bellas
 Eu contemplava, artista me julgava
 De um sublime cinzel julgando os feitos;
 Se lhe via pairar nos labios risos
 Suppunha lindas flôres agitadas
 Pelo soprar das auras docemente;
 Si as vozes lhe attendia, meditava
 No arfar da guzla, no soar da harpa!
 — Era feliz, gozava de prazeres
 No remanso da paz, na paz ditosa
 De toda a placidez d'alma tranquilla. —

Amando o bello
 Em toda a parte
 Como se fôra
 Só obra d'arte,
 O meu espirito,
 Meu coração
 Não receiavam
 Grave paixão;

bem quero casar; mas não pelos meios que empregam muitos que por ahí andam, e com especialidade certo *besuntão*, que á força quer fazer-se de engraçado, sem que a graça nunca o tivesse visto.

Tocava o *Arugão*; e, para evitar dúvidas, recolhi-me aos patrios lares; mas inda tenho esperança de dar-lhe noticias minhas.

Se o Illustre Redactor julgar que poderão apparecer em publico estas rabiscas, mande transformal-as em letra de forma, com o que muito obrigará, não só ao meu charo amigo A..... como a este que é seu criadinho.

FÉLIS.



AS PAIXÕES.

(EXTRACTO DO DIARIO DE UM ANCIÃO.)

Como és curiosa, criança!... para que te queres emmananhar no hediondo labyrintho do mundo? com que fito desajas levantar o véu aos mysterios de que se acha rodeado o que se chama —*vida*—?... Queres vêr e gozar? queres amar e aborrecer?... Oh! não!... concentra-te antes no teu existir de anjo; guarda, occulta aos olhos de todos a tua innocencia; concilia-te com o teu pensamento de virgem; e quando a seducção, a ignominia e a infamia se te apresentarem, foge-lhes e não lhes deis ouvidos; não creias nas suas palavras lisonjeiras, no seu trajar de gala, na sua felicidade apparente: tudo é ficticio, minha Julia, tudo astucia e ardil que o inferno gerou nas suas horas de repouso!... Escuta: a vida é uma peregrinação limitada pela mão do Creador; o que ella em si encerra de mais bello, de mais offuscador, é sem dúvida o que deves evitar com affneco, é de todos os precipícios o que á cada momento se abre ante

os passos da virtude: é o *amor*, minha filha, essa paixão por excellencia que *alenta e vivifica*, ao mesmo tempo que *suffoca e mata*.

« Na tua idade, desenvolve-se ella com a rapidez da seta tocada por mão vigorosa, e percorrendo uma atmospherá limpida e pura; sobre os teus *quinze annos*, bellos, tão bellos como o teu rosto sereno; risinhos, tão risinhos como os teus labios côr-de-rosa; meigos tão meigos como o teu coração de pomba, lança a paixão devastadora os seus primeiros alicerces; mas, antes que uma só pedra seja collocada, antes que se erga a barreira que turva o olhar e que prohibe o ouvir, a tua physionomia perderá esses traços originaes que Deus tem reservado unicamente para as *suas eleitas*; a tua voz percorrerá toda a escala do sublime para acabar rouca e enfraquecida; o teu pensamento, depois de divagar por entre as mil creações do idealismo, terá horror da realidade!... Sim; porque a paixão que ora trato de descrever-te, não busca a solidão... Lá mesmo onde faz-se sentir o silencio dos tunulos... ali onde reina a paz do sepulchro... n'aquelles centenaes de dísticos que significam — *passamento* —, não distingues bulicio, desordem? não lês em caracteres negros que o amor se tem disfarçado com a mascara da amizade e da saudade?...

— « Aqui descansam em *paz* os restos de uma mãe, ali os ultimos despojos de um pae, acolá estão de mistura uns e outros, e mais ainda os de um filho!... — E quem lhes tributa estes monumentos?... quem revolve de sob a terra esse montão de pó, esses comoros de ruinas que caracterizam a importancia do homem?... — Lê Julia... é ainda o *amor*.

A mulher que ama tem perdido a paz e a serenidade da alma: entregue de continuo aos sobresaltos que lhe causam bem ou mal fundado ciúme, inquieta pelo receio de

o meu amigo A.... não tem queda para as Musas.... Deus me livre que elle soubesse d'isto!...

Vamos ao fim da historia.

O homem, poeta ou não, perguntou-me:

— Que tens, Fidelis, que estás tão con-
vulso?...

— Pouco mais do que nada, á excepção
do susto que me pregaste.

— Que susto?!... Pois causei-te algum
damno?!...

— Sim: pozeste-me a mão no hombro,
esquerdo (que é dos máus agouros) de uma
maneira tão significativa, que julguei estava
multado, e quicá.... preso!...

— Estás brincando.

— Fallo muito serio....

— Mas que diabo de palavras inintelli-
gíveis, á similhaça de verso pronunciavas
ha pouco?....

N'isto despertei como de um profundo
lethargo:

— Ouviste?... Ouviste?!...

— Ouvi o que?!... Não ouvi nada.

— O' maldito! não me acabas de dizer
que ouviste recitar o verso?...

— Eu?!... Estás louco certamente.

— Então o que é que me dizias ha
pouco? ...

— Nada mais do que um simples gra-
cejo.

— E o verso casual da bella?!....

— Pelo que observo, estás viajando nos
vastos intermundios d'*Epicuro* ...

— Não zombes de mim.... senão dou o
cavaco....

— Jámais zombei de ti; pois te consa-
gro amizade.

— Ora falla serio. Não ouviste o verso
das flôres?....

— Nem uma só letra.

— Pois escuta.— Ali mora uma *Divin-
dade*; e, ha pouco, fallando de *floricultura*,
disse casualmente, ou de proposito:

« E' uma agradavel flôr. »

— Bravo!.. bravo!!... Já tenho um
motte! Queres que o glose?...

— Olá se quero!... Estou morrendo por
isso...

Pois lá vai, com licença dos Vates, e
principalmente d'aquelles que, conscios do
seu alto merecimento, vão dar novas do
seu talento, e vasta erudição em longes
terras.

E' uma agradavel flôr.

Amo as flôres porque n'ellas

Meu olfato s'extasia,

Exalta-se-me a alegria

Se as vejo em lindas capellas;

Mas, a ter um cento d'ellas

Do mais bello cheiro, e côr,

Por um suspiro de amôr

De prompto todas trocára,

Porque sendo essa flôr rara

E' uma agradavel flôr.

A ouvir este improviso, que, aqui para
nós, não me pareceu lá grande cousa, mas
que me cumpria dizer que estava optimo,
porque os taes dilectos das—nove irmãs
— não são para graças, saltei de contente,
abracei o Vate e exclamei:

— Bravo! bravo! meu A.... Pelo que
observo, das esperanças para o futuro.

— Não mangues comigo d'esta sorte....

— Sou incapaz d'isso.... E em quanto
estás com as idéas frescas, vamos escrever
o motte.

— Não é digno d'isso.

— Como te enganas!.... Póde ser que
ainda vejas os taes versinhos parodiados,
voltadas de traz para diante, de cima para
baixo e de baixo para cima; o que te hade
dar alto renome.

— Eu o dispenso.

Entramos em uma botica; e ahi fo-
ram escriptos os versos, pelos quaes tal-
vez ainda venha a fazer fortuna, pois tam-

julgar feias estas Senhoras?!... E' impossivel.

Uns amam a beleza das feições; outros os encantos d'alma; e até alguns prezam os defeitos... E, em materia de gosto, todos têm razão.

Ora, em todas estas considerações, ainda não veiu a terreiro uma grande *potencia*.

Que transmuda o preto em branco,
Sécca o mar, inunda a terra;
Torna o dia em noite escura
Firma a paz, concita a guerra.

Quando impera esse senhor altivo, a quem chamam — DINHEIRO — quem é que póde crer na existencia de moças feias?!!

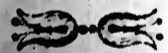
A rabugenta velha
Torna-se moça, bella e bem prendada!

D. Felicidade, por exemplo, é vesga, desdentada, tem uma perna adematosa, e já vai tocando aos quarenta; mas possui duzentos contos de reis; — *ha de ser feia certamente*... E que neguem, se são capazes, os *correctores de casamentos*, e os esfaimados *freguezes*. Não'o hão de fazer por certo; pois são muito *amigos da verdade*...

Apezar d'isso, temos cá nossas cósegas de que os taes *amigos* sabem optimamente que:

Muito mais vale um pau, que mil palitos,
Mais valem muitos pomos, do que um pomo;
Mais lettras tem cem tomos, do que um tomo,
Muito mais pésa um boi, que cem mosquitos.

Está por tanto demonstrado que é erronea, e sem fundamento a crença, que ainda vaga ácerca da existencia de — MOÇAS FEIAS.



É UMA AGRADAVEL FLOR.

Illustre Redactor do Amor-Perfeito.

PERCORRENDO, por acaso, a rua de... e, segundo o meu costume, indo a medir os astros, a pesar a terra e a calcular o valor intrinseco

do ar atmosphérico, passava por diante de uma optima propriedade, (que é ocioso declarar-lhe não ser minha), onde conversavam varias pessoas de ambos os sexos; e, no momento em que estava *vis-à-vis* com uma das janellas, ouvi uma voz melodiosa, que tratava do merito, primor e belleza das flôres, dizer:

« E' uma agradavel flôr. »

Parei, de longe, para não ser indiscreto, nem pouco polido, como alguns que por ahí vagam; mas assim mesmo pude observar quem era a pessoa que proferiu, com voz tão doce, aquellas encantadoras palavras.

Era uma beldade,

Tão bella, tão casta, tão meiga, tão pura,
Mais linda que Venus, que as Graças mais bella:
Não é certamente humana creatura...
Mas seja o que fôr, eu morro por ella.

Pude alfim arrancar-me do logar onde estava,

« Qual junto d'um penedo outro penedo, »

e ia na mente parafusando como havia de tomar conhecimento com a minha — sem igual deidade, quando sinto uma mão, não das mais leves, pousar-me no hombro esquerdo.

Não gostei da graça, e até a encarei como máu agouro; mas, eis se não quando, voltei o rosto, (é verdade que com algum pavor, julgando ser alma do outro mundo, guarda municipal ou agente da policia,) e deparei com o meu amigo A.... poeta moderno, poeta como outros; porém que até hoje não tem escripto — *Poesias de sua alma, Livro de seus amores, Suspiros, Bosquejos*, — e outros nomezinhos que a modernice tem inventado. Faz seu verso, por desenfado; ha de dar ás suas produções, (se as produzir algum dia) um nome, como deram ao AMOR-PERFEITO, e a outros que taes, assim como tambem se ha dado a muitos *livros poetas*; porém fallando serio,

toca piano e canta, muito melhor do que qualquer das nossas *Deusas theatras*, e, em conclusão, é a nona maravilha das prendas e da belleza:

N'um sorriso tão sómente
Prende ternos corações;
Despedindo de seus olhos
De amor os doces farpões.

E quem sabe se ao nosso peito, em o qual, conforme diz o bom *Filinto*, para abrir brecha, talvez que o não podessem conseguir balas de 24, já não atirou ella algumas de suas setas mais hervadas?!... Mas isto fica entre nós... e vamos adiante. A tal menina tem o demoninho junto a si;

« Si é que o demonio não é ella mesma, »

segundo affirma *Garrett*, que, em negocios d'esta natureza, tem voto de qualidade.

Quando está de veia, a casa é um paraiso: não se ouve senão uma voz tão doce, que metteria n'um chinello, essas afamadas, carunchosas e *afabulizadas*... (perdoem o termo, que cabiu-nos da penna, e o não quizemos apanhar,) mas — nunca vistas — *seréas* d'outro tempo.

Maria não levou, ás horas do costume, á *Sinhá-zinha*, que ainda dorme, o café, bem temperado, e quente.... *Engracia* não esperou com a jarra d'agua perfumada para o rosto... *Thomazia* não engomou bem os folhos do vestido de cassa adamascada... *Joaquina* não abainhou o lenço de seda comprado, hontem á tarde, ao *Filippe Italiano*, que é um dos cem freguezes da casa....

Eis que apparece Satanaz raivoso!... A menina tão meiga, tão flexivel, tão mimosa, grita mais do que um commandante da guarda nacional, á frente do seu corpo! E' amarrotado o lenço nas ventas de *Joaquina*.... pela cara de *Thomazia* anda o vestido n'uma dobadoura.... Sofre entruído, fóra de tempo, a vagarosa *Engracia*, e

leva pela cabeça a dorminhoca *Maria* com a chicara de café.... e o que vale é já não estar muito quente!

No meio d'este borborinho, acode a velha visinha, trazendo uma tigela de agua benta em sabbado de alleluia, antes de sahir o sol, e um secco ramo de arruda, collido em noite de S. João, e quando ella se parte pelo meio, com a mão esquerda, e sem que o encare senão com um dos olhos, pois do contrario perde a virtude. Tenta exorcismar a casa.... mas em balde!.... Só depois de improbo trabalho, vai cessando a desordem, e acalma-se a tempestade.... e *yá-yázinha* resolve-se ir almoçar.... São duas horas da tarde!!!....

Respondam-nos agora: — Serão estas duas *Nymphas* verdadeiramente bellas?!....

Conhecemos, entre outras, duas jovens Senhoras, que hoje aqui particularisamos. São ellas D. Mariquinha e D. Amelia. Não podem ser consideradas como — *beldades*, — mas possui qualquer d'ellas um rosto agradável, e mil outros attributos, pelos quaes se tornam dignas de verdadeiro culto das pessoas de bom senso.

D. Mariquinha é a bondade em pessoa; e bem que ainda não tocasse o seu decimoquinto janeiro, é uma perfeita — dona de casa. — Trata com o maior desvelo e solicitude, de seus tenrinhos irmãos, que tiveram a infelicidade de, no botão da vida, perder sua carinhosa mãe; de maneira que nenhuma falta encontra seu extremo páe, nos arranjos domesticos.

Não é menos cuidadosa D. Amelia: é verdade que acaba de completar o seu vigésimo anniversario natalicio. Levanta-se ao romper da aurora; sollicita trata de fazer com que repouse sua mãe, já idosa; trata a todos com a maior affabilidade; nunca é ouvida a sua voz ativa ou iracunda; em conclusão symboliza a candura e a honestidade.

Haverá alma tão estragada que possa

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AS MOÇAS FEIAS.

HA muita gente que ainda crê na existencia de moças feias; mas esta crença de dia a dia vai enfranquecendo e breve desaparecerá inteiramente; pois não ha maior disparate do que acreditar-se na belleza ou fealdade, principalmente do bello sexo.

Vemos uma dama, e, á primeira vista, nos parece encantadora, e a julgamos um composto de todas as perfeições; mas, se a examinarmos de perto, se analysarmos cuidadosamente as perfeições, que nos fascinaram, veremos, ás mais das vezes, que vão desaparecendo um a um esses fallazes encantos, que nos fizeram a cabeça andar á roda, de maneira que só restará do nosso lindo portento a mais triste e severa realidade.

Outras vezes ha que vemos uma donzella, viuva, ou mesmo casada, que nos parece extremamente feia; e dizemos com os nossos botões, na primeira hypothese: — Esta moça nunca ha de achar marido; na segunda: — Que *parvalhão* não devia ser o que almejou fazer-se metade d'esta *Gorgone*; e na terceira: — O marido d'esta Sra. naturalmente soffria muito dos órgãos visuaes, e deveria ter consultado, antes de celebrar o matrimonio, o *Bonjean*, ou o *Ramaugé*.

Ora tudo quanto houvessemos dito, a este respeito, seria demasiada injustiça, e nada mais do que o effeito de uma não calculada e louca irreflexão.

Dona Clementina, é uma joven de faces de jasmims e rosas, como dizem os poetas, têz aveludada, dentes de jaspe, labios de vermelhão da China, cabellos de ébano supercillios em semicirculo; tendo á flôr do rosto,

« Uns lindos olhos vivos, bem rasgados. »

Além d'estas perfeições, e de outras que não queremos referir, possui uma fallazinha tão encantadora, e mais doce do que melço, ou mel de jaty. Cada palavrinha é uma flexa que traspassa o peito, e vai enterrar-se inteirinha lá no âmago do coração. Quem a vê nos seus dias pacificos,

« Não pôde vê-la, sem deixar de amal-a; »

porém quando lhe chegam os fanequitos, vai tudo por esses ares!... Até o *papae*, (que bom é que o digamos, não mostra ser lá dos mais *bananas*) vê-se ás vezes em *calças pardas*, quando se não mette em *camiza de onze varas*!...

Se a menina pretende alguma cousa, por mais extravagante que seja, não a satisficam, se são capazes!... Arma-se immediatamente uma tal celeuma, e tão estrondosa, que já em uma occasião acudiram as bombas, julgando que havia incendio na casa!

Dona Margarida tambem é bella como os amores, e, além de outras perfeições, tem uma cintura de palmo e meio de circumferencia, um pézinho de tres pollegadas e um quarto de comprimento;

Dize que eu serei constante
Como o penedo no mar,
Que quebra o furor das ondas,
Que embalde o vão assaltar,
E que em troca d'este amor
Só lhe peço um meigo olhar.

Mas um olhar que reunia
Toda a ventura terrena,
Um olhar de languidez
Da expressão mais amena
Que me faça n'este mundo
Ver do céu a luz serena.

V. B.

ÉS TÃO BELLA!...

.....
Teu amante sou eu — tu és só minha
.....

J. DE LEMOS — A ESTRELLA.

Um sorriso de ti, minha Josina,
Um só volver dos olhos teus, formosos,
Embriagam minh'alma, partilhando
Dos mais gratos prazeres... venturosos!...

Teu rosto, aonde existe só primores,
E' o mais doce enlevo do meu peito;
Teu rosto, de candura tão divino,
E' ao meu coração o mais perfeito!

E eu amo n'elle as perfeições, as graças,
Com que sábia natura te ha brindado;
Eu amo n'elle as expressões mais bellas,
E em tal amar me chamo afortunado!...

Mil vezes para ti olhando attento,
Em ti admirando a natureza,
C' os mais puros arroubos amorosos
Meu coração bem diz tua belleza!...

E Deus que uniu a tanta formosura
Esse genio singelo... meigo... terno...
Formou-te assim, em tudo o mais completo
Typo, digno do amor mais sempiterno!

E a ti amando, eu amo o mesmo Deus;
Pois esse teu composto tão divino
E' obra só da sua Omnipotencia,
E' um transumpto que só d'elle é dino!

FLORIANO ALVES DA COSTA.

CHARADA.

Junta-lhe um S encontrarás a patria
D'um varão Grego de eternal memoria.— 1
Nasço da terra, e d'ella vou fugindo
Té que perco riqueza, fama e gloria.— 2

Orpheu, o mesmo Orpheu, sem mim debalde
Tangera a lyra p'ra salvar a amante;— 1
Sendo sagrado gran respeito inspiro
Mas posso ser infame ou aviltante.— 1

Roma, não temas do patricio ingrato
A vingança cruel, feroz rancor!
Se a esposa e filhos com horror despreza,
A's lagrimas da mãe cede o traidor.

Assim o rei das florestas
Entonna a juba no ermo.— 2
Tanto é Pariz como Londres,
Veneza como Palermo.— 3

Nos irracionaes atterra;
Porém nos que tem razão
Além de muito aterrar
É improprio de christão.

.....
**A explicação do logogriphe
do n.º antecedente é: — Pala-
cio: — e a da charada: — Al-
faiate.**
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

Em prover de languor irresistivel
Os olhos que tiver conquistadores;
Em preparar as vozes, e fallal-as
Com todo o timbre de facundo alcance,
Quem ha hi, me dirá gran parte illustro
Da nossa sociedade, que resista
A tantas seducções, tantos enlévos?
Xenocrates não ha em pouca idade,
E mesmo custa a havel-os na propecta!
As bellas são despoticas rainhas,
São despotas, tyrannas caprichosas.
Sabem reinar de maneira
Que, coroadas de amor,
Fazem o sceptro de egoismo
Pesar sobre o amator,
E, estadeadas n'um throno
Que por subpedaneo tem
Os corações dos que as amam,
E as denominam seu bem.
Dão a lei, firman do turco,
Que ninguem sóe abrogar,
E, amando fracamente,
Fazem-se immenso adorar.

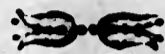
II.

OCCASIAO DE AMAR.

Um saráu, uma dança, uma partida,
Uma walsa walsada, de dois corpos
Formando um corpo só, e o passeio
Perdido entre o tumulto, e protegido
Por outros que não querem devassal-o,
E o borbório de incessantes fallas,
Não são um meio prompto, um laço, um visco
Para a conquista de quem fôr sensivel?
Quem póde á amor fugir em tal ensejo?
Quem terá tal poder, tal energia,
Ou tão géllido o peito que não sinta
Por elle ensinuar-se ou doce, ou rude
O farpão que debella a esquivaça,
E a transmuda em attenção solerte?
Quem então, junto ás aras da belleza
Seus brazões de isempção, de liberdade
Não deporá como um trophéu devido
Ao triumpho da bella que o subjuga,
E lhe vai algemar toda a vontade
De até sonhar um dia em libertar-se?
Qu'é do sabio, do guerreiro,
Do nobre varão, do heróe
Que d'estas redes de amor
Escapar illeso sóe?
As Aspacias, as Lais,
Lindas só, mas sem pudór,
Não jungiram a seu carro
Tantos sabios de primór?

E Omphale, Briseis, Dalilla, Helena
Não venceram heróes da marcia arena?
De tal guisa argumenta o mundo todo,
Mundo de pretensões que não conhece
Quanto é fallaz, e sobremodo illuso!

(CONTINUAR-SE-HA.)



O SUSPIRO.

Tu que és a expressão
Mais eloquente da dôr,
Tu que és o mensageiro
De saudades, e de amor,
Parte, e guie-te ligeiro
De amena briza o favôr.

Não te arreceies, suspiro,
Do encontro d'algum tufão,
E se o topares, publica
Pelo ar tua missão,
E profere o grato nome
Que me occupa o coração.

Verás como o fero noto
Deixa logo de bramir,
E uma aragem perfumada
Te auxilia a proseguir
Na tua triste embaixada,
Que triste tens de cumprir.

Não te assuste o nevoeiro
Que o espaço escurecer;
Profere o nome de EULINA,
Has de a caligem romper:
—O nome de minha amada
Sobre tudo tem poder!—

Assim pois, parte, suspiro,
A cumprir tua missão;
Dize tudo á bella EULINA
Que viste no coração,
D'onde partes por effeito
Da mais vehemente paixão.

lamentosa scena, seguiu pressuroso a dar fiel e exacta conta a seu amo de tudo o que tinha visto e ouvido.

—Tomaste sentido onde elle habita? perguntou-lhe Mr. de Salo, e poderás conduzir-me lá amanhã cedo?

—Sim, senhor, respondeu-lhe; é na rua de... e lá vos conduzirei mui facilmente.

No dia seguinte ás 5 horas da manhã, Mr. de Salo dirigiu-se ao logar indicado, e encontrou duas criadas visinhas que já varriam a rua. Perguntou a uma d'ellas quem era o individuo que occupava um aposento no quarto andar d'aquelle edificio.

—E', senhor, respondeu a criada, um sapateiro, bom homem, e bem servçal; porém, carregado d'uma consideravel familia, e tão pobre, que não se póde ser mais.

Dirigiu a mesma pergunta á outra, que lhe deu pouco mais ou menos igual resposta; subindo depois á casa do homem que buscava, bateu á porta. Este desgraçado, vestido apenas com uns máus calções, veio abril-a, e reconheceu logo aquelle a quem havia roubado em a noite precedente. Não é possível dizer qual foi sua surpresa. Lançou-se a seus pés implorando perdão do que havia feito, e supplicando, em nome de sua miseranda familia, que o não perdesse.

—Não faças bulha, disse-lhe Mr. de Salo; eu não venho aqui com tal designio. Vós exerceis, continuou elle, um máo officio, e ha pouco tempo que o professais. Convém portanto que pessoa alguma o saiba, para que vos não exponhais a severo castigo.

—Oh! senhor....

—Sei que sois sapateiro. Tomai esta bolça, eis ahí trezentos francos que vos dou; comprareis couro, e trabalhareis para ganhar a vida, e manter vossos filhos.

O pobre sapateiro e sua familia cheios de pasmo e admiração prostraram-se ás plantas de Mr. de Salo, cobriram de ben-

çãos tão magnanimo protector; e com o dinheiro que generosa e inesperadamente acabava de receber, o desgraçado pae estabeleceu-se, e conseguiu por este modo alimentar sua mulher e seus filhos, que se julgavam precipitados no horroroso abysmo da furibunda desgraça.

A necessidade, ás vezes, conduz ao crime; mas quanto não é digno de respeito e admiração do genero humano o ente virtuoso, que, semelhante á Divindade, faz retroceder o misero mortal para a senda da virtude?!...

Trad. por M.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

*Pour moi, dans ton cœur seul mon nom
désire un temple.*

(Luce de Lancival.)

I.

AS MULHERES.

Ver um homem lançado entre os ruidos,
Entre o tumultear do vasto mundo
De omnimodas paixões theatro immenso;
Vê-lo n'uma voragem de prazeres,
N'um pégo de emoções não afundir-se,
Não é crível, e até de ser verdade
Senão do verosimil perde os fóros.
Quem de ánimo ha hi tão frouxo, e exiguo
Que, vendo uma beldade desvelar-se
Em compór o semblante de attractivos;
Em dar ao garbo o mais donoso esmalte;
Em abrir doces risos que só rocem
Dos labios a rosada superficie;

meu caro Sr., que alguém tão desembaraçado como o Marmoteiro, as chrismará de babuseiras.

Em outro numero, tratando Vossa Gaia-tice do jantar da Ponta d'Arca (*il va sans dire* Vossa Gaia-tice sempre se acha onde ha *comezana*; comme como sybarita, ou turco no *Rhamadan*, e depois cospe no prato) desandon uma tempestade de dicitrios contra uma senhora de edade para adular as moças, pensando assim que estas hão de pôl-o nos coracoes dos seus cabellos! Como se engana, meu trovão de pataratas! As nossas bellas patricias não são Hyparcas, tem muito bom paladar, e de certo, além do riso de mofa, não farão outro obsequio ao rabiscador de graçolas. Com a descompostura dada na tal senhora idosa mostrou Vossa Corregedoria que não quer ser velho; cumpra seu desejo, e se a Libitina não lhe descarregar o golpe, suicide-se por ali com alguma vela de sebo.

Para coroar a obra o tal senhor da *Marmota* ferra duas lograções famosas com a publicação das — Charadas sublimes —, e não podendo decifral-as, porque a primeira é um lôgro, e a segunda é o diabo em carne e osso, promette a quem tal fizer um volume do drama do Sr. Dr. Macedo; do Sr. Dr. Macedo, cujos versos em um album, elle Marmoteiro achou mal feitos, sendo que faz tão bem versos na sua *Marmota* como nós pares de sapatos.

Não concluiremos sem dizer que não desejamos offender pessoalmente o redactor Prospero; fallamos de suas proesas, e como nos convencemos de que ellas em nada abonam o estado de civilisação da nossa terra, as unhamos como indignas da imprensa. Póde ser que não tenhamos razão, mas pensando,

Que o tal doutor formado em Marmotismo
Entre nós é o chefe do cynismo
temos para nós que fazemos bem em dar-lhe este lembrete.

VARIÉDADES.

O PAI INDIGENTE.

EM 1662, Paris era assaltado de uma longa e cruel fome. Uma noite de estio, que Mr. de Salo, conselheiro no parlamento, vinha do passeio, seguido sómente d'um laçao, um homem o abalroou, lhe apresentando uma pistola, pediu-lhe a bolça, porém, tremendo como quem ainda não tinha exercido este officio.

— Vós vos dirigís mal, disse-lhe Mr. de Salo: eu não vos farei rico, não tenho se não trinta francos, que vos darei de boa vontade.

E os entregou immediatamente.

— Segue com cautela aquelle homem, disse Mr. de Salo a seu criado; observa, o mais possivel, onde elle entrar, e te não demores a vir dar-me parte.

O servo, fez o que seu amo lhe ordenou: seguiu o ladrão que percorreu tres ou quatro pequenas ruas, e o viu entrar em casa de um padeiro, onde comprou um pão de sete ou oito libras, e trocou uma das pistolas que tinha. A dez ou onze casas d'allí, entrou em um corredor, subiu ao quarto andar, e, chegando a um reducto esclarecido sómente pelos raios da lua, deitou o pão no meio do aposento, e disse chorando á sua mulher e a seus filhos:

— Comei! eis ahi um pão que me custou caro; fartai-vos, e não me atormenteis mais, como me tendes feito. Um d'estes dias serei enforcado, e sois vós a causa de tamanho infortunio.

Sua mulher banhada em prantos, e tratando de prestar consolações a seu infeliz marido, levantou o pão e deu a quatro pobres filhos que estavam inanidos pelo furor da fome.

Quando o criado acabou de observar esta

ra duas linhas de satyras. Se assim continúa não será admittido nas forças belligerantes da critica; mas nem por isso deixará de ser arrumado nas ordenanças da litteratura. Pésalhe o mosquete. Terá chuzço, e irá servir ás ordens dos capitães-mores da imprensa, que pela essencia do cargo propendem para a fossilisação, e para a cristalisação confusa. Diz-se pela bocca pequena que a Sr.^a Ida traja lucto pela morte do seu defunto esposo o conde de *Petipé-Carino!* e que esta Sr.^a se predispõe contrahir novos esponsaes, de que deve ser, por graça de Deus, madrinha a *Revisita Theatral*— e, por graça dos homens, o *Beija-flor*; e ha bem fundadas esperanças que este feliz consorcio se celebre no pincaro do Corcovado, onde se recitará a celebre e chistosa parodia— *Como és tolo— Dou-te um bolo.— Não!... não dou!...*— A *Lucia de Lamemoor* foi soffrivelmente, e della daremos um esboço no numero que se segue a este, se o tempo permittir!

Terminamos por hoje recommendando ás familias que por economia vão a pé em tempo molhado, de não consentirem que o escravo atravesse o salão do primeiro theatro desta côrte, com um molho de tamancos espetados na ponta de um páu e isto não lhes pedimos nós por interesse intimo de decencia e educação, mas sim porque nos fazem lembrar os nossos saudosos passeios á Viteleira, e ás romarias á Nossa Senhora do Rosario da nossa terra.

O MONTANHEZ.

O MARMOTEIRO.

PORQUE até aqui ninguem se tem animado a dizer pela imprensa alguma cousa a respeito da publicação periodica que corre por ali com o nome de *Marmota*, e onde o Marmoteiro como um novo

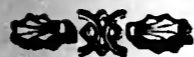
Crates trata tudo tão de resto, que parece querer dar-se pelo mais singular parto da criação? Esta pergunta é feita por muita gente, mas ninguem ainda tem querido respondel-a, não sabemos se por considerar o Marmoteiro um verdadeiro truão, e como tal autorizado a dizer tudo quanto lhe vier á cabeça, ou por temer que esse *engraçado poeta, e faceto escriptor*, como elle mesmo com a mais *ingenua modestia* se chama, desabe alguma tremenda descompostura sobre quem ousar beliscal-o.

Quer o *faceto escriptor* seja um caturra, quer seja um Hercules publicista, cuja penna transformada em clava esmague tudo sôbre que caia, vamos atarefar-nos em fazer alguns reparos ácerca das suas publicações, embora nos exponhamos, no primeiro caso, a ouvir cynico palavreado, e no segundo a levar algum coque que nos faça ver as estrellas ao meio dia.

Logo no primeiro n.^o da *Marmota* o senhor Corregedor do que ha pelos arredores do theatro de S. Pedro, tratando da visita feita á pessoa de mais significação no paiz, usou de uma linguagem, que, por demasido familiar e chula, era por sem duvida impropria da alta personagem a que se dirigia; no segundo n.^o, contando a viagem que fez da Bahia para esta Côrte, e omitindo o bom numero de *cacholetas* que levou durante a mesma viagem, e o baptismo de alcatrão, que lhe preparavam ao entrar desta barra com a competente solemnidade de *roda de travesseiros*, e alguns *amigaveis pontapés*, espichou-se como um gato. Quiz trilhar a vereda de Juvenal, Marcial, Boileau, e do nosso Tolentino, e coitado, cahiu nos atoleiros dos Bavios, e Mevios, onde se chafurda até os narizes. Sem instrucção, amigo e Sr. Corregedor, ninguem escreve duas linhas que prestem; e tendo a instrucção lhe mandado muitas recommendações, Vossa Corregedoria não pôde dizer senão ninharias, e tão anans,

Tendo comprado o rei, a rainha, e a rainha-mãe n'esta occasião lotes de cem luizes, que foram premiados, não perigou a loteria, antes proseguiu com a melhor ordem; e, para se mostrar ao público que não havia dólo, lembraram-se de fazer extrahir os bilhetes por seis meninos, escolhidos á sorte entre doze, que para tal fim eram trazidos d'um hospital de caridade.

(Continuar-se-ha.)



REVISTA DA SEMANA.

DOS jornaes d'esta côrte nada se pôde dizer, isto é, senão *mutatis mutandis* o que no numero antecedente em esboço referimos. As noticias estrangeiras asseveram que Veneza succumbiu aos Austriacos, e que os Hungaros no meio dos seus suffragios vão succumbindo. Na assembléa legislativa de França continuam as interpellações do Sr. Arnaud (de l'Ariège) sobre a expedição á Roma, com os quaes argumentos a assembléa se não congratulará porque a republica de França nasceu sem *lampiões*; e segundo o que temos ouvido expressar aos de puro sangue vermelho, não podia senão ser um aborto apressado do frenesi de vontades desregradas, e consequentemente sujeita a todas essas centenas de vicissitudes, por que tão malfadadamente já tem passado.— Os escriptos do historiador continuam por meio da imprensa a analysar a conducta do Sr. de Lamartine na revolução de fevereiro, e a tornal-o solidariamente responsavel sobre os males e desacertos dos seus actos como politico, e das suas inspirações como poeta: entretanto estamos na intima convicção, porque militam 99 probabilidades contra uma, que o historiador possa levar ao cabo o extremar com sincera verdade a culpabilidade do Sr. de

Lamartine, entre as effervescencias que se succediam a cada instante n'esses dias de fevereiro! Uma das cousas que occupa tambem uma grande parte dos jornaes lidos e conhecidos é a morte do grande Mehemet-Ali; e a sua nechrologia periodica é uma analyse de sua vida privada e pública para com os seus dominios, a que elle aparentou sempre ter uma decidida dedicação, e para sermos conscienciosos tanto quanto o devemos ser, todos os factos da sua vida o demonstravam, e ainda que se queira presuppôr que por dever fóros e obdiencia a alguem elle sanccionou actos de summa barbaridade, é ainda caso negado que a balança se inclinasse para a ruina dos seus estados.

Em Buenos-Ayres continúa a apromptar-se á toda a pressa a expedição para o Paraguay.—O presidente da camara de Corrientes foi preso á sahida da igreja principal, e mais cinco pessoas, que passado uma hora já não existiam, fuzilados na praça á vontade de Rosas e pelas suas assás barbaras ordens.

Quanto á litteratura n'esta côrte, essa pôz o bonet phrygio, e levou á lanterna as aristocracias antigas.

O Robespierre desta quadra de terror é o *Artista* nos seus juizos criticos sobre o theatro dramatico; temos ainda a condescendencia de reconhecer que a penna que escreve sobre theatros não é a mesma das analyses aos dramaturgos e aos actores; assim como nos parece que o tal escrevinhador de bastidores, pilha o redactor em chefe descuidado, e parte a correr para a rua do Lavradio, para no dia seguinte nos dizer que o drama é o *Trapeiro*, e o *Trapeiro* é o drama!... e ver ondular sobre as cabeças dos passantes um como frenetico delirio de terem lido tão bons raciocinios, deduzidos de idéas prenes de um não presta que enfastia. O arcabuz do tal critico enferruja-se e entupe-se cada vez que dispa-

N'este intuito, é com a maior satisfação que começamos hoje a publicar o excellente poema — A SYLPHO, — producção de um joven e distincto Poeta Brasileiro, com que se dignou brindar-nos.

Aceite elle a nossa sincera gratidão, e sirva o seu procedimento de incentivo a outros Vates e Autores, a quem offertamos de bom grado as nossas minguidas paginas.



HISTORIA DAS LOTERIAS.

MUITA gente crê que a origem das loterias data do ultimo seculo, ou, quando muito, do reinado de Luiz XIV, por isso que tem visto alguma cousa a este respeito nas memorias de fazer fortuna com os sonhos sobre as combinações de *Cagliostro*.

Os leitores não desgostarão talvez de achar aqui um extracto rapido de um trabalho interessante por si mesmo, porém fastidioso, quanto ao comprimento, e pouco consultado, até hoje, pelos curiosos; bem que seja a loteria a moda mais vulgar da presente idade.

O jogo do acaso, a que se tem dado o nome de *loteria* foi estabelecido, em *Paris*, em 1644, por uma ordenança que o denominava — banco, ou banco real. Havia muito tempo que estas sortes de bancos existiam na *Hollanda*, e em toda a *Italia*; até havia um em *Lyon*, e então as loterias estavam tão em voga no *Egypto*, e principalmente no gran *Cairo*, que ninguem atinava com a origem d'ellas, sendo que quasi tudo ali se vendia por este meio.

Os *Italianos*, que as introduziram em *França*, quizeram em principio dar-lhes o nome de loteria que tinham em *Veneza*, e em *Genova*; mas *Vaugelas*, que foi nomea-

do administrador d'ellas, oppoz-se constantemente á introdução d'este nome na lingua franceza, e só com o seu fallecimento é que ellas receberam o nome pelo qual hoje se as conhece.

N'estes principios não era a loteria o que depois se tem tornado. Os lotes, que hoje são dinheiro, se compunham então de casas, baixellas, joias, quadros, e diversos objectos preciosos, vendendo-se assim innumerous bilhetes a um preço muito modico, e entregando-se o objecto sahido no número feliz.

No comêço do reinado de Luiz XIV, todas as damas da côrte jogavam a loteria, haviam lotes na estimativa de 40, 50, 60, e 100 mil francos. *Sauval* diz que viu ganhar por alguns escudos bibliothecas numerosas, e bem escolhidas, casas de campo, magnificas mobílias, e uma multidão de cousas de grande valor, como grandes diamantes, quadros de *Leonardo de Vinci*, de *Ticiano*, de *Poussin*, etc.

Os administradores d'este estabelecimento fizeram tão rapida fortuna, que viviam na maior ostentação de mesa, e trem de grandes personagens.


Pouco tardou em subjeitar-se a uma vigilante policia as loterias; e, para que ellas não dessem occasião a promptas ruinas, foi fixado n'um escudo o preço de cada bilhete; marcou-se que haveria dois mezes de espaço entre a proposta, e a extracção dos lotes, e que os números seriam tirados da roda por um menino. A cousa ia em ordem, quando as seis corporações de mercadores se queixaram que a loteria lhes prejudicava o negocio. Chicanou-se, e foi abolida a loteria em 1657.

Restabeleceu-se no anno seguinte, mas para não paralyzar o commercio, foram os premios propostos em dinheiro. Seu computo era de cem mil bilhetes, dos quaes noventa mil se vendiam por escudo cada um, quatro mil a dez francos, e o resto a preço intermediario.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O AMOR-PERFEITO.

 UANDO appareceu esta publicação periodica, no nosso prospecto compulsamos as difficuldades com que tinhamos de lutar, e apreciamos as vicissitudes por que passam as emprezas litterarias no nosso paiz. Fomos como o geognosta que explora o terreno para melhor conhecê-lo; e, com quanto n'este nosso presuppuesto attrahissemos as iras de um contemporaneo, todavia não temos arripiado carreira do alvo a que sitamos; vamos satisfazendo nossos compromissos com os nossos assignantes, vamos compendiando o que achamos de mais interessante no dominio do *utile dulce*, e, mercê de Deus, não desacoroçoaremos, embora alguém nos pragueje, e busque empecer a marcha que vamos indo. Não somos um fanal como o da antiga *Pharos*, na republica das letras, mas também não nos assemelhamos a esses fogos fatuos, que fugaces, illuminam o espaço para ao depois darem mais vulto ás trevas; damos a luz que podemos, e havemos de empregar todo o esforço para que ella não se embacie, conti-

nuando a não recuar na presença de qualquer embaraço que se nos opponha a conseguir esse desideratum.

O maior quinhão da felicidade que tem acompanhado esta nossa publicação, cabe por sem dúvida a nossos assignantes, e ás pessoas que nos têm generosamente obsequiado com os seus importantes trabalhos intellectuaes. Sem este poderoso auxilio, pouco caminharíamos, sem o concurso de seus desvelos pouco fizemos; e por tanto fomos descuidosos de nossos deveres, e merecedores do stigma de ingratos, se de prompto não agradecessemos a benevolencia com que temos sido acolhidos. Continue-nos ella a favorecer, que temos para nós seguros garantos de longevidade, e assim poderemos tornar effectivos os desejos de progressivamente ir levando nossa empresa ao grau de aceitação que lhe almejamos, não para d'aqui colher vantagens pecuniarias, mas para ficarmos tranquilos, e convictos de que não fomos temerarios quando nos arremessamos ao mar das letras, e quando julgamos que de nossas lucubrações poderia provir algum resultado de interesse para o público.

Senti que só adora-a
Desejou n'eu coração,
Que elevado captivou-se
De tão rara perfeição.

E... adorei-a !... seus olhos
Voltaram-se então p'ra mim !
N'um mudo volver disseram
— Eu também te adoro assim.... —

Foi d'est'arte em nós nascido
Tão casto, tão puro amor...
Cresceu e com elle eu acho
Na minha vida doçor.

Seus affectos, seus extremos,
Cheios todos de candura,
Foram p'ra minha existencia
A mais completa ventura.

FLORIANO ALVES DA COSTA.



LOGOGRIPO.

A minha primeira só
Designa-se certo instrumento
A cujo trabalho dão
Bem grande aproveitamento.

Porém se então me dobrares
Veras sem nenhuma falta
Que mostro com tal junção
Dignidade mui alta.

E, ainda as duas juntas
(Muda em O o A segundo)
Me acharas em qualquer ave
Que vires por este mundo.

Inda ás duas se quizeres
O A primeiro em O trocar,
Sem muito custo me vés
Dos navios n'um logar.

Mrsino se á minha primeira
Um U quizeres juntar,
Em bem diversos mis'eres
Me deves certo encontrar.

Minha primeira e segunda
Nos sapatos são achadas;
Até mesmo nos ourives,
E nos braços encontradas.

Mas a segunda e primeira
Bem mostra caverna ou cova;
Tambem que é nome de santa
Facilmente isso se prova.

A terceira com a quarta
E' apropriado ensejo
Em que alguns animaes
Mitigão vital desejo.

Se a estas terceira e quarta
Inda um O antepozeres,
Que é falta de occupação
Concordarás se quizeres.

A quarta com a primeira
Certa vestidura é,
Em muitas corporações
Um accessorio da fé.

E nem só em certos dias
Percorro toda a cidade,
Como em propria occasião
Me verás em quantidade.

Finalmente, o todo meu
Existe nas grandes côrtes,
Os monarchas me possuem,
E homens de grande portes.

F. A. DA COSTA.



CHARADA.

Nas Igrejas se me encontra — 4
E em toda e qualquer parte — 1
Para que seja perfeito
Precisa de ter muita arte.

.....
**A explicação das charadas
do n.º antecedente é: — 1.º
Capoeira — 2.ª Jararaca.**
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

santes e sempre novos que agradão ao espirito, mas que fallão ao coração uma linguagem diversa da que ella até não ouvi-ra; um mancebo, entregue á si mesmo desde a mais tenra idade, acreditando ver no baile a *morada da orgia*, accomette com as armas da estupidez a vaidade da mulher: lisongeiro, prodigalisa-lhe um sem numero de termos escolhidos, porém de ordinario sem nexos, fal-a corar á principio, mas tem certeza de que mais tarde estarão de *accordo*: á esta classe pertence o galardão de transformar o baile em *inferno fechado*.

E d'ahi nasce o grande embaraço de estabelecer-se uma reunião sem mescla: o homem é ávido em adquirir renome, qualquer que elle seja; a mulher é por demais fraca em deixar-se incensar, qualquer que seja o thuribulo que o faça.

O baile perde para mim todo o effeito, toda a belleza, desde que a sociabilidade degenera em liberdade, em licença. Sendo a sua origem destinada á bõa organização de uma sociedade que, por assim dizer, forme uma só familia, impossivel lhe é prosperar emquanto se apresentarem em campo opiniões e mesmo acções tam heterogeneas. —A innocencia é ali posta em hasta; concorrem a infamia, a baixeza, a miseria, para d'ella assenhorearem-se, e então honra, reputação, dignidade, é tudo atassalhado no circulo dosociosos, dos jogadores, dos bailarinos de nossos dias. Longe de mim a ideia de equiparar todos os mancebos que frequentam salões; seria uma injustiça tanto mais digna de censura, quanto mais limitado é o alcance da minha proposição. Até agora não me tenho referido, e nunca me referirei, sempre que houver de arrancar máscaras, sinão á essa alluvião de semi-vagabundos que não fallam, não comem, não dormem sinão ao som de contradanças e valsas, e que despertam pronunciando ridiculas declarações de sentimentos, cuja

significação elles ignoram por se achar fóra do seu elemento.

E é por essa razão que a sociedade geme sob o peso do immoral: o baile não tem a forma que se lhe pertendeu dar na sua criação: é—um inferno fechado—, porque todas ás suas portas acham-se guarnecidas pelo que ha de mais asqueroso e degradante: *a ociosidade e a infamia*.

C. Ros....

POESIA.

VI-A... E AMEI-A!...

Os olhos da minha bella
São negros e são vivaces;
Dão assim doce expressão
A's suas mimosas faces.

Quaes são seus olhos são negros
Os seus cabellos tambem;
Com tal composto, mais graça
O seu semblante contem.

A sua tez não é alva,
Mas de cõr morena e linda;
Sua bocca é breve, em rosto
De belleza assaz infinda.

A expressão de seus olhos
E' tão doce, é tão fagueira,
Que de amores mata logo
C'uma força feiticeira!...

E eu morri apenas vi
O seu todo tão perfeito...
Eu senti ao vê-la assim
Um volcão dentro em meu peito!...

O BAILE.

HA alguns annos, ouvi uma moça dizer que o baile era — um céu aberto —; hoje, ella mesma sustenta que é — um inferno fechado! — Não querendo supôr que seja a *salta* ou *sobra* do gosto, nem tão pouco a *inconstancia* com que as más linguas briudam o sexo feminino, a causa de opinião tão opposta, inclino-me á crêr que uma e outra tem seu cabimento conforme as circumstancias.

« O baile civilisa, iustre e recreia, dizem estes; o baile desmoralisa, deslustra e enfada, accrescentam aquelles: no baile, adquirem-se amizades e relações, trata-se com a sociedade e conhece-se o mundo, affirmão os rapazes; no baile, bradam os velhos, perde-se o pundonor e o brio, estabelece-se o contacto com a pouca vergonha e desconhecem-se os deveres sociaes!.... » Ora, ou eu não os entendo, ou não me fallão verdade: que uma cousa pôde e não pôde ser ao mesmo tempo, niuguem será capaz de sustentar, e d'ahi parte o meu principio de julgar o baile *um céu* ou *um inferno*, segundo a maneira de encaral-o e nunca geralmente.

Desde já declaro-me contra o baile do nosso paiz: foi ahi que perdi a minha liberdade, foi d'ahi que comecei á arrastar os ferros da minha escravidão; porém não é este o principal motivo da minha queixa; ao contrario, capacitado estou de ser o menor e o que eu mais préso. Zeloso como um Beduino, apaixonado como o Mouro de Veneza, não posso resistir ao desespero que de mim se apossa quando *a* vejo pelo braço de outro á percorrer os salões e sorrindo ás suas palavras sem expressão, ás suas phrases banaes e lisongeiras que mil vezes têm sido empregadas n'aquella mesma noite.

Concordo que a mulher não deve ser uma estatua quando collocada entre dois

cavalheiros, cada qual mais solícito em prodigalisar-lhe attentões.... ridiculas attentões que em rigor, não valem um olhar; porém, não sabe ella que um riso seu é muitas vezes mais perigoso do que todas as respostas que necessarias pareçam ás innumeradas questões que o *pedantismo* traz sempre estudadas? ignora que, cedendo aos caprichos de improvisado cavalheirismo, subinette-se a um exame presidido pela maledicencia? quem sabe?! Mas impossivel lhe é desconhecer a differença que ha no travar-se-lhe da mão: o homem que ama é gelo ou fogo, e soffre de febre ou calafrio, quando sente a ligeira pressão dos dedos da mulher amada; aquelle que a suppõe um passatempo, um desenfado para a sua vida de *conquistador imaginario*, é todo banalidade ou estupidez, e muitas vezes indifferntismo ou grosseria.

Si a nossa sociedade estivesse constituída debaixo das mesmas proporções que muitas outras, si os deveres á ella prescriptos fossem cumpridos em toda a sua extensão, pouco me custaria o sacrificio de que faço alarde; porém, entre nós, ainda a civilização debate-se com os infamantes principios da devassidão; o homem licencioso e libertino ainda não foi excluido do recinto que só compete ao honesto, em razão de darmos por ora importancia aos effeitos e não ás causas.

Uma mãe, ciosa da educação de sua filha, crendo como outros que o baile iustre, ao mesmo tempo que recreia, para lá guia seus passos e trata de cultivar-lhe o espirito nas doutrinas dos salões; um pai, deleixado no extravaganciar de seu filho, julgando tambem como outros que no baile adquirem-se relações e amizades, corre um véu por sobre as despezas á que o louco se entrega, e anima-o na carreira da ociosidade; uma moça, educada debaixo de principios, suppondo o baile *um céu aberto*, precipita-se ao encontro dos prazeres inc-

vão pacificamente a serviço de seus Srs., muito antes das horas de recolher.

— Isso agora parece razoavel. Mas qual é o segundo obstaculo, que encontras?

— Eu te digo. Nem sempre os freguezes estão pelas nossas cantilenas; e quando algum se embala com taes lamurias, não trata de comprar-nos mais cousa alguma, assim que conhece o tremendo logro que lhe pregamos.

— Isso tem bom remedio.

— E qual é?

— Trata verdade, e sê homem honrado.

— Isso não é possivel.

— E por que motivo?

— Porque então deixaria o campo livre aos velhacos.

— N'esse caso emprega-te n'uma casa de vigesimos.

— Estás louco, amigo?!

— Pois é tamanho disparate o que acabo de aconselhar-te?!

— Disparate não; mas tem seus conformes.

— E quaes são elles?

— Ha mais difficuldade em ser hoje admittido a uma casa de vender vigesimos, do que a ser empregado em uma — reparação pública.

— E qual é a razão d'isso?

— Não sei; mas contar-te-iei o que tenho podido colligir.

— Terei n'isso muita satisfação.

— A venda de vigesimos é hoje uma — *maçonaria impenetravel*; — e supponho que quem deseja pertencer-lhe tem de passar por provas horribes.

— Oh! meu Deus! Que estás dizendo?!....

— Nada mais do que uma verdade.

— Explica-te.

— O negocio de vigesimos é um dos mais mysteriosos que existem: basta saber a gente com quem, pela maior parte, tem de lidar.

— E quem é — essa gente? — Não me forces tanto a paciencia... explica-te... senão adeus ...

— Ora, não dês cavaco....

— Mas então falla.

— São massas heterogenias... são *cousas*, pela maior parte.... são materias brutas.

— Não te julgava tão enigmatico; e por isso não quero mais acrisolar a paciencia...

— Deploro a tua innocencia....

— E eu me felicito por fruil-a....

— Olha que a innocencia, ás vezes, é o caminho mais certo para chegar-se ao vicio.

— Cada vez te entendo menos; e como estás agora philosophando, adeus....

— Então, não queres mais explicações, nem dar-me conselhos?...

— Nada, nada: vejo que não precisas d'elles.

— Pois bem: ouve sempre uma pequena explicação.

— Vamos a ella; mas sem rodeios.

— Pois te persuades que, com 80 réis de 400 ou 600 vigesimos, quando muito, se pagam casas, caixeiros, gasta-se *à la grande* e se enriquece em pouco tempo?!...

— Que diabo de enigma é esse? Estás mangando comigo....

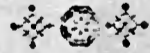
— Está bom, amigo; mudemos de conversa. Em outra occasião te darei mais amplas explicações. Vamos agora tratar dos casamentos.

— Basta, basta... já assás me fizeste a cabeça andar á roda....

— Então, adeus até outra vez.

E por este modo separaram-se os amigos; mas não perdemos de todo a esperanza de darmos ao prêlo a continuação dos

— ESPECULADORES.



OS ESPECULADORES.

ESTE mundo é um aggregado de especulações.

Não duvidamos entretanto que haja alguém tão pretencioso, ou falto das lições da vida humana, que se abalance a contestar esta verdade; porém jámais o conseguirá, máu grado empregue todos os recursos da methaphysica, a mais intrincada, e ouse forçar a logica até os ultimos limites.

Eis aqui uma these:

— Um ente deve viver.

— Para viver, é mister occorrer ás necessidades da vida.

— Ora, para o conseguir, ha muitos meios, uns difficeis e trabalhosos, e outros brandos e moderados.

— De qual d'elles se deve lançar mão de preferencia?

— Parece razoavel que deve empregar-se os meios menos arduos, e mais proficuos; com tanto que satisfaçam o *disideratum*, que se procura.

A necessidade, quasi sempre, força a imaginação, desenvolve recursos e descobre os meios pelos quaes possa ser satisfeita. A prova d'esta asserção, vemos nós todos os dias n'esta boa e nobre capital.

Entremos em materia.

Qual o desejo hoje dos nossos moços, apenas saíndo dos bancos, onde cursaram os primeiros estudos, e ainda muito proximos ás faixas da infancia?

Uma carta de bacharel em direito ou em medicina.

E quando, por qualquer circumstancia, (em a qual tem grande parte o bom dinheiro!) não pôdem satisfazer sua vontade, eil-os que mudam de rumo... eis que se lhes apresenta um campo vasto,— a carreira de empregado publico,— que, apesar de ter seus prós e precalços, tambem traz consigo seu bocado de máu caminho.

Até aqui tratamos de uma classe; vamos

agora ás outras; mas, antes disso, cumpre-nos revelar um dialogo, que ouvimos.

— Não tens de que viver?....

— Estou desempregado....

— Foste despedido, por não poderes supportar o desarrazoado patrão?...

— Assim foi. Esses homens são hoje — uns reis pequenos; — e julgam que ninguém mais lhes pôde subtrair o exclusivo.

— Isso não é nada; nem vale a pena de occupar-se com taes miserias, o pensamento por um instante.

— Mas, estou desarranjado....

— Põe uma fabrica de charutos.

— Não tenho fundos e muito menos credito.

— Faz-te *corretor* de algum *fabricante*.

— Isso é mais facil, porém não chegam os ganhos para a satisfação dos vicios, de que me apoderei, quando tinha franca a gaveta do patrão.

— Arvora-te *mascate volante*; diz que desembarcaste ha pouco de berdo, e que passaste as fazendas, que vendes — tão barato, por contrabando.

— Não acho máu o conselho; porém é muito incómodo andar a estender as pernas por essas ruas.

— Ah! queres sómente gozar o fructo, sem que te sujeites ao trabalho? — Não está máu.... mas julgo que o não poderás conseguir por muito tempo.

— Não é tanto pelo trabalho.... é tambem porque acho seus inconvenientes no conselho.

— E quaes são elles?

— Em primeiro logar, os *Guardas, Fiscaes, Vigias* e todo esse enorme batalhão de exactores, que por ahi anda, sob variada nomenclatura, são de tal sorte vigilantes, que não deixam um — pobre diabo — pôr pés em ramo verde. Haja vista o que estão praticando com os pobres pretinhos de — cesto e corda, — e com aquelles que

do que devia ser o J.... ao menos o camarão devia estar alçado sobre o Rafeiro: e a *Dulcinèa*, com desprezo dos latidos, recebendo o *Jornal*, e entregando — *un petit bilhet doux* — cuidadosamente perfumado em *extrait de miel* para o redactor!...

No theatro não tem occorrido se não o costumado: a Sr.^a Ida continúa a *gaguejar*, — expressão de um *velhote da geral* — que não podendo dizer *trinado gorgoio* ou *som magico* — disse *gaguejar*, e lavrou tres tentos; porque elle, a nosso vêr, joga a partida com o *Artista*, e o A... Veremos quem ganha.

O Sr. Costa lá vai fazendo o que póde; o Sr. Brunaci do mesmo modo, e assim por diante. O theatro de S. Pedro d'Alcantara é um completo musèu de numismatica. As coristas parecem moedas dos Reis Macedonios; as bailarinas tem certo geito *by-santino*, que nol-as faz crèr contemporaneas dos jogos do *Hippodomo*.

Sobre este montão d'*anciens Savoyards* vai proceder-se á reforma: chamamos n'esta reforma a attenção das authoridades, — *primo*, porque os contractos se acham assignados por quem os não póde garantir: *secundo*, porque não é só por meio de uma escriptura que um homem extranho lhes assigna que os cantores se decidem a vir para longes terras, mas sim pela confiança e respeito que mereça o paiz na expressão geral do estrangeiro; — *tertio*, porque as authoridades não consentem fraudes e muito mais quando ellas vão recahir sobre o infeliz Ar-

tista, a quem se paga com escasso premio o serviço, que elle muitas vezes presta á sociedade em cada baga de snor que derrama. — N'este ponto descançamos não nos empresarios, mas sim na dignidade sempre illeza das authoridades competentes.

Quanto á *Revista Theatral*, apenas diremos que o desforço é sempre justo, é muito nobre, e se torna sempre muito necessario quando se tem de moralisar e satisfazer á sociedade e ao público; mas é sempre muito torpe quando, apresentando esse montão de verdades a que quiz chamar *verdadeiras*, a *Revista Theatral*, desce a baixeza de — gritar ás armas — em um tempo de tanta tranquillidade e de uma paz tão completa! Isto quer dizer que o autor do tal — Artigo Nacional — nos não póde dizer muitas verdades, sem as entremear de palavras que lhe sejam inteiramente oppostas.

Terminamos pois, reconhecendo que mais não devemos alongar os nossos raciocinios, porque seria metter fouce em ceara alheia, sem comtudo deixarmos de confessar que hemos medo da *catastrophe* do tal grito, porque tememos que a Sr.^a Ida, cedendo ao espirito do seculo e desprezando mesmo os jornaes Austriacos, e a derrota dos *Hungaros* nos venha fazer gelar de susto, querendo imitar os altos feitos de certa heroína portugueza!

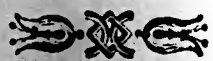
O MONTANHEZ.



demasiada vaidade!... Em tempo algum devia o AMOR-PERFEITO tocar, nem levemente, n'esse *thesouro*, cujo exclusivo *património* pertencia ao *Artista*. Elle sim, homem *experimentado*, — ARTISTA eximio, pôde e deve francamente *decretar* sobre o *theatro*; fallar com toda a convicção que sóe outorgar a — san verdade, e uma consciencia pura; porque o — ARTISTA NÃO SE VENDE!!! —

Afrontando porém todos os furores e satyras do contemporaneo, e de outros, continuaremos em nossa encetada empreza, desprezando polemicas, que nada servem para o nosso fito, e muito menos incensando ou deprimindo injustamente falsas ou verdadeiras *divindades*, como unico fim de attingir ao ponto de sordido ou mui legitimo interesse.

Estas mal traçadas linhas sirvam de resposta ao illustrado *Artista*, a quem nem de leve nos accusa a consciencia de haver offendido, e do qual não merecíamos, e nem espevamos a acrimoniosa e mordaz satyra, com que se dignou brincar-nos.



REVISTA DA SEMANA.

A TÉ hoje nada tem apparecido nos jornaes d'esta cõrte que mereça extractar-se com utilidade para os leitores do AMOR-PERFEITO. O *Jornal do Commercio*, apezar do seu tamanho e largura, contenta-se e continúa a en-

cher-se com os seus — roga-se, alugase, precisa-se, etc., e faz bem.... O *Mercantil*, por este lado, é mais pobre, porém sempre rico em polemica, linguagem e estylo, menos nos *folhetins* que affogam os leitores entre vagalhões de sensaboria.

O *Liberal* e *Correio da Tarde* continuam empregando todas as forças para sustentarem o numero de seus assignantes: isto torna-se muito louvavel, por ser a conservação direito natural que se torna inviolavel, e é garantido pela lei de todos os codigos conhecidos.

Da *Marmota* nada podemos dizer além do que ella expende em seus annuncios: — Marmota! Marmota! Marmota! O que corresponde a — Bichas! Bichas!! Bichas!!! — Que pechincha! — Vamos á rua de tal a correr.... mesmo deitando os bofes pela bocca fóra!.... Ahi ha objectos preciosos *par bon marché*!

O *Artista* esse — quis talia fandi tempere et lacrimis — sabe latim! — O seu mister é nobre: trata só do dó, ré, mim, — e de um *mysterioso amor de charada*! — declarando com um chiste inqualificavel e com uma pilheria engraçadissima: — O *Artista nunca dá explicação de suas charadas!*... — Prosiga no seu proposito.... não nos diga nada.... não.... e persuada-se que, em paga do seu sigilo, ha de obter uma boa *grinalda* composta de botelhas de *Salsaparilha de Sands*, e *Xaroqe do Bosque*.

Não gostámos da caricatura — e com a devida venia diremos — que quando nos não apparecesse o cria-

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

DUAS PALAVRAS AO ARTISTA.

MAL pensavamos que haviamos de dar ao *Artista* tanto incommodo com a nossa apparição; mal pensavamos que o nosso mesquinho — prologo — havia de excitar a sua bilis, a derramar sobre nós o fel sarcastico; mal pensavamos que lhe causaria tamanha irritação o pobre artigo ácerca do theatro, que nada mais foi do que a exhibição de um facto-mais ou menos colorido, um d'esses enrêdos, que se nutrem nos bastidores theatraes, e que nunca deixam de pertencer ao dominio do público.

Mas a sublimada sapiencia do contemporaneo, tocando a méta, e tomando, como deve, para si o *exclusivismo*, não consente que ninguém lhe véde a senda, e muito menos que se aventure a segui-lo, posto que de longe e com tardo passo.

O nosso modesto *prologo* foi obsequiado com estas *animadoras* palavras — *Que prologo!*... *Aquillo é que é escrever!*... Commettemos é verdade um grande crime em dizer que — o nome era uma voz com que se davam a conhecer as cousas, e muito maior, porque comparamos o nosso

jornal ao fragil baixel, que sulca o mar procelloso da imprensa; mas esperavamos que não houvesse hoje uma *inquisição* tão forte, que nos compellisse á fogueira. Além d'isso, estavamos no Rio de Janeiro, longe do dominio dos *Padres*. *Do*

Ainda mais; dá-nos licença para que digamos alguma cousa — a respeito das *botas de Napoleão*, do *chappê de Henrique VIII*, da *cabelleira de Ganganelle*, de *Phebo*, *Phaeton*, etc., etc. Tudo o mais lhe pertence, por exclusivo privilegio!!!...

Após estas *bellezas*, felicita o director, e mais sucia, que elle conhece, lá do theatro pela apparição do nosso periodico.

Ora não ha duvida que o AMOR-PERFEITO foi bastante indiscreto. — Sahir á luz, fallar sobre o theatro, sem que primeiro houvesse de pedir venia ao *Artista*?! ao unico homem que sabe escrever, ao *Poeta por excellencia*, ao varão prestimoso, que só tem licença para tratar sobre o theatro?! ao ente, cujos principios tão rígidos, e cuja moral tão sublimada só em taes assumptos podem dar-lhe direito a decidir *ex-cathedra*?!

E' por certo mais do que arrojo, e

NOTTE.

*Ausente de ti, Armia,
Passo os dias sempre triste.*

GLOSA.

Passo a noite, passo o dia
Soffrendo dura saudade,
Vivo em cruel anciedade;
Ausente de ti, Armia.
Fugiu de mim a alegria,
A tristeza só me assiste,
Nem meu peito já resiste,
A' fêra dôr qu'ô atormenta;
E n'esta vida cruenta,
Passo os dias sempre triste.

J. B. DA CUNHA.



A MINHA AMADA.

(N'um Album.)

O anjo divino que alenta meus dias
E' doce e fagueiro no seu puro amor,
Pois faz á minh'alma gozar venturosa
Da vida os effeitos em meigo fulgôr.

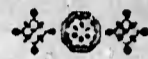
E' candida virgem de magnos encantos,
Seu rosto formoso a amar me induziu;
Seu rosto formoso ao meu terno peito
Mil dictas outorga quaes nunca fruiu!

Dotada de uma alma singela, amorosa,
A minha existencia feliz faz tornar;
Em seus niveos braços me dá os prazeres
Com que meus desgostos me vem adoçar!

E em paga de tanta ternura e amor
Contente eu lhe entrego o meu coração:
E ambos gozamos de amor as delicias
Gostando os extremos de tal união!...

E' candida virgem de magnos encantos
Aquella a quem amo com todo o ardor:
O anjo divino que alenta os meus dias
A posse só tem do meu terno amor!

FLORIANO ALVES DA COSTA.

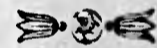


CHARADAS.

Uma letra tão sòmente
Me designa, e com razão; — 1
O sol é que me produz,
Na mais calmosa estação. — 1

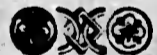
Em Lysia todos os homens,
Que manejam a charrua,
Para o fim de seus labores,
Cada qual possui a sua. — 2

Sou ave bem conhecida,
Que habito mattas dispersas;
Porém também significo
Quatro cousas mui diversas.



A primeira e quarta é fructa,
Fructa é quarta e primeira;
Apreciavel se torna
A segunda co' a terceira.

De côres matizada, e mui flexivel;
Ora dormente, outr'ora em furia ardendo:
Foge d'ella, mortal... não te approximes...
Porque boa não é, como estás vendo!



**A explicação da charada do
numero antecedente é:—cos-
MORAMA.**

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

Ahi não debes temer
Dos euros rijo açoitar,
Nem do sol de estio ardente
Fulmínea luz a vibrar.

Ahi terás um canteiro
Da bondade mais subida,
Tendo por auras suspiros,
E por cultor sua vida!



A UNS ANNOS.

Nasce a rosa no jardim,
Que esmaltam mimosas flôres:
Ninguem lhe sente os perfumes,
Ninguem lhe vê os primôres.

Pouco a pouco almo bafejo
Da fecunda criação
Lhe alinha a fôrma, e lhe imprime
A delicada feição.

O calix já se desdobra
Com viço, e com louçania;
Prende-se a um outro pétalo
Com graça e com symetria.

O fino aroma, que entorna,
Por entre a verde folhagem,
As auras vem procural-o
Como signal de homenagem.

Eis a flôr em todo o brilho;
Eil-a tudo namorando;
Eil-a desejos sem conta
Casta e innocente excitando.

Mas o fado que escarnece
Da ventura dos mortaes,
Dá á aragem nova força,
Dá ao sol ardôr de mais.

Da gloria pois no apogéo
E' a infeliz desfolhada
Pelo ímpeto da briza,
Ou pelo sol é crestada.

Como a rosa do jardim,
Tu nasceste, ó virgem linda!
Como ella cresceu nos dotes
Tu cresceste, e mais ainda!

Mas, praza ao céu que seu fado
Não, não seja o fado teu!
E que tu não emmurcheças
Como a flôr emmurcheceu!

Nem que na taça da vida
Bebas a negra amargura,
Que é tantas vezes no mundo
O premio da formosura.

MACIEL MONTEIRO.



MOTTE.

*Entre suspiros saudosos
Hei de amar-te até morrer.*

GLOSA.

Em momentos desditosos
Minha sorte foi dictada;
Foste de mim separada
Entre suspiros saudosos:
Os meus dias venturosos
Trocaram-se em padecer,
Mas, sem nunca m'esquecer
Dos instantes qu'hei gozado,
Mesmo de ti separado
Hei de amar-te até morrer.

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



Santo Ambrosio, atirou-se a ella, fêl-a pedaços para ter reliquias, e de tal modo que ella desapareceu n'um abrir e feixar de olhos.

Foi levado a final outra vez o notario á casa do mercador; explicou-se o negocio; mas o ladrão tinha tido tempo de safar-se com o sacco, e o notario ainda foi obrigado a pagar a capa.

Não temos aqui d'estes larapios; mas entre os nossos pequenos gatunos, ha alguns tão espertos!...

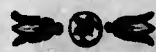


Certo jacobino pregando em Veneza em dia de grande festa em honra do Rosario, contava a historia seguinte: — Um ladrão de estrada, matando, e assassinando quando a occasião se apresentava era muito exacto em resar todos os dias o seu rosario. Um viajor que elle atacára deffendeu-se, e matou-o; morreu sem confissão, e seu corpo, de onde a alma não quiz partir, foi enterrado junto a um pé de carvalho pelos camaradas. Alguns mezes depois S. Domingos veio a este logar, e chamou o ladrão pelo nome. A esta voz, o defunto separou a terra que o cobria, saíu da cóva, caíu de joelhos ante S. Domingos, que o confessou, o absolveu, e encaminhou sua alma para o paraíso.

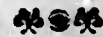


Os salteadores tambem tem differença de costumes conforme os paizes em que habitam. Não ha ninguem mais polido, e mais original do que um salteador inglez, é pouco commum que elle depenne de todo o viajor, deixa-lhe sempre com que acabar a viagem. Sabe-se que uma senhora de Londres, tendo-se em horas muito adiantadas perdido no parque de S. James, e rodeada de alguns salteadores que nem lhe fallavam, mais que a seguiam com affectação, dirigiu-se a um

d'estes senhores, e pediu-lhe que a levasse a casa. Lisongeou-se o ladrão com este signal de confiança; deu o braço á dama, fez com o lenço um certo aceno aos collegas, que se apartaram, acompanhou a bella moça extraviada até á porta de sua casa, e teve a delicadeza de não acceitar o convite que ella lhe fez de descançar um pouco.



POESIA.



O AMOR PERFEITO.

Nascido como a violeta,
Inclinado ao réz do chão,
Tu, ó flôr de nome lindo,
Não has medo do suão.

Sob a copa dos rosaes
Réstia de sol te acalora;
E esse calor tão almo
O tenro pé te vigora.

E's humilde, és acanhada,
Nem amstras teu matiz;
Mas assim mesmo occultada,
Linda flôr, como és feliz!

Tambem como tu, Carlinda,
Seus encantos não ostenta;
Mas o affecto que exprimes
Em seu peito ella apascenta.

Ella no peito te aquece,
Unida ao seu coração;
Ella é tua jardineira,
E tu és sua paixão.

— E d'onde procedeu aquelle raminho que zeloso guardas? qual a sua significação?... — Foi *ella*, anjo ou mulher, que o fez passar das suas para as minhas mãos; e o anjo da guarda nunca offertou afflições, e a mulher que ama nunca ministrou traição: Deus mandou-a em meu auxilio... *ella* cumpre sua missão.

— E aquellas letras indecifráveis... quem as escreveu? o que querem dizer?... — Este é o meu segredo... a minha unica e verdadeira felicidade... *Ali*, n'aquellas duas linhas occultas aos olhos do mundo, encontro o gozo supremo da vida; *ali*, n'aquelles caracteres para vós inintelligíveis, leio a verdade do Evangelho, o unico amor que pôde felicitar o homem n'este mar de egoismo; de avareza, e de orgulho á que se chamou — vida —. As palavras que ouço em sonhos, creio vê-las esculpidas em letras de ouro sobre um campo de saphyra!

C. Ros....



VARIEDADES.

QERTO trapaceiro vestido á rustica procurava a quem depennar na praça, quando viu apparecer um notario carregando um bem recheado sacco de escudos: era um bello homem, porém ainda mais bonito era o sacco que trazia. O ratoneiro, que já o tinha visto algumas vezes, abordou-o. « Senhor, disse-lhe tomando os ares de um ingenuo villão; perdoe se lhe tomo o tempo por alguns momentos. Venho de uma aldeia (nomeou-a) em minha qualidade de servente de parochia, procurar um notario para prover a grandes altercações, que nos sobrevieram, e uma capa para o senhor cura, que queimou a sua este inverno aqueitando-se na sachristia. Se tivesse a bondade de indicar-me como

« posso obter tudo isto dever-lhe-ia um grande favor. »

O notario escancarou as orelhas, e respondeu com as melhores maneiras, que era elle o homem que se procurava, e que escreveria todas as actas, e arranjaría todos os negocios da freguezia pelo preço mais commodo.

— Pelo que vejo, disse o velhaco, o Sr. é notario?

— Justamente.

— Muito bem; que fortuna! Sabe que vae ganhar 200, ou 300 escudos.

— Ainda melhor.

— Mas em recompensa do freguez que lhe dou, desejo que me faça um serviço. O nosso cura é exactamente da sua altura; leve-me á casa d'um algibebe, prove a capa, o que irá ás mil maravilhas.

O notario não pôde esquivar-se a esta pequena condescendencia. Conduziu o pseudo-sachristão a um vestimentario, viu uma boa capa, e para proval-a, depoz o sacco de escudos no balcão.

Em quanto estava de costas viradas, o larpio *engalfinhou* o sacco, abriu a porta e fugiu.

O notario voltou-se bruscamente, e vendo partir o sacco, poz-se a urrar correndo para o lado por onde elle tinha visto desaparecer o tratante, gritando cada vez com mais força—pega ladrão.—

O alfaiate correu por seu turno, dando os mesmos gritos.

O trapaceiro que não deixava de correr seu risco, corria sempre gritando tambem: « Pega ladrão, é um sacrilego, roubou a capa de Santo Ambrosio! Está louco, peguem-no com cautella, em quanto vou buscar a ronda. »

O populacho que via o notario correr pela rua com uma capa ás costas, suppoz que elle fosse o ladrão. Prenderam-no apesar de seus gritos, deram-lhe alguns pescoções; e a pobre gente a quem o ratoneiro acabava de informar do roubo da capa de

O MEU QUARTO.

Et toi... Julie... soit toujours mon guide... mon soutien...

ALEX. DE LAVERGNE.

PARECERA' uma extravagancia, talvez mesmo uma sem-razão a resolução que tomei de dar ao prelo o consentimento de divulgar o que se passa entre quatro paredes tristes e silenciosas, despidas e solitarias, como os ramos da paineira quando o inverno se faz sentir: entretanto foi em uma d'essas noites calidas e abafadoras, que me occorreu tal pensamento para ser logo posto em evidencia. Eil-oahi vai tal qual me suggeriu a solidão; o isolamento originou-o, a esperança deu-lhe vida: alimentado nas trevas, só a luz da verdade lhe poderá dar algum valimento aos olhos do incredulo, por isso crede-me.

Definir o aposento de um rapaz solteiro, fôra repetir mais uma vez o que mil vezes se tem repetido; ser-me-ia facil dizer, principalmente si quizesse ostentar a indispensavel presumpção da mocidade, que *ali* e *acolá* existem raminhos e cartas mysteriosas; que, junto á cabeceira, distingue-se uma rosa pallida e myrrhada, a qual outr'ora presidiu bella e corada o toucado de uma belleza — mesmo assim —; acrescentaria que um papel semi-aberto, escripto ás pressas, e com caracteres tão pequenos e indecifraveis, que apenas se podem lêr, marca a pagina de um livro que parece condoer-se da flôrzinha sem viço, sem cheiro, sem alma, e que, vergonhosa, occulta-se no interior de suas desbotadas e emmurhecidas folhas. Porém, para isso avançar, mentiria por certo, e desde então, sempre que levantasse a voz para afirmar, julgar-se-ia que o fazia para negar.

O meu quarto offerece um quadro inverso d'aquelle que nos apresentam os dos mancebos de hoje; não tem os seus attractivos, mas excede-os em *felicidade*. — *Ali*, n'aquel-

la caixinha, ha flôres; *acolá*, n'aquelle album, ha um bilhete cautelosamente guardado: as flôres formam um raminho delicado e seductor, o bilhete encerra palavras sinceras e sem mysterio: o raminho compõe-se de AMORES-PERFEITOS, a sinceridade das palavras provém de sua franqueza.

Quem penetrar até o meu leito não verá esse abandono, esse deleixo que reina algures, não; porque quero sempre ser o unico depositario de meus segredos, quero viver á sós com elles, e não publical-os senão quando á par da realidade eu entrevir a ventura de gozal-a. De redor d'esse leito isolado, ha livros, papeis, jornaes... Entre os primeiros descobrem-se romances e poesias; no meio dos papeis, encontra-se o arrebatamento de uma imaginação allucinada, que se tem debatido com o infortunio; entre os ultimos realçam o BEIJA-FLÔR, o AMOR-PERFEITO... e nada mais.

— Então, me perguntareis, em que consiste a belleza do teu quarto? onde está essa felicidade que apregôas e que pareces fruir ao passo que a descreves? — Eil-a sobre aquella cama, *ali* onde reina o silencio dos tumulos, *ali*, onde não tenho por companhia senão o pensar, *ella* apparece-me, ora risonha e bella como o sorrir da aurora, ora apaixonada e amante como o beijo de uma mãe que acaricia seu filho: é um *sonho*, bem o sei; é uma *illusão* de mais á que se presta a minha imaginação; porém este sonho, esta illusão, têm o duplo valor de todas as ambições que são permittidas á mocidade. *Ali*, fallo a sós com *ella*, conto-lhe os meus pezares, narro-lhe os meus soffrimentos, abro-lhe a minha alma... e *ella*, boa e meiga, innocente e casta, prodigaliza-me consolações emanadas do céu, dá-me alento quando de mim se apossa o desanimo, tranquilliza-me quando sou victima do desespero, e por ultimo fecha a chaga que corrôe-me o coração, pronunciando bem baixinho estas palavras cheias de vida: « *Eu te amo!*... »

Mas esta *espertesa*, se tal nome pôde dar-se, era fraudulenta, e, por consequencia, criminosa; e não pactuaremos, em tempo algum, com o crime, nem com os seus autores.

Chegou a *escarlatina*.... oh! isso sim, é negocio de nova especie, em o qual pouco ou nada ha a arriscar-se, e onde o lucro é quasi certo.

Uma notabilidade medica — por amor da humanidade — declarou que a *escarlatina* grassava com mais furor do que em 1843; e, por isso, aconselhava o seu remedio, cuja receita publicára em um jornal d'aquelle anno, que citou; porém cremos que se enganou no mez e data, porque não a encontramos no logar indicado. — Felizmente a perda não foi grande, poisque uma velha, nossa vizinha, explicou-nos que o tal medicamento constava de um môlho bem feito de — pimenta, limão e sal. — Estes môlhos têm dado que fazer a muita gente; são optimos para peixe fresco... e se tambem servem para curar a *escarlatina*, é o que ignoramos completamente, e nenhum desejo temos de o verificar. Em todo o caso, louvamos o seu autor; pois elle bem sabe o que fez.

Surgiu após esse annuncio, logo outro, offerutando remedios de graça; o que achamos muito justo e louvavel, pois demonstra — sublimada philantropia, — se é que não ha algum fim occulto, que não podemos penetrar. Entretanto encarado esse procedimento, pelo lado da humanidade, merece a nossa inteira approvação; pois cremos que seu autor não ignora o que pratica a tal respeito. — Oxalá que outros o imitassem.... porém em negocios taes, ha muitos escrupulos.... e quem possui um — *nome formado* — não deve praticar certos actos, que, em seu pensar, são *degradantes*!....

Já tinhamos, por tanto, uma boa receita, e medicamentos de graça contra a cruel epidemia; eis se não quando apparece terceiro annuncio de um medico, que vai firmando a

sua reputação, em o qual faz ver ao respeitavel público d'esta mui respeitavel e nobre capital, que a *camphora* é infallivel preservativo contra a fatal e mortifera *escarlatina*!.... Que achado!!... Quando Colombo descobriu a America não teve maior prazer, do que sentiram todos os droguistas e boticarios! — Saltaram de contentes; e quem sabe se não prometteram fazer uma ovação ao prestante mortal, que lhes proporcionava o meio de se livrarem de um grande embargo commercial; porque a droga annunciada como preservativo do cruel flagello, se achava no mercado pelo vil preço de 900 rs. a libra.

Mas, vulgariza-se a noticia.... corre o povo em massa a comprar o milagroso *amuleto*, que o pôde livrar de uma morte quasi certa.... Apparecem artigos pomposos, elevando além das nuvens as preciosas virtudes da *camphora*, já sob a fórma de *cigarretas*, já para ser posta na sala, na alcova e na cozinha, em banhos, em pommada, em espirito, e, para dizer tudo de uma só vez, a *camphora* de todos os modos e em todos os logares; de maneira que, n'um abrir e fechar d'olhos, foram transformadas milhares de libras d'este genero, (e já por alto valor!) em bellas *notas do thesouro*, que, apesar de fracas, servem muito...

Agora respondam os homens de tino, se o nosso amigo velho tinha ou não razão no que affirmava?....

Concluamos o nosso fastidioso aranzel com uma perguntazinha; e vem a ser:

Grassa a *escarlatina* com furor indomito?...

No caso affirmativo; que providencias se tem dado?...

No caso negativo; para que assustar ao povo?...

Todos sabem o que fazem, e é muito natural que sejamos nós os unicos que tudo ignoramos!!!



trategia e a diplomacia explicam de
sobra estes phenomenos !!!...

Mas annullai a IMPRENSA! — Não o
podereis conseguir jámais.

É vedado ao mortal ler no futuro.

Ninguém poderia asseverar que no
delirio das metamorphoses sociaes,
no enthusiasmo febril da aspiração
indefinida para o ideal da humanida-
de, não verá amanhã os pendões his-
toricos das nações abaterem-se um
momento ante o estandarte verme-
lho, inaugurado no cenaculo de al-
guns sectarios. Ninguém póde affir-
mar que não curvará um dia o collo
aos grilhões do despotismo heredita-
rio, ou ao gladio homicida das dicta-
duras populares.

Mas ninguém ousará interromper
por uma propheta insensata o curso
triumphal da IMPRENSA.

Nunca destruireis a familia o —
AMOR, a CARIDADE, — as tendencias es-
pirituaes e sublimes da humanidade!
Nunca destruireis a IMPRENSA, que as
resume, que as explica, e que as tra-
duz admiravelmente.

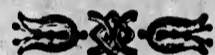
Os proselytos grupam-se com fer-
vôr junto do dogma que tem por eter-
no; a superioridade incontestavel de
um principio congrega-lhe partida-
rios e campeões: eis-aqui porque
todos profiam, e se desvelam no culto
da IMPRENSA. — O escriptor é o seu sa-
cerdote.... E d'entre os sacerdotes,
é o jornalista o que vela constante
junto do fogo sagrado da IMPRENSA!

Ha um orgulho fundado na partici-
pação íntima aos ritos d'esta religião
universal. É o prazer de afiliar-se
n'esta oligarchia poderosa, que do-

mina sem constranger, que resume
um poder formidavel sem o usurpar,
e que o impõe ás multidões, sem as
aviltar; que as submete animando-
as e que as vence engrandecendo-as.

Eis a razão porque empreendemos
a publicação do nosso jornal, e n'ella
proseguiremos com a devoção do en-
thusiasmo, e com a sinceridade de
uma crença profunda.

Falta-nos a vocação, temos a sym-
pathia; fallece-nos o talento, teremos
o esforço. E se chegarmos ao termo,
os que nos accusarem de arrojados e
de incompetentes, não hão de nunca
negar-nos a — INDEPENDENCIA, e a IM-
PARCIALIDADE.



A ESCARLATINA

E A ESPECULAÇÃO.

DIZIA certo velho, nosso amigo, que a
—pedra philosophal—era uma verda-
de incontestavel, porque não havia
nada n'este mundo, que se não podesse trans-
formar em oiro; o ponto era saber procurar-
se o geito.

Riamos sempre d'este dito do bom velho,
pois sómente o julgavamos mero gracejo, e
meio de fazer passar o tempo, que, quasi
sempre, em avançada idade, torna-se impor-
tuno e incômmodo.

Hoje, porém, que o volver dos janeiros
nos hão tornado, senão avisados, ao menos
mais experientes, conhecemos que aquelle
excellente homem tinha carradas de razão.

Ainda não ha muito tempo descobriu-se
que certos *sujeitinhos* tinham tal habilidade,
que transmudavam palitos fulminantes, que
se appellidam — *phosphoros* — em notas de
50000 rs.

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

O VALOR DA IMPRENSA.

A IMPRENSA é o grande poder constituído do seculo XIX. É a unica soberania que não vacilla, a só dictadura que não abdica. Em quanto a Europa se offerece á contemplação do homem d'estado, e do philosopho, como um vasto museu do direito público, resumindo contemporaneamente todas as variedades, todas as formulas parciais da civilisação, desde a autocracia immobil, até á democracia inquieta e devoradora; desde a monarchia representativa, até a anarchia desvariada; desde a theocracia expirante, até a emancipação das consciencias; desde a fé tradicional, no passado, até as esperanças nebulosas do futuro, e as contemporizações egoistas do presente; a IMPRENSA alevanta-se triumphante e consagrada.

É o pharol alumando immobil as scenas da tempestade; é a montanha tocando as nuvens, com a cima illuminada, a zombar do diluvio, que lhe brame ao redor; é a voz poderosa dos destinos humanos, apregoada eternamente entre a agitação das paixões.

Similhantes ás pyramides do Cairo,

as gerações tumultuam-lhe ao pé, vacillam, caem.... e a IMPRENSA fica sempre! Tudo passa, tudo morre! A opinião, este tyranno cruel, mas idolatrado das multidões, transforma-se como a moda; os interesses se debatem, supplantam-se e esquecem. O que hontem alimentava o enthusiasmo basta hoje apenas para alimentar a indiferença. Os cultos, decretados e propensos a um principio, a uma nacionalidade, a um homem, ao estampido dos canhões nas batalhas, ao vozear da sedição nas praças públicas, envelhecem-se e sómente no limbo da historia; mas a IMPRENSA é superior a tudo. É inflexivel, como a lei,—immutavel como a causa. No mundo physico, as fórmulas da materia são infinitas;—as transformações innumeraveis:—a lei que as regula é eterna. No mundo social a gravitação é a IMPRENSA.

Quem sabe se amanhã, as linhas divisorias dos estados se terão deslocado?! Os Pyreneos poderão amanhã desaparecer da carta politica da Europa;—os Alpes poderão refugir das fronteiras, e situar-se no intimo de um grande estado! Não admirará. A balança politica não é um systema concebido *ab eterno*. A fortuna, a se-

Subtil favonio
Ledo adejava,
E á Flóra beijos
Brincão furtava.

Limpido arroyo
Ao chão verdoso
A face amena
Regava airoza.

Fragante lyrio
Com seu candór
Lindo avivava
Da rosa a còr.

O alado bando
D'entre os raminhos
Cantava em coros
Ao pé dos ninhos.

Canções sonoras,
Do verde oiteiro,
Soltar se ouvia
O pegureiro.

D'Eusina ao lado
Com taes delicias
Fazer soá-lhe
Eutão caricias.

De mil boninas
Que amor juntava,
Mimoso ramo
Lhe offertava.

Ora enlevado
Em seus beicinhos
Libava ardentes
Fieis beijinhos:

Ora em seus olhos
Os meus fitava
E n'elles lia
Que m'ella amava.

As mudas provas
Do meu amór
Cessou a ingrata
Com o seu rigór.

Sósinho agora
Aqui vagando,
Saudoso d'ella
M'estou lembrando:

D'Eusina a ausencia
Cortou-me o ser.
Meus dias finda
Cruel viver!

FREDERICO JOSÉ CORRÊA.

CHARADA.

A charada seguinte obtivemos de um nosso amigo pharmaceutico, na occasião em que a ia embrulhar em uma porção de *campora*, (droga que está agora no galarim!) por achal-a muito mal feita, o que tivemos occasião de verificar; porém como consagramos particular estima aos medicos e boticarios, (perdoem-nos a sua ausencia) aqui a consignamos, para prazer seu, e trabalho de quem a quizer *desenrolar*.

Na cintura das mulheres,
Dos homens, e em Portugal; — 1
O meu trabalho ao vivente,
Dá sustento, e não faz mal. — 1

No tronco mais elevado,
E no mais pequeno arbusto;
Nas pennas de qualquer ave
Me haveis de encontrar sem custo. — 2

Fórmo palacios, cidades,
Longos mares, fertes prados;
Mas, que sina! sou composto
De frageis papeis pintados!

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.

Porque errava duvidoso
Da borboleta * ao jasmim,
Da rosa ao cravo elegante
Sem á escolha pór um fim?!

Não te assuste, ingenuo vate,
Terrível accusação:
Acaso, seria um crime,
Seguires o coração?!

Ah! nunca foste inconstante,
Teu segredo alfim roubei;
Vigiei, segui teus passos,
Té que o abysmo penetrei.

D'inexperto não sabias
Vêr teu engano singelo;
Um só ser póde agradar-te,
Prender-te assiduo o desvelo.

Vem do céu, como um reflexo,
Que o sol dardeja, o teu bem;
Como o sol tudo abrilhanta,
Elle abrilhanta tambem.

Do passarinho o gorgueio,
O serpear da corrente,
A lua, o prado florido,
Como a aurora alvi-nitente.

Se tua attenção roubavam
Por seus mimos, seu primor,
E' que bellos procederam
Do pincel do grande autor.

Nos lindos olhos da virgem,
Cheios de graça e pureza,
Tu não amavas os olhos,
Adoravas a belleza.

Assim, na pompa da noite,
Nos resplendores do dia,
No som queixoso das vagas,
D'universo na harmonia.

* Flór.

A abelha, que de continuo
Passeia de flór em flór,
E' pelo cheiro attrahida,
Que rompe d'almo licór.

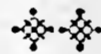
Olha-a, e vê a historia tua;
Como ella incerto vagaste:
S'ella ama o nectar de Flora,
A belleza sempre amaste.

Oh! d'esse amor sacro-santo
O fogo não se extinguiu;
Por castas mãos avivado,
Perenne clarão luziu!

Cada instante n'elle queimas
D'arabio incenso mil bagas,
Que em fumo no ar s'enrolam,
Como no oceano as vagas.

Sóbe o aroma, como um anjo
Até aos pés do Senhor,
Que no seu throno o acolhe
C'um sorriso approvador.

ANTONIO CEZAR DE BERREDO.



RECORDAÇÕES.

O' premier promenade de l'amour!
il faut que votre souvenir soit bien
puissant, puis qu'après tant d'années
d'infortune, vous remuez encore le
cœur du vieux Chatás.

ATALA — CHATEAUBRIAND.

Por este prado
Com os meus amôres
Brincando andava
Por entre as flôres.

Já mais tratavel
O sol luzente
Sumia ao mundo
Seu rosto ardente.

« dor. » O general que era tão tratavel como valente, levou o petionario á presença de Napoleão.

O imperador tomou o bilhete, reparou no endereço, e ficou agradavelmente surpreso. — Senhor, disseram-lhe, é uma petição a S. M. o rei de Roma. — Muito bem! respondeu o imperador; levem a petição a seu destino.... O rei de Roma tinha então seis mezes. Quatro camaristas tiveram ordem de conduzir o requerente á presença da pequena magestade. O solicitador não se acanhou; via sorrir-lhe a fortuna. Chegando-se ao berço do principe, desenrolou o papel, e deu d'elle leitura em alto, e bom som, depois dos mais respeitosos cumprimentos. O menino-rei balbuciou alguns sons durante a leitura, e não respondeu á súplica. O cortejo saudou o pequeno monarcha, e o imperador perguntou que resposta tinha havido.

« Senhor, S. M. nada responden. »

« Quem cala consente, respondeu Napoleão: está despachado como requer. »

POESIA.

O BARDO.

Mal que os seus primeiros vãos,
Tremendo, a razão tentou,
Amor invadiu-lhe o peito,
Seu coração suspirou.

E sêde ardente o devora,
Que elle não sabe matar;
Que a doce causa do incendio
Não pôde o triste encontrar!

Se ouvia trinar saudades
Da roseira n'um raminho,
Pousado o cantor plumoso,
O innocente passarinho:

Suppunha amor esse canto,
Que em sua alma se embebia,
Tão terno, que arrebatava
Sua tenra phantasia.

Mas as margens d'um ribeiro,
Vendo fugir-lhe a corrente
Por sobre os alvos seixinhos
Pouco a pouco e brandamente,

Logo mudava de idéa,
Esquecia-lhe o cantor,
E todo só no ribeiro
Concentrava o seu ardôr.

Quando a leda primavera
Bordava o campo de flôres,
E o campo se embalsamava,
Resplendendo mil odôres:

Elle era amigo das flôres,
Do campo, que se esmaltava,
Do grato aroma orvalhado,
Que alegre ali respirava.

Mas ah! não durava muito
Do novo affecto a firmeza,
Tocando o zenith a lua,
Namorava-o com a belleza!

E a aurora candida e pura,
Que banha as faces no mar,
Vinha breve entre perfumes
Sua memoria apagar,

Até de angelica nympha
A extremada formosura
Não tinha asylo em seu peito
Contra o olvido segura!....

Mas oh! porque assim elle era,
Como o beija-flôr ligeiro?
Porque pelo amor recente
Suffocava o amor primeiro?!

ças calar d'outra sorte e tão barbaramente a melodia pura d'alma onde existe toda a expressão da vida! O Sr. Brunacci continua com os seus padecimentos de larynge, e nas articulações da perna esquerda, e já agora uma vez que o folhetenista do *Mercantil* nos declarou que este Sr. era mesmo de facto e de direito — *et par droit de conquête, et par droit de naissance*—coxo—pode-se declarar — porque longe de haver pronunciamto— haverá o respeito e a compaixão que o seu pouco mérito *artista* reclama. O baixo constanos que todos os dias faz preces com muitos padres nossos e ave Marias—para que a *parterre* não cáia uma noite em si..... O baritono é um homem que canta como muitos que por ahí se ouvem... esforça-se por nos agradar é verdade; mas a sua larynge precisa muito descanso e reforma— Vá para o Morro Queimado, com vencimento por inteiro, provada e justificada, com authenticas certidões, a molestia— e isto tudo bem reconhecido— porque não quero vê-lo ir despoticamente entre dois pretos!... Olhe o bichinho da Caixa!... Olhe essa caricatura que por ahí anda— que mesmo assim pareceria spectro, ou mumia; se lhe não cahisse de vez em quando o fedorento pingo do rapé!...—Basta meu amiguinho!—

Não precisa fazer acto de *contradicção*; mas creia que vamos no numero seguinte chamar á authoria os accionistas, para que lhe tomem estreitas contas..... Vm. anda muito arredio — Deixe-se de jornaes, e muito mais de um tal qual tem.— E' de fórma!... Mas como o redactor cahiu na espavella, é que eu não sei, aconselhámos-lhes que se segure, senão leva codillo, e se quizer pedir resposta á tal eriança, não aceita, porque abafa sempre os azes!.....

O Lago das Fadas foi perfeitamente em tudo. A 1.ª dançarina enloqueceu-nos mostrou-se eximia e encartadura ainda, nas mais subidas difficuldades: o corpo de baile é a vergonha do theatro, pernada, cabeçada e

pontapé, que serve, e a menos de real. Recommendamos a quem competir que mande essa gente para Petropolis, afim de mais se abastecer a colonisação tão necessaria como proveitosa n'este santo paiz. !.....

Por hoje não podemos mais, não só por falta de espaço, como porque são horas de almoço, e eu depois não trabalho... Até domingo... Adeus.. sem mais... Ora então!... Adeus!....

O MONTANHEZ.



VARIEDADE.

Um homem de espirito, e simultaneamente muito instruido, e bastante desgraçado, cuidou que preencheria um pequeno lugar, um tanto lucrativo, tão bem como qualquer turba de parvos convenientemente pagos, e que só curam de sua felicidade. Requereu um emprego; porém não tinha patronos, e é corrente que o merito só, não póde proteger: gastou em balde tres ou quatro requerimentos que, segundo velha usança, não foram presentes ao monarcha.

Cançado, impaciente e cada vez mais pobre, lembrou-se de um estratagemma, que não seria indigno de um cortezão. A necessidade ás vezes é mãe de idéas felizes, e elle creveu com todo o cuidado um pequeno bilhete, que dirigiu a — S. M. o rei de Roma. — Pedia um emprego de seis mil francos, o que *era muito modesto*.

Com o coração palpitando de esperanças, foi em busca de um official general, familiar á pessoa do imperador; confessou-lhe o apuro em que se achava, mostrou-lhe o bilhete, e disse-lhe: « Senhor, farieis ainda uma acção generosa, e grangearieis direito á minha eterna gratidão, se me facilitasseis o meio de entregar este papel ao impera-

O Amor-Perfeito.

Raphael, porque as madonas dormem acor-
dadas na tela. Rejeitava ser Canova, por-
que as Venus são pallidas e frias, como se
dormissem ainda nas pedreiras de Carrara.
Olhava ao Solaio a Musa de Byron, ou de
Lamartine, porque as Haidées, e as Julias fi-
cam invisíveis sob o véu cerrado dos perio-
dos poeticos. Detestava Bellini e Verdi, por-
que a harmonia stringindo-me o sentimento,
cegava-me para errar ás apalpadellas em
busca das Normas, e das Elviras, que me fu-
giam nas azas dos zephyros. Desejava ser
mais do que isto. Queria uma palavra, um
côr, uma linha, uma nota, que resumisse
mysteriosamente todas as manifestações do
bello n'um syncretismo impossivel; almejava
um talisman, um sopro, um conjuro, o mágico
que reproduzisse n'um momento o que eu
sonhava no fundo d'alma; porque o amor só
dura um momento. Ai d'elle se chega a curar
o que vivem as folhas do arbusto! O
amor só tem duas estações,—a primavera,
e o estio—. A primavera para abrir—o estio
para morrer. A primavera para se refrescar
com o bafejo da viração, que embala o sen-
timento sem irrital-o; o estio para lhe dar-
dejar os raios do sol que o abracem; a pri-
mavera para crêr e esperar; o estio para
gozar e soffrer. O outono não o consente
o amor, que não seja para as lagrimas; o in-
verno para as saudades. Deve a flôr colher
se de prompto para que se não mirre na a-
vore. Mais vale haurir-lhe o perfume um só
dia na jarra de Sevres, do que vel-a ir ce-
dendo ao tempo no ramusculo da arvore.
Tudo tem principio, meio, e fim. O estio
suppõe a primasia sobre os seus extremos.
No principio cresce-se; no meio para-se; no
fim declina-se. Do nada ao nada passa-se
por uma existencia gradual: o amor excepção.
Ou não nasce, ou aborta, ou cresce
sempre. Fechae um baobab gigante do tropi-
cos nas estufas da Europa. Entestou com
as vidraças do tecto, roçou por ellas; mas a
seiva não parou, as fibras continuaram a

robustecer. Não esperéis que desça, e se en-
curte gradualmente para se sumir de novo
nas cotyledones. Não: estala-se o vidro, a
temperatura torna-se-lhe insolente, o clima
ha de lhe enregelar os tecidos e a planta
morrerá.—Ahi tendes o amor.

Quando virdes as aguas recrescer tumultu-
osas no lago, e banhar as cumiadas da mar-
gem, tende o diluvio por certo e fugi. A alma
tambem transborda. Quando o amor se es-
praia pelo infinito, não lhe esforceis o envol-
torio deixai-o que estale. Perdestes o gozo no
presente; vivereis no passado. A saudade
do que se perde punge, mas deleita. A sacie-
dade do que perdeu as premicias da novida-
de, euoja e martyrisa. Escolhei entre a sua-
vidade da alma e a desordem dos sentidos.

Era assim que eu dizia, quando ouvi a pa-
lavra *horriavel*... que horror! que horrôr! O
Artista ja não tem dias destinados. Vou á
imprensa!..... vou á imprensa.... Mas o
que... o que é, redargui eu, e pondo-me a
abandar-lhe o rosto com um lenço de cam-
braia de linho, que não era meu.... Nada....
Nada... uma desleita d'estas: preferir o cor-
po... á alma... Que horror... Preferir o
perna torta ao elegante, ao dandy, ao tudo!...
Preferir a venta atulhada de tabaco, que eu já
havia descripto com todas as forças da elo-
cução!!... A mim!... a mim! que morro
por ella?!... Foi então que percebi que
se representava o Barbeiro de Syviglia, com
posição d'este... poesia d'aquelle. — A Sr.
Ida Idelvira—este passarinho da primavera
trina, gorgeia e dá taes saltinhos nas cordas
d'alma que mais não pode ser!— Eu tam-
bem morro por ella!... Mas sempre o mes-
mo?!. Isso não passarinho, trina n'um can-
to igual tudo quanto a poesia do autor der-
ramou de dentro d'alma em cada nota...
segue assim, e olha... olha que harmonia se
repercute em todos os ouvidos, em todos os
corações, e que accents tu tiras e fazes ou-
vir em cada nota d'orquestra que se mistu-
ra com os jorros do teu sentimento: não fa-

— Quero dar-lhe um preceito critico, e hermeneutico. Quando nas chronicas da *Revista Theatral*, como no mostrador do *Desmarais* vir trouxas d'ovos e alcorcas, attribua-as ao meu collega, que tem a desventura de ser solúvel como assucar nas aguas de Cythera.

— Não, solúvel não é. É esthetico, ama o bello, devora-o.

— Tome-o como quizer. Fique aqui entre nós. É uma predisposição d'alma. O bello admiro-o, descrevel-o não posso. O vocabulario ou é muito curto ou muito safado: Não podendo rasteal-o, acolho-me aos monossylabos, ás interjeições, etc.

— Quer um conceito que eu já tinha formado?

— Qual?

— Custava-me a crer que fosse sua aquella lamuria.

— Porque? disse eu, já quasi arrependido de lhe haver dado as premissas para tal consequencia.

— Essa é boa! A sua physionomia não mente. Lê-se-lhes nos olhos o indifferetismo.

Aqui me puz eu a scismar, e achei que n'este oraculo estavam incluídos dois juizos contrarios. Um d'elles fazia de mim um homem serio, grave, inflexivel, prudente, uma especie de Endymion, insensivel ás frechas de Diana. Era lisonjeiro; mas o outro era pungente. Dava-me carta de sceptico, votava-me ao ostracismo, quebrava-me gratuitamente a corda do sentimento, e encanecia-me os cabellos em um momento, como a perda de seis manuscriptos gregos os tinham feito alvejar, d'um dia para outro, ao philologo Guarini. — Consultei comigo a ponderação do negocio; reflecti que ainda não tinha completado os annos em que a prudencia e principalmente o senso, e as tranquillidades eleitoraes empurram a gente para as freguezias...., colligi reminiscencias, entrei no theatro, — folhieci aquelle livro sibylino

que se estende desde as torrinhãs até as frizas para achar a minha pagina, amoleci a alma, cerrei as palpebras com força para se me avermelharem os olhos, procurei convencer-me de que me encendia o peito uma paixão volcanica, arrebatei-me, torci-me, suspirei, e embriaguei-me n'um estado da alma que participava do enlevo do extasis e da prostração do delirio, trazendo á memoria todos os amores entusiasticos, e ardentes, que povoam os fastos do sentimentalismo desde a poetisa de Lesbos, até ás negruras romanticas de Werter, e d'ali ao ideal incomparavel da *sympathia platonica*, e infeliz de Julia e Raphael.

Alargava-se-me a alma cem vezes. O volcão rebentára para dar relevo á monotonia do plaino. Desde então julguei que entrara a frequentar a suavidade das regiões bem-aventuradas de Dante, de Petrarca, de Byron. Tinha na cabeça como delineada e prompta a fabula inteira de uma epopéa de amor. Entrara a conversar com os mysterios do sentimento. Tinha apreciado o padecer de Heloisa, provado a taça de fel de Hernani, chegado a decifrar a metaphysica do suicidio de Werther.

Tinha-me submettido a uma metamorphose provocada, e como que artificial. Cingiam-me agora as roupagens vaporosas dos apaixonados, sentia os pés despegarem-se da terra, e tinha como umas velleidades de voar. Mas as azas? — Esmoreci concebendo que me faltava este orgão sobrenatural.

As azas dá-as a linguagem, o estilo, o colorido, e a riqueza da elocução.

Era lastimoso este convencimento da insufficiencia de todos os vocabularios. Desejei realisar a unidade da arte na sua maior plenitude. Suspirei porque a palheta se identificasse com o verbo, — que o buril se alliasse ao pincel, — que o rythmo se fundisse com as proporções da statuaria, — que o vocabulo se absorvesse de novo na unidade pantheistica do templo. Eu não queria ser

2. O Amor-Perfeito.

se nos não enganamos, deve ser conhecida dos nossos leitores,—o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas —; isto é:—boas e más,— não podendo influir, por consequencia, nas qualidades ou attributos das pessoas ou cousas. E para prova d'esta asserção, bastará dizer—que ha cousas, e pessoas tão parecidas com os nomes como a luz com as trevas.— Mas, no caso presente, trataremos de empregar todos os meios a nosso alcance, para que possamos desempenhar, se fôr possível, o lindo nome, que adoptamos.

O AMOR-PERFEITO, se apresentará ás vezes alegre e prazenteiro,—se o tempo estiver bom, e a estação fôr propicia; murcho, e sentimental,—se o sudueste o quizer desarraigar, e o sol do verão reduzil-o a misero pó; critico e picante, porêm com decencia,—se o circumdarem hervas agrestes, e o quizerem, por força, acanhar, e fazel-o fenecer antes do tempo; espinhoso, e eriçado,—quando se lhe approxime alguma *serpe venenosa*, com o intuito de feril-o.

Mas, em qualquer d'estes casos, será sempre modesto e attencioso para com o—Bello-Sexo, pois que é flôrzinha sempre apreciada das Bellas, e não quer perder, por motivo algum, o bom conceito, de que goza.

Aceitará, para fazer incluir em suas columnas, tudo quanto lhe quizerem offerter, sendo escripto em estilo decente e correcto.

Esforçar-se-ha por tornar-se variado e interessante, juntando a uma critica razoavel, e bem dirigida, uteis

e proveitosas lições, que sempre serão unidas ao mais delicioso recreio.

Em conclusão:—se para alguns fôrmos—*silva espinhosa*,— para a maior parte contamos que havemos de ser sempre —

AMOR-PERFEITO.



REVISTA THEATRAL.

UM dia d'estes que pertencem ainda —*par droit de conquête, et par droit de naissance*— á semana de que hoje é o ultimo dia— andava eu passeando no salão do theatro de S. Pedro, com o maior conquistador do bello sexo, que por ahi campêa. O TAMERLÃO, é um mancebo elegante, janota *pur sang*, physionomia arabe, olhos vivos e penetrantes, bigodes povoados, e graciosamente retorcidos, talhe esbelto, e traje simples, mas bem composto. Se trouxera umas botas á Frederico, uma farda branca de largos canhões vermelhos, um chapéo de *trois cornes* e uma d'estas espadas que carregavam denodadamente em Nerwende, ou em Fontenay, seria o mais aprimorado capitão de dragões de Luiz XIV.

Então, finalmente, sahiu-se com uma descripção apaixonada; disse-me elle interpellando-me, como se eu tivesse professado, e cingido o cilicio de TRAPPA.

— Como? interrompi eu.

— O baile do Cassino inspirou-o.

— Nem lá estive....

— Mas a sua Ella, que sahiu em certo jornal, como a borboleta surgindo do estado de chrysalida.

— Está enganado. Nunca me servi do jornal para namoros typographicos. E' uma cobardia. E' peor do que metter cartas de amores pela greta da porta, ou deixar o coração ás furtadellas, esmagado entre duas folhas de um album.

— Então não era o seu retrato?

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

PROLOGO.

Eis-nos trilhando a senda do jornalismo!.... Eis-nos fazendo gemer os prelos, e já suppondo que temos uma reputação collossal, um nome illustre nos annaes das Lettras!.... Eis que encetamos a viagem n'essa vereda tão semeada de espinhos, tão cheia de rodeios e precipicios, e tão difficil de caminhar!....

A imprensa periodica é um mar perigoso, em o qual a cada momento, se encontram mil syrtes, e innumeraveis cachopos naufragos, onde o palinuro, por mais experiente, que seja, vê-se, muitas vezes em risco de naufragar!.... E quantas outras, mau grado preze a vida sempre chara, encontra a morte n'esse pelago insondavel?!.... Mas, que valem reflexões, quando um ente racional intenta uma empreza, e jura leval-a ao cabo, por mais arriscada, e difficil-tosa que seja?!....

O homem é o peor animal e o mais teimoso, que conhecemos, e nem para proval-o seria mister ir muito longe. Poderiamos citar milhares de exemplos em nosso apoio; o que não fazemos agora, porque o não julga-

mos mister para o nosso assumpto. E quando mesmo apparecesse algum individuo que nos compellisse a exhibir factos, com a sua propria *teima* provariamos exuberantemente o que acabamos de referir.

Ora, bem conhecemos o risco que temos de correr n'esta aventureosa empreza, e as innumeradas difficuldades, que nos cumpre superar: mas o que é que se faz, sem trabalho, n'este valle de lagrimas?.... — *Labor omnia vincit* — temos diante dos olhos; e conscios de que o trabalho tudo vence, trabalharemos constantes.... e bem pagos ficaremos, se algum fructo, posto que immaturo, colher o publico, de nossas penosas fadigas.

Demais, não sulcam igualmente o temivel pelago da Imprensa, possantes *náus*, e humildes *chavecos*?!.... Não temos visto tantas vezes fraquissimos *bateis* navegar empavezados e ufanos chegar ao almejado porto?!... Seremos nós sómente os infelizes *náufragos*?!.... — Deus o não permittirá por certo.

Demos ao nosso pequeno *esquife*... (não se assustem que não é de conduzir mortos) o engraçado nome de — AMOR-PERFEITO —. Nem s'espantem; porque, segundo a *grammatica*, a qual,



53872

N.º Ident.

34

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal O Amor-Perfeito

Dia

Mês

Ano

Páginas

1849

72 pgs.

Microfilme feito em:

31-7-948

N.º C.

34

N.º M.

105

...alados Portuguezos nada mais erão
que huns perfeitos Zótes, quando
proclamavão o velho Andrada Macha-
do, como o primeiro ornamento d'esse
decanado Congresso!

— Os Redactores da *Sentinella* ed-
itam ao Sr. Andrada Machado, que
o anno de 1840 não he o mesmo que
o de 1820: mui justa na verdade jul-
gam semelhante advertencia: nos
anos 21, 22, e 23 não são o mesmo que
o de 1840.

Com effeito, no anno de 1820, 21,
22, e 23, respeitava-se a virtude, o
talento, a eloquencia, as cans; no anno
de 1840 levantão-se altars ao vicio,
desprece-se o saber, mofa-se da elo-
quencia, desprezão-se as cans; no anno
de 1820, 21, 22, e 23 todos se empe-
nhão em sustentar a dignidade do
seu paiz, todos preferião a morte
à honra á vida sem ella; no anno de
1840, quando algum Patriota denoda-
mente levanta a voz á prol dos direitos da
Patria, he logo taxado de louco,
de anarchista, e &c., todos (salvas hon-
ras e excepções) preferem huma vida
em ignominia á morte com dignida-
de; no anno de 1820, 21, 22, e 23 final-
mente havia a mais restricta economia
em todos os ramos da Publica Admi-
nistração, a moralidade achava-se no
seu auge, o Patriotismo, doce sopro da
liberdade, abrazava as nossas almas, a
ambição curvava-se á superiori-
dade do verdadeiro merito, isto he, á
virtude, ao saber, á eloquencia; no
anno de 1840, a ladroeira se acha na
porta do dia, a desmoralisação ameaça
engolir-nos, o Patriotismo, não mais
querida em nossas frias e abatidas
almas, os tarecos (verdadeiras insigni-
ficancias, como a *Mumia* do Part.
dem furfuris), querem primar sobre
a superioridade dos mais dis-
tinguidos e dignos Varões, que ainda nos
nossoes bellos tempos de gloria
nossoes, taes como vejão o mesmo

Sr. Andrada Machado, seu honrado
irmão, o Sr. Martim Francisco, e
outros.

— Ache-se na nossa Câmara elec-
tiva o muito illustre Sr. Gama, re-
dactor do *Carapuceiro*, Nós não só es-
peramos, que os discursos, e a rotação
do S. B. seja conforme aos seus prin-
cipios, tantas vezes propagados, como
que alguns Srs. deputados, que tãõ
pouco caso fazem da Sra. MORAL, se
cohibirão de insultal-a, receiosos de
que o Sr. Gama lhes encaixe loge as
suas bom talhadas *carapuças*.

— Por circunstancias, que por agora
não podemos declarar, deixa de apa-
recer hoje a correspondencia do Sr.
Braileiro amigo do commercio, e com-
padecido das riaras, respeito á transfe-
rencia de certa casinha....

— Deseja-se saber o que he feito do
Sr. Brandão Caneca. Si teremos sem-
pre o desprazer de vêr esse Sr. em-
pregado na nossa Diplomacia. Meos
Srs., fação o que quizerem; porem de-
pois não se queixem....

— O partido da Maioridade cresce
de dia em dia. Tudo está bem dis-
posto; braileiros, tranquilisai-vos.

BONETO

que com as proprias palavras de Sr. Souza
Erasto, se improvisou no Senado.

Si pr'a que eu falle como deputado
Ter feito alguma coisa me he preciso,
Le vi:— Em 24. de improviso
Sery: á Independencia deste Estado:

Dez annos no emprego, empregado,
Partei-me ali, para honra do juizo;
Foi escolhido por supremo ayiso:
Mas de pouco sou tudo allegado!...

Boje sou com quem sou, sei o que digo;
E se pode, a fallar com liberdade,
O. Não focio se igualar com Inigo.

Eis tudo quanto he a verdade):
Si o saber, si a virtude era maldigo,
Não he portolo, he por necessidade.

sacrificios? Devia a Nação gostosa ac-
 coitar todo o peso que lhe quizessem
 impôr? — Responder-se-ha pela affir-
 mativa. Muito bem; o *Cincinato* n'isso
 tambem convirá. Mas á tudo a Camara
 se devia prestar á tudo a Nação! e o
 Governo huma só coisa não podia fa-
 zer em bem do publico?! Hum só
 ministro, ao menos, não devia elle de-
 mittir?!..... O *Correio* que nos res-
 ponda á isto: nós lhe pedimos que
 nos declare até que ponto se pode ad-
 mittir a irresponsabilidade do Chefe
 do Governo?

Infelizmente para o *Correio* nós lhe
 declaramos que, com quanto se per-
 suada que são somente os escriptores
 da Opposição que não gostão do actual
 ministerio, a verdade he que geral-
 mente votão-lhe todos pouca fé. De-
 songano-se o *Correio*; onde fallão os
 factos, nada valem as palavras. O *Cin-
 cinato* não he seduzido (embora não
 creia o nosso collega), por outro in-
 teresse, si não o geral. (Do mesmo *Cin-
 cinato*, no *Diario do Rio de Janeiro*).

ORTIGADAS.

—Indo hum sujeito, ha pouco, assis-
 tir ás sessões da camara dos Srs. deputa-
 dos, vio, em hum dos corredores, hum
 preto assentado a costurar. Admira-
 do de semelhante ridicularia, pergun-
 tou á hum empregado da casa, o que
 fazia ali aquelle alfaiate; e foi-lhe res-
 pellido, com muita promptidão — está
 virando as casacas para os novos mi-
 nistros.

—Lendo humna pessoa certo Jornal
 desta corte, que só achou para notar

pôr sempre em dovida a *qualidade*, a
 pesar dos parentes, do nariz, e do ca-
 bello), e os seus?!.. Desta maneira na-
 da so fará....

—Parabens, Brasileiros! Ja temos
 entre nós hum Brasileiro, que em sci-
 encias, e litteratura he superior ao
 muito respeitavel ancião, o Sr. An-
 drada Machado: he esta huma das
 celebres descobertas da *Mumia do Pa-
 rá*, que decerto muito lh'a devemos
 agradecer. Sabeis vós quem seja tão
 distincto varão? He o Sr. D. Nuno de
 Locio!!

—Alem das celebres descobertas ha
 pouco publicadas pela *Mumia do Pará*,
 consta-nos que outras ainda mais ce-
 lebres; ainda mais estupendas preten-
 de ella publicar brevemente, taes como
 sejam as da *quadratura do circulo*, e do
motu-continuo!!! Pobre Newton!
 Quão proximo está a eclipsar-se a tua
 gloria!!

—A *Mumia do Pará* perguntou ao
 Sr. Andrada Machado, que actos ates-
 tavão a sua existencia no Brasil. Des-
 culpavel sem duvida julgamos simi-
 lhante pergunta: ella he filha da sua
 ignorancia. O côvado e vara com que
 a sapientissima *Mumia* se occupava
 nos tempos da maior gloria de tão
 illustrado Varão, não lhe derão de certo
 lugar de lér nos *Jornaes d'então* o bri-
 lhante papel que elle representou, quer
 no celebre Congresso Portuguez, quer
 na nossa sempre memoravel *Assem-
 blea Constituinte*.

—Asseverão-nos, que a *Mumia do
 Pará* se acha muito occupada em re-
 futar a opiniao dos mais respeitaveis
 Deputados do Congresso Portuguez,
 os Srs. Trizoso, Guerreiro, Ferreira

Patria, o desinterosse com que se
sacrificando pelas liberdades pu-
blicas, e finalmente o não terem se
verido dos altos empregos que tem
occupado para se enriquecerem,
roubando a Nação. He este o pre-
mio que o povo dá á virtude, pre-
mio que magda o Sr. Franco, que
e não merece, por nada ter feito,
depois que deixou o balcão e mos-
teador. He forte admiração ver
hum cão morder a gente? Não.

Sou, Sr. Redactor,

O Imparcial.

Sr. Redactor. — Consta, que houve
quem propozesse o adiamento das Ca-
maras, e que o horror que tal lem-
brança causou ao Exm. Sr. Galvão,
foi a causa principal da sua sahida do
Gabinete. Vejão os brasileiros como se
trama a ruina da Nação, e como os
nossos homens querem ver reproduzi-
das as scenas de 1824, de que já tão de-
pressa se esquecêrão. Pensão elles que
passarão vida folgada adiando as Ca-
maras? Como se enganão! Se isto se
verificar, caro, e muito caro pagarão
semelhante imprudencia, e as provin-
cias tomarão a attitudo que devem,
sendo dirigidas por seus representa-
tes. O Sr. Conde de Lages quer go-
vernar sem camaras; coitado! nem co-
nhece o terreno onde pisa! e que, apó-
sar de sua ronha de salão, terá de
pagar peccados vellios e novos!! Sr.
Redactor, o negocio he de ultima im-
portancia; e como Vin. confia assas
na pessoa do Sr. Lopes Guma, não
sará máo que procure saber si S. Exc.
partilha agora a mesma opinião; pois
muy contraria á ella he a do — Seo
compatriota — *Carapucinha.*

Sr. Redactor. — Fazendo ao Sr.
Thomé Maria, chefe da Recebedoria
desto infeliz municipio, os elogios de
que o julgo digno, pela actividade com

que cura de seus deveros; pergunta-
rei, todavia á S. S., se a mesma vio-
lencia que se tem praticado com as
pessoas menos abastadas, mandando as
executar por décimas atrazadas de pre-
dios, não podem tambem ter logar em
figurões ondinheirados, em Deputados,
Senadores, Juizes &c. &c, que são os
que agora mais devem? Serão elles
privilegiados, ou S. S. e seus empre-
gados tem medo de serem demittidos
por violental-os com a execução da
lei? Como isto para mim he hum enig-
ma, rogo-lhe, Sr. Redactor, dê lugar
á estas linhas de —

Hum Agen'g.

—Ninguem melhor do que o Sr.
Agente sabe do que se passa em tal re-
partição; e nós, longe de criminalarmos
os empregados, lastimamos que aquel-
les que devião ser os primeiros em dar
bom exemplo, são os que hoje ensinão
o povo a zombar das leis. Em fim,
1840 não he 1820!!!....

3:600,000 réis!!!!

Os nossos homens politicos tem hoje
tanto motivos de desconfiança
de sua firmeza de character, que todo
o resguardo se torna necessario nesta
epoca de enganadores e de enga-
nados. (Do Cincinnati).

O MESMO AO CORREIO OFFICIAL.

O *Correio Official* continua á não
se mostrar affecto ás doutrinas do Cin-
cincato; nem nõ opporisso o criminalare-
mos que á cada hum he licito defender
os seus principios; muito principal-
mente, como faz hoje o *Correio*, cujo
Redactor pela sua decencia, e frase
logica nos não aborrece.

Prosciudindo de tudo quanto diz o
Correio, humna pergunta lhe faremos:
— Devia a Camara, digamos melhor,
devia a Opposição da Camara Tempo-
raria na Sessão de 1836 fazer todos os

Souza Franco. Arrojar-se o Sr. deputado e negar os serviços que tem prestado esse venerando Ancião ao Brasil; desconhecer-o mesmo como literato, fazendo vergonhosos paralelos com aquelles de quem o povo não tem a menor noticia; julgar-se grande notabilidade só porque foi presidente do Pará; he cousa que somente podia saber da cachola do Sr. Souza Franco. Desculpamos ao Sr. deputado tudo quanto disse; porque no tempo em que o Sr. Antonio Carlos figurava no mundo politico, o Sr. Franco era no Pará simples caixeiro de covado e vara; e pois que não tem noticia do que tem feito o Sr. Antonio Carlos nós lhe apontaremos os brilhantes feitos do nobre Ancião. Procure ler os diarios das cortes portuguezas, que ahi verá os eloquentissimos discursos do Sr. Antonio Carlos em resposta ás maiores notabilidades d'aquella assemblea: ahi verá o respeito que lhe tinha a assemblea e o mesmo povo, apesar de ser elle ali o que com ventorica voz primeiro troou contra o partido que queria suffocar a justiça dos Brasileiros: ahi verá, que os Trigosos, os Mouras, Guerreiros, Rodrigues Bastos e outros celebres homens, o collocarão na escala dos primeiros oradores; ahi verá finalmente que foi elle quem prognosticou a Independencia; e que com outros honrados membros abandonarão aquella assemblea para não assignarem a constituição por contraria aos interesses do Brasil; e he pouco este serviço, Sr. Souza Franco?

Agora pelo que diz respeito a empregos, direi que o Sr. Antonio Carlos abandonou a carreira, onde

hoje podia figurar nos primeiros cargos da Magistratura: foi nomeado pela Regencia Provisoria Ministro Extraordinario em Londres, á cuja nomeação acompanhou huma muito honrosa carta do Sr. Senador Francisco Carneiro do Campos, então Ministro de Estrangeiros; foi o quinto candidato á Regencia trina, e tem por vezes sido incluído nas listas triplices para Senador, sem que cabale, e use de vergonhosos meios para extorquir os livres votos de seus concidadãos á quem muito aprecia e estima; e convidado por vezes para entrar em administração, não só pelo finado Imperador, como pelas regencias passadas. E he pouco esta honra, Sr. Souza Franco? Pelo que diz respeito ao seu saber: berre contra varios escriptores da Europa, que o chamarão grande estadista; berre contra o fallecido Sr. Evaristo, que em suas Auroras confessou que era immensa a sua instrucção: berre em fim contra o Sr. Vasconcellos que o chamou em 38 huma de nossas primeiras glorias literarias. E que titulos apresenta o Sr. Deputado para ser considerado literato! Poderá vir a sel-o; por ora o consideramos huma nullidade, e ainda com *admans e gestos escarnecedores* d'hum simples caixeiro do Pará. Debalde se caça o Sr. Deputado e mais *comitante caterva* por querer arrefecer no coração dos brasileiros o amor e respeito, que devem aos Srs. Andradas: não conseguirão jamais: como homens terão errado, mas esses erros desaparecem quando o povo observa a firmeza de caracter, a lealdade em suas acções, o affincado amor

... Ir borrar as portas da casa de
... guarda?

... dos que aponta que só os
... serem Officiaes da G. N.
... fora, excluir muitos cida-
... merito que, não sendo ricos,
... todavia no caso de ser Officiaes
... tem hum ordenado certo e
... ou alguns outros meios honre-
... lhe proporcionão seus recursos,
... apresentarem com decencia
... seus guardas: mas este Sr.
... illo, que tem elle, coitado!
... fracos o incertos lucros de
... el? Bom fôra, Sr. Redactor
... Exm. Sr. Ministro da Justiça
... para isto, a fim de haver na
... mais subordinação, e mais res-
... Sr. Redactor, o, morador
... de S. JOSÉ. —

LEOCADIO.

... Redactor. — A ignorancia é o
... insolente: toma mil co-
... torna-se com muitas flores,
... a gralha, empavonando-se
... pennas do pavão, quer esma-
... quem a despreza, e que só
... obra de misericordia de
... as injurias vomitadas pela
... pura de miseraveis tarecos;
... pouco associados aos vicios
... boches. Fui assistir á As-
... Geral, e gostei de ouvir
... sobre as emendas do senado;
... perfeitos porêm os meos
... pelo descomedimento e pro-
... que o Sr. deputado pelo
... Souza Franco, se portou, res-
... ao venerando Sr Antonio
... Amamos cordialmente a
... não gostamos do systema
... rico; porêm jamais nunca
... temos insolencias de quem
... for, em actos tão serios
... em que houve esta occur-

... rençia. Se no commum do Povo,
... quando se não está de accordo com
... as opiniões d'hum ancião, o oppo-
... sitor, se moço, procura com affabi-
... lidade, e cortezia convence-o, sem
... nunca servir-se de termos, que por
... sombra vão ferir a velhice; como
... he que n'hum assemblya geral,
... hum desatento mancebo, sem ser
... primeiro provocado, tem o arrojo
... de denacatar a velhice. a probidade
... e o saber! Não será insulto dizer
... o Sr. deputado (não precedendo
... provocação alguma da parte do Sr.
... Antonio Carlos), que elle não en-
... tendia aquillo que escrevia? Que
... resposta queria o nobre deputado?
... Estará por ventura habilitado o Sr.
... deputado para insultar á quem abor-
... rece gratuitamente, sem que con-
... ceda á aquelle o direito de repellir
... com todas as suas forçes sua inso-
... lencia? Apellamos para o Publico,
... que já terá lido toda essa vergonhosa
... rapsodia do Sr. deputado, que jul-
... gue quem foi o aggressor, se o Sr.
... Antonio Carlos, se o Sr. Souza
... Franco. Não parou ainda aqui a
... indecencia do Sr. Souza Franco.
... Havendo o Sr. Antonio Carlos res-
... pondido, não com chufas de *balcão*,
... mas com razões convincentes, es-
... tranhando apenas a maneira incivil
... com que, não precedendo provo-
... cação, aquelle Sr. o aggredira, teve
... na resposta outra enzurrada de
... insultos, só proprios daquelle que
... desde a infancia primeiro conheceu
... o *covado vara*. Com tal resposta,
... a indignação tomou o lugar que á
... prudencia he concedido; porque he
... duro, que hum homem tão respei-
... tavel como o Sr. Antonio Carlos,
... esteja exposto aos botes de seres
... tão insignificantes como o he o Sr.

que aquillo podia ser
tada no Pará, e não que
poder no ser, ha muito in-
credibilidade he conjectura
ha asserção cathogorica.
outro argumento do Re-
sentinella—1840 não he
mas estão muito mudadas.
duvida, na intenção do
indicar que quem era ins-
deve reconhecer super-
em verdade custa a com-
força da argumentação
não he senão descobrir
(permitta-nos servirnos
do Sr. Andrada Macha-
lhos tem mudado, não
ve para melhor ou para
admitte disputa. Mas
Ah! he para mostrar
qualidade adicionada em
rior, he antes inferior
qualidade simples; e eis
ta do Redactor da Sen-
a a pobro gente cria
que aos fundos juntos
comasse os outros que
ndo até 1840, hũa
proporção na acci-
ser mais rico do que
se a accumulã em
quãdia o senso com-
porem da Sentinella
ha bom senso que
sua dialectica; bom
tor, que nos que
ao juizo, que de
Sr. Andrada Macha-
o com os de outros
he-lhe permissão
por; mas veja como
de, que de certo
depois de hũa
lores que ella, por
do Sr. Andrada Macha-
plico e formalista
cristã corada
ocossa, não de
por fim

de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.
de um momento de ultimo redu-
ção; por que a natureza apropriada;
de uma natureza de sua elo-
quencia em tempo, pelo mistura do
grupo com o tempo, pelo
espírito de tempo e de verdade que
nada mais a natureza pelo ardente
permanente sentimento que
o tempo he a natureza sobre de seus
sentimentos e a natureza ser refecci-
do tempo he a natureza de in-
credibilidade he a natureza de passar.

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O SR. ANTONIO CARLOS, E A SENTINELLA
DA MONARCHIA.
(Communicado).

Como as paixões nos cegão? Todo o mundo censurou o descomedimento do Sr. Souza Franco, mas o redactor da *Sentinella*, o elogia, e acha que criticar no Sr. Andrada Machado, dat veniam corvis, vexat censura calumbas: não ha porem que admirar, a cõr politica e o nome do redactor, se se publicasse, tudo explicaria. Pretende desculpar o redactor da *Sentinella* o grosseiro ataque do Sr. Souza Franco, e como o faz? Citando philosophos e sabios, que errarão, e querendo assim dar á entender que o Sr. Andrada Machado ha ridiculo por se crer infallivel. Antes de dissecar este argumento, permitta-nos dizer-lho que Elle parece bom adepto na carreira das descobertas do Sr. Souza Franco; a logica de Aristoteles foi mal escolhida para exemplo dos erros do philosopho, melhor era escolher a sua physica; a logica de Aristoteles he huma obra perfeita no seu genero, completa no ponto de vista adoptado pelo philosopho, e que para o seu fim he como o

mos agora ao argumento: os maiores sabios tem errado, não foi pois injuria dizer o Sr. Franco ao Sr. Andrada Machado, que não entendia bem a constituição. Preciso he não desfigurar as cousas; não se tratava da verdade ou falsidade da opiniao adoptada pelo Sr. Andrada Machado, tratava-se de provar esta falsidade pelas palavras da constituição, que o Sr. Andrada Machado confeccionara, não porque elle o diga, mas porque das Actas e Diario da Assembleia Constituinte se prova; ora dizer-se que elle não entendia bem a Constituição, era o equivalente de dizer-se, que não entendia o que escrevera; dizer-se que redigio o seu pensamento de sorte que dá á comprehender cousas diversas do que quiz dizer; he o mesmo que dizer-se que he tão noviço e bisonho em classificar as suas ideias, e procurar os termos proprios para exprimil-as, que fizera o avesso do que devia fazer, ou por outras palavras, que era inteiramente ignorante da logica e da gramatica. Se isto he civilidade, era de certo desconhecida ao Sr. Andrada, e nós confessamos que tambem o he para nós; e he justo advertir ao Redactor da *Sentinella*, que

peitaveis, e memorandas palavras!
 » O povo brasileiro he aristocratico, e consequentemente he necessario afugurar suas tendencias» vedando (atenção, Sr. João Fernandes, atenção!) que homens de baixa extracção, e de cores diversas possam aspirar aos empregos do Estado.» Estes Estadistas de meia cara, cuja leitura não passa de huma ou outra gazeta, querem cá nos impingir a martello ideias extravagantes, impolíticas, e mesmo immoraes! Que quer dizer por exemplo achar-me eu ou V. S. em huma camara assentados com o filho da nossa escrava, que sabida hontem do bacalhão, amanhã vai ser amasia de hum vendelhão, que lhe tira das ilhargas meia duzia de sujeitos, que podião ainda ser nossos escravos; e lá porque apanhou hum Diploma de Dr., ou herdou meia duzia de contos de réis, vem-se alampardando, mettendo-se com a gente e com a constituição bem decorada, citando-nos artigos, paragraphos, titulos, e capitulos, como que nós tenhamos, como elles, a simplicidade de crêr em constituição? Patetas, toleirões! Constituição!... Constituição de hum paiz são os seus costumes, usos, e habitos; e estes he que regem.

Continue, meo caro amigo, á rebatter esses Srs. que fazem corte a gente de côr, como disse na camara dos Deputados, o anno passado, o Sr. Francisco Gomes de Campos, que he tambem nosso amigo, e homem de mão cheia, como V. S.; batta esses anarchistas, que querem inverter a natureza, e transtornar tudo, e justifique o seu amigo

Americus.

—Ganhei! ganhei, Sr Redactor,

os trinta contos de reis, promettidos pela sua picante Ortiga a quem descobrisse o logar proprio em que deve ser collocado o monumento do Cavalleiro do laço, mandado bustejar no armazem do azeite, no campo de Sant'Anna, n'esse mesmo armazem em que, em Abril de 1851, esteve preso o Mello da Policia, por arrancar o laço nacional ao estudante do collegio do Padre Marcelino! Oh, que descoberta! Vai se não quando eu ia ver Mr. Bernabó gymnastear no Córro de S. Christovão, passo pela rua de S. Diogo, páro, olho para a valla, pasmo, e grito com a voz de Stentor: brabo! brabo! Eis o monumento da habilitade, da illustração, e da economia da sabia Camara Municipal, desempenhado pelo seu honrado Administrador. He aqui, aqui, unicamente, nesta sumptuosa valla da rua de S. Diogo, que he o logar proprio em que deve ser colocada a memorial memoria do memorando bem conhecido e memoravel Administrador! Assim, ó illustrissima Camara, ficará este teo feito servindo de pasmo ao Nacional e ao Estrangeiro, que admirados dirão:—

Vendo tal obra, da ignorancia filha:

» Eis do universo a oitava maravilha! »

RASGO DE BRASILEIRISMO.

O ex-Commandante do Batalhão do Sacramento mandou offerecer ao digno Brasileiro o Sr. Barbosa Guimaraens, no dia 24 de Março, o fardamento --empenhado-- da Musica, para que o Batalhão não soffesse falta. S. S. respondeo, aceitando a offerta, que ao seu Batalhão nada faltaria em quanto elle o Commandasse. Dizem agora huns que o fardamento vai para o theatro, outros que para o Belchior, e alguns que para o Rio Grande, de presente aos rebeldes. Viva o Sr. Guimaraens, que ja apresentou sua musica com fardamento novo, e de bom gosto, no dia 7 d'Abril.

ro, e Cassiano; agora pelo seu discurso fico certo dos seus nobres sentimentos, e que estamos inteiramente de accordo. Já V. S. terá visto huma carta minha inserta no n. 12 da *Ortiga*, que deo lugar á huma guerra desastrada, que tenho soffrido desde que ella appareceo até agora; mas graças á V. S. começo á respirar, e espero que continue á alentar-me com os seus discursos e sempre no mesmo sentido. Eu havia ditto nessa carta que não sabia com quem nos queria ligar a *Liga Americana*; se pretendia ligar-nos com os negros e botocudos, e com as fezes da população, que V. S. chama mui bem *homens de baixa extracção*; e afugentar os Europeos, de quem descendemos, de quem recebemos educação, costumes, religião e tudo, que nós somos, para ficarmos dominados pela cafaria. Mal apparece esta carta, meu caro amigo e Sr., eis que salta sobre mim hum Sr. João Fernandes, e a Liga que me puzerão á pão e laranja! Chamarão-me intrigante, desprezível; disserão que eu promovia a divisão dos cidadãos, que erão todos o mesmo; invocarão os manes dos Camarões, e dos Henriques Dias, e outras antigualhas destas, do tempo, que ainda se cria em Deos, e se suppunha que os homens descendião todos de Adam, como nos conta esse romance de gosto aziatico, que tanto servio para mortificar nossos antepassados, que tiveram a simplicidade de crêr em taes petas, e de nos impingir por exemplo que Deos criou o homem á sua imagem e semelhança, como que Deos fosse ao mesmo tempo semelhante á hum negro, e á hum branco

e á hum canarim, e á hum caboclo, e ainda mais á hum mulato ou cabra. Ora não se dá maior peta! Veja V. S. se quem sabe hum pouco de historia natural, crê cá em Escripturas sagradas e outras frioleiras destas! Se fosse possivel resuscitar a Mãe Eva, e lhe apresentassem esta cambada por seus filhos, como se não arripiaria ella de vêr, como em ninhada de caxorros, huns pretos, outros brancos, outros vermelhos, outros côr de azeitona? Meo Deos, exclamaria ella, os filhos que tive de Adam, erão todos vermelhos como eu e elle; meus netos erão todos iguaes, d'onde vem semelhante gente, que me dão por filhos? Ora, meu amigo, vivão os paizes, onde cada cidade tem sua religião diferente, e principalmente os que creem nos Evâgelhos, que lhes fazem conta; vivão os Estados-Unidos, e particularmente o Sul!

Mas, como ia dizendo, os taes meos Senhores rebatterão-me e disserão que havião de se ligar com negros, mulatos, cabras, caboclos, me nos commigo, por pensar com os nossos amigos e agora com V. S.; e que me fosse eu ligar com os chiffoneiros de Paris e Lazonis da Italia. Alem destes senhores, hum exercito de gente desta, que não tem a franqueza de V. S., se mortificarão muito das minhas defezas, e punhão-me pela rua da amargura, mesmo na Quaresma, tempo de recolhimento, de paz da consciencia, de dôr e arrependimento de seus peccados: já quazi succumbido debaixo do peso de sua potencia; veio V. S. dar-me a mão, e ajudar-me, quando já me julgava perdido e sem alento! Como me satisfiz V. S. com estas res-

cem o direito e justiça de sua causa, como se nos tem informado. Deve, além disto, ponderar o Governo, que em objectos desta natureza, que podem comprometter o credito do paiz, e transtornar as colonisações que se busca promover, he preciso ter vistas politicas hum pouco mais amplas, e não olhar tão miudamente para as coisas, satisfazendo caprichos de quem, por *conveniencia propria*, só trata de cevar-se em mesquinhas intrigas.

Escrever com imparcialidade he o dever de todo o escriptor; seguiu porem esta conducta o Redactor do Homem do Povo, quando censurou os despachos feitos pelo Exm. Sr. Jacinto Roque? De certo que não.

Fallou em muitos promovidos; mas porque motivo poupou o Sr. Pimentel, que ainda ha dois annos era Major, e hoje se acha Coronel? Este Sr. não sahio desta corte; commanda hum corpo, que não tem soldados: quaes são por tanto os serviços, que o fizerão merecedor de preterir officiaes, que andão a braços com os Rebeldes? E porque não mencionou o Homem do Povo, quando censurou a promoção de alguns, que ao menos alguns serviços fizerão? Porque razão o Homem do Povo não fallaria no hoje capitão tenente Raphael Lopes Anjo, que foi promovido pela tomada da Laguna, apesar de não ter sahido de Santa Catharina, e nada mais fazer do que servir de ordenança ao General Andréa?

Faça o obsequio, Sr. Redactor, de dirigir pela sua folha estas pergun-

tinhas ao Homem do Povo, pelo que lhe ficará muito obrigado hum dos que foi por elle

Massado.

Se grandes forão os sustos, que a noticia do primeiro incommodo de saude de S. M. I. produzio nos habitantes desta Capital; ainda maiores elles tem sido depois que Bolefins, assignados pelo Sr. Dr. Luiz Carlos da Fonseca, intimo amigo do Exm. Sr. Regente, e hoje Medico de S. M. o Imperador, nos annunciárao que o mesmo Augusto Senhor se achava novamente enfermo! Quem poderá exprimir os pezares, os pensamentos, e os receios, que a repetição de taes incommodos tem feito nascer? Se huns, para minorar seos sustos, só procurão ver na repetição da molestia a adopção de hum meio, tendente a provar a Maioridade de S. M. I.; outros.....

Grande Deos! Compadecei-vos do Brasil!... Vellai, vellai sobre os dias do seo Augusto Imperador, e d'elle afastai a taça, que lançou sua virtuosa Mãe na sepultura!...

✓ *Ilm. Sr. Carlos Carneiro de Campos.* — Tive a satisfação de ler no *Noticiador* de 9 de Fevereiro do corrente anno o eloquente e patriótico discurso de V. S. á cerca da Guarda Nacional. Há muito que sympatiso com V. S. pelas suas maneiras, pelo seo profundo saber, pela sua gravidade e mesmo, pela nobreza do seu sangue; mas não tinha bastante certeza se V. S. pensava sobre aquella materia do mesmo modo, que os nossos amigos Gonsalves Martins, Calmon, Rami-

por ventura, circulação com elle, durante suas alterações, alguns outros corpos; onde essa mocidade, que tanto talento e applicação tem mostrado, poderia examinar todos os segredos da organização, e aperfeiçoar-se na difficulosa parte dos conhecimentos medicos — a Anatomia. V. Ex. conhece perfeitamente que a Chimica lucraria bastante, examinando alguns de seos phenomenos, por meio d'esse importante instrumento; que a Botanica melhor explicaria a organização dos vegates, e alguns dos phenomenos physiologicos d'elles, se os submettesse por suas diversas partes á acção das fortes lentes do *Microscopio Solar*; que em vez de matar-se o Lente de historia natural do Collegio Imperial, em fazer explicações sobre estampas que mal dão huma limitadissima idéa dos objectos, sendo-lhe sempre preciso substituir com descrições o que as estampas não deixão comprehender, melhor seria, que, com o auxilio d'aquelle instrumento, ou ao menos de hum bom — *Microscopio Occular* — vissem os alumnos em ponto grande os diversos assumptos sobre que versa a historia natural, *maxime* como se ensina no Collegio de Pedro II.; assim, Snr., V. Ex. daria a maior prova do amor que consagra á instrucção dos nossos patricios, fazendo a aquisição de hum igual instrumento, com o qual muito poderia melhorar o ensino dos pontos mais difficeis das sciencias naturaes. Possão estas nossas palavras chamar a attenção de V. Ex., que, como amigo da mocidade que busca instruir-se, estamos certo

que não se poupará á despesas, por fortes que sejam.

Agora que temos dito o que sentimos sobre a utilidade do *Microscopio Solar*, cumpre-nos lastimar, que o Governo de S. M. forçasse a hum homem, que aqui viera para indemnisar-se dos capitaes que empregara em huma negociação que por ordens do Governo antabolára, o engajamento de colonos para a Bahia, lastimamos, dizemos nós, que o Governo por tanto tempo haja demorado a indemnisação de seos capitaes, forçando-o deste geito a que tanto se tenha demorado nesta côrte, e que obrigado fosse a lançar mão de hum instrumento, que lhe serviria de mero divertimento, para d'elle utilizar e poder subsistir, quando o poderia fazer sem se expor aos sarcasmos e tiros da maledicencia. Isto sentimos, tanto mais, quanto este Sr. tem o titulo de Brasileiro, por isso que se naturalizou, e que por suas delicadas maneiras, e modo de tratar, nos parece pessoa sizuda, e digna de mais alguma consideração.

Parece-nos bom, que o Governo de S. M., sancionando como deve os contratos de seu Encarregado em Roma, não destrua com tantas dúvidas, e delongas, a fé, e consideração, que devem merecer os seus agentes, e faça em breve justiça a esse Brasileiro indemnizando-o de suas despesas, para que volte á Europa a occupar seu antigo lugar, onde pode mais commodamente e decentemente passar do que aqui, sem sofrer por mais tempo tão grande numero de privações, quando todos reconhe-

e exactidão, todas as cores e partes de que cada objecto se compõe. Quam maravilhoso não he o espectáculo de ver hum pequeno extremo da penna de hum beija-flor, elevado á grandeza de hum grosso ramo de coqueiro, onde se vê o contraste d'essas brilhantes cores, que tanta belleza dão á esse pequeno volátil! Quanto he digno de admirar-se as dimensões prodigiosas, que dá á pequena pulga, que submettida á acção d'este instrumento, ganha o tamanho de hum elephante! Oh! ao vermos sensivelmente os phenomenos da cristalisação de alguns saes, phenomenos que, alem de muito lindos, são summaamente uteis de conhecer-se: ao percebermos em huma pequena gotta d'agoa, huma prodigiosa quantidade de animaes, que, nadando no liquido são muitos d'elles pasto da voracidade de outros mais fortes e maiores; e muitas outras cousas curiosas, entrámos em considerações mais sizudas sobre a natureza, reflectindo, que seria mister retificar ácerca dos conhecimentos do corpo humano, muitas, ou quasi todas as idéas, que se tem sobre a textura dos órgãos, ao mesmo tempo, que sobre a composição de seos fluidos, muitos dos quaes contenhão talvez em si alguma cousa mais do que se tem dito. Então a utilidade d'este instrumento se tornou para nós de primeira intuição; e por isso damo-nos pressa em convidar aos nossos jovens patricios, que se applicão aos estudos das sciencias naturaes, a que vão vêr em grande, aquillo que seos olhos desarmados não poderião mostrar; que

vão assim verificar a mór parte das idéas, que tem recebido sobre a structura, fórma e côr de certos animaes, em summa, que, submettendo-o a diversas partes de qualquer corpo, cuja construcção desejem conhecer, tenham idéas exactas e verdadeiras sobre sua organisação.

Não nos parece fora de appelo, que dirijamos ao Sabio Presidente da Instrucção publica, o Exm. Sr. Ministro do Imperio, algumas palavras, a fim de que S. Ex., que bem conhece as sciencias, tome em consideração a utilidade que pode provir á mocidade que se dedica ás sciencias naturaes, da acquisição de hum igual instrumento, cuja falta he sensivel nas nossas Escolas, huma das quaes, a de Medicina, ha bem poucos dias, que, por diligencias do Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, possui hum sofrivel — *Microscopio Occular*, tão indispensavel para os estudos.

Senhor, V. Ex. conhece quanto são difficeis de comprehender a maior parte dos phenomenos organicos, e quanto são fracos os meios ordinarios para isso; V. Ex. sabe quão util seria, si, na Eschola de Medicina, onde se ensina a conhecer os órgãos do homem, seos fluidos, sua intima organisação, &c., houvesse hum instrumento, que, com a força d'este, pudesse engrandecer tanto os objectos. Senhor, seguramente os alumnos terião idéas exactas sobre a structura intima dos órgãos, oude com seos mesmos sentidos, apreciarião o que lhes dizem os livros; onde poderião conhecer esses globulos do sangue, sua fórma exacta, suas proporções, a maneira de seo movimento; e si,

apresenta, saltando ás vistas do cidadão mais miope, extorquida por meios illicitos e reprovados. Todos sabem o que possui o Sr. Lopes Gama; quaes forão os teres e haveres de S. Ex., e quaes são na actualidade.

O que dizemos do Sr. Lopes Gama, serve igualmente para o Exm. Sr. Galvão, digno por tantos titulos da confiança e da estima de todos os Brasileiros.

Hum Collaborador.

COMMUNICADO.

Desde que a civilisação agitou os alicerces do mundo, tem, sem cessar, dado aos homens meios cada vez mais seguros de aperfeiçoar-se; surprehendendo a natureza no segredo de suas operações, tem desenvolvido o mysterio de seus effeitos; e, como que sujeitando-a, por assim dizer, ás regras, a tem apropriado a seus fins. Assim tambem a Europa, essa parte do Globo em que certamente a civilisação mais cedo começara sua grande obra, marchando com passos largos para essa desejada perfeição, tem enviado ao resto do mundo os resultados de seu adiantamento e de sua illustração: Bem que verdade seja, que, entre as muitas cousas de perfeita utilidade, debaixo de muitas relações nos tenham vindo tambem verdadeiras superfluidades, e sem lado algum de vantagem, cumpre, todavia, que sejamos imparcial, para fazer justiça ao que justamente merecer.

Que da civilisação tão avançada da Europa tem vindo ahe nós os fructos de tão secunda arvore, he

innegavel; que á ella devemos a rapida progressão, que haveinos feito em todos os conhecimentos humanos, está tambem fóra de duvida; que tem sido o berço dos grandes inventos, o theatro de milhares de descobertas importantes, não he mister proval-o, e nem tomamos sobre nós o trabalho de as enumerar; porem, d'entre tantas invenções, que o genio infatigavel d'esses homens que não conhecem o trabalho, quando visão huma celebridade, cabe-nos agora tocar sómente em huma; tal he a do — *Microscopio Solar*. — Este instrumento, que já ha tempos a Europa o possui, foi ultimamente trazido á esta cidade por hum homem, que, despido de vistas de lucro, deste lucro sórdido que tanto influencia sobre a maior parte dos inventores, por circumstancias dependentes de seus proprios negocios, forçado fóra a usar d'esse instrumento, como de meio licito de passar a vida, durante a sua demora neste paiz, e que em vez de apregoar-se como hum charlatão, em vez de cantar as maravilhas de seu instrumento, em pomposos annuncios, contentou-se com o fazer conhecer, deixando para fazer sua apologia á aquelles que o vissem. O — *Microscopio Solar* — pois, he hum dos instrumentos de Optica, que a nosso ver, tem locado o ultimo grão de perfeição; possuindo huma força extraordinaria em suas lentes; este delicado e perfeitissimo instrumento, chega a augmentar os objectos que mostra, nove milhões de vezes mais das naturaes dimensões, deixando ver ao mesmo tempo, com toda a clareza,

e unicamente só, faz quellas se precipitem de sua elevação e suas grandezas, (vãs chimeras, que nada aproveitam ao homem ante os olhos da Magestade Divina), e vão jazer, como muitos exemplos se nos apresentam, no pó do esquecimento.

Para fazermos opposição, não nos he preciso calumniar ninguém, e assignalar culpas, quando d'ellas não temos o menor indicio; não, não he assim que entendemos o dever de sustentar nosso partido, si he que com partidos pode alguma nação viver tranquilla, e marchar ao seo engrandecimento.

Disse-se, que o Sr. Lopes Gama, despachara o Sr. Silva, sob a condição de esposar sua digna filha; que, depois de ministro, comprara por numerosos contos o predio em que mora; que, fraco, entregue ao passatempo do voltarete, não cura dos negocios de sua repartição; que, como o somnambulista não desperta para dar energicas providencias quando a nação vê insultado o seo pavilhão &c. &c. Será isto real? Será isto exacto? Certo que não. Pedida sua illustre filha ha mais de dous annos em casamento, pelo Sr. Silva, esperava-se apenas o ensejo de poder isso realisar-se. E quando assim fosse: não estará o Sr. Silva no caso de desempenhar a missão de que se o encarregon? Quaes são os empregados que temos na diplomacia, com as distinctas habilitações do Sr. Silva? E se algum temos, desmerecerá por ventura diante d'elle o conceito deste distincto Brasileiro? Ninguém, com verdade, nos dirá o contrario. A compra do predio, he accusação tão infundada

como a primeira. Pertencente a herdeiros de Minas, a casa teve de vender-se e outro foi o comprador, como se verá da escriptura, continuando S. Ex. apenas a ser inquilino como era. Desde que foi encarregado da Pasta, S. Ex. se tem privado d'esses passatempos de que fallámos; e longe de entregar-se aos prazeres do somno até alto dia, cedo se levanta e trata de desempenhar deveres a seo cargo, como o attestarão aquelles que o tem procurado.

Si tal não fosse a sua conducta, S. Ex. teria sofrido a mesma accusação que se tem feito a seos collegas, pois—contra factos, não haverião argumentos,—e de S. Ex. a fora este que desfigurado se pinta do apresamento da barca *Rosa*, nenhum outro ha, que tenha sido apresentado ao publico. Com a fé de collaborador opposicionista, nós não pouparemos a S. Ex., se seos actos merecerem a tisoura da accusação. Em quanto não; não. O que dizemos, dizem os seos e nossos Amigos, de prohibidade a toda prova; e Elles que prezão a amizade de S. Ex., conservando antigas e estreitas relações, sem que todavia estejam no caso de utilisarem-se da importancia do seo Posto, certo ainda não acharão hum só motivo pelo qual o Exm. Sr. Lopes Gama merecesse a sua, e a nossa desafeição. E quando por huma especie de antigo resentimento, havendo o Sr. Lopes Gama calcado todos os fóros da honra e da dignidade, merecesse os apodos da imprensa, ainda nenhuma d'essas infundadas accusações que se lhe faz, seria bastante para fazel-o apparecer marcado com o ferrete da deshonra; pois que S. Ex. nenhuma fortuna

gunta que nos faz, por termos deixado de accusar, como aos outros dous Membros do actual gabinete, que supponmos serem os Srs. Galvão, e Lopes Gama, por serem elles os unicos, que merecem as nossas sympathias, como as da mór parte dos Brasileiros: agora porem vamos satisfazel-o.

Antes que mostremos que infundadas são as accusações irrogadas aos dous honraes ministros os Srs. Lopes Gama, e Galvão, preciso he que repitamos o que todos sabem — Somos collaborador de hum jornal da opposição, e não do governo; a outro, que não a nós, cumpre a tarefa de defender os ministros da corôa, ou por conyicção propria, ou para não desfructarem em santo ocio os dinheiros que para isso se lhes pague.

De ha muito, desde o tempo mesmo em que hum partido, brasileiro sim, porem imprudente, apedrejou a casa deste honrado Servidor do Estado, o Exm. Sr. Lopes Gama, e com ignal desenfreado investio para espedaçar, como outras, esta typographia, esta mesma typographia, cujos typos tem hoje tanto servido para defender muitos d'aquelles que contra ella se conspirarão; nós, que não somos catavento em politica, que nos não movemos pelo sopro das conveniencias, mas sim pelos principios da nossa intuição, nos temos votado a sustentar com todo o desinteresse, athe d'amizade, por que ainda huma vez se quer nos não encontrámos com S. Ex., a sua honradez, seo patriotismo, e firme adhesão á Constituição e ao Throno. Si não fóra a conyicção em que

ainda athe este momento nos achamos, de que são puras as intenções do Sr. Senador Lopes Gama; si elle não merecesse de respeitaveis Amigos nossos o inteiro gráo da mais subida confiança; se nós não tivéssemos visto, que S. Ex. não se lança, como outros, no pelago insundavel dos desperdicios, e que se não deixa arrastar pelo carro da propria conveniencia, — empregando-se mesmo, e empregando a seos parentes e amigos, sem titulos, sem jús aos empregos; se não tivéssemos empenhado nossos tenues esforços para a elevação de S. Ex. ao Senado, tarefa á que se consagrarão não só habeis escriptores, como cidadãos verdadeiramente amigos da Monarchia; se fosse nossa intenção accusar ministros, só por que são ministros; e não pelos males que elles causão á Patria, certo não nos abalançaríamos hoje a sustentar com a propria voz da opposição, que não achamos, nem no Sr. Lopes Gama, nem no Sr. Galvão, os mesmos defeitos, a mesma falta de sentimentos com que outros abusão de tudo quanto ha de mais nobre, santo, e justo. Ouvindo a voz da imprensa, SS. EE. procurarião não sancionar com acintes algumas das faltas, que por acaso, em lide tão complicada, podessem commetter, (por que a ninguem he dado ter a previdencia ou a certeza dos juizes celestes) mas dar antes as razões que para isso terião, e não fazerem garbo de desprezar essa soberana potencia, que assim como só, e unicamente só, eleva á eminência do Poder, aquelles que merecem suas sympathias, assim também só,

S. M. o I., para ser collocado á frente do governo. Agora, como sempre, diremos o que ella nos dita, isto he, que S. M. I. está plenamente habilitado, para occupar o lugar, a que no caso ordinario a lei o chama, aos 18 annos. Quantos Imperantes, e mesmo dos que reuñem em sua mão, e por si exercem a plena soberania, não existem, que, apesar de terem mais annos, estão muito abaixo do nosso Augusto Imperador, não só em illustração, como em juizo, e prudencia!!...

Si o Brasil gozasse a ventura de ter á frente do seu governo huma pessoa Imperial, que fizesse calar as ambições: se mesmo huma aristocracia, ainda que tirada do pó, não existisse, e não procurasse radicar-se, e estabelecer o terrivel despotismo, e governo republicano, que opprimio Venesa; ou se, como alguns dizem que procura, essa horda infernal não procurasse constituir-se á maneira da aristocracia Russiana, que escravisa o povo, e estrangula os Czars, então mal não viria ao paiz de se esperar o complemento da idade, que, para o caso ordinario, a lei estabelece. Quando porem os Aristocratas Republicanos do Sr. Carlos Carneiro tão afoutamente afrontão as Instituições Patrias: quando o Imperio se acha submettido a huma Regencia feminina, que nos degrada, e avilta; a huma Regencia que nos apresenta em todo o mundo civilizado como *Ilotes* ou *Parids*; a huma Regencia do *compadresco*, da camaradagem, da molleza, e da completa degradação da honra Brasileira, como o illustrado Homem

do Seculo, á paginas 3 do n. 17 da nossa folha, caracterizou a actual Regencia do Sr. Pedro de Araujo Lima; Regencia, que por estes motivos o mesmo nosso adversario *deseja ver* anniquillada; não he evidentissima a necessidade de ser já, e já collocada á frente do Governo huma Pessoa Imperial?

Dirá talvez o illustrado Homem do Seculo — ali está a Augusta Princeza Imperial, a Sra. D. Jannaria, a quem Regencia pertence desde 11 de Março passado. Convimos; e até avançamos que desde esse feliz dia em diante o actual Regente conserva attribuições, e direitos, pelo menos, duvidosos; porem, alem das razões que demos no n. 15 em favor da Maioridade de S. M. o I., outra existe, que se funda no voto geral. Por todo o Brasil a opinião dominante he em favor da Maioridade de S. M. o I.: todos esperão que o Corpo Legislativo salvará o Paiz, collocando á frente do Governo esse unico garante da Paz, e união Brasileira; he por tanto o voto Nacional que deve reger.

Oxalá que os tramas dos Republicanos Aristocratas não prevaleção; oxalá que o systema da corrupção, que se emprega não desvaire alguns indigentes, ou vissicarios desses malvados, que tem feito a desgraça do Brasil, e ameação a Imperial familia!!...

A ausencia de trabalhos typographicos, que tem retardado a publicação desta folha athe hoje, tem por isso feito demorar-nos na breve resposta, que era dever nosso dar ao estimavel collega do *Homem do Povo*; pela graciosa per-

deres executivo, e moderador. Essa mesma influencia não deve ser dirigida por suas opiniões mais, ou menos illustradas; mas pelo voto da maioria Legislativa &c., — e para combater estas ideias, o Homem do Seculo agora não duvida lançar-se no profundo e lato pelago das questões do direito Publico interno, depois de haver copiado o capitulo 1.º do titulo 5.º da Lei Fundamental.

Não julgamos huma Folha, e Folha tão limitada como a nossa, assás propria para nella se ventilarem questões de tanta magnitude; por isto, em abono de nossa doutrina, que o illustrado adversario taxa de blasfemias, só nos limitaremos a transcrever a opinião de hum bem conhecido, e distincto Publicista, cujo nome he venerado por todos os Monarchistas do mundo. *Le ministere*, diz o tal Representante das ideias monarchicas, *dans l'ordre constitutionnel est le gouvernement. La Puissance Royale* (chamado na nossa constituição poder moderador) *appartient toute entière au monarque; mais l'exercice du pouvoir est remis tout entier au ministere.... Ainsi dans un vrai systeme constitutionnel, la volonté du monarque n'est rien sans son conseil; il n'y* (repare bem o Homem do seculo) *exerce son pouvoir que par le choix qu'il fait de ces ministres....* Tal he a doutrina dos verdadeiros monarchistas constitucionaes, que, para divinisar o supremo chefe do estado, o collocão a cima da mesma responsabilidade moral, a que necessariamente ficaria sujeito, se os poderes que nelle são delegados, por elle fossem exercidos: tal a doutrina da nossa

constituição, que delegando *privativamente* ao Imperante o poder moderador; quando trata do exercicio deste poder, não ajunta (como por engano diz o illustrado Homem do seculo) o adverbio *privativamente*. ás palavras de que se compõe o Artigo 101.

Si a doutrina do nosso adversario fosse admittida, a quantos perigos a prosperidade do Brasil não estaria exposta!.... Quem com tal doutrina poderia contar com a estabilidade do throno? Lancemos as vistas para a historia, nossa, e estranha, e veremos que, se as anti-monarchico-constitucionaes doutrinas, que o illustrado Homem do Seculo nesta parte sustenta, fossem substituidas pelas verdadeiras, e nossas, Carlos X não morreria banido, nem o Augusto Fundador do Brasilico Imperio seria victima dos erros e crimes de seos ministros!!...

Não podendo dar, em nossa folha, a esta materia o desenvolvimento de que he digna; muito desejaríamos que o illustrado Homem do Seculo, em alguma obra conveniente, nos proporcionasse a occasião de refutarmos seos erros a tal respeito, e de lhe mostrarmos que nossas ideias são orthodoxas, e não merecedoras do epitheto de blasfemias. No em quanto porein, não deixaremos de lhe ponderar, que não concebemos o como o poder Legislativo do Brasil, organizado como he, possa converter-se em *Convenção Nacional*. Passemos à ultima parte.

3.º Conclue o nosso adversario o seo artigo interpellando a nossa consciencia sobre a capacidade de

o I., ser já declarado Maior, e collocado á frente da administração; e nós, á vista do que dissemos nos ns. 15 e 17 da nossa folha, deixaríamos passar *são e salvo* o longo artigo, que agora publicamos, se elle não se achasse nas columnas da *Ortiga*, folha que se dedica a mostrar a conveniencia daquella medida. Para unirmos porein a brevidade á reputação daquelle artigo, só trataremos das proposições principaes em cujas demonstrações o illustrado Homem do Seculo prolixamente se espraion.

1.º Repete o illustrado adversario o mesmo que já disse no n. 17 da nossa folha: isto he—que no Brasil, e em parte nenhuma do mundo ha Republicanos—Já respondemos a esta proposição; portanto nada mais ajuntaremos, e só, pelo que toca ao Brasil, appellamos para os nossos leitores, que decidão qual de nós, se o Homem do Seculo, ou o Redactor da *Ortiga* he que procura occultar-lhes a verdade. Pelo que pertence a outros paizes, á resposta que já demos, ajuntaremos, que todas as instituições humanas se resentem da imperfeição inherente ao homem e por isto aquelle que quer utopias, nada quer.

Bem que a estas poucas palavras limitemos a nossa resposta á 1.ª proposição; não deixaremos com tudo no tinteiro a resposta á falsa imputação, que o Homem do Seculo nos irroga, de o havermos taxado de Republicano. He na verdade bem lamentavel que hum tão illustrado escriptor recorra a tão falsas imputações, e altere as expressões do seu adversario, a ponto de asseverar que nós havemos dito—que os que se

oppunhão á maioridade, he porque erão Republicanos!!—Leão-se os nossos artigos: em nenhuma parte tal proposição se encontrará. Nós desculpamos taes inexactidões, que de certo não nascem de premeditados fins criminosos; mas quem as notar; quem vir o afan com que o Homem do Seculo procura demonstrar a *não existencia de Republicanos*, hão sendo esta a questão que se trata, não poderá suspeitar de suas intenções, se não conhecer, como nós conhecemos, quão monarchico-constitucionaes são os principios do nosso adversario?

Dissemos nos citados ns. 15 e 17 que não erão os Republicanos democratas, mas os Aristocratas que punhão a monarchia do Brasil em perigo; e o Sr. Carlos Carneiro justificou nossos juízos propondo na Assembleia Legislativa de S. Paulo que, *só os Aristocratas occupem os cargos Publicos, e que destes sejam excluidos os plebeos, de diversas cores*. Que ha nisto que obrigue o Homem do Seculo a gastar tantas palavras para mostrar que não ha Republicanos democratas no Brasil, nos Estados Unidos do Norte, e nem em parte alguma do mundo? Deos nos dê paciencia!.. Passemos á 2.ª proposição.

2.ª Para refutarmos a opinião do Homem do Seculo, que julga a S. M. o I. incapaz de ser collocado á frente do Governo, dissemos no n. 17—*Não he ao Chefe de hum Estado constituido como o Brasil, que toca a decisã dos negocios publicos. Sua influencia na Administração só deve fazer-se sentir pela nomeação ou demissão de seus ministros, a quem a Lei attribue os actos dos Po-*

• Toda a influencia, que não esta (a do nomear, e demittir ministros) que o Chefe do Estado exerça; todo o director dessa influencia que não seja o voto legislativo, são entidades illegaes, destruidoras da lei fundamental, e que só podem nascer da ignorancia e pleno desconhecimento das instituições, ou de hum espirito de usurpação e tyrannia. Assim continúa á exprimir-se o nosso illustre adversario; as reflexões, que acabamos de fazer sobre outro topico, que contém a mesma ideia, nos dispensão de refutar este periodo: digamos somente que a ignorancia e plena desconhecimento das instituições ou de hum espirito de usurpação ou tyrannia podem admittir ideas excentricas da Constituição do Estado, que define cada hum dos poderes, marca, e limita as attribuições de cada hum. Todo o resto do periodo, que refutamos, occupa-se sempre desse falso principio, que fica destruido pela propria Constituição e pelos nossos argumentos, restando-nos d'elle á combatter o aresto, que nos traz, das governantes de Portugal, e Inglaterra.

Para que este exemplo trazido pelo nosso adversario pudesse servir para o nosso caso, seria preciso provar que a organização social no Brasil e na Inglaterra, no Brasil, e Portugal era inteiramente a mesma, e que as tres nações particularmente o Brasil, tem o mesmo caracter, a mesma indole, o mesmo habito de obediencias ás leis e autoridades constituídas, o mesmo respeito ás formas, aos costumes, que são respeitados, como lei &c. Porem querer que hum paiz novo, cujas instituições ainda não tem a veneração do povo; onde não ha costumes proprios, huma moral publica, huma religião venerada, hum espirito de obediencia, hum respeito religioso para o Monarcha como, existe nesses paizes, principalmente em Inglaterra, onde se se pronuncia casualmente a palavra—Rei—todos se levam

tão, e exclamão: Deos salve o Rei! he querer o impossivel: e pretender achar paridades entre elles, he o mesmo que dizer, que hum Portuguez, hum Brasileiro, e hum Inglez nenhuma differença fazem entre si.

De mais, a dissolução, que se opera na sociedade, o abalo de todas as crenças, a indifferença das virtudes, a insufficiencia das leis, a negação de todos os principios, huma moral adultera, gerada pelo sophisma, tantas e tão graves desordens do espirito e do coração não podem ser destruidos, ou parados senão por grandes exemplos. A moral he vã em preceitos, ella não persuade, senão em acção. Não he mais na força e no soccorro das Leis que os Reis se devem appoiar. Não he mais por ellas que os laços sociaes se firmarão. Ellas se tem tornado hum flagello por seu numero, e sua mobilidade; e tem por isso perdido sua autoridade. A Religião vê murchar a sua; a da familia está, ha muito extincta; a politica não tem nenhuma, está mui manchada para ser digna della. Não resta aos Reis, senão a autoridade do exemplo, e ella he bem poderosa! He outra *ultima ratio*, não gravada sobre seus canhões, mas sobre sua frente e sua coroa. A salvação da Sociedade está ainda em suas mãos. Nós o proclamamos em face de todas as desordens; hum novo mundo moral está todo inteiro no exemplo. *Obsequium in principem, et æmutandi amor, validior quàm pœna et legibus et metus.*

Se pois o exemplo pode mais, que o preceito, se elle tem mais força, que as Leis, como o poderá dar huma creança, que ainda carece de Mentor que ainda não sabe o que he governar, nem mesmo em theoria? (Continuar-se-ha).

Teima o illustrado Homem do Seculo em combater a nossa opinião, sobre a necessidade de S. M.

dos Poderes politicos, que não dependam mediata, ou immediatamente do Imperador? Pois aquelle, que exerce, elle só, tanto poder, he hum authomato, á quem só attribue o nosso adversario o poder de *nomear e demittir* ministros: e ainda esse poder, ou *essa mesma influencia*, como diz nosso adversario, *não deve ser dirigida pelas suas opiniões mais ou menos illustradas, pelo voto da maioria legislativa?* E quererá o nosso adversario destruir a Constituição, annullar o Imperador á ponto de ter tal ou tal ministerio, segundo a influencia legislativa? Ora nós não esperavamos que semelhante idéa proviesse de hum amigo da Constituição!..... Quererá o nosso adversario que o corpo legislativo se converta em huma convenção nacional, e que o Imperador e seus Ministros representem hum Directorio? Nós fazemos mais justiça ao nosso adversario, do que elle se fez á si mesmo. Pelo só facto da inviolabilidade do Imperador, e da responsabilidade dos Ministros; pelo só facto da irresponsabilidade dos outros poderes do Estado: era necessario que houvesse entre todos os poderes hum poder forte, que equilibrasse as acções dos outros, e os harmonisasse de modo, que a machina social se conservasse na precisa estabilidade, da qual só podem vir os bens, que as necessidades publicas exigem dos poderes sociaes. Se os mesmos ministros, que formão hum outro poder, o Poder executivo, tem huma acção propria, e independente dos outros poderes, pois que seria hum perfeito absurdo, que elles se tornassem responsaveis por actos emanados de outros poderes, e se constituissem agentes cegos, e passivos, sujeitos á huma injusta responsabilidade: como se poderia tolerar que aquelle, á quem a nação tem iverstido de tanta força, se contituisse o palhaço dos outros poderes do Estado? Pelo contrario a Constituição mui sabiamente delegou

ao Imperador nobres, bellas, e sublimes prerogativas! A' Elle pertence esse direito de perdoar, direito de huma natureza quasi divina, que repara os erros da justiça humana, ou suas severidades inflexiveis, que são erros tambem: á Elle pertence o direito de investir os cidadãos distinctos de huma illustração duravel, collocando-os nesta magistratura vitalicia, que reune o brilho do passado á solemnidade das mais altas funcções politicas: á Elle pertence o direito de nomear os órgãos das Leis, e de segurar á sociedade o goso da ordem publica, e á innocencia a seguridade: á Elle pertence o poder de dissolver a camara dos Deputados, e de preservar assim a nação dos desvarios de seus mandatarios, chamando-os á nova escolha: á Elle pertence a nomeação dos ministros, nomeação, que dirige para o Monarcha o reconhecimento nacional, quando os ministros cumprem dignamente a missão, que lhes foi confiada: á Elle pertence em fim a distribuição das graças, dos favores, das recompensas, a prerogativa de pagar com hum olhar ou com huma palavra os serviços feitos ao Estado, prerogativa, que dá á monarchia hum thesouro de opinião inexgotavel. Eis aqui certamente huma vasta carreira, respeitaveis attribuições, huma grande, e nobre missão!

E dirá agora o nosse adversario em sua consciencia que o nosso Joven Imperador com o pouco, que sabe, sem nenhuma experiencia, sem nenhuma pratica e uso do mundo, está apto para exercer as attribuições, que a Constituição confere á Elle só? Não seria este o meio dos ministros abuzarem da sua innocencia, e inexperiencia, o acobertar-se com a inviolabilidade do Monarcha para salvar-se da responsabilidade, de que se tornarião passivos, se elles tivessem de exercer commulativamente as attribuições do poder moderador e executivo?

pode ser que nos Estados-Unidos formiguem realistas: o com tudo o Vaticano, e o Capitalio de Washington, estão em pé. O que valem alguns individuos, o que podem elles? O que são elles ao pé do massas?

Mas dir-se-há—e a Republica não he possível? e nós responderemos: o que he que não he possível? quantas cousas não tem existido, e que podem existir? Somos nós responsaveis do que não ha, e do que pode haver? Galante maneira de raciocinar he a de concluir do que não he para o que pode ser; do nada para a existencia! toda a questão se cilra nestas palavras: *conduza-se a Realeza de modo que não faça pensar em Republica: não desperde o governo o povo, e o obrigue em nome do Imperador á lançar-se na Republica!*

Não se ouve fallar, senão nos perigos da Dymnastia reinante; e nós nunca a vimos mais segura; e por isso diremos altamente que se não quer Republica, mas sim a ordem constitucionalmente monarchica. Se se organizar hum partido, que procure destruir a monarchia constitucional, para substitui-la pela monarchia da sciencia certa e poder absoluto, e ganhar força: nós iremos com as lagrimas nos olhos alistarmo-nos nas fileiras da Democracia, e gritar: *Antes de tudo a Liberdade, antes de tudo a igualdade, antes de tudo a dignidade do homem!!* Irems antes para o tumulto, do que para o tumulo, estando vivo!...

Passemos agora á entrar na analyse de alguns pontos do artigo, que combatte as nossas idéas, e vejamos se o nosso illustre adversario para sustentar os seus principios, firmou-se em bases por tal modo solidas, que possa de huma vez fazer-nos recuar: e então notaremos que para chegar ao fim, á que se propoz, elle imagina o paiz organizado de modo, que teriamos antes hum Dictadura no corpo Legislativo,

ou huma convenção nacional, do que huma Constituição, que estabelece a divisão dos poderes, sua independencia huns dos outros, e a harmonia, que deve existir entre todos para bom andamento da machina social.

«Não he ao chefe de hum estado constituido, como o Brasil, diz o nosso adversario, que toca a decisão dos Negocios publicos. Sua influencia na administração só deve fazer-se sentir pela nomeação ou demissão de seus Ministros, á quem a Lei attribue os actos dos Poderes Executivo, e Moderador.» Cada linha, cada palavra, de que se compõe estes periodos, são outras tantas blasfemias contra o nosso Pacto fundamental, e contra todos os principios constitucionaes; e sem que recorramos á autoridade de publicista algum, vejamos o que diz a Constituição. Art. 98. «O Poder moderador he a chave de toda organização Política, e he delegado privativamente ao Imperador, como Chefe Supremo da Nação, e seu Primeiro Representante, para que incessantemente velle sobre a manutenção da Independencia, equilibrio, e harmonia dos mais Poderes Politicos. Art. 101. » O Imperador exerce (privativamente, *id est*, só) o Poder moderador: nomeando os Senadores: convocando a Assembléa Geral: sancionando os Decretos, e Resolução da Assembléa Geral, para que tenham força de Lei: prorogando, ou adiando a Assembléa Geral, e dissolvendo a Camara dos Deputados: nomeando e demittindo livremente os Ministros d'Estado: suspendendo os Magistrados: perdoando ou minorando as penas impostas aos réos *coadernados por sentença*: concedendo amnistia etc. » Ora se o Imperador he o Chefe do estado; si elle, sem nenhuma responsabilidade de seus ministros, exerce todas estas grandes attribuições; como não lhe toca a decisão dos negocios publicos? qual he o negocio publico, ou quaes são os actos

mas huns poucos do ambiciosos Oligarchas, que aspirão concentrar a força publica em suas mãos, nas do seus parentes e amigos, o governar-nos á maneira do Norte America, onde, me levem os diabos, se ha liberdade, e menos igualdade, e essa apregoadá philantropia de *periodicos, e brochuras*, com que se embelão os espiritos, que se não occupão em estudar as instituições, leis, e regimen interior de hum tal Paiz. Huma nação, que faz leis para punir com severidade os que ensinarem á ler e a escrever á gente de côr; huma nação que tolera que se arranque dos laços, de Hymineo hum homem e o levem em procissão e o assem á fogo lento, por estar em huma Igreja catholica dando a mão de esposo á huma mulher, que tinha a pelle mais alva do que a delle; não he certamente huma nação republicana, tal qual nós concebemos em theoria!

Muita gente inimiga da liberdade, avessa ás instituições modernas, e afeitas ás velhas e balofas oristocracias; não vê por toda a parte, senão republicanos, aterrada com este fantasma, ou antes fingindo aterrar-se, aproveita-se do amor, que alguns bons patriotas tem á pessoa do Imperador, une-se com elles, e os excita á proclamar a maioridade do Monarcha: e os Oligarchas, que são mais finos, do que todos, auxilião a maioridade, porque conhecem que he o meio de precipitar o Throno. E os verdadeiros Monarchistas Constitucionaes, amigos da aristocracia do MERITO unica compativel com a razão, e com o bom senso; em lugar de gritar que o Throno está perdido, que a democracia invade tudo, que a republica está batendo as portas; digão antes: se existio ja mais occasião mais propicia para fazer em fim arrebentar esse espirito democratico; foi seguramente á da abdicação: que esteve nessa grande crise

preso o Throno? onde estava sua força? quem o protegia contra o espirito democratico, se elle tivesse existido? quem podia impedir os republicanos de surgir do meio do seus fragmentos? e com tudo o que aconteceu? proferio se huma só palavra de deprecição para a realza ou de ameaça contra os titulares? notou-se, se quer, huma apparencia, huma tendencia, huma côr de republica? de que linguagem se servio para o Imperador, que subtracção se fez ás homenagens, que lhe erão devidas? Os factos provão o contrario, e dão o direito de negar a existencia desse espirito democratico.

He preciso que nos entendamos e que sejamos justos. Negar os factos, quando elles contrarião nossos systemas, ou as consequencias destes factos, quando se não pode negar a existencia do facto mesmo; he declarar que toda a discussão bazeada sobre a razão he impossivel: Não vemos pois em parte alguma esse espirito democratico, de que se não cessa de fallar: se elle não se desenvolveo na epoca da declaração da Independencia, na da dissolução da Constituinte, e na da abdicação, quando se desenvolverá? Quando entregarem o Imperio á huma creança. A palavra ordem partida de hum extremo da cadêa a segue em toda sua extensão com o multiplicado ribombo de hum numero infinito de vozes, que repetem o que tem dictado o interesse da Patria. Não dizemos, segundo o que nos dicta a razão, que não existem absolutamente republicanos: na infinita variedade das inclinações, dos caracteres, e dos espiritos, que se fazem remarcar entre os homens; quem pode responder que se não encontrará alguém, que por vinte razões diversas será levado para hum systema de governo antes, do que para outro, para a republica antes, do que para a Monarchia? a escolha he livre: pode ser que Roma encerre hereticos em seu seio;

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda u. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e editor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en
• vain que les vieilles aristocraties multi-
• plieront leurs efforts pour s'opposer que
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em Santa Helena.

Em o nosso artigo publicado no n.º 17 da Ortiga sustentámos huma idéa contraria á que apparecêra na mesma folha, tendente á provar a necessidade de se chamar o Imperador á occupar o posto, para o qual a Constituição O chama na idade de 18 annos. Nós dissemos, que não se deve temer republicanismo, porque não ha republicanos; que o Imperador não tem a necessaria instrucção, e criterio para poder decidir dos negocios publicos; para discernir o falso do verdadeiro; que não tem experiencia, conhecimento e pratica das cousas; que lhe falta a madureza, e a necessaria prudencia do estadista, que se colloca á testa do governo de hum Paiz; que ainda não tem costumes, moral, typo, e carecter de nação: e que tudo iria para peor, porque seriam os mesmos homens, ou outros como elles, que seriam chamados para dirigir os negocios, e que tudo recairia sobre o innocente Imperador: e que esta precipi-

tação de maioridade ia comprometter a existencia da Monarchia. Não estamos convencido que o illustre adversario, que na mesma folha combate as nossas opiniões, tenha destruido a força de nossos raciocinios, e que tenha negado com logica as nossas proposições. Se o nosso fim fosse o de afastar o governo do Imperador, por sermos republicanos, como disse o autor do artigo que nós combatemos a primeira vez pois avançou, que os que se oppunhão á maioridade, he porque erão republicanos, então longe de destruir essa idéa, nós a favoreceriamos, e ajudariamos o nosso honrado adversario, pois que estamos mais que convencidos, que quem quizer a Republica com brevidade, occelere a maioridade do nosso Augusto Imperador. Nós sabemos melhor que ninguém, que não são essas as vistas do nosso adversario; nós temos conhecimento de seus nobres sentimentos, e do amor, que tem á Monarchia, e particularmente á S. M. I. e ás suas Augustas Irmãs; mas podemos asseverar-lhe, que sem o querer, elle auxilia innocentemente a causa dos inimigos da Monarchia, que convem dizer que não são republicanos, porque, tornamos á repetir, não os ha no Brasil, e talvez em todo o mundo;

rial do Engenheiros, introduzindo n'ello quanto menino d'escola ha-
tendo S. Ex. depois da ultima censura
que lho dirigimos, sobre este assump-
to, despachado mais do tripulo do nu-
mero que fizemos menção no artigo,
como por assinte e... Grande coragem
sua! Que não mais despache a paizanos
2.º Tenentes do Corpo d'Artilheria
do Pará, e segundo nos informão a hum
homem, que por suas *habilidades*,
ja foi a jurados, e cuja anecdota he
patente n'esta cidade, que vindo ás
mãos do integro commandante das Ar-
mas hum tão vergonhoso despacho, não
só por ser contrario á lei, e o ministro
não poder despachar hum poizano offi-
cial, como, porque recahia em hum in-
dividuo que ja tem estado prezo, dirigi-
ra-se ao Sr. Conde, para lhe fazer suas
observações, e foi-lhe respondido, se-
gundo nos affirmão, por S. Ex. que bem
lhe constava tudo, mas que os empe-
nhos erão tantos!!.. Que não continue
mais a insultar os Officiaes Brasileiros,
despachando capitão a hum vendedor
de bonecos, e a Major a outro estran-
geiro como ainda ha pouco acaba de
fazer na Provincia de Santa Catharina,
e finalmente a hum outro estrangeiro
para lente da Academia Militar. Mas
S. Ex. ja deve saber talvez que por
taes abusos de poder tem de contar
com o peso da maior responsabilidade
pois assim impunemente não se piza a
lei e se offende o direito da officialida-
de do Exercito. Brasileiro Ministro que
mais destimidamente obre, jamais te-
mos visto em nosso paiz: chegando
á tal ponto sua aristocracia e orgulho,
que dá audiencia de pé, só para que
ninguem se assente á sua vista! Em ou-
tro qualquer paiz, nem hum unico dia
poder-se-hia conservar no posto. Nós
na qualidade de cidadão..e Brasileiro
nato, pedimos ao chefe irresponsavel
do Estado, e ao illustre ministro do
Imperio, que tem sempre se mostrado
recto e justiceiro (sendo n'olle, e no de

Estrangeiros em quem confiamos) que
vejam o descredito em que cahem con-
sentindo que hum ministro tao arbitra-
rio, e tão desprezador dos direitos e
foros dos Brasileiros, faça parte de hum
governo que preside aos destinos de
huma nação livre e independente.

ACÇÃO GENEROSA.

—Tendo o Commandante demittido
do batalhão da Freguezia do SS. Sa-
cramento, deixado ficar *empenhado* em
sua mão o sardamento da Muzica,
(para o qual houve subscrição entre
os G. N.), por cujo motivo o digno
Fluminense o Sr. Barboza Guimarães
tomou posse com Muzica *emprestada*;
consta que este Sr. mandara fazer novo
sardamento; e sendo-lhe agora *offere-*
cido o penhor, S. S. o recusara. A' ser
isto como se nos affirma, nós louvamos
o rasgo de brasileirismo do Sr. Barboza
Guimarães, á quem apenas de vista
conhecemos; mas que nos consta ser
pessoa de reconhecido merito, cheio
de bondade á toda prova, e de senti-
mentos Brasileiros.

—*Trenta contos de reis*, ganhos, em
3 annos, em *pingos de cera* na admi-
nistração da C. M., dá-se á quem des-
cobrir o *lugar proprio* em que devo ser
collocado o *Busto do Cavalleiro Mello*
(pisador do laço nacional), que esteve
á prova, no armazem de azeite de pei-
xe, no Campo d'Acclamação.

—Os Srs. da Camara Municipal
por ordem do governo, indicarão para
Inspector da illuminação (que 5 me-
zes duvidarão entregar ao novo arre-
matante) hum *afilhado* com o *pingo*
de cera de 1:200\$ rs. de ordenado.
O honradissimo Sr. Galvão com esse
dinheiro empregou no mesmo servico,
a 4 Brasileiros paes de familia. Appa-
recem agora, todas as noites, lampiões
quebrados á pedra, quem as jogará?...

Brava da especulação;
São progressos da Nação.

sacrificios, a monarchia constitucional, e a integridade do imperio? (appoiados)
 Quem he que ultimamente em Coritiba correo procurso a defeza da ordem, da paz, das nossas instituicoes ameaçadas pelos rebeldes que tentavao invadir o territorio do nossa provincia? He essa mesma Guarda Nacional, com seus officiaes nomeados popularmente: he essa verdadeira forza nacional, que a custa de seu sangue, de seu reponso, e de seus mais caros interesses tem se votado a defeza das instituicoes, da integridade do imperio e a conservacao da ordem publica (appoiados repetidos).

— O nobre orador faz mais algumas consideracoes, em resposta aos argumentos de diversos oradores que defenderao o projecto, e conclue seu discurso declarando que deseja a conservacao da ingerencia do elemento popular na nomeacao dos officiaes da Guarda Nacional, e por isso vota contra o projecto, que faz com que possam ser elles muito bons para o poder, porém pessimos para a nação.

COMUNICADO.

Quando hum governo não respeita a publica opiniao, quando se não importa que seus actos sejam censurados, quando mesmo não tendo consciencia politica tudo despreza, tudo trata de rosto, e solanca o sorriso do escarneo sobre o codigo sagrado e fundamental do Estado, e como desprezando-o o atira por terra, piza-o, e o conspurca; o que se deve esperar de tal governo? De que crimes não se tem elle revestido? Hum governo semelhante he indigno de dirigir huma Nação esclarecida; he incapaz de roger homens livres; deve chamar sobre si todas as maldições do povo, a espada da justiça deve estar pendente sobre sua cabeça, para que não insulte a lei, e enxovalhe o povo que o sustenta e tolera. Tal linguaem...

garemos contra o governo do nosso paiz: temos empregado em todos os meios de censuras publicas, mas comedidas, sobre seus actos, apresentando-lhes factos, e factos, que jamais será capaz de nos contestar, a fim de ver se alguns dos ministros a quem nos temos mais particularmente dirigido, se envergonhão, e arrepião a torressa vereda em que cauhão, e por nos parecer que são os que mais escandalosamente tem violado as leis, e desprezado a responsabilidade que sobre seus hombros pesa. Se todavia elles continuarem a abusar da paciencia do povo; se nós perscrutarmos perfidas intenções de sua parte, nossa linguaem será mais forte, nossas expressões ainda muito mais energicas: nós, tomando a peito o interesse dos Brasileiros, que he o nosso, e na qualidade de bom cidadão, procuraremos com os maiores esforços accorder os Brasileiros livres e independentes de lethargo a que estão entregues, não cessaremos de bradar-lhes: Alerta! que senão seremos escravizados por essa influencia permanentemente maligna, e constantemente infensa á ordem e liberdades publicas, que nós tambem, com o illustre patriota o Sr. Limpo e Abreu apelidaremos cabeça de Medusa. Por ora ainda nossa linguaem será branda, nossas reflexões serão pacificas. Por ora pediremos ao Sr. Conde de Leões que ponha hum dique a torrente de arbitrariedades que ainda continua a praticar. Pedir-lhe-hemos que faça cessar essas promoções revoltantes a todos os Officiaes benemeritos, que se veem pizados por S. Ex: Que não anotehise mais a organizacao do chamado Exército: Que não trate tanto de resto os postos militares para os não conferir a torto e a dirbito, como está fazendo: E se continua, cremos que S. Ex. até mandará agarrar os pretes de ganho para lhes dar hum gallo!! Que não...

por huma barreira aos desatinos do poder, e contrabalançar sua natural tendencia a fortificar-se a custa do enfraquecimento do elemento popular; mas este projecto desarmando a nação destracou o equilibrio que deve haver entre ambos os elementos, para que ambos possam conservar-se; pois que he impossivel, que existão essa harmonia, e esse equilibrio, desde que o elemento aristocratico, for dotado de toda a força. Não me admira que o governo da provincia deseje, e pedisse mesmo a adopção da providencia proposta no projecto: porque sem fazer-lhe injuria, posso dizer que n'isso obrão todos os governos, que nunca estão satisfeitos com a força que tem, e procurão sempre augmental-a. O poder quer sempre fortificar-se: cabe á razão legislativa o grão de força que lhe he precisa, e só conceder-lhe aquella que he indispensavel para o exacto cumprimento de seus deveres; para isso he que nós aqui estamos, e he essa huma das primeiras obrigações das assembleas legislativas. Agora responderei ao nobre deputado que fallou a favor do projecto. Fallou-se nas más nomeações do povo para os postos da guarda nacional: eu convenho que houverão abusos, que o povo desconheceo seus deveres, e até seus proprios interesses; porem não posso criminal-o tanto que me incline a roubar-lhe toda a ingerencia na nomeação dos officiaes; porque se elle errou na escolha d'elles, o governo tambem pode errar, e effectivamente estamos vendo que erra todos os dias. Attenda-se ás promoções que tem havido no exercito: veja se como tem procedido na escolha dos officiaes, e quem for justo diga-me se he possivel esperar que o governo não erre, e não abuse na escolha dos officiaes da guarda nacional (*apoiados*). He verdade que ouvi dizer que o povo Brasileiro era naturalmente aristocratico, e que por conse-

guinta era preciso impedir que as classes inferiores tomassem o lugar que compete á classe mais elevada. Eu creio, Sr. presidente, que todos os povos tem tendencias aristocraticas; porque todos os homens as tem; porem tambem julgo que he dever nos coartar, dirigir, e circunscrever o desenvolvimento de taes tendencias para que possa ser observado o principio constitucional, que facilita o accesso de todo o cidadão aos cargos publicos, com a unica distincção de seus talentos e virtudes. Não quero pois que estimulemos, ou demos huma força ás tendencias aristocraticas, erigindo em lei, a distincção de classes, ou ordens na sociedade; por isso voto contra este projecto que, d'algum modo, tende a favorecer o predominio de taes tendencias. O que eu quero he que hajaõ bons officiaes; homens que conheçao a importancia das funcções de seu emprego, e não officiaes que obedeçam ao primeiro acento do poder; porque a guarda nacional não he criada se não para defesa da nação, e não do governo, e muitas vezes pode ser inimigo da nação (*apoiados*). Essa independencia, essa prohibidade, que desejo nos officiaes, não agrada ao poder, porque elle quer maquinas que obedeçam, e não homens que investiguem a moralidade de suas ordens; homens que talvez em alguma occasião devão resistir a ellas. Não desconheço que abusos houverão na escolha dos officiaes, quando erão de eleição popular; porem não posso esquecer-me de que essa mesma Guarda Nacional, com esses mesmos officiaes, já huma vez soube oppor-se ás tentativas do governo do Rio de Janeiro; já huma vez comprehendeo toda a extensão, e nobreza de sua missão, e deu ao poder huma prova de seu civismo (*apoiados*). E que direi eu do presente? Quem he que no Rio Grande, no Maranhão, na Bahia tem sustentado á custa de mil

se lembro de semelhante carneiro para honral-o com os sufragios da urna? E haverá ainda Brasileiro do côr tão degenerado, que se lembro contribuir com o menor contingente, de qualquer modo que seja, para levar á eminencia da Tribuna, homens que assim pensão, sem descer ao ultimo gráo de degradação, de falta de sentimentos, e de nobreza? Cremos que não; ao menos assim o esperamos.

Quando os *republicanos-aristocratas* tem a animosidade de mandar deste modo pelos clarins de seu partido tocar a rebato no seio de huma Assembleia Legislativa Provincial, pode-se por ahí prever quanto se tem tramado, e quanto se trama contra a constituição, e por conseguinte contra a numerosa e importante classe dos homens de côr, que até hoje ainda não deixarão de dar provas de seu talento, amor á Patria, ao Throno, e ao Monarcha, e summa habilitade para todos os ramos de Commercio, Industria, Artes, sciencias, pois he de sua natureza o serem activos, e laboriosos. Mas, em fim, vamos ao discurso.

Sr. presidente: — o meo estado de saude impedio-me hontem de expôr á casa algumas considerações, que me obrigão a votar contra o projecto em discussão; mas eu tinha promettido que hoje fallaria; por isso apezar de não me achar hoje melhor vou fazer algumas observações a respeito d'esse projecto. No systema monarchico constitucional, ha sempre dois elementos que constantemente disputão a preponderancia: o elemento monarchico, e o elemento popular. Aquelle tende continuamente a reforçar-se, e de facto pode preponderar, visto que tem a força publica para executar suas vontades. O elemento monarchico, podia pois absorver tudo, concentrar em si toda a influencia, logo que não se lhes desse hum contrapezo que o equilibrasse. D'aqui, resulta o grande principio da

divisão e harmonia dos poderes, como garantia da estabilidade, e da conservação do elemento popular das monarchias. Virão os estadistas que o pensamento monarchico, armado como se acha em todos os paizes, tendo ás suas ordens as bayonetas mercenarias, podia absorver todo o poder, dirigir exclusivamente a marcha do estado, e obstar a intervenção do elemento popular no governo da sociedade; virão mais que o poder tinha livre o passo para seguir mesmo as veredas mais perigosas; que o governo podia atacar de frente as instituições populares, sem que a massa activa, e pensante da nação tivesse huma arma para oppor aos desatinos do poder, para defender suas prerogativas, e obstar a conversão do governo em huma monarchia pura. Eis os motivos que aconselharão aos politicos a criação da guarda nacional. Creada ella já o poder não pode facilmente transpor a orbita de suas attribuições; não lhe he tão facil derrotar o elemento popular, e prohibir que elle tenha influencia na publica administração; porque já o pensamento popular acha-se armado, em circumstancias de oppor-se com vantagem ás invasões do pensamento aristocratico. A guarda nacional he a nação armada, a milicia de linha he d'ordinario a força do governo, não poucas vezes empregada contra a propria nação. Sendo taes os meos principios, como he possivel que eu vote a favor d'este projecto que desarmando inteiramente o pensamento popular, vai sujeitar as massas á influencia do poder? elle as pode dirigir como quizer, tendo o direito de nomear livremente os officiaes dos batalhões, esquadrões, sobre proposta dos respectivos commandantes; pode desde então abusar como quizer, atacar de frente todas as instituições populares, porque o pensamento popular não tem huma arma para defender-se. A nação quiz armar se para poder op-

nostros esforços, para que S. M. o I. seja collocado a frente do Governo, e o Brasil livre das nojentas Harpias que o conspurcáo, e devoráo.

Haviamos ja sido informado do horrendo trama, que a Aristocracia Republicana urde, quando o nosso Collega o Homem do Povo nos veio confirmar a noticia — de que a infernal Cabeça de Meduza, e seus sicarios, procuráo por seus Agentes congregar gente, e particularmente gente de côr, para se fazer proclamar a Maioridade da S. M. o I. — Qual seja o fim a que se propoem aquelles malvados, he obvio; nós porem que tomámos a tarefa de sustentar essa Maioridade, que tem em seu apoio o voto da grande maioria Brasileira, não deixaremos de o tornar mais claro, e patente.

Aquella infernal quadrilha, aquelle sordido bando de nojentas harpias, vendo o progresso da opinião, que se tem manifestado a favor da Maioridade de S. M. I., procura nullificar-a com hum golpe de Estado. Para que este possa ter lugar, trata-se, fingindo adoptar essa opinião, de grangear assinaturas, com que, depois de ter apanhado no laço os Monarchistas Constitucionaes, possam authenticar a descoberta de huma Rebelião complicada com insurreição. Tal he o fim desses scelebrados!....

Não se deixem pois os Monarchistas Constitucionaes illaquear pelos agentes assalariados, que andáo mendigando assignaturas para que S. M. I. seja collocado á frente do Governo. Esta medida salvadora deve partir do corpo Legislativo, baseada sobre a opinião publica, que toda se vai declarando em seu favor, por ver, que tanto, em politica, pode governar hum Menino com 14 annos, como com 18, segundo a constituição.

Entre os muitos Monarchistas Constitucionaes, que o voto Eleitoral elevou

aos bancos Legislativos, bastantes ha que mostraráo, e propugnaráo por essa medida salvadora; nós mesmo conhecemos, alem de outros, hum eloquente Deputado, que de coração ama as instituições patrias, e a Imperial Familia, e que não cedendo nem a ameaças, nem a promessas, afrontará os odios da Cabeça de Medusa, e de seus sicarios, propondo com a coragem que lhe he propria a Maioridade de S. M. o I.

Esperemos esse momento desejado: tribute-se então a esse illustre Deputado toda a gratidão de que se fará credor; mas não nos deixemos pescar nas redes que nos preparáo a Cabeça de Medusa, o cabelleira, o coxo, o bocca torta e mais quadrilha. Sentido n'elles!....

Do Noticiador de S. Paulo, á que nos referimos no nosso numero antecedente, transcrevemos, em seguimento ao artigo que ahi se lê, intitulado — *A conversão da Guarda Nacional, em Guarda do Governo* — o seguinte discurso do abalisado Parlamentar, o Exm. Sr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada, discurso não só importante, por ter por fim arrancar ao Governo a poderosa arma da nomeação dos officiaes da G. N., como porque rebate a insidiosa doutrina do Carneiro de Campos, que se declarando tão infamemente contra a sua classe, que elle hoje chama baixa, quiz assim ver se fazia hum grande serviço ao Governo, que elle julga ter esposado esse principio, querendo por tal modo pagar-lhe a indevida nomeação, que delle fez para Inspector do Thesouro. Todos os que lerão aquelle impolitico arrasoado, citado no nosso N. 18, digão em sé de Brasileiro contitucional, se tal homem pode e deve merecer as sympathias de alguém? E haverá Brasileiro Monarchico-Constitucional, amigo da uniao e do Imperio, que depois do ler e meditar n'aquelle apontado de friolciras

saber amala os illustrados Redactores da Liga, essa opinião não pareceo destituida de fundamento, á vista da marcha que essa Folha encetou, o proseguio.

A quem toca sustentar a dignidade, e independencia Nacional, não he ao Governo? Para que pois se dirigia a Liga ao Povo, e procurava leval-o á reacções, contra os ultrages do Estrangeiro? Não via a Liga, que se suas doutrinas fossem abraçadas, nenhum frato por tal meio se podia colher? Supponha-se que o espirito publico, electerisado pelas doutrinas da Liga, tratava em todos os pontos de Imperio aos Francezes, da mesma maneira com que o resentimento dos patrioticos Paulistas tratou hum artista, e hum negociante daquella Nação: que resultado esperava a Liga de taes reacções? Sacrificar patrioticos cidadãos ás requisições diplomaticas do Barão Rouen, que *folga, joga, janta, e toma chá* com os nossos Governantes?

Se taes não erão, como acreditamos, suas vistas; se o Governo não dictava a sua doutrina, porque não se dirigia a Liga aos nossos sapientissimos Governantes, e não lhes dizia — meos senhores, a Nação vos paga, e muito bem, para cumprirdes os vossos deveres; entre estes, o mais importante he sustentar a dignidade, e independencia Nacional: tratai pois de expellir o Estrangeiro que aggreo ao Brasil; não vos banquetecis com o Representante d'esse povo aggressor; fazei finalmente o que vos cumpre fazer —. Se surdos a estes avisos, esses homous continuassem na mesma criminosa senda; então teria lugar o appelo para o Povo; não contra o Estrangeiro, mas contra os Governantes que o protegem, e o tollerão: e só quando estes fossem substituidos por Cidadãos Patrioticos, que cumprissem seus deveres, he que os esforços populares devião ser excitados para sustentalos, e dar-lhes a força necessaria contra o perfido invasor.

Tal he a conducta que a razão dictava, mas que a Liga não seguiu.

Depois destas considerações, se algumas duvidas restassem sobre a influencia Governativa na Liga, e por conseguinte sobre a existencia de planos occultos, não desaparecerião ellas á vista da aspereza não esperada com que fomos tratado n'essa Folha, por advogarmos a opinião daquelles que só vêem a salvação do Paiz na declaração da Maioridade de S. M. I.?

Todos sabem que com a Maioridade de S. M. I. a maldita Cabeça de Medusa deixará de exercer sua malefica influencia nos destinos do Brasil: ninguém ignora que, com aquella medida a queda, e aniquilação dos actuaes Governantes he hum facto de existencia necessaria; não se pode pois concluir da opposição da Liga a essa desejada maioridade, que erão os governantes que dictavão suas expressões?

Não damos inteiro credito a taes suspeitas, apesar do que deixamos dito: nossa convicção só se determina á vista de provas irrecusaveis, e não por indicios. Antes queremos suppor que só a opposição a homens he que dirigio a Liga nesta questão. Se já se tivesse cumprido o raticinio do empirico charlatão, que á sombra do *Joãovil* se sentou com S. M. I. á mesa, donde forão expulsos os Medicos Brasileiros; se já se tivessem passado os tres annos, acreditamos que os illustrados Redactores da Liga serião os primeiros a sustentar essa maioridade, a qual agora se oppoem talvez porque *ainda vive esse homem*, que necessariamente será hum dos que tem de subir ao Poder, sob o Governo de S. M. I.

Desprezem porem os illustrados Redactores da Liga mesquinhos odios: attendão ao bem do Paiz, e se detestão como supponos essa Aristocracia Republicana, que tanto ameaça os direitos da I. Familia como as Instituições Patrias, e o bem do Paiz, coadiuorem

laia são empregados no Norte para designar os Fluminenses? Será depois que nossos artigos apparecerão, que os Sulistas, e particularmente os Fluminenses, não podem obter nas Provincias do Norte ainda o mais insignificante emprego, ao mesmo tempo que os mais pingues do Sul, e particularmente do Rio de Janeiro, são só para Nortistas, e com preferencia para Bahianos? De certo que não. Como pois somos accusado de promover a desunião entre Sulistas, e Nortistas, quando, provindo estã d'essas causas, nós temos feito ver ao Governo a necessidade de ser justo, de não sacrificar o Sul ao Norte; de indistinctamente nomear para os empregos do Norte e Sul filhos do Sul e do Norte; de apagar finalmente o faxo de discórdia que esse patronato accende? Quem mostra ao governo a injustiça com que presere mediocridades Nortistas a reab: talentos Sulistas, pode ser taxado de promover a desunião? Quem procura corrigir a anti-politica actual organisação Ministerial, onde não entra hum unico Sulista; e faz ver as tristes consequencias, que esta organisação traz ao Sul, cujos interesses estão entregues só a Nortistas, e Nortistas de tão acanhada esphera, pode ser accusado de promover a desunião do Sul e Norte? De certo com mais razão essa atroz imputação pode ser irrogada áquelles, que procurão a continuação das causas dessa desunião, embora no Sul hajão ellas tido nascimento!... Acreditamos mesmo que os Nortistas de seu o achão justas nossas reflexões!..

O espanto de nós se apodera á vista da não esperada acrimonia, com que o illustre Redactor da Liga estranha nossas opiniões sobre a Maioridade de S. M. o I. Para nos denegir na opinião Publica, não duvida o illustre Redactor lançar mão (p. emitta-nos a expressão) de huma alheiosa tanto mais infundada quanto facil he derrotada, com

a simples leitura do nosso artigo. Neste dissemos — que os Republicanos Aristocratas não querião a Maioridade de S. M. o I. —; segue-se por ventura desta proposição — que todos que não achão conveniente essa medida pertencão áquelle partido —? De certo que tal consequencia não cabe no principio; como pois nos atribue o illustado Redactor ideas, que nem mesmo por allusão nos pertencem?

Como contemporaneo perfeitamente conhecemos os homens que pertencem áquelle partido: e bem que o Publico descoubie de que a esse partido pertencão aquelles, que combatem a Maioridade do Augusto Imperador; nós com tanto nelle não classificamos os que se oppoem a nossas opiniões, sem que tenhamos justos fundamentos, que a isso nos determinem. He por tanto falsa a imputação, que na Liga se nos irroga, de classificarmos de Republicanos a todos, que não querem ver á frente do Governo S. M. o I.

Tendo mostrado quanto immeritadas são as injuriosas censuras, que nos foram irrogadas na Liga, passaremos agora a fazer algumas reflexões, que justificarão a pouca acceitação, que aquella Folha injustamente diz nos ter merecido a sua doutrina.

O Patriotismo, que a Liga patenteava não podia deixar de agradar a todo o Brasileiro, fosse qual fosse o partido a que pertencesse. O camuflho porem que ella trilhou fez crer a alguns Monarchistas Constitutionaes, que ella tinha outros fins, que não os que declarava. Alguem houve que a suppos producção dos nossos atilados governantes, que por este meio querião afastar as vistas publicas do nefando quadro de seus erros, e prepotencias, chamando-as sobre a offensa e ultrage que o Brasil sofre do Estrangeiro: offensa e ultrage que só ao governo he imputavel. Aos que amão e sabem amar a Patria, tanto como podem amala, e

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Tinhamos resolvido não dar cavaco ás afrontas, que se nos dirigirão na Liga n. 17, suppondo-as filhas da agonia, que experimenta o moribundo que, não vendo em sua conducta a origem de sua morte prematura, desabafa sua dor imputando-a aquelles, que mais desejavão a continuação de sua existencia; e continuaríamos neste proposito, senão soubessemos, que não passou de *simplex desmaio* o que suppozemos *fin de vida*. Como porem estamos informado de que aquella folha brevemente sahirá do *deliquio*, necessario se torna que mostremos a injustiça com que somos por ella carregado com terriveis odiosidades.

Em alguns artigos nossos temos procurado fazer sentir ao governo as fataes consequencias de sua conducta para com a gente de côr. Se nestes temos condemnado a illegal, e errada politica de considerar como impedimento de rimento a côr, em Cidadão que, segundo a lei, estão habilitados para occupar os cargos do Estado, em outros temos procurado mostrar a falsidade da imputação, que a turdina a Republicana Aristocracia dominante irroga aos homens de côr, de se quererem roubar e assassinar os brancos. Procurando assim extinguir todas as causas, que produzem justos resentimen-

tos nos offendidos, bem claro fica, que não procuramos *semear a divisão entre homens de diversas cores*, e por consequente que a injuriosa, e falsa imputação, que nos irrogou o illustrado Redactor daquela folha, senão nasceo do premeditado fim de nos ferir, foi talvez filha da irreflexão do momento.

Ainda que algumas observações tinhamos a fazer, com tudo nada mais diremos a este respeito; porque sendo essa imputação tambem extensiva ao nosso correspondente — Americus — e dizendo este no communicado que publicamos, tudo o que nós podiamos dizer, a nossa resposta se tornaria occiosa. Passamos por tanto ás censuras que toção só aos Redactores da Ortiga.

Não podemos deparar com o motivo, que levou o illustrado Redactor da Liga a imputar-nos huma falsidade tão atroz, como he a que diz nós procuramos *semear a desunião entre Nortistas e Sulistas*, quando em nossos artigos temos procurado extinguir essa desunião, que data de tempos muitos anteriores á publicação da nossa folha. Quem não sabe que antes da Ortiga apparecer já os Nortistas procuravão dominar o Brasil, com abatimento dos Sulistas? Será depois que a Ortiga se publica, que os epithetos de *marotes do Rio, punsas do Rio*, e outros de igual

só remarcavos por sua ignorancia. E sabeis, imparciaes leitores, porque ainda algumas d'ossas o quejandas nulidades apparecem, como perilampas no meio da selva, no recinto de nossas Assembleas, em cujo logar só advogão a nobreza aristocratica á que se que-rem filiar, mas d'onde são repellidos, como as gralhas empavonadas? he porque até hoje ainda se não voltou livremente; ainda se não conheceo, que se conveni elevar o merito e não a ignorancia, a virtude, e não o vicio, a honra, e não a crapula, e que para isso nada mais he mister do que desprezar as indignas cabalas de camelhões políticos, de sanguixugas do Estado, que só curão de si, e de terem hum titulo, hum nome, que não merecem, e de tramarem contra as formulas constitu- cionaes, que nos regem, para elevarem depois (se lhes fosse possivel; o que negamos) o imperio de sua fofa aristo- cracia, em que pretendem figurar, em- hora fação a triste figura do—*Bourgeois gentilhomme* na insigno comedia do celebre Moliere. Eis o composto de inepcias.

O Sr. Carneiro de Campos (*attenção imparciaes leitores*) revelou n'esta dis- cussão suas tendencias regressistas, e aristocraticas. Em seo discurso, de- plorou as más nomeações do povo; lembrou a necessidade de impedir que a classe, que chamou buixa, subisse aos postos d'honra, ou de jurisdicção, que devia destinar-se unicamente aos ho- mens de certa ordem. Ponderou que o povo brasileiro era aristocratico, e que consequentemente era necessario alagar suas tendencias, vedando que homens de buixa extracção, e de côres d'ouros, podessem aspirar aos empre- gos do estado.

Hum dia (diz o Redactor) o Sr. C. de C. mostrou-se hum verdadeiro selo- brista; pouco falta, para aconselhar a creação d'hum nobreza transmissivel;

e por ultimo, o anniquilamento de to- das as garantias constitucionaes!

LYRA

no dia 11 de Março de 1840, 18.º Anni- versario do Natalicio de S. A. I. a Senhora Prin- cesa D. JANUARIA.

Salve, Princesa,
Teo Natalicio;
Sempre propicio
Te seja o Céo:
Benigna Sorte
Fiel Te ajude;
Alma Virtude
Te cinja o véo.
Idolatrada
Dos Brasileiros,
Ledor, sagueiros,
Teos dias sejam:
Todes os povos,
A' Ti votados,
Sempre admirados
Teos feitos vejam.
Ah! quem nos dara,
Que neste dia
Nos alegria
Fosse maior!
Vendo á Teo lado,
Das leis co' o mundo,
Ja Governando
O Imperador:
Aos Cons dirigo
Teo voto santo,
O'elles Teo canto
Escutarão:
Tu, que de Passio
Só com a idade,
De liberdade
Deste licão! (1)
Vivo, ó Princesa,
Gesta, e Virtuosa,
Qual bella Roza,
Virginia flor:
Copia d'Aquella,
Que idolatrámos,
Nós Te juramos
Constante amor.

Por — F. de Paula Brito.

(1) Soltando o seo Canario, no dia Anni- versario Natalicio de seo Augusto Pac.



48214

que os de Portugal, e não que he Brasileiro. Siziando Antonio de Oliveira, Alferes do 3.º Batalhão de Cassadores da 1.ª Linha, da Provincia do Rio Grande do Sul, estava servindo desde principios de 1855, até Junho de 1859, no Estado Oriental, ao General Frutuoso Rivera, e por seus distinctos serviços prestados a aquelle Caudilho, mereceu ser por elle elevado ao posto de Tenente Coronel do 1.º Exercicio; eis quando vejo este Estrangeiro promovido ao posto de Tenente do Exercicio do Brasil, no dia 2 de Dezembro, Natalicio de S. M. I. Quisera, Sr. Redactor, que Vm. perguntasse ao Sr. Ministro da Guerra qual o Artigo Constitucional que considera a tal Alferes Siziando Cidadão Brasileiro, em que destino se achava no mappa de seu respectivo corpo este official, durante tres annos que servio na marcha do Estado Oriental; e porque a pagadoria lhe forão pagos seus soldos. Em quanto S. Ex. o Sr. Conde de Lagos Ministro da Guerra, pratica estes actos de philantropia com os Estrangeiros; Brasileiros Natos, que servindo 18 annos á sua Patria, e em Official, requerem suas reintegrações, se lhes diz — sentem praça novamente de Cadetes, a fim de serem promovidos — e ditas estas palavras, ja S. Ex. o Sr. Ministro mandou aprontar hum par de pistolas no Arsenal de Guerra, a fim de que fosse obediencia pelas armas; e mesmo porque o Ordemão, que S. Ex. tem habitualmente, não chega para comprar hum par de pistolas. Tudo vai bem; o Brasil se está levantando a ancora, e seus Ministros não são pondo á vella. Quisera, Sr. Redactor, inserir essas mal trazidas noticias, que quasi levam o canho da verdade, fazendo-me no mesmo tempo o obsequio de corrigil-as, do que lhe ficarei eternamente obrigado.

Hum Brasileiro reintegrado, por ser Brasileiro.

— Como se tem dito mais de humavez, e agora se nos tem repetido, que os homens de cor não tem razão em se mostrarem hoje resentidos e desconfiados, porque os Republicanos, aristocratas não os menos, pressão, nem em publico, nem em particular, e antes os exornisão, e desejão ver-os florescer; nós para attardismos aquelles, que ainda de boa fé assim pensão, abaixo transcrevemos, do *Noticiador* de S. Paulo, no 37, de 19 de Fevereiro do corrente anno (que não he escripto por homem de cor, nem por estapido mercenario) o composto de asidias, que, tratando-se da nomeação dos Officiaes da G. N. sempre por eleição, se pelo governo, despejou, no seio da Camara Provincial, Carlos Carneiro de Campos, o que foi energicamente combatido pelo desinteressado e Venerando sustentaculo da Monarchia Constitucional o Sr. Martim Francisco, em hum liado discurso, mostrando a dignidade da G. N., que transcreveremos no seguinte. Decidão os leitores imparciaes, quea consideração scrise de mais peso: si as de hum respeitavel velho, nunca vendido ao poder, nunca deixado levar por influencias aristocraticas, nem curvando-se, quasi misero cativo, que impolidando-se — Ganos — a troco de vinte reis esporta nos hombros o peso de qualquer patente, que a pé enchuto atravessa as ruas inundadas das ruas, com o mesmo custo com que hum ganhador politico recebe dinheiro ou emprego a troco de seu voto; ou as de hum trulo membro de alguma familia sem prestigio, o se se fazendo notavel pelo despejo com que geralmente, para encantar os brancos, que não he, offende não só a lei fundamental do Imperio, como a hum sem numero de Cidadãos Brasileiros mais dignos por seus talentos, honra, e ardor patriótico, de occuparem importantes lugares em que se poderiam fazer e collocar os seus interesses, e os do

quando se estava mais reunido (mais ligado) e como em massa, 1851, nada pôde; todas as tentativas nada avançaram. Elles apressarão mais, do que dividirão. Vede o que tem acontecido de então para cá! Dir-se-hia que hum genio maligno se tem divertido em embarçar e em voltar em sentido contrario de tudo o que se propunha fazer. Não se negar huma syllaba deste discurso. E se elle he bem constante, bem firme, pode-se não ser levado a concluir que, se tudo o que se tem feito aqui, de nada tem servido, se não se procurar outra causa? O es- tado de coisas he falso, se esta consequencia não he justa.

(Continuar-se-ha).

Quando nós publicamos no nosso jornal antecedente huma lista dos Deputados despachados pelo governo, sem ser por escala ou accesso, por não apparecerem n'ellas os nomes dos Srs. Sebastião do Rego Barros, e Francisco do Rego Barros; e quando nós preparavamos a desfazer este engano, não se por serem estes Senhores sido promovidos por direito, como por não serem capazes de empenhar seu voto, por quaisquer considerações, recebeu huma correspondencia do Sr. Francisco Leitão de Almeida, em que, resentido pela offensa irrogada a seus illustres Amigos, nos lança em rosto a falta commetida por nossa folha, que, mais que muito estava na razão de não offender pessoas com quem tinhamos direito de sympathisar.

Nós não publicamos a correspondencia, por evitarmos polemicar, mas dando ao Sr. Leitão, no presente artigo, huma prova que de certo o satisfaria, não se porque mostramos que elle com fervor se apressou a defender aquelles Senhores, como que ja mais foi nossa intenção lançar semelhante laço sobre a reputação de tão illustres Deputados. Tratando porem o Sr.

Leitão de defender de igual modo ao Sr. Maciel Monteiro, permitiria, que lhe digamos, que não estudamos para com elle na mesma obrigação, que para com os outros, por ter sido este Sr. despachado sem ser por escala ou accesso. Quanto ao dizer o Sr. Leitão, que este seu illustre Amigo não era capaz de empenhar seu voto para obter hum emprego, ou qualquer outro; nós o acreditamos, pela certeza que temos de que o Sr. Leitão não o defenderia tão ardentemente sem ter abuberantes provas de sua honradez.

Cremos, fazendo estas observações, darmos, como sempre, huma prova daquella imparcialidade, que nos caracteriza; pois que sendo nossa intenção desmascarar aquellas de nossas Notabilidades, que com bulas falsas nos vendem gato por lebre, fazendo toda a sorte de indignidades e vilezas, não queremos, nem de leve, offender com as nossas picantes censuras o melindre de pessoas dignas de consideração por sua inteireza, e imparcialidade.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor da Ortiga. — Tendo sido em seu numero 14 de Sabbado 8 de Fevereiro hum artigo acerca das arbitrariedades do Sr. Ministro da Guerra: rogo-lhe haja de conceder-me algumas columnas do seu apreciavel Jornal, a fim de que eu diga o que sei respeito ao Exm. Conde de Lages. Timoleo Zallony, estrangeiro (não sei de que Nação) foi elevado ao posto de Capitão do Estado Maior do Exercito no dia 15 de Dezembro. Este estrangeiro não era vendedor de bonzinhos, mas sim vendedor de copos de filipinas na Rua direita em hum Caffé, ou Hotel; e se foi elevado a aquelle posto, foi porque teve a ventura de servir em Portugal, na qualidade de Alferes, com o ex-Imperador do Brazil; serviços estes que o Sr. Conde da Guerra, e Ministro Lages, não pôde de recompensar, em conse-

tão prejudicados, que julgão que a elevação de hum homem de cõr (dos que não podem esconder) ás eminencias sociais, he humma marca de deshonra, e de aviltamento á classe branca; se a Liga couhoce, se quer ser franca, que ha homens de ideas fixas que lhos não permittom supportar a superioridade da intelligencia de alguns homens de cõr; porque em vez de dizer-lhos: «Calai-vos, injustos e aprenzei que a cõr do homem não he mais, do que hum accidente natural: que esse accidente lhe não muda a essencia, elle he sempre hum homem; elle não differe hum do outro, ainda que variem as cores; tomai o selvagem desta ou d'aquella outra cõr; mudai-lhe a condição, civilisai-o, instrui-o; não differe ainda hum do outro, esta sempre igual, o coração e a alma não tem cõr, e se a tem he a mesma: e quereis que taes ideias caem em hum paiz, cuja população livre se compõe de todas as cores, e á porfia colaborou na sagrada causa de nossa independencia e liberdade? Instrui-ros dos vossos deveres, e direitos, dos direitos e deveres dos homens, e outro seri vosso procedimento, cessareis então de ser injustos... em vez de dizer-lhes estas verdades, digo, volta-se para o pobre Americus, que apenas apresenta as suas queixas e os motivos della? seja a Liga mais justa, e reconheça que não ha perigo em gritar: — Ai que pisacs — Mas não admira que a Liga se assuste com as queixas do Americus: foi, e ho sempre maxima do todo o poder forte, e constituido; sempre que se lhe apontão as injusticias, o abuso, que faz de sua força, e que se lhe faz opposição; armando-se de seo poder, o acastelando-se; exclama: — São inimigos da ordem, são anarchistas, querem dividir a Sociedade para elevar o mundo, aspirão aos empregos.

Não se pense que o poder em hum Estado he só aquelle, que está estabelecido nas Constituições: onde está a

força, a illustração, e a riqueza, está o poder. Neste paiz se o clero he numeroso, illustrado, e rico, elle he que ho o poder, elle he que influe e dirige o Governo: n'aquelle se os nobres são ricos, illustrados, e numerosos, nelles está a força o o poder: neste outro se ha humma raça illustrada, laboriosa, e rica mettida no meio de humma grande massa bruta, estúpida, selvagem, sem educação, sem moral, sem Religião, sem costumes; na raça illustrada, laboriosa e rica he, que está a força, e o poder. E como todo o poder he suspeito, principalmente quando cessa de reinar o silencio, que lhe dá a consciencia de sua força; elle comença a urdir perseguições, em lugar de fazer concessões, ou transacções, á declarar guerra, em lugar de alianças. Que he preciso fazer? perguntae-o ao restaurador de Bizancio, ao fundador do Baixo-Imperio. Quando elle vio o mundo de seo tempo tornar-se Christão, que fez Constantino? Deixou-se ficar pagão? Não, arranjon-se debaixo da Cruz, que se tornou o novo estandarte do universo, e a salvação do Estado foi o seo verdadeiro *labarum*. Elle arvorou sobre sua corõa o signo, que prevalecia sobre a terra. Vede o que teria sido deste Principe, se collocando-se em opposição directa com o estado do Imperio, em lugar de ligar-se aos novos altares, se tivesse agarrado aos altares do paganismo, que se desmoronavão, e se tivesse feito a insensata tentativa de reger com a parte, que se conservasse pagã, estando a totalidade christã! Deste modo salvou Constantino á si, e ao Imperio. Quando não se he o mais forte, o que he preciso fazer? Approximar-se, quando não se pode mais batter-se. O que he ainda preciso fazer? Pactuar. He muito tarde, está passada a hora para se oppôr d'ora em diante com fructo, e com razão que se satisfação ambições nobres. Quando se era mais forte,

ou a plebe he formada dos obreiros, dos servos, dos trabalhadores, e dos proletarios. E como nas classes inferiores tambem apparecem espiritos extraordinarios, e os espiritos sublimes tendem á occupar as ominencias, porque a natureza não os creou para andarem de rojo: observa-se na alta aristocracia entes, que vierão de origem obscura, e que com tudo não houve força que obstar podesse o vdo da capacidade. Porem lá, onde a pelle vermelha, ou escura he considerada qualidade sempre inferior, o talento, a sublimidade do espirito he huma proclamação contra a ordem publica; he a anarchia em pessoa. Não se pense que he hum cortejo ao merito, se se vê hum ou outro individuo de côr á par das grandes personagens (nos bailes, e outras funcções somente) isso he davido muitas vezes ao favor, á transigencia, ou ao dezejo de contentar á hum espirito nobre, e que se pretende satisfazer com essa cortezia! E assim mesmo o que acontece.... as vistas se dirigem para elles como para criminosos, todos se admirão, e parece que se dizem huns aos outro: « como estão aqui? » E com tudo *apparent rari nantes in gurgite vasto!*

Agora vamos á Liga. Ella diz que o *Americus* fez de proposito a sua primeira correspondencia, com o fim de insetar huma discussão; certamente o *Americus*, que he hum *despresivel*, segundo o Sr. João Fernandes, não esperava por esta ingenuidade da Liga: pois se ella conheceo que era de proposito, e que huma semelhante discussão, a pesar da ameaça do Sr. João Fernandes, que tanto se parece com o celebre deputado do Bug-Jargal, quando diz que a raposa tanto faz na semana, que no domingo não ouve missa; não podia deixar de trazer coisas desagradaveis; para que não deixou a carta do *Americus* na luma, para que não a despresou, e foi transcrevendo a inso-

lentissima correspondencia do Sr. João Fernandes, que veio dar lugar á esta amarga discussão? Ao *Americus* não restará nenhuma gloria em vencer; mas elle não larga mais a penna, em quanto a Liga, o Sr. João Fernandes, ou quem quer que seja continuar a insulta-lo. Deem a entender quem elle seja, descrevão-o mesmo, indaguem, pesquiseem, e proclamem o seu nome com o fim de o fazer calar: tudo será tempo perdido; o punhal da calumnia e da intriga, com que ferirão esse, que presumem ser o *Americus*, já quebrou a ponta; o assassino era pago, ferio com susto, errou o coração, cravou no osso! Razão! Oh! razão (depois de Deos, unica divindade, unico poder que eu respeito) tu serás sempre e sempre a Rainha do universo! tu só podes mais do que quantos exercitos numerosos se disciplinem; tu só, e mais nada, dominarás! tu hes huma porção do Eterno, e aquelle, que mais te possuir, mais perto estará da divindade, elle será hum semi-deos, e se rirá dos mortaes: tu hes incompressivel, não he dado á ninguem o poder de te abafar: se se destroe o corpo, onde tens assento, nada soffres, váis para teu lugar, váis para o todo, de que fazes parte: se o corpo se conserva; embora o afflijão, embora o mortifiqueem, embora o pizem, tu brilharás sempre!

Diz a Liga no seu n. 17: « porque se hum ou outro, que pensa, como o Sr. *Americus*, possuido de huma ideia fixa, não quer a união de seus patricios de diferentes classes, outros a dezejão, não enchergando classes, e só vendo Brasileiros, &c. » Se a Liga conhece que ha Brasileiros, que tem ideia fixa de oppor-se á união com outros de côr mais escura, assim como suppõe que o *Americus* tem para unir-se com os mais claros, ideia que nunca teve o *Americus*, e nem terá, pois que era reconhecer razão na injustiça dos outros: se a Liga conhece que ha entes

ricas os seus insultos, e mostra alguns motivos de justas queixas: a Liga suspende suas publicações, retira-se segundo consta da Typographia do Sr. Brito, como que isto devesse influir na discussão insatada, e despede-se, dando conselhos ao *Americus* que illustre com seus conhecimentos aos de sua cor! Eu responderei ás reflexões da Liga, que parece ter pleno conhecimento do *Americus*. Mas antes que lho responda: releva que faça algumas reflexões á cerca da questão, de que se occuparão o *Americus*, o Sr. João Fernandes, e a Liga Americana.

• Pretender negar a existencia de hum prejuizo, que existe em toda a America, desde que nella se fundarão estabelecimentos de homens livres e escravos, de homens brancos e pretos, á respeito da raça negra e seus descendentes; he negar a existencia do Sol ao meio dia! Desde que se estabeleceo hum direito que o homem podia vender outro homem; que a mulher escrava não podia parir filhos livres, e que o homem livre descendente, ou nascido de ventre escravo devia trazer consigo desde a origem o ferrete de sua inferioridade; e que na alvura da pelle estava a superioridade e o direito de mandar: não era possível que estes principios nunca contestados, e sancionados pelos seculos, deixassem de ser considerados como Religião do Paiz. E tal he o imperio do habito, que se repete todos os dias, e sem má fé, e desejo de rebaixar: *He preto nas cores, tem acções de branco, he pena ser mulato.* Isto quando se não podem occultar as virtudes: e quando por má fortuna commettem as mesmas faltas, que todos os homens pois que as qualidades moraes não pertencem exclusivamente á esta ou aquella casta de homens, costuma-se dizer: *Basta ser negro, assim não fora elle mulato, sempre he bode!* Quem não tem ouvido isto todos os dias, e em todas as epocas? a Liga, ou antes os seus

Redactores. Quantas vezes não se desejaria engulir as palavras, que o habito tem feito sahir pela bocca fora em presença daquelles que desejariam que não ouvissem? Molão a mão na sua consciencia, e não chamem o *Americus* intrigante! Quereis que vossa sobrinha tenha hum educação de mulatinha exclama hum personagem, que mais grita contra o prejuizo, e com desejo de o destruir! e quando volve os olhos encontra hum homem de cor, á quem tanto estima, e cujos talentos admira; e estupefacto elle e todos quantos presentes se achão, não sabe que conduta tenha!!! Pensará a Liga que isto acontecera em 1620? ou que fora dito por algum homem ordinario? Podesse o *Americus* citar a epoca, o lugar, e as pessoas presentes! O habito he humma segunda natureza, e só o voraz tempo com novos habitos poderá destruir os velhos.

Desde a descoberta do Brasil, ou para fallar com mais precisão, desde a introdução de escravos negros em Portugal, com que se povoou principalmente o reino do Algarve e Alentejo, e depois o Brasil: que se considerou a cor branca, como a representante do dominio. E particularmente no Brasil desde essa epoca, na pelle he que se estabelecerão as gradações sociais, que existem nos paizes, onde ha humma só cor: a aristocracia compoz-se dos, que tinham a pelle branca ou que o parecesse; a classe media formou-se dos de pelle vermelha, e o baixo povo dos que a tinham preta. Nos paizes, onde humma só cor existe, compõe-se a aristocracia dos que fizerão relevantes serviços ao estado e que por elles obtiverão titulos honoríficos; das altas patentes, das grandes fortunas, e dos talentos eminentes; a classe media se compõe dos negociantes, dos manufactureiros, dos homens de letras, dos que professão ás artes liberaes, dos agricultores &c. e o baixo povo

emprego: o governo he aristocrata, despreza os homens de côr; só quer os Portuguezes.» Se hum *Bibiribe*, *Arocira*, ou *Japcanga* era lançado fora das fileiras do exercito pela sua crapula, pela sua relaxação, pela sua perversidade; huma subscrição em favor do *patriota* apparecia logo, o *liberal* era levado em triumpho, e os jornaes da *propaganda* exclamavão: «Eis mais huma victima do despotismo, eis mais hum anathomizado pelo governo aristocratico, que persegue aos Brasileiros, que só quer Portuguezes para se sustentar, e os *patriotas* são lançados fora, por serem homens de côr. Com este systema, e com a publicação da perfida *Carta das Liberdades Brasileiras* (que não foi escripta por mulato, ao menos destes, que não negão) esse partido insinúa que hum ministro do Monarcha, e de origem portugueza, he o autor dessa semente de discordia (e não a carta do *Americus*), e nos seos jornaes excita, senão a vingança, pelo menos a desconfiança dos mulatos para com o governo de D. Pedro; e mesmo os que mais obrigações devião ao Principe, lhe derão costas e se alistarão nas bandeiras da perfidia, e concorrem, sem saber o que fazem, para derribar o seo bemfeitor, o protector de suas liberdades e direitos!!...

Viremos essa pagina negra, e vejamos o que forão os homens de côr, depois da abdicação. Todo o que occupou o cargo de representante, não entrou mais na urna nacional; todo o que occupava hum posto, hum commando, foi tido por suspeito, foi lançado fora; todo o que pelo seo talento, pela sua capacidade deixou transpirar o desejo de tomar parte na causa publica, ou quem se notou huma nobre ambição, com o negro carvão da calumnia tingio-se o seo nome com as infames cores de chefe dos negros: todo o, que murmurou das perseguições,

das preterições, dos insultos... foi tido por anarchista, por haytiano! Aviltados os mais distinctos por sua conduta, por sua educação, por seo saber e honra; espavoridos os menos illustrados, sentida a necessidade da força para dominar, o silencio, symbolo da paz dos tyranos, representou a ordem, e a tranquillidade; ninguem ousou queixar-se. Assim passou o feliz reinado, que succedeo á abdicação, e que expirou em 12 de Outubro de 1835, reinado de minha execravel recordação, e de todos os homens de côr, que se não injurião de o ser!

Apparece a rebellião da Bahia (pudesse eu publicar o que sei a este respeito, sem faltar á mir, e á pessoa, que me confiou os nomes de seos verdadeiros conspirados!!...) e teve hum, ou mais mulatos a insolencia de occupar lugares eminentes do governo rebelde, e mesmo rebelde causou ciume: institue-se hum processo, e o crime he encabeçado no artigo 113 do codigo, id est, *irsurreição de escravos*: os réos pelas disposições do artigo 114 são condemnados á morte: e a Liga, que deseja a paz e a harmonia com todos os Brasileiros, que soffrem calados, nada diz sobre este insulto, e esta atrocidade; parece que está escrevendo na China. Então o *Americus*, que he tão brasileiro, e tão bom, como qualquer dos redactores da Liga; que ama tanto esta patria, onde nasceo, e por quem não tem feito tanto, como qualquer dos redactores da Liga, porque muita gente, que prega liga de papel, não quer liga, senão nos çapatos; então o *Americus* que não sabe, e não pode soffrer calado, porque quem se fez ovelha, o lobo come; cheio de despeito, e de ira, não santa, exclama: «Qual liga, nem pera liga!...»

Este crime não devia ficar impune; mas quem ha de se occupar de punir o *Americus*? hum personagem do Bug-Jargal de Victor Hugo! Repelle o Ame-

A Ortiga.

Sou lierva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e editor deste jornal.

Sr. Edictor.

*Omnes ad omnia ista nati sumus;
cum irritator accessit, tunc illa bona,
velut sopita excitantur.*

Passados os bellos dias da nossa Independencia; passados os momentos de enthusiasmo pelo seo augusto author, depois da dissolução da Constituinte; os homens, que mais ardor sentião pela independencia da Patria; que mais sangue verterão por ella, começavão á tornar-se tristes e descontentes, porque a experiencia entrou-lhes á mostrar que o que tinham encontrado de real, era o ficar no mesmo estado, em que se achavão antes da gloriosa separação. O Augusto Fundador do Imperio, que não receiava que alguém viesse lhe disputar o poder, quem quer que elle fosse; á despeito dos costumes, á despeito das antipathias alimentadas desde o berço pelo leite do prejuizo, satisfez todas as nobres ambições, galardoou o merito, onde quer que elle appareceo; e deste modo desapareceu o descontentamento, a alegria renasceo, e os homens, cujos corações mais batem pelo amor da patria, O olhãrão depois, como seo redemptor, como seo salvador.

Então o partido, que fez arrebentar as cordas, ou cadeas, que nos ligavão

á mai-patria, partido, que pretendia fazer tanto huma monarchia, como eu pretendo preparar huma corda para me onforçar; começou á continuar na sua obra, isto he, nos fundamentos da sua republica. E para isso com as côres do liberalismo, com as côres do amor da igualdade, estabelece huma opposição systematica contra o governo de D. Pedro I., que nunca mais achou descanso, senão na abdicação. Essa numerosa classe de homens francos e leaes, que excitão o rancor de muitos, o desprezo de quasi todos, e a piedade ou compaixão de poucos; não se importava com constituição de papel, nem com liberdade de periodicos: elles achavão em D. Pedro hum codigo vivo de justiça e de graças, e para elles D. Pedro, e independencia erão tudo. Então o partido republicano, que não era composto de milatos (lá está o Rio Grande), começou por indispor aquelles homens contra a Pessoa de D. Pedro, alioiando á si todos os que podia, exagerando as perseguições, que se fazião á hum, ou á outro: e para isso, quando hum empregado publico relaxado, de má conducta, era destituido do lugar, e era homem de côr; os jornaes da epoca proclamavã: He porque he homem de côr, por isso foi lançado fora do

Manoel do Monte Rodrigues de Araujo
— Bispo do Rio de Janeiro.

Francisco de Sousa Martins — Presi-
dente do Ceará.

Joaquim Francisco Vianna — Contador
Geral.

Antonio Pereira Barreto Pedroso, —
Desembargador, pagando-se-lhe o
ordenado desde que foi demittido,
por assim o ter pedido.

Basilio Quaresma Torreão — Feitor da
Alfandega do Rio de Janeiro.

Joaquim José Pacheco — Inspector da
Thesouraria de S. Paulo, Presidente
de Sergipe, e ultimamente Juiz de
Direito.

Antonio Fernandes da Silveira — Mon-
senhor.

José de Araujo Ribeiro — Ministro Ple-
nipotenciario em Paris.

Francisco José de Sousa Soares de An-
drea — Presidente de Santa Catha-
rina, e Vogal do Supremo Conselho
Militar.

MAIS HUM BAHIANO.

A gente do governo grita contra a
liberdade da Imprensa: a acredita-la
os nossos governantes são huns *santi-
nhos*, e nós hum calumniador: para
elles só he digno o altar, e para nós a
forca; vejamos porem se taes latidos,
que o *estipendio* arranca, devem ou não
ser desprezados. Temos feito ver quão
injusta he a preferencia que o governo
dá aos Nortistas na distribuição dos
cargos Publicos; temos mostrado que,
humta tal parcialidade, alimentando o
orgulho, e loucas pretensões do domi-
nio, que os Nortistas querem exercer
sobre os Sulistas, planta hum facho
inextinguivel de discordia entre o Norte
e Sul do Brasil; quando porem expondo
taes erros administrativos assim procu-
ramos metter no caminho do dever
aquelles, que a estupidez, ou o desca-
ramento, ou sede de riquezas, ou tudo
isto junto, tem conduzido pelo tortuoso
trilho que não devião pisar; hum novo
acto do actual ministerio solidario, re-

serendado pelo Sr. Manoel Alves Bran-
co, veio aggravar o motivo de nossas
queixas, e patentear a quanto chega o
desprezo em que os taes solidarios tem
o povo sensato fluminense, que jamais
esqueceo as leis, para em pleno dia
fazer a hum, a dois, ou a todos os Mi-
nistros, o que em outros paizes o povo
tem feito a ministros, que, se tinham
algumas *péchas*, ao menos tinham intel-
ligencia, e respeitavão a opinião pu-
blica!

Vagou no consulado desta corte hum
lugar de Agente: muitos pretendentes
houverão, com capacidade e serviços,
ajuntando alguns a estas habilitações
serem casados, e terem numerosa fa-
milia. O que porem valem taes habili-
tações a quem não he Nortista, e es-
pecialmente Bahiano, e muito particu-
larmente — Carneiro, ou Alves Branco?
— De cousa nenhuma. Hum Bahiano,
destituído de todas essas habilitações,
que tantos fluminenses possuíão, foi
nomeado para aquelle lugar: o Sr.
Alves Branco não se pejou de postergar
as leis, a justiça, e o decóro, nelle pro-
vendo hum seo parente!!... Fluminen-
ses sofframos, sofframos com paciencia;
temos peccados a purgar, e a Mão di-
vina, que sobre os Egypcios derramou
a praga das rãs, e gafanhotos; e sobre
os Isrealitas a peste, fome, e guerra,
entregou-nos nas unhas dos Nortistas,
para nos purificar. Curvemo-nos dian-
te de suas divinas determinações; e
não rompamos no terrivel excesso de
fazer em pedaços esses homens, de que
ella se serve, para nos punir; como
out'ora se servio de hum Nero, de
hum Caligula, e outros para punir as
faltas de outros povos!...

No n. seguinte publicaremos o "Habeas
Corpus" em favor de Francisco José Tavares,
com reflexões á respeito, e hem assim a segun-
da parte do artigo o Chefe de Policia, o gover-
no etc., como diversas ortigadas de grande in-
teresse, que por affluencia de artigos não podê-
rão sair hoje.

Imprensa Imparcial do Brito.

do ha principio do direito que essas duas classes de magistrados (salvas algumas excepções) respeitom: só o capricho, seus interesses, suas affeições, e seus odios lhe inspirão suas decisões, com pesar e vergonha reconhecemos, que entre os mesmos Notentotes os magistrados não são tão pervertidos! Mas qual será a causa que entre nós perverte classes, que em todos os povos são as mais moraes? Levantemos os olhos, e logo a devisaremos!!...

A prosperidade (diz hum espirituoso escriptor) ou a desgraça de hum povo: sua utilidade, ou devassidão: suas virtudes ou vicios: seo estado finalmente, tudo he obra do seo governo; tudo lhe deve ser attribuido. E com effeito, como esperar que o jury cumpira a lei, seja consciensioso, quando a magistratura permanente não respeita a lei, e negocia com seus Accordãos? Como esperar que a magistratura permanente pise o trilho que seo dever lhe marca, e não transija, e negocio com seus julgados, quando o governo lhe dá o execrando exemplo de postergar as leis, a justiça, e a razão e nada fazer senão por vergonhosas transacções?

Lance-se a vista sobre o seguinte catalogo dos agraciados pelo governo do Sr. Pedro do Araujo Lima, e convencer-se-ha de que o governo, que por taes meios procura ter soldados, que o sustentem, mina a ventura do Paiz, que o alimenta, e espalha ás mãos cheias a immoralidade. Nessa lista só se encontram os nomes daquelles Deputados e Senadores, que serão graciosamente despachados, ou como a fama espalha, daquelles a quem pelo voto se deo emprego. — Nella não comprehendemos os nomes dos que serão despachados, por ter a isso direito de accesso: somos bastante justo em nossas censuras, para que não fizossemos esta distincção. Quando pois o governo assim espalha a immoralidade; assim

espalha a corrupção, e procura afastar do seo dever aquelles, que se o fizossem, elle deixaria de existir, ou teria de mudar de conduta; que se pode esperar dos outros corpos do estado? Os resultados que se apresentam!!...

Lista dos Deputados e Senadores, que tem obtido empregos publicos sem ser por accesso, ou escala.

Innocencio da Rocha Galvão— Official da Secretaria da Justiça.

Carlos Carneiro de Campos— Inspector Geral do Thesouro.

Manoel do Nascimento Castro e Silva— reintegrado no lugar de Inspector da Alfandega, cujo ordenado recebe a pesar de não exercer aquelle emprego, e ha muitos annos estar nesta Corte.

Joaquim Ignacio da Costa Miranda— Feitor da Alfandega do Rio de Janeiro.

D. José de Assis Mascarenhas— Presidente de Goyaz.

Antonio Ferreira dos Santos Azevêdo— 2.º Escripturario da Alfandega, e ultimamente Official da Secretaria da Marinha.

Manoel Alves Branco— Desembargador da Relação.

Bernardo Belizario Soares de Sousa— Dito.

Lourenço José Ribeiro— Dito.

Gabriel Mendes dos Santos— Dito.

Leocadio Ferreira da Gama Pimentel Belleza— Dito.

Bernardo de Sousa Franco— Presidente do Pará.

José Maria Ildesonso Jacome da Veiga Pessoa— Director do Arsenal de Guerra de Pernambuco.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro— Director do Curso Juridico.

Francisco do Rego Barros— Presidente de Pernambuco, e Major.

Sebastião do Rego Barros— Major.

Eustachio Adolfo de Mello e Mattos— Tenente Coronel.

nós recordão a *escada de Jacob*, se essa censura coubesse a todos. Alguns conhecemos, que por sua probidade no desempenho de suas occupaões, como do Magistrado, por sua limpeza de mãos, como Administrador; pela sua illustração, e nenhuma ambição nos obrigão a crer — que esses *peccados velhos* serão produzidos pela necessidade de evitar maiores males, e de livrar a monarchia dos golpes mortaes, que o republicanismo então dominante lhe preparava, embora, para defendel a, se tenha exposto a ser taxado de republicano, e a passar como columna desse partido. De homens taes que não duvidão sobre-carregar-se de tão odiosas imputaçõs para livrar a Monarchia Constitucional, muito as instituições patrias tem a esperar: adoptando seos serviços o Brasil, e S. M. I., muitas vantagens poderão colher; bem como de algum, que por sua illustração, actividade, e vistas profundas possa ter sido tão cortejado pelos demagogos, quanto por elles perseguido depois que, abjurando as doutrinas desse partido, lhes haja feito crua guerra.

Anathematizem-se da oligarchia dominante só aquelles cuja mediocridade intellectual não poderia brilhar, senão nas desgraçadas circunstancias, em que o Brasil se tem achado, anathematizem-se aquelles, que com insidiosa hypocrisia tomarão a mascara da Monarchia, e só procurão com osacrificio desta fazer vegetar entre nós a exotica aristocracia venesiana; mas poupem se esses pouços que não partilhão os criminosos projectos de constituirem famílias reinantes as suas tiradas do nada!

Apesar da pequenez da nossa Tolha nos impor o dever de já termos finalizado nossas reflexões, não as terminaremos com tudo sem fazer a seguinte pergunta: não stppõe o nosso collega que a aristocracia republicana dominante, pretenda desposar a nossa amada Princesa Imperial com algum Príncipe, que a exemplo do Duque d'Orlean, queira subir ao throno, com o sacrificio do legitimo Possuidor, mas Príncipe que não tenha a neces-

saria capacidade, para nelle se sustentar, se não cumprir suas promessas, e convenções? Medite o nosso collega, e sua natural sagacidade e lhe mostrará em quanto perigo está huma Monarchia, que he atacada pela aristocracia e republicana. Esta, bem differente da democracia, não he dominada por paixões de momento: seos planos são meditados, e sua execução he proseguida com tenacidade. Não he de salto que ella caminha ao alvo a que se dirige: pisa os pontos intermedios, e o Príncipe, que se preste a seos tramos, será o apoio em que ella firmará seos passos!

Se pois, como acreditamos, o nosso collega se interessa na sustentação da Monarchia Constitucional, rogamos lhe que una seos poderosos aos nossos fracos esforços, para que á frente da administração seja já e já collocado S. M. o I. He este o unico meio de evitar que a Monarchia pereça "quod Dens avertat", para se cumprirem os desejos do nosso collega, os nossos, e os de todos os Monarchistas Constitucionaes.

N. B. Já tínhamos em nosso poder o artigo acima, quando se publicou a Liga Americana n. 17. (onde somos bem mal tratado) á qual não respondemos agora; mas responderemos.

Grandes clamores tem levantado algumas folhas desta corte contra o ju'gado do jury da cidade Nictheroy no processo feito aos accusados do roubo do Thesouro.

Bem que achemos justos esses clamores, e nos revoltemos contra tão escandalosos abusos de authoridade; não podemos com tudo deixar de nos admirar do que essas folhas tão pronunciadamente censurem aquelle Tribunal popular, quando guardarão *respeitoso* silencio sobre o insolito, execravel, e despotico julgado, proferido pela Relação desta cidade no processo dos revoltosos da Bahia. Nossos collegas devem ficar certos de que suas censuras perdem toda a sua força, logo que *condescendencias* os levão a poupar estes, ou aquelles violadores da lei.

He na verdade bem lastimoso o estado da magistratura no Brasil. Tanto a temporaria, ou popular, como a permanente, ou do governo, tem-se tornado huma praga, hum flagello da Nação. Não ha lei, não ha regra de justiça,

dento das idéas monarchico-constitucionaes, que esses mesmos *peccadores velhos* se verão obrigados a imprimir na administração hum caracter de permanencia, e de harmonia no sentido dessas idéas, que não imprimirão até hoje nas administrações mesmo no sentido das idéas republicanas, que lhes tem sido irrogadas. Com hum tal ordem de cousas, como se poderá realisar o compromettimento da monarchia? Como será compromettido o nome de S. M. I.?

O exemplo, trasido pelo nosso collega, do compromettimento do Augusto Pai de S. M. I., depocem contra a doutrina do artigo a que nos referimos. Se o 1.º Imperador se tivesse limitado ás funcções que lhe pertencião; senão tivesse prestado ouvidos a traidores conselheiros, que para seus fins lhe propozerão a alteração da lei fundamental; seo nome nem por hum instante teria deixado de ser repetido com respeito. Este exemplo mesmo nos mostra que a menoridade do actual Imperador, e mesmo a falta das mais condições que o nosso collega só julga satisfeitas nas ilhas mais crescidas, já mais podem collocar a monarchia no perigo, em que ella foi collocada por esse Imperante!

Nós limitariamos aqui nossas reflexões, se algumas proposições do nosso collega nos não obrigassem a continual-as.

Diz o nosso collega que a anarchia, que devora o Brasil, he o elemento que produz a ordem em alguns pontos do Imperio. Para se sentir a força deste paradoxo, basta abrir a historia de todos os povos! Se tal proposição podesse ser verdadeira, as nações não deverião procurar melhorar as suas instituições, reformar seus codigos, entregar-se ás artes, commercio, e agricultura, para serem felizes, resultado da ordem; bastar-lhes-hia lançar-se na anarchia! Engana-se o nosso collega, quando á destructora anarchia concede

as honras, que só são devidas ás boas instituições, e á sua religiosa execução. So no Brasil houvesse algum ponto onde a ordem existisse, do que duvidamos, á outras causas esse espantoso fenomeno devia ser attribuido. Examine bem o nosso collega o estado do paiz, e verá que se n'alguns pontos do Imperio a desordem se manifesta nos governados, n'outros ella apparece nos governantes, e n'outros em governados, e governantes; donde se conclue, que todo o Brasil está em desordem, mais ou menos activa, e pronunciada.

Tambem não podemos deixar de notar a contradição do nosso collega, quando n'hum parte do seo artigo reconhece o partido republicano democratico, imputando as desgraças da patria á Monarchia, e n'outra nega a existencia desse partido no Brasil, e até em ponto algum do globo terraqueo. Não tratando de provar a existencia de idéas, e instituições, cujo desenvolvimento, e pratica tem sido demonstrados por escriptores tão judiciosos, profuados, e eloquentes como Tocqueville, e outros, limitar-nos-hemos a aproveitar a sua confissão tacita da existencia do republicanismo aristocratico entre nós, para lhe perguntarmos: como, existindo este partido, não vê o nosso collega o eminente perigo em que está a Monarchia Constitucional? Porque, como o nosso collega diz, todos querem o bem do paiz, e este não se possa conseguir senão com as instituições vigentes, segue-se por ventura, que a Monarchia Constitucional não está em perigo? A existencia, reconhecida pelo nosso collega, desse partido, destruo o seo argumento. Todos na verdade querem o bem do paiz; mas os aristocratas julgão, que elle não se alcança com as instituições Monarchico-Constitucionaes.

Deixariamos passar em claro a imputação de *peccadores velhos*, que o nosso collega irroga aos homens que entre

Para facilitar a tarefa, que nos impo-
zemos, dispamos dos ornatos de que
so acha revestido o argumento funda-
mental, empregado pelo nosso collega
na refutação da opinião daquelles (e
nossa) que querem ver S. M. o I. ja e já
collocado á frente do governo, e tere-
mos que elle se reduz — a que S. M. I.
não tem a *instrucção necessaria para
poder decidir dos Negocios Publicos.* —
Procuremos demonstrar a inexactidão
deste argumento.

Não he ao Chefe de hum Estado,
constituído como o Brasil, que toca a
decisão dos Negocios Publicos. Sua
influencia na Administração só deve
fazer-se sentir pela nomeação, ou
demissão de seus Ministros, a quem a
Lei attribue os actos dos poderes exe-
cutivo, e moderador. Essa mesma
influencia não deve ser dirigida pelas
suas opiniões, mais ou menos illustra-
das, pelo voto da maioria Legislativa.
Toda a influencia, que não esta, que o
Chefe do Estado exerça; todo o direc-
tor dessa influencia, que não seja o voto
Legislativo, são entidades illegaes, des-
truidoras da Lei fundamental, e que só
podem nascer da ignorancia e pleno
desconhecimento das instituições, ou
de hum espirito de usurpação e tira-
nia. Sendo pois esta a unica acção que
no governo deve exercer o Chefe do
Estado; sendo o voto Legislativo o que
tem a dirigir e a determinar essa acção,
ser-lhe-há por ventura necessaria maior
instrucção do que a que tem S. M. o I.?
De certo que não; e em favor desta
opinião, alem de outros exemplos que
podemos apontar, mencionaremos
os que nos offerecem a Inglaterra e
Portugal.

Em ambos estes Paizes, pela natu-
reza de suas instituições, a influencia
do Imperante na Administração tem
mais latitude, do que entre nós as Ins-
tituições lhe concedem: as Imperantes
destes dois Estados estão muito abaixo
de S. M. I. em illustração, apesar disto

porém ellas serão julgadas aptas para
se porem á frente do respectivos gover-
nos; como pois não será julgado tam-
bem apto para occupar o mesmo lugar
S. M. o I.? Provado julgamos por tanto
que o argumento do nosso collega não
procede.

Coherente em suas idéas, o nosso
collega nos prediz o augmento das des-
graças do Brasil se S. M. I. for ja col-
locado á frente do governo; e a razão
em que funda o seu vaticinio he — que
não se achando S. M. I. habilitado para
ja occupar aquelle lugar, e devendo
por isto *lançar mão de homens de pec-
cados velhos*, o seu nome será compro-
mettido, e com elle a existencia da
monarchia. — Ainda que todo este
argumento tenha perdido a sua força,
depois de havermos demonstrado que
a Instrucção de S. M. he superabun-
dante ás funcções que lhe cumpre
exercer, julgamos com tudo dever
ajuntar o seguinte. — Sendo o voto le-
gislativo o que deve dictar ao Chefe do
Estado a escolha destes ou daquelles
Ministros, e achando-se naquelle alto
lugar collocada huma pessoa, que para
nelle se sustentar não precise tornar-se
instrumento de hum partido, ou recor-
rer a vergonhosas transacções, que cor-
rompem a moral publica; huma pessoa
que de maneira alguma quererá o tri-
umpho do Republicanism Aristocratico
ou Democratico, os monarchistas cons-
titucionaes terão hum centro, em que
apoiem seus esforços, e o ascendente
das idéas monarchico-constitucionaes
tornar-se-há tão grande, que todos os
poderes do Estado serão por elle domi-
nados, e por consequente, lançando
mão o Imperador mesmo desses homens
que tem *peccados velhos*, elles serão
obrigados a arripiar a sua carreira, ou,
no caso contrario, serão reduzidos á
nullidade pelo poder eleitoral, que
excluirá seus nomes da urna, d'onde
lhes vem e procede toda a sua influ-
encia. Tão poderoso se tornará o ascen-

occorrentes, ou destituil-o se o bem do estado o aconselhar.

A' vista pois das considerações, que se achamos de fazer, julgamos que o meio mais facil de destruir-se a monarchia no Brasil, he entregar as reideas do governo ao Imperador, ou á Sua Augusta Irmã, que está ainda menos preparada, que Elle, para huma função tão importante: relove-se que digamos, que hum ou outro se constituirá testa do ferro para servir a alguns ambiciosos de influencia e mando, não para felicitar o paiz, mas para seo bem particular. Nós desejamos ver desaparecer esta regencia feminina, que nos avilta, que nos degrada, que nos tira esse resto de consideração, que se tinha pelo Imperio do Brasil, mesmo quando estava ameaçado de destruir-se pela abdicção do 1.º Imperador; essa regencia, que nos apresenta em todo o mundo civilizado como Ilotes, ou Pariás, com alcunha de povo, de nação, deixando huma Provincia insultar todo o Imperio em massa, dando assim a entender ás nações estrangeiras, que ellas podem vir quando quizerem tomar uma Provincia ou Provincias, que mais conta lhes fizer, porque o tal Imperio nem com Bento Gonsalves pode! Essa regencia do compadresco, da camaradagem, da mollezac, e da completa degradação da honra Brasileira! Sim, huma tal regencia nós desejamos vel-a aniquilada, pois que *Hum fraco rei faz fraca a forte gente.* Mas, com quanto seja grande o prazer, que teriamos em ver cessar de existir, somelante entidade; temos maior affecto á monarchia, porque a consideramos como o melhor meio de fazer a felicidade do Paiz. Somos inimigo do despotismo, venha elle do monarcha, ou do povo; somos inimigo da tyrania, seja ella praticada pelo monarcha, ou pelo povo; e aferrado tanto, quanto he possivel ás instituições liberaes, á monarchia representativa, não cessaremos hum

instante de sustentar a monarchia, não como muita gente o faz, que he com sentido de tirar partido da Pessoa do Imperador; mas como a melhor forma do governo, que nos pode fazer se'ice, e por estar mais em harmonia com os nossos costumes, e mesmo com a nossa educação. No Brasil não ha democracia, e, para não errar, ella não existe em parte alguma do mundo. Nós não precisamos do Imperador para nada, que diga respeito á nossa pessoa; mas faremos por Elle toda a sorte de sacrificios, como o principio conservador da ordem, da liberdade, e por tanto da prosperidade do Brasil.

Se pois quizermos o hem-estar do paiz, conservando a monarchia, elejamos em tempo competente hum cidadão prestante, que cuide do coração da felicidade da Patria, que ame a gloria, e não o dinheiro; que governe, e não procure existir: e se se aproveitar a falsa disposição popular, e põe se á frente do governo S. M. o I., a monarchia será infallivelmente destruida, (*quod Deus avertat*). H. do S.

Bem que a doutrina deste artigo se opponha á que temos determinado sustentar, não hesitámos com tudo em publical-o. Duas razões a isto nos levarão: a primeira nasce da persuasão, em que estamos, de que — a discussão he o unico meio de desemmaranhar a verdade; — e a segunda procede (confessamos o nosso peccado) do orgulho, que nos he proprio, de não quereremos incorrer na censura de contradictorio com nossos principios, e promessas; censura de que nos tornaríamos digno, se recusássemos, ainda mesmo por aquelle motivo, as columnas da nossa folha a qualquer collaborador honesto, e particularmente ao illustrado Homem do Seculo, cujos artigos na verdade por algumas vezes temos preferido aos nossos. Publicando-o porem, vemo-nos obrigado a refutal-o.

ordem, faz com que se estreitem os laços da união, e o imperio da anarchia vascilla, e cabe. Logo a anarchia tem sido elemento de ordem, pelo susto, que causa nos animos dos verdadeiros patriotas, que unidos se dizem huns aos outros: « Soframos mais hum pouco; aturemos por mais algum tempo os desvarios, os desatinos, o egoismo de hum governo que só cura de existir, como hum porco no chiqueiro, como dizia o Grande Homem; hum pouco mais de paciencia, e não está longe o desmoronamento do imperio dos egoistas. O que são quatro annos? » Eis como pensão muitos homens de senso! Todos os erros do governo regencial, todos os seus crimes, todos os seus despropósitos, todas as suas maldades, tudo que tem havido de máo, revertem sobre os ministros e seo eleitor, que governa em nome do Imperador. Assim o objecto do odio do povo, o objecto que desafia a sua vingança he hum regente ou seus ministros. Mas se estiver á testa do governo o joven Imperador, sem a instrucção necessaria para poder perceber e decidir dos negocios publicos; sem o necessario criterio para discernir o falso do verdadeiro; sem experiencia, sem pratica, sem conhecimento das cousas, e menos dos homens, que se não conhecem assaz com hum seculo de observação; sem ter ainda a madureza, e a necessaria prudencia do estadista, que se coloca á frente do governo de hum paiz, que ainda não tem costumes, que não tem moral publica, que carece ainda do typo que o deve distinguir, e fazel-o conhecer no mundo; de hum paiz, que precisa de ser regenerado: nós entendemos que tudo irá a peor, porque elle entrará á carregar com os erros de seus ministros, bem como o fizerão com seo Augusto Pae; morrendo as esperanças, abala-se a monarchia, as desordens irremediáveis por toda a parte, porque os homens, de que hade o Imperador lançar mão, são

os mesmos, que já tem peccados velhos mais ou menos mortaes; e gritarão então os *republicanos aristocraticos, democraticos*: « Qu'he dos bens, que nos vierão da monarchia? Não está o Monarca agora á testa do governo? Por que pois continuão os nossos males do mesmo modo? Porque continúa a desordem nas Provincias? Porque cresce consideravelmente a nossa divida externa e interna? Porque vão de mal a peor as nossas finanças? Porque está o nosso systema de arrecadação e fiscalisação dos impostos no mesmo estado ou peor? Então de que nos servio o dar-se por maior o Imperador? Veção se o mal vem ou não da monarchia! » Eis o que cremos que acontecerá se tivermos a imprudencia de irmos perturbar a educação do Imperador, e o lançarmos em hum pego, onde Elle e as Instituições do Paiz desaparecerão. Se os que creem que os nossos males acabão, tomando o Imperador as redeas do governo, admittem o milagre, e contão com elle; então nós nos unimos com elles, e vamos juntos ao Corpo Legislativo, logo que reunido for, e lhe digamos; — *Salvai o paiz, fazei-o feliz, entregae sua direcção ao joven Monarcha, que nos tirará da abjecção, em que estamos.* — Mas se não contão com o milagre, então em boa e sã consciencia não sabemos, como huma creança de 14 para 15 annos, posto que sabendo já o que nenhum menino da mesma idade sabe, e tendo as melhores disposições possiveis para a sciencia do governo; hade escolher ministros, e ministros regeneradores, que venhão com a tenra mão do Imperador curar tantas chagas, que gotejão sangue, desde que seo Augusto Pai nos deixou: não sabemos como se constituirá o chefe do governo para lhe imprimir huma só vontade, huma acção uniforme para marchar; e como julgará conveniente modificar o ministerio, segundo as circunstancias

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua de Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en
• vain que les vieilles aristocraties multi-
• plieront leurs efforts pour s'opposer que
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoléon em Santa Helena.

• *Aproveite-se esta disposição popular; ponha-se á frente do Governo S. M. o I., e a Monarchia será salva.* Assim termina o autor do artigo de fundo da Ortiga n. 15. Nós sentimos em extremo o termos de entrar em polemica com a folha, que se digna de acceitar nossos artigos, e que muitas vezes os prefere aos seus: mas he tal a força de nossa convicção, que apesar de tudo, vemo-nos forçados a combater as razões, que nosso collega apresenta, para provar a necessidade de collocar-se já á frente do governo o nosso amavel, e tenro Imperador. Desde a abdicação do Sr. D. Pedro I. tem estado o Brasil em lucta com a anarchia; mal he ella abasada nesta Provincia, arrebenta logo naquella outra: pode-se dizer que ella tem sido o elemento de alguma ordem, de que ainda se goza na maior parte das Provincias do Imperio. Alguns julgarão absurda esta nossa proposição, porem nós vamos discutil-a, e então

ver-se-há que não avançamos hum paradoxo.

O terror, que a anarchia inspira á todos os homens, que amão a ordem, qualquer que seja o seo modo de vêr as cousas; quaesquer que sejam os seus principios politicos; o horror, que a desordem derrama no espirito dos amigos da Patria he tal, que elles lançando os olhos em torno de si para procurar hum asylo, onde se salvem, não o encontram, senão no Imperador; he Elle o estandarte, para onde dirigem todas as suas vistas, e dizem • Ali, e só ali nós encontramos guarida. » Raciocinando assim, já vemos que os que querem a ordem, querem a monarchia; os que amão a Patria e suas instituições, amão a monarchia, o Imperador e toda Sua Familia, e por isso não fazemos distincção de monarchistas puros, monarchistas constitucionaes, *republicanos aristocraticos, e republicanos democraticos.* Se pois não erramos em dizer que todos, que amão o Paiz, são monarchistas, e monarchistas constitucionaes, porque a nossa monarchia nasceo com a nossa constituição e perecerá com ella; se pois não erramos em dizer que os amigos do Paiz, e por tanto da ordem publica, temem a anarchia: segue-se que em toda a parte, onde ella apparece, faz com que se reunão os amigos da

das suas familias pelo uso immoderado das bobidas.

Sr. Redactor. Se este artigo merecer approvação, continuarei a dar-lhe outros para esclarecer este objecto que parece digno do publico esclarecido.

José Victorino dos Santos e Souza.

ORTIGADAS.

Será verdade, que desde a publicação do nosso artigo (Ortiga n. 15) em que pedimos (e pediremos com todas as forças) a dispensa da Menoridade de S. M. o I., a fim de que esta medida nos livre do perigo imminente, que nos ameaça, — prohibio-se o ingresso desta folha no Paço Imperial, assim de que o Joven Monarcha ignore tudo quanto se diz e se faz? Oh, si he verdade, protestamos levar tantas vezes a Ortiga á face dos falsos monarchistas, que ora cercão a pessoa de S. M., que elles não terão remedio senão dar-lhe passaporte. Hum dia virá, em que o Imperador lerá este nosso artigo, e Elle então conhecerá quão pernicioso he ao Brasil e ao Throno Constitucional a malevola influencia da cabeça de Medusa!....

— O Sr. Salvador Maciel, mandado em commissão *mysteriosa* para Santa Catharina — chegou vivo, gostou, e quer casar. Outros dizem, que fôra, por ordem superior, pedir ao Presidente Andréas, que quando fizesse proclamações, ao menos por delicadeza desse — Vivas — á Constituição, coisa, que elle nunca fez, e, (dizem os seus amigos) nunca fará, por que o homem he *turrão*.

— Dá-se 20:000 \$ rs. a quem puzer a bocca de S. Ex. pequenina, no lugar em que deve estar.

— Falla-se em nova organização ministerial: os Srs. Braneo, Jacinto, Ramiro, e Lages, vão despachar o becco. Consolem-se porem os philantropos, que SS. EE. — não serão obrigados a pedir esmolas! !. . .

— A Santa Casa vai ficar muito rica em Escravos, se nas Camaras Legislativas passar a Proposta, que se diz vai fazer o Sr. José Clemente Pereira, e vem a ser — declarar escravos da Santa Caza todos os Expostos de côr,

MILAGRE.

— Já o *Fluminense* Sr. Dr. Carlos Antonio Cordeiro acaba de ser despachado Conferente d'Alfandega do Rio de Janeiro!! Certo das boas qualidades, que tornão recommendavel S. S., nós folgariamos de sobejo si o digno Ministro que por elle se interessou, houvesse podido conseguir-lhe hum logar no fóro, para que o Sr. Dr. Cordeiro tem as habilitações precisas, bastante genio, e reconhecida aptidão; mas ja, que isso não foi possivel, por que mesmo entre nós *tudo anda ás avessas*, damos sempre os parabens á S. S. por ter *cahido em graça*, alcançando, senão o logar que lhe era proprio, ao menos aquelle, em que ja tem por companheiro hum illustre *collega*, ex-Presidente de Provincia, e Deputado á Assembleia Geral! Levante o Sr. Dr. Cordeiro as mãos ao céu; podendo gabar-se, que, alem de seu merito e distinctas qualidades, tem amigo ou Amigos no Ministerio actual.

— Consta, que o Sr. *Roque de Sena*, sabendo que vai ser demittido, se apresentara ao Ex. Regente, com dous *innocentes* filhos, e lhe recitara os seguintes versos de sua *composição*: —

Eis, ó Senhor, de teu Ministro os filhos,
Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
Que deste pobre Pae te compadeças!..

Dizem, ficou o Regente mudo, e quedo,
E junto de hum penedo outro penedo!

— *Errata.* Na Ortiga n. 15, onde diz — bostejar o Sr. Mello, lêa-se *bustej*, isto he, tirar e busto. São cousas que escapão.

Se na America do Norte, na zona temperada ou antes, paiz frio, se pode passar sem o uso immoderado das bebidas espirituozas fortes, como attestão hum grande n. de Medicos tanto Ingleses como Americanos, com muito mais razão no Imperio do Brasil, pela maior parte collocado entre Tropicos, na nona torrida onde hum calor ardente só basta para elevar a temperatura natural do sangue sem ajuda de licores esperituozos, parece que estes pelo contrario se tornão nocivos á saude qo tempo do calor exaltando mais a massa do sangue, e consumindo, ou alterando a regularidade das funções digestivas e vitacs.

Quanto mais que parece ser pelo abuso que destes licores se tem feito, e que passa a vicio, que algumas pessoas julgão necessarios ao uzo da vida mesmo quando são mais nocivos a ella.

Felizmente a natureza prodigalizou sobre o nosso solo tantas plantas e fructas, de que se podem extrahir succos e extractos refrigerantes e salutareos. O Seguinte art. he copiado do Anuario Statist. 2.º vol. pg. 155, em Paris 1838, por C. Moreau et A. Slowaczynski.

» O fim da Sociedade de Temperança nos Estados-Unidos he a suppressão do uso excessivo dos licores fortes e espirituozos (embriagantes) na bebida, substituindo-lhe outros mais proprios e menos nocivos.

» Esta Sociedade tem operado huma mudança notavel na moral, e nos costumes Americanos.

» Depois da fundação da 1.ª Sociedade da Temperança no Estado de Massachusetts em 1826, ja se tem estabelecido mais de 6,000 (isto em 1832) muitas das quaes são mesmo protegidas pelas Camaras; a Sociedade conta em seu seio os homens mais respeitaveis; o n. dos assignatarios do acto da associação da Temperança eleva se a mais de 16,000,000. Mais de

» 2,000 Medicos tanto Ingleses como Americanos tem assignado hum attestado (protestação) afirmando que o uso das bebidas fortes não he necessario em caso algum, pelo contrario que cauza graves molestias, e a mesma morte.

» A população de Albany sendo de 26,000 individuos, 5,000 são membros da Sociedade da Temperança.

» O numero de mortos attribuidos á colera-morbus em 1832, foi de 336, e destes só 2 erão membros da Sociedade da Temperança! Segundo a Sessão 16 da Sociedade da Temperança Americana, vemos que depois do principio da reforma, 2,000 fabricantes de espiritos, e 6,000 contractadores (débitans) delles renunciarão a esta industria. Mais de 15,000 pessoas antes dadas á embriaguez renunciarão os licores fortes, e tornarão-se sobrias. 700 embarcações empregadas na condução não tomão licoros esperituozos para suas provisões.

» A Typographia da Sociedade ds Temperança da New-York, tem ss ella fornecido durante o ultimo anno 438,500 exemplares de publicaçãoe destinadas a fixar a attenção do publico sobre o fim desta Sociedade. &c. »

Esta Sociedade pois, que mereceo as sympathias das Philantropas Maranhenses, parece mui propria para, a exemplo destas, propagar-se por todo o Imperio; e como o bello sexo, até agora não tinha formado Sociedades patrioticas no Brasil, agora já tem o exemplo das nobres Patrioticas Maranhenses até com escriptos publicados por ellas, o que não pode deixar de ter bom rezultado, para melhoramento dos costumes e poupar muitas desordens, ferimentos, assassinios, e prejuizos nos bens e na reputação de muitos individuos que se arruinão a si,

da população, que sita esperançosa os olhos, apenas ameaçada pelo punhal do assassinio, pela pistola do roubador, e por todos quantos males lho pode occasionar o homem corrompido, que leva a deshonra e a immoralidade ao recondito arcano da mais innocente familia? Certamente não. O apoio do governo, se o temos, deve coadjuval-o, assim de que se não malogrem tantas esperanças, que não se desperdissem tantas e tão consideraveis sommas, que a Policia distribue para conhecer dos criminosos, e dos crimes; mas nós não queremos este apoio com manifesta violação de leis regulares; não queremos despotismos do tempo de hum Paulo Fernandes; (mas então a vontade era a lei) não queremos hum Juiz armado de barão e cotello para dispôr, sem responsabilidade, da sorte de cidadãos, que tem em seu favor as leis e os codigos; pois se hoje se he inexoravel para com hum individuo suspeito de crime, amanhã, nós, innocente, estaremos exposto á mesma violencia, por que hum membro da administração assim o quererá, para satisfazer vaidades e particulares caprichos; por que assim convirá a qualquer interessado no prejuizo da nossa fazenda, da nossa honra, da nossa reputação, ou da nossa vida. Si pois temos confiança no Juiz, talvez o mais limpo de mãos, talvez o mais cioso de sua gloria, talvez aquelle que mais serviços tem feito ao povo, a este pobre povo, que todos se afanão de escarnecel-o, de avital-o, e de fazel o soffrer; he mister não fazer desesperar com absolvições acintosas a esse homem incansavel, que tudo faz pelo povo, que dello se não pode nem deve esquecer. Pretendemos fallar do Réo absolvido no Jury da Corte e de Nietheroy; mas sendo limitado o espaço da nossa folha, no numero seguinte faremos sobre isso as nossas reflexões, do que já não damos conta, por não fatigar os leitores com artigos

nimiamente extensos, tanto mais, que mencionamos muitas vezes voltar á este assumpto.

Sr. Redactor. Será verdade que acaba de ser despachado para Consul Geral em Buenos-Ayres o Sr. Brandão Caneca? Será este Sr. aquelle que muito representou nas garrafadas de Março de 1831, e que pelos seus bons costumes foi demittido d'Alfandega d'esta Corte? Se tal he, louvores sejam dados ao antecessor do actual Exm. Sr. Ministro dos Negocios Extrangeiros, que sempre se oppoz á pretensão do Sr. Caneca. *O Perguntador.*

—He verdade! e tanto verdade, que no n. seguinte d'emos o resto. Pobre Terra!....

VARIÉDADE.

Sociedade da Temperança no Maranhão, fundada pelo Patriotismo das Senhoras.

Nenhuma das Sociedades Patrioticas intituidas no Brasil, offerece tanta vantagem para a moral, e para prevenir as desordens, e males que resultão do uso dos licôres fortes e espirituosos do que a *Sociedade da Temperança*; he por isso que o bello sexo do Maranhão, isto he, as Senhoras Patrioticas da maior consideração daquella Provincia reunidas formarão a Sociedade Patriotica da Temperança, imitando aquellas que desde 15 annos se tem formado na America do Norte, e das quaes tantas vantagens tem já obtido a Sociedade, nesta parte do Mundo civilizado, onde se tem estabelecido mais de 80 mil *Sociedades de Temperança*, para oppôr barreiras á embriaguez e aos males physicos e moraes que provém de tão detestavel vicio, como se pode ver nas traducções que as mesmas Senhoras do Maranhão ja publicarão e que correm impressas na *Typographia da Sociedade da Temperança do Maranhão*.

em notas de 10,000, assim como alguns papeis de interesse com o que está salvo o nosso financeiro Emygdio.

He muito provavel, que o governo central mande mudar agora as Thesourarias da Cidade de S. Paulo para a de Santos, e a de Piahy para Parnaiba; porque parece que existem os mesmos motivos que derão causa á mudança desta Thesouraria para Maceyó.

V. m. sabe que esta Provincia tem sempre dado exemplos de ordem; mas a mudança da Thesouraria, e hoje da Capital, nos annuncia hum futuro desastroso, e Deos queira que eu me engane.

Aproveito esta occasião para lhe fazer ver até onde chega a maldade do Sr. Neves e dos seus satellites, os quaes declararão huma guerra a todos quantos são homens de bem n'esta Provincia; pois que devendo informar ao governo central para commandante superior da Guarda Nacional a José de Mendonça de Alareão Aiola, a Pedro Antonio da Costa, a Bento Francisco de Assis, e a José Francisco Leite, pessoas respeitaveis, proprietarios, e verdadeiros Brasileiros que não pescão nas agoas turvas, informou á favor de outros, que não estão no caso dos Cidadãos, que acabo de mencionar. Que desgraça!...

O Governo, o Chefe de Policia, e os Jurados.

Para chamarmos a attenção do governo sobre os meios, que deve empregar, a fim de que a policia da côrte vá de dia em dia tomando aquelle gráo de consideração, sem o qual não veriamos os seus progressos nos paizes da Europa, não he preciso citar aqui hum sem numero de factos, que abonão o reconhecido merito, e a incansavel actividade do Sr. Dr. Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo da Camara. A querer fazer na inercia em que descação a mór parte dos publicos em-

pregados, ainda os de primeira classe, e que assim mesmo contão innumeros amigos e defensores, por serviços feitos a particulares amizades, ou á alguem de quem podem esperar quaesquer interesses, o Sr. Dr. Euzebio de Queiroz Coutinho grangearia como elles o nome de *bom homem*, e como elles chegaria, ainda por votações populares, a galgar os lugares de primeira ordem, e a desfructar depois em criminoso ocio as vantagens que a nação lhes garante, para livra-la da torrente dos males, que de continuo a flagellão, e estorvão o seu desenvolvimento e a sua prosperidade, sem todavia ser alvo de acerbas recriminações. Porem não he esse o nome, que deseja o Sr. Mattozo da Camara: animado de hum nobre sentimento de pura honradez, profundo em seus raciocinios, activo em suas deliberações, violento para o criminoso, e brando para o inculpado, S. S. he ambicioso de mais subida gloria; elle não quer gloria, que se confunda com a de qualquer outro, que, collocado em seu posto, possa fazer o mesmo, que elle; isso satisfaz pouco a sua nobre ambição. Os homens de genio praticão actos extraordinarios, fazem maravilhosos esforços, para colherem palmas que se não murchem, apenas feridas pelos primeiros raios da luz; e querem memorias, que se não desmoronem ao primeiro embate da torrente tempestuosa das revoluções, que mudando a face das cousas, só conserva os nomes dos grandes genios, por seus extraordinarios feitos. Assim os mais cultos paizes da Europa tendo desfructado a boa administração de homens celebres no posto, que entre nós occupa o Sr. Dr. Euzebio, o de Chefe de Policia, rememorão ainda todos os dias seus nomes, que acabarão com a ultima pagina da historia das suas nações. Mas poderá S. S. com a pureza de suas intenções satisfazer á todas as necessidades

José Thomé, só nosso honrado veterano o Sargento Mór Manoel Mendes da Fonseca, escapando assim ás garras do Sr. Neves, e do seus miseráveis conselheiros, os quaes enculcando-se para organisarem o processo chamado de sedição, o organisarão como elles mesmos.

Eu devo ser extenso porque não sei quando encontrarei hum portador seguro como este, pois aqui o segredo das cartas não he inviolavel, todas são abertas (1) segundo nos informão, e apresentadas aos Juizes organisadores do tal processo, os quaes de accordo com os Srs. Neves, e Emygdio decidem da sorte das mesmas, e perseguem cruelmente tanto aos que as escrevem, como as innocentes familias destes.

O Dr. Bastos he perseguido, e como tal incluído no celebre processo de sedição, por ter fallado na Assembleia Provincial contra a pessima administração do Sr. Neves, e acceitado a Vice-Presidencia, quando aquelle se demittio voluntariamente, Pontes, Thesoureiro, foi igualmente perseguido, e processado por ser exacto no cumprimento de seus deveres, fazendo entrega ao Sr. Neves, na occasião da inculcada sedição, de todo o dinheiro que tinha no Coffre; e porque seo filho o Dr. Visgueiro fallou na Camara Electiva contra o financeiro Emygdio, que nos coube em sorte para Inspector, podendo estar em sua terra onde ha bem quem o conheça; porem o que mais scandalizou ao Sr. Neves, foi ter o mesmo Dr. Visgueiro fallado a respeito dos Contrabandistas de pão brasil, e africanos; eis aqui tem a razão principal da mudança da Capital para Maceyó.

O Padre Affonso, Romeiro, e outros, seus crimes ciffrao-se em serem inde-

(1) Tambem cá pela corte ha quem disse se queixe!

pendentes e fazerem huma justa opposição á pessima administração do Sr. Neves, e do seo mentor Emygdio, que ja se preparão para serem deputados á Assembleia Geral. Triste condição he a dos Alagoanos, que até Emygdio, que em presumpção he o fiel retrato d'aquelle primeiro Escrivão deputado denominado Perdigão, quer representar por esta mal sadada Provincia.

O Major Mendes, cuja probidade he bem conhecida, todo o seo crime consiste em ser amigo da ordem, e ter-se posto á testa do povo na qualidade de Juiz de Direito interino, que desarmado representavão ao Presidente, por meio de huma deputação composta do mesmo Major Mendes, o Dr. Casado, e o Padre Assis Ribeiro, para que suspendesse a execução do aviso, que mandava mudar o Thesoureiro Geral para Maceyó, em quanto respeitosaente se dirigião ao governo de S. M. I., Lembro ao meo Amigo, que nessa reunião, a que se dá o gratuito titulo de sedição, não houve desordem, nem a Fazenda Nacional soffreo prejuizo algum; oxalá que outro tanto se pudesse dizer com a entrada do Sr. Neves com força armada nesta Cidade para bater a Cidadãos pacificos. He preciso em verdade ser o Sr. Neves, e ter hum coração possuido do diabo, para ter reduzido á miseria, e á desgraça esta antiga Capital, ficando-lhe ainda o pesar de não demolir todos os edificios, e para prova desta asserção, basta ver-se que mandou levar para Maceyó 2 lampiões que estavam na porta da entrada do Palacio, que hoje serve de quartel de Soldados, e de prostitutas. Em fim, a madeira que cercava o quintal do mesmo, tambem mandou conduzir, valendo mais o importe da condução do que os objectos.

Porem ja estão experimentando os bons resultados da mudança da Thesouraria Geral; por que no dia 4 do corrente Janeiro roubarão da Thesouraria a quantia de 5:000,000 de r.

da mudança da Thesouraria Geral para Maceyó, que os Alagoanos mais distinctos por suas luzes, e virtudes moraes e civicas; pelo mais resolidado zelo; pelo bem do Paiz que os vio nascer entenderão que devião representar contra huma tal medida, ficando suspensa até que o Governo central decidisse definitivamente; por isso que no Regimen Constitucional não podem ser outras as intenções do Governo que a conservação das Provincias do Imperio; sua paz e tranquillidade, e a felicidade de seus Povos. Portanto seria hum sacrificio suppôr. que o Governo central deixando as raías da justiça não attendesse á justa representação dos Alagoanos, a respeito da sobre-dita mudança, pois que d'esta não se pode conseguir o bem ser dos Povos d'esta Provincia. De mais poder-se-ha suppôr que o Governo Central queita a execução de ordens suas, quando estas produzirem o effeito contrario ao que se deve desejar, o esperar a beneficio dos Povos? Hum tal desejo só he proprio de hum Nero sanguinario, de hum Tiberio hypocrita e refolhado. Estou persuadido, que o Sr. Neves obraria de huma maneira propria do emprego que lhe foi confiado, representando ao Governo Central com o mais profundo acatamento os males que de certo se seguem desta mudança, fundada, sem duvida, sobre informações falsas, varias de verdade, e engendradas por pessoas apaixonadas, e que d'ella querem tirar partido. E he por isso que eu concebo, que as intenções do Governo Central impõem aos bons Alagoanos o rigoroso dever de continuarem a representar tanto contra a mudança da Thesouraria Geral, como hoje da Capital.

Em tempo nenhum, mesmo quando os Povos se achavão abismados nas trevas da ignorância, em os prejuizos mais grosseiros, foi materia de obediencia aquellas ordens e determina-

ções superiores, que envolvão manifestamente coizas prohibidas pela Lei Natural, e Divina, e trazião consigo o mal certo das Sociedades; quanto mais no Seculo presente em que as luzes da Filosofia, e da verdade tem esclarecido os Povos, e lhes feito ver a extensão de seus direitos legitimos, e a quantidade dos deveres dos que governão; he neste mesmo Seculo em que o Sr. Neves indiffere a legal representação dos Alagoanos, considera-os sediciosos, chama tropas das Provincias limitroses, effectua a mudança da Thesouraria para Maceyó, persegue de morte a tudo quanto he Alagoano que não assigna de cruz, e convoca extraordinariamente a Assembleia Provincial, composta quasi toda de Supplentes, que ao estrepito das armas, decretou a mudança da Capital. Louvores sejam dados ao Dr. Visgueiro, Dr. Casado, o Vigario da Palmeira, e a Francisco Braz, que nada os intimidou, e com a franqueza propria de seus caracteres, votarão contra essa medida, e outras, propostas pelo Sr. Neves, e seus satellites. Em fim, veremos agora o que faz o Governo Central.

Os homens que tem sido perseguidos, e illegalmente prezos, e sepultados nas immundas enxovias das Cadêas desta Cidade e, no purão de huma embarcação de Guerra surta no Porto de Maceyó por terem representado contra a mudança da Thesouraria, quasi todos pellejarão em favor de nossa Independencia, ainda quando o Sr. Neves não tinha principiado a dar a Sintaxe em que fez progressos, segundo nos disse o Filho do 7 de Abril. Hum dos mais distinctos Jurisconsultos de nossa Patria, o Dr. Bastos, foi obrigado a abandonar sua estimavel familia, e a emigrar para a Provincia de Sergipe, e com elle Cidadãos respeitaveis como o Thesoureiro Pontes, o Padre Afonso, Romeiro, Paula,

brancos, principalmente os filhos da Europa, que os pardos são seus inimigos. Não, ellos não o são. Os pardos só querem a igualdade de direitos que a Constituição estabelece: querem a execução das Leis, que o Republicanismo do venha á nós quer anniquillar.

Fazendo huma parte mais importante da população, tanto por seu numero, como por sua illustração, actividade, e industria, tem direito, e quer influir nos Negocios do Estado. Unão-se pois a elles os brancos, que detestão o Republicanismo, que huma aristocracia exotica quer entre nós estabelecer: façamos baquear as soberbas, e intrigas desses sanguexugas do Estado; desses destruidores da felicidade publica: sustentemos finalmente unidos a Constituição, e o Throno, que a mão do audaz Extranjeiro não se levantará de certo contra nós.

Seguindo esta vereda, nada ameaça os brancos: Ai! porem daquelles que pizarem outro trilho....

— O muito legalista Redactor da *Aurora da Bahia* no seu n. 4. (2.º trimestre) de quinta feira 9 de Janeiro, tratando das desgraças do Brasil, em hum artigo intitulado — Anno de 1840, — e pedindo ao Governo, que seja *Americano*, que se deixe de certas *amizades europeas*, emite sua opinião, fallando dos réos politicos, a qual he a seguinte: — « Se a verdade nem sempre agrada, convém sempre dizela: não somos felizmente suspeito á causa da Lei; e tanto basta para podermos emittir livremente nossas ideias toscas; mas, ao menos, seladas com o carimbo da *boa fe*. O cidadão, que comette um erro politico, ou que conspira contra o Governo legitimo, ás mais das vezes (seção sempre) he util ao mesmo Governo. O pessoal da nossa Administração Suprema, o Senado, a Camara Electiva, e centonaros de Varões prestantes demonstrão esta

verdade!... as revoluções de 17, 24, 25, e 33 vem em abono de nossa opinião? E só os *Paraenses*, só os *Bahianos* de 37 formarão a excepção desta regra geral?! Não!.. os *Bahianos* em todos os tempos, em todos os lugares derão exuberantes provas de sua adheção á *Liberdade*, e as *Leis*: os *Bahianos*, e os *Paraenses* não são menos susceptiveis de emenda ou arrependimento do que o forão os — revoltados da Prôvincia de Minas!... Os *Bahianos* de hoje conhecem perfeitamente, que *nada se lucra com revoluções*; e que no *Brazil* só convem **PEDRO II**, e **CONSTITUIÇÃO** *Vem? oh!* ANNO de 40, (nós o repetimos) e comtigo traze as venturas, as delicias que tanto almeção os verdadeiros patriotas! desarma nossos irmãos, que se dilacerão no Maranhão, e Rio Grande, alucinados por hum tresloucado espirito de huma liberdade que nos não convem!.. faz com que resurja nossa natural concordia, e a fraternidade propria do character Brasileiro!... traze-nos a industria, e mais fontes da riqueza nacional, e com ellas hum numerario tal que nos livre da bancarrota, que nos ameaça, qual a espada de Damocles!.. »

Sr. Redactor. Tenha a bondade de dar publicidade em sua bem conceituada Folha á Carta que nos foi dirigida da Prôvincia das Alagoas em data de 5 de Janeiro do corrente anno, á fim de que o Publico saiba o que por ali vai: favor com que muito obrigará a este seu *Constante leitor.*

Cidade das Alagoas 5 de Janeiro de 1840.

Como o meu amigo se interessa em saber se he verdadeira a noticia que por ahí se espalhou de huma sedição n'esta Cidade, eu h'ria d'encontro aos meus sentimentos se deixasse de lhe fazer ver a verdade.

Desde que aqui appareceu a noticia

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Entre os meios de que a gente Republicana-aristocratica lança mão para chegar a seus fins, nenhum he tão execravel, como esse a que aquelles egoistas reccorem actualmente, o de promover a antipathia dos homens brancos contra os de côr.

Conhecem aquelles egoistas, que o principal fundamento do Throno Constitucional, no Brasil, se acha na honrada, laboriosa, e illustrada classe da gente de côr: esses egoistas não ignorão, que esta extensa classe de Cidadãos, a gente de côr, se opporá á execução do damnado projecto, que conceberão de transtornarem a Lei Fundamental do Estado; e por isto procurão indispol-a com as classes brancas do paiz, fazendo-lhes crer que — os pardos querem dominal-os, matar-os, e até devoral-os —; necessario he pois desmentir tão perfidas irrogações.

A gente de côr firmemente persuadida de que o seu bem estar e a felicidade do Brasil se achão ligadas á permanencia das Instituições patrias, de certo que jámais pactuará com esses projectos, que os brancos Republicanos-aristocraticos pretendem pôr em pratica; mas se esta firme convicção que tem sobre seus interesses, e dos do seu paiz, lhe dita, e dictará sua con-

ducta opposta á essas ideas subversivas, não a leva porem a que odeie homens, só porque são brancos.

De que este he o espirito que anima, e dirige a gente de côr, quem poderá duvidar? Não tem ella já por vezes mostrado sua moderação, e sua generozidade? Quando os partidos dos brancos se tem debatido para empolgar o poder, e a tem revocado alternativamente, pedindo como amiga o seu soccoro, e protecção, abusou ella jámais da sua força, para esmagar os implorantes? Como pois se procura agora desacreditá-la, figurando-a *atrevida*, só porque ella defende seus direitos postergados, sustenta o Throno, e a Lei Fundamental do Estado? Que perfidia!..

Temão a força do Leão só aquelles egoistas que o insultão!.. Contra elles, a gente de côr será tão inexoravel, como contra esses, que, *sendo visivelmente mulatos*, abnegão sua origem, e por serem mais ou menos claros, para parecerem brancos, chegão até a rapar a cabeça, a cobril-a com *chinô*!... e a maior parte traz sempre o cabello cortado mui rente! Que miseria!! Não dêem credito pois os brancos ás insidiosas maquinações desse partido revolucionario, que tudo acommette, e aggride, com tanto que suas ideas possam triumphar. Não acreditem os

curso com os outros, o acabaremos por fazer huma familia de amigos, porque o habito ordinariamente faz que achemos formoso o ente, que nos parece hediondo: o tempo! e só o tempo porá termo á estas miserias humanas.

Parece-me que tenho respondido sufficiente ao Sr. João Fernandes sem o ferir; que tenho dado as razões da minha ironia despeitada, que tanto o incommodou, e que tenho feito crêr aos Redactores da *Liga* que elles sentem, o que eu sinto. *Feizemos os olhos, e hunamos os nossos corações: se as suas pancadas forem iguaes, se o bem e o mal do paiz obrarem sobre elles do mesmo modo, produzindo iguaes sensações; nenhuma duvida haverá que somos todos Brasileiros, que nos amamos, e que juntos e bem ligados formaremos huma massa invencivel e respeitosa, que obrigará ao insolente estrangeiro a respeitar, se quer, as nossas Fortalezas!*

Agora, Sr. Edictor, se lhe não causar fastio huma tão longa e enfadonha correspondencia, tenha a bondade de inseril-a no numero mais proximo, que se offerecer da sua folha. Sou &c.

Americus.

No *Correio Official* do 1.º do corrente se publicou a nomeação do Bahiano Carlos Carneiro de Campos, para Inspector Geral do Thesouro, não obstante haver nesta mesma repartição alem de muitos officiaes praticos, e intelligentes, os Fluminenses Manoel Joaquim de Oliveira Leão — Joaquim Francisco Vianna, Emiliano Faustino Lins, e Mariz Sarmiento, que já tem exercido interinamente aquelle emprego; mas isto não foi bastante, forçoso era que a estas circumstancias remissem as indispensaveis qualidades de serem Bahianos, e cunhados dos Srs. Ramiro, e Alves Branco!! A vista deste, e de outros factos, poder-se-hatriminar aos que dizem, que certos Casquinhas quando subirão á Banca, só tiverão

em vista os interesses seus, e de seus parentes?!..

Ditosa condição, ditosa gente!...

ORTIGADAS.

— Dizem que se offerecem grandes dinheiros para se trocarem alguns sentenciados da Bahia por alguns presos do Rio Grande. Ouvindo fallar nisto o Theobaldo, e João Luciano, chefes da revolução de Minas: « disserão hum para o outro: para que semelhante troca?.. Respondeo hum Catharineta, que estava escondido em hum forro: para que? VV. SS. não têm visto que huma grande parte dos presos do Rio Grande, sem julgamento, sem estarem cumprindo nenhuma sentença, sem estarem á soffrer de modo que o bem da humanidade exigisse que se lhes minorassem as penas, forão postos na rua, depois de terem commettido os mesmos crimes, que os da Bahia? Tem razão, meu collega, os fracos, como eu, soffrem muito; por isso não me admiro da conducta que se tem com huns e com outros!...

— A camara Municipal, sentindo aproximar-se a sua derradeira hora, dizem, que mandou tirar o BUSTO (ou bostejar, que he o mesmo) do cavalleiro Mello, o qual foi visto no Armazem do azeite no campo daaaa... honra!

EPIGRAMMA.

P. — O *Correio official*
Porque causa hoje morreo?

R. Por desmazelo d'aquelle,
Que mais dinheiro comeo.

ERRATA.

Na *Ortiga* n.º 13, pag 1.º, col. 2.º, linha 4 onde diz — ás seus cabeças estavam passivas., lea-se as suas cabeças estavam passivas. Pag. 3, col. 2, lin. 12 — huma escolha perigosa, — hum escolho perigoso. Pag. 4, col. 1.º lin. 34 — Elle he meaos que eu, si he mais junto — Elle he mais que eu, si he mais justo.

estar as famílias, que tem que perder (menos o Sr. Rebouças, que he hum proleto) o convencerão da necessidade desta medida, que he applaudida pela Provincia inteira. » Que vontade tive de chamar ao Sr. João Fernandes emissario dos Rebeldes, ou haytianos da Bahia por estar em opposição com o Sr. Gonsalves Martins l... Mas em fim ou prometti não argumentar, como elle... não ha remedio senão o calar-me, e ir com o meo Gonsalves para diante.

» Muitos argumentos tirados de outros paizes lhe parecem inapplicaveis ao Brasil, onde não ha povo, ou não existe quasi a classe, donde se tirão os recrutás em todas as Nações. A classe que convinha exercitar no manejo das armas, quasi sempre tem bastantes meios para se remir do recrutamento o que mesmo he conveniente ao Paiz para o desenvolvimento de sua industria: resta pois a classe dos ruidos, que não tem industria alguma, classe que he conhecida e que o orador deixa á Camara (e o Americus aos pios leitores) julgar se convém que seja unica exercida nas armas.» Porque nada disse o Sr. João Fernandes quando o meo amigo o Sr. Gonsalves emitio esta opinião de profundo estadista? Então os interesses erão outros! Ora, Mr. Jean, allez-vous armer, entendez-vous!

» Eis aqui huma serie de factos e de razões, de que ostava possuido, quando escrevi a minha carta inserta na Ortiga n. 12, que me obrigarão á aquella despeitoza ironia, veudo que as boas intuições dos Redactores da Liga Americana não achão accordo em huma grande parte de Brasileiros, á quem o rego prejuizo não deixa entrever o bem do Paiz, e os meios de o conseguir. Os Redactores da Liga acharão no período, que se segue, extrahido de hum carta, que fez parte das viagens do Conde de Sterleski ao Brasil, as melhores intuições do Americus, que

he o mesmo autor da carta; verão se elle he hum desprezivel, e degenerado Brasileiro ou chifoneiro de Paris.» Se os que sustentão este principio (o da exclusão dos homens de côr dos cargos publicos) e que tem bastante influencia na direcção dos negocios do Brasil, não estimassem mais provocar os homens de côr, scrir-lhes o amor próprio e procurar assim perder aquelles dentre elles, que se podem considerar a sua flor; elles terião obrado differentemente, chamando-os para tomar parte na causa publica conjunctamente com elles (E não quer liga!) Na grande maioria dos homens brancos empregados na representação nacional, e em outras funcções publicas, não se encontrão muitas duzias, que excedão ao mulato Rebouças da Bahia, ex-Deputado eleito no tempo de D. Pedro I, nem em saber, nem em probidade, nem em virtudes domesticas e sociaes; e entretanto tem sido successivamente excluido desta funcção, e assim muitos outros, que se não são tanto, como elle, não lhe são muito inferiores: posto que da outra classe, apenas, largão os bancos das Escolas de direito, ainda sem nenhuma pratica dos negocios, sem nenhuma experiencia, sem nenhum conhecimento das necessidades do paiz, a caballa lança logo mão delles, e os eleva e coloca em todos os lugares publicos assim da jurisprudencia, como da representação nacional....» Entretanto estando a riqueza nas mãos da aristocracia do paiz (a classe branca) elles (os homens de côr) não podem concorrer com esta na aquisição de conhecimentos superiores, por falta de meios para se sustentarem nas escolas nacionaes, e ainda polor nas estrangeiras, onde quasi que absolutamente não podem ir por lhes faltarem os recursos pecuniarios. Não obstante, como nós dizemos, á trancos e á barrancos elles vão indo, e sem guerra de casta, antes de muito tempo, elles entrarão em con-

1835. « Tudo quanto ho branco ho victima:.... e por isso torno á repellido, salvo-se o Pará, *salvem-se os brancos, que ainda nelle existem!*) Quaes quer mulatos ou pretos ou caboucos, que amassem a ordem, e quizessem guarida, não se lhes daria!!) e se V. Ex. não annuir á isto, teremos de vêr no continente americano *hum novo Haity*, e parecerão á mingoa aquelles brancos, que do negro cutello se escaparem! » Tanta injuria não se pode soffrer!.. Porque não gritou o Sr. *João Fernandes* com o Taylor! Ah! nessa época outros erão os interesses...

Corveta Elisa, Tejo 23 de outubro de 1835, Izidorio Francisco Guimarães (contradição). No 1.º de Junho fiz-me á vella e fui ancorar em frente da Cidade (Pará). Fui *optimamente recebido pelo governo rebelde*, que me mandou fazer todos os offerecimentos, e assegurar-me que os *subditos de S. M. F. e suas propriedades serião sempre respeitadas*. Huma grande parte dos Portuguezes tinham abandonado as suas cazas; huns achavão se á bordo da esquadra brasileira; e a maior parte delles nos Navios de Commercio das differentes nações; confiados na protecção da Corveta e vendo á *mancira obsequiosa com que eu era tratado pelo governo rebelde*, recolherão-se ás suas cazas, e nem hum só delles foi incomodado em rouza alguma, durante o *governo rebelde*. «... e a maior parte dos Portuguezes e Brasileiros achavão-se todos no mar, sem se atreverem á ir á terra, pois que a canalha se mostrava cada vez mais desemfreada. Com tudo, nem hum só Portuguez foi insultado... ». E com tudo este mesmo Commandante em outro officio, e em algumas passagens deste mesmo diz: « de 1825 á 1835 os Brasileiros, e a gente de cor (estes não são Brasileiros) tem assassinado para mais do 800 Portuguezes no Pará! »

Em 1837 operou-se a Rebelião da

Bahia, de que fez parte gente de todas as cores; entretanto o furor dos legalistas na reacção pareceo cevar-se de preferencia no sangue dos mulatos e pretos, os quaes já cansados de matar, mesmo vivos arremecavão ao incendio das casas, que queimáráo: e aos que escapáráo, encaixáráo no art. 113 e 114 do *Codeo eriminal*, como *chefes da insurreição de escravos* só com o fim unico de lhes dar a morte, visto que cõsiderando-os rebeldes ou sediciosos, não tinham esta pena!...

Neste mesmo anno interpellado na Camara dos Deputados o General Andrêa pelas surras de bacallão dadas em homens livres, respondeo á minha vista « *que erão homens de cor!* » como que a liberdade não pode achar assento em *homens de cor!*...

Ainda neste mesmo anno, discutindo-se sobre engajamento de força estrangeira (pela qual talvez volasse o Sr. *João Fernandes*, a pesar de seo aferro á liga), disse o Sr. Gonsalves Martins: « Sendo a sua opinião dominante hoje, a introdução de bastantes homens de *certa classe no Brasil*, vê-se obrigado, á rebatter todas as proposições, que tendão á excitar odios e paixões contra estrangeiro (Viva o Sr. Gonsalves Martins, qual liga, nem pera liga! Venha para cá, que o espera o Sr. *João Fernandes*, que dormia a somno solto, quando V. S. ou Ex. solto, estas blasfemias contra a liga e por isso nada dizendo, guardou-se para chamar agora ao *despresivel Americus emissario de Piratinim!* Venha, Sr. Gonsalves, o faremos liga contra os que não querem estrangeiros; e então gritaremos: *Qual liga, nem pera liga!* »

Desde o anno passado, em que se appoz ao engajamento de estrangeiros, grande mudança soffreo a sua opinião, em consequencia dos acontecimentos decorridos na Bahia. Os perigos, á que aquella Provincia esteve exposta, o receio, em que estiverão e podem

no Brasil quer sejam ingenuos ou libertos; que a Lei he igual para todos; que todos os Cidadãos são aptos para occupar os diversos cargos da Nação, quer civis, politicos ou militares sem outra differença, que não seja a dos talentos e virtudes: e á tudo isto chama de balde o Sr. Zeserino? Porquẽ não rebatteo o Sr. João Fernandes este officio, quando elle appareceo na *Verdade*? Que! nesse tempo!... Qual liga, nem pera liga!....

Todas estas violações de direito escripto, todas estas tentativas não tem feito mais, do que estabelecer as desconfianças entre os Cidadãos das diversas castas, que povoão o Brasil, e occasionar o contrario do que procura o Sr. J. Fernandes evitar. Hoje nada se pode fazer no Brasil sem o concurso de todos os cidadãos, de que se compõe a sua população: nenhuma classe pode precindir da outra sem erro e inconvenientes; nenhuma tem o direito de dominar a outra, por que de todas sahem homens, que estão no cazo do art. 179 § 14 da Constituição; esta terra he nossa; todos nascemos nella, e temos sobre ella igual direito; ella tem sido por nós todos defendida e protegida, e o será sempre, e nenhum de nós tem o direito de se arrogar a supremacia, senão nos cazos do artigo acima citado.

Em 1852, depois da sedição militar da Ilha das Cobras, a qual foi dirigida, e commandada pelos officiaes dos corpos; forão os Soldados todos homens de cõr, excepto hum, que depois mandou-se buscar, por ter ido por engano, para Ilha de Fernando esperar lá o processo (Relatorio do Ministro da Marinha o Sr. Torres). Nessa mesma epoca huma ordem do Ministro da Guerra ao Presidente de Pernambuco diz: « A Regencia em Nome do Imperador louva á V. Ex. a medida que tomou á cerca dos Soldados revoltosos, e manda que aquelles, que se não poderem

provar criminosos, sejam degradados para a Ilha de Fernando (Estes devem vir para a Liga!)

Em 1855 contra a expressa constituição que diz: « No cazo de rebellião declarada, e correndo a patria perigo eminente, e pedindo o bem do Estado; &c. poderá o Governo (e hoje as Assembleas Provinciacs no intervallo das Sessões do Corpo Legislativo) suspender algumas das formalidades que garantem a liberdade individual &c. » suspendeo a Assembléa do Rio de Janeiro as garantias para prender os negros, que se devião levantar contra o Sr. Torres, e Viannas de Campos! Suspender garantias para amarrar escravos! Escravos com garantias! Forte farça mal representada.... e tudo isto para se aviltar certos nomes puros, e que nada tem, que os manche, senão esse accidente miseravel que cobre tantas virtudes! Essa mesma Assembléa creou huma escola normal, e legislou que nella, se não matriculassem pretos, contra a expressa determinação da Constituição no Art. 6, § 1; art. 179, § 14, e 32 e 33 que garantem a instrução publica.

Em 1855, o Sr. João Taylor escreve do Pará ao Governo neste sentido (Agosto 18 de 1855) « A guerra não era o rezultado de paixões desordenadas, nem de principios politicos, seu unico fim era acabar com a casta branca no Pará: (e comtudo Vinagre e Angelim são brancos, e brancos o Bispo, e o Malcher, e outros reos) he certo que se no Brasil se tivesse seguido este systema (o de fuzilar) a revolução do Pará e outras, não terião apparecido. Tropa, tropa, munições de guerra e de bocca se tornão indispensaveis; ao contrario o Pará deixará de ser Provincia do Brasil, e a America terá em seu continente hum novo Haity!! Até hum insolente inglez vem insultar os homens que julga cabras, por não serem da sua cõr!! Agosto 17 de

forço dos insultos, que me possa con-
tinuar á emprestar o Sr. João Fernan-
des, muito se arrependa de discutir do
modo, que discutio, fazendo reflexões
sobre minha carta! Eu deixarei de
parte as calumnias emprestadas á pa-
triotas puros, á honestos, e honrados
homens de côr para os tornar ridiculos,
e despreziveis aos olhos de seus com-
patriotas, até mesmo aos de sua cor;
eu deixarei de parte a confeição da lei,
que organisou a Guarda Nacional, ex-
cluindo os cidadãos libertos de ser offi-
ciaes, embora possam ser generaes, e
por tanto commandantes da Guarda
Nacional, á despeito da Constituição,
que excluindo-os de ser Eleitores, De-
putados e Senadores, não os privou de
ser Dezembaradores, Membros do Su-
premo Tribunal de Justiça, Ministros
d'Estado, Embaixadores, Bispos &c. Eu
deixarei de parte a exclusão, que delles
se fez de ser Jurados, embora sejam
Baixareis formados ou Medicos: mes-
mo desprezarei o que disse certo ex-
Ministro da Guerra de recente data,
á quem fallava certo Brasileiro honra-
do, instruido, e eminentemente patrio-
ta e livre da mais leve sombra de sus-
peita de ter algum pedaço d'Africa; á
favor de hum mulato: Meo amigo
disse elle, esse homem tem muito me-
recimento, eu reconheço; mas eu tenho
grande repugnancia em ellevar essa gente
para cima; estou prompto, para o que
quizer de mim, mas isso, não. Não
me importarei mesmo com o dito de
outro Ministro que disse; que cortada
tivesse elle a mão, quando assignasse
hum Decreto nomeando hum mulato
para qualquer emprego. Isto tudo não
valle nada, apenas serve para fazer
liga.

Vamos á alguns factos publicos de
que já se não lembra o Sr. João Fernan-
des, para fazer-lhe vêr desde quan-
do se procura fazer liga com a gente
de cor, ou as fezes do Brasil (esta ex-
pressão não he minha, o Sr. João

Fernandes a terá ouvido muitas ve-
zes, se he que não terão tido receio
de pronuncia-la diante d'elle) Em 1821
imprimirão-se humas Instrucções para
as Cortes de Lisboa, assignadas por
hum maiorias de pessoas nascidas no
Brasil, e por tanto boas para liga, nas
quaes se encontra este art. 5.º. Quo-
as Cortes da Nação na Redacção do
Codigo Civil e Criminal tenham muito
em vistas modifica-la, segundo a diver-
sidade de circumstancias do clima e es-
tado da povoação, composta no Bra-
sil de classes de diversas cores, e pes-
soas humas livres, e outras escravas,
pois estas considerações e circumstan-
cias exigem hum legislacão civil par-
ticular. Em hum officio do Sr. Manoel
Zeserino dos Santos de Pernambuco,
datado de 22 de Julho de 1852, elio
diz: Quando os habitantes passificos
e que tem á perder, procurão ser es-
quecidos e fogem de ajuntamentos po-
pulares, a escolha dos officiaes feita
pelos guardas nacionaes recahiu pela
môr parte em individuos d'aquella clas-
se que lisongea o povo... Sua Ex. com
sua reticencia sobre a classe, que li-
songea o povo, dá á entender que falla
da gente, que não he branca; e se mi-
nha intelligencia he errada, veja-se o
que elle diz em outro artigo. O povo
do Brasil he composto de classes hete-
rogeneas, e de balde as Leis intentem
mistural-as, e confundil-as (que bom
pedaço para a Liga!!..) sempre algu-
ma hade procurar e tender á separar-se
das outras (mais liga!); e eis hum
motivo mais para a eleição nas classes
mais numerosas. Ora, eu supplico ao
Sr. João Fernandes que diga franca-
mente se este officio do Sr. Manoel
Zeserino une mais os brasileiros, do
que a minha despeitosa ironia? Diga
se este ex-Presidente he ou não hum
furioso anarchista? Foi estabelecendo
a Constituição, que por fortuna, sahio
da Mão do Immortal D. Pedro I. que
são Cidadãos Brasileiros os nascidos

avancar a proposição, do que sem o menor receio de alguma tragica commoção se pode emprehender huma e outra ditas vantagens, usando-se do artificio seguinte:

• Ser determinado por lei a classificação das cores em cada parcial Batalhão *debaixo do véo, de que assim se estreita mais (se liga) o laço da boa camaradagem, que constantemente deve haver entre os soldados de huma, mesma companhia, como entre as companhias de hum mesmo Batalhão.*

• Ser igualmente estabelecido por lei, que S. A. R. reserva á sua real Autoridade a escolha, para todos os postos de Officiul de patente até ao de Alfores inclusive; á fim que os mais dignos de premio não fiquem suplantados por aquelles, que menos o merecessem, embora aconteça que as vagas não sejam naquelle ou aquelles corpos, em que servem os de maior merito. (Já se vê que tudo isto vai feito com artificio, e *debaixo do véo*)....

• Finalmente ir pelo passo dos tempos reformando todos os Officiaes de patente tanto os de cor parda, como os de cor preta, huns *debaixo do pretexto de se acharem já em idade avançada; outros por falta de necessaria aptidão para o inteiro desempenho do exercicio dos seus cargos, e finalmente outros por falta de meios de viverem com aquella decencia, que anda annexa á nobreza dos mesmos postos.* Eis aqui as providências, que julgo bastantemente poderosos para evitar se aquella perigosa impressão, que em todas as Nações causa toda a mudança dos seus recibidos costumes; pois que do modo, que fica dito, não só se não embatem *declearadamente*, mas até parece que mais perfeitamente se radica.

Veja, Sr. Edictor, desde quando estão na forja tantos projectos de manietar os pobres homens do côr, que só sabem soffrer e calar! No reinado de D. Pedro, que foi a unica epoca, em que

respirarão or hum pouco livre os pobres mulatos; disse-se em Conselho: «Promovão-os, promovão-os, e amanhã serão generaes, e lhes pedirão as filhas»: No tempo do reinado da *philosophia, do liberalismo, da igualdade!*... oh! isso então mulato instruido, e *hay-tiuno*, foi synonymo! Quem salaria em ligas em 1851, 52, 55, 54 e 55! Pergunte-se aos que dizem *nada ha, mas he preciso fazer crer que ha...* Talvez o Sr. João Fernandes conheça bem alguns destes... He de crer, que o Sr. João Fernandes conheça alguns deputados, que fizeram parte da Assembleia Geral, em 1851 e 52, pergunte-lhes por algumas sessões secretas, que houve nessa epoca? Talvez conheça alguns ex-Ministros que dirigissem os negocios publicos em 1855 e 54, pergunte-lhes pelas correspondencias *reservadas*, que tiverão com as provincias de Minas e S. Paulo! Pergunte aos que governarão de 54 á 55, o que fizeram dos recrutas, que vierão de Minas, e a razão porque não assentarão praça, senão os que se parecião com o Sr. João Fernandes? Pergunte ao primeiro Presidente do Rio de Janeiro o que fez elle durante o tempo, que administrou a provincia; que bella liga, que elle fez! Pergunte á certo ex-Ministro, que assignou huma portaria que começa: «Constando ao Governo que se projecta huma *insurreição de gente de cor...* (então, Sr. João Fernandes!) *insurreição de gente de côr!!* apage insolentes! e datada de 21 de Dezembro de 1855!!! Pergunte-lhe se assim he que se faz liga. Sr. João Fernandes, os côrtes despreziveis, como eu, se têm dado ao trabalho de folhear desde o § IX da lei da Pragmatica até á esta celebre portaria quantos alfarrabios ha para saber dos tramas, e perfidias, que se tem feito aos homens mais sinceros, que existem: tenho em minha mão muitos documentos e até originaes, que talvez publicados em des-

dade de seu grande numero contra aquelles, que deste modo as levãrão á fileira de seus companheiros d'armas.

Os homens de côr preta são pela maior parte brancos, e todos de hum caracter rebelde, e vingativo ao extremo ultimo (o bons para a liga do Sr. J. F.). Os homens de côr parda são pela maior parte muito engenhosos e todos vaidosos e altivos. Os homens de côr branca, todos elles *persuadidos* de sempre por differença de côr superiores pelo império da Natureza aos daquellas duas ditas differentes cores, em huma palavra, o mesmo homem sabio sim classifica a todos das mencionadas tres cores no mesmo genero, mas distingue-os na variedade. Avança pois a proposição que jamais virão tempos, em que os homens destas tres differentes cores se olhem e amem, como huma mesma familia. Ah! se o pobre *Americus* discesse isto? Mas he hum homem branco, que o diz em sua consciencia! Este está bõm para a Liga. Acresce de mais que os de côr parda considerão-se como filhos do paiz, e por consequencia olhão os brancos vindos de Portugal, como estrangeiros, meramente transplantados pelo direito da força.

• Sendo pois de absoluta necessidade compor a força armada de homens brancos, pardos, e pretos; torno á dizer, rivaes huns dos outros pela poderosa força das differentes opiniões, que os senhoreão; fica evidente a outra precisão indispensavel, que ha, de que sendo a classe dos homens brancos aquella, em que o Estado deve baseficar toda a confiança de segura defensa interna e externa do paiz (voila un petit joli moreccau pour la ligne=americaine)! esta classe seja a mais preponderante em seus effeitos sobre a maior força em numero das duas outras.

• Devo ser defendida a mistura de cores em o mesmo Batalhão. Nos Batalhões de homens brancos, não deve ser admittido homem algum de diffe-

rente cor, excepto para tambor ou pifano; os quacs nestes serão precisamente homens de cor parda. Nos batalhões de homens de côr parda, todos os Officiaes de Patente e officiaes inferiores até cabos de Esquadra inclusive serão homens de côr branca; e os tambores e Pifanos homens de côr preta. Nos Batalhões de homens de côr preta os Officiaes de Patente serão homens brancos, e os Officiaes inferiores até cabos de Esquadra inclusive, serão homens pardos.

• Aquella outra razão, que me obriga á selecção das cores he, que deste modo não somente se evita aquelle desgosto e natural repugnancia, com que os homens de cor branca servem, vendo-se de mistura (ligados) na mesma fileira com aquelles que serão escravos de seus avós, paes ou parentes; mas tambem se consegue fazer reviver aquelle antigo respeito, que os homens de cor parda e preta prestarão á classe dos brancos; (tanta gente suspira por isto... Que pena, Sr. João F. ! se he que V. m. não he daquelles de que Victor Hugo falla no seu Bong-Jargal... entende?...) respeito este, que tanto mais delle nos apartamos, tanto mais nos aproximaremos á aquella perigosa maxima de igualdade com que os freneticos philosophos buscãrão aniquilar totalmente as sociedades civilizadas.

• Talvez me obstem dizendo, que eu busco evitar hum mal contingente por hum principio bem capaz de o realizar; pois que he de prudentemente esperar-se que esta degradação da actual consideração, em que se achão os homens de cor parda e preta os leve desdo logo á tomarem vingança deste publico ultrage: ao que respondo:

• Na hypothesis de que he vantajosa esta dita classificação de côres, como tambem que a segura estabilidade do Paiz ser confiada á classe dos homens brancos (está de accordo com o Sr. Gonsalves Martins) então atrevo-me á

negros. Foi ligando-nos com estes e com todas as classes da população Brasileira, que repellimos do Rio, de Pernambuco, e Maranhão os piratas francezes &c. Foi com elles, que fizemos, a nossa independencia; que reduzimos á submissão os soldados estrangeiros do Campo de Santa Anna; tem sido sempre com elles, que temos estabelecido a ordem em nossas Provincias. E ha de ser com elles que nos havemos de achar em todos os nossos trabalhos e afflicções &c.

Eu deyo entender, que o Sr. João Fernandes he branco, e he bom tambem que elle fique sabendo que eu sou mulato, nascido no Brasil, neto, e filho de Brasileiros; e todos desprezeis, como eu, porque serão muitos illustrados! Mais abaixo eu explicarei esta fraze. Quando o Sr. João Fernandes diz: «Foi ligando-nos com estes» dá á entender que não estavam ligados, e que só se ligarão para desafrontar a sua Patria, servindo-se do negro Henrique Dias e de seu Batalhão, assim como de D. Felippe Camarão e seus caboclos, e mulatos, que tanto quer dizer o que quer que se jão, e que depois se separarão, como dantes, e cada hum continuou á fazer vida á parte, á pesar dos relevantes serviços. «Foi com elles que fizemos a nossa independencia» Ergo elles não fazem parte de nós; e como queriamos ser independentes, servimo-nos delles para fazermos a nossa independencia: com elles temos restabelecido a ordem; ergo não fazem parte de nós, são nossos instrumentos. E ha de ser com elles que nos havemos de achar em todos os nossos trabalhos!! Ergo não fazem parte de nós, elles não são nós, e nós nos nossos trabalhos, e só nos nossos trabalhos e afflicções nos havemos com elles!! Ora bravo, Sr. João Fernandes! He justamente disso que se queixão os homens de côr; de se terem em todas as épocas, desde que ha Brasil, ligado aos brancos, como

seos paos, e irmãos para os defender assim dos inimigos externos e internos; de terem exposto suas vidas ora resgatando a Patria commum das mãos dos estrangeiros; ora pugnando por sua independencia, ora sufocando a anarchia, que tem sido sempre, sempre, e sempre provocada pelos brancos que delles se servem até para isto: e que resgatada a patria, feita a independencia, sufocada a anarchia, elles recebem em troco disto, desprezo, baldões, e o simulado e afrontoso recio de sua liga com escravos para massacrar seos paos, irmãos, e mesmo filhos!

No tempo d'El Rei D. João VI hum Medico, e hum Muzico não poderão pertencer á Camara porque erão muito escuros: nessa mesma epoca foi apresentado ao governo huma memoria celebre, de que extrahimos os seguintes pedaços, na qual se propõe com o mais manhoso artificio o meio de aniquillar politicamente a gente de côr. Esta memoria original, á pesar de conter segredos de Gabinete, não sei porque arte do diabo, assim como outros documentos analogos, pára em minha mão. Da sua leitura, e da de tantos outros celebres escriptos tendentes todos á nullificar esses miseraveis bastardos; da observação dos factos, particularmente da abdicação para cá, he que tirei razão para cheio de despeito fazer aquella correspondencia. Vamos á alguns pedacinhos da memoria secreta, que podemos confiar á sua descripção, Sr. Editor, para mostrar ao Sr. João Fernandes, caso elle duvide da sua existencia, sob a condição de não sahir de suas mãos. «... quando se organizar a tropa, (diz a memoria) não se deve lançar nella homens das ditas tres diferentes cores; não he menos preciso occorrer desde logo ao perigo, que ameaça o metter as armas nas mãos de huns homens, dos quaes se não deve confiadamente esperar (tome seatido Sr. J. F!) que não se conspirem hum dia confiados na superioridade

respondecia?... Sabe, ou presumo quem seja o *Americus*? Si sabe, ou presume quem seja, convirá, que elle não he hum *despresivel*!... Pois eu, ainda que saiba, ou presuma quem seja o Sr. *João Fernandes*, não quero seguir a sua argumentação; o insulto não convence á ninguem, elle só serve para azedar o animo, e ferir o amor proprio do contrario. Os que se derem a pena de nos acompanhar em nossa polemica, julgarão si sou Brasileiro, cujo coração palpita ou não por esta Patria, por quem tem talvez feito maiores e mais prestantes serviços em épocas, em que o Sr. *João Fernandes* nem pensava no que viria á ser neste mundo; julgarão si sou hum *filho degenerado*, e hum *despresivel*, por não ter a paciencia de suportar a ironia do Sr. *João Fernandes*, que se quer unir com *negros, cobras*, e não sei mais que, para fazer huma patria (para si) venturoza!!... Metta a mão na sua consciencia, e eu fico pela resposta....

Vamos á correspondencia do Sr. *João Fernandes*. Quando eu discutir sobre a materia da minha, e da correspondencia do Sr. *João Fernandes*, irei buscar tantos, quantos factos me parecerem convenientes para provar as minhas assersões, assim nas antigas ordens e projectos do Governo antes da Independencia, no reinado de Pedro I, na conducta do governo, que succedeo á abdicção, no do corpo Legislativo, na de algumas Assembleas e governos provinciaes; como tambem na conducta dos particulares á cerca dos individuos, com quem diz o Sr. *João Fernandes* que se quer ligar. (Que mentira!!)

Sr. *Edictor*!—o Sr. *João Fernandes* bem entendo a minha ironia á cerca da *Liga*; elle bem conheceo o que eu quiz dizer e a razão porque; elle sabe mui bem que sou Brasileiro, e que não sou despresivel; mas, penetrando bem o espirito da minha correspondencia, jul-

gou melhor, para me fazer calar, insultarme, e fazer-me recuar, affectando não dar-me importancia. Pois caminhon mal: » se elle disse li a correspondencia inserta na *Ortiga* n. 12 assignada por *Americus*, e julgo que este escripto pode produzir máo elleito, se os homens de côr o entenderem, porque seria nada menos, que dizer-lhes que elles não tem patria, e não he bom dividir os Brasileiros, despertando nelles resentimentos passados: inelhor seria que seo author (que não he *Francez*, nem *Lazaroni*) se he homem de côr, se servisse de sua instrucção para ajudar seus compatriotas á debellar os inimigos do paiz, unindo-se em hum só todo: que he verdade que os homens de côr tem sido desprezados no paiz, mas que sendo isso huma injustiça intolleravel, os seus patricios, abraçando-os como irmãos, que são, os convidão para se unirem em huma só vontade, em hum só pensar, á fim de fazer ver aos habitantes do velho mundo que os Brasileiros, reunidos em torno de seo adorado Imperador, não temem nem Francezes, nem Inglezes, nem quem quer que sejam. » Mas que faz o Sr. *João Fernandes*, insulta-me, e conta-me humas poucas de historias, que eu ainda não sabia! Pois ha de ouvir tambem muitas que ja sabia, e que não desejaria que eu lh'as contasse, e outras, que ignora. Deixando toda a correspondencia do Sr. *João Fernandes*, pois que não me faço carga de defender-me de insultos que me dirige; passarei á hum periodo della, que me servirá de thoma para melhor explicar a minha ironia transcripta na *Ortiga* n. 12....: » quando se trata de pôr á prova o patriotismo para desafrontar nossa Patria (attenção!) da perfida aleivosia desses civilizados da Europa, com gosto nos ligamos com hum D. Felipe Camarão e seo Batalhão de Indios, ou Botocudos, ou o que quer que sejam; com hum *Henrique Dias* e seo Batalhão de

bre as outras classes do habitantes, ou sobre as outras Cidades ou Provincias de hum Estado, como não será justa a indignação das Provincias do Sul do Brasil, vendo-se dominados, e aviltados pelas do Norte? Se nos exemplos que citamos, essa indignação tem sido julgada fundamentada, apesar de Athenas e Roma serem os centros das riquezas, das artes, e das sciencias; como, entre nós, essa indignação será reprehensivel, quando o centro da riqueza, o focco da illustração, o Sul do Brasil, he o que geme opprimido, e afrontado pelo indigente, e balofamente illustrado Nortismo?

Mas, dirá alguem, onde, onde está essa afronta, essa oppressão que o Sul experimenta? Nos lh'o vamos dizer.

N'um Estado, como o Brasil, composto de Provincias, cujos interesses reciprocos tão difficéis são de serem combinados, he da maior importancia, que na sua Administração Geral haja quem represente os interesses das diversas Provincias. Esta necessidade que não se faz sentir tão fortemente, quando o chefe da Administração he o Chefe hereditario do Estado, punge atrocmente quando esse lugar he occupado por hum chefe temporario. Desprezar-se pois o sentimento que, nos Brasileiros do Sul, produz o conhecimento dessa necessidade, não, he afronta os. Não se opprime o Sul do Brasil, sugitando-o a huma Administração, onde nenhum de seus filhos he admittido, para que possa advogar os interesses desta mais importante parte do Imperio, e oppor-se a que elles sejam sacrificados aos interesses das estações Provincias do Norte?

Já fizemos ver que a huma tal organização Ministerial he que se devia a parcialidade com que os cargos Publicos no Sul do Brasil são repartidos pelos Nortistas, ao mesmo tempo que os Sulistas no Norte tratados como

hum tal organização Ministerial he que se deve serem os Empregos no Rio de Janeiro, se são pingues, só para Bahianos, ao mesmo tempo que o Fluminense na Bahia he denominado *maroto do Rio*; e para convencer os incredulos, em outro n. mostraremos de quantas outras maneiras o Sul he sacrificado aos interesses, orgulho, e ignorancia da gente do Norte.

No enquanto, fizemos preces á Divina Providencia, por que esclareça esses energumenos, que para se locupletarem, sacrificão a mais consideravel parte do Imperio, á mais insignificante, e acende por este meio hum tão poderoso facho de discórdia!..

Sr. Editor. Em a sua folha n.º 12 vem incerta huma correspondencia minha, em que eu perguntava aos Redactores da Liga-Americana com quem pretendião elles fazer *liga*; se deixariam de ligarmos com os Europeos, de quem descendiamos, para nos ligarmos com os negros, com os Botocudos, ou com as fezes da população? Em hum só linha de minha correspondencia emprestei hum só epitheto afrontoso aos Redactores da Liga, porque, posto que os não conheça, vejo pelos seus escriptos, que são Brasileiros conspicuos, instruidos, e eminentemente patriotas, e por tanto pessoas dignas do respeito, e da consideração de seus patricios. Porque pois não tendo eu ferido neve-levemente a pessoa, ou pessoas do Redactor ou Redactores da Liga, havia de merecer ao seu collaborador João Fernandes o epitheto de *emissario de Piratinim, atrevido, filho degenerado, vilão ruin, insolente, perfido, traicociro, inimigo dos Brasileiros, desprezível &c?* He com a Logica do insulto, que quer o Sr. João Fernandes raciocinar com o Americus? Conheço por acaso o Sr. João Fernandes o autor daquella cor-

obter por voto dos mesmos Monarchistas toda a força, todo o arbitrio, todos os meios convenientes, finalmente todo o poder dictatorial necessario, para radicar-se e engrandecer-se: assim temos visto e veremos esse grupo, affectando amar a Imperial Familia, regeitar toda a ideia de chamal-a ao Governo, e perseguir o Monarchista, que perspicaz não se deixa pilhar em suas rodas, e procura mostrar que a salvação da Monarchia depende de ja o já o Governo ser entregue a S. M. o I.: assim temos visto e veremos esse grupo procurar por todos os meios, sem poupar mesmo os da mais requintada prevaricação, fazer abortar todas as esperanças de que as necessidades, e votos da Nação sejam attendidos pela Assembleia Geral, e colloque no governo a S. M. I.

Se pois esses dois grupos de Republicanos, se disputão o poder e pretendem estabelecer suas doutrinas: se o grupo Republicano Aristocratico tomando a mascara da Monarchia ameaça a existencia desta, e a põe em tanto maior perigo, quanto ardeiro e caviloso, são os meios, com que procura afastar do Governo a Familia Imperial, e nelle manter-se para nos 4 annos, que faltão para a maioria de S. M. I.; adquirir as forças de que ainda carece, que se deverá fazer? Collocar já á frente d'administração huma pessoa Imperial, que sirva de centro aos Monarchistas.

Só assim os esforços destes produzirão o salutar effeito de destruirem os perfidos manejos do Republicanismo, e deixarão de cahir no engano de, á titulo de combater as doutrinas do grupo Democratico, concorrerem para o engrandecimento do grupo Republicano Aristocratico, que tão ardeiro caminha a passos de gigante. A população ainda não se acha infectada de suas perniciosas doutrinas: a população regeita taes ideias: aproveito-se esta disposição popular; ponha se á frente do

Governo S. M. o I., e a Monarchia será salva.

Já temos feito ver quanto offensiva he ás importantes Provincias do Sul da União Brasileira a composição do actual Gabinete, e quanto impolitico he alimentar as loucas pretensões, que nutrem os Nortistas, de dominar o Sul, e de sujeita-lo aos dictames de suas vontades, e ás desconcertadas operações de seus escandecidos cerebros; procuremos agora justificar a indignação, que essas pretensões dos fatuos Nortistas tem produzido nos Sulistas, que huma Administração toda parcial reduz a escravos daquelles, e particularmente dos presumidos comedores de moqueças, e ratapís.

Em todos os tempos, e em todos os povos as pretensões de dominio de huma classe sobre todas as outras classes de Cidadãos, de huma Cidade ou Provincia sobre todas as outras Cidades ou Provincias de hum Estado, tem produzido os resultados mais fataes á prosperidade, e tranquillidade dos povos. Assim virão os seculos passados essa Athenas, que pretendia regular os destinos da Grecia, revoltar contra si os Estados co-irmãos, e ser por elles reduzida á abjeção em que ella pretendia mantel-os. Esparta que lhe succedeo nos mesmos projectos, experimentou a mesma sorte.

Quantos exemplos não nos offerce em prova desta verdade esse Povo, cuja memoria será indelevel, em quanto existirem homens, o Povo Romano? As pretensões dos seus Nobres fazião continuamente do Forum hum campo de batalha; e as pretensões de Roma produzirão a mais destruidora das guerras, que esse Povo teve de sustentar, a guerra social.

Se os factos pois mostrão, que tal tem sido sempre o resultado das pretensões de dominio de huma classe, ou de huma Cidade, ou Provincia so-

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Dissemos que o estado do Brasil pede que á frente da Administração appareça hum Pessoa Imperial; e bem que estejamos persuadido, á vista dos Artigos da Constituição 117, 122, e 126, que a Regencia do Imperio de direito pertence á Senhora Princeza Imperial, logo que complete os 18 annos; com tudo razões ha para que julguemos mais conveniente, que S. M. o Imperador seja declarado Maior, e tome conta do Governo. Alguns dos fundamentos de nossa opinião são tirados das qualidades de S. M. I.; e outras do estado actual do Paiz. Bem como S. A. I., S. M. o I. alem das virtudes que o illustrão, manifesta tanta reflexão em suas acções, tem o seo espirito tão cultivado, e possue já tanta instrucção, que sufficientemente se acha habilitado para exercer as funcções de hum Imperador Constitucional. O caracter porem de permanencia na Administração, caracter que as circumstancias do paiz tanto reclamão, só lhe pode ser dado pela presença de S. M. I. no supremo lugar de Chefe do Estado, e não por S. A. I., que só por limitado tempo poderia occupar esse alto posto.

Que as circumstancias do Paiz reclamão que na Administração se imprima hum caracter de permanencia,

e que este fim não se pode conseguir em quanto mãos *profanas* tiverem as redeas do Governo, he cousa por todos sabida; pois que todos conhecem que hum partido Republicano entre nós tem procurado estabelecer o seo imperio. O que porem muitos ignorão he que o racionamento desse Partido em gravissimo perigo veio collocar as Instituições Monarchicas!

Em quanto unidos os homens que formavão esse partido, os amantes da Monarchia Constitucional repellião suas intrigas, seos tramas, e suas alliciações; mas depois que esse partido se fraccionou, e que hum dos grupos, d'elle nascido, tomou a mascara da monarchia, para melhor lhe minar os fundamentos, então vimos honrados Monarchistas cahirem no laço, e concorrerem para a destruição d'isso mesmo que querião sustentar. Assim temos visto esse grupo, que procura estabelecer a Republica Aristocratica, tero appoio dos Monarchistas, que illudidos deixão engrandecer esse terrivel inimigo da vóntura da Patria, e dos direitos da Imperial Familia, para só debellarem o grupo Republicano Democratico, de que não ha tanto a receiar, por isso mesmo que professa publicamente doutrinas, que a maioria dos Brasileiros regeita: assim temos visto esse grupo

os Officiaes Barrozo, e Menezes, para responder a Conselho de guerra por que se achando á vista, quando o Navio —*Saudade*— foi apresado, por hum Pa- tacho de guerra Inglez, estando aquelle ja debaixo das baterias da Fortaleza de Santa Cruz, nao obstarão a este insulto, nem depois de feito pro- curarão, como era de seu dever, de- safrontar o Pavilhão Brasileiro tão in- dignamente offendido. Nossa imparcia- lidade nos aconselha a louvar o Exm. Ministro da Marinha por este seu *energico* procedimento... Oxalá, que S. Ex. estivesse no Ministerio em 1826, dirigindo esta mesma repar- tição, quando o Commandante da Fra- gata, *Jacinto Roque de Senna Pereira*, deo ao Brasil a perda irreparavel de 15 vasos de guerra, que commandava, contra o do Brown, que o bateo em detalhe nas margens do Uruguai!! Si assim acontecera, teria esse official respondido á conselho de guerra, e perdido a farda, que tanto deshonrou!

—Assevera-se que o ministerio se en- vergonhou muito da conducta do Sr. Ramiro com o tal negociante, que lhe faz arder as canellas; e por tanto ou *elle* ou *ellos*.

—Consta que ha, ou tem de haver, certas *transações*, respeito ao *instincto* de certa Capacidade mais *moral* do que *physica*. Veremos isso!.. Veremos isso!

—Os Nortistas, *linguados*, *tisnados*, e *desucreditados*, estão zangados por não terem sido *acusados* os artigos da nossa folha. Meos Srs., os Redactores da *Ortiga* sabem melhor que VV. SS. conhecer as leis, inclusive a da liber- dade de exprimir os pensamentos. O Sr. Promotor, (que por fatalidade he Fluminense), sabe cumprir seus deve- res; e não será preciso que VV. SS. se *andem reunindo em casas de campo* para esse fim. Outro officio.

—O Juiz de Paz da Gloria, fallan- do da familia do suicidado Oliveira, dice que os protectores crão —Elle (S.

S. poz-se em primeiro lugar), o Sr. José Clemente, o Dr. Euzebio &c. &c. Entretanto que o benemerito Flumi- nense, Sr. Joao Pedro da Veiga, com bondade e philantropia excede á toda supposição, he quem estava sobrecar- regado com o peso da familia! Ora viva a modestia do Sr. *Juiz de Paz da Roça*, queremos dizer, —da Gloria.

—Porque entra o cão na Igreja! Porque acha a porta aberta. Porque se farta hoje tanto? —Porque o gover- no.... Padre nosso, que estaes no ceo, santificado seja o vosso nome, *venha a nós alheias rendas*, seja feita a nossa von- tade nesta terra, — *Amen Jezus*.

—O Sr. Conde de Lages, he ministro da Guerra! O Sr. Salvador José Maciel, he director da Academia militar!!! Entretanto, que o Sr. João Paulo dos Santos Barreto, official General Brazi- leiro assás illustrado, acaba de ser agora nomeado commandante da For- taleza de Santa Cruz! Ora isto promove o riso de indignação!!! Os homens estão mangando.

—Consta, que o Sr. Salvador José Maciel está para ser nomeado Ministro da Marinha. Nós, (que não somos muito amigos de S. Ex. desde o facto do filho do Sr. Catete) fazemos votos para que isto se verifique, só porque a nomeação de este probo servidor do Estado trará mil vantagens á Marinha, e, o que he mais que tudo, a economia áquelle Ar- senal, que, como diz S. Ex., não sabe como não tem ja sahido em retalhos por mar e por terra!... Porem cedo para la *Caminha!*

ERRATA.

No n.º 15, pag. 5, col. 1.ª linhas 55, onde diz — Se não pode abafar aquelle ciúme, que o Sul tem ao Norte, lea-se — Se não pode abafar aquelle ciúme filho da Superioridade em ri- queza e industria; que o Sul tem sobre o Norte, cumpria-lhe não irritar o Sul, &c.

escola, e sem mestres havendo com o maior dos escandalos S. Ex. desprezado as leis que regulão as promoções como seião o decreto de 4 de Dezembro de 1828 &c., do qual S. Ex. foi o auctor; Leis que hoje calca aos pes, porque esta em sua epocha e pode fazer o que lhe parecer, augmentando espantosamente as despezas da Nação sem necesidade, quando, se fosse hum ministro patriota, deveria chamar para o serviço não e tantos officiaes habeis da corte a quem seo antecessor despoticamente reformou sem entrar em hum miudo exame, officiaes moços e desgostosos que pretextarão molestias para se verem ácobertos dos caprichos dos ministros e que não se importarão, que finalisasse suas carreiras adquiridas ou trãora á custa de seos merecimentos e antiguidades, em tempo em que se não recompensava com os taes serviços relevantes, praticados em humã não interrompida serie de derraças vergonhosas &c. &c. Mas o passado está passado, não mais nos devemos lembrar delle: assim talvez dirá o actual governo e seos asseclas: todavia de taes promos dos que exercito se pode esperar? Sem disciplina, porque taes chefes e taes officiaes (com honrosas excepções) não lhes sabem dar a precisa instrucção. O que se pode esperar de hum Alferes de guerrilhas, que era no tempo da guerra com a Republica Argentina (segundo nos informão), de nome Antonio Maria de Souza, hoje despachado pelo Sr. Conde de Lages Major para o 2.º Batalhão de caçadores da corte? Que miseria das misérias! Pobres Fluminenses, que até se vêm abatidos na tropa de sua Provincia! Hoje bem poucos officiaes, bem poucos, ou quasi nenhuns existem filhos do Rio de Janeiro, os quaes podemos afirmar sem medo de que se nos conteste; são os mais habeis do Brasil. A disciplina de S. Ex. se consiste em obrigar aos officiaes a darem de farda e lambes; a fazer

esse horroroso e turco recrutamento, contra o qual até as pedras das ruas se deverião revoltar, por ser improprio de hum paiz constitucional. ***

— Temos razão para crer, que as eleições este anno serão assás importantes. Sem haverem os cavalios de batalha—*moderados*—*exaltados*—*camarurus*, *restauradores* &c. &c., os que se propoem á candidatura hão mister apresentar garantias, a fim de que o povo, já por tantas vezes illudido, não acredite somente em *palavras*, ou em *figuras*. A imprensa vai tomando humã attitudo mui grave; estamos a tantos mezes de distancia, e já os jornaes publicão diarias *chapas*! Pois bem, como, à moda de Inglaterra nenhum rebuço se exige para tal fim, he preciso, tambem como la por-se em prova o merito dos candidatos, já ao eleitorado, já á tribuna. Quem, sois vós, nos nos proporemos a perguntar aos influentes das cabalias que angariarem vóttos.— Dai-nos conta da vossa conducta— Provai-nos a vossa inteireza— Declarai nos os vossos principios— Em humã palavra, dizei-nos, que prometteis ao povo, que por vós tanto se tem de comprometter. Tal he o oneroso encargo á que se propoem os Redactores da *Ortiga*; e quiçá (quem sabe!) no dia do triumpho desaparecerão muitos nomes, que ora se nos apresentam, de pessoas, ou que nenhuma garantia offercem, ou que já tendo sido sufragados, illudirão a boa fé de seos Patronos e ouvindo tam somente a sedutora voz de seos interesses, não se importarão com os clamores do malfadado povo.

ORTIGADAS.

P. — Quaes são os homens, que mais intrigão, e mais se affadigão para obter votações populares?—

R. Os que menos se conhecem.

Forão demittidos dos commandos dos Brigues Imperial Pedro, e Galiope

distinctos e habeis: o que devemos esperar de hum tal governo, e de semelhante ministro? Sim, o que devemos esperar de hum ministro que calca as Leis aos pés e offende a nacionalidade a cada passo, como ainda ha pouco o fez promovendo ao Posto de Capitão do Exercito Brasileiro a hum estrangeiro, *que vendia bonccos pelas ruas desta cidade por nome Timoleon Joseph Zaloni*, e isto para marchar com o Sr. Labatut para S. Paulo? Sobre tão grande escandalo, nós conjuramos aos Representantes da Nação, para que accusem a esse ministro arbitrario, que acaba de dar hum passo que bem demonstra que despreza o heio nacional dos militares que estão debaixo de suas ordens. E elles soffrem hum mercenario em suas fileiras!... O governo não está authorizado a engajar officiaes, senão em corpos arregimentados; tado quanto não seja isto, he offensivo á Lei novíssima, a essa Lei que só nos cumpre respeitar por ter o cunho de lei, não por que ella deixe de nos offender, mas he lei, hade ser respeitada pelos Brasileiros. Ainda aqui não parão todos os arbitrios escandalosos do Sr. Conde de Lages. Officiaes, que em diversas epochas forão demittidos do serviço, por estrangeiros, e infensos ao Brasil, têm sido, com escandalo inaudito, readmittidos ao mesmo serviço, tendo contra suas pretensões pareceres contrarios de altos tribunaes e que nenhum ministro se atreveo a chamal-os ao serviço; só estava reservado isto, para o actual ministro da infeliz repartição da guerra, digna de melhor sorte, que a nada attendeo, e saltou por cima de toda a justica, e considerações politicas. O nome de taes individuos, nós promettemos apresentar, e narrar mais minuciosamente os factos; por ora, contentamo-nos de leve tocar n'elles, tal e qual nos hão communicado.

O desembaraço com que o Sr. ministro da guerra acaba de fazer os seus infinitos despachos, he digno de notta: o escandalo sem igual com que S. Ex. promove 26 alumnos da Academia Militar ao Posto de 2.^o Tenente do Corpo de Engenheiros sem Lei que a isso o authorise a dar patentes de officiaes a estudantes, he na verdade dos actos mais horrorosos que hum ministro responsavel pode praticar. Em que se fundaria S. Ex. para tal? Nos novos estatutos que jamais podem nem se quer devem ser approvados, pois que huma das Camaras ja tem claro se pronuncion contra elles, e suas enormes despezas? Não, certamente; pois S. Ex. bem sabe que os estatutos de 1852 estão na Camara a que S. Ex. pertence, para terem a ultima discussão, e isto tal não lhe permite. Nos actuaes? Não nos he possivel acreditar; por que o Sr. Ministro bem sabe que huma Lei não he Lei, e nem pode ter vigor senão depois de passar pelo Corpo Legislativo, e ter a sancção Imperial; taes estatutos ainda dormem o somno do desprezo da camara electiva, e a S. Ex. não lhe competia sanccional-os. Nos o que acreditamos antes, he que S. Ex. está investido do poder absoluto, e só faz o que bem lhe apraz; que não se importa com Leis nem com Constituição, e se tal não fosse, a tanto se não atreveria hum ministro responsavel.

No immenso catalogo dos despachos que acaba de fazer o Sr. Conde de Lages, o que vimos nós? O que virão todos os militares do Brasil? Injustiças inacreditavgis; só o desejo de se fazer huma epidemia de officiaes sem pratica só com hum ridiculo tirocinio da quadra, desprezando-se officiaes antigos carregados de serviços de campanha, com conhecimentos de suas armas, somente pelo bom desejo de se formar hum exercito de officiaes sem a menor

tem originado mil outros nos tempos que o tem seguido. Ver-se-hia porque cada-secreta as vinganças e as proscricções se respondem de hum seculo á outro. Perceber-se-hia de que horisonte são partidas estas tempestades remotas, que vão cahir sobre os thronos e sobre os povos, e que não affiou primeiro tal espada que vai ferir os Reis em distancias insensiveis, e desconhecidas! Não se espantaria mais da destruição dos templos e dos padres na revolução franceza, reconhecendo ali a infallivel reacção das proscricções da igreja romana, e a vingança de todo o sangue, que ella fez verter nas guerras sagradas!

Quando nos parece amortecido no povo Brasileiro todo o sentimento de patriotismo, e nacionalidade; quando vemos o indifferentismo com que os Brasileiros recebem todos os actos do governo do seu paiz, não se importando com a justiça d'elles, nem si são baseados na verdadeira nacionalidade e constitucionalismo; quando vemos a imprensa periodica, forte baluarte das publicas liberdades, dormir a somno solto sobre a tranquillidade dos tumulos, deixando o campo aberto ás invasões e arbitrariedades do poder; não podemos deixar de exclamar: Ah! minha Patria! Minha cara Patria! Acorda do letargo á que estaes entregue! Desperta, e toma o lugar que dignamente te compete no meio das grandes, ricas, e civilizadas nações. Abusando de tal estado a que se vê reduzido esta nossa patria, tem o governo assaltado todas as avenidas das liberdades Brasileiras; tem feito tudo quanto sua vontade, seu capricho lhe ha suggerido. E a cabeça de Medusa para tudo olha pacifica e alegre! O Sr. Conde de Lages tem levado a palma a todos os seus dignos collegas. Ministro este, que se devia considerar pizendo em hum terreno baixo e

fraco, tendo as lições do passado, e devendo encarar o futuro, que Deos queira lhe seja sempre propicio. Pelo contrario, piza forte, e, com passos seguros, se julga entrincheirado em seus arbitrios, offendendo a cada passo a justiça, e o direito dos briosos militares que desgraçadamente se vêem reduzidos a estarem debaixo de suas ordens, e que fazem parte d'esse mizero e desorganizado Exercito Brasileiro entregue á mãos ineptas, sem chefes habéis, indisciplinado, sem escola, e sem mestres, vendo seus Batalhões reduzidos á guerrilhagem, pois a este estado tem chegado a tropa do Brasil, soffrendo derrotas a cada passo, pelos rebeldes do Rio Grande, pois que só importantes commandos são dados a inhabeis generaes e officiaes superiores, só pelo patronato o mais escandaloso, como ha pouco vimos huma divisão importante, que devia operar na provincia de S. Paulo, posta nas mãos de hum migo official, que a deixou derrotar por sua ineptia: de hum official, que havia mezes acabava de perder outra ainda mais importante, abandonando-a e apparecendo 45 legoas distante do campo do combate, sahindo absolvido por innocente (por que não se chamava João Chrisostomo, que tinha hum unico crime, o de ser amigo da familia dos Srs. Limas). Hum homem prevaricador, que descaradamente roubou 8 annos de serviço, raspando o Livro Mestre do Corpo que indignamente commandava, para fazer desaparecer as notas que tinha, e que devendo estar em huma Fortaleza por seus crimes, só o Sr. Conde de Lages lhe soube dar Postos immerceidos, e importantes commandos, quando devia jazer na nullidade, lugar que verdadeiramente lhe competia. Quando por esta forma se offende o brio e capacidade militar, e ao verdadeiro merito, e se pretire a officiaes

reunza a justiça. Estes homens se irritão de que elle os força á dever ao crime o que as Leis lhes tinham promettido. *Soffrer a illegalidade, tolerar o arbitrio*, não assegura mesmo o reconhecimento de quem aproveita-se desta fraqueza. O governo reúne assim contra si todos os odios; o do culpado, que elle abandona á hum castigo illegitimo, e o do innocente, que elle faz culpado: elle perde o merito da severidade sem evitar o seo odioso. Para evitar este odioso he preciso que elle contenha immoveis o partido, que elle soccorre, e o partido, que elle fere; que seja igualmente severo contra o homem, que quer exceder á vingança da Lei, e contra o que a tem merecido. Mas para isso he necessario que renuncie ás venenosas lisonjas.

Por tanto se o governo quer ser estável, se quer ser respeitado, se quer ser forte, para poder ser obedecido, se quer o amor dos povos, he preciso que cõmmece por ser justo, e que bazêe na justiça todas as suas acções: porem se quizer ser habil pela astucia; prudente pela perfidia; forte pela violencia; corajoso pela barbaridade... ai de sua existencia, ai do Imperio! Os povos os mais poderosos, os Reis mais elevados não são grandes, se elles não são justos. Dizia hum rei de Sparta: *» Elle he menos que eu, se he mais justo.*» A justiça, em huma palavra, he a moral eterna: sem ella não ha estado social possivel, e si as sociedades são tão imperfeitas, he porque os governos desprezao os seus mandamentos, e os seus subditos as violao á seo exemplo. A justiça he o sentimento que está mais gravado no coração do homem, e o primeiro que elle manifesta. *» Nihil est profecto præstabilius quam plene intelligi nos ad justitiam esse uctos, neque opinione, sed natura constitutum esse jus, et justos natura esse factos.*» Seria facil aos governos fortalecer no coração dos povos este senti-

mento de justiça sellado no fundo do coração dos homens pela mão da natureza; porem a politica quer ter suas leis á parte, e iscriptar-se de toda regra divina e humana.

Convem pois fallar aos homens d'Estado com a historia na mão, e abri-lhes os olhos para verem o precipicio, onde elles se lanção, e os povos, que lhe são confiados. He em suas funebres paginas que he preciso ir reconhecer as infalíveis consequencias da justiça ultrajada. Abrindo suas profundidades, volta-se com esta consoladora revelação, que todo crime politico leva seo castigo, que toda a violação obtem sua vingança prompta ou tardia, proxima ou remota: porem sempre certa; e que a queda dos Reis, e o desmoronamento dos imperios não são muitas vezes devidos, senão á esta causa desconhecida, quando se attribue á outra mais apparente. Por isso os maiores inimigos dos Reis e dos povos, são aquelles, que têm pretendido separar a moral da politica, para fazer della hum codigo mysterioso de astucias, de perfidias, de trahições e de attentados, artificialmente estabelecido sobre regras perversas de utilidade e de interesse que tem corrompido o coração humano, e dessecado os germens de virtude, que a natureza ali tem depositado.

Hum só principio de justiça violado, originou quasi todas as revoltas populares, que pertubarão, e deslauráreo a republica Romana durante quinhentos annos, e a precipitarão por fim nas convulsões, em que ella pereceo. Hum exemplo desta grandeza bastaria so para fazer huma these victoriosa, quando mesmo, e ta these não fosse a da justiça. Si todos os acontecimentos da historia fossem examinados em sua verdadeira origem, ali se descobriria a immensa parte que a injustiça tem tomado nas calamidades dos imperios, e das familias, e como hum attentado commettido em hum tempo reverte.

mente as reacções, que são mais ou menos funestas, segundo o gráo de violencia, e de soffrimento, porque têm passado os criminosos, ou suppostos taes. Quando se colloca o arbitrio em lugar da lei, a paixão em lugar da razão; quando em lugar de julgar os homens, elles se proscvem; quando em lugar de se examinar as ideias, ellas se regeitão: as reacções se tornão huma necessidade.

As reacções contra os homens perpetuão as revoluções; por quanto ellas perpetuão a oppressão, que he o seo germen. As reacções contra os homens effectos da acção precedente, são causas de reacções futuras. O partido, que foi opprimido, opprime por sua vez; aquelle, que se vê illegalmente victima do furor, que elle tem merecido, se esforça por tomar o poder; e logo que seo triumpho chega, elle tem duas razões de excesso em lugar de huma; sua disposição natural, que o fez commetter seos primeiros crimes, e seo resentimento dos crimes, que forro a consequencia, e o castigo dos seos. Desta sorte as causas de desgraças se accumulão, todos os freios se quebrão, todos os partidos tornão-se igualmente culpados, todos os limites excedidos; os crimes são punidos por crimes; o sentimento da innocencia, este sentimento, que faz do passado o garante do futuro, não existe mais em parte alguma, e huma geração toda inteira pervertida pelo arbitrio, he lançada fora das leis por todos os motivos, pelo temor, e pela vingança, pelo furor e pelo remorso.

A vingança he extraordinariamente cega; ella perdo a aquelles homens mesmos, cujos crimes a tem assoprado, huma vez que elles a dirijão contra os instrumentos de seos crimes. Estes homens se collocão á testa das reacções, que seos proprios attentados tem provocado, e as tornão mais temíveis.

He pois da rigorosa obrigação do governo evitar estas reacções, e abafal-las, quando ellas se manifestão; e não tem outro meio á empregar para chegar á esse fim, senão a justiça. Con- vem que elle se ampare das reacções para não ser arrastrado por ellas. A successão dos crimes pode tornar-se eterna, si se não apressa em parar o seo curso. Porem preenchendo este dever, o governo deve guardar-se de huma escolha perigosa; he o desprezo das fórmulas, e o appello dos opprimidos contra os oppressores; elle deve con- ter os primeiros ao mesmo tempo, que os vinga.

Hum governo fraco, porem, faz o contrario: teme de castigar, e soffre que se massacre. Por huma deplora- vel timidez, desejando que pereção os sceleratos, elle quer que o perigo de sua severidade caia em outra parte. Na cegueira, que acompanha o medo, a exaggeração de sua impo- tencia lhe parece hum meio de segu- rança. Elle diz á quem lhe pede huma justa vingança: Nós não podemos pu- nir crimes, que detestamos; isto he, vingai-vos. Elle diz á quem reclama contra crueldades illegaes: Nós não podemos roubar-vos a hum furor, que nos faz gemer; isto he, defendei-vos. He ordenar a gúerra civil; he forçar a innocencia ao crime, o crime á re- zistencia, todos os cidadãos ao assa- sinio; he proclamar o imperio da vio- lencia e fazer-se responsavel de todos os delictos, que se commettem. Des- graçado governo, que ficando nei- tro entre os attentados antigos, e os novos attentados, não se serve de seo poder, senão para manter-se nesta neutralidade vergonhosa, e quando deveria chegar, não cuida, senão em existir.

Elle se engana mesmo nesta laxa esperanza: he sem razão, que elle se creê fazer hum partido concedendo a impunidade á aquelles á quem elle

cução, e supplicarmos de mãos postas aos Legisladores do paiz que riscassem de nossos Codigos para nos não collocar na mais baixa escala dos povos, que tem se quer hum apparencia de civilisação.

Os crimes politicos, diz B. Constant, parecem-me não dever arrastar a pena de morte. Em hum paiz, onde a opiniao fosse assás opposta ao governo, para que as conspirações fossem ali perigosas, as leis as mais severas não chegarião á subtrahir o governo a sorte, que espera toda autoridade, contra a qual a opiniao se declara. Hum partido, que não he temivel, senão por seo chefe, mesmo com esse chefe elle não he temivel. He costume exagerar-se muito a influencia dos individuos; ella he muito menos poderosa, do que se pensa, sobre tudo, em nosso seculo, e em nesso paiz. Os individuos não são, senão os representantes da opiniao: quando elles querem marchar sem gloria, seo poder se desmorona. Se pelo contrario a opiniao existe, vós matareis embora alguns de seos representantes, ella achará outros: o rigor não fará, se não irritar. Tem-se dito que nas dissensões civis só os mortos deixão de reaparecer. Este axioma he falso: elles vem appoiar os vivos, que os substituem com toda a força de sua memoria, e do resentimento do que elles soffrêrão. Em segundo lugar, quando ha conspirações, he que a organisação politica do paiz, onde estas conspirações se urdem, he defeituosa; ellas devem não obstante ser comprimidas: mas a sociedade não deve empregar contra crimes, de que seos proprios vicios são a causa, senão a severidade indispensavel; he já sufficiente funesto que ella seja forçada a ferir homens, que, se ella tivesse sido melhor organisação, não se terião tornado culpados.

Em fim a pena de morte deve ser

reservada para os criminosos incorregiveis. Ora, os delictos politicos se ligão á opiniao, á prejuizo, á principios, á humma maneira de ver, em humma palavra, que pode conciliar-se com as affecções as mais doçes, e com as mais altas virtudes. O exilio he a pena natural, aquella que motiva o genero mesmo da falta; aquella que, apartar do o culpado das circunstancias, que o tem tornado tal, o collocão de alguma sorte em hum estado de innocencia, e lhe dão a faculdade de ali ficar.

Ora, se á tudo isto juntarmos que essa pena de morte he excentrica das nossas leis; se juntarmos que, numa grande parte dos criminosos em questião forão arrancados de seo fóro natural, onde devião responder por seos crimes, para serem entregues á juizes dependentes, e por via de regra ignorantes das leis civis, e por tanto bons instrumentos da tyrannia: concluiremos que não temos mais garantias. Humma nação, depois de ter promettido á cada hum de seos membros individualmente que *ellis não serão julgados, senão segundo as firmas estabelecidas antes dos delictos quaesquer* que elles poderião commetter; não tem o direito de os privar do beneficio de suas promessas. Negar esta proposição, seria legitimar os massacres populares. Humma multidão desenfreada, que assassina aquelles, que se lhe tem denunciado, como culpados, não faz outra coisa mais, do que tirar-lhes a protecção das fórmulas. Mesmo os Legisladores não são authorisados á commetter o que he o mais horrivel attentado de humma nação inteira; a violação das fórmulas, ordenada pelos mandatarios do povo, não he mais legitima, que a violação das fórmulas por esse mesmo povo: he hum assassinato por procuração.

Por conseguinte, a violação das leis, e das reformas legaes, e o refinamento dos castigos, e castigos, que não forão impostos pelas leis; trazem necessaria-

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a prancha
Capaz de tornar vertulha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indetermindamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 17, e 64. Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

« Le premier devoir d'un prince est de vouloir ce que veut le peuple : Ceste en vain que les vieilles aristocraties multiplieraient leurs efforts pour s'opposer que la régénération moderne s'accomplisse!.. »

NAPOLEÃO EM ST. HELENA.

Quando vimos encabeçado no artigo 113 do Codigo criminal o crime commettido na Bahia no luctuoso e desgraçado dia.. de Setembro de 1857; nunca nos persuadimos que o Jury julgasse que o que tinha havido, era huma *insurreição de escravos*, pois que assim julgando, elles se consideravão á si mesmos escravos: por quanto dizendo este artigo (*insurreição*): « *Dá-se este crime, ou julga-se commettido este crime, reunindo-se vinte ou mais escravos, para haverem a liberdade por meio da força* »: segue-se que aquelles, dentre os *Bahianos escravos*, que se reunirão naquella dia, foi com o fim de haverem a liberdade por meio da força. Mas entretanto nada se podia e se devia esperar de hum jury composto de pessoas todas, que tinham offensas pessoais a vingar, quer antigas, quer originadas pela revolução; senão hum semelhante julgamento. Porem que os Juizes letrados, os Dezenbargadores assim da

Relação da Bahia, como d'aqui, entendessem que a revolução da Bahia era huma insurreição de escravos, e que por tanto as seus cabeças estavam passivas da pena de morte, he certamente o que nunca pensamos ver verificado. Tanto era esta nossa convicção, que de proposito nunca escrevemos huma linha á tal respeito para não prevenirmos o espirito dos juizes, e não perturbar suas consciencias anticipando nosso juizo, bem que imparcial. Porem hoje que elles se tem manifestado: hoje que elles tem mostrado aos Brasileiros que as suas garantias estão na força e resistencia: não temos outro remedio senão gritar: « Resistencia, Brasileiros, resistencia á oppressão, e estaes no vosso direito! » Pena de morte em crimes politicos contra a expressão das Leis em vigor!.. Pena de morte, que não está escripta nos Codigos da Nação!.. Resistencia á essa pena, excentrica de nossas leis penaes! Resistencia aos tyrannos *meias caras* que nos querem tirar a liberdade, começando por nos tirar a vida para nos amedrontar! Resistencia!.. Quando as nossas Leis impozerem a pena de morte nos crimes politicos, nós reuniríamos os nossos esforços aos dos verdadeiros philantropos para nos oppormos á sua exe-

porque, o Sr. Ramiro chamou á sua presença hum Negoeiante estrangeiro, e lhe manda que se mude d'esta corte para Campos, ou São Paulo, ou Minas; mas nem tudo se pode declarar. Si esse sujeito fosse *rival* de S. Ex., e tivesse a ousadia de não querer deixar a namorada?..

CARAMBOLLA.

Consta, que S. E. pequenina, que *tisnou* o emprego em que servio na Bahia, deseja a morte de todas as victimas da Relação da Corte; mas como huma d'ellas he *parente*, entrará esta no numero dos perdoados, e assim *jogará por tabella*, no que tem exercicio pratico—*ha muitos annos*.

ESPIONAGEM.

—Consta que n'hum destes dias, em certa reunião para se tratar da sorte dos presos da Bahia, condemnados iniquamente á morte pela Relação, o Sr. Ramiro n'hum longo discurso, em que só respirava ferocidade de tigre, exigio o cumprimento d'aquella sentença! Ignoramos o resultado.

—Consta que no tempo em que o Sr. Salvador José Maciel era Ministro da Marinha, perguntando os collegas, em certa reunião—em que repartição se roubaria mais, ou haverião mais ladrões, S. Ex. levantando o bastão de *Patrão-Mór* (como o appellidavão) dice afogueado:—na minha, na minha, que debaixo do mais pequeno cavaco, tira-se mais de huma duzia.... S. Ex. fez depois as devidas excepções.

—Affirma-se que a gloria Militar, ou o homem das *vias*, vai ser escolhido Ministro da Guerra!... Não ha duvida, quer-se que a vinha do Senhor seja cultivada, se com homens, *Sois*, ou com *bestas*, isso he indifferente, porque todos são animaes. Eleitores, admirai a vossa obra!...

—*Liga Americana*. Os Inglezes vie-

rão hontem dentro do nossa barra apresionar o navio *saudade*. Bem diz o Sr. Deputado May, que—tão bom he Pedro como seo amo! Veremos quinta feira o que se diz á respeito de tal insulto feito ao Governo.

SERINGADA.

—Em que se parece (perguntou hum sujeito no theatro, vendo o Sofestigão) o Sr. *rango-rango-Moirão* com o lustre grande? Em chuxar por todos os lados (respondeo outro).—Chuxa do do J. do C., do Despertador, do Diario do Rio, do Instincto, e até da *Ortiga* chuxa hoje esta—*seringada*.

—P. Qual he o empregado de *peso* que, apresentando maior impostura, tem mais protecção? R.—Aquelle, que moncomunado com os seus, *caminha* agigantado para a sua felicidade, apresentando, com regular ordenado, huma admiravel fortuna.

—Em que se parece S. E. *tisnada* com o peixe Linguado? Em ser pequenino, e em ter a boca torta.

—*Por impostura tudo se faz*.—Suicidarão-se dous paes de familia; o Oliveira, *que todo o mundo o conhecco*, tem sido cantado, chorado, e assignalado, ficando sua familia, agora feliz, só porque morava perto do Regente, e de *Gente Limpa*; o outro, Militar, dizem que honesto, ninguem cura de saber-lhe o nome, nem de procurar as filhas (pequeninas) para as soccorrer! Veja-se o que he mundo, e o que são os homens!

NOTANDUM.

—No numero seguinte, que sahirá á luz hum destes dias, publicaremos o longo artigo sobre os abusos, e arbitriariedades do M. da Guerra, ultimado com a noticia de se fazer Capitão o francez vendedor de bonecos, para acompanhar o Sr. Labatut.

só por bem me conhecer, como também para querer mostrar-lhe os meos documentos e que no dia seguinte apresentar-me-hia no Quartel General para as necessarias explicações, devia de certo annuir ao meo pedido, foi porem negativa a resposta de S. S. Exausto de recursos, ja me dispunha a passar huma noite horrorosa, tendo presente para mais inquieta tornar a minha posição, os tormentos de minha familia nessa noite em que me não via recolher-me por graça especial do Ceo, sendo ja 10 horas da noite, chega ao quartel o tão suspirado General, e com voz pouço attenciosa:—Quem he você? Pergunta-me. Satisfiz-lhe em tudo: então, por muito obzequio,—vá-se embora, me dice. Tinha passado 4 horas de angustias! mas, em fim, não tive de dormir no xadrez; nem mais de aturar grosserias. Retirei-me *encavacado*, alegrava-me porem a lembrança de que a minha sorte tinha já sido compartida até por Sacerdotes respeitaveis!

Eis pois, o novo plano: tudo prender, inclusive velhos, meços, meninos, tudo agarrar, tudo metter no xadrez; huma noite, de pressa se passa; e que importa que soffra hum cidadão! Que fique atormentada huma familia inteira! Que estejamos todos sujeitos á grosseria insolencia de soldados pouco comedidos!.. Eia pois, todos os que não quizerem soffrer estes incommodos tomem o conselho que vou dar—Fujão como pretendo fugir, dos agarradores pois não se fiem em documentos, nem graduações, que de nada servem para os livrar do incommodo, e vexame.

Hum Professor Publico.

—Primeiro que tudo pedimos ao nosso correspondente nos desculpe o havermos omittido algumas linhas da sua correspondencia, porque estamos convencido, que S. Ex. o Sr. Paula

Vasconcellos não authorisa os soldados a commetter abusos, grosserias, e arbitrariedades. He verdade que ninguém está seguro; o homem mais isempto do recrutamento, a pesar de modesto, e attencioso, não está livre de ser incommodado na prisão, alem do vexame de andar entre escoltas pelas ruas da cidade. Nós esperamos, que S. Ex. dará á tal respeito as mais energicas providencias, a fim de que se não renovem as tristes scenas que preparáráo o Sete de Abril de 1851.

Certamente a Administração de 19 de Setembro, por mais inteligente, não se valeria de semelhantes meios, que mais servirão para desconceituar o governo actual, do que para dar-lhe força.

—Assustão-se porahi muitas pessoas porque fallamos com desembaraço em cores; não teem razão, porque ja lá se foi o tempo em que se dizia—fulano he excellente pessoa; nem parece ser pardo! O mulato deve dizer que o he com a mesma franqueza com que o diz o branco, o caboucolo &c. Não tenham medo os brancos, dos homens de côr livres, porque elles são demasiadamente mais seus amigos, e sempre por elles fazem os mais penosos sacrificios; seo amor ao paiz e ás instituições livres, he extraordinario; o que lhes faltava era illustração, essa ja têm em grande copia. Outros são os males de que os brancos se devem receiar; ninguém, em boa fé, tem direito de suspeitar mal d'aquelles que bem se comportando em tudo, nunca traição seus amigos. A carnificina que se faz na Europa; o sangue humano que em jorros tem alagado as ruas de illustradas populações do velho mundo, nada disto he certamente motivado por differenças de cor. Os bons e os máos são oriundos de todas as partes.

BICADINHAS.

Quer, saber o *Diario do Rio* a razão

Semelhante quartada he inadmissivel; por quanto, a questao *de meritis* era realmente—se o processo estava nullo, ou não:—logo que o Sr. Chichorro votou pela nullidade do processo, votado tinha *de meritis*. Não se justifica por tanto o Sr. Chichorro com tal allegação. Supponhamos porem, por hum momento que essa allegação era valiosa; perguntamos ao Sr. Chichorro, qual a lei, qual o principio de direito, que o levou a impor penas militares a reos, que só á ellas crão sujeitos por hum processo, que a sua consciencia reconhecia nullo? O voto de seos collegas, contrario ao seo, não lhe podia impor esse dever. O Sr. Chichorro, julgador collectivamente com os seos collegas, não fazia de Juiz de Direito, e elles de jurados; como julgador poder-lhe hia talvez pertencer ampliar a pena; mas nunca, sendo julgador, podia ser obrigado a declarar a pena correspondente a hum crime, que não elle, mas seos Collegas julgarão existir. O Sr. Chichorro, finalmente devia lembrar-se de que era membro de hum Tribunal, cuja organização muito difere da do Jury: a que votando como votou, seguiu a lei organica deste, e não a da Relação a que pertence. Evidente he pois, que nenhum dever obrigava o Sr. Chichorro a votar a Pena Capital; e por tanto ainda na hipothese, que por hum momento concedemos, o Sr. Chichorro não se justifica.

Acabamos de dizer que—como julgador poder-lhe-hia talvez pertencer ampliar a pena;—e faremos ver, quando apresentarmos a analyse regular desse abominavel Accordão, que essa ampliação só podia ter lugar, se a justiça tivesse reccorrido, por achal-a menor do que a correspondente ao crime.

Com tudo, a pesar do Sr. Chichorro não se justificar, o passo que deo de vir perante a opinião publica, muito atenua as antipathias, de que, por aquel-

le julgado, se faria credor. Por este meio mostra o Sr. Chichorro, que não forão motivos ignominiosos que dictarão o seo voto. Oxalá que outro tanto possão mostrar hum Vernek, hum Sequeira, hum Lisboa, hum Cavalcanti, e hum Pantoja, que, despresando a opinião publica, e julgando-se superiores á lei, commettem attentados desta ordem, sem que ao menos procurem disfarçar a ferocidade de seos corações, e desculpar taes erros, e taes crimes! Mas tremão! tremão!. Quando o povo se collocar soberano, (o que não está longe) os punirá com mão de ferro!!

—
Sr. Redactor.—No dia 25 do corrente, pelas 6 horas da tarde, passando eu pela rua de S. Joaquim, eu, Empregado d'hum Repartição que até do serviço da G. N. está isenta, vi-me assaltado por hum individuo, mais de meio nas vinhas do Senhor, e coberto com hum cousa á modo de farda, toda desabotada, com canhões, e golla virados, mal se podendo assim tomar-o por soldado—quem he você?—me perguntou o sucio com voz arrogante—tomando-o, por causa do seo traje, e de sua voz, por algum especulador, que queria agenciar seos vintens á custa dos timoratos, e papalvos, não quiz aviltar-me respondendo-o, nem se o fizesse d'alguma causa isso me valeria. Tive de hir prezo para o Quartel do campo, onde o borracho entregou-me a hum cadete, que tomou-me o nome, sem nada mais inquerir-me: julguei acertado então declarar quem era; não fui attendido, e responderão-me mandando-me para o xadrez. Appellei para o official do dia, e este declarando me que não duvidava de minhas palavras, pois que até as confirmavão alguns dos officiaes que me conhecião, terminou asseverando, que nada podia fazer. Recorri ao Sr. Cypriano, muito digno Commandante do corpo, que não

juizado, que o crime não era militar, e que as penas, a que os réos estavam sujeitos, eram as decretadas no Código Criminal, e não as militares; e pois não devo consentir, que o esclarecido, e recto tribunal da publica opinião, que muito respeito, me julgue á vista de huma exposição inexacta, e até contraditoria, rogo-lhe o obsequio de transcrever estas linhas na primeira folha, que der á luz. Havendo o meo Collega, o Sr. Pantoja, sustentado, que o crime dos recorrentes não era puramente militar, e que por consequencia illegalmente havião sido submettiões ao juizo e leis militares; eu sustentei a mesma opinião; e ja em outra occasião o havia feito no processo de revista concedida a Felipe Alves de Oliveira: todavia contra nossos votos, e precedente a respeito deste Oliveira, decidio se, que o crime d'aquelles era militar, e por consequencia competentes para seo julgamento o foro, e leis militares.

Suscitou-se depois a questão se o foro militar seria tambem competente para julgar alguns dos reos, que erão Milicianos, estando extinctos os corpos de milicias, e não se achando elles em serviço, nem vencendo soldo — foi meo voto, que estas circumstancias, os não excluão do foro militar, que a lei lhes destinára, nos crimes da sua competencia, como era o de que se tratava, não segundo o meo pensar, porem conforme havia sido deliberado. Passou-se a julgar de *meritis*, e achando-se decidido, como estava, contra o meo voto, e o do Sr. Pantoja, que o crime dos recorrentes era militar, e por consequencia sujeito ao juizo, e leis militares, impuz-lhes as penas destas. Eis meos votos taes quaes forão proferidos, e constão de hum artigo do Jornal do Commercio de 16 do corrente, n. 14, e do proprio Accordão transcripto no de 25, n. 20. Se fui exacto executor das leis do meo Paiz, ou se mereço a execração publica e a maldição Divina

a que fui recommendado, decidão meos Concidadãos, para quem appello. Rio de Janeiro 25 de Janeiro de 1840.

Antonio Pinto Chichorro da Gama.

— Publicando a correspondencia á cima mostramos a boa fé, que nos dirigio quando censurámos a execravel sentença proferida pela relação desta corte, revisora do processo feito aos complicados na sedição da Bahia. Bem como agora, sempre todos que se acharem offendidos terão promptas ás nossas columnas para publicar suas justificações. Mas, perguntamos, justifica-se o Sr. Chichorro? Fomos nós contraditorio? Vejamos.

No nosso numero antecedente dissemos— a pesar da solidez dos fundamentos allegados pelo Juiz Relator, os seus collegas decidirão que o crime era militar—; e depois acrescentámos— que o Sr. Chichorro votara de morte, tendo precedentemente votado, que o crime não era militar— Não diz esta declaração o mesmo que o Sr. Chichorro diz no seo communicado? Onde está pois a nossa contradicção? Não a vemos.

Passemos agora á parte em que o Sr. Chichorro procura justificar-se da odiosidade, que chamou sobre si impondo a pena capital aos réos de que tratamos.

He o Sr. Chichorro que confessa não ter achado fundamento algum, para classificar-se *como crime militar* o crime daquelles réos; como pois lhes impoz a pena, que só lhes podia ser imposta, se elles houvessem comettido esse crime, que o mesmo Sr. Chichorro julgon não ter sido por elles perpetrado? Porque, diz o Sr. Chichorro,— tendo eu a votar *de meritis*, e tendo os meos collegas, menos o Sr. Pantoja, julgado o crime militar, cumpria-me impor-lhes a pena correspondente, que era a capital. —

espíritos começou a manifestar-se pelos fins do Governo de 19 de Setembro, e d'ahi data o infernal aborto d'essa bem conhecida *influencia permanente mente maligna, e constantemente hostil e infensa á ordem e tranquillidade publica*, que ambicionando a gerencia dos Negocios do Estado, e não podendo-a ter exclusivamente com semelhante gabinete, conseguiu derriba-lo. Tal he a potencia sua!... Houve quem lembrasse alguns membros da opposição, para substituir aos demittidos; porem logo appareceu quem advertisse, que estes só respeitarião a Constituição e as leis do Paiz, despresando completamente tudo mais, que lhes fosse extranho; em consequencia do que decidio-se sem mais debate, que nem as notabilidades de 19 de Setembro, nem as de 12 de Outubro convirião ao systema que se pretendia adoptar, e foi então, que por desgraça do Brasil prevalecendo o terrivel, e funesto conselho do atroz, e vingativo velho genio do mal, esse Fluminense, que devendo tudo ás instituições liberaes de seo Paiz, que o fizerão passar de F. V. Barboza, Capitão de Engenheiros, á Deputado, Senador do Imperio, Marquez de Paranaguá, Conselheiro d'Estado &c. &c., tem com braço firme, e punhal agudo, por mais de huma vez atraiçoadamente ferido a liberdade, sua generosa protectora; forão elevadas á dignidade de Ministros da Corôa (salvo rarissimas excepções) malevolos ignorantes, malversadores (alguns d'elles) com a mais odiosa biografia, onde se encontrão repetidas baixezas, infamias, crimes, e traições contra o Paiz, que de boa fé, generoso, e hospitaleiro lhes abriu os braços e os cuecos de riquezas, e dignidades. Essas sanguisugas embriagadas do prazer, e surpresa, cederão sem a menor resistencia toda acção governativa á essa infernal *cabeça de Meduza*, guardando para si unicamente

a faculdade de se poderem despachar reciprocamente, da qual se servirão logo, e logo, preterindo o mérito, e a virtude. e violando todas as leis com o mais revoltante escandalo.

Hum tão pernicioso estado prometto grande duração, porque a infernal *cabeça de Meduza* ainda se acha vigorosa e activa, tendo só o poder de abatel-a, e neutralizal-a, a Regencia da Sr. D. Januaria ou a declaração de maioridade do Sr. D. Pedro II: venha pois huma d'ellas salvar o Brasil, que se vê ameaçado da mais feroz anarchia, promovida pelos sectarios do absolutismo, que a julgão indispensavel, para o complemento de seus nefandos projectos, que nada menos são do que erguerem na terra de Santa Cruz hum throno de ferro. Insensatos! Com que pressa accendeis a fogueira, que vos deve queimar! Com que precipitação procurais o assás merecido castigo de vossos enormes delictos! Continuai nas vossas infernaes machinações, desacreditai a Constituição, e o acto adicional, abalai assim os alicerces do edificio social, e sereis os primeiros esmagados sob suas ruinas! O Brasil porem protegido sempre pela Divina Providencia, triumphará de seus ligadaes inimigos, será Nação livre e independente, onde só será defendido, e apoiado o throno, que tiver por base a justiça, e a liberdade.

— — —

Sr. Redactor da Ortiga. — Lendo o artigo da sua folha de hoje, relativo ao Accordão proferido em grão de revista na Relação desta Corte, á cerca de alguns Militares, envolvidos na rebellião, que teve lugar na Cidade da Bahia, achei-me contemplado entre os meos Collegas, que julgarão militar o crime dos recorrentes; sendo mais adiante taxado de contradictorio, por impôr pena capital a todos os réos, dizendo-se, que precedentemente havia

mo! Viva a Constituição e a Monarchia legada pelo Immortal Fundador do Imperio!!

Já no nosso numero antecedente fizemos ver, quanto ignominiosa era ás importantes Provincias do Sul da União Brasileira a organização do actual gabinete: já fizemos ver, que hum facho de discordia está acceso, despresando-se tão grandes capacidades, como algumas que virão a primeira luz do dia nas Provincias de S. Paulo, Minas, e Rio de Janeiro, e dando-se o Governo do Estado só a Nortistas. Agora passaremos a mostrar a condemnavel politica que esse gabinete tem adoptado, na repartição dos cargos publicos.

Ninguem ignora, que nas Provincias do Norte, os Brasileiros nascido ao Sul do Imperio, são tratados, não como estrangeiros; mas como inimigos. Particularmente na Provincia da Bahia os Sulistas, e especialmente os Fluminenses são olhados — como cães damnados: — o epitheto de — marotos — que ali se applica aos nossos oppressores, foi pelos Bahianos adoptado para designar os Fluminenses, chamando-os — marotos do Rio. — Não ha Fluminense algum, que ali obtenha emprego; a guerra aberta finalmente he pelos Nortistas feita aos Sulistas. Neste estado de cousas, que cumpria á Administração fazer? Se não pôde abafar aquelle ciúme que o Sul tem ao Norte, cumpria-lhe não irritar o Sul, preferindo aos seus filhos quanto Nortista, especialmente Bahiano, aqui chega ao cheiro dos Empregos da Corte e Provincias do Sul.

Lancemos as vistas por todas as repartições; que observamos? Nortistas e mais Nortistas, especialmente Bahianos as inundão, e occupão os lugares de maior consideração; ao mesmo tempo que nas Provincias do Norte hum só Fluminense (cremos não errar)

não he empregado, mesmo no menor lugar!.. Chega a tanto, que, de facto, servindo entre nós a *cor* de obstaculo aos empregos, esta regra só soffre excepção se o *mulato* he da Bahia!... Talvez não nos acreditem? Vamos dar alguns exemplos.

Qual he o *mulato* Fluminense empregado na Diplomacia? Nenhum; mas Bahianos, alguns contamos. Teremos Ecclesiasticos Fluminenses com serviços, talentos e virtudes? Temos; pois lá se foi buscar hum Nortista para Bispo do Rio de Janeiro.

Haverão Fluminenses aptos para exercerem os empregos das Alfandegas? De certo que sim; pois lá estão na Alfandega alguns Nortistas, e em optimos lugares, a pesar de sua pouca, ou nenhuma capacidade. Corrao-se todas as repartições: Junta do Commercio, Secretarias de Estado, Relação, Tribunal Supremo, Arsenaes, todas, todas finalmente, e a cada canto se esbarrará com hum Nortista, e especialmente Bahiano. Chega a tanto a ultrajante parcialidade, que fazendo-se hum concurso para Stereometra da Alfandega, e concorrendo muitos Fluminenses, nenhum obteve esse emprego, e foi para eile preferido hum estrangeiro (Nortista) a pesar de ignorar os elementos da sciencia; e se não se proveo esse lugar em hum Bahiano, foi certamente porque nenhum concorreo! Que resultado pode trazer tão triste parcialidade? E ha razão porque se queixem de que nos lamentemos? Desgraçados Sulistas, nascestes para escravos dos Nortistas. As eleições batem á porta, veremos como nos portamos!..

COMMUNICADOS.

A regencia da Augusta Princeza D. Januaria, ou a dispensa de idade ao Sr. D. Pedro II. he geralmente suspirada pelos Brasileiros dignos de tão honroso nome. Esta disposição dos

devem ser considerados, como *pessoas*? serão elles considerados como cães, ou como bestas, visto que, segundo os Srs. Dezembargadores, elles não podem ser julgados *pessoas*, pois que á serem, não podião deixar de ser tidos como sediciosos? Ou os Srs. Dezembargadores raciocinão, como a negra, que indo ver, quem battia á porta, voltou dizendo que *não era ninguém*, que era hum *soldado*? Sendo assim, elles tem razão.

Nós somos inimigos de revoluções, nós as reputamos a origem de todos os males, que affligem o Brasil; mas não podemos soffrer que se não executem as leis que temos: ellas não são sufficientes para reprimir o crime; ellas não causão medo aos perturbadores; entendemos que convem modificá-las, reformá-las, substituí-las por outras, que offereção mais garantias ao paiz: mas em quanto não as temos assim, convem por espirito de justiça, e mesmo de ordem, executar as vigentes, taes como estão escriptas.

Era preciso matar-se alguns chefes ou cabeças da rebellião da Bahia; mas foyheou-se todo o Código, e não se achou hum só artigo, em que a morte fosse encontrada para taes crimes: era porem preciso matar-se: e então que fazer? Encabeçar-se a revolução da Bahia nos art. 115, e 114 do Código!!! Diz pois o art. 115: » Julgar-se-ha commetido este crime, *reunindo-se vinte ou mais escravos*, para haverem a liberdade por meio da força.» Pois houve com effeito na Bahia huma revolta de escravos com o fim de *haver a liberdade* por meio da força? Está convencida a Relação; está convencido o Governo; está convencida a nação toda, que o que houve na Bahia foi *huma revolta de escravos*? Ou julgou-se tal aquella revolução, porque alguns chefes, e empregados rebeldes erão *homens de cor*?... Se foi este o pensamento dos instituidores do processo, e dos que o julgarão na Bahia, então a nação está dividida.

ou para melhor dizer não existe Nação! » Penas—aos cabeças—de morte, no grão maximo; de galés perpetuas no medio, e por 20 annos no minimo—aos mais—*açoutes*. Logo (art. 114) sendo o Sabino e outros, mulatos *conhecidos*, reputados cabeças, *pessoas livres*, devem soffrer a pena de morte, unica imposta á crimes politicos.

Mas ha réos, que são militares, prescinde-se da natureza do crime classificado pelo Código, e converte se hum crime politico em crime militar!

Oh, Brasileiros desvairados, que impunhaes a espada da rebeldia no Rio Grande, vêde a sorte, que vos espera, quando fordes desarmados pela persuação, ou pelas armas da lei! Huns serão considerados *escravos*, ou como seus cabeças, visto que admittistes escravos nas vossas fileiras: outros, que são militares, encontrarão as Relações do Imperio com o art. 308! Sereis por força enforcados, ou como chefes de negros, ou como violadores dos artigos 1.º e 15.º do Regulamento militar, applicados aos infelizes Bahianos!

Si o Governo não pésa na balança da prudencia e da justiça todas estas atrocidades: si elle em sua consciencia, *sabendo que os verdadeiros authores da revolução da Bahia estão passeando*, e *ufanando-se de ter sabido manejar as cousas de modo, que ficarão de fora*; si elle não vir que, dando execução á semelhante sentença, obra impolitica-mente á cerca de outras provincias, que se achão rebelladas, maxime a de S. Pedro do Sul; si não julgar que o meio mais facil de promover-se revoltas, e trazer a ruina ao Imperio, he consentir em injustas penas: então nada damos pela segurança do Paiz, e ninguém se acha seguro; e em tal conjunctura *malo periculosam libertatem, quam quietum servitium!* Alerta, Brasileiros! Se dormis por tal modo, quando acordardes, vos achareis vós e vossos filhos atados...

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida.
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar veruelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

Quousque tandem abutere.... patientia nostra!... Até quando se abuzará da paciência dos Brasileiros! Até quando se contará com a sua resignação para soffrer o arbitrio dos que os governão! Quando se cessará de desafiar a sua colera! Basta de soffrer... Brasileiros, alerta, que estaes sem liberdade! Acordai do lethargo, em que jazeis, e levantai-vos, em quanto he tempo! O dia 14 de Janeiro de 1840 foi escolhido pela Relação do Rio de Janeiro para se lançar os primeiros fundamentos do governo absoluto! Esse nefando dia nos veio offerecer o horroroso espectáculo de hum julgamento feroz, iniquo, illegal, e sobre maneira despotico, e arbitrario! *Horresco referens!*... Nesse dia de horror proferio-se na Relação do Rio de Janeiro a espantosa condenação á morte de homens, que estando no degredo cumprindo sentença, de que appellarão, procurando aliviar sua sorte, recorrendo ás justicas do paiz, encontrarão a morte, em vez de limitivo! Oh! perfidia, oh negra traição!

Diversas sedições se tem feito no Brasil, por sua desgraça; em todas se tem achado militares; todos os criminosos tem sido julgados pelo jury; muitos delles recorrerão á esta mesma Re-

lação: todos serão por ella considerados, ou como auctores de rebellião, ou de sedição, e nunca ella achou o artigo 508 do Codigo Criminal, que contra o espirito, e genuina intelligencia dos artigos 110 e 111 do mesmo Codigo, ella quiz acarretar para encetar a sua carreira de massacres! Onde achou a Relação que o crime de conspiração, rebellião, e sedição, era crime militar! Qual foi o publicista, o juriconsulto, que lhe ministrarão essas idéas? Em que Codigo achou ella, que tal crime era militar? E ainda regulando-se pelo da Turquia, ou pelo livro V. das Ordenações do Reino, estão elles em execução entre nós? He por elles que devem ser julgados os Brasileiros? Quando diz o artigo 110 (rebellião) que se dá este crime «reunindo-se huma ou mais povoações, que comprehendão todas mais de vinte mil *personas* para se perpetrar alguns dos crimes &c.» entendem os Srs. Dezembargadores que estes crimes só podem ou devem ser commettidos por paisanos? Entendem ainda estes Srs., quando se trata de sedição (artigo 111) e se diz que «jugar-se-ha commettido este crime, ajuntando-se mais de vinte *personas* armadas todas ou parte dellas, &c. que, havendo militares armados, ou não, mas fazendo parte do ajuntamento, elles não

ras... de que gente se formará ella?...
Fóra a liga, nada do liga... Sejam os
francos, procuremos a felicidade de
nosso paiz, e não evotemos os Eu-
ropéos; e se o fizermos, recuaremos
da civilisação para a barbaridade.

Americus.

ANNUNCIOS.

Os aspirantes endinheirados, que pre-
tenderem algum dos lugares, que se
vão prover, dirijão-se aos corretores;
e les jolis garçons, ás corretoras, do
directorio feminino ecclesiastico aman-
tético, que he presidido pela cabeça de
Meduza.

Consta-nos que o riquissimo capita-
lista, o Sr. Luiz Manoel Alves de Aze-
vedo, parente da Ex.^{ma} Sra. D. Luiza
mulher do actual Regente o Ex.^{mo} Sr.
Pedro d'Araujo Lima, e sob cuja ad-
ministração as Rendas do Consulado
de que S. M.^{cc} ou S. S.^a era adminis-
trador, forão delapidadas, agatanhadas,
entisicadas, e tudo o que acaba em—
adas — inclusivamente roubadas, já fo-
ra tomar posse do seo novo emprego de
Official de Secretaria dos Negocios do
Imperio!!!.....

ORTIGADAS.

— O Diario do Rio, que pareceo pe-
dir a cabeça dos Réos políticos da Bahia,
não pensou talvez no quanto isso aggra-
vará as circumstancias em que nos vemos
para com os dissidentes do Rio Grande.
Meos Senhores, pensal o bem, e fazel-o
melhor!..

— Consta que o encarregado de ne-
gocios Inglez reprehendendo ao Sr. dos
Moirões Figanière a sua fraqueza de men-
digar bilhete para ir ao baile da Har-
monia, que dizem ser o baile dos Con-
trabandistas, o Sr. de Figanière lhe
respondera que fora para illudir a boa
fé dos seus compatriotas, para pilhar-
lhes algumas graças, e depois denun-

ciar aos Inglezes tudo, o que elles lhe
houvessem communicado.

— *O instincto* do Sr. dos Moirões Fi-
ganière pela Nação Britannica, e pelos
Inglezes — dizia um dia d'estes um
capote de bom gosto lá das bandas do
Catete, não é dote seo especial — é sim
ab initio, e de familia. E' a *transmi-*
nibilidade da politica e do systema. O
Sr. seu Pai, que Deos haja, é accusado
de vender a sua Patria aos Inglezes,
entregando lhes o arsenal de Toulon: o
actual Mr. dos Moirões, que *filho de*
peixe sabe nadar, pretende — *vulha sem-*
pre a verdade — pretenderá (não ahan-
çamos) vender Portugal sua Patria aos
Inglezes, para imitar o exemplo pa-
terno.

— *Brigam as comadres, descubrem se*
as verdades: é velho dictado de nossos
avós muito verdadeiro. Eis que elle se
verifica com o Sr. José Marcelino da
Rocha Cabra, que se prova estar alie-
nado e demente — que vice-Consul cá
teve Portugal! E os 15:000\$ de réis,
— vispera!...

— Consta que o Sr. Mello diz, que
se a Camara Municipal não for recleita,
elle protesta não ser administrador das
obras da que for escolhida. Ora, que
novidade nos dá o Sr. Cavalleiro! Es-
tamos certos que nem será preciso S.
S. ter o trabalho de pedir demissão;
hão de haver amigos, que hão de li-
vral-o desse incommodo, tão certo co-
mo 4 vezes 10, são 40:000\$000 de rs.
Que bom quatrienio!!!

— Eleições! Eleições! Já os jornaes
publicão suas chapas, já os cabalistas
fazem suas sessões, e em breve tudo
será furor, transacções tudo — oh! eu
te invoco, ó musa da tragedia!...

— Igualdade, Liberdade, nivelamen-
to, ordem, paz, amizade, tudo, tudo
nestes seis mezes será huma maravilha
— É porque, perguntou hum cidadão —
por causa das eleições, das eleições,
respondeo hum *patriota de chapa*.

mado, e que além disto haja huma pequena embarcação accessoria, para exercicios praticos sobre a Vella, unica occorrença, que tornaria o novo estabelecimento superior ao antigo, por dar tambem alguns conhecimentos praticos aos jovens, que se dedicão á Marinha de Guerra Brasileira, servindo semelhante censura não só de modesto elogio ao conhecido mérito do Sr. Torres, como para lembrar ao Exm. Sr. Jacintho Roque, que lhe cumpra pôr em inteiro vigôr o citado Decreto, ou derrogal-o completamente, fazendo regressar aquelle estabelecimento para o seu primitivo estado, a fim de não continuarem essas enormes despesas sem outra alguma vantagem, além da que destructa o Sr. José Pereira Pinto, que percêbe por anno a quantia de tres contos settecentos e noventa e dous mil reis, e mais ainda alguns adjuntos, ordenado este superior ao de Senador do Imperio. Por agora concluiremos nosso artigo asseverando aos leitores, que seja qual fôr a deliberação do Exm. Ministro á tal respeito, huma vez que não fira os interesses do Sr. Pereira Pinto, teremos de vêr repetidas vezes o *Amante da verdade* de thuribulo na mão insensando o actual Ministerio, o que he muito proprio d'aquelles que só tem em vista o seu interesse particular.

* * *

CORRESPONDENCIA.

« Qual liga, nem pera liga! »

Sr. REDACTOR. — Assim se tem exprimido o Instincto em differentes N.ºs que tem escripto combattendo a *Liga Americana*. E nós, ligando-nos ao Instincto, repetimos tambem — *Qual liga, nem pera liga* — Com quem hé essa *liga americana*, que se pretende formar? Com os Botocudos? com os Negros? com as fezes da população brasileira? Deixaremos de nos ligar com a gente

europêa, aquella, do quem descendemos, e da qual temos recebido educação, habitos, costumes e civilização, para nos ligarmos, não sabemos com quem? Se repellirmos a gente europêa com *ligas americanas*, não vêem os autores da *Liga*, que ficaremos dominados pelo superabundante n.º de castas heterogeneas, de que está recheado o Brazil, e que elles, sem o pensar, estão procurando realisar as idéas do Velho do Itajuru? Não reflectem os autores da *Liga* que nós carecemos de gente branca para povoar o paiz, venha ella do inferno; e que com as suas doutrinas não só repellem os Europeos, que podem hum dia sobrepujar no Brazil, e contrabalançar as castas brutas; como tambem excitão estas contra aquelles, despertando em seus corações, o odio, que já tem aos Europeos, principalmente aos Portuguezes, por quem se julgão offendidos? Reflectão os Srs. da *Liga* no que estão fazendo, e verão se temos ou não razão. Deixem vir estrangeiros, e mais estrangeiros, da Europa, bem entendido, abramos-lhes os braços; e este hé para nós o unico meio de nos livrarmos dos males, que nos promette o Velho do Itajuru.

Hoje nos propõe a *Liga* que afugentemos os Francezes, amanha os Ingleses, depois os Portuguezes, e depois... somos huns seos criados! Porque não propõem os Americanos do Norte *ligas americanas*? porque elles estão bem ligados, existe entre elles a *homogeneidade* que não existe entre nós; e a falta della nos perderá infallivelmente, pois só hum cego não vê a quantidade excessiva de gente d'Africa, e de seus descendentes, que enchem o Brasil. Não tenham os da *Liga* medo que percamos o Olypock; deixem se formar os Batalhões estrangeiros, para que se acha o Governo autorizado, e verão se elles battem ou não os soldados de Luis Phillipe; nada de tropas brasilei-

maiores capacidades, as Províncias de Minas, Rio de Janeiro, e S. Paulo, hum Cidadão não houve que merecesse a approvação; que fosse julgado capaz de influir nos destinos da Patria commum, ao mesmo tempo que só baianos tres merecerão essa preferencia!....

Mais leaes, talvez por illudidas, as influencias Fluminenses, Paulistanas, e Mineiras não duvidarão collocar no supremo lugar de chefe temporario do estado a hum pernambucano, em quem suppunhão a capacidade necessaria, para desempenhar as altas funcções desse cargo: seo exemplo porem não foi seguido! De is europeos, hum pernambucano, e tres baianos são as unicas capacidades, que esse mesmo homem só julga dignas, e a quem entrega o governo do paiz!....

A parte que o Sr. Marquez de Paranaguá (homem fatal á terra que o vio nascer) se diz ter tido na formação do actual gabinete, não attenua de maneira alguma a sensação desagradavel, que aos Sulistas ella produzio. Si S. Ex. afastou d'aquelle gabinete o Sr. José Pereira Pinto, porque este Sr. quando ministro costumava andar de sege com hum mulato; se este motivo foi julgado valioso, não haviaão nas Províncias do Sul outros muitos cidadãos, dignos da pasta da marinha; e mais dignos mesmo do que o he o Sr. Pereira Pinto, e muitissimo mais dignos do que o he o seo dilecto o Sr. Jacinto, e que não andão de sege com mulatos, ja que isto tanto desagrada á S. Ex., e aos que se presão o puro sangue dos selvagens Hinos, e ferozes Vándalos?

He na verdade summamente doloroso, que assim sejam tratadas as mais importantes províncias do imperio! He doloroso ver que capacidades de tão subido quilate, como algumas a quem Minas, S. Paulo, e Rio de Janeiro deo o ser, sejam sujeitas ás mediocridades nortistas, que, se não nos governão, e não nos escravisão, logo nos ameaçaõ

com separações, em que o Sul nada perderia; o Norte porem, — tudo!...

ACADEMIA DE MARINHA.

Já ninguém se lembrava de que a Academia de Marinha existia destacada a bordo da Náo Pedro II., quando o *Amante da verdade* veio tiral-a do esquecimento com a sua correspondencia inserta no Jornal do Commercio de 4 do corrente. Julgou elle (não sabemos como) haver provado exuberantemente, com o resultado dos exames no anno de 1859 comparado com os tres annos antecedentes, as grandes vantagens da transferencia d'aquelle estabelecimento de terra para bordo, fazendo dependente d'isso hum effeito, que sendo lhe inteiramente extranho, procede somente de outras causas, que mesmo quando a referida Academia se achava no Mosteiro do S. Bento contribuirão, para que em alguns annos aproveitassem maior numero de alumnos do que em outros; e nem argumente o *Amante da verdade* com a differença que observa entre o numero dos approvados, e matriculados, pois he obvio, que a Nação tira maior vantagem com o aproveitamento de vinte individuos entre cem que se matriculem n'Academia em terra, do que com o de dez, tendo-se matriculado á bordo somente dez. Se o *Amante da verdade* teve em vista louvar os talentos do Sr. J. J. R. Torres (o que não accreditamos) deveria a nosso ver ter censurado franca e terminantemente o actual Ministro da repartição, por não ter desenvolvido o pensamento d'aquelle ex-Ministro seo antecessor, e ainda mais por não executar os artigos mais essenciaes de Decreto, que ordenou a transferencia d'aquella Academia, como sejam por exemplo os que determinão, que a Náo esteja em completo armamento, que n'ella se faça todo o serviço de hum Navio de guerra ar-

fica que ella não podia ser applicada a esses militares, que em 1857 entraram na Rebelião. Em apoio desta doutrina temos mesmo entre outros o julgado proferido pela Relação desta mesma Côrte no Processo do Official d'Armada Philippe Alves d'Oliveira. Foi este co-Réo naquella Rebelião, e como tal pronunciado, e julgado pelos Tribunaes Militares. Recorreo da Sentença: obteve Revista, e a Relação desta Côrte, designada Revisora, julgou nullo o Processo por incompetencia do Juizo.

Muito desejaríamos que os Dezem-bargadores que julgarão agora incursos em crime militar os Réos de que tratamos, nos dissessem, qual o fundamento para o crime destes ser julgado militar, e o do co-Réo Philippe não o ser? Porque razão o crime deste co-Réo foi julgado não sujeito ao Juizo e penas militares, e ao mesmo crime nos outros co-Réos são applicadas as penas militares?

Desgraçado Brasil, taes magistrados são a causa primaria de teos males! Não ha Lei; não ha principio de justiça; não ha norma de julgado que elles respeitem! Sua vontade Omnipotente tudo affronta, e só se curva ás radiações da cabeça de Medusa, e ao poderoso encanto dos pomos das Hisperides!.....

Não contentes com tão atroz julgado esses homens de alma ferina (se alma tem) ousarão ultrapassar a meta ainda não tocada da arbitrariedade! Entre os reccorrentes só a quatro havia sido imposta a pena capital: quatro homicidios porem não bastivão á sua ferocidade: Essa pena por consequente foi ampliada aos mais réos; muitos dos quaes ja estão cumprindo em Fernando de Noronha a pena de trabalhos publicos. A tanto chegou a estúpida impavidez, que hum desses Juizes o Chichorro, votou a pena Capital a todos os reos, tendo precedentemente julgado que o crime não era militar,

e por consequente que a pena militar, a Capital, não lhes podia ser imposta, e que só estavam sujeitos ás decretadas no codigo criminal!! Basta este facto para patentear a sede de sangue, que devora esses homens: basta lembrar que a Justiça, não reccorrendo, achou-se desaggravada, e satisfeita com as penas impostas, para nos convencer-mos de que essa ampliação de pena Capital foi o parto da mais requintada maldade!

Aqui paramos porque não temos em vista apresentar huma analyse desso execrando julgado; só procuramos justificar nossas censuras, e denunciar á execração publica os nomes Chichorro, Sequeira, Verneck, e Cavalcanti. A maldição divina os cubra, e a opinião publica os abomine!

Muitas considerações dignas de reflectida attenção pedião, que do Governo do Imperio não fossem excluidos aquelles Cidadãos, que os interesses publicos a elle chamão, embora não hajão nascido nas Provincias do Norte, ou fora do Brasil: direito, pelo menos igual ao que estes se arrogão, tem de dirigir os negocios do Estado os Brasileiros, que virão a primeira luz do dia nas importantes Provincias de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, e nas outras do Sul da união Brasileira; o Genio do mal porem, que só procura cimentar a desunião entre irmãos, destina huns a mandar, e outros a obedecer! Acendendo assim hum facho de discordia, elle procura fazer nos bem claramente ver, e sentir essa superioridade, sem fundamento, que os Nortistas sobre nós quefem ter e exercer! Na organização do actual Gabinete essas pretensões se manifestão: os Nortistas dominão: seu orgulho está satisfeito!

De além-mar, da Bahia, e Pernambuco se forão tirar os 7 individuos, a quem a gestão suprema dos Negocios publicos foi entregue: nos focos das

Como Monarchista Constitucional reprovamos tao e candalozas tiranias; e como escriptor procuraremos fazer sentir o justo fundamento do nossas censuras.

Quorendo o Governo estabelecer o seo dominio pelo terror, procurou pelos seos Delegados fazer classificar como crime militar a Sedição, que tivora lugar na Bahia. Suas vistas não poderão ser no todo satisfeitas; e só forão classificados como perpetradores de crime militar, e como tal sujeitos ao Juizo, e penas respectivas, aquelles reos que exercerão cargos militares nessa Sedição; que, contra a expressa letra da Lei, foi designada —Rebellião —Reccorrerão os Reos da incompetencia do Juizo, corroborando a violação de seos direitos com as muitas nullidades do Processo, taes como não terem sido alguns dos reos admittidos a dar testemunhas; não se terem continuado os Autos aos respectivos Advogados para deduzirem os seos Embargos; continuarem a ser seos Juizes, os por elles regeitados, como seos inimigos deçlarados, e &c. &c. Tão evidente era a offensa dos direitos, que o Tribunal Supremo (parece-nos que unánimemente) concedeo a Revista por nullidade, devida — á incompetencia do Juizo. — Apoiado no voto de hum tao respeitavel Tribunal, na Legislação Patria, e mesmo estrangeira, e nos casos julgados, o Sr. Dezembragador Gustavo Relator desse Processo, sustentou que o crime não sendo militar, illegalmente os reos haviam sido submettidos ao Juizo, e penas Militares. Os seos esforços porem, em sustentar huma causa tao santa e tao justa, forão baldados, por que o sorte lhe deo por collegas, na Relação Revisora hum Vernek, hum Cavalcanti, hum Sequeira, e hum Chichorro!... Apesar da solidez dos argumentos do Sr. Gustavo, esses Dezembragadores julgão o crime Militar, e declarão os reos

sujeitos ao Juizo, e penas respectivas!...

Tanto tem a injustiça de hum tal julgado de evidente, quanto de revoltante he ver que a vida, a honra, e a fortuna dos Cidadãos estão dependentes de homcas taes como hum Vernek, hum Sequeira, hum Chichorro, &c. Ignorando ou desprezando as Leis, e todos os principios de direito, suas vontades são os fundamentos de seos votos; e julgando-se Senhores do barão e cotello, muito enchutos, e rizonhos proferem —morra,— sem vergonha, nem remorsos!...

Pelo Codigo Criminal a Rebellião he crime politico; e como pelo principio de direito criminal, que — a qualidade do réo não altera a qualidade do delito, mas só sua gravidade — evidente fica, que o crime de Rebellião já mais poderia ser julgado crime militar, por que alguns dos reos, que nella entrárão erão militares. Esta intelligencia da Lei, seguida pela mesma Relação em casos julgados, tem sido adoptada pelos Poderes Legislativo, e Executivo.

No Decreto de 24 d'Outubro de 1858, artigo 2.º, diz-se — No caso de Rebellião, poderá o Governo ordenar, que se observem no Exercito as Leis militares em tempo de guerra. — Não fica evidente que, antes desta disposição, nem o mesmo exercito estava sujeito ás leis militares pelo crime de Rebellião? Ora, não tendo a lei effeito retroactivo; como, os réos da Rebellião que teve lugar em 1857, serão declarados incarsos em crime militar, e como tal sujeitos ao juizo, e penas respectivas, quando só em 24 de Outubro de 1858 he que a lei autorisa o governo para, no caso de Rebellião, fazer observar no exercito as leis militares?

Suppondo mesmo que a militares exulados era applicavel essa disposição de 24 de Outubro de 1858, decretada para corpos do exercito, claro

bravos Militares, que no Rio Grande do Sul, e n'outros pontos do Imperio estão defendendo as Instituições Patrias, a Integridade do Imperio, e o Throno do Augusto Imperador; retinção ainda as queixas, e os lamentos, que essa nefanda Proposta fazia soltar, quando o Sr. Roque de Sena se lembrou de metter mais lenha no fogo, publicando tambem a retalhos huma Proposta, digna irmã da feita pelo seo collega! Serviços, capacidade, antiguidade, tudo foi desatendido; e bem que ao Patronato vigente possamos attribuir esse parto monstruoso, com tudo, por caridade christã queremos attribuil-o á plena incapacidade do Sr. Roque que revela o seguinte facto:

Haverão talvez 6 mezes que o Enter Moruhy se submergiu na Lagoa dos Patos, morrendo, alem de muitos officiaes do Exercito, o seo commandante o Piloto Sabino. Todos os jornaes desta corte deploravão tal catastrophe; e todos devem suppor que ao Ministro de Marinha ella foi communicada. Quem pois poderia agora pensar que S. Ex. despacharia 2.º Tenente d'Armada a esse desgraçado Piloto, afogado há seis mezes, e que a esta hora estará no ceo, em recompensa das injustiças que do Governo soffreo em quanto servio cá na terra!

Pois saibão os Brasileiros, saiba o mundo inteiro, que o Sr. Jacinto Roque de Sena Pereira, Ministro da Marinha do Brasil despachou esse defuncto para official! Se alguém duvida, lá está no Quartel General a communição.

E não basta este despacho para mostrar a reflexão, o exame, e meditação que precedeo a essa Proposta? O ministro, que despacha *hum defuncto de seis mezes*, fez por ventura o exame necessario sobre as qualidades, serviços, estado, aptidão dos que despachou? Este facto, causaria riso, se o resto da Proposta não causasse in-

dignação!... A gente do governo procura desculpar a S. Ex. dizendo, que lindo elle ver a tragedia *Nova Castro*, representada na noite antecedente ao dia da publicação da Proposta, ficara tão electrizado, que exclamara. —

Si Pedro Iguez ja morta fez rainha,
D'hum defuncto fazer quero hum guerreiro,
Mostrar a todos a potencia minha.

Achamos porem que isto não lhe serve de desculpa. Pode esse entusiasmo fazel-o merecedor das *palhas*; porem não de indulgencia.

Dizem ontros — elle quiz mostrar que não esquece os serviços dos mesmos mortos. Nova laurea: nova asneira! Em quanto esse benemerito Piloto viveo, foi desatendido; seos serviços forão desprezados; mas depois de morto, he promovido! Que galanteria!...

Tal he a circunspecção, a capacidade, e a justiça com que os actuaes governantes administram o Paiz!.. Maldita cabeça de Meduza que assim fascinas aquelles, que por desgraça nossa estão no poleiro!...

A execranda sentença que acaba de ser proferida pela Relação desta Corte, designada Revisora do Processo, formado a alguns dos complicados na sedição da Bahia, cobrio de hum ferrete indelevel os nomes Cavalcanti, Verneck, Sequeira, e Chichorro. Hum julgado tão atroz, onde as Leis, e todos os principios de justiça são calcadas aos pés, mostra que nenhum abrigo, nenhuma garantia entre nós tem o Cidadão! Hum julgado tão atroz só pode achar defensores naquelles, que a titulo do Throno só procurão saciar vinganças, e satisfazer suas ferozes inclinações; só pode agradar a fanatizados Republicanos, que esperão, a exemplo dos antigos christãos, que o sangue dos Martires faça germinar em todos os corações o amor a suas opiniões, e doutrinas!

actnaes, e os futuros que se patenteão ainda peiores.

O Brasil já fatigado de ver o seu Governo entregue a mãos profanas, só quer ver á frente da administração huma Pessoa, cujos interesses sejam os interesses do Paiz, e de quem não possa ter razões para suspeitar. Esta Pessoa he S. M. I., ou a Augusta Princeza Imperial a Sra. D. Januaria. Venha ella salvar o Brasil.

Estava ja prompto este artigo, quando lemos o artigo official da convocação d'Assemblea para o 1.º de Abril. Ah! possa ella salvar o Brasil, ouvindo as preces de huma Nação queixosa, de huma Nação tão feliz pelos recursos que conta e tão desgraçada pelos Governos que tem tido.

A DINASTIA PAMPA-GAGELLO.

Não podemos deixar de admirar-nos de que as folhas desta Corte não tenham feito sentir o ridiculo da pertença attribuida ao Presidente Rosas, de querer casar-se com a do Brasil muito amada Princeza Imperial a Sra. D. Januaria.

Impossivel he achar-se hum unico fundamento, para poder-se acreditar que o Patriota Argentino concebera hum tal projecto; e contra essa voz que pela Imprensa se espalhou, e que espalhão os servos de Pedro pacifico, talvez com o fim de predispor para algum projecto que esteja na forja, apresentamos o seguinte artigo de huma carta de Buenos Ayres, que nos foi communicada... » Diz-se aqui pela boca pequena que o ministro Brasileiro *Fuão* apresentára ao Restaurador huma proposta, apoiada pelo Almirante Francez cujas bases são as seguintes:

1.º O menino João, filho do Restaurador, casará com a filha do Regente do Brasil.

2.º A menina Manoelita, filha do

Restaurador, casará com o Duque de Bordeaux.

3.º A Provincia do Monte Video, e a do Rio Grande do Sul formarão huma Monarchia, em beneficio do menino João, e filha do Regente.

4.º A Provincia do Pará formará huma Monarchia em favor dos ditos Duque, e filha do Restaurador.

5.º A França e o Brasil promettem reconhecer, e sustentar o Presidente Rosas como Rei da confederação Argentina.

6.º Buenos-Ayres, a nova Monarchia Oriental do Prata, o Brasil, e a nova Monarchia do Amazonas se obrígaõ a pagar, repartidamente 17 milhões de francos, ao pár, á França, como indemnização de despesas de guerra, &c.»

Ben que aquella carta não afiance a existencia desta proposta, e só se reporte ao rumor, que precede sempre á publicação dos grandes projectos; com tudo coincidencias ha a cuja vista ainda o maior incredulo não poderia deixar de vacillar.

As sympathias dos nossos Governantes para com a França: a continuação da rebelião do Rio Grande, que não se quer acabar: o firme proposito com que o Governo, por suas injustiças parece procurar pôr tudo em desordem: a publicação desse projecto de casamento de Rosas, &c. &c., devem servir-nos de fio de Ariadne, para no labyrintho das asnoiras ministeriaes podermos encontrar o Minotauro, que dormiolados, mas perfidos administradores, possão ter gerado!!...

O DEFUNTO FEITO OFFICIAL!!

Tinha o Sr. Conde de Lagos postergado todos os principios das leis divinas, e humanas; tinha calcado aos pés as leis Patrias com a execranda Proposta, que semanalmente se publica a retalhos; tinha lançado o desgosto, e mesmo o resentimento no coração dos

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a preonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua d'Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 45 e 54, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Certamente algumas pessoas já estavam persuadidas, que a *Ortiga* havia desinhado com o ardor da estação; mas os que conhecem as qualidades naturaes desta planta, loage de a julgarem morta, esperavão-na mais viçosa, e mais picante: eil-a, pois, que de novo brota, e, apesar da mesma estação, suas folhas não murcheão, e suas qualidades não se alterão. Graças á natureza que a creou, e graças ás benéficas mãos, que a cultivarão no desgraçado anno de 39, e que a cultivarão no de 1840.

Fizemos a vontade á aquelles que nos taixavão de precipitados, quando censuravamos os desacertos, erros, e criminosos arbitrios dos actuaes Governantes. Esperai algum tempo mais, nos dizem, e vereis os grandes beneficios que o actual Governo fará ao Paiz. Esperámos; mas que temos visto? O que nunca pensamos ver!!! Com effeito os actuaes ministros do Sr. Pedro de Aranjó Lima vierão justificar a todas quantas administrações os precederão. Os arbitrios, erros, vergonhosas transacções, desprezo de todos os principios de justiça, e moralidade, que revelão as nomeações de Conegos, Monsenhores, Desembargadores, Juizes de Direito, Promoção no Exercito, e Marinha, desperdicio dos dinheiros pu-

blieos, &c. &c., levão os nomes do Srs. Lage, Ramiro, Alves Branco, Jacinto Roque ácima de todos aquelles de que não podemos recordar-nos sem indignação!

Não ha acto algum da presente administração que mereça louvor; poucos são toleraveis, e quasi todos criminosos. Que desgraça!! E poderá servir-lhe de desculpa a insuflação dessa *influencia permanentemente* hostil á ordem, á dignidade, e aos interesses do Brasil? De certo que não. Seo dever lhe dicta a resistencia a essa *cabeça de Medusa*, quem quer que ella seja: ceder a seos caprichos, á sua avidez, á suas torpes inclinações, he constituir-se criminoso!

Tanto são os interesses publicos agredidos; tanto a indisposição publica cresce contra os actuaes Governantes, que a revolução geral ameaça o Brasil inteiro, se com prompto remedio não se tratar de fechar as chagas, que huma administração anti-nacional tem aberto no Estado. Os votos publicos, e a lei fundamental chamão á Regência do Imperio a Augusta Princeza Imperial, que no proximo Março completará a idade pela Constituição exigida, seja Ella, ou S. M. I., declarado maior, collocado á frente da Governo: só assim se farão desaparecer os males

não teme então o Governo que elles fação desta capital esse double posto — que o Sr. Lopes Gama disse no senado, que elles querião estabelecer?

Brasileiros, áleria !... desconfiai de taes hospedes !... Elles já estão de posse de parte de huma provincia do Imperio ; já tem postos militares ao Sul do Brasil ; e quando assim nos aggridem e fallão em —double poste. —scos Batalhões procurão a Capital do Imperio !. Brasileiros ! áleria !...

ORTIGADAS SELECTAS.

—O nosso Governo não dorme: a patria está salva: fizerão-se Monsenhores e Conegos, — que mais he preciso?

— Os Conegos que envelhecerão no serviço, forão preteridos; mas que importa se o Silveira tem influencia na sua Provincia, para onde foi com seis mezes de licença, e os vencimentos!

—Referindo o festejo anniversario do Instituto Historico, diz o Jornal do Commercio, que — apenas o Exm. Regente tomou assento na sala, logo o presidente abriu a sessão, e a musica tocou o —Cavallo de Bronze. — E que tal?....

— Corre por certo, que a Administração vai soffrer algumas alterações. Diz-se que o Sr. Luiz da Cunha Moreira será nomeado Intendente; o Sr. Caminha, Ministro da Marinha; o Sr. Jacinto, Embaixador junto do Paraguay; o Sr. Manoel Alves Branco, Embaixador para a Turquia; e para Ministro da Fazenda hum dos illestres *afins* do Exm. Regente.

ORTIGAS DIPLOMATICAS.

—O Sr. dos Moirões Figanière, apenas partio para Lisboa o Sr. Moreira, correo ao Banco Commercial, aonde se achava depositada a metade dos emolumentos consulares ás ordens do Governo Portuguez, que deveria decidir si pertencião ao ex-Consul, ou ao Ministro, que os cobicava desen-

freadamente, e levantou-os do deposito, sem esperar a decisão do governo. Eis aqui a explicação genuina das ultimas ortigadas, que lhe attribuião as palavras dirigidas ao Sr. de Cabrota, á quem pedia dinheiro dos *meias-caros*, *rendimento bruto*. Consta que fora o Sr. de Kliglehoeff, com quem fez as pazes depois do facto das *calças brancas*, quem lhe ministrára o precioso conselho de apoderar-se do que lhe não pertence, sem decisão do governo de S. M. Fidelissima.

—Para que foi o dinheiro do ex-Consul levantado do banco pelo Sr. dos Moirões? — Respondem alguns abilhudos, que em tudo dão regras — Foi para Mr. de Sofestigão Figanière dar hum baile em honra do anniversario de D. Miguel. O Sr. de Kliglehoeff applaudio, como *metadiço em politica diplomatica*, tão luminosa idéa, por isso que elle, como seo digno irmão — *polidos moções!* — sempre forão miguelistas pela raiva que tem á Portugal e á Portuguezes.

—Perguntando-se ao Sr. ... OFFICIAL MAIOR si lhe era permittido andar sempre de Correio ao lado, e até fazendo com elle visitas particulares, quando seo respectivo Ministro, por não ser *basofio*, nunca queria essa distincção; consta que S. S. respondera: calem-se, que estou me acostumando para quando chegar a minha vez. Que desgraça!!!

—Ignacio José Ferreira faz sciente aos Srs. Croatá, Sendidi, Mamão vermelho, do Ceará, e á seo amigo da Banca do Peixe, que, se alguma vez lhes comprou algumas *sardinhas*, sem pagar, queirão apresentar-lhe suas contas. O anunciante faz esta declaração, por lhe constar que estes Srs. em suas reuniões satyricas da vida particular dos habitantes do Castello, onde o anunciante reside, tem por vezes fallado em *sardinhas* á seo respeito.

rão lá em seus botões, que isto de diplomatas não passando de *mesurciros*, dava-se o baile unicamente para se fazer *mesuras*.

Como não se augmentou o espanto dos convidados, quando entrando na sala do Casbrio do Sr. dos Moirões, virão-a despovoada de cadeiras, e tapetes, sem signaes que affiançassem grandeza, sem indicio que demonstrasse *apparato*!—A modestia he grande nos corações diplomaticos. Mas

..... Aux ames bien nées
La valeur n'attend pas le nombre des années.

La estava postado, para conservar a *civilidade*, e a *decencia* publica e privada, elevado ao posto honroso de mestre sala do Sr. dos Moirões, o insigne diplomata, Mr. Klingelhoefser.

Conhece-se o gigante pelo dedo!

Havia por consequencia provas exuberantes de que a cousa devia ser grande, e a festança digna de quem a dava, e que tão atrapalhado andara nas vespers á correr a rua do Ouvidor á comprar *canequinhas* baratas para os famosos refrescos.

Fil-o que chega o momento feliz!—Apreste-se, gente.—Eia, venha a musica!—Piano, *tim tim*, lá vai contra-dança; e a acompanha hum fagote, e hum rebeca de barbeiro da rua da Valla. E o Sr. dos Moirões estremecia de contente, pinoteava, e ... até dançou....—divinamente... Oh! Ies—Il Signor Figanièri Figanierini Figanieroni valsa superbamente—Per Baccho! ainda que quasi sempre cabe no chão com dama e tudo—arreja a carga, por outra—isso porem não he ignorancia, he fraqueza de nervos.—O sangue Portuguez lhe não gyra nas veias, conhece-se isto á *cent lieux à la ronde*.—

Isso he mangação!—Dizião entre dentes alguns convidados. Eis que vem vinho, e licores de 320 a garrafa.—Mim bebe á saude de systema politico Inglez, que persegue negras novas

Grita do centro esfogueado S. Ex.—E como, que a alma lhe sahia pela boca fora dos bofes—que entre nós elle a tom nos bofes.—E o chá? qual chá; apparecco hum especie de *furofa* quente com bolinhos seccos, e fatias tostadas. E nada mais, e assim se acabou o baile em honra de D. Miguel, e com especial prazer de todos.

Que venturas que não teve S. Ex. nessa noite de delicias, prazeres, e voluptuosidades!... No seo leito, depois do baile, ainda elle dançava, e saltava.—Deo-lhe a furia para ali, agarrem-o lá!—Foi o seo primeiro baile, o seo primeiro filho, a sua primeira obra, que mostrava bem assemelhar-se com seo autor. Vale hum reino. Marcou-se com o baile 2 tentos; hum para a Rainha de Portugal em favor da conciliação, e outro para D. Miguel em favor de serviços prestados.—O peior he que dizem, que o dinheiro sahira do deposito do Banco Commercial, aonde se achava até a decisão do Governo Portuguez, que deveria dizer á quem elle pertencia, e o Sr. dos Moirões tomou por si a decisão, e levantou o deposito em seo favor!—Isto porém são negocios particulares, não he bom por consequencia fallar nelles.

Quer, meo amigo, mais novidades? Nada, não estou para isso. Basta por ora, adeos, e viva D. Miguel!!!

Seo compadre Cazuza.

Diz-se, que brevemente chegarão á esta Côte seis mil soldados Francezes, com o especioso pretexto de *refrescar*. Nós, que tão justos motivos temos para desconfiar dos taes senhores, perguntamos: deixal-os-ha o nosso *bello* Governo entrar em nossos Portos?

Se elles não vem chamados pelo Governo, para formarem *essa força estrangeira*, que elle tão afincadamente pediu, e lhe foi concedida por dous votos!... e com que se quer sustentar,

correcta, abastardada, e mostiça, ali empregada, com bem razão podia ser attribuida a esse Italiano, que só abomina o Portuguez; apesar de tudo isto porem, recusamos acreditar que, pelo menos, o Sr. Araujo Lima concorresse para huma obra, onde se ultrajão membros do Corpo Legislativo, fossem quaes fossem as inimidades, que existissem entre S. Ex.^a e aquelles Senadores.

Supponha-se porem, que essa obra fosse escripta pelos Srs. Gama, e Fabrini; perguntamos: julgarião esses estrangeiros que o Brasil applaudiria nunca as perfidias, que em tal negocio se empregarão? Julgarião esses estrangeiros, que o Brasil pode ser convertido em patrimonio da Curia Romana? Se assim pensassem, muito se illudião!

Por mais alta que fosse a cathedria do protector desses estrangeiros; por mais elevado que estivesse o Representante dos principios ultramontanos no Brasil, seo apoio seria bem fraco, para que esses estrangeiros podessem levar ao cabo projectos taes, que lhes hajão sido confiados. Com o apoio mesmo desse ultramontano exaltado, jámais se conseguiria que, hum Sacerdote Brasileiro sendo proposto para o Bispado, se submettesse vilmente á ser examinado em *Canones* ou *Theologia* por hum misero delegado do Papa!

Não apertem muito os autores, e executores de tão iniquos projectos a cravelha!... quando se leva a corda á huma tensão superior á que lhe he propria, estalla, e rebenta!....

Em outra occasião voltaremos ao tal *Libello famoso*.

Carta dirigida á Mr. Sofestigão pelo seo compadre Cazuzá.

Ah! meo amigo! Que novidades por cá vão! Apreste os ouvidos, faça-se todo em orelhas, e ouça-me.

Estrondoso baile acaba de ter lugar nesta Córte em honra dos annos do

Sr. D. Miguel 4.^o. O mundo do grande tom afiambrou-se do seo melhor; o madamismo do Rio de Janeiro vestio suas vestes de gala, calçou seus chapatos de setim, e deo á amostra todos os seus brilhantes, e ricos adereços de ouro. D. Miguel, lá da cidade Santa devia palar de contente, porque sem duvida que em si teria o presentimento dos festejos, que nesta terra do filho do seo irmão pomposamente se prepararão em sua honra — e quem foi a alma, a vida, o pensamento de semelhante festa? O Ministro residente de sua Sobrinha, dessa á quem elle pretendia roubar o sceptro, e a corôa! E digão agora que não ha transacções politicas, que não devem haver conciliações diplomaticas! Em quanto em Hespanha, Maroto e Espartero se dão as mãos, e se abração fraternalmente, o Sr. dos Moirões Figanière, Diplomata de Maria 2.^a, festeja os annos de D. Miguel! Verdade he, que não pôde ter lugar o baile no mesmo dia do anniversario, 26 de Outubro, e só sim no dia immediato 27; isto porem nada tira á gravidade e intenção do facto. por que os longos e necessarios preparativos se não poderão concluir todos, como se desejava, tendo sido o digno Sr. dos Moirões obrigado — bem máo grado seo — á transferir o dia, fazendo-o participar aos convidados por novas cartas, pois que as primeiras marcavão a noite de 26!!!

Hum baile em honra dos annos de D. Miguel! Note o meo amigo Sofestigão, que barulho, e estrondo não havia causar nesta Córte; era o primeiro. Tudo por consequencia tomou nova face: huns acreditarão que seria fantasmagoria; outros o tomarão por comedia e fôrça; estes pensarão que seria mascarado, por isso que os tyrannos gostão de mascarar o povo, embrutecendo-o, e subjugando-o: e outro não foi o systema governativo de D. Miguel. Aquelles emfim julga-

gares á que elles aspirão, elles par-
sim tem a baixeza de serem adulado-
res desprezíveis daquelles que se achão
no poder, e como estes lhe dêem ou-
vidos, ficão fora da representação os
que tem a nobreza de não adularem,
ou que se fião no seu proprio merito!
Outros se servem das magicas palavras
—*amor da patria, amor da liberdade*;—
porem subidos á tribuna, ou ao poder
bem de pressa mostrão, que não era o
amor da patria, mas sim o do interesse,
quem os dirigia, (com algumas honro-
sas excepções) e como a instrucção
vulgar, não he muita, ou não he muito
espalhada; basta saber-se fallar de
modo que illuda, e com alguma esper-
teza, para fazer fortuna; huma vez que
não são as publicações, os escriptos,
os serviços, os estudos, a boa condu-
ta, e a idade que sirvão de unidade
da medida de *virtudes e talentos*. Por
tanto estas ultimas palavras da Consti-
tuição, não sendo bem definidas, como
o não são muitas outras, accommo-
dão-se ás diversas opiniões, a verda-
deira philosophica consiste parte em
huma lingua bem feita, que dê noções
exactas dos termos de que se usa, a
fim de obter idéas exactas. Disto nos
occuparemos nos nossos escriptos,
como nos temos occupado continua-
mente nos estudos apropriados, mesmo
quando ja estávamos ferada carreira do
ensino que por muitos annos exercitá-
mos. Sr. Redactor, se lhe parecerem
uteis estas reflexões, queira publical-as
na sua estimada folha.

O constante leitor.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor. — Como vejo diaria-
mente, sob o titulo — Declarações —
hum enxame de annuncios: — A In-
tendencia da Marinha quer. — A Inten-
dencia da Marinha ajusta. — A Inten-
dencia da Marinha compra, &c. — Per-
guntado ao probo Sr. Ministro respectivo,

porque não manda, como os outros,
annunciar que—A Intendencia da Ma-
rinha PAGA?—Isto encheria de pra-
zer á immensas familias que chorão
a falta do pão que d'ali lhes vem, e
pela qual são obrigadas a beijar os
degrãos dos *philantropos* rebatedores,
afim de matarem a importuna fome! e
S. Ex., que tem se mostrado ultima-
mente tão recto, e, sobre tudo, pare-
cendo querer seguir a norma que lhe
deixou o Immortal Fundador do Im-
perio, de—*ser inimigo das delapidações*,
o que foi imitado pelo activo Sr. Sal-
vador José Maciel, faça tambem o que
nesses felizes tempos se praticava, que
era—Mandar, que nos primeiros dias
de cada mez se pagasse o salario á
quem trabalha.—Isto daria mais nome,
mais força moral á S. Ex., e o faria
querido de todos. Quem tem dinheiro
para tudo *comprar*, tambem o deve
ter para *pagar*, tanto mais que não he
por falta de dinheiro, que se deve tan-
to, e tanto!... principalmente a folha
mensal. Lembre-se S. Ex., que—*sacco*
vazio não se põe em pé. Sou, Sr. Re-
dactor, *O inimigo dos máos costumes.*

Hum *Libello famoso* acaba de ser
publicado, com o titulo de—Discussão
no Senado e Camara, &c.—Quem será
o auctor? Nós recusamos acreditar que
ao Sr. Pedro de Araujo Lima; ao seu
mestre de Alemão, celebre ex-Fisico
mór do tyranno Miguel, o Doutor Ga-
ma; e ao Abbade Fabrini, se deva se-
melhante trabalho.

Não desconhecemos que, as multi-
plicadas allegações do Direito Canoni-
co, mostrem o *dedo* de algum professo-
na materia, e que, por isto, algum fun-
damento pedesse ter a, por nós regi-
tada, cooperação do Sr. Araujo Lima;
não desconhecemos que, só vassallos
do Rei Miguel podião desencantar, no
dicionario dos termos *patifs*, aquel-
les de que esse papelaxo abunda: não
desconhecemos que, a lingoagem in-

tos, que lhes não he concedido podem apreciar!

Conceda-se vos porem, que S. Ex. não tenha feito serviços; porque razão não o achareis digno de condecorações, quando hum rei, delle independente, o acha digno dellas? Fez-lhe S. Ex. alguns serviços?... Perversos, perversos! bem vos ouço murmurar:—talvez desse reino venhão os soldados estrangeiros; talvez meditem alianças... Calai-vos, calai-vos, não acabeis!....

Não são só os serviços, que merecem galardão: as virtudes, mais do que tudo, delle são credores. No kalendario achareis os nomes de muitos canonisados, que não prestarão serviços á pessoa alguma; mas tiverão a virtude de viver em santa paz, e descanço celestial, tratando de seo corpo e de sua alma. No nosso distincto Senado, quantos são os que se assentão, por serviços que hajão feito?

Corrigi-vos pois, e sabeí que, bem á vesso pesar, vereis a S. Ex. ennobrecido, não só pelas Nações Estrangeiras, (inclusive a França) como pelo mesmo Brasil, quando este tiver a ventura de ver aniquilado esse principio democratico, que infeta as instituições patrias. Quando só a honrados aristocratas fôr dado sentarem-se nas Camaras Legislativas, e rodearem o throno, então vereis a S. Ex. elevado ao fastigio das grandezas, á que suas virtudes espantosas, e raros talentos o chamão! Vel-o-heis radiante, com vinte ou trinta insignias estrangeiras: vel-o-heis feito Conde, Marquez, e Duque!...

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos! ! ! ! !

REFLEXÕES PHILOSOPHICAS.

Diz a Constituição:—não haverá outra distincção mais do que talentos, e virtudes! Qual será a utilidade com que se deverão medir estas duas cousas? A opinião? He mui adulterada medida: a riqueza? mui viciosa medida: a Phi-

losophia? Que idéas tem o vulgo de Philosophia?... Julga-se philosopho hum homem, que procura distinguir-se dos outros em cousas mui insignificantes; assim, philosopho, e homem singular, são as vezes confundidos pelo povo, que não penetra além das apparencias, a quem fere o espectáculo de qualquer individuo, que se aparta das maximas ordinarias; ou que segue huma conducta opposta á dos outros; v. g., que renuncia ás riquezas, á grandeza, á representação. O philosopho, he verdade, que quasi sempre he obrigado a se apartar das opiniões vulgares; porem nem todo o homem quẽ tem idéas não vulgares he philosopho, por isto: he só o amor da verdade, e a cultura das sciencias, que mais concorrem a descobrir a verdade, quem dá direito a esse titulo. Isto não se pode conhecer bem senão pelos escriptos, e publicações de idéas, que merecem a attenção dos sabios; e por desfortunadas nas sciencias exactas. A maior parte das opiniões dos homens, são hum tecido de extravagancias, e loucuras, que sendo adoptadas conduzem por fim, á desordem, á desgraça, e á miseria publica. Com effeito, grandes vantagens, e prosperidades se promettem, em adoptar certas opiniões, mas por fim, ellas tem servido sómente para locupletar alguns, e esbulhar as classes mais necessarias, e mais trabalhadoras da sociedade.

Muitas promessas de riquezas, e de prosperidades se tem feito; melhorar as finanças; aliviar tributos; fazer a felicidade da massa geral da nação, &c. porem o contrario he o que se deve esperar, em quanto *camelhões* politicos tomão mascaras para se accommodarem á todas as circumstancias. Elles espreitam a opinião publica, ou mudão a sua vontade, segundo esta, mas sempre licção na scena para tirar partido; o seo merito, e o seo genio he saberein intrigar, para apartar os outros do lu-

Brasileiro ; o o Dia—*Sete de Setembro*—não he huma Entidade, que distribua graças, remunerando lisonjas ! Entretanto, o—*Dia Sete*—he o primeiro Dia do Paiz ; sem elle não haveria Throno Constitucional, sem elle não haverião PEDROS, porque o Brasil não seria Nação. Mas tempo virá, talvez, em que todos, máo grado seo, o festejem mais do que a qualquer outro, se o Monarcha Americano pezar como deve o Dia da sua Patria, o Dia que trouxe no encadeamento de seus admiraveis successos o — 2 de Dezembro ! — então para comprazer ao Monarcha, os arcos de triumpho, os canticos de saudação, os hymnos de familia se farão ver e ouvir em todos os lugares da Côrte, e da Provincia ; então o Monarcha, se fôr justo, como contamos que seja, dará Elle mesmo a prova dessa adhesão devida ao primeiro Dia do Seo Imperio ; e então, por adulação ou por medo, não haverão Camaras Municipaes, que deixem até de ornarem nelle com elegantes cortinas as janellas do edificio em que celebrem as suas sessões ; então ellas se appressarão a pedir *luminarias* (o que talvez não seja preciso) ; então algum seo delegado, por haver menosprezado a Independencia, calcando aos pés o laço da Nação, que hospitaleira o affaga, nem por adulação ao Monarcha, nem á sua Côrte, terá satisfação para, apesar do pessimo habito da lisonja, dar provas de rigosijo nem ao Dia do Monarcha, nem ao Dia da Liberdade da Nação Brasileira ; porque..... falle o silencio !.....

Vem, ó salutar MAIORIDADE, vem, que tu serás o balsamo consolador que alivie o ardor de nossas feridas ! Vem dar ao povo já cansado de soffrer nulidades (mais para a Nação do que para si) a norma de sua perpetua felicidade, no Monarcha Brasileiro, que nós mais que ninguem havemos de-cantado, não agora no rapido crescer

do seus felizes annos, mas na sua infancia, quando huma só voz não se erguia para saudal-o ao amanhecer o Dia do seo Anniversario ! Vem, ó Dia, com ardôr esperado, pôr termo aos males que nos flagelão ; vem acenar com o ramo de oliveira aos povos do Brasil rebellados, e dar energia á teos novos governantes para sustentarem a tua dignidade hoje, mais que nunca, vilipendiada pelo estrangeiro, que recebe nosso dinheiro á troco de suas quinquelherias, e despreza-nos como selvagens, desprezando tudo o que he nosso.

Ora he bem certo — que na Patria não se he Profeta ! Entre nós se alguém dissesse—o Exm. Sr. Pedro de Araujo Lima he digno de huma Gram Cruz — de toda a parte logo perguntarião, porque ? que serviços fez ?

Em quanto porem assim fallarião esses espiritos recalcitrantes, que recebem o grande beneficio de serem governados por S. Ex. ; hum juizo mais consciencioso dos merecimentos do Exm. Sr. Pedro de Araujo, formão os Imperantes dos povos ainda mais remotos, e mesmo dos que existem fora do orbe terraqueo, onde de certo existe o rei de *Saldanha*, que o Diario do Rio diz ter conferido á S. Ex. a ordem de hum Santo.

Si esses espiritos recalcitrantes não fossem deslumbrados, pelos radiantes clarões dos distinctos merecimentos do Exm. Sr. Araujo Lima, elles verião, na munificencia do grande rei de *Saldanha*, a reputação da opinião desvantajosa, em que tem a S. Ex. ; porem desgraçados !... Semelhantes á borboleta, que, deslumbrada pelo brilho da luz, em torno della adeja, procura apagal a, e sem que possa conhecer as propriedades do igneo fôco, que tem á vista, nelle se arroja, e abraza ; assim esses detractores se consomem, e fi-não, procurando denegrir merecimen-

verno no caminho, que deve trilhar. Com effeito, a conducta do Governo tem sido a mais condemnavel, e a que tem levado o Estado á abjeccão em que se acha. Exigia de nós a França — milhões — e o nosso Governo, para apparentar a necessidade de satisfazer suas exigencias, lança mão do meio o mais ignobil — que Rossin nos ameace de morrões accesos, se lhe ensinua. — Rossin satisfaz; ameaca; e logo o Governo cumpre a promessa; faz o que queria fazer, e antes fizesse, sem nos fazer experimentar huma arrogancia tão ultrajante. Este facto, bastante para animar huma Nação menos atrevida, não tardou a ser seguido por outro ainda mais affrontoso. Um cidadão Brasileiro, e Brasileiro distincto, por seu emprego, he arrancado de sua casa, asilo que a lei do paiz declara sagrado, por tropa Franceza, e nas praias do Brasil, açoitado, como vil escravo! O espirito publico mostra-se irritado, como já pelo facto antecedente o fôra, e procura desafrontar a Nacionalidade offendida; mas o *bom* do nosso Governo, logo manda tropa contra os cidadãos que se achão juntos, em lugar de empregar-a contra aquelles que ultrajão o Paiz!..

Outros successos, ainda que de menor vulto, com tudo injuriosos ao Brasil, succederão a esses dous factos escandalosissimos, sem que reparação alguma fosse dada: o espirito publico, sempre que elles se succedião, se mostrou dirigido pelo patriotismo; e o nosso Governo por huma politica fraca, se não traidora; mas em todo o caso abominavel. Para que pois, tornamos a dizer, electrizar o Povo? Para dar occasião a que o nosso *bello* Governo lhe estenda nas costas o azzurrague?

Porque razão não se *ferra* o aguilhão no Governo, para o tirar do lethargo, ou o metter no andamento, e caminho que devia seguir? He ao Governo que os illustrados se dirigem. — Liga

Americana—se devem dirigir: ao Governo he que elles devem dizer — O Brasil já não pode soffrer a insolencia Franceza: vós, que devoraes enormes quantias; que do nada fostes elevados á tanto; que tendes na mão os destinos do Estado, governai como deveis; se não (como disse o celebre ministro Portuguez) procuraremos quem nos governe. —

Se indocil a este aviso, o Governo continuar *teimoso*, e *birrento* na mesma senda, então pode ter lugar o appello, que agora achamos intempestivo. Então dirija-se o espirito publico; mostre-se-lhe o que tem a fazer: apóntem-se-lhe os exemplos daquelles Povos que — no mesmo abysmo tem lançado os estrangeiros invasores, e os Governos que os tollerão; — então.... esperemos para então, e diremos tambem o que convem fazer-se.

Julgamos que nossos collegas não nos levarão á mal esta pequena divergencia de modo de pensar. Ella nasce do horror que temos á anarchia: horror que só desaparece quando vemos, que só ella pode regenerar hum Povo, aviltado, por Governos execraveis!..

(Continuaremos.)

— Grandes subscrições, que montão já em contos de réis se achão em giro para os festejos do—Dia 2 de Dezembro do corrente anno.

Louvamos assás á todas as pessoas que se tem incumbido (si he que desinteressadas) de tornar brilhante, o mais possivel, o Dia do feliz Anniversario de S. M. O Imperador, á Quem ninguem mais do que nós acata e reverencia. Mas extranhamos sobre-maneira o silencio com que foi visto passar o—Dia da Independencia, —o memoravel SETE DE SETEMBRO! —A razão disto he clara, no nosso entender: S. M. I. tem gracas a distribuir, e por isso affectão desde já amal-o aquelles mesmos, que talvez o não amem como Monarcha

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a prçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende se nas lojas dos Srs. Laémert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O patriotismo, que dirige os illustrados Redactores da—Liga Americana—atrahe as sympathias de todo o Brasileiro, que ama a Patria, e não se vende ao estrangeiro. Parece-nos porém, que seos esforços não são dirigidos, como convem, para se alcançar o grande fim a que se propõem. Vamos dar as razões em que se funda a nossa crença.

Todos os bens, e todos os males, que hum povo experimenta, são produzidos pelo seo Governo; he só ao seo Governo, que o bom, ou máo estar de hum Povo deve ser imputado. Assim vimos os virentes louros, que ornarão a monarchia de D. José 1.^o, mancharem-se no reinado de D. Maria 1.^a, e completamente seccarem-se no tempo de D. João 6.^o. Em vão o espirito publico condemnava o marasmo, que atacava, e invadia todas as causas productoras da felicidade, e gloria nacional: a força governativa, que manchava essa gloria adquirida, e substitua a felicidade estabelecida, pela desgraça progressiva, lhe impunha silencio; até que finalmente o Povo se vio collocado na dura alternativa—de ser para sempre victima infeliz dos erros, e crimes dos mandões; ou de quebrar os laços sociaes, que lhe dictavão a obediencia. —O Povo escolheo o partido mais generoso: os laços forão quebrados.

Se pois o espirito publico não pode dictar ao Governo a norma de sua conducta, senão quebrando os liames, que prendem os Povos aos Governos, para que exaltal-o? para que esclarecel-o da incuria ou crimes de seos governantes, sem que primeiramente se procure conduzir estes ao seo dever? Para que excitar o espirito publico do Brasil, contra esses infames invasores, antes de se procurar conduzir o Governo á senda, que o seo dever, a Dignidade, e Independencia Nacional, e o interesse do Povo lhe mandão seguir?

O Povo do Brasil, bem como todos os povos, não vê a olhos enchutôs, e a sangue frio a invasão Franceza: sangue frio, e olhos enchutos, elle não conserva quando divisa nas Partidas Regenciaes, na *intima amisade* com os chefes do Estado, o Representante dessa Nação!!! os olhos deixão de estar enchutos, e o sangue perde o frio quando observa a protecção decidida, que se dá aos subditos dessa Nação, que nos hostilisa, aggride, e nos trata de *barbaros!!!* Cioso da sua Nacionalidade, Independencia, e Dignidade, quando isto vê, e observa, negras suspeitas lhe cõão o peito!.... Sua opinião está formada; sua decisão será terrivel!.... O que resta, o que convem he evitar a explosão, fazendo entrar o Co-

sucessos, a todo comprehende, e a todos ignora; só a vaidade a todos distingue, e em todos põe hum signal de differença, e hum caracter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual; que ha differença no que he o mesmo; e que ha diversidade donde a não pode haver: mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de differente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitão a lança e o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e som defeza, e por isso tímido e cobarde. Os homens mudão-se todas as vezes que se vestem; como se o habitó infundisse huma nova natureza: verdadeiramente não he o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habitó. De baixo de hum apresto militar, concebemos hum guerreiro valeroso; de baixo de huma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, he hum jurisconsulto rigido, e inflexivel: de baixo de hum semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem, vem ser hum homem graduado, illustrado, inspirado; do sorte que os attributos, com que a vaidade veste ao homem, são substituidos no lugar do mesmo homem; e este fica sendo como hum accidente superficial, e estranho: a mascara, que encobre, fica identificada, e consubstancial á cousa

encurberta; o véo que esconde, fica unido intimamente á cousa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarnição he a que faz o homem, e á este homem de fóra he a quem se dirigem os respetos, e attentões; ao de dentro, não; este despreza-se como huma cousa commúa, vulgar, e uniforme em todos. A vaidade, e a fortuna são as que governão a farça desta vida; cada hum se põe no theatro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade o põe; ninguem escolhe o papel; cada hum recebe o que lhe dão. Aquelle que sahe sem fansto, nem cortejo; e que logo no rosto indica, que he sujeito á dor, á afflicção, e á miseria; esse he o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella, em huma mão tem o relógio do tempo, na outra tem a fouce fatal, e com esta de hum golpe certo, e inevitavel, dá fim á tragedia, corre a cortina, e desaparece: a fortuna; e a vaidade, que vêem desbaratada a scena, cahidas por terra as apparencias, prostados os atores. em mudecido o coro, trocados os clarins em flautas tristes, os hymnos em trenos, os canticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos, os girasões em desmaiadas assucenas, entrelaçados os louros no cipreste, os cajados confundidos com os ceptros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum instante virão desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixão hum lugar cheio de horror, e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabão as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.

[Reflexões sobre a vaidade dos homens].

Brasil, mais vigilantes attendessem como lhes cumpre os clamores do povo que tem sido preza do caviloso, e do estapido charlatanismo. Esperamos, Sr. Juiz, a sua resposta, e então entraremos em lide. ***

VARIEDADE.

A VAIDADE DOS HOMENS!

Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma fôrma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o sol; a aurora a todos desperta para o trabalho; o silencio da noite, annuncia á todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribue em annos, mezes, e horas, para todos se compõe do mesmo numero de instantes. Essa transparente região á todos abraça; todos achão nos elementos hum patrimonio commum, livre, e indefectivel; todos respirão o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da agua, e do fogo, á todos se communicão. O mundo não foi feito mais em beneficio de hums, que de outros; para todos he o mesmo; e para o uso delle todos tem igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem de sua mesma instituição, todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades, e hum giro successivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão, e o amor? Ainda ninguém nasceo com a propriedade de insensivel; a vida não pôde subsistir, sem estar subordinada ás impressões do gosto, e do sentimento. Todos nascemos para chorar, e para rir; a circumstancia de chorar, mais, ou menos, resulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appetee,

ja se expõe aos delirios do riso e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer, ainda só por si, he huma especie do sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegão primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, ja nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensiveis, que os successos para nos moverem, não he necessario que estejam em nós; basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera ou se receia, não pode haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão maior; em lugar, que o mal que ja se sente, pôde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizão para se entregarem á nós assim que as imaginamos; ou a menos para que a eficacia delles se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, ja são nossas; e quando a causa se apresenta, ja temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos alcançar, e nos parece que ha falta n'aquelle que vimos a conseguir: as cousas, quando chegão, ja nos achão saciados; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa, e mais duravel, mais forte, e mais continua; daqui procede o ser tão delectavel a esperanza, porque he huma especie de possessão daquillo que se espera. Quem imagina o que deseja, tudo pinta com cores linsonjeras, e mais vivas; por isso a verdade he grosseira, e mal polida, tudo o que descobre, he sem adorno; antes faz desvanecer aquella apparencia feliz, com que os objectos primeiro se deixão ver na idéa, do que se mostrem na realidade. Todas estas propensões, e inclinações se encontrão em cada hum de nos; e assim devia ser, porque as variações do tempo, da idade, da fortuna, e dos

go com que possa subsistir, e soccorrer a seis filhos que possui; por cujos motivos vem implorar a graça de se mandar regressar ao seu emprego, quando esta Augusta Camara tomou em consideração a necessidade de hum tão util estabelecimento, e a utilidade que resulta á fazenda nacional, attendendo aos relevantes serviços, e ao bem que o Supplicante sempre se prestou, durante o tempo que servio, conforme mostra pelos authenticos documentos que se achão affectos á Secretaria d'Estado dos negocios da marinha; o que humil de implora e espera—R. M.—
Antonio José Correia.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor. — Ja se não pode falar verdade, ja se não pode encomiar o merito, que não se levante contra o misero escriptor assanhados homens e o que mais admira a sanha daquelles que *se acata*, d'aquelles cujos talentos *se respeita*.

Em hum dos numeros de sua folha demos ao Rio de Janeiro os *emboras* pela optima aquisição da panacea do Sr. Judice, que cura cegos aleijados & e ao mesmo tempo tributámos ao seu *abalizado* autor todos os encomios e respeitos que de força lhe eram *devidos* pelo seu *achado feliz*, achado que tem sem duvida arrancado do fundo dos sepulchros tantos mortos, e o qual ninguem o faria, se benigna providencia não deparasse este anjo intellar auctor da efficaz panacea; faziamos votos pela vida de S. S., porque aguardavamos a immortalidade, que certamente nos traria ultteriores analyses e inventos do mesmo Sr. Porem qual não foi a nossa admiração, Sr. Redactor, quando, sem mais razão alguma vimos em o numero 9 da sua *origina* acoiado o nosso procedimento, e contra nós fulminado um tremendo anáthema pela mesma pessoa que foi o objecto do nosso *panegyrico*!... O Sr. Judice

he mui pouco reconhecido ás attentões de hum humilissimo *admirador* do seu talento, ou muito modesto, que recusa encomios, que offendem o seu melindre; porem ha ali razão bastante que justifique as iras do *celebre medico* contra nós, pobre nulidade? Mereciamos nos, por termos mostrado ao publico o *quilate da joya*, que elle possuia sem quiçá o saber; mereciamos os meus tratos do Sr. Judice por este serviço? Cremos que não; ignoramos pois qual a causa que aculou este Sr. a declarar nos tão cruenta guerra; quando, a nosso ver devia nos *ficar obrigado*! Parece desprezar o nosso fraco apoio; attribue-nos o intento de depreciar o seu invento com o qual vac *gualdripan-do* os cobres aos papalvos, que nas garrás lhe cahem; mimosea-nos com o titulo de *milhafre*, manda-nos que *reponhamos o que bem sabemos*, e assim *promette descobrir mais franco a nossa officina e talvez o nosso nome*!

Roto está, Sr. da panacea, o nosso pacto; não quiz V. S. de bom grado aceitar as offertas, que lhe fizemos, isto he, de engrandecer e elogiar o seu universal remedio, temendo talvez que lhe pedissemos salario desse pequeno serviço, que lhe tributavamos, quiz para si o privilegio exclusivo de *milhafrear* o povo rude, e para isso nos chama á contas, e promette-nos declarar-nos ao publico tal qual somos: aceitamos a luva, e de hoje á vante conte certo que lhe seguiremos as pegadas desde o *botequim da praia do peixe até á rua de S. Antonio*. Oh quantos enfiemos se nos apresentarão *de escroto atravessado pelo ferro encandecido*! Quantos.... porem basta, nada mais diremos em quanto nos não declarar qual o objecto ou quantia, que nos cumpre repor, e qual a nossa officina. Si o não fizer desde ja o mimoseamos com os epithetos de calumniador vil, despejado e ignorante charlatão, que ja de ha muito devia ter pago tão criminosa ousadia, si as authoridades do

ponder por contractos feitos, por hum ministro, a quem a lei não autorizara para fazel-os; n'um julgado apposto á mesma decizão do corpo legislativo, que não approvou esse contrato: n'um julgado finalmente que se oppõe a todas as regras, e principios de direito, que exonerão o constituinte de todos os contratos, e convenções por seos procuradores feitos, sem que por fazel-os fossem por elles autorizados.

Tudo porem foi desatendido; a acção, que Young, tinha contra o ministro, foi intentada contra a fazenda; e a influencia do ex-ministro desembargador conseguiu no tribunal a que pertence izentar os seos bens do pagamento, para que elles não chegavão, mas que a fazenda publica podia satisfazer: a influencia do Deputado ex-ministro desembargador consegue do ministro Calmon reconhecimento da Espantosa divida de 754 contos, e... e finalmente esse mesmo ex-ministro, hoje Deputado, e seos collegas conseguem do corpo legislativo o pagamento de huma enorme quantia, que o mesmo corpo legislativo ja reconhecera não ser divida!...

Brasil, Brasil teos males não se curão pelos meios ordinarios!.. O abismo, a que te conduzem aquelles, que delle te devião afastar, está muy proximo, e he muy profundo!.. Meia duzia de perversos, e insaciaveis mandões se julgão nascidos com direito de te dominar, despedaçar, e devorar até os proprios ossos!....

Pede-se-nos a publicação do seguinte:

Augustos, e Dignissimos Srs. Representantes da Nação.

O hospital da Marinha estabelecido na Ilha das Cobras, e creado por Decreto, era fornecido de medicamentos haviados por boticarios fornecedores, resultando dahi demora nos remedios, provenientes do embarque destes na cidade, e do seu desembarque na Ilha,

acontecendo muitas vezes quebrarem-se os vidros, e derramarem-se os remedios por occasião de máo tempo ao atracar da embarcação, que os conduzia ao cáes da Ilha, do que rezultava ficarem os doentes largas horas sem os medicamentos em quanto se procedia ao preparo de hum novo receitauario; e sendo disto informado o Exm. Ministro da Marinha Vice Almirante Tristão Pio dos Santos, dezejou remover este mal, melhorando aquelle estabelecimento com acertadas providencias, sendo huma dellas a creação de huma botica no mesmo hospital, não só para vedar aquelle desarranjo, e dar á Fazenda Publica o lucro, que percebião os particulares, como para habilitar aos facultativos do hospital a poderem ministrar de pronto, e á qualquer hora do dia, e da noite os convenientes remedios aos doentes, o que até então se fazia impracticavel, quando á noite occorria essa necessidade; porem este estabelecimento foi desfeito pelo ex-Ministro Joaquim José Rodrigues Torres; sem reflectir nas vantagens mencionadas, e ainda em outras muitas, que se offercem á consideração daquelles, que de boa fé qucirão entrar na analyse de semelhante medida, como por exemplo o fornecimento dos navios da armada nacional pela botica do hospital, de que resultarião grandes lucros á fazenda publica, assim como nas sobras dos remedios no acto do dezarmamento das embarcações, que em vez de se perderem estes, porque os boticarios fornecedores só os aceitam como avariados, quando pelo contrario elles serião recebidos pela botica do hospital, para serem melhorados, e terem a competente applicação. Em virtude desta medida forão dezonerados dos seus empregos alguns dos empregados do mesmo hospital, e entre estes o pharmaceutico chimico Antonio José Correia, administrador e 1.º boticario da referida botica, que até ao presente não tem sido contemplado para outro algum empre-

blicos não chegam para as despesas, o hum credito parecia indispensavel aos poderes politicos do estado, a pezar de contraria ser á esta a opinião de hum illustrado ministro da fazenda, e a opinião daquelles, que o tem de pagar; como augmentão essas despesas? como porque titulo, porque razão a sorte do povo se empeora, esparzindo ás mãos cheias os dinheiros publicos em pensões pela maior parte não merecidas? Que serviços fez, por exemplo, o Sr. Visconde de S. Leopoldo, que já recebe do thesouro publico nove mil cruzados como Senador, para se lhe dar mais oito, como conselheiro d'Estado, emprego de que elle mesmo se demittio?

Porque titulo á dois bahianos (hoje gente feliz, se pertence á ordem aristocratica!!) se manda pagar perto de cem contos, á pretexto de indemnisação de prejuizos soffridos na revolução da Bahia, quando tantas, e tantas familias Brasileiras tem perdido suas fortunas, e gemem na indigencia, na orfandade e desamparo, pela morte de pais, irmãos, e filhos, que foram victimas das revoluções, que em outros pontos do Imperio se tem manifestado, sem que suas reclamações tenham sido attendidas?

Como o corpo legislativo, que não deu ao ministro auctoridade para comprar armamentos, que não approvou essa compra, e recuzou o seu pagamento, agora se presta á autorizar o pagamento da espantosa somma de — 754 contos de reis, á Guilherme Young, que, no ministerio do Sr. Calmon, e na regencia do Senhor P. de Araujo Lima, teve a milagroza fortuna de obter a liquidação dessa quantia, como divida pela encomenda feita, pelo Sr. Joze Clemente Pereira, de hum armamento, que a Nação não recebeu, e que o mesmo Young mandou vender onde quiz, e pelo preço que quiz? Que miseria! que contradicção! Miseria, contradicção que se tornão ainda mais frisantes, quando vemos a birra com que se

recusa pagar ao Sr. Albino Gomes Guerra, o que o thesouro confessa dever-lhe! Miseria e contradicção que nos obriga acclamar — *latet anguis in herba!* —

Será Albino Gomes Guerra mais aspero, e menos tratavel do que Young, ou terá menos direito a ser pago do que se lhe deve? Em quanto á primeira parte nada diremos, pelo pouco conhecimento que temos da qualidade desse credor do estado; em quanto porem á segunda, que paralelo se pode estabelecer entre a justiça deste credor e a de Young?

Albino despendeo do seo, ou do que os seus credores lhe confiarão para sustentar a tropa Brasileira; e Young levou o armamento, que foi vender onde quiz, e com o qual os inimigos do Brasil tem feito fogo ás tropas Brasileiras; recusando-se pagar á Albino, recusa-se pagar áquelle que alimentou Brasileiros; e mandando-se pagar á Young, manda-se dar dinheiro áquelle, que forneceo armas, (e por estas mesmas armas) com que nossos inimigos matão Brasileiros!... Que miseria!... que desgraçado Brasil!...

Se attendermos aos documentos justificativos das dividas, quaes dos dois credores apresentam caracteristicos de veracidade? Julgamos que os de Albino.

Este apresenta titulos de divida reconhecida pelo thesouro, que a reconhecco depois de hum exame de longos annos, fundados em contas, que o mesmo thesouro deo por legaes, e justificadas; e aquelle? Aquelle! o bem conhecido Young conseguiu em poucos dias, que o thesoureiro reconhecesse como divida a espantosa liquidação de 754 contos, feita por trez homens (se não nos enganamos) á cuja frente estava o *camareiro* João Martins Lourenço Vianna, intimo amigo do Sr. Pedro de Araujo Lima, e do Sr. Joze Clemente Pereira!... e em que se fundou tal liquidação? N'um julgado criminozo; n'um julgado que condemna a fazenda a res-

Quis talia fando

Temperet a lacrimis!..

Aqui finalisariamos nossa resposta ao artigo referido, se os *decentes* epithetos de—novento, e desprezível—que o Sr. R. dá ao nosso periodico, (esqueceo-lhe o de—*pigmeo*:—coitadinho!) não nos obrigassem á dizer alguma cousa sobre a *venalidade*, corrupção, e interesse, que S. E. diz dirigirem nossa penna. Não he venalidade corrupção, ou interesse pessoal, que nos dirigem: não aspiramos a empregos; nem cravamos os olhos nas pastas, como S. E. cravava.

Perguntaremos ao Sr. R. se obra ou não por venalidade, corrupção, e interesse pessoal aquelle, que diante do leitor dos ministros, em alto e bom som, para grangear suas boas graças, dirige acres censuras á hum senador, ainda parente, por ter recheado o *roto de graças* com termos, que S. E. repelia na tribuna? Perguntaremos á S. E., se he ou não arrastado pela sordida venalidade, pela fetida corrupção, e pelo vil interesse pessoal aquelle, que o veto nacional colloca, como guarda, e sustentador da constituição e das leis, e vai por dois contos defender o chefe de huma repartição publica, onde o roubo mais importante, e escandaloso fôra perpetrado, e que empregara, para livrar o accusado da justa punição, essa mesma preponderancia, siha do lugar á que seos concidadãos o elevarão?

Perguntamos mais á S. E., se será ou não conduzido pela venalidade, corrupção, e interesse pessoal, aquelle ministro, que suspende huma ordem de deportação, dada por hum incorruptivel magistrado, contra estrangeiros envolvidos nos crimes de... Basta.

Nossa honra ultrajada, pela denominação que nos foi dada por S. E., de *culumniador*, pedia hum desforço; a moderação porem dirige, por ora, nossa penna. Não deixaremos com tudo de

dizer á S. E., que em nossos ouvidos ainda retumbão os echos, que hum illustre deputado patricio de S. E. fez vibrar, no recinto da representação nacional, á respeito de S. E.!. Aquelle que já foi mergulhado no pégo infernal de negro grude, quando dirige ultrajes aos outros, procura novo banho, e quer mesmo ser ahi afogado...

He muito abusar da paciencia de hum povo! Ao tempo que delle exigem os maiores sacrificios: ao tempo que huma emissão de notas, imposto enormissimo, e incalculavel, em seos desastrosos effeitos, lhe he lançado: ao tempo que sobre elle pesava o tributo de sangue, e foi aggravado decretando-se hum espantoso recrutamento: ao tempo que todo Cidadão, que não he Deputado, Senador, ou Dezembargador, está sujeito ao activissimo e rigoroso serviço da Guarda Nacional, e ameaçado em sua segurança, pelas suspensões de garantias, em quanto que aquelles menos, e improficuos consumidores dos dinheiros publicos, de todos os onus estão isentos: ao tempo, em que a Patria dos Brasileiros he, para os Brasileiros, o Paiz que menos garantias offerece ás suas fortunas, vida, e honras: ao tempo em que a mesma nacionalidade está mortalmente ferida e moribunda pela aggressão de conquistadores Francezes, que hum governo indolente, senão mais criminoso, ainda admite em nossos portos, em nossas cidades, e em nossos campos: quando o povo assim geme, tanto soffre, e delle cada vez mais se exige: quem pensaria que esses que dos seos suores se allimentão e que por elle fôra tirados do pó e da lama em que jazerião, se a credulidade e a boa fé não fossem dotes caracteristicos dos Brasileiros; quem pensaria dizemos, que nestas circumstancias esses *ingratos*, para felicitar individuos, e curar de seos interesses, mais gravarião o peso de tantos infortunios!

Se os enormissimos rendimentos pu

nosso nome o que dissemos; e então reconhecerá se aquelle, á quem S. E. denomina de *calumniador*, pôde ou não sustentar o que disse, e revelar ainda alguns outros arcanos!!.. Por ora, a este respeito, aqui ficamos.

Pergunta-nos o Sr. R. se escrevemos para moralisar o povo. Respondemos, que não. O povo Brasileiro he bastante moralizado; he o mais moralizado de todos os povos, que existem. Injuria, e injuria tanto mais atroz, quanto se alia com a ingratição, irroga S. E. ao povo Brasileiro, que o alimenta, e que até o ha honrado com o seo voto, suppondo-o hum povo immoral! Não he para moralisar o povo, que nós escrevemos, sim para moralisar os que elle alimenta, aquelles cuja moral carece de reforma. Moralisem-se estes, que o povo moralizado está!

Sustenta o Sr. R. que dera o seo apoio á Administração de 19 de Setembro. — E quem disse o contrario? Nós asseverámos isto mesmo; e fizemos mais — marcámos a epocha em que deixou de lho continuar, e apontámos as causas que á isso o impellirão — Não forão os motivos que allegaes, diz mui frescamente o Sr. R., que me obrigarão a reccusar áquelle Governo a continuação do meo voto; sua Politica, não sendo a miuha, fazia necessaria a miuha guerra — Esperamos que S. E. desça á arena, e que baptise seos filhos em seo nome, para lhe mostrarmos, que os motivos, que teve para se tornar Paladin, forão os que apontámos; em quanto porem elle não apparece na estacada, para o confundirmos plenamente, admittindo que o motivo, por S. E. allegado, fosse o verdadeiro, lhe perguntaremos — Que Politica era essa que S. E. queria impôr á Administração de 19 de Setembro? — Seria a agora adoptada? Seria essa Politica, que de tão bom grado consente, que hum Nação invasora, a França, vá redusindo á possessão sua hum Provincia do Imperio, o Pará? Seria

essa Politica, a que permite, e até anima essa Nação invasora a apoderar-se de Pontos militares ao Sul do Imperio? Seria essa Politica a que dita a convivencia com os Representantes dessa Nação, e a mais decidida protecção aos seos subditos, apezar de, no remanso da paz, e sem causa alguma, ella nos aggreddir, offender a Nacionalidade, e dissolver a Integridade do Imperio? Seria essa Politica aquella, com que se procura levar o Estado á hum crise, com que se possa justificar a necessidade da renovação do Tratado de Commercio, á cuja formação S. E. pretende assistir, e de cuja conclusão pode tirar, ao menos, algum titulo, ou condecoração Franceza?

Se tal he (e que outra ser podia?) a Politica de S. E., parabens, e mil parabens damos áquelle Administração, por ter preferido antes expor-se á *tisnadora* guerra que S. E. lhe declarou, do que ter adoptado hum Politica, que fatal, e bem fatal seria ao seo inventor, entre hum Povo, cujo Patriotismo não fosse, como entre nós, dirigido pelo respeito ás Leis, e preceitos da Religião!....

Quem deixará de exasperar-se vendo a sem-ceremonia, com que S. E. á si attribue o que nós, como catholicos, só devemos attribuir á Essa Divina Providencia, que constantemente vela sobre este, o quinto imperio do Apocalipse? Com sua mão poderosa, a Providencia lançou no coração de alguns chefes dos illudidos Rio-Grandenses o arrependimento de seos crimes: de hum Bento Manoel, que fazia de Saulo, ella fez hum Paulo! e agora o Sr. R. impiamente procura arrogar á si milagres, de que hum administrador habil, e christão se serviria, para roborar no espirito do povo a religião, que entre nós está tão combatida, por esses *Methodistas*, á que S. E. deixa impunemente a liberdade de no Brasil a atacarem?.. Oh! miseria; oh! desgraça!..

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Habitado como estamos, á exemplo do judicioso Haller, e do talentoso Cuvier, a procurar, com o escalpello na mão, a verdade emmaranhada na mais sublime das combinações da natureza; e não podendo á primeira vista deparar com o motivo porque o Sr. R. (á maneira de macaco que se julga não apercebido na *combuca*, onde se escondeo, deixando o rabo de fora) se abraça com hum X para atrozmente nos enjuriar; procederemos á autopsia do cadaverico artigo, em que S. E. pretendeo refutar-nos.

Incólume deixariamos passar essa *Trindade Redactora*, que só existe na *rivissima* imaginação do Sr. R.: aplaudiriamos esse feliz parto de sua invenção, e até mesmo por *alviçaras* lhe mandariamos a *Pretinha dos Pasteis* se da existencia dessa trindade, composta de empregados publicos *calumniadores*, como S. E. assevera, não reflectisse sobre o Sr. R. grave injuria merecida. Como he possível, que S. E. conserve nas Repartições publicas empregados *calumniadores*? Como deixa de os punir? O dever obriga S. E. a purgar os lugares publicos de taes serpentes: toda a condescendencia em tal ponto faz de S. E. hum complice.

Apesar deste motivo, á vista da triste situação, em que os patricios collegas do Sr. R. o collocarão, não com-

batteriamos o fantasma creado por S. E., se não fôramos obrigado a repellir o *calumnioso* epitheto de *calumniador*, — com que fomos mimoscado n'esse artigo do *Despertador*.

Como mostrou o Sr. R. que nós avançáramos falsidades? Chamando-nos — *calumniador*? — Não he assim porem que se destroem factos. Convidamos pois á S. E. para que apresente attestados, passados pelos membros do gabinete de 19 de setembro, que contradigão o que dissemos. Apresente estas provas; e depois terá direito a gritar — *calumnias, calumnias* —! Enquanto porem assim o não fizer, nossas proposições estão em pé.

Se porem S. E. vê a impossibilidade de alcançar taes documentos, e quer que nós apresentemos provas, acceda ao convite que agora lhe fazemos — saia do X e apresente se franca, e lealmente firmando com o seo nome as suas defezas. — Acredite que não se *deslustra* contendendo com nosco; não fazemos parte de *Trindade* alguma *escrevinhadora*: não devoramos os dinheiros publicos, á titulo de empregado; nossa fortuna ainda que mediocre, e nossa profissão, nos tornão mais independente do que o he S. E.; somos finalmente hum cidadão mais util do que o he o Sr. R.. Acceda S. E. ao nosso convite, que nós firmaremos com

asseverando que ha tambem huma 3.^a classe, que he a de homens diplomatas meias-linguas.

D'hoje em diante publicaremos, por modico preço, quasquer *Annuncios* e outros artigos, que se nos dirigir.

ANNUNCIO.

Continua-se a vender garrafas de *Panacéa de Judice*. remedio este já *approvedo*, e acreditado pelos mais doutos membros da medicina; as suas grandes virtudes, estão já justificadas por immensos enfermos desta corte, o que seo auctor mostra autentico, por letra dos mesmos, em molestias as mais tristes, até alguns em estado cadaverico, e abandonados da medicina; assim tambem outras garrafas, intituladas *Charope Antiético*, para todas inflammções internas, com grande utilidade; assim mais outras garrafas contra as hemorroides, encalhe nas tripas, e desorganisação do estomago. Outro remedio de grande vantagem, para schirros em senhoras, obstrucções, hidropesias, inflammções ou crispatura, composto em vinho branco, o qual tem rico paladar, faz lançar materias, monstros solitariass, etc. Outra composição muito segura para morphea não sendo creditaria, e todas as queixas da pelle, e se mostra enfermos são. Remedio para incommodos de senhoras e senhores, por velhos que sejam, recita de segredo, de grande estimacão para fluxo de sangue em senhoras. Pozes para caneros e todas as chagas das partes inferiores. Pilulas para o affecto exterior nas senhoras. As mesmas pilulas tem curado gotta coral, e todos ataques nervosos; tambem vende-se archotes de nova invenção, com mais vantagem do que os soccorros da maquina electrica, pois he restaurante muito seguro para os estoporados, muribundos, e apopletricos, qualquer dor procedida de frio prontamente desvanece-se etc. etc.

Adverte-se ao respeitavel publico para que fique na certeza de que todos os individuos, que fallão mal, e pertendem obscurecer as virtudes destes remedios, são aquelles que levãrão os remedios fiados, e não pagarão, e outros, que não poderão com as suas finas traças enganar o seo auctor, e todos os mais da maior opposição, os quaes o vulgo não ignora quem serao, mas he tarde, meos amigos, porque os membros mais illustrados da medicina, já sem reboço receitão suas garrafas e attestão as immensas virtudes, que ellas tem utilizado nesta corte; isto agora hum sem numero de attestados dos proprios enfermos que com ellas ficarão restabelecidos da saude perdida em molestias as mais funestas, e incuraveis; quem duvidar destas verdades pode dirigir-se á casa do annunciante, o qual prontamente lhe fará ver authentico, tudo quanto aqui diz, etc. Em quanto a esse individuo que ha dias critica da *Panacéa de Judice*, nesta mesma folha, agora direi ao respeitavel publico, salvo o meo direito se he o proprio do qual tenho documentos de que posso mostrar, que na arte de *milhafre*, como brutalmente atrasado em medicina, por quanto o que diz não tem formalidade alguma nem tão pouco acceitação do vulgo, por conseguinte, amigo, quando quizer pode chamar-me ao Jury, para justificar o que agora manifesto ao publico, e não ficará em peor figura, e quanto antes haja de repor o que bem sabe, pois do contrario descobrirei mais franco a sua officina.

Quem precisar dos remedios acima nomeados, dirija-se á rua da Alfandega, n. 137. pois seo auctor já não reside no Beco do Fisco n. 3.

— Com este numero distribue-se gratis o Prospecto do novo e interessante jornal—*Gazeta dos Tribunaes*.

que muito estava satisfeita com o que ouvira. Esperamos pelo resultado da ultima prova para d'ello darmos conta aos nossos leitores, fazendo justiça á quem a merecer.

NOVA ESPERTEZA KLINGELHOFANA.

— Dizem que o Sr. K..... quando recebe quinquelbarias da Alemanha, vende as agulhas limpas aos armarinhos á troco de dinheiro, e embute as ferru-
gentas aos seus collegas directores do baile estrangeiro, os quaes lhe dão em troco a presidencia.

— Porque razão não foi o Sr. fulano ao baile estrangeiro de agosto? perguntou o Sr. K..... á certo Dr., e este assentando que elle queria saber da saude do sujeito, respondeo: foi porque se sangrou nesse dia. O Sr. K..... ficou satisfeito com o resultado da pergunta!...

— Hum sujeito tendo sido apresentado ao Sr. K..... disse-lhe: que lhe parecia ter ja tido o gosto de encontra-lo em casa do Ex. Sr.... Engana-se, respondeo-lhe o Sr. K..... eu não me visito com Brasileiros, e muito menos com gente dessa. Pois olhe, replicou-lhe o introduzido, ja seu mano, segundo dizem, não era assim, apezar de andar tão engravatado, quanto V. S. anda ás vezes des-coleirado.

— Estão no prelo: *Novos elementos de civilidade*, para uso dos prezidentes dos bailes, por hum sujeito meio alemão e meio inglez, nascido em portugal — *Arte de intrigar nas directorias das Sociedades*, pelo mesmo author.

ORTIGAS DIPLOMATICAS.

— Mim destesta todo esta gente Portuguez — Dizia o Sr. Moirão Figanière, na sua lingua gothico-anglo-diplomatico-luzitana, á hum seo estimavel colle-

ga, porque tudo são contrabandistas de escravos. Esta povo he de piratas somente. Bem mal fez my pai, que depois de entrega o arsenal de Toulon aos inimigas de ma patria, vem fazer-se Portuguez, para sus filhos nasce n'este terra de contrabandistas. — O Dr. da Rocha Cabral, que estava presente, abaixou a cabeça em signal de humildade e assentimento, e disse lisongeiramente — Amem.

— Consta que hum dictionario diplomatico existe nos prelos do Dr. Cabral da Rocha, Redactor do *Despertador*, e Vice-Consul Portuguez, para ser dado á luz. O seo fim he a explicação das novas palavras inventadas pelo Sr. dos Moirões Figanière, para que o publico e as pessoas com quem elle deve tratar, o possam entender na sua linguagem e indole Anglo-maniaca. Este dictionario tem o privilegio de começar pelo rabo. Na lettra — Z — ter-se-ha *Zimbamba*, que quer dizer *Zabumba*. Na — S — *Sofestigão* por excellente. Na — R — *Reciprocamento*, *Rango*, e *Ramejavel*. Na — P — *Precontos*, por suburbios, e assim por diante, sem esquecer os *agrimentos*, *attributivéis*, *calções*, *carallas*, *voltura*, *giletos*, e *calças brancas*.

— O Sr. dos Moirões dizem que teve ultimamente huma disputa com o Dr. Cabral, caso raro nos fastos d'este ultimo, que applaude ao menor espirro d'aquelle. O negocio porem se explica porque versava sobre dinheiros de meias caras, de cuja não partilha, o *fino* diplomata accusava o carrancudo *Bis-consere* — V. S. está recebe tudo, e mim he que põe V. S. aqui, Sr. Cabrola. Moreira vai-se embora, fica livre delle; agora pode arranjar nós dois.

— O *Instincto* fez a descoberta de que alem de homens pretos meias-caras, haviam tambem homens brancos meias-pernas. A *Ortiga* augmenta a edição,

coincida com o nascimento do filho. Examinados com escrupulosa attenção (attenda-se bem á esta circumstancia) os autos, vê-se provado o reconhecimento paterno no documento fl. 79 v. Deste testamento se mostra claramente, que Joaquim Xavier de Barros confessara, que teve amizade illicita com Alexandrina Joaquina de Jesus, mãe do appellante, que a tivera em casa teúda, e manteúda; e que nesse tempo fôra concebido, e nascido o appellante. Pelos contestes depoimentos fl. 97, 98, 107, e 110 prova-se, que o dito Barros tratava, e considerava ao appellante por seu filho, dando-lhe alimento, e educação, e como filho fôra reputado entre os visinhos, o que melhor se deprehende dos documentos fl. 159, e 160. Portanto confirmada assim, em parte, e revogada em parte a sentença appellada fl. 547 v. Julgão ao appellante filho natural de Joaquim Xavier de Barros, e como tal habilitado para entrar na successão de seus bens, e condemnão assim aos appellantes, e appellados nas custas de permeio. Rio de Janeiro 18 de Outubro de 1958.—P. I. Pinto.—Lisboa, vencido quanto á revogação da sentença.—Veiga.—Verneque.—Perdigão Malheiros.—Carneiro.

2.º—Accordão em relação etc. Que não attendem os embargos a fl. 582, visto nada conterem, que os faça dignos de recepção. Recebem porem, e julgam provados os embargos de fl. 588 para o fim de reformarem o accordão embargado fl. na parte em que julgou provada a filiação do A., e reformando-o instaurão a sentença appellada em todas as suas partes, e a confirmação por seus fundamentos (só se forão a conveniencia do Sr. Lourenço José Ribeiro, que até recorreo á das testemunhas, e partes!!) que são conformes as provas dos autos, e disposições de direito; e paguem os appellantes as custas. Rio 16 de Março de 1859.

—Pinto, presidente.—Veiga (juiz no 1.º accordão).—Peçanha.—Limpo de Abreu.—Almeida Torres.—Perdigão Malheiros (juiz no 1.º accordão!!).

Visto. Rio 16 de Fevereiro de 1859. Veiga. Este Sr. recebeu os autos no dia 14 do dito mez.—Vistos. Rio 28 de Fevereiro. Peçanha.—Vistos. Rio 4 de Março. Almeida Torres.—Vistos. Rio 6 de Março. Limpo de Abreu.—Vistos. Rio 15 de Março. Perdigão Malheiros. No dia 14 foi marcado o dia, e a 16 foi julgado o processo. Julgue o publico o que quizer á respeito de tanta brevidade, e prontidão dos Srs. juizes acima mencionados!! Adeos, Sr. Redactor, até que eu acabe o relatorio, que estou fazendo á tal respeito, acompanhado de todos os promenores, que houverão neste negocio, para que o publico se desongane, que, com taes juizes, he melhor cada hum abandonar os seus direitos, do que revendical-os. Rio 9 de Setembro de 2859. Do seu constante leitor—*Manoel Joaquim Xavier de Barros.*

CONCURSO DO SR. DR. JOSE MAURICIO.

Quarta feira 16 do corrente terá lugar na Eschola de medicina a ultima prova (sustentação da these) do Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia. Alem da justiça que acompanhou á este honrado Fluminense na sua pretensão á cadeira de lente de anatomia, justiça que sendo por todos reconhecida só achou apoio na rectidão e imparcialidade do Exm. Sr. Galvão, actual ministro do imperio; a prova que o Sr. Dr. Garcia fez, há dias, nada deixou a desejar; e ainda não satisfeito o Candidato com o muito que dissera na oração de hum ora, pediu licença á Faculdade que o ouvia, e perante hum lusido auditorio, para demonstrar praticamente com o escalpello sobre o cadaver, tudo quanto theoreticamente expendera; porem ella fez sentir ao Sr. Dr. Garcia que mais

D. Sancho 1.^o emprehendo retomar Silves, e o conseguiu pelo auxilio desses estrangeiros, como o dizem Faria e Souza, La Clede, Ferreras, etc.

Reinando D. Afonso 11, chegou á Lisboa o conde de Hollanda com huma forte esquadra, e ajudou el-rei na tomada de Alcacer do Sal, guarnecida pelos mouros (Vejam-se os mesmos historiadores).

No reinado de D. Fernando, os castelhanos entraram em Portugal, e puseram sitio á Lisboa, sendo ao mesmo tempo invadida a barra pelos inimigos: toda a esquadra portugueza foi destruida, e incendiada. El-rei porem, como não tinha então estrangeiros (segundo dizem esses historiadores) não sahio de Santarém. No mesmo reinado a esquadra portugueza ao mando de D. Afonso, irmão da rainha, foi destruida pela castelhana, que lhe era inferior em forças, e ao mesmo tempo tomaram a praça de Almeida desbaratando o exercito portuguez; porem quiz a Providencia Divina, que nesse comenos chegasse ao Tejo o conde de Cambridge com huma esquadra, e desembarcando hum troço de inglezes, el-rei cobrou animo, como se expressam La Clede, Faria e Souza, etc.

Em 1653, D. João 4.^o mandou vir para Portugal officiaes allemães, francezes, e hollandezes, para disciplinarem o exercito que, segundo Le Quien, La Clede, Ferreras, Faria e Souza, tinha muito medo da artilharia, e era menoscabado pelos castelhanos.

A rainha D. Catharina, casando sua filha com Carlos 11 de Inglaterra, este mandou huma esquadra e 2,000 homens de desembarque para proteger Portugal, e isto affirmão Vasconcellos, Faria e Souza, Brandão, e outros authores ja citados.

Vê-se pois, que mesmo antes de ser reduzido Portugal á huma feitoria ingleza, ja elle reclamava o auxilio de força estrangeira para a defeza do seu

pequeno territorio, e que esses bravos, cujo heroismo ninguem poderá deixar de respeitar, só o foram em remotas terras, entre os gentios que não ousavam fazer frente á artilharia.

Portanto, Sr. Redactor, ja se vê que a admissão de tropas estrangeiras he em muitos casos util, especialmente quando o paiz, que a reclama para defeza da sua integridade, não tem sufficiente numero de braços, como nos aconteceu.

Brasileiro.

Sr. Redactor. — Como julgo ser de utilidade geral a publicidade de todos os actos de qualquer dos poderes da nação, quer justos, quer injustos, para que da comparação de huns com outros, se conheça o estado de moralidade em que nos achamos; pois que só assim poderá o nosso governo, de commum accordo com a assemblea, cuidar de medidas, que ponhão em perfeita segurança os direitos dos cidadãos: por isso rogo-lhe o obsequio de dar publicidade aos dois accordaos, que abaixo transcrevo.

1.^o—Accordão em relação etc. Quo vistos, e relatados os autos na forma da lei, confirmão em parte a sentença appellada a fl. 347 v., em quanto julgou valida a escriptura a fl. 33, e por que não provou o appellante a arguida lesão, e de mais não estava competentemente habilitado para annullar a sobredita escriptura. Revogão a mesma sentença fl. 347 v., em quanto não julgou provada a pretendida filiação paterna.

Por quanto sendo a filiação paterna quasi impossivel de provar-se perfectamente, os juriconsultos se satisfazem com a prova imperfeita, qual a que resulta de indicios, e presumpções: sendo bastante allegar, e provar o filho, que se pretende habilitar, que seo pae natural o reconheçera por filho, ou que tivesse a mãe teuida, e manteuida, ou finalmente o ceito dos pais, que

Sr. Redactor. — Permitta o obsequio de eu perguntar ao seo correspondente V. F. que bem claro patenteia o seo dosalecto á familia dos Srs. Limas; primo, quem são os militares mais habeis, e que mais valiosos *serviços de camponha* tenham prestado, que os dittos Srs? segundo, quaes são os da arma de Caçadores que julga pelo menos iguaes aos Srs. Brigadeiro Manoel da Fonseca, Tenente Coronel Luiz Alves e Major Luiz Manoel? Quem he, e tem sido o mestre d'esta arma, e de todos os que á ella pertencem (cá no Brasil); se foi ou não o Batalhão do Imperador o modelo dos corpos do Brasil (no tempo em que erão dignos deste nome) e se o he agora o corpo de Permanentes, ou não; qual julga superior á este, ou se ha algum hoje que se pareça em sombra com os dittos corpos, assim como com os extinctos 2.º 3.º e 4.º Batalhões, que no Brasil são os que nós só poderíamos julgar modelos? Finalmente se ha no Brasil algum General que o V. F. assente ser mais habil, mais capaz, e que tenha maiores talentos professionaes do que o Sr. Manoel da Fonseca, e os outros membros Generaes de sua familia? Se os ha, lhe rogamos que declare por seos nomes, ou se he o proprio V. F., que se apresente assignado, ou algum que se jate de melhor official de caçadores ou igual aos Srs. Limas; se o houver, elles o chamarão a concurso á frente da tropa, no interior dos quartéis, e nos archivos e secretarias. Assignem seos nomes, e não se sirvão da capa de anonymo, com as confusas iniciaes V. F. para escurecer o reconhecido merito de huma familia de militares distinctos e patriotas e que não estão debaixo do jugo d'essa *potencia invisivel e insensa ás liberdades Brasileiras*; tolere ao menos o V. F. que hum escriptor patriota seja justo e imparcial dando a Deos o que he de Deos, e á Cezar o que he devido á Cezar. Sr.

Redactor quem se julgar offendido com os elogios que serão feitos aos Srs. Limas, e se acreditar melhor, ou tão bom official de caçadores, assigne-se para ser chamado á concurso e não se sirva miseravelmente do anonymo, só com o fito de offender á huma familia a quem se odeia, por que para se escrever que Deos não he Deos poder-se ha fazer, porque o papel tudo admite, mas proval-o he impossivel; por tanto o tal V. F. está malhando em ferro frio; lhe rogamos encarecidamente, que se assigne e nos faça o que lhe pedimos, ou então perde de outro modo seo tempo. — Sou Sr. Redactor, —

Hum official que bem e bem conhece as capacidades do Exmº.

Sr. Redactor. — Não he por espirito de antipathia á portuguezes, porem para ractificar hum erro de historia, que pego na penna. Na reunião da assemblea geral, discutindo-se a emenda do senado que authorisa o governo a engajar 3,000 homens de tropas estrangeiras, o illustre deputado o Sr. Alvares Machado avançou huma proposição que não me parece muito justa. Disse este honrado representante, que Portugal foi hum berço de heróes em quanto fez a defeza do paiz com as suas proprias armas; porem desde que chamou estrangeiros para o seo serviço, se eclipsou a gloria de Portugal, adquirida pelos Pachecos, Almeidas, Castros, e Albuquerquees. Isto não he assim. Portugal na defeza do seo territorio valêo-se sempre de força estrangeira, e os seos heróes, dignos deste nome, assignalaram-se por façanhas nas terras remotas, a que os levava o genio emprehendedor, e especulador, que então animava os lusitanos. Folheemos a historia, e veremos o seguinte: Em 1195, chegando ao Tejo huma frota de flamengos, e allemães, el-rei

The sole purpose of science, and of all study, is the Economy and improvement of the Arts of life. Reconfortado por sir Richard Phillips, no seu *Diccionario das Artes da vida, e civilisação.* Obra que deveria tambem fazer parte da instrucção da mocidade Brasileira, juntamente com a outra, *hum milhão de factos* do mesmo Author.—Seo muito venerador

José Victorino dos Santos e Souza, Lente Jubilado em sciencias da Imperial Academia Militar, etc.

No momento em que se trata de fazer todas as economias, que não bastarão para melhorar nossas finanças; no momento em que hum gabinete, composto de homens ja escarmentados por terem estado á testa dos negocios publicos, e passado pelos vexames da critica e da censura de que são victimas a mór parte dos nossos funcionarios, e de outros que não havendo ainda trágado o sel das accusações, e antes libado o nectar dos panegyricos, trata de querer pôr em melhor estado as nossas cousas, confiado nas maiorias das camaras, que não lhes tem negado seu appoio, a fim de que se não attribua á ellas mais o peccado de não concorrerem para o melhoramento do Brasil concedendo-lhes *tanto dinheiro*; no momento, dizemos, em que tudo isto se faz, acabamos de ver, com pesar nosso, e dos que ainda são animados de patrioticos sentimentos, huma commissão da camara dos Srs. Deputados dar hum parecer para se pagar á Guilherme Young a enorme quantia de 764 contos, procedida de huma assás lembrada porção de armamento mandado buscar á Europa por gosto, capricho, e conveniencia do ministerio *Clementino* de nefanda memoria. Ha annos pende este negocio d'Assemblea geral; escriptores habeis ja tem mostrado e demonstrado a illegalidade da exigencia deste pagamento, talvez fi-

lha d'ambição, e do escandaloso patronato do Sr. José Clemente Pereira, homem tão amigo do Brasil e dos Brasileiros, tão *mi-ze-ri-cor-dio-zo*, que não duvida comprometter os poderes do estado para satisfazer seus caprichos, nesta vergonhosa questão do Sr. G. Young. O patronato, alem de apparecer desnudado á todas as vistas, ainda mais he revoltante, quando se vê, que achando-se pendente da decisão da camara huma causa de mais justiça, qual a do Exm. Sr. Albino Gomes Guerra d'Aguiar, trata-se com acceleração do dar fundos para o pagamento da divida não comprovada do Sr. Young, e deixa-se no esquecimento as reiteradas petições do Sr. Marechal Albino, quando sua divida se acha reconhecida por documentos incontrariaveis do thesouro; e huma vez que a Nação se reconhece devedora ao Sr. Albino, depois de bem e maduramente examinar a mór parte de suas contas, honra he da camara decretar fundos para o seu pagamento. Em outro numero faremos huma exacta analyse de todo esse negocio de armamento, fardamento &c. que tantos incommodos tem causado ao Sr. Clemente Pereira, e de tantas *esperanças* o tem por vezes enchido, e o vai enchendo de dia em dia. Mas he, em verdade, doloroso, que queira a camara, á vontade de alguem, que a nação pague o que não deve, que dê dinheiro por huma cousa de que se não utilisou, e que seu dono dispôs d'ella com vantagem; e isto n'hum tempo em que não ha dinheiro nem para os ordenados dos mais simples empregados do estado; e isto n'hum tempo em que o governo trata de só fazer justiça, e nada mais que justiça, arrojando para longe de nós, ou dos nossos cofres, as sanguisugas que nos perseguem famintas, e tirão o precioso sangue á nação debilitada.

Hum Eleitor.

scenas de que não queria ser testemunha. Nós louvamos em parte o justo resentimento do Sr. Chefe de Policia, porque assim S. S. prova que não se deixa levar pelo gosto do dia, isto he, que não apatrocina culpados nem por satisfações d'amizade, nem por transacções, e, nem por dinheiro, já que nossa desgraça chega a tal ponto, que para se obter justiça he preciso presentear os Juizes, ou a seus meninos, e quando isto se não faz, magistrados ha (salvas excepções honrosas) que taixão até hum preço (às vezes 1:000.000 rs.) para darem andamento a autos ou processos que parain em seo poder!!! Deste contagio cremos estar até aqui livre o recto Sr. Chefe de Policia, cujo nome somente serve ja de terror aos ladrões, e á todos quantos malfeitos (a mór parte d'elles estrangeiros) infestam a nossa cidade, e incommodão as nossas familias. Continue S. S. a desempenhar o penoso encargo de que ha annos está incumbido, e para cajo desempenho tem feito particular estudo, que o publico não lhe nega a merecida justiça, nem os devidos encomios. E quanto mais forem as provas que S. S. der de sua rectidão, e, sobre tudo, de seo desinteresse, tanto maior será o conceito que nos merecerá, conceito de que S. S. ja teve prova, quer no crescido numero de votos dados ao Sr. seo Pai para senador, quer na maioria que o collocou n'Assemblea provincial, de grão infallivel por onde chegará breve á Tribuna da Camara quadriennial, á que S. S. tem jus, por seos relevantes serviços.

Cumpra, por tanto, que S. S. permaneça no seo antigo posto, onde tem adquirido a aura de que gosa, aura que inmensos outros seos collegas estão longe de merecer, por que difficil lhes fôra grangeal-a com tanta honra huma vez que se não dessem á mesma applicação. Quasquer que sejam agora as causas, alem das que apontamos, pelas

quas S. S. julgasse offendido o seo amor proprio, á ponto de instar por sua demissão; a confiança que o Publico em S. S. deposita era motivo mais que justo, para que tal pretenção não fosse levada á effeito, e cessasse de huma vez a displicencia que lhe motiva o desánimo de voltar ao seo posto, pelo qual ja se empenham aquelles que n'elle encaram o ponto de sua felicidade. Nós fazemos votos para que cessem todos os resentimentos á tal respeito; e ao governo em geral, ou á algum ministro em particular, cumpre satisfazer os desejos do publico, e não dar mais esse dia de gloria ao enxame de malfeitos á quem só aterra o nome do Sr. Mattoso da Camara.

COMMUNICADOS.

O COLLEGIO DE PEDRO II.

Quando este collegio se estabeleceo, offercemo-nos para ensinar hum curso de geometria applicada ás artes, tomando por norma as obras de Mr. Dupin, nos 3 volumes que se ensinão em varios estabelecimentos mechanicos em França e Inglaterra; porem como cada ministro tem seos planos, e seos afilhados, nosso requerimento foi escuzado, apesar das habilitações que temos neste ramo, pelo termos professado por tantos annos; e mesmo poderiamos applicar a geometria transcendente se assim o quizessem. Agora que segundo parece deve tratar-se de huma reforma, em que as vistas do governo se não apartem muito das do estabelecimento pio, para dar á mocidade desvalida ideas rectas das applicações da geometria aos officios, e ás artes mechanicas, ainda nos offercemos para o mesmo fim, depois de huma boa coordenação, e reforma para o que tambem poderiamos ter voto: por terem sido nossos estados sempre encaminhados á objectos graficos, e de immediata applicação aos usos da vida social.

A Ortiga.

Son herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Respondendo ao Sr. M. Magalhães, disse o Sr. Ramiro, na sessão de 10 do corrente: — não fui adversario do gabinete de 19 de Setembro; louvei os seus actos; applaudi suas escolhas; votei-lhe creditos, e medidas de confiança; e ainda fiz mais do que elle queria fui eu que propuz TROPAS ESTRANGEIRAS —; mas depois achei que não devia continuar a prestar-lhe o meu voto — Eis em summa a defeza do Sr. Ramiro; como porem seja bom, que o publico saiba os motivos em que se fundara sua agora Ex. para ser hum assaela furiOSO daquella administração nos primeiros mezes, e depois seu adversario, diremos o que elle callou.

O Sr. Ramiro declarou-se pelo governo de 19 de Setembro logo que elle se formou, — porque queria ser Presidente da Bahia —: fugio applaudir a nomeação do Sr. B. Pedroso por que — lhe prometterão despachal-o para o tribunal do thesouro, cuja reforma se planeava — depois mostrou-se mais zangado, por que não conseguiu do gabinete de 19 de Setembro o despacho do seo Alim C. F. França, para Desembargador da relação desta corte: sua *billis* finalmente *trashordou* logo que o seo *valimento* foi insufficiente para sustentar no lugar de encarregado de negocios, em Monté-Video, a hum seo

patricio, *parente*, amigo, e... que..., e que sua agora Ex. queria que fosse conservado. — Desta epocha para diante o Sr. Ramiro se tornou adversario de aquelle gabinete; e si nesta conducta ha isso, que S. Ex. expõe — em grandes *palavrões*, e *palavrorios* — o Sr. Rebourças o dirá, pois que proxivamente virá á esta corte, para se intreter com S. Ex. pequenina.

Os boatos que ha dias circulavam nesta corte, e que encheram de susto a mór parte da população passifica, de pretender pedir demissão do oneroso encargo de juiz de Direito e Chefe de Policia, o Ilm. Sr. Euzebio de Queiroz Continho Mattoso da Camara, achão-se completamente desvanecidos. Justos motivos talvez dessem causa á este fluminense digno da nossa inteira confiança; mostrar-se de algum modo resentido por ver baldados tantos e tão continuados esforços que fez para descobrir até o ultimo individuo complice do roubo do Thesouro Nacional. Tendo o Jury porem não achado materia para accusação em dous dos pronunciados, e havendo outros, que deviam ser julgados na subsequente sessão do mesmo Jury; S. S. não a quiz presidir, a fiado que á seus olhos se não passassem a,

legio, obedecco, o retirou-se, como devia.

Nós não juntamos reflexões algumas ao que deixamos escripto; a verdade dos factos não pode ser contestada, e o publico que ajuize por ella o que he, e o que poderá ser o collegio, a não se lhe dar já e já a reforma pessoal de que elle necessita. Acrescentaremos ainda, que o joven Reitor, depois de sua entrada, deo hum dia hum *merenda* aos alumnos, a qual consistio em *pão, e cocada!!!*

Páro aqui, Sr. Redactor, reservando para breve dar-lhe algumas noticias, que por agora omitto, por me não tornar fastidioso por demasiado extenso.

Tenho a honra de ser

Hum Pae de familia, que não negocia em cocadas.

AS SECRETARIAS.

Muito nos regosijamos com o additamento, que acaba de passar em terceira discussão na camara dos Srs. deputados, sujeitando a faculdade da organização das Secretarias de Estado á approvação do Corpo Legislativo.

He sem duvida muito bem entendido este additamento, por que estando authorisada a administração de 19 de Setembro, para exercer a referida faculdade, independentemente da previa approvação da assemblea, della não *viu*, são para fazer hum jogo de transacções, segundo se diz, e nem tão pouco a cumpriu o ministerio, que lhe succedeu, por isso que tambem se curvava ao peso das mesmas transacções: ficarão por tanto mentirosos todos os anteriores ministros da corôa, que reclamarão, e tanto urgirão nos seus relatorios por esta authorisação, por que tendo ella sido concedida em Outubro passado, isto he, ha quasi hum anno, a *ominosa* administração, que cossou em Abril proximo passado, e a que subiu ao poder nesse mesmo mez, della se

não sorvirão para o fim, que se exigia, o bem do serviço publico, resultando deste procedimento não pequeno dezar ao actual ministerio, por isso que á elle não confia a camara dos Srs. deputados aquella mesma faculdade, sem a previa approvação do corpo legislativo: foi este pois o resultado das transacções, resultado, que bastante revela a debilidade daquellas administrações na distribuição da justiça, por isso mesmo que o simples facto, segundo se diz, de se contarem alguns Srs. deputados no numero dos pertendentes aos lugares de officiaes de secretaria, pesou mais na balança das considerações ministeriaes, do que a justiça de alguns outros pretendentes, que, posto tivessem superiores habilitações, não tinham com tudo hum voto subordinado. Que lastima!!! Que vergonha!!!! E que corollario tão funesto para o nosso systema politico não resulta desse desgraçado monopolio, á que se tem reservado alguns individuos da mais importante classe da nação? Que lastima, e que vergonha para aquelles ministros, que antepozirão á justiça, ao verdadeiro merecimento, ao bem do serviço publico, essas condescendencias sordidas, respeitos baixos, essas *transacções*, guardadas em menoscabo da lei, contra a honra do poder irresponsavel, e do mesmo governo, que ainda ha hum anno reclamava pela urgencia daquella medida, que não foi capaz só por si de a executar? Aproveite o ministerio actual mais esta lição: dê-lhe o apreço, que ella merecer, na certeza de que, segundo as tacticas parlamentares, ella nada menos importa que pouca confiança na actual administração, por cujo motivo se deve retirar.

P. — Porque razão os deputados, senadores, e tantos outros *comedores*, não cedem parte de seus ordenados em favor dos cofres, que elles mesmo entusiasmaram?

R. — Porque são patriotas.

internas que eram necessarias. He porem escolhido pelo governo (não o actual que sabe o que faz) o Sr. Joaquim Caetano da Silva, lente do grego do mesmo collegio, para occupar o importante logar, que, por experiencia antiga, sempre se deo áquelles que, quando por nada mais, só pelo alvôr de suas cans se tornam respeitaveis. Desde a entrada deste joven reitor, aliás talentoso, e chegado de Paris, o collegio começou a sair de sua dignidade, até que terminou pela demissão que pediu o Sr. Frei Leandro, além da do capellão. Como os estudantes se mostrassem mal servidos pela falta que lhês fazia o vice-Reitor, sacerdote preparado por estudo, e pratica para reger taes estabelecimentos, hum requerimento assignado por elles, em que com urbanidade, e modestia se queixavam da comida, foi motivo para que o joven reitor mandasse prender alguns, que suppoz chefes d'aquelle *horriuel attentado*; e sabendo que os Inspectores de classes se queriam despedir, julgando-se offendidos por aquella providencia; sua mercê, *sem consultar a nada mais que o seo amor proprio*, lavrou de seo mesmo punho os *celebres* officios suspendendo os Inspectores, em virtude do § 2.º do art. 1.º dos Estatutos. (Este paragrafo authorisa o reitor tam sómente á contratar medicos para o collegio!). Despedidos os Inspectores, que até ali se haviam bem comportado, apesar de seos trabalhos continuos, e da mesquinhez de seos vencimentos, o joven reitor escolheu d'entre os alumnos mais habeis novos Inspectores, que durando apenas 16 dias, sua mercê julgou em sua unica *subedoria* dever admitir colonos, que mal sabiam assignar seos nomes, como de facto admittio, para inspeccionar, e *explicar* as lições dos alumnos daquelle infeliz collegio. Qualqnor outra pessoa, que tivesse algum conhecimento de regimen collegial, devia logo prever que os estudantes polidos, e a maior parte filhos de

paes respeitaveis, ou parentes de pessoas de representação, em uma palavra, todos animados de bons sentimentos, se não sujeitariam á infâmia de serem inspeccionados por taes *satrapas*; mas o joven reitor, novato em tudo, vio em menos de tres dias revolucionado o collegio, e os *seos inspectores* despediram-se, antes que os despedissem. Consultando sua mercê, ainda neste caso, *somente o seo amor proprio*, chamou á bolos (foi sua mercê quem introduzio palmatoria no collegio) os alumnos maiores que elle julgava *authores* da *crise collegial*, e como se recusassem alguns a apanhar das mãos dos criados que os tocavam, determinou prisão para os que aprouve ao seo —instincto— e prendeo-os, levando logo á presença do governo huma exposição *unicamente filha do seo amor proprio*, contra os alumnos de maior idade, o que, divulgando-se, fez que a mór parte delles se despedisse, sendo o resto expulso do collegio, ficando apenas huns meninos, (muitos dos quaes já tem sahido) que bem pouca conta darão de si no fim do anno, como temos de ver.

Não páram porém ainda aqui os acontecimentos: indisposto o joven reitor com o lente de Latim, o Sr. Castro, sendo o primeiro em dar o exemplo de pouca delicadeza, mandou ordem vocal ao porteiro do collegio que o despedisse quando se apresentasse para lecionar, o que este empregado fez, intimando ao Sr. Castro, quando ahí compareceo, como era seo dever, que tinha ordem do reitor para o não deixar lecionar mais os alumnos!!! Ninguem duvide disto que dizemos: he a propria verdade!!! Desta vez o joven reitor não quiz se servir do § 2.º do art. 1.º dos Estatutos; não quiz lavar de seo proprio punho o officio para suspender um lente seo collega, isso offendia á sua grega illustração, bastava hum *reccado* dado ao Porteiro! E o Sr. Castro, hum dos mais habeis lentes do col-

criados e disciplinados por militares Brasileiros: e tambem com isso não queremos dizer, e não se pode entender que fosse essa nossa intenção, que só os Batalhões do Imperador e de Permanentes são os unicos, que poderiam servir de modelo. Tivemos o Batalhão do Sr. Seara, o de D. Francisco, o do Sr. João Chrisosthomo, o do Sr. Coroacl Souto &c.: mas, á excepção do Sr. Seara, todos os outros chefes são Europeos; e como o que quizemos sustentar foi que os nascidos no Brasil são tão capazes, como os mais capazes nascidos na Europa; não podia affligir á nenhum nascido no Brasil que hum escriptor apontasse os Srs. Limas, como habéis e distinctos militares Brasileiros. Não nos consta que todos os officiaes do Corpo de Permanentes sejam Limas; e com tudo dissemos que o seo illustre chefe, e os seus jovens officiaes tão cheios de brio e de honra, como o seo Comandante; e muitos outros dignos, e habéis e muito honrados militares do nosso exercito, são mais capazes de disciplinar os nossos soldados &c., e entretanto o nosso correspondente passando os olhos pelo nosso artigo, apenas vio os nomes dos Limas, em quem fallou só com animo de injuriar, e nada mais. Nós não dissemos em parte alguma do nosso artigo que os Srs. Limas erão os militares que tinham mais conhecimentos theoreticos necessarios, pratica e serviços valiosos de campanha: nós somos Brasileiros, e essa qualidade foi que escrevemos o artigo, que tanto affligio o nosso correspondente. Si tivéssemos a fortuna de conhecermos o nosso correspondente, antes de fazermos aquelle artigo, e que em lugar de citar alguns dos Srs. Limas, o nomeássemos; temos toda a certeza que nenhum delles se afanaria em escrever contra o que houvessemos avançado á cerca do nosso correspondente. Estes Senhores ignorão perfeitamente quem seja o Homem do Seculo; seo auctor nada deve aos Srs. Limas, senão atten-

ções civis, e de mera cortezia; estimamos porque são Brasileiros honrados, e amigos da sua Patria: ja o dissemos, não temos a honra de conhecermos o nosso correspondente; se o conhecéramos, não duvidariamos tributar-lhe iguaes respeito e considerações, se o julgássemos digno disso.

Somos bem inimigos de discutir *homenes*; somos mais aptos para discutir *cousas*: se para fazer marchar as cousas somos obrigados á fallar em homens, he sempre mui conscienciosamente que o fazemos. Tal foi o que nos aconteceu, quando fallando de tropas estrangeiras, trouxemos para exemplo os Srs. Limas. Muito estimaremos que o nosso correspondente se convença de que nós nenhuma outra intenção tivemos, escrevendo o artigo de que se trata, e que procure arredar de si a sentença de Hesiodo — *Architectum architecto invidere et poetam poetæ*.

COMMUNICADOS.

COLLEGIO DE PEDRO II.

Como, á excepção de huns pequenos artigos do *Despertador*, nada se tem publicado do que occorreo, e occorre no collegio de Pedro II; nós bem informado de todo o succedido vamos levar á consideração dos Paes de familia a narrativa de taes acontecimentos, ja que elles só tem quem lhes peça dinheiro de trimestres e quartéis vencidos, e não quem lhes dê conta do bom ou máo successo dos moços, esperanças da Patria, que ali se educam, graças á habilidade, ou ao — *Instincto do Sr. Vasconcellos*.

Depois da demissão que pediu de Reitor d'aquelle Lyceo Brasileiro o honrado e respeitavel Sr. Bispo de Anemuria, o Sr. Frei Leandro, vice-Reitor, conservou em boa ordem o collegio, esperando occasião e tempo para poder fazer algumas pequenas reformas.

ção para com elle, nem para qualquer outro poder do Estado: e para que o corpo legislativo obtonha essa necessaria consideração sem idolatria, he preciso que no seu seio impero a consciencia: a consciencia, e só a consciencia, esse inexpugnavel poder, que resiste á todos os poderes! He este principio, que deve fazer reinar a razão sobre a terra; he este principio, que deve acabar o triumpho da civilisação! A consciencia he a lei suprema de todos os poderes: obedeção á ella os legisladores, os governantes, e os juizes, e não á seus interesses, e nós veremos se as nossas cousas mudam ou não de face: tomando-a por farol serão todos contrangidos á ser justos. Repillam os systemas, que opprimem a consciencia, seja em nome da theocracia ou do direito divino, inventado por homens para escravisar a terra em nome do céo; seja em nome do contracto social (vôo hypothese) imaginada para a liberdade e consagrando a escravidão; seja em fim em nome da vontade verdadeiro ou supposta da maioria: e o reinado da paz, da ordem, e da abundancia se firmará entre nós, e nos collocará no posto, que nos compete de direito pela feliz posição, que occupamos sobre a terra.

Passemos agora á outro ponto de accusação, que nes faz o correspondente pelo que dissemos á cerca dos Militares. Diz o correspondente que *• não he prudente e sensato, que se façam comparações e sempre odiosas entre pessoas de qualquer classe, e muito principalmente na militar, que pede a politica e o estado do paiz, que se esqueçam feridas preteritas e se trate da união dessa respeitavel classe. •* Não podemos atinar ou deparar com as comparações, á que allude o nosso correspondente, á cerca de militares; percorremos todo o n.º 6 da *Ortiga*, onde vem transcripto o artigo, á que se refere o correspondente, e nen-

huma comparação encontrámos feita por nós entre os nossos militares: se nós houvessemos dito que tal ou tal militar, ou taes ou taes outros eram mais habeis e mais distinctos, do que taes ou taes outros; então certamente haveríamos feito comparações. Porem o que dissemos nós de offensivo aos officiaes do exercito? não defendemos pelo contrario a sua honra offendida, e menoscabada nesse projecto, que passou, pedindo-se modelos de disciplina para o exercito, dando-se assim a entender que não havia no paiz militares, que tivessem a sciencia, e a arte necessarias para organizar corpos, e disciplina-los á européa? Não pugnamos pelo contrario pelo seo brio, pelo seo pundonor offendidas? Per havermos dito que o Sr. Manoel da Fonseca Lima, era *hum dos mais distinctos, e mais habeis militares Brasileiros*; quizemos por ventura dizer que elle era o mais distincto e o mais habil dos militares Brasileiros? Ou nós não sabemos Grammatica, ou o nosso correspondente he muito inimigo dos Srs. Limas, e por isso creio que nós nas nossas expressões affirmámos que os Srs. Limas eram os mais *distinctos* e os mais *habeis* militares Brasileiros. Nós conhecemos muitos militares tão distinctos e tão habeis, como os Srs. Limas; porem que crime se nos pode fazer de não termos nomeado em lugar destes Srs, outros nomes militares? Qual foi a comparação, que fizemos dos Srs. Limas, com os outros militares, e cuja differença fosse injuriosa aos outros? Tratava-se de modelos, que deviam vir da Europa; e como não tivemos muitos Batalhões, como o do Imperador, creado e disciplinado pelo Sr. Manoel da Fonseca; como não temos hoje, ao uenos ao nosso conhecimento, nenhum Batalhão tão disciplinado, como o de Permanentes, de que he Commandante o — Sr. Luiz Alves de Lima; nenhuma razão podia impedir que apontassemos esses dous Batalhões

h. de vencer o tornar-se superior á maioria, sua antagonista na poléja legislativa. Lancei mão do mais desfavoravel caso, e tendo-o desenvolvido e sacado hum resultado vantajoso, todos os demais o serão também, até mathematicamente fallando. Portanto pedimos ao seo correspondente o — *Homem do Seculo* — que continue com algumas de suas judiciosas discussões, mas que desista de atacar ao corpo legislativo, á que o paiz devo tantos, e tão multiplicados e valiosos beneficios.

Huma outra observação me cumpre fazer-lhe; não he também prudente e sensato que se fação comparações, sempre odiosas, entre pessoas de qualquer classe, e muito principalmente na militar, que pede a politica e o estado do paiz que se esqueção feridas preteritas, e se trate da união d'essa respeitavel classe.

Attendendo ás observações que faz sobre os Srs. Limas, eu, lhe direi que os supponho com algum prestimo militar, porem que o — *Homem do Seculo* — se vê, pelo que d'elles dice, em hum bem apertado dilemma; ou commetteo huma injustiça palpavel e revoltante a hum grande numero de habeis militares, e com os conhecimentos theoreticos necessarios, que não tem os Srs. Limas, e com a pratica e serviços mais valiosos de campanha; ou então usou de huma ironia tão descarnada e directa que de certo hirá chocar a modestia dos militares d'aquella familia.

Fique certo o — *Homem do Seculo* — que os Srs. Limas não desejão elogios que não merecem, deprimindo-se por isso huma numerosa classe; e também que elles repelirão hum ataque tão directo acobertado com a capa da ironia a mais mordaz e satyrica.

Seu Patricio e obrigado — *V. F.*

OBSERVAÇÕES DO

HOMEN DO SECULO.

Parecto ao correspondente desta fo-

lha, que eramos desafectos ao corpo legislativo, que cavavamos a sua ruina, que o desconceituavamos; quando dissemos que da falta de fé e deslealdade da *dobrez de opiniões disparatadas, hoje sustentadas e amanhã combatidas pelos mesmos homens, tem resultado essa especie de pouco preço ou desprezo com que o povo começa á olhar aos representantes.* Para que esta nossa assersão fosse injuriosa ao corpo legislativo, era preciso que tivessemos dito que elle *não tem boa fé, não tem lealdade, que he volavel e disparatado em suas opiniões; que hoje sustenta huma idéa, e amanhã a combate &c.:* mas o que havemos avançado, não pode significar, senão que o povo vendo os *mesmos homens, sustentando hoje (segundo os interesses da occasião) huma opinião, e combatendo-a amanhã; não podia suppor, senão faltos de fé, e de lealdade, dobres, e sem opinião propria; e que isso trasia necessariamente pouco preço, e desprezo sobre os representantes que assim obrassem.* E para destruir a nossa opinião á tal respeito, mesmo quando nos tivessemos dirigido directamente ao corpo legislativo; era preciso que o correspondente mostrasse qual he a causa da tepidez, que existe hoje para o corpo legislativo, e sem que á favor do governo com suas tendencias para a Monarchia pura se desenvolva mais fervor ou affan para o sustentar. Quem tiver lido com attenção os nossos artigos não poderá com criterio dizer que somos desafectos ao corpo legislativo, que o não respeitamos, que o não consideramos, como o baluarte de nossa liberdade: não seremos nós, que concorreremos para lhe tirar a força moral; pelo contrario queremos que elle se revista de gravidade, que obre com siseudez e acerto para merecer o respeito, e a consideração do povo, para serem os seus membros os *Padres Conscriptos* da nação. Porem não queremos idolatria, nem supersti-

Eu antolho a gratidão como huma das principaes bases da associação moral, como huma das molas que dá andamento regular à puridade do sentimento, à razão, à virtude, e à justiça. Eia pois, demos graças ao poder legislativo que insensatamente tem tolhido, paralizado, e até feito recuar as medidas e a tendencia natural do governo para o arbitrio.

Não se pode negar que o corpo legislativo, à semelhança do diurno sol, conserva em equilibrio phisico e mechanico a orbita do universo, não obstante as tempestades, e os excessos da natureza que muitas vezes o offuscão: assim o corpo legislativo sujeito aos embates das paixões, ao crusamento dos interesses particulares, e ladeado pelas sympathias e affeições, muitas vezes seos actos, e principalmente opiniões de alguma das côres, se hão deslizado da vereda da razão, e da justiça; porem esses são os inconvenientes do systema e dos corpos collectivos; mas limitados e diminutos em comparação da somma de beneficios directos, e indirectos que presta ao povo. A analyse theorica, e hum milhão de factos o demonstrão clara e indistinctamente. Conservemos, e respeitemos, por tanto, essa unica garantia do povo, esse baluarte defensavel e invencivel dos direitos dos cidadãos. Embora passem medidas não politicas, não aconselhadas pelas conveniencias publicas e pela prudencia, ellas dali sabem tão desenvolvidas pelo choque das differentes opiniões, que o governo com o respeito à sensatez publica, muitas vezes não lança mão d'ellas não obstante authorisado, não obstante a seos anhelos.

Se for necessario descer a factos, e balancear as duas conchas dos convenientes e inconvenientes, estou certo que o resultado será extremamente favoravel aos beneficios que recebe o paiz daquella parte de nessas instituições.

Assim discursando, não posso deixar

passar em silencio a idea emittida pelo —Homem do Seculo— (respeitando sua boa fé, e puras intenções) de que *da falta de fé, e lealdade, a dobrez &c, opiniões desbaratadas hoje sustentadas, e amanhã combatidas pelos mesmos homens, tem resultado essa especie de pouco preço ou desprezo com que o povo começa a olhar seos representantes!!!*

Como vivo no paiz, e, moralmente, jamais hei deixado de sondar o espirito publico, e tenho conhecido que a parte sensata e san cada vez mais e mais respeita e ama o corpo legislativo, que ha salvado o paiz, de infindas e infidas borascas; e que somente os authomatos de huma esquerda mão, he que, para seos seos sinistros fins, pretendem desconceituar ante o publico o emblema de nossa civilisação, e a unica garantia da liberdade; não posso por tanto deixar passar huma opinião tão perigosa e subversiva. Ja dice, não nego a boa fé e boas intenções do—Homem do Seculo,—mas nego que o povo desrespeite, e despreze seos representantes, e nego tambem que huma tal proposição seja politicamente proferida em outra qualquer occasião, e muito menos na actual crise do Brasil, em que os partidos tendem aos extremos dos systemas governativos.

Conserve-se, e honre-se aquelle ponto solido, aonde o resultante dos extremos se chocão e mutuamente se debandão, e se destroem. Consultando a historia legislativa se vê que em todas as assembleas hão existido maiorias que as vezes defendem partidos pessoas, que violão as regras do justo e do honesto, e que mesmo desmoralisão com máos exemplos a nação, e que vencem medidas impoliticas, falsas, e injustas: mas huma minoria de existencia infallivel lança tambem mão do escudo da verdade, da razão e da justicia; e com elle ante o tribunal publico, compensa o excesso do numero, e a mór parte das vezes o excede; e a consequencia immediata

regem os povos para poderem representar a figura de Deos sobre a terra, onde elles devem reger *secundum justitiam et equitatem*, e não *secundum arbitrium et iniquitatem*.

Dous ministerios existiram durante esta lide; todos passaram pela Lei de 3 de Outubro de 1852, e nenhum encontrou o Art. 7, que diz: «*Somente os Substitutos tem o direito de succeder nas cadeiras vagas:*» todos desviaram d'elle os olhos, por iniquidade huns, por covardia outros, e atropellaram a justiça, procurando desta arte roubar o pão ao honesto pai de familia, ao servidor honrado, não para si, mas para seus clientes: e entretanto o homem áfeito á justiça, guiado pelos dictames de huma sã consciencia, não precisou de empenhos, não precisou de supplicas, não precisou de genuflexões para desmerilhar o fastidioso emboglio, em que estava envolvida de proposito a justiça do Sr. Dr. Garcia, e appresenta-la á luz do dia, e confundir os iniquos perseguidores do merito. Exprime-se a Lei, que *somente os Substitutos tem o direito de succeder nas cadeiras vagas;* não era o Sr. Dr. Marinho, nem Dr., quando vagou a cadeira, que está em litigio; e com tudo houve quem o julgasse com direito de succeder nella, mesmo sem ser ainda Dr., e sem ser ainda Substituto! Estava o concurso aberto para a cadeira de Anatomia, na conformidade do Art. 152 do Cap. 2.º dos Estatutos da Escola: decorriam os dous mezes, praso marcado neste mesmo art.; estava á findar o tempo, dentro do qual deviam-se achar inscriptos os oppositores, quando apparece hum aviso do Sr. Vasconcellos mandando suspender a execução da Lei, e determinando que se pozesse primeiro á concurso o lugar de Substituto, vago pela sahida do Sr. Dr. Borges para Professor de operações. Afixão-se editaes na forma da Lei, decorrem os seis mezes exigidos; forma-se o Sr. Marinho, que

termina a sua carreira com huma precaria saude; semivivo he convidado para concorrer; e mais o estado deteriorado de sua saude, do que incapacidade o faz recuar; porem a certeza, que se lhe dá de ser Substituto, *fossem quacs fossem os oppoentes* (o que deu lugar á retirada dos Srs. Drs. França e Nogueira) o anima: *chega, vê, e vence!* E como he Substituto, e *somente os Substitutos tem direito de succeder nas cadeiras vagas*, o Sr. Marinho e seus amigos invocam em seu favor em altas vozes o Art. 7 da Lei de 3 de Outubro: entretanto se houvesse huma Lei, que dicesse: «*todo o Medico, que tiver mais de 50 annos ao tempo da publicação desta Lei, será inforcado;*» e o Sr. Marinho por ser Medico fosse agarrado, he muito de crêr que dicesse: *não he comigo, eis minha certidão de idade, largai-me:* porem, como não se trata de morrer, mas de obter huma cadeira de Professor com a mesma justiça e merecimento, que obteve a de substituto; o seu affian he tal, que desesperado da desobediencia do ministro ás ordens do chefe da Potencia invisivel, se arrojou á insultar o benemerito, e honrado Ministro, que sabe conhecer sua dignidade, e que não soffre influencias, que não sejam a da Lei; levando sua desenfreada protervia ao seio da representação nacional, onde só deve apparecer o grave e o honesto! Aguardamos o nosso juizo sobre a decizão, que houver de tomar a camara dos Srs. Deputados, sobre a peça escandalosa, que ali appareceo, assignada pelo Sr. Dr. Domingos Marinho de Azeredo Americano.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor.—Contando com a sua imparcialidade em transcrever as correspondencias, que rasoaveis e decentes lhe forem enviadas, ouzo, certo de seo coração brasileiro, enviar-lhe as seguintes observações á respeito do—Homem do Seculo—no seo n.º 6.

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha.
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de vouloir ce que veut le peuple: C'est en vain que les vieilles aristocraties multiplieraient leurs efforts pour s'opposer que la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em S^a. Helena.

No prospecto de nosso artigo dissemos que não fariamos opposição ao governo, por ser governo, pois que sendo elle huma necessidade publica, era indispensavel que todas as pessoas, que querem e desejam a ordem no paiz, o sustentassem; mas obrando elle dentro dos principios de justiça e de equidade, e satisfazendo as necessidades da nação: e por isso accrescentámos que assim como o bateriamos vigorosamente, quando elle se afastasse destes principios e violasse as leis; assim tambem o louvaríamos, quando elle cumprisse com seo dever e fizesse justiça, deixando de obrar por influencias, excentricas da responsabilidade. He portanto levados deste principio que tributamos hoje lovores ao governo pelo que elle acaba de praticar á respeito dessa escandalosa, e vergonhosa questão, que tem havido entro a Escola de Medicina e os Srs. Drs. José Mauricio, e Marinho Americano. Foi preciso que á testa da repartição do Imperio se collocasse o homem austero, justiceiro e forte, o

homem recto, que sempre administrou a justiça com mão firme em todos os empregos, que tem exercido assim na Magistratura, como na administração de diversas Provincias, que tem governado; foi preciso que se colasse á testa da repartição do Imperio o homem stoico, que desconhece influencias, que não sejam sua razão, a justiça e a lei; que despreza com nobre altivez essas *potencias invisiveis*, que tem sempre procurado governar o governo, desde 1831, até hoje, e das quaes ja foi elle mesmo huma nobre victima: foi preciso finalmente que viesse da Inglaterra o Exm. Sr. Galvão para que hum desprotegido, hum homem sem familia, filho somente de seo merecimento, e por tantas razões desamparado ate *do curso do sol*, que parou no meridiano ate que hum Dr. se fizesse, e se convertosse em substituto para disputar-lhe o incontestavel direito; tivesse justiça! Quanto he grato á hum coração bem formado a satisfação de dar á cada hum o que he seo, de fazer justiça. Honra á todos os Ministros, que ajudaram ao Sr. Galvão com seo appoio na sustentação dos direitos do Sr. Garcia! Dê-so á Deos o que he de Deos, e á Cesar o que he de Cesar, disse o Divino Mestre; e he deste modo que devem obrar os qua

trou adherir ao partido anarquista, a ponto do officiar de Porto Alegre aos commandantes das escunas de guerra, que se achavão no Rio grande, ás ordens do presidente legal, que, quanto antes, e sob a mais restricta responsabilidade se dirigissem á capital da provincia, com as embarcações do seu commando, para receber as determinações do presidente anarquico; o Sr. Couto que tanto nessa occasião, como ainda no tempo do presidente, o Sr. Araujo Ribeiro, he constante ter mandado preparar, e armar para defeza dos sediciosos o brigue Bento Gonçalves, patacho Vinte de Setembro, escuna Farroupilha, e hiate Onofre; o Sr. Couto que depois da reacção de Porto Alegre, foi, e consta que ainda está pronunciado naquella cidade, por causa de semelhantes factos; o Sr. Couto, em fim, que para se tornar suspeito, e por conseguinte incapaz de exercer na presente crise o mais pequeno emprego do arsenal, bastaria o menor dos factos apontados etc. etc.

Diogo José Cury.

—Por falta de espaço não se publica hoje o longo e energico artigo respeito ao recto despacho dado pelo Exm. Sr. Galvão em favor da bem conhecida justiça do Sr. Dr. José Mauricio; e no qual seu author refuta com dignidade as asserções falsas avançadas pelo Sr. Dr. Marinho (que se diz *candidato* para o concurso de Lente á Cadeira de Anatomia, n'hum tempo em que apenas *era estudante!*) no seu descommedido requerimento levado á Camara dos Srs. Deputados. Bem que todo mundo saiba que a rectidão da justiça do Sr. Galvão não soffre quebra com accusações do character d'aquella do Sr. Marinho; todavia convem mostrar que a mão do patronato desta vez não pesou sobre a justiça. Graças ao Ministro rectol

ORTIGAS DIPLOMATICAS.

—Perguntando huma Senhora de alto coturno ao *Sr. de Figaniere*, porque motivo se tinha tornado tão magro e descorado? Respondeu: Oh minhe Ex^{ma}. Senhora, são tantas as *traquçarias* da minha vida, que eu apenas tenho tempo para fazer as *funções da natureza*.

—Perguntando o *Sr. de Figaniere*, ao *Sr. de Cubril*, seu Vice-Consul, o motivo porque teria tão pouca popularidade? Aquelle maganão respondeu-lhe: é porque se não sabe a que nação V. Ex. pertence!

—Quando chegou aos ouvidos do *Sr. de Figaniere* que o seu Governo não estava contente com os serviços de S. Ex. — Elle exclamou: Oh! eu estima muito, porque eu não me entende com Portuguezes, nem com Brasileiros! A minha gente, e a minha terra, é o Norte America.

—Hum gaiato perguntou ao Sr. de *Figaniere*: Então Exm^o, como ja tem casa, quando dá S. Ex. o Baile, e jantares porque todos esperão? Oh! certamente, eu queria dar huns jantares de *reciprocção*, porem agora relativamente a isso, legarei tambem esse encargo ao meo successor!

—Então que lhe parece, disse o *Sr. de Figaniere*: não estou hoje accado, e contente? Fui ao mar fazer cumprimentos, e fui recebido com aquellas honras que me competem no *rango* Diplomatico! Alem disso, o velho Comodore Inglez beben á saude do filho d'aquelle que na guerra passada tantos serviços fez á Inglaterra em Toulon!.

co-cirurgica, o que não me foi possível alcançar, e só o obtive depois de julgado no conselho de guerra (documentos a f. 21 e 22). A f. 28 e 29 se acha hum termo lavrado pelo dignissimo auditor, declarando haver nulidade no conselho de investigação; porém o empenho de me condemnarem era tanto, que o conselho seguiu. As testemunhas inquiridas para me fazerem carga, não se me permittio contestal-as, procedendo-se contra o art. 159 da constituição, e eu sou condemnado a perder o que com tanta honra e trabalhos adquiri. De f. 51 a 55 se achão depoimentos de testemunhas idoneas, justificando que eu me achava na minha casa bastante doente. A f. 65 se acha hum attestado do competente inspector, corroborando os depoimentos das testemunhas. A f. 70 existe hum attestado do quartel general declarando que ali constava a minha verdadeira moradia, e por hum simples parte dada por hum de meos discipulos em 1825, onde diz que me procurou para me prender (Prender, e porque! por me achar á morte em minha casa! Que barbaridade!!), e me não encontrou, e isto em S. Domingos, quando a minha casa, por mim edificada, era proxima do morro da Arnação, e sou tido por desertor. A f. 66 existe hum outro documento do quartel general certificando ali existir hum logar nesta corte, para se enviarem todas as ordens que houvesse de se me dirigir para a minha verdadeira rezidencia, como he costume e se prova pelo documento... que não sei porque motivos não existe junto ao processo, e apesar de tudo sou demittido do serviço! Não obstante estes tão fortes documentos, no cartorio do escrivão Caldas existe hum justificacão em como no logar, por mim offerecido, no quartel general, para ali se dirigir todas as ordens, nunca fui procurado por official algum para me prender, nem entregue ordem alguma,

não me foi possível dal-a na sala do conselho, por nessa occasião se achar doente a dona da casa, e mesmo por julgar não ser necessario, visto ja se achar declarado pelas testemunhas de cuja justificacão faço ver os essenciaes pontos. —

Diogo José Cony, faz-se-lhe preciso, a bem de sua justiça, justificar os itens seguintes: — Se o supplicante tinha a casa do beco do Cotovello n. 5, para ali se receberem as ordens, que do quartel general de marinha lhe fossem transmitidas. — Se esta casa esteve sempre com gente para o dito fim, desde Janeiro de 1838, até o fim de Julho do dito anno. — Se o supplicante foi ali procurado por algum official de marinha, ou se á mencionada casa foi enviada alguma ordem etc. etc. — *Despacho, e sentença.* — Hei por bem justificado na petição a f. e f. de f. a f. assignado o juiz etc.

Documento. — Em comprimento do despacho retro, attesto que tem com effeito sido costume, quando algum official rezide na cidade de Nictheroy, o designar hum outra moradia nesta corte onde possão ser entregues todas, e quaesquer ordens, que lhe sejam dirigidas. Quartel general etc. Assignado Antonio Joaquim do Couto etc. etc. — *Diogo José Cony.*

O Sr. Couto no glorioso 20 de Setembro, não querendo imitar os de mais officiaes, não se apresentou em Porto Alegre no palacio da presidencia, como era de seo dever, a receber as ordens do presidente o Sr. Braga, estando por este encarregado do arsenal da marinha daquella cidade, e muito menos compareceo no mesmo arsenal, quando sua presença era ali tão necessaria; o Sr. Couto, que logo depois da sahida do dito presidente para a cidade do Rio grande, appareceo carregado de fitas, distinctivo dos anarquistas, accitando commissões do intruso presidente Marciano, o Sr. Couto que mos-

mento, fica a camara sem numero sufficiente para fazer casa, e entao não apparecerá opposição alguma á proposta, e consequentemente facil a empreza da protecção prestada aos dois candidatos. Repito-lhe, Sr. Redactor, tal não pôde ser o motivo da não appareição da proposta; S. Ex. sempre tem dado mui justificadas provas do justicciro caracter de que he ornado, e neste caso, se tal proceder houvesse mister, se tornaria de não boa fé para com a mesma camara, e entao bem se podia dizer, que esses agraciados o tinham sido meramente á votos da mesa, o que de certo he mui opposto ao sentido, e espirito da lei; e S. Ex. não he capaz de torcer a justiça, pois he pai, e mai bom e honesto pai de familia, nunca cooperará para se tirar o direito de hum outro, qual o pretendente de que fallo, e de que lamento a tristissima posição.

Dê Vm, Sr. Redactor, publicidade á estas linhas, e com mais vagar lhe remetterei huma mais circunstanciada narração de quanto ha á respeito do patronato, decididamente distribuido ao inculcado ajudante do falecido Casimiro, porteiro da camara dos Srs. Deputados. No entanto creia que sou

Quem nada cre do que vê.

Sr. Redactor. — Constando-me fazer-se differentes juizos dos motivos, que obrigaram o Sr. Antonio Joaquim do Couto, a metter-me em conselho de guerra, em poucas palavras esclarecerei o facto, visto não me ser por ora possivel imprimir grande numero de mui honrosos documentos, que provão minha justiça, e exemplar conducta.

Em Junho de 1856 achando-se a provincia do Rio grande do Sul no mais desgraçado estado, que imaginar-se pode, por falta de munições de guerra para os defensores da legalidade se defenderem dos rebeldes, eu os salvei commandando o transporte Doze de

Outubro, e nelle conduzindo os petrechos de guerra, de que ali tanto se carecia (attestados dos Srs. Araujo Ribeiro, entao presidente, e do Sr. Elzario, commandante das armas, juntos ao processo). Na vespera da saluda para esta corte, se me entregou hum dos influentes da republica de Piratinim, e huma authoridade por ordem do presidente obteve d'elle todo o dinheiro que existia em seo poder, e m'o entregou para só nesta corte lh'o restituir. Na latt. da illa de Santa Catharina, elle me offereceo grandes fortunas para o desembarcar na illa; porem não pude contrafazer meos seatiimentos, annuindo ao exigido, e entregando-o nesta corte, se evadio para os campos da republica. Ora, se eu me tivesse dirigido a Castilhos, e satisfeito aos rebeldes, entregando-lhes o trem de guerra, que conduzia, e elles tanto ambicionavão, achar-me-hia hoje como me acho!! Se eu tivesse arribado á Santa Catharina, e desembarcado o Corte Real, teria sofrido o que tenho sofrido? de certo que não. O Sr. Antonio Joaquim do Couto nessa occasião achava-se em Porto Alegre, não digo ao serviço do governo rebelde, como diz o Sete de Abril n. 481, de 6 de Setembro de 1857; porem pouco depois o Sr. Couto, apresentando-se nesta corte, empregado na inspecção do arsenal de marinha, e encarregado do quartel geral, e sendo hum dos membros encarregado, de organizar a promoção, calcou aos pes os serviços por mim prestados á legalidade no Rio grande, não me contemplando n'ella com a minha justiça pedia, e pouco depois mettido em conselho de guerra por não me ser possivel embarcar, visto achar-me á morer, do que se deo parte legalmente, como se vê no processo, e não só se apresentou hum attestado de hum dos mais probos facultativos, que entao me tratava, como se requereo o ser eu inspecionado pela junta medi-

tal empregado poderá sair de semelhante classe, porque em verdade eu não sei qual a lei ou pratica seguida em repartição alguma, que se apresente a favor de hum continuo, e que o torne com juz a accessos de tal magnitude. Considero o lugar de archivista da camara dos Srs. deputados, de tao alta consideração, que de certo não he para ser confiado a hum continuo! Tenho em meu abono a praxe seguida no baixo e alto parlamentos da Inglaterra, França, Lisboa, Estados Unidos, e mesmo, Sr. Redactor, a nossa camara o tem seguido; sempre buscão homens de mais distincta classe para a guarda do seo archivo. Será pois esta nova marcha o espirito de não imitação? creio que não. De onde emanará esse direito que se diz ter, e ser inherente ao continuo que se pretende prover? Na desabrida protecção, no afincocom que he hoje no nosso paiz ridicularizado tudo, não ha direito, não ha merito, nem justiça, quando não concorra no individuo pretendente boas polegadas de huma descarada protecção.

De tudo que se tem passado, he para mim muito nobre a resposta que presenciarei dar hum Sr. Deputado, a hum pretendente. Sr., diz elle, *o meu voto he que se provenha no emprego o continuo da casa, por muitos motivos, accrescendo em seu favor o ter elle obtido mui boa informação do Official maior da nossa Secretaria, que só ella o torna recommendado; quando não tivesse o ja ser empregado na casa!!!* E que tal, Sr. Redactor, he para nós novo o direito que possa ter o Sr. Official maior, de informar nos negocios que são affectos á Camara Legislativa, e nem temos a menor ideia que em taes casos a Camara tenha de submeter-se a protectoras informações; pois se tal estilo passar, estamos de mal a pior. Podia, Sr. Redactor, narrar-lhe a resposta que dera hum outro Sr. Representante; mas me tornaria fasti-

dioso; e só me resta benzer-me com as mãos ambas á vista do que tenho observado, e ver fallar com emphases de nunca cooperar para que se faça hum injustiça, quem á sombra della pediu o pagamento daquelle que neahum direito tinha, e, si vero est fano, tem com injustiça...!!!

Não posso a meu pezar negar-me á publicação da resposta dada pelo Exm. Sr. Presidente da Camara, á hum alta personagem, fallando-lhe na pessoa que devera ser nomeada para o Emprego vago, e julgando bem recahir essa nomeação na pessoa de hum honrado pai de familia, que existe no apuro da mais pungente necessidade. Diz o Exm. Sr. Presidente, *que não pode ser nomeado para o Emprego hum outro qualquer, que não seja algum ja empregado na casa, por assim convir á economia della?* E que tal Senhor Redactor? eis aqui mais hum lição de estatistica economica; o agraciado continuo, passa a exercer o Emprego vago, percebendo os mesmos vencimentos que percebia o fallecido; ao lugar d'elle passa o Sr. F. pessoa que S. Ex. tem muito unida a si, e com quanto se torne digno da commiserção de S. Ex., não vejo com tudo onde date a economia que apregoa S. Ex., porque se este individuo he levado ao emprego de continuo, que deve vagar pelo accesso d'outro levado á porteiro guarda livros —, não he esse emprego conferido, senão por d'est'arte recompensal-o do ordenado, que perdeo no deslocamento do emprego particular que exercia? então onde a economia preconizada? Sim, S. Ex. devêra ser mais franco, dizendo, eu &...., exercito o emprego de protector de hum individuo que tambem he pae de familia.

Diz-se por ahi, mais em abono da verdade, eu não creio, que S. Ex. muito de proposito, não tem querido apresentar á camara a proposta, á espera que ella se torne menos povoada, pelo estilo velho e sabido, que feito o quarto paga-

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor. Quão triste he a sorte do homem que se apresenta em frente de qualquer pretensão no nosso abençoado paiz, despido do patronato d'este senador, d'aquelle deputado, ministro, ou etc; ainda mesmo, Sr. Redactor, que em seu favor tenha o peso da mais justiça, na a v. l. se por desventura sua, não tem no corpo legislativo os afens d'este ou d'aquelle, que se iacalea influente nos destinos dos negocios que se dizem da nação; ali mesmo, Sr. Redactor, he elle bigodeado, seja honrado, seja honesto pae de familia, tenha prestado serviço a nação, tudo, tudo he nada pela só falta da abominavel protecção: com ella ter-se o direito, despe-se a este, e veste-se a quello. O caso falla per si, e eu tomo a tarefa de l'ho recontar, eil-o:

Falleceo G. M. Vianna, porteiro e guarda livros da camara dos Srs. deputados; appareceram (como era de esperar) diversos pretendentes a esta vaga, alguns só pelo espirito d'ambição, outros por quizerem melhorar a sua posição, e outros finalmente cobertos de justiça, e impellidos pela summa necessidade. Entre estes ultimos, se encontra o requerimento de hum cidadão honrado chefe de numerosa familia, á quem a prostituição da nossa regeneração do glorioso 6 de Abril, lhe cortou, digo deo garrote ao seo direito, porque este honrado servidor não pertencia ao partido destragador. Suppoz e firmado em muito boa razão, que o deduzido do seo requerimento fosse attendido pelos Srs. Representantes da Nação, mormente dos Illms. Srs. presidente e secretarios da mesa, á quem de direito toca apresentar á camara a proposta do individuo que deve preencher tal emprego; e comungo honvarao outros que reciprocamente demos os parabens, crendo vermos a virtude premiada, o merito preferido, e a hon-

radez não espezinhada; porque sabemos que respeitaveis Srs. Deputados estão ao par do doloroso estado em que se acha este martyr chefe de familia, pela postergação que com elle houve na execução da carta de lei de 4 de Outubro de 1850, cumprida em 55: sim, diziamos nós, desta véz triumpho de seus inimigos, dos roubadores do sustento de humra tão crescida familia, redusida ao mais elevado gráo de miseria. Mas quão rapido foi o nosso regosijo! e de nós se apoderou o espanto e a dor, vendo que mesmo no recinto em que só deve existir humra decidida imparcialidade, ali mesmo elle não encontra lenitivo ao flagello da fome e da nudez á que se acha reduzido e sua numerosa familia. He neste recinto que o merito deste individuo he posto á banda, e se distribue as graças a hum outro, que por trez diversas repartições recebe com que fartamente se mantenha, e desta má distribuição se colhe, com zanga o digo, o nenhum acolhimento que se presta á pretensão de qualquer que não for acobertada de patronato, embora ella vá munida do mais afincado direito, tenha ou não soffrido tortura na distribuição da justiça! nada, nada val, porque em fim sem padrinho não lhe he distribuida a agua do baptismo.

Diz-se que o agraciado tem juz e direito á nomeação do emprego vago, e que deixar de ser a elle elevado he humra infracção!!! Quem ha que possa a isso ajustar-se, a não ser os protectores do Sr. agraciado!!! He novo, Sr. Redactor, he espantoso, humra tal direito, e essa camara legislativa nunca tal direito reconheceo ter hum continuo, e sempre que tem tido necessidade de prover o emprego de porteiro e guarda livros, o fez de pessoas não tiradas d'aquelle classe, por isso que esse emprego, embora se diga—porteiro e guarda livros—propriamente he o archivista da camara, e nunca hum

procederá á criação de hum Monte Pio Geral, cujo fundo será realisado em apolices da divida publica.

§ 1.º O governo apresentará hum regulamento, que terá vigor, em quanto a assemblea geral dos contribuintes não o alterar.

§ 2.º Logo que hajão 300 contribuintes, será este numero bastante para ter lugar o disposto no § 2.º antecedente.

§ 3.º Feita a reforma, ou declarada a adopção do regulamento, o governo nenhuma ingerencia terá neste estabelecimento, ficando aos socios sua plena direcção.

Art. 7.º Fica prohibida a concessão de loterias, por qualquer titulo que se possa allegar, alem das que convenha concederem-se ao Monte Pio dos Servidores do Estado, e de 6 loterias annuaes de 200 contos, que pela presente lei ficão concedidas por 20 annos ao Monte Pio Geral.

Art. 8.º Todas as corporações de mão-morta são obrigadas a vender no corrente anno financeiro, com pena de adjudicação á fazenda nacional, tantos predios dos que possuem, quantos forem necessarios, para fazer 1/3 dos valores de seus bens.

§ 1.º O producto desta venda será reduzido á apolices da divida publica.

§ 2.º O governo fiscalizará sobre a disposição do § antecedente.

Art. 9.º Todos os proprios nacionaes ficão hypothecados ao pagamento das apolices emittidas no Imperio.

No seguinte numero mostraremos as vantagens da presente proposta.

COMMUNICADO.

Passou o dia 24 de Setembro, e para a justa recordação de huma perda irreparavel, passou elle inapercebido! Quanto custa a corações agradecidos ver que nem hum leve, e nem custoso signal de tristeza publica se deu de tão sentida lembrança! Não he esta Au-

gusta Victima pelo amor de Seus Filhos? Também o Pai do actual Imperador do Brazil, ramo Frondoso de tantas esperanças? Não foi Elle, quem nos outorgou a Constituição, até agera a nossa suprema Lei? Quem proclamou nos campos do Ypiranga a politica emancipação, que nos engastou no poderoso circulo das Nações? Quem, por que prezava, e quiz poupar a mais pequena gotta de sangue Brasileiro, sahio d'entre nós, arrancando-se dos Filhos, que adorava, da Patria, que adoptara, e abrindo mão de hum futuro de poder, que nossa admiração e fidelidade lhe promettião? Elle, que no leito da morte deixou cahir, misturada com a ultima lagrima da vida, a que vertia ainda pelos Filhos, pela terra, e pela felicidade Brasileira? Morreu o Senhor D. Pedro, a 24 de Setembro de 1834, e o Rio de Janeiro já o esqueceu!... mas os factos de sua historia coeva são o padrão, em que se firma neste imperio o rutilante brilho de sua immurchavel gloria. Morreu o Senhor D. Pedro... *Nome, que por ser o maior Elogio, se refere desacompanhado de todos! Morreu, o glorioso escandalo dos despotas seus contemporaneos! Reclinou-se sobre seus proprios loiros essa cabeça tão vasta, que as coroas lhe não servião! Morreu! e no Brasil se exhalão apenas occultos, bem que profundos suspiros!...*

Não importa. *Stat magni nominis umbra* (1). O solitario pranto de seus numerosissimos amigos, orvalhando a pura chama da gratidão e da saudade, fará subir direito ao ceo o fumo do merecido, e piedoso holocausto. O tremulo braço do ingrato não tem o preciso vigor para atirar flores sobre hum colosso.

Gloria á sua Alma, e paz á nossa Patria viuva.

(Este artigo foi nos dado no dia 25 do corrente).

(1) Lucano.

cultura, presentemente unica fonte da verdadeira riqueza do Brasil.

Rejeitamos tambem a idéa de — bilhetes do thesouro, com premio, e curso forçado. — Dois papeis de credito postos na circulação pelo mesmo devedor, trará o despreciamento do hum delles. A theoria diz que o despreciamento recahirá sobre as notas; mas a julgarmos por circumstancias particulares, e por precedentes, acreditamos que despreciados serão os bilhetes. Seção porem estes os despreciados, ou as notas, o publico será victima das especulações dos capitalistas, e as transacções muito terão a soffrer com esta terrivel medida.

Pela razão que alegamos, limitamos aqui o que podiamos dizer sobre a inconveniencia dos meios propostos para o fim expellido. Passamos por tanto a apresentar a seguinte

PROPOSTA.

Art. 1.º Para supprir o *deficit* do anno financeiro corrente o governo fica autorisado a emittir a quantia de 6 mil contos em notas de padrão, valores, e em tudo iguaes ás existentes.

§ 1.º Esta emissão será feita na razão de mil contos por mez.

Art. 2.º Para tirar da circulação esta quantia emitida, o governo fica autorisado a vender tantas apolices da divida publica, quantas forem necessarias, para que o seo producto pefaca a quantia de 6 mil contos.

§ 1.º A' caixa da Amortisação será commettida a venda destas Apolices, que vencerão o juro de 6 por o/o ao anno.

§ 2.º O preço menor da venda será de 75 por o/o.

§ 3.º As notas, producto desta venda, serão queimadas, com as mesmas formalidades, com que são tratadas as destinadas á amortisação já estabelecida.

Art. 3.º Para pagamento dos juros destas apolices sicão applicadas:

§ 1.º A renda proveniente do augmento dos direitos estabelecidos, por Decreto de 6 de Maio do corrente anno, sobre as bebidas espirituosas.

§ 2.º A renda proveniente do augmento de 30 por o/o nos direitos do chá importado.

§ 3.º A renda proveniente da decima dos predios vendidos em execução do artigo 8.º da presente lei.

§ 4.º A renda proveniente da imposição de 4:000 rs., que pagarão annualmente por cada hum dos Africanos que forão distribuidos, aquelles que tiverem contratado os seus serviços, ou houverem de contratal-os.

§ 5.º As quantias que se receberem da divida liquidada, devendo o governo activar a sua cobrança.

§ 6.º A renda proveniente do imposto de 3 por o/o sobre o valor dos bens hypothecados.

Art. 4.º Todos estes rendimentos serão remettidos directamente pelas recebedorias respectivas á Caixa da Amortisação.

§ 1.º Feito o pagamento dos respectivos juros, o excedente dos rendimentos acima declarados, será applicado para a Amortisação das notas emitidas, segundo o artigo 1.º

Art. 5.º Todos os fundos do cofre dos orfãos serão convertidos em apolices da divida publica.

§ 1.º As quantias que estão fóra do cofre a titulo de emprestimo serão immediatamente a elle recolhidas.

§ 2.º Esta mesma disposição será extensiva a todos os bens que estão debaixo da administração de curadores, e tutores de orfãos.

§ 3.º O governo suspenderá, e fará julgar pelo respectivo Tribunal o Juiz dos Orfãos, senão der prompta, e fiel execução ao que aqui fica determinado.

Art. 6.º Immediatamente depois da publicação da presente lei, o governo

anarchia, para durante ella *despender* quantas sommas lhe aprouvesse, dizendo que erão necesssarias para *extinguir os crimes*? Como se tomariam contas ao governo em hum paiz, onde os ministerios durão menos, que huma estação? Não he possível que huma provincia se conserve rebellada por seis, oito, e mais annos? e de que modo se poderia entrar nos abusos, que tivessem commettido os diversos ministerios, que tivessem existido durante esse tempo? O exemplo do Rio grande, onde se tem consumido sommas enormissimas, e cujas contas são de proposito hum verdadeiro dedalo; não servirá para abrir os olhos aos nossos projetistas, e mostrar-lhes o perigo de tal concessão? Não haveria nada melhor, do que o governo ficar autorizado á despender tantas, quantas sommas elle julgasse necessarias para pacificar huma provincia rebellada, e cuja rebeldia, pode durar illimitado tempo; seria hum perenne motivo de despendio, e hu a capa de desperdicio, como acontece á respeito do rio grande. Se este projecto passar no senado, e passar com os artigos, que violão abertamente a constituição; nenhum homem de bom senso poderá responder pela estabilidade, e duração do systema monarchico-constitucional representativo no Brazil. Ao menos nós assim pensamos.

Não sendo possível dar, em hum artigo da nossa pequena folha, pleno desenvolvimento á nossas idéas, sobre o credito pedido pelo actual governo, limitar-nos-hemos a designar as principaes razões, porque não convimos com as opiniões apresentadas pelo Sr. Manoel Alves, membros das commissões da camara dos Srs. deputados, e pelos *zzz*, NNN, y, e MG, correspondentes do Jornal do Commercio, sobre os meios de satisfazer áquella proposta.

Em tres grupos podemos dividir to-

das as opiniões, a que acabamos de nos referir. No primeiro incluimos aquellas que aconselhão huma — emissão de notas —; no segundo os que preferem os — empréstimos estrangeiros —; e no terceiro as que propõem a reunião destes dois meios, para fornecer ao governo a quantia, que as necessidades exigem.

Deveríamos espantar-nos de tal divergencia de opiniões, se não conhecessemos as difficuldades de bem decidir huma questão, que tanta influencia exerce sobre as conveniencias do paiz, e cuja resolução vai necessariamente ferir bastantes interesses particulares, principalmente os de duas classes — a dos agricultores, e a dos capitalistas; conhecendo porém as difficuldades que a solução deste problema envolve, e o effeito que ella produzirá nos interesses dessas classes, não nos admiramos de que existão opiniões tão discordantes.

Os agricultores querem — emissão; — e os capitalistas — empréstimo. — Cada huma destas classes tem achado defensores; mas as opiniões por estes emitidas resentem-se da relação, que tem seos interesses, com os interesses da classe, que defendem. Assim vimos os commerciantes dirigir á camara huma representação, que em nada abona os conhecimentos, que se lhes devião suppor, sobre objectos desta natureza.

Se fossemos obrigado a escolher entre os dois partidos; se não podessemos conciliar a decisão com a menor lesão nos interesses de ambas estas classes, não duvidariamos declarar-nos, por aquelles que advogão a causa dos agricultores. O Brasil he, e será por muitos annos — paiz agricola. —

Fundado no conhecimento desta verdade, rejeitamos a idéa de — empréstimo estrangeiro. — Os enormes capitães enviados ao estrangeiro para o pagamento da divida contrahida, e seos juros, são capitães que de nenhuma maneira revertem em favor da nossa agri-

gogos (com o projecto na mão) dizer-lhes aos outros: » Que bello artigo! Se passa, amigos, então mais do que nunca podemos estar seguros! Fazamos huma revolução, proclamemos huma republica; assenhoremo-nos dos di-
 zibeiros publicos; excitemos o povo contra as autoridades legais; façamos algumas victimas; dirijamos a revolução; se conseguirmos fazer-nos fortes, e resistir ao governo: irá tudo á mil maravilhas: porem se virmos que o carro da revolução quebra o eixo; se virmos que os recursos nos faltão, e que o governo legal começa á ganhar vantagem sobre nós: proclamemos aos nossos que *he preciso que cesse o desvario que curvemo-nos diante da lei e de seus depositarios*: e, ou elles se unem ou não á legalidade; se se unem, bem vai o negocio para nós, e menos mal para elles: se se não unem, fiquemos nós salvos, e com as algebeiras recheadas, e preparados para melhor occasião! » Eis aqui o melhor meio de se fazerem revoluções com segurança! Em cada conventiculo de conspiradores apparecerá indispensavelmente semelhante lei, no caso de passar, para animar os conjurados. Parece que os autores do projecto se preparam para fazer alguma revolução com o fim de destruir o systema de governo, que nos rege; e por este meio procuráram segurar-se de antemão. Este artigo, alem de concorrer ainda mais para se multiplicarem as revoluções no Brasil; contem em si a mais revoltante immoralidade! He certamente huma grande immoralidade ensinar aos homens, que já são sufficientemente máos, á serem traidores, á serem perfidos para com seus consocios, que não poucas vezes são victimas da amizade. He quanto á nós eminentemente revoltante semelhante principio, que he ao mesmo tempo subversivo da ordem e da moral.

Pelo artigo 20 autorisa-se aos Presidentes das Provincias ou pontos, onde

appareça rebellião ou conspiração contra elles; *h dividil-os em tantos districtos militares, quantos julgarem convenientes para mais facil exercicio da policia provincial &c.* Ora, não conhecendo a nossa legislação a existencia de taes commandos, e não lhes estando por consequencia marcadas nenhuma attribuições; como obrarão taes autoridades; que regras seguirão, a do arbitrio, appoiado pela força? Tiveram os senhores da commissão em vista o § 1.º do art. 179 da constituição, que diz: » Nenhum cidadão pode ser obrigado á fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude da lei »? Nem elles leram á constituição; isso lhes causa tedio ou fastio! Pois veção os senhores da commissão que pelo seu mesmo projecto se acham criminosos do crime de rebellião, visto que o art. do codico criminal, inserido no projecto, diz: » são criminosos os que directamente e por factos tentarem destruir a constituição do estado ».

Ora tendo elles tentado por este modo contra a constituição, estão passivos das disposições da sua mesma lei.

Terminemos as nossas reflexões com o artigo 21. Este art. autorisa ao governo para despender as quantias necessarias para extinguir os crimes, de que trata a presente lei, sendo obrigado á dar conta das despezas feitas, assim como dos motivos, que o obrigaram á usar das faculdades concedidas no art. 18, *na primeira seguinte sessão da Assembleia geral legislativa, que se reunir, depois de obtida a pacificação e tranquillidade publica.* Pois he possivel que homens, que se dizem Brasileiros, e por tanto amigos de seu paiz, propozessem que houvesse no estado hum cranço, que o devorasse? pois he impossivel que hum ambiciozo de ouro assaltasse o poder, e depois que o impolgasse, fizesse de proposito, e ate por agentes seus, anarchisar huma ou mais Provincias, e intreter nellas a

artigo constitucional quem ousario fabricar hum projecto de lei em contra-venção á elle, á não ser as pessoas nelle assignadas? Pois a constituição do estado, que por este modo se pretende destruir, estatue que se *dispensem*, á exigir a segurança publica, por tempo determinado *algumas das formalidades, que garantem a liberdade individual, que consistem em não poder ser o cidadão preso sem culpa formada* (art. 179 §§ 8, 9, e 10), ficando por consequencia sujeito ás leis existentes ao tempo do delicto, e julgados em sua conformidade; pois que suspensão de garantias não quer dizer annullação de formas, abolição das leis: e hum projecto do senado *sujeta os habitantes de huma parte do Imperio, onde appareça rebellião, ás ordens e regulamentos dos chefes militares* (sem se saber que taes serão essas ordens e esses regulamentos) e determina que as contravenções á essas ordens e regulamentos, *sejão julgadas como crimes militares em tempo de guerra? Ubinam gentium sumus!* Acaso passará no corpo dos anciaos hum semelhante delirio de cabeças cançadas, ou vazias de senso commum? Como crer que se atrevesse alguém á apresentar á nação hum projecto de lei, no qual se pretende reduzi-la á condição de miseros escravos? Não o conseguireão, nós o esperamos.

No artigo 9, onde requinta a tyrannia destes mal acabados Caligulas, exprime-se deste modo a commissão: « Os conselhos de guerra para taes julgamentos serão organizados, *conforme as leis militares anteriores aoCodigo do Processo criminal etc. id est, taes crimes, serão julgados por commissões militares, virtualmente abolidas pelo art. 179 § 17, que diz: não haverá foro privilegiado, nem commissões especiaes nas causas civis, ou crimes: e com hy pocrisia a commissão abole o jury, revive as commissões militares, e entrega ao furor dos Verres, e dos Catilinas as*

vidas do seus concidadãos desvairados, não lhes permittindo nenhum meio de evitar a morte; pois que *as sentenças nelles (conselhos) proferidas serão logo mandadas executar pelo General ou comandante em chefe, sem algum recurso, salvo se forem proferidas contra officiaes Generaes, que só merecêram a piedade destas feras sedentas de sangue da sua especie, passando por cima de mais hum paragrapho do mesmo citado art. da constituição que diz (§ 15) a lei será igual para todos, quer proteja, quer castigue etc, e entretanto a commissão, que estabeleceo a pena de morte para os crimes especificados nos arts. 68, 69, 85, 87, 88, 89, 91, e 92 do codigo criminal; vota á morte todos quantos tiverem a desgraça de ser apontados como criminosos, sem nenhum recurso, ó feras com forma humana! e violando a constituição, faz alarde de seu desprezo para com ella.*

Cessada porem a rebellião, diz ainda o art. 9, os réos que estiverem cumprindo suas sentenças (isto he os que sobrarem da matança, ou conseguirem *comprar a vida*) poderão recorrer na forma do art. 16. Se ainda sobrar algum desgraçado, sobre quem a espada não tiver descarregado o seu golpe, lá está a *junta de justiça* (ainda huma *commissão especial* e abolida pela constituição e o codigo do processo) que achará valiosos motivos de mandar á forca.

Os outros artigos deste projecto são por tal modo extravagantes, aberrão dos principios da justiça e d'equidade por maneira, que nem carecem de analyse, basta entraga-los ao prelo; não obstante com tudo algumas observações faremos aos artigos 17, 20, e 21. Excepção-se das penas estabelecidas nesta lei os autores ou complices dos crimes de rebellião ou cedição, *que concorrerem para que ellas se extingnao e para que o governo possa chamar á obediencia a provincia ou pontos rebellados.* Parece-nos estar ouvindo algumas d'uma

deixando surgir de suas cinzas duas novas que reinão no amor dos povos, sustentadas pelas instituições philosophicas do seculo 19. Não conclua o governo, e os que o sustentão, cegamente que o arrebecimento do patriotismo e o desgosto, em que tem caído o povo, dependem do desamor às instituições liberaes, e que elle deseja, e quer voltar ao regimen despotico: não se illuda que o queixume, que elle ouviu contra a assemblea geral, nasce de desafeição à liberdade, e à forma de governo, que a nação adoptou, e quer; não! tãohem elle se queixa muito do governo. A razão porque se queixa o povo da assemblea, he porque ella não executa a constituição, e não chama o governo á seus deveres: he porque nem ella nem o governo, desde que se proclamou a liberdade tem cuidado dos interesses do paiz assim moraes, como materiaes; porque os que aspirão ao poder e á tribuna só tem cuidado de sua fortuna e dos interesses de suas familias, antepondo ao bem publico o bem particular; e se algumas excepções ha á fazer, são tão pequenas, que não valle a pena occupar-se alguém delles; he porque finalmente todos promettem muito antes de subir e nada tem feito, depois que descem. Estas são á nosso ver as causas do descontentamento do povo, que já não crê em ninguem pela continuada falta de promessa assim de seus representantes, como do governo. Os que cercão o governo não lhe fallão em outra linguagem que não seja: « a canalha está activa, he preciso abatê-la; a gente sensata não espera cousa alguma do corpo legislativo, principalmente da camara dos deputados, donde parte a anarchia, que até certo ponto nos convem para se procurar com isso provar que se não querem instituições livres. »

Execute o corpo legislativo a constituição do estado, fazendo leis adequadas ás necessidades do paiz, e não como

sim criminoso de matar a liberdade; execute o governo as leis sem patronato e sem espirito de partido, por quanto elle não foi feito para ser deste, nem daquelle partido, mas para promover o bem da nação, que he huma só. Entre-mos em materia, e passemos á fazer nossas reflexões sobre o nefando projecto, em que se acha assignado o homem, que disse nas cortes de Lisboa, quando no seo scio retumbou o echo — Independencia ou morte — partido do Brasil; que viria á nado com a espada nos dentes castigar os rebeldes! e aquelle outro, que se oppoz como juiz de fora de Ouro-Preto, que a provincia de Minas se unisse á do Rio de Janeiro ficando, como queria o partido luzitano, obediente ás cortes! *sum cuique...*

Deixando de parte todo o horror, que inspira a enormidade das penas estabelecidas para os crimes de conspiração, sedição, e rebelliao; lancemos os olhos sobre o artigo 8.º! « No caso de rebelliao, todos as pessoas que se acharem dentro do territorio occupado pelos rebeldes, e pelas tropas em operações contra elles, serão sujeitas ás ordens e regulamentos do commandante em chefe das mesmas, que as poderá prender e remover para outros lugares; e os crimes praticados em contravenção á taes ordens ou regulamentos serão julgados, como os crimes militares em circumstancias taes. » O artigo 179 § 35 da constituição diz: « Nos casos de rebelliao declarada ou invasão de inimigos pedindo a segurança do estado que se dispensem por tempo determinado algumas das formalidades, que garantem a liberdade individual; poder-se-ha etc. devendo n'hum e n'outro caso remetter á Assembleia, logo que reunida for, huma relação motivada das prisões e d'outras medidas de prevenção tomadas etc.: no § 11 diz: Ninguem será sentenciado, senão pela authoridade competente, por virtude de lei anterior, na forma della prescripta. A' vista deste

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida.
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en
• vain que les vieilles aristocraties multi-
• plieront leurs efforts pour s'opposer que
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em St. Helena.

PROJECTO DA COMMISSÃO DE SALVAÇÃO PUBLICA.

No dia 30 de Agosto do corrente anno foi lido no senado o projecto, que offereceo a commissão, lembrada pelo Sr. senador Lopes Gama, actual ministro dos negocios estrangeiros: a moção do Sr. Gama, adoptada pelo senado, foi para se nomear huma commissão, que de accordo com os ministros da guerra e justiça offerecesse as medidas, que lhe parecessem adequadas para salvar o paiz da anarchia, que o ameaça. Ora, fazendo o governo parte desta commissão, deve se concluir (não obstante o não trazer o projecto as assignaturas dos ministros da guerra e justiça, e nem mesmo a do Sr. Lopes Gama, que havia sido para ella nomeado antes de entrar para o actual gabinete) que elle está de accordo com seus membros e que seu pensamento á respeito das medidas á tomar para salvar o paiz se acha exprimido no mencio-

nado projecto. Se não houvera passado no senado com o consentimento do actual ministro da guerra, semelhante idea, e não estivesse hoje no ministerio o Sr. Lopes Gama; por disparatado que fosse o projecto; por anticonstitucional que elle fosse, olhando para os membros da commissão, nenhuma espanto nos cauzaria: o paiz conhece o desprezo, com que estes senhores olhão para as suas instituições, e com elle esperaríamos pelo definitivo juizo dos cordatos anciaos. Mas, estando estes senhores ministros, que tem extraordinaria influencia no conselho e no animo do regente, de perfeito accordo com a commissão; que juizo podemos fazer das intenções do governo? que elle entende que com a constituição não he possivel governar o paiz, e que por tanto regressemos para o estado, em que nos achavamos antes de haver constituição e codigos em harmonia com ella confeccionados. Na analyse deste estrondoso projecto procuraremos provar a nossa asserção. No entanto fique certo o governo que existia hum livro 5.º e huma monarchia absoluta, e com tudo o esforço do patriotismo no memoravel 24 de Agosto de 1821 rompeo esse nefando livro, cujos fragmentos se pretende hoje soldar; e fez baquear essa viciosa e carunchosa monarchia

genio, que sabe ampar-se de sua imaginação inflammavel, pode impremir-lhe o character, que elle quer. Digamos com Mr. Pavillon á respeito da França, que o *Destino do Brasil depende unicamente da cabeça, que o governa.*

O HOMEM DO SEculo.

LOUVOR A' QUEM O MRRCKE.

Ainda que não seriam precisos os artigos publicados nesta folha, e no Monarchista, para que o governo actual não deixasse sem recompensa o merito; todavia, temos o praser de annunciar á nossos leitores que o Sr. Conego Januario foi o escolhido para o lugar de Bibliothecario, apesar de teimosos pretendentes; huns que se não contentavam com a honra de senadores do imperio, e que mendigavam aos pés dos ministros e do regente hum emprego de 800:000 rs.!!! outros, que, sem habilitações, alardeavam o valor de poderosos patronos; mas não havendo *camarilha*, neste momento, o governo, á cuja testa se acha o Sr. Galvão, escolheu o Brasileiro que mais titulos apresenta como litterato para chefe daquella repartição.

Por esta vez estamos completamente satisfeitos; porem outra questão de não menor interesse, e de toda a justiça, occupa a attenção publica, por se achar ainda pendente do governo a sua decisão. Oxalá que nós possamos fazer, e breve, felicitando ao justo, o devido elogio á quem o merecer!!!

ORTIGADAS.

— Alviçaras! alviçaras! O Sr. Menezes (que não he desses á quem falta o dinheiro ás vezes) mandou citar os vereadores da camara municipal para ouvirem jurar testemunhas respeito ao facto, virgem na historia do Brasil, da sua expulsão. Oh! se se deixasse passar o precedente, teriamos de ver

coisinhas galantes nas nossas municipalidades! Mas, que vergonhas para o seculo das luzes!!!

— Corre por certo, que, perguntando-se ao Mello porque não mandou pôr cortinas nas janellas da camara, no dia sete de Setembro, Anniversario da Independencia, consta que S. Ex. respondêra: — Tive medo que me accusassem por mais essa *fuchina*. E depois: — Fez a camara algum caso desse dia? Pedio ella ao menos luminarias, como costuma no 2 de Dezembro? Pois si os *notos* que lá estão não se importaram com elle, menos eu, que estou livre d'esse peccado.

— Quem quizer tomar lições de orçamentos de despesas para *fuchinas publicas*, dirija-se á camara dos Lords municipaes (os Pares de França), porque ahi achará quem avalie por 10, para pilhar, e despenda 100, para encusar.

— Perguntando-se a hum Sr. representante, animado do fogo sancto do amor da patria, se estava resolvido á votar pelo credito que o governo pede, respondeo S. S. — E que remedio! se o thesouro não tem dinheiro para pagar os nossos subsidios!!!

— Como se esteja em duvida á respeito do *desafio* que teve lugar entre os Ex.^{mos} Srs. *Valente* (conde do rio pardo) e marechal *Elzeario* (a gloria militar do sul) no morro de Santa Thereza; deseja-se saber com certeza quem foi o heroe que mais brillou na scena da tragedia, para receber do publico as honras das *palmas*.

— Trez crises tem posto em coacção o publico nestes ultimos dias; — a *politica*, a *financcira*, e a *theatral*. Felizmente parece que as coisas se vão acommodar, ficando apenas o *patriotismo* obrigado a pagar as custas.

partidarios conhecem, e della fazem huma lei para poder governar, fazer vigorar as instituições; e como julgam que a medida he *util*, não curão de saber si he *justa*: em hum seculo de philosophia a civilisção n. o pode fazer aliança com huma politica, que prefere as lições de Machiavel ás de Montesquieu. Se o justo e o injusto devem ceder ao principio de utilidade, qual será a balança para pesar as acções dos homens? Ellas não poderão mais ser julgadas pela regra do bem e do mal; ellas se resumiram em successos e revezes: todos os direitos pertencerão á força e á fortuna; os facciosos e conjurados se ampararão destes principios, e se armarão com elles contra os que o tiverem erigido em leis. Os individuos de opiniões oppostas se crerão tão autorizados á derribar o governo, que lhes desagrada, como este se crê autorizado á destruir todas as opiniões, que o embaraçam: os principios são da mesma natureza. Argumentando-se pela força, só se acha no erro, o que he fraco. A razão e o direito estando na victoria, não se tratará senão de obtel-a; chegar-se-ha á isso, perseverando no combatte, e aquelle, que não reconhecer outra lei, que a força, se achará duas vezes vencido pelo seu inimigo pela sua propria logica. Mas que importa á moral o exito desses combates! São ruinas por ruinas, em que a virtude publica não tem parte, nem interesse. Nestes successos ou nestes revezes a lei moral está auzente; a fortuna so abi preside. Si tudo no homem publico deve resolver-se pelo principio de *utilidade*; tudo igualmente se reduz á isso no homem privado. Não há duas regras em moral; se as houvessem, não haveria nenhuma. Hum governo, que dissolve ou ameaça todas as existencias, pode exigir, em nome da lei moral, que se respeite á sua? Aquelle que por sua razão de *utilidade*, recorre á destruição, pode reclamar para si a lei da conservação? Eis aqui

como os principios trazem suas consequências. O violador do direito das gentes põe-se fora da lei das nações. O governo justamente accusado refugia-se na lei da *necessidade* e lança sobre ella a responsabilidade de sua conducta e de suas obras. A *necessidade* tem sem duvida suas tyrannias; mas o genio e a virtude raramente se submettem á ella. Como ella tem o dobrado caracter do bem e do mal, da gloria e da honra; pertence á honra o decidir se convem ceder-lhe, ou resistir-lhe; porem em caso algum o interesse ou a ambição podem allegar a lei da *necessidade*. Henrique IV cedendo á religião de Roma para pôr fim ás guerras civis e poupar o sangue dos povos, soffreo seo imperio. A lei de humanide, que he a lei suprema, lhe faz disso hum dever: mas, se algumas vezes a necessidade he assás soberana para se fazer obedecer; o mais das vezes ella se arranja sob os grandes caracteres: ella cahê diante de nobres resistencias, e muitos corações magnanimos tem sabido triumphar della... Perante a virtude de Luiz IX em suas prisões da Azia, ella dobrou-se: não pôde arrancar-lhe huma concessão contra a honra.

Si o governo tem hum fim occulto, que procura conseguir com bayonetas estrangeiras, por que não conta de alcança-lo com as nacionaes; não injurie a nação, fazendo dizer pelos seus clientes que essas forças estrangeiras, que esses mercenarios, vem sustentar a Monarchia! Justificar-se deste modo, he confessar-se inhabil para regular as inclinações de hum povo: he fazer huma grande afronta á hum povo civilisado, que preza seu brio e sua honra nacional, o declara-lo incapaz de regra e de razão, e mostra-lo menos apto que Scythas ou Tartaros. Si aquelles, que o conduzem, fossem capazes de imprimir-lhe inspiraões magnanimas; elle se elevaria de Huns á generosos Romanos dignos de grandes acções. O

e independente, e entregues á presa da primeira nação da Europa, que se digno de reduzir-nos ao estado de colonia, e governar-nos, como lhe aprouver; do que com titulo de nação sujeitarmos nos á injuria de nos vir estrangeiros sustentar nossas leis, e nossas instituições politicas! Sejamos antes hum povo conquistado, que se sujeite ás leis de seo senhor!

» O espirito democratico se desenvolve por toda parte; os Brasileiros tendem muito para o republicanismo; he necessario que tenhamos força composta de gente afeita ás instituições monarchicas, e que as aprecie, para sustentar a monarchia... Ai da monarchia, quando o paiz a não quizer! ai da monarchia, quando para sustental-a formister bayonetas estrangeiras! ai das instituições de hum paiz, quando para mantel-as se recusem os braços dos naturaes! Sirvão-nos de exemplo as monarchias, que tem dasapparecido das nações, onde reinavam com splendor, e que em vez de consultar a *parte forte* dessas nações e unir-se á ella; preferiram appoiar-se na força estrangeira! Ellas e os seus estrangeiros, objecto do furor do povo, desfizeram se, como o fumo! Que foi feito desses batalhões estrangeiros, que os conselheiros de D. Pedro I.º fizeram vir da Europa para dar cabo dos republicanos? Quaes serão os batalhões, que primeiro arvoraram o estandarte da indisciplina e da insubordinação? Não foram esses batalhões *modelos*, que assassinaram seo chefe, desobedeceram á seus officiaes, e poseram em consternação toda esta capital? Não foram esses *modelos* os primeiros, que mostraram aos soldados do paiz, que nunca desobedeceram á seus chefes, que era possível matar seus officiaes, quando não lhes satisfizessem os caprichos? Sim foram: e quem os compellio á entrar no dever; não foram os *miseraveis* milicianos de Minas, e a cavallaria d'aquel-

la provincia, e a artilheria da corte, composta *dessas fezes* da sociedade Brasileira, que *faz vergonha* olhar-se para ella? Não foram até os moleques das ruas, que os fizeram retroceder para o campo de Santa Anna, donde tinham sahido com o intuito de assaltar o banco? *Modelo* de que serão elles no paiz? *Modelo!*... de *modelo* poderia ter servido o batalhão do Imperador, commandado por hum dos mais distinctos, e mais habéis militares Brasileiros, pelo qual se deveram modelar todos os militares! De *modelo* serviria esse digno corpo de paizanos, que são o exemplo da disciplina, da subordinação, e da honra militar; esse corpo de permanentes, emblema da população do Brasil, e que, aproveitados discipulos, seguem as pizadas de seo mui distincto e honrado chefe, huma das mais brilliantes estrellas do nosso exercito, e hum dos mais bellos ornamentos da familia Lima, arvore fecunda donde tem brotado tantos illustres guerreiros! Esse illustre chefe, e os jovens officiaes, tao cheios de brio, e de honra, como o seo commandante, e muitos outros dignos, habéis, e muito honrados militares do nosso exercito, são mais que capazes de disciplinar os nossos soldados, que têm *tambem dois pés e duas mãos*, como os soldados europeos, e huma cabeça de mais facil concepção, do que a dos homens, que em qualquer parte da Europa são recrutaveis para o exercito, principalmente em Portugal, Hespanha, e ao norte da Europa, onde o baixo povo he quasi tão boçal, como os africanos: temos felizmente visto a Europa, e fallamos com conhecimento de causa! Basta de se nos insultar todos os dias com os *modelos* da Europa! abracemos della tudo, quanto ella tem de bom, e rejeitemos os seus vicios, e as suas fezes.

O governo julga que a força do paiz não lhe pode bastar para seus fins, e cria huma *necessidade*, que elle só e seus

Respeitamos a decisão da Assembléa geral, curvamo-nos debaixo do pezo de sua authoridade; porem permitta se nos o desabafo de hum coração, que ainda sente, que ainda bate por sua patria. Possa esse fogo sagrado, que o alimenta communicar a sua chama ao coração do resto dos Brasileiros, que dormem o somno da morte, e que no seo desperto possam dizer: — Que he da patria! onde estamos nós... que gente he esta, que nos guarda; que linguagem he esta, que ouvimos? he sonho ou realidade? sim, he huma triste realidade!... nós dormiamos, quando se poz para guardarnos esta gente, que não nasceo entre nós; que nao foi aquecida, ao nascer, pelo sol brilhante, que faz tão bella a nossa terra; que não sente como nós, que não tem no nosso paiz, senão a esperança vil de achar hum interesse, ainda tirando a nossa vida e a nossa liberdade!... Acordai, filhos, circundai vossos paes, abraçai vossos irmãos, e repilamos esses vis mercenarios, para longe de nós, elles e os que os trouxeram! Acordai, filhos circundai vossos paes, abraçai vossos irmãos, e tomai conta de vossa patria! eia.... e senão de hum povo livre vos tornarão huma horda de Ariás proscriptos!

Mui habeis e mui distinctos oradores em hum e outra camara, e depois em Assembléa geral, imittiram sua opinião sobre a introduccão de força estrangeira de huma maneira tão precisa, tão clara, e em termos tão vehementes, que não passa de huma temeridade o querer discutir de novo huma materia, que posto que decidida, ainda o paiz tem direito de julgar della, mesmo quando ja estivesse sancionada pelo outro ramo do poder legislativo, que tem de lhe dar o character de lei.

O dia, em que entrar hum força estrangeira no paiz, reclamada, e sustentada pelo seo governo, será aquelle em que se porá termo ao systema do governo, que felizmente nos rege: esse

dia fatal será aquelle, em que cada demagogo hasteará sua bandeira, e dirá: • Brasileiros! vosso governo ja não confia em vós; elle tou desligado de vós os seus interesses; hum tal governo ja não vos representa, elle não vos ouve, não vos consulta, e não conta com vossa approvação: retiraes a delegação que lhe confiastes e salvemos a patria, que elle entrega aos estrangeiros; aliberdade, que elle detesta, e a honra, que elle despreza, desprezando vos á vós! salvemos a honra e a liberdade, com a honra e a liberdade salvaremos a patria, e faremos governo que nos governe, e nos não aville, entregando-nos ao azurrague do estrangeiro, que á ponta de seo chicote nos dê *modelo* de moral, e de virtude; *modelo* de civilisação e de costumes; *modelo* de artes e sciencias. *modelo* de crapula, e de toda sorte de vicios: *modelo* de roubo e de assassinio; *modelo* em fim de depravação de costumes em todo o sentido!... Salve-se a patria, salve-se a honra nacional, e desapareça d'entre nós tal governo, e os principios, que elle prega e sustenta!

Que se peça ás nações alliadas auxilio de forças, quando inimigos externos tenham invadido alguma porção do territorio, e que au.eacem conquista-la; então nada de mais justo e de mais natural: porem em huma guerra de filhos contra paes, e de paes contra filhos, de irmãos contra irmãos chamar-se estrangeiros para açoitar e degolar os filhos por mandato dos paes; para açoitar e degolar os paes por mandato dos filhos, e os irmãos dos irmãos... Oh! horror! Esfria se-nos o coração, gela-se-nos o sangue nas véas só com a ideia da possibilidade de se pôr em pratica huma semelhante medida! Mudem os ceos antes os destinos do Brasii, do que sugital-o á hum tal injuria! Desappareçam antes as instituições, que nos regem, se para sustental-as he necessario o braço estrangeiro! siquemos antes conhecidos como incapazes de ser huma nação livre

não passe na Assembléa geral a medida reclamada pelo Sr. conde de Lages, por ser impolitica, e contraria aos sentimentos dos Brasileiros, que preferirão antes a anarchia, do que o azurrugue do estrangeiro; he de esperar que o Sr. Ministro se retire, e se livre assim do dezar de continuar á fazer parte de hum tal gabinete, e tão celebrenmente organizado.

TROPA ESTRANGEIRA.

Ha trez annos se discute no corpo legislativo, ora por proposta do governo, ora por indicações de alguns de seus membros, a necessidade de tropas estrangeiras no paiz, para com ella batter-se a anarchia, que ameaça dissolver a associação brasileira. Esta medida julgada indispensavel pela administração de 12 de Outubro, foi combatida pela opposição, que subio ao poder em 19 de Setembro, a qual conseguiu pelos seus esforços, rennidos aos dos que já não confiavam na existencia d'aquelle gabinete, fazer com que semelhante medida ficasse annullada: subindo ao poder, ella faz do Sr. Ramiro parteira, como se exprimira hum illustre parlamentar, e por meio d'hum emenda deste Sr., que he o actual ministro da justiça, revive a idéa do Sr. senador Saturnino, orgão do gabinete de 12 de Outubro. Então a medida, que ella julgava antinacional, perigosa, e inconstitucional, tornou-se nacional, patriótica, e propria para conservar a paz, a ordem, e o systema monarchico constitucional, que nos rege: e os homens descidos do poder, e os que os sustentavam, tomaram os postos deixados por aquelles, e guerrearam a medida por elles proposta e reclamada, como util, e necessaria! Em 1859, trez annos quasi, depois da proposta apresentada pelo Sr. senador Saturnino, revive inconstitucionalmente no senado a mesma idéa que havia sido despresada

da este anno pelos proselytos do gabinete de 19 de Setembro, e outros que ora approvarão, ora desapprovarão a medida, segundo as pessoas que a reclamaram!

Desta falta de fé, desta deslealdade, desta dobrez de opiniões disparatadas, hoje sustentadas, amanhã combatidas pelos mesmos homens; tem resultado essa especie de pouco preço, ou desprezo com que o povo começa a olhar seus representantes: he d'essa incoherencia, he d'essa miseravel maneira de combater seus adversario, que vai nascendo o desamor, o descredito em que vai cahindo o systema constitucional. Digam antes os representantes da nação:— Essa medida, que nos propõe o governo, he boa, he justa, nós approvamos; porem julgamos o incapaz de a excutar bem, e por isso lha negamos, preferindo sofrer as consequencias de hum mal chronico, do que entregar-nos a empyricos, ou estupidos charlatães.— Porem, dizer hoje, que tal medida he má, não por ser má, mas porque tal individuo a quer, e julga-a excellente amanhã; não por ser excellente, mas porque tal outro a procura... isso he desmoralisar a nação, e expor-se ao desprezo! Ou huma medida he má em sua essencia, e então negue-se ao governo; ou ella he boa, e então se lhe conceda: e se elle abusar d'ella, e excutal-a contra os interesses do paiz, punam o na conformidade das leis, ou lhe não confiem aenhuma outra que reclame: e tudo quanto não for marchar deste modo, cremos, que nem governo, nem camaras possam contar com a confiança do povo, que já bem pouco espera de hum e de outras.

Nós pois que temos a fortuna de não sermos conhecido, e que temos outra ainda maior de não termos representado ora huma, ora outra opinião, segundo novos interesses; podemos com franqueza emitir o nosso juizo sobre a admissão de tropas estrangeiras no paiz para debellar nossos concidadãos.

conviria entregar as rédeas do governo ao Imperador, do que deixarmos-nos governar por *crianças grandes* (los *grands enfans de Voltaire*). Ao menos os elementos do que se compõe a veneração que cerca o Monarcha, impediriam que Elle se parecesse com seus ministros; e a permanencia de sua dignidade faria com que todos os esforços de seus partidistas se dirigissem contra o ministerio.

Terminavamos este artigo quando se nos apresenta o J. do C. do dia 12 do corrente, trazendo a lista do novo gabinete; cahindo-nos das mãos o jornal, Escaparam-nos as expressões... *parturient montes, nascetur ridiculus mus!*.... Causa espanto que depois de huns poucos de dias de crise, apparecesse a combinação ministerial a mais celebre que se dar pode! Causa espanto, que depois de tantos dias de expectativa, apparecesse hum ministerio, que ninguem entende, e que se nao entende elle mesmo!

Como explicar a junção dos senhores Lopes Gama com Alves Branco, e Ramiro? Como cazar o senhor Conde de Lages com o senhor Ramiro, e este como o senhor Roque? Que pensamento politico sahirá de entidades tão heteroganeas? O senhor Lopes Gama, cujas ideas anticonstitucionaes são tão conhecidas, como elle mesmo, sustenta, e sustenta afincadamente a reforma do acto adicional, contra as opiniões do Sr. Alves Branco no Senado, e do Sr. Ramiro na Camara dos Deputados: como se harmonizarão agora, para influir na discussão deste acto legislativo, para que passe, ou no sentido do Sr. Lopes Gama, ou no do Sr. Alves Branco? Retractar-se há hum, ou outro? Porem supunhamos que antes de se organizar o ministerio se fizeram as *dividas transacções*; provará isso muito caracter da parte d'aquelles, que codêrão de sua opinião já emittida, para poder entrar para o Ministerio? E

quando mesmo todos os membros, de que se compõe o actual gabinete, tivessem o mesmo pensamento politico, poderá marchar com a energia, com o vigor necessarios nas relações exteriores, fazendo respeitar a nação, e o governo, que ella tem escolhido, hum homem, posto que honesto, he, por assim dizer, assalariado pelo estrangeiro, e á cuja influencia deveo, em grande parte, a sua eleição de senador? Satisfará convenientemente os deveres do ministerio das relações estrangeiras, hum hamem, que não falla, segundo se diz, senão a lingua materna; e que avesso ás instituições modernas tem de tratar com agentes diplomaticos, de governos constitucionaes, e republicanos? O Sr. Alves Branco d'agora será o mesmo que foi ministro da regencia trina, e da do Sr. Feijó? Será o mesmo homem que em cada ministerio, de que tem feito parte, he sempre hum homem novo? E o Sr. Ramiro será aquelle mesmo, que na Sessão de 1837 foi censurado peio Sr. Rebouças, que poz patente todas as suas transacções, como empregado da Thezouraria da provincia da Bahia? Lavar-se-hia já das nodas, que lhe notou aquelle honrado, e insigne parlamentar? O Sr. Galvão depois de tantas apalpadellas, mostrou á final, que a sua finura não he tanta, como parecia mostrar com a sua hesitação. Segundo os estilos parlamentares, parece que o Sr. Conde de Lages não poderá continuar no Gabinete, huma vez que na camara temporaria não passou a sua emenda, feita no Senado, pedindo estrangeiros: as reflexoes á cima emettidas, antes que tivessemos conhecimento de huma tal combinação ministerial, são applicaveis assim ao mesmo Sr. Conde, como ao Sr. Roque: estes dois senhores não poderão, á posso ver, ter nenhuma influencia no gabinete, huma vez que elles nenhuma tiveram na escolha dos outros membros. Entretanto como he de crer que

caso de se desorganisar o ministerio, ficará algum do actual gabinete fazendo parte do que se houver de organizar, como se tem feito circular pela cidade?

Este boato he para nós destituido de todo o fundamento; porquanto não he possivel que haja hum homem, que tenha disposição de aceitar toda e qualquer combinação ministerial, que se lhe apresente, pois que não consta que nenhum membro do actual gabinete se tenha encarregado de escolher novos membros, que com elle formem hum novo gabinete. Ou os novos membros pensam, como o membro, que ficará, ou não pensam. Se pensam, necessariamente concluir-se-há que elles foram convidados, e escolhidos pelo membro restante, que se considerará o chefe ou o primeiro ministro; e então, o gabinete, assim formado, terá hum pensamento e poderá marchar. Se não pensam, como ficar no gabinete hum membro, que não estiver de accordo com os demais? Mas concedamos, que fique: que papel fará elle; que consideração merecerá de seos collegas, e de seos concidadãos? Não será elle tratado com menos preço pelos outros; não será entre elles representado, como hum homem que présa pouco a estima publica? Porem supponhamos que o que se proposer á ficar, não encontrar ninguem que esteja disposto á servir com elle, e que os que apparecerem, merecerão a approvação do regente: não se retirará elle com ignominia, não se dirá, que não foi possivel achar quem o quizesse? Se tal acontecesse: que deszar não resultaria ao membro, que se propozesse á ficar com quem quer, que só apresentasse; ou que fosse obrigado á retirar-se por não haver quem o quizesse? Nós não podemos imaginar, que se conserve no novo gabinete hum só ministro, que passasse do velho, sem que tivesse sido elle, que organisasse o ministerio, e que tivesse hum pensa-

mento, que fosse analogo ao dos seos novos collegas, ou estes se obrigassem, entrando, á ceder de tal ou tal principio, que não estivesse em harmonia com o seo, e o pensamento do regente.

Este miseravel estado de crise, preparado sem se saber porque, e para que, e em huma epocha desastrosa, em que a anarchia apparece por toda parte, e ameaça destruir o Imperio e suas Instituições: — em huma epocha, em que huma banca-rotta se prepara com preseteza: vem mostrar á Nação, que o homem em quem ella depositou o poder, tem perdido toda a confiança publica, pela sua falta de franqueza, de enérgia, e firmeza de character, para imprimir no governo, de que elle he chefe, a unidade, o pensamento, e o character proprio de governo, e principalmente de hum paiz, que não tem ainda esse cunho que distingue hum povo do outro povo: hum homem froxo, fleumatico, de hum character mais hollandez, que portuguez, e d'aquelles Portuguezes, que tudo fizeram por sua patria; homem á quem bem quadra o que do *Pedro, o brando*, dissera o Vate luzitano: —

» Que hum fraco rei, faz fraca a forte gente! »

E se o Regente não tem perdido a confiança publica; se n'elle não estão os males, que temos experimentado, com duas crises ministeriaes sempre preparadas por elle, e o Sr. Lopes Gama, que derrotou hum miisterio, e que pôz outro *em detresse*; se o regente he necessariamente o homem do paiz: então devemos dizer, que esta paixão das almas nobres, que leva o homem á sacrificar-se pela sua patria, que o faz desprezar os commodos, e os prazeres da vida, e dar-se todo á patria; ou nunca existio em nossos corações, ou, se existio, foi em gráo tão baixo, que de todo se tem apagado, e desapparecido; e nestas circumstancias, digamos com o Sr. Montezuma: — que mais

A Ortiga.

Sou lierva bem conhecida,
 Nas folhas trago a peçonha,
 Capaz de tornar vermelha
 A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO. (1)

• Le premier devoir d'un prince est de
 • vouloir ce que veut le peuple: C'est en
 • vain que les vieilles aristocraties multi-
 • plieraient leurs efforts pour s'opposer que
 • la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em S. Helena.

CRISE MINISTERIAL.

Nós havemos dito em nosso artigo *Regresso*, que o Sr. Senador *Lopes Gamas* com a sua *moção* do dia..... de Agosto proclamou ao paiz que o governo tinha terminado sua carreira politica, e que estava sem constituição, e sem leis para poder continuar á governar a nação, que d'elle havia confiado. Esta nossa asserção, que pouco ou nenhum pêso mereceo aos nossos Estadistas, foi confirmada pela crise, em que se achou o ministerio desde essa celeberrima *moção*. O gabinete estre mecco, seus membros ficaram paralyticos, e a acção do governo desappareceu pelo descredito, em que cahio, desde que contra a opinião do ministro da Justiça, a camara vitalicia adoptou a *moção* do Sr. *Lopes Gama*. Causa admiravel e digna do sério reparo! O mi-

(1) Desde o dia 2 do corrente, que temos em nosso poder o presente artigo, mas não nos foi possível publical-o no n. antecedente.

nistro da Justiça, que deve fazer parte dessa commissão de *salvação publica*, repugna acceital-a, julga intempestiva, impolitica, e inutil semelhante medida; e com tudo, a maioria dos anciões força esse membro do gabinete á servir contra sua opinião, ou retirar-se! Desde então declara-se o ministerio em crise; a acção do governo se entorpece; as transacções cessam, e o paiz em expectativa soffre; e de dia em dia marchamos á passos de gigante para o abismo, em que vamos nos precipitar, se continuarmos á marchar desta sorte. Cada dia, á maneira de leilão, se offerecem ao publico listas ministeriaes, ou como nas occasiões de eleições, cada partido faz figurar suas *chapas*. Este phenomeno, que estava reservado para apparecer na Regencia do Sr. *Araujo Lima*, indica, ou que o poder irresponsavel trahе os seus ministros, ou que elles zelam pouco o seu pondonor. Ou o Regente tem confiança no gabinete, ou não tem: se tem; como explicar-se o apparecimento d'esses *chargés d'affaires*, que abalroam á este e á aquelle, dizendo-se encarregados pelo Regente de *organisar ministerios*? Se não tem; como podem os actuaes ministros supportar, que se ande á *organisar ministerios*, sem sua sciencia, *conservando-se ainda no poder*? E no

— Se nenhum governo se sustenta, sem que a moralidade de seu povo seja inatacavel; porque capricham elles em abuzar da força, do arbitrio, e do dinheiro que sabem pedir? Porque contão com a falta daquella; nos que lhe dão estas ultimas ninharias!...

— No numero seguinte publicaremos a carta do Sr. G. N. residente em Villa Nova, que se queixa de estar destacado nesta Côrte desde de 22 de Maio; e bem assim os diversos apontamentos e informações que nos tem vindo á mão de outros Guardas Lavradores, que aqui se acham ha quatro e seis mezes. Não esqueceremos tambem os de Gabo-Frio, cujo destacamento tendo findado no dia 21 de Agosto, ainda não foi rendido, apesar de dizer o Sr. Commandante em sua defeza, que os destacamentos se rendem *quando lhes compete*, sem se lembrar talvez S. S., que o tempo *que lhes compete*, isto he, o *determinado por lei*, são *dois mezes*. Procuraremos não offender pessoa alguma; mas lamentaremos o modo por que se ensina o povo a tornar irrisorias todas as leis, e medidas legislativas, que não são tendentes a *receber dinheiro!*

— Consta, que os Srs. honrados e philantropicos vereadores estão de accordo a darem demissão, cazo o Sr. Menezes volte ao seio da camara. Hade ser huma farça curiosa! O enredo he interessante; os actores são da primeira ordem; o desfeiche deve ser muito applaudido: Bravo! bravo!

— P. D'onde provirá a protecção tão decidida que o Sr. Vianna dá ao Mello, respeitador do laço Brasileiros?

R. Os Anginhos que respondam.

— Dizem que o Mellado mestre das carroças de vapor, que dá cada huma, por mez, mil (e mais) carroçadas de aterro para o mangue da cidade nova, vai pedir ao papá presidente hum *brevet d'invention* por aquella optima desco-

berta, que elle chama — machina de escavação do cofre municipal. E consta que o papá vai para isso mandar convocar sessão especial. *Oh, mon Dieu, quel amitié!..*

— Certo individuo *coxo*, querendo embaçar a hum *patricio* não menos *experto* que elle; fez que este segundo frustrando-lhe o trama, e mostrando-lhe a *calva*, lhe dicesse: — Meo amigo, para hum *coxo*, hum *carêca!* Deram-se as mãos, e fizeram *causa commum*.

— Dizendo o §. 4.º do Art. 2.º das instruccões theatraes, que he prohibido *recitar de cõr* peça alguma sem que o Juiz lhe ponha o *visto*; pergunta-se: — quando algum dos nossos Poetas quizer improvisar no theatro, em que parte do corpo se lhe porá o — *visto?* —

Dizendo tambem o §. 3.º que *he permitido* dar *bravo*, *caput*, *fõra &*, como se diz que nesse mesmo caso o juiz poderá impor silencio? Pois concede-se e nega-se ao mesmo tempo? São erros de redacção.

Dizendo mais o Art. 3.º que não se porá em scena espectáculo diverso do que se tiver annuciado, *permitti-se* todavia a *satisfação* ao publico. Ora, estamos na mesma! Teremos *farol* todas as noites.

— Bate-nos á porta o dia 7 de Setembro! Ha espectáculo em grande galla; vão SS. MM. assistil-o: haverão Senhoras, que se apresentem com chapéos! Hade ser muito bonito!!

BIXOS BAROS.

Lá no Largo do Machado
Levantou-se uma barraca,
Onde a gente via a onça
Dando só meia pataca.

Hoje, porem, quem quer ver
O famoso *Boi d'Argel*,
Dá doze mil reis de entrada
Ao *Secretario* no *Hotel*.

amigos, e das instituições sociaes, tem igualmente hum sem numero de respeitaveis e sinceros defensores na classe á que S. S. diz pertencer, mesmo brasileiros, mesmo portuguezes, que são os que, em taes conjuncturas, menos guerreiam aos homens de côr, e antes os preferem, e mil vezes os acatam e lhes prestam inteira confiança!...

Não he porem, o Sr. deputado, com o seo dizer — *está louco* — e outros que imprudentemente pensam como S. S., sem olharem talvez para si, para as fontes de onde tem emanado seo sangue, e para os canaes por onde os fazem correr, os que hão de destruir com seos apodos, e demonstrações de desfavore de odio, a reputação de hum Velho, respeitado em sua Patria pela gente grada e sensacta, e mais ainda pela illustração estrangeira! Não hade ser por *fazer a corte aos homens de côr*, que o Srs. *Andradas* deixarão de ser admirados, como sempre hão sido, por mais amestrados campeões da constituição, e da monarchia. Ora são accusados de orgulhosos e soberbos; ora são tachados de levianos e condescendentes! Entretanto seos nomes e seos serviços ganham de dia em dia a estima e a veneração de sua patria; seos talentos, saber, e suas virtudes se elevam á superior esphera; e seos mesquinhos detractores no terreno esteril em que ficam immoveis, apenas lhes he dado erguer com algum custo a fronte para os admirar em sua elevação!

Nós podiamos de huma vez rasgar a mascara com que esse Sr. deputado ainda vai continuar a viver encoberto; mas tome-se isto como huma generosidade da nossa parte, pois que nossa intenção não he tornar S. S. execravel aos olhos do vulgo; mas unicamente lançar-lhe em face, com a constituição em punho, e de modo que só S. S. entenda, o seo reprehensivel procedimento, para que d'hoje á vante recordando-se dos homens que tinha em torno de si,

e sem poder talvez attingir, d'onde se lhe dispara a setta, seja para o futuro mais acutelado, mais brasileiro, mais antigo da igualdade, mais conhecedor da missão que lhe cumpre desempenhar em fé do seo juramento; e em humta palavra para que não julgue que nas classes de que a nação se compõe não ha homens, que sustentem homens, politicos que defendam puliticos, e amigos que por amigos saibam quebrar huma lança enristada em sua defeza. Nós só declararemos o nome de S. S. si á isso formos compellido; tal he nossa generosidade; tal he a nobreza de nossos sentimentos.

ENIGMA RESOLVIDO.

— Qual he a Nação mais feliz, e que melhor figura pode fazer entre outras? a que he mais rica, e que tem hum governo forte (dizem os Despotas)! A que he mais livre, que tem boas leis, e cujos Cidadãos podem exprimir os seos pensamentos com toda a liberdade (dizem os perversos)! Os primeiros mentem; e os seguudos, errão crassamente, porque isso esteve, está e estará rezervado para aquella, cuja desmoralisação publica estiver sempre na razão inversa de sua administração, e do caracter nacional!

— Ja houve povo que bem perto dos horrores da guerra civil, correndo á Representação Nacional, ouvisse nella (ou nas suas tribunas) as cordiaes denuncias ou confissão publica dos remorsos de seos delegados: e que em vez de voltar remediado, tranquilamente o deixassem entregar-se á descripção de suas massas? Não (dizem os tolos), porque não he possivel abusar-se delle. Nem pode haver (acrescentao os velhacos), porque nesse caso elle he soberano, e ai do governo, ai da ordem publica, e ai da prosperidade nacional!.. Pois mentem. Ha, he o fluminense!...

orgulho, de que os desaffectedos á illustre familia Andrada a revestem, de homens de côr d'algum merito, e talvez de alguns d'aquelles á quem S. S. tambem *haja feito a corte* (mas por ironia, porque não queremos suppor falsidade nem impostura em S. S.); ora, que mal proviria de fazer-se a corte á homens, cujos talentos, instrucção, e honra estivessem acima de S. S.? Regurgitam por ventura os homens de côr de todo o imperio, por crimes horrorosos; por delapidações de rendas, e arrombamentos dos cofres publicos; por esses horrendos assassinatos, como os da gavia, caqueirada, ou como os do Maranhão, Ceará, Goyaz e outros; por estupro e parricidios, como os, de que nossos Jurys se tem occupado; por emissão de falsas moedas, ou falsificação das legitimas? São elles por ventura os chefes d'esse trafico infame de carne humana, com manifesta violação de tratados e leis respectivas? São os homens de côr os que enchem os mapas estatisticos dos criminosos? Não mostram esses documentos ao mundo inteiro, que na somma dos réos, a menor parte he a dos homens de côr, e que, quando ali apparecem são sempre *co-réos*, e sempre aquelles que se não pode tomar como a parte mais illustrada da classe? Em face de todas estas verdades, e de innumeradas outras, que ora não apresentamos por não ser nossa intenção offender classe alguma, mas tão somente repellir com a dignidade de quem tem em boa estima o seu merecimento, e o merecimento dos que sabem, dando-se á respeito, respeitar igualmente o merito, onde quer que elle appareça, a afronta, que, feita por S. S., foi logo, e tem sido desde então extranhada por aquelles, *que não lavam, como S. S., a sua roupa suja á vista do publico....* Para que, interrogamos nós, insullar deste modo a desconfiança na maioria da população,

introduzindo no coração dos homens, ou polidos, e por tanto zelosos da sua dignidade e de sua honra, ou ignorantes, e por consequencia imprudentes e arroçados? Não he á hum parte dessa classe mesmo, que o Sr. deputado hoje pretende aviltar, e á qual *se faz grande corte* nas epochas das eleições, á quem S. S. deve o ser representante da terra de que he filho? Não foram iminensos homens de côr, os que se apresentaram mais animados nos centros dos partidos, na effervescencia das paixões *caramurús*, e *exaltadas*, sustentando, ja o eleitorado, já a candidatura de S. S. para a representação nacional, desculpando mil vezes a sua bem conhecida fraqueza physica e moralmente fallando? He assim que S. S. paga serviços que lhe foram feitos; mas que nunca mais os terá? Sim, nunca mais! Nunca deslembados dessas palavras, soltadas em silencio, mas bem percebidas e frizantes, os brasileiros devem repetir hum e mil vezes nos ensejos das eleições: — « eis ali o homem, que, eleito em virtude da constituição, representante de sua patria, detesta por vão e mal entendido capricho hum de seus principaes artigos! » Estas vozes produzirão hum effeito magico, e o Brasil, cuja liberdade ja não pode retrogradar, verá tambem por outro occupado o vasio que S. S. será obrigado a deixar no Augusto recinto....

He sempre com o coração pejado de dôr, por terriveis factos desta natureza, que tomamos a penna, não para defender classe, mas para sustentar a lei fundamental do imperio. Desculpavel seria, se hum Portuguez soltasse, de modo que ouvidas fossem, essas expressões offensivas da classe dos homens de côr, onde se conta hoje hum sem numero de pessoas respeitaveis por seu saber, por suas fortunas, por suas intimas relações de parentesco; e que *por jamais violarem a fé d'aquelles de quem se constituem*

soberba, e de orgulho, mas de ignorancia, de caprichos, e de depravações!!

Carioca.

ORTIGADAS.

FAZER A CORTE AOS HOMENS DE CÔR.

Na sessão de 17 do passado, quando o Sr. Antonio Carlos, tomando a palavra para combatter a idéa da *dictadura* no Brasil, e quando o bravo orador com a força de sua dialectica, na offervescencia d'aquelle enthusiasmo nobre e sublime, que sempre o torna distincto e recommendavel, lamentando o estado de conflagração em que se acha o Brasil, se exprimia, respeito á representação da Bahia nestes termos: — eu não temo a escravatura; he massa inerte, incapaz de mover-se, porque não tem quem os capitaneê; mas si entre a gente de côr, que he entre nós muito illustrada e tem sido *loucamente offendida*, apparecer algum Catilina, que se apresente para dirigir-lhes os braços, então si de nós... ai da Bahia!... » ouviu-se (oh, com magoa o dizemos) que hum Sr. deputado pela nossa provincia, o pacifico e maifadado Rio de Janeiro, irriçando os cabellos, suspendendo-se sobre os braços, voltando-se para hum lado, falto de animo e de energia para enunciar-se, alto e homsom, que menospresa a gente de côr, enchendo as obesas bochexas, disse, referindo-se ao Sr. Antonio Carlos — *está louco! está louco!* — isto de hum modo, que ouviram os que o cercavam. E depois voltando-se para os Srs. João Candido, e Vieira (do Maranhão), ex-ministro do Imperio, disse mais: — *isto he do homem que faz a corte á gente de côr!* —

Si esse Sr. não fôra hum representante da nação brasileira, que he composta de classes diversas, e por cujos votos S. S. a representa; si não fôra

brasileiro, mais recommendavel por seus cabellos ja hum tanto encanecidos do que por sua instrucção; si não fôra assás reconhecido por sua pusilanimidade; si o julgassemos com a capacidade e energia sufficientes para sustentar em pleno recinto, mesmo sob a egide da inviolabilidade, isso que baixamente avançou, mas que foi ouvido e logo reprovado; nós lhe fariamos sentir neste momento com a gravidade do estilo que sustentamos, tudo o de que S. S. se tornou capaz pela mesquinhez de semelhantes idéas, quando, hoje mais que nunca, precisamos de união, de paz, e de confraternidade; idéas ja por mais de huma vez entre nós apresentadas, mas combatidas, e nunca sustentadas; por que, para isso, fôra mister rasgar a pagina da constituição do imperio em que se lê o artigo, que, nivellando todos os cidadãos brasileiros, não concede outra differença mais do que talentos e virtude. Porem, nem esse Sr. se pode autorisar dessa regalia da lei suprema, á quem S. S. deve como legislador obedecer, e respeitar, porque ninguem reconhece em S. S. a transcendencia de subidos talentos, nem o quilate de suas virtudes sobrepuja hoje ao de immensos homens de côr, tão dignos como S. S. do respeito e da consideração que se deve ao homem, cuja vida não se acha manchada de vicios e de crimes....

Cumpre-nos todavia interpellar a S. S. sobre essa chamma de sentimentos occultos, de que deixou escapar claras sentelhas, no valor das frases: — *isto he do homem que faz a corte á gente de côr.*

Concedamos que o Sr. Antonio Carlos (contra os desejos de tal Sr., e de mais alguem) *faz a corte á homens de côr*; não sendo possivel fazel-a á classe em geral, segue-se, que só á huma parte se dirige o Exm. Sr. Antonio Carlos; ora, essa parte, em que o Sr. deputado figura o todo, deve ser, segundo o

Essa escolha foi muito assisada. A repartição dos estrangeiros, que á primeira vista parecerá de pouca monta, hoje he sem duvida huma das mais difficéis a preencher. Para bem desempenhar o cargo de ministro dos estrangeiros necessitava-se de hum homem de saber, de probidade, de honra, de bastante firmeza, e que em muita valia tivesse a dignidade nacional, menosprezada ja por bastantes vezes por potencias que se dizem amigas: esse homem appareceo: o Sr. Lopes Gama possui todos os quesitos necessarios. Bem conhecido na sua não muito longa, mas bastante aturada vida publica, responderá sem duvida á confiança que o publico desta capital de ha muito nelle tem depositado. Seos ultimos feitos no senado, o interesse que tem tomado pelo bem do paiz, o desgosto que tem soffrido pelas calamidades publicas, são seguramente os mais fortes garantidos do bom desempenho da sua administração. Sem caprichos, sem pertinacia harmonizará sua vontade com as de seos dignos collegas; e solidario o ministerio, ao menos quando mais não possa ser, suavizará as nossas desgraças. Queira a providencia divina ajudar a hum gabinete organizado pelos conselhos da prudencia, e justiça, e de quem o Brasil tantos bens espera. ***

— Sahimos finalmente do embarço em que ha quatro mezes nos havia posto o *provisorio*. Ainda que o gabinete da maneira que se acha organizado não satisfizesse a espectação publica, em face dos embarços que entorpecem a marcha da nossa politica, e das nossas finanças; todavia vê-se que difficil foi ao Regente forma-lo de outro modo; e pode-se até mesmo dizer, que, a não serem antigas sympathias, alguns dos ministros actuaes teriam de certo recusado a pasta, que pode-se tomar hoje entre nós como a boceta de Pandora. Em fim seja o que for: A presença do Sr. Galvão no gabinete deve mais que

muito influir para que os negocios do paiz tenham outro melhor andamento, que não até aqui. Não he todavia sómente a causa publica a que reclama a attenção e a energia do gabinete: os differentes negocios de immensos particulares, que mais de huma vez tem visto ministros da corôa negarem-lhe justiça, confessando o receio de se comprometterem, são coisas que muito influem para que logo se possa formar hum juizo claro respeito ás intenções do governo, e d'ahi a força moral, que se lhe presta ou se lhe nega, segundo a justiça com que desde logo elle busca coroar seos actos. Não queremos aventar juizos á respeito da entrada do Sr. Lopes Gama, quando ha pouco S. Ex. parecia entender que impossivel fôra governar o Brazil com as leis existentes; S. Ex. tendo melhor contemplado a indole do povo, cujos negocios vai administrar, e talvez melhor pesado as circunstancias do paiz com aquella honradez, patriotismo, e prudencia que assás o distinguem, resolvido estará a fazer sacrificios os mais penosos para ganhar hum timbre de gloria no mesmo campo onde tantos campeões o tem perdido. Desejamos que aproveitando experiencias, S. Ex. faça ao paiz aquelles beneficios de que mais necessitamos. Restando-nos apenas o Sr. deputado Ramiro, nado temos por ora que dizer-lhe. Temos bem presentes os seos discursos, a sua maneira de portar-se na Camara, e por isto, e pelo que sabemos de S. Ex. na Bahia, aguardamos os seos actos para expendermos nossa humilde opiniao. Certo não terá sido unicamente o desejo de ter huma pasta, o que induziria este Sr. Deputado a fazer parte do gabinete; pois S. Ex. deve mui bem ter conhecido que ardua e espinhosa he a tarefa de que se encarregou na presente crise; e nós fazemos votos para que plano se lhe apresente o terreno porque tem de marchar, e facil lhe seja vencer as montanhas que se lhe hão de oppôr, não de

n'ossa epoca era os estados geraes, sustentado pelas maximas populares; não teria expiado no cadafalso os crimes de seos antepassados, e de seos indecisos ministros. Quando hum appoio do governo está podro, he preciso que elle escolha outro. Os nobres e os padres nada podiam fazer pela realza, pois que elles nada podiam para si. O Rei não podia pois appoiar-se sobre elles sem cahir com elles. Em tudo hum Rei ou Regente, que politicamente fallando he o mesmo, não deve jamais ir de encontro ao espirito publico dominante de seo seculo; quando elle pode reinar por este espirito com hum pouco de habilidade. Ora, hoje he o raciocinio que domina: as armas mesmo tem cedido aos raciocinios bons ou máos... Hum rei não he nem padre, nem bispo, nem fidalgo, nem povo: elle he rei, e todas as formas monarchicas são seos meios. No Brasil agora o Imperador, ou quem suas vezes fizer, não pode governar o estado, senão por meios populares; porem elle o pode com huma força e huma felicidade proporcionadas á habilidade de seos ministros.

Napoleão creio, que a *parte forte* eram as armas e as conquistas; porem enganou-se.

Estude pois o governo as tendencias do paiz, procure a *parte forte*, identifique-se com ella, e achará os meios de manter-se no posto, e fazer a felicidade da nação. Entretanto se elle se illude, que o descontentamento do povo provem do desamor á forma de governo, que adoptámos; se acredita, que a demoralisação, que grassa como a peste do Oriente, he o fructo da liberdade; se pensa que os meios de fazer desaparecer esse espirito de desordem, que reina por toda parte, e que pareceo ao Regente (quando abriu a sessão da Assembleia geral) que era *espirito de ordem*; he pregar o regresso, a legitimidade, e com elles a restauração das ideas velhas: então... ai da monarchia, ai

dos regressistas e legitimistas! Hoje tudo quanto he sahir fora da constituição tal e qual está reformada, com as devidas explicações, que lhe dão os verdadeiros reformadores, os amigos das instituições populares; he anarchisar o paiz e precipitar com elle a monarchia. Se por fatalidade tal desgraça acontecer os verdadeiros monarchistas, e por tanto amigos sinceros de seo paiz, vendo o imperio da anarchia destruindo tudo, dirão — *Eis a obra de dous homens*, que no principio de sua carreira politica pregaram hum a *legitimidade*, e outro a *republica*, e hoje se deram as mãos para destruir o pacto social, que nos unia, com intento occulto (cada hum d'elles) de chegar pela desordem ou á *Realeza pura*, ou á *Democracia*.

Depois de tantas e tão aturadas contendas; depois de immensas e infructiferas combinações, acha-se o gabinete ministerial em fim organizado, e ao nosso ver com dignidade do eleitor dos ministros, que não quiz transigir com exigencias disparatadas, e com satisfação geral, por se conhecer que o ministerio tal qual se acha he capaz de alguma cousa, e que seguramente hade curar com profunda meditação dos males do paiz. Para preencher a pasta do imperio está nomeado o Sr. Desembargador Galvão, pessoa de confiança, de illustração, e em quem não falta patriotismo. O Sr. deputado Ramiro, he o ministro da justiça; este Sr. bem conhecido pela sua vida parlamentar, muito nos convem na crise em que nos achamos. Para finanças he nomeado o Sr. Alves Branco, que tendo ja por duas vezes sido ministro, bem ao facto estará dos negocios da sua repartição. Finalmente para a repartição dos negocios estrangeiros foi escolhido o Sr. Gaetano Maria Lopes Gama.

Sem offendermos o melindre dos outros ministros, asseveramos que seme-

de, composto de negros nus e descalços; elle podia asseverar á camara dos deputados, que dentro em pouco tempo a paz e a concordia voltariam ao seio das familias, que tanto tem sofrido por causa da rebelião: o governo posto em silencio até agora, não tem manifestado ao corpo legislativo, que a anarchia tenha apparecido de modo, que para abafal-a, fallecem os meios que lhe facultam as leis do Imperio; nonhuma proposta em tal sentido tem apparecido, e, entretanto, hum homem da privança do Regente, na sua Camara proclama ao paiz, que o Regente não tem assás vigor para dirigir o ministerio; que este trahê a sua confiança, e na impotencia de o demittir, recorre a elle pedindo-lhe que faça o que o governo não tem feito. *Reina este espirito de ordem*, que o Regente em seo discurso manifesta á nação; ou não reina? Se reina: para que esse manifesto que se faz ao paiz da incapacidade do Regente? Se não reina: por que razão não se apresentam com franqueza, e lealdade á nação, e não expõem ao corpo legislativo o estado verdadeiro do paiz, e não lhe pedem as medidas, que julgam necessarias para abafar as dosordens? Para que procuram comprometter os representantes da nação, buscando por meios occultos a força, que não tem corageni de pedir? Por que razão não procura o governo apoiar-se na força do paiz? O governo he como o piloto de hum navio; o estado, que he o navio, he levado sobre as ondas, que são o povo: o piloto deve salvar o navio, e não se deve jamais separar d'elle: sua marcha, sua manobra deve variar, como o tempo, e seguir todos os movimentos das ondas, que elle domina, mas que o podem submergir. A historia nos mostra que os reis tem perecido, ou se tem conservado pela *parte forte* de seo tempo. A rainha Buchaut perreco por ter comecado mui cedo a obra de Luiz XI,

o abatimento dos *Senhores*. Clotaire foi obrigado não só a abandonar sua avô, como á denuncial-a aos *Senhores*, que eram de tal sorte a *parte forte* de seo tempo, que podiam destroni-ar os reis, e despojar a igreja impunemente,

Da segunda raça dos reis de França, eram os bispos a *parte forte*. Tambem por não terem sabido colligar se com elles, foram os descendentes de Carlos Magno por elles depostos.

Francisco I e Henrique IV, se disiam os *primeiros fidalgos de seo reino* e esta phrase, que perderia para sempre a Luiz XVI, lhes aproveitou maravilhosamente, porque estes reis embaraçados em guerras desgraçadas, não podiam reinar, senão pela nobreza, que era a *parte forte*, e que dominava nos exercitos e no resto da Europa por esse espirito de cavalleria, que não existe mais.

Luiz XIII e sobre tude Luiz XIV, tendo reunido todos os poderes, e dando á seo povo a brilhante e custosa distracção das victorias e das grandes emprezas; não deixáram de governar pela *parte forte* de seo tempo: isto he, a nobreza, e a igreja reunidas.

O dinheiro tendo enfim igualado tudo, porque tudo corria atraz d'elle; Luiz XV viveo negligentemente das migalhas da meza de Luiz XIV; e o que d'ellas restava, não pôde conduzir á Luiz XVI ao decimo quinto anno de seo reinado. Nesta epoca os espiritos não esperavam, senão hum pretexto para mover-se: o medo da banca-rotta o forneceo, e forçou os estados geraes. Desd'esse momento houve trespasse de soberania. Quatro facções inimigas se deram as mãos para fazerem huma revolução! Jansenistas, protestantes, capitalistas, e a turba dos philosophos, e ralhadores colligaram-se para destruir primeiro a nobreza, e a Religião, depois a realza e o reino.

O desgraçado Luiz XVI, se tivesse renunciado o appoio da igreja ou da nobreza para reinar pela *parte forte*, que

A Ortiga.

Son herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77; rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en
• vain que les vieilles aristocraties multi-
• plieront leurs efforts pour s'opposer que
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em St. Helena.

(Continuado do n. 4).

Terminemos agora o nosso artigo com a celebre *Moção* do Sr. Senador *Lopes Gama*. Na abertura da presente sessão do corpo Legislativo, o Regente do Imperio no discurso do Throno congratulou-se com os Representantes da Nação, assegurando-lhes que, á excepção da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, — *hum espirito de ordem e amor ás instituições do paiz se observa por toda parte.* Na discussão da resposta á *Fala* do Throno, a opposição procurou por todos os meios que lhe forneceo a *Eloquencia*, provar que os *Ministros*, que haviam atirado as pastas aos pés do Regente, nas vespervas da reunião dos escolhidos do povo, o haviam illudido, comprometendo-o com a Nação, que sentia-se por toda parte, perturbada pelo *espirito*, não de ordem, nem de desordem, mas das trevas, que a veio agitar com o *Regresso*, pondo em alarma todos os Brasileiros, que tem coração, e que sabem amar

sua Patria. Ainda quatro mezes se não tinham decorrido, e sem que novas desordens viessem desorientar o Governo; hum Senador, da intima privança do Regente, aquelle mesmo, cuja escolha tanto despeitou o Gabinete de 19 de Setembro, que o arrojou ao excesso de demittir-se, sem dar nenhuma satisfação á maioria do Corpo Legislativo, que n'ello havia depositado tanta confiança, que jamais Gabinete algum, se ufanou de obter, concedendo-lhe sommas enormissimas, e forças alem das que pedira; aquelle mesmo que sustentou no Senado as expressões do Throno — *hum espirito se observa por toda parte* — contra os illustres oradores da opposição; he o que apresenta na Camara, á que pertence, huma *moção* para se nomear huma *commissão de Salvação Publica* para descobrir os meios de apagar as desordens, que formigam por todo o imperio!!

O throno disse, que *hum espirito de ordem se observava em todo o Brasil*, á excepção do Rio Grande do Sul: os *Ministros* nos seus relatorios acompanharam o Regente nos mesmos sentimentos ou crença; avançando o ex-Ministro da Guerra, que á vista das boas disposições em que deixara o exercito do Sul, e da miseria, indisciplina e anarchia que reinavam no exercito rebel-

ao menos tanto como o Sr. Naylor-Bey?
4.º Serão elles os responsaveis pelos
desacertos e máos resultados das opera-
ções do Sr. Naylor, que ja começam a
se divulgar? 5.º Tinha a maior parte
dessos Srs. factos em que se baseassem
a fim de não comprometterem suas assi-
gnaturas, e com ellas os passientes que
levados desse *pamphlet* se forem infeliz-
mente ainda subinetter ao Sr. Naylor?
— Não! Não! e Não!!!

Conclusão — Segue-se pois, que foi —
obra de encomenda.

— O Sr. Feijo de 32, na sessão do
senado de 39, propoz em seo projecto

Que o decreto *apantojado*
Do *queixoso* e do *queixado*

de 18 de Março de 1856 tomasse, d'ora
em diante, *força e vigor...*

Algumas vozes — Qual vigor, nem
pera vigor!!!

— Querendo certo orador sustentar
a necessidade da *dictadura legal* — ex-
clamou com emphase — Srs., he ne-
cessario *cortar bem rente os prejuizos*
nacionaes. Quereis o exemplo? em mim
o tendes: — Olhai para a minha cabeça!!

— Perguntando-se a certos *representantes*
fleumaticos de 38 e 39 a razão
por que só se occupavam em dizer a
partes a seos collegas oradores; — res-
ponderam — He para que os jornaes
levem ás nossas provincias os nossos
nomes em letras redondas, huma vez
que não mencionam os d'aquelles que
dizem — *apoiado* — apoiado, minha
gente!

— Admirando-se hum espectador de
que alguns Srs. *Municipalistas* brigas-
sem furiosos a ponto de se *descomporem*
como huns doudos; respondeo outro
com muita graça: assim estavam elles
quando fizeram as *in-posturas*!

— Dizem que, em consequencia da
intensidade do nosso inverno, o mus-
culo frontal supplicou á aponevrose
epicranica protecção contra tão forte

inimigo; e que esta, muito sua amiga,
para o servir se desdobrou em duas fo-
lhas, as quaes envolveram o musculo,
até que passe o frio; ficando assim o tal
musculosinho — deitado, e bem co-
berto!! Olhem que mandrião!!

Extrahido da ultima edição de par-
voices do *Dominginhos*.

ORTIGAS DIPLOMATICAS.

P. Quanto importaria o leilão do
Consul geral de Portugal?

R. O Sr. Figanière, que servio de
caixeiro do Frederico Guilherme, ainda
não sommon a conta.

P. Será verdade que o Sr. Figaniè-
re exigio que se dêsse busca na casa
do seu antecessor?

R. Sim: por que sem isso, não po-
dia fazer jus aos emolumentos do Con-
sulado!

— Perguntando-se ao Sr. Figanière
de que côr era a libré do seu lacain, res-
pondeo: — a côr de *lesma* he a libré de
familia.

— Em o leilão do Sr. J. B. Moreira,
appareceram o busto do DUQUE de Bra-
gança, e o da RAINHA de PORTUGAL.
aqui gritou o Sr. Figanière: eu quer
as bustas; dous mil réis por ellas. Ou-
vio-se logo a voz d'hum Brasileiro: trinta
mil réis por cada hum! O Sr. Figanière,
benzeo-se, tomou nota, e escondeo-se.

P. S. *Srs. Redactores*. Consta, que
S. Ex. o ministro da justiça, á vista da
bem desenvolvida, justa, e excellente in-
formação dada pelo digno procurador
da coroa o Sr. Maia, á favor do Sr. Dr.
José Mauricio, acaba de mandar empos-
sar este Sr. no lugar que lhe compete;
decisão esta que o publico esperava para
louvar a rectidão de S. Ex., rectidão
de justiça, tão propria quão natural na
Familia dos nossos illustres Cavalcantis.

Apressa-se, Srs. Redactores, a dar-
lhes esta nova, sem que todavia a confir-
me, o seo leitor

Pernambucano.

exercer os seus prodigios no comiterio do Cajú; arranca das vallas os que para lá tem ido, e continua a dizer: » eu tenho arrancado da sepultura as victimas dos remedios descobertos na medicina. Graças! Graças á Camara Municipal!!

G * * o Charlatão.

ORTIGADAS.

—O Mello diz por toda parte, que se o demittirem por causa das contas (oh que contas!), protesta metter a tanta gente, que hade tornar para o posto, applaudido pela triplice bateria da ordem..

—Diz-se que os patriotas Vereadores da Camara Municipal vão demittir o actual Contador por glosar as contas do Mello, assim como expulsaram de seo scio o Sr. Menezes de Droumont. Então, Sr. Menezes, he bico ou cabeça?!.. Ah! ah! ah! ah!..

—O Sr. Gomes de Campos sustenta que a Camara Municipal não hade dar contas, por que deve ser o quinto poder do Imperio; e por que elle ja a presidio 4 annos, e espera ainda presidil-a. Mas he do que Deos o hade livrar!!

—Pergunta-se á S. S. da Dictadura legal (por que tem que perder), se caso passasse esse principio, isto he, —esquecer-se a constituição, e adiar-se as sessões das camaras, durante a menoridade do Monarcha, —quereria S. S. ser o Dictador?

—Em 30 de Julho de 1832, quando se queria o golpe de estado, chamava-se isso — Republica, para afugentar os Portuguezes. Em Agosto de 1839, que se quer a mesma cousa, chama-se Dictadura Legal, para enganbellar os tolos. Vejam como são expertos e in-politicos os nossos homens!!

—Dizem que o Cavalleiro a quem pertenceia a Dama, desfoiteada no Soirée-ministerial, desafiara ao Sr. Pereira da Silva por tel-a abandonado no

meio de huma sala, quando foi mandado retirar. O Sr. Pereira da Silva, em satisfação disso, dizem, que desafiara ao Sr. Candido Baptista, e que S. Ex. pedira perdão de não aceitar o desafio, por ter dado demissão, em consequencia de saber que não he contemplado, pelo Sr. Clemente Pereira, para o ministerio, que S. S. foi engajado a organizar. Quão velozmente passa o meteoro!!

—Perguntando-se a certo Conde, cuja cabeça pesava menos que a Lage, a razão porque se fallava tanto em mudança de ministerio; consta que S. Ex. respondera:— Sempre isto me acontece, tanto, que ja me chamam o — Coqueiro dos Ministros!

— Quem quizer dar com contos de réis á risco, para recebê-los sem risco em carregamentos de pão brasil, na cidade de Cabo-frio, annuncie em quanto he tempo pelo correio official.

— O Sr. L... do consulado diz em todos os logares publicos, onde se apresenta, que o Jury reslituiu-lhe a honra. — A honra? A liberdade!!!

— Disse hum illustrado estrangeiro: — Nunca vi tres teimas, como: — a do Sr. Lages em ser ministro; a do Sr. Du. Pin em procurrar casamento; e a do Sr. Lucas em pregar sermões!

— Perguntando-se a certo jurado porque não cumprira a lei, achando criminalidade nos réos do thesouro, S. S. respondeo: — assim fôra eu tolo em fazer tamanha censura ás camaras, que ainda não cumpriram a lei da responsabilidade dos ministros.

— Theze: — 1.º são conhededores da sciencia os Srs. que assignaram o nós ábaixo do Sr. Nayler Bey? 2.º Sabiam ja, no 1.º de Agosto, si as operações praticadas por esse Sr. seriam coroadas de feliz successo; 3.º Tinham por ventura factos que provassem que os nossos oculistas não eram habeis, senão mais,

putação universal; que ninguém duvida de seus titulos porque seu nome ainda he maior, e mais authentico do que estes, porque elle he illustrado e apregoado por livros classicos, e não por annuncios de gazetas, abonado, elogiado por sabios da primeira ordem, e não por criados, acolytos e outras nulidades *ejusdem furfuris*; em fim que elles não são Naylor-Beys. Se aqui vierem os Boyer, ou outros que como elle ja tenham morrido ha mais de 4 annos, ahí temos muitos padres e frades para os exorcisar, e enxotar com psalmos e hysopadas essas almas do outro mundo que nada tem mais n'este a fazer, e que devem dormir tranquilas no silencio dos tumulos, á sombra da propria gloria, ou no seio da divindade como dizia hum bom christão. Ainda que a nossa religião condemne os que tem o espirito de Python, eu não tratarei ao Sr. L. á moda da Inquisição de gloriosa memoria: mas visto que elle tem esse espirito diabolico, dou-lhe o conselho de o aproveitar hum pouco melhor. Evoque o Sr. L. a alma de seu pae, ou de seu avó, a ver se com a authoridade e prudencia paterna lhe infundem hum pouco mais de juizo e vergonha para elle não dizer, e commetter asneiras, e não fazer n'este mundo hum papel tão triste, e tão ridiculo. Talvez que então elle honre mais os titulos de medico, e brasileiro que indignamente alardea, e que compromette altamente com escriptos imprudentissimos: talvez que então seja mais attencioso, e mais justo para com seus collegas e patricios aos quaes, com a sua *cegueira perpetua*, tracta mui frescamente de ignorantes e inhabeis, em quanto para elle o unico sabio e habilitoso he o Sr. Naylor, o vindo do oriente como El-Rei Melchior, mas que, em lugar de trazer ouro, só traz burra para o levar.

Hum Amigo do Sr. L.

Sr. Redactor. — A — ironia fora — do Monarchista n. 2, he tanto injusta, quanto he o jus que o Sr. José Correia de Souza tem a ser olhado com maior consideração. Seus serviços prestados á Independencia, que não foram esquecidos pelo Patriarcha d'ella, fallam mais alto do que as pequenas censuras de seus antagonistas. Oscr da — *terrinha*, — como se diz no *Monarchista*, não inibe a quem faz serviços importantes ao Imperio de ser contemplado na remuneração d'elles. Oh! se isso inibisse, quantos seriam os excluidos! Rogo-lhe, Sr. Redactor, haja de publicar estas poucas regras de hum seu obrigado, e estudante,

Brasileiro Nato.

PREGÃO.

Senhores da Faculdade de Medicina, não vos canceis mais, Ide plantar aboboras, que a isto vos condemna a Camara Municipal. O sulfato de quinine e o azougue são *drasticos*, e vós o não sabeis! Os arbustos do Brasil são remedios mysteriosos; suas virtudes não foram ainda penetradas pela escassez dos vossos fracos conhecimentos! Vossos doentes esgotam os vasos botanicos, desgraçam suas gavetas, e é o mesmo que malhar em ferro frio! E pela que? Por que vossos remedios são *derrogantes*! *dixit JUDICE!* Oh Panacéa, tu sim, hes a fonte da saude publica; tu curas o tísico que tem *somma de gallica*; os *cancros venerios* fogem apenas te lambriçam; as *dones rheumaticas*, *inchacões*, *inflammações*, e *desamparos da natureza*, cedem á mysteriosa Panacéa; a boca do estomago cala-se com meio quartilho de *xarope de JUDICE*, e os CEGOS recobram vista!.. Oh Panacéa, tu hes o extracto da quinta essencia dos mysterios incompreensíveis; tu só, Panacéa, podes disputar á direita do Bey! Ah! Por que occultas te conservas? Vai, oh Panacéa,

— Disse o Judas. (Tradacção letteral).

sião, rendemos o sincero ologio que S. Ex. merece por ceder a optima casa que lhe foi destinada aos infelizes camaradas de sua nobre classe, como nos afirma o nosso correspondente. Voltaremos a este logar em occasião opportuna.

Sr. Redactor. — Lemos huma nojenta adulação ao Sr. Neyler-Bey, mandada estampar no Jornal do Commercio de 12 de Agosto, por hum — *medico brasileiro* — Desejamos estar em dia com a *urbanidade devila aos estrangeiros que têm de passagem render soccorros aos nossos compatriotas desamparados e condegnados a uma eterna cegueira*; mas como não queremos passar por caudatario, acolito, e sevandija, antes pelo contrario pretendemos demonstrar o justo zelo do Sr. Redactor da Revista Médica Fluminense, e a indignidade de alguns medicos brasileiros em soffrer os continuados vituperios que lhes lançam á cara todos os dias tantos aventureiros que aqui aportam, affiançados da nossa criminosa credulidade; por isso rogamos ao Sr. *medico brasileiro* que nos responda aos seguintes quesitos:

1.º Si o homem que se diz medico, fica por isso habilitado a correr o mundo sem prestar obediencia ás leis do paiz em que aporta?

2.º Si a Medicina é a sciencia do universo, qual a razão por que em algumas universidades da Europa se não confere ao estrangeiro diploma para exercer a arte medica, senão extra-muros?

3.º Si em Inglaterra, França e mesmo em os dominios do *Bey d'Argel*, o homem é considerado como medico, sem provar que está habilitado para exercer a arte medica?

4.º Si o abuso que tem havido em soffrer se no Brasil tantos charlatães, é argumento sufficiente para se dar fé a especuladores, que tudo promettem, e nada satisfazem?...

5.º Si o Sr. *medico brasileiro* chama charidade dar-se a vista a hum homem tirando se lhe os meios de poder subsistir, ou, tirar-se estes sem dar-se aquella?

6.º Si o Sr. *medico brasileiro* tem de uso não sullar a enfermo sem que primeiro elle se tenha inscripto no livro da secretaria, pagando os competentes emalumentos?

Depois de termos ás respostas a estes quesitos, provaremos, Sr. Redactor, por meio da sua folha ou de qualquer outra, a vilania que péza sobre o medico brasileiro, que prostitue sua penna em accusar os seus compatriotas por que exigem das authoridades o cumprimento das leis do paiz, e por que não se arrastram ás rodas do carro da ignominia a que miseraveis charlatães se deixam amarrar para se darem o titulo de medico sob o rebuço de incognito. Seo apaixonado leitor

Ganabará.

Sr. Redactor. — Quando Saul vio-se em aperto fez evocar a alma de Samuel pela Pythonissa d'Endor: o Sr. Nayler-Bey, vendo-se apertado pela censura da *Revista Médica Fluminense*, fez evocar a alma do illustre Boyer pelo Pythonista, resuscita — mortos do *Jornal do Commercio*, que se diz *medico brasileiro*, e que, pela letra L. com que se assignou, julgo ser, ou chamar se *Louco, Lerdo, Lambisca, Limpa-botas, Lambedor*, ou cousa que o valha. Se aqui vierem, diz esse *eruditissimo panegyrista* do grande oculista anglo-egypcio, os Boyer, os Roux, os Astley-Cooper, os Alexandor, havemos de sujeital-os a hum exame? Não lhe dê isso cuidado, Sr. L.. Se aqui vierem os Roux, e outros sabios e praticos insignes inda viventes, todos nós sabemos o que havemos de fazer: basta-nos sabermos, e lembramo-nos que elles não são cirurgiões ambulantes; que tem huma re-

os outros pelos seus cargos, e fortunas, me parecem estar nas mesmas circumstancias, e isto muito mais me convence quando vejo, que desde a creação d'este batalhão provisorio até agora só tem vindo guardas com os requisitos da lei, á excepção de tres que os mesmos commissarios os tornarão a requisitar, julgo que por se terem enganado: quanto a não virem senão os pobres enganarão-lhe inteiramente. Sr. Redactor, pois que tem vindo para este batalhão muita gente que tem fazenda com mais de 60 escravos; acontecendo igualmente virem de Cabo-Frio homens casados, com filhos, por outros guardas, pelo que? pelo bom interesse que lhes fizerão os que serão designados. Não he exacta a proposição que o Sr. Redactor avançou quando disse, que se lhes lia diariamente o regulamento, o que só se pratica logo que elles chegam de seus districtos, explicando-se igualmente as suas obrigações para absterem-se do crime, em que podem cair; tambem não he exacto o dizer-se que, se os officiaes dos destacamentos tem amigos, os destacados logo depois dos 2 mezes se retirão: os guardas nacionaes d'este batalhão são retirados quando rendidos por outros, e isto por antiguidade, e se alguns (que bem poucos tem sido) se tem retirado antes dos seus companheiros, he devido ás suas molestias, pois prejudicão ao serviço estarem doentes no quartel sem nada fazerem, e não obstante o bom tratamento que tem, prevalecem retirar-se ás suas casas. Sobre os guardas nacionaes de S. João, Araruama, Capivari, Cabo-Frio, Cantagallo &c. &c. que v. m. tanto lamenta o não haverem sido retirados por não terem por si as figuras que frequentão os salões; devo dizer, que de Cantagallo só vierão 12 desde a creação do batalhão, e presentemente nenhum existe, por se haverem retirado quando lhes pertenceo, e os dos outros districtos ainda não completarão os 2 mezes da ley. Relativamente

aos guardas que vão para o hospital, sei que são mui bem tratados pelos mui dignos facultativos os Srs. João Manoel, e Bandeira, e que nada lhes falta, sendo constantemente visitados pelo Exm. Sr. General, havendo de mais n'este batalhão huma enfermaria, mandada crear pelo mesmo Exm. Sr., para os vaccinados, os quaes neste mez tem chegado a 30, sendo tratados pelo bem conhecido, e habil professor, o Sr. Dr. Antonio Americo de Urzedo: e quanto ao actual hospital, me persuado não poder estar em melhor lugar, e casa, a qual, sendo dada para habitação dos Exms. Srs. commandantes das armas, o actual a ceileo para a dito fim, não só pela localidade em que se acha, como por ser arejada de todos os lados.

São estas, Sr. Redactor, as reflexões que tenho á fazer sobre tal objecto, rogando-lhe o obsequio de as fazer publicar pela sua imparcial folha, no que muito obrigará ao seu muito attento venerador—*José Soares da Costa Reis*, Tenente Coronel Commandante.

Rio de Janeiro 20 de Agosto de 1839.

—Nós louvamos o Illm. Sr. Tenente Coronel Commandante pela promptidão com que curou de sua defeza; e a prova de nossa imparcialidade está nas observações que ácima ficam, feitas á outra correspondencia que nos foi primeiro dirigida. Quando, nos paizes constitucionaes, as authoridades não menospresam as observações e as queichas da imprensa, ellas acham sempre a mesma imprensa sempre prompta a fazer-lhes justiça. Confiados nas razões ponderosas de S. S., nós esperamos, que se não nos dará occasião a tomar de novo a defeza d'aquelles á quem custa achar na corte huma voz imparcial que se erga para dar conta de seus soffrimentos. Resta-nos todavia o pesar de que o nosso 1.º artigo fosse considerado como censura ao Sr. General das Armas, á quem, aproveitando a occa-

7

Sr. Cunha Barboza, ao logar do bibliotecario, porque estamos convencidos, que os seus multissimos prestimos, os seus talentos não ordinarios, as suas incansaveis fadigas litterarias nunca interrompidas por além de 30 annos, serão de muito proveito e honra para a biblioteca nacional, e para o instituto historico e geographico brasileiro, cuja instituição lhe devemos, e para o qual a assemblea houve por bem lançar suas illustradas vistas, consignando-lhe para sua despoza a quantia de 2:000\$ rs. annualmente; e o governo que ultimamente nomeou o Sr. Dr. Amaraal, addido á legação de França para copiar documentos, que digam respeito ao Brasil, existentes nas bibliotecas da Europa, mostra que he illustrado, por proteger hum estabelecimento litterario, que honra aos protectores, aos fundadores, aos seus socios, e ao Brasil inteiro.

Sum cuique.

CORRESPONDENCIAS.

Srs. Redactores. Tendo vms. fallado sobre os destacamentos dos G. N. na corte, onde, entre coisas de mais, e tambem de menos, ha verdades provadas; e como se pode entender que algumas d'aquellas censuras irão ter, senão directa, ao menos indirectamente á pessoa do nosso mui digno patricio, e fluminense, o Exm. Sr. *Francisco de Paula Vasconcellos*, como commandante das armas; justo he que, dando logar ás presentes linhas em sua folha, por ellas se saiba não ser S. Ex. culpado da demora dos 4, 6, e 8 mezes, que muitos guardas tem soffrido em seus destacamentos na corte, o que tam somente he devido, senão á empiricia ao menos ao descuido ou condescendencia de muitos dos *Designadores* dos corpos da G. N. dos municipios de fora. Ora, não tendo vindo regularmente os destacamentos, o que deve fazer S. Ex.?

dospachar os que ca se acham sem ter quem os renda? Isso fóra o mesmo que não haver disposição superior para que taes destacamentos se fizessem.

Não he nosso desejo negar o que com franqueza vms. esponderam no seu artigo, mas sim arredar, quanto possivel for, do nosso mui honrado commandante das armas, qualquer idea desfavoravel que á seu respeito se possa fazer. Publicando esta, Srs. Redactores, muito obrigarão ao seu patricio

Fluminense Neutro.

— Agradecendo ao nosso correspondente as explicações que ácima se lêem, cumpre-nos todavia significar-lhe o pesar que nos ficaria se por ventura sobre S. Ex. o Sr. Paula Vasconcellos recahissem algumas das censuras do artigo do nosso segundo numero, por não ser nossa intenção nem levemente offendel-o. Lamentamos com tudo, que, por qualquer motivo que seja, se vejam os nossos lavradores na precisão de soffrer a dura pena de destacamentos *fora da lei*, sem terem para isso contribuido. Torna-se por tanto ainda necessaria qualquer medida á este respeito, sem a qual não cessaremos de advogar huma tão justa causa.

Srs. Redactores. — Lendo na sua *Olga* — n. 2, de segunda feira 19 do corrente mez de agosto as censuras por v. m. feitas acerca dos guardas nacionaes destacados n'esta corte, considerando o quanto ellas são injustas, resolvi-me para conhecimento da verdade manifestar-lhe tudo o que se ha passado á respeito, convidando-o mesmo á dirigir-se ao quartel do batalhão provisório, onde na qualidade de commandante, lhe ministrarei todos os documentos e informações tendentes á este objecto. Eu, Sr. Redactor, não quero tomar a defeza dos commissarios designadores posto que os que conheço são pessoas de honra, e de talento, e muito prudentes, e

de hum Pastor da Igreja a hum simples *Guarda-livros*!!!!

O amor que consagramos á verdade, e ao merecimento obriga nos a pedir ao Sr. Dr. conego Marcelino, que apresente ao publico as habilitações, que tem para o emprego, posto que insignificante, para o qual he indigitado por alguem.

Pelo que temos dito, já se vê que o nosso voto, se o liveramos, não seria de certo para nenhum d'estes dous individuos; e como he licito em casos taes, e até convem para de certo modo orientar o governo em suas nomeações, e escolhas, que quasi sempre se guia por informações, nós ousamos chamar-lhe respeitosaente a attenção para hum homem excellentemente habilitado por muitos titulos para o lugar de bibliotecario da livraria publica. Queremos fallar do muito erudicto conego Januario da Cunha Barboza, lente de philosophia n'esta corte, e secretario perpetuo do instituto historico e geographico brasileiro. Sens eminentes talentos, sua erudicção vastissima não somente em litteratura, mas até em muitos outros ramos dos conhecimentos humanos, o eolocão de direito no importante lugar de bibliotecario da livraria publica.

Muitos outros brasileiros distinctos ha que bem possam servir honrosamente este lugar; mas talvez que não seja muito facil achar quem por tantas razões reúna em si os votos de quasi todos os homens de lettras d'esta corte, que indigitam espontaneamente o Sr. conego Cunha Barboza como o mais proprio para este lugar. Não querendo nós aqui, por até não ser necessario, fazermos menção dos muitos e relevantes serviços, que á patria e ás lettras tem prestado este distincto Brasileiro sempre desinteressadamente e não ambicionando para si mais do que a gloria d'elles, mencionaremos com tudo para lhe ser tomado em linha

de conta, e como o mais proprio d'esta questão, o recente serviço, que elle acaba de prestar ao Brasil inteiro, com a fundação do instituto historico geographico brasileiro. Não precisa ser dotado de muito talento nem de grande instrucção para á primeira vista conhecer as vantagens, que resultam de hum estabelecimento tao honroso e necessario, quanto he novo e o primeiro na nossa patria! Isto porein que acabamos de dizer, he mais hum argumento em favor da admissão do Sr. conego Januario, ao lugar de bibliotecario da livraria publica; sim, porque estando ali o Sr. Cunha Barboza, facil lhe he salvar do esquecimento, da ruina, e da inutilidade os muitos, e preciosos documentos manuscriptos, e impressos que ali jazem, e que por ventura possam fazer, mui uteis e necessarios ao recente instituto historico, que de perto nos promette huma verdadeira e completa historia e corographia do Brasil, sobre o que nacionaes e estrangeiros tem ousado dizer o que a ignorancia, o pouco caso, e a maldade, ás vezes, lhes tem inspirado.

Confiamos demasiadamente nas luzes de sua Ex. o actual ministro do imperio, para suppor que elle não queira fazer justiça ao merecimento, chamando para junto da administração mais hum homem capaz de sustental-a; fazendo d'esta arte esquecer passados resentimentos de partidos, e de opiniões politicas, sempre prejudiciaes á causa publica. As capacidades devem ter hum centro comum, e devem de unanime accordo trabalhar para a felicidade da patria, ameaçada agora principalmente por todos os angulos! O amor proprio fallia-nos sempre ao ouvido, e o homem de merecimento deve ser aproveitado, sem que se espere que elle venha offerecer-se, que isto seria demasiado, e mal entendido estoicismo.

Nós fazemos votos pela admissão do

para desejar trocar a liberdade pela escravidão, a igualdade pelo privilegio, a garantia da pessoa, e da propriedade, pelo arbitrio. Os foros de cidadão por cadeias e grilhões. Se hum progresso rapido nos pode precipitar, paremos; meditemos sobre a melhor marcha á seguir, melhoremos nossas instituições, e procuremos moralisar-mo-nos: — *Regressem para o inferno satanaz que nos trouxe o Regresso, elle e suas cohortes.* (Continuar-se-ha).

Pela morte do conego Francisco Vieira Goularte ficou vago o lugar de bibliotecario da livraria publica d'esta corte. As molestias, e a idade lutando de a muito tempo com este erudicto cidadão, o haviam de tal modo acabrunhado, que huma grande parte de sua antiga actividade tinha declinado, e n'estes ultimos annos principalmente ja não estava muito proprio para desempenhar o arduo, especial e delicado emprego, que o seu merecimento lhe havia grangeado. E na verdade inspecionar em todos os sentidos huma biblioteca publica, que por muito pequena, que seja; deve enserrar em si o universo das sciencias e das letras, ter o maior cuidado em fazer que ella seja fornecida das obras mais necessarias, e uteis, ter conhecimento d'ellas e gosto para escolhel-as, são cousas bem difficeis de se encontrar reunidas e desempenhadas convenientemente por quem mal podia cuidar de seus soffrimentos; e he por isso que, segundo nos informam, falta naquella livraria não somente hum systema proprio, mas até ha huma grande deficiencia dos livros mais necessarios e procurados. Posto que cumpre ao governo prover n'estes casos da consignaçoão annualmente votada pela assemblea para tal fim, contudo mister he que o empregado que está á testa de huma tal repartição, seja não só homem de muitas letras, mas até incansavel, attento, e de hum tino pro-

prio para poder conhecer, e avaliar da necessidade e utilidade d'aquellas obras que se fazem mais dignas pelo seu valor e raridade, para exigil-as. N'este caso, ja não estando ultimamente o conego Goularte, o governo deo-lhe por ajudante o actual conego Silveira; nomeação esta, força he dize-lo, que a lei não permittia, e que nem mesmo acha desculpa na impotencia d'aquelle bibliotecario, mui principalmente quando se considera, que os seus medianos talentos e mediocre instrucção o afastavam para bem longe de tal emprego, em hum tao importante estabelecimento. Mas consta-nos agora que este senhor empenha-se com todas as forças para assumir á si o lugar vago, e que apresenta como documento bastante o ter trabalhado *fortemente* em certas eleições..... em pagamento do que, dizem, deo-se-lhe o lugar de ajudante; o que nós não acreditamos.

Não he este porem o unico pretendente. Lá apparece hum homem pouco conhecido por seos serviços, e tambem por seos talentos, que depois de ter passado pela metade de hum seculo de vida a habilitar-se em preparatorios, resolveo-se em fim a soffrer todos os dissabores d'hum triste *caloiro*, e foi sentar-se ainda nos bancos da escola de direito em S. Paulo. Muito louvamos o espirito que obrigou a este Sr. ja em madura idade a dar hum passo de tanta honra, o qual nos revela o amor que elle tem ás sciencias sociaes e juridicas, e mui especialmente ao direito canonico em que, dizem, *primara*; pois que sem duvida sabia, que he habilitação bastante para poder pôr na cabeça a mitra do Apostolo! Mas seja em fim o que for; como este mundo he hum complexo de desenganos, o Sr. conego e agora tambem Dr. Marcellino dando de mão os seos malogrados planos, apresenta-se fazendo o papel de pretendente ao lugar de bibliotecario da livraria publica! Mas que differença vai

4
cias infinitamente raras, o *arbitrio* torna-se a solução de todos os problemas, e a pratica de cada dia.

O que preserva do *arbitrio*, he a observancia das formas. As formas são as divindades tutelares das associações humanas; as formas são as unicas protectoras da innocencia, as unicas relações dos homens entre si. Tudo he obscuro de outra sorte; tudo he entregue à consciencia solitaria, á vascillante opinião. As formas sós estão em evidencia, he para ellas só, que o opprimido pode appellar.

Muitos não percebem no exercicio do *arbitrio*, senão huma novidade de policia; e como aparentemente elles esperam ser sempre os seus distribuidores, sem ser jamais os seus objectos, acham-a mui bem calculada para o repouso publico, e para a boa ordem; outros mais susceptiveis, não descobrem n'isso, senão huma vexação particular: porem o perigo he muito maior.

Dae aos depositarios da authoridade executiva o poder de attentar contra a liberdade individual, e vós anniquilareis todas as garantias, que são a condição primaria, e o fim unico da reunião dos homens, debaixo do imperio das leis.

Em hum paiz, onde os ministros dispozessem, sem julgamento, das prisões, e dos desterros; em vão se pareceria, no interesse das luzes, conceder alguma latitude ou alguma seguridade á imprensa; se hum escriptor, aliás conformando-se com as leis, fosse de encontro ás opiniões, ou censurasse os actos das autoridades, não o prenderiam, mas seria exilado como hum individuo perigoso, sem assignalar-se a causa. Nada está ao abrigo do *arbitrio*, quando elle tem sido huma vez tolerado. Nenhuma instituição lhe escapa: elle as annulla todas e por sua base; engana a sociedade por formas, que elle torna impotentes. Todas as promessas tornam-se perjuros, todas as garantias silladas para os desgraçados, que n'ellas confiam.

Logo que se executa o *arbitrio*, ou se quer palliar seus perigos, raciocina-se sempre, como se os cidadãos não tivessem relações, senão com o depositario supremo da autoridade; porem elles as tem inevitaveis e mais directas com todos os agentes secundarios. Quando vós permittis o exilio, a prisão, ou qualquer vexação, que nenhuma lei autorisa, que nenhum julgamento tem precedido, não he sob o poder do Monarcha, que vós collocaes os cidadãos; não he mesmo sob o poder dos ministros, he sob a verga da autoridade a mais subalterna. Ella pode feril-os por huma medida provisoria, e justificar esta medida por huma narração mentirosa: ella triumphá, pois que engana, e a faculdade de enganar-lhe he assegurada, por que, quanto mais o principe e os ministros se acham mais felizmente collocados, para dirigir os negocios geraes, e favorecer o crescimento da prosperidade do estado, de sua dignidade, de sua riqueza e poder; tanto a extensão mesma destas funções importantes lhes torna impossivel o exame detalhado dos interesses dos individuos, interesses minuciosos, e impereceptiveis, quando se comparant ao todo; e não menos sagrados, todavia, pois que elles comprehendem a vida, a liberdade, a segurança da innocencia. O cuidado d'esses interesses deve pois ser posto entre as mãos d'aquelles, que podem occupar-se d'elles nos tribunaes exclusivamente encarregados da indagação dos crimes, da verificação das queixas, da investigação dos delictos; nos tribunaes, que tem o necessario tempo, como devem, de aprofundar tudo, de pesar tudo em huma balança exacta; nos tribunaes, de que tal he a missão especial, e que só podem preencher-a. Eis como se exprime o eximio B. Constant!

A' vista, por tanto, das considerações, que acabamos de expender, he preciso tor perdido o ser de homem

não chega á quebral-os todos. Não vos creaes invulneraveis em vossa voluntaria obscuridade!... Vós tendes hum filho, a mocidade o arrastra; hum irmão, menos prudente, que vós, murmura; hum antigo inimigo, que vós feristes em outro tempo, soube ganhar alguma influencia... que fareis vós então? Depois de ter com amargura despresado toda reclamação, regeitado toda queixa, vos queixareis vós por vossa vez? Vós sois antecipadamente condemnados, e por vossa propria consciencia, e por esta oppinião publica aviltada, que vós mesmo tendes contribuido para formar. Cedereis vós sem resistencia? Mas permittir-se-vos-ha ceder? Não se apantará, não se perseguirá hum objecto importuno, monumento de huma injustiça? Vós tendes visto alguns opprimidos; vós os julgastes culpados, tendes pois aberto o caminho, por onde passareis por vosso turno. O *arbitrio* he incompativel com a existencia de hum governo considerado debaixo da relação de sua instituição; por quanto instituições politicas não são senão contractos: a natureza dos contractos he de pôr limites fixos; o *arbitrio*, sendo precisamente o opposto do que constitue hum contracto, cercêa por sua base toda instituição politica. O *arbitrio* he perigoso para hum governo considerado debaixo da relação de sua acção; por quanto, bem que precipitando sua marcha, elle lhe dá algumas vezes o ar da força, tira sempre contudo, á sua acção, a regularidade e a duração.

Dizendo-se á hum povo: » *Vossas leis são insufficientes para governar,* » authorisa-se este povo á responder » *Si vossas leis são insufficientes, queremos outras,* » e com estas palavras, toda a authoridade legitima he posta em duvida; não resta mais que a força, porquanto seria preciso tambem contar muito com a parvoice dos homens, para lhes dizer: » Vós consentistes em se

nos pôr tal ou tal péa para nós assegurar tal protecção; nós vos tiramos esta protecção, porem vos deixamos a péa; vós supportareis, de hum lado, todos os entraves do estado social, e do outro vós sereis expostos á todos os azares do estado selvagem!...

O *arbitrio* não he de nenhum socorro á hum governo debaixo da relação de sua segurança. O que hum governo faz pela lei contra seus inimigos, seus inimigos não podem fazel o contra elle pela lei, porque ella he precisa e formal: porem o que elle faz contra seus inimigos pelo *arbitrio*, seus inimigos tambem pelo *arbitrio*, podem fazel-o contra elle; porque o *arbitrio* he vago e sem limites. Quando hum governo regular se permite o emprego do *arbitrio*, sacrifica o fim de sua existencia ás medidas, que elle toma para conservar a. Porque razão se quer que a authoridade reprima aquelles, que attacassem as nossas propriedades, a nossa liberdade ou a nossa vida, para que estes gosos nos sejam garantidos? Porem, se a nossa fortuna pode ser destruida, a nossa liberdade ameaçada, a nossa vida perturbada pelo *arbitrio*, que bens tiraremos nós da protecção da authoridade? Porque razão se quer que ella puna os que conspirassem contra a constituição do estado? porque se teme ver substituir hum poder oppressivo á huma organização legal? Mas, se a authoridade mesma exerce este poder oppressivo, que vantagens conserva ella? Huma vantagem de facto, durante algum tempo talvez. As medidas arbitrarías de hum governo consolidado são sempre menos multiplicadas, que as das facções, que tem de estabelecer seo poder; porem esta mesma vantagem perde-se em razão do *arbitrio*. Seus meios, huma vez admittidos, acham-se de tal modo curtos, de tal modo commodos, que se não quer mais empregar outros. Apresentados primeiro, como hum recurso, extremo em circumstan-

os que nascem nestas, repellem os que vem das humildes. Porém, como o bom senso não he tão commum, como se crê, resulta necessariamente da indiscricção de todos esse geruicm do discordia, que divide as sociedades modernas, e principalmente aquelles onde ha Srs. e escravos, por quanto esse ciuue não encontra ali nenhum limite. Do ciuue pois e do receio, que tem huns dos outros, os grupos compostos dos individuos, que temos figurado, nasce essa terrivel' lucta, que existe e existirá nos governos monarchico-constitucionaes entre a aristocracia e a democracia: estas duas especies de metal, se assim nos podemos exprimir, formam bem hum *amalgama*, mas não huma *liga*.

Se a *liga* não he possível, convirá que os chymicos prudentes manejem com arte esse melindroso *amalgama*, para que elle se não desfaça, separando assim hum do outro metal.

Desde por tanto que se proclamou entre nós a liberdade, e que se formou entre ella e a aristocracia esse *amalgama*, que nos tem ligado até a epoca da proclamação do *Regresso*: hum respeito religioso á constituição do Estado chamou todos os Brasileiros á hum centro de união. A proclamação do *Regresso*, que podia ter sido seguida da de *Republica*, não tem feito mais do que despertar os bons patriotas, os que não vivem do sangue da patria, como animaes de presa, e obrigar-os á bradar:—A' lerta, Brasileiros, uni-vos em torno da constituição e do Monarchia, e afastae os *Regressistas*, e os Aristocratas, que não são filhos d'ella! A' lerta!... senão para evitar o desvario de huns, sereis obrigados para salvar a patria, á commetter outro desvario ainda maior! e se vos obrigarem á tanto, dizei » *Malo periculosam libertatem quam quietum servitium!!...* »

A liberdade he o fim de toda associação humana; sobre ella appoia-se a moral publica e privada; sobre ella

repousam os calculos da industria; sem ella não ha para os homens nem paz, nem dignidade, nem felicidade. O *arbitrio* destroe a moral, por quanto não ha moral sem segurança; não ha doces affeições, sem certeza, de que os objectos d'essas affeições repousam ao abrigo de sua innocencia. Quando o *arbitrio* fere sem scrupulo os homens, que lhe são suspeitos; não he sómente hum individuo, que elle persegue, he a nação inteira, que elle indigna primeiro, e que degrada depois. Os homens tendem sempre á tirar-se da dôr, quando o que elles amam está ameaçado, ou elles se afastam, ou o defendem. » Os costumes, diz Paw, se corrompem subitamente nas cidades accommettidas da peste; morrendo, roubar-se huns aos outros. » O *arbitrio* he para a moral o que a peste he para o physico. Elle he o inimigo dos laços domesticos; por quanto a sancção destes laços he a fundada esperanza de viver juntos, de viver livres no asilo, que a justiça garante aos cidadãos. O *arbitrio* força o filho á ver opprimir seo pae sem o defender; a esposa á supportar em silencio a detenção de seo marido; os amigos e os proximos, á negar as affeições mais sanctas. O *arbitrio* he o inimigo de todas as transacções, que fundam a prosperidade dos povos; elle abala o credito, aniquilla o commercio, e fere todas as seguranças. Quando hum individuo, sem ter sido reconhecido culpado, soffre; tudo, que não he desprovido de intelligencia, se crê ameaçado, e com razão: por quanto, distrahida a garantia, todas as transacções se resentem da sua falta, a terra treme, e não se marcha, senão com temor.

Quando se tolera o *arbitrio*, elle dissemina-se de maneira, que o cidadão o menos conhecido pode de repente encontrar-o armado contra si. Não basta retirar-se para o canto e deixar fugir os outros... Mil laços nos unem aos nossos semelhantes, e o mais inquieto egoismo

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmerl, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 63, escriptório da typographia imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de vouloir ce que veut le peuple: C'est en vain que les vieilles aristocraties multiplieraient leurs efforts pour s'opposer que la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em St. Helena.

Terminando no n. 2 desta folha o nosso artigo — *Regresso*, — promettemos aos nossos leitores que, voltando á esta questão, trataríamos da moção do Sr. Lopes Gama.

A luta entre a indolencia, e a industria, entre a altivez e a modestia, entre o privilegio e a igualdade, tem produzido em todo o mundo civilizado essa agitação mais ou menos violenta, que se tem observado entre os que se interessam na conservação dos foros e dos privilegios; e os que querem a abolição destes, estabelecendo a igualdade. Dessa luta tem resultado o aniquillamento de milhões de homens, a queda de muitos Reis, e o martyrio de alguns, em quem (sem o merecerem) cevou-se a ira dos opprimidos, que saciou-se em innocentes victimas a cêde da vingança, que pretendiam tomar das offensas recebidas. Depois d'essa lueta ensanguentada, em que todos perdêram, procurou-se harmonisar os interesses communs, deixando-se á cada hum o que foi possível

deixar. He d'essa especie de pacto, que se tem buscado tirar a norma das sociedades modernas. Mas, oh fatalidade! Os homens vêem sempre mal os seus interesses! Nenhum tem querido parar na raia, que se lhe tem marcado! e está cegueira tem sido causa d'essa agitação, que se vai observando por toda a parte, onde a liberdade está em luta com a escravidão. O ciúme da democracia, e o orgulho da aristocracia, não deixam os seus amantes encarar com serenidade o posto, que occupam huns e outros. Se o merito eleva o filho do çapateiro á cadeira Senatoria; o filho do nobre, á quem igual talento collocou na mesma posição exclama! *Posso eu ufanar-me de achar-me aqui á par do filho do meo çapateiro.*

Si o distincto talento do nobre o colloca na administração, no conselho do Principe, grita o democrata » Ainda os nobres nos impõem a lei, ainda nos representam como huma manada de bestas; ainda não estão fartos de nos ter regido, como seus escravos... he preciso dar cabo destes infames, que não respeitam no homem senão a casualidade do nascimento, para quem o merito significa cousa alguma! »

No fundo, nem todos os homens, que nascem na humildade detestam os que nascem em posições elevadas; nem todos

over que nossos patricios, levados pelo amor do estranho, quizessem antes expor-se á hum triste experiencia em mãos, cuja *dextreza* era apenas *annunciada*, do que terem-se submittido á habilidade, e saber dos operadores, cujos feitos ja ha tanto tempo eram por elles conhecidos. Tanto pode o espirito de novidade. Si assim não fosse, esse medico, que se diz B., não diria, que os nossos compatriotas se achavão condemnados á hum eterna cegueira! Cego, Sr. Redactor, he aquelle que não sabe avaliar o merecimento; cego he o medico que não encherça, que hum dextreza comprada pelo longo exercicio em hum paiz em que taes molestias são frequentes, não constitue a verdadeira habilidade do operador, e sim a variedade de recursos em casos chirurgicos, a promptidão e destreza em casos urgentes, e profundo conhecimento de todos os processos, e methodos operatorios inventados para tantas e tão variadas operações, bem como o exacto conhecimento de todas as organizações, á que tem de levar seo ferro! Cego finalmente he aquelle, que levado pelo estrondo dos titulos de honra não espera para lisongear, que os factos fallem primeiro, que o tempo corôe os successos das operações, e que, prostituindo-se á hum ponto vergonhoso, dê hum muito triste idéa de si, o que faz suppor que sua penna, seos elogios, tudo, tudo foi vilmente vendido pela fome de lucros pecuniarios. Sim, Sr. Redactor, he indigno do nome de medico, o medico B., o homem que assim procede; hum tal individuo avilta a classe a que pertence, amesquinha a reputação dos seos, e, o que ainda he peor, faz que nenhuma consideração nos tribute o estrangeiro que vem de passagem á nossa terra, e que se supponha hum sabio, avaliando o saber de toda a nossa classe medica, pelo do seo novo acclito.

Em sua folha, Sr. Redactor, cujo

apparecimento nos tem enchido de prazer, tenha, lhe rogamos, a bondade de publicar estas mal traçadas linhas, com o que muito obrigará ao seo leitor
Carioca.

ORTIGADAS.

Consta, que logo depois da *baixa* do ministerio de 19 de Setembro, procedendo-se á energico recrutamento (até em festas religiosas) para diversos postos, e acontecendo ser *recrutado* o Exm. Sr. Marquez de Paranaguá para a pasta da marinha; S. Ex. *dera hum homem por si!*... Antes desse os 400.000!!

— Meo Deos! que desgraça he a nossa! (exclamou hum Nautico offendido)! Sahe da Marinha hum homem filho d'hum taberneiro no P. C., e entra outro que em B. A. tinha taberna!!

— O *Cascudo* 2.º *empastelado* na Marinha, lendo hum carta de B. A., onde se lhe dizia, que a sua taberna fôra roubada, exclamou: — *Muguer, muguer!* — Por Diós!.. qui tienes? — *Caramba!*.. soy roubáo!!

— Pergunta-se ao Sr. Carneiro da Cunha se espera que jamais se acredite na sua palavra de honra? He mesmo dos de 39!!

NICOLAO TOLENTINO APPLICADO A QUEM
O MERECE.

— Chegou Monsieur de tal,
Medico em Londres formado,
Traz *pomada* especial,
Papel-caustico approved;
Hum remedio universal!

Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seos;
E, cheio de dó profundo,
Vasa, pelo amor de Deos,
Os olhos a todo o Mundo.

Buscão-no em chusma os lieís,
Que, *caloteando* os patricios,
Lhe dão centos de mil reis!!

aptidão para o exercício da cirurgia. Para provar que era mal entendido esse amor da lei, que elle chamou *romito ca-joativo de patriotismo esteril &c.*, lembrou-se de perguntar si ás nossas praias chegassem os Roux, os Boyer, os Astley-Cooper, &c., se lhes faria applicação do mesmo preceito? Que miseria! Como se atreve hum medico a collocar na mesma linha homens tão respeitaveis, cujos nomes só far-nos-hia dispensar todas as formalidades legais, homens, cujos serviços á sciencia lhes prepararam a admiração, e o respeito da posteridade, e o Sr. Nayler-Bey, cirurgião sem nome na sciencia, encantado ainda ha pouco na ardente Africa, e que sahido do paiz natal, onde nada deixou que merecesse a menor lembrança! E ousa o medico B. estabelecer paridade entre hum, e outros? Julgamos possível, que sem consciencia do que escrevia, deixou que sua penna lavrasse proposições indignas de hum homem da sciencia. Não levando em conta a nojenta repetição das mesmas idéas, e tédio que nos couso a grave contradicção em que cahio, dando os pobres brasileiros entregues á huma eterna cegueira, seguramente por falta de huma mão habil que lhes restituísse a vista, e depois dizer que no ramo medico-cirurgico, em que he celebre o Sr. Nayler, tambem o he o primeiro operador do Brasil, o Sr. Christovão José dos Santos, e mais meia duzia de collegas de grandes esperanças; sem que lhes façamos carga dessa contradicção, perguntaremos, Sr. Redactor, he hum medico brasileiro, e desta corte quem estranha que o jornal de huma sociedade de homens scientificos não se apressasse a tributar respeito a hum estrangeiro desconhecido, e sem nenhum titulo recommendavel na sciencia! He hum medico B., quem sem nenhum fundamento mais do que os titulos de honra, e recommendações, intitula de sabio ao Sr. Bey? He hum medico do

Rio do Janheiro, quem põe em duvida que ainda estejamos em estado de avaliar o merecimento do Sr. Nayler? Custa, Sr. Redactor, custa-nos acreditar, que esse Sr. seja medico, ou parece-nos que assás atrasado mal conhece os progresses da cirurgia entre nós. Para fazer sobresahir a celebridade do Sr. Nayler, o correspondente traz á memoria do Redactor da Revista os estrangeiros medicos, que fazem parte da Academia de Medicina, e para quem, diz elle, devia o Sr. Redactor, animado de zelo patriótico, exigir a a execução da lei; não nos cansaremos em refutar huma asneira tal, porque todo mundo conhece os Srs. Sigaud, Cuisart, Faivre, &c., e sabe á que tempo existem entre nós, e mesmo antes que se organisasse o poder á que se devem submeter para justificar sua aptidão.

Tudo desculparíamos ao medico B., tudo sepultaríamos no esquecimento de que he credor, si no fogo do bem louvavel entusiasmo pelo Sr. Bey (pois que parece querer substituir na qualidade de acolito ao Sr. Bonjean), esse medico desnaturado não ousasse dizer, que nossos compatriotas se achavam condemnados á huma eterna cegueira. Como te olvidaste, oh panagyrista sem arte! como te olvidaste dos merecimentos e habilidade desses operadores os Srs. Drs. Christovão, Manoel Feliciano, Ramos, A. Machado &c.? Como te esqueceste de que cada hum desses habeis operadores tem praticado operações de catarata com feliz exito?

Porque embasbacas? Porque te admiras? Maravilhados ficamos nós do ver como sem escrupulo, e sem reccio de que te chamassem — mentiroso — avancaste huma proposição inteiramente falsa, soamente talvez para lucrar a afeição do Sr. Nayler-Bey, e para que amanhã elle te colloque piamente no lugar do seo ajudante.

Seguramente he doloroso para nós,

do que nós, no nosso primeiro artigo, o vexame em que a faculdade de medicina deve estar, por tê-lo mettido tanto á cara, contra as suas leis e estatutos, que jamais poderá cumpri-los e executá-los bem, e he isso mesmo o que basta para que continuemos a assignar-mo-nos tal qual somos. *Justos.*

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor.—Não he nosso animo aggreddir á pessoa do Sr. *Nayler-Bey*, e nem tão pouco dar vulto á seos ja tão decantados feitos nesta capital, feitos, que em *estilo alti-sonante, e frases alambicadas* foram ultimamente proclamados em huma correspondencia do *Jornal do Commercio* de 12 do corrente, por hum medico brasileiro. Revoltando-nós porem tanta impudencia, irritados pela falta de dignidade de hum medico, que se diz nosso patricio, força he que lhe digamos algumas palavras, a fim de que voltado ao interior de si mesmo, ao intimo de sua consciencia, avalie as blasfemias que avançou, e como medico—*si ita est*—reflicta que lhe cumpre mais do que a nenhum outro membro da sociedade, mais do que á nenhum outro individuo, ser circunspecto, bem meditar sobre o que tem de escrever, e mais do que tudo não escravisar-se por huma muito mal entendida gloria, e vender a liberdade de sua consciencia a hum vil e bem sordido interesse; o que sobremaneira avilta o seo caracter, e mingoa sua reputação.

Censurar o excesso, que commetteo o Redactor da *Revista Medica*, si excesso se pode chamar o que a respeito do Sr. *Nayler* disse neste jornal, coisa he, que se podia fazer por estar aquelle Sr., á quem a Academia encarregou da árdua empreza da publicação de seos trabalhos, e dessiminação dos principios da nobre sciencia de curar, sugeito, como qualquer outro, aos elogios de seos admiradores, ou á censura de seos con-

trarios. Ponderar-se-lhe que elle em vez de se limitar a esclarecer á seos collegas, e mais concidadãos, com o seo juizo, alias sempre prudente, sobre o justo peso que se devia dar ao saber, e pericia operatoria do Sr. *Bey*, se envolveo em considerações menos calculadas, ja tornando-se o sentinella dos direitos da faculdade, e censurando as authoridades municipaes por falta de cumprimento de seos deveres; e ja estranhando ao Sr. *Bey*, o exigir huma avultada quantia por suas consultas, e trabalhos operatorios, como se alguém pudesse, ou se devesse intronetter na estimação que cada qual faz de seos proprios serviços, e merecimento; achamos consentaneo com o amor da reputação medica brasileira, e acima de tudo, com o espirito de huma verdadeira critica. Porem para vergonha da corporação medica, o correspondente do *Jornal do Commercio assignado medico Brasileiro*, não criticou, não levou ao cadinho da analyse a substancia do artigo da *Revista Medica*; e ao contrario soltando o vôo á sua imaginação, e dando chances á sua fucundia, brotou vagas declamações, e, com palavras sem sentido, firmou huma argumentação sem paridade.

Começa, Sr. Redactor, o nosso imparcial patricio por declarar-se amigo da illustração e do merecimento, e por isso acicamente censura ao Redactor da *Revista Medica* por sua falta de polidez, e de enthusiasmo, pois que sendo Redactor do unico jornal medico do Brasil, não se tenha ja apressado a tecer hum pomposo elogio ao Sr. *Bey*, a esse cirurgião, á esse illustre oculista recém-chegado; e não acompanhasse dest'arte aos monarchas, e povos da Europa, em seos applausos, e provas de respeito; que em lugar de assim caminhar, lhe rendesse hum menos nobre cortejo, reparando que esse professor se tivesse furtado ás devidas averiguações de seo saber, e de sua

passoço, e n'ũa tambem!.. Novamen-
te está S. S. em erro, porque conclue
mal dos mesmos authores a que se re-
fere, quando discorre contra a boa
hermenutica por frases destacadas dos
perodos delles. Se elles dizem que a
membrana em questão cobre toda a
abobada do craneo, sendo porém limita-
da na parte anterior pelos musculos
frontaes, e na posterior pelos occipitacs,
fica tão claro como a luz meridiana,
que he no ponto em que nascem as
fibras que S. S. chama originaes destes
musculos, que as della desaparecem
na terminão, e nenhum outro limite
he preciso dar-se-lhe, muito menos tão
vaga quão gratuita e especiosamente
como S. S. o diz; nesse caso elles terião
dito que essa membrana se ia terminar
por esta ou por aquella *folha ou camada*
(como quizer), na parte superior das
orbitas, no conducto auditivo, e na pro-
tuberancia accipital, como S. S. quer
o que equivalle (pela falsidade) a hum
verdadeiro absurdo.

Demos de barato que S. S. não queira
ainda dar-se por satisfeito com este
nosso modo d'argumentar ou de racio-
cinar; perguntaremos mais a S. S. que
se diz tão logico: *Cruveilhier* não diz
que o musculo accipito frontal (creio
que he o mesmo de que S. S. tracta;
pelo que li na resposta do Sr. Dr. Gar-
cia) *cobre toda a abobada do craneo,*
dõnde lhe vem o nome de epicrancanno?

Cruveilhier quererá dar o musculo
frontal estendido até os ouvidos tam-
bem, para poder cobrir toda a abobada
do craneo, Sr. Dr.? como entendeu S.
S. o texto de *Cruveilhier*, sobre o mus-
culo accipito-frontal, e não o do Sr. Dr.
Marques, sobre a aponevrose epicran-
nea? Para ser coerente, seu raciocinio
deve ser igual na especie em questão;
como pôde tirar por verdadeiras, S. S.,
e de hum mesmo principio, consequen-
cias tão diversas? logo, há erro na con-
clusão que S. S. tirou, ou he essencia-
mente falso o seu principio, e não passa

de paradoxo, tudo o que S. S. diz para
explicar (ao povo)!.. a doutrina dos au-
thores, que referio em seu appoio (que
vergonha, meo Deos)!..

Com este argumento de paridade,
nós temos convencido a S. S. do seu
maior erro, e dos absurdos com que o
procurou sustentar; e se o Sr. Dr.
Marinho, que tendo a seu cargo a me-
lhor parte da instrucção medica da mo-
cidade, devia procurar entender pri-
meiro os authores, para explica-los a
seos discipulos, dá em huma mesma
especie, caprichosos argumentos, para
provar com sophismas, hum ponto que
nada pode ter, como não tem de con-
troverso, pelo frivolo e vergonhoso
motivo de querer mostrar que podia
sustentar, como temos provado, hum
erro com muitos outros! não pode ser
o logico que se inculca, e menos dizer
que sabe anatomia: era melhor ter
confessado o seu erro do que *confirma-*
lo com os segundos, perdoe S. S. mais
esta lição, que lhe damos como amigo,
e não caia n'entra.

Em conclusão, segue-se do que temos
dito e provado: 1.º que S. S. veio,
com a sua *confirmação anatomica*, pro-
var mais o seu primeiro erro, desfazen-
do a sua sciencia e prestigio anatomicos
com a sua mesma logica. 2.º que todos
os seos theoremas anatomicos são fal-
sos, ou tão erroneos como os principios
de que os deduzio. 3.º que suas *experi-*
encias e dissecções cadavericas forão mal
feitas, e por si mesmas não inspirão
confiança alguma, nem podem convi-
dar aos curiosos, quanto mais a quem
souber como ellas se devem fazer. 4.º
que ainda não pôde entender as dou-
trinas do Sr. Dr. Marques e de Broc, e
porisso as não pôde explicar. 5.º que
bem longe de se justificar com ellas,
tornou-se vulneravel por todos os lados
mostrando até muita leviandade, em
querer sobresahir aos mestres, cujas
doutrinas quiz taixar d'erroneas. E 6.º
sobre tudo, pintou ou provou melhor

mente as doutrinas dellal he miseria!..

Por dar pasto á huma dialectica toda sua, S. S. apoiou-se na authoridade do Sr. Dr. Marques e de Broc; e com huma hermeneutica *sui generis*, prova que não entendeu as doutrinas do primeiro destes dous authores, porquanto S. S. deve saber, que os limites da aponevrose, por elle dados no seu compendio, excluem a idéa de continuação della *por baixo do musculo frontal*, caso esteiamos de accordo, sobre a definição da palavra *limite*, como creio. Consequentemente, se não he possível que Broc diga o contrario do que dizem muitos outros com o Sr. Dr. Marques, o que todavia não affirmamos, porque S. S. só transcreveu delle o que lhe conveio, S. S. deve confessar que errou como *anatomico*, e agora como *logico*, alem de dar-nos porisso o direito de dizer-lhe, que se pôde com suas *experiencias e dissecções cadavericas*, achar a continuação das cousas limitadas, brevemente nos mostrará tambem a quadratura do circulo, o que he tão impossível, como o achar-se a aponevrose *epicranea por baixo do musculo frontal*, depois que tantos anatomicos verdadeiros, tem dado (*a una voce*) por limitada, na parte anterior pelos musculos frontaes, e na posterior pelos *accipitales*: e agora Sr. Dr., o que diz a isto?

Demos que assim não seja, e que neste ponto S. S. *discorreu bellissimamente*, explicando, ao pôvo, a maneira de se entenderem os authores: como nos explicará agora S. S. o que achamos na intrega dos que servirão ao Sr. Dr. Garcia, para emendar-lhe o erro tão prontamente? *Cloquet* diz (veja-se o *Jornal do Commercio* de 2 de Agosto corrente), que o musculo frontal *está applicado ao osso do mesmo nome*, e não sobre a *segunda camada d'aponevrose epicranea* que S. S. *achou e vio*. O Sr. Dr. Marques; depois de dizer que o musculo frontal está situado sobre o

osso, acrescenta: *que he applicado ao periostio do osso frontal*, por tecido *cellular sem gordura &c.* Seria isto o que S. S. *tunou por folha profunda da aponevrose epicranea?* (foi terrivel o engano, e muito mais sórdida se torna porisso mesmo a explicação do erro)! *Curveilhier*, diz igualmente, que o musculo frontal corresponde ao *pericraneeu* ou *periósseo dos ossos do craneo*, do qual he separado por tecido *cellular &c.* O Sr. Dr. Garcia apresentou outros muitos authores que dizem o mesmo, e S. S. o não contrariou nisto; como pois he possível dar-se, mesmo em hypothesis, que nenhum delles digão que o musculo em questão não está sobre o osso, e sim sobre a *folha profunda da aponevrose epicranea*, como S. S. quer, se isto fosse hum *facto anatomico* ou huma verdade? Quererá o Sr. Dr. Marinho que todos juremos nas *palavras do mestre*, ou que acreditemos somente no *seu habil escapello*, nas suas *experiencias e nas dissecções cadavericas que fez só por que nol-o diz*, sem temer o *risum teneatis, amiciis*, que nos obriga a dizer-lhe, o seu *magister dixit?* He verdade que pela importância que se lhe tem dado, podia julgar-se *authorizado para muito mais*; porem, se não tiver mais cautela no uso que fizer della para com o publico, terá por mais vezes o dissabor de ver-se subjugado pelas redeas da razão e do raciocinio de mais alguém que não he pôvo, e que pode censurar-lhe com motivos de *sobejo a sua conducta*, e os *inconsiderados passos de sua agigantada filancia!* Advoga muito má causa, e porisso lhe perdoaremos tantas *subtilezas!*...

Tornando á questão, diz o Sr. Dr. Marinho, que (segundo os authores) cobrindo a aponevrose epicranea toda a abobada do craneo, os limites daquella não podem ser dados senão nós que estabelecem, *a son gré*, para esta; e da qual quer concluir que a tal membrana se estende ao nariz, ás orelhas, e talvez á boca,

210
3
A confirmação anatomica do Sr. Dr. Marinho! ou a faculdade de medicina e o seu candidato.

Quando no 1.º numero deste *jornal*, desposamos a causa do Sr. Dr. Garcia, que bem defendida já estava, no que há de lei, com o voto separado da minoria da faculdade de medicina: *estavamos bem longe de supormo-nos obrigado a retomarmos nossa posição, antes da decisão que aguardamos do governo, senão lêsse-mos no Jornal do Commercio de 13 do corrente mez, a confirmação anatomica, que mais propriamente se pode chamar, auto de achado do Sr. Dr. Marinho, nos desvarios de sua mesma logica!.. e como tendo-o nós feito com muita reflexão, não podemos concluir de huma tal confirmação anatomica, que o Sr. Dr. Marinho, como que de proposito, ou caprichou em apresentar-se tal qual he em anatomia, confirmando asmaticamente o erro que desgracadamente commetteu; ou suppôs (o que não lhe perdamos por coisa alguma)!* que escrevia para *hum pãvo desilustrado, e que, quando mesmo só tixesse entre si quem nada podesse saber d'anatomia, era tão destituído de senso commum, que não podia comparar ás descobertas de S. S., com os trabalhos e lição dos mestres que tem professado a sciencia anatomica nas outras partes do mundo. Portanto, soffra S. S., que como leigo que somos lhe provemos seu engano, e o convençamos do que temos dito.*

Disse S. S. a principio (no *Jornal do Commercio de 29 de Julho*) « Se a aponevrose epicranica existe por baixo do musculo frontal, como seria possivel destrui-la e levanta la com os tegummentos em alguns pontos, conservando a integridade e a posição anatomica do musculo que fica por cima? » Fallando desta maneira, S. S. affirmou-nos que aquella membrana estava por baixo do musculo, para poder dedusir, como

então fez, que nunca seria ella cortada, sem que o musculo a fosse primeiro; e foi a isto que o Sr. Dr. Garcia returquiu, com a integra de diversos authores, entre os quaes vem a do compendio por onde S. S. aprendeu, o que vale mais do que nenhuma argumentação sua. Por tanto, não vale agora a evasiva que S. S. procurou ha tanto tempo, para dar (porem hoje) !. a tal aponevrose dividida em duas camadas, porque alem de tudo he miseravel, e ninguem poderá dar, só por ella, mais credito ás suas descobertas, do que ás dos authores, com os quaes S. S. se quiz pôr (e por tal modo !..) em opposição, explicando-os tão barbaramente, que deixa formar-se disso, e contra as intenções de S. S., hum dilemma bem triste que he: ou todos os anatomicos que até hoje tem escripto, sobre a posição anatomica do musculo frontal tem errado, dando com impunidade, por verdadeiro o que S. S. mesmo já preparou e mostrou, quando ajudante do Sr. Dr. Marques, e segundo o que d'elle aprendeu !.; ou as disseccões de S. S. fôrão todas mal feitas, e realmente *cadavericus em tudo*; neste caso, ninguem (se não seos asseclas) se pode convencer, por taes expriencias, que a asserção de S. S. não seja muito destituída de veracidade !..

Sabemos que S. S. *campa de muito logico*; e por isso, permita que nós, podendo raciocinar, e argui-lo por esta maneira, tam bem o levemos logicamente, á convicção, (e com suas proprias palavras) !.. do contrario do que S. S. concluiu e quiz sustentar, á face d'uma população que conta tantos medicos nacionaes e estrangeiros, por se suppôr, tal vez com isso tão credor dos louvores destes como o terá sido d'aquelles, que por dignidade da Escola o devião excluir desde já e por seos mesmos feitos anatomicos, de candidato ao magisterio da cadeira d'anatomia, pois que acaba de provar que ignora completa-

cumprir suas leis, humas dellas ja bastante fortes para os costumes e docilidade dos Brasileiros; outras capazes de serem applicadas segundo as intenções de seus executores? Si o ex-Regente, que ao actual confiou o governo de que a nação o encarregara, era incapaz de obter essas leis fortes para hum — golpe de estado, — será o Regente actual, creatura sua, o digno de alcançal-as, e de salvar com ellas o paiz, na falsa posição em que se acha, sem poder mesmo completar hum ministerio com homens que o não desacreditem, e satisfaçam ao mesmo tempo á publica espectação? Appelamos para o mesmo publico, e elle que decida.

Nós porem, fazendo mais justiça á boa fé das camaras, acreditamos que foi apenas hum experimento que se quiz fazer no povo, a fim de saber-se qual a adhesão, que elle consagra neste momento á Constituição e ao Imperante, a quem de certo não tiveram em vista offender aquelles que á face d'Elle ousaram fallar em *Dictadura legal*, que importa o mesmo que annunciar a Sua destruição: quizeram sem duvida despertar os Fluminenses da lethargia em que se acham em presença de tantas facções, que retalham o seio da patria, em diversos pontos do imperio.

(Continuaremos).

A necessidade de completar-se o ministerio he geralmente sentida, e principia a fazer prevalecer a ideia de que ao Eleitor dos Ministros não tem convindo chamar homens de pulso que salvem o paiz. Desejoso talvez de bem acertar, S. Ex. ha longo tempo vacilla, e diversas listas de Ministros que se haõ publicado nos jornaes que tem tratado da *Dictadura*, provam de sobejo, que se procura ver qual a que produzindo mais grata impressão nos amigos do paiz, melhores esperanças dá de publica salvação, e maior força mo-

ral ao Regente. Quando o Brazil inteiro se acha a braços com a anarchia; quando o desrespeito ás leis e ás authoridades he geralmente sentido; quando hum divida enorme nos annuncia a mais terrivel das desgraças; quando os infractores das leis alardeam de as haver violado; quando as despesas augmentam progressivamente, e se vê a olhos claros a má fiscalisação das rendas publicas; quando a desgraçada escolha de publicos empregados põe em conflicto o paiz inteiro, dessiminando-se por tal modo ainda maior corrupção de costumes; quando os clamores dos servidores do Estado quasi que chegam á eminencia do solio, pela falta de pontualidade em seus pagamentos, e os cofres publicos se acham exhaustos de fundos até para as mais simples exigencias dos fornecedores; quando tudo existe na maior espectativa, conhecendo-se que na posição do momento, se hum ministerio compacto, decididamente Brasileiro, e severo executor de importantissimas leis que por felicidade possuímos he que pode arredar tantos males; quando se vêem os desacertos da administração, e sua fraqueza filha da desarmonia de principios, e da mingua de capacidade para bem attingir aos fins á que nos cumpre chegar: he que se vacilla na boa organização do gabinete!

He para o Eleitor dos Ministros que nós appelamos; melhor do que ninguém S. Ex. tem tido occasião de conhecer os homens; e abandonando vãos escrúpulos de que talvez esteja embaido, deve assentir, como verdadeiro Brasileiro, em algumas das condições, que por ventura lhe hajam proposto aquelles, que ainda se julgam capazes, senão de salvar de prompto, ao menos de melhorar as tristes circumstancias que para perto nos trazem esse — futuro desastro — com dôr facticinado pelo magnanimo fundador do Imperio, o Sr. D. Pedro I!

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

A DICTADURA LEGAL.

Cahio finalmente na camara dos Srs. Deputados, depois de alguns dias de calorosos debates, o parecer da commissão respeito á fusão para se proporem medidas de salvação, ou a *Dictadura Legal*, á que hum Sr. Deputado disse preferir. Desta vez ainda a argumentação forte e sythematica da opposição pôde conseguir desarmar o braço com que o despotismo nos ameaçava, e ver desta arte salvo o paiz de huma *Dictadura* horrorosa.

Não ha muito que o ex-Regente Feijó julgando-se impotente para occupar o posto, á que fôra levado pela maioria dos sufragios, pedia ás camaras medidas energicas, sem as quaes, dizia, era impossivel salvar-se o Brasil. Armados contra elle e seos ministros, os homens que occupam hoje o poder, mostraram então, ou pela força de suas convicções, ou por que aguardassem o momento opportuno em que só á elles fosse Jado conseguir essa vara de ferro, sob cujo peso deviam gemer as provincias do Imperio, ja dilaceradas, ou reagirem, e se separarem da communhão legal, que taes medidas eram injustamente exigidas. Na deficiencia de homens, que não possam, ou que não queiram se incumbir de salvar o paiz desse

estado de conflagração e de miseria em que se acha, de que serviriam essas *leis fortes*, essa *Dictadura Legal*? He por ventura pela falta d'ellas, que o Brasil tem visto sempre mangrado o engrandecimento que lhe proporcionam seos extraordinarios recursos? Certamente não. Que se pretenderia pois com essa *Dictadura*? Acostumar talvez o povo a esquecer-se da sua Constituição, e do seo Monarcha, ouse teria em vista a dispensa da menoridade, a fim de nomear-se hum conselho de Estado que governasse o paiz mais a seo capricho, adiando as camaras, e fazendo callar a opposição e os prélos, para poder de livre arbitrio dispôr das rendas publicas, e dos Brasileiros, arrastando nos á degradação de reprovados costumes? Sugeitar-se-hiam as provincias á esse despotismo incapaz de permanecer n'America, e que, em sua queda infallivel nos traria consequencias funestas, e talvez, quem sabe, si o apparecimento de hum *Rosas*, depois de se haver costumado o povo a fruir as regalias de huma constituição, ja hoje bem discutida desde o palacio até a mais insignificante choupana? He por ventura da faculdade para huma *Dictadura Legal*, que o Brasil necessita, ou he de homens capazes de satisfazer ás suas exigencias, e de

dia! He huma calunnia, hum tremen-
dissimo alçivo!... Escute o caso, Sr.
Redactor, escute por piedade: eu es-
tava muito doente; devia tomar reme-
dios; mas votei sempre antipathia, ou
antes huma particular zanguinha aos
medicos, boticarios e suas mixordias:
foi onde me perdi, e para sempre. O'
vinho enganador, quanto me regalavas,
e que damnos me causaste? Quanto
mais lisongeiro he o amigo, mais per-
nicioso he á nossa regra de conducta!
He huma verdade que tenho ca aprendi-
do com os nossos sabios. Si eu to-
masse então o çumo de ortigas não se-
ria condemnado a vagar hoje no reino
das sombras. Porem, como hia dizendo,
eu estava muito doente, e meo compa-
dre R instou-me para que em sua casa
tivesse o tratamento que me convinha,
e eu nisso consenti: um tratante po-
rem, que tudo presenciou, deo-se a ga-
lope, e trazendo-me huma cadeirinha,
persuadio-me que meo compadre R me
mandava buscar. Eis-me dentro da tal
capoeira, correndo as ruas da cidade,
e por fim mergulhado dentro de huma
casa a sós com huma tarasca de mais
de 56 annos, a quem respeitoso lhe dei
o nome de mãi, que melhor lhe com-
petia o de avó. Que martyrios! Reme-
dios para morrer, quantos tomei! Mas
a natureza lutava, e não cedia. Hum
dia, em que eu apenas tinha forças
para arquejar, pelo grande peso que no
estomago supportava, obrigo a custo
hum sacerdote, que me propunha de
casar com a tal avozinha do seculo
passado, e de a vir esperar onde hoje
habito. Ah! não pude supportar! De
todos os remedios este foi o mais vio-
lento. Eu amaldiçoei os authores da
minha tragedia, e morri.....

Oh meo Deos! E como se diz ahi
nesse mundo, que huma velha me dera
huma filha, e que eu fôra assistir o seo
baptismo? Eu, que nessa occasião lu-
tava a braços com a morte, que me ti-
nha sido mandada de encomenda, eu

ir á Igreja?!. Não se vê claramente o
ridiculo da fôrça? Si eu fosse hum ho-
mem pobre acharia por ventura huma
nova Sara, que tão fecunda me dêsse
huma filha conhecendo-a eu somente
cinco dias antes da minha morte? Só
por milagre de S. Apolinario!...

O que sei, Sr. Redactor, he que se
pleiteia e fortemente para impossar-se
dos meos bens que la deixei a essa en-
geitada de pai e mãi. São estas as no-
cias que por ca correm; e por tanto
declaro mui formalmente, que o picaro
que me conduzio na cadeirinha agata-
nhou-me as chaves, tirou-me o testa-
mento, querendo assim pagar-se caro
da viagem que me mandou fazer. Cul-
pa porem teve o Juiz de Paz, que de
tudo inteirado, contentou-se apenas em
obrigal-o a dar o testamento, e não lhe
deo o merecido castigo. Si eu ainda
resuscitasse, poria tudo em pratos lim-
pos; mas não posso, a dóze foi exces-
siva. Adeos até o dia de Juizo. Decla-
re, Sr. Redactor, declare tudo, e livre-
me de ser pae depois de morto.

A alma do Bernardo.

A.—Porque diz o Papeleta que des-
florou a innocente de 7 annos, que o
Sr. Souza e Almeida dera dous contos
á mãi da infeliz para esta o accusar?

B.—Porque o Sr. Souza e Almeida,
quando Juiz de Paz do 3.º districto do
Sacramento, tendo-lhe tirado do seio
hum testamento que elle havia occulta-
do, o não mandou para a cadêa.

A.—Se assim he, tem razão. Quem
deixa hum crime impune, abre a porta
a mil, e he accusado pelo mesmo cri-
minoso.

Vale.

— Dizem que o Sr. C. B. não podendo sa-
hir do embaraço em que o pôs a carta do
Miphistopheles de Berlim, pedira a intervenção
de seus collegas, ao que elles não annuiram,
por não terem sido contemplados na *capacida-
de ministerial* da Ortiga N. 1. He bem feito!!

ro, que, contra a sua religião e a do imperio, autenticava huma tal heresia! Ainda suppoz-me no engano; e, querendo tirar-me delle, verifiquei que com effeito era hum Sr. Dr. o que acabava de dizer » JURO AOS MEOS DEOS PENATES &c. &c.! » (*tal devoto, tal crença!*)

Que bichos serão estes, Sr. Redactor? Com quanto me pareça asneira quadrada, não me fará a caridade de dizer ao certo o que he, para minha instrucção? Se isto fosse dito por hum impio, herege ou pagão, eu tratava de resto; porem, sendo-o por hum homem de letras, e por hum medico que goza do foro de cidadão brasileiro!.. Confesso-lhe que mereceu me tanta attenção, que, *dando tratos á imaginação*, exclamei comigo mesmo! He possível que os que me criaram, sabendo ensinar-me que não ha se não hum só Deus verdadeiro, tivessem a maldade de me entregarem á surpresa com que me fazem saber hoje que ha mais outros, e com pennas? como sou infeliz! Até para minha desgraça, heide morrer sem ver os *deoses penates* do tal doutorinho?!

Ora diga-me, Sr. Redactor, nem ao menos poderei saber ja quantos são? (como não hãode ser tao bonitinhos com as azas abertas e as pennas arripiadas)! oh raiva! pois não se hade verificar, a meu favor, o adagio dos antigos » *quem mais vive mais vê* » quando pude achar complectamente provado (na tal declaração) o judicioso rifão que minha avó repetia-me cotidianamente, » *quem muito falla muito erra?* » Paciencia! será o que O MEO DEOS quizer!

Acredite-me, Sr. Redactor, que tenho tanta vontade de conhecer os taes *deoses penates*, como creio que elles não existem: e si os ha, quero subir da duvida em que estou, porque penso que não hade ser nenhuma coruja, orubú, nem gavião, e sim alguma *aguia perdi-*

da da baralha, que, por cahir de muito alto, tomaram por vinda do ceo... Ah! se me pudessem caçar huma dellas para o meu Dominginhos *phrenológico*-lhe as garras, ou o tupele aponevrotico! Ao menos o tiravam do engano em que está, desdo que leo tambem o tal jornal!

Sr. Redactor, era este o melhor favor que podiam fazer-me, porque sendo este menino tão catholicosinho, depois disto, ou depois que se metteo com a tal prenologicação, está com a cabeça perdida, e faz pena o ouvir-se-lhe!... » Quer gloria, e mais gloria; o J. B. igual a G. não me hade fazer estudar mais do que ja sei; tenho sete votos seguros; nada, eu não posso mais perder; a força maior vence a menor; 3 e 2 são cinco; muitos deoses valem mais do que hum só; o verdadeiro, he o que eu digo e mostro.» Eis as ideias dominantes delle! Coitadinho! Não he huma lastima, Sr. Redactor? O Sr. tambem tem filhos, e por isso hade aconselhal-o bem; diga-lhe por piedade, que não ha *deoses penates*, e que a tal phrenologia o hade levar para o inferno! Faça com que elle não nutra por mais tempo taes ideias, porque o hãode levar tambem ao materialismo, ao atheismo, e por fim á perversidade em que acabam todos os que assim principiam!

Olhe, Sr. Redactor, faça-me este obsequio, porque o meo Dominginhos he muito bom menino, e ainda *pode fazer serviços ás sciencias todas*, á patria como *optimo* deputado que quer ser, e á nossa crença religiosa! Applique-lhe o remedio da sua folha, que o effeito será certo, e como espera o seo obrigado leitor

O Golfinho. P3
J

Pedem-nos, por ter particular sentimento, a publicação seguinte.

Sr. Redactor. — He falso, he falsissimo, eu nunca tive filhos! Misericor-

recorrer a meios extremos. Então foi-se o *Berlim* escaldando, mas sempre fallando em *estacada*, em *deputação* provincial, ao que os circunstantes respondiam—Para a rua o *Dr.-Meia-cara*.

Nenhuma especie de desculpa tem por certo aquelles, que se indignaram com a curiosa rapsodia, que ao ministro de S. M. Fidellissima acaba de dirigir o bacharel de *Berlim*. Sim, a colera deixa de ser permittida, quando hum escripto, qualquer que seja a sua licenciosidade, traz a rubrica do Sr. P. da Silva; então, o riso, só o riso, pode ter cabimento. He este hum glorioso prolegio, de que desde muito aquelle Sr. se acha de posse plena, depois das mil e huma palhaçarias, com que tem divertido o publico desta capital. Si a qualquer individuo, mesmo da mais mediocre consideração, devesse-se attribuir essa carta, que appareceo estampada no *Jornal do Commercio* da semana passada, o publico profundamente estranharia, que com tamanha brutalidade, e indecencia, se abocanhasse o representante de huma nação estrangeira, que tem direito á todos os acatamentos, como he de uso entre os povos civilizados. Mas huma carta escrita pelo gamenho *Berlim!*.. Oh!.. Pode-se rasoavelmente tomar em serio semelhante producção? Não se lhe devia antes deixar explorar pacificamente os pequenos proveitos d'este escandalo?

O Sr. P. da Silva cuidou, que visto ser o mundo propriedade sua, pelo direito que lhe garante a impavidez da sua frente, podia erigir-se burlescamente em juiz supremo da conducta diplomatica dos ministros estrangeiros. Sem duvida, o caso he tão extravagante como risivel; e nem o Sr. P. da Silva nota, que lhe dão vaias de todos os lados; a sua vaidade pueril e absurda, o impede de ouvir o publico, que lhe está dizendo: — Menino, graduado em comedias e romances eroticos, não sabes

o que dizes nem o que fazes; tanta ousadia, e charlatanismo, ja enjoam os homens serios e honestos, que bem veem que *procuras para ti* quando fallas de sentimentos de humanidade; o ameaço de combater na *estacada* como deputado provincial os diplomatas, só serve de te dar ares de ouji ridiculo *Quixote*, aos olhos de todos. Menino! entra na posição, que te compete; vai estudar, não exclusivamente comedias e novellas, que te viram a cabeça, fazendo-te sonhar com *estacadas*, *combates contra os diplomatas*, e outras taes e quejandas parvoices: porem tambem os bons livros que te inculcarão os habitos da modestia e da civilidade, e dar-te-hão, pela instrucção, o conceito, que na ausencia d'ella procuras hoje obter pela impostura, e o arrojo. Menino! vê, que o moço, que nada respeita, he huma flor sem perfume; e só pode inspirar o mais profundo desprezo. Não sirvas, sobretudo, de cego instrumento á quem conhecendo a tua *fimes auri*, açula-te por traz dos bastidores para em defeza dos *traficantes de meias-caras* desacatar calumniosamente hum diplomata respeitavel, que para cumprir os seus deveres não espera de certo as admoestações de hum menino.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor. No *Jornal do Commercio* de 29 de Julho, se bem me recordo, vi huma declaração (que parecia propria de hum protestante, ou d'algum catholico arrenegado, si não viesse assignada)!.. cujo author, nenhum meio achou mais para aliançar sua palavra ao redactor, ou para garante de sua singular conducta, senão os *seos deoses penates!* oh! deoses penates por aqui? (he forte asneira)! ora passe mais essa!

Julgando que me havia enganado, torno a ler a declaração, e qual não he minha admiração, quando deparo com o nome de hum cidadão brasilei-

guardas nacionaes, lavradores, pobres sim (porque os ricos cá vão vem) mas honrados, mas moralizados, mas obedientes, que traçamos estas linhas, esperando que ellas chegarão ao conhecimento d'aquelles á quem compete curar de suas necessidades. Attendendo-se ás queixas de tantos Brasileiros, de quem nos constituimos órgão desinteressado, cumprindo-se a seos respeitos o que a lei exige, se os ensinará a serem amantes do seos superiores (de quem até se vêem privados, sujeitos a officiaes de linha, destacando para fortalezas sob mando até de inferiores tambem de linha), a darem a força moral de que o governo agora mais que nunca necessita; deixando-se os em orfandade, elles levarão a seos camaradas a triste nova de seos padecimentos!.. E quem sabe! E quem sabe que impressão produzirá n'elles taes lamentaveis historias! Senhores, he tempo de se cumprir o que se promete ao povo; he tempo de executar-se o que as leis ordenam; não se trate somente de interesses privados, e de regresso; não he mais tempo de destruir o que se acha feito, apesar de pouco consolidado; sem vos mostrardes Brasileiros honrados e distinctos, em vão chegareis aos fins a que vos propondes; em vão se angariará... Não levantemos o veio que encobre em parte o melancolico quadro que o Brazil apresenta neste momento; não antecipemos temerarios juisos, apesar do que se acha esboçado; não nos ponhamos na dura precisão de bradar como valente atalaia — Alerta!.. Alerta!.. Que o veio do futuro está roto!..

CHRONICA DOS SALÕES.

O Bacharel de Berlim expulso de hum baile.

Os salões da capital se tem occupado n'estes ultimos dias com a aventura succedida ao Bacharel de Berlim no baile de hum dos nossos ministros.

Sabo-se, que o *Berlim* com a sua imprudencia e sem-ceremonia habitual introduz-se em todos os bailes, sem ser convidado; he hum pesadelo infallivel, que se tem de supportar, bom ou mau grado. No baile de sabbado p. p., que deo o Sr. C. B., vio-se despontar na sala o *Berlim*, roendo as unhas, e fazendo as mais grotescas momices: immediatamente signaes de displicencia manifestaram-se no semblante de todos os circunstantes; cessaram as contra-danças; interrompeo-se a musica; e todos retiraram-se para a sala proxima á aquella, em que ficou o *Berlim* isolado. Começou então hum murmurio da parte dos membros do corpo diplomatico, que disiam entre os dentes » *à la porte le gamim, — à la porte le petit polisson!*

O Sr. C. B. apressou-se então a mandar significar ao *Berlim*, nos termos os mais polidos, que a sua presença ali tinha inconvenientes, e que assim esperava da sua delicadesa que houvesse de tomar o caminho da porta da rua. Em vez, porem, de annuir a esta amigavel intimação, o *Berlim* como hum possesso poz se a gritar » — *estou na estacada; sou advogado; como deputado da assemblea legislativa da minha provincia não cêdo á ninguem; vou estigmatizar a todos, a quem desde ja desafio para hum combate singular.*

E logo depois parodiando burlescamente as celebres palavras de *Mirabeau*, o *Berlim* terminou dizendo: — *estou aqui pela vontade do povo, e d'aqui me não arrancarão senão pela potencia das baionetas* » — *à la porte l'imbecile!*

Para a porta da rua o maluco! Tal foi o grito geral dos diplomatas, a vista de tal arenga do *Berlim*, que n'esse momento achava-se muito satisfeito de si mesmo, quando outros se envergonhavam por elle até a medulla dos ossos.

Em fim, o Sr. C. B. para pôr fim a esta scena tao desagradavel, intimou-lhe segunda vez, que, se immediatamente se não retirasse, seria obrigado

À vista de huma tal proclamação, he preciso que os homens livres, que os verdadeiros amigos da Patria, e por tanto da monarchia constitucional, dessa monarchia americana, que nos foi legada pelo Augusto fundador do imperio, bradem com força: — *Brasileiros, á lerta!* vossa liberdade está ameaçada, vossa dignidade está aviltada, vós ideis deixar de ser huma nação livre e independente; os vossos foros estão em risco.... *á lerta*, e unidos rasgae essa vil bandeira do *Regresso*, e confundi os bandidos, que ousam hasteal-a!...

Nós voltaremos ao *Regresso*, e n'essa occasião trataremos da moção do Sr. Senador Lopes Gama, que, por este modo proclama ao paiz que o governo tem terminado sua carreira politica; e que está sem constituição e sem leis, para poder continuar a governar a nação que d'elle havia confiado.

O HOMEM DO SEculo.

Sendo a nossa folha a unica que na presente lido (não fallamos nas diarias) usa com imparcialidade da faculdade constitucional de exprimir os pensamentos, justo he que façamos chegar ao conhecimento d'aquelles que ignoram, ou convem-lhes fazerem-se ignorantes do que se passa mesmo entre nós, mesmo á face do Monarcha, tudo quanto sabemos respeito aos destacamentos dos briosos guardas nacionaes na corte.

Huma medida legislativa foi tomada, e por consequencia sancionada pelo governo, respeito aos destacamentos dos guardas: ali se marcou para elles o prazo improrogavel de *dous mezes*. Em virtude desta promessa, *promessa valiosa do governo e das camaras*, os Nacionaes lavradores sem hesitar se presentam ao chamado das authoridades; esquecidos de que governos passados faltaram a tudo quanto prometteram, e pelo que se comprometteram á este respeito, deixam suas esposas e filhos,

suas casas e lavouras, seus amigos e parentes, seus negocios e relações o vem, pela simples, e ás vezes injusta escolha de imprudentes e parciaes *Designadores*, dar huma prova de sua obediencia ás authoridades da corte, para quem só valem os habitantes do campo, a classe mais poderosa do Brasil; no momento em que particulares conveniencias os fazem mendigar com *indignas bajulações* a preferencia de hum voto. E o que se tem feito? Quem vela sobre essa porção de Brasileiros longe de suas maiores conveniencias? Ninguem, em huma palavra. Tratados como assalariados, faltos de todos os recursos, tendo certeza apenas dos artigos do regulamento que se lhes lia diariamente (o que ha poucos dias mandou-se suspender) elles permanecem na corte 3, 6, e mais mezes contra todas as disposições da lei. Victimias da epidemia das *bexigas*, são amontoados nas insalubres enfermarias do campo, onde alguns tem morrido, sabe Deos como, e porque; e muitos la se conservam faltos talvez de recursos necessarios, quando ás vezes mesmo com elles a medicina mostra impotencia, e o medico desespera de ser medico. Mas suppor-se-ha acaso, que até mesmo nisto deixem de haver afillhados e padrinhos? Nao, o patronato invade todos os logares, despreza todas as considerações, e apparece em todas as fileiras. Si os officiaes dos destacamentos tem amigos, os destacados, logo depois dos dois mezes se retiram; porem se não tem por si as *figuras* que frequentam os salões, como tem acontecido aos guardas de S. João, de Araruama, de Capivari, Cabo-frio, Cantagallo etc., todos os recursos lhes fallecem, e elles não tem mais que lamentar a fraqueza das authoridades, na falta de suas promessas, até n'aquillo que he insignificante e de sem compromettimento; até naquillo a que se vêem obrigados por lei.

He á vista de exposições feitas por

ruína, que alguns temerarios ousam alçar a voz e bradar: — *Regresso! Legitimidade!* He, finalmente, depois que a liberdade assustada em todo o Imperio, onde repousava no remanso da paz, abalada por esse grito do inferno, que veio trazer a desordem; que meia duzia de *apostatas* ou *legitimistas* hasteam a bandeira do regresso e gritam: — «Anarchisemos todo o Brasil, espalhemos a desordem por toda parte, confundamos tudo; pois que da desordem nasce a ordem, e digamos depois: — O povo não está capaz de liberdade; elle não tem religião, jaz na ignorancia, não tem costumes, não tem moral; e por tanto hum governo fundado em instituições livres não pode ser a partilha de hum tal povo: mas, como convem illudil-o, leval-o pelo engano, pela astucia, que he como se devem governar povos; deixaremos huma sombra de representação nacional, teremos huma camara de deputados, hum senado e assembleas provinciaes; porem que proponham, que discutam, que aprovelem o que nós dictarmos!» Proclamou-se a liberdade no Brasil, e por ella fizeram-se os maiores sacrificios; e quando ella começa a lançar os fundamentos do seo throno, estes mesmos homens, que hoje pretendem anarchizar o paiz, disseram ao primeiro imperador: — «Senhor, não creia V. M. que este povo esteja em estado de ser regido por hum governo livre, elle está bruto, convem continuar á governal-o, segundo o habito, em que se estava: dissolva V. M. a assemblea constituinte, essa escola de anarchia, e governe, como até agora; o povo tem enthusiasmo por V. M., elle não quer senão independencia, e seja V. M. a constituição.» Enganado o joven e por tanto inexperto monarcha, acquiesce ás vozes de taes sereias, dissolve a assemblea, deporta os authores da independencia, os melhores servidores de sua Patria, e quando crê que está forte, vê desappa-

recer para sempre hũa das nossas mais brilhantes estrellas, e põe-se á braços com a republica do equador, que se desfez na presença do novo Codigo jurado e proclamado no dia 25 de Março de 1824. Desde então reinou entre o povo e seo monarcha huma desconfiança tal, que não pôde mais achar termo, senão no dia 7 de Abril de 1831.

Abalada a monarchia com a abdicção do primeiro imperador; convulso o paiz pela falta de organização conveniente á machina social, que se devia ter julgado desfeita com o Monarcha, com que se ella havia formado, convindo então ter dado por finda a constituição, e confeccionar outra em harmonia com o sentimento da maioria da nação: tiveram as facções extremas de pôr-se em campo, proclamando huma *democracia*, e outra *restauração*. O bom senso da nação abraçou os principios de ordem, e repelio os anarchistas, que procuravam dar-se as mãos ao depois para á titulo de republicanos afugentar os verdadeiros amigos do paiz, e disputar-lhes o poder, a força publica, de que ficaram de posse desd'o memorando dia 7 de Abril de 1831, até o funesto, e luctuoso 19 de Setembro de 1837.

Alguns homens despeitados, outros especuladores, e muitos mais sem patria, e sem coração capaz de sentir as doces emoções, que se experimentam quando se pronuncia — minha terra — capitaneados pelo author da — Carta das Liberdades Brasileiras — o pae putativo de todas as desordens do Brasil, o anarchista mór do Imperio; gritaram por todo o Brasil *Regresso! Regresso!* Desfaçamos a obra de 19 annos; digamos ás nações civilisada do globo, que na escala dos homens — nós occupamos alguns grãos abaixo dos negros do Haity, que tom sua constituição dada pelo author da sua independencia, que foi mais feliz, do que o augusto author da nossa, o immortal D. Pedro I!

essa he a vontade do povo, como isto he o que elle quer, *emrão as velhas aristocracias*, ou as que se crearem, á despeito do art. 179, § 4.º da Constituição, *multiplicarão seos esforços para se opporem que se complete a regeneração moderna*. Os costumes publicos estão em alta; e pode-se predizer, que elles hão de melhorar gradualmente para todo o globo. A razão humana, seo desenvolvimento, o de nossas faculdades, eis ahi a chave social, eis todo o segredo do Legislador! Os que querem enganar os povos e governal-os em seo proveito, são os que podem querer relet-os na ignorancia. O velho systema chegou á seo termo, e *redire sit nephas*.

O nosso fim pois, he sustentar a Monarchia-Constitucional Representativa, *tal qual está*, e sempre a liberdade, e as leis, que a garantem.

Não hostilizaremos o Governo, por ser Governo, porque entendemos que he preciso sustental-o, em quanto elle for nacional, isto he, em quanto respeitar á constituição, e as leis, a moral, e a liberdade; e quando houvermos de attacal-o, não o faremos sem mostrar os factos, que elle tiver praticado no exercicio do seo poder contra o justo e o honesto. E como não nos constituimos o orgão de hum partido, e somos *totalmente extranho ás outras partes da redacção desta folha*, responsavel unicamente por nossas doutrinas, teremos a franqueza de o elogiarmos quando seos actos forem disso dignos, do mesmo modo que nos tornaremos severos censores de seos erros ou crimes. Os males, que experimentamos, não nascem só da má administração, que temos tido; elles nos vem tambem, em grande parte, de nossas leis: por isso o corpo legislativo nos merecerá igual cuidado.

Como pretendemos combator todos os abusos, erros, e prejuizos, que concorrem para empecer os progressos da nossa civilização, e moral; os Cidadãos,

que nos quizerem coadjuvar em tal empresa, podem dirigir á esta typographia os seos escriptos, em carta fechada — *Ao Homem do Seculo —*, que, aproveitando-nos de seos esclarecimentos, huma vez que os dêem de hum modo decente e grave, e sem offensa ás nossas leis, os faremos publico pela maneira que melhor nos convier.

Taes são os fins a que nos propomos. Nenhum artigo nosso será publicado senão debaixo do titulo que adoptamos. Possam os nossos esforços corresponder aos nossos desejos —

O REGRESSO.

Dezenove annos se tem passado, depois que o grito de liberdade soltado da mãe-patria repercutio no Brasil, onde acolhido com fervor, produziu nos corações dos Brasileiros, emoções que só souberam sentir, e que se não pode descrever! Os dias 24 de Agosto de 1820, 10 e 20 de Fevereiro de 1821, não abalaram menos os nossos corações, não excitaram menos nosso enthusiasmo, que o dia 7 de Setembro de 1822, que poz termo á nossa tutela! He depois que tivemos liberdade, que podemos dizer: » Sejam independentes, sejam huma Nação! . . He depois que tivemos liberdade, que podemos dizer: » Façamos hum Imperio, criemos huma Monarchia em harmonia com as luzes do seculo, huma Monarchia propria da America, que não quer, que não supporta a injuria de submeter-se ao feudalismo asiatico ou europeu, huma aristocracia sem merito, destituida do bom senso, e repelida hoje pela civilização do seculo 19! . . He depois de dezenove annos de liberdade; he depois que temos ensinado á nossos filhos á pronunciar esta palavra magica, que faz estremecer os tyrannos; he depois da abdicção de hum Monarcha, filho, e entusiasta da liberdade, mas que esquecendo-se d'ella hum momento, cavou sua

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua d^a Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44 e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Temos o praser de annunciar a nossos leitores, que hum novo e respeitavel callaborador se nos reunio, e promette, como se vê do seo prospecto abaixo, expender sempre, sob o titulo do — **HOMEM DO SECULO** — e sob a mesma epigraphie, suas ideas, tão livres e aproveitaveis, quanta he a fræqueza com que as pretende enunciar. Oxalá que á par deste illustre Brasileiro tenhamos a ventura de contar muitos outros, com iguaes sentimentos!

O HOMEM DO SECULO.

- Le premier devoir d'hum princee
- est de vouloir ce que veut le peuple: C'est en vain que les vielles
- aristocracies multiplieront leurs
- efforts pour s'opposer que la ré-
- génération moderne s'accomplis-
- se! • *Napoleão em Sta Helena.*

No momento, em que a massa da população, como fatigada de esperar que se cumpram as promessas, que continuamente se lhe tem feito, (desde que foi entre nós proclamada a liberdade) de paz, de prosperidade, e de huma crescente felicidade; abandona a causa publica, e deixa franca vereda aos que tomam o leme do Estado, sem se embaraçar, se elles procuram salvar ou perder o paiz: no momento, em

que o mais desenfreiado egoismo toma o passo ao patriotismo, intorpecendo assim a marcha aos verdadeiros amigos da felicidade publica: era preciso que abandonassemos a morna indifferença, em que temos todos estado mergulhados, e que procurassemos despertar o ultimo Brasileiro, brabando: » *acorda e salva a Patria!!* » Era preciso, que através das difficuldades, e obstaculos, que se experimentam, quando se emprehende entre nós a redacção d'hum periodico de qualquer côr que seja; lancassemos mão da penna para collaborar os amigos do Paiz e das intituições, que o regem. Se o amor da Patria, e de huma liberdade moderada, garantida pela lei fundamental do Imperio, não nos alimentasse; qualquer que fosse nossa capacidade intellectual, nada poderiamos conseguir contra essa serie de entraves, que se antepoem á felicidade commum, contra a nuvem de obtres, que pastam na ruina da Patria.

O povo quer ser feliz, e para sê-lo, convem que seja livre; por quanto sem liberdade a felicidade não passaria de huma idealidade. O Principe, que já reina entre nós, e que tem de presidir aos nossos destinos, não pode, e não deve querer, senão o que o povo quer, isto he, a liberdade regulada, e garantida pelas intituições do paiz. Como

cluío dizendo que — S. Francisco era tão bom, e tão virtuoso, que depois da vinda de Jezus Christo ao mundo, elle orador entrava em duvida — se Jezus era melhor que S. Francisco, ou S. Francisco melhor do que Jezus!..

Lea-nos quem quizer, e entenda-nos quem souber...

— Desde quando e independente faz alarde de sua fortuna (perguntam huns)? Desde que (respondem outros), em 18 mezes se evaporaram 80 milhões!!!

— Dizem que o Navarro esquentado por não o nomearem presidente de Goyaz, vai pedir demissão de primeiro rabeça do partido liborriano. Como he tolo!

— Ha ja aposta em como no dia 15 estarão absolvidos os RR. pronunciados pelo roubo do Thesouro, visto que os *machuzos* tem ficado sempre de fora. Serão de becca ou de farda? A policia que responda.

— Dizem que os rebeldes, que acabam de se apoderar da Laguna, tratam de dirigir huma representação ás Camaras, pedindo huma pensão para o bravo Villasboas.

— O optimo conceito que fazemos do Sr. Dr. Promotor Publico, com quem temos motivos para sympathisar, faz nos lembrar a S. S. que he prohibido por lei, imprimir — *lytographar* — gravar &c. &c., sem que se designe o nome e a officina do impressor, *lytographo* — gravador &c. &c.

— Ainda não se convocou jury extraordinario para o malfetor da innocente de nove annos, outros, e outros... Como todos são brancos, la se entendam!..

— As caricaturas ultimamente publicadas não trazem o titulo da officina, nem alguma outra declaração exigida por lei.

CAPACIDADE MINISTERIAL.

Ministro dos negocios da Fazenda e Estrangeiros, o Exm. Sr. *Candido Baptista de Oliveira*.

Imperio e Justiça — o Exm. Sr. *Candido Baptista de Oliveira*.

Marinha e Guerra, — o Exm. Sr. *Candido Baptista de Oliveira*.

— Nós felicitamos ao ministerio do Sr. C. B. pela nomeação, que acaba de fazer do general Andreas para a provincia de Santa Catharina, á despeito das declamações fortes d'aquelles, que, quando ao leme da administração, nada fizeram, e se alguma conza fizeram, nada foi em beneficio da Patria. Quando as circunstancias urgem, he preciso deixar livre a disposição do governo. De mais, o general Andreas, quanto a nós, está no caso de ser nomeado: o ser *adoptivo* não he huma razão para que se o prive da gloria, que elle suppõe poderá alcançar no campo da victoria. Ou somos *constitucionais*, e então queremos a integridade do Imperio, e o Monarcha, ou rasgamos a *constituição*, e então seremos o que quizer que sejamos a *hydra* revolucionaria, que se não farta de sangue, e de carnagem nas republicas do Sul. Não antecipemos juizos; esperemos pelos resultados.

» Guarde-se embora as disputas e os odios no intimo do peito; mas haja pejo de fazel-as apparecer nos momentos mais criticos do paiz » — Homens impassiveis, vossa tranquillidade, no momento em que a patria periga, he vossa mais terrivel accusadora!.. »

ANNUNCIO.

Ja se acha impresso o

ELOGIO ACADEMICO

A MORTE DA SENHORA D. MARIA I.

RAINHA DE PORTUGAL,

recitado n'Academia Real das sciencias de Lisboa, em 1817, por seo author José Bonifacio de Andrada e Silva.

• de ser publicadas, que se dizem do Sr. *Nailer-Bey* pelo Sr. *Bonjean*, são em verdade ridiculas no sentido, e até na execução. Nós não julgamos o Sr. *Bonjean* capaz de semelhante infamia, por que fazemos de S. S. huma idéa mui diversa; tanto mais que o vemos hoje consorciado com huma Brasileira de merito, qual a filha do Illm. Sr. Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, do Conselho de S. M. I., Commendador da Ordem de Christo, Official da Imperial Ordem da Roza, Fidalgo &c.

Si o Sr. *Nailer-Bey* não he o operador, qual se inculca, outro he o meio de se o apresentar ao publico tal qual he, apesar das honras que recebeu — do velho Pachá do Egypto. E apressamo-nos a dizer-lhe que, se pretende em represalia, pôr á amostra a culpa do Sr. *Bonjean*, não se sirva S. S. de semelhantes meios, ja por infelicidade nossa mais de huma vez aqui adoptados. A mesma polemica suscitada pelos *nossos jornaes estrangeiros*, ja he vergonhosa; e rogamos por esta vez ao Illm. Sr. Conselheiro, Director e Lente da Faculdade de Medicina, haja de influir para que seo digno genro abandone quaesquer ideas que ainda conserve a respeito de *suas relações* de amizade e de *conveniencias* com o operador do Egypto; devendo S. S., ter em conta a classe dos contendores; e bem que essa não seja a sua, por que fazemos de S. S., como Medico, hum claro juiz, e não seja nossa intenção lançal o na esteira d'aquelles Srs., desejamos que *alvos dias* appareçam sempre puros aos olhos de S. S., pelo muito que detesta as noites tão favoritas de seus antepassados para as *vigilias*, e para as *locubrações* da vida publica. Gloria pois ao Sr. *Bonjean*, que estamos certo não ser o author das caricaturas, e nem capaz de influir em semelhante genero de censura. Gloria ao Sr. Peixoto, que honra com feitos claros a Patria, e a classe á que tão dignamente pertence.

PAOS DE DOUS BICOS.

Remessa para os Srs. Eleitores da Provincia e do Imperio em geral.

Resumo dos trabalhos da Camara dos Srs.; Deputados na sessão de 1859.

Resposta á falla do throno, dois mezes; lei da fixação das forças, hum mez; acto adicional, e alguns appendices, hum mez; somma, pouco mais ou menos, em 406:800.000 rs!!!

—Consta, que se vão criar em todos os lugares publicos huns officios de commissão, cujos serventuarios terão o titulo de — Officiaes Imperiaes de Justiça. — Estes empregados, que serão huma especie de *correios*, trarão libré *farta cores*, e vencerão 6:400 rs. diarios, durante quatro annos, findos os quaes se regulará suas effectividades pelos serviços que prestarem ao governo em tudo o que elle necessitar.

Corre por certo, que he ja extraordinario o numero dos *supplicantes*, e *representantes*, que desejam *passagem*, embora a indignidade do emprego; mas sómente por ser o pagamento feito *todos os dias*, em bilhetes do novo thesouro, que trarão a effigie do ministro reformador. Porem consta igualmente, e he de presumir que verdade seja, que nenhum pretendente será escolhido se não em virtude de *votação*.

—Si no ministerio de 19 de Setembro se tivesse entregado aos nossos *bons amigos* do Congo Soco os 100 contos de réis em prata, que depositaram *ad cautelam* no Thesouro, logo se gritaria — aqui houve ganho: — E agora, quem comeo?

A' proposito, e em addiccionamento ao artigo acima, occorre-nos contar hum factó que ouvimos de huma pessoa respeitavel.

Certo frade em Lisboa, charlatão, mas que queria campar de orador, depois de avançar muitos absurdos sobre a vida e milagres do S. Francisco, con-

a paciência. Confessamos, que estre-
mecemos quando o correspondente nos
dico *parecer-lhe que o fim todo he desgos-
tar o Sr. José Pereira Pinto, por conti-
nuar a fazer o sacrificio de se conservar
no commando da não: porem, reflectin-
do nós, e reconhecendo o patriotismo
deste Sr., estamos bem convencidos de
que S. S. continuará no commando; e
que, á pâr deste sacrificio, fará tambem o
de receber mais, to tos os mezes, 216:000;
o de ter trez criados com praça de pri-
meiros marinheiros &c. &c. &c. He
preciso, dizemos, que este digno patrio-
ta continue no commando para felici-
dade da marinha Brasileira, e desgosto
dos adversarios do 19 de Setembro, e
por isso desejamos, que o corpo legis-
lativo decreta a quantia necessaria
para a despeza d'academia á bordo, visto
que até agora este estabelecimento não
tem dado proveito algum á nação, e
para o que, veja-se quaes foram os offi-
ciaes de marinha, que se distinguiram
no Pará, e que se tem distinguido no
Rio Grande de Sul, o que bem prova
o que diz o Sr. ministro actual da
marinha no seo relatório ácerca da
nossa officialidade. Acresce mais, que
huma nação como a nossa, em que a
receita he maior que a despeza, (a
ponto de tudo andar ja atrasado em pa-
gamentos, como he publico o clamor
neste momento) pode mui bem fazer a
despeza de mais 2:900 a 3:000\$ por
mez, para ostentação da gloria do
Novo Nauta, diante do qual se obscu-
recem os rememorados feitos dos —
Nelsons, Barberusses, Tromps Dorias,
Trevilles, Ruyters, La Gardes, Colom-
bos, Tourvilles, Brezês, Duquesnes
&c. &c. Finalmente a nossa actual
assemblea deve lembrar-se que a remo-
ção da academia para bordo da não
Pedro II, foi mais hum feito de gloria
do inimitavel Nauta, que ella contempla
em seo seio, e a quem tributa por tri-
plicadas vozes as honras devidas ao seo
alto gráo.*

 OS ARCHIVOS MAÇONICOS.

Tendo-se annunciado, que vão ser
publicados os — *archivos maçonicos*, —
sob os auspicios dos Srs. *Andradas*,
Conego *Januario*, *Montezuma*, e *Pan-
toja*; — temos de esclarecer ao publico,
que os Srs. *Andradas* não tem parte
activa nem passiva nesta *especulação es-
trangeira*. Quando elles entendessem,
que deviam fazer ou escrever alguma
coisa sobre a *maçoneria no Brasil*, nem
este era o tempo opportuno, nem lhes
seria preciso recorrer a favores alheios,
fazendo seos nomes correr parrelha
com o de hum *Gustavo Adolfo de Agui-
lar Pantoja*. E apesar mesmo do me-
rito litterario, do Sr. *Conego Januario*,
que só lho podem negar aquelles que
negam tudo aos *Fluminenses*, os motivos
de politica que separaram d'elle os Srs.
Andradas, e o que tem occorrido depois
dessas desavenças, são coizas que nunca
devem esquecer aos homens de honra.
E nem nós julgamos os Srs. *Andradas*
ja tão acabrunhados pelos annos, e pelas
ingratidões de que tem sido victimas,
que comecem a abandonar sobre azas
do tempo e das circunstancias, aquelle
nobre orgulho que assás os distinguio;
neste mesmo tempo em que *outros*,
bem longe de os imitar, alardeam em
plena assemblea de seos talentos e ins-
trucção, e até de suas fortunas, quaes
novos *Cressos*, para nem fazerem case
d'isto, d'aquillo.... etc.

Tornamos pois a repetir que não se
tome a obra annunciada *sob os auspicios
dos Srs. Andradas*, como filha de seos
talentos, e da sua instrucção.

 AS CARICATURAS.

Continuam a apparecer entre nós as
caricaturas; e para que a classe medica
brasileira se visse abocanhada por mais
essa hydra da reputação do homem pu-
blico, foi preciso, que se suscitassem
polemicas entre medicos e cirurgiões
estrangeiros entre nós. As que acabam

cessarios á manutenção da disciplina Escholar? Como conservar-se esta, e manter a subordinação em estabelecimentos desta ordem, com tão contrarios elementos? he assim que a Faculdade vigia e cura da força moral que precisam ter os seus membros, maxime da dos que se criarão ou nascêrão com elle? como devia ella cuadjubar ao Governo, á bem da instrucção publica? enganando-o, e concitando-o á pratica do mal e do arbitrio; em materias de sciencias, ou defendendo com franqueza a cauza do justo? Não he o direito de apresentação que sua lei organica lhe concede, á respeito dos Professores, o que impõe a obrigação immediata de apresentar ou de offerecer ao governo os individuos mais habéis ou apropriados aos misteres das cadeiras a prover-se, e não os que nestas tem ainda de habilitar-se, com prejuizo da instrucção publica? Como pois se diz ainda com tanto despejo, que hum discipulo offerece vantagens na aquisição de melhor capacidade, e que deve concorrer com o mestre, que, alem do direito de successão, adquirido por lei, tem ja o de posse no magisterio da cadeira vaga, tem antiguidade, tem presumpção scientifica, e tem a pratica necessaria, e a expectativa de servir com desempenho?

Aguardemos a decisão do governo, que depois tornaremos á este negocio: acredite o Sr. Dr. Garcia que mil louvores nos merece o seu procedimento, embora o ministro lhe seja avesso, talvez pela razão unica de S. S. ser *homem de côr, e fluminense*; e que mais gloria lhe cabe ainda disso, tendo, como tem de sua parte, a opinião publica, e a do
• **homens de bem e sensatos — Justus.**

P. — Porque motivo o Sr. Vasconcellos protegia o Sr. Dr. Marinho?

R. — Por serem

MINEIROS.

P. — Porque motivo o actual ministro

da Justiça deixa-se illudir pelo Director da Eschola, incorrendo por isso em graves censuras?

R. — Por serem

PERNAMBUCANOS.

P. — Porque motivo o Sr. Dr. José Mauricio hade perder a cadeira, e ficarem mal os seus collegas da minoria?

R. — Por serem

fluminense.

Então, — Viva a Patria!!!

ISTO NÃO HE IRONIA.

Não he possivel deixarmos de paten-tear nossos agradecimentos ao digno correspondente do J. do C. de 16 de Julho; pois estamos convencidos de que todos os louvores que se derem ao ex-ministro da marinha, o Sr. Torres, pela mudança da academia dos guardas marinhas para bordo da não Pedro II, serão insufficientes; como tambem ao Sr. José Pereira Pinto pelos *sacrificios* que faz em commandar a dita não. Note-se que só os mal informados, ou inimigos do ministerio de 19 de setembro, são os que fallam desta mudança; estes ultimos são bem conhecidos por inimigos do trono e do altar. N'aquelles estabelecimentos reina a melhor moral possivel; os discipulos estão, como diz o correspondente, em trez alojamentos segundo as idades; os veteranos n'hum, os de idade média, n'outro, e os de menor idade, n'outro; estes alojamentos são muito espaçosos, a ponto tal, que as camas distam, humas das outras, oito a dez palmos.

Ora, á vista disto, quem poderá negar que he impossivel haver occasião proxima d'alguma immoralidade, e que seja possivel haver necessidade de recorrer ao art. 270 do C. penal? Acresce ainda, que os discipulos são acostumados a não commetter peccado de gula, pois que o sustento da se-lhes com toda

conveniencia do que agora apenas esboçamos.

Anti-reformista.

A FACULDADE DE MEDICINA, E O SEU CANDIDATO!

Sempre que as authoridades, por fraqueza, por ignorancia, ou por malvadeza atropelão os direitos d'alguem: e, com notorio e escandaloso patronato, infringem as leis, para favorecer afilhados, qualquer do povo tem o direito de apontar-lhes o erro, de censurar-lhes o procedimento e de defender a cauza do justo. He neste sentido que queriamos tomar a cauza do Sr. Dr. Garcia, porem vendo nós o voto da minoria daquelle corpo, dado pelo Sr. Dr. Silva, de cujo voto bem se deixa concluir, que só por conivencia o actual ministro pactuará com os absurdos e arbitrariedades, sustentadas contra a razão e justiça de hum homem, cujo crime he, como se diz, o de *não ser branco*, e ter sempre sustentado o seu direito, com a dignidade que lhe he propria; deixaremos esse ponto, para tomarm'o-la por outro lado, e até mesmo porque quem tem lido o *Jornal do Commercio*, e pode comparar o procedimento da Faculdade, provado no protesto do Sr. Dr. Garcia, com o do Sr. Dr. Marinho, desde a sua *resposta ao protesto*, até a sua *outra declaração*, sem dar tractos á imaginação, acha a miseria, a violencia e a picardia na sua propria morada, sem necessidade de hum cuidadoso guia, ou sem custo.

A' vista do que no *Jornal do Commercio* de 2 d'Agosto o Sr. Dr. Garcia offereceo ao publico, haverá quem deixe de lamentar a sorte da Faculdade de Medicina na pessoa do Sr. Dr. Marinho? não certamente. Corre por verdadeiro que ella mesmo o arrancou dos bancos, e o forçara a concorrer com hum seo collega, para depois fazel-o com outro; permite que elle se diga oppositor de seo

mestre, e, o que he mais, assegura ao Governo, a aquisição de melhor capacidade em tal concurso!.., e por tal modo cevando o instrumento de suas vinganças, não podendo conhecer sua mesma posição, nem achando o meio de sahir della sem o ferrete da iniquidade, que hum Governo fraco lhe proporcionou, por ser da essencia destes o pactuar com o vicio, sempre que seos actos não estão firmados em solidos principios de rectidão e justiça, necessariamente se havia de ver desmentida e abatida nelle, para se poder emendar de tantos despropositos!.. de tantas injustiças!.. e de tantos absurdos provados!..

O que fará agora o Governo, e o que dirão a isto a Faculdade com os apresentadores e defensores do Sr. Dr. Marinho? Que tem talento, ninguém o nega; porem que tenha o necessario saber e capacidade para bem desempenhar o magisterio d'anatomia, ja não he duvida, porque elle mesmo teve a gloria de o provar exuberantemente, pois que disse em hum de seos escriptos que *» memoria, mais memoria e só memoria, bastava para saber-se anatomia »* e com tudo isso, de posse d'ella como se suppõe, errou de tal modo, que causou dó e nojo a seos proprios apologistas!. Como provará agora a Eschola a decantada aquisição de melhor capacidade, que tanto tem de revoltante contra o Sr. Dr. Garcia, como de iniqua para quem a ponderou? Si não havia pessoa de senso que pudesse crer na possibilidade de achar-se hum *genio* sahido dos bancos, para em (anatomia!..) disputar o saber do que fôra seo mestre nisso ha 4 annos, como o poderia a Faculdade provar sem irrisão, e mesmo dizel-o ao Governo, em despeito do que ha de lei para isto, e contra a sua propria dignidade? Não estão tão frescas ainda as scenas das patentes dos Caloiros, os Canelões, e outras rapaziadas? qu'he do prestigio e respeito, ne

nião publica, adormecida por sua conducta, ainda não caracterizada.

Como porem estas considerações possam ser menos attendiveis do que as produzidas pelo patronato; e como, em logar de se procrastinar esta reforma, ella, diz se, está a vir á luz do dia; por isto faremos algumas reflexões, que desagradarão ao exercito de clientes, e patronos. Não he porem a estes, mas aos que se interessam no bem do paiz, e aos que se obrigaram a promovel-as, que nós as dirigiremos

Nas observações, que passamos a expender, tomamos por guia o interesse do paiz, e os meios de o alcançar. Reclama o interesse do paiz, que as secretarias d'estado sejam escholas, onde se habilitem os homens, que devem ser empregados, nos diversos ramos da administração; e os unicos meios de alcançar-se este fim, são aquelles que possam afastar desses estabelecimentos as incapacidades, que inundam, ou a elles aspiram.

Firmando-nos, pois: — 1.º, na insignificancia de nossas relações diplomaticas; 2.º, na incapacidade dos nossos diplomatas: 3.º, na enorme despeza, que se faz com elles, e com a respectiva secretaria: 4.º, na incapacidade dos officiaes das secretarias d'estado; incapacidade, que o Sr. Torres allegou, por mostrar a conveniencia de prover, em official maior de huma, a hum homem a ella externo: 5.º, na conveniencia de substituir a essas incapacidades, homens, que possuam os conhecimentos preliminares, *sem os quaes, todo o empregado na administração será máo empregado*: 6.º, a nenhuma confiança, que hum official maior, e chefes de classe possam merecer de hum ministro.

Julgamos, que, na projectada reforma, se devem tomar como bases: — 1.º — Reduzir as secretarias d'estado a cinco, fundindo em huma as de marinha e estrangeiros.

2.º — Definir e marcar claramente as attribuições de cada ministerio, coordenando judiciosamente as materias, que devem pertencer á cada hum d'elles.

3.º — Distribuir os trabalhos de cada secretaria, formando classes, que terão á sua frente, cada huma, hum official, responsavel ao official maior; sendo os outros officiaes repartidos pelas classes, segundo a necessidade.

4.º — Admittir para officiaes só pessoas habilitadas por diplomas de academias, ou universidades; ou, o que seria melhor, pôr a concurso os logares de officiaes de secretaria, não podendo ser delle dispensados os actuaes, e fazendo objecto do concurso as seguintes materias: —

1.º — Direito natural e publico Brasileiro: 2.º — Geographia: 3.º — Geometria descriptiva: 4.º — Francez e Inglez: 5.º — Declarar, que estes empregados são *ad mutum*, ou fazendo-os vitalicios, declarar, que: 6.º, — Os logares de official maior, e chefes de classe são logares de commissão. 7.º — Dar-se a todos os officiaes o mesmo vencimento de 1:400 \$000, accumulando os chefes de classe, e official maior as gratificações; aquelles de 600 \$000rs., e este de 1:000 \$000. 8.º, — Reverterem ao thesouro nacional os emolumentos, que ora se pagam nas secretarias.

Taes são as bases sobre que a *nova reforma* se deve estribar, si o bem do paiz dirigo os *reformadores*, que, nas actuaes circumstancias, melhor fariam sobreestando em tal projecto. Só tomando-se aquellas bases, he, que se pode dar áquellas importantes repartições huma organização mais conveniente, e d'ella affastar os *ignorantes, espiões, denunciantes*, e outros (permita-se-nos a fraze) — *meias caras* — que, sem aquelles quesitos acham as portas francas para ali se assentarem...

Em outro numero demonstraremos a

muito, e até mesmo declararem que seos planos não faltarão, por terem de ante-mão tomado todas as medidas, que serão infalliveis, apesar dos tempos e das coisas — nós, com quanto não nos julguemos habilitados para fazer o papel de ministro de Estado do seculo das luzes, que promette aos amigos e serve aos *compadres*, vamos todavia dizer o que tencionamos que appareça nas folhas da nossa *Ortiga*.

Em primeiro lugar diremos, que sendo edictor desta folha o Sr. Impressor, sob cuja potencia nos achamos, e houver entre nós e elle concordancia de genero, numero, e caso, isto he, principios, boa fé, e dinheiro, os artigos diversos que, desde já, aqui apparecerem, serão de responsabilidade de seos auctores, debaixo dos *heroicos nomes* que elles adoptarem, como por exemplo—*canoá* (definiremos isto quando for opportuno) *clarim, maromba, trombeta &c. &c.*, vindo deste modo á pertencer ao nosso impressor e edictor a gloria da boa execução typografica, si elle a fizer, e o *nosso eterno reconhecimento*, que *andarà á par da nossa existencia*, pelo segillo que á nosso respeito guardar, apesar de ser essa a maior das distincções que pode ter hum impressor publico.

Julgava-mos estar em ponto de dar fundo; mas lembra-nos ainda huma coisa, e não sendo esta da classe ordinaria para que os leitores a possam dispensar, cumpre-nos ainda dar conta deste peccado. Em fim, vamos.

Que diabos de principios tem de ser os nossos? Que politica a seguir? Que homens a defender? Que ministros a censurar? — Maldição! — Eis aqui o embaraço!! E como sair d'elle? Oh mui bem. Não rememorando a vida dos passados, porque nada fizeram; não elogiando os presentes, porque nada tem feito; não esperando coisa alguma dos futuros, por que nada farão, em quanto durar a menoridade do SENHOR

D. PEDRO SEGUNDO, unica esperanza que resta ao infortunado Brasil, nossa patria, tão grande na sua posição, quão pequeno na ideia que d'elle tem deixados que se faça, quantos ambiciosos ou ignorantes o tem querido governar.

Cariocas.

AS REFORMAS NAS SECRETARIAS.

Ficamos cheios de temer todas as vezes que ouvimos fallar em mais reformas. As experiencias feitas justificam nossos medos; pois que nenhum dos estabelecimentos, que contaram seculos de existencia, ponde contar dez annos de vida, sem soffrer repetidas depurações, depois que foi submettido ao devorante calor do cadinho reformista. Desta prova haviam até aqui escapado as *secretarias d'estado*; hoje porem sou a sua hora fatal, e ja o mourisco alfange reformador está, levantado, ameaçando a sua existencia! Ja hum exercito de pretendentes bate o campo, e procura entrincheirar-se com empenhos, ja que o não pode fazer com merecimentos. Tal he a immoralidade, produzida por tantas reformas! Nenhuma necessidade existe; nenhum inconveniente urge, para que, nas actuaes circumstancias do Brasil, se vão augmentar as despezas publicas, e se transtornem estabelecimentos, que tem em seo apoio usos e habitos seculares; quando tudo anda fora de seos eixos! Julgamos até mesmo, que a projectada reforma será hum novo fogo, que o governo vai acender, e em que se hade abrasar; huma nova boceta de Pandora, que elle vai abrir, e donde sahirão novos flagellos, que minarão sua existencia. Elle se illude se pensa, que, tendo á sua disposição mais empregos, augmenta sua força, pela maior possibilidade de serviços que o Brasil recusa! Com isto, nada mais fará do que despertar contra si a opi-

A Ortiga.



48214

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Tendo nós escolhido para titulo deste nosso innocente jornalet a palavra — *Ortiga* —; bem que todo o mundo saiba a significação deste vocabulo, com tudo por certa esquisitisse nossa, que muitas vezes, e em muitas coisas teremos occasião de mostrar, apresentaremos aqui a sua definição, *ipsis verbis* do Diccionario do Dr. Constancio, que talvez por querer dal-a, tão minuciosamente, se esquecesse de definir *sufixo*, com que mimosea seus leitores logo no fim da decima linha do frontespicio do seo vocabulario.

Ortiga, meos Srs., ou *Urtiga*, segundo o imparcial historiador do Brasil (que definiu na pag. 929 do seo Diccionario — *Tocano*, — ave do Brasil semelhante ao *Pombo*)! a quem, apesar de tudo muito respeito, he hum — substantivo feminino (Lat. *urtica*, de *uro*, *ure*, respirar), herva cujas folhas applicadas á pelle picão, ou causão hum certo purido com ardor. *Ortigas no peito na consciencia*, *fig.*, remorsos, cuidados pungitivos.

Ora ja vêem os nossos leitores, que a nossa epigrapho está em tudo e por tudo conforme ao titulo do nosso jornalet, pois que elle em suas folhas trará coisas que, lidas, picarão ou farão hum certo purido com ardor no moral d'aquelles (e unicamente delles) que por pala-

vras e obras tiverem a sua vida publica disposta a ser agravada por ellas; bem como a herva, que, tocada, agrava o phisico dos curiosos ou descuidados que lhe bolem.

Creemos que athe aqui não temos idô mal; porem si por acaso houvesse algum curioso, que se quizesse occupar em perguntar-nos a razão porque so agora no presente estado de apathia em que nos tem posto a falta de dinheiro, damos á luz huma folha desta natureza; nós com todo o sangue frio, que nos he natural, lhe responderiamos, que, segundo as folhas da nossa constituição impressa — he livre a todo o cidadão fazer ou deixar de fazer tudo aquillo que não se acha determinado por lei; — e como, a excepção dos trez gigantes *mechanicos* nenhuma folha periodica tem o direito de *viver* na nossa terra de ouro, porque — *point de l'argent, point de journaux* — nós entendemos que só a — *Ortiga* — poderá vingar, por ser *Ortiga*; tendo nós em vista o aphorismo do velho Hypocratis, que vem em quasi todas as thezes de medicina — *ad extremos morbos, extrema remedia, exquisitè optima*.

Admirados como estamos de termos chegado tão maravilhosamente athe este logar, e sendo estilo inveterado de todos os periodiqueiros prometterem

N.º Ident.

35

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal A Ortiga.

Dia

Mês

Ano

Páginas

1839-40

188 pgs.

Microfilme feito em:

3-8-948

N.º C.

36

N.º M.

110